OS VALENTES ESCOCESES

The Scots Worthies

Histórias dos Heróis da Reforma na Escócia

"Basta um para o sacrifício."
— George Wishart

JOHN HOWIE

BIBLIOTECA PACTUAL

Fé em tempos de Perseguição

Na Escócia do século XVII, durante os períodos de perseguição religiosa, muitos presbiterianos reuniam-se em campos e montanhas para ouvir a pregação da Palavra e adorar a Deus. Esses cultos ao ar livre, conhecidos como conventículos, podiam expor seus participantes a multas, prisão e violência. Enquanto famílias se reuniam em torno das Escrituras, sentinelas vigiavam os caminhos para alertar sobre a aproximação de soldados.

Os Valentes Escoceses

Histórias dos heróis da Reforma na Escócia

John Howie
Título original: The Scots Worthies

Nota desta edição

Esta edição apresenta a tradução integral do texto de The Scots Worthies, de John Howie, presente no PDF utilizado neste projeto: material preliminar, biografias e relatos históricos finais. O título português adotado nesta edição é Os Valentes Escoceses. As particularidades do texto e as decisões de tradução estão documentadas no controle editorial que acompanha a obra.

Método de tradução

A tradução foi feita diretamente do texto inglês do PDF, em blocos de cerca de cinco páginas físicas, prolongados quando necessário para concluir um parágrafo, uma citação ou um poema. Os blocos foram reunidos em sequência e cotejados com o original para verificar continuidade, nomes, datas, números, argumentos, citações e marcas de notas. Buscou-se um português brasileiro solene, claro e fiel à retórica e ao conteúdo teológico da obra. Dúvidas de leitura e hipóteses editoriais foram registradas no controle, sem completar por conjectura o que a fonte não oferece.

Modelos de inteligência artificial utilizados

Foram utilizados GPT 6 Sol e GPT 6 Astra. Na configuração adotada nas etapas finais, o GPT 6 Sol produziu a tradução inicial e as primeiras revisões bilíngues; o GPT 6 Astra foi empregado no cotejo final e em passagens de maior dificuldade. O trecho das páginas físicas 767 a 901 recebeu cotejo integral final pelo Astra. As etapas anteriores conservam seus próprios registros de tradução e revisão; esta descrição não atribui a elas uma nova auditoria global. A conferência por IA não equivale a revisão humana especializada. O glossário e as novas notas explicativas foram redigidos com o GPT 6 Sol e revistos pelo GPT 6 Astra.

Notas da edição

Quatorze notas cujos textos não foram encontrados no PDF foram recuperadas da edição histórica de 1853 e aparecem em apêndice, cada uma com a página da chamada e a página da fonte histórica. As demais chamadas sem texto localizado foram conservadas como aparecem no PDF; o sinal * ou †, isoladamente, não remete a uma nota criada por esta edição. Assim, o leitor pode distinguir o texto transmitido pelo PDF das notas que foram efetivamente recuperadas. As notas explicativas numeradas no rodapé são identificadas como “Nota desta edição” e esclarecem termos históricos, eclesiásticos e administrativos. Não pertencem ao texto de Howie. Um glossário ao final reúne essas explicações para consulta.

Sumário

Vida de John Howie 5
Introdução 11
Patrick Hamilton 16
George Wishart 22
Adam Wallace 35
Walter Mill 42
James Stuart, conde de Moray 46
John Knox 67
George Buchanan 128
John Erskine de Dun 140
Robert Rollock 148
John Craig 149
David Black 151
John Davidson 153
Andrew Melville 157
William Row 181
Patrick Simpson 183
Andrew Duncan 188
John Scrimgeour 189
John Welch 191
Robert Boyd 200
Robert Bruce 208
Josias Welch 213
John Gordon, visconde Kenmure 214
Robert Cunningham 223
James Mitchell 224
Alexander Henderson 226
George Gillespie 236
John M'Clelland 238
David Calderwood 239
Hugh Binning 242
Andrew Gray 246
James Durham 248
Samuel Rutherford 252
Archibald Campbell, marquês de Argyle 257
James Guthrie 262
William Govan 266
John Campbell, conde de Loudon 266
Robert Baillie 271
David Dickson 272
Sir Archibald Johnston, lorde Warriston 276
James Wood 279
William Guthrie 281
Robert Blair 287

Hugh M'Kail....293
John Nevay....299
John Livingstone....300
John Semple....305
James Mitchell....307
Coronel James Wallace....313
John Welwood....317
William Gordon de Earlstoun....320
John King e John Kid....321
John Brown....323
Henry Hall de Haugh-head....326
Richard Cameron....327
David Hackston de Rathillet....331
Robert Ker de Kersland....334
Donald Cargill....336
Walter Smith....342
Robert Garnock....344
Robert MacWard....351
Capitão John Paton....355
Robert Baillie de Jerviswood....361
John Brown de Priesthill....364
John Nisbet de Hardhill....369
Alexander Peden....374
John Blackadder....380
James Renwick....385
Relato do levante que terminou na derrota de Pentland em 1666....397
Levante de Drumclog e derrota de Bothwell Bridge em 1679....399
A batalha de Drumclog....399
A batalha da Ponte de Bothwell....408
Relato da escaramuça de Airsmoss em 1680....415
Notas históricas recuperadas da edição de 1853....417
Glossário de termos históricos e eclesiásticos....425

Esboço biográfico de John Howie

Antes de iniciar o breve relato da vida daquele que contribuiu mais do que autores de maior celebridade para difundir o conhecimento biográfico entre os camponeses escoceses, talvez não seja sem interesse descrever o lugar de sua humilde morada. Tantas vezes foi ela ponto de encontro e refúgio dos Covenanters[1] perseguidos, no tempo em que eram caçados como feras, de colina em colina, e frequentemente se viam obrigados a abrigar-se nas covas e cavernas da terra.

Lochgoin, embora não passe de uma humilde casa de campo e conserve talvez mais do aspecto dos "tempos antigos" do que muitas de igual condição em nossos dias, exerce sobre as lembranças de todo presbiteriano escocês uma atração mais poderosa do que as ruínas, ainda coroadas de torres, de um castelo senhorial cujo mais ardoroso defensor derramou o sangue e morreu pelos direitos civis de sua pátria. Esse lugar solitário e apartado situa-se na paróquia de Fenwick, no condado de Ayr, a cerca de duas milhas da hospedaria de King's-wells, na estrada de Glasgow a Kilmarnock; dista quinze milhas da primeira cidade e cerca de duas da última. Talvez não haja na Escócia lugar mais desolado e recôndito, à exceção de King's-house, perto das montanhas de Glencoe; contudo, embora seja em si retirado e pouco acolhedor, dele se descortina uma paisagem tão pitoresca, sublime e romântica quanto as que se encontram entre as montanhas escarpadas da Suíça.

De uma elevação artificial, a cerca de cem jardas da casa, erguida no tempo da perseguição para observar os movimentos das tropas do rei e avisar de sua aproximação, descortina-se um panorama de indescritível grandeza e extensão. Ao norte, o olhar repousa sobre as altas montanhas de Argyleshire; na mesma direção, Benlomond destaca-se em toda a sua beleza. A cadeia de Kilbirnie, mais próxima e mais baixa, limita a vista a oeste. Goatfell, na ilha de Arran, o Pap of Jura e Ailsa Craig, embora muito mais distantes, são claramente visíveis. Ao sul, o horizonte é fechado pelas colinas azuis de Carrick e pela longínqua cadeia de Galloway; e, subindo-se a uma elevação coberta de urze, a cerca de uma milha dali, avistam-se Tinto, os distantes Pentlands e até Arthur's Seat, à medida que o olhar se volta para o leste. Mais adiante, os verdejantes Ochils, além de Stirling, e as colinas de Campsie, menos elevadas, mas não menos belas, completam o círculo.

Dentro dessa vasta barreira, tudo parece uma única extensão deserta de charneca envolta em névoa, onde mal se avista habitação humana, salvo a cabana do pastor; e onde nenhum som se ouve senão a voz do próprio pastor a dirigir seu fiel cão, o balido das ovelhas e o grito dos visitantes alados que, por algum tempo, deixaram regiões de céu mais inclemente, até que o inverno novamente os obrigue a procurar abrigo em clima mais ameno. No inverno, a paisagem é de uma desolação indescritível; e torna-se terrível quando os ventos desenfreados varrem, em rajadas furiosas, a vastidão sem caminhos. A única exceção à desolação geral é uma porção das terras férteis de Ayrshire, contíguas ao estuário do Clyde, que parecem adormecidas, como um lago tranquilo, ao pé da elevada Arran.

A poucas milhas fica Loudon Hill, perto do campo de batalha de Drumclog; e, quase ao seu sopé, um marco de pedras assinala o lugar onde os Covenanters prestaram culto na manhã do combate. Algumas milhas adiante encontra-se Airsmoss, de cujo seio desolado e solitário se ergue a pedra memorial de Cameron; e, a uma milha ou pouco mais de distância, está Priesthill, a venerada casa de John Brown, o Transportador Cristão, e cenário de seu infame assassinato pelo sanguinário Claverhouse. Mais perto fica casa de Loudon, residência dos Campbells, reconhecível pelas copas dos muitos bosques que a envolvem; e, logo além das imediações, está Hardhill, onde viveu Nisbet. Meadowhead, antiga residência do capitão Paton, e outras casas de fazenda ocupam uma região mais cultivada da mesma paróquia. Ainda hoje, a evocação dos tempos atribulados em que viveram aqueles devotados mártires é assunto de

1 Nota desta edição: Adeptos escoceses dos pactos religiosos que defenderam a organização presbiteriana da Igreja contra imposições régias e episcopais, sobretudo no século XVII.

muitas conversas nas noites de inverno; e a igreja de Fenwick, onde o piedoso Guthrie ministrou com tanto êxito a palavra da vida, ainda é apontada como uma relíquia preciosa aos descendentes dos Covenanters. Tal é o esboço imperfeito de Lochgoin, morada dos Howies.

Os Howies parecem ter sido, originalmente, de ascendência francesa — tal é, ao menos, a tradição da família, e não temos motivo para lhe questionar a exatidão. Os rigores a que os valdenses foram submetidos durante o século XII obrigaram muitos deles a deixar a terra natal e buscar refúgio em países distantes. Foi nesse período que três irmãos, de sobrenome Howie, se estabeleceram no oeste da Escócia: um na paróquia de Mearns, outro na de Craigie, enquanto o terceiro escolheu por morada a apartada Lochgoin, que seus descendentes ainda ocupam, decorridos mais de seiscentos anos. Essa tradição recebe confirmação adicional do fato de que essa é quase a única região da Escócia onde se encontram pessoas com tal sobrenome.

Por volta da época da Reforma, encontramos seus descendentes firmemente ligados à causa do protestantismo, circunstância que torna muito provável que, apesar do espírito proselitista do tempo em que viveram, os humildes moradores de Lochgoin jamais se houvessem desviado da fé de seus pais. Não foi, porém, senão no período da Segunda Reforma que os Howies ganharam maior notoriedade, ao padecerem pela verdade. Tampouco foram insignificantes esses sofrimentos. Lochgoin, como o leitor já viu, por ser especialmente propícia ao esconderijo, muitas vezes oferecera asilo aos atribulados Covenanters quando fugiam de seus implacáveis perseguidores; e assim os próprios moradores se tornaram alvo da mais rigorosa opressão. Não somente tiveram seus bens confiscados em doze ocasiões distintas, mas, numa delas, seu gado foi levado à cruz do mercado de Kilmarnock e posto à venda. Os próprios Howies foram declarados rebeldes ao governo; seus nomes foram inscritos no rol dos fugitivos; e eles, com centenas de outros, foram obrigados a procurar esconderijo nas montanhas e charnecas.

John Howie, de cuja vida trata este relato e que tanto acrescentou à celebridade da família, nasceu em Lochgoin em 14 de novembro de 1735. Seu pai, também chamado John Howie, morreu subitamente quando o futuro biógrafo tinha apenas cerca de um ano de idade. A criança foi então levada para Blackhill, uma fazenda na paróquia de Kilmarnock, onde moravam seus avós maternos, que assumiram o encargo de sua educação. Piedosos e inteligentes, proporcionaram ao menino, tanto pelo ensino quanto pelo exemplo, benefícios inestimáveis. Com efeito, sua vida posterior atestou o acerto da formação recebida na infância, igualmente isenta de severidade, por um lado, e de excessiva indulgência, por outro. Além das instruções que recebia do avô, frequentou duas escolas rurais das redondezas: uma em Whirlhall, onde ensinava um tio que tinha o mesmo sobrenome da família; e outra em Horsehill, dirigida por um homem chamado Adam Millar. Se o leitor — tendo em mente que John Howie mal recebera uma instrução comum e que seus anos de juventude foram dedicados sobretudo aos jogos e divertimentos habituais da região onde fora criado — comparar os progressos que ele fez, por seus próprios esforços e sem auxílio, no conhecimento e na instrução religiosa, tanto na juventude quanto em período posterior da vida, com o grau de instrução geralmente encontrado entre pessoas de sua condição, não poderá deixar de considerá-lo um homem de talento incomum.

O primeiro acontecimento importante na vida desse homem notável foi seu casamento com uma mulher de sobrenome Lindsay, que, contudo, não sobreviveu por muito tempo às núpcias: acometida de tísica, morreu pouco depois, deixando um filho ainda pequeno. Em 1766, cerca de quatro anos após esse doloroso acontecimento, contraiu segundas núpcias, desta vez com uma prima sua. Ela é descrita como mulher de piedade singular e, em todos os aspectos, uma companheira adequada a seus gostos e hábitos. Dessa união nasceram cinco filhos e três filhas.

Segundo seu próprio relato, somente depois do segundo casamento suas primeiras impressões religiosas assumiram a forma de uma piedade firme. Cerca de um ano após o primeiro casamento, passou a ocupar a fazenda de Lochgoin, cujo solo não permitia um cultivo manual de grande extensão. Isso lhe deixava tempo suficiente para prosseguir nos estudos a que se habituara desde a juventude, a

saber, história da igreja e biografia religiosa. Assim, tão logo estabeleceu uma rotina sistemática de estudos, parece ter-lhe ocorrido que poderia dar bom uso às informações que reunira sobre a vida e os sofrimentos de alguns daqueles homens ilustres que, desde os primeiros anos, aprendera a reverenciar e admirar.

O relato que ele faz do método empregado para reunir os materiais da obra é, ao mesmo tempo, tão simples e tão vivo que o apresentaremos ao leitor em suas próprias palavras. O principal obstáculo que parece ter encontrado nasceu da oposição de sua própria e piedosa esposa.

"Resolvi reunir os materiais que pudesse obter e escrever uma espécie de relato da vida de alguns deles, o que fiz nas horas livres, com pouca esperança de que algo que eu pudesse fazer merecesse publicação. Meus motivos, porém, eram sinceros, por amor a eles e às suas lutas, ou à causa pela qual lutavam; e o Senhor determinou que ambos fossem publicados e, felizmente, foram muito estimados por homens de todas as condições e denominações. Enquanto escrevia o primeiro rascunho de SCOTS WORTHIES, por vezes de manhã, certa manhã minha esposa, que não era destituída de inclinação para a religião, estando deitada no pequeno aposento em que eu escrevia, ia repreender-me pela insensatez de escrever: que faria eu, senão levar as pessoas a rir de minha tolice? Imediatamente lhe vieram à mente estas palavras de Marcos 7:37: 'Tudo ele tem feito bem; faz os surdos ouvir e os mudos falar'; depois disso, nunca mais ousou falar contra a obra."

Embora nenhuma outra pessoa pareça ter tido coragem de empreender tal assunto, cremos que John Howie, enquanto se dedicava a seus trabalhos literários, foi alvo de muitas censuras por parte de seus vizinhos, pouco capazes de apreciar o valor de suas ocupações intelectuais. Como era de esperar, acusavam-no de indolência, pois, ocupado com aquilo que lhes parecia uma atividade sem proveito, negligenciava seus interesses materiais, não cuidando com maior assiduidade do cultivo da fazenda. Observava-se, sobretudo na época da colheita do feno, que, embora o bom homem de tempos em tempos pusesse os livros de lado, saísse ao campo e por um breve momento mostrasse grande azáfama e atividade, logo tudo cessava; de modo que, entre os mais eident, isto é, diligentes, de seus companheiros de ofício, jamais adquiriu fama de trabalhador constante e incansável. Até certo ponto, talvez essas observações fossem verdadeiras; mas, quando consideramos o imenso serviço que justamente então prestava à igreja, à causa presbiteriana e à posteridade, não podemos juntar-nos ao coro de censura, antes devemos rejeitar suas conclusões como estreitas. Se os queixosos se houvessem dado ao trabalho de investigar, talvez atribuíssem a outra causa os movimentos um tanto irregulares do digno biógrafo. Era bem sabido que o senhor Howie, falecido em idade relativamente pouco avançada, jamais tivera constituição robusta. Os sinais de debilidade física começaram a manifestar-se na infância; e a própria enfermidade que prematuramente o levou à sepultura já então o marcara como presa fácil! Ao percorrermos seu diário, encontramos frequentes alusões a vários males que muitas vezes o afligiam; e, examinando a sala, ou spence, com seu chão e suas paredes úmidas, não hesitamos em afirmar que as doenças de que se queixava deviam ser muito agravadas pelo ambiente em que se entregava aos estudos. Outra circunstância que certamente contribuía para impedir que o senhor Howie mostrasse a habitual e constante laboriosidade dos lavradores das charnecas era o número de visitantes que iam procurá-lo em Lochgoin. Atraídos pela fama de seus trabalhos literários, eram muito numerosos e pertenciam a todas as classes do meio religioso.

Já que fomos tão longe na tentativa de explicar sua reputação como lavrador, seria injusto não declarar expressamente que ele demonstrava grande solicitude pelo bem-estar material de sua numerosa família. De fato, estava tão longe de ser indiferente aos assuntos terrenos que, ao lermos seu diário, vemo-lo acusar-se repetidamente de levar a preocupação paterna a um extremo quase culpável.

Não se pode supor que a vida de um lavrador das charnecas, ainda que unida às ocupações literárias, ofereça grande variedade de aventuras ou acontecimentos; contudo, tal vida não deixa de ter interesse. É digno de admiração que o senhor Howie se levantasse pouco depois do canto do galo para dedicar-se a

estudos árduos e pouco convidativos antes de iniciar a labuta do dia. E depois, com a mente repleta do assunto, tendo acrescentado algumas páginas à obra que deu renome a seu nome e tomado sua refeição frugal, saísse, talvez descalço, para a vasta charneca sem caminhos, a fim de verificar se tudo ia bem com seus rebanhos, ou, quem sabe, entregar-se ao mais penoso trabalho da pá — eis algo inteiramente estranho aos lavradores de nossos dias. Tampouco eram tais labores meramente ocasionais e passageiros: se considerarmos a variedade e a extensão de seus escritos, iniciados por volta de seu segundo casamento, veremos que devem ter prosseguido, quase sem interrupção, até o dia de sua morte. The Scots Worthies, por si só, é obra de trabalho nada pequeno; pois, embora as informações biográficas que reunira e com as quais enriquecera sua poderosa memória devessem facilitar muito a tarefa, a distância das cidades e o quase isolamento dos lugares de vida civilizada, a dificuldade de correspondência e a falta de livros deviam contribuir bastante para torná-la penosa e fatigante. Apesar de todas essas desvantagens, o senhor Howie, no retiro de Lochgoin, levou a obra a bom termo. A primeira edição apareceu em 1774; e uma segunda, muito ampliada, em 1785. Assim como O Peregrino, há tanto tempo desfruta de ampla popularidade em todas as classes da sociedade que conquistou uma posição da qual jamais será removida enquanto o presbiterianismo e o apego religioso à obra pactuada da Reforma continuarem a ocupar a atenção dos naturais da Escócia. Há muito é livro familiar, tanto nas cidades quanto no campo, mas sobretudo entre nossos camponeses escoceses. Na juventude, ficamos presos a ele como por encanto; e, nos anos de maturidade, voltamos às impressões de então e nos perguntamos se poderiam ter sido produzidas por acontecimentos verdadeiros.

Além de The Scots Worthies, o senhor Howie produziu diversas outras obras que, embora menos conhecidas, não deixam de ter considerável mérito. A primeira foi uma coletânea de Preleções e sermões de alguns dos mais eminentes ministros, pregados nos dias mais tempestuosos da Perseguição — obra cujos manuscritos ele não somente precisou transcrever para a imprensa, mas também reunir de diversas procedências, com grande trabalho e despesa. A coletânea é precedida de um prefácio de sua autoria. A segunda foi Um alarme para uma geração despreocupada, pequeno tratado de bom gosto, escrito em estilo ousado e vigoroso, embora revestido de uma simplicidade que o gosto de nossos dias consideraria excessiva. A terceira produção foi Lutas fiéis expostas, relato do remanescente sofredor da Igreja da Escócia entre 1681 e 1691. Não era mais que a transcrição de um registro mantido por um homem chamado Michael Shields, secretário das Sociedades, ao qual o senhor Howie acrescentou um prefácio e um apêndice com notas. Seu quarto ensaio foi O testemunho fiel exemplificado, composto das seguintes partes: 1. Casos úteis de consciência. 2. Um testemunho contra a tolerância, pela Comissão da Assembleia Geral. 3. Uma história da Indulgência. O quinto foi O patronato dissecado, obra que, depois de The Scots Worthies, deve ser considerada superior a todos os seus outros escritos. O sexto foi Uma defesa do modo de manusear os elementos na Ceia do Senhor antes da ação de graças, escrito por ocasião da controvérsia que surgiu sobre esse assunto entre os secessionistas Antiburghers. O sétimo foi Razões claras de Clarkson para a dissidência, com prefácio, notas e um resumo dos princípios do Presbitério Reformado acerca do governo civil. Sua oitava obra — e a última saída de sua pena — foi um Prefácio ao Espelho da lei e do evangelho do senhor Brown de Wamphray.

Não foi, porém, somente por meio de seus escritos que o senhor Howie procurou beneficiar seus compatriotas. Valia-se do extenso círculo de relações que suas obras lhe haviam proporcionado para instruir todos os que desejavam conhecimento religioso. Era particularmente atencioso com os jovens. Uma pessoa ainda viva informou recentemente ao autor destas linhas que, na juventude, fizera parte de um grupo que procurava nosso biógrafo em busca de instrução; e ficara profundamente impressionada com a extrema sensatez de seu modo de transmitir aos jovens o conhecimento religioso. Em geral, começava por algum assunto simples ou até bem-humorado, o que sempre dissipava o constrangimento que o brilho de sua piedade e de seu talento naturalmente produzia em seus ouvintes. Conseguido isso, aproveitava prontamente a ocasião para comunicar ensinamentos da natureza mais sólida, piedosa e edificante. Também lhes permitia escolher os livros que desejassem em sua seleta biblioteca de várias

centenas de volumes. “Nessas ocasiões”, afirma nosso informante, “era tão grande seu desejo de fazer o bem que, não satisfeito em conversar livremente dentro de casa, acompanhava-nos por milhas através da charneca, incutindo-nos, em meio a todas as nossas demais ocupações, a importância de cuidar da piedade pessoal, a única coisa necessária.” Estava sempre pronto a atender aos que desejavam seus conselhos religiosos ou suas orações, quer por si mesmos, quer por amigos enfermos. Embora isso frequentemente lhe trouxesse muitos incômodos e fadiga — pois precisava percorrer várias milhas antes de chegar à casa de algum vizinho, fosse na paróquia de Eaglesham, fosse na de Mearns —, nunca se queixava. Uma noite de cada semana era regularmente reservada ao encontro com alguns de seus vizinhos piedosos, para comunhão religiosa e oração em conjunto; prática que, temos a satisfação de dizer, muito se reavivou nos últimos anos em todas as partes da Escócia.

Embora o senhor Howie fosse assim dedicado aos livros e vivesse “longe dos homens, em retiro”, o leitor formará uma ideia muito falsa se imaginar que ele levou a vida de um recluso. Ao contrário, em todas as feiras e mercados das redondezas podia-se encontrar John Howie atarefado e negociando com os homens do mundo. Era, de fato, uma figura singular, em casa, no mercado público ou na igreja; e, aonde quer que fosse, a fama de sua piedade e de seus variados conhecimentos contribuía muito para ampliar sua influência moral. Tampouco sua aparência desmentia a impressão produzida por seus escritos: embora de baixa estatura, tinha porte digno e ereto. Até seu andar parecia revelar íntima consciência de superioridade intelectual sobre seus conhecidos menos afeitos às letras; não obstante, era um modelo de humildade, pois o orgulho não encontrava lugar em seu peito. Cuidava especialmente do asseio no vestir e raramente saía sem seu bastão guarnecido de prata. Por toda parte era recebido com respeito; e sua chegada à igreja ou ao mercado era anunciada pelo sussurro que passava de boca em boca: “Lá vem Lochgoin!”

Se tivéssemos de caracterizar em uma só frase a piedade pessoal do senhor Howie, diríamos que se distinguia, ao mesmo tempo, pela humildade e pelo fervor: este às vezes produzia uma exaltação próxima do entusiasmo; aquela não raro gerava um sentimento semelhante ao desalento. A leitura atenta de seu diário revela o extremo zelo com que costumava examinar o coração depois da oração em secreto e a profunda meditação religiosa em que tanto se comprazia. Não somente lia a Palavra de Deus com fervorosas súplicas pelo ensino do Espírito Santo, mas também observava atentamente sua influência sobre a vida que levava depois; e, quando podia discernir um crescente amor a seu Deus e Salvador, jamais deixava de atribuir o louvor àquele a quem somente era devido. Citamos o breve trecho a seguir:

“Quando olho para minha vida breve e desprezível, vejo-a inteiramente composta de deficiências, faltas e imperfeições; meu temperamento era um tanto brando; minha constituição física, fraca ou delicada, logo se abateu, de modo que ainda não se apresenta probabilidade alguma de que eu alcance idade avançada, ou sequer a idade de alguns de meus antepassados mais próximos. Mas cabe perguntar se a maior dificuldade está em viver bem ou em morrer bem: estar unido a Cristo, viver para ele e morrer nele é a suma de tudo; um Deus reconciliado em Cristo, um Salvador completo. Aqui estamos muitas vezes em trevas, vemos e conhecemos apenas em parte; mas, uma vez admitidos na morada superior, veremos face a face e conheceremos como somos conhecidos. Aqui o crente vê e vive pela fé; ali, porém, pela visão manifesta, onde todas as graças hão de ceder lugar ao amor e ao assombro. O grande volume da criação, da palavra e da providência de Deus há de ser fechado, e os céus se retirarão como um rolo; então o crente há de ler somente no livro dos atributos essenciais de Deus. Aqui os crentes são libertos do poder do pecado; ali, porém, há eterna libertação da própria presença do pecado neles. Aqui há apenas livramento de Satanás; ali haverá liberdade de todas as suas tentações. Somente ali seremos elevados, pela graça, à perfeição. Aqui a aflição apenas nos é santificada; ali, porém, haverá livramento de toda tribulação, com seus frutos santificados para sempre. E aqui ele apenas nos sustenta contra os temores da morte; ali, porém, nos porá fora de seu alcance, e não morreremos mais — ‘Porque eu vivo, vós também vivereis’. Ali seremos admitidos na companhia dos primogênitos, naquela bendita

assembleia cuja glória tem sido haver suas vestes lavadas no sangue do Cordeiro e florescer continuamente diante dele — de cuja face gloriosa e bela um só vislumbre fará fugir para sempre todo suspiro e toda tristeza."

Já dissemos que, desde os primeiros anos, o senhor Howie tinha constituição fraca e delicada. Contudo, somente na primavera de 1791 suas enfermidades começaram a alarmar seriamente os amigos. Por esse tempo sofreu um forte ataque de reumatismo que, depois de percorrer quase todas as partes de seu corpo, finalmente se fixou no joelho esquerdo e o confinou inteiramente ao quarto, onde muitas vezes padecia dores lancinantes e atrozes. Durante o verão foi para Saltcoats, em busca do duplo benefício dos banhos de mar e da mudança de ares, mas sem resultado favorável: embora os sofrimentos físicos causados pelo reumatismo diminuíssem um pouco, um conjunto de outras enfermidades começou a manifestar-se, renovando a ansiedade e a tristeza dos amigos, que passaram a considerar sua recuperação quase sem esperança. Durante todo esse período de provação, demonstrou a resignação cristã e a submissão à vontade divina que a coerência de sua conduta ao longo de toda a vida anterior permitiria esperar. Como, porém, seus males continuassem a aumentar, foi levado de volta a Saltcoats no mês de julho, como último recurso, para experimentar novamente a eficácia dos banhos de mar. A segunda tentativa, contudo, não trouxe efeitos mais salutares que a primeira; e, após permanecer duas semanas, voltou à sua casa por volta do início de agosto, com a marca da morte visivelmente impressa no semblante.

No mês de setembro, ocorreu na família do moribundo um acontecimento profundamente comovente, capaz de pôr à prova sua fé e sua resignação. A varíola vinha devastando a região, e por fim a repugnante enfermidade invadiu sua própria morada. Mal podendo suportar seus próprios padecimentos, teve de ver os filhos atacados um a um, até que todos ficaram acamados. A boa constituição física, porém, afastou de todos as consequências fatais da doença, exceto do filho mais velho, John, que sucumbiu ao implacável destruidor após catorze dias de intenso sofrimento. Na manhã da morte do jovem, uma terça-feira, a senhora Howie entrou em lágrimas no quarto do marido e pediu-lhe que fosse ao aposento do filho moribundo, cujo espírito estava prestes a alçar voo para uma região mais santa. O velho estava então tão fraco que passava a maior parte do tempo na cama; mas, ao ouvir a inesperada notícia, ergueu-se sobre o cotovelo e por um momento pareceu duvidar de sua veracidade. Logo convencido, porém, de que os temores da esposa tinham demasiado fundamento, deixou-se persuadir a vestir-se; e, amparado por ela, caminhou vacilante até o leito do filho amado. Com dor indizível, ao contemplar o rosto do jovem, viu que o selo da morte de fato se imprimira nele; e, temendo que o "ferro" pudesse, antes do que esperava, "entrar-lhe na alma", não perdeu tempo em entregar-se a profunda e fervorosa oração. Era uma cena solene e comovente ver aquele homem envelhecido, pálido e emaciado, inclinado sobre o leito de morte de um filho na flor da juventude, que prometera vigorosa idade adulta, agora ceifado e partindo antes dele, para estar pronto a recebê-lo na terra da bem-aventurança. Depois da oração, passou a tocar numa fibra sensível e a indagar sobre o estado da alma do jovem: se tinha esperanças bem fundadas de seu bem eterno e em que se apoiavam essas esperanças. O rapaz estava fraco demais para articular palavras; mas o movimento significativo de suas mãos e o lampejo expressivo de seus olhos, que rapidamente se apagavam, deram a consoladora indicação de que tudo estava bem.

Lochgoin ficou profundamente comovido naquela ocasião; pois, voltando-se para um amigo presente, observou que aquele era um acontecimento raro: um pai moribundo dirigindo palavras de consolação a um filho que expirava. Depois de ajoelhar-se novamente junto à cama do jovem e oferecer uma última oração pelo repouso de sua alma, foi reconduzido a seu próprio aposento; o filho havia dado o último suspiro. Seu último esforço como habitante deste mundo ocorreu no dia do funeral do filho. Não somente se vestiu e conversou com os amigos que vieram ao sepultamento, mas, amparado por um membro da família, acompanhou o cortejo por um pequeno trecho para além da casa. Então, com impressionante solenidade, despediu-se dos presentes, acrescentando que não tardariam a ser chamados de volta para prestar-lhe o mesmo e triste serviço. E assim aconteceu: poucos dias depois,

numa manhã de sábado, por volta do fim do outono, despediu-se de tudo o que era terreno, deixando um nome e uma fama que por muito tempo serão reverenciados pelos piedosos camponeses da Escócia.

Introdução

O cristianismo parece ter surgido na Escócia em época muito remota: segundo alguns escritores, foi propagado nesse reino pelos próprios apóstolos. Uns dizem que Simão Zelote, outros que Paulo, pregou o evangelho nessa parte do mundo; mas, como tal opinião não se apoia em autoridade suficiente, merece apenas a consideração devida a uma conjectura, não a atenção que exige uma narrativa indubitável. Outro relato, mais provável, afirma que, durante a perseguição promovida por Domiciano — o décimo segundo e último César, por volta do ano 96 de nossa era —, alguns discípulos do apóstolo João fugiram para nossa ilha e ali ensinaram a religião de Jesus.

Não parece que o cristianismo tenha feito progressos muito rápidos durante um período considerável. O primeiro relato digno de confiança acerca do êxito do evangelho é o de que, por volta do ano 203, o rei Donald I, sua rainha e vários cortesãos foram batizados e, por algum tempo, continuaram a favorecer os interesses do cristianismo em oposição à idolatria pagã. A invasão do imperador Severo, porém, perturbou as medidas desse rei; de modo que, por mais de setenta anos depois disso, a religião declinou e prevaleceu a idolatria dos druidas. Estes constituíam uma ordem de sacerdotes pagãos que celebravam seus ritos em bosques de carvalhos — espécie de idolatria de grande antiguidade, da mesma natureza daquela à qual os judeus tantas vezes se voltaram em sua apostasia. Os druidas também detinham considerável parcela do poder civil, o que tornava difícil estabelecer uma religião tão contrária à sua e tão capaz de subvertê-la. Contudo, as dificuldades que o cristianismo tem enfrentado em todas as épocas e países serviram à sua causa e manifestaram o poder e a graça de seu divino Autor. Por volta do ano 277, foram expulsos pelo rei Cratilinth, que tomou especial cuidado em apagar todos os seus vestígios; e desse período podemos datar o verdadeiro início da era cristã na Escócia, pois, desde então até a perseguição sob o imperador Diocleciano, no princípio do século IV, houve um crescimento gradual do verdadeiro conhecimento de Deus e da religião. Essa perseguição tornou-se tão violenta nas regiões meridionais da Britânia que impeliu muitos, tanto pregadores quanto fiéis professantes, a refugiar-se na Escócia, onde foram acolhidos com bondade. Foi-lhes dada por residência a ilha de Man, então em poder dos escoceses, e destinado sustento suficiente. O rei Cratilinth construiu-lhes uma igreja, chamada igreja de nosso SALVADOR — em grego, σωτηρ —, hoje, por corrupção do nome, SODOR, em Icolmkill, uma das ilhas ocidentais. Esses homens não se ocupavam, como os sacerdotes druidas a quem haviam sucedido, em resolver os assuntos terrenos dos homens, mas se entregavam inteiramente ao serviço divino, instruindo os ignorantes, consolando os fracos, administrando os sacramentos e formando discípulos para os mesmos serviços.

Não é fácil nem essencial determinar se esses refugiados eram os antigos culdeus ou um grupo diferente. Alguns afirmam remontar o movimento dos culdeus aos primeiros tempos do cristianismo, enquanto outros atribuem suas instituições a Columba, por volta de meados do século VI. Os culdeus — de cultores Dei, adoradores de Deus — floresciam nesse tempo: eram chamados μοναχοι, ou monges, pela vida religiosa retirada que levavam; e as celas em que se haviam recolhido foram, depois de sua morte, em grande parte convertidas em igrejas que até hoje conservam seus nomes, como Cell, ou Kell, ou igreja de Marnock; Kil-Patrick, Kil-Malcom e outras. Opondo resistência inflexível à supremacia papal, distinguiam-se dos adeptos da igreja romana não somente por seu firme apego à norma infalível da palavra de Deus, mas também por seus hábitos como corpo de mestres cristãos. Longe de se enclausurarem em algum retiro de onde pudessem contemplar com fria indiferença os atos de seus semelhantes — sem suportar as provações e vicissitudes da vida nem partilhar de suas alegrias; restringindo ao círculo limitado de uma fraternidade monástica o amor que deviam à família humana, ou buscando o engrandecimento da ordem a que pertenciam —, os culdeus, à semelhança de Paulo,

trabalhavam pelo próprio sustento entre seus semelhantes; cumpriam todos os deveres de membros úteis da sociedade, ao mesmo tempo que ensinavam e pregavam as verdades do evangelho.

Seu modo de proceder consistia em escolher dentre si superintendentes[2], cujo ofício os obrigava a percorrer o país a fim de verificar se cada um cumpria devidamente seu dever. Esses homens, porém, eram inteiramente alheios ao poder senhorial do prelado moderno: não possuíam diocese própria e exerciam apenas uma superintendência temporária, da qual eram investidos por seus irmãos, a quem prestavam contas. Era uma instituição que, em seu espírito, correspondia às censuras privadas dos ministros entre os presbiterianos.

Durante os reinados de Cratilinth e de seu sucessor Fincormac, os culdeus prosperaram; mas, depois da morte deste último, tanto a igreja quanto o Estado da Escócia caíram em desordem. Máximo, o prefeito romano, incitou os pictos a auxiliá-lo contra os escoceses, que foram inteiramente derrotados; seu rei, Ewing, e a maior parte da nobreza foram mortos. Essa batalha sangrenta travou-se por volta do ano 380, junto ao rio Doon, em Carrick. Logo após a derrota, publicou-se um édito ordenando a todos os escoceses, sem exceção, que deixassem o reino até determinado dia, sob pena de morte. Isso os impeliu todos para a Irlanda e para as ilhas ocidentais da Dinamarca e da Noruega, excetuados alguns eclesiásticos que vagavam de lugar em lugar.

Depois de um exílio de quarenta e quatro anos — ou, segundo Buchanan, de vinte e sete — suportado pelos escoceses, os pictos reconheceram o erro de haver auxiliado os romanos contra eles. Assim, fortaleceram os poucos que haviam permanecido e convidaram os fugitivos a voltar à própria terra. A estes se juntaram alguns estrangeiros, e regressaram sob a liderança de Fergus II, que então se encontrava na Dinamarca. A empresa foi tanto mais bem-sucedida porque, naquele tempo, muitas forças romanas haviam sido chamadas de volta. Seu rei foi coroado em sua própria terra com os ritos habituais, e a notícia de seu êxito atraiu grande número de pessoas para junto dele, de modo que recuperou todo o território de onde os escoceses haviam sido expulsos. A maior parte das forças estrangeiras voltou para casa, exceto os irlandeses, que receberam Galloway como recompensa. Esse empreendimento vitorioso ocorreu por volta do ano 404, ou, segundo outros, em 420.

Os culdeus foram então chamados de seus esconderijos, restituídos a seus benefícios eclesiásticos[3] e tiveram suas igrejas reparadas. Nesse tempo gozavam da estima do povo mais do que nunca; mas essa tranquilidade foi novamente interrompida por um inimigo mais temível que o anterior. A heresia pelagiana alcançara considerável expansão na Britânia: assim se chama por causa de Pelágio, monge em Roma. Seus principais artigos são: 1. Que o pecado original não é inerente. 2. Que a fé é algo natural. 3. Que as boas obras feitas por nossa própria força e por nosso livre-arbítrio são conformes à lei de Deus e dignas do céu. É incerto se todos esses erros, ou somente parte deles, contaminaram então a igreja escocesa; mas Celestino, à época bispo de Roma, aproveitou a ocasião para enviar Paládio àquelas terras. Este, unindo-se aos ortodoxos do sul da Britânia, restaurou a paz naquela parte da igreja, suprimindo a heresia. Eugênio II, desejoso de que também essa igreja fosse purificada do fermento impuro, convidou Paládio a vir para cá; e ele, tendo obtido licença de Celestino e recebido a ordem de introduzir a hierarquia conforme se apresentasse a oportunidade, veio à Escócia e cumpriu sua comissão com tal êxito que não somente refutou o pelagianismo, mas também deu nova forma ao governo da igreja.

A igreja da Escócia ainda não conhecia oficiais investidos de preeminência sobre seus irmãos, nem tinha qualquer relação com o pontífice romano, até o ano 450. Beda afirma que “Paládio foi enviado aos escoceses que criam em Cristo como seu primeiro bispo”.* Boécio também diz “que Paládio foi o

2 Nota desta edição: Responsável pela supervisão de comunidades religiosas. Na passagem sobre os culdeus, o autor usa o termo para uma função temporária de fiscalização; em passagens posteriores, ele também designa cargos nas igrejas reformadas.

3 Nota desta edição: Cargo ou direito eclesiástico ao qual estavam vinculados rendimentos destinados ao sustento de seu titular.

primeiro de todos a exercer magistratura sagrada entre os escoceses, tendo sido feito bispo pelo grande papa". Fordun, em sua Crônica, informa-nos que, "antes da vinda de Paládio, os escoceses tinham por mestres da fé e ministros dos sacramentos somente presbíteros, ou monges, seguindo os costumes da igreja primitiva".† A tradição afirma que o condado de Kincardine foi o lugar de sua residência e de seus labores; e o local onde se diz repousarem suas cinzas ainda é assinalado pelas ruínas de uma capela que leva seu nome.

Mas, embora possamos considerá-lo o iniciador das relações que gradualmente se ampliaram entre a Escócia e Roma, não devemos datar de seu tempo a era dos bispos diocesanos; pois não houve tais oficiais na igreja escocesa até o reinado de Malcolm II, no século XI. Durante os primeiros mil anos depois de Cristo, não havia dioceses delimitadas nem superioridade de uns sobre outros: governavam a igreja em comum com os presbíteros, de modo que eram bispos apenas de nome, possuindo pouco ou nada daquela dignidade senhorial de que agora desfrutam, e já há muito desfrutam. O próprio Spottiswood, em sua História, página 29, atesta que os bispos escoceses, antes do século XI, exerciam suas funções indistintamente em todos os lugares a que chegavam. Pode-se dizer que Paládio antes lançou os alicerces da posterior degeneração da igreja da Escócia do que ergueu aquela estrutura de corrupção e idolatria que depois prevaleceu; pois ela permaneceu por quase duzentos anos em estado relativamente puro e imaculado, quando o comparamos com os períodos seguintes de sua história.

Também Columba, natural da Irlanda e de ascendência real, floresceu por volta de meados do século VI. Sua educação foi confiada a eclesiásticos irlandeses; mas, em razão de algumas dissensões civis, deixou a terra natal e viajou pela Europa e pela Ásia, o que talvez contribuísse para lhe dar a intrepidez que mais tarde tão nobremente demonstrou na propagação do evangelho. Enquanto a Irlanda fora cedo abençoada com o cristianismo, a Escócia permanecia envolta nas trevas da ignorância e da superstição; por isso, depois de regressar à terra natal, Columba empreendeu a viagem missionária que lhe valeu o nome de Apóstolo das Terras Altas. No ano 563, partiu num pequeno barco de vime com doze companheiros e desembarcou em Hi, ou Iona, hoje chamada Icolmkill, ou Columkill, em homenagem ao próprio Columba. Ali estabeleceu seu colégio missionário, do qual nasceram os de Dunkeld, Abernethy, St. Andrew's, Abercorn, Govan, às margens do Clyde, e muitos outros estabelecimentos religiosos. Assim, essa ilha remota e agreste pode ser vista como o cenáculo de Jerusalém, uma fonte da qual fluiu por toda a nossa terra uma torrente de luz evangélica. Afirma-se que Columba não somente foi instrumento da propagação do evangelho na Britânia e na Irlanda, mas também no continente europeu, particularmente na França e na Itália.

Por volta do fim do século VI e do início do VII, floresceram no país vários homens piedosos e sábios, entre os quais Kentigern, comumente chamado São Mungo. Alguns deles foram empregados por Osvaldo, rei da Nortúmbria, para instruir seu povo; Beda os descreve como eminentes no amor a Deus e no conhecimento das Sagradas Escrituras. Por seu intermédio, a luz do evangelho penetrou em outras regiões dos domínios saxões, que por muito tempo se opuseram à crescente usurpação da igreja de Roma, vigorosamente sustentada, depois de meados desse século, pelos discípulos de Agostinho. Além desses homens, a igreja da Escócia enviou naquele tempo muitos outros missionários dignos e bem-sucedidos a terras estrangeiras, particularmente à França e à Alemanha.

Assim foi a Escócia cedo privilegiada, e assim fez uso de seus privilégios; mas logo "o ouro perdeu o brilho, e o ouro mais fino se alterou".

O papismo começou então, pouco a pouco, a mostrar sua horrenda cabeça; a assiduidade de Agostinho e de seus discípulos na Inglaterra teve consequências deploráveis para a Escócia. Fomentando divisões, corrompendo seus príncipes com princípios romanistas e descuidando da vida de seu clero, logo se chegou ao reconhecimento universal do poder papal. No século VII surgiu uma acesa disputa entre Agostinho e seus discípulos, de um lado, e os escoceses e os saxões do norte, de outro, acerca da época de celebrar a Páscoa, da tríplice imersão no batismo, da tonsura dos sacerdotes e de outras coisas, que

estes últimos não queriam aceitar, nem submeter-se à autoridade que as impunha. Cada partido recusava comunhão ministerial ao outro, até que Osway, rei dos nortúmbrios, proferiu em Whitby, no Yorkshire, uma decisão arbitral favorável aos romanistas. Então as opiniões dos escoceses foram rejeitadas e se estabeleceram as tolices em voga na hierarquia papal. Essa decisão, contudo, estava longe de pôr fim à confusão causada pela dissensão: os romanistas impunham seus ritos com rigor, e os outros preferiam abandonar seus postos a conformar-se. Os obstáculos que enfrentavam aumentavam diariamente, à medida que crescia o poder clerical. No ano 886, os membros do clero obtiveram uma lei que os isentava de impostos e de toda ação civil perante juízes seculares, determinando que todas as questões a seu respeito fossem julgadas por seus bispos. Estes foram então investidos dos poderes que hoje se acham nas mãos dos comissários, relativos às causas matrimoniais, aos testamentos e a outros assuntos. Pelo mesmo estatuto, também receberam autoridade para estabelecer cânones, julgar hereges e assim por diante; e determinou-se que todos os futuros reis jurassem, na coroação, manter esses privilégios da igreja. A Convenção dos Estados que aprovou essa lei reuniu-se em Forfar, no reinado daquele príncipe demasiado indulgente, Gregório.

Nos séculos XI e XII, Malcolm III, Alexandre, David e outros sustentaram sucessivamente essa dignidade, erigindo bispados particulares, abadias e mosteiros. O mesmo zelo supersticioso tomou conta da nobreza de ambos os sexos: uns entregavam um terço de seus bens, outros mais, e outros a totalidade de suas propriedades, para sustentar o orgulho pontifício e a tirania espiritual. Esta logo se tornou insuportável e abriu os olhos da nação, que percebeu o erro de elevar a autoridade clerical a tamanha altura. Assim, encontramos os nobres queixando-se disso a Alexandre III, que reinou depois de meados do século XIII; mas ele estava tão longe de poder remediar-lhes o mal que, quando foram excomungados pela igreja por causa dessa queixa, viu-se obrigado, para evitar males maiores, a fazer com que a nobreza satisfizesse tanto a avareza quanto a arrogância do clero. Este já resolvera retirar-se para Roma, com o propósito de suscitar na Escócia comoções tão grandes quanto as que Tomás Becket recentemente provocara na Inglaterra.

O poder do papa era então geralmente reconhecido em toda a cristandade, particularmente em nossa nação; em contrapartida, a igreja da Escócia foi declarada livre de toda jurisdição espiritual estrangeira, “excetuada somente a sé apostólica”. Essa bula foi motivada pela tentativa de um certo Roger, bispo de York, no ano de 1159, de elevar-se à dignidade de metropolita da Escócia. Ele encontrara meios de tornar-se legado desse reino, mas perdeu o ofício após o protesto do clero. Tal protesto obteve em seu favor a bula mencionada, além de muitos outros favores de natureza semelhante concedidos então aos eclesiásticos, pelos quais ficaram isentos de qualquer jurisdição que não fosse a de Roma. Assim, encontramos o papa Bonifácio VIII ordenando a Eduardo da Inglaterra que cessasse as hostilidades contra os escoceses, alegando que “a soberania da Escócia pertencia à igreja”. Essa pretensão parece ter-se fundado na determinação papal de ungir os reis escoceses, prática aplicada pela primeira vez ao rei Edgar, no ano de 1098, e então considerada pelo povo como novo sinal de realeza; mas que, por ser determinação do papa, era na verdade a marca da besta.

Havia então na Escócia todas as ordens de monges e frades: templários, ou monges vermelhos, monges trinitários de Aberdeen, cistercienses, carmelitas, frades negros[4] e cinzentos[5], cartuxos, dominicanos, franciscanos, jacobinos, beneditinos e outros. Isso mostra a que altura o anticristo erguera a cabeça em nossa terra e com que prontidão todas as classes se submetiam às suas medidas opressivas.

Mas o leitor não deve pensar que, no período que acabamos de examinar, ninguém se opusesse a essa torrente de superstição e idolatria; pois, desde a primeira aparição do anticristo romano nesse reino, a

4 Nota desta edição: Nome tradicional dos dominicanos, membros da Ordem dos Pregadores, em referência ao manto negro usado sobre o hábito branco.

5 Nota desta edição: Nome tradicional dos franciscanos, em referência à cor do hábito. Greyfriars também subsiste em nomes de igrejas, cemitérios e lugares ligados às antigas casas franciscanas.

Deus não faltaram testemunhas da verdade que se levantassem ousadamente em defesa do bendito e puro evangelho de Cristo. Mencionam-se primeiro Clements e Samson, dois célebres culdeus que, no século VII, sustentaram a autoridade de Cristo como único rei e cabeça de sua igreja contra o poder usurpado de Roma, e rejeitaram os ritos supersticiosos do anticristo como contrários à simplicidade das instituições evangélicas. O século seguinte não foi menos notável por homens eruditos e piedosos nascidos na Escócia e louvados nas igrejas de outras terras; em particular Joannes Scotus, que escreveu um livro sobre a eucaristia, condenado por Leão IX no ano de 1030, muito depois de sua morte. No século IX reuniu-se em Scoon uma Convenção dos Estados para a reforma do clero, cuja vida e conduta eram então uma afronta à decência comum e aos bons costumes, para não falar da piedade e da religião. Os remédios prescritos nessa convenção revelam a natureza da enfermidade. Ordenou-se que os eclesiásticos residissem nos lugares de seu encargo, não se intrometessem em assuntos seculares, mas instruíssem o povo e fossem exemplos de boa conduta; que não mantivessem falcões, cães de caça ou cavalos para seu divertimento; e que não portassem armas nem atuassem como defensores em causas civis. Caso deixassem de observar essas determinações, seriam multados pela primeira transgressão e depostos pela segunda. Essas leis foram promulgadas sob o rei Constantino II; seu sucessor, Gregório, porém, tornou-as ineficazes por sua indulgência. O século seguinte não se destacou por testemunhas da verdade; contudo, os historiadores concordam que ainda havia alguns culdeus que viviam e ministravam separados dos romanistas e ensinavam ao povo que Cristo era a única propiciação pelo pecado e que somente seu sangue podia lavá-los de sua culpa, em oposição à indulgência e aos perdões do papa. O senhor A. Shields, em sua obra A corça em liberdade, afirma que os culdeus transmitiram seu testemunho aos lolardos;* e o papa João XXII, em sua bula para a unção do rei Robert Bruce, queixa-se de haver muitos hereges na Escócia. Podemos, portanto, afirmar com segurança que nunca houve período muito longo sem testemunhas da verdade e contra as grosseiras corrupções da igreja de Roma. Alguns de nossos próprios reis se opuseram à supremacia papal e proibiram seus legados de entrar em seus domínios; o exemplo mais notável é o de Robert Bruce. Depois que este derrotou os ingleses em Bannockburn, eles recorreram ao papa, suplicando sua mediação. O pontífice enviou então um legado à Escócia, propondo uma suspensão das armas até que ouvisse e decidisse a disputa entre as coroas e fosse informado do direito de Eduardo à coroa escocesa. A isso o rei Robert respondeu “que o papa não podia ignorar o assunto, já tantas vezes explicado a seus predecessores na presença de muitos cardeais ainda vivos, que poderiam dizer-lhe, se quisessem, que respostas insolentes o papa Bonifácio recebera dos ingleses quando lhes foi pedido que cessassem de oprimir os escoceses. E agora”, disse ele, “quando aprouve a Deus dar-nos vantagem por algumas vitórias, pelas quais não somente recuperamos o que era nosso, mas podemos fazê-los viver como bons vizinhos, eles recorrem a tais tratados, procurando ganhar tempo para cair novamente sobre nós com força maior. Nisso, porém, Sua Santidade há de me desculpar, pois não serei tão insensato a ponto de deixar escapar de minhas mãos a vantagem que possuo”. O legado, considerando desdenhosa essa resposta, lançou o interdito sobre o reino e partiu; mas o rei Robert, dando pouca importância a tal procedimento, seguiu de perto o legado e, entrando na Inglaterra, devastou a ferro e fogo todos os condados vizinhos.

No princípio do século XV, a Reforma contra o papismo começou a despontar na Escócia. Havia então papa contra papa, e às vezes até três ao mesmo tempo, todos se excomungando mutuamente. Esse cisma durou cerca de trinta anos e, sob uma providência soberana, muito contribuiu para a queda do anticristo e para o renascimento da verdadeira religião e das letras na Escócia e em muitas regiões da Europa; pois numerosos homens, aproveitando a oportunidade que se lhes oferecia, começaram a falar abertamente contra a heresia, a tirania e a imoralidade do clero. Entre os que pregaram publicamente contra esses males estavam João Huss e Jerônimo de Praga, na Boêmia; João Wycliffe, na Inglaterra; e John Resby, inglês e discípulo de Wycliffe, na Escócia. Este chegou por volta de 1407 e foi chamado a responder por algumas doutrinas que ensinava contra a supremacia do papa; foi condenado à fogueira, que suportou com grande constância. Cerca de dez anos depois, um certo Paul Craw, boêmio e seguidor de Huss, foi acusado de heresia perante os que então eram chamados doutores em teologia. A acusação era que ele

seguia Huss e Wycliffe em sua opinião sobre o sacramento da Ceia, negando que a substância do pão e do vinho fosse transformada pela virtude de quaisquer palavras e que fossem legítimas a confissão auricular aos sacerdotes ou as orações aos santos falecidos. Foi entregue ao juiz secular e condenado às chamas em St. Andrew's, onde sofreu o martírio, sendo conduzido amordaçado à estaca para que não tivesse ocasião de fazer sua confissão. Ambos os mártires mencionados sofreram sob Henry Wardlaw, bispo de St. Andrew's, que fundou aquela universidade em 1412; o que lhe poderia ter granjeado honra, se não houvesse manchado as mãos de sangue inocente.

Esses retornos da luz do evangelho não se limitaram a St. Andrew's: Kyle, Carrick, Cunningham e outros lugares do oeste da Escócia também foram favorecidos aproximadamente na mesma época. Com efeito, encontramos Robert Blackatter, primeiro arcebispo de Glasgow, fazendo comparecer, em 1494, perante o rei James IV e seu conselho em Glasgow, George Campbell de Cessnock, Adam Reid de Barskimming, John Campbell de Newmills, Andrew Shaw de Polkemmet, lady Pokellie e lady Stair. Eram chamados injuriosamente de lolardos de Kyle, por causa de Lollard, eminente pregador entre os valdenses, por sustentarem que as imagens não deviam ser cultuadas, que as relíquias dos santos não deviam ser adoradas e outras doutrinas consideradas odiosas. Responderam, porém, a seus acusadores com tal constância e ousadia que se julgou mais prudente dispensá-los com a advertência de que se contentassem com a fé da igreja e se acautelassem contra novas doutrinas.

Assim conduzimos este resumo dos assuntos eclesiásticos na Escócia até o tempo de Patrick Hamilton, cuja vida aparece em primeiro lugar nesta coletânea, que contém uma história um tanto minuciosa da igreja em nossa terra durante o período a que se refere.

Patrick Hamilton

Esse ilustre jovem, destinado à elevada honra de ser o primeiro* a anunciar a verdade a seus compatriotas e o primeiro a selá-la com o próprio sangue, nasceu no ano de 1504. Era de linhagem real, filho de Sir Patrick Hamilton de Kincavil, que era filho de lorde Hamilton e de uma irmã do rei James III. Pela ascendência materna, seu nascimento não era menos ilustre: sua mãe era filha de John, duque de Albany, irmão do mesmo monarca. Desde cedo foi educado com vistas a uma futura posição elevada, e recebeu a abadia de Ferne para que pudesse prosseguir nos estudos, aos quais se dedicou com grande assiduidade.

Foi enviado à Universidade de St. Andrew's,† onde concluiu seus estudos de filosofia e belas-letras. Sua mente vigorosa prometia futura eminência, e, pouco depois dos vinte anos, já dominava todo o saber então reputado. A Universidade de St. Andrew's, embora ainda não contasse um século de existência, gozava naquele tempo de considerável renome e reunia muitos homens eruditos. O célebre John Mair, ou Major, preceptor de nosso grande reformador Knox e de nosso incomparável estudioso dos clássicos, Buchanan, florescia nessa época e era professor de filosofia e teologia em St. Andrew's, onde Hamilton recebeu sua formação. Major nasceu em North Berwick, estudou em Oxford e Paris e tornou-se professor da Sorbonne em 1509. Em 1519, foi convidado a regressar à terra natal por James Beaton, arcebispo de Glasgow, e investido no cargo de professor da universidade arquiepiscopal de St. Andrew's. Seu patrono, Beaton, seguiu-o quatro anos depois para aquela cidade, como arcebispo e primaz. Major morreu por volta de 1550. Seu comentário ao terceiro livro do Magister Sententiarum e sua Exposição do Evangelho de Mateus já haviam sido impressos em latim, em Paris: o primeiro em 1517, a segunda no ano seguinte. Por mais censuráveis que sejam, inegavelmente, muitos dos escritos de Major, ele merece louvor por ter exposto alguns dos erros e abusos mais flagrantes de seu tempo. Era então considerado o maior mestre das ciências que ensinava. Por haver recebido a parte principal de sua educação na França e ocupado uma cátedra na Universidade de Paris, adquirira discernimento mais apurado e maneiras de pensar mais racionais e abertas do que se encontravam na Escócia, ou mesmo em muitas outras regiões da Europa. Adotou as opiniões sobre governo defendidas por Jean Gerson e Pierre d'Ailly, que haviam

argumentado nobremente e com grande aplauso em favor do Concílio de Constança, contra os defensores da doutrina do poder ilimitado do papa. De fato, Major ensinava muitas coisas que deviam ser particularmente odiosas ao clero católico e exercer influência singular sobre a mente de seus alunos: por exemplo, que um concílio geral era superior ao papa e podia repreendê-lo, refreá-lo e até depô-lo. Negava o poder temporal do bispo romano e censurava abertamente a ambição, a avareza e a magnificência do Vaticano. Essas e várias outras opiniões que ensinava deviam despertar em seus ouvintes certo espírito de investigação, que dificilmente acabaria por aumentar sua devoção à igreja romana.

Sob tal mestre, a mente de Hamilton devia estar sendo preparada para receber a verdade; embora seu preceptor ainda sustentasse diversas doutrinas indefensáveis e incoerentes e, por isso, não pudesse ser guia muito seguro para seu nobre discípulo.

Desse modo Patrick Hamilton concluiu seus estudos na universidade; e, embora recebesse grande louvor de seus mestres por sua erudição, nenhum historiador deixou notícia precisa de sua passagem como estudante. Knox deve ter estado na universidade nesse período, mas guarda completo silêncio sobre o assunto, como em geral faz a respeito dos primeiros anos de todos os reformadores. Não parece ter havido grande intimidade entre Hamilton e Knox, embora este fosse apenas um ano mais novo. De fato, Knox jamais menciona sequer tê-lo conhecido, embora não seja improvável supor que se conhecessem. Deve-se lembrar, contudo, que Knox era então sacerdote da igreja romana, tendo recebido ordens antes de alcançar a idade canônica; e que a ausência do futuro mártir da Escócia, por algum tempo, também poderia interromper toda comunicação. Outra razão poderia ser alegada: o nascimento elevado de Hamilton e a relativa obscuridade de Knox, pois este ainda não dera sinais do importante papel que desempenharia na futura Reforma de seu país, o qual mais do que compensaria o mais brilhante renome familiar ou a mais ilustre aliança.

Hamilton estava no vigésimo segundo ano de vida quando o conhecimento da verdade divina raiou em sua mente. Sua conduta já despertara as suspeitas do clero. A liberdade com que recomendava o saber antigo em lugar dos dogmas das escolas, e a linguagem não menos franca com que denunciava as corrupções da igreja, fizeram dele objeto de especial atenção. Sua influência, porém, ainda não era grande o bastante para justificar uma punição; e, como permanecia na igreja e com toda a probabilidade viria a ser um de seus maiores dignitários, suas opiniões eram vistas como arroubos de uma imaginação exaltada. Para Hamilton, porém, não eram isso; e, antes de chegar à idade canônica para receber a ordenação, resolveu, em 1526, deixar a Escócia e aperfeiçoar a mente viajando por terras estrangeiras. Esse era o costume predominante entre os homens de posição naquele tempo, especialmente os destinados à igreja. O continente era o grande ponto de convergência de todos os nossos eruditos, que, depois de ali seguirem um curso de estudos, voltavam à pátria para exercer os deveres aos quais estavam destinados.

Hamilton dirigiu-se à Alemanha, atraído pela grande fama de Lutero. Foi primeiro a Wittemberg, residência daquele reformador, que o recebeu cordialmente e o apresentou a Melanchthon, o mais afável e moderado de todos os reformadores. Conservaram Hamilton por pouco tempo em sua companhia e depois o recomendaram à Universidade de Marpurg. Essa universidade fora recentemente fundada por Filipe, landgrave de Hesse, que se distinguia por sua erudição entre todos os príncipes daquele século e colocara à sua frente o célebre estudioso François Lambert de Avignon. Esse grande homem, que abandonara uma posição muito lucrativa e deixara a terra natal por seu apego às doutrinas reformadas, logo se afeiçoou profundamente a Hamilton. O jovem escocês acolheu com amor e ardor as ideias de seu preceptor e frequentou com a maior regularidade suas preleções diárias. A permanência em Marpurg foi-lhe extremamente proveitosa; e foi ali que sentiu, pela primeira vez, o vivo desejo de pregar o evangelho a seus compatriotas e instruí-los na verdadeira religião. Comunicou suas intenções a Lambert, que o advertiu francamente do perigo a que se exporia e procurou persuadi-lo a permanecer

em Marpurg; mas sua resolução estava firmada. Despedindo-se afetuosamente de seu erudito preceptor, preparou-se para voltar à Escócia com um único criado.

Não se sabe se Hamilton regressou imediatamente à pátria ou se prolongou por algum tempo sua permanência no continente depois de deixar Marpurg. Alguns historiadores afirmam que esteve na Boêmia; e provavelmente há alguma verdade nessa afirmação, sobretudo quando se consideram seu temperamento ardoroso e seu ávido desejo de conhecimento.

Hamilton, contudo, encontrou entre os protestantes da Alemanha certos princípios afins aos seus e, em razão de sua intimidade com Lutero, que era então o maior amigo deles, foi recebido com grande hospitalidade. Dominou todas as suas doutrinas, embora não haja fundamento para a afirmação de Mackenzie de que o fez "com o propósito de reformar nossa igreja segundo seus modelos". Sua permanência entre eles foi breve; pois, ansioso por iniciar a obra da Reforma na terra natal, chegou à Escócia com um só acompanhante no ano de 1527.

Assim, sendo ainda um jovem de pouco mais de vinte e três anos, começou a semear a palavra de Deus por onde passava, expondo as corrupções da igreja romana e apontando os erros que haviam penetrado na religião cristã tal como professada na Escócia. Foi bem acolhido e seguido por muitos, aos quais prontamente "expunha com maior exatidão o caminho de Deus". Sua reputação de erudito e sua cortesia contribuíram não pouco para sua utilidade nessa boa obra.

A chegada de Hamilton não permaneceu secreta por muito tempo, nem o clero lhe concedeu longa oportunidade de disseminar suas opiniões. Mal esse jovem reformador pisou a terra natal, sentiu as entranhas moverem-se de compaixão por seus iludidos compatriotas; e, comparando o estado moral de seu país com o dos lugares por onde passara, ansiou pelo tempo em que a Reforma fosse tão publicamente reconhecida na Escócia quanto na Alemanha. Sabia, porém, que isso somente poderia realizar-se por meios humanos; e, sem se deixar intimidar pela grandeza ou pelo provável desfecho da empresa, resolveu ele mesmo iniciar a nobre obra. James Beaton estava então à frente da igreja católica escocesa, como arcebispo de St. Andrew's e lorde chanceler do reino. Esse primaz logo demonstrou estar decidido a opor-se com todas as forças a qualquer avanço do conhecimento. A conduta de Hamilton, pregando fielmente por onde passava, expondo as corrupções e apontando os terríveis erros da igreja, assim como sua fama de erudito e sua cortesia para com todos, despertou a fúria do arcebispo e levou-o a decidir pela vingança. Somente o nascimento elevado e as relações honrosas de Hamilton o detinham de agir abertamente; pois, embora James V, então menor de idade, ocupasse o trono, o primaz bem sabia que os nobres parentes do reformador o protegeriam de sua ira, ainda que não fossem conquistados por suas doutrinas. Em todo caso, era manifesto o alarme do clero, que resolveu livrar-se o mais depressa possível daquele inimigo perigoso e formidável.

A cidade de St. Andrew's — venerável por sua antiguidade, por seus retiros de estudo dos clássicos e pelas muitas lembranças profundas a ela ligadas — era então a grande capital do clero. Ali a hierarquia romana erguia sua figura majestosa e imponente; e, cercados de centenas de sacerdotes, os primazes costumavam sentar-se entronizados em poder na esplêndida e magnífica catedral, que o zelo excessivo dos reformadores depois arrasou. Beaton, como dissemos, era arcebispo; Hugh Spence, reitor do Colégio de St. Salvador e deão de teologia; John Waddell, pároco de Flisk, reitor da universidade; James Simson, oficial da abadia; John Gregson, provincial dos frades negros; Martin Balfor e John Spence, juristas; Sir John Annan, cônego de St. Andrew's; e Alexander Campbell, prior dos frades negros. Estes, com vários outros de menor projeção — cônegos, frades, reitores, deões e prebendários —, compunham o cabido eclesiástico dessa venerável cidade. Em seu contraste atual com o esplendor daqueles dias de superstição, com sua universidade quase deserta, suas ruas silenciosas e suas ruínas desmoronando, ela apresenta um quadro melancólico da devastação dos séculos e das poderosas revoluções do tempo, das quais participam cidades, reinos e impérios.

O arcebispo tornou-se então inimigo implacável de Hamilton; mas a principal dificuldade do primaz era pô-lo em seu poder, pois a cada dia se convencia mais de que os amigos do reformador eram numerosos e poderosos. Pela astúcia, porém, finalmente conseguiu: ocultando suas intenções sob a aparência de amizade, convidou Hamilton a St. Andrew's, sob o pretexto de manter com ele uma conferência livre, na qual lamentava os erros da igreja. A vítima, sem suspeitar de nada, desarmada pela aparente franqueza do primaz e contente por ter a oportunidade de discutir com o maior dignitário da igreja, e talvez convencê-lo, consentiu de boa vontade. Era tudo o que o primaz desejava, e logo começou a agir contra ele.

Assim, por meio do mais vil artifício, da astúcia e da hipocrisia, o arcebispo de St. Andrew's conseguiu apoderar-se de um homem que, enquanto estava em liberdade, o fazia tremer em sua sede arquiepiscopal.

Frei Alexander Campbell teve várias entrevistas com Hamilton depois de sua chegada a St. Andrew's. Sendo Campbell homem de saber e de considerável talento, Hamilton debateu abertamente com ele os efeitos comparados das doutrinas reformadas e das papistas; e o frade, embora não convencido, sentiu-se vencido. Bem sabia que as posições do mártir eram verdadeiras, mas não conseguia dominar seus preconceitos e, de pronto, aquiescer nos males da superstição. [N. do T.: a redação desta última oração é problemática no original; ver o relatório de revisão.]

Não obstante, pôs-se a agir astutamente. Fingiu reconhecer a força das objeções de Hamilton contra o clero e os erros gerais da igreja romana; mas nenhuma persuasão do frade conseguiu levar o reformador a retratar-se. Seus argumentos, ao contrário, tendiam cada vez mais a confirmar Hamilton na verdade. Campbell por fim o deixou e foi ao arcebispo, a quem relatou seu insucesso. O primaz já resolvera o que fazer. Contudo, ele e os clérigos inferiores fizeram concessões a Hamilton, que ainda não estava preso, reconhecendo que muitas coisas precisavam de reforma, a qual, diziam, desejavam ardentemente. Há, porém, toda razão para crer que esses reconhecimentos visavam apenas encobrir melhor suas intenções e tornar Hamilton mais confiante.

O arcebispo Beaton, entretanto, logo deixou cair a máscara de amizade e hospitalidade. À semelhança de seu sobrinho e sucessor, o célebre cardeal, que parece ter absorvido abundantemente seu espírito, distinguia-se pela mesma falta de princípios, pela mesma astúcia, pelo desejo de intriga política e pelo ódio à verdade sagrada. Demonstrara sua ambição em grau máximo nos dois meses em que alcançara ascendência no governo, depois que John, duque de Albany, renunciara à regência. Isso ocorrera pouco depois de sua promoção da sé de Glasgow à primazia de St. Andrew's, onde sucedera ao avarento Forman, preterindo Gawin Douglas, o bispo guerreiro de Dunkeld e célebre tradutor da Eneida de Virgílio em versos escoceses. Desde então até esse momento, embora odiado pela facção dos Douglases e muitas vezes obrigado por eles, enquanto mantinham a pessoa do rei em seu poder, a esconder-se entre os amigos, insinuara-se no governo. E, restituído à sua sede arquiepiscopal após a memorável fuga do rei das mãos dos Douglases, residira com esplendor em St. Andrew's, igualmente poderoso na igreja e no Estado. Até o tempo de Hamilton, nenhum herege lhe perturbara a segurança: repousava sobre o macio travesseiro da comodidade, e ninguém ousava causar-lhe temor. Agora, porém, embora não se importasse com a igreja no que tocava à religião e fosse insensível a tudo o que não dissesse respeito ao próprio engrandecimento, resolveu deter os progressos de um homem que, por sua posição, influência e talento, podia abalar-lhe o trono arquiepiscopal e semear dissensão e tumulto na igreja da qual era o principal dignitário. Assim, no meio da noite, o primaz expediu ordem de prisão contra Hamilton, que foi encerrado sob rigorosa custódia no castelo de St. Andrew's.

Hamilton percebeu então a natureza singular de sua situação, mas em nada se deixou abater pela sombria perspectiva. Era bem instruído nas coisas do céu, e as verdades em que cria firmemente sustentavam e animavam agora sua alma. Preparou-se para o desfecho com toda a serenidade e resignação de um crente, entregando sua causa àquele que julga com justiça.

As medidas tomadas por Beaton e seu clero depois da prisão de Hamilton comprovam plenamente suas intenções iniciais. Sabendo bem que, por causa da posição de Hamilton e de seu parentesco com a família real, haveria intercessão poderosa e provavelmente eficaz por sua vida, o clero persuadiu o jovem rei James V a empreender, naquele mesmo dia, uma peregrinação ao santuário de St. Dothes, em Ross-shire, para ficar fora do alcance de toda súplica em favor da vítima. E, no entanto, aqueles eclesiásticos fingiam ter a salvação de Hamilton no coração! As misericórdias dos ímpios são cruéis; e as ofensas imperdoáveis que Patrick Hamilton, jovem de apenas vinte e quatro anos, cometera contra a hierarquia romana somente poderiam ser expiadas com seu sangue.

No dia seguinte à prisão de Hamilton, o arcebispo convocou uma assembleia do clero, à qual presidiu pessoalmente. Hamilton foi intimado a comparecer e conduzido, com todo aparato solene, à igreja da abadia. Acusaram-no de pregar e sustentar doutrinas heréticas e apresentaram diversas acusações de grande importância, embora por fim as restringissem a alguns dos dogmas fundamentais do papismo que ele negava. Segundo Mackenzie e Spottiswoode — mais tarde arcebispo protestante daquela sé —, as doutrinas pelas quais foi condenado eram as seguintes:

"1. Que a corrupção do pecado permanece nas crianças depois do batismo.

"2. Que nenhum homem está sem pecado enquanto vive.

"3. Que nenhum homem, pelo mero poder de seu livre-arbítrio, pode fazer qualquer bem.

"Que todo verdadeiro cristão pode saber se está ou não em estado de graça.

"5. Que o homem não é justificado pelas obras, mas somente pela fé.

"6. Que as boas obras não tornam bom um homem, mas o homem bom faz boas obras, e o homem mau faz más obras; contudo, essas mesmas más obras, quando verdadeiramente objeto de arrependimento, não tornam mau o homem.

"7. Que a fé, a esperança e a caridade estão tão ligadas entre si que quem tem uma tem todas, e quem carece de uma carece de todas.

"Que Deus é a causa do pecado neste sentido: que retira do homem sua graça e, retirada a graça, ele não pode deixar de pecar."

Acrescentaram-se outras cinco acusações, perfazendo treze ao todo.

"1. Que a confissão auricular não é necessária à salvação.

"2. Que a prática da penitência não pode comprar a remissão dos pecados.

"3. Que não existe purgatório.

"4. Que os santos patriarcas estavam no céu antes da paixão de Cristo.

"5. Que o papa é o anticristo e que todo sacerdote tem tanto poder quanto ele."

A sentença, tal como apresentada pelo senhor Fox em seus Atos e monumentos dos mártires, é a seguinte:

"Invocado o nome de Cristo: Nós, James, pela misericórdia de Deus arcebispo de St. Andrew's e primaz da Escócia, com o conselho, decreto e autoridade dos reverendíssimos padres em Deus e senhores, abades, doutores em teologia, professores das Sagradas Escrituras e mestres da universidade que ora nos assistem, reunidos em juízo em nossa igreja metropolitana de St. Andrew's, na causa de perversidade herética contra o senhor Patrick Hamilton, abade ou pensionário de Ferne, intimado a comparecer perante nós para responder a certos artigos por ele afirmados, ensinados e pregados, e tendo assim comparecido e sido acusado; ponderados, discutidos e compreendidos maduramente os méritos da causa, mediante fiel inquirição realizada na Quaresma passada, encontramos o referido senhor Hamilton de muitas maneiras infamado por heresia, disputando, sustentando e defendendo

diversas heresias de Martinho Lutero e de seus seguidores, contrárias à nossa fé e já condenadas por concílios gerais e pelas mais célebres universidades. E, achando-se sob a mesma infâmia, havendo nós determinado anteriormente que fosse intimado e acusado pelas matérias acima, ele, com má intenção, como se pode presumir, passou a outras terras, para fora do reino, suspeito e assinalado por heresia. E, tendo regressado recentemente, sem ser autorizado, mas por sua própria vontade, sem licença nem privilégio, atreveu-se a pregar perversa heresia.

"Verificamos também que afirmou, publicou e ensinou diversas opiniões de Lutero e de perversos hereges, depois de ser intimado a comparecer perante nós e nosso conselho: que o homem não tem livre-arbítrio; que o homem está em pecado enquanto vive; que as crianças, imediatamente depois do batismo, são pecadoras; que todos os cristãos dignos de tal nome sabem que estão na graça; que nenhum homem é justificado pelas obras, mas somente pela fé; que as boas obras não fazem bom um homem, mas o homem bom faz boas obras; que a fé, a esperança e a caridade estão tão unidas que quem tem uma tem as demais, e quem carece de uma carece das demais; e assim por diante, com diversas outras heresias e opiniões detestáveis. E persistiu nelas com tamanha obstinação que nenhum conselho ou persuasão o pode apartar delas e conduzi-lo ao caminho de nossa reta fé.

"Consideradas todas essas matérias, tendo nós diante dos olhos a Deus e a integridade de nossa fé, e seguindo o conselho e parecer dos professores das Sagradas Escrituras, dos homens de lei e dos demais que ora nos assistem, pronunciamos, determinamos e declaramos que o referido senhor Patrick Hamilton, por afirmar, confessar e sustentar as mencionadas heresias e nelas perseverar obstinadamente — já condenadas pela igreja, pelos concílios gerais e pelas mais célebres universidades —, tem má opinião da fé e, portanto, deve ser condenado e punido; assim como o condenamos e determinamos que seja punido por esta nossa sentença definitiva, privando-o, e sentenciando que seja privado, de todas as dignidades, honras, ordens, ofícios e benefícios da igreja. Por isso, julgamos e pronunciamos que seja entregue ao poder secular para ser punido e que seus bens sejam confiscados.

"Esta nossa sentença definitiva foi proferida e lida em nossa igreja metropolitana de St. Andrew's, no último dia do mês de fevereiro do ano de 1527, estando presentes os reverendíssimos padres em Cristo e senhores: Gawand, arcebispo de Glasgow; George, bispo de Dunkelden; John, bispo de Brechin; William, bispo de Dunblane; Patrick, prior de St. Andrew's; David, abade de Aberbrothoe; George, abade de Dunfermline; Alexander, abade de Cambuskenneth; Henry, abade de Lenders; John, prior de Pittenweeme; o deão e o subdeão de Glasgow; o senhor Hugh Spence; Thomas Ramsay; Allan Meldrum; e outros, na presença do clero e do povo."

Tal foi o escárnio solene de toda lei, justiça e religião cometido pelo clero romano ao redigir sua "sentença definitiva" contra o mártir. A sentença fora originalmente escrita em latim, como todos os documentos dessa natureza ligados à igreja; e eles imaginavam insensatamente que, com o aparato e a aparência de equidade, convenceriam o povo do perigo da heresia e confirmariam seu apego à santa igreja infalível. Beaton, contudo, logo teve mais trabalho do que a princípio esperara. Não contemplemos, porém, essa impiedade; voltemo-nos antes à cena final da vida desse nobre mártir e observemos brevemente a constância daquele a quem um historiador moderno justamente atribuiu "a honra eterna de ser o protomártir da Escócia pela liberdade da mente humana".

Hamilton ouviu sua sentença com toda a mansidão e resignação de um mártir cristão. Antes argumentara com seus juízes e defendera suas opiniões com firmeza, embora com modéstia; agora previa o desfecho e preparava-se para a morte. No mesmo dia em que o tribunal eclesiástico pronunciou a sentença, também foi condenado pelo poder secular; e o clero, receando alguma súbita intercessão por sua vida, resolveu apressar sua ida à fogueira naquela mesma tarde.

[Linha isolada no original] Patrick Hamilton nas chamas.

Durante o intervalo, recebeu a visita de Alexander Aless, cônego da igreja metropolitana de St. Andrew's, que tentou novamente reconduzi-lo ao seio da igreja católica, mas em vão. O próprio Aless ficou abalado

pelos argumentos do mártir. Estudara a controvérsia luterana e, bem instruído na teologia escolástica, manteve várias conferências com Hamilton para induzi-lo a retratar-se. Essas conferências terminaram com a conversão de Aless; e a constância com que viu Hamilton apegar-se a suas opiniões na fogueira fortaleceu suas resoluções. Algum tempo depois, Aless proferiu perante o sínodo um discurso em latim que o tornou suspeito de heresia. Foi lançado na prisão; mas, depois de alguns anos de cativeiro, conseguiu fugir e, embarcando num navio na costa, escapou à vigilância de seus perseguidores. Aless foi para a Alemanha e, em 1535, passou à Inglaterra, recomendado a Cranmer por Melanchthon. Regressou à Alemanha em 1540 e foi nomeado professor de teologia na Universidade de Leipzig.

George Wishart

Este ilustre mártir pertencia à casa de Pitarrow, no condado de Mearns. Nasceu no reinado de James V, embora não se saiba ao certo o ano, devido ao silêncio dos escritores contemporâneos acerca de seus primeiros anos; mas, como talvez contasse perto de trinta anos por ocasião de seu martírio, é muito provável que tenha nascido por volta de 1514 ou 1515. Sua família era antiga e respeitável; seu irmão era o senhor de Pitarrow[6], propriedade de modo algum insignificante.

Também pouco se sabe da juventude de Wishart. Ainda moço, foi enviado à Universidade de Aberdeen, onde concluiu o curso de filosofia e belas-letras tal como então se ensinavam. Conforme o costume dos jovens pertencentes a famílias de alguma distinção naqueles dias, seus pais o mandaram ao estrangeiro, e ele viajou durante algum tempo pelo continente, sobretudo pela França e pela Alemanha. Isso ocorreu antes de 1538. Não parece que jamais tenha residido na Universidade de St. Andrew's; caso contrário, Knox, que ali estudara, muito provavelmente o teria mencionado, considerando a intimidade que depois os uniu. Sem pretender a princípio seguir a carreira eclesiástica, Wishart recebeu os rudimentos de sua educação em algum estabelecimento particular de ensino na Escócia; passou depois a Aberdeen e, em seguida, ao continente, onde prosseguiu nos estudos. Ali, como também é muito provável, em virtude da propagação da Reforma, especialmente na Alemanha, recebeu de alguns dos próprios reformadores as doutrinas que mais tarde selaria com seu sangue.

A primeira notícia pública que temos de Wishart é de considerável interesse para a história do saber na Escócia. Naqueles dias, as letras se encontravam em estado deplorável: todo o saber se confinava ao jargão escolástico das escolas, do qual nem mesmo os que o desprezavam conseguiam depois libertar-se inteiramente. O conhecimento das línguas era, de fato, limitado. Estudava-se apenas o latim, geralmente menos compreendido pelos sacerdotes, que deveriam conhecê-lo melhor, do que pelos leigos. O grego era quase de todo desconhecido; somente em 1522 Hector Boetius menciona George Dundas como bom conhecedor dessa língua, que muito provavelmente aprendera na França. Esse escritor, porém, não a menciona como disciplina ensinada nas universidades de seu tempo. Em 1534, o célebre John Erskine de Dun, homem a quem a Reforma muito viria a dever, trouxe da França um erudito para ensinar grego em Montrose, cidade que tem a honra de ter sido a primeira da Escócia a incentivar o estudo dessa língua elegante e bela. Como Erskine era o principal magistrado de Montrose, dispunha naturalmente de amplos meios de ação, apesar do desagrado dos sacerdotes, que não viam com bons olhos esse estímulo às letras. Na escola desse mestre francês, Wishart adquiriu o conhecimento do grego e depois lhe sucedeu no ensino. O curso de estudos que estabeleceu, contudo, atraiu sobre ele o ressentimento de seus superiores eclesiásticos. Ao saber que Wishart ensinava aos alunos o Novo Testamento grego, William Chisholm, bispo de Brechin, intimou-o a comparecer perante ele sob acusação de heresia. Wishart procurou então segurança na fuga e retirou-se para a Inglaterra em 1538.

6 Nota desta edição: Proprietário de uma propriedade rural na Escócia, frequentemente traduzido no relato por "senhor de" seguido do nome da propriedade. A designação territorial não equivale, por si só, a um título de par do reino.

Assim expulso de sua pátria pela tirania dos prelados, Wishart dirigiu-se à Universidade de Cambridge, então muito afamada pelas preleções dos teólogos reformados que ali residiam, e matriculou-se como estudante no colégio de Bene't, ou Corpus Christi. Ali permaneceu seis anos, entregando-se ao estudo e à devoção de maneira extraordinária. Estava fora da jurisdição e do poder de seu inimigo, o bispo de Brechin; e ali fez objeto de estudo mais particular as verdades que depois pregaria com tão grande efeito a seus compatriotas.

Emery Tylney, um de seus alunos, deixou a seguinte descrição viva de Wishart durante sua permanência na Universidade de Cambridge:

"Por volta do ano de nosso Senhor de mil quinhentos e quarenta e três, havia na Universidade de Cambridge certo mestre George Wischart, comumente chamado mestre George do colégio de Bennet. Era homem de elevada estatura, de cabelos aparados, e trazia na cabeça um barrete francês redondo, dos melhores; pela fisionomia, julgava-se de temperamento melancólico. Tinha cabelos negros, barba comprida e boa presença; expressava-se bem à maneira de sua terra, a Escócia; era cortês, humilde, pronto a ensinar, desejoso de aprender e muito viajado. Quanto ao hábito ou vestuário, nunca usava senão um manto ou uma veste de lã grosseira que lhe chegava aos sapatos, um gibão preto de fustão de Milão e meias-calças pretas e simples; as camisas eram de tela nova e grosseira, com colarinhos caídos e punhos brancos. Todas essas peças dava aos pobres, algumas semanalmente, outras mensalmente, outras a cada trimestre, conforme lhe aprazia, exceto o barrete francês, que conservou durante todo o ano em que estive com ele.

"Era homem modesto, temperante, temente a Deus e avesso à cobiça; sua caridade não tinha fim, fosse de noite, ao meio-dia ou durante o dia. Em geral, abstinha-se de uma refeição em cada três e jejuava um dia em cada quatro, salvo algum alimento para sustentar o corpo. Dormia em leito duro, sobre um colchão de palha, com lençóis novos de tecido grosseiro, que dava quando os trocava. Costumava ter junto à cama uma tina de água, na qual, estando os seus recolhidos, apagada a vela e tudo em silêncio, tinha por hábito banhar-se; eu, ainda muito jovem, frequentemente o ouvia e disso tinha certeza, e numa noite clara pude vê-lo. Amava-me ternamente, e eu, quanto minha idade permitia, o amava com igual sinceridade. Ensinava com tamanha modéstia e gravidade que alguns dos seus o julgavam severo e o teriam matado; mas o Senhor foi sua defesa. Depois de devidamente corrigida a malícia deles, ele os emendou com boas exortações e seguiu seu caminho. Ah, se o Senhor o houvesse deixado comigo, seu pobre menino, para que concluísse o que começara! Quanto à sua religião, era tal como aqui vedes no restante de sua vida, quando foi à Escócia com diversos nobres que haviam vindo tratar com o rei Henrique VIII. Seu saber não era inferior ao seu desejo, sempre disposto e pronto a fazer o bem naquilo que lhe era possível, tanto em casa, em particular, como na escola, publicamente, ensinando e comentando diversos autores.

"Se eu quisesse descrever seu amor por mim e por todos, sua caridade para com os pobres, dando, socorrendo, cuidando, ajudando, provendo e, sim, procurando sem cessar como fazer bem a todos e mal a ninguém, antes me faltariam palavras do que justo motivo para louvá-lo.

"Tudo isso testemunho de todo o coração e com verdade acerca desse homem piedoso. Aquele que fez todas as coisas, tudo governa e a todos julgará sabe que digo a verdade, para que os simples sejam esclarecidos, os arrogantes confundidos e o hipócrita desmascarado.

"EMERY TYLNEY."

Em 1544, Wishart sentiu o desejo de regressar à pátria, para pregar a seus compatriotas as verdades que haviam alegrado seu próprio coração. E, quando Wishart "foi à Escócia", como diz seu aluno Tylney, "com diversos nobres que haviam vindo tratar com o rei Henrique VIII", fê-lo a convite insistente de alguns deles, que se contavam entre os principais da nobreza. Esses "nobres" eram comissários enviados para negociar um tratado com o monarca inglês, pela seguinte razão: recordar-se-á que, por influência do cardeal, fora abandonado o projeto predileto de Henrique de unir os dois reinos pelo casamento de

seu filho Edward com Mary, a princesa ainda criança da Escócia, e que Henrique, profundamente irado, declarara guerra aos escoceses. Estes, porém, não estavam então em condições de combater Henrique, o mais poderoso monarca da Europa naquele tempo; e o desastre de Solway, ocorrido apenas dois anos antes, os tornara muito mais cautelosos quanto à mobilização de seu exército. A paz era a única alternativa, e por isso foram enviados comissários ao monarca inglês para concluir um tratado entre os dois reinos. Foi, portanto, em companhia deles que Wishart regressou, estabelecendo-se primeiro em Montrose, onde iniciou seu ministério. De Montrose seguiu para Dundee, onde seus discursos despertaram a mais elevada admiração.

É singular que tenha escolhido, para o começo de seu ministério, uma cidade tão próxima da residência do cardeal, pois St. Andrew's distava apenas cerca de nove milhas dali. Isso parece indicar que conhecia apenas em parte o caráter do cardeal, ou que estava decidido a tornar conhecida a verdade mesmo tão perto da sede da tirania arquiepiscopal. É provável, contudo, que Wishart tenha encontrado em Dundee uma congregação de protestantes, entre os quais esperava que seu ministério fosse particularmente bem recebido; isso, por sua vez, o encorajaria a começar a ministrar entre eles, sobretudo por lhe parecerem um povo sedento da palavra da vida.

Enquanto permaneceu em Dundee, Wishart começou a expor publicamente a Epístola aos Romanos, alcançando grande renome. Naquele estado de inquietação dos espíritos, quando os homens literalmente hesitavam entre duas opiniões — se deviam conservar a fé de seus pais ou dar inteiro crédito às doutrinas da Reforma —, quando, de fato, o respeito pela religião estabelecida era inteiramente desprezado e os olhos dos homens pouco a pouco se abriam para mostrar-lhes que haviam sido vítimas da superstição e da credulidade, os esforços de um pregador como Wishart para derrubar a Igreja Católica deviam ser formidáveis. O cardeal, cuja vigilância não cessava, logo soube desse novo opositor e passou de imediato a observá-lo como inimigo declarado. Via, com profundo desgosto, a completa ruína de seus planos pela pregação de Wishart; e o rápido e amplo abandono da igreja estabelecida que ela provocava despertou nele a maior ansiedade por deter seus esforços. Comparados com esse novo inimigo, todos os outros reformadores nada representavam nas mãos do cardeal; agora, porém, tinha de enfrentar um espírito superior, um homem cujo fervor, integridade e mansidão o haviam tornado profundamente amado. Não pode haver a menor dúvida de que, desde o princípio, o cardeal resolveu dar morte a Wishart.

Entretanto, era preciso adotar medidas para silenciar o reformador em Dundee. Assim, por suborno ou por intimidação, o cardeal persuadiu um dos magistrados da cidade, chamado Robert Mill, a intimar Wishart, em nome da rainha e do governador, a não mais perturbá-los com sua pregação. Mill antes aderira às doutrinas da Reforma e por elas sofrera consideravelmente, mas, tendo-as renunciado, tornara-se homem influente na cidade. Cumpriu essa incumbência certo dia, depois de Wishart concluir seu sermão habitual; este a recebeu com todas as demonstrações de piedoso zelo e resignação. Ao ouvir a proibição que lhe era dirigida, o reformador permaneceu algum tempo em silêncio, com os olhos voltados para o céu; depois, fitando o mensageiro com semblante entristecido, disse: "Deus é minha testemunha de que sempre tenho em vista vosso consolo, e não vossa aflição, a qual me pesa mais do que a vós mesmos; mas de uma coisa estou certo: rejeitar a palavra de Deus e expulsar seus mensageiros não é o caminho para vos livrar da tribulação. Quando eu partir, Deus vos enviará mensageiros que não temerão nem a fogueira nem o desterro. Permaneci entre vós, com risco de minha vida, pregando a palavra da salvação; agora, porém, já que vós mesmos me rejeitais, devo deixar a Deus o declarar minha inocência. Se por muito tempo tudo vos correr bem, não sou guiado pelo Espírito da verdade; e, se sobre vós cair inesperada tribulação, lembrai-vos de que esta é a causa e voltai-vos para Deus em arrependimento, porque ele é misericordioso."

Wishart resolveu obedecer à ordem e com isso mostrou, de pronto, que não o movia aquele zelo temerário que procura voluntariamente o perigo por amor ao próprio perigo. Depois dessa breve alocução, desceu do lugar de onde pregava e decidiu deixar Dundee imediatamente. O conde marechal e

alguns outros nobres presentes ao sermão insistiram para que fosse com eles para o norte; ele, porém, resistiu às suas instâncias e dirigiu-se às regiões ocidentais da Escócia.

A cidade de Ayr foi o primeiro lugar onde retomou seu ministério público. Ali, sua reputação e diligência fizeram que muitos o recebessem com alegria e logo lhe granjearam numerosos seguidores. A grande liberdade e fidelidade com que pregava o evangelho naquela região também atraíram contra ele a hostilidade inveterada da igreja, e o arcebispo de Glasgow resolveu prendê-lo. Dunbar ocupava então aquela sé, em cuja diocese se situava Ayr: homem que não possuía o furioso zelo perseguidor que caracterizava o cardeal. De fato, Beaton e ele havia muito se olhavam com desagrado; pois, quando em 1543 um legado do papa chegou à Escócia e ali passou o inverno, o orgulho do cardeal foi profundamente ferido diante desse representante pelas pretensões do arcebispo de Glasgow. Acompanhando o legado em visita àquela cidade, o cardeal reivindicou, como primaz de toda a Escócia, precedência sobre o arcebispo; este, porém, não admitiu tal pretensão em sua própria catedral. Surgiu então uma disputa, na qual cada um sustentava, em termos muito formais, a maior antiguidade da instituição de sua respectiva sé; e, no empenho de ambos em manter sua dignidade perante o legado, travou-se entre eles uma luta, durante a qual a grande cruz levada diante do primaz foi lançada ao chão. A contenda chegou a tal ponto que o regente se viu obrigado a intervir e restabelecer a concórdia entre homens que, professando ser ministros de uma religião de paz, haviam interrompido tão indecorosamente toda a boa ordem, a dignidade e o culto.

O arcebispo, embora certamente não fosse perseguidor violento, era, contudo, bastante zeloso pela igreja. Instigado pelo cardeal, com quem agora conservava uma aparência de amizade, apressou-se a ir a Ayr com vários acompanhantes. Ocupou o púlpito para impedir Wishart de pregar. Ao saber disso, o conde de Glencairn e alguns outros cavalheiros da vizinhança vieram prontamente à cidade e ofereceram-se para colocar Wishart à força no púlpito, caso o arcebispo não quisesse cedê-lo. Wishart de modo algum consentiu; e, quando o arcebispo começou a fazer mostra de pregar, disse serenamente que o sermão do bispo não faria grande mal e que, se lhes aprouvesse, iria à cruz do mercado. Falou assim porque reprovava tudo o que pudesse ser considerado violação da paz. “Era, de fato, sua prática constante”, diz o dr. Cook, “evitar dar ofensa desnecessária; e essa moderação, ao mesmo tempo que aumentava a afeição de seus adeptos, desconcertava e espantava seus adversários.” Dirigiu-se, pois, à cruz do mercado e ali pregou com tamanho êxito que várias pessoas se converteram à verdade. Enquanto Wishart assim se ocupava, o arcebispo discursava na igreja a seus próprios seguidores e a uns poucos sacerdotes. Como não tivesse sermão para lhes apresentar e, à semelhança de seus irmãos, não estivesse muito habituado a esse ofício, disse que em outra ocasião viria mais bem preparado com um sermão, e pouco depois deixou a cidade.

Após a partida do arcebispo, Wishart permaneceu entre os que professavam as doutrinas reformadas, protegido pelos poderosos e pregando constantemente as verdades do evangelho. No domingo seguinte, pediram-lhe que pregasse na igreja de Mauchline; o xerife de Ayr, porém, antecipara-se durante a noite, colocando na igreja uma guarda de soldados. Hugh Campbell de Kinzeancleugh, homem de considerável influência na paróquia, e outros, ofendidos com esse procedimento, teriam entrado na igreja à força; mas Wishart tornou a mostrar sua habitual moderação e paciência. “É a palavra da paz”, disse ele, “que vos prego, e por ela não se derramará hoje o sangue de homem algum. Cristo é tão poderoso nos campos como na igreja; e ele mesmo, quando viveu na carne, pregou mais vezes no deserto e à beira-mar do que no templo de Jerusalém.” Com essas palavras acalmou a multidão e, retirando-se para uma charneca a sudoeste da paróquia, ali pregou por quase três horas a uma imensa multidão de ouvintes atentos. Naquele sermão foi lançada a boa semente que depois produziria muito fruto para a glória da graça divina.

Enquanto Wishart assim se ocupava nas proximidades de Ayr, insistindo a tempo e fora de tempo e ensinando diariamente com êxito, recebeu notícia de que uma enfermidade contagiosa grassava com grande violência em Dundee e todos os dias matava grande número de pessoas. Reviveu então sua

antiga afeição por aquela cidade e, após um mês em Ayr, partiu para lá, apesar das insistentes súplicas de muitos para que permanecesse. Explicou suas razões: “Agora estão em aflição e precisam de consolo. Talvez esta visitação de Deus os leve a engrandecer e reverenciar a palavra que antes, por temor dos homens, tiveram em pouca estima.” A humanidade demonstrada por Wishart nessa ocasião honra grandemente seu caráter. Não podia de todo absolver os habitantes de Dundee da ingratidão de o haverem forçado, apenas um mês antes, a deixar a cidade, embora sua permanência entre eles expusesse a cada hora sua vida ao perigo. Mas a religião do amor operava com muita força no coração desse homem eminente; e ele sentiu reviver cada vínculo adormecido que o unia aos afetos daquele povo.

Ao chegar a Dundee, verificou que as notícias sobre a gravidade da enfermidade ficavam muito aquém da verdade, e sua alma benevolente se entristeceu ao contemplar os estragos da morte. “A alegria dos fiéis”, diz Knox, “foi imensa quando ele anunciou que pregaria no dia seguinte.” Escolheu como lugar de pregação a extremidade da rua chamada East Port, em Dundee, para que os sãos permanecessem dentro da porta da cidade, e os contaminados pela doença tomassem lugar do lado de fora.* Em verdade, toda a conduta de Wishart durante essa permanência em Dundee foi tal que lhe faz jus à lembrança perpétua.

Durante todo esse tempo, seu inimigo declarado, o cardeal, o observava de perto e, como a incansável fera da floresta impelida por fome devoradora, espreitava cada oportunidade de apanhá-lo. Subornou muitos para difamar esse santo homem e agir abertamente como seus inimigos confessos. Seus adversários, porém, receosos de recorrer à violência às claras, tentaram assassiná-lo enquanto permanecia em Dundee. Um sacerdote chamado sir John Wightman, por ódio e fanatismo próprios, ou, como se supôs sem provas suficientes, instigado pelo cardeal, resolveu matá-lo. Para executar seu propósito, postou-se ao pé dos degraus do púlpito, com a veste solta e um punhal oculto debaixo dela, a fim de cravá-lo no peito de Wishart quando este descesse. A agitação no rosto do sacerdote, ou a singularidade de sua aparência, felizmente chamou a atenção de Wishart e despertou suas suspeitas. Fitando-o ao aproximar-se, perguntou-lhe o que pretendia fazer e, num instante, agarrou a mão que empunhava a arma homicida. Vencido pela intrepidez e presença de espírito de Wishart, o sacerdote caiu imediatamente a seus pés e confessou a culpa. A multidão enfurecida o teria sacrificado no mesmo instante, como castigo por seu bárbaro intento; mas Wishart conteve sua violência e aplacou seu ressentimento.

O reformador preparou-se então para seguir a Edimburgo, a fim de comparecer perante uma assembleia do clero e ser ouvido publicamente em defesa das doutrinas que ensinava. A isso consentira de boa vontade; e, como se aproximava o tempo marcado para a conferência, resolveu primeiro visitar Montrose e dirigir uma breve exortação aos adeptos da Reforma naquela cidade, pois pressentia que depois disso não tornariam a ver seu rosto. Foi, pois, até lá, e sua presença infundiu novo ânimo nos que professavam a religião. Ensinou publicamente entre eles e lhes administrou o sacramento da Ceia com grande solenidade. Essa foi a primeira ocasião e o primeiro lugar em que a Ceia do Senhor foi administrada segundo a maneira reformada.* Ali recebeu uma carta dos amigos da Reforma em Ayrshire, pedindo-lhe que se encontrasse com eles em Edimburgo no mês de dezembro. Prometeram-lhe, conforme o combinado, que exigiriam dos bispos uma conferência sobre assuntos religiosos; asseguraram-lhe que seria ouvido e que não precisava temer perigo, pois se responsabilizariam por sua proteção.

Essas coisas alegraram o coração de Wishart, que agora via a perspectiva de uma oportunidade favorável para promover os grandes desígnios que tivera em vista ao regressar à Escócia. Erskine de Dun, porém, conhecendo bem a situação política, o poder do cardeal Beaton e o temperamento inconstante do regente, procurou insistentemente dissuadi-lo da viagem. Wishart, contudo, não se deixou deter. Em pleno inverno, viajou com poucos acompanhantes até Invergowrie, daí a Perth, e, atravessando Fife, chegou a Leith no início de dezembro de 1545. Ali teve o desgosto de saber que seus amigos do oeste da Escócia ainda não haviam chegado, nem havia notícia de que estivessem a caminho.

Mas o cardeal, sempre vigilante, conhecia suas intenções e tomara medidas muito eficazes para impedi-los.

Ao chegar a Leith, como já dissemos, Wishart verificou que seus amigos do oeste não haviam chegado, nem havia sinal de que viessem a Edimburgo. Era obra do cardeal, que, sempre ativo e vigilante, lhes interpusera diversos obstáculos. Beaton sabia muito bem que não poderia resistir à exigência de uma conferência livre e, temendo seu resultado, resolveu frustrar o encontro proposto. Fê-lo por vários meios, pois então detinha efetivamente as rédeas do poder: mediante cartas falsas, ameaças e influências secretas.

Wishart permaneceu recolhido em Leith por alguns dias. Começou então a sentir toda a amargura da esperança adiada: seus amigos o haviam decepcionado, e os grandes objetivos mais caros a seu coração pareciam prestes a malograr. Passava dia após dia em tristeza e abatimento, sobretudo por ver que ninguém ao seu redor cuidava da própria alma. Seus amigos perceberam seu desalento e procuraram consolá-lo; ele, porém, lhes respondeu: “Tenho trabalhado para tirar o povo das trevas, mas agora me escondo como quem tem vergonha de mostrar-se diante dos homens.” Logo compreenderam que desejava pregar-lhes a salvação; disseram-lhe então que o ouviriam de boa vontade, mas que o perigo seria tão grande que não podiam aconselhá-lo a fazê-lo. Respondeu: “Se vós e outros me ouvirdes no próximo domingo, pregarei em Leith; e que Deus cuide de mim como melhor lhe aprouver.” Assim, no domingo seguinte, falou aos ouvintes em Leith a partir do capítulo 13 de Mateus, tomando por assunto a admirável parábola do semeador.

Nesse tempo, o célebre John Knox era preceptor na família de Langniddry, em East Lothian. Esse homem ilustre, a quem tanto deve a posteridade e que mais tarde seria destinado a completar a Reforma na Escócia, já havia abjurado a Igreja Romana. Recebera a ordenação logo após concluir seus estudos em St. Andrew’s, antes mesmo da idade prescrita pelos cânones; mas nunca pregara publicamente, limitando-se a expor as Escrituras na família de Douglas de Langniddry, amigo secreto da Reforma. Não se sabe se Knox conhecera Wishart antes de sua retirada para a Inglaterra ou se sua grande fama o atraiu a Leith, pois Knox guarda completo silêncio sobre os primeiros anos de Wishart. Seja como for, tão logo soube que ele estava em Leith, apressou-se a ir até lá desde Langniddry, desprezando todos os perigos a que semelhante passo poderia expô-lo. O futuro reformador resolveu não deixar Wishart enquanto este permanecesse nos Lothians, a fim de desfrutar com maior liberdade de suas valiosas instruções.

Knox estava entre os ouvintes a quem Wishart pregou em Leith, assim como vários cavalheiros de reputação em East Lothian, “que então professavam fervorosamente a Cristo Jesus”. Parece também que os senhores de Langniddry, Ormiston e Brunston estavam entre os presentes. Após o sermão, os cavalheiros se reuniram em conselho e concordaram que seria prudente Wishart deixar Leith, especialmente porque o regente e o cardeal estariam em Edimburgo no Natal que se aproximava. Wishart julgou sensato seguir o conselho, e seus amigos combinaram levá-lo consigo e dar-lhe abrigo seguro em Brunston, Ormiston e Langniddry.

Knox recebeu essa resolução com grande alegria, pois já sentia que não podia separar-se dele. Enquanto acompanhava Wishart, dele recebia instrução na língua grega, estudo então quase desconhecido na Escócia. Desempenhava também uma função bastante notória. Desde a tentativa de assassinato em Dundee, um dos acompanhantes de Wishart levava sempre uma espada diante dele, para sua defesa. Essa função cabia então a Knox, e ninguém mais fiel poderia ter sido escolhido. No domingo, 17 de dezembro de 1545, Wishart e seus amigos estavam em Inveresk, perto de Musselburgh, onde ele pregou duas vezes a uma grande assembleia. Entre os ouvintes estava sir George Douglas, que, ao fim do sermão, declarou publicamente: “Sei que meu senhor governador e meu senhor cardeal saberão que estive nesta pregação [pois ambos já se encontravam em Edimburgo]; mas dizei-lhes que o confessarei e que defenderei não apenas a doutrina que ouvi, mas também a pessoa do pregador, até o limite de minhas forças.” Essas palavras alegraram muito o povo e agradaram aos amigos de Wishart.* Durante o

sermão, dois frades franciscanos apareceram entre os ouvintes. Suas vestes os distinguiam facilmente; e, tão logo os percebeu, Wishart exclamou aos que estavam próximos: “Rogo-vos de coração que deis lugar a estes dois homens; pode ser que venham aprender.” Depois, dirigindo-se a eles — pois, diz Knox, que estava presente, “estavam bem à entrada da porta” —, acrescentou: “Chegai mais perto, pois vos asseguro que ouvireis as palavras da verdade, que neste mesmo dia selarão em vós a salvação ou a condenação.” Os frades, contudo, não mostravam disposição para aprender. Wishart prosseguiu em seu discurso, supondo que o escutavam atentamente; mas, ao perceber que pretendiam perturbar a solenidade do culto e desviar a atenção dos ouvintes, voltou-se para eles e disse, com semblante solene: “Ó servos de Satanás e enganadores das almas dos homens, não ouvireis a verdade de Deus nem permitireis que outros a ouçam? Retirai-vos e recebei isto por vossa porção: em breve Deus confundirá e desmascarará vossa hipocrisia neste reino! Sereis abomináveis aos homens, e vossos lugares e habitações ficarão desolados.” Envergonhados e confundidos, os frades recuaram, receosos de enfrentar esse ministro do Novo Testamento. Esgueiraram-se do culto como criminosos culpados, enquanto Wishart se voltava aos ouvintes e dizia: “Esses homens perversos provocaram a ira do Espírito de Deus.” Permaneceu algum tempo em silêncio, como entregue à oração interior. A assembleia estava diante dele profundamente comovida. Retomou então o discurso e, perto do fim, muito os consolou com as promessas da graça de Deus. No dia seguinte, o reformador seguiu para Langniddry em companhia de seus amigos. Nos dois domingos posteriores pregou em Tranent e declarou claramente que trazia no espírito a impressão de que seu ministério se aproximava do fim. “Em todos os seus sermões”, diz Knox, que nesse tempo o ouvia constantemente, “depois de partir de Argus, anunciava quão pouco tempo lhe restava para trabalhar e falava de sua morte próxima, cujo dia, dizia, estava mais perto do que qualquer um acreditaria.”

Ao fim das festas de Natal, encontramo-lo com seus amigos em Haddington. Ali, com o consentimento deles, por ser a cidade já naqueles dias de considerável importância, pregou a um auditório muito numeroso. No dia seguinte, porém, poucos compareceram, supostamente por influência do conde de Bothwell, o homem mais poderoso da região, que fora secretamente corrompido pelo cardeal. Nesse mesmo tempo, recebeu notícia dos amigos de Ayrshire, informando que não poderiam realizar a conferência marcada. Isso, somado às circunstâncias de sua pregação em Haddington, quase o submergiu no desalento. Sua dedicação à verdade aparece aqui de modo singular: enquanto via homens desejosos de instrução, alegrava-se e não levava em conta trabalho algum; mas, como toda a sua alma estava empenhada na causa da Reforma, sentia-se agora entristecido até a morte. Fora a pedido dos amigos de Ayrshire que arriscara a vida vindo aos Lothians, onde não dispunha de amigos em número suficiente para fazer frente aos inimigos. Todas as esperanças, longamente nutridas, de ver a Reforma avançar estavam agora destruídas; e já se sentia abandonado e entregue ao poder do cardeal, seu inimigo implacável. Conversou com Knox, “que o acompanhara com solicitude desde que chegara a Lothian”, leu-lhe a carta e disse estar cansado da vida, pois percebia que os homens começavam a cansar-se de Deus. Nessa ocasião hospedava-se com sir Richard Maitland, em Lethington, que, embora não fosse protestante declarado, o recebera e acolhera com hospitalidade. Também a Maitland leu a carta, em profundo abatimento; e, embora estivesse prestes a subir ao púlpito, não conseguia esconder sua tristeza. Knox, desejando reconduzir-lhe o pensamento, observou que não era seu costume ocupar-se dessas coisas antes de pregar. “É verdade”, respondeu Wishart, “aproxima-se a hora do sermão; por ora vos deixarei à vossa meditação.”

É extremamente difícil explicar a conduta dos amigos de Wishart nessa ocasião. Suas próprias expressões parecem indicar uma apostasia da parte deles; e é certo que demonstraram pouca preocupação com seu desapontamento ou com o perigo a que o haviam levado. Não se sabe se o conde de Glencairn, que depois desempenhou papel tão notável na história da Reforma e foi dos primeiros nobres a renunciar ao papismo, estava entre eles; mas há todas as razões para concluir, pelo apoio e proteção que abertamente concedera a Wishart em Ayr, que, se não participaria pessoalmente, ao

menos o grupo partiria com seu conhecimento. Quaisquer que fossem as causas que os retiveram — os planos do cardeal ou o estado do tempo —, sua conduta é altamente censurável, pois fora por seu conselho que Wishart pusera a vida em risco. Se não se houvessem expressado com insensibilidade, Wishart nunca teria afirmado que "estava cansado da vida, já que os homens estavam cansados de Deus", pois sua natureza era generosa demais e sua caridade cristã demasiado grande para condenar precipitadamente quando houvesse alguma desculpa razoável. Parece, de fato, ter considerado sua conduta muito repreensível e um ato de grande injustiça para consigo.

Esses sentimentos atuaram nele de modo ainda mais intenso quando se preparava para subir ao púlpito da igreja de Haddington. Como esse foi o último sermão que nosso reformador pregou, seremos aqui minuciosos, tomando por autoridade a viva descrição de Knox, que estava presente. Wishart entrou na igreja e, durante quase uma hora, caminhou de um lado para outro diante do altar-mor; seu semblante abatido revelava a dor e a tristeza de seu espírito. Por fim subiu ao púlpito, mas o auditório era o menor que jamais vira. Percebia claramente que alguma influência secreta fora empregada para impedir o comparecimento do povo. Pretendera expor aos ouvintes a segunda tábua da lei, "mas disso falou muito pouco naquele sermão". Mortificado e entristecido diante de tão completa ausência de amor ao evangelho, desprezando a timidez que impedia os homens de ouvir a palavra da vida, deu vazão a todo o seu ardor e sentiu-se, por assim dizer, arrebatado pela piedade para além até dos limites da indulgência caridosa. Raciocinava a partir da própria consciência; e, sabendo a que perigo se expusera para pregar, julgava gravíssima deserção que os homens se recusassem à parte menos perigosa, isto é, ouvir o santo evangelho. E não errava em sua conclusão. O verdadeiro meio de conhecer a sinceridade da profissão religiosa de alguém é observar sua conduta na hora do perigo e da perseguição; quem recua covardemente de dar bom testemunho expõe-se à acusação de jamais ter sentido, em grau algum, a influência da religião. Ser piedoso somente no dia da prosperidade, quando o mundo sorri a todas as perspectivas exteriores, mas depois conformar-se ao mundo na adversidade, para evitar a perseguição ou servir aos próprios interesses, é proceder como o hipócrita que se cobre com uma máscara para promover seus intentos e a lança fora assim que alcança seus propósitos culpáveis. De que serve, afinal, a profissão de fé, se não a acompanha uma prática correspondente? E de que serve alegar cuidado pelos servos de Deus, os ministros da verdade, se não o acompanha a resolução de permanecer ao lado deles tanto na prosperidade como na adversidade? Devemos dizer que a conduta dos amigos de Wishart no oeste e a de seus ouvintes em Haddington, naquele momento, não correspondiam ao que antes haviam professado. E deve ter sido particularmente desanimador para aquele bom homem contemplar tão lamentável declínio do zelo religioso, quando toda a sua alma estava tomada pelo amor a Deus e pelo cuidado com os interesses imortais de seus compatriotas.

Wishart sentia, pois, intensamente as perspectivas adversas diante de si, e no púlpito exprimiu seus sentimentos. "Ó Senhor", clamou no início do discurso, "até quando será desprezada tua santa palavra, e os homens não cuidarão da própria salvação? Ouvi dizer de ti, Haddington, que em ti se reuniriam duas ou três mil pessoas para qualquer espetáculo frívolo;* e agora, para ouvir o mensageiro do Deus eterno, não se podem contar cem pessoas de toda a cidade e paróquia. Graves e terríveis serão as calamidades que se seguirão por causa deste teu desprezo. Com fogo e espada serás castigada. Sim, tu, Haddington, em particular: estrangeiros te possuirão; e vós, atuais habitantes, ou servireis em cativeiro a vossos inimigos, ou sereis expulsos de vossas próprias moradas, porque não conhecestes, nem quereis agora conhecer, o tempo da misericordiosa visitação de Deus." "Com tal veemência e ameaça", diz Knox,† "prosseguiu aquele servo de Deus por quase hora e meia, durante a qual anunciou todas as calamidades que depois se seguiram, tão claramente como nossos olhos mais tarde as viram cumprir-se." Perto do fim, contudo, voltaram sua mansidão, magnanimidade e benevolência características, e ele disse: "Esqueci-me de mim mesmo e do assunto de que deveria tratar; mas permaneçam em vossa memória estas minhas últimas palavras de pregação pública, até que Deus vos envie novo consolo." Fez então

algumas observações sobre a segunda tábua da lei e, como que convencido de que seu fim estava próximo, despediu-se dos ouvintes como alguém cujo rosto já não veriam na carne.

O sermão de Haddington foi o último que Wishart pregou. Falava de seu fim como coisa certa, pois via que o cardeal o enredara de tal modo que a fuga se tornara impossível. Seus amigos estavam profundamente entristecidos, e naquela mesma tarde despediu-se de todos pela última vez, com grande afeição e solenidade, especialmente de Douglas de Langniddry, que precisava regressar a casa naquela noite, sobretudo por causa de Knox, a quem desejava afastar do perigo, pois conhecia bem todas as tratativas do cardeal com o conde de Bothwell desde a chegada daquele a Edimburgo. Mal se conseguia persuadir Knox a separar-se de seu venerado mestre, por quem já nutria afeição verdadeiramente filial. Como Wishart partiria de Haddington para a casa ou castelo de Ormiston, Knox suplicou que lhe fosse permitido acompanhá-lo; Wishart, porém, de modo algum consentiu. Abraçou-o afetuosamente, mas aconselhou-o a partir, pois sabia que sua ligação com ele já o trouxera à atenção do cardeal. “Volta aos teus meninos”, disse mansamente o mártir, referindo-se a seus alunos, “e Deus te abençoe. Um só basta como sacrifício neste momento.” O reformador ordenou então que retirassem de Knox a espada de duas mãos que este costumava portar. Knox atendeu a seu pedido e, esmagado pela tristeza, voltou a Langniddry com o pai de seus alunos, Hugh Douglas.

Wishart, contudo, permaneceu toda aquela noite em Haddington e, pela manhã, seguiu a pé para Ormiston, em meio a uma forte tempestade, acompanhado por Cockburn, senhor daquele lugar, Sandilands de Calder e Crichton de Brunston. Chegara, porém, a hora em que esse mártir seria entregue às mãos de seus cruéis perseguidores. Os planos do cardeal haviam surtido efeito, e tão resolvido estava a prender Wishart que deixara Edimburgo secretamente. Na mesma noite em que Wishart foi a Ormiston, o primaz, sem que o mártir ou seus amigos o soubessem, chegou ao castelo de Elphingstone, cerca de duas milhas distante dali.

O cardeal estivera antes com Arran, regente do reino, inteiramente sujeito à sua influência, e pedira-lhe que enviasse seus próprios servidores para prender Wishart; Arran atendera ao pedido de muito má vontade. Enquanto isso, Wishart, profundamente impressionado pelo perigo iminente, mostrava toda a magnanimidade e paciência que a verdadeira religião tão eficazmente comunica. Seu comportamento era, como de costume, devoto, exprimindo inteira submissão à vontade de Deus. Após a ceia, dirigiu aos da casa de Cockburn um discurso muito consolador sobre a morte dos filhos de Deus; ao terminá-lo, disse com serenidade: “Parece-me que desejo muito dormir; cantemos um salmo.” Indicou o Salmo 51,* vertido em versos escoceses, que começava assim: “Tem misericórdia de mim, Deus de poder.” Cantado o salmo, retirou-se para seu aposento, acrescentando: “E concede-nos tranquilo repouso.” Ai! Mal sabia que o grande inimigo estava próximo e que, à semelhança de seu grande Mestre, estava quase a ser entregue por traição às mãos daqueles que havia muito tinham sede de seu sangue.

À meia-noite, porém, ouviu-se o tropel de cavalos; a casa foi tomada de confusão ao se descobrir que estava cercada por homens armados. O grupo era comandado pelo conde de Bothwell, alto xerife do condado, encarregado pelo governador e pelo cardeal de prender Wishart. Bothwell pediu para falar com Cockburn, senhor de Ormiston, de quem Wishart era amigo e hóspede, e comunicou-lhe suas instruções. A princípio, Cockburn recusou-se a entregá-lo, pensando que, se conseguisse retardar as coisas, Wishart teria tempo de fugir. Bothwell, porém, em virtude de sua autoridade de xerife, declarou ser inútil tentar defender a casa: toda resistência seria vã, pois o governador e o cardeal estavam próximos, com grande força; de fato, o cardeal encontrava-se em Elphingstone, a apenas duas milhas. Mas, se Ormiston entregasse Wishart em suas mãos, prometia por sua honra que ele estaria seguro e que o cardeal não teria poder para lhe fazer mal. E, para remover os honrosos escrúpulos de Cockburn, Bothwell empenhou solenemente sua palavra de que responderia pela segurança do prisioneiro.

Vendo que a resistência seria inútil, Cockburn foi imediatamente ao hóspede e lhe relatou tudo. Wishart ouviu com sua habitual serenidade e firmeza e disse mansamente: “Abri as portas; seja feita a vontade

de Deus." O conde entrou na casa, e Wishart, conduzido à sua presença, assim lhe falou: "Meu senhor, louvo a meu Deus por ser recebido nesta noite por homem tão honrado como vossa senhoria, na presença destes nobres; pois estou certo de que, por amor à vossa honra, não permitireis que coisa alguma se faça contra mim senão segundo a ordem da lei. Não ignoro que toda a lei deles nada mais é que corrupção, para que derramem o sangue dos santos; contudo, temo menos morrer publicamente do que ser assassinado em segredo." A esse apelo tão comovente e expressivo, Bothwell respondeu: "Não somente preservarei vosso corpo da violência, caso alguém a intente contra vós em violação de toda lei, mas também prometo solenemente, diante destes cavalheiros e por minha honra, que nem o governador nem o cardeal poderão fazer-vos mal. Eu vos conservarei em meu próprio poder e em minha própria casa, até vos pôr em liberdade ou vos restituir ao mesmo lugar em que vos recebi." Dada essa promessa solene diante de vários cavalheiros, cada um deles disse a Bothwell: "Meu senhor, se fizerdes o que dissestes, como cremos que vossa senhoria fará, prometemos não apenas servir-vos nós mesmos todos os dias de nossa vida, mas também procurar que todos os que professavam a verdade em Lothian façam o mesmo. E, preservado este nosso irmão ou restituído às nossas mãos, sendo-nos dado aviso com antecedência razoável para recebê-lo, nós, em nome de nossos amigos e em sua representação, entregaremos a vossa senhoria, ou a qualquer homem idôneo que nos restitua este servo de Deus, nosso compromisso formal de serviço e fidelidade, na forma devida." Bothwell novamente empenhou sua honra com solenidade; Wishart foi entregue às suas mãos, e ele partiu com o prisioneiro para Elphingstone, onde então estava o cardeal.

A Wishart, contudo, a morte parecia certa, embora muito confiasse na honra de Bothwell; pois, conhecendo a completa indignidade do cardeal, receava uma vingança secreta. "Temo menos", disse a Bothwell, "morrer publicamente do que ser assassinado em segredo." Wishart sabia que o furioso zelo de Beaton em tudo o que dizia respeito à estabilidade da igreja sobrepujaria inteiramente, nesse caso, toda a prudência e habilidade política que o cardeal até então demonstrara nos assuntos seculares. "Em vez de preservar Wishart", diz o dr. Cook, "e assim manter os protestantes contidos pelo receio de apressar a destruição de seu amado mestre, tinha sede de sua morte e apressava por todos os meios um acontecimento ao qual mal sabia estar tão intimamente ligado o término de sua própria carreira."

Bothwell, como já dissemos, levou Wishart ao castelo de Elphingstone, onde então estava o cardeal. A ira deste, porém, embora tivesse agora nas mãos seu maior inimigo, não se deteve aí. Indagou quem estivera em Ormiston com Wishart e, informado de que estavam presentes John Sandilands, o moço, da casa de Calder,* o senhor de Brunston, de nome Crichton, e Cockburn de Ormiston, ordenou imediatamente a prisão deles. A essa altura, toda a sua comitiva chegara a Elphingstone; e seus homens, com alguns soldados do regente, foram enviados para prender os amigos de Wishart. Os servidores de Ormiston ouviram de novo naquela noite o ruído dos cavaleiros e logo avisaram seus senhores. Enquanto estes deliberavam sobre o motivo da nova visita, os soldados ocuparam a parte do edifício que Knox chama de "pátio exterior e interior". Chamaram prontamente por Ormiston e Sandilands de Calder; ao aparecerem, estes perguntaram o motivo da visita e receberam por resposta que deveriam ser levados, juntamente com o senhor de Brunston, ao governador em Elphingstone. Logo perceberam que também se pretendia sua destruição ou, de qualquer modo, que o cardeal se vingaria, de uma forma ou de outra, pelo apoio público que haviam dado a Wishart. Por isso procuraram ganhar tempo, a pretexto de se aprontarem para cavalgar; Brunston conseguiu escapar, retirando-se secretamente para o bosque de Ormiston, mas os outros dois foram presos e levados à presença do cardeal. Ambos foram encarcerados no castelo de Edimburgo, onde Sandilands de Calder permaneceu até dar satisfação ao primaz; seu amigo, o senhor de Ormiston, porém, "libertou-se saltando da muralha do castelo, entre dez e onze horas da manhã". Se Knox tivesse sido encontrado com eles, também teria sido preso; e, como já atraíra sobre si o ódio do cardeal, muito provavelmente teria padecido com seu amigo, o mártir.

Wishart foi levado primeiro de Elphingstone ao castelo de Edimburgo, e depois de volta à casa de Hailes, principal residência do conde de Bothwell em East Lothian. Nesse intervalo, negociou-se sua entrega às

mãos do cardeal. “Assim como o ouro e as mulheres”, diz Knox, “corromperam desde o princípio todos os homens mundanos e carnais, também corromperam Bothwell; pois o cardeal deu ouro, e em abundância; e a rainha, com quem o dito conde estava então em maus termos [Knox escreve ‘glunders’], prometeu favorecê-lo em todas as suas pretensões lícitas junto às mulheres, caso entregasse Wishart para ser guardado no castelo de Edimburgo. A princípio ele resistiu um pouco, por causa da promessa que fizera. Mas um homem efeminado não pode resistir por muito tempo às investidas de uma rainha graciosa; e assim o servo de Deus foi levado a Edimburgo.” Spottiswoode também diz: “A rainha-mãe, a pedido do cardeal, instou com o conde para que ele [Wishart] fosse novamente enviado ao castelo de Edimburgo; embora, em consideração à sua promessa, ele se recusasse por longo tempo, vencido por fim pelas súplicas dela, cedeu. E assim Wishart foi levado pela segunda vez ao castelo.”

Não se permitiu que Wishart permanecesse muito tempo em Edimburgo. O cardeal estava então naquela cidade, presidindo uma reunião de prelados convocados para corrigir certos abusos da igreja “e reformar a vida do clero”. As deliberações dessa assembleia, porém, assim como as da que se reuniu em 1549, nunca produziram efeito. Tendo agora Wishart inteiramente em seu poder, o cardeal encerrou depressa a reunião e, temendo qualquer demora, seguiu com grande pressa com seu prisioneiro para St. Andrew’s, onde convocou os prelados a se reunirem em 27 de fevereiro de 1546. Enquanto isso, Wishart foi mantido sob rigorosa custódia no castelo de St. Andrew’s.

Como o cardeal resolvera matá-lo desde o princípio, muito antes de tê-lo em seu poder, pode-se facilmente supor que sabia o que fazer. Já aludimos à disputa entre ele e o arcebispo de Glasgow, perante o legado do papa, acerca da precedência de suas respectivas sés, e à cena ridícula e vergonhosa ocorrida entre ambos em Glasgow. A conduta do arcebispo ofendera profundamente o orgulho de Beaton; e, como era de esperar, subsistia entre os dois prelados uma animosidade mortal. O primeiro sustentara que era arcebispo em sua própria diocese e não cederia lugar a homem algum; que o poder do cardeal era tomado de empréstimo a Roma e pertencia somente à sua pessoa, não ao seu bispado, pois era possível que seu sucessor não fosse cardeal; ao passo que sua própria dignidade, a do arcebispo de Glasgow, era inseparável do ofício e pertenceria a todos os que viessem a ocupar aquela sé. Por fim, e o que mais ofendera o cardeal, afirmara que já era bispo quando o outro não passava de Beaton, antes de obter a abadia de Aberbrothwick. Essas opiniões do prelado de Glasgow, expressas sem reserva e espalhadas por toda a igreja, haviam criado tamanha discórdia entre ele e o primaz “que a inimizade era tida por mortal e sem qualquer esperança de reconciliação”. Mas, assim como Pilatos e Herodes se tornaram amigos num só dia, em ocasião de algum modo semelhante, embora de importância muito maior, também o cardeal, ansioso por obter a condenação de Wishart pelos mais elevados dignitários da igreja, pôs de lado seu ressentimento contra o arcebispo de Glasgow e escreveu-lhe antes de todos, em termos muito amistosos, pedindo sua presença e auxílio para suprimir esse grande inimigo da igreja. O prelado de Glasgow tampouco tardou em obedecer. Como se estivesse contente com a oportunidade de renovar a amizade com o cardeal, apressou-se a chegar a St. Andrew’s no tempo marcado; “sentou-se ao lado do cardeal”, diz Knox, “assistiu-o e assinou logo depois dele, segundo a precedência, e permaneceu sobre o baluarte oriental com o dito cardeal, até que o mártir de Deus fosse consumido pelo fogo”.

O arcebispo de Glasgow, porém, ao chegar a St. Andrew’s, sendo, no conjunto, homem de maior cautela e prudência, sugeriu ao cardeal que convinha solicitar ao governador uma comissão para algum leigo de posição, incumbindo-o de executar a justiça contra Wishart, a fim de que o ódio provocado pela morte de um pregador tão universalmente amado não recaísse inteiramente sobre o clero.

O arcebispo de Glasgow não apresentou então mais oposição, e o cardeal intimou Wishart a comparecer perante ele e seu clero, na igreja da abadia, no último dia de fevereiro, que seria o dia seguinte, para responder por suas doutrinas sediciosas e heréticas. “Nada”, diz o dr. Cook, “pode conceber-se mais irritante, nem mais próprio a tornar a opressão duplamente dolorosa, do que o respeito às formas da justiça quando há firme convicção de que aqueles que delas se servem pretendem violá-las.” Wishart sentiu profundamente essa injustiça; e, quando o deão de St. Andrew’s o citou por ordem do cardeal,

considerou aquela formalidade uma zombaria, visto já estar preso e inteiramente em poder dele. Respondeu à citação: “O cardeal não precisa intimar-me, pois já estou em seu poder e fortemente preso em ferros; pode, portanto, obrigar-me a responder quando lhe aprouver. Não estou despreparado para prestar contas de minha doutrina; mas, para mostrar de uma vez que espécie de homens sois, bem fazeis em apegar-vos às vossas formas e constituições.”

No dia seguinte realizou-se esse julgamento inteiramente ilegal. O cardeal exibiu na ocasião todas as insígnias de sua autoridade, para impressionar o povo pela magnificência do cortejo e pela exibição de homens armados. O lugar da assembleia era a igreja da abadia de St. Andrew’s, à qual Wishart foi conduzido pelo capitão do castelo. O tribunal abriu seus trabalhos com um sermão de John Winram, subprior da abadia, homem de grande saber, espírito esclarecido e amigo secreto das doutrinas reformadas, que pregou por designação do cardeal. Tomou por texto o capítulo 13 do Evangelho de Mateus e discorreu sobre a boa semente. Todo o sermão tratou da natureza da heresia, mas foi pronunciado de modo a aplicar-se mais justamente ao cardeal e a seus colegas do que ao acusado. Dividiu-o em quatro partes. A primeira foi uma breve declaração do sentido das palavras do evangelista. A segunda tratou do significado da boa semente, que declarou ser a palavra de Deus, sendo a heresia a má semente; definiu heresia como “uma opinião falsa, diretamente contrária à palavra de Deus e defendida com obstinação”. Depois de estabelecer algumas regras para descobrir a heresia, que somente pelas Escrituras poderia ser reconhecida, disse que, assim como a pedra de toque servia para distinguir o ouro dos metais falsos, a palavra de Deus era a prova adequada da heresia. A terceira parte versou sobre as causas do aumento da heresia no reino, que ele atribuiu sem hesitar à ignorância dos que tinham a seu cargo as almas dos homens: por não compreenderem eles próprios a palavra de Deus, eram incapazes de reconduzir ao caminho reto os que se desviavam. Ao definir o caráter daqueles que deveriam ser capazes de recuperar os mestres da heresia pela espada do Espírito, que é a palavra de Deus, apoiou sua posição na exortação de Paulo a Timóteo: “É necessário que o bispo seja irrepreensível, como convém ao ministro de Deus, não obstinado nem iracundo, não dado ao vinho nem à violência, nem à torpe ganância, mas hospitaleiro, amante da caridade, sóbrio de espírito, justo, santo, temperante e apegado à verdadeira palavra da doutrina, para que possa persuadir pelo ensino sadio e refutar o que contra ele se disser.” Manifestou certa dúvida quanto à conveniência de castigar os hereges neste mundo, fundando sua opinião nas palavras da parábola do trigo e do joio: “Deixai crescer ambos juntos até à colheita.” A conclusão de seu discurso, contudo, foi incoerente, pois afirmou que a heresia devia ser combatida pela igreja e pelo Estado, e que os culpados dela podiam legitimamente ser mortos pelo magistrado civil.

É fácil supor que o cardeal, que não era destituído de talento, não apreciou de modo algum o discurso de Winram; em outras circunstâncias, provavelmente o teria chamado a prestar contas de algumas de suas premissas. Naquele momento, porém, tinha assuntos de importância muito maior a tratar. Assim, depois do sermão, Winram desceu do púlpito e foi sucedido pelo próprio Wishart, a quem fizeram subir para ouvir a acusação e seus artigos. Diante dele, numa elevação erguida para esse fim, postou-se um sacerdote chamado John Lauder, que atuava como acusador e lhe falou com tamanha grosseria e injúria que teria desonrado a tirania de uma época mais bárbara. A mansidão e humildade de Wishart contrastavam vivamente com o zelo furioso desse sacerdote fanático. Wishart caiu de joelhos e elevou ao céu uma breve súplica. Enquanto isso, Lauder passava de uma acusação a outra, espumando de raiva e chegando a cuspir-lhe no rosto, enquanto bradava: “Tu, fugitivo, traidor, ladrão, que respondes a estas afirmações, que devidamente provamos contra ti por testemunhas suficientes?”

Em toda essa cena de perseguição e ultraje, Wishart conservou sua mansidão e magnanimidade características. Respondeu serenamente que lhe haviam atribuído, como cristão, muitas afirmações abomináveis, que julgava abominação não apenas ensinar, mas até conceber; e suplicou que o ouvissem com tranquilidade, para julgarem sua doutrina com maior equidade. Desejava ser ouvido, disse, por três razões. Primeiro, porque pela pregação da palavra de Deus sua glória se manifesta; e seria razoável, para

o avanço dessa glória, que o ouvissem ensinar a pura palavra de Deus, sem dissimulação. Segundo, porque o bem deles próprios procedia da palavra de Deus, pela qual ele opera todas as coisas; seria, portanto, injusto taparem os ouvidos quando ele pregava fielmente essa palavra. Terceiro, porque suas acusações apresentavam muitas palavras pestilentas, blasfemas e abomináveis, provenientes não da inspiração de Deus, mas do diabo, com grave risco para sua vida. Seria justo e razoável, portanto, que conhecessem suas palavras e a doutrina que sempre ensinara desde seu retorno à Escócia, para que não perecesse injustamente, com grande perigo para seus acusadores. Suplicou-lhes, pois, que, pela glória de Deus, pela paz de suas próprias consciências e pela preservação de sua vida, o ouvissem expor sua doutrina sem disfarce nem dissimulação.

Wishart começou então, com grande modéstia, a dar conta de seus sermões, declarando que jamais ensinara doutrinas contrárias aos Dez Mandamentos, ao Credo dos Apóstolos e à Oração do Senhor. Disse que, desde seu retorno à Escócia, antes de tudo e principalmente ensinara essas coisas na língua materna. Além disso, expusera a Epístola aos Romanos em Dundee e lhes mostraria fielmente o modo e a maneira de seu ensino, dado sem temor de autoridade humana. Enquanto assim prosseguia, foi interrompido por Lauder, que novamente exclamou: “Tu, herege, fugitivo, traidor, ladrão, não te era lícito pregar! Tomaste o poder em tuas próprias mãos, sem autoridade alguma da igreja! Lamentamos que tenhas sido pregador por tanto tempo.” Os prelados reunidos também o proibiram de discorrer, dizendo: “Se lhe dermos liberdade para pregar, é tão astuto e tão versado nas Santas Escrituras que persuadirá o povo de sua opinião e o levantará contra nós.” “Exigiram”, diz Spottiswoode, “que respondesse simplesmente sim ou não, temendo que, se lhe fosse dada liberdade de falar, atraísse alguns ouvintes ao seu parecer.”

Interrompido assim com extrema violência, e vendo ser impossível defender-se na situação em que se encontrava, Wishart apelou de imediato a juízes mais competentes e imparciais. Lauder, seu acusador e inimigo mais virulento, aproveitou a oportunidade para adular o cardeal. Enumerando triunfalmente seus muitos títulos esplêndidos, perguntou ao mártir se aquele que era arcebispo de St. Andrew’s, bispo de Mirepoix, na França, chanceler da Escócia, comendatário — ou abade — de Aberbrothwick, legatus natus, legatus a latere e segunda pessoa do reino não devia ser considerado juiz idôneo. Wishart respondeu serenamente: “Não condeno o senhor cardeal, nem o recuso; mas desejo que a palavra de Deus seja meu juiz, e que alguns representantes do estamento secular julguem juntamente com certas senhorias aqui presentes, pois sou prisioneiro de meu senhor governador.” Ao falar assim, alguns de seus inimigos gritaram: “Tal homem, tal juiz”, querendo dizer que o governador e outros amigos seus eram hereges como ele. Esse apelo irritou profundamente Beaton, que o teria condenado imediatamente, sem outra formalidade, se não lhe houvessem lembrado que convinha ler novamente a acusação e ouvir as respostas a suas diferentes partes, para que o povo não julgasse injusta a condenação. “É evidente que os outros prelados, cientes da impressão que a morte de Wishart provavelmente deixaria, estavam ansiosos por evitar toda irregularidade no processo; e, embora não tivessem conseguido a sanção do poder civil, persuadiram o cardeal a ouvi-lo.”*

Foram então apresentados dezoito artigos contra o prisioneiro, formulados de maneira a cobrir de desonra duradoura aqueles que os compilaram. Suas opiniões foram gravemente deturpadas, como se de fato o cardeal estivesse resolvido a destruí-lo a qualquer custo. Em vão procurou transmitir aos perseguidores uma ideia exata delas: ou não queriam, ou não podiam compreendê-lo. A paciência de Beaton já se esgotara havia muito. Para encerrar o julgamento, declarou-se que Wishart sustentava opiniões contrárias às recebidas pela Igreja Católica; e, porque as defendia obstinadamente, foi condenado como herege e sentenciado a morrer na fogueira no dia seguinte.

Adam Wallace

Durante quatro anos após a morte de Wishart, as perturbações políticas em que a Escócia se viu envolvida serviram para suspender o furor da perseguição. Por fim, porém, celebrou-se a paz, e o ano de 1550 pôs termo à guerra.

O arcebispo Hamilton iniciou então sua carreira de perseguidor, mandando prender Adam Wallace e levando-o a julgamento e à execução. Nada poderia ser mais imprudente, do ponto de vista político, nem mais insensato do que esse procedimento do primaz. Wallace, sempre descrito pelos historiadores contemporâneos como um "homem simples", ocupava posição tão humilde na vida que teria passado despercebido, se o arcebispo não se houvesse deixado arrebatar pela mais imprudente fúria contra os reformadores. A morte de Wallace, de fato, não poderia servir a propósito algum, senão exasperar ainda mais os ânimos dos que sustentavam as doutrinas da Reforma. Os sacerdotes pareciam, com sua própria conduta, apressar rapidamente a própria queda: tão verdadeiro é que os ímpios frequentemente armam laços para si mesmos e perecem por seus próprios artifícios. Mas, por simples que fosse Wallace, sua simplicidade era a do evangelho; não era profundamente instruído na sabedoria do mundo, mas conhecia bem o evangelho da paz. Como mártir da verdade, paciente e heroico no sofrimento, merece ser lembrado pela posteridade com toda a gratidão.

Talvez sua humilde condição explique por que nada sabemos dele até perto de seu martírio. Mas, qualquer que fosse essa "humilde condição", é certo que ele e sua esposa, chamada Beatrice Livingston, conviviam frequentemente com a senhora de Ormiston e que ele servia de preceptor aos filhos dela durante a ausência do marido. Não sabemos quais matérias ensinava; a família, contudo, era de considerável distinção em East Lothian e havia muito afamada por sua adesão às doutrinas dos reformadores. Recordar-se-á que o mártir Wishart foi preso na casa de Ormiston e que esse barão era um de seus maiores amigos; também se recordará que ele próprio foi preso naquela ocasião com sir John Sandilands de Calder e encarcerado no castelo de Edimburgo, de onde escapou saltando a muralha.

Wallace não era sacerdote; e parece muito provavelmente verdadeira a observação de Keith de que "o ensino do catecismo" aos filhos da senhora de Ormiston, "e também a outras crianças nas novas formas", isto é, nas doutrinas reformadas, "fez que se prestasse ao homem maior atenção do que de outro modo teria recebido". Fosse ou não essa a causa, foi preso em Winton, em East Lothian, por ordem do arcebispo de St. Andrew's, e levado a julgamento na igreja dos frades dominicanos, em Edimburgo.

A prisão desse homem inofensivo parece ter sido considerada grande feito pelo primaz e seus amigos, ao menos se julgarmos pelas personalidades reunidas naquela ocasião. Com todo o aparato de posição e poder, ergueu-se na igreja um estrado e nele se dispuseram assentos para a assembleia. O próprio regente ocupava o lugar principal; acima dele, às suas costas, sentava-se Gavin Hamilton, deão de Glasgow, representando o arcebispo daquela sé; à direita do regente estava seu irmão natural, o arcebispo de St. Andrew's; e atrás do primaz, em pé, o oficial eclesiástico de Lothian. Estavam também presentes os bispos de Dunblane e Moray, o abade de Dunfermline, que parece ter-se intrometido em toda ocasião de perseguição, o abade de Glenluce e outros eclesiásticos de menor grau, com vários clérigos do primaz vindos da cidade de St. Andrew's. Compareceram ainda o conde de Argyle como juiz, sir John Campbell de Lundy, o conde de Huntly, lorde chanceler, o conde de Angus, o bispo de Galloway, o prior de St. Andrew's, posteriormente conde de Moray, o bispo de Orkney, lorde Forbes e John Winram, subprior de St. Andrew's; atrás deles estavam todo o senado, outros oficiais inferiores e o escrivão do registro.

Tal era a esplêndida assembleia reunida na igreja dos dominicanos de Edimburgo para julgar Adam Wallace. No púlpito apareceu John Lauder, o sacerdote fanático que ultrajara Wishart em seu julgamento e que também nessa ocasião exercia o papel de acusador. Vestido de sobrepeliz e capuz vermelho, Lauder apresentou-se diante de numerosa congregação, da qual alguns contemplavam a cena com espanto, outros com desprezo e indignação. Parece ter sido abundantemente dotado das ideias

sanguinárias de seu falecido mestre, Beaton, faltando-lhe apenas o poder para ser igualmente severo. Não é de modo algum improvável que tenha conquistado a confiança dos superiores eclesiásticos por seu zelo e que até os estimulasse com seus conselhos. Na melhor das hipóteses, sua posição era desprezível: instrumento de homens abominados por sua crueldade e por toda parte impopulares por suas intrigas políticas. Mas o homem capaz de injuriar o manso e piedoso Wishart, de exultar nas desgraças daquele que a Providência colocara em seu poder, de dirigir palavras de escárnio grosseiro e ultraje a alguém cujo único crime, se crime fosse, era uma diferença de opinião — tal homem era capaz de qualquer ato de crueldade e de exagerar qualquer acusação contra um prisioneiro para promover e sustentar sua trama de engano.

Reunir semelhante assembleia para condenar um homem de condição humilde e simplicidade primitiva, do qual jamais se teria ouvido falar além de seu restrito e modesto círculo, era no mais alto grau ridículo e absurdo. O primaz, porém, não era mau político e julgou oportuno exercer então certa previsão política, que supunha contribuir para o futuro benefício e estabilidade da igreja. Era o primeiro passo em sua carreira de sangue, caminho que seu antecessor, “o cardeal perseguidor”, como Fox apropriadamente chama Beaton, percorrera com tanto cuidado e pelo qual recebera por fim sua recompensa; e resolveu dar aos espectadores uma amostra de seu poder e influência. Cercado por alguns dos grandes do reino, apoiado por seu irmão, o fraco e irresoluto regente, pelo conde de Huntly, lorde chanceler do reino, e por numerosos filhos da igreja que, com sua presença, exprimiam cordial concordância com a medida, sentava-se em dignidade prelatícia, sorrindo complacente diante do próprio poder e exaltação e do golpe que em vão imaginava estar prestes a desferir contra a Reforma com a morte de Adam Wallace. Resolvera incutir terror de imediato no coração dos espectadores e declarar ao reino que, apoiado pelo poder civil e com o regente inteiramente à sua disposição, estava decidido a fortalecer a igreja e esmagar a Reforma. Esquecera a declaração da Sagrada Escritura de que o conselho de Deus permanecerá e de que ele fará toda a sua vontade.

John Winram, subprior de St. Andrew’s, estava entre os eclesiásticos; e, para um espírito como o seu, esclarecido pela verdade e secretamente ligado às doutrinas reformadas, aquilo deve ter parecido uma cena de farsa ridícula e crueldade. Já estava convencido de que a Igreja Católica vacilava em seus próprios fundamentos e provavelmente pensava que o primaz diante dele seria o último cuja nomeação receberia confirmação de Sua Santidade em Roma. Raciocinando da causa para o efeito, esse parecia ser o verdadeiro estado das coisas; e Winram não se alegrava menos por isso. Esse digno sacerdote, cuja excelência o próprio Wishart reconhecera e cuja ortodoxia Knox elogiara, detestava tais exibições de crueldade e desejava secretamente a derrubada de todas as fortalezas da superstição. Moderado em seus próprios métodos, preferia proceder por argumentos justos e honestos e considerava, com razão, verdadeiramente lastimável a causa que não pudesse suportar uma investigação calma e sincera. Nesse caso, deve ter contemplado com horror os procedimentos do primaz e, sem dúvida, alegrou-se por não tomar parte ativa no julgamento, além de estar presente.

É preciso confessar, contudo, que a conduta de Winram não parece de todo franca e coerente. Havia muito estava profundamente consciente dos erros de sua igreja; no entanto, encontramo-lo permanecendo nela e presente não só ao julgamento de Wallace, mas também ao de Walter Mill, ocorrido oito anos depois. Quando alguém se convence de que a igreja de que é membro sofreu lamentável declínio; de que suas doutrinas não são apenas perigosas, mas condenáveis; de que tanto sua profissão como sua prática são contrárias às Escrituras; de que ela própria está enganada e procura enganar outros; quando vê que ela se opõe obstinadamente a toda reforma e não apenas mantém seus erros, mas deles se gloria, é seu dever, como homem, cristão, professo da verdade e amante de sua própria alma e da alma dos outros, separar-se de semelhante sociedade corrompida e não ceder em submissão, nem por uma hora, para que o evangelho de Cristo não se torne objeto de escárnio. É dever de cada homem examinar por si mesmo os padrões e doutrinas de toda sociedade cristã e unir-se àquela que julgue mais conforme às Escrituras e mais pura em doutrina e disciplina. Mas não é seu dever

permanecer numa sociedade que comprovadamente se afastou de sua prática original e, sobretudo, da grande autoridade da igreja, as Escrituras da verdade; especialmente se nela vê homens que, surdos a toda admoestação, continuamente justificam e defendem seus erros e procuram disfarçá-los e conciliá-los por raciocínios sofísticos; e se sabe que todos os seus próprios esforços de reforma serão inúteis e tratados com zombaria ou rigor. Mais especialmente ainda é seu dever separar-se de uma sociedade cristã corrompida quando a vê não apenas decidida a sustentar seus erros, mas efetivamente empregando o poder civil para castigar com as mais pesadas penas aqueles que exercem a liberdade sagrada, que lhes pertence por nascimento, de pensar por si mesmos. Mas, por mais longe que essas observações se apliquem em nossos dias, não sejamos precipitados em condenar a conduta de Winram e de outros de seu tempo, colocados em circunstâncias semelhantes. Ao venerarmos os homens ilustres que, na aurora da Reforma, se alistaram sob os estandartes da verdade, não cubramos de censura irrestrita nem privemos de todo louvor aqueles que, menos esclarecidos ou por natureza mais tímidos, tardaram em combater as batalhas do Senhor. O próprio Salvador não rejeitou tais discípulos. Nicodemos, que "foi de noite ter com Jesus", e José de Arimateia, discípulo dele "secretamente, por medo dos judeus", mais tarde declararam sua fé no Mestre, embalsamando e sepultando seu corpo, quando todos os outros discípulos "o haviam abandonado e fugido". Muitos clérigos escoceses favoráveis à Reforma conseguiram conservar seus postos ocultando suas convicções. Entre eles, além do erudito e moderado Winram, estavam Adam Heriot, frade da abadia de St. Andrew's, John Carsewell, reitor de Kilmartin, e John Spottiswoode, pároco de Calder. E os serviços que esses homens e outros prestaram depois à Reforma compensaram amplamente sua tardança em abraçar a causa que, de maneira tão expressiva, trouxe "liberdade ao cativo e abertura das portas da prisão aos que estavam presos".

Parece-nos que nunca houve maior sátira à justiça do que a pretensão da Igreja Romana de julgar hereges. Já condenados pelas leis canônicas, que expressamente declaram que os hereges devem ser punidos com a morte, quão absurdo era os eclesiásticos pretenderem dar julgamento justo a homens que haviam previamente condenado sem cerimônia! Não aludimos aqui à Inquisição nem às formas processuais daquele tribunal infame e sanguinário, cuja história bem conhecida, se nos faltassem outras provas, confirmaria de pronto nossas afirmações por uma multidão de argumentos. Referimo-nos simplesmente aos julgamentos individuais ocorridos na Escócia e em outros países, nos quais os eclesiásticos friamente condenavam seus prisioneiros e os entregavam ao poder secular, sem cerimônia alguma. Observe-se ainda que quase todos esses prisioneiros eram homens havia muito visados pelos prelados, por eles longamente perseguidos e cuja morte já estava resolvida antes da prisão. Não era no mais alto grau ridículo e contrário a toda equidade que esses mesmos prelados, já decididos havia muito a matar o herege, se sentassem, assim prevenidos, como seus juízes? Poderia esperar-se misericórdia de tais juízes? Haveria sequer a menor possibilidade de que as opiniões do prisioneiro fossem examinadas, ou mesmo de que ele fosse ouvido? Não hesitamos em desafiar quem quer que seja a apresentar, nos anais da Igreja Católica deste ou de qualquer país, um único caso em que o prisioneiro tenha sido julgado justa e equitativamente, ou em que os prelados não o houvessem condenado em seu íntimo antes de ser preso. Mal existe um só exemplo de mitigação da sentença, salvo quando a intercessão era muito poderosa; e mesmo esses casos são extremamente raros. Repetimos: era mera zombaria, uma sátira à justiça, pretender julgar com equidade e honra homens cuja morte já fora determinada tanto pelo ressentimento privado como por um zelo desmedido e fanático pela igreja.

Essas observações se confirmam abundantemente no caso do simples, mas íntegro, Adam Wallace. Hamilton já havia determinado a morte do humilde mártir; resolveu começar por ele como exemplo, imaginando que, por ser a vida desse homem amável de pouca importância, seu castigo serviria de freio salutar aos que professavam as doutrinas reformadas. Nenhum prelado da Escócia, exceto Beaton, jamais mostrou maior insensibilidade do que Hamilton nessa ocasião. Sabia bem que Wallace não era capaz de responder aos sofismas e às injúrias de Lauder, o qual, tendo tratado com tamanho ultraje fanático George Wishart, cavalheiro de antiga família e homem instruído, aviltaria ainda mais o "homem

simples" que o temerário primaz mandara prender. Mas, reunidos como estavam, já resolvidos a condená-lo, que poderia ser mais indigno de um homem do nascimento e posição do primaz, de seu caráter de homem e de bispo cristão, do que a conduta que adotou?

Parece que, nessa ocasião, os senhores espirituais e temporais e os reverendíssimos padres tinham outro assunto a tratar antes de proceder ao julgamento de Wallace. Sir John Ker, sacerdote e prebendário da igreja de St. Giles, em Edimburgo, foi citado perante eles para responder a acusações. Foi acusado, considerado culpado e condenado por expedir uma falsa sentença de divórcio, pela qual um homem se separara de sua legítima esposa, e isso em nome do deão de Restalrig e de outros juízes nomeados pelo papa. Ker admitiu o crime, mas alegou que nunca pretendera fazer coisa alguma contra as leis do reino. Foi condenado ao desterro e a perder a mão direita caso voltasse a ser encontrado na Escócia; também foi privado de seus benefícios eclesiásticos, declarados vagos.

Mal se resolveu o caso do prebendário de St. Giles, os dignos padres passaram ao julgamento de Wallace. O pobre homem foi conduzido à igreja e colocado diante de seus juízes eclesiásticos. Lançou os olhos ao redor, mas não com olhar vazio ou distraído. Provavelmente sentiu sua própria insignificância pessoal em comparação com a imponente assembleia diante de si e se admirou de que houvesse tamanha reunião de poder temporal e eclesiástico para condená-lo. Havia, de fato, vivo contraste entre os perseguidores e o perseguido. Aqueles eram orgulhosos, altivos, embora não destituídos de talentos brilhantes; este era pobre, humilde, sem erudição, "mas zeloso na piedade e na retidão de vida". Olhou em torno: diante de si estavam os grandes e nobres; atrás, a numerosa congregação. Não podia deixar de perceber que toda aquela exibição de justiça pelo arcebispo era mera zombaria e que o primaz desejava apenas impressionar o povo pela dignidade da assembleia e pelo grande poder de seus amigos.

Wallace foi colocado diante de Lauder, que exercia a função de acusador público em nome de seu superior de St. Andrew's. A aparência do prisioneiro era extremamente humilde e simples. Lauder perguntou-lhe primeiro o nome; ele respondeu: "Adam Wallace." "Tens outro nome", disse o acusador. "Sim", respondeu, "sou comumente chamado Feane." "Onde nasceste?" "Perto de Fayle, no distrito de Kyle." "Então", disse Lauder, "lamento que um homem tão pobre como tu cause hoje tamanho incômodo a estes nobres senhores com suas palavras vãs." "Devo falar", respondeu Wallace, "conforme Deus me concede graça; e creio não ter dito mal algum para prejudicar ninguém." "Prouvera a Deus", disse o sacerdote fanático, "que nunca tivesses falado! Mas foste trazido aqui por crimes de heresia tão horríveis como jamais se ouviram ou conceberam neste reino; e serão provados de tal modo que não poderás negá-los. Na verdade, duvido até que devam ser ouvidos, para que não arruínem os espíritos fracos; mas nada mais direi. Ouvirás as acusações hediondas que pesam contra ti."

Lauder passou então a ler a denúncia: "Adam Wallace, também chamado Feane, és publicamente denunciado e acusado de sustentar, ensinar e pregar as abomináveis blasfêmias e heresias abaixo escritas:

"1. Disseste e ensinaste que o pão e o vinho sobre o altar, depois das palavras da consagração, não são o corpo e o sangue de Jesus Cristo.

"2. Disseste também, e ensinaste publicamente, que a missa é idolatria e abominável aos olhos de Deus.

"3. Usurpaste publicamente o ofício de sacerdote, sem ter vocação para ele.

"4. Batizaste impiamente um de teus próprios filhos.

"5. Disseste e ensinaste pública e impiamente que não há purgatório.

"6. Sustentaste publicamente que as orações aos santos e pelos mortos são supersticiosas.

"Tu, falso herege, que respondes a estas acusações?"

Wallace ouviu-as novamente, uma por uma, conforme o costume. Ao ser lida a primeira, voltou-se para o regente e os demais nobres e disse: "Meus senhores, nunca disse nem ensinei coisa alguma senão o que

encontrei escrito neste livro" — e apresentou imediatamente uma Bíblia nas línguas inglesa, francesa e holandesa —, "que é a palavra de Deus. Se consentirdes em julgar-me pela palavra de Deus, aqui a tendes; e, pelo que eu houver dito de errado, aceitarei sofrer castigo, pois jamais disse acerca desta acusação coisa alguma que não encontrasse neste livro."

Esse apelo, naturalmente, não podia agradar aos reverendos padres, que nunca pensavam em recorrer à lei e ao testemunho, sabendo muito bem que poucas de suas doutrinas ali se encontravam. "Que disseste?", bradou Lauder, irado. "Disse", respondeu Wallace mansamente, "que, depois de nosso Senhor Jesus Cristo comer o cordeiro pascal em sua última ceia com os apóstolos e cumprir as cerimônias da antiga lei, instituiu um novo sacramento em memória de sua morte, que estava próxima. Tomou o pão, abençoou-o e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo, que será partido e dado por vós. Da mesma forma abençoou o cálice e ordenou que todos dele bebessem, pois era o cálice do Novo Testamento, que seria derramado para remissão dos pecados; e, todas as vezes que fizerdes isto, disse nosso Senhor, fazei-o em memória de mim."

O arcebispo de St. Andrew's, o oficial de Lothian, o deão de Glasgow e os demais prelados, na plenitude de sua sabedoria, não puderam apresentar objeção razoável a essa declaração e responderam: "Sabemos disso muito bem." O conde de Huntly, porém, provavelmente pouco afeito a ficar retido por uma discussão polêmica que pouco lhe importava, disse a Wallace: "Não respondeste à acusação que te é feita; responde sim ou não." Ele tornou a dizer que desejava ter a palavra de Deus por juiz, pois nada dissera nem ensinara senão o que essa palavra o autorizava a fazer; e essa palavra, acrescentou sabiamente, devia ser juiz não só dele, mas de todo o mundo.

O conde de Huntly interveio novamente: "Não tens juiz suficientemente bom na pessoa do arcebispo? Pensas que ele não conhece a Deus e sua palavra? Responde às coisas que se dizem contra ti." O simples mártir, porém, não se deixaria vencer tão facilmente. Declarou que os bispos não podiam ser seus juízes, por serem inimigos declarados das doutrinas que professava; quanto ao senhor governador, duvidava de que tivesse conhecimento para distinguir a mentira da verdade e as invenções dos homens do culto de Deus. O juiz que desejava, declarou outra vez, era o Livro de Deus; e, se pudesse ser convencido de haver dito ou feito algo contrário a esse sagrado padrão, não se recusava a morrer. Mas, se fosse achado inocente, nada tendo dito contra esse livro, então desejava a proteção do governador e da nobreza contra a tirania de homens maliciosos.

Se esperava misericórdia de tais juízes, contudo, estava inteiramente enganado; e seu apelo caiu como água no chão. Os prelados perceberam ao mesmo tempo que tinham de lidar com um homem de disposição singular e resolveram apanhá-lo especialmente em suas ideias sobre o sacramento. Lauder recebeu, pois, instruções para interrogá-lo. "Dizes", falou o acusador, "e tens ensinado que o pão e o vinho no sacramento do altar, depois das palavras da consagração, não são o corpo e o sangue de nosso Salvador Jesus Cristo."

"Nunca disse mais do que dizem as Escrituras", respondeu Wallace, "nem mais do que já declarei. Pois bem conheço as palavras de Paulo: Quem comer deste pão e beber deste cálice indignamente recebe para si condenação. Portanto, quando ensinava, o que fazia raramente e só aos que me pediam, dizia que, se o sacramento do altar fosse fielmente administrado e usado conforme a intenção do Filho de Deus, onde isso se fizesse, ali estaria o próprio Deus, por aquele poder divino pelo qual está em todo lugar, e sua presença sobre todos."

O bispo de Orkney perguntou-lhe então: "Não crês, de uma vez por todas, que o pão e o vinho no sacramento do altar, depois das palavras da consagração, se tornam o próprio corpo e sangue de Deus, carne, sangue e ossos?"

Essa pergunta direta, que afirmava a abominável doutrina da transubstanciação — cuja exigência de fé jamais foi superada como insulto à razão humana —, recebeu do humilde Wallace resposta abrangente. Disse não saber bem o que significava a palavra consagração. Não era profundo conhecedor do latim,

mas cria que o Filho de Deus fora concebido pelo Espírito Santo, nascera da Virgem Maria e possuíra um corpo natural, com mãos, pés e outros membros; que nesse mesmo corpo agira no mundo, pregara e ensinara, sofrera a morte sob Pôncio Pilatos, fora crucificado, morto e sepultado; e que por seu poder onipotente ressuscitara esse corpo ao terceiro dia; que esse mesmo corpo subira ao céu e agora está à direita de Deus Pai, de onde virá novamente julgar os vivos e os mortos. E que esse corpo natural não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, o próprio Salvador mostrou claramente, pelo que sejam dadas graças eternas ao seu santo nome; pois, quando a mulher derramou sobre ele o unguento e os discípulos murmuraram, disse: "Os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes", referindo-se ao seu corpo natural. Também, por ocasião de sua ascensão, disse aos discípulos, que, por amor a ele, desejariam tê-lo sempre consigo corporalmente: "É necessário para vós que eu vá, pois, se não for, o Consolador, o Espírito Santo, não virá a vós" — significando que seu corpo natural devia ser retirado deles —; "mas sede firmes e tende bom ânimo, pois estou convosco todos os dias, até o fim do mundo". E, para concluir, que o comer de sua própria carne nada aproveita pode ser conhecido por suas palavras, registradas no sexto capítulo do Evangelho de João: depois de dizer "Se não comerdes minha carne e beberdes meu sangue, não tereis vida em vós", e de os discípulos murmurarem por causa de suas inclinações carnais, acrescenta: "Que pensareis quando virdes o Filho do Homem subir ao lugar de onde veio? É o Espírito que vivifica, pois a carne nada aproveita."

Os reverendos padres ouviram essa exposição com espanto. A demonstração clara e prática, porém, não lhes aproveitou; apenas os confirmou ainda mais na decisão de matar o prisioneiro. "É uma heresia horrível!", exclamou o bispo de Orkney. Wallace tentou falar novamente e pediu ao senhor governador que julgasse se falara de acordo com as Escrituras; mas foi interrompido. Lauder exclamou: "Ad secundam" — ao segundo artigo —, e o arcebispo, cuja paciência já estava quase esgotada, fez eco: "Nunc ad secundam" — agora, ao segundo.

Exigiu-se então que Wallace atentasse para o segundo artigo, relativo à missa. Respondeu que lera a Bíblia em três línguas e que, até onde as compreendia, jamais encontrara nelas a palavra missa. Aquilo que os homens tinham em maior estima, disse, era frequentemente abominação aos olhos de Deus; e, como a missa era altamente estimada e não se fundava nas Escrituras, declarou que era idolatria e abominável aos olhos de Deus. Ofereceu-se para provar suas afirmações; se não o conseguisse, confessaria os erros e se submeteria ao castigo legítimo; de outro modo, puni-lo seria injustiça. Os prelados, porém, não aceitaram o desafio. "Ad tertiam" — ao terceiro —, exclamou o arcebispo, enquanto todos os prelados gritavam: "Heresia, heresia! Seja condenado!"

Acusaram-no em seguida de assumir o ofício de pregador sem ser legitimamente chamado para ele. Respondeu que nunca se julgara digno de vocação tão excelente como a de pregador, nem jamais presumira pregar; admitia apenas que, em alguns lugares particulares, por vezes lera porções das Escrituras e fizera breves comentários aos que desejassem ouvi-lo. Lauder logo lhe disse que não devia ter-se ocupado das Escrituras; ele respondeu, porém, que considerava dever de todo homem buscar o conhecimento da palavra de Deus e a certeza da própria salvação, que somente nas Escrituras se encontrava. Um dos presentes perguntou o que restaria aos bispos e sacerdotes fazer, se todo homem se tornasse um tagarela da Bíblia. Wallace respondeu-lhe: "Convém que fales com maior reverência de Deus e de sua santa palavra; e, se o juiz procedesse retamente, te castigaria por tua blasfêmia. Quanto à tua pergunta, digo que, ainda que tu e outros cinco mil lêsseis a Bíblia e juntos fizésseis profissão de fé segundo ela, ainda deixaríamos aos bispos mais do que podem ou querem realizar. Pois lhes deixamos a pregação do evangelho de Cristo e o pastoreio de seu rebanho, que ele remiu com seu próprio sangue, encargo bastante pesado; tampouco lhes fazemos injustiça ao desenvolver nossa própria salvação, na medida de nossas forças."

Quanto à acusação seguinte, a de batizar seu próprio filho, respondeu que lhe era tão lícito fazê-lo, quando não conseguia um ministro que o fizesse, como fora a Abraão circuncidar Ismael e os demais de sua casa.

Lauder dirigiu-se então a Wallace pela última vez: “Pregaste e ensinaste publicamente vários outros grandes erros e abomináveis heresias contra todos os sete sacramentos, que, por falta de tempo, omito e deixo de lado. Admitirás ou não os artigos mencionados, quando os ouvires de novo?” Leu então novamente os diversos artigos contra ele e perguntou se os admitia ou negava.

A resposta de Wallace foi simples, piedosa e sem afetação: “Já dei minhas respostas”, disse, “e nada afirmei contra a santa palavra de Deus; se o fiz, que Deus me julgue e minha própria consciência seja minha acusadora. Se estou errado, desejaria permanecer até ser mais bem instruído pela santa palavra. Mas, se me condenardes, meus senhores, por conservar firmemente a revelação de Deus, meu sangue inocente será requerido de vossas mãos, e sereis levados ao tribunal de Cristo, poderoso para defender minha causa inocente; diante dele não podereis negá-la nem resistir à sua terrível ira. A ele entrego a vingança, como está escrito: ‘Minha é a vingança, e eu retribuirei, diz o Senhor.’”

Sua morte, porém, estava decidida, e o apelo foi vão. Moldados em dureza, os corações dos juízes não sentiram piedade; antes, pensavam prestar serviço a Deus com a morte daquele homem amável. Lauder o condenou como herege obstinado e o entregou ao poder secular, com a aprovação de todos os prelados e do regente do reino. Sir John Campbell de Lundy, juiz-adjunto, condenou-o a morrer na fogueira, e ele foi confiado à custódia do principal magistrado de Edimburgo, para ser queimado no Castle-hill no dia seguinte. A assembleia se desfez, e Wallace foi conduzido à prisão para passar a noite, fortemente agrilhoado nas pernas e no pescoço.

Assim terminou, na igreja dos dominicanos de Edimburgo, o julgamento de Adam Wallace, primeira vítima da crueldade de Hamilton e de seu zelo desmedido pela igreja. Os dignitários reunidos naquela ocasião eram homens da maior influência no reino, convocados por Hamilton sob a autoridade de seu irmão, o regente, para fazer vã ostentação e incutir terror no espírito dos reformadores. Excetuados Winram e o prior de St. Andrew’s, todos ouviram a sentença com extrema insensibilidade; nem sequer um suspiro de compaixão lhes escapou diante do miserável destino daquele infeliz. Mortos para todo sentimento de simpatia, contemplaram seus atos com a maior complacência e deixaram a igreja dos dominicanos felicitando-se mutuamente.

Não se passava o mesmo, porém, com os espectadores. Horrorizados pela crueldade da sentença e exasperados por aquela exibição de tirania, julgavam, com razão, que voltariam a experimentar o domínio de ferro do cardeal Beaton, e temiam as consequências. Ocultavam o ressentimento, mas estavam ainda mais convencidos da injustiça de seus governantes. Em todos os casos deve ser evitada a perseguição por diferenças religiosas; mas, quando ela chega à privação da vida por morte cruel e demorada, ou mesmo a qualquer espécie de castigo, tanto mais deve ser execrada por todo amante da verdade, da liberdade e de sua pátria. Grande é a verdade, e prevalecerá; mas os que tentam estabelecer seu poder pela intolerância e suas opiniões pela espada do magistrado civil acabarão frustrados em suas expectativas e se verão miseravelmente enganados.

Preso em ferros como vil malfeitor e lançado numa masmorra da prisão de Edimburgo, jazia Adam Wallace na noite seguinte ao julgamento, mais uma vítima da tirania e fúria papistas. Provado, mas não abandonado; abatido, mas não destruído: como os servos perseguidos do Altíssimo nos dias antigos, olhava para o céu, esmagado pelos sofrimentos, e ali encontrava consolações que o mundo não pode dar nem tirar. Fizera soar aos ouvidos dos perseguidores a ameaça do céu e bem sabia que ela se cumpriria: “Minha é a vingança, e eu retribuirei, diz o Senhor.”

Um sacerdote chamado Hugh Terry ficou encarregado de Wallace naquela noite; e também ele, acrescentando insulto à crueldade, enviou dois franciscanos para instruí-lo. Wallace recusou suas instruções, e eles logo partiram. Algum tempo depois foram-lhe enviados dois dominicanos, um frade inglês e um sacerdote chamado Abercromby; o mártir, porém, recusou todos, exceto o frade inglês. Com este teria conversado de boa vontade e declarado sua fé nas Sagradas Escrituras; mas o frade respondeu não ter autorização para entrar em disputa com ele, e retirou-se com os companheiros.

Os sacerdotes, contudo, estavam decididos a reconduzi-lo, se possível, e parecem ter sido incansáveis em seus esforços. Pouco depois da partida dos frades, visitou-o o deão de Restalrig, homem de grande saber e até bem instruído nas Escrituras. Deu ao mártir consolação cristã, mas o exortou a crer na realidade do corpo de Cristo no sacramento após a consagração. Wallace não se deixou persuadir. Não assentiria em nada além do que ensinavam as Escrituras, nem creria no que bem sabia ser abominável a Deus. Vendo inúteis suas exortações, o deão logo o deixou, lamentando também encontrá-lo tão obstinado em suas opiniões.

Wallace passou a terrível noite que precedeu sua execução em exercícios de fervorosa piedade e devoção. Aprendera de cor quase todos os Salmos e se entregava continuamente ao louvor e à oração. Costumava levar a Bíblia consigo aonde quer que fosse; seus perseguidores, porém, depois da condenação, a tomaram e destruíram. Terry, seu carcereiro fanático, tratou-o com a mais bárbara violência. Julgando que ainda escondia consigo alguns livros de doutrina herética, entrou na cela e o revistou. Encontrou breves exortações escritas por adeptos das doutrinas reformadas. Tomou-as, cobrindo-o dos mais indecorosos e injuriosos epítetos e até procurando tentá-lo com suas provocações. Tal foi a conduta desumana desse sacerdote, que invadiu o recolhimento do prisioneiro e amargurou suas últimas horas com censuras indecentes. Semelhante conduta merece execração: é pior que selvagem, assemelha-se ao ato de um louco. Negou-se a Wallace a última consolação e, em certa medida, impediu-se até que fizesse as pazes com o céu, de que Terry, ao enviar sacerdotes para instruí-lo, mostrava julgá-lo tão necessitado.

Na manhã seguinte fizeram-se os preparativos para a execução da sentença, que ocorreria à tarde no Castle-hill. Todo o encargo, como já dissemos, fora confiado ao principal magistrado de Edimburgo, que no desfecho parece ter-se mostrado tão perseguidor em espírito quanto seus superiores. Durante o dia, porém, os juízes de Wallace deixaram a cidade: o regente e seu irmão, o arcebispo, partiram para suas respectivas residências; os bispos e dignitários da igreja, para seus diversos lugares. O prisioneiro estava agora nas mãos do poder civil; e, tendo a sentença a autoridade do regente, o magistrado de Edimburgo respondia por ele. A presença dos juízes, de fato, pouco importava. Os prelados partiram em triunfo. Deixavam atrás de si um monumento de seu poder que, em vão acreditavam, seria salutar ao povo e aumentaria a estabilidade da igreja.

O deão de Restalrig visitou Wallace mais uma vez naquela manhã, na esperança de encontrá-lo mais disposto a ceder. Também nisso se decepcionou. Em vão lhe falou de falsa doutrina e do perigo para sua salvação; em vão lhe ofereceu até a esperança de mitigação da sentença, caso se retratasse. Wallace tornou a responder que nada diria acerca de sua fé senão o que as Escrituras testificavam; nem se deixaria persuadir do contrário, ainda que um anjo do céu o tentasse. Não obstante, sentiu gratidão pelo deão e lhe agradeceu os conselhos cristãos que dera para sustentar sua firmeza, rogando apenas que seus olhos fossem abertos para contemplar a luz da verdade.

Walter Mill

Walter Mill nasceu por volta de 1476, de pais em condição respeitável. Recebeu sua educação na Universidade de Aberdeen, recentemente fundada pelo bispo Elphingstone. A nação permanecia então segura em sua devoção à Igreja de Roma, sem ser agitada por heresias; e os prelados, como os israelitas de outrora, faziam “cada um o que era reto aos seus próprios olhos”. As opiniões de Lutero ainda não haviam penetrado na Escócia, e Mill foi, por conseguinte, educado com todo o rigor na religião papista. Na idade prescrita pelo direito canônico, recebeu as ordens, mas não estava ligado a nenhum mosteiro em particular.

Pouco depois foi nomeado sacerdote oficiante de Lunan, no condado de Angus, ou, como agora é chamado, Forfar. Não se sabe de que modo desempenhou a princípio suas funções clericais; muito provavelmente, porém, assemelhava-se aos demais irmãos, que não eram “demasiadamente justos”. Seja

como for, é certo que, por volta do martírio de Patrick Hamilton, foi levado a examinar as opiniões pelas quais aquele nobre jovem sofrera; e, como aconteceu com muitos outros, esse exame terminou na convicção da verdade.

Mill não teve oportunidade de conversar com nenhum dos principais reformadores; estudou, porém, cuidadosamente as Escrituras, e elas logo lhe abriram os olhos para reconhecer seus erros. Com toda a sinceridade e franqueza que caracterizam um espírito íntegro, percebeu que era seu dever pregar as doutrinas em que agora cria, sob pena de incorrer na acusação de não ser ministro fiel do Novo Testamento. Deixou, portanto, de celebrar a missa, por julgá-la grosseira idolatria, e dedicou-se inteiramente à pregação e à instrução de seus ouvintes.

Tal conduta era demasiado manifesta para passar despercebida naqueles dias; por isso Mill foi denunciado ao arcebispo de St. Andrew's como pregador de doutrinas heréticas. Isso ocorreu em 1538. James Beaton, tio do cardeal, ocupava então o primado; e, tendo por conselheiro o cardeal, que de fato governava a sé, enviou-se a Mill uma citação para comparecer em St. Andrew's e responder a determinadas acusações. O destino de Patrick Hamilton e de outros estava, porém, diante de seus olhos; e ele julgou mais prudente escapar às chamas e buscar segurança na fuga.

Mill retirou-se para o continente e por fim encontrou refúgio durante algum tempo na Alemanha, onde, convivendo com Zuínglio, Ecolampádio e outros, foi mais plenamente instruído nas doutrinas da Reforma. Enquanto esteve na Alemanha, pregou ocasionalmente e acabou por separar-se inteiramente do sacerdócio romano ao contrair matrimônio. Não se considerava, contudo, separado do ministério do Novo Testamento. Sentia o espírito arder com indescritível fervor para tornar conhecidas a seus compatriotas as bênçãos daquele evangelho que experimentara tão eficaz em sua própria alma.

Esse sentimento é natural ao homem que conheceu a bondade de Deus. Não pode permanecer em comodidade covarde enquanto vê outros perecerem por falta de conhecimento. Conhecendo bem o valor infinito de uma só alma imortal; sabendo que há alegria no céu até por um único pecador que se arrepende; sabendo, sobretudo, que os que ganham almas são sábios e que os instrumentos de conduzir muitos à justiça brilharão como as estrelas para todo o sempre, sente a influência do amor redentor sobre sua alma e arde de santo fervor na sagrada causa. Isso não é fanatismo nem loucura religiosa, como o mundo o chama. Não é esse homem um crente nas Sagradas Escrituras? Certamente; e, por isso, sabe que as fortalezas do pecado devem ser derrubadas, que se deve combater a maldade espiritual nas regiões elevadas e que o homem do pecado deve ser despedaçado. Como, então, se realizarão essas coisas? Por milagres? Não, em verdade: sua era passou para sempre. Por maravilhosas intervenções do céu? Não, em verdade: nenhuma outra se verá até os últimos dias. Mas é por meios humanos que Deus agora executa tudo quanto acontece, meios que predestinou como partes integrantes do próprio acontecimento.

Foi, portanto, com esse sentimento que Mill regressou à pátria por volta de 1556. A princípio manteve-se retirado; ainda assim, sentia ser seu dever instruir secretamente muitos no conhecimento de Deus e levantar a voz contra os vícios da época. Isso, porém, não podia passar despercebido por muito tempo; e, à medida que se tornava mais conhecido por passos mais ousados e pela proclamação de verdades nada agradáveis ao clero, este começou a voltar para ele sua atenção. Informado das intenções dos clérigos, julgou mais prudente mudar de residência. Não sabemos se sua esposa veio com ele da Alemanha ou se morreu antes de sua partida; esta última hipótese é a mais provável.

Tal estado de coisas perdurou por algum tempo, até 1559, quando o arcebispo Hamilton se exasperou com seu fracasso em conseguir que os nobres protestantes dispensassem seus pregadores. Conhecendo a situação da rainha-regente, que, embora católica devota, julgava ser de seu interesse lisonjear os reformadores, e sabendo-se inteiramente incapaz de agir pela força contra nobres da maior influência, o primaz deixou-se arrebatar para além de todos os limites da moderação. A violência indecorosa que demonstrava era a de um homem alheio a todo senso de virtude; e, no entanto, não sabia o que fazer.

Seus inimigos, os pregadores, eram abrigados nos castelos da nobreza, e atacá-los seria atacar os próprios senhores. Percebia ser inútil perseguir o povo: primeiro, porque isso estava fora de seu poder; segundo, porque o povo começara a ser tão astuto quanto ele; e, por fim, porque o primaz tinha o povo em demasiado desprezo. O primaz estava realmente sem saber o que fazer ou como satisfazer sua malignidade.

Hamilton não ignorava a conduta de Mill; ainda assim, se houvesse encontrado outras oportunidades de satisfazer sua ira, muito provavelmente a extrema velhice do mártir, então em seu octogésimo segundo ano, e sua fraqueza o teriam resguardado da hostilidade do primaz. Não foi isso, porém, o que sucedeu. Alguém o informou de que o velho sacerdote se encontrava em Dysart, e nosso primaz resolveu imediatamente fazer dele um exemplo. O antigo processo iniciado pelo cardeal Beaton foi reaberto contra Mill; e, após diligente busca, ele foi finalmente preso, por instância do arcebispo, por sir George Strachan e sir Hugh Torry, na cidade de Dysart, em Fife. Foi levado imediatamente à cidade de St. Andrew's e ali mantido sob rigorosa custódia.

Como o primaz julgava que uma retratação pública poderia beneficiar a igreja tanto quanto sua morte, a princípio foi incansável em tentar persuadi-lo. Os sacerdotes o cercaram e primeiro o ameaçaram com as mais horríveis torturas, caso não se retratasse; mas, vendo inúteis as ameaças e percebendo que a constância do mártir não se abalaria por tais meios, recorreram por fim à lisonja, prometendo-lhe morada na abadia de Dunfermline por toda a vida, se assinasse a retratação. A medida teve pouco mais êxito; decidiu-se, portanto, proceder contra ele segundo as leis da igreja.

O mártir conhecia bem seu destino, mas conservou admirável constância. Sabia em quem havia crido, e sua fé o sustentava em toda provação. Passemos, pois, a delinear os últimos momentos de um homem "de cujas cinzas", diz Fox em sua maneira simples, "brotaram na Escócia milhares de pessoas de sua religião e opiniões, que, em conjunto, preferiram morrer a continuar pisadas pela tirania dos já mencionados bispos, abades, monges e frades cruéis e ignorantes. E assim começou a congregação da Escócia a defender a verdadeira religião de Cristo contra os franceses e os papistas, que sempre procuravam oprimi-la e abatê-la; pois isso começou pouco depois do martírio de Walter Mille, cuja forma se segue".

Com secreta complacência, o arcebispo Hamilton contemplava o efeito da execução de Mill. Imaginava ver os pregadores protestantes mudos de consternação, os amigos da Reforma tremendo por sua segurança e a igreja e seu próprio poder adquirindo nova estabilidade. Logo, porém, foi convencido da falsidade de suas conjecturas; e teve o desgosto de saber que, se houvesse sido mais moderado, poderia, humanamente falando, ter conservado por mais tempo seu poder, sem se tornar tão odioso ao povo a ponto de apressar a própria destruição.

Tendo Mill recusado firmemente retratar-se, convocou-se uma assembleia do clero para proceder contra ele. Compunha-se de diversos dignitários. O arcebispo presidia em pessoa e, ao seu lado, sentavam-se os bispos de Moray, Brechin, Caithness e outros; os abades de Dunfermline, Lindores e Cupar; vários doutores de teologia da universidade; John Grierson, dominicano; John Winram, subprior da abadia; William Cranston, subprior do antigo colégio; e outros ligados à cidade. Ordenou-se que Mill fosse retirado da prisão e trazido à presença deles.

Os prelados reuniram-se na igreja metropolitana, e ali o mártir foi levado a julgamento em 20 de abril de 1559. Com a aparência de um velho pobre e debilitado, despertou compaixão geral nos espectadores; tão desamparado parecia que muitos duvidavam de que pudesse defender-se. Mandaram-no subir a um púlpito preparado para a ocasião, mas estava tão fraco que precisou de ajuda. Olhou ao redor, sem se intimidar com a assembleia, e então caiu de joelhos, oferecendo fervorosas orações ao Deus de toda consolação.

Um sacerdote chamado sir Andrew Oliphant logo lhe ordenou, sem muita cerimônia, que se levantasse e respondesse às acusações. O mártir obedeceu, mas falou com uma voz que espantou os espectadores e

desconcertou os acusadores. “Sir Walter Mill”, gritou Oliphant, “levantai-vos e respondei aos artigos, pois retendes aqui meu senhor arcebispo por tempo demais.” Mill olhou-o com um sorriso de compaixão. “Devemos obedecer a Deus”, respondeu, “antes que aos homens. Sirvo a alguém mais poderoso, o Deus Todo-Poderoso; e, embora costumeis chamar-me sir Walter, não me chameis mais assim. Já fui por tempo demais um dos cavaleiros do papa. Agora, dize o que quiseres.”

Citaremos de Fox esse interrogatório, extremamente singular; ele diz tê-lo recebido ex testimoniis et literis e Scotia petitis — de testemunhos e cartas solicitados à Escócia. O relato oferece uma amostra da concisão natural de Mill e da agudeza de suas observações; ao mesmo tempo, mostra a injustiça dos sacerdotes ao levar a julgamento homens com quem nunca argumentavam lealmente.

Foi conduzido por Oliphant, que iniciou o interrogatório com a seguinte pergunta:

“Que pensas do casamento dos sacerdotes?”

“Considero-o um vínculo abençoado”, respondeu Mill, “pois o próprio Cristo o sustentou e aprovou e também o tornou livre a todos os homens. Vós, porém, não o julgais livre para vós: aborreceis o matrimônio e, enquanto isso, tomais as mulheres e as filhas de outros e não guardais o vínculo que Deus estabeleceu. Fazeis voto de castidade e o quebrais. Paulo preferia casar a abrasar-se, e foi o que fiz, pois Deus nunca proibiu o casamento a homem algum, qualquer que seja seu estado ou condição.”

“Dizes”, prosseguiu Oliphant, “que não há sete sacramentos?”

“Dai-me a Ceia do Senhor e o Batismo e tomai o restante, repartindo-o entre vós; pois, se são sete, por que omitistes um deles, a saber, o matrimônio, e vos entregais a uma devassidão escandalosa e ímpia?”

“És contrário ao bendito sacramento do altar e dizes que a missa é errada e é idolatria?”

“Um senhor ou um rei”, respondeu Mill, “manda convidar muitos para um banquete; quando a refeição está pronta, faz tocar o sino, e os homens vêm ao salão e se sentam para participar dela. Mas o senhor lhes volta as costas e come tudo sozinho; assim fazeis vós.”

“Negas que o sacramento do altar seja o próprio corpo e sangue de Cristo?”

“A Escritura de Deus não deve ser entendida carnalmente, mas espiritualmente, e se firma somente na fé. Quanto à missa, ela é errada, pois Cristo foi oferecido uma única vez na cruz pela transgressão do homem e jamais será oferecido de novo, porque ali pôs fim a todo sacrifício.”

“Negas o ofício de bispo?”

“Afirmo que aqueles a quem chamais bispos não fazem obras de bispo nem exercem o ofício como Paulo ordena ao escrever a Timóteo. Vivem, porém, segundo seus próprios prazeres sensuais, não cuidam do rebanho nem têm consideração pela palavra de Deus; desejam antes ser honrados e chamados de meus senhores.”

“Falas contra as peregrinações e as chamas de peregrinações à devassidão?”

“Afirmo e digo que não são ordenadas nas Escrituras e que em parte alguma há maior devassidão do que em vossas peregrinações, exceto nos prostíbulos públicos.”

“Pregas secreta e particularmente nas casas e abertamente nos campos?”

“Sim, homem, e também no mar, navegando num navio.”

“Não te retratarás de tuas opiniões errôneas? Se não o fizeres, pronunciarei sentença contra ti.”

“Sou acusado com risco de minha vida; portanto, como Cristo disse a Judas, Quod facis, fac citius — o que fazes, faze-o depressa. Sabereis que não me retratarei da verdade, pois sou grão, não sou palha: não serei levado pelo vento nem partido pelo mangual. Suportarei ambos.”

Assim terminou o interrogatório, e é fácil conceber como essas respostas agravaram a culpa do mártir aos olhos dos perseguidores. Deve-se observar que não tentam argumentar com ele nem corrigir o que consideram suas opiniões errôneas; ao contrário, passam de um artigo a outro sem fazer a menor observação sobre qualquer ponto. Essa, porém, é a natureza do catolicismo romano, que não suporta uma investigação segundo o padrão da verdade.

Fox informa que seus perseguidores repetiram essas coisas deliberadamente, "juntamente com outras futilidades insignificantes, para avolumar suas pequenas acusações". A paciência dos reverendos prelados estava agora esgotada; Oliphant recebeu ordem de pronunciar sentença contra o velho mártir, entregando-o ao poder secular para sofrer a morte como herege obstinado.

A intrepidez e a fervorosa piedade de Mill, porém, juntamente com sua aparência venerável, despertaram toda a compaixão dos espectadores. A cidade inteira de St. Andrew's estava unanimemente a seu favor; e esse sentimento prevaleceu a tal ponto que o arcebispo não conseguiu um juiz civil que o condenasse. Patrick Learmont, administrador de sua jurisdição senhorial e principal magistrado da cidade, para grande honra sua, recusou-se a apoiar o procedimento e, para evitar o ódio ligado àquele ato, deixou precipitadamente a cidade. Nem mesmo o camareiro do arcebispo consentiu em condená-lo; "e toda a cidade ficou tão ofendida com sua injusta condenação que os servidores do bispo não conseguiram comprar, por seu dinheiro, sequer uma corda para atá-lo ao poste, nem um barril de alcatrão para queimá-lo, sendo obrigados a cortar as cordas do próprio pavilhão de seu senhor para esse fim".*

Os prelados ficaram então paralisados, sem saber o que fazer. O arcebispo, contudo, estava resolvido a matá-lo e, por fim, de maneira inteiramente ilegal, conseguiu por suborno que um de seus próprios servidores, chamado Alexander Sommerville, atuasse como juiz temporal. A fogueira foi preparada no mesmo dia de sua condenação; e, por esse indigno servidor de Hamilton, o venerável mártir foi conduzido para receber a coroa da glória.

James Stuart conde de Moray

Este nobre era filho ilegítimo de James V, rei da Escócia, e de uma senhora de nobre e antiga família, Margaret Erskine, filha de John, quinto conde de Mar e quarto lorde Erskine desse sobrenome.

James V tinha seis filhos naturais. Destinava os filhos varões à Igreja e, assim, enriquecia seus cofres, conferindo-lhes ricos benefícios à medida que ficavam vagos e adquirindo, desse modo, o direito de receber suas rendas enquanto os titulares fossem menores de idade. O priorado de St. Andrew's, então vago, foi concedido a esse filho, que contava apenas três anos. Essa apresentação conferia a James o direito de receber as rendas. O priorado era quase tão rico quanto a sé primacial e ocupava, depois dela, o primeiro lugar em dignidade. Os priores de St. Andrew's tinham o direito de trajar vestes esplêndidas e ornamentos eclesiásticos nas ocasiões solenes, bem como de preceder todos os demais dignitários de igual categoria.

Desconhecem-se a história dos primeiros anos do prior e a maneira como foi educado; nem sequer se acham registrados o tempo e o lugar exatos de seu nascimento. Descobriu-se recentemente, com base no testemunho do bispo Leslie, que nasceu em 1532 ou, segundo nosso cômputo, em 1533.[N01] Pode-se observar, contudo, que desde cedo manifestou os talentos pelos quais se distinguia a casa de Stuart. Assim que atingiu a maioridade, percebeu que a ociosidade e a monotonia da vida eclesiástica não se ajustavam às suas inclinações, e via com desagrado uma profissão que o condenava a um repouso sem glória.

Em abril de 1548, a Escócia foi invadida por lorde Grey de Wilton; nessa ocasião, Haddington foi tomada e fortificada, e a região adjacente, devastada. Ao mesmo tempo, lorde Clinton, o almirante inglês, entrou com uma esquadra no estuário do Forth e efetuou um desembarque na costa de Fife. Foi nessa ocasião

que se deu a primeira aventura do prior, então com dezesseis anos de idade. Residia nessa época em Fife, provavelmente perto de St. Andrew's, e, por sentir aversão à profissão eclesiástica, resolveu aproveitar a oportunidade de mostrar seu valor. Os ingleses, sob Clinton, haviam avançado consideravelmente pelo interior, sem encontrar oposição; mas um pequeno grupo de homens dedicados, sob o comando do jovem prior, preparou-lhes uma emboscada para o regresso, na qual caíram; e, depois de sofrerem grande mortandade, alcançaram seus barcos com muita dificuldade. Foi esse o primeiro feito do prior, no qual demonstrou não pouca coragem pessoal e conhecimento da tática militar.

Por esse tempo, a jovem rainha partiu para os domínios franceses, acompanhada de numeroso séquito; seu irmão, o prior, que então se encontrava no décimo sétimo ano de vida, também se juntou à comitiva. Diz-se que permaneceu algum tempo na França. Mas, mesmo nessa tenra idade, suas capacidades se manifestaram de maneira singular, e seus inimigos lhe prestaram um elogio involuntário. Afirmou-se que, por essa época, assumira um compromisso secreto com o governo inglês para promover uma conspiração; contudo, jamais se comprovou a acusação por qualquer prova satisfatória, e não existem documentos autênticos sobre o assunto. É incerto quanto tempo permaneceu na França. Foi para lá com Mary em 1548; encontramo-lo na Escócia em 1549 e novamente em Paris em 1552. É provável que tenha feito várias viagens àquele país; em todo caso, a circunstância de ter estado na Inglaterra nesse período e a hospitalidade com que foi recebido pelo soberano inglês são as únicas fontes dessa débil calúnia. A ideia de um jovem de dezessete anos entrar numa conspiração como agente de um governo estrangeiro, quando, ao mesmo tempo, não possuía influência em sua própria terra, sendo desconhecido e desconsiderado, é demasiado ridícula para ser admitida por um instante.

À medida que o prior crescia, aumentava sua antipatia pela profissão eclesiástica, e parece ter considerado seu priorado apenas como uma herança temporal, cujos principais negócios eram administrados pelo subprior, o célebre John Winram. Não dava atenção aos sínodos do clero, nos quais ocupava posição de não pequena importância; e diz-se que manifestou ainda mais seu desagrado pela vida sacerdotal ao cogitar de uma aliança matrimonial. A senhora escolhida foi a herdeira de Buchan, e subsiste um curioso documento: um contrato recíproco celebrado pelos parentes de ambas as partes, segundo o qual o prior, ou um de seus irmãos, realizaria o casamento projetado quando a senhora completasse doze anos.

Nas intrigas entre o partido da rainha-mãe e o do regente, destinadas a privar este último de seu cargo, o prior parece não ter tomado parte. Não é improvável que estivesse na França durante esse período, pois parece ter-se reconciliado com os franceses, a quem de início julgara conveniente mostrar aversão; e seu estreito parentesco com a família real lhe assegurava considerável proteção em todos os negócios dela. Além do rico priorado de St. Andrew's, adquiriu o de Pittenweem e diversos outros benefícios, tanto no país como no estrangeiro. Aceitou o rico priorado de Mascon, na França, in commendam, com dispensa para deter três benefícios, apesar de sua ilegitimidade; e, por esses favores, prestou juramento de fidelidade ao papa Paulo III em 1544.[N02]

Depreende-se do ato do conselho de 1555 que se ordenou a construção de um forte em Kelso, talvez com o propósito de formar uma linha defensiva ao longo das fronteiras do reino escocês. Para esse fim, impôs-se um tributo de 20.000 libras escocesas, cerca de 1.600 libras esterlinas, cuja metade seria cobrada da Igreja. O prior supervisionava o forte; e, em julho de 1557, com uma força reunida principalmente em Mid Lothian e algumas peças de artilharia, fez uma súbita incursão na Inglaterra, acompanhado de seu irmão, lorde Robert Stuart, abade de Holyrood-house e posteriormente conde de Orkney, e de lorde Home. Mas regressaram com igual rapidez, sem realizar qualquer feito considerável ou ocasionar danos de importância.

Para se livrar de todas as restrições peculiares à profissão clerical, o prior, assim que se celebrou o casamento de Mary com o delfim, solicitou à rainha o condado de Moray. O último conde, filho natural

de James IV e de uma filha de lorde Kennedy, morrera no castelo de Tarnaway em 12 de junho de 1554; e, pela natureza da lei escocesa, o condado revertera à Coroa. Sua administração foi conferida ao conde de Huntly, que sucedera ao cardeal Beaton no cargo de lorde alto chanceler. Huntly era um dos mais poderosos chefes do norte, e o condado foi entregue a seus cuidados por uma carta datada de 13 de fevereiro de 1548–9.[N03] Algum tempo depois, porém, foi privado do condado, sem que se possa determinar a causa. Quando o prior apresentou sua solicitação, Mary, aconselhada pela mãe, recusou o pedido, recomendou-lhe que permanecesse na Igreja e ofereceu-lhe um bispado na França ou na Escócia. Ele rejeitou a proposta e se ofendeu com a intromissão da rainha regente; daí, segundo se diz, embora sem provas, teria procedido sua futura oposição ao governo dela.

Assim que se celebrou o casamento da rainha com o delfim, a corte francesa revelou suas pérfidas intenções, formulando exigências de natureza extraordinária. Primeiro haviam induzido a rainha a assinar certos documentos que, por sua natureza, subvertiam a independência escocesa; e, terminadas as festas, o chanceler da França solicitou aos comissários que entregassem ao delfim as insígnias reais da Escócia, para que o príncipe fosse coroado rei daquela nação. Os embaixadores responderam que não haviam recebido do Parlamento instruções sobre tais assuntos.

A resposta firme, mas respeitosa, do prior e de seus colegas mostrou aos franceses que não consentiriam em nada que pudesse produzir qualquer alteração na ordem de sucessão à Coroa. Foram prontamente dispensados da corte e se prepararam para embarcar rumo à Escócia, com a grata convicção de não terem sacrificado a independência de seu país. Antes do embarque, porém, quatro dos comissários e muitos de seus acompanhantes morreram subitamente; e corria a notícia de que os franceses se haviam vingado, ministrando-lhes veneno. A suspeita era tanto mais forte quanto, naquele momento, não grassava no país nenhuma doença pestilencial; “e até Mezeray, o historiador francês”, diz Keith, “parece admitir a suspeita de envenenamento, por maquinação do duque de Guise e de seu irmão, para impedir que esses comissários se opusessem às medidas que pretendiam tomar contra este reino”. Diz-se que o prior de St. Andrew’s também provou a mesma poção e só escapou à morte em razão de sua robusta constituição. Seus efeitos perniciosos, porém, produziram uma enfermidade à qual ficou sujeito pelo resto da vida. Lindsay de Pitscottie diz “que os médicos suspenderam o prior pelos calcanhares, para que o veneno escorresse para fora de seu corpo”.

Os deputados restantes chegaram em segurança a Montrose e seguiram imediatamente para Edimburgo, onde se convocou um Parlamento em 29 de setembro de 1558; ali se reuniram sete bispos, dezesseis abades, treze condes, quinze lordes, dois masters e dez representantes dos burgos.[N04] Apesar da cautela e da relutância demonstradas pelos deputados escoceses, a facção francesa, sob a influência da rainha regente, ousou apresentar a exigência no Parlamento. O duque de Chatelherault era o herdeiro imediato da Coroa, na falta de Mary e de sua descendência. Sendo, portanto, incompleto o direito do delfim, a corte francesa formulou, em nome dele, um pedido formal da coroa matrimonial, ou, mais precisamente, do direito às rendas da rainha enquanto ela vivesse e depois de sua morte. O Parlamento recusou e limitou expressamente esse direito à vida da rainha. O duque de Chatelherault protestou formalmente contra todo o procedimento; mas, como chefe de partido, era demasiado fraco e irresoluto para resistir à influência da rainha regente, que o suplantara no governo. Essa astuta princesa conduziu todo o assunto de tal maneira que as exigências francesas pareceram de pouca importância. O Parlamento consentiu prontamente nessa perigosa usurpação de poder; e o prior de St. Andrew’s e o conde de Argyle foram designados para representar a nação e investir o delfim da coroa matrimonial. Os protestantes haviam favorecido a medida para se opor ao arcebispo de St. Andrew’s e a seu partido, enquanto a hábil condução da rainha regente lhe conferiu no Parlamento uma influência que, de outro modo, não teria possuído.

A rainha regente alcançara em seus planos tudo quanto desejava e já não tinha motivo para se interessar pelos protestantes, que se haviam unido cordialmente a ela no casamento de Mary, em oposição aos

desígnios de Chatelherault e do partido dos Hamilton. O prior e Argyle, embora designados para investir o delfim da coroa matrimonial, jamais partiram em sua embaixada.

A Reforma fizera rápidos progressos na Escócia depois do assassinato do cardeal Beaton, e as relações mais frequentes com a Inglaterra muito contribuíram para sua expansão. Por toda parte, os reformadores encontravam a oposição da Igreja e do Estado; e a rainha regente procurava agora destruir um partido cuja amizade cultivara cuidadosamente até realizar seus propósitos secretos. Os reformadores constituíram uma associação, conhecida na história pelo nome de Congregação. Protestaram firmemente contra a tirania e a opressão do clero, os abusos da Igreja e toda a estrutura da superstição. Os acontecimentos se aproximavam de uma crise, e a nação estava dividida em dois grandes partidos, entre os quais nada havia senão guerra aberta.

Foi em Perth que a rainha regente temeu arriscar uma batalha contra homens cujo fervor religioso os colocava acima do medo. Recorreu à negociação. O prior estava em seu exército e, embora não houvesse esquecido a intromissão dela quando lhe fora recusado o condado de Moray, e estivesse disposto a favorecer uma causa pela qual revelara predileção desde cedo, continuava ao seu lado, provavelmente por escrupulosas noções de fidelidade e na esperança de poder servir aos amigos por meio de conselhos moderados. Foi enviado, juntamente com o conde de Argyle e lorde Semple, para indagar se os confederados pretendiam de fato rebelar-se. Os lordes reformadores deram uma resposta insatisfatória. A rainha então os intimou a render-se e dispersar-se, sob pena de traição. Responderam ao arauto Lyon que se haviam reunido para libertar a cidade da tirania da regente; mas que, se ela lhes permitisse o livre exercício de sua religião, eles e todos os seus seguidores partiriam imediatamente à sua ordem. Realizou-se outra conferência; nesse ínterim, chegou Glencairn, depois de fazer seu exército marchar dia e noite pelos desfiladeiros mais escabrosos e quase intransitáveis, e de evitar, com grande sagacidade, vários destacamentos das tropas reais enviados para interceptá-lo. A regente logo soube de sua aproximação. Tinha agora de enfrentar 7.000 homens, animados pelo mais poderoso entusiasmo religioso, cujo ataque receava fosse irresistível. Bem sabia que, se arriscasse uma batalha e fosse derrotada, seu poder e a Igreja receberiam um golpe mortal. Novamente foram enviados o prior, Argyle e o abade de Kilwinning para negociar. Encontraram-se com Glencairn, Erskine de Dun, John Knox e John Willox, outro pregador. Knox censurou duramente o prior e seus amigos por não se unirem à Congregação; acusou-os de infidelidade, por não tomarem partido com eles, quando era bem sabido que aprovavam seus procedimentos. Reconheceram que isso era verdade; disseram, porém, que haviam prometido à regente tentar uma reconciliação e não faltariam à palavra empenhada; acrescentaram, contudo, que, se ela não cumprisse o tratado proposto, a abandonariam sem falta. Chegou-se a um acordo, a cidade lhe foi entregue, e os confederados se dispersaram, depois de serem edificados por um sermão de Knox, de extensão e veemência nada comuns. Contudo, embora pacífico em meio à sua retórica, ele providenciou que se redigisse um novo pacto de associação antes da dispersão, pois estava certo, disse, de que nenhuma parte da promessa da rainha seria cumprida por muito tempo. Esse pacto é conhecido na história pelo nome de “segundo pacto”, e foi solenemente assinado pelo prior e por Argyle, embora ainda permanecessem com a rainha, bem como por Glencairn, lorde Boyd, lorde Ochiltree e Matthew Campbell, em nome de todos os confederados.

As afirmações de Knox se confirmaram cedo demais. Em dois dias, todas as promessas da regente foram quebradas. Ela entrou na cidade, guarneceu-a com soldados franceses e multou ou baniu os habitantes. As autoridades civis foram depostas, elegendo-se outras favoráveis à Igreja. Foi então que, pela primeira vez, o prior a abandonou. Uniu-se imediatamente à Congregação, para a qual representou uma aquisição de não pequena importância. É de lamentar que o crescimento da Congregação tivesse o caráter habitual de uma comoção popular. Esquecendo toda moderação para com os que não criam como eles, marcharam triunfalmente por Fife, cometendo excessos que, embora fossem reação à tirania sofrida, desonravam a causa sagrada em torno da qual se haviam associado.

Em 11 de junho de 1560, a regente morreu.[N05] Sua morte, pacífica e comovente, causou pouca impressão em qualquer dos partidos. Depois dela, estabeleceu-se um governo provisório. Em agosto de 1560, reuniu-se o célebre Parlamento que estabeleceu a Reforma; nele, o prior foi nomeado um dos lordes dos Artigos.[N06]

Ele fora um dos principais participantes da guerra travada entre os reformadores confederados e a rainha regente. Mas, enquanto ele e seus amigos se ocupavam em fortalecer sua causa, enquanto ainda se achavam em suspenso, temendo perturbações e calamidades imprevistas, cheios de apreensão, apesar de exultarem com a queda do papismo e com o apoio de Elizabeth, por não estar inteiramente aniquilado o partido papista e por não bastarem seus recursos para salvá-los das lutas internas ou dos ataques de seus poderosos inimigos, a morte de Francisco I da França fez surgir outros objetivos políticos: o laço que unia a França e a Escócia estava agora completamente rompido.[N07]

Mal se soube na Escócia da morte de Francisco, marido de Mary, convocou-se um conselho da nobreza para reunir-se em Edimburgo em 15 de janeiro de 1561. O conselho reuniu-se no dia marcado; seus membros eram, naturalmente, todos protestantes que, no Parlamento do ano anterior, haviam levado a cabo a queda da hierarquia papista. Depois de alguma deliberação, lorde James Stuart, prior de St. Andrew's e irmão da rainha, foi incumbido de ir à França e persuadi-la a regressar ao próprio reino. O prior aceitou, mas os reformadores o advertiram de modo particular quanto às negociações sobre o culto católico. Determinaram-lhe que, depois de apresentar condolências à irmã, declarasse que não se poderia tolerar no reino a celebração da missa, nem em público nem em particular; e cuidaram de fazê-lo compreender que, se consentisse, trairia a causa de Deus e exporia a religião ao mais grave perigo. O prior, porém, embora bastante zeloso pela causa da Reforma, de modo algum se inclinava a agir com tamanha franqueza que ofendesse sua soberana, presumindo ditar-lhe regras. Sua resposta a essa determinação foi breve, mas expressiva. "Jamais consentirei", disse ele, "que se celebre missa em público; mas, se a rainha desejar que isso se faça em seus próprios aposentos, quem ousará proibi-la?"

A resposta do prior era perfeitamente coerente com o direito incontestável de todo ser humano de adorar a Deus segundo os ditames da consciência. Mas, como o exercício de qualquer cargo num Estado pressupõe certos deveres a cumprir, e o indivíduo que deixa de cumpri-los não pode ser admitido a esse cargo, tornava-se, portanto, necessário que a rainha, como governante de uma nação reformada e para proteção dos direitos de seus súditos, deixasse de professar a antiga fé. Era, de fato, uma perspectiva muito pouco favorável a que se oferecia a Mary no regresso à sua terra natal; e Knox e seus amigos parecem não ter apreciado a resposta do prior. À margem de sua "História", pede-se ao leitor que "observe a liberalidade do conde de Murray" e que "atente diligentemente para isto"; e o reformador, depois de narrar o ocorrido, diz abruptamente: "O perigo foi mostrado, e assim ele [o prior] partiu."

Os papistas, por sua vez, como se não quisessem ser superados pelos inimigos nas declarações de lealdade à soberana, enviaram à França um hábil comissário. O célebre e erudito John Leslie, historiador e posteriormente bispo de Ross, foi nomeado para representar os súditos católicos de Mary, assegurar-lhe seu respeito e leal afeição e adverti-la contra as maneiras insinuantes do prior, pois a única intenção dele, segundo a perspicácia política desses súditos, era apoderar-se do governo.

Ambos os embaixadores deixaram a Escócia ao mesmo tempo, por caminhos diferentes. Leslie, vigário-geral e oficial eclesiástico de Aberdeen, partiu de navio diretamente daquela cidade; o prior, com uma comitiva extraordinariamente numerosa, saiu de Edimburgo com a intenção de atravessar a Inglaterra e fazer a viagem por terra. Tendo alguns negócios, públicos ou particulares, a tratar na corte inglesa, foi recebido e hospedado honrosamente por Elizabeth; e dessa circunstância, como logo veremos, seus inimigos tiraram proveito injustamente. Ambos os embaixadores, porém, desejando chegar antes do outro, apressaram-se o mais possível; mas Leslie, homem de prudência e habilidade, antecipou-se ao prior e chegou um dia antes de seu adversário; encontrando Mary em Vitry, na Champagne, ali lhe prestou homenagem. Mary recebeu o eclesiástico com dignidade e respeito, e Leslie lhe expôs

imediatamente a natureza de sua embaixada. Explicou à rainha, em linguagem ardente, a ambição secreta do prior, seu irmão natural, cujo grande objetivo seria apoderar-se da Coroa; advertiu-a contra sua eloquência insidiosa e suas propostas enganosas, pois ele resolvera dissuadi-la de levar soldados franceses à Escócia, o que lhe permitiria desferir um golpe fatal e irreparável contra a religião católica; declarou-lhe que o prior apoiava as opiniões dos protestantes, não porque se importasse com elas, mas porque poderia tornar os protestantes instrumentos de sua ambição; que toda a conduta do prior era meramente política; que desejava, por motivos políticos, extirpar do reino a religião católica romana, à qual sempre demonstrara a mais inveterada hostilidade; que seu único desejo era elevar-se ao poder e à magnificência, e que seus olhos ambiciosos já estavam fixos na coroa e no cetro. Por isso, ele, Leslie, aconselhou a rainha a providenciar a prisão do prior na França, como medida compatível com a própria segurança, até que houvesse restabelecido em seu reino a antiga ordem da Igreja e do Estado; mas, se ela se opusesse a tal medida, recomendou-lhe que seguisse o conselho de seus amigos leais e não se entregasse à confiança dos reformadores, sobretudo daqueles entre os quais se originara a recente rebelião, mas desembarcasse no norte da Escócia, onde encontraria um exército de vinte mil homens, tendo à frente o conde de Huntly e outros nobres, pronto a escoltá-la até Edimburgo.

O prior chegou no dia seguinte e foi apresentado à irmã em St. Dizier, nas proximidades de Vitry. Logo tomou conhecimento da conversa entre ela e Leslie, mas teve domínio de si suficiente para não lhe dar importância. Bem sabia que muitos haviam tentado indispor Mary contra ele; e, embora tivesse boas razões para se indignar com o conselho de Leslie de que o prendessem, conduziu-se, ainda assim, com sua prudência habitual. Mary recebeu o irmão com todas as demonstrações de bondade; e, embora ele houvesse perdido seu favor durante a vida do marido dela, por sua atuação na causa reformada, julgou prudente não demonstrar ressentimento. Embora o prior não fizesse menção dos conselhos de Leslie, estes o levaram a agir com maior decisão. Informou-a de que nada era mais ardentemente desejado por seus súditos do que seu regresso ao próprio reino; de que não precisava de auxílio estrangeiro, pois encontraria a nação disposta e obediente; de que seria sustentada no trono pela melhor defesa, a afeição de seus súditos, os quais, bem sabia ele, a receberiam da maneira mais afetuosa; e de que o grande objetivo a ter em vista era o bem-estar nacional e a preservação da tranquilidade tão recentemente restaurada. Informou-a também de que um exército permanente e tropas estrangeiras eram inteiramente contrários ao caráter e à disposição da nação; de que “tais expedientes, perigosos em qualquer tempo, suscitariam, na presente situação, as mais perigosas comoções; de que seria muito mais prudente confiar na generosidade de seu povo; e, por isso, suplicou-lhe que voltasse a visitá-lo sem guardas e sem soldados, comprometendo-se solenemente a assegurar-lhe a obediência dele”. Mary ouviu o prior até o fim com a maior atenção; e, confiando em sua aparente sinceridade, abraçou-o ternamente e entregou-se à orientação de seus conselhos.

Satisfeita com o prior e nutrindo por ele a afeição de uma irmã, a jovem e entusiástica Mary confiou em suas declarações, consciente da retidão do próprio coração; e feliz teria sido, de fato, se, no decorrer da vida, se houvesse deixado guiar inteiramente por seus conselhos. Demonstrou-lhe toda a afeição que o prior poderia desejar, e ele, por sua vez, não deixou de lhe retribuir com declarações de estima e dedicação. Acompanhando-a a Joinville, cultivou ainda mais sua benevolência e seu favor, e renovou o pedido do condado de Moray, que permanecia sem titular desde a morte do último conde, filho de James IV, e que antes lhe fora recusado em vida da rainha regente, a qual receava sua ambição e temia seus talentos e sua habilidade. Mary ou lhe deu sua promessa, ou lhe disse que o assunto seria considerado quando chegasse à Escócia. Ainda assim, ele se sentiu satisfeito com a acolhida lisonjeira e começou a pensar em regressar à pátria, para preparar a nação para receber sua soberana.

Durante os preparativos da viagem da rainha, o prior a acompanhou a Joinville, uma residência da casa de Guise; e, depois de breve permanência ali, regressou à pátria, passando pela Inglaterra. Era indubitavelmente impopular em Paris, pois os católicos não haviam esquecido sua oposição à regente e o papel destacado que desempenhara na destruição da hierarquia romana na Escócia.

O prior deixou Mary antes do embarque dela e seguiu para a pátria através da Inglaterra, com a intenção, segundo Knox, de preparar os súditos de Mary para recebê-la com afeição. Na Inglaterra, o prior encontrou-se com Elizabeth e seus ministros; e isso deu ocasião a que seus inimigos o difamassem sem medida. Muitos historiadores nos dizem, com toda a gravidade, que a ansiedade de Elizabeth por interceptar Mary se originou do conselho do prior e de Maitland de Lethington; que a esquadra inglesa foi enviada por sugestão deles, "pois James, o bastardo", diz Stranguage, "que havia muito pouco regressara pela Inglaterra, aconselhara secretamente a rainha Elizabeth a capturar Mary no caminho, se ela [Elizabeth] desejasse resguardar sua religião e sua própria segurança; e Lethington, satisfeito por D'Ossel ter sido detido na Inglaterra, também a persuadiu a isso".[N08] Camden escreve no mesmo sentido, assim como vários outros autores; e, na verdade, se fosse possível crer que o prior sugeriu esse plano, "ele mereceria ser considerado um dos homens mais vis e destituídos de princípios". Mas cumpre observar que não existe sequer a menor sombra de prova circunstancial em apoio à acusação; e, sem provas da natureza mais satisfatória e indubitável, seria absurdo e ridículo acreditar nela. Goodall, de fato, o afirma dogmática e categoricamente; mas suas fontes e observações são tão superficiais e alheias à questão, e tão longe leva seu ódio ao prior para estabelecer a própria hipótese extravagante, que todas as suas afirmações devem ser tidas por nada. A verdade é que, mesmo admitindo que o prior fosse astuto e ambicioso, como indubitavelmente era, apesar de seu patriotismo, não tinha naquele momento motivo que o levasse a tal procedimento ou a desempenhar assim o papel de traidor vil e contrário aos laços naturais. Acabara de estar na França e de conversar com a rainha, sua irmã; fizera as mais solenes declarações de lealdade e fora recebido com o maior favor; tinha a garantia de que Mary se deixaria guiar por seus conselhos e até de que ele seria elevado à direção do governo. Não era, na verdade, de seu interesse que Mary fosse interceptada, pois todas as suas esperanças e projetos seriam aniquilados; o país seria dilacerado por facções; e a voz humilde e solitária do prior, ainda que auxiliada por toda a zelosa retórica dos reformadores, seria silenciada pelos nobres mais poderosos e audaciosos, tendo à frente o turbulento Chatelherault e a poderosa casa de Hamilton. Sua ambição, de fato, não poderia ser satisfeita de maneira alguma. Insinua-se que aspirava à Coroa e que esse foi o motivo que o levou a aconselhar Elizabeth dessa forma. Admitamos isso por um instante: que se segue? Ou o prior teria de ser um tolo, ou um político deplorável, e seus inimigos não lhe atribuíram nenhum desses dois caracteres. Não poderia obter a Coroa durante a vida da irmã, ainda que Elizabeth a mantivesse em rigorosa prisão; não se poderia alterar o direito de sucessão, sobretudo quando Mary nada fizera que desse causa a semelhante ato; tampouco poderia Elizabeth impor-lhe a morte, quando a única acusação contra a rainha escocesa era sua recusa em ratificar o tratado de Edimburgo. Parece-nos evidente, por todo o quadro da época, que a captura da rainha teria arruinado inteiramente os interesses do prior, e que seus inimigos apenas se valeram do fato de ele haver atravessado a Inglaterra no regresso à pátria para lançar sobre ele todo o odioso do procedimento de Elizabeth.

Em seu zelo pela devida administração das leis, Mary elevou o prior aos cargos de lorde-tenente e juiz supremo. As fronteiras se encontravam em estado de agitação, e para lá o prior dirigiu pessoalmente uma expedição. Presidiu a duas sessões de justiça criminal, uma em Jedburgh e outra em Dumfries; e os homens de armas a serviço dos senhores de nada menos que onze condados receberam ordem de acompanhá-lo à primeira dessas cidades e ali permanecer por vinte dias. As fronteiras, naqueles dias, estavam infestadas de bandos armados, que cometiam as mais desenfreadas depredações e que o êxito tornara insolentes e intoleráveis. Longe da insolência das duas cortes, habitando o território disputado que, em eras anteriores, fora palco de tantos combates mortais, os habitantes se associavam em vínculos de dependência feudal, sob chefes ferozes, bárbaros e ingovernáveis.[N09] Atacando seus inimigos quando lhes aprazia, subsistiam inteiramente da rapina e do roubo; e jamais se retiravam dos lugares que atacavam sem deixar marcas terríveis de suas incursões e devastações. Reprimir esses saqueadores era questão de não pequena importância, tanto mais que, por conhecerem a região, podiam retirar-se para refúgios inacessíveis e escapar, ao menos por algum tempo, à vigilância da justiça. A perícia militar do prior era profunda; sua coragem, muito estimada; e a prudência que sempre demonstrara em todas

as operações de guerra lhe assegurara uma popularidade sem limites. Para auxiliá-lo contra os bandos da fronteira, ordenou-se que o acompanhasse uma numerosa força militar, recrutada no número de condados acima referido, pois ainda não se conheciam as vantagens de um exército permanente. Nessa expedição, seu êxito correspondeu à sua capacidade, e a administração da justiça foi muito severa. Destruiu muitas das fortalezas dos saqueadores; executou vinte dos criminosos mais notórios e enviou outros cinquenta à capital, para sofrerem as penas da lei. Em Kelso, conferenciou com os guardiões ingleses das fronteiras, lorde Grey e Sir John Foster; e, de comum acordo, estabeleceram algumas disposições salutares para preservar a tranquilidade pública.

O prior era, sem dúvida, o grande chefe dos reformadores, e sua presença e influência constituíam poderosos freios aos eclesiásticos depostos de sua antiga posição. O papel destacado que desempenhara nas guerras da Congregação e a oposição que mostrara às usurpações arbitrárias do governo civil cedo o distinguiram como chefe popular, assegurando-lhe o aplauso geral do povo. Disse-se, ou insinuou-se, com base no testemunho de diversos historiadores parciais, que a rainha o incumbira de sufocar os tumultos da fronteira na esperança de que ali caísse vítima de sua bravura; mas nenhum aspecto da conduta de Mary justifica tal insinuação. É certo, porém, que, embora a rainha não tivesse interesse a satisfazer com semelhante desígnio, pois se destruiria justamente o homem em quem depositava maior confiança, os católicos, inimigos virulentos do prior, teriam se regozijado de coração se tal calamidade lhe sobreviesse. Isso se evidencia no fato de que sua ausência durante a missão deu algum ânimo aos eclesiásticos. Sua presença junto à pessoa da rainha os retardara em seus desígnios insidiosos; mas, tão logo se soube que seu inimigo estava nas fronteiras, o arcebispo de St. Andrew's, os bispos de Caithness e Dunblane e outros zelosos adeptos da facção católica se apressaram a ir a Edimburgo. Leslie, bispo de Ross, já se encontrava ali e era o conhecido agente dos interesses franceses; avisara seus irmãos eclesiásticos da oportunidade favorável, que conhecia melhor por ter sido recentemente escolhido para integrar o novo conselho. As maiores esperanças dos prelados se apoiavam na conhecida afeição de Mary à superstição papista; receavam, porém, que, por sua ligação com os protestantes e pela influência do prior sobre seu espírito, ela pudesse ao menos ser induzida a abandonar a celebração daquela parte indispensável do ritual papista: a missa. Mas, embora o prior estivesse ausente, não lhe faltava um auxiliar e substituto incansável para velar pelos interesses da Reforma. Knox nutrira suspeitas em relação à rainha desde a chegada dela, suspeitas ainda mais confirmadas pela audiência que ela se dignara conceder-lhe, quando ele expressou a opinião de que "não havia esperança de sua conversão"; e seu tema constante era denunciar os motivos e os atos dela. Como sua influência era quase ilimitada, o êxito correspondia a essa influência. Pregar contra a idolatria era seu ponto forte; e, por sua retórica, o povo começou a duvidar seriamente de que devesse prestar obediência a uma princesa que considerava idólatra; os pregadores menos conhecidos, imitando o exemplo de seu chefe, difundiam pelo reino suas ideias e sua linguagem, despertando a desconfiança e o descontentamento populares. Esses sinais não escaparam ao olhar penetrante de Randolph, o representante residente da Inglaterra. Assim escreveu ao secretário Cecil: "Põe-se agora em dúvida se a princesa, sendo idólatra, pode ser obedecida em todos os atos civis e políticos. Maravilho-me da sabedoria de Deus, que não deu a este povo indisciplinado, inconstante e incômodo mais recursos e poder do que possui; pois, se assim fosse, não conheceria freio."

O prior alcançara agora um grau de popularidade quase sem precedentes. Fazia jus ao respeito e à amizade da rainha por suas eminentes capacidades, e à gratidão dela por seus serviços públicos e pelos efeitos salutares de seus conselhos; tendo cumprido, como lorde-tenente, seu dever nas fronteiras com o maior aplauso e diligência, Mary começou a pensar em recompensá-lo ao deixar esse cargo e em conferir-lhe uma marca distinta de seu favor. Assim, como sempre manifestara aversão à vida eclesiástica, foi elevado à dignidade e ao condado de Mar.

Por esse tempo, também, o prior contraiu uma aliança matrimonial, casando-se publicamente na igreja de St. Giles com lady Agnes Keith, filha do conde marechal. Knox nos diz em sua história que, depois de realizada a cerimônia, naturalmente segundo a forma reformada, o pregador lhe dirigiu palavras neste

sentido: “Senhor, a Igreja de Deus tem recebido consolo por vosso intermédio e por vosso trabalho até este dia; se doravante vos mostrardes mais fraco nisso, dir-se-á que vossa esposa vos mudou a natureza.” Os receios dos pregadores quase se realizaram nessa ocasião, pois o casamento foi celebrado com tal esplendor e magnificência que despertou todas as suas apreensões religiosas. Temiam, de fato, que algum juízo vingador ou calamidade afligisse a terra. Levantou-se o maior clamor contra os festins e banquetes desregrados do prior; mas a amargura deles era ainda maior contra as mascaradas com que ele divertia os amigos, até então desconhecidas na Escócia; e, como pareciam aos pregadores incentivar a galanteria e a licenciosidade, contra elas se dirigiu a mais severa linguagem de indignação.

Os conhecidos talentos do prior, agora conde de Mar; a influência que possuía no Estado, como ministro de confiança da rainha; as honras que recebera e sua conduta em geral haviam atraído contra ele numerosos inimigos: homens que contemplavam sua elevação com a maior suspeita e que secretamente decidiram arruiná-lo. A época se distinguia pela turbulência, agravada por ferozes disputas religiosas; e, como o sistema feudal então prevalecia em toda a sua extensão, as animosidades hereditárias, havia muito alimentadas entre as famílias mais poderosas, agiam desde o chefe até o mais insignificante de seus dependentes, e a todo momento irrompiam com violência, conforme as circunstâncias se mostrassem favoráveis. A nobreza escocesa era, em geral, ambiciosa, facciosa e volúvel; e contemplava o conde de Mar com ódio secreto. Tão selvagem e bárbara era a época, em que quase todo homem fazia o que parecia reto aos próprios olhos, que até os nobres, os quais, por sua posição, deveriam desprezar uma vingança tão covarde, se deixavam arrastar de tal maneira por suas paixões violentas que, sem escrúpulo, despachavam seus inimigos com o punhal quando se lhes oferecia oportunidade de assassiná-los.

O mais temível dos inimigos de Mar, e o mais desesperado, era o conde de Huntly. Esse poderoso chefe possuía influência muito extensa nas Terras Altas; seus seguidores eram selvagens e, como ele, aventureiros e audazes. Huntly já se distinguira por vários feitos, e seu espírito indomável impregnava todos os seus dependentes. Na verdade, parecem ter constituído uma espécie de bando de salteadores reconhecido, subsistindo inteiramente da guerra, dos ataques aos vizinhos e das incursões predatórias nos territórios daqueles que haviam tido a infelicidade de incorrer no desagrado de seu chefe.

O conde de Mar, quando ainda era prior, e o conde de Huntly haviam disputado o poder; e, durante essa contenda, surgiram entre eles ressentimentos recíprocos. Não eram menos opostos na política do que na religião. Mar era o declarado chefe e defensor dos reformadores; Huntly, o chefe dos inimigos deles, os papistas. Recorde-se que, por ocasião da morte de Francisco, quando Mary, vendo que não poderia sustentar sua influência na França como rainha viúva, resolvera voltar ao reino natal, Leslie, posteriormente bispo de Ross, fora nomeado representante dos católicos escoceses, enquanto o prior comparecera em pessoa em nome dos protestantes. Preferiu-se o conselho do prior, e daí começaram o ciúme e o descontentamento de Huntly. Ele e sua facção haviam oferecido a Mary o apoio de 20.000 homens, caso desembarcasse entre eles; mas a oferta foi rejeitada. Aconselhara-a a deter o prior na França como prisioneiro, por serem perigosos ao Estado sua influência e seus talentos; e não só esse conselho foi desconsiderado, como ele teve a mortificação de ver seu rival favorecido e honrado. Mesmo depois da chegada de Mary, oferecera seus serviços para restabelecer a antiga Igreja e conversara sobre o assunto com os tios intolerantes dela; ainda assim, fora desconsiderado. No palácio real, era tratado apenas com civilidade; e, embora chanceler, não possuía influência nem desfrutava de confiança. Em sua opinião, tudo era monopolizado pelo rival; via claramente que desdém e desprezo eram tudo quanto poderia esperar enquanto prevalecesse o conde de Mar. Essas desconsiderações e mortificações eram excessivas para um homem como Huntly, de nascimento ilustre, ambição sem limites, vasta riqueza e poderosos recursos. Mas teria de sentir outras humilhações, destrutivas, a um só tempo, de toda a sua autoridade, de sua importância e, a seu ver, de sua própria família e nome.

O prior, como acabamos de observar, fora recompensado com a dignidade de conde de Mar por sua conduta na expedição às fronteiras. Estava, porém, longe de se contentar com essa dignidade. Lorde

Erskine, a quem se ligava muito estreitamente por sua mãe, reivindicava o território de Mar como propriedade que lhe pertencia por direito; e o objetivo predileto do prior fora o condado de Moray. Erskine apresentou sua pretensão e, embora não houvesse fundamento para seu direito imediato, pois só adquiriu a propriedade alguns anos depois, a reivindicação foi acolhida. O prior renunciou àquele condado em favor da casa de sua mãe; e, não muitos meses depois de sua primeira elevação a conde de Mar, a rainha satisfez o desejo que ele nunca perdera de vista, conferindo-lhe o condado de Moray. Como é por esse título que mais se conhece na história, doravante, naturalmente, o designaremos conde de Moray.

Dissemos que Moray tinha numerosos inimigos. Seus procedimentos, seu incentivo à Reforma e seus talentos o haviam tornado tão odioso para eles que se formaram repetidas conspirações para assassiná-lo. O licencioso Bothwell e o conde de Arran haviam resolvido, como logo veremos, matar Moray na primeira oportunidade, por causa de algumas ofensas pessoais, reais ou imaginárias. Bothwell se encarregou de perpetrar essa vilania enquanto Moray estivesse com a rainha em Falkland; e ela teria sido executada se o conde de Arran, abominando semelhante ato, não houvesse enviado secretamente uma carta a Moray, revelando toda a conspiração, pelo que ele escapou ao mal premeditado.[N10] Bothwell fugiu da justiça para a França. A elevação de Moray, porém, tornou-o então ainda mais invejado, e seus inimigos resolveram secretamente destruir um homem diante de quem sentiam temor e humilhação.

Huntly contemplava, com a mais impaciente indignação, a ascensão de seu temido e detestado rival; e, por fim, persuadiu a si mesmo de que se formulara na corte, sob os auspícios de Moray, um plano para arruiná-lo e aniquilar inteiramente sua família. Essa ideia se fortaleceu ainda mais por suas circunstâncias particulares. As propriedades de Mar e Moray lhe haviam sido entregues, não como direito seu, mas apenas em confiança; possuíra-as por algum tempo e, embora não tivesse a menor pretensão legal, sempre as considerara propriedade sua. Com uma ira que o enlouquecia, via que lhe eram arrancadas para engrandecer seu odiado rival; queixou-se, mas não foi ouvido. Temendo a influência do inimigo em sua própria região, sentiu essas humilhações como os golpes mais decisivos contra toda a sua grandeza. Já não disfarçou suas intenções, mas, desafiando a proclamação da rainha, tomou abertamente as armas; em vez de entregar as praças fortes que Mary lhe exigia, seus seguidores dispersavam ou faziam em pedaços os destacamentos que ela enviava para delas tomar posse; e ele próprio, avançando com considerável corpo de homens em direção a Aberdeen, para onde a rainha havia regressado, encheu de consternação a pequena corte dela. Moray tinha apenas um punhado de homens em quem podia confiar. Para dar a aparência de um exército, foi obrigado a pedir auxílio aos barões vizinhos; mas, como a maioria deles favorecia os desígnios de Huntly ou temia seu poder, não se podia esperar deles serviço cordial ou eficaz.

Com essas tropas, contudo, Moray, que nada ganharia com a demora, marchou prontamente contra o inimigo. Encontrou-o em Corrichie, numa posição muito vantajosa; ordenou a seus aliados do norte que começassem imediatamente o ataque; mas, ao primeiro movimento do inimigo, eles voltaram as costas traiçoeiramente; e os seguidores de Huntly, lançando de lado as lanças e rompendo as fileiras, desembainharam as espadas e se precipitaram em perseguição. Foi então que Moray deu prova tanto de coragem firme como de conduta prudente. Permaneceu imóvel numa elevação, com o pequeno, mas fiel corpo de seus partidários, os quais, apresentando as lanças ao inimigo, o receberam com uma resolução que este pouco esperava. Antes que os homens de Huntly se recuperassem da confusão causada por essa resistência imprevista, as tropas do norte de Moray, que tão vergonhosamente haviam fugido no começo da ação, desejosas de recuperar seu crédito junto ao partido vitorioso, caíram sobre eles e completaram a derrota. O próprio Huntly, extremamente corpulento, morreu pisoteado durante a perseguição. Seus filhos, Sir John e Adam Gordon, foram feitos prisioneiros. Moray conduziu suas tropas vitoriosas de volta a Aberdeen, “onde”, diz Buchanan, “havia determinado que um ministro do evangelho aguardasse seu regresso, e deu graças ao Deus das batalhas, que, por sua infinita misericórdia, além de toda expectativa

humana e sem qualquer força ou sabedoria dele próprio, livrara a ele e a seus homens de perigo tão iminente".

Moray dirigiu-se imediatamente à rainha para informá-la da vitória, mas ela recebeu a notícia sem qualquer manifestação de alegria. Talvez a consciência da rivalidade entre Moray e Huntly, a compaixão pelos infortúnios deste último e a ideia de que agira precipitadamente, cedendo com demasiada facilidade às alegações de Moray, houvessem atuado sobre ela, despertando pesar pela destruição de uma casa ilustre e por um nobre que, apesar de suas faltas, lhe era leal e apegado à sua religião.

Moray se encontrava agora na situação mais desejável. Por sua influência e habilidade, todos os rivais haviam sido afastados. A afeição de Mary por ele era sincera; ela se guiava por seus conselhos, e ele, em troca, lhe oferecia orientações salutares. De fato, o aspecto do país mudara inteiramente pela influência de Moray. A paz estava restaurada; as leis tinham eficácia; o comércio e as artes floresciam; o saber era incentivado; permitia-se aos protestantes reunirem-se sem serem molestados, e seus pregadores recebiam abertamente o apoio do Estado. Livres, enfim, das facções turbulentas que por tanto tempo os haviam atormentado, embora estas muito cedo voltassem a perturbar o país, os habitantes desfrutaram de um repouso momentâneo; sentiam os benefícios da civilização e da felicidade. O povo, em geral, estava contente e feliz; a conduta de Moray era vista com todo respeito e benevolência; ele era merecidamente popular, e sua administração, salutar e útil. Dotado de talentos profundos e versáteis, sabia igualmente governar na guerra e na paz; e, tão grande nos conselhos de governo como no campo de batalha, tinha a peito o bem de seu país, ainda que subordinasse muitos de seus atos públicos à própria ambição. Em suma, durante essa trégua momentânea às explosões da paixão facciosa, parecia confirmar-se a antiga máxima de que só se pode chamar feliz o povo que vive sob a administração de um sábio.

Em maio de 1563, aprovou-se um ato de anistia, no qual se declarava que o conde de Moray e os demais chefes dos protestantes não seriam molestados nem chamados a prestar contas pelos excessos, tumultos e outros feitos praticados pela Congregação entre 1558 e 1561, sob os auspícios de Moray, quando ele era apenas prior de St. Andrew's e se encontrava em armas contra a autoridade da rainha regente. Era uma medida necessária, pois seria provável que sua conduta viesse a ser examinada em algum período posterior, caso se oferecesse oportunidade. Diz-se que, por esse tempo, ele fez à rainha uma proposta singular. Aconselhou-a a vincular o direito de sucessão à Coroa a quatro famílias de nome Stuart; e também se diz que a rainha deliberou sobre a medida com seu conselho, mas que este opinou não poder ela alterar a sucessão legal. É evidente que, se tal foi o conselho de Moray, ele muito contribui, nesse momento, para demonstrar seu patriotismo, pois pouca esperança poderia ter de ser nomeado em primeiro lugar, se é que fosse nomeado.

É necessário considerar alguns acontecimentos importantes desse período. A beleza e os dotes de Mary eram universalmente conhecidos, e muitos príncipes europeus suspiravam ardentemente por compartilhar sua coroa. Tendo um reino por dote, além de seus encantos exteriores, atraía a admiração de numerosos pretendentes.

A própria Mary não era contrária ao casamento. Permanecera viúva por tempo suficiente e honrara a memória do marido com sua conduta exemplar. Sentia, porém, que, sem um governo vigoroso, pouca paz ou segurança poderia ter. Seus ministros se envolviam continuamente em conspirações e animosidades familiares; os nobres eram ferozes e altivos; o clero protestante, seu adversário declarado; e o povo, em geral, era movido por suas próprias opiniões particulares. Jovem, bela e amável, em meio a um povo de religião diferente, sentia-se sem amigos, solitária e desprotegida.

Foi em 1565 que lorde Darnley, filho do conde de Lennox, chegou à Escócia e foi apresentado a Mary no castelo de Wemyss, no condado de Fife. O primeiro encontro causou impressão favorável à rainha. Naquela época, no vigor da juventude adulta, era alto e elegante, de semblante belo e regular. "Em beleza e graça da pessoa", diz o dr. Robertson, "superava todos os seus contemporâneos; sobressaía

eminentemente em todas as artes que dão desenvoltura e elegância à forma exterior, permitindo-lhe não só deslumbrar, mas também agradar." Mary se encontrava no ímpeto da vivacidade juvenil; sua beleza irradiava sobre o círculo em que se movia; oferecia-se toda sorte de divertimento para agradar ao "recém-chegado"; celebravam-se banquetes, mascaradas e danças; e o amor se insinuou em seu coração. Ela fora perturbada por intrigas e interesses em conflito; agora se entregava ao poder daqueles sentimentos suaves que elevam a alma em meio aos cuidados que a corroem. Os cortesãos observavam a conduta da soberana; seus sentimentos não escapavam aos olhos penetrantes deles. Viam que Darnley era amado, que a lembrança de todos os antigos pretendentes da rainha se apagara; e alguns, sobretudo Morton e Glencairn, não disfarçavam sua aversão à aliança de que se falava. A oposição do primeiro, porém, resultava do risco a seus interesses pessoais. Reivindicara o condado de Angus, ao qual a condessa de Lennox, então restabelecida em seus direitos, também alegava ter direito.

Prevendo as consequências do casamento da rainha com Darnley, Moray se dispôs resolutamente a opor-se a ele; mas, percebendo a pouca atenção dada ao que alegava sobre o assunto na convenção dos estamentos, preferiu ausentar-se por algum tempo; retirou-se, portanto, para a fronteira, onde permaneceu até que o acontecimento se consumasse.

Depois do assassinato de Rizzio, Moray regressou. Mary, tendo notícia de sua chegada, bem conhecendo seu poder, seus talentos e sua capacidade de servi-la, e parecendo-lhe que ele não tivera ligação com o assassinato, percebeu a importância de vinculá-lo aos próprios interesses. Seu afeto natural por ele também retornou, e sentiu-se inclinada a conceder-lhe a afeição de uma irmã.

Assim, à medida que se aproximava o parto da rainha, Moray resolveu aproveitar todas as circunstâncias e conseguir o regresso de Morton, Lethington e seus associados. Começou a defender abertamente que fossem chamados de volta; e sua conduta alarmou o bispo de Ross e o conde de Huntly. Dirigiram-se imediatamente à rainha, informaram-na dos fatos e insistiram na necessidade de prender homem tão perigoso; mas ela se recusou a ouvir a representação deles e deixou passar o assunto, limitando-se a instruir Sir James Melville a observar com a maior vigilância a conduta de Moray e de seu partido. Aproximava-se então o parto, e enviaram-se cartas a toda a nobreza, solicitando que viesse à capital e permanecesse perto da pessoa da rainha. A própria Mary se dirigiu ao castelo de Edimburgo, onde, nessa ocasião, residiam o rei, Moray, Argyle e outros nobres. Em 19 de junho de 1566, deu à luz um príncipe, posteriormente James VI. Esse importante acontecimento foi saudado com todas as manifestações de entusiasmo e alegria. Enviou-se imediatamente um mensageiro a Londres para comunicar a notícia a Elizabeth. Ela estava num baile em Greenwich quando recebeu a informação; lançou-se de pronto numa cadeira, tomada da maior angústia e tristeza, e por algum tempo pareceu quase sem vida. Por fim, desfez-se em lágrimas e exclamou: "Ai de mim! Mary da Escócia é mãe de um belo filho, enquanto eu sou uma donzela solitária e sem alegria."

Os acontecimentos profundamente trágicos que se seguiram tornaram a corte cada vez mais repugnante a Moray. O público bem os conhece. O assassinato de Darnley e o casamento posterior de Mary com o assassino do marido suscitaram demasiadas conjecturas nos últimos anos para não serem conhecidos por qualquer pessoa minimamente familiarizada com a história escocesa. Moray julgou então impossível viver numa corte em que seu inimigo implacável recebia tantas honras. Bothwell o insultava abertamente. Pediu, por isso, licença à rainha para viajar ao estrangeiro; e ela, desejosa de livrar-se dele a qualquer custo, concedeu-lhe o pedido, mediante a promessa de que não se demoraria na Inglaterra. Foi para a França e ali permaneceu até saber que ela estava presa em Lochleven e que Bothwell fugira para a Dinamarca. Então regressou à pátria.[N11]

Em 29 de julho de 1567, James VI foi coroado rei da Escócia em Stirling. Leram-se os documentos que a rainha assinara, e sua renúncia foi recebida pelos nobres reunidos em nome dos três estamentos. Morton, curvando-se e colocando a mão sobre as Escrituras, prestou o juramento da coroação em nome do rei infante. John Knox pregou o sermão de investidura, e o príncipe foi então ungido rei da Escócia

por Adam Bothwell, bispo de Orkney, cerimônia contra a qual Knox e seus amigos protestaram, considerando-a judaica. Esse prelado lhe entregou então a espada e o cetro e, por fim, colocou-lhe na cabeça a coroa real.

Em 22 de agosto de 1567, Moray foi solenemente investido na regência, na presença dos principais nobres, de alguns bispos e de outros dignitários eclesiásticos. Os bons efeitos de sua ascensão à regência logo se fizeram sentir. O partido que se formava em favor da rainha era fraco, irresoluto e desunido; e, tão logo o governo do reino passou às mãos de um homem tão notável tanto pela capacidade como pela popularidade, os nobres que o compunham perderam toda esperança de ganhar terreno e começaram a negociar separadamente com o regente. Tantos foram levados a reconhecer a autoridade do rei que quase não restou no reino sinal de oposição ao governo estabelecido. O regente não foi menos bem-sucedido em suas tentativas de obter o controle das praças fortes do reino. Mediante generosos subornos e doações de seus próprios bens eclesiásticos, conseguiu que Sir James Balfour lhe entregasse o castelo de Edimburgo. Falkland, a fortaleza de Bass e outros castelos se renderam sem oposição. Intimou-se à rendição o castelo de Dunbar, a célebre fortaleza de Bothwell; e, marchando o regente em pessoa, com quatro grandes canhões, seis peças menores e grande quantidade de equipamentos militares, o castelo capitulou à sua aproximação. A cidade de Haddington, em seu caminho, dera sinais de turbulência; mas ele obrigou os habitantes à obediência. Dumfries também foi obrigada a submeter-se. Depois, marchando para as fronteiras e chegando secreta e subitamente a Hawick, fez uma sortida e atacou os saqueadores quando menos o esperavam, capturando trinta e quatro, parte dos quais foi enforcada e parte afogada. Em outro ponto da fronteira, capturou mais quinze; cinco, porém, obtiveram a liberdade mediante a entrega de reféns, e dez foram levados a Edimburgo e ali postos a ferros. Rapidamente restabeleceu a ordem e a aplicação das leis.

Não se deve esquecer, e isso ficará evidente pelo que já registramos, que o estado do país à época da elevação de Moray era muito desfavorável. O povo se encontrava em transição, afastando-se das superstições e tradições de seus pais; a nação estava agitada; a execução das leis era frequentemente frustrada; a justiça, muitas vezes desconsiderada; todo pequeno barão ou chefe reinava de modo absoluto em seus domínios. As guerras civis também haviam perturbado o espírito público, retardado o progresso da civilização e engendrado aquele espírito inquieto destinado a transmitir-se ao século seguinte e a envolver o país em lutas e derramamento de sangue.

Em 15 de dezembro, reuniu-se o Parlamento. O regente dirigiu-se a ele a cavalo, com grande solenidade; Argyle levava a espada, Huntly, o cetro, e Angus, a coroa. A nação se encontrava tranquila pelos esforços de Moray, e não houve interrupção nos negócios públicos; mas não se poderia dizer que ele fosse propriamente regente antes de ser confirmado pelo Parlamento, nem a resistência a ele, sem essa sanção, constituía alta traição. Essa confirmação, naturalmente, logo foi obtida. Promulgaram-se muitas leis sábias e salutares, que demonstravam ter o regente a peito o bem-estar de seu país. O Parlamento concedeu tudo quanto os confederados podiam exigir, quer para a segurança de suas pessoas, quer para a preservação da forma de governo que haviam estabelecido no reino. A renúncia de Mary à Coroa foi aceita e declarada válida. A autoridade do rei e a eleição de Moray foram reconhecidas e confirmadas. A prisão da rainha e todos os demais procedimentos dos confederados foram declarados legais. Apresentaram-se as cartas que Mary escrevera a Bothwell, e ela foi declarada cúmplice no assassinato do rei. Ao mesmo tempo, ratificaram-se publicamente todos os atos do Parlamento de 1560 em favor da religião protestante; promulgaram-se novos estatutos com o mesmo propósito; e nada se negligenciou que pudesse contribuir para extirpar os restos do papismo ou incentivar o crescimento da Reforma.

O regente passou então a perseguir os assassinos do rei. Isso é certamente uma prova de sua inocência. Vários foram capturados e executados. Alguns Estados estrangeiros intercederam pela libertação de Mary; mas o regente afirmou publicamente aquilo que era um fato: a rainha não era prisioneira dele; ele respondia ao Parlamento, que ratificara a prisão dela.

Mas, enquanto o regente administrava com tanto vigor os negócios do Estado, apaziguava as comoções internas e promovia a felicidade de seu país, os assuntos de Mary tomaram outro rumo. Ela ainda tinha numerosos amigos; Moray tinha numerosos inimigos. A duração e o rigor dos sofrimentos de Mary começaram a despertar em muitos a compaixão por sua situação. Todos os que se inclinavam à antiga religião temiam os efeitos do zelo de Moray. E ele, embora possuísse grandes capacidades, não tinha os talentos necessários para acalmar a fúria ou dissipar os ciúmes das diferentes facções. Suas virtudes eram severas, e seu trato com os iguais, sobretudo depois de elevado à regência, era distante e altivo. Os membros da casa de Hamilton eram, em segredo, seus inimigos implacáveis, temendo que estivesse em perigo seu direito de sucessão à Coroa. Murray de Tullibardine era secretamente seu inimigo decidido. Maitland de Lethington, célebre por sua inconstância e pelo cuidado dos próprios interesses, voltava agora seus pensamentos astutos para a rainha. Lorde Fleming ainda comandava o castelo de Dumbarton em nome de sua soberana. Os católicos, chefiados pelo primaz de St. Andrew's, estavam todos exasperados contra Moray. Os amigos da rainha realizavam reuniões frequentes para planejar sua restauração.

Tal era a disposição favorável da nação para com a rainha quando ela recuperou a liberdade, de maneira não menos surpreendente para os amigos do que inesperada para os inimigos. Haviam-se feito várias tentativas de lhe proporcionar uma oportunidade de fuga, até então frustradas por algum acidente imprevisto ou pela vigilância dos guardiões. Por fim, Mary empregou toda a sua habilidade para conquistar George Douglas, irmão de seu carcereiro, um jovem de dezoito anos. Como suas maneiras eram naturalmente afáveis e insinuantes, tratou-o com a distinção mais lisonjeira; chegou mesmo a permitir-lhe alimentar as mais ambiciosas esperanças, deixando escapar expressões que davam a entender que o escolheria por marido. Na idade dele e em tais circunstâncias, era quase impossível resistir a semelhante tentação. Ele cedeu e atraiu outros para a trama.

Em 2 de maio de 1568, enquanto a senhora de Lochleven e o irmão mais velho dele ceavam, George Douglas conseguiu apoderar-se das chaves do castelo, habitualmente guardadas no quarto de sua avó depois que os portões eram trancados.[N12] A rainha e seus acompanhantes estavam prontos; seu jovem libertador a conduziu para fora da prisão; um barco fora preparado; e, trancando atrás de si os portões do castelo para impedir a perseguição, levou consigo as chaves. A noite estava clara e serena; mal um sopro de vento encrespava as águas; a lua brilhava nos céus e derramava seus tons prateados sobre a superfície azul-escura do lago. Entrando no barco, os aventureiros voaram sobre a extensão das águas; mas o ruído dos remos despertou os moradores do castelo, e imediatamente se deu o alarme. "Traição! Traição!", gritou-se em alta voz quando se descobriu a fuga da rainha, e vários tiros foram disparados contra os fugitivos.*[H01] Eles, porém, desembarcaram em segurança na margem oposta, onde a rainha foi recebida por lorde Seaton e por uma tropa escolhida de cavaleiros em armadura completa. Mary voltou a sentir-se rainha; montou imediatamente e, muito antes do amanhecer, ela e seus fiéis partidários haviam atravessado o Forth e terminado sua jornada apressada e perigosa diante dos portões do castelo de Niddrie, em West Lothian, pertencente a lorde Seaton. Depois de algumas horas de repouso, seguiu para Hamilton; seus amigos a aconselhavam a entrar no castelo de Dumbarton, então comandado por seu partidário lorde Fleming.

Mal se soube da fuga de Mary, seus amigos acorreram a ela de todas as partes. Em poucos dias, sua corte se encheu de um grande e esplêndido séquito de nobres, acompanhados de tantos seguidores que formavam um exército de mais de seis mil homens. Sua renúncia à Coroa foi declarada nula e sem efeito; os nobres subscreveram um pacto em seu favor; e a investidura do rei e a regência de Moray foram declaradas atos de traição e usurpação.

Moray presidia a uma sessão de justiça em Glasgow quando recebeu a notícia da fuga da rainha. Atônito com a informação, preparou-se, contudo, com calma para enfrentar os perigos que o ameaçavam. Seus próprios partidários foram tomados de consternação; viu alguns passarem para o lado da rainha, enquanto outros se recolhiam a lugares reservados. Aconselharam-no a ir para Stirling e ali fortificar-se;

mas rejeitou o conselho e, depois de madura deliberação, decidiu permanecer em Glasgow. Seu vigor e sua prudência habituais não o abandonaram, e seus atos logo mostraram sua resolução.

Em meio às medidas enérgicas do regente para desbaratar os inimigos e animar seus seguidores, ele recebeu uma mensagem de Mary, exigindo sua renúncia imediata à regência e sua submissão à autoridade dela, com a promessa de pleno perdão se obedecesse. Pareceu hesitar; não deu resposta definida, mas quis ganhar tempo, como se mais tarde fosse entrar em negociação. Enquanto isso, ocupava-se em reunir tropas; e, quando lhe chegou nova mensagem, mostrou-se decidido a disputar o governo com a rainha.

Uma batalha, portanto, decidiria as esperanças de Mary e de seu irmão. Ela, na verdade, não desejava essa última alternativa; temia os talentos militares do regente; bem sabia que todos os seus oficiais eram homens de notável bravura, e que um combate infeliz poderia lançá-la em ruína irreparável. Mas os Hamilton, que todos se haviam reunido sob sua bandeira, fizeram prevalecer sua vontade sobre as objeções dela. Como seu exército era mais numeroso que o do regente, julgavam impossível serem derrotados; e o primaz de St. Andrew's, contando com a vitória, já se colocara em imaginação à frente dos negócios e projetara um casamento quimérico entre a rainha e um filho de seu irmão Chatelherault.

O regente reunira um exército e se preparava agora, com a maior ponderação, para decidir sua sorte. Sua única esperança estava num confronto próximo. Para esse fim, fez suas tropas saírem de Glasgow, depois de passá-las em revista no terreno comunal chamado Green. Mary iniciou a marcha de Hamilton em 13 de maio, para entrar no castelo de Dumbarton, que o regente não conseguira arrancar das mãos de lorde Fleming, seu governador; mas, se o inimigo procurasse interceptar-lhe a marcha, resolvera não recusar o combate. Na situação de Mary, nenhuma resolução poderia ser mais imprudente. O regente alcançou seu exército e decidiu opor-se ao avanço dele. Percebendo os inimigos em movimento, perto da célebre aldeia de Langside, a cerca de duas milhas de Glasgow, embora estivesse mais distante dela, conseguiu, por grande esforço, ocupar uma elevação que os via ansiosos por alcançar. Para sua felicidade, assegurou a elevação com um corpo de tropas escolhidas.

Os exércitos adversários eram muito diferentes em número. A rainha reunia 6.000 combatentes, com considerável número de nobres. O exército de Moray contava apenas 3.000, "mas era temível por seus próprios talentos militares e pelos de Morton, Kirkcaldy de Grange e outros, que desde a juventude se haviam exercitado em guerras estrangeiras e internas". Moray e Morton, de fato, eram conhecidos como os melhores generais da Escócia; ninguém jamais vira Lindsay ou Ruthven recuar; e Kirkcaldy de Grange fora declarado pelo condestável Montmorency o primeiro soldado da Europa. Tais eram os chefes e tal a força que a rainha tinha de enfrentar.

Ambos os exércitos se dispuseram em ordem de batalha e desfraldaram as bandeiras reais; cada um dispunha também de duas peças de artilharia, que, contudo, tiveram pouca utilidade. As tropas da rainha foram dispostas por Argyle em duas colunas, ficando o corpo principal sob seu próprio comando; Arbroath comandava a vanguarda; Cassilis, a ala direita; lorde Claud Hamilton, a esquerda. O regente seguiu a mesma ordem na disposição de suas tropas; a ala direita era comandada por Morton e, sob ele, Home, Lindsay, Lethington e outros; a esquerda, por seu parente, o conde de Mar. Glencairn, Monteith e seus seguidores, com alguns arcabuzeiros, ficaram na aldeia e atrás das sebes da estrada principal. Kirkcaldy de Grange havia tomado posse da colina na noite anterior.[N13]

Uma investida das tropas da rainha anunciou o início da ação. "Por Deus e pela rainha!", ressoou por todo o seu exército, enquanto os guerreiros do regente respondiam em alta voz: "Por Deus e pelo rei!" A cavalaria da rainha pôs em fuga a do regente, mas, em contrapartida, foi duramente castigada pelos arqueiros dele. O corpo principal dela avançou galhardamente pela planície, sob fogo intenso dos mosqueteiros do regente, posicionados atrás dos arbustos. O regente apressou-se a enfrentar as tropas da rainha com sua primeira divisão, e seguiu-se um combate desesperado, espada em punho. Seus soldados estavam quase cedendo terreno quando a segunda divisão veio em seu apoio. Kirkcaldy de

Grange decidiu então a sorte do dia; e a batalha, que durou uma hora e meia, terminou na derrota completa do exército da rainha, o qual, tomado de pânico e duramente pressionado por aquele valoroso soldado, fugiu do campo na maior consternação. A vitória do regente foi completa. Trezentos homens do exército da rainha caíram, ao passo que ele perdeu apenas um dos seus, e ninguém de distinção foi ferido, salvo os lordes Hume e Ochiltree. Com humanidade, refreou a fúria de seus soldados vitoriosos durante a perseguição, percorrendo o campo a cavalo e conclamando-os a poupar os compatriotas. Muitas pessoas de distinção foram feitas prisioneiras. O regente regressou então a Glasgow e ali ofereceu publicamente graças a Deus por esse feliz livramento do papismo e dos papistas, que assim haviam ameaçado derrubar a obra da Reforma no país.

A desventurada Mary aguardava, a pequena distância, o resultado do combate. Com a maior angústia, contemplou a derrota de seu valoroso exército; foi tomada pelo temor do cativeiro e da morte. Não podia aventurar-se a ir a Dumbarton, pois poderia cair nas mãos do regente pelo caminho. Lorde Herries, fiel partidário, acompanhou-a na fuga para Galloway, e ela não descansou até chegar à abadia de Dunrennan, perto de Kircudbright, a quase setenta milhas do fatal campo de Langside. Ali resolveu, num momento precipitado e infeliz, retirar-se para a Inglaterra. O primaz e lorde Herries, de joelhos, suplicaram-lhe que abandonasse essa resolução desesperada. Ela permaneceu inflexível. Enviou-se uma mensagem a Lauder, subcomandante em Carlisle, perguntando se a rainha escocesa poderia aventurar-se em território inglês. Ele respondeu que não poderia, por sua própria autoridade, dar-lhe qualquer garantia, mas que enviaria uma mensagem pelo correio para saber a vontade de sua soberana; contudo, se houvesse perigo evidente, ele a receberia em Carlisle com o devido respeito. Mary parecia fatalmente ansiosa por colocar-se em poder de sua inimiga e rival; o regente era ativo e incansável; um cativeiro odioso ou a morte certa a aguardava caso caísse em suas mãos. Que mais poderia Elizabeth infligir-lhe? Assim, sem esperar o regresso do mensageiro, embarcou num barco de pesca com dezesseis acompanhantes e lançou um último olhar de adeus à terra natal. Desembarcou em Wirkington, em Cumberland, e, depois de breve permanência em Cockermouth, foi conduzida por Lauder a Carlisle, onde ficou até chegar uma resposta à mensagem enviada a Elizabeth.[N14]

O regente, nesse ínterim, deu prosseguimento à vitória obtida com as medidas mais enérgicas. Sete dos prisioneiros, um dos quais era Hamilton de Bothwellhaugh, foram condenados e conduzidos à execução; mas o regente os poupou e mandou que voltassem à prisão. Apresentou-se diante dos castelos de Hamilton e Draphane, que se renderam à sua intimação; depois disso, dirigiu-se a Glasgow e dali a Edimburgo. Lorde Ruthven obrigou o conde de Huntly a retirar-se para o norte, embora este houvesse avançado até o Tay com um exército de dois mil homens. O regente expediu uma proclamação, ordenando uma concentração geral de soldados em Biggar. Partiu de Edimburgo para lá e deixou o ponto de reunião à frente de quatro mil cavaleiros e mil infantes. Atacou os castelos de todos os nobres favoráveis à rainha. Apoderou-se do castelo de Boghall, pertencente a lorde Fleming, governador de Dumbarton; destruiu o castelo de Stirling; e o de Sanquhar, pertencente a lorde Crichton, capitulou. [N15] Sir John Gordon, o cavaleiro de Lochinvar, recusou-se a entregar seu castelo, sobretudo porque esperava auxílio de lorde Herries; o regente não teve êxito no ataque, mas destruiu Kenmore, outra das fortalezas de Lochinvar. Marchou para Dumfries e ali executou alguns saqueadores que lhe haviam caído nas mãos. Em seguida, assaltou com êxito o castelo de Hodam, que pertencia a lorde Herries; e o de Annan se rendeu à sua aproximação. Ali se entrevistou com lorde Scroop, guardião das marcas inglesas. Marchou então para Peebles e dali para Edimburgo, onde foi recebido com as mais ruidosas congratulações, por haver estabelecido completa tranquilidade nos condados do sul e do oeste. Moray tampouco foi menos atento à administração das leis, que, em alguns casos, chegava à severidade.

Em 16 de agosto, reuniu-se o Parlamento e, depois de muita discussão, resolveu-se enviar comissários à Inglaterra para justificar sua conduta. Mas, como ninguém estava disposto a assumir a incumbência, o regente resolveu ir pessoalmente; escolheu, assim, três fidalgos, dois ministros, dois juristas e o célebre George Buchanan para acompanhá-lo; e, com uma guarda de cem cavaleiros, partiram, chegando em 4

de outubro a York, o lugar designado para a conferência. Depois de várias reuniões pouco proveitosas com os comissários ingleses, Elizabeth convidou o regente a Londres, para que, conversando pessoalmente com ele, pudesse informar-se melhor do estado dos negócios na Escócia. Ali, porém, as mesmas dificuldades de York se interpuseram em seu caminho; ele se recusava a iniciar a acusação contra sua irmã, a rainha dos escoceses, a menos que Elizabeth se comprometesse a proteger o partido do rei caso ela fosse considerada culpada.

As conferências terminaram em nada, menos por falta de disposição do que por incapacidade de provar. Era da maior importância para Moray assegurar a permanência de seu poder. Se houvesse consentido na restauração dela ou reconhecido sua inocência, não poderia deixar de prever a queda de sua própria preeminência. Por outro lado, a declaração da inocência de Mary ou sua libertação desarranjaria inteiramente os planos de Elizabeth. A inimizade desta era demasiado grande para não transparecer sob a máscara de afeição e imparcialidade fingidas. Embora hábil na dissimulação, facilmente se percebia que só desejava um pretexto para tiranizar sua infortunada rival. E, enquanto ela contemporizava, os grilhões do cativeiro de Mary se apertavam cada vez mais. Se ponderarmos os motivos dos diferentes partidos, poderemos apontar razões para a conduta de cada um. O falecido rei era desprezado e detestado pelos súditos; Elizabeth o tratava com indignidade e quase nunca, se é que alguma vez, o reconhecia por esse título. Agora, sob o pretexto de lealdade e consideração, todos correm às armas e se associam para arruinar a rainha. Em que poderia terminar essa farsa de julgamento, senão em nada?

O regente regressou à Escócia e encontrou o reino tranquilo. Julgando necessário, contudo, tomar medidas para assegurar sua autoridade e seu governo contra os desígnios dos inimigos, que sabia não serem poucos nem de pequena importância, convocou uma assembleia dos nobres em Stirling e obteve a aprovação deles para seus procedimentos na Inglaterra. Seus inimigos, porém, haviam resolvido iniciar suas operações e foram ainda mais encorajados pelo oportuno regresso do duque de Chatelherault à Escócia. Esse nobre, que passara da França à Inglaterra para se opor à regência de Moray, fora entretido com promessas por Elizabeth e efetivamente retido por ela até que o regente voltasse à Escócia. Recebeu então permissão para deixar a Inglaterra; mas a rainha inglesa dispusera as coisas de tal forma que ele só alcançou a Escócia algumas semanas depois da chegada do regente. Abraçara a causa de Mary e recebera dela uma alta comissão militar, juntamente com o fantasioso “título de seu pai adotivo”. Estimulado por essas vãs distinções, mal chegou a Edimburgo expediu uma proclamação, proibindo o reconhecimento de qualquer autoridade que não fosse a da rainha. O regente se alarmou e resolveu opor-se vigorosamente a essa facção e, se possível, contê-la enquanto ainda podia. Expediu uma proclamação em resposta em nome do rei, designando Glasgow como lugar de uma reunião geral e ordenando a todos os súditos leais que se dirigissem àquela cidade. Com sua presteza habitual, reuniu um exército e marchou para o oeste. Chatelherault, por sua vez, ficou alarmado; sabia que não tinha condições de enfrentar o regente; os efeitos da batalha de Langside ainda eram manifestos no oeste e haviam deixado impressão visível; julgou, portanto, mais conveniente propor um acordo do que arriscar outro combate, que poderia trazer as consequências mais fatais à sua casa. Seu irmão, o arcebispo de Glasgow, confirmou-o ainda mais nessa opinião; e o regente, embora tivesse todas as vantagens a seu favor, de modo algum desejava chegar a extremos.[N16] Concluiu-se, assim, um tratado em 13 de março de 1569. Chatelherault prometeu submeter-se à autoridade do rei e do regente; e este, por sua vez, prometeu revogar todos os atos promulgados contra os amigos da rainha e restituir-lhes os privilégios, sob a condição de que se submetessem ao governo. O duque entregou reféns e visitou o jovem rei em Stirling, em companhia do regente e de lorde Herries; enquanto isso, todos os prisioneiros capturados na batalha de Langside foram postos em liberdade.

Esse acordo entre o regente e Chatelherault fora conduzido por lorde Herries e Gavin Hamilton, abade de Kilwinning, que acabara de regressar da Inglaterra. Huntly e Argyle, porém, recusaram-se a ser incluídos. Havia algum tempo mantinha-se uma correspondência secreta entre a rainha cativa e sua facção; seus negócios pareciam agora mais promissores, e a perseguição bem-sucedida aos protestantes

na França elevara de tal maneira as esperanças dos católicos abatidos que estes já exultavam com a expectativa da restauração e do triunfo de Mary. Tais coisas influíram poderosamente em Huntly e Argyle; produziram efeito visível até sobre Chatelherault, apesar de seus recentes compromissos; e ele se mostrou irresoluto, volúvel e vacilante, ainda inclinado a assumir o poder do alto cargo que Mary lhe conferira quando o reconhecera como seu "pai adotivo". Mas esses nobres haveriam de receber outra lição da ousadia e vigilância do regente. Conhecendo bem todos os sentimentos e artifícios de seus inimigos e desconfiando de suas declarações de sinceridade, ele resolveu, por sua firmeza, esmagar a facção enquanto ainda estava fraca, antes que reunisse forças para perturbar o país com novas comoções. Acordara-se na pacificação de Glasgow, entre o regente e Chatelherault, que em 10 de abril de 1569 se realizaria uma convenção para resolver os assuntos da rainha e ratificar o tratado celebrado entre esses dois chefes de suas respectivas facções. Ao mesmo tempo, facilmente se percebia que a aparência de amizade era meramente superficial; que as partes adversárias ainda nutriam suas animosidades e hostilidades; que suas suspeitas, em vez de se dissiparem, se fortaleciam. O regente tinha informações secretas da correspondência de Huntly e Argyle e da irresolução de Chatelherault. Chegou o dia da convenção, e os nobres se reuniram. O regente, que, por força de seu cargo, presidia à assembleia como presidente da convenção, levantou-se, apresentou um documento e perguntou formalmente ao duque se subscreveria o tratado de sua submissão. Chatelherault, surpreendido pela interpelação do regente, assumiu, contudo, um ar de confiança e respondeu que ainda estava disposto a observar as condições; mas desejava ser informado de como se resolveriam os assuntos da rainha. A resposta era evidentemente evasiva, pois, se fosse sincero, não poderia ter escrúpulo em dar seu reconhecimento por escrito. A perspicácia do regente lhe permitiu perceber de imediato as causas desses escrúpulos; viu que, se se permitisse ao duque eximir-se assim de seus compromissos, nenhuma garantia haveria de sua pretensa fidelidade. Sua resolução foi igualmente ousada e arriscada. Pondo de lado todas as considerações relativas à posição de Chatelherault como herdeiro mais próximo da Coroa, ordenou que seus guardas o prendessem imediatamente; e ele, juntamente com lorde Herries e o abade de Kilwinning, foi recolhido como prisioneiro ao castelo de Edimburgo.

Essa conduta ousada e politicamente hábil aniquilou por completo as esperanças da facção. Argyle submeteu-se: pediu perdão e, como se conduzira com considerável moderação, exigiu-se dele apenas que prestasse juramento de fidelidade ao rei. Huntly estava agora sozinho; sua conduta exigia exame mais sério. Enquanto o regente estivera na Inglaterra, mostrara-se extremamente turbulento e agira com notável ferocidade em vários distritos, incentivando as devastações de seus seguidores e saqueando, sem exceção, os partidários do rei. Houve diversas discussões sobre sua punição, que afinal terminaram com seu juramento de fidelidade ao rei em St. Andrew's. Tendo assim derrotado essa poderosa facção, o regente visitou os distritos setentrionais do reino e, depois de dar mostras tanto de justiça como de clemência em várias localidades, dividiu seus inimigos e fortaleceu o próprio poder.

O regente mandara prender Chatelherault e lorde Herries por julgar que não poderia contar com a própria segurança enquanto esses dois zelosos partidários da rainha estivessem em liberdade. Sendo o primeiro chefe da casa de Hamilton, esse ato despertou a fúria de todos os que traziam o nome. O regente tampouco se deteve nesses procedimentos. Bem sabendo que eles eram os únicos rivais de sua grandeza, tanto por sua elevada posição como por suas pretensões ao trono, resolveu esmagar os Hamilton a qualquer risco, minar-lhes a influência e, se possível, facilitar-lhes a destruição. Não se esquecera o papel que desempenharam na batalha de Langside; e a inimizade recíproca entre Moray e Chatelherault não era disfarçada. Mas, da parte deles, o regente teria permanecido sempre a salvo de vingança pessoal. Foram o desespero e a vingança de um só homem que causaram sua destruição.

James Hamilton de Bothwellhaugh, sobrinho do arcebispo de St. Andrew's, foi quem cometeu esse ato detestável. Fora condenado à morte, juntamente com seis outros fidalgos de distinção, dois deles de seu próprio nome, os barões de Innerwick e Kincavil; com eles, fora conduzido à execução por sua participação na batalha de Langside; mas, por intercessão do clero reformado, o regente lhes poupara a

vida e mandara que todos voltassem à prisão. Esse fidalgo pertencia a um ramo secundário da casa ducal de Chatelherault; seu pai, o primeiro de sua linhagem, era David Hamilton, quinto filho de John Hamilton de Orbiston. Sua propriedade se situava na paróquia de Bothwell, no condado de Lanark, de onde lhe vinha a designação. Casara-se com Isabella Sinclair, filha e coerdeira de John Sinclair de Woodhouselee, em Mid Lothian; e essa senhora foi a causa inocente da desventurada catástrofe.[N17]

Hamilton conseguira fugir da prisão; mas, como permanecia em pleno vigor contra ele o ato de confisco por sua participação na batalha de Langside, foi obrigado a esconder-se entre amigos. Não se pode determinar se o regente lhe nutria algum ódio particular; é certo, porém, que o ato de confisco foi revogado para todos os fidalgos feitos prisioneiros naquele episódio, exceto Bothwellhaugh. Depois do confisco da propriedade de Hamilton, sua esposa, que ali permanecera durante a ausência do marido, sem imaginar que sua própria herança também estivesse destinada à mesma calamidade, dirigiu-se a Woodhouselee, pensando que, em seu patrimônio, poderia aguardar em segurança a chegada de tempos mais prósperos.

Mas nisso se enganava. Sir James Bellenden, lorde justice-clerk, um dos favoritos do regente, pedira e obtivera, com a maior injustiça, a propriedade de Woodhouselee.[N18] Como Bellenden sabia que a esposa de Hamilton residia ali, solicitou ao regente um mandado de imissão na posse; enviaram-se, portanto, alguns oficiais a Woodhouselee, os quais tomaram a casa e, barbaramente, numa noite fria e tempestuosa, lançaram nos campos, nua e enferma, a desventurada senhora. Antes do amanhecer, ela enlouquecera furiosamente. Não podemos dizer se os oficiais excederam sua comissão; é certo, contudo, que o regente deixou passar essa conduta horrenda e desumana sem qualquer censura. Os procedimentos daqueles celerados, a enormidade dessa última provocação, ao destruírem tão selvagemente a esposa de seu coração, somados às injúrias que já suportara, venceram por completo a prudência de Hamilton; desde aquele momento, resolveu vingar suas ofensas, não nos desprezíveis celerados que haviam tão barbaramente escarnecido de seus sentimentos, mas no próprio regente, a quem considerava o grande autor dessa injustiça. Tampouco ocultou suas intenções. Por onde passava, declarava abertamente que procuraria destruir Moray; e, por isso, durante algum tempo, vigiou os movimentos de seu inimigo, mas seus propósitos audaciosos foram invariavelmente frustrados.

Por fim, infelizmente, surgiu uma oportunidade que Hamilton resolveu aproveitar. O regente estivera em Stirling e seguia para a capital. Tinha de passar por Linlithgow, cidade venerável e sagrada na história escocesa. Hamilton escolheu-a como o lugar mais adequado para satisfazer sua vingança. Com a maior deliberação, preparou-se para consumar o assassinato: as ofensas que sofrera e, acima de tudo, a lembrança da esposa de seu coração, a quem amava ternamente, atormentavam o espírito daquele homem impetuoso e infeliz e despertavam o mais frenético ardor. Julgava também prestar um serviço meritório a seu país, libertando-o do governo daquele que considerava seu maior opressor. Muitos de seus amigos de nome Hamilton o auxiliaram no empreendimento horrendo e detestável. A cidade de Linlithgow, agradavelmente situada num vale e cercada de elevações por todos os lados, consistia então, como ainda hoje, numa única rua longa e contínua, terminada pelo magnífico palácio e pela antiga igreja. Nessa rua, aproximadamente no centro da cidade, Hamilton escolheu uma casa para consumar sua vingança. Como há várias entradas ou passagens, chamadas closes na Escócia, com saída livre da rua principal para os campos, existe uma tradição segundo a qual, na noite anterior ao assassinato, todas foram obstruídas com um arbusto espinhoso abundante nas terras elevadas escocesas, chamado whins: arbusto cheio de espinhos, extremamente incômodo para quem com ele entra em contato. Essa tradição, se não é verdadeira, é ao menos plausível; pois, como Hamilton bem sabia que haveria perseguição imediata, era de seu interesse apresentar tantos obstáculos quanto possível; e esse obstáculo insignificante, fazendo com que os perseguidores, ao se precipitarem pelas passagens estreitas, se vissem subitamente em meio aos whins e às silvas, poderia contribuir para sua segurança, causando pequena demora. Tomou então posição numa galeria de madeira voltada para a rua; e, para executar seu propósito com maior segurança, sem despertar suspeita nem chamar atenção durante o ato, primeiro

estendeu no chão do aposento um grande colchão de penas, para que não se ouvissem seus passos ao mover-se, e pendurou um grande pano preto diante da janela, para que ninguém de fora lhe percebesse a sombra. “Seu cuidado seguinte”, diz um autor que descreve vivamente a cena, “foi abrir um orifício um pouco abaixo da gelosia, suficiente para introduzir a ponta de seu arcabuz; e, para aumentar a segurança da fuga, examinou o portão dos fundos da casa e, achando-o baixo demais para a passagem de um homem a cavalo, removeu a verga com a ajuda do criado, mantendo seu cavalo na estrebaria já selado e com o freio posto. Depois de todos esses preparativos, aguardou calma e deliberadamente a aproximação do regente, que passara a noite anterior na cidade.”

Em 23 de janeiro de 1570, cometeu-se o ato infame. As ameaças desse homem desesperado, contudo, haviam sido comunicadas ao regente: naquele mesmo dia, ele recebeu informação segura tanto sobre a pessoa como sobre o lugar em que se ocultava; e Hamilton quase viu frustrado seu intento, mas infelizmente chegara a hora do regente. Moray era notável pela coragem pessoal; porém, embora desprezasse Hamilton, não julgou prudente desconsiderar o aviso de perigo. Resolvera, por isso, seguir para Edimburgo pela estrada que contorna a parte externa da cidade, em vez de tomar a rua; mas, depois de montar e perceber que o portão por onde pretendia passar estava bloqueado por uma vasta multidão, voltou-se para o outro caminho, pela rua principal. Construída segundo o costume da época, ela era extremamente estreita; e, enquanto ele avançava a cavalo com seus guardas e acompanhantes, a multidão aumentou tanto, ou certo número de carroças foi propositalmente tombado, que prosseguia com a maior dificuldade, obrigado a mover-se muito lentamente. À medida que avançava, a pressão aumentava e, infelizmente, foi obrigado a parar diante da própria casa em que se ocultava aquele que pretendia assassiná-lo. Hamilton estava alerta; agarrou imediatamente seu mosquete e, tremendo de fúria, ao mesmo tempo que se regozijava por estar prestes a satisfazer sua vingança, fez pontaria cuidadosa e deliberada no desventurado nobre. Mirou-lhe o cinto e, disparando o mosquete,*[H02] atingiu o regente na parte inferior do ventre com uma única bala. O projétil atravessou-o abaixo do umbigo e matou o cavalo de George Douglas, que seguia à sua direita.

O assassino fugiu imediatamente. Foi perseguido por várias milhas e, em certo momento, esteve prestes a ser capturado: seu cavalo estava sem fôlego e quase a sucumbir; chicote e esporas não produziam efeito; e, ao chegar a uma larga vala, encontrou o caminho impedido. Alguns momentos de demora teriam posto Hamilton nas mãos da justiça; mas ele sacou o punhal e o cravou na parte traseira de sua montaria. Num esforço desesperado, o cavalo saltou a vala. Assim escapou o assassino. Fugiu primeiro para Hamilton e depois procurou abrigo junto ao cunhado, Muirhead de Lauchope, que o recebeu hospitaleiramente e o protegeu durante a noite. No dia seguinte, esse parente o acompanhou por parte do caminho; e, depois de breve período escondido nas imediações da cidade de Hamilton, conseguiu finalmente fugir para a França, onde morreu alguns anos depois, manifestando grande contrição pelo crime execrável que cometera.

Nada poderia exceder a consternação da multidão em Linlithgow quando se disparou o tiro fatal com pontaria tão certeira. Um grito de horror e lamentação irrompeu da multidão e dos acompanhantes do regente; soou o brado de “Às armas!”, e eles se precipitaram para o lugar de onde partira a bala. Tudo era confusão, assombro e tristeza, pois Moray conquistara a afeição da nação. O regente, nesse ínterim, disse aos acompanhantes que estava ferido; mas, recobrando-se da súbita surpresa, desmontou e pediu que o conduzissem a seus aposentos. Recuperou-se o bastante para caminhar até lá, e os médicos foram prontamente chamados, enquanto a multidão e os habitantes da cidade exprimiam a dor com lamentos e lágrimas. A princípio, julgou-se que o ferimento não fosse mortal; mas, ao cair da tarde, a dor aumentou, e o desventurado nobre começou a preparar-se para a morte. Com toda a serenidade de um herói, de um filósofo e de um cristão, falou aos que o cercavam e começou a pôr seus negócios em ordem. Quando os amigos lhe disseram que se arruinara pela clemência, por ter outrora poupado a vida do assassino, que poderia justamente ter tirado, respondeu com grande compostura e magnanimidade: “Vossas insistências e censuras não me fazem arrepender de minha clemência.” Seu fim foi digno de um cristão e

de um grande homem. Depois de ordenar todos os assuntos de sua família, sentiu que as dores da morte se apoderavam dele. Recomendou o jovem rei aos cuidados dos nobres presentes e, sem falar mal de ninguém, expirou pouco antes da meia-noite de 23 de janeiro de 1570, no trigésimo oitavo ano de sua vida.[N19]

Assim caiu o conde de Moray, depois de escapar a tantos perigos. Foi certamente um governante capaz e um homem estimável. Tanto Buchanan como Spottiswood, embora divirjam em muitas coisas, lhe traçaram o mais elevado retrato. “Sua morte”, diz Buchanan, “foi lamentada por todos os homens de bem, que o amavam como pai comum da pátria; até seus inimigos reconheceram seu mérito depois de morto. Admiravam seu valor na guerra, sua pronta disposição para a paz, sua atividade nos negócios, nos quais era geralmente muito bem-sucedido; o favor divino parecia resplandecer sobre todos os seus atos; era misericordioso para com os transgressores e equitativo em todas as decisões. Quando o campo de batalha não exigia sua presença, ocupava-se da administração da justiça; por esse meio, os pobres não eram oprimidos e se abreviava a duração dos processos. Sua casa era como um templo santo: depois das refeições, mandava ler um capítulo da Bíblia e perguntava a opinião dos homens doutos presentes sobre ele; não por vã curiosidade, mas pelo desejo de aprender e pôr em prática o que continha.” Em suma, tanto na vida pública como na particular, foi um modelo digno de imitação; e felizes seríamos se nossos nobres estivessem mais dispostos a andar pelas veredas que ele trilhou; pois, “acima de todas as suas virtudes”, diz Spottiswood, “que não eram poucas, resplandecia em piedade para com Deus, conduzindo a si mesmo e à sua família de tal maneira que mais pareciam uma igreja do que uma corte; pois ali, além do exercício da devoção, que nunca omitia, não se via maldade alguma; nem sequer se ouvia uma palavra indecorosa ou lasciva. Era um homem verdadeiramente bom, digno de figurar entre os melhores governantes que este reino já teve e, por isso, até hoje é honrado com o título de BOM REGENTE.”

Nada poderia exceder o assombro e a surpresa quando a notícia do assassinato do regente chegou a Edimburgo. Fecharam-se os portões da cidade e dobraram-se as sentinelas em todos os postos. Seu corpo foi levado à capital entre as lágrimas e os gemidos do povo. Suas muitas virtudes, sua administração vigorosa, seus talentos, tudo era lembrado com pesar. Elizabeth lamentou sua perda como a de um amigo fiel; o clero reformado estava mergulhado em tristeza e desalento, pronunciando panegíricos sobre sua vida pública e particular. Foi sepultado na catedral de St. Giles, e seu túmulo ainda pode ser visto na parte da catedral chamada igreja velha. O monumento é simples, mas não desprovido de ornamentos. Fica no lado leste da coluna maciça em cuja extremidade norte está o púlpito. Sob esse monumento repousam os ossos do regente Moray.[N20]

Quando a notícia da morte do regente chegou à prisão de Mary, a ternura de sua natureza a dominou, e ela chorou a sorte de um irmão. Segundo sua crença, ele era herege, e ela derramou lágrimas de tristeza e angústia por ter ele morrido impenitente, sem confissão e sem perdão. Ouviu o relato de seu destino com o coração dilacerado e exclamou: “Oxalá não tivesse morrido antes de se arrepender de seus crimes contra seu Deus, seu país e contra mim.”

Diversos são os retratos que dele traçam os historiadores, segundo as facções a que aderiam. Dotado dos mais brilhantes talentos, de ampla renda e de uma aparência extraordinariamente atraente, desprezou a vida eclesiástica e desde cedo apareceu na arena dos negócios públicos. Seu espírito era naturalmente inquieto e ativo, e a época em que viveu lhe ofereceu oportunidades de demonstrar suas capacidades. O zelo pela religião e pela liberdade esteve entre suas primeiras características. Era igualmente corajoso, resoluto e sagaz; apto tanto para os conselhos de governo como para o acampamento militar; a um só tempo diplomata, estadista e guerreiro. Embora cercado de dificuldades, nunca foi vencido: sabia elevar-se acima de todas; na adversidade e na prosperidade, fosse exilado ou favorito, prosperava; sua profunda perspicácia lhe permitia prever os perigos, sua prudência, preparar-se para eles, e sua fortaleza de ânimo, superá-los. Sua intrepidez, perícia militar e vigor no governo não são negados nem

mesmo por seus inimigos; e reconhece-se que esteve entre os maiores capitães e estadistas de sua época.

Sem dúvida, portanto, o regente Moray foi um homem grande e bom. Cabe-lhe a glória de realizar e estabelecer a reforma da religião; e isso lhe proporcionou fama brilhante e duradoura. Quer o contemplemos à frente do governo naqueles tempos de turbulência, facção e luta, quer imparcial na administração da justiça, contendo e reprimindo as incursões errantes dos saqueadores e estabelecendo por todo o país a paz e a ordem, veremos que Bom Regente é o nome pelo qual merece ser lembrado longa e afetuosamente entre o povo.

John Knox

JOHN KNOX nasceu no ano de 1505. Discute-se o lugar de seu nascimento. A opinião predominante é que nasceu em Gifford, aldeia de East Lothian; a tradição local, porém, situa seu nascimento em Haddington, a principal cidade do condado.

Sua mãe chamava-se Sinclair. Seu pai descendia de uma família antiga e respeitável, possuidora das terras de Knock, Ranferly e Craigends, no condado de Renfrew. Os descendentes dessa família costumam reivindicá-lo como membro de um ramo secundário e contar, entre as honras de sua casa, a de haver dado origem ao reformador escocês, a um bispo de Raphoe e a um bispo das Ilhas. Não se apurou com exatidão em que época seus antepassados deixaram sua sede original e se estabeleceram em Lothian.

Alguns escritores afirmaram que os pais de nosso reformador eram pobres; isso, porém, não pode ser rigorosamente verdadeiro, pois puderam proporcionar ao filho uma educação liberal, coisa longe de ser comum naquela época. Na juventude, ele foi posto na escola de gramática de Haddington; depois de ali aprender os rudimentos do latim, seu pai o enviou à Universidade de St. Andrews, então o mais célebre centro de ensino do reino. Isso ocorreu por volta de 1524, quando George Buchanan iniciou os estudos sob os mesmos mestres e no mesmo colégio de St. Salvador.

Ali teve oportunidade de estudar a filosofia aristotélica, a teologia escolástica e os direitos canônico e civil, principais ramos cultivados em nossas universidades. Naquele tempo, o latim era universalmente conhecido entre os eruditos, mas não o grego.

Knox aprendeu esta última língua antes de chegar à meia-idade; contudo, vemos que ainda em 1550 reconhecia ignorar o hebraico, falha em sua formação que lamentava sobremaneira, mas que depois supriu durante o exílio no continente.

Estudou com John Mair, ou Major, a quem nos referimos na vida de Patrick Hamilton. Esse famoso preceptor ensinava que a autoridade dos reis e príncipes procedia originalmente do povo; que os primeiros não são superiores ao segundo considerado em conjunto; que, se os governantes se tornam tirânicos ou empregam seu poder para destruir seus súditos, estes podem legitimamente refreá-los e, caso se mostrem incorrigíveis, a comunidade, como poder superior, pode depô-los; e que os tiranos podem ser submetidos a processo judicial, até mesmo à pena capital. Como essas opiniões guardam afinidade com os princípios políticos posteriormente professados por Knox, percebe-se a influência do mestre sobre o espírito do discípulo.

Knox logo se desgostou do mero saber escolástico e começou a buscar alimento mais satisfatório para seu espírito ardente e indagador. Havendo partido em busca do conhecimento, como sucede aos espíritos de grande envergadura, libertou-se das peias e transpôs os limites que lhe prescrevera seu guia. Seguiu a inclinação de seu próprio espírito e, atravessando as vias do saber secular, dedicou-se ao estudo da verdade divina e aos labores do sagrado ministério.

Não devemos supor, porém, que Knox pudesse livrar-se de uma vez dos preconceitos de sua formação e de seu tempo. Por mais estéreis e repulsivos que os estudos escolásticos nos pareçam, havia algo na

sofística intrincada e sutil então em voga capaz de fascinar uma mente jovem e sincera. Ela tinha aparência de sabedoria; exercitava o entendimento, embora não o tocasse; até dava margem à imaginação, ao mesmo tempo que lisonjeava sobremaneira o orgulho de quem nela era versado. Tampouco era fácil, para quem se deixara atrair, romper ou sair do labirinto de seus meandros. Por isso, Knox permaneceu algum tempo cativado por esses estudos e neles progrediu muito. Depois de obter o grau de mestre em artes, ensinou filosofia, muito provavelmente como assistente ou professor particular na universidade. Sua classe tornou-se célebre, e julgava-se que igualava, se não superava, seu mestre nas sutilezas da arte dialética. Pela mesma época, recebeu as ordens e foi ordenado sacerdote antes de atingir a idade fixada pelos cânones da Igreja, embora não contasse com outra influência senão a que lhe granjearam seus próprios méritos ou as recomendações de seus mestres. Isso deve ter ocorrido antes de 1530, ano em que completou vinte e cinco anos. [N01]

Não tardou, contudo, que seus estudos tomassem nova direção, conduzindo a uma completa revolução em suas convicções religiosas e exercendo importante influência sobre toda a sua vida futura. Insatisfeito com os excertos de autores antigos que encontrava nos escritos dos teólogos escolásticos e canonistas, resolveu recorrer às obras originais. Nelas encontrou um método de investigar e comunicar a verdade até então desconhecido para ele, cuja simplicidade se recomendava ao seu espírito apesar dos preconceitos da formação recebida e do orgulho pelas elevadas conquistas em sua arte predileta. Entre os padres da Igreja cristã, Jerônimo e Agostinho atraíram-lhe particularmente a atenção. Os escritos do primeiro o conduziram às Escrituras como única fonte pura da verdade divina e lhe ensinaram a utilidade de estudá-las nas línguas originais. Nas obras do segundo encontrou concepções religiosas muito opostas às ensinadas na Igreja romana, a qual, embora conservasse o nome de Agostinho como santo em seu calendário, banira de seus púlpitos sua doutrina como herética. Desde então renunciou ao estudo da teologia escolástica; e, embora ainda não de todo emancipado da superstição, seu espírito estava preparado para aproveitar os meios que a Providência dispusera para levá-lo a uma visão mais plena e abrangente do sistema da religião evangélica. Foi por volta de 1535 que começou essa favorável mudança em suas convicções; mas não parece que se tenha declarado protestante antes de 1542. Sua mudança de perspectiva manifestou-se primeiro nas aulas de filosofia, nas quais começou a abandonar o caminho escolástico e a recomendar aos alunos um método de estudo mais racional e útil. Até essa inovação suscitou contra ele violentas suspeitas de heresia, confirmadas quando passou a censurar as corrupções predominantes na Igreja. Depois disso, era-lhe impossível permanecer em segurança em St. Andrews, inteiramente submetida ao poder do cardeal Beaton, o mais resoluto defensor da Igreja romana e inimigo de toda reforma. Deixou o lugar e retirou-se para o sul, onde, em pouco tempo, professou abertamente sua plena crença na doutrina protestante. Irritados com sua deserção e receosos de que arrastasse outros consigo, os clérigos ansiavam por livrar-se de semelhante adversário. Segundo Beza, depois de proferir contra ele uma sentença por heresia e privá-lo do sacerdócio, o cardeal empregou assassinos para emboscá-lo, às mãos dos quais teria perecido se a Providência não o houvesse posto sob a proteção do senhor de Longniddrie.

Thomas Guillaume, ou Williams, foi de grande auxílio a Knox, conduzindo-o a um conhecimento mais perfeito da verdade. Era um frade eminente e, juntamente com John Rough, serviu como capelão do conde de Arran durante o breve período em que este favoreceu a Reforma, no início de sua regência; por ele foi encarregado de pregar em diferentes partes do reino. Mas a pessoa a quem nosso reformador mais devia era George Wishart.

Havendo abandonado toda ideia de oficiar naquela Igreja que lhe conferira as ordens, Knox ingressara como preceptor na família de Hugh Douglass de Longniddrie, cavalheiro de East Lothian que abraçara as doutrinas reformadas. John Cockburn de Ormiston, cavalheiro vizinho da mesma convicção, também confiou o filho à sua instrução. Knox ensinava a esses jovens os princípios da religião, bem como as línguas eruditas. Conduzia o ensino religioso de tal modo que o restante da família e os moradores da vizinhança também pudessem beneficiar-se dele. Catequizava-os publicamente numa capela em

Longniddrie, onde, em horários determinados, também lhes lia um capítulo da Bíblia, acompanhado de comentários explicativos. A memória dessa prática foi preservada pela tradição, e a capela, cujas ruínas ainda são visíveis, é popularmente chamada de igreja de John Knox.

Não era de esperar que lhe permitissem prosseguir por muito tempo nessa atividade sob um governo agora inteiramente submisso ao cardeal Beaton, que conquistara para seus propósitos o tímido e irresoluto regente Arran. Mas, em meio às suas crueldades, enquanto planejava atos ainda mais desesperados, o próprio cardeal foi subitamente eliminado.[H01] Sua morte, contudo, não livrou Knox da perseguição. John Hamilton, irmão ilegítimo do regente, designado para o bispado vago, procurava tirar-lhe a vida com tanto empenho quanto seu predecessor. Knox foi obrigado a esconder-se e a mudar-se de um lugar para outro para preservar-se. Cansado desse modo de vida e receando cair um dia nas mãos dos inimigos, resolveu deixar a Escócia. Não desejava ir para a Inglaterra, pois, embora naquele reino "o nome do papa houvesse sido suprimido", "suas leis e corrupções permaneciam em pleno vigor". Estava decidido a visitar a Alemanha e continuar os estudos em alguma universidade protestante, a menos que observasse mudança favorável na situação de seu país natal. Os senhores de Longniddrie e Ormiston relutavam profundamente em separar-se dele e, por suas insistências, convenceram-no a refugiar-se, com os filhos deles, no castelo de St. Andrews, que continuava em poder dos conspiradores.

Knox entrou no castelo de St. Andrews na época da Páscoa de 1547 e deu continuidade à educação de seus alunos da maneira habitual. Na capela do castelo, ministrou-lhes suas lições sobre as Escrituras, retomando a passagem do Evangelho segundo João em que parara em Longniddrie. Catequizava-os na igreja paroquial da cidade. Muitas pessoas assistiam a ambas as atividades. Entre os que se haviam refugiado no castelo (embora não envolvidos na conspiração contra o cardeal) estavam John Rough, que, desde sua dispensa pelo regente, se ocultara em Kyle; sir David Lindsay de Mount; e Henry Belnaves de Halhill. Tão satisfeitos ficaram com a doutrina e o modo de ensinar de Knox que o instaram a pregar publicamente ao povo e a tornar-se colega de Rough, que servia como capelão da guarnição. Mas ele resistiu a todos os apelos, alegando não considerar que tivesse sido chamado a tal encargo e não querer usurpar-lhe o exercício. Eles, porém, não desistiram de seu propósito; após consultar seus irmãos, resolveram, sem o conhecimento de Knox, que se lhe dirigisse publicamente, em nome de todos, um chamado para tornar-se um de seus ministros.

Assim, no dia marcado, Rough pregou um sermão sobre a eleição dos ministros, no qual expôs o poder que uma congregação, por pequena que fosse, tinha de chamar qualquer pessoa em quem percebesse dons próprios para o ofício, e quão perigoso era para essa pessoa rejeitar o chamado daqueles que desejavam instrução. Terminado o sermão, o pregador voltou-se para Knox, que estava presente, e dirigiu-lhe estas palavras: "Irmão, não vos ofendais por eu vos dizer aquilo de que fui incumbido por todos os aqui presentes, a saber: em nome de Deus e de seu Filho Jesus Cristo, e em nome de todos os que neste momento vos chamam pela minha boca, conjuro-vos a não recusardes esta santa vocação, mas a assumirdes, pelo apreço que tendes à glória de Deus, ao crescimento do reino de Cristo, à edificação de vossos irmãos e ao consolo de mim, que bem sabeis estar oprimido pela multidão de trabalhos, o ofício público e a incumbência de pregar, se quereis evitar o grave desagrado de Deus e desejais que ele multiplique suas graças sobre vós." Então, dirigindo-se à congregação, disse: "Não foi este o encargo que me destes? E não aprovais esta vocação?" Todos responderam: "Foi, e nós a aprovamos." Envergonhado e oprimido por essa incumbência inesperada e solene, Knox não conseguiu falar; prorrompendo em lágrimas, retirou-se da assembleia e encerrou-se em seu aposento. "Seu semblante e comportamento daquele dia até o dia em que foi compelido a apresentar-se no lugar público de pregação manifestaram suficientemente a dor e a perturbação de seu coração; pois ninguém viu nele sinal algum de alegria, nem teve ele prazer na companhia de quem quer que fosse por muitos dias seguidos."

Sua angústia de espírito nessa ocasião provinha de algo mais elevado que a falta de certas formalidades externas em seu chamado. Suas ideias acerca da importância do ofício ministerial não diferiam muito das que tivera quando recebera cerimoniosamente as ordens. O cuidado das almas imortais, das quais

teria de prestar contas ao Supremo Pastor; a incumbência de anunciar "todo o conselho de Deus, sem nada ocultar", por mais desagradável que fosse aos ouvintes, e de "pregar a tempo e fora de tempo"; o modo de vida, as aflições, perseguições, prisão, exílio e morte violenta a que estavam expostos os pregadores da doutrina protestante; o perigo de sucumbir a tais provações e de "naufragar na fé e na boa consciência": essas e outras considerações semelhantes lhe assaltaram o espírito e o encheram de agitação e pesar. Por fim, convencido de que Deus o chamara a empenhar-se nessa obra, aquietou o espírito confiando naquele que prometera aperfeiçoar sua "força na fraqueza" de seus servos e resolveu, como o apóstolo, "não ter por preciosa a própria vida, contanto que pudesse completar com alegria o ministério que recebera do Senhor, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus". Muitas vezes, mais tarde, recordou com viva emoção esse passo tão importante de sua vida; e nunca, nem em meio aos maiores sofrimentos, encontrou motivo para arrepender-se da escolha que fizera com tanta ponderação. [N02]

Tão frutíferos foram seus trabalhos nos poucos meses em que pregou em St. Andrews que, além daqueles que estavam no castelo, grande número de habitantes da cidade renunciou ao papismo e professou a fé protestante ao participar da ceia do Senhor, que Knox lhes ministrou da maneira posteriormente adotada na Igreja reformada da Escócia. A satisfação que sentia por essas primícias de seu ministério foi em certa medida atenuada por exemplos de má conduta entre os que estavam sob seus cuidados, alguns dos quais se entregavam a atos de licenciosidade demasiado comuns entre soldados em circunstâncias semelhantes. Desde que fora escolhido pregador deles, censurou abertamente tais desordens; e, ao perceber que suas advertências não lhes punham fim, não ocultou seus receios quanto ao resultado da empresa em que estavam envolvidos.

No fim de junho de 1547, uma frota francesa, acompanhada de considerável força terrestre sob o comando de Leo Strozzi, surgiu diante de St. Andrews para auxiliar o governador a tomar o castelo. Este foi cercado por mar e por terra; frustrada a ajuda esperada da Inglaterra, os sitiados, após corajosa e vigorosa resistência, tiveram de capitular perante o comandante francês no último dia de julho. Os termos da capitulação eram honrosos: a vida de todos os que estavam no castelo seria poupada; seriam transportados à França e, caso não quisessem entrar a serviço do rei francês, seriam conduzidos a qualquer outro país de sua preferência, exceto a Escócia. John Rough deixara o castelo antes de começar o cerco e se retirara para a Inglaterra. Knox, embora não esperasse que a guarnição pudesse resistir, não conseguiu decidir-se a abandonar aqueles sob seus cuidados e resolveu compartilhar com seus irmãos os perigos do cerco. Foi embarcado com os demais na frota, que poucos dias depois zarpou para a França, chegou a Fécamp e, subindo o Sena, ancorou diante de Rouen. A capitulação foi violada e todos foram mantidos como prisioneiros de guerra, a pedido do papa e do clero escocês. Os principais cavalheiros foram encarcerados em Rouen, Cherburgo, Brest e Mont-Saint-Michel. Knox, com alguns outros, ficou confinado a bordo das galés, acorrentado e sujeito, além dos rigores do cativeiro comum, a todas as indignidades infligidas aos hereges.

De Rouen navegaram para Nantes e permaneceram no Loire durante o inverno seguinte. Apelos, ameaças e violência foram empregados para fazer os prisioneiros abjurarem sua religião e darem seu assentimento ao culto papista; mas era tão grande sua aversão à idolatria desse culto que nenhum dos integrantes do grupo inteiro, em terra ou na água, pôde ser persuadido a conformar-se com ele no menor grau. Enquanto os navios-prisão estavam no Loire, frequentemente se celebrava a missa e se cantava o Salve Regina a bordo ou na margem, ao alcance de seus ouvidos; nessas ocasiões, eram trazidos à presença dos oficiantes e ameaçados de tortura caso não dessem os sinais habituais de reverência; mas, em vez de obedecer, cobriam a cabeça assim que o ofício começava. Knox narrou um incidente jocoso ocorrido numa dessas ocasiões; embora não tenha identificado o protagonista, é muito provável que fosse ele mesmo. Um dia, uma bela imagem pintada da Virgem foi levada para uma das galés e apresentada a um prisioneiro escocês para que a beijasse. Ele pediu ao portador que não o importunasse, pois tais ídolos eram malditos e ele não tocaria na imagem. Os oficiais responderam

rudemente que ele o faria, encostaram-na em seu rosto e a empurraram para suas mãos. Então ele a segurou e, escolhendo o momento oportuno, lançou-a ao rio, dizendo: “Deixe agora Nossa Senhora salvar-se a si mesma: é leve o bastante; que aprenda a nadar.” Depois disso não voltaram a importuná-los daquela maneira.

As galés regressaram à Escócia no verão de 1548, tanto quanto podemos apurar, e permaneceram por considerável tempo na costa oriental, vigiando embarcações inglesas. A saúde de Knox estava então muito abalada pelo rigor de seu confinamento; sobreveio-lhe uma febre durante a qual todos a bordo perderam a esperança de que sobrevivesse. Mas mesmo nesse estado sua firmeza de espírito não se deixou abater, e ele consolava os companheiros de prisão com a esperança de libertação. Às perguntas ansiosas e desalentadas deles, naturais a homens em tal situação, “se julgava que algum dia obteriam a liberdade”, respondia invariavelmente: “Deus nos libertará para sua glória, ainda nesta vida.” Enquanto estavam ao largo da costa entre Dundee e St. Andrews, o sr. James Balfour (depois sir James), preso no mesmo navio, pediu-lhe que olhasse para terra e visse se reconhecia o lugar. Embora estivesse então muito enfermo, respondeu: “Sim, conheço-o bem; pois vejo a torre daquele lugar onde Deus abriu pela primeira vez minha boca em público para sua glória; e estou plenamente persuadido de que, por mais fraco que agora pareça, não partirei desta vida antes que minha língua glorifique seu santo nome nesse mesmo lugar.” Sir James repetiu essa notável resposta na presença de muitas testemunhas, vários anos antes do regresso de Knox à Escócia, quando havia pouquíssima perspectiva de que suas palavras se cumprissem.

Não devemos, contudo, imaginar que conservasse essa elevação e tranquilidade de espírito durante todo o tempo de prisão. Quando foi pela primeira vez lançado em cruéis grilhões, insultado pelos inimigos e sem perspectiva aparente de libertação, conheceu a angústia do desalento tão comoventemente descrita pelo salmista régio de Israel. Sentiu em seu espírito aquele conflito conhecido de todos os homens bons, particularmente agudo quando acompanhado de padecimento corporal. Mas, tendo recorrido à oração, refúgio que nunca falta aos oprimidos, viu-se aliviado de todos os temores e, descansando na promessa e na providência do Deus a quem servia, alcançou “a confiança e a alegria da esperança”.

Quando não estava febril, amenizava o tédio do cativeiro pondo por escrito uma confissão de sua fé, que continha a substância daquilo que ensinara em St. Andrews, com um relato particular da disputa que sustentara nos pátios de St. Leonard. Encontrou meios de fazê-la chegar aos conhecidos com quem partilhava a fé na Escócia, acompanhada de fervorosa exortação a perseverarem na fé que professavam, quaisquer que fossem as perseguições que por ela viessem a sofrer. A essa confissão se referiu mais tarde na defesa de sua doutrina perante o bispo de Durham: “Ninguém pense que falo com tanta ousadia por estar no reino da Inglaterra. Não; Deus me livrou dessa suspeita. Pois, enquanto o corpo jazia em penosíssimos grilhões entre tiranos cruéis, sua misericórdia e bondade fizeram com que a mão escrevesse e desse testemunho da confissão do coração mais abundantemente do que a língua jamais falara.” [N03]

Apesar do rigor de seu confinamento, os prisioneiros, embora separados, encontravam por vezes oportunidade de corresponder-se entre si. Henry Balnaves de Halhill compôs na prisão um Tratado sobre a justificação e as obras e a conduta de um homem justificado. Tendo a obra chegado a Knox, provavelmente depois de seu segundo retorno da Escócia nas galés, agradou-lhe tanto que a dividiu em capítulos, acrescentou algumas notas marginais e um breve resumo do conteúdo; antepôs ao conjunto uma dedicatória de recomendação, com a intenção de que fosse publicado em benefício de seus irmãos na Escócia assim que surgisse oportunidade. Estamos persuadidos de que o leitor não se desagradará de respirar um pouco do espírito que animava esse intrépido confessor quando “seus pés estavam presos a ferros”, segundo suas próprias palavras nessa dedicatória, da qual citaremos mais extensamente, por ser raro o livro.

Assim se apresenta a dedicatória: “John Knox, servo acorrentado de Jesus Cristo, a seus irmãos mais amados da congregação do castelo de St. Andrews e a todos os que professam o verdadeiro evangelho de Cristo, deseja graça, misericórdia e paz de Deus Pai, com a perpétua consolação do Espírito Santo.” Depois de mencionar vários casos em que o nome de Deus foi engrandecido e os interesses da religião promovidos pelo exílio daqueles que a tirania expulsou de seus países, como nos exemplos de José, Moisés, Daniel e dos cristãos primitivos, prossegue assim: “Esta obra piedosa que se segue demonstrará isso abertamente. O desígnio de Satanás ao perseguir-nos era, primeiro, impedir que o salutar vento do evangelho de Cristo soprasse nas regiões em que vivemos e habitamos; e, segundo, oprimir-nos de tal modo por aflições corporais e calamidades mundanas que não encontrássemos lugar para o estudo piedoso. Mas, pela grande misericórdia e infinita bondade de Deus nosso Pai, esses seus desígnios serão frustrados e reduzidos a nada. Pois, a despeito dele e de todos os seus membros perversos, essa mesma palavra (ó Senhor! digo isto confiando em tua santa promessa) será ainda proclamada abertamente nesse mesmo país. E esta obra presente testemunhará que nosso misericordioso Pai, em meio a essas tempestades e contrariando a expectativa de todos, nos proveu de algum descanso; foi-me ela enviada em Rouen, quando eu jazia em ferros e muito afligido por enfermidade corporal, numa galé chamada Notre Dame, por um honrado irmão, o sr. Henry Balnaves de Halhill, por ora mantido prisioneiro (embora injustamente) no antigo palácio de Rouen. Depois que a li mais uma vez, com grande conforto e consolação de meu espírito, julguei conveniente, por conselho e recomendação do mencionado homem nobre e fiel, autor da obra, que ela fosse dividida em capítulos etc. Fiz isso conforme permitiram a debilidade de meu engenho [isto é, talento ou entendimento] e o inconveniente do lugar; não tanto para esclarecer a obra (que em si é piedosa e perfeita) quanto para, juntamente com o mencionado nobre e fiel irmão, prestar minha confissão acerca do artigo da justificação nela contido. E rogo-vos, amados irmãos, que considereis atentamente se agora negamos alguma coisa (ou mesmo ocultamos e escondemos) que alguma vez antes professamos nesse artigo. E agora não temos o castelo de St. Andrews como defesa, como falsamente nos acusaram alguns inimigos nossos, dizendo: Se não tivéssemos nossas muralhas, não falaríamos com tanta ousadia. Mas bendito seja o Senhor, cuja infinita bondade e sabedoria nos tiraram a ocasião dessa calúnia e nos mostraram que a serpente só tem poder para ferir o calcanhar, isto é, molestar e atormentar a carne, mas não para afastar o espírito da constante adesão a Cristo Jesus nem da profissão pública de sua verdadeira palavra. Ó bendito sejas tu, Pai Eterno, que, por tua só misericórdia, nos preservaste até este dia e providenciaste que a confissão de nossa fé (que sempre desejamos fosse conhecida de todos) viesse claramente à luz por meio deste tratado. Prossegue, ó Senhor, e concede-nos que, assim como agora com pena e tinta, em breve possamos confessar com voz e língua a mesma fé diante de tua congregação; para ela olha, ó Senhor Deus, com olhos de misericórdia, e não permitas que as trevas prevaleçam mais. Rogo-vos que me perdoeis, amados irmãos, por assim me desviar do assunto; o fervor do espírito (o Senhor sabe que não minto) a isso me impele.” [N04]

Os prisioneiros em Mont-Saint-Michel consultaram Knox sobre a licitude de tentar fugir arrombando a prisão. Alguns dentre eles se opunham ao plano por receio de que a fuga sujeitasse a tratamento mais severo os irmãos que continuassem presos. Ele respondeu que esses temores não eram razão suficiente para abandonar o propósito e que poderiam, de consciência tranquila, efetuar a fuga, desde que isso se fizesse “sem que se derramasse ou vertesse o sangue de quem quer que fosse; mas jamais consentiria em derramar o sangue de alguém pela liberdade deles”. Tentaram, portanto, e conseguiram escapar “sem causar dano à pessoa de ninguém e sem tocar em coisa alguma pertencente ao rei, ao capitão ou à casa”.

Por fim, depois de suportar dezenove meses de um longo e severo cativeiro, Knox alcançou a liberdade. Isso sucedeu em fevereiro de 1549, segundo a contagem moderna. Não podemos determinar com certeza por que meio se conseguiu sua libertação. Segundo um relato, a galé em que estava preso foi capturada no Canal da Mancha pelos ingleses. Segundo outro, foi libertado por ordem do rei da França,

pois uma investigação mostrou que não tomara parte no assassinato do cardeal nem fora cúmplice dos demais crimes cometidos pelos ocupantes do castelo de St. Andrews. Outros dizem que seus conhecidos compraram sua liberdade, movidos pela esperança de que grandes coisas seriam realizadas por seu intermédio. Não é improvável, contudo, que a devesse ao fato de a corte francesa já haver atingido seu grande objetivo na Escócia: obter o consentimento do parlamento para o casamento da jovem rainha com o delfim e tomar posse da pessoa dela. Depois disso, os franceses se inclinaram menos a vingar as querelas do clero escocês. [N05]

Ao recuperar a liberdade, Knox dirigiu-se imediatamente à Inglaterra, em circunstâncias sumamente favoráveis: Henry VIII morrera em 1547, e o arcebispo Cranmer, livre das restrições impostas por seu caprichoso senhor, empenhava-se no avanço da Reforma. Convidara protestantes eruditos da Alemanha, que, com nossos zelosos compatriotas, eram empregados como pregadores itinerantes em diferentes partes do reino onde o clero era mais iletrado ou hostil e os habitantes mais afeitos à superstição.

A reputação que Knox adquirira pregando em St. Andrews não era desconhecida na Inglaterra, e seus sofrimentos recentes recomendaram-no a Cranmer e ao conselho privado. Assim, pouco depois de sua chegada à Inglaterra, foi enviado de Londres, por autoridade deles, para pregar em Berwick; situação que lhe era tanto mais grata por oferecer-lhe oportunidade de conhecer o estado da religião em seu país natal, corresponder-se com os amigos e aconselhá-los. O conselho tinha todos os motivos para agradar-se da escolha de um pregador para o norte. Knox ansiara havia muito pela oportunidade que agora desfrutava. O cativeiro, durante o qual experimentara o poderoso amparo que a doutrina protestante oferecia ao seu espírito, inflamara-lhe o amor por ela e o zelo contra o papismo. Não poupava tempo nem forças físicas na instrução daqueles a quem fora enviado. Considerando o culto da Igreja papista grosseiramente idólatra e sua doutrina capaz de levar à condenação, atacou a ambos com o máximo fervor e empenhou-se em afastar deles os ouvintes com o mesmo ardor com que salvaria suas vidas de um incêndio ou de uma inundação devastadora. Seus labores tampouco foram infrutíferos: nos dois anos em que permaneceu em Berwick, muitos se converteram, por seu ministério, do erro e da ignorância; e uma reforma geral dos costumes tornou-se visível entre os soldados da guarnição, antes conhecidos pela turbulência e pela licenciosidade.

Os trabalhos de Knox na diocese de Tonstal, bispo de Durham, decerto causaram grande desagrado a este último. Como o pregador atuava sob a sanção do protetor e do conselho, o bispo não ousava impedi-lo; mas estava disposto a ouvir e estimular denúncias do clero contra a doutrina por ele ensinada. Embora Berwick fosse a principal sede de Knox nos anos de 1549 e 1550, é provável que tivesse sido designado para pregar ocasionalmente nas regiões vizinhas. Não está claro se, em suas viagens, chegara a Newcastle no começo de 1550 e ali pregara, ou se foi chamado à cidade em consequência de queixas contra seus sermões proferidos em Berwick. É certo, porém, que se apresentou contra ele, perante o bispo, uma acusação por ensinar que o sacrifício da missa era idólatra, e se marcou um dia para que expusesse publicamente as razões dessa opinião. Assim, em 4 de abril de 1550, reunida uma grande assembleia em Newcastle, da qual faziam parte os membros do conselho, o bispo de Durham e os homens doutos de sua catedral, Knox proferiu diante deles uma ampla defesa da doutrina contra a qual se haviam apresentado queixas. Após um exórdio apropriado, no qual explicou à audiência a ocasião e a finalidade de sua presença e a advertiu contra a força dos preconceitos da educação e do costume em favor de opiniões e práticas religiosas errôneas, passou a estabelecer a doutrina que ensinara. A maneira de tratar o assunto ajustava-se bem à audiência, composta tanto de iletrados como de eruditos. Formulava os argumentos em forma silogística, conforme a prática das escolas, mas os ilustrava com clareza ao alcance da compreensão dos ouvintes mais simples. Deixando de lado as concepções mais grosseiras e o vergonhoso comércio de missas, extremamente comum naquela época, dispôs-se a provar que a missa, “em seu mais elevado grau e em suas vestes mais honradas, era um ídolo forjado pelo cérebro inventivo da superstição, que suplantara o sacramento da ceia e se apropriara da honra devida à pessoa e ao sacrifício de Jesus Cristo”. “Não poupeis flechas” era o lema inscrito no estandarte de Knox;

ele empregava, cada qual por sua vez, a autoridade das Escrituras e a força do raciocínio, a grave repreensão e a ironia mordaz. No curso dessa defesa, não reprimiu os rompantes de zombaria que as tolices da superstição papista irresistivelmente provocam até naqueles que estão profundamente convencidos de sua perniciosa tendência. Antes de concluir, aludiu a certas doutrinas ensinadas naquele lugar no domingo anterior, cuja falsidade estava pronto a demonstrar; primeiro, porém, disse que submeteria ao pregador as notas que tomara do sermão, para que as corrigisse como julgasse conveniente. Seu propósito não era representar mal o que fora dito nem apanhar ardilosamente um orador por palavras proferidas sem reflexão, mas defender a verdade e advertir os ouvintes contra erros destrutivos para suas almas.

Essa defesa teve o efeito de difundir a fama de Knox por todo o norte da Inglaterra, ao mesmo tempo que silenciou completamente o bispo e seus eruditos sufragâneos. Continuou a pregar em Berwick pelo restante daquele ano; no seguinte, foi transferido para Newcastle e posto numa esfera de maior utilidade. Em dezembro de 1551, o conselho privado deu-lhe um sinal de aprovação, nomeando-o um dos capelães ordinários do rei Edward. “Foi determinado”, diz sua majestade num diário de acontecimentos importantes que escreveu de próprio punho, “que eu tivesse seis capelães ordinários, dos quais dois estivessem sempre presentes e quatro ausentes, pregando: num ano, dois no País de Gales, dois em Lancashire e Derby; no ano seguinte, dois nas marcas da Escócia e dois em Yorkshire; no terceiro ano, dois em Norfolk e Essex e dois em Kent e Sussex. Esses seis serão Bill, Harle, Perne, Grindal, Bradford e ————.” O nome do sexto foi riscado do diário, mas o diligente Strype mostrou que se tratava de Knox. “Estes, ao que parece”, diz o bispo Burnet, “eram os pregadores mais zelosos e mais prontos, enviados como itinerantes para suprir as deficiências da maior parte do clero, em geral muito falho.” Foi fixado para cada capelão um estipêndio anual de £40.

No decorrer do ano, Knox foi consultado sobre o Livro de Oração Comum, então em revisão. É provável que nessa ocasião tenha sido chamado a Londres por breve período. Embora os principais responsáveis pelos assuntos eclesiásticos não estivessem dispostos, ou ainda não julgassem oportuno, introduzir a reforma completa que ele reputava necessária para conformar o culto da Igreja inglesa ao modelo das Escrituras, suas representações não foram inteiramente desconsideradas. Sua influência permitiu obter uma alteração importante no rito da comunhão, que excluía completamente a noção da presença corporal de Cristo no sacramento e prevenia contra a adoração dos elementos, demasiado favorecida pelo costume, ainda mantido, de ajoelhar-se ao recebê-los. Knox fala dessas alterações com grande satisfação em sua Admoestação aos Professantes da Verdade na Inglaterra: “Deus também deu ousadia e entendimento à corte do parlamento para remover o deus redondo e recortado, no qual reside toda a santidade dos papistas, e ordenar que se use pão comum à mesa do Senhor; e também para remover a maior parte das superstições (exceto o ajoelhar-se à mesa do Senhor), que antes profanavam a verdadeira religião de Cristo.” Essas mudanças ofenderam profundamente os papistas. Numa disputa com Latimer, depois da ascensão da rainha Mary, o prolocutor, dr. Weston, queixou-se da influência de nosso compatriota em sua aprovação: “Um escocês fugitivo retirou a adoração ou veneração de Cristo no sacramento; por sua intervenção aquela heresia foi posta no último livro da comunhão: tanto prevaleceu naquele tempo a autoridade de um só homem.” No ano seguinte, Knox foi empregado na revisão dos Artigos de Religião antes que fossem ratificados pelo parlamento.

Durante sua permanência em Berwick, Knox conhecera a srta. Marjory Bowes, jovem que mais tarde se tornaria sua esposa. Ela pertencia à honrada família Bowes e tinha estreitos laços de parentesco com sir Robert Bowes, ilustre cortesão nos reinados de Henry VIII e de seu filho Edward. Antes de deixar Berwick, Knox fizera-lhe a corte e recebera resposta favorável. A mãe dela também via com bons olhos a união; mas, por alguma razão, muito provavelmente a presumida oposição do pai, julgou-se prudente adiar sua consumação. Tendo, porém, assumido perante a jovem um compromisso formal, considerava-se sagradamente vinculado a ele e, nas cartas à sra. Bowes, sempre a tratava pelo nome de mãe.

Sem diminuir o louvor justamente devido àqueles dignos homens então empregados em difundir a verdade religiosa por toda a Inglaterra, podemos dizer que nosso compatriota não ficava atrás dos primeiros dentre eles na incansável diligência com que trabalhava nos postos que lhe eram confiados. Desde cedo, seu espírito parece ter pressentido que a oportunidade áurea então desfrutada não duraria muito. Estava ansioso por "remir o tempo" e era infatigável tanto no estudo quanto no ensino. Além dos ofícios habituais no dia do Senhor, pregava regularmente nos dias de semana, muitas vezes todos os dias. Fora o tempo reservado aos estudos, ocupava-se amiúde em conversar com pessoas que lhe pediam conselhos sobre assuntos religiosos. O conselho não era insensível ao valor de seus serviços e concedeu-lhe vários sinais de aprovação. Escreveu diversas cartas aos governadores e principais moradores dos lugares onde ele pregava, recomendando-o à atenção e proteção deles. Assegurou-lhe o pagamento regular do estipêndio até que recebesse um benefício eclesiástico. Foi também por consideração a ele que, em setembro de 1552, concedeu a seu irmão William Knox, comerciante, uma patente que lhe permitia, por tempo limitado, negociar em qualquer porto da Inglaterra num navio com capacidade de cem toneladas.

Mas aquilo que recomendava Knox ao conselho atraía-lhe o ódio de um partido numeroso e poderoso nos condados do norte, que continuava apegado ao papismo. Irritados com sua ousadia e com o êxito de seus ataques à superstição deles, e cientes de que seria inútil, e até perigoso, acusá-lo por esse motivo, aguardavam ocasião de aproveitar algo em seus discursos ou em sua conduta que pudessem usar em seu prejuízo. Havia muito ele observava com grande inquietação a impaciência com que os papistas se submetiam ao governo vigente e seu ardente desejo de qualquer mudança capaz de levar à derrocada da religião protestante; desejo que, no norte, exprimiam sem a reserva ditada pela prudência nos lugares próximos à sede do poder. Presenciara a alegria com que receberam a notícia da queda do protetor e sabia da satisfação com que faziam circular prognósticos acerca da iminente morte do rei. Num sermão pregado por volta do Natal de 1552, deu vazão ao que sentia a esse respeito e, lamentando a obstinação dos papistas, afirmou que os inimigos do evangelho então pregado na Inglaterra eram traidores secretos da coroa e do Estado, não desejavam nada tanto quanto a morte de sua majestade e pouco lhes importava quem reinasse, contanto que sua idolatria fosse restabelecida. Seus inimigos agarraram-se imediatamente a essa linguagem franca e a transmitiram, com muitos agravamentos, a alguns homens importantes da corte que secretamente lhes eram favoráveis; estes, por isso, apresentaram contra ele ao conselho privado uma acusação de graves delitos.

Ao dar esse passo, foram bastante encorajados pelo que sabiam das opiniões do duque de Northumberland, que pouco antes chegara para assumir o posto de guardião-geral das marcas do norte. Esse nobre ambicioso e sem princípios usara seu zelo fingido pela religião reformada como estribo para alcançar a mais alta posição do Estado, recentemente obtida por meio da ruína do duque de Somerset, protetor do reino. Knox o ofendera ao lamentar publicamente a queda de Somerset como uma ameaça à Reforma, da qual este sempre se mostrara zeloso amigo, quaisquer que fossem suas outras faltas. Tampouco podia agradar a um homem como Northumberland a liberdade com que o pregador repreendia do púlpito os vícios dos grandes e dos pequenos. Por esses motivos, desejava retirar Knox daquela região e, antes do episódio recém-relatado, chegara a pedir isso em carta ao conselho, alegando como pretexto o grande número de escoceses que o procuravam: como se houvesse verdadeiro perigo no convívio com um homem de cuja lealdade o governo vigente possuía tantas provas sólidas e que sempre empregara toda a sua influência para dissipar os preconceitos dos compatriotas contra a Inglaterra.

Em consequência das acusações apresentadas contra ele ao conselho, recebeu uma intimação para ir imediatamente a Londres e responder por sua conduta. O seguinte trecho de uma carta dirigida "à sua irmã" revela seu estado de espírito ao receber a convocação: "A necessidade urgente não me permite expor-vos meus pensamentos. Meu senhor de Westmoreland escreveu-me nesta quarta-feira, às seis horas da noite, ordenando-me que me apresente a ele imediatamente, sob minha responsabilidade. Não

consegui licença para permanecer até a hora do sermão de amanhã. Bendito seja Deus, que de tempos em tempos ratifica e confirma a verdade de sua palavra, segundo a necessidade de nossa fraqueza! Vosso adversário, irmã, procura fazer-vos duvidar se esta é ou não a palavra de Deus. Se antes de nossa época nunca tivesse havido testemunho de sua indubitável verdade, não poderiam as coisas que vemos acontecer diariamente prová-la? Não afirma ela que será pregada, mas desprezada e tida em pouca conta por muitos; que seus verdadeiros professantes serão odiados por pai, mãe e outros de religião contrária; que os mais fiéis serão perseguidos? E não se cumprem em nós todas essas coisas? Alegrai-vos, irmã, pois a mesma palavra que prediz a tribulação nos assegura a glória que se segue. Quanto a mim, mesmo que agora o extremo sofrimento me alcance, não chega sem que eu o esperasse. Mas, ai de mim! Temo ainda não estar maduro nem apto a glorificar Cristo por minha morte; o que agora falta, porém, Deus completará no devido tempo. Tende certeza de que não me esquecerei de vós nem dos vossos companheiros enquanto um mortal puder lembrar-se de criatura terrena."

Ao chegar a Londres, verificou que seus inimigos haviam sido extraordinariamente diligentes em suscitar preconceitos contra ele, transmitindo informações sumamente falsas e injuriosas. O conselho, porém, depois de ouvir sua defesa, convenceu-se da malícia deles e o absolveu honrosamente. Knox foi encarregado de pregar diante da corte e causou grande satisfação, especialmente a sua majestade, que passou a favorecê-lo e desejava muito vê-lo promovido na Igreja. O conselho decidiu que pregaria em Londres e nos condados do sul durante o ano de 1553; mas lhe permitiu voltar por pouco tempo a Newcastle, seja para acertar seus negócios, seja como testemunho público de sua inocência. Numa carta à sua irmã, datada de Newcastle, 23 de março de 1553, lemos: "Vede mais sobre esse assunto na outra carta, escrita a vós numa ocasião em que muitos pensavam que eu nunca mais tornaria a escrever a ninguém. Graves foram as denúncias feitas contra mim, e muitas são as mentiras levadas ao conselho. Mas um dia Deus destruirá todas as línguas mentirosas e livrará seus servos da calamidade. Espero cair nas mãos deles mais cedo ou mais tarde, pois os membros do diabo se enfurecem cada vez mais contra mim. Esse ataque de Satanás redundou em sua confusão e na glória de Deus. Portanto, irmã, não cesseis de louvar a Deus e de pedir-lhe consolo para mim; pois grande é a multidão dos inimigos, e a cada um deles o Senhor confundirá. Não pretendo deixar Newcastle antes da Páscoa."

O vigor de sua constituição fora muito prejudicado pelo confinamento nas galés francesas, o que, somado aos trabalhos na Inglaterra, lhe provocara cálculos urinários. Ao longo de 1553, sofreu diversos ataques violentos dessa afecção aguda, acompanhados de fortes dores na cabeça e no estômago. "Meus trabalhos diários agora terão de aumentar", diz na carta citada por último, "e por isso poupai-me quanto puderdes. Minha antiga enfermidade muito me aflige, e nada é mais prejudicial à minha saúde que escrever. Não penseis que me cansei de visitar-vos; mas, se a dor não cessar, tornar-me-ei de todo inútil. Age, ó Senhor, conforme aprouver à tua infinita bondade, e alivia, segundo tua vontade, as tribulações dos que procuram fazer resplandecer tua glória. Amém." Em outra carta à mesma correspondente, escreve: "A dor de minha cabeça e de meu estômago muito me aflige. Sinto meu corpo definhar a cada dia; mas a providência de meu Deus não será frustrada. Fui incumbido de estar em Widrington no domingo, onde creio que permanecerei também na segunda-feira. O Espírito do Senhor Jesus repouse convosco. Pedi aos fiéis a quem confiais vosso pensamento que orem para que, ao beneplácito de nosso bom Deus, minhas dores de corpo e espírito se aliviem um pouco; pois agora são muito amargas. Nunca achei o espírito, louvo a meu Deus, tão abundante onde se deve declarar a glória de Deus; por isso estou certo de que ainda resta algo que não vemos." "Vosso mensageiro", diz em outra carta, "encontrou-me na cama depois de grande aflição e de uma noite dolorosíssima; assim a dor poderá queixar-se à dor quando nós dois nos encontrarmos. Mas a infinita bondade de Deus, que nunca despreza as súplicas de um coração profundamente atribulado, por seu beneplácito dará fim às dores que ora sofremos e, em seu lugar, nos coroará para sempre de glória e imortalidade. Mas, querida irmã, sou da mesma opinião que o fiel Jó, embora tão duramente atormentado: minha dor não terá fim nesta vida. O poder de Deus pode, contrariamente ao que pensa meu coração, mudar coisas que parecem imutáveis, como fez com Jó;

mas a dor e o sofrimento, com cruel angústia, clamam o contrário. Digo-vos isso com mais clareza do que jamais falei, para que saibais que tendes um companheiro na tribulação. Assim, descansai em Cristo, pois a cabeça da serpente já foi esmagada, e ela nos fere no calcanhar." [N06]

Por volta do início de abril de 1553, voltou a Londres. No mês de fevereiro anterior, o conselho pedira ao arcebispo Cranmer que o apresentasse ao benefício vago de All-Hallows naquela cidade. Essa proposta, nascida do favor pessoal do jovem rei, desagradava muito a Northumberland, que agiu em segredo para impedir sua promoção. Sua interferência, porém, era desnecessária nessa ocasião: quando lhe ofereceram o benefício, Knox recusou-o e, interrogado sobre os motivos, reconheceu francamente que, no estado em que se encontrava a Igreja inglesa, sua consciência não lhe dava liberdade para aceitar um encargo fixo. Como sua recusa e o motivo alegado causaram desagrado, foi chamado ao conselho privado em 14 de abril. Estavam presentes o arcebispo de Canterbury; Goodrick, bispo de Ely e lorde chanceler; os condes de Bedford, Northampton e Shrewsbury; o lorde tesoureiro e o lorde camareiro, além dos dois secretários. Perguntaram-lhe por que recusara o benefício que lhe fora provido em Londres. Respondeu estar plenamente convencido de que poderia ser mais útil à Igreja em outra posição. Interrogaram-no se, em sua opinião, ninguém podia exercer legitimamente o ministério eclesiástico sob as leis então vigentes no reino. Respondeu sem rodeios que muitas coisas precisavam de reforma, sem a qual os ministros, a seu ver, não poderiam desempenhar seu ofício conscienciosamente diante de Deus; pois, pelas leis existentes, nenhum ministro tinha poder de impedir os indignos de participar dos sacramentos, "o que era um ponto principal de seu ofício". Perguntaram-lhe se ajoelhar-se à mesa do Senhor não era matéria indiferente. Ele respondeu que a ação de Cristo fora perfeitíssima e não empregara tal postura; que o mais seguro era seguir seu exemplo; e que ajoelhar-se era um acréscimo e uma invenção dos homens. A esse respeito houve viva disputa entre Knox e alguns lordes do conselho. Após longa argumentação, disseram-lhe que não o haviam mandado chamar com má intenção, mas lamentavam saber que sua opinião divergia da ordem comum. Ele disse lamentar que a ordem comum contrariasse a instituição de Cristo. Dispensaram-no com palavras brandas, aconselhando-o a procurar dispor seu espírito a comungar segundo os ritos estabelecidos.

Se honrarias e emolumentos pudessem influenciar o espírito independente de nosso compatriota, ele decerto teria sido levado a conformar-se plenamente à Igreja da Inglaterra. A pedido especial de Edward VI, e com o assentimento de seu conselho, foi-lhe oferecido um bispado; mas as mesmas razões que o impediram de aceitar o benefício eclesiástico de All-Hallows o determinaram a rejeitar essa oferta mais tentadora. O fato é atestado por Beza, que acrescenta que a recusa foi acompanhada de uma censura ao ofício episcopal, por carecer de autoridade divina e nem sequer ser exercido na Inglaterra segundo os cânones eclesiásticos. O próprio Knox fala, em um de seus tratados, da "elevada promoção que Edward lhe oferecera"; e veremos que, em período posterior de sua vida, ele afirmou expressamente haver recusado um bispado.

Durante sua permanência em Londres, Knox teve plena oportunidade de observar o estado da corte; e suas observações encheram-lhe o espírito dos mais inquietantes pressentimentos. Não alimentava a menor dúvida quanto à piedade e à sinceridade do jovem rei. O conhecimento pessoal elevou a ideia que formara de seu caráter por notícias alheias e permitiu-lhe somar seu testemunho ao tributo de louvor que todos quantos conheceram esse príncipe tão prontamente prestaram a suas virtudes e qualidades extraordinárias. Mas os principais cortesãos que então o cercavam eram pessoas de índole muito diversa e davam provas inequívocas de indiferença a toda religião e de disposição para aderir ao restabelecimento da antiga superstição e promovê-lo, tão logo uma mudança de soberano o exigisse. A saúde de Edward, havia muito em declínio, piorava gradualmente, a ponto de não restar esperança de recuperação; eles, porém, só se empenhavam em engrandecer suas famílias e garantir seus cargos e fortunas.

Os capelães reais eram homens de feitio muito diferente daquele dos que habitualmente ocuparam esse posto nas cortes dos príncipes. Não eram parasitas servis, acomodatícios e de fala melíflua; não temiam

perder suas pensões, nem alarmar a consciência e ferir os delicados ouvidos de seus ouvintes régios e nobres, ao denunciar os vícios que cometiam e os juízos do Céu a que se expunham. A franqueza do venerável Latimer é bem conhecida por seus sermões impressos, que, por sua honradez singela, simplicidade sem artifícios, humor espontâneo e retratos fiéis dos costumes da época, continuam a ser lidos com interesse. Grindal, Lever e Bradford, superiores a ele em erudição, demonstraram a mesma fidelidade e coragem. Censuraram a ambição, a avareza, o luxo, a opressão e a irreligião que reinavam na corte. Enquanto o soberano pôde comparecer pessoalmente aos sermões, os pregadores foram tratados com decoro e respeito exteriores; mas, depois que uma tosse consumptiva o confinou a seus aposentos, o ressentimento dos cortesãos manifestou-se abertamente nas palavras mais injuriosas e na conduta mais insolente. Quem conhece o caráter de nosso compatriota facilmente compreenderá que os sermões que proferiu na corte não foram menos ousados e francos que os de seus colegas. Podemos julgá-los pelo relato que deixou de seu último sermão perante Sua Majestade, no qual dirigiu várias reprimendas penetrantes ao altivo primeiro-ministro e a seu astuto parente, o marquês de Winchester, lorde alto tesoureiro, ambos presentes entre os ouvintes. Em 6 de julho de 1553, Edward VI deixou esta vida, para indizível pesar de todos os amantes do saber, da virtude e da religião protestante; e uma nuvem negra estendeu-se sobre a Inglaterra, a qual, após pairar por algum tempo, desabou em terrível furacão que por cinco anos grassou com a mais destruidora fúria. Knox estava então em Londres. Recebeu a aflitiva notícia da morte de Sua Majestade com a devida fortaleza e resignação à soberana vontade do Céu. O acontecimento não o surpreendeu desprevenido: havia muito o previra, juntamente com suas prováveis consequências; tal perspectiva lhe causara a mais aguda angústia e arrancara lágrimas de seus olhos; e ele frequentemente abordara o assunto em seus discursos públicos e em conversas confidenciais com amigos. Escrevendo à senhora Bowes algum tempo depois, disse: “Quantas vezes vós e eu falamos destes dias presentes, até que nenhum de nós pôde conter as lágrimas, quando ainda não havia entre os homens aparência alguma de que viriam! Quantas vezes vos disse que esperava tribulações a cada dia e me admirava de haver escapado delas por tanto tempo! Que me levou a recusar (com desagrado de todos, até dos que mais me amavam) aquelas elevadas promoções que me ofereceu aquele que Deus nos tirou por causa de nossas ofensas? Certamente, a previsão das tribulações vindouras. Quantas vezes vos disse que não tardaria o tempo em que a Inglaterra deixaria de me dar pão? Consultai a última carta que escrevi a vosso cunhado e considerai o que nela está contido.”

Permaneceu em Londres até 19 de julho, quando Mary foi proclamada rainha, apenas nove dias depois de se haver realizado na mesma cidade a mesma cerimônia em favor da amável e infortunada lady Jane Grey. As demonstrações irrefletidas de alegria dos habitantes diante de um acontecimento que ameaçava de tanto perigo a fé religiosa que ainda professavam o afetaram de tal modo que não pôde deixar de manifestar publicamente seu desagrado e adverti-los, em seus sermões, das calamidades que podiam esperar. Logo depois, parece ter deixado Londres e se retirado para o norte, receando com razão as medidas que o novo governo poderia tomar. Para induzir os protestantes a se submeterem pacificamente a seu governo, Mary entreteve-os por algum tempo com proclamações nas quais prometia não violentar-lhes a consciência. Embora cientes do fanatismo da rainha e do espírito da religião a que ela era devotada, os ministros protestantes julgaram seu dever aproveitar essa trégua. No mês de agosto, Knox voltou ao sul e retomou seus trabalhos. Parece ter sido nessa ocasião que compôs a Confissão e Oração que costumava empregar nas congregações às quais pregava, na qual orava nominalmente pela rainha Mary e pela repressão daqueles que cogitavam rebelar-se. Em suas viagens por Buckinghamshire, grandes auditórios o acompanhavam, reunidos por sua popularidade e pela gravidade alarmante da crise; especialmente em Amersham, burgo outrora conhecido pela ampla aceitação das doutrinas de Wycliffe, precursor da Reforma na Inglaterra, onde a semente lançada por seus seguidores jamais fora inteiramente extirpada. Aonde quer que fosse, exortava insistentemente o povo ao arrependimento diante dos sinais do desagrado divino e à firme perseverança na fé que abraçara. Continuou a pregar em Buckinghamshire e Kent durante os meses da colheita, embora as medidas do governo tornassem sua segurança mais precária a cada dia; e, no princípio de novembro,

retornou a Londres, onde se hospedou nas casas dos senhores Locke e Hickman, dois respeitáveis comerciantes seus conhecidos.

Enquanto as medidas do novo governo ameaçavam todos os protestantes do reino, e nosso compatriota vivia sob o temor diário da prisão, sobreveio-lhe uma dura provação de caráter privado. Já mencionamos seu compromisso com a senhorita Bowes. Julgou-se então conveniente, de ambas as partes, tornar pública a ligação e proceder à celebração da união. A medida encontrou oposição no pai da jovem; e sua oposição veio acompanhada de circunstâncias que causaram grande aflição a Knox, à senhora Bowes e à filha dela. Sua recusa parece ter nascido do orgulho familiar; mas inclinamo-nos a pensar que também foi influenciada por considerações religiosas, pois, segundo diversas alusões na correspondência, o senhor Bowes, se não era favorável ao papismo em suas convicções, ao menos estava decidido a conformar-se à religião agora favorecida pela corte. Encontramos Knox escrevendo à senhora Bowes sobre o assunto, de Londres, em carta datada de 20 de setembro de 1553: “Meus grandes labores, nos quais desejo vossas orações diárias, não me permitem dar expressão a tudo quanto penso a respeito do que se passou entre vosso marido e vós acerca de minha questão com sua filha. Louvo a Deus de todo o coração tanto por vossa ousadia como por vossa constância. Mas vos rogo, mãe, que não vos aflijais demasiado com isso. Cumpre-me agora arriscar a vida pelo conforto e libertação de minha própria carne, como farei, pela graça de Deus, deixando de lado tanto o temor como a amizade de todas as criaturas terrenas. Escrevi a vosso marido, e confio que nosso irmão Harry vos comunicará o teor da carta, bem como à minha esposa. Se escapar à enfermidade e à prisão, [podereis] ter por certo que logo me vereis.”

Sua esposa e sua sogra desejavam ardentemente que ele se estabelecesse em Berwick ou nas redondezas, onde talvez lhe permitissem viver em paz, ainda que de maneira mais reservada que antes. Para isso, porém, era necessário algum recurso pecuniário. Desde a ascensão da rainha Mary, cessara o pagamento do estipêndio que o governo lhe destinara. Na verdade, não recebera nenhuma parcela dele nos últimos doze meses. Os parentes da esposa tinham amplos recursos para lhe proporcionar sustento suficiente, mas o desagrado deles com o casamento tornava-os relutantes. Diante das insistências da sogra, procurou sir Robert Bowes em Londres e tentou, mediante uma franca explicação de todas as circunstâncias, dissipar qualquer ressentimento que este houvesse concebido contra ele e obter uma solução amigável para todo o caso. Comunicou o resultado desfavorável desse encontro em carta à senhora Bowes, da qual se extrai o seguinte trecho:

“Querida mãe, assim posso e quero chamar-vos, não somente pela terna afeição que vos dedico em Cristo, mas também pela bondade maternal que sempre demonstrastes para comigo desde que nos conhecemos. Embora as coisas que desejei (se assim aprouvesse a Deus), e que vós e outros há tanto desejais, pareçam jamais vir a acontecer, podeis estar certa de que meu amor e meu cuidado por vós nunca diminuirão enquanto eu puder cuidar de qualquer criatura terrena. Sabei que, neste dia 6 de novembro, conversei com sir Robert Bowes, a respeito do assunto que conheceis e conforme vosso pedido; suas palavras desdenhosas, sim, maldosas, trespassaram-me o coração a ponto de a vida se me tornar amarga. Mantenho uma aparência serena com o coração profundamente atribulado, enquanto aquele que deveria ponderar os fatos com profundo discernimento tornou-se não só desprezador, mas também escarnecedor dos mensageiros de Deus. Que Deus tenha misericórdia dele. Entre outras palavras suas muito desagradáveis, quando eu estava prestes a expor minha parte em toda a questão, ele disse: ‘Fora com vossas razões retóricas, pois não me deixarei persuadir por elas.’ Deus sabe que não recorri à retórica nem a palavras floreadas, mas desejava falar a verdade, e da maneira mais simples. Não sou bom orador em causa própria. Mas o que ele não consentiu em ouvir de mim Deus um dia lhe declarará, para seu desgosto, a menos que se arrependa. Supõe-se que toda a questão se deve a vós e a mim. Peço a Deus que vossa consciência esteja tranquila e em paz; quanto a mim, não me importa em que país se consuma esta minha perversa carcaça. E, não fosse o fato de que a ingratidão de homem algum me levará (se Deus sustentar minha fraqueza) a deixar de servir à congregação de Cristo, seriam

poucos os dias em que a Inglaterra ainda me daria pão. Temo, porém, que, ao fim de tudo, serei levado a isso, pois não posso suportar o ódio desdenhoso daqueles de quem não só pensava poder solicitar bondade, mas para com quem Deus, por meu intermédio, foi mais generoso do que eles são agradecidos. Mas assim os homens têm de revelar-se. Neste momento, a afeição me perturba; contudo, não duvido de que vencerei por meio daquele que não abandonará sem consolo os seus aflitos até o fim. Repouse sobre vós seu Espírito onipotente. Amém." [N07]

Refere-se ao mesmo episódio desagradável em outra carta, escrita por volta do fim desse ano. Depois de mencionar o mau estado de sua saúde, muito agravado pela aflição de espírito, acrescenta: "Somente depois do dia 12 poderei estar em Berwick; e estou quase resolvido a não ir de modo algum. Conheceis a causa. Seja Deus mais misericordioso para com alguns do que eles são justos ao julgar-me. O testemunho de minha consciência me absolve perante a face daquele que não atenta para a aparência do homem." Esses extratos nos mostram o coração de quem escreveu; revelam a sensibilidade de seu temperamento, a intensidade de seus sentimentos e seu orgulho e independência de espírito em luta com a afeição pelos seus e com o senso do dever.

Por volta do fim de novembro ou do começo de dezembro, voltou do sul para Newcastle. O Parlamento já revogara todas as leis promulgadas em favor da Reforma e restaurara a religião católica romana; mas, até 20 de dezembro, preservou-se a liberdade daqueles que quisessem observar o culto protestante. Depois dessa data, eles ficaram privados da proteção da lei e sujeitos às penas decretadas contra os hereges. Muitos bispos e ministros foram encerrados na prisão; outros fugiram para além-mar. Knox, contudo, não conseguiu resolver-se nem a fugir do reino nem a deixar de pregar. Três dias após o término do prazo fixado pela lei, diz numa de suas cartas: "Não posso responder às vossas passagens da Escritura, nem escrever a exposição do salmo sexto, pois devo pregar todos os dias desta semana, se esta perversa carcaça o permitir."

Seus inimigos, cujas tentativas de arruiná-lo haviam fracassado sob o governo anterior, tinham agora acesso a governantes bastante dispostos a dar ouvidos a suas denúncias. Não tardaram em aproveitar a oportunidade. No fim de dezembro de 1553 ou no começo de janeiro de 1554, seu criado foi detido quando levava cartas dele para a esposa e a sogra, e as cartas lhe foram tomadas com o propósito de nelas encontrar alguma matéria de acusação contra o autor. Como continham apenas conselhos religiosos e exortações à constância na fé que professavam, conselhos que estava pronto a assumir perante qualquer tribunal ao qual fosse chamado, a interceptação não o alarmou. Mas, ciente da inquietação que a notícia causaria a seus amigos em Berwick, partiu imediatamente com a intenção de visitá-los. Apesar do segredo com que conduziu a viagem, o rumor logo se espalhou; alguns parentes de sua esposa, que se haviam reunido a ele, convencidos de que corria perigo iminente, conseguiram persuadi-lo, muito contra sua vontade, a desistir do propósito de seguir para Berwick e a retirar-se para um lugar seguro no litoral, de onde poderia escapar por mar caso prosseguissem as buscas. Desse refúgio escreveu à esposa e à sogra, explicando-lhes as razões de se haver ocultado e a escassa perspectiva que tinha de vê-las naquele momento. Seus irmãos, disse, "em parte por admoestações, em parte por lágrimas, obrigaram-no a obedecer", um tanto contra sua vontade; pois "jamais poderia morrer numa causa mais honrosa" do que sofrendo como testemunha daquela verdade da qual Deus o fizera mensageiro. Não obstante seu estado de espírito, prometeu, se a Providência abrisse o caminho, "obedecer às vozes de seus irmãos e ceder por algum tempo à fúria e ao furor de Satanás".

Tendo verificado que os receios dos amigos eram mais que justificados, e que não poderia escapar à perseguição dos inimigos se permanecesse na Inglaterra, conseguiu uma embarcação que, em 28 de janeiro de 1554, o desembarcou em segurança em Dieppe, porto da Normandia, na França.

A Providência, que reservava a Knox serviços mais importantes, valeu-se das insistentes súplicas dos amigos para afastá-lo apressadamente do perigo ao qual, se deixado à própria decisão, seu zelo e destemor o teriam levado a expor-se. Mal chegou a uma costa estrangeira, começou a lamentar o rumo

que fora persuadido a tomar. Ao pensar nos companheiros de pregação que deixara encerrados em masmorras e no povo recentemente entregue a seus cuidados, agora disperso como ovelhas sem pastor e à mercê de lobos vorazes, sentia uma dor indescritível e um desejo quase irresistível de voltar e tomar parte no perigoso, mas honroso combate. Embora tivesse apenas obedecido à orientação divina — "quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra" — e em sua consciência estivesse livre da acusação de covardia, custava-lhe despojar sua conduta da aparência dessa fraqueza, e receava que ela desanimasse seus irmãos na Inglaterra ou os induzisse a fazer concessões pecaminosas para salvar a vida.

Não se entregou, contudo, à melancolia nem a queixas inúteis. Uma de suas primeiras preocupações após chegar a Dieppe foi empregar a pena para dar conselhos apropriados àqueles a quem já não podia instruir por sermões e conversas. Com esse fim, enviou à Inglaterra dois breves tratados. Um era uma exposição do salmo sexto, que começara a escrever na Inglaterra a pedido da senhora Bowes, mas não tivera tempo de concluir. É um excelente discurso prático sobre essa parte das Escrituras e será lido com particular satisfação pelos que foram instruídos na religião pela escola da adversidade. O outro tratado era uma longa carta dirigida àqueles de Londres e de outras partes da Inglaterra entre os quais havia trabalhado como pregador. Sua intenção era adverti-los contra o abandono da religião que professavam ou qualquer apoio ao culto idólatra estabelecido entre eles. A conclusão é uma exortação das mais comoventes e eloquentes, na qual se dirige à consciência, às esperanças, aos temores e aos sentimentos deles e os conjura, por tudo quanto é sagrado e por tudo quanto lhes é caro como homens, pais e cristãos, a não recuarem de sua nobre profissão de fé nem mergulharem a si mesmos e a seus descendentes no abismo da ignorância e da idolatria. Quem lê essa carta não pode deixar de impressionar-se com seu tom ardente ao refletir que provinha de um exilado em país estrangeiro, sem um único conhecido e sem saber onde encontraria morada ou meios de subsistência.

No último dia de fevereiro de 1554, partiu de Dieppe como o antigo patriarca hebreu, "sem saber para onde ia"; e, "entregando seu caminho a Deus", atravessou a França e chegou à Suíça. Mantinha-se correspondência entre alguns reformadores ingleses e os teólogos mais ilustres da igreja helvética. Estes já haviam tomado conhecimento, com o mais sincero pesar, da derrocada da Reforma na Inglaterra e da dispersão de seus amigos. Ao apresentar-se, Knox foi cordialmente recebido por eles e tratado com a mais cristã hospitalidade. Passou algum tempo na Suíça, visitando as diversas igrejas e conversando com os eruditos. Propôs-lhes, para obter conselho, certas questões difíceis, suscitadas pela conjuntura então vigente na Inglaterra e sobre as quais refletira; e a concordância de suas opiniões confirmou-lhe o próprio juízo.

No começo de maio, voltou a Dieppe para receber notícias da Inglaterra, viagem que repetiu de tempos em tempos enquanto permaneceu no continente. A acolhida bondosa que encontrara e a agradável companhia de que desfrutara durante sua breve permanência na Suíça haviam ajudado a dissipar a nuvem que lhe toldava o espírito quando desembarcara na França e a abrir-lhe a mente a perspectivas mais alentadoras quanto ao desfecho das aflitivas providências do presente. Isso se vê numa carta escrita então e endereçada "A seus irmãos aflitos". Depois de discorrer sobre a situação dos discípulos de Cristo durante o tempo em que ele esteve no sepulcro, e sobre a súbita passagem que experimentaram das profundezas da tristeza ao cume da alegria ao reaparecer seu Mestre, acrescenta: "A lembrança disso é grande motivo de consolação para meu coração. Pois ainda nutro a boa esperança de que, um dia, Cristo Jesus, que agora é crucificado na Inglaterra, ressuscitará, a despeito de seus inimigos, e aparecerá a seus discípulos fracos e profundamente atribulados (pois ainda tem alguns naquele reino desgraçado e miserável), aos quais dirá: 'Paz seja convosco; sou eu; não temais.'"

Seu espírito também se reconfortou nessa ocasião com a notícia da constância com que sua sogra se mantinha fiel à fé protestante. Parece que o marido dela esperava que ela e os demais membros da família tivessem consciências tão acomodáveis quanto a sua. Só depois que ela demonstrou, com a mais decidida firmeza, estar disposta a abandonar amigos e pátria antes de sacrificar sua religião, ele deixou

de insistir para que se conformasse à religião católica romana. Antes de partir para a Suíça, Knox havia anunciado sua intenção, se a vida lhe fosse poupada, de visitar os amigos em Berwick. Ao retornar a Dieppe, não abandonara ainda a ideia dessa empresa. É provável que seus amigos, por carta, o tenham dissuadido dela; e, após refletir serenamente, resolveu adiar uma tentativa que lhe custaria arriscar a vida sem qualquer perspectiva de fazer o bem.

Assim, partindo de novo de Dieppe, dirigiu-se a Genebra. Foi nessa ocasião que conheceu pessoalmente, pela primeira vez, o célebre Calvino e estabeleceu com ele a íntima amizade que perdurou até a morte deste, em 1564. Eram quase da mesma idade; e havia notável semelhança entre suas convicções e os traços mais marcantes de seu caráter. O reformador genebrino ficou muito satisfeito com a piedade e os talentos de Knox, que, por sua vez, tinha por Calvino maior estima e deferência do que por qualquer outro reformador. Como Genebra era um lugar propício à continuação dos estudos, e como ele muito aprovava a ordem religiosa ali estabelecida, resolveu fazer da cidade sua residência habitual enquanto durasse o exílio.

Mas perspectiva alguma de segurança ou comodidade pessoal podia afastar de sua mente os pensamentos acerca de seus irmãos perseguidos. No mês de julho, empreendeu outra viagem a Dieppe, a fim de inteirar-se exatamente de sua situação e saber se podia fazer algo para confortá-los. Nessa ocasião, recebeu notícias que reabriram as feridas que começavam a cicatrizar. As severidades impostas aos protestantes da Inglaterra cresciam a cada dia; e, o que ainda mais o afligia, muitos dos que haviam abraçado a verdade por meio de seu ministério tinham sido induzidos a abjurá-la e a passar para o papismo.

Por essa época, compôs a Admoestação à Inglaterra, publicada por volta do fim daquele ano. Os que o censuraram por se entregar a excessiva veemência de espírito e aspereza de linguagem costumam invocar esse escrito em apoio da acusação. É verdade que nele pinta os papistas perseguidores com as cores mais negras e os apresenta como objetos da execração humana e da vingança divina. Não nos deteremos aqui a investigar se, ao expressar sua indignação e seu zelo, ultrapassou os limites de moderação prescritos pela religião e pelo evangelho; nem se as censuras de seus acusadores, e os princípios de que partem, não implicam a condenação do temperamento e da linguagem dos homens mais justos mencionados nas Escrituras, e até do próprio Salvador. Mas perguntamos: que termos seriam fortes demais para estigmatizar o execrável sistema de perseguição friamente concebido pelo dissimulado e vingativo Gardiner, a brutal barbárie do sanguinário Bonner ou a crueldade inexorável e insaciável de Mary? Ela, tendo extinguido em si os sentimentos de humanidade e se despojado da ternura que caracteriza seu sexo, expediu ordens para o assassinato de seus súditos até que o próprio marido, fanático e insensível como era, se afastou enojado do espetáculo; e ela continuou a instigar a novas atrocidades os dóceis instrumentos de sua crueldade, mesmo depois de saciados de sangue!

Knox voltou a Genebra e dedicou-se aos estudos com todo o ardor da juventude, embora sua idade já beirasse os cinquenta anos. Parece ter sido por essa época que fez algum progresso no conhecimento da língua hebraica, que não tivera oportunidade de aprender nos primeiros anos de vida. É natural perguntar com que recursos se sustentava durante o exílio. Por mais inclinada que estivesse a sogra a socorrê-lo em suas necessidades, a disposição do marido dela parece ter limitado grandemente sua capacidade de fazê-lo. As pequenas quantias que os amigos lhe haviam adiantado antes de sua súbita partida da Inglaterra estavam esgotadas, e naquele momento passava por grandes apertos financeiros. Não querendo ser um peso para estranhos, buscou auxílio nas contribuições voluntárias daqueles entre os quais trabalhara. Em carta à senhora Bowes, diz: “Minha própria situação não posso bem descrever; mas Deus guiará os passos daquele que anda errante e alimentará na tribulação aquele que jamais se preocupou muito com as coisas deste mundo. Se entre os fiéis se puder fazer alguma coleta, não será vergonha para mim receber aquilo que Paulo não recusou em tempo de tribulação. Mas tudo entrego à providência daquele que sempre cuida dos seus.” Vejo por suas cartas que amigos particulares, tanto na Inglaterra como na Escócia, lhe enviaram remessas durante sua permanência no continente.

Em 14 de julho de 1554, os exilados ingleses que haviam chegado a Frankfurt obtiveram dos magistrados o uso compartilhado do local de culto destinado aos franceses, com liberdade de celebrar os ofícios religiosos em sua própria língua. Isso foi concedido sob a condição de que se conformassem, tanto quanto possível, à forma de culto empregada pela igreja francesa, prudente precaução ditada por suas circunstâncias políticas. Os ingleses aceitaram agradecidos a oferta e concordaram unanimemente que, ao utilizar a liturgia inglesa, omitiriam a litania, as respostas em voz alta, a sobrepeliz e outras cerimônias que "naquelas igrejas reformadas pareceriam mais que estranhas", ou que eram supersticiosas e supérfluas. Resolvida essa questão com a maior harmonia, eleito provisoriamente um pastor e diáconos, e acordadas algumas regras de disciplina, escreveram uma carta circular aos irmãos dispersos em diferentes lugares, convidando-os a Frankfurt para compartilhar suas acomodações e unir suas orações pela aflita igreja da Inglaterra. Em sua resposta, os exilados de Estrasburgo recomendaram-lhes certas pessoas como as mais aptas aos ofícios de superintendente e pastores; recomendação que a congregação de Frankfurt não solicitara, pois não julgava necessário um superintendente em sua situação e pretendia ter dois ou três pastores de igual autoridade. Procederam, portanto, à escolha de três, entre os quais Knox, que recebeu a notícia de sua eleição pela seguinte carta da congregação, entregue a ele em Genebra:

"Recebemos cartas de nossos irmãos de Estrasburgo, mas não de modo tão completo e amplo como esperávamos; por isso nos reunimos no Espírito Santo (assim esperamos) e, a uma só voz e por comum acordo, escolhemos particularmente a vós para ser um dos ministros de nossa congregação aqui, a fim de nos pregar a vivíssima palavra de Deus, segundo o dom que Deus vos concedeu; pois aqui temos, pela misericordiosa bondade de Deus, uma igreja que há de congregar-se em nome de Cristo, e todos somos de um só corpo, bem como de uma só nação, língua e pátria. E, necessitando agora de alguém como vós, nós vos rogamos e também requeremos, em nome de Deus, que não nos rejeiteis nem recuseis estes nossos pedidos, mas que nos ajudeis, socorrais e assistais com vossa presença nesta boa e piedosa empresa que empreendemos para a glória de Deus, o benefício de sua congregação e das pobres ovelhas de Cristo dispersas pelo mundo, as quais, com vossa presença e a de outros semelhantes, viriam para cá e formariam um só rebanho, enquanto agora vagueiam como ovelhas perdidas, sem qualquer guia. Não duvidamos de que aceitareis alegremente este chamado. Passai bem. Frankfurt, 24 de setembro." [N08]

Knox relutava em assumir esse encargo, fosse pelo desejo de continuar seus estudos em Genebra, fosse por receio das dificuldades que poderia encontrar em Frankfurt. Persuadido por Calvino, porém, aceitou o chamado e, dirigindo-se a Frankfurt no mês de novembro, iniciou seu ministério com o consentimento e a aprovação unânimes da congregação.

Quando Knox chegou, encontrou entre eles as sementes da animosidade já germinadas. Conhecendo suas opiniões sobre o livro de culto inglês, podemos ter certeza de que lhe desagradava muito o ardor daqueles que queriam impô-lo. Mas percebia tão claramente os efeitos nocivos e desonrosos da divisão entre irmãos exilados pela mesma fé que resolveu agir como mediador entre as duas partes e evitar, tanto quanto possível, tudo quanto tendesse a alargar ou perpetuar a ruptura. Assim, quando a congregação concordou em adotar a ordem da igreja de Genebra e lhe pediu que passasse a administrar a comunhão conforme ela, embora aprovasse pessoalmente essa ordem, recusou-se a empregá-la até que fossem consultados os irmãos eruditos de outros lugares. Ao mesmo tempo, declarou não ter liberdade de consciência para administrar os sacramentos conforme a liturgia inglesa. Se não lhe fosse permitido realizar esse serviço de maneira mais conforme às Escrituras, pediu que outra pessoa fosse encarregada dele, enquanto ele de bom grado se limitaria à pregação; se nenhuma dessas alternativas fosse concedida, rogou que o dispensassem inteiramente do cargo. A este último pedido de modo algum consentiram.

Temendo que, se essas divergências não fossem prontamente conciliadas, irrompessem numa chama de contenda, Knox, juntamente com outros, recebeu a incumbência de preparar um resumo do Livro de Oração Comum e, depois de traduzi-lo para o latim, enviá-lo a Calvino em busca de sua opinião e

conselho. Calvino respondeu por carta, a qual, lida perante a congregação, teve grande efeito em refrear o ardor dos que haviam insistido no uso irrestrito da liturgia; nomeou-se então uma comissão para redigir uma forma de culto capaz de conciliar todas as diferenças. Quando a comissão se reuniu, Knox disse-lhes estar convencido de que uma das partes teria de ceder antes que se alcançasse um acordo amigável; exporia, portanto, o que julgava mais adequado e, cumprido assim o seu dever, permitiria que decidissem sem oposição, conforme devessem responder perante Deus e a igreja. Acordaram, pois, numa forma de culto em que algumas coisas foram tomadas da liturgia inglesa e à qual outras, julgadas apropriadas a suas circunstâncias, foram acrescentadas. Ela permaneceria em vigor até o fim do abril seguinte; qualquer controvérsia surgida nesse intervalo seria submetida a cinco dos mais célebres teólogos estrangeiros. Todos os membros da congregação subscreveram o acordo; renderam-se publicamente graças a Deus pelo restabelecimento da harmonia; e receberam a comunhão como penhor da união e do sepultamento de todas as ofensas passadas.

Esse acordo, porém, logo foi violado, e a paz daquela infeliz congregação novamente rompida da maneira mais gratuita e escandalosa. Em 13 de março, o doutor Cox, que fora preceptor de Edward VI, chegou da Inglaterra a Frankfurt com alguns companheiros. No primeiro dia em que compareceram ao culto público depois da chegada, infringiram a ordem estabelecida respondendo em voz alta ao ministro durante o ofício divino. Admoestados por alguns presbíteros a abandonar tal prática, responderam insolentemente “que fariam como haviam feito na Inglaterra; e que teriam a aparência de uma igreja inglesa”. No domingo seguinte, um deles se introduziu no púlpito sem consentimento dos pastores nem da congregação e leu a litania, enquanto Cox e os demais cúmplices repetiam as respostas. Essa conduta ofensiva era agravada pelo fato de que alguns deles, antes de deixar a Inglaterra, haviam feito concessões ao papismo, das quais ainda não haviam prestado contas. Isso deu origem a uma lamentável divergência entre o preceptor do rei e o reformador, que levou este último a deixar Frankfurt.

Ao sair de Frankfurt, Knox foi diretamente a Genebra. Calvino recebeu-o de volta cordialmente. Como seu conselho tivera grande peso na decisão de Knox de aceitar o convite de Frankfurt, sentiu-se muito magoado com o tratamento que o obrigara a partir. Em resposta a uma carta de desculpas recebida do doutor Cox, Calvino, embora se contivesse para não dizer coisa alguma que pudesse reacender ou aumentar as chamas, não pôde ocultar a opinião de que Knox fora tratado de maneira nada fraterna e anticristã; e que teria sido melhor ao acusador permanecer em casa do que levar um tição a um país estrangeiro para inflamar uma comunidade pacífica.

Os acontecimentos mostraram que a Providência havia desligado Knox de seu recente encargo para empregá-lo num serviço mais importante. Desde que fora levado prisioneiro para a França, nunca perdera a Escócia de vista nem abandonara a esperança de voltar a pregar em sua terra natal. A constante ocupação nos cinco anos que passou na Inglaterra preenchera-lhe o espírito e atenuara o pesar que sentia ao ver o grande objeto de seu desejo aparentemente tão distante como sempre. Ao deixar a Inglaterra, sua atenção voltou-se mais particularmente para a pátria; e, pouco depois de regressar de Frankfurt, soube que ali as coisas começavam a apresentar aspecto mais favorável do que haviam tido durante muitos anos. Após a rendição do castelo de St. Andrews e o banimento dos protestantes que nele se haviam refugiado, parecia que a causa reformada na Escócia recebera um golpe irreparável. O clero triunfava com a vitória e se lisonjeava de haver sufocado a voz da oposição. Ainda havia muitos protestantes no reino; mas contentavam-se em guardar secretamente suas convicções, sem expor a vida a uma destruição certa ao professá-las abertamente ou despertar a suspeita dos inimigos com reuniões particulares de culto. Um acontecimento que ameaçava extinguir a Reforma na Grã-Bretanha revelou-se o meio de reavivá-la na Escócia. Vários dos que a perseguição de Mary expulsara da Inglaterra buscaram refúgio nesse país e passaram despercebidos porque o êxito embalara o clero escocês numa falsa segurança. Viajando de um lugar a outro, instruíram muitos e atiçaram o zelo latente daqueles que anteriormente haviam recebido o conhecimento da verdade.

William Harlow, cujo zelo e conhecimento das doutrinas do evangelho compensavam as deficiências de sua educação, foi o primeiro pregador a chegar. Depois dele veio John Willock, no verão de 1555, incumbido de uma missão da duquesa de Embden junto à rainha regente. Willock tornou-se mais tarde o principal colaborador de Knox, que lhe dedicava a mais elevada estima e afeição. A união de seus talentos e qualidades particulares trouxe grande vantagem à Reforma. Willock não era inferior a Knox em erudição; e, embora não o igualasse em intrepidez e eloquência, superava-o em afabilidade, prudência e habilidade no trato, de modo que por vezes conseguia manter sua posição e realizar seus propósitos quando seu colega não podia agir com segurança ou êxito. Era natural de Ayrshire e vestira o hábito monástico; mas, desde cedo, abraçou as opiniões reformadas e fugiu para a Inglaterra. Durante a severa perseguição relacionada aos Seis Artigos, foi encerrado, em 1541, na prisão da Fleet. Mais tarde, tornou-se capelão do duque de Suffolk, pai de lady Jane Grey; e, após a ascensão da rainha Mary, retirou-se para a Frísia Oriental.

Embora Knox não soubesse o que era temer o perigo e pouco costumasse consultar o próprio conforto quando vislumbrava a possibilidade de ser útil no serviço de seu Mestre, nenhuma de suas empresas era empreendida temerariamente, sem séria reflexão sobre o chamado para nela se empenhar. Na ocasião presente, a princípio se mostrou avesso a uma viagem à Escócia, apesar de certas circunstâncias alentadoras nas notícias que recebera de lá. Tão agitada fora sua vida recentemente que sentia especial prazer no repouso erudito de que desfrutava então, e desejava prolongá-lo. A ansiedade de rever a esposa após uma ausência de quase dois anos, e a insistência com que a sogra, em suas cartas, o instava a visitá-las, acabaram por determiná-lo a empreender a viagem. Partindo de Genebra em agosto de 1555, chegou a Dieppe; dali navegou e desembarcou na costa oriental, perto da fronteira entre a Escócia e a Inglaterra, por volta do fim da estação da colheita. Dirigiu-se imediatamente a Berwick, onde teve a satisfação de encontrar a esposa e a mãe dela em circunstâncias confortáveis, desfrutando a felicidade do convívio religioso com várias pessoas da cidade que, como elas, não haviam “dobrado os joelhos” diante da idolatria estabelecida nem consentido em “receber a marca” do Anticristo.

Depois de permanecer algum tempo com elas, partiu em segredo para visitar os protestantes de Edimburgo, pretendendo voltar a Berwick após breve estada. Encontrou, porém, ocupação que o reteve mais do que esperava. Em Edimburgo, hospedou-se na casa de James Syme, respeitável e religioso burguês, para onde acorreram os amigos da doutrina reformada a fim de ouvir suas instruções assim que souberam de sua chegada. Entre eles estavam John Erskine de Dun e William Maitland, o jovem de Lethington, mais tarde secretário de Mary, rainha dos escoceses. John Willock também se encontrava em Edimburgo nessa ocasião. Os que o ouviam, muito satisfeitos com sua doutrina, traziam consigo amigos e conhecidos, e seu auditório crescia a cada dia. Limitado a uma casa particular, era obrigado a pregar a sucessivas assembleias e se ocupava quase sem descanso, de noite e de dia, em transmitir instrução a pessoas que a solicitavam com extraordinária avidez.

Ao chegar à Escócia, constatou que, em geral, os amigos da doutrina reformada continuavam a frequentar o culto papista e até a celebração da missa, sobretudo para evitar a censura pública a que de outro modo se exporiam. Isso desagradava muito a Knox, que, em seus sermões e conversas, denunciou a impiedade daquele serviço e o perigo de com ele se identificar. Convocada uma reunião para discutir expressamente a questão, Maitland defendeu a prática com toda a engenhosidade e erudição pelas quais era conhecido; mas Knox respondeu a seus argumentos de forma tão satisfatória que ele admitiu não ser possível defendê-la e concordou com os demais irmãos em abster-se, dali em diante, dessa conduta acomodatícia. Assim se deu uma separação formal da igreja papista na Escócia, que pode justamente ser considerada um passo importante na Reforma.

O senhor Erskine persuadiu Knox a acompanhá-lo à sede de sua família em Dun, em Angus, onde permaneceu um mês, pregando todos os dias. As principais pessoas da vizinhança compareciam a seus sermões. Depois que voltou ao sul, residiu a maior parte do tempo em Calderhouse, com sir James Sandilands. Ali o ouviram lorde Lorn, mais tarde conde de Argyle; o herdeiro do conde de Mar, mais

tarde conde de Mar; e lorde James Stuart, filho natural de James V e prior de St. Andrews, mais tarde conde de Moray; Knox viveria para ver os dois últimos como regentes da Escócia. Esses nobres ficaram muito satisfeitos com a doutrina que ensinava. No princípio de 1556, Lockhart de Bar e Campbell de Kinzeancleugh conduziram-no a Kyle, antigo refúgio dos lolardos escoceses, onde havia diversos adeptos das doutrinas reformadas. Pregou nas casas de Bar, Kinzeancleugh, Carnell, Ochiltree e Gadgirth, bem como na cidade de Ayr. Em vários desses lugares, também ministrou o sacramento da Ceia do Senhor. Pouco antes da Páscoa, o conde de Glencairn mandou chamá-lo a sua propriedade de Finlayston, onde, após pregar, também ministrou o sacramento; o conde, sua esposa e dois de seus filhos, com alguns amigos reunidos para esse fim, participaram da sagrada refeição. De Finlayston voltou a Calderhouse e, pouco depois, fez uma segunda visita a Dun, durante a qual pregou mais abertamente do que antes. A maioria dos fidalgos de Mearns professou então a religião reformada, sentando-se à mesa do Senhor; e assumiu um vínculo solene e mútuo, pelo qual renunciavam à comunhão papista e se comprometiam a sustentar a verdadeira pregação do evangelho, conforme a Providência lhes proporcionasse oportunidades. Esse parece ter sido o primeiro daqueles vínculos ou pactos religiosos pelos quais tão frequentemente se ratificou a união dos protestantes na Escócia. [N09]

Os perigos a que Knox e seus amigos se haviam habituado ensinaram-nos a conduzir as coisas com tamanho segredo que ele pregara por considerável tempo e em diversos lugares antes que o clero soubesse de sua presença no reino. O sigilo, porém, tornou-se impraticável depois que seu auditório cresceu tanto. Suas pregações em Ayr foram comunicadas à corte e tornaram-se assunto de conversa na presença da rainha regente. Alguns afirmaram que o pregador era inglês; “um prelado não pouco orgulhoso” (provavelmente Beaton, arcebispo de Glasgow) disse: “Não, não é inglês, mas Knox, aquele patife.” “Aprouve a meu senhor”, diz Knox, “assim batizar um pobre homem; se lhe pedissem a razão, seu roquete e sua mitra teriam de valer como autoridade. Que outras liberdades tomou ao definir coisas que lhe eram igualmente incertas, a saber, minha erudição e minha doutrina, por ora omito. Pois qual tem sido minha vida e conduta desde que aprouve a Deus chamar-me do lamaçal do papismo, digam-no meus próprios inimigos; e qual seja minha erudição, poderão pô-la à prova quando lhes aprouver.” Naquela ocasião, os bispos fizeram gestões para que fosse preso; mas a rainha regente desencorajou o pedido.

Depois de sua última viagem ao norte, frades de todos os lados acorreram aos bispos e os instigaram a adotar medidas rápidas e decisivas para deter os efeitos alarmantes de sua pregação. Em consequência disso, Knox foi intimado a comparecer perante uma assembleia do clero na igreja dos dominicanos em Edimburgo, em 15 de maio. Resolveu atender à convocação e, com esse propósito, chegou a Edimburgo antes da data marcada, acompanhado de Erskine de Dun e de vários outros cavalheiros. O clero jamais imaginara que ele compareceria: ao tomar conhecimento de sua intenção, receoso de levar a questão ao extremo e sem certeza do apoio decidido da regente, reuniu-se antes, anulou a intimação sob o pretexto de alguma irregularidade formal e abandonou a audiência marcada contra ele. No dia em que deveria apresentar-se como réu, Knox pregou na ampla residência do bispo de Dunkeld para um auditório muito maior do que qualquer outro que antes o ouvira em Edimburgo. Nos dez dias seguintes, pregou no mesmo lugar de manhã e à tarde, sem que nenhum membro do clero fizesse a menor tentativa de perturbá-lo.

Por essa época, o conde marechal, a pedido do conde de Glencairn, compareceu a uma exortação vespertina proferida por Knox. Gostou tanto dela que se uniu a Glencairn para instar o pregador a escrever uma carta à rainha regente, que, pensavam eles, poderia incliná-la a proteger os pregadores reformados, se não também a ouvir favoravelmente sua doutrina. Knox deixou-se persuadir a atender ao pedido.

Como amostra da maneira como essa carta foi escrita, daremos a seguinte citação, na língua original: “Não duvido de que os rumores que chegaram aos ouvidos de Vossa Graça a meu respeito tenham sido tais que (se todos os relatos fossem verdadeiros) eu seria indigno de viver sobre a terra. É de admirar

que as vozes da multidão não tenham inflamado o coração de Vossa Graça de justo ódio contra alguém como aquele que me acusam de ser, de sorte que se fechasse toda possibilidade de compaixão. Sou difamado como herege, acusado de ser falso mestre e sedutor do povo, além de outras injúrias que, afirmadas por homens de honra e estima mundanas, facilmente podem acender a ira dos magistrados onde não se conhece a inocência. Mas bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que pelo orvalho de sua graça celestial até agora apagou o fogo do desagrado no coração de Vossa Graça (segundo soube há poucos dias), de modo que Satanás se vê frustrado em sua empresa e propósito. Isso traz não pequeno conforto ao meu coração; não tanto (Deus é testemunha) por algum benefício que eu possa receber nesta vida miserável pela proteção de qualquer criatura terrena (pois o cálice que me cumpre beber foi determinado pela sabedoria daquele cujos conselhos são imutáveis), mas pelo benefício que, estou certo, Vossa Graça receberá se continuar a tratar com igual moderação e clemência os outros que são e serão mui injustamente acusados, como Vossa Graça começou a tratar a mim e à minha causa tão desesperada." [N10]

Embora a pena de Knox não fosse das mais brandas nem delicadas, e ele muitas vezes irritasse pela franqueza e severidade de sua linguagem, a carta à rainha regente está longe de ser descortês. Parece ter sido escrita com grande cuidado; e, quanto à linguagem, pode ser comparada a qualquer composição daquele período por sua simplicidade e vigor de expressão. Seu tom era bem calculado para estimular as indagações e confirmar as resoluções de alguém que estivesse convencido dos males reinantes na igreja ou que, embora ainda sem juízo formado sobre os pontos em disputa, estivesse determinado a preservar a moderação entre as partes contendoras. Apesar de seus modos imponentes, a regente não era pessoa assim. O conde de Glencairn entregou-lhe a carta em mãos; ela lhe lançou um olhar displicente e a passou ao arcebispo de Glasgow, dizendo: "Se vos apraz, meu senhor, lede este pasquim." Ao saber disso, Knox, depois de retirar-se da Escócia, publicou a carta com acréscimos, nos quais empregou um estilo mais incisivo e severo. Enquanto se ocupava assim na Escócia, recebeu cartas da congregação inglesa em Genebra, informando que o escolhera como um de seus pastores e instando-o a vir assumir seus cuidados. Julgou seu dever atender ao convite e começou imediatamente os preparativos para a viagem. Sua esposa e sua sogra já se haviam reunido a ele em Edimburgo; e a senhora Bowes, agora viúva, resolveu acompanhar a filha e o genro a Genebra. Depois de enviá-las adiante numa embarcação com destino a Dieppe, Knox tornou a visitar os irmãos dos diversos lugares onde pregara e deles se despediu. Campbell de Kinzancleugh conduziu-o ao conde de Argyle, e ele pregou durante alguns dias em Castle Campbell. Argyle e o senhor de Glenorchy instaram-no a permanecer na Escócia, mas ele resistiu a todas as súplicas. "Se Deus abençoasse de tal modo seu pequeno começo", disse ele, "que perseverassem na piedade, sempre que lhes aprouvesse chamá-lo, o encontrariam obediente. Mas primeiro precisava visitar aquele pequeno rebanho que a maldade dos homens o obrigara a deixar." Assim, no mês de julho de 1556, deixou a Escócia e, chegando a Dieppe, seguiu com sua família para Genebra.

Knox chegou a Genebra antes do fim da colheita e assumiu a direção da congregação inglesa ali estabelecida, entre cujos membros trabalhou nos dois anos seguintes. Esse breve período foi o mais tranquilo de sua vida. No seio da própria família, conheceu os cuidados reconfortantes que até então lhe haviam sido estranhos e de que necessitava por causa de suas frequentes enfermidades. Dois filhos lhe nasceram em Genebra. Reinavam entre os integrantes do pequeno rebanho a seu cargo a maior cordialidade, e para com ele, grande afeição. Com seu colega Christopher Goodman viveu como irmão; e gozou da amizade de Calvino e dos demais pastores de Genebra. Tão satisfeito ficou com a pureza da religião estabelecida naquela cidade que a recomendava calorosamente a seus conhecidos piedosos na Inglaterra como o melhor refúgio cristão a que poderiam fugir. "Em meu coração", diz ele numa carta ao amigo sr. Locke, "eu bem quisera, sim, e não posso deixar de desejar, que aprouvesse a Deus guiar-vos e conduzir-vos a este lugar, que não temo nem me envergonho de chamar a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na terra desde os dias dos apóstolos. Confesso que em outros lugares Cristo é

verdadeiramente pregado; mas costumes e religião tão sinceramente reformados não vi ainda em nenhum outro lugar."

Mas nem o gozo das comodidades pessoais, nem o prazer do convívio dos homens de letras, nem os afetos da felicidade doméstica podiam subjugar a paixão dominante de nosso reformador ou demovê-lo da resolução de voltar à Escócia assim que se oferecesse ocasião de promover a Reforma entre seus compatriotas. Numa carta escrita a alguns amigos em Edimburgo, em 16 de março de 1557, assim se exprime: "Meu próprio desejo e minha oração diária são não apenas visitar-vos, mas também terminar com alegria, entre vós, a minha batalha. E tende por certo que, quando um número maior dentre vós me chamar do que aquele a cujo serviço ora estou obrigado, pela graça de Deus não será o temor do castigo, nem mesmo da morte temporal, que impedirá minha ida até vós." Certa confiança heroica e segurança do êxito final muitas vezes se manifestaram naqueles que a Providência suscitou para realizar grandes revoluções no mundo; por elas foram sustentados em meio a desânimos que teriam esmagado homens de espírito comum e encorajados a afrontar perigos diante dos quais outros teriam recuado, aterrados. Esse heroísmo entusiástico (não emprego o qualificativo em mau sentido) resplandecia amiúde na conduta do grande reformador alemão. Knox possuía uma parcela nada pequena do mesmo espírito. "Satanás, confesso, enfurece-se", diz ele numa carta de data próxima à última citada; "mas poderoso é Aquele que prometeu estar conosco em todos os empreendimentos que assumirmos por sua ordem, para a glória de seu nome e a sustentação de sua verdadeira religião. Por isso, tanto menos tememos qualquer poder contrário; sim, na ousadia que nosso Deus nos dá, desprezamo-los de todo, sejam reis, imperadores, homens, anjos ou demônios. Pois jamais poderão prevalecer contra a singela verdade de Deus que professamos abertamente: com a permissão de Deus, poderão parecer triunfar sobre nossos corpos; mas nossa causa triunfará a despeito de Satanás."

Menos de um mês depois de escrever a penúltima carta citada, James Syme, que o hospedara em Edimburgo, e James Barron, outro burguês da mesma cidade, chegaram a Genebra com uma carta e credenciais do conde de Glencairn e dos lordes Lorn, Erskine e James Stuart. Comunicavam-lhe que os professantes da doutrina reformada permaneciam firmes, que os adversários dela perdiam crédito na nação a cada dia e que os detentores da autoridade suprema, embora ainda não se tivessem declarado favoráveis, se abstinham de perseguir; e convidavam-no, em nome próprio e no dos irmãos, a regressar à Escócia, onde encontraria todos prontos a recebê-lo e a empenhar a vida e os bens no avanço da causa que haviam abraçado.

Knox apresentou o convite à sua congregação e o submeteu também a Calvino e a seus colegas. Estes opinaram "que ele não poderia recusar o chamado sem mostrar-se rebelde para com Deus e sem misericórdia para com seu país". A congregação concordou em sacrificar seu interesse particular ao bem maior da igreja, e a família dele assentiu. Respondeu então à carta dos nobres, dando a entender que pretendia visitá-los com toda a presteza razoável. Assim, depois de assegurar à congregação um pastor adequado para substituí-lo e pôr em ordem seus demais assuntos, despediu-se afetuosamente dos amigos de Genebra e partiu para Dieppe no começo de outubro. Enquanto aguardava ali um navio, recebeu cartas da Escócia em tom muito diferente do anterior. Informavam que se tinham realizado novas consultas; que alguns começavam a arrepender-se do convite que lhe haviam feito para regressar à Escócia; e que a maior parte parecia irresoluta e pusilânime.

Essas notícias o desconcertaram e embaraçaram sobremaneira. Despachou imediatamente uma carta aos nobres que o haviam convidado, censurando-lhes a timidez e a inconstância. Depois de enviá-la, junto com outras no mesmo tom dirigidas a Erskine de Dun, Wishart de Pitarrow e alguns outros cavalheiros de seu conhecimento, resolveu passar algum tempo no interior da França, na esperança de receber em breve notícias mais favoráveis da Escócia. A doutrina reformada penetrara cedo no reino da França; fora regada com o sangue de muitos mártires; e toda a violência e barbárie empregadas não haviam conseguido extirpá-la nem impedir que se difundisse entre todas as classes. Os protestantes de Paris sofriam então as consequências de um daqueles massacres que tantas vezes desonraram a religião

católica romana naquele país, antes e depois do começo das guerras civis. Não contentes de atacá-los quando se reuniam pacificamente para o culto numa casa particular e de tratá-los com grande barbaridade, seus adversários, à imitação dos predecessores pagãos, inventaram contra eles as mais diabólicas calúnias e espalharam por toda parte que cometiam os crimes mais infames em suas reuniões. As vítimas inocentes haviam redigido uma defesa, refutando essa acusação atroz; Knox conseguiu uma cópia, traduziu-a para o inglês e escreveu-lhe um prefácio e acréscimos, com a intenção de publicá-la para proveito de seus compatriotas.

Tendo aprendido a língua francesa e travado conhecimento com muitos protestantes, pregava-lhes ocasionalmente em suas viagens pelo país. Parece ter sido nessa ocasião que pregou na cidade de La Rochelle e, ao introduzir o tema de sua terra natal, disse aos ouvintes que esperava, dentro de poucos anos, pregar na igreja de St. Giles, em Edimburgo. Nada encontro nas cartas de nosso reformador que me permita saber se encontrou protestantes em Dieppe, lugar que tantas vezes visitou durante o exílio; é provável que sim, pois, já no começo do século seguinte, eles possuíam naquela cidade uma igreja muito numerosa.

Não tendo recebido notícias de caráter animador, Knox decidiu abandonar por ora seu propósito de seguir para a Escócia.

Antes de deixar Dieppe, enviou duas longas cartas à Escócia: uma, datada de 1º de dezembro de 1557, dirigia-se aos protestantes em geral; a outra, de 17 do mesmo mês, à nobreza. Ao avaliar a influência de Knox no progresso da Reforma, devemos considerar não só seus trabalhos pessoais, mas também a correspondência epistolar que manteve com os compatriotas. Por meio dela, instruía-os na ausência, comunicava-lhes seus próprios conselhos e os dos doutos entre os quais residia sobre cada questão difícil que surgia, e os animava à constância e à perseverança. As cartas que escreveu nessa época merecem, sob esse aspecto, atenção especial. Em ambas evita prudentemente qualquer menção à recente decepção.

Na primeira carta, inculca vigorosamente a pureza dos costumes e adverte todos os que professavam a religião reformada contra aquelas irregularidades de vida exploradas para desacreditar sua causa por duas classes de pessoas: pelos papistas, que, embora os mesmos vícios prevalecessem entre eles em grau muito maior, apresentavam-nos como frutos naturais da doutrina protestante; e por uma nova seita, cujos membros eram inimigos da superstição e haviam pertencido à sua própria comunhão, mas, tendo-a abandonado, se tornaram quase tão hostis a eles quanto os papistas. O principal intento da carta era preveni-los contra os artifícios dessa classe de pessoas e expor seus erros capitais.

Sua carta aos lordes protestantes respira um espírito de piedade ardente e nobre. Procura purificar-lhes a mente dos princípios egoístas e mundanos; elevar, santificar e cristianizar suas motivações, mostrando-lhes e recomendando-lhes o espírito e a conduta dos príncipes e heróis celebrados não na história profana, mas na sagrada. A glória de Deus, o progresso do reino de Jesus Cristo, a salvação deles próprios e de seus irmãos, a emancipação de seu país do cativeiro espiritual e civil: esses, e não sua honra e engrandecimento, nem a vingança de suas pequenas querelas particulares, eram os objetivos que deviam manter constante e exclusivamente diante dos olhos.

Nessa carta, comunica também seu parecer sobre a delicada questão da resistência aos governantes supremos. Haviam-no consultado a esse respeito, e ele submetera a questão ao juízo dos mais doutos homens do continente.

Knox regressou a Genebra no fim de 1557. No ano seguinte, dedicou-se, juntamente com vários homens doutos de sua congregação, a fazer uma nova tradução da Bíblia para o inglês, que, em razão do lugar onde foi composta e impressa pela primeira vez, recebeu o nome de Bíblia de Genebra. Foi nessa época que publicou sua carta à rainha regente, bem como sua Apelação e exortação; ambas foram enviadas à Escócia e contribuíram em muito para a difusão das opiniões reformadas. Já fiz o relato do primeiro desses escritos, cujo objetivo principal era remover os preconceitos dos católicos. O último destinava-se

mais diretamente a instruir e animar os que eram favoráveis à religião reformada. Dirigindo-se à nobreza e aos estados do reino, mostra que o cuidado da religião e sua reforma incumbiam aos governantes civis e constituíam um dos deveres primordiais de seu ofício. Isso era um ditame tanto da natureza como da revelação; não se alongaria, porém, no assunto, para não parecer supor que fossem "menos zelosos pela verdadeira religião de Deus do que os pagãos o eram por sua idolatria". Os magistrados inferiores, no âmbito de sua jurisdição — os nobres e estados de um reino, assim como os reis e príncipes — estavam obrigados a atender a esse alto dever. Dirige-se em seguida ao povo comum da Escócia e lhe aponta o dever e o interesse na importante controvérsia em curso. Eram criaturas racionais, formadas à imagem de Deus; tinham almas a salvar; respondiam por sua conduta; estavam obrigados a julgar a verdade da religião e a professá-la, tanto quanto reis, nobres ou bispos. Se a idolatria fosse mantida, o evangelho suprimido e o sangue dos inocentes derramado, como poderiam ser inocentados se guardassem silêncio e não se empenhassem em impedir esses males?

Mas o tratado mais singular publicado por Knox nesse ano, e o que causou maior alvoroço, foi O primeiro toque da trombeta contra o monstruoso governo das mulheres, no qual atacou com grande veemência a prática de admitir mulheres no governo das nações. Há razões para pensar que seu espírito percebeu a incongruência dessa prática já na ascensão de Mary ao trono da Inglaterra. Provavelmente esse foi um dos pontos sobre os quais conferenciou com os teólogos suíços em 1554. É certo, por uma carta que escreveu em 1556, que seus sentimentos a esse respeito já estavam então firmes e decididos. Contudo, continuou a guardá-los para si e se absteve de publicá-los por considerável tempo, em deferência às opiniões alheias. Por fim, porém, provocado pela tirania da rainha da Inglaterra e exausto de suas crueldades crescentes, levou a trombeta à boca e soou um terrível toque. "Promover uma mulher a exercer autoridade, superioridade, domínio ou império sobre qualquer reino, nação ou cidade é contrário à natureza, uma afronta a Deus, algo inteiramente oposto à sua vontade revelada e à ordem por ele aprovada; e, por fim, é a subversão de toda equidade e justiça." Assim reza a primeira frase e tese principal da obra.

A carta de nosso reformador aos lordes protestantes da Escócia produziu o efeito desejado, reanimando-lhes a coragem abatida. Numa reunião de deliberação realizada em Edimburgo, em dezembro de 1557, resolveram por unanimidade permanecer unidos e empenhar-se no progresso da Reforma. Depois de subscreverem um pacto solene de segurança mútua, renovaram o convite a Knox; e, temendo que ele hesitasse em razão da irresolução anterior, escreveram a Calvino para que empregasse sua influência a fim de induzi-lo a aceitar. As cartas só chegaram a Genebra em novembro de 1558. Pela mesma via, Knox recebeu da Escócia cartas de data posterior, que traziam as mais agradáveis notícias sobre os progressos da causa reformada e o aspecto promissor que ela continuava a apresentar.

Graças aos esforços de nosso reformador durante sua permanência entre eles no começo de 1556, e em cumprimento das instruções que lhes deixara, os protestantes se haviam constituído em congregações, reunidas em diferentes partes do país com maior ou menor reserva, conforme as oportunidades de que dispunham. Resolvidos a retirar-se do culto papista, procuraram prover sua instrução religiosa e edificação mútua da melhor maneira que as circunstâncias permitiam. Como não havia ministros entre eles, ficaram por algum tempo privados da administração dos sacramentos; mas escolheram dentre os seus certos homens inteligentes e piedosos para ler as Escrituras, exortar e oferecer orações nas assembleias. Convencidos da necessidade de ordem e disciplina em suas comunidades, e desejosos de organizá-las, tanto quanto lhes fosse possível, conforme a instituição de Cristo, passaram depois a escolher presbíteros para a vigilância de seus costumes, aos quais prometeram sujeição, e diáconos para recolher e distribuir esmolas aos pobres. Edimburgo foi o primeiro lugar onde essa ordem se estabeleceu; Dundee, a primeira cidade em que uma igreja reformada se organizou plenamente, provida de ministro regular e da administração dos sacramentos.

Durante a guerra com a Inglaterra, que começou no outono de 1556 e continuou pelo ano seguinte, os protestantes gozaram de considerável liberdade; e, como a aproveitaram com a máxima diligência, seu

número cresceu rapidamente. William Harlow, John Douglas, Paul Methven e John Willock, que de novo regressara de Emden, começaram então a pregar com maior publicidade em diferentes partes do país. O clero papista não era indiferente a esses acontecimentos e não lhe faltava vontade de pôr-lhes fim. Conseguiu que a rainha regente intimasse os pregadores protestantes; mas a intervenção dos cavalheiros da região ocidental obrigou-a a abandonar o processo contra eles. Por fim, o clero decidiu retomar aquelas medidas cruéis que, desde 1550, haviam sido suspensas mais pelas circunstâncias políticas do reino do que por sua clemência ou moderação. Em abril de 1559, o arcebispo de St. Andrews entregou às chamas Walter Mill,[H02] e intimou vários outros a comparecer, sob acusação de heresia, perante uma assembleia do clero em Edimburgo. [N11]

Essa execução bárbara e ilegal teve consequências da maior importância. Levou o horror da nação a um grau incrível; e, como então se acreditava que a regente não fora cúmplice do ato, a indignação voltou-se inteiramente contra o clero. Abandonando todo o temor e as restrições que a prudência ou o respeito à ordem estabelecida lhes haviam imposto até então, as pessoas passaram a reunir-se abertamente para participar do culto reformado e declararam sua determinação de aderir a ele a qualquer custo. Os líderes protestantes apresentaram suas queixas à regente de maneira regular e respeitosa e renovaram a petição para que, por sua autoridade e em consonância com o parlamento, ela contivesse os procedimentos tirânicos do clero, corrigisse os abusos flagrantes e intoleráveis que prevaleciam na igreja e concedesse a eles e a seus irmãos liberdade de instrução e culto religiosos — ao menos segundo um plano restrito que lhe apresentaram e ao qual estavam dispostos a submeter-se até que suas queixas fossem examinadas e reparadas com a devida reflexão. A resposta da regente foi tal que os persuadiu de sua disposição favorável às propostas: prometeu tomar providências para lhes dar efeito legal tão logo estivesse em seu poder fazê-lo e, nesse meio-tempo, assegurou-lhes sua proteção.

Não foram necessários muitos argumentos para persuadir Knox a aceitar um convite acompanhado de notícias tão alentadoras; começou de imediato a preparar a viagem à Escócia. O futuro estabelecimento da congregação sob seus cuidados ocupou-o por algum tempo. Ao chegar a notícia da morte de Mary, rainha da Inglaterra, e da ascensão de Elizabeth, os refugiados protestantes apressaram-se a voltar à pátria. A congregação de Genebra reuniu-se para dar graças a Deus por esse livramento e concordou em enviar um de seus membros com cartas aos irmãos em diversos lugares do continente, especialmente em Frankfurt, congratulando-os pela feliz mudança recente e pedindo a confirmação da reconciliação mútua já efetuada, o sepultamento de todas as ofensas passadas e uma cooperação fraterna para procurar estabelecer na Inglaterra uma forma de religião que agradasse a todos os sinceros amigos da Reforma. Recebida uma resposta favorável às cartas, despediram-se da hospitaleira cidade e partiram para sua terra natal. Por intermédio deles, Knox enviou cartas a alguns antigos conhecidos que agora se encontravam na corte de Elizabeth, pedindo permissão para atravessar a Inglaterra a caminho da Escócia.

Em janeiro de 1559, nosso reformador despediu-se de Genebra pela última vez. Além dos sinais anteriores de respeito, a república conferiu-lhe, antes de partir, a cidadania da cidade. Deixou ali a esposa e a família até certificar-se de que poderiam viver em segurança na Escócia.

Apesar dos relatos lisonjeiros que recebera dos compatriotas sobre a disposição favorável da rainha regente, e das instruções que lhes enviara para cultivá-la, sempre alimentara suspeitas quanto à sinceridade de suas declarações. Desde que saíra de Genebra, porém, suas suspeitas se haviam confirmado; e as informações obtidas em viagem pela França, juntamente com as notícias recebidas havia pouco da Escócia, convenceram-no de que se pretendia a supressão imediata da Reforma em seu país natal e, em consequência, também no reino vizinho. O plano concebido pela ambição gigantesca dos príncipes de Lorena, irmãos da rainha regente da Escócia, foi desvendado e descrito com grande exatidão e competência por um célebre historiador moderno. Basta dizer aqui que a corte da França, sob sua influência, resolvera sustentar a pretensão da jovem rainha dos escoceses à coroa da Inglaterra; atacar Elizabeth e arrancar-lhe o cetro das mãos como bastarda e herege; e, sendo a Escócia a única via

pela qual tal ataque poderia ser levado a cabo com êxito, começar por suprimir a Reforma e estabelecer ali seu poder. Knox, em suas viagens pela França, travara conhecimento com algumas pessoas próximas da corte e, por meio delas, obtivera algum conhecimento do plano. Estava convencido de que os reformadores escoceses não poderiam resistir ao poder da França, que se voltaria contra eles, e de que era interesse e dever da corte inglesa prestar-lhes o apoio mais eficaz. Temia, contudo, que uma política egoísta e estreita a impedisse de fazê-lo até ser tarde demais; por isso, desejava chamar-lhe cedo a atenção para o assunto e comunicar-lhe os fatos que chegara a conhecer. A assistência concedida por Elizabeth aos protestantes escoceses em 1559 e 1560 foi ditada pela mais sólida prudência política. Frustrou e derrotou desde o princípio os desígnios de seus inimigos; deu-lhe sobre a Escócia uma influência que nenhum de seus predecessores pudera obter; assegurou a estabilidade de seu governo ao ampliar e fortalecer a causa protestante, principal pilar em que ele se apoiava. E não é pequeno o crédito devido à sagacidade de nosso reformador por ter concebido esse plano tão cedo e persistido em instar por sua adoção até ver seus esforços coroados de êxito.

Ao chegar, Knox encontrou a situação da Escócia no estado mais crítico. A rainha regente havia tirado a máscara que usara por tanto tempo e declarado sua determinação de suprimir à força a Reforma. Enquanto precisou da assistência dos protestantes para sustentar sua autoridade contra os Hamilton e obter a coroa matrimonial para seu genro, o delfim da França, cortejou-lhes a amizade, fingiu concordar com todos os seus planos de reforma e os iludiu, senão com a esperança de que aderisse ao seu partido, ao menos com garantias de que os protegeria da fúria do clero. Tão completamente os enganaram sua consumada astúcia e dissimulação que atenderam a todos os seus pedidos, impediram alguns pregadores de ensinar em público e desistiram de apresentar ao último parlamento uma petição que haviam preparado; e nem mesmo depois de vários de seus atos terem dado fortes motivos de suspeita quiseram acreditar em sua insinceridade. Mas, tendo alcançado os grandes objetivos que tinha em mira, ela afinal, em conformidade com instruções da França e compromissos secretos com o clero, adotou medidas que os desenganaram por completo e revelaram o abismo no qual estavam prestes a precipitar-se. Alguns líderes protestantes foram procurá-la para interceder por seus pregadores, que ela intimara, e ela lhes disse sem rodeios que “apesar deles, todos seriam banidos da Escócia, ainda que pregassem com tanta verdade quanto São Paulo”; quando lhe recordaram as reiteradas promessas de proteção que lhes fizera, respondeu sem corar que “não convinha aos súditos onerar seus príncipes com promessas além da medida em que a estes aprouvesse cumpri-las”. Disseram-lhe que, se violasse os compromissos assumidos com os súditos, se considerariam desobrigados de lhe prestar obediência, e advertiram-na com toda a franqueza das perigosas consequências; diante disso, ela adotou linguagem mais branda e se comprometeu a impedir o julgamento. Logo depois, porém, ao saber que o exercício da religião reformada fora introduzido na cidade de Perth, retomou o processo e intimou todos os pregadores a comparecer a Stirling em 10 de maio para serem julgados.

Embora sua própria causa já tivesse sido julgada de antemão, e a sentença contra ele já houvesse sido pronunciada, não hesitou um instante em resolver apresentar-se voluntariamente em Stirling para ajudar os irmãos em sua defesa e compartilhar o perigo. Depois de descansar apenas um dia em Edimburgo, apressou-se para Dundee, onde encontrou já reunidos os principais protestantes de Angus e Mearns, decididos a acompanhar seus ministros ao lugar do julgamento e a declarar sua adesão às doutrinas de que eram acusados. A chegada providencial, naquela crise, de um defensor tão capaz da causa deve ter animado muito a assembleia; e a permissão que pediu para acompanhá-los foi prontamente concedida.

Para que a aproximação inesperada de uma multidão tão grande, embora desarmada, não alarmasse nem ofendesse a regente, a congregação (pois assim começavam então a ser chamados os protestantes) concordou em parar em Perth e enviou Erskine de Dun à frente, até Stirling, para informá-la do propósito e da maneira pacífica de sua vinda. Receosa de que a presença deles frustrasse suas medidas, a regente recorreu outra vez à dissimulação. Persuadiu Erskine a escrever aos irmãos para que

desistissem da viagem planejada e autorizou-o a prometer, em nome dela, que poria fim ao julgamento. A congregação demonstrou suas intenções pacíficas atendendo de bom grado ao pedido, e a maior parte, confiando na promessa régia, voltou para casa. Quando chegou, porém, o dia do julgamento, por ordem da rainha chamou-se a causa; os acusados foram declarados proscritos por não comparecerem, e proibiu-se a todos, sob pena de serem considerados rebeldes, acolhê-los ou ajudá-los.

Tendo escapado de Stirling, Erskine levou a Perth a notícia dessa vergonhosa transação, que não podia deixar de indignar os protestantes. Ocorreu que, no mesmo dia em que a notícia chegou, Knox, que permanecera em Perth, pregou um sermão no qual expôs a idolatria da missa e do culto às imagens. Terminado o sermão, os ouvintes se dispersaram tranquilamente; apenas uns poucos desocupados ficaram na igreja, quando um sacerdote imprudente, desejando talvez sondar a disposição do povo ou mostrar desprezo pela doutrina que acabara de ser exposta, descobriu um rico retábulo ornamentado de imagens e se preparou para celebrar missa. Um menino proferiu algumas palavras de desaprovação e foi golpeado pelo sacerdote. Revidou lançando uma pedra ao agressor; a pedra caiu no altar e quebrou uma das imagens. Isso agiu como um sinal para os presentes que haviam tomado o partido do menino; em poucos minutos, o altar, as imagens e todos os ornamentos da igreja foram arrancados e pisoteados. O alarido logo atraiu uma turba, que, não encontrando mais o que fazer na igreja, por um impulso súbito e irresistível se lançou sobre os mosteiros; nem a autoridade dos magistrados nem a persuasão dos pregadores, que se reuniram assim que souberam do tumulto, conseguiram contê-la antes que as casas dos franciscanos e dos dominicanos, bem como o custoso edifício dos monges cartuxos, fossem reduzidos a ruínas. Nenhum dos cavalheiros nem dos membros ponderados da congregação tomou parte nesse tumulto não premeditado; ele se limitou inteiramente aos habitantes de mais baixa condição ou, como Knox os designa, “a ralé”.

A demolição dos mosteiros tem sido apresentada como o primeiro fruto dos trabalhos de nosso reformador nessa ocasião; mas, quaisquer que fossem seus sentimentos quanto à destruição dos instrumentos e monumentos de idolatria, desejava que ela se realizasse de maneira regular; sabia que, nas circunstâncias de então, tais procedimentos tumultuários prejudicavam a causa dos reformadores e, longe de instigá-los, empenhou-se em pôr fim aos estragos da turba. Se, contudo, se procura sua causa remota, é à perfídia gratuita e desonrosa da rainha que se deve atribuí-los.

Nada poderia ser mais favorável aos desígnios da regente do que esse tumulto. Com sua conduta recente, perdera a confiança dos protestantes e até se expusera aos olhos dos membros sensatos e moderados de seu próprio partido. A ocorrência deu-lhe ocasião de desviar de si a indignação pública e voltá-la contra a congregação, ocasião que não deixou de aproveitar com a habilidade de costume. Depois de reunir a nobreza, exagerou o tumulto fortuito, apresentando-o como uma rebelião perigosa e premeditada. Aos católicos, insistiu na destruição sacrílega daqueles edifícios veneráveis que seus antepassados haviam dedicado ao serviço de Deus. Aos protestantes que não se haviam unido aos de Perth, queixou-se da destruição da fundação régia da cartuxa, protestou que não pretendia violentar-lhes a consciência e prometeu protegê-los, desde que a ajudassem a punir os culpados daquela violação da ordem pública. Tendo inflamado contra eles os ânimos de todos, avançou sobre Perth com um exército, ameaçando devastar a cidade a ferro e fogo e infligir o castigo mais exemplar a todos os que haviam contribuído para o tumulto.

Os protestantes do norte tinham plena consciência do perigo e fizeram tudo a seu alcance para aplacar a cólera da rainha; escreveram a ela, aos comandantes das tropas francesas, aos nobres papistas e aos de sua própria confissão; negaram solenemente qualquer intenção rebelde; declararam-se prontos a prestar toda a obediência devida ao governo; suplicaram e exortaram a todos que se abstivessem de violentar súditos pacíficos, que buscavam apenas a liberdade de consciência. Ao ver que todos esses esforços eram inúteis, resolveram, contudo, não consentir que eles e seus irmãos fossem massacrados, e se prepararam para defender a cidade contra um ataque ilegal e furioso. Suas providências foram tão

prontas e vigorosas que, ao aproximar-se, a regente considerou imprudente atacá-los e propôs termos de acomodação, que aceitaram de bom grado.

Enquanto os dois exércitos estavam diante de Perth e se desenrolavam negociações entre eles, nosso reformador obteve uma entrevista com o prior de St. Andrews e o jovem conde de Argyle, que apoiavam a regente; recordou-lhes os compromissos solenes que haviam assumido e acusou-os de violá-los ao favorecer medidas tendentes a suprimir a religião reformada e escravizar seu país natal. Os nobres asseguraram-lhe que consideravam sagrados seus compromissos: a regente lhes pedira que envidassem os melhores esforços para encerrar amigavelmente as divergências presentes; se, porém, ela violasse o tratado ora em negociação, prometeram que não mais a apoiariam e passariam abertamente para o lado do restante da congregação. A rainha não demorou a lhes proporcionar a oportunidade de cumprir a promessa.

Os lordes da congregação resolveram então introduzir a Reforma nos lugares alcançados por sua autoridade ou influência e onde a maioria dos habitantes lhe era favorável, abolindo a superstição papista e estabelecendo em seu lugar o culto protestante. As ideias feudais relativas à jurisdição da nobreza, então prevalecentes na Escócia, justificavam em parte esse passo; sua melhor defesa está na necessidade extrema e premente da situação.

St. Andrews foi o lugar escolhido para iniciar essas ações. Com esse propósito, lorde James Stuart, prior da abadia de St. Andrews, e o conde de Argyle combinaram encontrar-se com Knox em certo dia naquela cidade. Seguindo pela costa oriental de Fife, ele pregou em Anstruther e Crail e chegou a St. Andrews em 9 de junho. O arcebispo, informado de seu propósito de pregar na catedral, reuniu uma força armada e mandou avisá-lo de que, se subisse ao púlpito, ordenaria aos soldados que atirassem nele. Os nobres reuniram-se para deliberar sobre o que fazer e opinaram que Knox devia desistir de pregar naquela ocasião. A comitiva dos nobres era muito pequena; ainda não haviam averiguado a disposição da cidade; a rainha se encontrava a pouca distância com um exército, pronta a vir em socorro do bispo; e a presença dele no púlpito poderia custar-lhe a vida e a dos que estavam decididos a defendê-lo da violência.

Mas, se os reformadores, depois de anunciarem suas intenções, se deixassem intimidar pelas atitudes jactanciosas e ameaças do arcebispo, sua causa receberia logo de início um golpe do qual não se recuperaria facilmente. A firmeza e intrepidez de Knox impediram isso. Inflamado pela lembrança do papel que desempenhara antes naquele lugar e pela perspectiva próxima de realizar as ardentes esperanças que acalentara no peito durante tantos anos, respondeu às solicitações dos irmãos que podia tomar a Deus por testemunha de que nunca pregara por desprezo a homem algum nem com o intuito de ferir criatura terrena; mas não podia, em consciência, consentir em adiar a pregação do dia seguinte, a menos que fosse impedido à força. Naquela cidade e naquela igreja, Deus o elevara pela primeira vez à dignidade de pregador, e dali o arrancara a tirania francesa, por instigação dos bispos escoceses. Não relataria naquele momento a longa duração de seu cativeiro nem as torturas que sofrera; mas uma coisa não podia ocultar: na presença de muitos ainda vivos, exprimira a firme esperança de tornar a pregar em St. Andrews. Agora, pois, que a Providência, para além de toda expectativa humana, o levara de volta àquele lugar, suplicava-lhes que não o impedissem. “Quanto ao temor do perigo que possa sobrevir-me”, prosseguiu, “ninguém se inquiete, pois minha vida está sob a guarda Daquele cuja glória procuro. Não desejo a mão nem a arma de homem algum para defender-me. Peço somente que me ouçam; se isso me for negado aqui nesta ocasião, terei de procurar onde o consiga.”

Essa resposta intrépida pôs fim a todas as objeções; no dia seguinte, Knox subiu ao púlpito e pregou a uma numerosa assembleia sem encontrar a menor oposição ou interrupção. Discorreu sobre a expulsão, por nosso Salvador, dos mercadores profanos do templo de Jerusalém; daí tomou ocasião para expor as enormes corrupções introduzidas na igreja sob o papado e indicar o que competia aos cristãos, em suas diferentes esferas, fazer para removê-las. Nos três dias seguintes pregou no mesmo lugar; e tamanha foi

a influência de sua doutrina que o principal magistrado municipal, os oficiais municipais e os habitantes concordaram harmoniosamente em estabelecer na cidade o culto reformado; a igreja foi despojada de imagens e pinturas, e os mosteiros, derrubados.

O exemplo de St. Andrews foi prontamente seguido em outras partes do reino; e, em poucas semanas, em Crail, Cupar, Lindores, Stirling, Linlithgow e Edimburgo, as casas dos monges foram derrubadas, e destruídos todos os instrumentos empregados para alimentar a idolatria e o culto às imagens.

Nosso reformador permaneceu em St. Andrews até o fim de junho, quando veio a Edimburgo, de onde a regente e suas forças se haviam retirado. Os protestantes da cidade voltaram os olhos para ele e logo o escolheram como ministro. Assumiu, pois, essa incumbência; mas, pouco depois, tendo os lordes da congregação concluído um tratado com a regente pelo qual lhe entregaram Edimburgo, julgaram perigoso que ali permanecesse, devido à extrema hostilidade pessoal que os papistas nutriam contra ele. Willock, menos odioso a seus olhos, foi, portanto, colocado em seu lugar, enquanto Knox empreendeu uma viagem de pregação pelo reino. Essa pregação itinerante exerceu grande influência na expansão da causa reformada. A vastidão do campo que se abria diante dele, a situação singular em que se encontrava, os perigos que o cercavam e as esperanças que alimentava aumentaram o ardor de seu zelo e o estimularam a esforços extraordinários do corpo e do espírito. Em menos de dois meses, percorreu a maior parte da Escócia. Visitou Kelso, Jedburgh, Dumfries, Ayr, Stirling, Perth, Brechin, Montrose e Dundee, e voltou mais uma vez a St. Andrews. A atenção da nação despertara; seus olhos se abriam para os erros com que fora iludida; e ela ansiava pela palavra da vida que provara uma vez.

Logo após chegar à Escócia, Knox escreveu a Genebra pedindo que a esposa e a família viessem juntar-se a ele. Em 13 de junho, a sra. Knox e a família estavam em Paris e solicitaram a sir Nicolas Throkmorton, embaixador inglês, um salvo-conduto para entrar na Inglaterra. Throkmorton, que então já começara a penetrar nos desígnios da corte francesa, não só o concedeu como escreveu uma carta à rainha, na qual insistiu na conveniência de relevar a ofensa causada pela publicação de Knox e de atraí-lo mediante o tratamento bondoso dado à esposa; pois ele gozava de grande crédito entre os lordes da congregação, fora o principal instrumento da mudança recente naquele reino e podia prestar serviços essenciais a Sua Majestade. Assim, a sra. Knox entrou na Inglaterra e, conduzida à fronteira por determinação da corte, chegou em segurança ao marido em 20 de setembro. Sua mãe, depois de permanecer por pouco tempo na terra natal, seguiu-a à Escócia, onde ficou até morrer.

A chegada da família foi tanto mais agradável a nosso reformador porque Christopher Goodman a acompanhava. Ele escrevera repetidas vezes, com a maior insistência, pedindo ao antigo colega que viesse auxiliá-lo e manifestara grande inquietação pela demora de sua chegada. Goodman tornou-se ministro de St. Andrews. A instalação de ministros protestantes ocorreu em época anterior à indicada pelas obras de história correntes. Antes de setembro de 1559, oito cidades já contavam com pastores; outras continuavam desprovidas por causa da escassez de pregadores, que se fazia sentir intensamente.

Enquanto isso, tornava-se cada dia mais evidente que os lordes da congregação não conseguiriam, sem auxílio estrangeiro, sustentar a luta em que estavam envolvidos. Se o conflito se limitasse a eles e ao partido interno da regente, logo o teriam levado a um desfecho favorável; mas não podiam resistir às tropas veteranas que a França enviara em auxílio dela e se preparava para enviar em número ainda mais formidável. Já em meados de junho, nosso reformador renovou seus esforços para obter auxílio da Inglaterra e persuadiu William Kircaldy de Grange, primeiro a escrever e depois a fazer uma visita a sir Henry Percy, que ocupava um posto público na região fronteiriça inglesa. Percy logo transmitiu suas exposições a Londres, e o secretário Cecil respondeu encorajando a correspondência.

O próprio Knox escreveu a Cecil, pedindo permissão para visitar a Inglaterra, e anexou uma carta à rainha Elizabeth na qual tentou desculpar-se pelo rude ataque ao governo feminino. Em coisa alguma era mais desajeitado do que em pedir desculpas. A carta contém declarações de forte adesão ao governo de Elizabeth; mas o tom em que foi escrita é tal que, se aquela princesa altiva chegou a lê-la, sua ofensa

deve ter sido agravada, e não atenuada. O sagaz secretário, porém, quase não duvidamos, reteve-a. Ele próprio era favorável à medida de auxiliar a congregação escocesa e exerceu toda a sua influência para conquistar a rainha e seu conselho para essa opinião. Foi então enviada uma mensagem a Knox, convidando-o a encontrar-se com sir Henry Percy em Alnwick, em 2 de agosto, para tratar de assunto que exigia o máximo sigilo e presteza; e Cecil desceu a Stamford para entrevistar-se com ele. [N12]

A confusão causada pelo avanço do exército da regente sobre Edimburgo retardou sua viagem; tão logo a situação se resolveu, porém, partiu de navio de Pittenweem para Holy Island. Ao saber que Percy fora chamado de volta da fronteira, dirigiu-se a sir James Croft, governador de Berwick. Croft, que não ignorava o objetivo de sua vinda, dissuadiu-o de avançar mais pela Inglaterra e comprometeu-se a despachar suas comunicações para Londres e conseguir uma resposta rápida. Enquanto permanecia em Berwick, Whitlaw chegou da corte inglesa com respostas às cartas anteriormente enviadas; Knox voltou imediatamente para apresentá-las a uma reunião dos lordes protestantes em Stirling. A irresolução ou a cautela do gabinete de Elizabeth os levara a exprimir-se em termos tão gerais e insatisfatórios que a assembleia ficou decepcionada e contrariada; e nosso reformador teve alguma dificuldade em obter licença para voltar a escrever a Londres em seu próprio nome. A exposição que fez da urgência do caso e do perigo de mais hesitação ou demora produziu pronta resposta, pedindo-lhes que enviassem a Berwick um mensageiro de confiança, que receberia uma soma de dinheiro para ajudá-los a prosseguir na guerra. Por volta da mesma época, sir Ralph Saddler foi enviado a Berwick como agente credenciado, porém secreto; e a correspondência entre a corte de Londres e os lordes da congregação continuou a ser conduzida por intermédio dele e de sir James Croft até que o exército auxiliar inglês entrou na Escócia.

Se refletirmos sobre a relação entre as liberdades religiosas e civis da nação e o conflito em que os protestantes estavam envolvidos, bem como sobre o zelo de nosso reformador por essa causa, não nos surpreenderemos muito de vê-lo então agir como político. Casos extraordinários não podem ser medidos por regras comuns. Numa grande emergência como a presente, quando tudo o que um povo tem de valioso e caro está em jogo, cabe a cada indivíduo apresentar-se e empregar, para o bem público, os talentos de que foi dotado. A instrução era então rara entre os nobres; e, embora houvesse entre os líderes protestantes homens de distinta capacidade, poucos estavam habituados a tratar dos negócios públicos. Assim, a administração da correspondência com a Inglaterra recaiu por algum tempo sobretudo sobre Balnaves e nosso reformador. Ele, porém, submeteu-se a isso apenas pelo sentimento do dever e pelo interesse da causa comum; e, quando o jovem Maitland aderiu ao partido deles, exprimiu a maior satisfação com a perspectiva de ser aliviado do encargo.

Numa carta a sir James Croft, Knox expôs a grande importância de receberem prontamente auxílio de tropas, sem o qual correriam sério risco de fracassar num ataque às fortificações de Leith. A corte da Inglaterra, disse ele, não devia hesitar por receio de ofender a França, de cujas intenções hostis contra ela possuía provas cabais. Mas, “se quiserdes proceder com astúcia para com eles”, prosseguiu, “o envio de mil homens ou mais para nós não pode romper tratado algum nem cláusula de paz celebrada entre vós e a França; pois vossos súditos são livres de servir na guerra a qualquer príncipe ou nação em troca de soldo; e, se temerdes que tais desculpas não prevaleçam, podeis declará-los rebeldes a vosso reino quando tiverdes a certeza de que se encontram em nossa companhia.” Sem dúvida, coisas assim muitas vezes se fizeram, e essa casuística política, como Keith a chama não sem razão, não é desconhecida nas cortes. Mas deve-se confessar que a medida recomendada por Knox — cuja moralidade repousa sobre os mesmos fundamentos que a assistência então prestada pelos ingleses — era demasiado evidente para ser encoberta pelas desculpas que ele sugeria. Croft aproveitou a ocasião para refrear a impetuosidade do correspondente e escreveu-lhe que se admirava de que ele, “sendo homem sábio”, lhes pedisse auxílio que não poderiam prestar “sem violar o tratado e sem desonra”; e que o mundo não era cego a ponto de não perceber os artifícios pelos quais ele propunha disfarçar a questão. Knox, na resposta, desculpou-se por seu “pedido desarrazoado”; ao mesmo tempo, porém, lembrou a Croft a prática comum das cortes em tais matérias, e a atuação recente da corte francesa para com os próprios ingleses;

não ignorava, disse, os inconvenientes que poderiam acompanhar uma declaração aberta em seu favor, mas temia que viessem a ter motivo para "lamentar o tempo perdido, quando já não fosse tão fácil encontrar remédio".

Não obstante o preconceito existente na corte inglesa contra nosso reformador, por sua "audácia" ao atacar a prerrogativa feminina, seus membros conheciam bem demais sua integridade e influência para recusar seus serviços. Cecil manteve correspondência com ele; e, nas instruções enviadas de Londres para a administração do subsídio, estipulou-se expressamente que integrasse o conselho encarregado de examinar as receitas e despesas, a fim de verificar que o dinheiro fosse aplicado à ação comum e não a algum uso particular.

Enquanto isso, seu zelo e atividade na causa da congregação expunham-no ao ódio mortal da rainha regente e dos papistas. Ofereceu-se publicamente uma recompensa a quem o capturasse ou matasse, e muitos, movidos pelo ódio ou pela cobiça, o espreitavam para prendê-lo. Isso, porém, não o dissuadiu de aparecer em público nem de viajar pelo país no cumprimento de seu dever. Seus esforços nessa época foram incrivelmente grandes. De dia ocupava-se em pregar; à noite, em escrever cartas sobre os assuntos públicos. Era a alma da congregação, estava sempre presente nos postos de perigo e, com sua presença, discursos públicos e conselhos particulares, animava todo o corpo e frustrava os planos destinados a corrompê-lo e dividi-lo. Em 21 de outubro, convocou-se em Edimburgo uma assembleia de nobres, barões e representantes dos burgos para deliberar sobre a legitimidade de suspender a rainha regente. Willock, que então oficiava como ministro de Edimburgo, e Knox foram chamados a participar, e ambos concordaram quanto à legalidade da proposta.

Os que julgam a conveniência de uma medida pelo êxito que a acompanha estarão inclinados a condenar esse tratamento dado à rainha. Pouco depois dessa decisão, os negócios da congregação começaram a apresentar um aspecto sombrio. O mensageiro que haviam enviado a Berwick para receber uma remessa da corte inglesa foi interceptado no regresso e despojado do dinheiro; seus soldados se amotinaram por falta de pagamento; foram repelidos num ataque prematuro às fortificações de Leith e derrotados numa escaramuça com as tropas francesas; os emissários secretos da regente obtiveram demasiado sucesso entre eles; seu número diminuía a cada dia; e os restantes, desunidos, desanimados e consternados, resolveram abandonar Edimburgo na noite de 5 de novembro e retiraram-se precipitadamente e com desonra para Stirling.

Em meio ao abatimento geral causado por esses desastres, o espírito de Knox permaneceu indomado. No dia seguinte à chegada de todos a Stirling, subiu ao púlpito e proferiu um discurso que teve admirável efeito ao reacender o zelo e a coragem da congregação. Seus rostos, disse, estavam cobertos de confusão, seus inimigos triunfavam, seus corações haviam tremido de medo e ainda estavam oprimidos pela tristeza e pela vergonha. Por que motivo Deus os abatera assim? A situação exigia linguagem franca, e ele a empregaria. Na atual aflição de espírito, corriam o risco de atribuir suas desventuras a uma causa errada e imaginar que haviam pecado ao tomar nas mãos a espada em defesa própria; tal como as tribos de Israel fizeram quando foram duas vezes derrotadas na guerra que, por orientação divina, empreenderam contra seus irmãos benjamitas. Depois de dividir a congregação em duas classes — os que haviam abraçado a causa desde o começo e os que a ela se haviam unido recentemente —, passou a indicar o que considerava censurável na conduta de cada uma; e, após exortar todos à emenda de vida, às orações e às obras de caridade, concluiu com uma alocução animadora. Deus, disse, muitas vezes permitia que os ímpios triunfassem por algum tempo e expunha sua congregação eleita ao escárnio, a perigos e à aparente destruição, para humilhar-lhe a confiança em si mesma e induzi-la a buscar nele o livramento e a vitória. Se se voltassem sinceramente para o Eterno, não duvidava de que sua aflição presente se converteria em alegria e seria seguida pelo êxito, assim como não duvidava de que Israel afinal vencera os benjamitas depois de ser duas vezes repelido com ignomínia. A causa em que estavam empenhados prevaleceria na Escócia, a despeito de toda oposição.

Era a verdade eterna do Deus eterno que sustentavam; podia ser oprimida por algum tempo, mas triunfaria afinal.

Os ouvintes, que haviam entrado na igreja profundamente abatidos, saíram dela com a coragem renovada. À tarde, reuniu-se o conselho e, depois de uma oração do reformador, decidiu por unanimidade enviar Maitland a Londres para solicitar a Elizabeth auxílio mais eficaz. Entretanto, como não podiam manter-se em campanha, resolveram dividir-se: uma metade do conselho permaneceria em Glasgow, e a outra em St. Andrews. Knox foi designado para acompanhar esta última. Quando os franceses penetraram em Fife, no início de 1560, ele animou o pequeno contingente que, sob o comando do conde de Arran e do prior de St. Andrews, resistiu valentemente ao avanço deles, até que o aparecimento da frota inglesa os obrigou a bater em retirada precipitada.

Knox pregando.

O desastre que levou o exército protestante a deixar Edimburgo acabou por favorecer sua causa. Obrigou a corte inglesa a abandonar a linha de prudência política que até então seguira. Em 27 de fevereiro de 1560, os ingleses concluíram um tratado formal com os senhores da Congregação; e, no início de abril, o exército inglês entrou na Escócia. As tropas francesas recolheram-se às fortificações de Leith e foram cercadas por mar e por terra; a rainha regente morreu no castelo de Edimburgo durante o sítio; e os embaixadores da França foram forçados a aceitar um tratado pelo qual se estipulava que as tropas francesas seriam retiradas da Escócia, que se concederia anistia a todos os envolvidos na recente resistência às medidas da regente, que suas principais queixas seriam atendidas e que um parlamento livre seria convocado para resolver os demais assuntos do reino.

Durante a guerra civil, enquanto os pregadores protestantes se dedicavam assiduamente a difundir o conhecimento da verdade por todas as regiões do reino, o clero papista não fazia esforço algum para lhes fazer frente. Corruptos demais para pensar em reformar os próprios costumes e incultos demais para poder defender seus erros, depositavam sua última esperança no êxito das armas francesas e aguardavam o desfecho da luta como aquilo de que dependia o estabelecimento ou a ruína de sua religião. Fizeram, é verdade, uma tentativa de recuperar o prestígio perdido e sustentar a causa em declínio, reavivando o gasto pretexto dos milagres operados nos santuários de seus santos. Mas a descoberta da impostura os expôs ao ridículo e ocasionou a perda de uma pessoa que, por sua erudição e integridade, era o maior ornamento de seu partido.

O tratado que pôs fim às hostilidades nada decidiu a respeito das diferenças religiosas; mas, justamente por isso, foi fatal ao papismo. O poder ficou nas mãos dos protestantes. O culto católico romano fora abandonado em quase todo o reino, exceto nos lugares ocupados pela regente e seus auxiliares estrangeiros; e nenhuma medida foi tomada para restaurá-lo. O firme domínio que outrora exercera sobre as opiniões e os afetos do povo estava inteiramente desfeito; só a força o sustentava; e, no momento em que as tropas francesas embarcaram, caiu por terra aquele edifício que subsistira durante séculos na Escócia. Seus sacerdotes, enfraquecidos e consternados, cessaram espontaneamente a celebração dos ritos; e o culto reformado foi estabelecido pacificamente em todos os lugares onde se encontravam ministros para celebrá-lo. Quando o parlamento se reuniu, pouco lhe restava fazer em matéria de religião, além de sancionar o que a nação já adotara.

Na distribuição de ministros pelas diferentes regiões do reino, medida a que os protestantes se dedicaram logo após a proclamação da paz, foram, em geral, confirmados os arranjos provisórios anteriores; e nosso reformador retomou seu posto como ministro de Edimburgo. Durante o mês de agosto, ocupou-se em redigir a Confissão de Fé Protestante, apresentada ao parlamento, que a ratificou e aboliu a jurisdição e o culto papais.

A organização da igreja reformada ainda não estava completa. Até então, seguira-se principalmente o Livro da Ordem Comum, aprovado pela igreja inglesa em Genebra, como diretório para o culto e o governo eclesiástico. Mas, como fora compilado para uso de uma única congregação, composta, além

disso, em sua maior parte de homens instruídos, mostrou-se inadequado a uma igreja extensa, formada por uma multidão de congregações associadas. Cônscio da grande importância da organização eclesiástica para a manutenção da ordem, a preservação da pureza da doutrina e dos costumes e o florescimento geral da religião no reino, nosso reformador, desde cedo, chamou a atenção dos protestantes para o assunto e insistiu em que fosse prontamente resolvido. Em consequência disso, os senhores do conselho privado designaram-no, juntamente com outros cinco ministros, para elaborar um plano que julgassem o mais conforme às Escrituras e propício ao progresso da religião. Reuniram-se, pois, e, com grande diligência e considerável unanimidade, compuseram o livro que depois se chamou Primeiro Livro de Disciplina. Nosso reformador teve papel principal em sua elaboração.

A primeira Assembleia Geral da igreja reformada da Escócia reuniu-se em Edimburgo em 20 de dezembro de 1560. Compunha-se de quarenta membros, dos quais apenas seis eram ministros. Knox era um deles e continuou a participar da maioria de suas reuniões até a morte. No princípio, as deliberações se conduziam com grande simplicidade e unanimidade. É singular que tenham realizado sete reuniões distintas sem presidente nem moderador[7]. Mas, à medida que crescia o número de membros e os assuntos se tornavam mais complexos, estabeleceu-se a eleição de um moderador a cada reunião; conferiu-se-lhe autoridade para manter a ordem; e promulgaram-se normas relativas aos membros constituintes da assembleia, às causas que deveriam ser-lhe submetidas e ao modo de proceder.

No fim desse ano, nosso reformador sofreu uma grave perda doméstica com a morte de sua estimada esposa, que, depois de partilhar as privações do exílio do marido, foi-lhe tirada quando ele alcançara uma situação confortável para a família. Ficou-lhe o encargo de dois filhos pequenos, além de seus outros cuidados. Sua sogra ainda estava com ele; mas, embora apreciasse sua companhia piedosa, o abatimento a que ela era sujeita, e do qual todos os esforços dele jamais conseguiram curá-la por completo, antes aumentava que aliviava seu fardo. Sua aguda sensibilidade foi duramente ferida por esse golpe; ele, porém, procurou moderar a dor com as consolações que ministrava aos outros e com a dedicação aos deveres públicos. Teve a satisfação de receber, nessa ocasião, uma carta de seu muito respeitado amigo Calvino, na qual expressões de grande estima pela companheira falecida se mesclavam às condolências pela perda. Podemos aproveitar a oportunidade para mencionar que Knox, com o consentimento dos irmãos, consultou o reformador de Genebra sobre diversas questões difíceis surgidas no estabelecimento da Reforma escocesa, e que trocaram várias cartas sobre o assunto. À aflição doméstica de Knox somavam-se preocupações públicas. A Reforma avançara até então com êxito à altura de suas expectativas mais otimistas e, naquele momento, não havia oposição pública à nova ordem. A situação, porém, ainda era muito crítica. Havia no país um partido nada desprezível em número e poder, que permanecia apegado ao papismo; embora houvesse cedido à torrente, aguardava ansiosamente uma ocasião para lançar o país em outra guerra civil, a fim de restaurar a antiga religião. A rainha Mary e seu marido, o rei da França, recusaram-se a ratificar o tratado recente e despediram o delegado enviado pelo parlamento com demonstrações de extremo desagrado diante das inovações que este ousara introduzir. Preparava-se na França um novo exército para invadir a Escócia na primavera; nesse meio-tempo, enviavam-se emissários para animar e unir os católicos romanos; e era duvidoso que a rainha da Inglaterra aceitasse incorrer em novas despesas e censuras ao protegê-los de um segundo ataque.

O perigo não passou despercebido ao nosso reformador, que se empenhou em preparar seus compatriotas, incutindo-lhes a devida consciência dele e exortando-os a completar prontamente o estabelecimento da religião em todo o reino, o que, estava convencido, seria o principal baluarte contra os ataques dos adversários. No estado em que então se encontravam os ânimos, suas advertências foram ouvidas por muitos que antes as haviam tratado com indiferença. A tempestade ameaçadora passou em

7 Nota desta edição: Presidente eleito para conduzir uma reunião ou assembleia eclesiástica presbiteriana; a função não implica governo episcopal.

consequência da morte do rei francês; mas isso levou necessariamente a uma medida que envolveu os protestantes escoceses em nova luta e expôs a igreja reformada a perigos menos evidentes e impressionantes, mas nem por isso menos temíveis que a violência e a hostilidade manifestas. Foi o convite feito pela nobreza protestante à jovem rainha, que chegou à Escócia em 19 de agosto de 1561 e assumiu pessoalmente as rédeas do governo. A recepção dispensada a ela em sua chegada foi lisonjeira; porém, um acontecimento pouco depois arrefeceu a alegria manifestada e pressagiou futuras desconfianças e perturbações. Resolvida a dar aos súditos uma prova imediata de sua firme determinação de permanecer fiel ao culto católico romano, Mary ordenou os preparativos para a celebração de uma missa solene na capela de Holyroodhouse, no primeiro domingo após sua chegada. Tamanho era o horror com que os protestantes encaravam esse ofício, e tamanha a apreensão ao vê-lo favorecido por sua rainha, que o primeiro rumor do projeto suscitou murmúrios violentos, os quais teriam irrompido em tumulto aberto se os dirigentes não houvessem intervindo e, com sua autoridade, contido o zelo da multidão. Knox, em consideração à tranquilidade pública e para evitar ofender, naquele momento, a rainha e seus parentes, empregou sua influência em conversas particulares para moderar o ardor dos mais zelosos, que estavam prontos a impedir o ofício pela força. Mas o precedente o alarmava tanto quanto aos demais irmãos; e, tendo exposto o mal da idolatria em seu sermão no domingo seguinte, declarou que “uma só missa lhe causava mais temor do que se dez mil inimigos armados desembarcassem em qualquer parte do reino com o propósito de suprimir toda a religião”.

Além dos temores pela causa comum, Knox tinha motivos para recear por sua segurança pessoal. A rainha estava particularmente enfurecida com ele pela participação ativa que tivera na recente revolução; o clero papista que deixara o reino o apresentava como o chefe dos súditos facciosos dela; e Mary declarara, antes de sair da França, que estava decidida a puni-lo. Seu livro contra o governo das mulheres era, muito provavelmente, a acusação ostensiva com que seria processado; por isso o vemos apresentar um pedido, por intermédio do residente inglês em Edimburgo, para assegurar o favor de Elizabeth, receando com razão que ela pudesse ser induzida a apoiar as medidas contra ele por esse motivo. Mas, fossem quais fossem os perigos que temesse da presença pessoal da rainha, para o público ou para si próprio, não usou a menor influência para impedir que fosse convidada a voltar. Ao contrário, concordou com seus irmãos nessa medida e em frustrar um plano que o duque de Châtelherault, sob a orientação do arcebispo de St. Andrews, concebera para excluí-la do governo. Quando, porém, o prior de St. Andrews foi enviado à França com o convite, Knox insistiu em que a renúncia dela à celebração da missa fosse uma das condições de seu regresso; e, ao perceber que o prior e os demais membros do conselho estavam dispostos a conceder-lhe essa liberdade em sua própria capela, predisse que “a liberdade dela seria a servidão deles”.

Pouco depois de sua chegada, a rainha Mary, não se sabe se por iniciativa própria ou aconselhada por outros, mandou chamar Knox ao palácio e manteve com ele uma longa conversa na presença de seu irmão, o prior de St. Andrews. Parece ter esperado intimidá-lo até a submissão com sua autoridade, se não confundi-lo com seus argumentos. Mas a ousada franqueza com que ele respondeu a todas as acusações e defendeu sua própria conduta convenceu-a de que uma expectativa era tão vã quanto a outra; e a impressão que ela desejava causar acabou por se gravar em seu próprio espírito. Acusou-o de incitar seus súditos contra sua mãe e contra ela; de escrever um livro contra sua legítima autoridade, ao qual, disse, mandaria responder pelos homens mais eruditos da Europa; de causar sedição e derramamento de sangue quando estivera na Inglaterra; e de realizar seus propósitos por artes mágicas.

A essas graves acusações Knox respondeu que, se ensinar sinceramente a verdade de Deus, repreender a idolatria e exortar um povo a adorar a Deus conforme sua palavra significava incitar os súditos a se levantarem contra seus príncipes, então se reconhecia culpado desse crime; pois aprouvera a Deus empregá-lo, entre outros, para revelar àquele reino a vacuidade da religião papista, assim como o engano, o orgulho e a tirania do Anticristo romano. Mas, se o verdadeiro conhecimento de Deus e seu culto correto eram os mais poderosos incentivos para que os súditos obedecessem de coração a seus

príncipes, como certamente eram, então era inocente. Estava persuadido de que Sua Graça recebia, naquele momento, dos protestantes da Escócia uma obediência tão sincera quanto seu pai ou qualquer antepassado seu jamais recebera dos chamados bispos. Quanto ao que fora relatado a Sua Majestade sobre os frutos de sua pregação na Inglaterra, alegrava-se de que seus inimigos nada lhe imputassem senão aquilo que o mundo sabia ser falso. Se qualquer deles pudesse provar que, em algum dos lugares onde residira, houvera sedição ou motim, confessar-se-ia criminoso. Longe disso, não se envergonhava de dizer que, em Berwick, onde antes tão frequentemente se derramava sangue entre os soldados, Deus abençoara de tal modo seus débeis trabalhos que, durante sua permanência ali, reinara tanta tranquilidade quanto havia então em Edimburgo. Podia suportar mais facilmente a calúnia de praticar magia — arte que condenara onde quer que pregasse — ao lembrar-se de que seu Mestre, o Senhor Jesus, fora difamado como aliado de Belzebu. Quanto ao livro que parecia ofender tanto Sua Majestade, admitia tê-lo escrito e aceitava que todos os eruditos o julgassem. Sabia que um inglês escrevera contra ele, mas ainda não lera sua obra. Se esse autor houvesse refutado suficientemente seus argumentos e estabelecido as proposições contrárias, confessaria seu erro; até aquela hora, porém, continuava a julgar-se, sozinho, mais capaz de sustentar as teses afirmadas na obra do que quaisquer dez homens da Europa de refutá-las.

"Pensais que não tenho autoridade legítima", disse a rainha. "Se Vossa Majestade me permite", respondeu ele, "os homens doutos de todas as épocas tiveram liberdade de juízo e, em geral, divergiram do juízo comum do mundo; também divulgaram suas opiniões pela pena e pela palavra; não obstante, viveram em sociedade com os outros e suportaram pacientemente os erros e as imperfeições que não podiam corrigir. O filósofo Platão escreveu seu livro Da República, no qual condenou muitas coisas então aceitas no mundo e reclamou a reforma de muitas outras; apesar disso, viveu sob as formas de governo universalmente recebidas naquele tempo, sem perturbar nenhum Estado. Assim também, Senhora, contento-me em proceder, com retidão de coração e o testemunho de uma boa consciência." Acrescentou que conservaria no próprio peito suas opiniões sobre o assunto e que, se ela se abstivesse de perseguir, sua autoridade seria prejudicada por ele ou por seu livro, "escrito sobretudo contra a perversa Jezabel da Inglaterra". [N13]

"Mas falais das mulheres em geral", disse a rainha. "É bem verdade, Senhora; contudo, parece-me que a prudência deveria persuadir Vossa Graça a jamais provocar dissensão por algo que até hoje não perturbou Vossa Majestade, nem em sua pessoa nem em sua autoridade; pois, nos últimos anos, muitas coisas antes tidas por firmes foram postas em dúvida; mais ainda, foram abertamente impugnadas. Mas, Senhora, estou certo de que nem protestante nem papista poderá provar que tal questão tenha sido alguma vez levantada em público ou em segredo. Ora, Senhora, se eu tivesse pretendido perturbar vosso governo por serdes mulher, teria escolhido para esse fim ocasião mais conveniente do que posso encontrar agora, quando estais presente no reino."

Mudando de assunto, ela o acusou de haver ensinado o povo a abraçar uma religião diferente da permitida por seus príncipes; e perguntou se isso não contrariava o mandamento divino de que os súditos obedecessem a seus governantes. Ele respondeu que a verdadeira religião não recebia sua origem nem sua autoridade dos príncipes, mas do Deus eterno; que os príncipes muitas vezes eram os mais ignorantes acerca da verdadeira religião; e que os súditos não estavam obrigados a moldar sua religião pela vontade arbitrária dos governantes; de outro modo, os hebreus teriam sido obrigados a adotar a religião de Faraó; Daniel e seus companheiros, a de Nabucodonosor e Dario; e os primeiros cristãos, a dos imperadores romanos. "Sim", respondeu a rainha, moderando sua afirmação, "mas nenhum desses homens empunhou a espada contra seus príncipes." "Não podeis, contudo, negar", disse ele, "que resistiram; pois quem não obedece à ordem que lhe é dada resiste de certo modo." "Mas não resistiram com a espada", replicou a rainha, insistindo no argumento. "Deus, Senhora, não lhes dera o poder nem os meios." "Pensais", disse a rainha, "que os súditos, dispondo de poder, podem resistir a seus príncipes?" "Se os príncipes ultrapassam seus limites, Senhora, sem dúvida podem ser resistidos,

até mesmo pela força. Pois não se devem aos reis e príncipes honra nem obediência maiores do que Deus ordenou que se prestassem ao pai e à mãe. Mas um pai pode ser acometido de um acesso de loucura no qual queira matar os filhos. Ora, Senhora, se os filhos se levantam, unem-se, detêm o pai, tiram-lhe a espada, atam-lhe as mãos e o mantêm preso até passar a loucura, pensais que cometem alguma injustiça? Assim é, Senhora, com os príncipes que querem matar os filhos de Deus sujeitos a eles. Seu zelo cego não é senão uma loucura furiosa; portanto, tirar-lhes a espada, atar-lhes as mãos e lançá-los na prisão até recobrarem o juízo não constitui desobediência aos príncipes, mas justa obediência, porque está de acordo com a vontade de Deus."

A rainha, que até então conservara a coragem no debate, ficou inteiramente dominada por essa resposta ousada: seu semblante mudou e ela permaneceu num estupor silencioso. Seu irmão falou-lhe e perguntou a causa de sua perturbação, mas ela não respondeu. Por fim, recompondo-se, disse: "Pois bem, percebo que meus súditos obedecerão a vós, e não a mim, e farão o que lhes aprouver, e não o que eu ordenar; assim, deverei ser eu sujeita a eles, e não eles a mim." "Deus não permita!", respondeu Knox, "que eu jamais pretenda ordenar a alguém que me obedeça, ou dar aos súditos licença de fazer tudo o que lhes agrade. Meu empenho, porém, é que tanto príncipes como súditos obedeçam a Deus. E não penseis, Senhora, que se vos faz agravo quando se requer que estejais sujeita a Deus; pois é Ele quem submete os povos aos príncipes e faz que lhes prestem obediência. Ele exige dos reis que sejam pais protetores de sua igreja e ordena às rainhas que sejam amas de seu povo. E essa sujeição, Senhora, a Deus e à sua igreja é a maior dignidade que a carne pode alcançar sobre a face da terra; pois os elevará à glória eterna."

"Mas não sois a igreja que sustentarei", disse a rainha. "Defenderei a igreja de Roma, pois penso que ela é a verdadeira igreja de Deus." "Vossa vontade, Senhora, não é argumento; tampouco vossa opinião faz da meretriz romana a verdadeira e imaculada esposa de Jesus Cristo. Não vos admireis, Senhora, de que eu chame Roma de meretriz, pois aquela igreja está inteiramente contaminada por toda sorte de prostituição espiritual, tanto na doutrina como nos costumes." Acrescentou que estava pronto a provar que a igreja romana se afastara da pureza da religião ensinada pelos apóstolos mais do que a igreja judaica se desviara das ordenanças dadas por Deus, por intermédio de Moisés e Aarão, na época em que os judeus negaram e crucificaram o Filho de Deus. "Minha consciência não me diz isso", disse a rainha. "A consciência, Senhora, exige conhecimento; e receio que vos falte o verdadeiro conhecimento." Ela disse que ouvira e lera. "Também o fizeram, Senhora, os judeus que crucificaram Cristo: leram a lei e os profetas e ouviram-nos interpretados à maneira deles. Ouvistes ensinar alguém além daqueles aprovados pelo papa e pelos cardeais? Podeis estar certa de que esses nada dirão que prejudique sua própria posição."

"Interpretais as Escrituras de uma maneira", disse evasivamente a rainha, "e eles de outra: em quem devo crer, e quem será o juiz?" "Deveis crer em Deus, que fala claramente em sua palavra", respondeu o reformador, "e, além daquilo que a palavra vos ensina, não deveis crer nem num nem noutro. A palavra de Deus é clara em si mesma; se há obscuridade em alguma passagem, o Espírito Santo, que nunca se contradiz, explica-a com maior clareza em outras, de modo que não pode subsistir dúvida, a não ser para os obstinadamente ignorantes." Como exemplo, escolheu um dos artigos em disputa, o relativo ao sacramento da Ceia, e passou a mostrar que a doutrina papista do sacrifício da missa carecia de todo fundamento nas Escrituras. A rainha, porém, decidida a evitar qualquer discussão dos artigos de seu credo, interrompeu-o, dizendo que não era capaz de enfrentá-lo num debate, mas que, se estivessem presentes aqueles a quem ouvira, eles lhe responderiam. "Senhora", replicou o reformador com fervor, "quisera Deus que o mais douto papista da Europa, e aquele em quem mais confiásseis, estivesse presente junto a Vossa Graça para sustentar o debate, e que esperásseis pacientemente para ouvi-lo discutido até o fim! Pois então, Senhora, não duvido de que ouviríeis quão vã é a religião papista e quão pouco fundamento tem na palavra de Deus." "Pois bem", disse ela, "talvez tenhais essa ocasião antes do que pensais." "Certamente, se a tiver ainda em vida, será antes do que penso; pois o papista ignorante

não consegue debater pacientemente, e o papista douto e astuto jamais comparecerá diante de vós, Senhora, para que se investigue o fundamento de sua religião. Quando me mostrardes o contrário, reconhecerei ter-me enganado nesse ponto." A hora após o jantar deu ocasião de encerrar essa conversa singular; ao despedir-se de Sua Majestade, o reformador disse: "Rogo a Deus, Senhora, que sejais tão abençoada na comunidade política da Escócia quanto Débora o foi na comunidade política de Israel."

O reformador não ignorava que alguns amigos consideravam severa demais sua linguagem, mas estava persuadido de que os tempos exigiam a máxima franqueza; e temia que houvesse armadilhas sob a suavidade recomendada e praticada pelos cortesãos. A diminuição do zelo que receava da "água benta da corte" logo começou a manifestar-se entre os dirigentes protestantes. As Assembleias Gerais da igreja eram motivo de grande desgosto para a rainha, que desejava muito suprimi-las. Na primeira Assembleia após sua chegada, os cortesãos, por influência dela, deixaram de comparecer e, quando interpelados, começaram a questionar a conveniência de tais reuniões sem o consentimento de Sua Majestade. Houve, nesse ponto, acalorado debate entre Knox e Maitland, então nomeado secretário de Estado. "Tirai-nos a liberdade das assembleias e tirai-nos o evangelho", disse o reformador. "Se a liberdade da igreja tiver de depender de sua aprovação ou desaprovação, ficaremos privados não só das assembleias, mas também da pregação do evangelho." Indignou-se ainda mais com a maneira pela qual trataram de prover o sustento dos ministros da igreja. Até então, eles haviam vivido principalmente da generosidade de seus ouvintes, e muitos mal dispunham dos meios de subsistência; mas, depois que repetidas queixas obrigaram o conselho privado a cuidar do assunto, decidiu-se afinal que as rendas eclesiásticas seriam divididas em três partes: duas seriam entregues ao clero papista destituído, e a outra repartida entre a corte e o ministério protestante! Os encarregados de fixar os estipêndios estavam inclinados a agradar à rainha; e as quantias destinadas aos ministros eram pagas tão irregularmente quanto eram irrisórias e insuficientes. "Ora!", exclamou Knox ao ouvir falar desse arranjo vergonhoso, "se for feliz o resultado desta ordem, supostamente adotada para o sustento dos ministros, falha-me o juízo. Vejo duas partes livremente dadas ao diabo, e a terceira tem de ser dividida entre Deus e o diabo. Quem teria pensado que, quando José governava no Egito, seus irmãos teriam de viajar em busca de mantimentos e voltariam para suas famílias com os sacos vazios? Ó felizes servos do diabo e miseráveis servos de Jesus Cristo, se depois desta vida não houvesse inferno e céu!" [N14]

Expressava-se mais livremente sobre o assunto porque suas queixas não podiam ser atribuídas a motivos pessoais: seu próprio estipêndio, embora moderado, era generoso quando comparado ao da maioria de seus irmãos. Desde seu último retorno à Escócia até o fim da guerra, dependera da liberalidade de particulares para sustentar a família. Depois desse período, alojou-se por algum tempo na casa de David Forrest, burguês de Edimburgo, de onde se mudou para o alojamento que pertencera a Durie, abade de Dunfermline. Assim que começou a pregar regularmente na cidade, o conselho municipal fixou-lhe um estipêndio anual de duzentas libras, pagável trimestralmente, além de arcar com o aluguel de sua casa e reembolsar a algumas pessoas o dinheiro gasto no sustento de sua família. Depois do acordo estabelecido pelo conselho privado, parece que passou a receber seu estipêndio do fundo comum destinado aos ministros da igreja; mas a honrada cidade ainda teve oportunidade de demonstrar sua generosidade suprindo as insuficiências da remuneração legal. De fato, a atenção constante do conselho municipal à sua acomodação e ao seu bem-estar material lhe faz honra e merece ser registrada em seu louvor. No começo de 1562, ele foi a Angus presidir à eleição e admissão de John Erskine de Dun como superintendente de Angus e Mearns. Aquele respeitável barão era um dos que a primeira Assembleia Geral declarara "aptos e capazes de ministrar"; e, tendo já contribuído de diversas maneiras para o avanço da Reforma, dedicava-se agora ao serviço da igreja em um ofício trabalhoso, numa época em que ela precisava especialmente da ajuda de todos os doutos e piedosos. Knox presidira anteriormente à instalação de John Spottiswood como superintendente de Lothian.

A influência de nosso reformador se evidencia no fato de ter sido chamado em diferentes ocasiões a apaziguar divergências de natureza civil surgidas entre os protestantes. Era frequentemente procurado

para interceder junto ao conselho municipal em favor de habitantes que, por sua conduta desordeira, haviam incorrido em punição. Em março daquele ano, o conde de Bothwell instou-o a ajudar a pôr fim à inimizade mortal entre ele e o conde de Arran. Knox relutava em intervir nesse caso, que já frustrara a autoridade do conselho privado; mas, a pedido de alguns amigos, cedeu e, após consideráveis esforços, teve a satisfação de levar as partes a um encontro amistoso, no qual prometeram mutuamente sepultar todas as divergências. Ficou, porém, profundamente contrariado quando Arran, imediatamente após o acordo, lhe comunicou uma conspiração que Bothwell lhe teria proposto. Isso resultou na prisão de ambos e, apesar da insanidade de quem fizera a denúncia, suscitou grandes suspeitas entre os principais cortesãos.

No mês de maio, Knox teve outra entrevista com a rainha, na seguinte ocasião. A família de Guise fazia então os mais vigorosos esforços para recuperar a influência na França de que fora privada desde a morte de Francisco II; e, como o zelo pela religião católica era o manto sob o qual encobria seus ambiciosos desígnios, começou por fomentar a perseguição aos protestantes. O massacre de Vassy, no início de março daquele ano, foi um prelúdio disso: nele, o duque de Guise e o cardeal de Lorena atacaram, com força armada, uma congregação reunida para o culto, mataram várias pessoas e feriram e mutilaram outras, sem poupar mulheres e crianças. A notícia do êxito das medidas de seus tios chegou à rainha Mary, que logo depois ofereceu um esplêndido baile a seus servidores estrangeiros, no qual a dança prosseguiu até tarde da noite.

Knox foi informado das festividades no palácio e de seu motivo. Sempre se interessara vivamente pela sorte dos protestantes franceses, com muitos dos quais tinha relações estreitas; e nutria péssima opinião dos príncipes da Lorena. No sermão do domingo seguinte, fez severas críticas aos vícios a que os príncipes se entregavam: sua opressão, ignorância, aversão à virtude, apego às más companhias e gosto pelos prazeres frívolos. A notícia do discurso logo chegou à rainha, muito exagerada; e no dia seguinte o pregador recebeu ordem de comparecer ao palácio. Conduzido à câmara real, onde a rainha estava com suas damas de honra e seus principais conselheiros, foi acusado de haver falado de Sua Majestade de maneira irreverente, capaz de torná-la alvo do desprezo e do ódio de seus súditos.

Depois de a rainha pronunciar um longo discurso sobre o tema, concedeu-se-lhe a palavra para sua defesa. Disse a Sua Majestade que ela fora tratada como habitualmente o eram as pessoas que se recusavam a ouvir a pregação da palavra de Deus: fora obrigada a confiar nos relatos falsos de aduladores; pois, se houvesse ouvido o discurso caluniado, ele não acreditava que algo do que dissera a tivesse ofendido. Que ela, portanto, lhe permitisse repetir, com a maior exatidão possível, o que pregara na véspera. Feito isso, acrescentou: “Se alguém, Senhora, disser que falei mais do que isso, acuse-me agora.” Várias pessoas presentes atestaram que ele reproduzira fielmente o sermão. A rainha voltou-se para os informantes, que permaneceram mudos, e disse-lhe que suas palavras, embora bastante duras mesmo no relato dele, lhe haviam sido transmitidas de outro modo. Acrescentou que sabia que seus tios e Knox professavam religiões diferentes, e por isso não o censurava por não ter boa opinião deles; mas, se ouvisse algo sobre a conduta dela que lhe desagradasse, deveria procurá-la pessoalmente, e ela se disporia a ouvi-lo. Knox percebeu facilmente o ardil dessa amável proposta. Respondeu que estava disposto a fazer, para a satisfação de Sua Majestade, tudo quanto fosse compatível com seu ofício; se Sua Graça quisesse comparecer aos sermões públicos, ouviria o que nele causava agrado ou desagrado quanto a ela e aos demais; ou, se preferisse marcar uma ocasião para ouvir o teor da doutrina que ele pregava publicamente, atenderia com o maior prazer ao tempo e ao lugar de sua escolha; mas comparecer para esperar à porta de sua câmara e receber então licença apenas de sussurrar-lhe ao ouvido o que o povo pensava e dizia a seu respeito, isso nem a consciência nem seu ofício lhe permitiam. “Pois”, acrescentou, no tom que às vezes empregava mesmo em ocasiões sérias, “embora esteja aqui agora por ordem de Vossa Graça, não sei o que outros homens pensarão de mim ao verem que, a esta hora do dia, estou longe de meus livros e à espera na corte.” “Nem sempre estareis junto de vossos livros”, disse a rainha, contrariada, e virou-lhe as costas. Quando ele saía da sala “com o semblante

bastante alegre", alguns dos assistentes papistas disseram ao seu alcance: "Ele não tem medo!" "Por que o rosto agradável de uma dama me causaria temor?", respondeu, lançando-lhes um olhar de irônica severidade. "Já encarei o rosto de muitos homens irados e nem assim tive medo além da medida."

Naquele tempo, havia apenas um lugar de culto na cidade de Edimburgo. O número de habitantes era, de fato, pequeno se comparado à população atual; ainda assim, deviam formar uma congregação muito numerosa. O espaço destinado ao culto na igreja de St. Giles era amplo: em algumas ocasiões, três mil pessoas ali se reuniam para ouvir o sermão. Nessa igreja, desde 1560, Knox desempenhava todos os deveres ministeriais sem outro auxiliar além de John Cairns, que exercia a função de leitor. Pregava duas vezes a cada domingo e três vezes nos outros dias da semana. Reunia-se regularmente uma vez por semana com o consistório[8] da paróquia para tratar da disciplina e com a assembleia da vizinhança para o estudo das Escrituras. Além disso, participava das reuniões do sínodo provincial e da Assembleia Geral; e em quase todas as reuniões desta última recebia a incumbência de visitar e pregar em alguma região distante do país. Tais trabalhos deviam sobrecarregar uma constituição física já debilitada, sobretudo porque não se entregava a improvisações, mas dedicava parte de cada dia ao estudo. Sua paróquia tinha consciência disso e, em abril de 1562, o conselho municipal decidiu unanimemente solicitar a John Craig, ministro de Canongate, ou Holyroodhouse, que assumisse metade da responsabilidade. A Assembleia Geral seguinte aprovou a proposta do conselho e designou Craig para mudar-se para Edimburgo. Sua transferência, porém, só se realizou em junho de 1563, ao que parece devido à dificuldade de conseguir um estipêndio adicional.

Durante o outono de 1562, os católicos romanos alimentaram grandes esperanças de uma mudança em seu favor. Após várias tentativas malogradas de eliminar os principais cortesãos protestantes, o conde de Huntly pegou abertamente em armas no norte para libertar a rainha das mãos deles; enquanto o arcebispo de St. Andrews procurava unir e levantar os papistas do sul. Nessa ocasião, nosso reformador agiu com o zelo e a previdência habituais. Designado pela Assembleia Geral como comissário para visitar as igrejas do oeste, persuadiu os fidalgos daquela região a firmar novo compromisso de defesa. Seguindo apressadamente para Galloway e Nithsdale, confirmou os protestantes daqueles lugares por meio de sermões e conversas. Incumbiu o herdeiro de Maxwell de escrever ao conde de Bothwell, que escapara do cativeiro e, temia-se, pretendia unir-se a Huntly. Ele próprio escreveu ao duque de Châtelherault, advertindo-o a não ouvir as solicitações de seu irmão, o arcebispo, nem aderir a uma conspiração que infalivelmente arruinaria sua casa. Por esses meios, as regiões meridionais do reino permaneceram em paz, enquanto as enérgicas medidas do conselho esmagavam a rebelião no norte. A rainha manifestou pouca satisfação com a vitória, e há todos os motivos para pensar que, se não estava a par do levante de Huntly, esperava utilizá-lo para promover seus desígnios. Não hesitou em dizer naquela época que "esperava, antes de transcorrido um ano, ver restauradas em todo o reino a missa e a profissão católica". [N15]

Enquanto se acalentavam essas esperanças, o clero papista julgou necessário dar crédito à sua causa, apresentando-se mais abertamente em defesa de suas doutrinas do que fizera ultimamente. Seus membros começaram a pregar em público e vangloriavam-se de estar prontos a disputar com os ministros protestantes. Quem se adiantou como seu campeão foi Quintin Kennedy, tio do conde de Cassilis e abade de Crossraguel. O abade parece ter passado a maior parte da vida negligenciando os deveres de seu ofício como os demais irmãos; mas o êxito dos pregadores protestantes, que nos anos de 1556 e 1557 atacaram a fé papista e investiram contra a ociosidade e a corrupção do clero, despertou-o da inatividade. Numa idade em que outros se retiram do campo, começou a polir suas armas teológicas havia muito abandonadas e a cingir sua armadura.

8 Nota desta edição: Conselho local da congregação, composto por ministro e presbíteros, que tratava de disciplina e assuntos paroquiais; corresponde à kirk session.

Sua primeira aparição foi em 1558, quando publicou um breve sistema de tática católica sob o título Ane Compendious Tractive, que mostrava "o caminho mais curto e único" para firmar a consciência de um cristão em todas as questões então debatidas acerca da fé e da religião. Esse caminho não era senão o da fé implícita nas decisões da igreja ou do clero. A Escritura era apenas testemunha; a igreja era a juíza em toda controvérsia, e suas decisões, em concílios gerais canonicamente reunidos, deviam ser humildemente recebidas e acatadas por todos os fiéis. Era sem dúvida o modo mais sucinto e mais curto de firmar a consciência de cada cristão e resolver toda controvérsia que pudesse surgir, sem exame, raciocínio nem debate.

Mas, como os obstinados reformadores não se submetiam a esse modo fácil e breve de decidir, o abade viu-se contrariado e obrigado a entrar com eles na arena dos argumentos. Assim, quando Willock pregou nas proximidades, no começo de 1559, Kennedy o desafiou a uma disputa sobre o sacrifício da missa. O desafio foi aceito, e fixaram-se o dia e o lugar; mas o abade recusou-se a comparecer, a menos que seu adversário se comprometesse de antemão a acatar as interpretações da Escritura dadas pelos antigos doutores da igreja. Daí em diante, parece ter feito da missa o grande objeto de seus estudos e procurado capacitar-se para defender essa pedra de fecho do arco papista.

George Hay fora enviado pela Assembleia Geral para pregar em Carrick e Cunningham durante o outono de 1562, e Kennedy ofereceu-se para disputar com ele; mas não houve encontro entre os dois. Em 30 de agosto, o abade leu em sua capela de Kirk Oswald diversos artigos sobre a missa, o purgatório, as orações aos santos, o uso de imagens etc., que, afirmou, defenderia contra qualquer um que os contestasse; prometeu expor mais plenamente sua opinião a respeito no domingo seguinte. Knox, que estava nas proximidades, foi naquele dia a Kirk Oswald com o propósito de ouvir o abade e conceder-lhe a disputa que este solicitara. Como o abade não apareceu, Knox pregou na capela. Ao descer do púlpito, recebeu uma carta de Kennedy, dizendo que soubera de sua vinda à região em busca de disputa e propondo encontrar-se com ele no domingo seguinte em qualquer casa de Maybole, contanto que se admitissem no máximo vinte pessoas de cada lado. Knox respondeu que não viera expressamente para disputar, mas para pregar o evangelho; contudo, estava disposto a encontrar-se com ele. Tinha um compromisso anterior em Dumfries no dia proposto pelo abade; mas, se este lhe enviasse seus artigos, voltaria o mais cedo possível e marcaria uma data.

Seguiu-se entre eles uma correspondência sobre o assunto tão curiosa quanto a disputa que viria depois. Knox desejava que seus argumentos tivessem a mesma publicidade que o abade dera a seus artigos e propôs que a disputa se realizasse na igreja de St. John, em Ayr; mas o abade recusou-se a debater publicamente. O conde de Cassilis escreveu a Knox manifestando sua desaprovação da disputa proposta, por julgar improvável que produzisse algum bem e passível de pôr em risco a paz pública. O reformador respondeu que o parente do conde fizera o desafio, que ele estava decidido a não recusar, e que Sua Senhoria deveria incentivá-lo a cumprir o compromisso, do qual não se deviam recear maus efeitos. Diante disso, sentindo sua honra atingida, o abade escreveu ao reformador uma carta em que lhe dizia que o teria "enfrentado" na última vez em que estivera na região, não fosse a intervenção do conde de Cassilis, e o acusava de instigar seu sobrinho a escrever aquela carta para lançá-lo em descrédito. "Podeis estar certo", dizia, "de que cumprirei o dia e o lugar em Maybole, conforme escrevi, se conservar a vida e tiver os pés livres"; e, em outra carta a Knox e aos magistrados municipais de Ayr, dizia: "cumpri vossa promessa e não inventeis subterfúgios a pretexto da carta de meu senhor de Cassilis". Nesse estado de espírito do abade, as condições do combate logo ficaram acertadas. Concordaram em reunir-se no dia 18 de setembro, às oito horas da manhã, na casa do principal magistrado municipal de Maybole. Seriam admitidas quarenta pessoas de cada lado como testemunhas da disputa, "e tantas outras quantas a casa puder convenientemente comportar, a critério de meu senhor de Cassilis". Designaram-se também notários ou escribas para registrar os papéis que as partes apresentassem e os argumentos que expusessem no curso da discussão, a fim de evitar repetições desnecessárias ou relatos

falsos do procedimento. O abade e o reformador subscreveram formalmente essas condições na véspera do encontro.

Encontraram-se e disputaram por três dias. No terceiro, Knox propôs que se transferissem para Ayr e concluíssem a disputa; o abade recusou, dizendo que iria a Edimburgo para esse fim, desde que obtivesse a permissão da rainha. Com isso, os presentes se dispersaram.

No início de 1563, Knox foi a Jedburgh por designação da Assembleia Geral, para investigar um escândalo surgido em torno de Paul Methven, ministro daquele lugar, suspeito de adultério. O acusado foi considerado culpado e excomungado. Fugiu para a Inglaterra; mas, tendo depois regressado e se oferecido para submeter-se à disciplina da igreja, prescreveu-se-lhe um rigoroso e humilhante percurso de arrependimento público. Cumpriu parte dele, professando profunda tristeza; mas, vencido pela vergonha ou desesperançado de recuperar a reputação perdida, interrompeu-o a meio caminho e retirou-se novamente para a Inglaterra.

No mês de maio, a rainha mandou chamar Knox a Lochleven. Os sacerdotes papistas, confiados na manifesta predileção dela por eles e em promessas secretas de proteção, vinham mostrando maior ousadia; durante a recente Páscoa, celebraram-se missas abertamente em diferentes partes do reino. A rainha, em conselho, publicara várias proclamações contra isso; mas, como a execução delas até então fora deixada a seu cargo, nada resultara. Os protestantes do oeste, os mais zelosos, percebendo que se burlavam as leis, resolveram executá-las sem recorrer à corte e prenderam alguns dos infratores para servir de exemplo. Essas medidas decididas ofenderam profundamente a rainha, pois eram capazes de frustrar o plano político que ela concebera; mas, vendo que a manifestação de seu desagrado não os detinha, desejou valer-se da influência do reformador para alcançar seu propósito.

Durante duas horas antes da ceia, ela empenhou-se vivamente em persuadi-lo a fazer com que os fidalgos do oeste cessassem toda interferência no culto católico. Ele disse a Sua Majestade que, se ela exercesse sua autoridade fazendo cumprir as leis do país, poderia garantir a conduta pacífica dos protestantes; mas, se Sua Majestade pretendesse burlá-las, receava que alguns mostrassem aos papistas que não poderiam transgredir impunemente. “Consentireis que tomem minha espada nas mãos?”, perguntou a rainha. “A espada da justiça pertence a Deus”, respondeu o reformador com igual firmeza, “e é dada aos príncipes e governantes para um fim; se dele se desviam, poupando os ímpios e oprimindo os inocentes, aqueles que, no temor de Deus, executam o juízo onde Deus o ordenou não ofendem a Deus, ainda que os reis deixem de fazê-lo.” Acrescentou que os fidalgos do oeste agiam estritamente conforme a lei, pois o ato parlamentar conferia a todos os juízes, em suas respectivas jurisdições, o poder de procurar e punir os transgressores de suas disposições. Concluiu aconselhando Sua Majestade a considerar os termos do pacto mútuo entre ela e seus súditos: não poderia esperar receber deles obediência se não lhes concedesse proteção e não administrasse a justiça. A rainha encerrou a conversa com sinais evidentes de desagrado.

Depois de comunicar ao conde de Moray — título então conferido ao prior de St. Andrews — o que se passara entre eles, Knox pretendia voltar a Edimburgo no dia seguinte sem esperar nova comunicação da rainha. Mas, bem cedo pela manhã, recebeu um recado pedindo que não partisse antes de falar novamente com Sua Majestade. Encontrou-se, pois, com ela a oeste de Kinross, onde se divertia com a falcoaria. Essa entrevista foi muito diferente da noite anterior. Evitando inteiramente o assunto em que haviam divergido, ela introduziu uma variedade de temas, sobre os quais conversou com a maior familiaridade e aparente confiança. Lord Ruthven, disse, oferecera-lhe um anel, mas ela não podia amá-lo. Sabia que ele praticava encantamentos; não obstante, fora nomeado para seu conselho privado. Lethington, afirmou, era o único responsável pela nomeação. “Soube”, disse ela, mudando de assunto, “que fostes designado para ir a Dumfries, a fim de eleger um superintendente para essas regiões.” Ele confirmou. “Mas soube que o bispo de Atenas pretende ser superintendente.” “Ele é um dos candidatos, Senhora.” “Se o conhecêsseis tão bem quanto eu, não o promoveríeis a esse cargo, nem a qualquer outro

em vossa igreja." Knox disse que, se aquele homem não temia a Deus, enganava muitos outros além dele. "Pois bem, fazei como quiserdes; mas esse homem é perigoso." Quando Knox se preparava para despedir-se de Sua Majestade, ela insistiu para que ficasse. "Tenho para vos contar um dos assuntos mais graves que me tocaram desde que vim a este reino e preciso de vossa ajuda", disse ela, com um ar de condescendência e confiança tão encantador como se lhe tivesse posto um anel no dedo. Passou então a falar longamente de uma desavença doméstica entre o conde de Argyle e sua esposa. A condessa, disse, não fora em tudo tão circunspecta quanto ela desejaria, mas ainda assim julgava que o conde não a tratara de modo honesto e piedoso. Knox disse que não desconhecia a desagradável discórdia que havia entre aquele honrado casal e que, antes da chegada de Sua Majestade ao país, promovera uma reconciliação. Na ocasião, a condessa prometera não se queixar a pessoa alguma sem primeiro informá-lo; como não tivera notícias dela, concluíra que reinava a concórdia. "Pois bem", disse a rainha, "a situação é pior do que pensais. Mas fazei isto por mim: reconciliai-os mais uma vez; e, se ela não se comportar como deve, não encontrará em mim nenhum favor; mas de modo algum deixeis que meu senhor saiba que vos pedi isso." Retomando então o assunto da discussão da véspera, disse: "Prometo fazer o que me pedistes. Mandarei intimar todos os infratores, e vereis que administrarei a justiça." "Estou certo, então", respondeu ele, "de que agradareis a Deus e gozareis de paz e tranquilidade em vosso reino, o que é mais proveitoso a Vossa Majestade do que todo o poder do papa." Com isso despediu-se da rainha.

Em 19 de maio, para aplacar o descontentamento geral, o arcebispo de St. Andrews e vários dos principais papistas foram levados, por ordem da rainha, perante o lorde juiz-geral, sob acusação de transgredir as leis; mas, tendo-se submetido à mercê de Sua Majestade, foram apenas recolhidos à prisão. Isso, porém, não passou de um expediente político para lhe facilitar a aprovação de suas medidas no parlamento que se reuniu no dia seguinte. Era o primeiro parlamento desde a chegada da rainha à Escócia; e seria muito natural esperar que ratificasse o tratado de paz firmado em julho de 1560 e o estabelecimento da religião protestante. Mas tão bem ela havia traçado seus planos, tão eficaz fora sua maneira insinuante de se dirigir aos outros e, sobretudo, tão poderosa era a tentação do interesse próprio no espírito dos dirigentes protestantes, que, de comum acordo, deixaram de insistir nessa exigência e perderam a única ocasião favorável, durante o reinado de Mary, de dar à religião reformada uma garantia legal e, assim, remover uma das principais fontes de suspeita. De fato, aprovou-se uma lei de esquecimento, que assegurava anistia aos envolvidos na recente guerra civil; mas a forma de sua promulgação implicava, na prática, a invalidade do tratado em que a anistia fora originalmente incorporada; e os protestantes, de joelhos, suplicaram como favor à soberana aquilo que antes haviam conquistado com suas espadas e repetidamente exigido como direito.

Knox ficou profundamente abalado pelo egoísmo e servilismo dos dirigentes protestantes; e tão acalorada foi sua altercação com o conde de Moray a esse respeito que se seguiu uma ruptura declarada. Havia muito considerava esse nobre um dos mais firmes e sinceros partidários da causa reformada; por isso, sua conduta lhe causou decepção ainda maior. Sob o primeiro impulso de irritação, escreveu ao conde uma carta em que, depois de recordar-lhe a situação em que se encontrava quando se conheceram em Londres e as honras a que a Providência agora o elevara, renunciou solenemente à amizade de um homem que preferia o próprio interesse e a satisfação da irmã ao avanço da religião; deixou-o entregue à orientação dos novos conselheiros que escolhera e desobrigou-o de qualquer cuidado futuro com seus assuntos. Essa divergência, que durou quase dois anos, muito agradou à rainha e a outros que desaprovavam a antiga intimidade dos dois e não deixaram, como nos informa Knox, de "lançar óleo às chamas, até que Deus as extinguiu com a água da aflição".

Antes da dissolução do parlamento, o reformador aproveitou a oportunidade para desabafar na presença da maior parte de seus membros, reunidos em sua igreja. Depois de discorrer sobre a grande misericórdia de Deus para com a Escócia, libertando-a maravilhosamente do cativeiro da alma e do corpo, e sobre a profunda ingratidão que percebia em todas as classes, dirigiu-se em particular à

nobreza. Louvou a Deus por poder derramar as dores de seu coração diante daqueles que podiam atestar a verdade de tudo quanto dissera. Apelou à consciência deles: não os havia exortado, nas maiores adversidades, a depender de Deus, assegurando-lhes preservação e vitória se preferissem a glória divina à própria vida e aos interesses temporais? "Estive convosco em vossas mais desesperadoras provações", prosseguiu em tom de eloquência apaixonada; "nos perigos mais extremos estive convosco. St. Johnston, Cupar-moor e os Rochedos de Edimburgo ainda vivem em meu coração; sim, aquela noite escura e dolorosa em que todos vós, meus senhores, com vergonha e temor, deixastes esta cidade, ainda está em minha memória, e Deus não permita que jamais a esqueça! Qual foi, pergunto, minha exortação a vós, e qual de todas as promessas que Deus vos fez por minha boca caiu por terra? Vós próprios ainda viveis para testemunhá-lo. Não pereceu um só de vós dentre aqueles contra os quais se ameaçava morte e destruição; e quantos de vossos inimigos Deus castigou diante de vossos olhos? Será esta a gratidão que prestareis ao vosso Deus? Traireis sua causa, quando tendes em vossas mãos estabelecê-la como vos aprouver?" Nada via, disse ele, "senão um covarde abandono do estandarte de Cristo. Alguns tiveram até o descaramento de dizer que não possuíam lei nem parlamento em favor de sua religião. Tinham a autoridade de Deus em favor de sua religião, cuja verdade independe de leis humanas; mas ela fora também acolhida neste reino em parlamento público; e ele sustentaria que aquele parlamento era tão legítimo quanto qualquer outro já realizado no reino".

Na conclusão do discurso, aludiu aos rumores acerca do casamento de Sua Majestade e aos príncipes que pretendiam essa aliança; e, pedindo aos ouvintes que atentassem em suas palavras, predisse as consequências a temer caso a nobreza algum dia consentisse que a soberana desposasse um papista. Tanto protestantes quanto papistas se ofenderam com a franqueza desse sermão, e alguns que antes eram íntimos do pregador passaram a evitar sua companhia. Não faltaram aduladores que corressem à rainha para informá-la de que John Knox pregara contra seu casamento. Depois de vencer a oposição às suas medidas e de tão habilmente manejar os barões altivos e independentes do reino, Mary indignou-se por haver ainda um homem de condição obscura que ousasse condenar seus atos; e, como não conseguia domar-lhe a obstinação, decidiu punir-lhe a audácia. Knox recebeu ordem de comparecer imediatamente perante ela. Lorde Ochiltree, com vários outros cavalheiros, acompanhou-o ao palácio; mas somente o superintendente de Angus recebeu licença de entrar com ele na presença real.

Sua Majestade recebeu-o de modo muito diverso daquele com que o tratara em Lochleven. Nunca, exclamou com veemência, um príncipe fora tratado como ela: tolerara todas as suas palavras duras contra si e contra seus tios; procurara por todos os meios conquistar seu favor; oferecera-lhe audiência sempre que desejasse admoestá-la. "E, contudo", disse ela, "não consigo livrar-me de vós. Juro por Deus que um dia me vingarei." Ao proferir essas palavras com grande violência, rompeu em lágrimas que lhe interromperam a fala. Quando a rainha se recompôs, ele passou serenamente à própria defesa. Sua Graça e ele, disse, haviam travado controvérsias em diferentes ocasiões, sem que antes percebesse que ela se ofendera. Quando aprouvesse a Deus libertá-la do cativeiro do erro em que fora educada por falta de instrução na verdade, confiava em que Sua Majestade não consideraria ofensiva a liberdade de sua língua. Fora do púlpito, julgava que poucos tinham motivo de queixa contra ele; ali, porém, não era senhor de si, mas obrigado a obedecer àquele que lhe ordenava falar claramente e não adular pessoa alguma sobre a face da terra.

"Mas que tendes vós com meu casamento?", perguntou a rainha. Ele começava a expor a extensão de seu encargo como pregador e as razões que o haviam levado a tocar nesse assunto delicado, quando ela o interrompeu, repetindo a pergunta: "Que tendes vós com meu casamento? Ou que sois vós nesta comunidade?" — "Um súdito nela nascido, senhora", respondeu o reformador, ferido pela última pergunta e pelo tom desdenhoso em que fora feita. "E embora nela eu não seja conde, lorde nem barão, Deus me fez, por mais desprezível que seja aos vossos olhos, um membro útil dela. Sim, senhora, compete-me advertir, se os prevejo, dos males que possam prejudicá-la tanto quanto a qualquer membro da nobreza; pois minha vocação e minha consciência exigem de mim franqueza. Portanto,

senhora, digo-vos pessoalmente o que disse em público: 'Sempre que a nobreza deste reino consentir que fiqueis sujeita a um marido infiel, estará fazendo tudo quanto lhe cabe para renunciar a Cristo, banir de si a sua verdade, trair a liberdade deste reino e, talvez, por fim, trazer-vos pouco consolo.'" A essas palavras, a rainha começou a chorar e soluçar amargamente. O superintendente, homem de espírito brando e gentil, tentou aliviar-lhe a dor e o ressentimento; elogiou sua beleza e seus dotes e disse-lhe que não havia príncipe na Europa que não se julgasse feliz por obter sua mão. Nessa cena, manifestou-se o espírito severo e inflexível do reformador. Permaneceu calado, de semblante inalterado, até que a rainha desse vazão aos sentimentos. Então declarou que jamais tivera prazer no sofrimento de criatura alguma; custava-lhe muito ver seus próprios meninos chorarem quando os corrigia por suas faltas, quanto menos poderia alegrar-se com as lágrimas de Sua Majestade; mas, como não lhe dera motivo justo para ofensa e apenas cumprira o dever, era constrangido, ainda que contra a vontade, a suportar-lhe as lágrimas, antes que ferir a própria consciência e trair a comunidade por seu silêncio.

Essa explicação inflamou ainda mais a rainha; ela lhe ordenou que deixasse imediatamente sua presença e aguardasse na sala contígua a manifestação de sua vontade. Ali ficou como "alguém que os homens nunca tinham visto", pois todos os amigos, à exceção de lorde Ochiltree, temiam demonstrar-lhe o menor sinal de favor. Nessa situação, dirigiu-se às damas da corte, sentadas na sala com seus mais ricos trajes. "Ó belas damas, como seria agradável esta vossa vida, se pudesse durar para sempre e, ao fim, pudéssemos passar ao céu com todas estas belas galas!" Conversando com elas, passou o tempo até que Erskine veio informá-lo de que podia voltar para casa até que Sua Majestade colhesse novos pareceres. A rainha insistiu em obter o parecer dos lordes dos artigos sobre a possibilidade de processá-lo pelas palavras proferidas no púlpito; mas foi persuadida a desistir da acusação. "E assim aquela tempestade se aquietou na aparência, mas nunca no coração."

Durante a permanência da rainha em Stirling, no mês de agosto, os criados que ela deixara em Holyroodhouse celebraram o culto papista com publicidade maior do que de costume quando ela própria estava presente; e, na época em que se ministrava em Edimburgo o sacramento da Ceia, restauraram certas práticas supersticiosas que os católicos romanos haviam abandonado desde o estabelecimento da Reforma. Tal ousadia ofendeu os protestantes, e alguns deles foram ao palácio observar os moradores que acorriam ao culto. Percebendo que muitos entravam, irromperam na capela; aproximando-se do altar preparado para a missa, perguntaram ao sacerdote como ousava proceder com tamanho atrevimento na ausência da rainha. Alarmada com a intrusão, a governanta da casa despachou um mensageiro ao controlador, que assistia ao sermão na igreja de St. Giles, pedindo-lhe que viesse imediatamente salvar sua vida e o palácio. Acorrendo com os magistrados e uma guarda, o controlador encontrou tudo tranquilo, sem qualquer sinal de tumulto além daquele causado pelo séquito que trouxera. Ao receber notícia do ocorrido, a rainha declarou que não regressaria a Edimburgo a menos que o motim fosse punido e mandou processar dois dos protestantes mais ativos "por crime premeditado, invasão de domicílio e invasão do palácio". Temendo que ela pretendesse agir com extremo rigor contra esses homens e que sua condenação preparasse ataques hostis à religião deles, os protestantes de Edimburgo decidiram que Knox, de acordo com uma incumbência recebida, escreveria uma circular aos principais fidalgos de sua confissão, informando-os das circunstâncias e solicitando sua presença no dia do julgamento. Ele redigiu a carta conforme lhe pediram. Uma cópia chegou às mãos de Sinclair, bispo de Ross e presidente da Corte de Sessão, grande inimigo pessoal de Knox, que imediatamente a enviou à rainha em Stirling. Ela a comunicou ao conselho privado, que, para grande satisfação sua, declarou que constituía traição; mas, a fim de conferir maior solenidade ao processo, decidiu-se convocar uma reunião extraordinária de conselheiros e outros nobres para Edimburgo, no fim de dezembro, para julgar a causa. O reformador foi intimado a comparecer perante essa assembleia. [N16]

No dia marcado para o julgamento, a ansiedade pública cresceu muito, e o pátio do palácio e todos os acessos estavam repletos de pessoas à espera do resultado. O acusado foi conduzido à câmara onde os

lordes já se achavam reunidos e deliberavam. Quando a rainha tomou seu assento e viu Knox em pé, de cabeça descoberta, à extremidade da mesa, soltou uma sonora gargalhada. “Aquele homem”, disse ela, “fizera-a chorar sem derramar ele próprio uma lágrima; agora veria se conseguia fazê-lo chorar.” O secretário abriu o procedimento com um discurso ao reformador, expondo por que a rainha o convocara diante da nobreza. “Que reconheça primeiro sua letra”, disse a rainha, “e então julgaremos o conteúdo da carta.” Entregue a ele uma cópia da circular, examinou a assinatura e disse que era sua; embora tivesse assinado diversas folhas em branco, confiava tanto na fidelidade do escrevente que estava pronto a reconhecer tanto a assinatura quanto o conteúdo. “Fizestes mais do que eu teria feito”, disse Maitland. “A caridade não suspeita”, respondeu Knox. “Bem, bem”, disse a rainha, “lede vossa própria carta e respondei então ao que vos for perguntado.” “Farei o melhor que puder”, disse ele; e, tendo lido a carta em voz audível, devolveu-a ao advogado da rainha, a quem se ordenou que o acusasse.

“Já ouvistes, meus senhores, carta mais injuriosa e constitutiva de traição?”, disse a rainha, percorrendo a mesa com os olhos. “Senhor Knox, não vos pesa no coração, não vos arrependeis de que tal carta tenha saído de vossa pena e, por vosso intermédio, chegado ao conhecimento de outros?”, perguntou Maitland. “Meu senhor secretário, antes de me arrepender preciso saber qual foi minha falta.” — “Falta! Ainda que nada mais houvesse além da convocação dos súditos da rainha, não se pode negar a falta.” — “Lembrai-vos, meu senhor, de que há diferença entre uma convocação legítima e uma ilegítima. Se nisso fui culpado, muitas vezes pequei desde meu último regresso à Escócia, pois qual reunião dos irmãos houve até hoje para a qual minha pena não prestasse serviço?” — “Aquele tempo era aquele tempo, e agora é agora”, disse o secretário; “não precisamos das reuniões que outrora tivemos.” — “Aquele tempo ainda está diante de meus olhos”, replicou o reformador, “pois vejo o pobre rebanho em perigo não menor do que em qualquer ocasião anterior, salvo que o diabo pôs uma máscara sobre o rosto. Antes vinha com o próprio rosto, revelado pela tirania aberta, buscando destruir todos os que recusavam a idolatria; e então, penso, reconhecereis que os irmãos legitimamente se reuniram para defender a vida. Agora o diabo vem sob o manto da justiça para fazer o que Deus não lhe permitiu fazer pela força” —

“Que é isto?”, interrompeu Sua Majestade, ofendida com a liberdade de fala concedida ao acusado e supondo poder levá-lo mais diretamente à questão. “Que é isto? Parece-me que estais a brincar com ele. Quem lhe deu autoridade para convocar meus súditos? Não é traição?” “Não, senhora”, respondeu lorde Ruthven, contrariado com o zelo ativo demonstrado pela rainha na causa; “pois ele convoca o povo para ouvir orações e sermões quase todos os dias; e, pense Vossa Graça ou pensem outros o que quiserem, não julgamos isso traição.” — “Calai-vos”, disse a rainha, “e deixai-o responder por si.” — “Eu começara, senhora”, retomou Knox, “a argumentar com o secretário (que considero melhor dialético que Vossa Graça) que nem todas as convocações são ilegítimas; e agora meu senhor Ruthven apresentou um exemplo.” — “Nada direi contra vossa religião nem contra vossas reuniões para os sermões; mas com que autoridade convocais meus súditos quando vos apraz, sem minha ordem?” Ele respondeu que nunca convocara por vontade própria quatro pessoas sequer na Escócia; mas, por ordem dos irmãos, fizera muitos avisos, e grandes multidões se haviam reunido; e, se Sua Graça se queixava de que isso ocorrera sem sua ordem, responderia que assim se fizera tudo quanto dizia respeito à reforma da religião no reino. Era preciso, pois, condená-lo com base numa lei justa antes que declarasse arrependimento pelo que fizera. Não julgava ter cometido injustiça alguma.

“Não escapareis assim”, disse a rainha. “Não é traição, meus senhores, acusar de crueldade um príncipe? Creio que há leis do parlamento contra semelhantes murmuradores.” Vários lordes disseram que tais leis existiam. “Mas em que posso ser acusado disso?” — “Lede este trecho de vossa própria carta”, disse a rainha, mostrando-se hábil acusadora. Mandou então ler a seguinte frase: “Esta temível intimação é dirigida contra eles [as duas pessoas denunciadas] para, sem dúvida, abrir precedente com uns poucos, de modo que se franqueie a porta à prática de crueldades contra uma multidão maior.” — “Vede!”, exclamou a rainha triunfante; “que dizeis a isso?” Os olhos da assembleia se fixaram no acusado, ansiosos por saber como responderia à imputação.

“É-me permitido, senhora, responder em minha defesa? Ou serei condenado sem ser ouvido?” — “Dizei o que puderdes, pois creio que tereis muito trabalho.” — “Pedirei primeiro a Vossa Graça, senhora, e a esta mui honrada assembleia que respondam se Vossa Graça não sabe que os papistas obstinados são inimigos mortais de todos os que professam o evangelho de Jesus Cristo e desejam ardentemente sua exterminação e a da verdadeira doutrina ensinada neste reino.” A rainha guardou silêncio; mas os lordes exclamaram a uma voz: “Deus não permita que a vida dos fiéis ou a permanência da doutrina caiam algum dia em poder dos papistas! Pois a experiência nos ensinou que crueldade há em seus corações.” “Devo então prosseguir”, disse o reformador. “Percebo que todos reconhecem ser bárbaro destruir tamanha multidão dos que professam o evangelho de Cristo neste reino. Os papistas mais de uma ou duas vezes tentaram fazê-lo pela força; frustrados por Deus e sua providência, inventaram práticas mais astutas e perigosas: fazer do príncipe seu cúmplice sob a aparência da lei; e assim realizar pela fraude engenhosa aquilo que não puderam fazer pela força declarada. Pois quem pensa, meus senhores, que a crueldade insaciável dos papistas — refiro-me aos deste reino — terminará com o assassinato destes dois irmãos, ora injustamente intimados e ainda mais injustamente prestes a ser acusados? Portanto, senhora, consultai quando quiserdes as leis de vosso parlamento: não infringi nenhuma delas; pois em minha carta não acuso Vossa Graça, nem mesmo vosso caráter, de crueldade. Mas afirmo mais uma vez que os papistas pestilentos, que neste momento incitaram Vossa Graça contra esses pobres homens, são filhos do diabo e, portanto, hão de obedecer aos desejos do pai, mentiroso e homicida desde o princípio.” — “Esqueceis onde estais! Agora não estais no púlpito”, disse um dos lordes. “Estou num lugar onde minha consciência exige que diga a verdade; por isso a digo, conteste-a quem quiser.” Acrescentou, dirigindo-se novamente à rainha, que pessoas de natureza aparentemente honesta, gentil e mansa muitas vezes haviam sido corrompidas por conselhos perversos; que os papistas a quem ela dava ouvidos eram conselheiros perigosos, como sua mãe havia descoberto.

Mary, percebendo que nada conseguiria pelo raciocínio, passou a censurá-lo pelo tratamento áspero que lhe dispensara no último encontro. Agora ele falava “com bastante gentileza” diante dos lordes, disse ela, mas naquela ocasião a fizera derramar muitas lágrimas amargas e afirmara “não dar importância ao seu choro”. Isso levou-o a justificar a própria conduta, narrando aquela conversa. Depois, tendo o secretário falado com a rainha, disse a Knox que estava livre para voltar para casa naquela noite. “Dou graças a Deus e à majestade da rainha”, respondeu ele.

Depois que Knox se retirou, colheu-se o parecer da nobreza sobre sua conduta. Todos, à exceção dos dependentes imediatos da corte, votaram que ele não violara lei alguma. O secretário, que assegurara à rainha a condenação de Knox, enfureceu-se com a decisão. Trouxe Sua Majestade, que se retirara antes da votação, novamente à sala e passou a colher os votos uma segunda vez em sua presença. Essa tentativa de intimidá-los indignou os nobres. “Como!”, disseram, “terá o senhor de Lethington poder para nos controlar? Ou a presença de uma mulher nos fará ofender a Deus e condenar um inocente contra a consciência?” Repetiram então seus votos, absolvendo-o de toda falta e elogiando sua atitude modesta e suas defesas judiciosas.

Mary não conseguiu ocultar a humilhação e o desagrado causados por essa absolvição inesperada. Quando o bispo de Ross, autor da denúncia, votou no mesmo sentido dos demais, ela zombou dele abertamente diante da corte. “Não perturbeis a criança! Rogo-vos que não a perturbeis! Pois acaba de despertar do sono. Por que não haveria o velho tolo de seguir os passos dos que o precederam?” O bispo respondeu friamente que Sua Majestade bem podia saber que seu voto não fora influenciado por parcialidade em favor do acusado. “Naquela noite não houve dança nem violinos na corte; a senhora viu frustrado seu intento, que era ter John Knox à sua mercê por voto da nobreza.”

A indignação da rainha por ver o reformador escapar ao castigo não arrefeceu depressa, e seus efeitos recaíram tanto sobre os cortesãos que haviam votado pela absolvição quanto sobre os que se lhe opuseram. O conde de Moray estava entre os primeiros; Maitland, entre os últimos. Para apaziguá-la, voltaram a tentar convencê-lo a fazer alguma submissão voluntária a ela; garantiram que todo o castigo

imposto seria apenas entrar pelos muros do castelo e regressar à própria casa. Ele, porém, recusou concessões que desacreditariam o julgamento dos nobres que o haviam absolvido e equivaleriam a confessar-se instigador de sedição. Frustrados nisso, tentaram prejudicá-lo com murmúrios e calúnias, espalhando que não recebera dos irmãos autoridade para o que fizera; e que se arrogava poder papal e arbitrário sobre a igreja escocesa, expedindo cartas e exigindo obediência a elas. Essas acusações eram inteiramente infundadas e injuriosas; pois talvez nunca tivesse havido alguém com tanta influência que tomasse tanto cuidado em evitar toda aparência de superioridade sobre os irmãos ou de agir por autoridade própria nos assuntos de interesse público e comum.

Na assembleia geral reunida no fim daquele ano, recusou-se a participar dos debates. Resolvidos os assuntos principais, pediu licença para falar de uma questão que lhe dizia respeito. Expôs o que fizera ao escrever a recente circular, os procedimentos que ela suscitara e as insinuações que ainda circulavam em seu prejuízo; insistiu em que a igreja examinasse agora sua conduta nesse caso e, em particular, declarasse se lhe dera ou não a incumbência de avisar os irmãos quando antevisse algum perigo para a religião ou alguma questão difícil que exigisse o parecer deles. Os cortesãos se opuseram energicamente à decisão dessa questão; mas ela foi apreciada e a assembleia, por ampla maioria, concluiu que ele fora investido dessa incumbência e que, no aviso recentemente expedido, não ultrapassara seus limites.

Knox permanecera viúvo por mais de três anos. Mas, em março de 1564, contraiu segundas núpcias com Margaret Stewart, filha de lorde Ochiltree, nobre de disposição amável, havia muito íntimo de nosso reformador e que firmemente lhe permanecera fiel quando outros amigos o abandonaram. Ela continuou a cumprir os deveres de esposa com piedosa e afetuosa dedicação até a morte dele. Os escritores papistas, invejosos das honras do reformador escocês, apresentaram esse casamento como prova de sua grande ambição; e, no auge de seu rancor, atribuíram-lhe ridiculamente o projeto de elevar sua descendência ao trono da Escócia, porque a família Ochiltree tinha sangue real! Estão também convencidos de que ele conquistou o coração da jovem por feitiçaria e com o auxílio do diabo. Parece, porém, que, por poderoso que fosse seu auxiliar de pés negros, não conseguiu êxito em outra tentativa anterior; pois os mesmos escritores nos dizem que ele cortejara lady Fleming, filha mais velha do duque de Châtelherault, e fora rejeitado.

No mês de agosto, Knox foi, por designação da assembleia geral, visitar as igrejas de Aberdeen e do norte, onde permaneceu seis ou sete semanas. A assembleia seguinte lhe deu incumbência semelhante em Fife e Perthshire.

As previsões de nosso reformador na última reunião do parlamento cumpriam-se agora plenamente. Outro parlamento reuniu-se no fim de 1564, mas nada fez para garantir a religião protestante. Aproximava-se o casamento da rainha, e os lordes exigiram essa garantia como condição de seu consentimento; ela, porém, esquivou-se habilmente da exigência e alcançou seu objetivo. Enquanto preparava os planos do casamento, chamou os superintendentes de Lothian, Glasgow e Fife (pois Knox já não podia comparecer à sua presença) e entreteve-os com belas palavras. Ainda não estava convencida, disse, da verdade da religião deles; mas se dispunha a ouvir conferências e argumentos sobre o assunto; aceitava até assistir aos sermões públicos de alguns; e, “mais do que a todos os outros, teria prazer em ouvir o superintendente de Angus, pois era homem brando e de doce índole, de verdadeira honestidade e retidão, sir John Erskine de Dun”. Contudo, mal se consumara seu casamento com lorde Darnley, disse-lhes em termos muito claros e decididos que “Sua Majestade não quer nem pode abandonar a religião na qual foi criada e educada”. Não se falou mais em ouvir sermão ou conferência.

A amizade entre o conde de Moray e o reformador renovou-se no começo de 1565. Este último se viu em situação muito delicada com a insurreição de Moray e dos outros lordes contrários ao casamento da rainha. Seu sogro estava entre eles. Professavam que a segurança da religião protestante era a razão principal de haverem tomado as armas e vieram a Edimburgo recrutar homens para seu partido. Mas,

por mais simpatia que lhes tivesse, manteve-se livre de qualquer compromisso. Se houvesse participado daquela revolta malsucedida, não há dúvida de que Sua Majestade teria aproveitado a ocasião para punilo, quando seus principais amigos fugiram do reino.

De fato, vemos que ela logo procedeu contra ele sob pretexto diverso, mas muito mais frágil. O jovem rei, que podia ser papista ou protestante conforme lhe conviesse, às vezes ia à missa com a rainha e às vezes assistia aos sermões reformados. Para dissipar as suspeitas de que se afastara da religião reformada, espalhadas pelos lordes insurgentes, em 19 de agosto compareceu solenemente à igreja de St. Giles, sentando-se num trono preparado para recebê-lo. Knox pregou naquele dia sobre Isaías 26:13 e versículos seguintes e aconteceu prolongar o culto além do tempo habitual. Numa parte do sermão, citou estas palavras da Escritura: "Dar-lhes-ei meninos por príncipes, e crianças governarão sobre eles; crianças são seus opressores, e mulheres os dominam"; noutra, mencionou que Deus castigara Acabe por não corrigir sua esposa idólatra Jezabel. Embora o pregador não fizesse aplicação particular, o rei tomou essas passagens como dirigidas a si e à rainha e regressou ao palácio tão encolerizado que se recusou a provar o jantar. Os papistas que o haviam acompanhado à igreja inflamaram-lhe o ressentimento, bem como o da rainha, com seus relatos. Naquela mesma tarde, Knox foi tirado da cama e conduzido perante o conselho privado. Alguns respeitáveis moradores da cidade, ao saberem da situação, acompanharam-no ao palácio. Disseram-lhe que ofendera o rei e devia abster-se de pregar enquanto Suas Majestades permanecessem em Edimburgo. Respondeu que "nada dissera senão conforme seu texto; e, se a igreja lhe ordenasse falar ou abster-se, obedeceria na medida em que a palavra de Deus o permitisse". Spottiswood diz que ele não apenas sustentou o que dissera no púlpito, mas acrescentou "que, assim como o rei, para agradar à rainha, fora à missa e desonrara o Senhor Deus, também Deus, em sua justiça, faria dela o instrumento de sua ruína. Esse pronunciamento", continua o manuscrito do arcebispo, "tido então por ousado demais, veio depois a ser lembrado e contado entre suas outras palavras proféticas, que certamente foram maravilhosas. A rainha, enfurecida com essa resposta, desatou a chorar."

A notícia da proibição imposta ao reformador causou grande agitação na cidade. Seu colega, designado para substituí-lo durante a suspensão, ameaçou abandonar de todo a pregação. O conselho municipal reuniu-se e nomeou uma delegação para procurar Suas Majestades e pedir a revogação da proibição; numa segunda reunião, no mesmo dia, decidiu unanimemente que "de modo algum consentiria ou permitiria que lhe fechassem a boca", mas que o convidaria, "quando lhe aprouvesse e conforme Deus movesse seu coração, a prosseguir no ensino da verdadeira doutrina como antes, doutrina que aprovariam e à qual permaneceriam fiéis até o fim da vida".

Não parece que tenha chegado a ficar impedido de pregar. O rei e a rainha deixaram Edimburgo antes do domingo seguinte, e a proibição só vigorava durante sua residência na cidade. Quando retornaram, é provável que a corte tenha julgado imprudente impor uma ordem que já provocara muito descontentamento e podia afastar ainda mais o povo da administração vigente. Assim, encontramo-lo exercendo o ministério em Edimburgo com a mesma ousadia de antes. Houve queixas ao conselho quanto à maneira como orava pelos nobres exilados; mas o secretário Maitland, que outrora tanto censurara suas orações, defendeu-as nessa ocasião, afirmando que as ouvira e que eram tais que ninguém podia censurá-las.

Christopher Goodman exercia, com grande aceitação, o ministério em St. Andrews desde 1560; mas os rogos de seus amigos na Inglaterra convenceram-no, por essa época, a regressar à terra natal. Os representantes de St. Andrews receberam instruções para pedir à assembleia geral, reunida em dezembro daquele ano, que Knox fosse transferido de Edimburgo para a cidade deles. Reivindicavam direito a ele, pois fora entre eles que iniciara seu ministério; e talvez julgassem que as dissensões entre ele e a corte o levariam a preferir um lugar mais retirado. A petição, porém, foi recusada.

Essa assembleia lhe confiou várias tarefas importantes. Foi encarregado de visitar as igrejas do sul da Escócia e de escrever "uma carta consoladora", exortando ministros, exortadores e leitores de todo o reino a perseverar no cumprimento de suas funções, que muitos ameaçavam abandonar por falta de pagamento dos estipêndios, e estimulando o povo entre o qual trabalhavam a socorrer suas necessidades. Antes recebera a incumbência de redigir a Forma de Excomunhão e Arrependimento Público. Agora lhe pediram que compusesse um Tratado sobre o Jejum. A assembleia, considerando as perturbações do país e os perigos que ameaçavam toda a causa protestante, determinou a observância de um jejum geral em todo o reino. Deixou a Knox e a seu colega a elaboração da forma e da ordem a observar nessa ocasião. Como até então nada se publicara expressamente sobre o assunto, foram autorizados a explicar esse dever e também a expor as razões que naquele momento exigiam o exercício solene. Tudo deveria estar pronto antes do jejum, para servir de guia aos ministros e ao povo.

Quando a rainha chegou a Edimburgo, Knox deixou a cidade e retirou-se para Kyle. Não há razão para pensar que soubesse de antemão da conspiração fatal a Rizzio. É provável, porém, que tivesse manifestado satisfação com um acontecimento que contribuiu para a segurança da religião e da comunidade política, e talvez mesmo aprovação à conduta dos conspiradores. De qualquer modo, já era, por outras razões, suficientemente odioso à rainha; e, como o ressentimento dela nessa ocasião se inflamou extraordinariamente, julgou-se prudente que ele se retirasse.

Tendo afinal "se livrado" de alguém que havia muito lhe causava incômodo, ela estava decidida a impedir-lhe o regresso à capital. Não há dúvida de que o conselho municipal e os habitantes, que antes se haviam recusado a aceitar sua suspensão da pregação até por breve período, se empenhariam em obter sua restauração. Ela, porém, resistiu às solicitações de todos os seus amigos. Não queria sequer que encontrasse refúgio dentro do reino e escreveu a um nobre do oeste em cuja casa ele residia, ordenando-lhe que o expulsasse de casa. Não parece que tenha voltado a Edimburgo, ou ao menos retomado ali seu ministério, até que a rainha foi privada do governo.

Banido de seu rebanho, julgou ser esta uma ocasião favorável para visitar a Inglaterra. Nessa ocasião, o afeto paterno aumentava o desejo que havia muito sentia de realizar a viagem. Já fazia algum tempo que enviara seus dois filhos àquele reino, provavelmente por desejo dos parentes maternos, para que fossem educados em algum dos estabelecimentos de ensino ingleses. Obtido um salvo-conduto da rainha, pediu à assembleia geral, reunida em dezembro de 1566, licença para partir. Ela prontamente a concedeu, sob condição de que regressasse até sua reunião seguinte, em junho; e, ao mesmo tempo, deu-lhe o mais amplo e honroso testemunho, descrevendo-o como "ministro verdadeiro e fiel, puro e sincero na doutrina, irrepreensível a nossos olhos na vida e conduta", e alguém que "empregou com tanto fruto aquele talento que o Eterno lhe concedeu para promover a glória de seu santo nome, propagar o reino de Jesus Cristo e edificar os que ouviram sua pregação, que, por dever, louvamos de todo o coração seu santo nome por benefício tão grande, concedido a ele para nossa utilidade e proveito".

O reformador recebeu da assembleia uma carta dirigida aos bispos e ministros da Inglaterra, na qual a assembleia intercedia por clemência para com os irmãos que tinham escrúpulos quanto ao uso das vestes sacerdotais prescritas pelas leis. A controvérsia a esse respeito era então travada com grande ardor entre o clero inglês. Não é improvável que a assembleia tenha intervindo por desejo de Knox, a quem se confiou a redação da carta. Ele não podia ter esquecido os problemas que ele próprio sofrera por motivo semelhante e estimava muito vários daqueles que tinham tais escrúpulos. A intervenção não lhes proporcionou alívio algum. Ainda que o alto clero tivesse maior zelo em obtê-lo do que de fato tinha, Elizabeth era inflexível e não ouvia nem as súplicas dos bispos nem os conselhos de seus conselheiros. A boa opinião de Knox acerca da rainha inglesa não parece ter melhorado com essa visita.

Antes de partir para a Inglaterra, ele prestou ainda um serviço público. Em 23 de dezembro, a rainha concedeu ao arcebispo de St. Andrews, sob o selo privado, uma comissão que lhe restaurava a antiga jurisdição, abolida em 1560 por lei do parlamento. Tal medida visava, em parte, preparar a restauração

da religião papista e, em parte, facilitar outro desígnio sombrio que logo se revelou. Os protestantes não podiam deixar de alarmar-se e enfurecer-se diante de ato tão audacioso. Movido tanto pelo próprio zelo quanto pelo conselho dos irmãos, o reformador dirigiu uma circular aos principais protestantes do reino, solicitando seu parecer imediato sobre as medidas mais convenientes naquela ocasião e anexando cópia de uma súplica proposta à rainha. A carta revela todo o ardor do espírito de seu autor, despertado por tal acontecimento.

O assassinato de Rizzio ocorreu durante a permanência de Knox na Inglaterra; conduziu a uma completa revolução no governo do reino e, contrariando os desígnios de seus autores, entregou o poder exclusivamente às mãos dos protestantes. [N17]

Knox estava ausente de Edimburgo quando a rainha se casou com Bothwell; mas seu colega sustentou com vigor, nessa ocasião, a honra de seu posto e de sua ordem. Solicitado a publicar os proclamas do casamento, concordou relutantemente, por conselho de seu consistório, em anunciar o propósito; ao mesmo tempo, porém, protestou do púlpito, em três dias distintos, que abominava e detestava o matrimônio projetado como ilegítimo e escandaloso, e conclamou solenemente a nobreza a empregar sua influência para impedir que a rainha desse um passo que a cobriria de infâmia. Chamado perante o conselho e acusado de exceder os limites de sua incumbência, respondeu com ousadia que os limites dela eram a palavra de Deus, as boas leis e a razão natural; a tudo isso se opunha o casamento proposto. Na presença de Bothwell, acusou-o de adultério, da precipitação com que se conduzira o processo de divórcio, das suspeitas de conluio entre ele e a esposa, de ter assassinado o rei e violentado a rainha; tudo isso seria confirmado se levassem o propósito a efeito.

Os acontecimentos que se sucederam rapidamente àquele casamento infame — a confederação da nobreza para vingar a morte do rei e preservar a pessoa do príncipe criança; a fuga de Bothwell; a rendição e prisão de Mary; sua renúncia ao governo; a coroação do filho; e a nomeação do conde de Moray como regente durante a menoridade dele — são bem conhecidos dos leitores da história escocesa. Knox parece ter regressado ao seu posto quando a rainha fugiu com Bothwell para Dunbar. Esteve presente na assembleia geral reunida em Edimburgo em 25 de junho e foi por ela enviado ao oeste do país para tentar persuadir os Hamiltons e outros que ainda se mantinham afastados dos lordes confederados a juntar-se a estes na pacificação dos assuntos conturbados do país e a comparecer a uma convenção geral dos delegados das igrejas, marcada para 20 de julho seguinte. Não teve êxito nessa negociação. A convenção, porém, realizou-se, e os nobres, barões e demais representantes presentes subscreveram diversos artigos relativos à religião e à situação da nação.

Em 29 de julho, o reformador pregou o sermão da coroação do rei James VI na igreja paroquial de Stirling. Opôs-se à cerimônia da unção, por ser rito judaico de que se abusara sob o papado; mas julgou-se inconveniente afastar-se, nessa ocasião, do cerimonial costumeiro. O rito foi, portanto, realizado pelo bispo de Orkney, assistido pelos superintendentes de Lothian e Angus ao colocar a coroa na cabeça do rei. Depois da coroação, Knox, juntamente com alguns outros, providenciou registro formal e requereu extratos dos atos.

Quando a rainha foi confinada pelos lordes no castelo de Lochleven, eles ainda não haviam decidido o que fazer de sua pessoa no futuro. Alguns propunham permitir-lhe deixar o reino; outros, mantê-la presa pelo resto da vida; enquanto outros insistiam em que deveria sofrer a pena capital. Knox partilhava desta última opinião, com quase todos os ministros e a grande massa do povo. O fundamento principal em que insistiam não era sua má administração do governo, nem somente a segurança e a paz da comunidade política — razões pelas quais o parlamento da Inglaterra, no século seguinte, procedeu à execução de seu neto —, mas os crimes pessoais de que Mary era acusada. O assassinato e o adultério, argumentavam, eram crimes punidos com a morte pela lei de Deus e das nações. Ninguém, qualquer que fosse sua posição, podia pleitear isenção dessa pena. É verdade que as formas ordinárias do processo judicial não previam o julgamento de um magistrado supremo por esses crimes, pois as leis não

supunham que alguém nessa posição cometesse delitos tão atrozes. Mas casos extraordinários exigiam remédios extraordinários, e novos delitos davam origem a novas leis. Havia nas Escrituras exemplos da punição capital de príncipes e precedentes dela na história do próprio país.

Com esses fundamentos, Knox não hesitou em sustentar publicamente que os estados do reino deveriam levar Mary a julgamento e, caso se comprovasse sua culpa no assassinato do marido e numa ligação adúltera com Bothwell, ela deveria ser executada. Throckmorton, embaixador inglês, conversou com ele para tentar abrandar o rigor desse juízo; mas, embora Knox aceitasse a resolução adotada pelos lordes de mantê-la presa, conservou sua opinião e, depois que a fuga dela ateou a guerra civil, declarou repetidas vezes que considerava o sofrimento da nação consequência da clemência culpável daqueles homens.

Estabelecido na regência, o conde de Moray cedo voltou a atenção para a regularização dos assuntos religiosos e a reparação dos principais agravos de que a igreja havia muito se queixava. Convocado um parlamento para meados de dezembro, ele, seguindo o parecer do conselho privado, designou previamente certos barões e representantes dos burgos para estudar e preparar propostas adequadas a serem apresentadas àquela assembleia. Juntou-lhes Knox e mais quatro ministros para auxiliá-los nas matérias relativas à igreja. Essa comissão reuniu-se no começo de dezembro e trabalhou até a abertura do parlamento. Conservou-se o registro de seus procedimentos, tanto civis quanto eclesiásticos; e, como muitas das propostas não foram adotadas pelo parlamento, ele tem valor como declaração das opiniões de vários dos homens mais capazes do reino. Em 15 de dezembro, Knox pregou na abertura do parlamento e exortou os membros a começar pelos assuntos da religião; assim teriam melhor êxito nos demais trabalhos. O parlamento ratificou todas as leis aprovadas em 1560 em favor da religião protestante e contra o papismo. Acrescentaram-se novos estatutos da mesma espécie. Determinou-se que nenhum príncipe seria dali em diante admitido ao exercício da autoridade no reino sem prestar juramento de manter a religião protestante; e que somente protestantes poderiam ocupar cargos que não fossem hereditários nem vitalícios. A jurisdição eclesiástica exercida pelas diversas assembleias da igreja foi formalmente ratificada, e nomearam-se comissários para definir com maior precisão as causas propriamente sujeitas a seu julgamento. Determinou-se que os terços dos benefícios fossem pagos diretamente aos arrecadadores nomeados pela igreja, que prestariam contas ao erário do excedente após o pagamento dos estipêndios dos ministros. E os recursos das prebosturas, prebendas e capelanias foram destinados ao sustento de estudantes bolsistas nos colégios.

Na lei que ratificava a jurisdição da igreja, Knox foi designado um dos comissários incumbidos de especificar os pontos particulares pertencentes à jurisdição eclesiástica, a apresentar na reunião seguinte do parlamento. A assembleia geral, reunida por volta da mesma época, deu-lhe, juntamente com outros, uma comissão para representá-la nessa matéria e, em geral, consultar o regente e o conselho sobre as questões eclesiásticas que surgissem depois de encerrada a assembleia. Foi também designado para auxiliar o superintendente de Lothian em sua visitação e, depois, visitar as igrejas de Kyle, Carrick e Cunningham. [N18]

Nosso reformador chegara agora a um ponto de onde podia contemplar, com calma e reflexão, a cena perigosa e agitada pela qual passara e o desfecho feliz a que chegara a árdua luta em que havia tanto tempo se empenhava. A superstição e a ignorância haviam sido derrubadas e dissipadas; a verdadeira religião estava estabelecida; o governo supremo da nação achava-se nas mãos de um homem em cuja sabedoria e integridade depositava a maior confiança; a igreja fora libertada de muitos agravos sob os quais até então gemera e tinha a perspectiva de ver reparados os restantes. A obra em que por tanto tempo se empenhara com ardor e por cujo êxito tantas vezes tremera prosperara além de suas maiores esperanças. Alegrava-se agora por estar livre de todo o peso dos assuntos públicos e por poder passar os dias restantes em meditação religiosa e na preparação para o acontecimento de que as crescentes enfermidades o advertiam. Acariciava mesmo, em segredo, o desejo de renunciar ao seu posto em Edimburgo e recolher-se à vida privada da qual fora chamado no início da Reforma escocesa.

Mas “o caminho do homem não está em si mesmo”. A Providência lhe reservara novas provações de natureza pública; ainda veria ameaçada a segurança da religião reformada e o país mergulhado em outra guerra civil, ainda mais dolorosa que a anterior, visto que os principais personagens de ambos os lados se declaravam protestantes. Desde que o governo passara de Mary ao filho ainda criança e o conde de Moray fora nomeado regente, parte da nobreza, encabeçada pela casa de Hamilton, mantivera-se afastada e, por motivos diversos, tanto quanto por apego à rainha, recusara-se a reconhecer a autoridade do regente. Após a fuga da rainha da prisão, reuniram-se sob seu estandarte e declararam seu propósito de restaurá-la ao pleno exercício da autoridade real. Em consequência da derrota em Langside, Mary foi expulsa do reino e seu partido desbaratado; o regente, com medidas enérgicas, reduziu todo o reino à obediência à autoridade do rei. Desesperando de alcançar o objetivo enquanto ele vivesse, os partidários de Mary resolveram eliminá-lo por meios secretos.

O regente foi assassinado no sábado, 23 de janeiro de 1570, e a notícia chegou a Edimburgo logo na manhã seguinte. É impossível descrever a angústia do reformador naquela ocasião. Havia muito que existia entre ambos uma amizade cordial e íntima. De toda a nobreza escocesa, era na dedicação de Moray à religião que depositava maior confiança; e a conduta dele após sua elevação à regência aumentara a boa opinião que anteriormente tinha a seu respeito. Considerava sua morte a maior calamidade que podia abater-se sobre a nação e precursora de outros males. Quando se dissipou o choque das tristes notícias, o primeiro pensamento que lhe acudiu ao espírito foi o de que ele próprio servira de instrumento para obter, da clemência do regente, o perdão do homem que se tornara seu assassino — pensamento que naturalmente nele produziu impressão muito diversa da que causou ao regente moribundo.

No sermão daquele dia, introduziu o assunto; e, depois de dizer que Deus, em sua grande misericórdia, suscitava governantes piedosos e, em seu desagrado, os retirava por causa dos pecados de uma nação, assim derramou as tristezas do coração numa súplica a Deus: “Ó Senhor, em que miséria e confusão encontrou ele este reino! Do repouso e da tranquilidade a que, por seus trabalhos, tão prontamente o conduziu podem dar testemunho todas as classes, mas sobretudo o povo pobre. Tua imagem, ó Senhor, resplandecia com tal clareza naquela pessoa que o diabo e os ímpios, dos quais ele é príncipe, não podiam suportá-la; e assim, para castigar nossos pecados e nossa ingratidão — pois não estimamos devidamente dom tão precioso —, permitiste que ele caísse, para nossa grande dor, nas mãos de assassinos cruéis e traiçoeiros. Ele está em repouso, ó Senhor; nós ficamos entregues à extrema miséria.”

Apenas alguns dias antes, quando o assassinato já estava inteiramente tramado, o abade de Kilwinning procurou Knox para que intercedesse junto ao regente em favor de seus parentes, presos por conspirar contra o governo. Knox declarou-se disposto a fazer tudo o que estivesse em seu poder para aliviar a situação de qualquer membro daquela família que aceitasse a autoridade do rei e do regente; mas rogou ao abade que não abusasse dele, valendo-se de seus serviços caso se pretendesse fazer algum mal ao regente: “Pois protesto”, disse, “perante Deus, que agora é a única testemunha entre nós, que, se alguém desse sobrenome atentar contra a pessoa daquele homem, desde já me desvinculo para sempre de vós e deles.” Depois do assassinato, o abade mandou pedir outra entrevista; Knox, porém, recusou-se a recebê-lo e pediu ao mensageiro que lhe dissesse: “Já não tenho o regente a quem recorrer pelos Hamilton.”

Circulava então uma narrativa fabricada de uma suposta reunião do falecido regente com lorde Lindsay, Wishart de Pittarrow, o tutor de Pitcur, James Macgill e Knox, na qual eram apresentados aconselhando-o a afastar o jovem rei e pôr a coroa na própria cabeça. As maneiras de falar peculiares a cada um foram cuidadosamente imitadas nos discursos que lhes atribuíram, para dar à história maior aparência de veracidade. Seu propósito era, evidentemente, diminuir a repulsa pelo assassinato e a veneração popular à memória de Moray; mas todos a consideraram uma falsificação grosseira e descarada. O autor foi Thomas Maitland, jovem talentoso, porém corrompido por seu irmão, o secretário, que já se

comprometera com o partido da rainha e era suspeito de participação profunda na conspiração para eliminar o regente.

No dia em que se realizava a conferência semanal em Edimburgo, o mesmo homem introduziu furtivamente no púlpito um bilhete com palavras deste teor: “Levantai agora o homem que consideráveis outro Deus e vede a que fim o conduziu sua ambição.” Knox, a quem cabia pregar naquele dia, apanhou o papel ao subir ao púlpito, supondo ser um pedido de orações da congregação por algum enfermo, e, após lê-lo, pô-lo de lado sem emoção aparente. Mas, ao aproximar-se do fim do sermão, depois de lamentar a perda recentemente sofrida pela igreja e pela comunidade política e declarar falsa e caluniosa a narrativa da reunião que se divulgara, disse que havia pessoas que se alegravam com o assassinato traiçoeiro e não hesitavam em fazer dele motivo de gracejo; em particular, ali se encontrava alguém que lançara um escrito insultuoso acerca de um acontecimento que causava tristeza a todos os homens de bem. “Esse homem perverso, seja quem for, não ficará impune e morrerá onde não haverá quem o pranteie.” Ao voltar para casa, Maitland disse à irmã que o pregador delirava ao falar daquele modo de uma pessoa que desconhecia; ela, porém, sabendo que o irmão escrevera o bilhete, repreendeu-o entre lágrimas, dizendo que nenhuma das denúncias daquele homem costumava revelar-se vã. Spottiswood, que recebeu essa informação pessoalmente da própria senhora, afirma que Maitland morreu na Itália “sem nenhuma pessoa conhecida que o assistisse”.

Na terça-feira, 14 de fevereiro, o corpo do regente foi levado do palácio de Holyroodhouse e sepultado na nave lateral sul da igreja colegiada de St. Giles. Antes do funeral, Knox pregou sobre estas palavras: “Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor.” Três mil pessoas se desfizeram em lágrimas diante dele enquanto descrevia as virtudes do regente e deplorava sua perda. Buchanan prestou homenagem à memória do falecido ao redigir a inscrição posta em seu monumento, com aquela simplicidade e concisão expressivas que a dor sincera inspira. Após o funeral reuniu-se uma convenção da nobreza, na qual se resolveu vingar-lhe a morte; mas divergiam as opiniões quanto à maneira de fazê-lo, e o povo queixava-se em altas vozes da negligência com que se executava a resolução. A assembleia geral, em sua primeira reunião, manifestou aversão ao crime ordenando que o assassino fosse publicamente excomungado em todas as principais cidades do reino, e determinou que o mesmo procedimento se aplicasse a todos os que viessem a ser considerados culpados de participação na conspiração.

Durante as sessões da convenção, Knox recebeu diversas cartas de conhecidos seus na Inglaterra, exprimindo grande estima pelo caráter do regente e tristeza por perda tão dolorosa. Um de seus correspondentes, o dr. Laurence Humphrey, instou-o a escrever uma biografia do falecido. Se o tivesse feito, sem dúvida teria transmitido, graças à íntima familiaridade entre ambos, numerosos pormenores que agora temos de nos resignar a ignorar. Mas, ainda que estivesse inclinado a empreender a tarefa, seu estado de saúde o teria impedido de levá-la a cabo.

A tristeza a que se entregou em consequência desse lutuoso acontecimento, bem como as perturbações que se seguiram, consumiram-lhe o ânimo e prejudicaram-lhe a saúde. No mês de outubro sofreu um ataque de apoplexia, que afetou consideravelmente sua fala. Seus inimigos exultaram com isso e espalharam as histórias mais exageradas. Correu pela Inglaterra e pela Escócia que John Knox nunca mais pregaria nem falaria; que seu rosto se voltara para a nuca; que se tornara a criatura mais disforme jamais vista; que de fato morrera — expressão inequívoca da alta consideração em que era tido, que nosso reformador partilhava com alguns outros grandes homens de sua época.

Enganaram-se os que se iludiam pensando que a enfermidade do reformador seria mortal: ele convalesceu, recuperou a fala e, em poucos dias, pôde voltar a pregar, ao menos aos domingos. Jamais, contudo, recuperou-se da debilidade causada pelo ataque. Não saía de casa senão aos domingos, para pregar pela manhã. Deixara de comparecer aos tribunais eclesiásticos. Antes de irromperem as últimas perturbações, desprendera o coração dos assuntos públicos. Mas, sempre que via ameaçado o bem-estar

da igreja e da comunidade política, esquecia suas resoluções e enfermidades e abraçava a causa com todo o ardor dos dias de maior vigor. Fossem os procedimentos públicos da nação ou sua própria conduta postos em questão e condenados, fossem os ataques abertos ou clandestinos, estava pronto a rebatê-los e convencia os adversários de que, enquanto pudesse mover a língua, não realizariam seus desígnios sem oposição.

Sua situação em Edimburgo tornou-se muito perigosa em abril de 1571, quando Grange recebeu no castelo os Hamilton e suas tropas. Tão grande era a hostilidade inveterada deles contra Knox que seus amigos se viram obrigados a vigiar-lhe a casa durante a noite. Queriam organizar uma guarda para protegê-lo quando saísse, mas o governador do castelo proibiu a medida, por implicar suspeita contra ele, e ofereceu-se para enviar Melvill, um de seus oficiais, a acompanhá-lo à igreja e de volta. "Entregaria o carneiro ao lobo para guardá-lo", diz Bannatyne. O duque e seus amigos recusaram-se a empenhar a palavra pela segurança de Knox, porque "havia entre eles muitos patifes que não gostavam dele". Chegavam-lhe frequentemente notícias de ameaças à sua vida; certa noite, quando estava sentado em casa, dispararam uma bala de mosquete pela janela, que se alojou no teto do aposento. Por acaso, naquela ocasião ele se sentava em lugar diferente do habitual; de outro modo, pela trajetória que seguiu, a bala o teria atingido. Diante disso, vários moradores, juntamente com seu colega, foram procurá-lo e renovaram o pedido que lhe haviam feito anteriormente: que se retirasse de Edimburgo para um lugar onde sua vida estivesse mais segura, até que o partido da rainha desocupasse a cidade. Ele, porém, recusou-se a ceder, supondo que seus inimigos quisessem intimidá-lo e fazê-lo fugir para executar mais tranquilamente seus planos e depois acusá-lo de covardia. Incapazes de persuadi-lo por outros meios, recorreram afinal a um argumento que prevaleceu. Disseram-lhe que estavam decididos a defendê-lo, se atacado, com risco da própria vida e que, se houvesse derramamento de sangue na contenda — o que era muito provável —, poriam a responsabilidade sobre sua cabeça. Com isso consentiu, "muito contra a vontade", em deixar a cidade. [N19]

Em 5 de maio deixou Edimburgo e, atravessando o estuário em Leith, viajou em pequenas etapas até St. Andrews, que escolhera para refúgio. Alexander Gordon, bispo de Galloway, ocupou seu púlpito. Pregava e orava de modo mais agradável ao partido da rainha do que seu predecessor, mas pouco satisfatório ao povo, que o desprezava por sua fraqueza e não gostava de vê-lo suplantar seu pastor predileto. A igreja de Edimburgo ficou por algum tempo desfeita. Grande número de seus membros mais respeitáveis foi expulso da cidade ou a deixou por descontentamento. Suspendeu-se a celebração da Ceia do Senhor. Durante uma semana inteira, "não houve pregação nem oração, nem se ouviu som de sino em toda a cidade, exceto o repicar dos canhões".

Em meio à extrema hostilidade que inflamava ambos os partidos e produziu diversos atos vergonhosos de retaliação mútua, surgiram muitas provas da antipatia pessoal que os partidários da rainha nutriam pelo reformador. Um morador de Leith foi agredido e teve o corpo mutilado por ter o mesmo nome que ele. Um criado de John Craig, encontrado certa vez por uma patrulha de reconhecimento e interrogado sobre quem era seu amo, respondeu, em seu sobressalto, que era o sr. Knox; por isso foi detido e, embora corrigisse imediatamente o engano, ordenaram-lhe que "se mantivesse fiel ao primeiro amo" e arrastaram-no para a prisão. Depois de fortificar a torre de St. Giles para subjugar a cidade, os soldados batizaram um dos canhões com o nome de Knox; tão aficionados eram a dispará-lo que ele explodiu, matou dois deles e feriu outros. Espalharam as histórias mais ridículas sobre sua conduta em St. Andrews. John Law, portador de cartas de St. Andrews, achando-se no castelo de Edimburgo, ouviu "lady Home e outros insistirem em afirmar-lhe na cara" que John Knox "fora banido daquela cidade porque no jardim fizera surgir alguns santos, entre os quais apareceu o diabo com chifres; quando seu criado Richard o viu, enlouqueceu e assim morreu".

Embora estivesse livre de perigo pessoal, Knox não encontrou em St. Andrews o retiro pacífico que esperava. Os Kirkcaldy e os Balfour formavam uma facção considerável na região, e os Hamilton tinham amigos tanto na universidade quanto no ministério. Eram espinhos no flanco do reformador e tornaram

incômoda sua situação enquanto viveu entre eles. Tendo deixado Edimburgo por não lhe ser permitido cumprir o dever de consciência de testemunhar contra os desígnios de pessoas que considerava conspiradoras contra o governo legítimo do país e contra a segurança da religião reformada, não era de esperar que guardasse silêncio sobre o assunto em St. Andrews. Nos discursos que pregou sobre o capítulo onze da profecia de Daniel, frequentemente aproveitava a ocasião para aludir aos acontecimentos de seu tempo e investir contra os assassinatos do falecido rei e do regente. Isso feria muito os ouvidos da facção oposta, especialmente de Robert e Archibald Hamilton, o primeiro, ministro da cidade, e o segundo, professor em um dos colégios. Descontente com as censuras dirigidas a seus parentes e ciente da popularidade de Knox no púlpito, Robert Hamilton espalhou em particular que não cabia a ele clamar tão alto contra assassinos, pois vira sua assinatura, ao lado da do conde de Moray, num compromisso para assassinar Darnley. Quando, porém, o reformador lhe respondeu, Hamilton negou jamais ter pronunciado tais palavras.

Durante sua permanência em St. Andrews, publicou uma defesa da religião reformada em resposta a uma carta escrita por um jesuíta escocês chamado Tyrie. A parte argumentativa da obra fora concluída em 1568; mas naquele momento ele a deu a público com acréscimos, como discurso de despedida ao mundo e testemunho derradeiro da verdade que por tanto tempo ensinara e defendera. Publicou juntamente uma de suas cartas religiosas à sogra, a sra. Bowes; numa nota introdutória a ela, informa-nos que a senhora morrera havia pouco e que não podia deixar passar a oportunidade de dar a conhecer ao público, por meio daquela carta, a causa principal da íntima amizade cristã que durante tanto tempo os unira.

O ardente desejo que sentia de ser libertado pela morte das aflições desta vida transparece em tudo o que escreveu por essa época. “Cansado do mundo” e “ansiando por partir” são expressões que emprega com frequência. A dedicatória da obra acima tem este endereçamento: “John Knox, servo de Jesus Cristo, agora cansado do mundo e esperando diariamente a dissolução deste meu tabernáculo terreno, aos fiéis que Deus, por sua misericórdia, designar para lutar depois de mim.” Ao concluí-la, diz: “Orai por mim, caros irmãos, para que Deus, em sua misericórdia, se digne pôr fim à minha longa e dolorosa batalha. Pois, já não podendo lutar como Deus outrora me dava forças para fazê-lo, anseio pelo fim antes que me torne ainda mais penoso aos fiéis. E, contudo, Senhor, modera meu desejo por teu Espírito Santo.” Numa oração acrescentada à dedicatória, encontram-se estas palavras: “A ti, ó Senhor, entrego meu espírito. Pois anseio por ser liberto deste corpo de pecado e estou certo de que ressuscitarei em glória, ainda que por algum tempo os ímpios pisem a mim e aos demais servos teus. Sê misericordioso, ó Senhor, para com a igreja neste reino; conserva nela a luz do teu evangelho; aumenta o número dos verdadeiros pregadores. E que tua misericordiosa providência vele por minha companheira desamparada, pelo fruto de seu ventre e por meus dois queridos filhos, Nathanael e Eleazar. Agora, Senhor, põe fim à minha miséria.” A advertência “Ao leitor fiel”, datada de St. Andrews, 12 de julho de 1572, conclui deste modo: “Saúdo de coração todos os fiéis de ambos os reinos e deles me despeço, pedindo fervorosamente o auxílio de suas orações para que eu possa terminar minha batalha sem causar escândalo notável ao evangelho de Jesus Cristo. Pois, assim como o mundo está cansado de mim, também eu estou cansado dele.”

Estando marcada para 6 de agosto, em Perth, a reunião da assembleia geral, Knox se despediu dos seus membros por carta, à qual juntou certos artigos e questões que lhes recomendava considerar. A assembleia respondeu declarando aprovar suas propostas e desejando ardentemente sua preservação e seu consolo. O último serviço público que lhes prestou a pedido deles foi examinar e aprovar um sermão pregado recentemente por David Ferguson, ministro de Dunfermline. Sua assinatura aposta a esse sermão, como tudo o que lhe saía da boca ou da pena por essa época, é extraordinariamente comovente: “John Knox, com minha mão morta, mas o coração alegre, louvando a Deus porque, em sua misericórdia, deixa tal luz à sua igreja nesta desolação.”

Pelo rápido declínio da saúde de nosso reformador na primavera de 1572, tudo indicava que terminaria seus dias em St. Andrews; mas aprouve a Deus restituí-lo mais uma vez ao seu rebanho e permitir-lhe morrer em paz em seu próprio leito. Em consequência de uma trégua acordada no fim de julho entre o regente e os partidários da rainha, as forças destes abandonaram a cidade de Edimburgo, que ficou protegida das investidas da guarnição do castelo. Assim que os cidadãos banidos voltaram às suas casas, enviaram uma deputação a St. Andrews com uma carta ao seu ministro, exprimindo o ardente desejo de "ouvir mais uma vez sua voz entre eles" e rogando-lhe que viesse imediatamente a Edimburgo, se a saúde de algum modo o permitisse. Depois de ler a carta e conversar com os comissários, concordou em voltar, mas sob a condição expressa de que não lhe exigissem silêncio a respeito da conduta daqueles que defendiam o castelo contra o regente: "Contra seus atos traiçoeiros e tirânicos", disse, "clamarei enquanto puder falar." Pediu, portanto, que informassem disso os que os haviam enviado, para que depois não se arrependessem de sua severidade nem receassem maus-tratos por causa dele. Repetiu a advertência ao voltar a Edimburgo, antes de subir ao púlpito. Tanto os comissários como os demais irmãos asseguraram-lhe que não pretendiam pôr-lhe freio na boca, mas desejavam que cumprisse seu dever como sempre fizera.

Em 17 de agosto, para grande alegria da facção da rainha, a quem sua presença impusera respeito enquanto ali residira, o reformador deixou St. Andrews com a família, acompanhado na viagem por vários irmãos e conhecidos. Obrigado pela fraqueza a viajar devagar, só chegou a Leith no dia 23 daquele mês; depois de descansar um ou dois dias, seguiu para Edimburgo. Os habitantes tiveram a satisfação de vê-lo novamente em seu púlpito no primeiro domingo após sua chegada; mas sua voz estava tão enfraquecida que metade da congregação não conseguia ouvi-lo. Ninguém tinha disso maior consciência que ele próprio. Por isso pediu ao conselho da igreja que providenciasse um recinto menor onde pudesse ser ouvido, ainda que por apenas cem pessoas; pois sua voz, mesmo nos melhores tempos, não alcançava a multidão reunida na grande igreja, quanto mais agora, tão debilitado. Assim se fez.

Durante sua ausência, surgira uma frieza entre seu colega e a paróquia, que o censurava por ter contemporizado enquanto a facção da rainha ocupava a cidade. Em consequência, separaram-se, e Craig partiu para outra região do país. Knox, percebendo que não poderia pregar por muito tempo e que já estava incapacitado para todos os demais deveres ministeriais, desejava ardentemente que alguém fosse estabelecido como seu colega, para que a congregação não ficasse "como ovelhas sem pastor" quando ele fosse chamado a partir. Como a última assembleia geral concedera à igreja de Edimburgo liberdade de escolher qualquer ministro do reino, à exceção dos de Dundee e Perth, seus membros escolheram unanimemente James Lawson, vice-diretor do colégio de Aberdeen. A escolha agradou muito ao reformador, que, em carta enviada com as do superintendente e do conselho da igreja, instou Lawson a atender ao chamado sem demora. Embora a carta já tenha sido publicada, é breve e retrata tão bem seu estado de espírito nesse momento importante que a apresentaremos ao leitor.

"Toda força mundana, sim, até mesmo nas coisas espirituais, decai; contudo, a obra de Deus jamais decairá. Amado irmão, visto que Deus, por sua misericórdia e muito além de minha expectativa, chamou-me mais uma vez a Edimburgo, mas sinto minha natureza tão enfraquecida e diariamente a enfraquecer que não espero grande duração para minha batalha, gostaria de uma vez descarregar minha consciência em teu peito e no peito de outros em quem, creio, permanece o temor de Deus. Se eu tivesse forças no corpo, não te imporia o trabalho que agora te peço, a saber, vir visitar-me uma vez para conversarmos sobre as coisas celestiais; pois na terra não há estabilidade, exceto na igreja de Jesus Cristo, que sempre combate debaixo da cruz. À sua poderosa proteção de coração te entrego. Edimburgo, 7 de setembro de 1572. JOHN KNOX." No pós-escrito acrescentaram-se estas palavras expressivas: "Apressa-te, irmão, para que não chegues tarde demais."

No começo de setembro chegou a Edimburgo a notícia de que o almirante da França, o bravo, generoso e piedoso Coligni, fora assassinado em Paris por ordem de Carlos IX. Logo depois vieram notícias daquela cena de barbárie e perfídia, a mais detestável e sem paralelo: o massacre geral dos protestantes por todo

aquele reino. Mensageiro após mensageiro trazia novos relatos das crueldades mais horrendas e inauditas. Assassinos de aluguel e canibais fanáticos marchavam de cidade em cidade, percorriam as ruas e invadiam as casas dos que haviam sido marcados para morrer. Não se reverenciavam as cãs, nem se respeitavam posição social ou talento, nem se tinha piedade da tenra idade ou do sexo. Matronas idosas, mulheres prestes a dar à luz e crianças eram pisoteadas pelos assassinos ou arrastadas com ganchos para os rios; outros, depois de lançados na prisão, eram imediatamente retirados e trucidados a sangue-frio. Setenta mil pessoas foram assassinadas em uma semana. Durante vários dias, o sangue literalmente correu pelas ruas de Paris. O monarca selvagem, postado às janelas do palácio com seus cortesãos, regalava os olhos com o espetáculo desumano e se divertia atirando nos infelizes fugitivos que buscavam abrigo junto aos seus portões sem misericórdia. [N20]

A notícia desse massacre — pelo qual, por ordem do papa, ofereceram-se solenes ações de graças em Roma — causou na Escócia o mesmo horror e consternação que em todos os outros países protestantes. Infligiu profunda ferida ao espírito já exausto de Knox. Além do golpe desferido contra todas as comunidades reformadas, ele lamentava a perda de muitas pessoas eminentes pela piedade, pelo saber e pela posição social, que contava entre seus conhecidos. Conduzido ao púlpito e reunindo o resto das forças, trovejou a vingança do Céu contra aquele cruel assassino e falso traidor, o rei da França, e pediu a Le Croc, embaixador francês, que dissesse ao seu senhor que a sentença contra ele fora pronunciada na Escócia: a vingança divina não se afastaria dele nem de sua casa se não sobreviesse arrependimento; seu nome, porém, permaneceria execrado pela posteridade, e ninguém de sua descendência desfrutaria em paz aquele reino. O embaixador queixou-se da afronta feita ao seu senhor e exigiu que o regente calasse o pregador; o pedido foi recusado, e ele então deixou a Escócia.

Ao receber as cartas de convite, Lawson apressou-se a ir a Edimburgo e teve a satisfação de encontrar Knox ainda capaz de recebê-lo. Pregou ao povo e agradou a todos. No domingo seguinte, 21 de setembro, Knox começou a pregar na igreja do Tolbooth, já preparada para ele. Escolheu como tema dos discursos o relato da crucificação de nosso Salvador, registrado no capítulo 27 do Evangelho segundo Mateus, assunto com o qual muitas vezes manifestara o desejo de encerrar o ministério. No domingo, 9 de novembro, presidiu à investidura de Lawson como seu colega e sucessor. Pregou o sermão na igreja do Tolbooth; ao terminá-lo, passou com os ouvintes à grande igreja, onde realizou o rito costumeiro de admissão, propondo perguntas ao ministro e ao povo, dirigindo exortações a ambos e orando pela bênção divina sobre o vínculo. Em nenhuma ocasião anterior falou de modo mais satisfatório para aqueles que podiam ouvi-lo. Depois de expor os deveres recíprocos do pastor e da congregação, declarou, na presença Daquele diante de quem esperava comparecer em breve, que andara entre eles de boa consciência, pregando o evangelho de Jesus Cristo com toda a sinceridade, sem procurar agradar aos homens nem satisfazer suas próprias inclinações; louvou a Deus por se ter dignado dar-lhes um pastor em seu lugar, quando já não podia ensinar; orou fervorosamente para que quaisquer dons a ele concedidos fossem multiplicados mil vezes em seu sucessor; e, de maneira gravíssima e impressionante, exortou e conclamou todos os presentes a permanecer firmes na fé que professavam. Terminado o culto e pronunciada a bênção com voz animada, embora exausta, desceu do púlpito e, apoiado no cajado, avançou lentamente pela rua, ladeada pelos ouvintes que, como se desejassem contemplar pela última vez seu amado pastor, o seguiram até entrar em casa. Nunca mais saiu dela com vida. [N21]

Na terça-feira seguinte, 11 de novembro, foi acometido de forte tosse que, juntamente com a secreção, prejudicou muito sua respiração. Quando os amigos, desejosos de prolongar-lhe a vida, propuseram chamar médicos, ele prontamente concordou, dizendo que não negligenciaria os meios ordinários de cuidar da saúde, embora estivesse persuadido de que o Senhor em breve poria fim a todas as suas tribulações. Costumava ler todos os dias alguns capítulos do Antigo e do Novo Testamentos, aos quais acrescentava certo número dos Salmos de Davi, percorrendo regularmente todos eles uma vez por mês. Na quinta-feira, dia 13, adoeceu e teve de interromper sua rotina de leitura, mas instruiu a esposa e o secretário, Richard Bannatyne, a que um dos dois lhe lesse diariamente, em voz clara, o capítulo 17 do

Evangelho segundo João, o 53 de Isaías e um capítulo da Epístola aos Efésios. A instrução foi cumprida pontualmente durante toda a enfermidade, de modo que quase não se passava uma hora sem a leitura de alguma passagem das Escrituras. Além desses trechos, escolheu em diferentes ocasiões certos salmos e alguns sermões de Calvino em francês sobre os Efésios. Às vezes, enquanto liam esses sermões, julgando-o adormecido, perguntavam-lhe se ouvia; ele respondia: "Ouço — graças a Deus — e compreendo muito melhor." Pronunciou essas palavras pela última vez cerca de quatro horas antes de morrer.

No mesmo dia em que adoeceu, pediu à esposa que pagasse o salário dos criados; no dia seguinte, desejando pagar pessoalmente a um deles, deu-lhe vinte xelins além do devido e acrescentou: "Não receberás mais nada de mim nesta vida." A todos os criados deu exortações apropriadas para que andassem no temor de Deus e se portassem como cristãos educados em sua casa. Na sexta-feira, dia 14, levantou-se mais cedo que de costume e, pensando ser domingo, disse que pretendia ir à igreja pregar sobre a ressurreição de Cristo, tema em que meditara a noite toda. Era sobre isso que deveria pregar no curso regular de suas exposições. Estava, porém, tão fraco que precisou de dois homens para ampará-lo desde o leito e só com muita dificuldade conseguiu sentar-se numa cadeira.

Ao meio-dia seguinte, John Durie e Archibald Steward, dois amigos íntimos seus, entraram em seu quarto sem saber quão enfermo estava. Ainda assim ele se levantou por causa deles e, convencendo-os a ficar para a refeição do meio-dia, sentou-se à mesa pela última vez. Mandou abrir um grande tonel de vinho que estava em sua adega e, com a jovialidade de que gostava de dar mostra entre amigos, pediu a Archibald Steward que mandasse buscar um pouco dele enquanto durasse, pois ele não permaneceria ali até que o bebessem todo.

No domingo permaneceu acamado e, confundindo-o com o primeiro dia do jejum estabelecido por causa do massacre na França, recusou o jantar. Fairley de Braid, que estava presente, informou-lhe que o jejum só começaria no domingo seguinte e, sentando-se para comer diante do leito, convenceu-o a ingerir um pouco de alimento.

Desejava muito reunir-se mais uma vez com o conselho de sua igreja, para deixar-lhes suas recomendações derradeiras e dizer-lhes o último adeus. Atendendo a esse desejo, seu colega, os presbíteros e diáconos, juntamente com David Lindsay, um dos ministros de Leith, reuniram-se em seu quarto na segunda-feira, dia 17. Knox dirigiu-lhes então as seguintes palavras, que causaram profunda e duradoura impressão no espírito de todos: "Aproxima-se, já está à porta, o dia pelo qual tantas vezes e tão ardentemente ansiei, quando serei liberto de meus grandes trabalhos e de incontáveis tristezas e estarei com Cristo. E agora Deus, a quem servi em espírito no evangelho de seu Filho, é minha testemunha de que nada ensinei senão a verdadeira e sólida doutrina do evangelho do Filho de Deus, e tive por único propósito instruir os ignorantes, confirmar os fiéis, confortar os fracos, temerosos e aflitos com as promessas da graça e combater os orgulhosos e rebeldes com as ameaças divinas. Sei que muitos se queixaram repetida e veementemente, e ainda se queixam, de meu excessivo rigor; mas Deus sabe que minha alma sempre esteve livre de ódio pelas pessoas contra as quais trovejei os juízos mais severos. Não posso negar que sentia a mais profunda aversão pelos pecados aos quais se entregavam, mas mantive sempre uma coisa em vista: conquistá-las, se possível, para o Senhor. O que me levou a pronunciar tão ousadamente, sem acepção de pessoas, tudo quanto o Senhor me pôs na boca foi o temor reverente de meu Deus, que me chamou e, por sua graça, designou-me despenseiro dos mistérios divinos, e a convicção de que ele exigirá contas de como cumpri o encargo que me confiou, quando eu comparecer perante seu tribunal. Declaro, portanto, perante Deus e seus santos anjos, que nunca fiz comércio da sagrada palavra de Deus, nunca procurei agradar aos homens, nunca dei vazão às minhas paixões particulares nem às alheias, mas distribuí fielmente o talento que me foi confiado, para edificação da igreja sobre a qual velava. Qualquer que seja a infâmia que os ímpios lancem contra mim nesse ponto, alegro-me no testemunho de uma boa consciência. Enquanto isso, caríssimos irmãos, perseverai na verdade eterna do evangelho; cuidai diligentemente do rebanho sobre o qual o Senhor vos

colocou e que ele remiu com o sangue de seu Filho unigênito. E tu, meu irmão Lawson, combate o bom combate e faze a obra do Senhor com alegria e firmeza. Que o Senhor, das alturas, abençoe a vós e a toda a igreja de Edimburgo; contra ela, enquanto perseverar na palavra da verdade que de mim ouviu, não prevalecerão as portas do inferno." Depois de adverti-los a não favorecer aqueles que rejeitavam a autoridade do rei e de fazer algumas observações sobre uma queixa que Maitland apresentara contra ele ao conselho, estava tão exausto que teve de parar de falar. Os presentes foram tomados de alegria e tristeza por esse discurso comovente. Depois de recordarem-lhe as lutas que suportara e o triunfo que o aguardava e de orarem juntos, despediram-se dele em lágrimas. Quando saíam, pediu ao colega e a Lindsay que permanecessem, e lhes disse: "Uma coisa me causa grande tristeza. Fostes testemunhas da antiga coragem e constância de Grange na causa de Deus; mas agora, ai de nós, em que abismo ele se lançou? Rogo-vos que não vos recuseis a ir dizer-lhe por mim que John Knox, agora às portas da morte, permanece o mesmo homem que ele sempre conheceu quando tinha vigor no corpo, e deseja que considere o que era e a condição em que agora se acha, o que constitui grande parte de sua aflição. Nem o rochedo escarpado em que miseravelmente confia, nem a prudência carnal daquele homem (Maitland), que estima como um semideus, nem a ajuda de estrangeiros o preservarão; antes, será vergonhosamente arrancado de seu ninho para receber o castigo e pendurado numa forca à luz do sol, se não emendar prontamente sua vida e recorrer à misericórdia de Deus. A alma desse homem me é preciosa, e eu não queria que perecesse se pudesse salvá-la." Os ministros encarregaram-se da missão; subiram ao castelo, obtiveram uma entrevista com o governador e transmitiram a mensagem. A princípio ele deu alguns sinais de abrandamento, mas, depois de consultar Maitland, voltou e lhes deu resposta muito desagradável. Informado disso, Knox entristeceu-se muito e disse que orara fervorosamente por aquele homem e ainda confiava que sua alma seria salva, embora seu corpo viesse a ter um fim miserável.

Depois dessa entrevista com o conselho da igreja, seu estado piorou muito: aumentou-lhe a dificuldade de respirar e ele não conseguia falar sem dor manifesta e intensa. Continuou, porém, a receber pessoas de todas as classes, que vinham visitá-lo em grande número, e não deixava nenhuma sair sem uma exortação, expressa com variedade e adequação tais que espantavam os que o assistiam. Lorde Boyd entrou e disse: "Sei, senhor, que o ofendi em muitas coisas e vim agora pedir-lhe perdão." Não se ouviu a resposta, pois os acompanhantes se retiraram e os deixaram a sós. No dia seguinte, porém, Boyd voltou em companhia do conde de Morton e do senhor da propriedade de Drumlanrig. A conversa de Knox com Morton foi muito particular, conforme o próprio conde relatou antes de morrer. Perguntou-lhe se soubera previamente do plano de assassinar o falecido rei. Diante da resposta negativa de Morton, disse: "Pois bem, Deus o agraciou com muitos benefícios que não concedeu a todos os homens: deu-lhe riquezas, sabedoria e amigos, e agora está para elevá-lo ao governo do reino. Por isso, em nome de Deus, exorto-o a empregar corretamente todos esses benefícios, melhor no futuro do que fez no passado: primeiro, para a glória de Deus, o avanço do evangelho e o sustento da igreja de Deus e de seu ministério; depois, para o bem do rei, de seu reino e de seus súditos leais. Se assim fizer, Deus o abençoará e honrará; mas, se não o fizer, Deus o privará desses benefícios, e seu fim será a ignomínia e a vergonha."

Na quinta-feira, dia 20, lorde Lindsay, o bispo de Caithness e vários cavalheiros o visitaram. Exortou-os a perseverar na verdade que tinham ouvido, pois não havia outra palavra de salvação, e rogou-lhes que não tivessem relações com os que estavam no castelo. Entrou o conde de Glencairn, que o visitara muitas vezes, acompanhado de lorde Ruthven. Este último, que só o visitou uma vez, disse: "Se houver alguma coisa, senhor, que eu possa fazer por vós, peço-vos que me ordeneis." Knox respondeu: "Não me importam todos os favores e amizades do mundo."

Uma senhora piedosa de suas relações desejou que ele louvasse a Deus pelo bem que fizera e começava a tecer-lhe elogios quando ele a interrompeu: "A língua, a língua, senhora! A carne já é por si mesma orgulhosa demais e não precisa de estímulo para se enaltecer." Recordou-lhe o que lhe fora dito muito

tempo antes — “Senhora, senhora, o maligno nunca pisou em vosso pé” — e exortou-a a abandonar o orgulho e revestir-se de humildade. Quanto a si, declarou, como muitas vezes antes, que confiava inteiramente na misericórdia gratuita de Deus, manifestada à humanidade por meio de seu amado Filho Jesus Cristo, a quem somente acolhia como sabedoria, justiça, santificação e redenção. Depois que os demais presentes se despediram, disse ao senhor da propriedade de Braid: “Todos me dão boa-noite, mas quando o fareis vós? Sou-vos muito devedor e jamais poderei retribuir; entrego-vos, porém, Àquele que pode fazê-lo, ao Deus eterno.” [N22]

Na sexta-feira, dia 21, pediu a Richard Bannatyne que mandasse fazer seu caixão. Durante o dia, dedicou-se intensamente à meditação e à oração. Estas palavras lhe vinham muitas vezes aos lábios: “Vem, Senhor Jesus. Doce Jesus, em tuas mãos entrego meu espírito. Tem misericórdia, Senhor, de tua igreja, que remiste. Dá paz a esta comunidade política aflita. Suscita pastores fiéis que assumam o cuidado de tua igreja. Concede-nos, Senhor, perfeita aversão ao pecado, tanto pelas manifestações de tua ira quanto de tua misericórdia.” Em meio às meditações, frequentemente dirigia-se aos que estavam ao seu lado com frases como estas: “Servi ao Senhor com temor, e a morte não vos será terrível. Antes, bendita será a morte para os que sentiram o poder da morte do Filho unigênito de Deus.”

No domingo, dia 23 — primeiro dia do jejum nacional —, durante o sermão da tarde, depois de ficar por bastante tempo em silêncio, exclamou de repente: “Se houver alguém presente, venha contemplar a obra de Deus.” Richard Bannatyne, pensando que a morte se aproximava, mandou buscar na igreja Johnston de Elphingston. Quando chegaram ao seu leito, Knox irrompeu nestas palavras arrebatadas: “Nestas duas últimas noites meditei sobre o estado atribulado da igreja de Deus, esposa de Jesus Cristo, desprezada pelo mundo, mas preciosa aos olhos de Deus. Clamei a Deus por ela e a entreguei à sua cabeça, Jesus Cristo. Lutei contra a maldade espiritual nas coisas celestiais e venci. Estive no céu e dele tenho posse. Provei as alegrias celestiais, onde já me encontro.” Repetiu então a oração do Senhor e o Credo, acrescentando uma piedosa súplica ao fim de cada petição e de cada artigo.

Depois do sermão, muitos vieram visitá-lo. Percebendo que respirava com grande dificuldade, alguns lhe perguntaram se sentia muita dor. Respondeu que estava disposto a permanecer ali durante anos, se Deus assim o quisesse e continuasse a iluminar-lhe a alma por meio de Jesus Cristo. Quando julgavam que dormia, estava entregue à meditação e, a intervalos, exortava e orava: “Vivei em Cristo. Vivei em Cristo, e então a carne não precisará temer a morte. Senhor, concede verdadeiros pastores à tua igreja para que se conserve a pureza da doutrina. Restitui a paz a esta comunidade política, com governantes e magistrados piedosos. Enfim, Senhor, põe termo à minha aflição.” Estendendo as mãos para o céu, disse: “Senhor, entrego meu espírito, minha alma, meu corpo, tudo, em tuas mãos. Conheces, ó Senhor, minhas aflições: não murmuro contra ti.” Suas exclamações piedosas foram tantas que os acompanhantes só conseguiram recordar uma parte, pois ele raramente se calava quando não estavam ocupados com leitura ou oração. Durante aquela noite, seu sofrimento aumentou muito.

Segunda-feira, 24 de novembro, foi seu último dia na terra. Naquela manhã, ninguém conseguiu persuadi-lo a permanecer deitado; embora incapaz de manter-se de pé sozinho, levantou-se entre nove e dez horas e vestiu as meias e o gibão. Conduzido a uma cadeira, ficou sentado por cerca de meia hora e depois voltou para a cama. Ao longo do dia, tornou-se evidente que seu fim se aproximava. Além da esposa e de Richard Bannatyne, estavam à cabeceira Campbell de Kinzeancleugh, Johnston de Elphingston e o dr. Preston, três de seus amigos mais íntimos. O sr. Campbell perguntou-lhe se sentia dor. “Não é uma dor penosa, mas da espécie que, espero, porá fim à batalha. Preciso entregar-vos o cuidado de minha esposa e de meus filhos”, continuou, “para os quais deveis ser marido em meu lugar.” Por volta das três horas da tarde, perdeu a visão de um dos olhos, e sua fala ficou consideravelmente afetada. Pediu à esposa que lesse o capítulo 15 da Primeira Epístola aos Coríntios. “Não é um capítulo consolador?”, perguntou ao término da leitura. “Oh, que doce e salutar consolação o Senhor me proporcionou nesse capítulo!” Pouco depois disse: “Agora, pela última vez, entrego minha alma, meu espírito e meu corpo” — tocando três dedos — “em tuas mãos, ó Senhor.” Por volta das cinco horas,

disse à esposa: “Vai ler onde lancei minha primeira âncora”; ela então leu o capítulo 17 do Evangelho de João e, depois, parte dos sermões de Calvino sobre os Efésios. Após isso, pareceu cair em torpor, durante o qual soltou fortes gemidos. Seus acompanhantes esperavam a cada instante seu falecimento. Por fim, despertou como de um sono e, perguntado sobre a causa de tão profundos suspiros, respondeu: “Durante minha frágil vida, enfrentei outrora muitas contendas e muitos assaltos de Satanás; agora, porém, aquele leão que ruge me atacou com extrema fúria e empregou todas as forças para devorar-me e acabar comigo de uma só vez. Muitas vezes antes pôs meus pecados diante dos olhos, muitas vezes me tentou ao desespero, muitas vezes procurou enredar-me com as seduções do mundo; mas com essas armas, quebradas pela espada do Espírito, a palavra de Deus, não pôde prevalecer. Agora atacou-me de outro modo: a serpente astuta esforçou-se por convencer-me de que eu merecera o céu e a bem-aventurança eterna pelo fiel cumprimento de meu ministério. Bendito, porém, seja Deus, que me capacitou a derrubar e apagar esse dardo inflamado, trazendo-me à mente passagens das Escrituras como estas: Que tens tu que não tenhas recebido? Pela graça de Deus sou o que sou. Não eu, mas a graça de Deus em mim. Assim vencido, ele me deixou. Por isso dou graças a meu Deus por Jesus Cristo, que se dignou conceder-me a vitória; e estou persuadido de que o tentador não voltará a atacar-me, mas dentro de pouco tempo, sem grande dor corporal nem angústia de espírito, trocarei esta vida mortal e miserável por uma bendita imortalidade em Jesus Cristo.”

Ficou então quieto por algumas horas, salvo quando pedia, de tempos em tempos, que lhe umedecessem a boca com um pouco de cerveja fraca. Às dez horas, leram a oração da noite, que haviam adiado para além do horário habitual por recearem que estivesse dormindo. Quando terminaram, o dr. Preston perguntou se ouvira as orações. “Quisera Deus”, disse Knox, “que vós e todos os homens as tivésseis ouvido como eu as ouvi: louvo a Deus por aquele som celestial.” O médico levantou-se, e o sr. Campbell sentou-se diante do leito. Por volta das onze horas, Knox deu um profundo suspiro e disse: “Agora chegou.” Richard Bannatyne aproximou-se imediatamente e pediu-lhe que pensasse nas promessas consoladoras de nosso Salvador Jesus Cristo que tantas vezes anunciara aos outros; percebendo que já não podia falar, pediu-lhe um sinal de que os ouvia e de que morria em paz. Knox então ergueu uma das mãos e, depois de suspirar duas vezes, expirou sem lutar.

Morreu no sexagésimo sétimo ano de sua vida, menos abatido pela idade do que consumido e exaurido pelos extraordinários trabalhos do corpo e pelas inquietações do espírito. Poucos homens foram expostos a mais perigos ou suportaram privações tão duras. Desde que abraçou a religião reformada até dar o último suspiro, raramente desfrutou trégua dessas provações: saía de uma série de dificuldades apenas para envolver-se em outra, ainda mais penosa. Obrigado a fugir de St. Andrews para escapar à fúria do cardeal Beaton, encontrou refúgio em East Lothian, de onde foi expulso pela perseguição do arcebispo Hamilton. Viveu vários anos fora da lei, temendo diariamente cair nas mãos daqueles que avidamente procuravam tirar-lhe a vida. Os poucos meses em que gozou de proteção no castelo de St. Andrews foram seguidos de um longo e rigoroso cativeiro. Depois de desfrutar algum repouso na Inglaterra, foi outra vez levado ao exílio e vagou por cinco anos pelo continente. Quando voltou à pátria, foi para travar uma luta das mais perigosas e árduas. Estabelecida a Reforma e instalado na capital, envolveu-se num conflito incessante com a corte. Quando se retirara da luta e pensava apenas em terminar seus dias em paz, foi chamado de volta ao campo; embora mal pudesse andar, viu-se obrigado a afastar-se de seu rebanho e a escapar ao ódio dos inimigos submetendo-se a novo desterro. Muitas vezes sua vida fora ameaçada; oferecera-se publicamente recompensa por sua cabeça; e não faltavam pessoas dispostas a tentar destruí-lo. Não admira que estivesse cansado do mundo e ansioso por partir. Com toda propriedade se podia dizer, ao morrer, que descansou de seus trabalhos. [N23]

Na quarta-feira, 26 de novembro, foi sepultado no cemitério de St. Giles. Acompanharam-lhe o funeral o regente recém-eleito, Morton, os nobres que se encontravam na cidade e uma grande multidão. Quando o corpo foi depositado na sepultura, o regente pronunciou seu elogio nas conhecidas palavras: “Aqui jaz aquele que jamais temeu a face de homem algum.”

Nosso reformador deixou viúva e cinco filhos. Seus dois filhos homens, Nathanael e Eleazar, nasceram de sua primeira esposa, a sra. Marjory Bowes. Já vimos que, por volta de 1566, foram para a Inglaterra, onde residiam os parentes da mãe. Estudaram no St. John's College da Universidade de Cambridge e, depois de concluir a educação, morreram na flor da idade. Ao que parece, morreram sem descendentes, extinguindo-se a família do reformador na linha masculina. Seus outros três filhos eram filhas de sua segunda esposa. Sua viúva, dama Margaret Stewart, casou-se depois com sir Andrew Ker de Fadounside, ardoroso partidário da Reforma. Uma das filhas se casou com o sr. Robert Pont, ministro de St. Cuthbert's; outra, com o sr. James Fleming, também ministro da igreja da Escócia; Elizabeth, a terceira, casou-se com o sr. John Welch, ministro de Ayr.

George Buchanan

GEORGE BUCHANAN nasceu por volta do começo de fevereiro de 1506. Seu pai era Thomas, segundo filho de Thomas Buchanan de Drummikill; sua mãe, Agnes Heriot, da família de Trabroun. A casa de que descendia, segundo ele próprio a caracterizou, distinguia-se mais pela antiguidade do que pela opulência. O único patrimônio herdado por seu pai foi a propriedade rural de Mid-Leowen, ou, como é mais comumente chamada, Moss, situada na paróquia de Killearn, no condado de Stirling. A casa da propriedade em que Buchanan nasceu foi reconstruída duas vezes; mas, em ambas as ocasiões, preservaram-se cuidadosamente suas dimensões e características originais, e até uma viga de carvalho e uma parede interna conservaram a antiga posição. O edifício atual, que se pode considerar um modelo fiel da residência paterna de Buchanan, é uma humilde cabana coberta de palha; ainda assim, continua a ser visitada com uma espécie de veneração religiosa. Um fragmento do carvalho é tido como relíquia preciosa; e sabe-se de um estudante irlandês que, desejoso de receber uma parcela da inspiração de Buchanan, viajou de Glasgow para visitar a casa e passar uma noite diretamente sob a viga original.

O pai de Buchanan morreu prematuramente; e, por volta da mesma época, seu avô viu-se insolvente. A família, que nunca fora abastada, ficou assim reduzida à extrema pobreza; mas sua mãe lutou com vigor contra as agruras de sua condição, e os cinco filhos e as três filhas chegaram à idade adulta. Segundo a tradição oral — à qual, contudo, não se deve dar crédito demasiado apressado —, o terceiro filho, cujas realizações extraordinárias tornaram ilustre a família, teria recebido os rudimentos da instrução na escola pública de Killearn, que por muito tempo conservou considerável renome. Mid-Leowen, às margens do Blane, fica a cerca de duas milhas da aldeia; e pode-se supor que o futuro poeta e estadista percorresse diariamente a pé o caminho da escola, levando consigo a refeição do meio-dia. Ainda se veem, nas imediações de sua cabana natal, muitas árvores que, segundo se conta, ele plantou nos tempos de escola. Uma delas, uma sorveira notável pelo tamanho, foi recentemente arrancada pela violência de uma tempestade; mas dois novos rebentos que brotaram de seus restos foram nutridos e protegidos com zeloso cuidado. Também o nome de sua mãe permanece numa lembrança campestre: um lugar preparado para abrigar seu rebanho ainda se chama Heriot's Shiels.

Posteriormente, Buchanan foi transferido para a escola de Dumbarton. O talento que começava a revelar recomendou-o ao favor e à proteção de seu tio materno, James Heriot, que em 1520 o enviou para prosseguir os estudos na Universidade de Paris. Foi ali que começou a cultivar seus dons poéticos, movido em parte, como ele nos informa, pela inclinação natural de seu espírito e, em parte, pela necessidade de realizar os exercícios habituais prescritos aos estudantes mais jovens. Buchanan não pretendia ser um daqueles gênios brilhantes capazes de aprender uma nova língua a cada seis semanas: sugere, de passagem, que seu conhecimento do latim resultou de muito labor na juventude. O grego, em que também alcançou proficiência, aprendeu sem o auxílio de um mestre. Antes de decorridos dois anos de sua chegada a Paris, morreu seu tio, deixando-o exposto à penúria em terra estrangeira. Sua miséria agravou-se com uma enfermidade violenta, talvez causada pela pobreza e pelas humilhações. Nesse estado de abatimento, sem esperança, regressou à Escócia na idade crítica de dezesseis anos.

Depois de dedicar a maior parte de um ano aos cuidados da saúde, assumiu a condição de soldado e serviu com as tropas auxiliares que o duque de Albany trouxera da França. Com elas marchou contra a Inglaterra no fim de 1523. Essa expedição infrutífera terminou num ataque ao castelo de Werk, do qual foram repelidos e obrigados a retirar-se; atravessaram novamente o Tweed rumo a Lauder, à meia-noite, em meio a uma forte tempestade de neve. O que experimentou nessa campanha não lhe aumentou o apreço pela vida militar: as privações que suportara reduziram-no ao antigo estado de prostração, e ele passou acamado o restante do inverno.

No início da primavera seguinte, quando completara dezoito anos, foi enviado à Universidade de St. Andrews. Patrick Buchanan, seu irmão mais velho, matriculou-se na mesma ocasião. Em 3 de outubro de 1525, George Buchanan recebeu o grau de bacharel em artes; e consta do registro da faculdade que então era aluno pobre, ou bolsista. Nessa época, o célebre John Mair ensinava lógica no colégio de St. Salvador. Buchanan informa que fora enviado a St. Andrews para assistir às suas aulas e que depois seguiu Mair até a França.

Ao voltar à França, tornou-se aluno do colégio escocês de Paris. Em 10 de outubro de 1527, foi incorporado como bacharel em artes e recebeu o grau superior em março do ano seguinte. Em 1529, candidatou-se ao cargo de procurador da nação germânica; mas seu compatriota cego Robert Wauchope, mais tarde arcebispo de Armagh, foi eleito pela nona vez. Buchanan sofreu essa derrota em 5 de maio, porém teve melhor sorte em 3 de junho. Como a Universidade de Paris recebia estudantes de diversos países, eles se distribuíam em quatro classes ou nações. A chamada nação germânica incluía os acadêmicos escoceses.

Nessa época, os princípios da Reforma haviam começado a difundir-se amplamente e eram discutidos com vivo interesse no continente. Ao regressar a Paris, Buchanan foi alcançado pela chama que se propagava. Seu luteranismo parece tê-lo exposto a novas humilhações; pois, depois de manifestar sua adesão, continuou por quase dois anos a lutar contra a adversidade. Ao fim desse período, foi nomeado regente ou professor no colégio de St. Barbe, onde ensinou gramática por cerca de três anos. Apesar de suas eminentes qualificações para o cargo, os serviços que prestava parecem ter-lhe rendido remuneração muito insuficiente; ainda assim, descreve sua situação como relativamente confortável em comparação com as misérias a que estavam expostos, naquele tempo, os professores de humanidades em Paris. Quando começou a trabalhar em St. Barbe, tinha vinte e três anos.

Por essa época, Gilbert Kennedy, conde de Cassilis, que residia perto do colégio de St. Barbe, conheceu Buchanan, admirou seus talentos literários e encantou-se com sua conversa. Por isso, contratou-o como preceptor. A primeira obra que Buchanan levou ao prelo foi uma tradução dos rudimentos de gramática latina do célebre Thomas Linacre, dedicada a lorde Cassilis, “um jovem dos mais promissores talentos e de excelente índole”. Essa versão latina foi impressa por R. Stephanus em 1533.

Depois de residirem juntos por cinco anos, mestre e aluno regressaram à Escócia. Enquanto estava na residência campestre do conde, Buchanan compôs um breve poema que o tornou extremamente detestado pelos eclesiásticos, ordem de homens que, em geral, é perigoso provocar. Nele manifesta sua aversão à vida monástica e estigmatiza a insolência e a hipocrisia dos monges, sobretudo dos da ordem de São Francisco. Quando conheceram essa amostra de sua verve satírica, os santos padres logo esqueceram suas profissões de mansidão e resolveram convencê-lo de sua presunção heterodoxa por depreciar as sagradas instituições da igreja.

Buchanan decidira retomar as antigas ocupações na França; mas o rei James V o reteve como preceptor de um de seus filhos naturais. Esse filho não era, como geralmente se supôs, o célebre James Stuart, que mais tarde alcançou a regência, mas outro que tinha o mesmo nome de batismo.

Não tardou, porém, a experimentar o perigo de estender seu escárnio aos ortodoxos. A promoção de um zombador irreverente dos sacerdotes deve ter acentuado o despeito deles; e os frades franciscanos, ainda ressentidos de seu Somnium, encontraram meio de apresentá-lo ao rei como homem de costumes

depravados e de fé duvidosa. Nessa ocasião, contudo, o zelo voltou-se contra eles próprios. Comparando a humildade que professavam com a arrogância de sua conduta, James já começara a descobrir-lhes o verdadeiro caráter; e o papel que julgava terem desempenhado numa conspiração recente contra sua vida não diminuíra sua antipatia. Em vez de entregar o poeta ao descrédito ou ao castigo, o rei, ciente de que o ressentimento pessoal aguçaria sua sátira, ordenou-lhe, diante de muitos cortesãos, que renovasse seu ataque certeiro aos mesmos piedosos padres.

A experiência recente, entretanto, ensinara Buchanan a importância da prudência. Resolveu satisfazer o rei sem aumentar contra si o rancor dos frades. Para isso, compôs uma espécie de retratação que, supunha, poderia iludir os franciscanos pela ambiguidade das expressões. Mas enganou-se em ambos os propósitos: a indignação do rei, ele próprio poeta satírico, não se satisfazia tão facilmente, e os frades foram levados a um grau ainda maior de ressentimento. James pediu-lhe que compusesse outra sátira, capaz de expor os vícios deles sob luz mais clara. O assunto era abundante e bem adequado aos talentos e às intenções do poeta. Ele se aplicou, portanto, à composição do poema mais tarde publicado sob o título Franciscanus — O franciscano — e logo apresentou uma amostra para satisfazer a impaciência do rei. Essa obra, tal como se apresenta em sua forma acabada, pode ser considerada, sem risco, a sátira mais hábil e mordaz que qualquer nação ou língua seja capaz de oferecer. O poeta não seguiu servilmente o modelo de nenhum autor antigo: é original e sem igual. A um domínio magistral da fraseologia clássica, alia rara felicidade na versificação; e sua linguagem, à medida que cresce a indignação, muitas vezes se eleva à majestade e ao esplendor. As combinações de sua verve são variadas e originais; e revela-se observador dos mais perspicazes da vida humana. Nenhuma classe de homens jamais foi exposta de modo mais completo ao ridículo e à infâmia; tampouco surpreende que o clero papista passasse a olhar o autor com ódio implacável. Muitos documentos históricos ainda atestam a validade de suas acusações poéticas. O próprio Buchanan relatou, em prosa simples, que, por essa época, alguns eclesiásticos escoceses eram tão deploravelmente ignorantes que supunham ser Martinho Lutero o autor de um livro perigoso chamado Novo Testamento.

Como, porém, a igreja era infalível, ele logo reconheceu o perigo de chamar seus servidores pelos nomes que lhes cabiam. No início de 1539, muitas pessoas suspeitas de professar os princípios reformados foram envolvidas nas cenas horríveis da perseguição. Perto do fim de fevereiro, cinco foram entregues às chamas; nove fizeram uma retratação formal de seus supostos erros, e muitos foram compelidos ao exílio. Buchanan fora incluído na prisão geral. Depois que o detiveram, o cardeal Beaton tentou apressar sua condenação oferecendo ao rei certa quantia em dinheiro como preço de seu sangue inocente. Alguns amigos na corte informaram Buchanan dessa circunstância; e o conhecimento que tinha da infeliz propensão do rei à avareza deve ter agravado todos os horrores de sua situação. Impelido pelo pensamento do perigo crescente, fez uma tentativa bem-sucedida de recuperar a liberdade: enquanto os guardas dormiam profundamente, escapou pela janela do aposento em que estava confinado. Tomando o caminho do sul, logo enfrentou novas desventuras. Ao chegar à fronteira, foi importunado por ladrões; sua vida também correu perigo por causa do contágio de uma doença pestilenta que assolava o norte da Inglaterra. Escapou, porém, de ambos os perigos e chegou em segurança a Londres.

Ao chegar a Londres, recebeu a amizade de sir John Rainsford, que o protegeu da fúria dos papistas. Buchanan não se esqueceu depois dessa generosa proteção: imortalizou o benfeitor dedicando um poema à sua memória. Ficou pouco tempo em Londres, pois não encontrou patronos; e o aspecto dos negócios políticos ingleses tampouco era de molde a conquistar-lhe o afeto por aquela nação: desejava fugir de um país que via exposto às crueldades gratuitas de um tirano brutal. A civilização da França, bem como as amizades particulares que ali fizera, levaram-no a decidir regressar a Paris. Ao chegar, porém, em 1539, descobriu que o cardeal Beaton residia na cidade como embaixador. André Gouveia, natural de Portugal, convidou-o a Bordeaux; ele não hesitou em aproveitar a oportunidade de afastar-se da influência do ódio mortal do cardeal. Gouveia fora nomeado diretor do colégio de Guienne, recentemente fundado naquela cidade; e Buchanan, evidentemente graças à sua influência, foi então

designado um dos professores. Deve ter fixado residência ali antes do fim do ano, pois apresentou a Carlos V, que fez sua entrada solene em Bordeaux em 1º de dezembro de 1539, um poema em nome do colégio.

A tarefa que lhe confiaram em Bordeaux era ensinar latim. Não parece ter nutrido especial afeição por tal ocupação; mas, embora bastante trabalhosa, ela jamais diminuiu a elevação natural de seu espírito. Prosseguiu então em seus estudos poéticos com ardor digno de admiração: durante os três anos de residência em Bordeaux, concluiu quatro tragédias, além de diversos poemas sobre assuntos variados. Era prática comum, tanto então como muito depois, que estudantes se exercitassem na representação de dramas latinos. Na poesia dramática, o gosto francês ainda era rude e grotesco, pois a nação não começara a libertar-se dos absurdos dos antigos mistérios e alegorias. Com o propósito de familiarizar os jovens com modelos mais corretos e elegantes do teatro antigo, Buchanan, com a audácia habitual, aventurou-se de súbito nesse campo da literatura. A primeira de suas composições dramáticas intitulou-se Baptistes — O Batista. Em época anterior, dedicara-se ao estudo do grego, sem auxílio de mestre, e, como exercício útil, fizera então uma tradução fiel da Medeia de Eurípides. Apresentou agora uma versão poética no teatro do colégio e, depois, a pedido insistente dos amigos, permitiu que fosse impressa. As duas tragédias foram representadas com aplausos superiores às suas expectativas. Mais tarde escreveu Jephthes e traduziu Alceste, outra tragédia de Eurípides. Essas últimas obras, como as destinava à publicação, parecem ter sido escritas com diligência ainda maior, quando consideramos os trabalhos de seu ofício e as perturbações causadas pela incansável inimizade do cardeal Beaton e dos franciscanos, que ainda ameaçavam sua vida. Numa carta ao arcebispo de Bordeaux, o cardeal pedira que prendesse o poeta herético; mas, como a carta fora confiada a alguém muito interessado no bem-estar de Buchanan, deixaram-no permanecer sem molestá-lo. O aparecimento de uma peste terrível em Guienne ocupou por algum tempo a atenção deles; e a morte do rei James, em 1542, ao abrir à ambição do cardeal um campo de intrigas políticas em sua terra, livrou Buchanan do temor de novas perseguições.

O Baptistes, embora inferior à outra tragédia em interesse dramático, está mais fortemente impregnado das ideias características do autor. Seu grande tema é a liberdade civil e religiosa. O poeta exprime-se frequentemente com ousadia espantosa; sua linguagem sobre a tirania e as artimanhas do clero é tão vigorosa e franca que, naquele tempo, não teria sido tolerada em muitos colégios.

Suas traduções de Eurípides, tanto quanto as obras originais, devem ter contribuído para reavivar o gênio do drama antigo. Foram realizadas com considerável felicidade. A dicção de Alceste supera a de Medeia; esta última, contudo, pareceu tão perfeitamente clássica a seus eruditos contemporâneos que surgiram fortes suspeitas de que ele houvesse publicado sob o próprio nome algum manuscrito da Antiguidade.

A excelência dos professores e a dedicação dos alunos logo tornaram o colégio de Guienne uma das escolas mais distintas da França. Nos dramas eruditos representados no colégio, o conhecido Michel de Montaigne atuava com frequência.

Buchanan jamais afrouxou o cuidado com os interesses da cultura elegante e útil. Numa ode sáfica dirigida aos jovens de Bordeaux, recordou-lhes a dignidade e a importância das artes liberais, especialmente daquela que ele próprio cultivara com tanto êxito. Os esforços de tal preceptor não poderiam deixar de aperfeiçoar o gosto dos discípulos; mas o esplendor de sua poesia parece ter proporcionado ao colégio outro benefício, de natureza concreta. A instituição distinguia-se mais pelo saber de seus membros do que pela abundância de seus recursos. A escassez de sua dotação era sentida de maneira tão aguda que Buchanan, por sugestão dos colegas, dirigiu uma exposição em versos a Francis Olivier, chanceler da França, obtendo o resultado desejado. Mais tarde dedicou ao chanceler uma elegante ode em que comemorou sua liberalidade e presteza em melhorar-lhes a condição.

As relações sociais de Buchanan não se limitavam ao colégio e à cidade. Foi nesse período que, ocasionalmente, desfrutou da companhia de um personagem extraordinário que morava a considerável distância. Em Agen, o Scaliger mais velho exercia então a medicina. Quando ali se estabeleceu, não encontrou na cidade uma única pessoa capaz de manter uma conversa literária; por isso, cultivou relações de amizade com alguns dos habitantes mais esclarecidos de Bordeaux. Buchanan, Tevius e outros estudiosos eminentes então ligados ao colégio de Guienne costumavam visitá-lo anualmente nas férias. Eram recebidos com hospitalidade em sua casa, e ele declarava esquecer as torturas da gota sempre que podia conversar sobre assuntos eruditos com tais hóspedes. O Scaliger mais jovem, mais ilustre que o pai, herdou sua grande admiração pelo poeta escocês. A Buchanan atribuía decidida superioridade sobre todos os poetas latinos daquele tempo.

Depois de residir três anos em Bordeaux, mudou-se para Paris. Em 1544, exercia a função de regente no colégio do cardeal Le Maire, cargo que conservou até 1547. Por volta do primeiro desses anos, foi atormentado miseravelmente pela gota e reconheceu o auxílio médico que recebera de Carolus Stephanus, doutor em medicina da faculdade de Paris, que, como muitos de seus parentes, se distinguia tanto como erudito quanto como impressor.

No colégio do cardeal Le Maire, Buchanan tinha colegas à sua altura: Turnebus e Muretus, dois dos mais eminentes eruditos dos tempos modernos. Observou-se que três dos homens mais sábios do mundo ensinavam então humanidades no mesmo colégio: Turnebus lecionava à primeira classe, Buchanan à segunda e Muretus à terceira.

João III, rei de Portugal, fundara a Universidade de Coimbra. Como seus domínios não podiam fornecer prontamente professores competentes, convidou André Gouveia a aceitar sua direção e a trazer da França um número considerável de homens versados em filosofia e literatura antiga. Gouveia regressou, portanto, à terra natal em 1547, acompanhado de Buchanan e de outros colaboradores. Os assuntos da Europa ofereciam então um quadro alarmante, e Portugal parecia ser quase o único recanto livre de tumultos. Buchanan acolheu prontamente as propostas de Gouveia e ficou tão satisfeito com as qualidades de seus companheiros que persuadiu também o irmão Patrick a unir-se àquela célebre colônia. A vários de seus membros já o ligavam os vínculos mais estreitos da amizade, e todos se haviam distinguido pela publicação de obras eruditas.

A felicidade que Buchanan esperara encontrar entre companheiros tão afins a seus gostos logo chegou ao fim com a morte de Gouveia, em 1548. Enquanto viveu esse homem digno, Buchanan e seus colaboradores consideraram bastante agradável sua situação em Coimbra; privados, porém, de sua proteção, começaram a sofrer a perseguição dos portugueses com intolerância implacável. A princípio, os inofensivos professores foram atacados com as armas secretas da calúnia; no devido tempo, passaram a ser acusados em voz alta de crimes imaginários. Três deles foram lançados nas masmorras da Inquisição e, depois de suportarem longo e repugnante encarceramento, acabaram levados perante aquele tribunal infernal. Segundo a prática habitual, não foram postos frente a frente com os acusadores, cujos nomes sequer conheciam. Como não foi possível considerá-los culpados de crime algum, cobriram-nos de censuras e os recolheram novamente à prisão.

O gênio superior de Buchanan atraiu indignação fora do comum. Acusaram-no de escrever um poema ímpio contra os franciscanos, embora os inquisidores desconhecessem completamente a natureza do poema. A única cópia de que alguma vez se desfizera fora oferecida a seu soberano, James V; e, antes de deixar a França, tomara ainda a precaução de fazer explicar devidamente ao monarca português as circunstâncias em que a obra fora composta. Também foi acusado de comer carne na Quaresma, embora a prática fosse universal em Portugal. Atribuíram-lhe, além disso, a afirmação, numa conversa com alguns jovens portugueses, de que, quanto à eucaristia, Santo Agostinho lhe parecia fortemente inclinado à opinião condenada pela Igreja de Roma. Duas testemunhas, que mais tarde descobriu serem Joannes Ferrerius, piemontês que visitara a Escócia e residira em Kinloss, autor de uma continuação da

História da Escócia de Boece, e Jean Tulpin, doutor em teologia natural da Normandia, depuseram formalmente que diversas pessoas respeitáveis lhes haviam assegurado que Buchanan era contrário à fé romana.

Depois de os inquisidores haverem atormentado Buchanan e a si mesmos por quase um ano e meio, condenaram-no, para justificar o procedimento contra um erudito tão célebre, à reclusão por alguns meses num mosteiro, a fim de receber instrução completa dos monges: homens de modo algum desprovidos de humanidade ou depravados nos costumes, mas inteiramente alheios à religião. Durante o cativeiro, consolou-se compondo aquela incomparável paráfrase dos Salmos de Davi, que o colocou à frente dos poetas latinos modernos e continuará a ser lida com prazer enquanto for compreendida a língua em que foi escrita.

Por fim, Buchanan recuperou a liberdade, aparentemente munido de testemunhos favoráveis dos monges; pois, quando pediu ao rei permissão para voltar à França, este lhe solicitou que permanecesse em Portugal e lhe concedeu uma pequena soma até que fosse elevado a uma posição digna de seus talentos.

Percebendo que a perspectiva de promoção pelo monarca português era incerta, Buchanan decidiu abandonar o país onde recebera tratamento tão indigno. Embarcou num navio de Cândia que encontrou no porto de Lisboa e chegou em segurança à Inglaterra. Não ficou ali por muito tempo, embora lhe tenham feito propostas atraentes para que permanecesse. A situação política inglesa parecia pouco promissora: Edward VI, ainda criança, ocupava o trono; os nobres estavam em desacordo entre si; e o povo continuava agitado pelas recentes convulsões civis [1552]. Chegou à França por volta do início de 1553, quando foi levantado o cerco de Metz; a pedido insistente dos amigos, embora com relutância, compôs um poema sobre o episódio, já celebrado por diversos poetas de seu círculo.

Nessa altura da vida, Buchanan parece ter-se afeiçoado profundamente aos franceses; e eles, com sua vaidade característica, desejavam chamar de seu um poeta cuja reputação irradiava glória sobre o país a que seu nome se ligava. Deu expressão a esse afeto no poema Adventus in Galliam, escrito aproximadamente nessa época.

Pouco depois de voltar a Paris, foi nomeado regente do colégio de Boncourt. Em 1555, o célebre marechal conde de Brissac chamou-o para ser preceptor particular de seu filho, Timoléon de Cossé. Naquele período, o marechal governava os domínios franceses na Itália, para onde Buchanan foi convidado a acompanhar o discípulo.

O marechal de Brissac vivia na Itália com magnificência principesca. Embora grande parte de sua existência houvesse transcorrido entre tumultos de guerra, parecia, como os mais eminentes heróis da Antiguidade, cultivar as artes liberais em meio ao estrépito das armas e desfrutar, no próprio acampamento, da companhia de homens instruídos. Reconheceu no preceptor do filho alguém capaz de honrar posição mais elevada e, por isso, tratou Buchanan com máximo respeito e deferência. Chegava a fazê-lo sentar-se no conselho, entre os principais oficiais do exército. Buchanan não devia essa distinção a conhecimentos práticos ou teóricos de guerra, mas à perspicácia espontânea de seu espírito abrangente; sua primeira admissão resultara de um acaso. Entrou certa vez num aposento contíguo à sala onde o marechal e seus oficiais discutiam uma medida de grande importância. Ao ouvir o debate, não pôde deixar de murmurar sua desaprovação à opinião da maioria. Um dos generais sorriu diante de intervenção tão inesperada; o marechal, porém, convidou-o a participar do conselho e ordenou-lhe que expusesse livremente seu parecer. Buchanan discutiu então a questão com sua habitual clareza, para espanto de Brissac e de seus oficiais. Ao fim, suas sugestões revelaram-se proféticas.

Buchanan dedicava muito tempo ao estudo da teologia. Naquela época, as controvérsias religiosas ocupavam a inteligência de grande parte da humanidade; ele também desejava assentar a própria fé sobre o sólido fundamento da razão. Nem por isso abandonou por completo os estudos poéticos. Parece

ter concebido então o projeto do poema filosófico De Sphæra, que suas ocupações posteriores não lhe permitiram concluir.

Sua ligação com a família de Brissac terminou em 1560, quando as chamas da guerra civil já haviam tomado a França e os amigos da liberdade civil e religiosa triunfado na Escócia. Não se sabe ao certo quando voltou; em janeiro de 1562, porém, encontrava-se na corte escocesa, e em abril atuava como mestre de literatura clássica da rainha, então no vigésimo ano de sua vida. Todas as tardes, ela lia com Buchanan uma passagem de Tito Lívio. A condescendência da realeza conquista até os mais austeros; aliada às maneiras elegantes e cativantes de uma bela princesa em pleno frescor da juventude, não admira que a jovem soberana se tornasse objeto de ardente admiração para Buchanan. Ele a manifestou na dedicatória da primeira edição completa de seus Salmos, publicada pouco depois da chegada de Mary à Escócia e antes que sua conduta lhe custasse a estima dos amigos.

A época do retorno definitivo de Buchanan à pátria foi de grande importância. Após violenta luta entre a antiga e a nova religião, esta última prevalecera, e suas doutrinas e disciplina receberam a sanção do Parlamento em 1560. Ele sempre nutrira secreta afeição pelos princípios vigorosos da Reforma; e seu apego, como reconheceu francamente, fora reforçado pela hostilidade pessoal dos frades cinzentos. Residindo agora num país onde podia declarar livremente suas convicções, professou-se membro da Igreja reformada da Escócia, contribuição devidamente apreciada pelos dirigentes da causa. O conde de Moray caminhava então para o ápice de poder que mais tarde alcançaria. Era um dos poucos nobres escoceses de seu tempo que respeitavam as letras e patrocinavam seus cultivadores.

Em 1564, a rainha Mary recompensou os méritos literários de Buchanan concedendo-lhe os rendimentos temporais da abadia de Crossraguel, avaliados em quinhentas libras escocesas por ano. Mas, enquanto gozava do favor da soberana, não negligenciou seu poderoso amigo, o conde de Moray.

Preparou para impressão a coletânea Fratres Fraterrimi, composta de sátiras quase inteiramente dirigidas contra as impurezas da Igreja papal. O absurdo de suas doutrinas e a vida imoral de seus sacerdotes ofereciam largo campo ao exercício de seu formidável talento; ele empregou alternadamente as armas da ironia mordaz e da indignação veemente. Dedicou a coletânea ao conde de Moray, que logo lhe obteve um cargo de certa dignidade e importância. Na qualidade de comendador[9] do priorado de St. Andrews, Moray tinha o direito de nomear o diretor do colégio de St. Leonard; aberta uma vaga por volta de 1566, pôs Buchanan à frente daquela instituição.

Em 1567, Buchanan publicou outra coletânea, compreendendo Elegiæ, Silvæ e Hendecasyllabi. Uma carta a seu amigo Peter Daniel, anteposta à obra, sugere que ele ainda desempenhava alguma função junto à corte. Diz: “Entre as ocupações da corte e os incômodos da doença, mal consegui furtar um pouco de tempo para dedicar a meus amigos ou a mim mesmo; por isso, vi-me impedido de manter correspondência frequente com eles e de reunir meus poemas, tão dispersos. De minha parte, não me preocupava muito em resgatá-los do esquecimento; mas, como certos amigos a quem não posso nem devo recusar pedido algum os reclamaram com tamanha insistência, empreguei algumas horas vagas em reunir uma parte e ordená-la. Apresento-lhe, por ora, esta amostra, constituída de um livro de elegias, outro de poemas diversos e um terceiro de hendecassílabos. Quando lhe for conveniente, peço que os mostre a Montauré, Des Mesmes e outros amigos versados em filologia, sem cujo parecer espero que não tome nenhuma providência quanto à publicação.

“Em minha paráfrase dos Salmos, corrigi muitos erros tipográficos e fiz também diversas alterações; rogo-lhe, portanto, que aconselhe Stephanus a não publicar nova edição sem meu conhecimento. Até agora não encontrei tempo para terminar o segundo livro de meu poema De Sphæra*; por isso não fiz

9 Nota desta edição: Titular que detinha em comenda a administração ou os rendimentos de uma casa religiosa, sem necessariamente integrar sua comunidade. Aqui se refere ao priorado de St. Andrews, e não a uma condecoração.

cópia do primeiro. Assim que terminar o segundo, enviarei ambos. Cumprimente em meu nome todos os nossos amigos de Orléans e quaisquer outros que puder. Adeus. Edimburgo, 24 de julho de 1566."

Enquanto dirigiu o colégio de St. Leonard, parece ter desfrutado da estima e da confiança da universidade. Em 1566 e nos dois anos seguintes, foi um dos quatro eleitores do reitor; cada um dos três reitores sucessivamente escolhidos o nomeou pró-reitor. Por vários anos, foi também decano da faculdade. Nas assembleias gerais da Igreja nacional realizadas em Edimburgo de 1563 a 1567, teve assento na qualidade de "doutor" e participou constantemente dos comitês mais importantes. No último desses anos, foi escolhido moderador.

Foi então chamado a deixar as serenas atividades de erudito, poeta e teólogo para entrar na arena política. Depois da derrota da rainha em Langside, ela buscou refúgio na Inglaterra, numa hora funesta. Forçado pelas circunstâncias, o regente assumiu a ingrata tarefa de acusar sua irmã e soberana. No cumprimento desse penoso dever, contou com o auxílio de Buchanan, que o acompanhou às conferências de York e Westminster, em 1568–1569, e redigiu em latim a Exposição dos atos de Mary, rainha dos escoceses, amplamente divulgada pela corte inglesa. Buchanan recebeu muitas censuras imerecidas quando surgiu outra obra latina sobre o mesmo assunto, Acusação contra Mary, rainha dos escoceses, atribuída a ele, mas escrita por sir Thomas Smith, satélite da rainha Elizabeth, e anexada em itálico à Exposição publicada em Londres em 1571.

A Exposição, tal como Buchanan a escrevera originalmente, era uma breve apresentação histórica dos fatos anteriores ao casamento com Bothwell, estritamente necessária para compreender a questão e justificar os atos dos nobres; fora redigida com precisão sóbria e clássica, incisiva sem ser virulenta. Já a Acusação contra Mary é uma declamação enfadonha e invectiva maligna, escrita em deliberada imitação dos oradores antigos, que Buchanan jamais imitou.

Pouco depois do assassinato do regente, Buchanan foi elevado a um posto de considerável importância: tornou-se um dos preceptores do jovem rei. Durante a infância, o príncipe ficara aos cuidados do conde de Mar, nobre de integridade irrepreensível. Em 1570, quando Buchanan assumiu o encargo, o menino tinha apenas quatro anos. Partilhavam a função com ele Peter Young e os dois abades de Cambuskenneth e Dryburgh, David e Adam Erskine, ambos parentes da nobre família de Mar.

Durante a regência de Moray, Buchanan parece ter exercido a direção da chancelaria por pouco tempo; provavelmente renunciou ao posto quando foi nomeado guardião do selo privado sob o regente Lennox, em 1570. O cargo era sem dúvida honroso e provavelmente rendoso. Dava-lhe assento no Parlamento, de cujos trabalhos participou ativamente, sendo designado comissário em várias ocasiões importantes. Em 1578, integrou uma comissão composta de algumas das mais ilustres figuras da Escócia por posição ou talento, encarregada de examinar e sistematizar as leis do país; mas a iniciativa jamais chegou a ser executada. Também participou de duas comissões relativas ao ensino: uma deveria preparar uma gramática latina adequada, a ser adotada oficialmente em todas as escolas; a outra, inspecionar e reformar as universidades e os colégios do reino, afastar professores sem qualificação e substituí-los por pessoas mais competentes. Além dessas, integrou uma comissão encarregada de examinar um "Livro da organização da Igreja".

No período em que Morton foi afastado da regência por causa de seus projetos de engrandecimento pessoal, Buchanan foi associado a outros oficiais do Estado nomeados pelo Conselho Privado para aconselhar e orientar o jovem monarca. O retorno do conde de Morton ao poder logo tornou desnecessário esse encargo. Em meio a tantas ocupações, contudo, toda a sua alma parecia empenhada em formar na mente do discípulo régio os princípios que, por si sós, elevam o caráter e asseguram a felicidade do governante supremo de um Estado livre.

Depois de preparar para a imprensa a tragédia Baptistes, dedicou-a ao jovem rei em 1576. A dedicatória fala num tom que raramente chega aos ouvidos dos soberanos. Parece solene advertência profética, pela

qual o venerável preceptor se exime de qualquer culpa que pudesse resultar da má conduta do discípulo e, com inquietação demasiado fundada, previne-o contra o abandono dos ensinamentos da juventude.

"Esta circunstância", diz, "talvez diga respeito a vós de maneira especial, pois mostra claramente o castigo dos tiranos e a desventura que os espera mesmo quando sua prosperidade parece alcançar o auge. Considero conveniente e até necessário que adquirais desde já tal conhecimento, para que cedo comeceis a odiar aquilo de que deveis até fugir. Desejo, portanto, que esta obra permaneça como testemunho à posteridade: se, levado por maus conselheiros ou permitindo que a licença do poder real prevaleça sobre uma educação virtuosa, vierdes a cometer algum ato indigno, a culpa será atribuída não aos vossos preceptores, mas a vós, que não obedecestes às suas salutares advertências."

Três anos depois, com linguagem semelhante e inquietação crescente, como se "a idade lhe houvesse comunicado sua sabedoria oculta", dedicou-lhe o mais importante de seus escritos, à exceção da História: o tratado De Jure Regni apud Scotos. "Julguei conveniente", diz o venerável mestre, "esta publicação, para que dê testemunho de meu zelo por vosso serviço e, ao mesmo tempo, vos recorde o dever que tendes para com a comunidade." Após alguns elogios à docilidade do discípulo, acrescenta: "Ainda assim, sou obrigado a alimentar certa suspeita, por leve que seja, de que as más companhias, sedutora ama dos vícios, venham a imprimir um impulso funesto em vosso espírito ainda tenro, sobretudo porque sei com que facilidade os sentidos se deixam seduzir. Por isso vos envio este tratado, não somente como conselho, mas como exortador insistente e às vezes atrevido, que nesta fase decisiva da vida vos guie em segurança para além dos perigosos escolhos da adulação; que não apenas vos mostre o caminho, mas vos conserve nele; e, se dele vos desviardes, repreenda-vos e vos reconduza. Se obedecerdes a essa voz, assegurareis tranquilidade a vós e à vossa família e transmitireis vossa glória à mais remota posteridade."

O tratado, escrito originalmente em defesa dos amigos da liberdade quanto ao modo como haviam tratado a rainha, não se ocupa de discutir a questão meramente local de sua participação no assassinato do marido e de sua sujeição a castigo. Examina, em todas as suas faces, a vasta e delicada questão da lealdade política, com o propósito de mostrar que somente um bom governo tem direito ao apoio dos súditos e que um mau governo deve encontrar resistência. Ao ser publicado, teve de enfrentar preconceitos e interesses acumulados durante séculos de ignorância e superstição. Foi amplamente lido no continente e lançou raízes tão profundas na opinião pública europeia que as débeis tentativas do próprio monarca a quem fora dedicado não conseguiram extirpá-lo. O juízo de alguns dos mais competentes escritores de nosso tempo atribuiu-lhe lugar de destaque entre os poucos livros de ciência política dignos de preservação. "A ciência", diz Sir James Mackintosh, "que ensina os direitos do homem e a eloquência que inflama o espírito de liberdade haviam sido, durante séculos, sepultadas com os demais monumentos da sabedoria e vestígios do gênio da Antiguidade. O renascimento das letras abriu pela primeira vez, mas só a uns poucos, essa fonte sagrada. Os trabalhos necessários da crítica e da lexicografia ocuparam os primeiros eruditos; passou-se algum tempo antes que o espírito antigo se infundisse em seus admiradores. O primeiro homem daquele período a unir cultura elegante a pensamento original e vigoroso foi Buchanan; parece também ter sido o primeiro erudito a colher dos antigos a nobre chama do entusiasmo republicano. Merece esse louvor seu tratado negligenciado, embora incomparável, De Jure Regni, no qual os princípios da política popular e as máximas de um governo livre são expostos com precisão e defendidos com uma energia que nenhuma época anterior igualara e nenhuma posterior superou."

Já no septuagésimo quarto ano de sua vida, Buchanan compôs um breve relato de sua vida, instigado por alguns de seus numerosos amigos. A pequena obra foi escrita com sua habitual elegância e com a modéstia e franqueza dignas de caráter tão ilustre. Seus aspectos principais, até onde ela alcança, foram acompanhados ao longo desta biografia.

Um exemplo de sua amabilidade nessa fase avançada da vida foi contado por Thomas Jack, mestre da escola de gramática de Glasgow e, mais tarde, ministro de Eastwood. Ele procurou Buchanan para pedir que revisasse um manuscrito intitulado Onomasticon Poeticum, composto em versos latinos. Conta: "Encontrei-o no palácio real de Stirling, diligentemente ocupado em escrever sua História da Escócia. Longe de se desagradar com minha interrupção, recebeu alegremente meu trabalho e, depois de ler duas ou três páginas, reuniu os próprios papéis que estavam espalhados sobre a mesa e disse: 'Deixarei meu empreendimento de lado até fazer o que desejais.' Cumpriu fielmente a promessa e, em poucos dias, entregou-me uma folha escrita de próprio punho com as correções que julgara necessárias."

Sua última carta, endereçada ao antigo amigo Beza, mostra-o sob luz igualmente agradável: "Embora minha atenção se divida entre diversas ocupações e meu estado de saúde seja tão desesperador que mal me deixe tempo para as tarefas comuns da vida, a partida de Jérôme Groslot afastou todas as minhas desculpas. Seu pai, homem distinto, cumulou-me de toda espécie de gentilezas durante minha estada na França, e o filho me honrou aqui como a um segundo pai. Sabia, portanto, que entre vós não escaparia à grave acusação de ingratidão se agora esquecesse as bondades que recebi de um, o agradável convívio que desfrutei com o outro e as atenções corteses que sempre me dispensastes. Entre aqueles que conhecem minha condição presente, porém, semelhante falta facilmente encontraria desculpa. A melhor é esta: todos os meus sentidos morrem antes de mim; o que resta da imagem do homem de outrora atesta não que estou vivo, mas que estive vivo, sobretudo porque não posso esperar formar novas amizades nem conservar as antigas. Menciono agora essas circunstâncias com maior confiança, pois a presente ocasião vos permite conhecer meu estado por intermédio de Groslot, a quem parece supérfluo recomendar à vossa atenção. As inclinações da juventude se revelam sem nossa ajuda. Ainda assim, dei-lhe uma recomendação mais para seguir o costume que por ser necessária. Quanto a mim, uma vez que já não posso manter minha antiga maneira de viver mediante a troca de favores entre amigos, abster-me-ei de esforços para os quais há muito não tenho forças e me entregarei ao silêncio. Adeus. Edimburgo, 15 de julho de 1581."

A última obra que Buchanan viveu para terminar foi sua História da Escócia. Em 1582, saiu da oficina de Alexander Arbuthnot, impressor do rei. Traz o privilégio real e, como outras obras do mesmo autor, é dedicada ao jovem monarca.

Em setembro daquele ano, seus eruditos amigos Andrew Melville, James Melville e seu primo Thomas Buchanan, preboste da igreja colegiada de Kirkheugh, ao saberem que a obra estava no prelo e o autor adoentado, apressaram-se a ir a Edimburgo para uma última visita. James, sobrinho de Andrew Melville e professor de teologia em St. Andrews, registrou em termos simples os principais episódios do encontro. Ao entrarem no aposento, encontraram o maior gênio da época ocupado na humilde, mas benevolente tarefa de ensinar as primeiras letras a um jovem a seu serviço. Após as saudações de praxe, Andrew Melville observou: "Vejo, senhor, que não estais ocioso." "Melhor isto", respondeu Buchanan, "do que roubar ovelhas ou ficar sem fazer nada, o que dá no mesmo." Mostrou-lhes depois a dedicatória ao jovem rei. Ao lê-la, Melville comentou que certas passagens pareciam obscuras e precisavam de algumas palavras para completar o sentido. "Não posso fazer mais nada", disse Buchanan, "pois penso em outra coisa." "Em quê?", perguntou Melville. "Em morrer. Mas deixo isso, e muitas outras coisas, aos vossos cuidados." Melville mencionou também a publicação da resposta de Blackwood ao tratado De Jure Regni apud Scotos. Os visitantes dirigiram-se então à oficina de Arbuthnot para examinar a obra que tanta expectativa despertara. Viram que a impressão chegara ao trecho referente ao sepultamento de David Rizzio e, alarmados com a ousadia sem reservas com que ali se expressava o historiador, pediram ao impressor que parasse. Quando voltaram à casa de Buchanan, encontraram-no na cama. Em resposta às perguntas solícitas, disse-lhes que estava "a caminho do bem-estar". O primo expôs então seus temores quanto às consequências de publicar uma história tão desagradável ao rei e sugeriu que este talvez proibisse a obra inteira. "Dizei-me, homem", perguntou Buchanan, "contei a verdade?" "Sim, senhor", respondeu o primo, "creio que sim." "Então", replicou o historiador moribundo, "suportarei a

inimizade dele e de todos os seus. Orai a Deus por mim e deixai que Ele tudo dirija." E assim, acrescenta o relato original, "quando terminou a impressão de sua crônica, aquele homem tão erudito, sábio e piedoso terminou esta vida mortal".

Sobreviveu cerca de um ano a essa visita. Seria interessante saber se, durante toda a sua prolongada enfermidade, recebeu algum sinal de gratidão ou bondade do discípulo régio; os indícios sugerem que não. De Thou informa que James exigiu do preceptor a retratação daquilo que escrevera tão livremente acerca de sua mãe, a rainha, e algum testemunho formal de arrependimento para a posteridade. A princípio, Buchanan respondeu de forma evasiva; importunado depois por mensagens repetidas, fez esta declaração definitiva: não podia retirar o que escrevera na plena convicção de sua veracidade; após sua morte, porém, o rei poderia tomar a respeito dos escritos as medidas que julgasse convenientes. Advertiu-o, contudo, de que deliberasse com maturidade e refletisse que, embora Deus tivesse confiado aos reis o poder supremo, a verdade, que de Deus recebe sua força, está tão acima de seu domínio quanto Deus está acima do homem.

A tradição acrescenta que, por essa época, numa das várias mensagens que lhe enviou, o rei exigiu sua presença na corte dentro de vinte dias, sob pena de incorrer em seu desagrado. Sentindo aproximar-se a morte, Buchanan teria respondido com uma carta de advertência sobre o governo do reino e o bem-estar do povo, dizendo que podia correr sem perigo o risco do desagrado de Sua Majestade, pois "ao fim do prazo estaria onde poucos reis ou grandes homens teriam a honra de entrar". Diz-se que o rei chorou ao ler essas palavras.

Não se sabe se viveu para ver publicada sua grande obra. Foi-lhe poupada, contudo, a dor de assistir às tentativas do ingrato discípulo de suprimi-la e, o que mais feriria seu espírito virtuoso, ao servilismo de um Parlamento escocês que secundou os desejos de um déspota declarado, mas felizmente fraco, num país até então terra de liberdade.

Buchanan morreu pouco depois das cinco horas da manhã de sexta-feira, 28 de setembro de 1582. Estava então no septuagésimo sétimo ano de sua vida. Seus restos foram sepultados no cemitério dos Frades Cinzentos, e sua pátria ingrata jamais prestou ao túmulo a homenagem comum de uma lápide. Anos depois, abriram a sepultura, e seu crânio, ou pelo menos um que se supunha ser o seu, foi depositado, por intervenção do diretor Adamson, na biblioteca da Universidade de Edimburgo. É tão fino que se torna transparente.

Buchanan erguera à própria fama um monumento feito de materiais mais duradouros que o bronze ou o mármore. Sua pátria, entretanto, acabou por conceder-lhe um daqueles memoriais que menos valem quanto mais merecidos são, e que honram mais os vivos que os mortos. Um obelisco de dezenove pés de lado na base e cento e três pés de altura foi recentemente erguido por subscrição pública em sua memória na aldeia de Killearn.

Buchanan experimentou muitas das vicissitudes da vida humana e, em todas as circunstâncias, manteve-se fiel aos princípios de conduta que julgava honrados. Sua integridade era austera e inflexível: aquilo que se considerou a parte menos irrepreensível de seu caráter decorria naturalmente das qualidades dominantes de um espírito incapaz de acomodar-se o bastante às fraquezas humanas. A época em que viveu era rude e turbulenta; nem mesmo o refinamento extraordinário de sua mente o protegeu inteiramente do contágio geral. Era suscetível à sensibilidade delicada e irritável que tantas vezes acompanha o gênio elevado; ardoroso em seus afetos e violento em seus ressentimentos, tão sincero no amor quanto no ódio. Seus amigos, entre os quais se contavam muitas das figuras mais distintas daquele tempo, dedicavam-lhe uma afeição calorosa que a superioridade intelectual, por si só, não poderia conquistar. De índole franca e generosa, manifestava as qualidades invejáveis que tornam proveitoso e interessante o convívio íntimo. A opinião geral lhe reconhecia uma preeminência nas letras que parecia excluir qualquer esperança de rivalidade; sua avaliação dos próprios méritos, porém, manteve-se sempre conforme à mais perfeita modéstia, e ninguém se mostrava mais disposto a reconhecer o

verdadeiro talento de outros aspirantes à fama. Essa afabilidade, unida ao encanto de uma conversa brilhante, tornava sua companhia agradável a pessoas das mais diversas opiniões. Tinha o semblante severo e austero, mas o coração brando e humano. Seu patriotismo era daquela espécie sem mistura que brota da filantropia universal: sua alma ampla abraçava a família inteira dos homens, embora os afetos lhe ensinassem que suas primeiras atenções eram devidas à terra estéril onde nascera. Apesar dos longos anos de vida acadêmica, seus modos não apresentavam nenhuma das peculiaridades do mero pedagogo. A elegância inata de seu espírito e o esplendor de sua reputação lhe asseguravam o máximo respeito de seus compatriotas que não se haviam separado dele pela rancorosa paixão política. Embora se permitisse ampla liberdade ao censurar os erros dos poderosos, a simplicidade digna de suas maneiras impedia que tal franqueza despertasse ressentimento. Consciente do próprio valor e da grandeza interior, não deixava de afirmar seus direitos: a simples superioridade de posição não podia atraí-lo a um apego servil e degradante, tampouco provocar-lhe inveja ou malícia. Sua convicção da verdade da religião cristã e, portanto, de sua importância eterna, parece ter sido plena e constante. Seu compromisso com a Reforma condizia com a sabedoria habitual: abraçou com ardor a doutrina dos reformados.

O gênio de Buchanan não foi menos variado que sua vida. Em seus numerosos escritos, revela uma combinação vigorosa e madura de talentos que raramente se encontraram reunidos em igual perfeição. À imaginação livre e brilhante, aliava uma retidão de juízo infalível. Sua erudição era elegante, variada e profunda: no diálogo filosófico e na narrativa histórica, na poesia lírica e didática, na elegia, no epigrama e na sátira, jamais foi igualado entre os modernos e raramente superado entre os antigos.

George Buchanan nasceu numa época de escasso refinamento e não desfrutou das vantagens iniciais da riqueza hereditária; mas a grandeza intrínseca de seu espírito permitiu-lhe emergir da obscuridade de origem e conquistar uma reputação que só poderá desaparecer com a própria literatura. Pelo consenso dos eruditos, foi colocado perto do cume da glória moderna; suas qualidades morais, contudo, por vezes são tidas por mais discutíveis. Seu caráter foi submetido a um exame dos mais rigorosos e desumanos: seus atos autênticos foram deturpados, se não com todos os recursos, ao menos com todas as inclinações da mais vil sofística; e muitos atos fictícios lhe foram diligentemente atribuídos para completar o quadro de suas supostas iniquidades. Foi censurado mil vezes por horrível ingratidão em relação a favores que jamais recebera. Será sempre muito fácil provar que mesmo o mais puro dos homens cometeu os crimes mais hediondos quando se permite que a paixão e o preconceito supram toda falta de provas; quando as testemunhas desconhecem a mais elementar veracidade e os juízes são inteiramente incapazes de avaliar seus depoimentos, ou não querem fazê-lo. O caráter de Buchanan inspirou respeito e até veneração a contemporâneos eminentes pelas virtudes morais e pelos dons intelectuais. Constitui também forte presunção a seu favor o fato de que, apesar do esforço perseverante de sucessivas gerações de inimigos políticos e teológicos, sua vida longa e acidentada tenha revelado tão poucas fraquezas inseparáveis da condição humana. Sua integridade austera, seu amor à pátria e à humanidade não deixarão de tornar sua memória cara àqueles que partilham essas qualidades; e os erros que de fato cometeu talvez não sejam considerados imperdoáveis por quem se recorda de ser também humano.

“Era um homem”, diz Sir James Melville, “de notáveis dotes, grande erudição e excelente poeta latino; foi muito honrado em países estrangeiros; agradável na conversa, na qual introduzia com felicidade breves máximas morais que sua inventividade prontamente lhe fornecia em qualquer ocasião.” As obras suas que chegaram até nós perfazem dois volumes in-fólio. O opúsculo intitulado As espirituosas façanhas de George Buchanan parece ser apócrifo, embora seja certo que ele proferiu muitos ditos espirituosos, dos quais a maior parte jamais foi registrada por escrito.

John Erskine de Dun

JOHN ERSKINE, descendente da antiga e honrada família de Dun, nasceu em 1509 na sede da família, perto de Montrose, na região de Angus e Mearns. Na juventude, frequentou, muito provavelmente, a Universidade de Aberdeen; depois viajou ao exterior para aperfeiçoar a educação, frequentando algumas escolas e universidades estrangeiras.

Em 1534, já o encontramos de volta ao lar e na posse de suas terras. Naquele tempo, os mercadores de Dundee, Montrose e outras cidades mantinham extenso comércio com a Inglaterra, a Holanda e a França. Desses lugares importavam a tradução das Escrituras feita por Tyndale e livros escritos contra o papismo; ao mesmo tempo, as notícias que chegavam ao país sobre o progresso da Reforma na Alemanha levaram muitos a ler e investigar a religião e a formar uma opinião bastante desfavorável ao papismo. Essas influências e as conversas de Erskine com ministros e outras pessoas de fé, tanto no exterior como em casa, agiram em seu espírito e o conduziram à fé protestante. Também teve papel destacado na conversão de David Straiton, executado em Edimburgo em 27 de agosto daquele ano por professar a religião reformada.

O castelo de Dun estava sempre aberto como refúgio aos pregadores perseguidos e aos que professavam a fé protestante; ali desfrutavam da comunhão cristã. O sr. Erskine foi nomeado "exortador" muito antes de se tornar ministro regular entre os reformadores. Os exortadores constituíam uma classe de homens incumbidos de expor as Escrituras. Como magistrado principal de Montrose, conseguiu para George Wishart a nomeação de mestre da escola de gramática.

Na guerra com a Inglaterra, iniciada em setembro de 1548, tomou parte ativa. É especialmente lembrada sua hábil e corajosa defesa da cidade de Montrose. O relato seguinte, oferecido por Beagué, merece ser lido com interesse.

"A frota inglesa chegou ali às escondidas, sem esperar oposição. O senhor de Dun, por causa da saúde debilitada, encontrava-se por acaso em casa. Era homem de grande sabedoria e probidade; conhecendo admiravelmente a arte da guerra, sabia que os menores descuidos costumam dar lugar aos inconvenientes mais graves, sobretudo quando o acesso é fácil. Por isso, embora a enfermidade lhe pedisse repouso, nunca se recolhia à noite antes de inspecionar a guarda de um forte que mandara erguer com extraordinária diligência à entrada do porto de Montrose. Conforme julgasse conveniente, reduzia ou reforçava a guarda, deixava as ordens necessárias e então se retirava para sua casa ou permanecia na cidade de Montrose. Costumava dizer: 'Assim como os homens de honra são obrigados a temer a vergonha, pela mesma razão não devem esquivar-se dos perigos ou das provações.' Quando a frota inglesa se aproximou, avistou muitos navios a pequena distância. Vede que singular exemplo do que pode conseguir um espírito pronto diante da necessidade mais urgente. Ao descobrir a frota inimiga, o senhor de Dun preparou-se para o pior — precaução de que raramente é preciso arrepender-se. Ordenou a alguns de seus homens que guarnecessem os melhores navios do porto e dificultassem por ali a entrada dos ingleses; a outros, que guardassem o forte; enviou ainda alguns à cidade para que, discretamente, convocassem os burgueses, marinheiros e demais moradores às armas. Deixou ordens a cada grupo em seu posto e marchou ele próprio com uma tropa contra o inimigo. Para agir com maior cautela, deixou parte de seus homens fora da cidade, num lugar vantajoso e anteriormente fortificado, que lhe asseguraria a retirada. Avançou com os mais ágeis em tal sigilo e rapidez que avistou as fragatas inimigas cruzando de um lado para outro, enquanto seus homens desembarcavam. Descoberto o plano, recuou até o grupo que deixara fora da cidade; colocou sentinelas em posições adequadas para evitar surpresas e entrou novamente na cidade. A essa altura, mil habitantes estavam em armas. Escolheu trezentos e mandou que se juntassem aos companheiros nas trincheiras; considerou os demais impróprios para o combate e confiou a dois cavalheiros de sua confiança a tarefa de conduzi-los, juntamente com os grumetes e o povo, para trás de uma elevação que dominava o lugar do desembarque inimigo. Ordenou aos dois que permanecessem ocultos até receberem o sinal — o segundo disparo de

sua artilharia —, quando deveriam reunir os homens na melhor formação possível e mostrar-se aos ingleses a certa distância. Teve tempo de pôr em prática o plano. Os ingleses pouco conheciam a região; embora seiscentos ou oitocentos já tivessem desembarcado, não haviam saído da praia. Ao romper do dia, apressaram-se em direção à cidade, cheios de esperança e sem esperar resistência. O senhor de Dun e seus homens, nas trincheiras, investiram terrivelmente contra eles; as flechas voavam tão depressa que muitos foram abatidos antes de saber de onde, ou por quem, lhes vinha a tempestade. Os escoceses emboscados atacaram assim quatro ou cinco vezes. Quando os ingleses se reagruparam e se dispuseram a repelir a investida, os homens da emboscada voltaram ordenadamente às trincheiras, com perdas insignificantes. Os ingleses os perseguiram com incrível rapidez; ali, as flechas e o fogo dos arcabuzes escoceses derrubaram muitos dos primeiros, enquanto os defensores mantinham a posição contra os demais sem chegar ao combate corpo a corpo. As ordens e disposições do senhor de Dun foram, assim, executadas à risca. Estando tudo pronto para o propósito que tinha em vista, e receoso de que o ardor da luta tornasse seus homens demasiadamente impetuosos, começou a retirá-los pouco a pouco para trás das trincheiras. Fez isso com tal habilidade que o inimigo mal percebeu o recuo gradual antes de vê-lo retirar-se com os últimos. Os ingleses então o perseguiram vigorosamente, como ele esperava. O senhor de Dun mandou disparar três peças de campanha que levara consigo; pela proximidade e confusão do inimigo, causaram-lhe enorme dano. Os escoceses saíram novamente em ataque, com grande clamor e espadas em punho, tomados de fúria incrível e irresistível. Nesse meio-tempo, dado o sinal, o destacamento que o senhor de Dun colocara atrás da colina fez ressoar toda a vizinhança com gritos e aclamações, aparecendo conforme as ordens a uma distância conveniente. Mostrou-se na forma de um batalhão quadrangular; seus homens estavam tão bem alinhados, embora suas armas fossem ridículas, que o inimigo os tomou por tropas equipadas à moda francesa e concluiu que estavam prestes a cortar-lhe a retirada. O terror os fez correr para o mar na maior desordem imaginável. Não olharam uma só vez para trás, para os escoceses que os perseguiam tão avidamente e causavam tamanha mortandade que, de novecentos homens, nem cem chegaram aos navios. A frota fez-se ao mar e retirou-se. O senhor de Dun repartiu os despojos dos vencidos entre seus homens e voltou à cidade com a glória de uma vitória devida não apenas à bravura e à vigilância, mas a um requintado estratagema militar, que ao mesmo tempo elevou o ânimo de sua gente e intimidou tanto o inimigo que, por fim, ele rompeu as fileiras e deixou-se degolar sem resistência."

No outono de 1555, pouco depois da chegada de Knox de Genebra, o senhor de Dun promoveu, em seus aposentos em Edimburgo, uma conferência sobre a ilicitude da comunhão com os papistas. Knox expôs com tamanha força o pecado dessa prática que muitos se afastaram das reuniões papistas. Os reformadores decidiram que, assim que conseguissem um ministro protestante, a Ceia do Senhor lhes seria administrada segundo o modelo adotado pelas igrejas reformadas do exterior. Pouco depois, Erskine deixou Edimburgo e seguiu para sua propriedade em Dun. Knox logo o acompanhou e ali permaneceu cerca de um mês; pregava diariamente o evangelho e administrava o sacramento à maior parte dos cavalheiros dos condados de Mearns e Angus, que se comprometeram a opor-se à idolatria com todas as forças.

Em dezembro de 1557, o Parlamento se reuniu e nomeou oito comissários, entre eles o senhor de Dun, para irem à França assistir ao casamento da jovem rainha com o delfim. Partiram em fevereiro de 1558 e voltaram em outubro seguinte, depois de viagem marcada por grandes desventuras; alguns comissários morreram, havendo suspeitas de envenenamento.

Depois do martírio de Walter Mill, o último a sofrer antes da Reforma, os que professavam a religião protestante ganharam ousadia. No verão de 1558, passaram a reunir-se publicamente para o culto, encorajados pela presença do senhor de Dun e de lorde James, prior de St. Andrews, ambos regressados em segurança da missão à França.

A rainha da Inglaterra, Mary, morreu em 15 de novembro daquele ano. Sua irmã Elizabeth, que lhe sucedeu e era protestante, mostrou favor e deu apoio aos reformadores da Escócia.

O senhor de Dun estava entre os que apresentaram uma petição à rainha regente da Escócia. Guiada sobretudo pelos bispos papistas, ela perseguia os súditos protestantes e se opunha firmemente à difusão dos princípios da Reforma. Os signatários pediam licença para adorar a Deus "segundo os ditames da própria consciência" e solicitavam também que seus ministros fossem dispensados de obedecer à proclamação que os convocava a Stirling em 10 de maio de 1559, sob pena de serem declarados rebeldes. Preocupado com a segurança dos ministros e desejoso, ao mesmo tempo, de preservar a paz, o senhor de Dun propôs à Congregação reunida em Perth que fosse a Stirling e procurasse aconselhar a rainha de modo diverso dos conselhos que ela recebera de seus partidários papistas. A rainha regente chegou a manifestar o desejo de conferenciar com ele; era, porém, apenas um pretexto para ganhar tempo até realizar, com o Parlamento, seu plano de assegurar ao delfim a sucessão da coroa escocesa. Após conversar com a rainha, que empregou toda a dissimulação de costume, o senhor de Dun deixou-se convencer de sua sinceridade e escreveu à Congregação que ela atendera aos pedidos: os ministros não seriam julgados e poderiam voltar para casa. Ao serem lidas as cartas, alguns se mostraram dispostos a confiar nas promessas da regente; a maioria dos barões e cavalheiros, contudo, julgou que o senhor de Dun fora enganado e decidiu permanecer em Perth até depois de 10 de maio, ou até a revogação da proclamação. Como os ministros deixaram de comparecer em consequência do ardil da regente, ela ordenou imediatamente que todos fossem postos fora da lei por não terem atendido à convocação, e que se punisse também quem ousasse ajudá-los ou sustentá-los. Na noite de 10 de maio, o senhor de Dun chegou a Perth com essas más notícias, que lançaram a Congregação em grande consternação. A agitação provocada pela fraude contribuiu bastante para a destruição dos monumentos da idolatria em St. Johnston e Scoon no dia seguinte. O senhor de Dun e Knox, entretanto, distinguiram-se nos esforços para acalmar o tumulto causado pela duplicidade da rainha e de seus conselheiros papistas.

No ano seguinte, coube ao senhor de Dun participar da condução de alguns dos assuntos mais árduos da nação. Foi um dos designados para assinar as instruções, datadas de Glasgow, 10 de fevereiro de 1560, entregues aos comissários escoceses que iriam a Berwick negociar com o duque de Norfolk o auxílio da Inglaterra contra as tropas francesas que então ocupavam Leith. Cumpridas as instruções pelos comissários, a Inglaterra enviou ajuda sob o comando de lorde Gray de Wilton, que conseguiu expulsar os franceses;* e, pelo tratado de Leith, assinado em 10 de maio de 1560, a Reforma ficou finalmente estabelecida.

Após a morte da rainha regente em junho seguinte, reuniu-se uma convenção dos estamentos para examinar os assuntos da Igreja e distribuir os poucos ministros disponíveis segundo as necessidades das diversas regiões do país. Nessa ocasião foi apresentado o Primeiro Livro de Disciplina, que continha uma disposição instituindo superintendentes eclesiásticos. Foram nomeados cinco, de acordo com o livro, e o senhor de Dun recebeu a superintendência de Angus e Mearns.

Em 10 de dezembro de 1560 realizou-se a primeira Assembleia Nacional ou Geral. As primeiras assembleias vigiavam rigorosamente a conduta dos superintendentes. Na reunião de 25 de dezembro de 1562 propôs-se retirar o senhor de Dun da superintendência de Angus e Mearns: observara-se que ele permitia a sacerdotes papistas fazer leituras nas igrejas de sua diocese; que jovens eram admitidos como exortadores sem o exame exigido pelo Primeiro Livro de Disciplina; que homens de vida viciosa eram escolhidos como presbíteros; e que alguns ministros chegavam tarde à igreja, obrigando o povo a esperar sem necessidade e levando-o a sair logo após o sermão. Chamado à assembleia, o superintendente apresentou a renúncia à comissão que dela recebera. Alegou que o ofício era difícil e de grande responsabilidade e que, em vista do declínio da saúde, desejava ser dispensado; prometeu, ao mesmo tempo, fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para corrigir os males apontados.

O senhor de Dun foi escolhido moderador da décima primeira Assembleia Geral, reunida em dezembro de 1565. Um dos primeiros assuntos examinados foi a conduta dos superintendentes; apresentou-se contra o próprio moderador a queixa de que sua visitação não era tão assídua quanto deveria. Com a franqueza habitual, reconheceu que havia dois meses não visitava as igrejas, mas explicou que nesse

período se hospedara com os amigos mais necessitados de correção e disciplina. Pediu, por isso, que a Assembleia escolhesse outro para o ofício, pedido que sua humildade o levou a repetir muitas vezes, embora a Assembleia sempre se recusasse a atendê-lo. Erskine continuou como moderador nas duas assembleias seguintes. Perto do fim da décima terceira, em dezembro de 1566, pediu novamente para ser "desonerado do penoso chamado" por causa da saúde debilitada. Não o dispensaram inteiramente: permitiram apenas que designasse algumas das pessoas mais qualificadas de sua região para realizar as visitações quando ele próprio não tivesse condições de cumprir esse dever.

No ano seguinte, teve participação destacada na importante cerimônia de coroação de James VI, realizada em Stirling em 29 de julho de 1567.

Depois da assembleia de 1569, Erskine recebeu uma comissão para visitar a região de Aberdeen, particularmente a universidade. Ali afastou dos cargos cinco membros do King's College que persistiam obstinadamente na fé papista. Não encontramos acusação alguma de imoralidade contra eles; segundo a lei aprovada pelo Parlamento em Edimburgo em 24 de agosto de 1560, porém, suas crenças os tornavam impróprios para ensinar os jovens.

Em 28 de julho de 1569, o "Bom Regente" convocou uma convenção dos estamentos em Perth para tratar de assunto de vital importância para os reformadores. Lorde Boyd, em nome da rainha Mary e com o apoio de cartas dos ministros de Estado ingleses, dirigira ao regente propostas para o retorno da rainha à Escócia. O senhor de Dun participou da convenção como representante da cidade de Montrose.

Conta-se um episódio do ano seguinte que demonstra de modo extraordinário o reconhecimento da vida piedosa do senhor de Dun: à semelhança dos antigos profetas, recebeu uma revelação da morte do "Bom Regente", ocorrida em Linlithgow em 23 de janeiro de 1570. Wodrow registrou o fato com base no testemunho transmitido por dois ministros da Igreja que haviam residido na casa de Dun. "O regente estivera em Lochleven com o conde de Northumberland, capturado depois da repressão à recente rebelião que ele e outros papistas haviam promovido na Inglaterra e ali mantido prisioneiro por volta de 2 de janeiro. Veio hospedar-se com o superintendente de Angus, na casa de Dun, onde ainda se conhece a grande janela ao fim do antigo salão, voltada para um agradável relvado. O conde de Moray e o senhor de Dun estavam junto dessa janela, conversando reservadamente sobre assuntos importantes, com o rosto voltado para o relvado. Enquanto o regente falava, o superintendente voltou-se de repente para ele e, com profunda tristeza e lágrimas nos olhos, depois de permanecer calado por algum tempo, interrompeu-o afinal: 'Ah, ai de mim, senhor! Pelo que percebo, em breve vos sucederá uma desgraça: dentro de duas semanas sereis assassinado.' Tais indícios de acontecimentos futuros não eram incomuns entre nossos reformadores, como já observei mais de uma vez. E o regente recebera várias outras advertências do perigo, além desta, às quais deu pouca atenção."

Após o assassinato do conde de Moray, o conde de Mar foi nomeado regente. O senhor de Dun iniciou com ele uma correspondência na qual manifestou grande zelo pela liberdade da Igreja. Sua primeira carta, datada de 10 de novembro de 1571, parece responder a diversas questões apresentadas pelo regente sobre a destinação das rendas eclesiásticas às despesas do governo, a apresentação de candidatos aos bispados e a substituição dos superintendentes por bispos. Como oferece respostas distintas a todas essas questões e expõe suas opiniões, é reproduzida aqui integralmente.

"Julguei conveniente dar a conhecer por escrito a Vossa Graça meu parecer sobre os artigos e pontos contidos em sua última carta. Quanto à pensão anteriormente destinada à casa do regente, pelo que entendo, haverá pouca dificuldade, contanto que Vossa Graça cumpra seu dever para com a Igreja, o que rogo a Deus que vos conceda fazer. Quanto ao provimento dos benefícios eclesiásticos, este é meu parecer. Todos os benefícios constituídos de dízimos ou que tenham dízimos a eles unidos ou anexados, retirados do trabalho do povo, têm ofícios vinculados a si: a pregação do evangelho e a administração dos sacramentos. Esse ofício é espiritual e pertence à Igreja, à qual somente cabe distribuir e administrar as coisas espirituais. É, portanto, pela Igreja que se distribuem os ofícios espirituais e se

recebem e admitem homens a eles. A administração desse poder é confiada pela Igreja aos bispos ou superintendentes; por isso, a eles cabe examinar e admitir homens aos ofícios e benefícios que envolvam o cuidado espiritual, sejam quais forem esses benefícios: bispados, abadias e priorados, assim como os benefícios inferiores. As Escrituras de Deus mostram claramente que isso cabe aos bispos ou superintendentes, pois o apóstolo Paulo escreve na Segunda Carta a Timóteo, capítulo 2, versículos 2 e 4: 'O que de mim ouviste na presença de muitas testemunhas, entrega-o a homens fiéis, capazes de ensinar também a outros.' Aqui o apóstolo confia a Timóteo o exame da aptidão e capacidade dos candidatos ao dizer 'homens capazes de ensinar também a outros'; e igualmente lhe dirige a advertência de transmitir essas coisas àquele que seja capaz de ensiná-las. Em outra passagem, 1 Timóteo 5:22, diz: 'A ninguém imponhas precipitadamente as mãos, nem te tornes cúmplice dos pecados de outros; conserva-te puro.' Entende-se pela imposição das mãos a admissão aos ofícios espirituais, que o apóstolo não quer que Timóteo faça precipitadamente, sem o devido exame dos costumes e da doutrina dos candidatos. Ao escrever a Tito, bispo de Creta, o apóstolo também lhe recorda seu ofício de admitir e estabelecer ministros em cada cidade e congregação; para que não o faça imprudentemente e sem exame, descreve as qualidades e condições dos homens a serem admitidos, como se lê extensamente no primeiro capítulo da epístola mencionada. Os diáconos escolhidos em Jerusalém pela congregação inteira foram recebidos e admitidos pelos apóstolos mediante a imposição das mãos, como escreve São Lucas no capítulo 6 dos Atos dos Apóstolos. Assim o demonstramos claramente pelas Escrituras: compete ao ofício de bispo o exame e a admissão ao cuidado e ofício espirituais e a vigilância dos admitidos, para que andem retamente e desempenhem seu ministério com fidelidade e pureza. Retirar esse poder de um bispo ou superintendente é suprimir o próprio ofício de bispo, de modo que não haja bispos na Igreja; seria alterar e abolir a ordem que Deus nela estabeleceu. Há um poder e uma jurisdição espirituais que Deus concedeu à sua Igreja e aos que nela exercem ofício; há também uma jurisdição temporal que Deus concedeu aos reis e magistrados civis. Ambos os poderes vêm de Deus e podem fortalecer-se mutuamente quando usados corretamente. Mas, quando a corrupção humana se intromete, confunde os ofícios e usurpa a seu bel-prazer aquilo que deseja, sem consideração alguma pela boa ordem estabelecida por Deus, segue-se a confusão em todos os estamentos. No capítulo 12 do Primeiro Livro dos Reis está escrito que o rei Jeroboão, presumindo de sua autoridade, estabeleceu sacerdotes em seu reino em franca oposição à ordem que o Senhor havia dado naqueles dias acerca do sacerdócio; disso resultou a destruição daquele rei e de sua descendência, bem como de todos os reis que o seguiram nessa impiedade. Para melhor compreender a questão, Cristo estabeleceu uma regra que magistrados e povo devem ponderar: 'Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.' A Igreja de Deus deve fortalecer todo poder e autoridade legítimos pertencentes ao magistrado civil, porque são ordenação divina. Se, porém, ele ultrapassa os limites de seu ofício e entra no santuário do Senhor, intrometendo-se nas coisas que cabem aos ministros da Igreja de Deus, como fez Uzias, rei de Judá (2 Paralipômenos 16), ao entrar no templo para queimar incenso, ato que não pertencia ao seu ofício, então os servos de Deus devem resistir à sua injusta iniciativa, como os sacerdotes resistiram naquele tempo ao rei de Judá, pois assim Deus lhes ordena. Quando ocorrer tal impiedade, os servos de Deus não devem calar-se e lisonjear os príncipes em seu vão orgulho, mas resistir-lhes e repreendê-los por sua iniquidade; quem age de outro modo na Igreja de Deus é indigno de qualquer ofício. Nenhum príncipe pode infligir maior ofensa à Igreja ou demonstrar maior desprezo por ela do que, por autoridade própria, colocar homens nos ofícios espirituais, criando bispos e pastores da Igreja. Fazer isso equivale a afirmar que não existe Igreja de Deus, pois ela não pode existir sem sua própria jurisdição e liberdade e sem a administração dos ofícios instituídos por Deus. Ao falar da liberdade da Igreja, não pretendo prejudicar o rei nem outros detentores do direito de patronato[10]; eles podem exercer, segundo as leis, o privilégio de apresentar candidatos, desde que o exame e a admissão a todos os benefícios com cura de

10 Nota desta edição: Direito de apresentar candidato a um benefício ou cargo eclesiástico, exercido por um patrono; sua extensão foi objeto de disputa na Igreja escocesa.

almas pertençam somente à Igreja. Para que não pareça que os pastores, movidos pela avareza e ambição, desejam possuir grandes benefícios, Vossa Graça deve saber que a Igreja vem solicitando continuamente, tanto antes como agora, conforme os artigos aprovados nas Assembleias Gerais, aceitos e subscritos pela maior parte da nobreza, que podem ser apresentados e que foram propostos à rainha, mãe de Sua Majestade o rei, que, sempre que vagar um dos grandes benefícios aos quais estejam ligadas muitas igrejas, estas sejam separadas e confiadas a diferentes homens, para que cada um sirva continuamente em sua própria igreja. Assim se pode ver que não buscam por avareza a promoção que lhes atribuem. E não duvido de que, se outros membros da nobreza fossem tão livres da avareza e de outras corrupções quanto os ministros da Igreja, teriam concordado em cumprir aquilo a que se obrigaram por juramento solene. Até agora a Igreja pede humildemente a Vossa Graça e ao conselho que façam cumprir essa medida. Se, porém, não se puder conceder a divisão dos grandes benefícios, como a chamam, confio que, em atenção aos tempos confusos e difíceis, a Igreja consentirá — desde que os benefícios e os ofícios a eles ligados sejam conferidos pela ordem já exposta, sem prejuízo de seu privilégio e liberdade — em destinar à manutenção da autoridade e dos assuntos públicos, por ora e até que se tomem outras providências, os rendimentos que excedam o sustento razoável do ministério. A Igreja não luta por lucro mundano, mas pela liberdade espiritual que Deus lhe concedeu. Sem ela, os servos de Deus não se darão por satisfeitos: opor-se-ão a todo poder e tirania que ouse despojar a Igreja de sua liberdade e preferirão morrer a submeter-se a tão miserável servidão. Suas vidas não lhes são tão caras quanto a honra de Deus e a liberdade de sua Igreja. Ouço certos homens vangloriarem-se e ameaçarem tirar a vida dos pobres ministros de Deus. Desejo que se contenham dentro dos limites, pois não têm garantida a própria vida, e seguir tal caminho poderá abreviá-la. Outrora, os papistas chamavam heresia à verdade; hoje, alguns a chamam traição. Vemos que, em todas as épocas, Satanás não carece de servos para combater a verdade. Quanto à pergunta se convém haver um superintendente onde há um bispo qualificado, entendo que bispo e superintendente são um só ofício: onde está um, está o outro. Considerando, porém, a situação que suscitou a pergunta, respondo que os superintendentes já estabelecidos devem continuar nos cargos, ainda que outros se intrometam ou sejam colocados por pessoas sem autoridade para isso. Podem chamar-se bispos, mas não o são: são ídolos, como diz o profeta em Zacarias 11:17. Os superintendentes chamados e estabelecidos pela Igreja têm ofício e jurisdição; os outros, apenas chamados bispos, não têm ofício nem jurisdição na Igreja de Deus, pois não entram pela porta, mas por outra via; não são, portanto, pastores, como diz Cristo, mas ladrões e salteadores. Não posso deixar de lamentar de todo o coração a grave desordem praticada em Stirling, no último Parlamento, ao criar bispos, estabelecê-los e dar-lhes voto parlamentar como bispos, contra a vontade da Igreja e em grande desprezo de Deus. A Igreja se opôs à desordem, mas não foi ouvida e recebeu ameaças; essas ameaças, porém, não se dirigem contra homens, mas contra o Deus eterno, cuja ordenação foi publicamente transgredida. Sabe-se o que se seguiu. Deus tem poder para destruir e salvar; é o Senhor onipotente, capaz de preservar o inocente e abater o orgulho dos poderosos. Ouço dizer que alguns se ofenderam com os comissários da Igreja naquela ocasião, mas sem motivo: eles não ultrapassaram os limites da comissão que receberam, e a Igreja inteira confirmará seus atos e insistirá na questão. Se não for corrigida aquela desordenada criação de bispos, a Igreja apresentará primeiro sua queixa a Deus, depois a todos os irmãos membros da Igreja neste reino e a todas as igrejas reformadas da Europa. Alguns conselheiros julgam este o momento oportuno de arrancar da Igreja, por considerá-la pobre e fraca, privilégios e rendas para a autoridade temporal; mas, se não houvesse outros interesses particulares além dos do governo, penso que não se empenhariam tanto. Seja qual for seu propósito, a conquista injusta e o espólio da Igreja não lhes trarão proveito; antes, atrairão flagelos e destruição tanto sobre o chefe como sobre os conselheiros de semelhante abominação. Porque os servos do Senhor falam a esse respeito e repreendem a corrupção dos homens, são chamados orgulhosos, acusados de ignorar o próprio lugar e de não saber com quem lidam, como se esses homens fossem deuses, embora sejam apenas carne. Saibam eles, qualquer que seja sua posição, que os ministros da Igreja de Deus receberam dEle um ofício superior à posição deles, ao qual devem sujeição e obediência. Receberam um

tesouro mais rico que o deles, embora em vasos de barro, como diz o apóstolo Paulo em 2 Coríntios 4:7. Receberam também de Deus poder para derrubar e destruir a soberba dos homens e sujeitar tudo o que se exalta contra Deus, 2 Coríntios 10:5. O Senhor não quer que seus servos, ao executar o ofício, temam os homens, por mais fortes e poderosos que pareçam, conforme está escrito em Isaías 51:7: 'Não temais as afrontas dos homens, nem vos assusteis com suas censuras e ameaças, pois a traça os roerá como veste, e o verme os consumirá como lã; mas a minha justiça durará para sempre, e a minha salvação, de geração em geração.' O Espírito de Deus, entrando no coração de seus servos, dá-lhes tal gosto de seu poder e majestade e tal visão de seus juízos que os inimigos de Deus e de sua Igreja lhes parecem coisa nenhuma: são como pó diante do vento e cera diante do fogo, incapazes de resistir e destinados a perecer no dia da visitação do Senhor. Eles, na medida de suas forças, repreenderão toda impiedade e resistirão a toda iniquidade. Suportarão pacientemente a maldade e as perseguições levantadas contra eles pelos poderes perversos do mundo, para condenação destes: nisso consiste a paciência dos santos, pois veem o fim glorioso que se seguirá. Certos homens, em sua corrupção, como revelaram suas intenções, pretendem agir astuciosamente na Igreja em tempos de tribulação, até que cessem seus próprios problemas. Saibam que esses maus propósitos apenas prolongam as tribulações. Mesmo que elas cessem e eles se aliem à Inglaterra, à França, à Espanha e a todos os outros reinos da terra, não poderão destruir a Igreja de Deus nem sua liberdade. O Deus poderoso, que em todos os tempos protegeu sua Igreja e destruiu e derrubou grandes impérios e reinos que contra ela guerrearam, empregará os mesmos juízos contra quantos pretendam agir da mesma maneira em seus dias. Pois dedica à sua Igreja amor perpétuo e lhe dá proteção e defesa permanentes, agora e para sempre. Concluo com a exortação de Davi aos reis e magistrados: 'Sede sábios, ó reis; deixai-vos instruir, ó juízes da terra. Servi ao Senhor com temor e alegrai-vos diante dele com reverência. Beijai o Filho, para que o Senhor não se ire e não pereçais no caminho reto, pois em breve se acenderá sua ira.' Montrose, 10 de novembro de 1571."*

Janet Geddes.

O conde de Morton insistia então com grande empenho na apresentação do sr. Douglas à sé de St. Andrews, para que as rendas do benefício revertessem às suas próprias mãos. Os acontecimentos daí decorrentes levaram Erskine a escrever uma segunda carta, transcrita a seguir.

"Estando eu em Perth nesta quarta-feira, onde se reunira uma assembleia da Igreja de Stormont e Gourie sob meus cuidados, recebi uma carta de Vossa Graça acerca da reunião dos superintendentes marcada para o dia 16 deste mês em Leith. Nela se menciona também uma ordem proibindo que se pague qualquer quantia aos arrecadadores da Igreja. É a primeira proibição dessa natureza; rogo a Deus que não tivesse começado pelas mãos de Vossa Graça. Os pobres ministros não foram condenados por crime nem falta alguma, e no entanto se ordena que lhes seja retido o sustento. Percebo que a Igreja é tão desprezada que se imagina não ser possível fazer-lhe injustiça. Todos podem concluir, com inteira razão, que se busca destruir a Igreja e o ministério: concedem-se benefícios e criam-se bispos ao arbítrio dos homens, sem o consentimento da Igreja; e proíbe-se o pagamento dos modestos recursos já destinados por lei ao sustento do ministério. Se isso se fez para obter a pensão atribuída ao primeiro regente, tão piedoso, seria possível tratar do assunto por meios mais razoáveis. Sei que a Igreja desejava satisfazer Vossa Graça nesse ponto, o que poderia ser conseguido por uma comunicação cortês. Parece-me, porém, que os homens pretendem reduzir a Igreja à escravidão e à mais vil sujeição. O grande Senhor se oporá a esses desígnios, fará recair a destruição sobre a cabeça dos que os alimentam, qualquer que seja sua posição, e conservará sua Igreja em liberdade. Diante de tal procedimento, não vejo razão para que alguém que exerça ofício compareça a Leith: seu conselho não será aceito, nem lhe será permitido argumentar livremente, como ensinou a experiência passada. Segue-se o conselho dos inimigos de Deus e de sua Igreja; mas Israel, ainda que desprezado, encontra consolo no Senhor. Ele cuida de seu povo, livrá-lo-á da opressão dos tiranos e lhe dará honra e liberdade, quando os inimigos sofrerem confusão e vergonha. Se Vossa Graça ponderar devidamente, revogará as cartas de proibição.

Caso contrário, a Igreja terá paciência e aguardará socorro do Senhor. A Igreja deve receber o que lhe pertence, e não mendigar aos homens. Pedi ao superintendente de Fife que aguardasse minha chegada a St. Andrews até conhecermos melhor, por intermédio deste mensageiro, a vontade de Vossa Graça, se assim vos aprouver. Perth, 14 de novembro."*

Em resposta a essas duas cartas, o regente enviou a seguinte:

"Mui estimado primo, depois de nossas mais cordiais saudações: em vez de vossa própria presença, que há muito aguardávamos, recebemos hoje duas cartas vossas, uma de Montrose, do dia 10, e outra de Perth, do dia 14 deste mês, cujo teor difere do que esperávamos. Tínhamos a boa intenção de empregar todos os meios possíveis para apaziguar as controvérsias, a fim de que os ministros da Igreja encontrassem algum alívio e descanso e nós nos livrássemos do incômodo encargo causado pela falta de uma regra definida para a distribuição dos benefícios maiores e menores. Percebemos que nossa intenção foi entendida de outra maneira, o que atribuímos a influências particulares alheias à vossa boa índole; por isso não insistiremos em debater por escrito assunto de tal gravidade e importância. Desejávamos muito falar convosco, sobretudo desde que recebemos o encargo de governar; talvez vossa presença pudesse suprir algumas das faltas apontadas em vossas cartas. Mas, visto como foram recebidas as coisas, para eliminar qualquer motivo de queixa contra nossos atos, enviamos com esta uma revogação da ordem recentemente expedida. Assim como até agora vivemos honradamente de nossos próprios recursos, louvado seja Deus, deixaremos de solicitar pagamentos aos arrecadadores até que a questão seja melhor examinada. Ainda assim, quando homens imparciais considerarem os termos da proibição, a intenção com que foi decretada e o pouco tempo que duraria, confiamos que não julgarão justo recebê-la como vemos que foi recebida. Se os arrecadadores são súditos do rei — e de outros nos absteremos de falar por ora —, poderiam comparecer quando convocados, em vez de escreverem desdenhosamente que, por muitas convocações que lhes sejam enviadas, não obedecerão a nenhuma; e referimo-nos aos mais insistentes. Não receberemos o que os regentes anteriores haviam pretendido arrecadar, embora essa não fosse a principal razão por que desejávamos a presença de alguns superintendentes, mas sim os assuntos mencionados na carta que vos enviamos. Embora a tivéssemos enviado para vossa informação particular, examinada a questão, vemos antes uma disposição extrema de impedir que se resolva o assunto do que qualquer menção a pacificar ou ordenar o que vai mal. Nosso propósito era e continua a ser promover, na medida do possível, a reforma de toda espécie de desordem, preservando o privilégio do rei, da Coroa e do patronato. O problema principal reside no fato de que a organização da Igreja da Escócia não está completa, nem se realizou uma consulta sólida entre homens piedosos, bem-intencionados e criteriosos sobre como completá-la. Quanto à corrupção que cresce a cada dia, quando as circunstâncias forem devidamente consideradas pelos bons ministros, que não se intrometem em tudo nem desejam excessivamente promoções para si e para os seus, ver-se-á que alguns foram autores e promotores de coisas que nenhuma boa ordem eclesiástica pode aprovar. Era sobre isso que pensávamos conversar particularmente convosco, cedendo-vos no que fosse razoável e pedindo, por vossa intervenção, satisfação em outros pontos igualmente razoáveis. Se não vedes motivo para que qualquer pessoa que exerça ofício na Igreja de Deus venha a Leith, terei de ser paciente e remeter o assunto à convenção dos estamentos do reino, que me confiou este encargo. Farei dela e de todos os piedosos da cristandade juízes entre mim e os que exercem ofício na Igreja a quem vos referis: que decidam se deixei de buscar a satisfação deles ou se foram eles que negligenciaram os meios e as oportunidades mais evidentes de trazer tranquilidade aos pobres ministros da Igreja. Nesse meio-tempo, não responderei aos diversos pontos de vossas cartas; guardá-las-ei comigo até que o tempo e melhor conselho produzam seus efeitos. Se escrevestes por iniciativa própria, haverá uma forma de considerar a questão; se o fizestes com o consentimento comum de alguns dos que exercem ofício na Igreja, deverá ser considerada de outra maneira, conforme o tempo e o lugar permitirem. Por ora, ponho fim a esta longa carta e vos confio à proteção do Deus onipotente. Leith, 15 de novembro de 1571.

Vosso fiel e dedicado amigo,

JOHN, REGENTE."*

A Assembleia reunida em 1576 designou comissários para a redação do Segundo Livro de Disciplina, entre os quais estava o senhor de Dun. Cada um recebeu um assunto específico do governo eclesiástico. Na Assembleia do ano seguinte, Erskine queixou-se de certa obscuridade na parte que lhe coubera; foi aconselhado a conversar com os demais comissários, que o ajudariam a esclarecer as dúvidas. Em 1579, o Segundo Livro de Disciplina foi apresentado à Assembleia e aprovado como obra concluída. Tanto foi o trabalho nele empregado e tão sólidos os princípios de seus redatores que, até hoje, é considerado um modelo bíblico e uma fiel representação de como deve ser o governo de uma igreja presbiteriana.

Embora já avançado em anos, o senhor de Dun ainda pôde comparecer às assembleias de 1586 e 1587 e participar de seus trabalhos. Com o consentimento do rei, foi encarregado de instituir presbitérios[11] em Angus e Mearns e, com outros, de reunir todas as leis parlamentares favoráveis à religião protestante. Não compareceu à Assembleia de 1588. Três anos depois, cada vez mais enfraquecido pela idade, morreu em sua casa de Dun, em 12 de março de 1591, no octogésimo segundo ano de vida. Deixou numerosos descendentes e um nome associado à virtude e à retidão de princípios, particularmente na grande causa a que se dedicou, sem igual em seus dias. Dos cinco homens nomeados superintendentes, foi o último sobrevivente; com sua morte, cessou aquele ofício, pois suas funções passaram a ser desempenhadas pelos presbitérios, ou conselhos de presbíteros, como então eram chamados. Knox relata que, estando Erskine em Edimburgo em maio de 1565, a rainha Mary expressou a seguinte opinião a seu respeito: "Embora não estivesse convencida da verdade de nenhuma religião a não ser aquela em que fora criada, estaria disposta a ouvir a pregação pública de pessoas que lhe agradassem; e, acima de todas, ouviria de bom grado o superintendente de Angus, sir John Erskine, pois era homem manso, de índole afável, verdadeiramente honesto e íntegro."

Tem a honra de figurar entre os primeiros a professar a Reforma no norte da Escócia e contribuiu muito para seu êxito. Era dotado de singular prudência, grande generosidade, liberalidade e considerável erudição; era ousado e zeloso, mas, acima de tudo, extraordinariamente piedoso e religioso.

Robert Rollock

ROBERT ROLLOCK nasceu em 1555 e descendia da antiga família dos Livingston. Percebendo-lhe a inclinação para os estudos, seu pai, David Rollock, enviou-o a Stirling para preparar-se para a universidade sob a orientação de Thomas Buchanan, sobrinho do autor da História da Escócia. Permaneceu aos cuidados desse mestre até estar pronto para ingressar na universidade. Foi então enviado ao colégio de St. Salvator, em St. Andrews. O talento, a modéstia e a doçura de caráter do jovem Rollock conquistaram-lhe a amizade especial de seu mestre, que perdurou até sua morte. Em pouco tempo, atraiu também a atenção favorável de toda a universidade. Assim, depois de completar o curso regular de quatro anos, duração prescrita nos colégios escoceses, e de obter o grau acadêmico, foi eleito professor de filosofia, embora estivesse apenas no vigésimo terceiro ano de vida. Durante quatro anos desempenhou as funções do cargo com singular diligência e êxito. Naquela época, e ainda por muito tempo, era costume nas universidades escocesas que o mesmo professor acompanhasse uma turma ao longo de todo o curso. O notável progresso de seus alunos levou os magistrados de Edimburgo a escolher Rollock para inaugurar a universidade da cidade, fundada por James VI no ano anterior. Aceitou o convite e, no início do inverno de 1583, assumiu com energia o trabalhoso encargo. Era o único mestre da nascente instituição, reunindo em sua pessoa as funções de diretor e de todos os professores. Sua reputação logo atraiu muitos estudantes. Sem assistente, reuniu-os inicialmente numa única classe; depois julgou necessário dividi-los: de um lado os que tinham pouca ou nenhuma formação

11 Nota desta edição: Órgão de governo da igreja presbiteriana que reúne ministros e presbíteros de várias congregações de uma região. "Presbitério Reformado", mencionado anteriormente, é nome de uma instituição específica.

anterior, de outro os mais adiantados. Por recomendação sua, os patronos do colégio elegeram um jovem chamado Duncan Nairn como segundo mestre, que assumiu a primeira dessas classes em novembro de 1583. Nairn ensinou latim à sua turma no primeiro ano e grego no segundo; só muitos anos depois a universidade teve propriamente um professor de humanidades. Rollock também foi nomeado diretor, embora continuasse a lecionar à sua turma. Duncan Nairn morreu no ano seguinte; como o conselho decidiu manter três classes, Adam Colt e Alexander Scrimger foram eleitos para sucedê-lo.

Rollock continuou a ensinar sua turma até a primeira cerimônia de concessão dos graus, realizada em público com a presença de toda a nobreza que se encontrava na cidade. Formaram-se quarenta e oito alunos, que naturalmente assinaram o pacto nacional, pois este fora introduzido no colégio e apresentado a todos os estudantes em 1586. Concluída a cerimônia, Rollock deixou os cuidados diretos da turma, mas conservou a direção, à qual se anexou então a cátedra de teologia. Por essas funções e pela pregação regular aos domingos, recebeu quatrocentos marcos anuais. Todas as manhãs orava publicamente com os estudantes; uma vez por semana lhes explicava uma passagem das Escrituras, concluindo o exercício com exortações muito pertinentes e práticas. Cuidava especialmente dos mais adiantados, para que ingressassem no ministério preparados para seus deveres e profundamente conscientes de suas sagradas responsabilidades. Era também diligente e estimado ministro do evangelho.

Por essa época escreveu diversos comentários sobre passagens das Escrituras. Quando sua exposição das epístolas aos Romanos e aos Efésios chegou às mãos do erudito Beza, este escreveu a um amigo que possuía ali um tesouro incomparável, com poucos equivalentes em discernimento, concisão e elegância de estilo.

Apesar do ardor literário e da piedade quase sem limites, a simplicidade de caráter de Rollock não o capacitava a desempenhar papel coerente ou proveitoso na direção dos assuntos públicos da Igreja. Naquele período, tais assuntos eram de importância suprema, pois envolviam os direitos civis e religiosos da comunidade. Nas palavras de Calderwood, “era homem piedoso, mas simples em matéria de governo eclesiástico; crédulo, deixava-se facilmente conduzir por conselhos e era de certo modo orientado pelo antigo mestre, Thomas Buchanan, que então aderira à causa do rei”. O rei James logo percebeu e soube avaliar essa disposição dócil. Já amadurecera seus planos para reduzir a Igreja à dependência completa de sua pessoa e trabalhava diligentemente para executá-los. Rollock foi escolhido moderador da Assembleia realizada em Dundee em 1597, na qual se aprovaram diversos atos que tendiam fortemente a sustentar toda a estrutura do episcopado. Também integrou a comissão encarregada pela Assembleia de procurar Sua Majestade acerca da disposição dos assentos nas igrejas de Edimburgo.*

Pouco depois, Rollock foi acometido de uma enfermidade que o confinou à casa e finalmente pôs fim à sua vida.

Suas obras compreendem comentários a alguns salmos escolhidos, à profecia de Daniel e ao Evangelho de João com sua Harmonia. Escreveu ainda sobre as epístolas aos Efésios, Colossenses, Tessalonicenses e Gálatas, além de uma análise das epístolas aos Romanos e aos Hebreus a respeito do chamado eficaz.

John Craig

JOHN CRAIG nasceu por volta de 1512 e teve a desventura de perder o pai no ano seguinte, na batalha de Flodden. Apesar disso, recebeu boa educação e, ao mudar-se para a Inglaterra, tornou-se preceptor dos filhos de lorde Dacre. Com o início de uma guerra entre a Inglaterra e a Escócia, voltou à pátria e ingressou na ordem dos dominicanos. Tendo dado algum motivo para suspeitas de heresia, foi lançado na prisão; absolvido, retornou à Inglaterra e tentou, por influência de lorde Dacre, obter um posto em

Cambridge, mas sem êxito. Viajou então para a França e dali para Roma, onde alcançou tal favor junto ao cardeal Pole que obteve lugar entre os dominicanos de Bolonha e foi encarregado de instruir os noviços do convento. Elevado ao cargo de reitor, teve acesso à biblioteca; ali, ao ler por acaso as Institutas de Calvino, foi contaminado pela heresia protestante.

Craig não ocultou as novas convicções. Foi detido, enviado a Roma, lançado na prisão, julgado e condenado à fogueira; só um acontecimento fortuito o livrou desse destino. O papa Paulo IV morreu na véspera da execução prevista; a multidão se levantou em tumulto, arrastou pelas ruas a estátua de Sua Santidade recém-falecida, arrombou todas as prisões e libertou os detentos. Craig saiu imediatamente da cidade. Enquanto atravessava os arredores, encontrou um bando de salteadores. Um deles o chamou de lado e perguntou se já estivera em Bolonha. Diante da resposta afirmativa, quis saber se ele se lembrava de, ao caminhar certa vez pelos campos com alguns jovens nobres, ter socorrido um pobre soldado aleijado que lhe pedira esmola. Craig respondeu que não se recordava do episódio. O salteador, porém, declarou que jamais esquecera a bondade recebida naquela ocasião e que agora desejava retribuí-la, acudindo às necessidades presentes de seu benfeitor. Deu-lhe, em suma, dinheiro suficiente para chegar a Bolonha.

Craig receou ser denunciado à Inquisição por antigos conhecidos. Dirigiu-se, por isso, a Milão, evitando as estradas principais para não encontrar algum inimigo. Certo dia, esgotados o dinheiro e as forças pela viagem, chegou a um lugar deserto, lançou-se ao chão e quase perdeu a esperança de viver. Nesse instante, aproximou-se um cão, abanando a cauda, com uma bolsa de dinheiro na boca, e a depositou a seus pés. O viajante desesperado reconheceu nisso “um sinal especial do favor de Deus”; reanimado, prosseguiu até uma aldeia, onde conseguiu algum alimento. Seguiu então para Viena. Apresentando-se como membro da ordem dominicana, foi levado a pregar perante o imperador Maximiliano II e logo se tornou estimado naquela corte. Sua fama chegou a Roma, e o papa Pio III enviou uma carta ao imperador pedindo-lhe que devolvesse o homem condenado por heresia. O imperador, com generosidade, proporcionou-lhe um salvo-conduto para sair da Alemanha.

Ao chegar à Inglaterra, por volta de 1560, Craig ouviu falar da Reforma ocorrida em sua terra natal e ofereceu seus serviços à Igreja. Descobriu, contudo, que os vinte e quatro anos de ausência o haviam tornado incapaz de pregar em sua língua materna; durante algum tempo, teve de comunicar a verdade aos eruditos em latim. Depois de recuperar em parte o idioma nativo, foi nomeado, no ano seguinte, colega de Knox na igreja paroquial de Edimburgo, cargo que exerceu por nove anos. Em 1567, o conde de Bothwell obteve o divórcio da esposa legítima para preparar seu casamento com a rainha Mary. Ela enviou a Craig uma carta ordenando-lhe que publicasse os proclamas de casamento. No domingo, porém, ele declarou ter recebido a ordem, mas acrescentou que sua consciência não lhe permitia obedecer, pois o casamento era inteiramente ilícito. Bothwell mandou chamá-lo de imediato, e Craig lhe expôs as razões com grande ousadia. Na ocasião, o conselho o repreendeu por sua conduta; dois anos depois, porém, a Assembleia declarou que agira como ministro fiel.

Por volta de 1572, a Assembleia Geral o enviou a pregar em Montrose “para iluminar o norte”. Depois de dois anos ali, mandou-o a Aberdeen “para iluminar aqueles lugares obscuros em Mar, Buchan e Aberdeen e ensinar a mocidade do colégio”.

Em 1569, Craig foi nomeado ministro do rei James VI, voltou a Edimburgo e passou a ocupar posição destacada nas Assembleias Gerais da Igreja. Compilou parte do Segundo Livro de Disciplina e redigiu o pacto nacional assinado em 1580 pelo rei e sua casa, destinado, numa época futura, a exercer influência poderosa sobre o destino do país. Em 1584, aprovou-se uma lei parlamentar determinando que todos os ministros, diretores de colégios e outros comparecessem dentro de quarenta e oito horas para subscrever o ato relativo ao poder do rei sobre todos os estamentos, espirituais e temporais, e submeter-se aos bispos. Craig e alguns outros se opuseram à lei; convocados perante o conselho, perguntaram-lhes como ousavam contestar o ato parlamentar recém-aprovado. Craig respondeu que

censurariam tudo quanto fosse contrário à Palavra de Deus. O conde de Arran ergueu-se de um salto e disse que eram insolentes demais; que lhes raparia a cabeça, apararia as unhas e cortaria os dedos dos pés, fazendo deles exemplo para todos os que desobedecessem às ordens do rei e do conselho. Em seguida, mandou que comparecessem perante o rei em Falkland no dia 4 de setembro seguinte.

Quando chegaram a Falkland, foram outra vez acusados de transgredir aquela lei e desobedecer às determinações do bispo. Travou-se acalorada discussão entre Craig e o bispo de St. Andrews. O conde de Arran interveio e falou de maneira ultrajante contra Craig, que respondeu serenamente "que homens tão grandes, postos em alturas ainda maiores, já haviam sido rebaixados". Arran retrucou: "Farei de ti, que és falso mentiroso, verdadeiro profeta"; ajoelhando-se, disse: "Agora estou humilhado." "Não", respondeu Craig, "zomba dos servos quanto quiseres; de Deus não se zomba. Ele fará com que o sintas de verdade quando fores derrubado do alto cavalo de teu orgulho e humilhado." Isso se cumpriu alguns anos depois, quando James Douglas de Parkhead o derrubou do cavalo com uma lança e o matou; seu cadáver ficou exposto aos cães e porcos antes do sepultamento.*

Craig foi imediatamente proibido de voltar a pregar em Edimburgo, e o bispo de St. Andrews foi designado para substituí-lo. Mas, tão logo este entrou na igreja principal de Edimburgo, toda a congregação se retirou, à exceção de alguns parasitas da corte. Não tardou para que Craig fosse restituído ao posto e ao ministério.

Em 27 de dezembro de 1591, o conde de Bothwell e seus cúmplices chegaram às portas dos aposentos do rei e do chanceler com fogo, e à porta dos aposentos da rainha com um martelo, no palácio de Holyrood, pretendendo capturar o rei e o chanceler. Ao pregar perante o rei no dia 29 sobre as duas montanhas de bronze de Zacarias, Craig disse: "Assim como o rei dera pouca atenção às muitas camisas ensanguentadas que seus súditos lhe apresentaram ao pedir justiça, Deus, em sua providência, fez chegar às suas próprias portas o clamor e os martelos." O rei mandou que o povo permanecesse depois do sermão para que pudesse justificar-se, e declarou: "Se eu soubesse que meu servidor assalariado" — referindo-se a Craig, seu ministro — "me trataria dessa maneira, não o teria mantido por tanto tempo em minha casa." Craig, que não ouviu essas palavras por causa da multidão, foi embora.

Em 1595, estando Craig exaurido pelo trabalho e pelos males da idade, o comissário do rei apresentou à Assembleia Geral alguns artigos. Entre outras coisas, este pedia que, visto estar Craig à espera da hora em que Deus o chamasse e já não poder servir, e como Sua Majestade desejava colocar junto ao príncipe John Duncanson, colega de Craig, a Assembleia autorizasse o rei a escolher dois ministros. Assim se fez. Craig morreu em 4 de dezembro de 1600, aos oitenta e oito anos, tendo vivido sob o reinado de quatro soberanos.

Este breve relato mostra que Craig foi homem de extraordinária resolução e atividade. Participou de grande parte dos assuntos da Igreja no reinado da rainha Mary e no início do reinado do filho. Compilou o Pacto Nacional e um catecismo comumente chamado Catecismo de Craig, impresso pela primeira vez por ordem da Assembleia em 1591.

David Black

ATÉ ENTÃO os reformadores escoceses haviam dirigido sua luta sobretudo contra as usurpações dos papistas sobre os ofícios profético e sacerdotal de Cristo. A partir de 1570, porém, foram chamados mais particularmente a reivindicar e defender sua prerrogativa régia como rei e cabeça da Igreja. Entre os primeiros a levantar-se em defesa de seu Senhor e Mestre estava David Black, a quem cabe lugar especialmente destacado. Pouco se sabe de seus primeiros anos; menos se lamenta essa falta porque sua vida pública é o assunto que mais diretamente nos interessa.

Por algum tempo, Black foi colega do célebre Andrew Melville no ministério de St. Andrews. Distinguia-se pelo zelo e fidelidade no cumprimento do dever, aplicando de perto a doutrina aos vícios de seu

tempo, fossem eles encontrados entre os mais altos ou entre os mais humildes. Em consequência disso, em 1596 foi citado perante o conselho por certas expressões de um sermão que se alegava terem atingido o rei e seus conselheiros. Seus irmãos no ministério, porém, entenderam que aquele procedimento procurava subverter o governo espiritual da casa de Deus. Resolveram que Black recusasse submeter-se ao julgamento do rei e do conselho e, nesse meio-tempo, prepararam-se para demonstrar pelas Escrituras Sagradas que o julgamento da doutrina competia, em primeira instância, à Igreja.

Em 18 de novembro de 1596, Black apresentou, por isso, uma recusa formal à jurisdição do conselho. Declarou ser capaz de defender tudo quanto dissera; responder ali à acusação, contudo, poderia prejudicar as liberdades da Igreja e seria tomado como reconhecimento da jurisdição de Sua Majestade em questões puramente espirituais. Via-se, portanto, obrigado a declinar daquele tribunal: primeiro, porque o Senhor Jesus Cristo lhe dera sua Palavra como regra, de modo que não estava sujeito à lei civil senão na medida em que, depois de examinado, se demonstrasse que ultrapassara as instruções recebidas — exame que pertencia somente aos profetas, isto é, aos ministros da Igreja; segundo, porque as liberdades da Igreja e a disciplina então praticada haviam sido confirmadas por diversas leis parlamentares e aprovadas pela Confissão de Fé. Os oficiais da Igreja exerciam-nas pacificamente, e a questão de sua pregação deveria ser julgada primeiro, segundo aqueles fundamentos e práticas, pelo conselho eclesiástico, tribunal competente em primeira instância. Em pouco tempo, entre trezentos e quatrocentos ministros subscreveram essa recusa e uma carta enviada pelos diferentes presbitérios, manifestando sua aprovação.

Os comissários da Assembleia Geral que então se reuniam em Edimburgo, sabendo que o rei estava descontente com o procedimento, enviaram alguns de seus membros para falar com Sua Majestade. Ele respondeu que, se Black retirasse a recusa à jurisdição, retiraria a intimação; eles, porém, não consentiram. O rei mandou então convocar novamente Black, em 27 de novembro, para comparecer perante o conselho no dia 30. A convocação foi anunciada ao som de trombeta e por proclamação pública na cruz de Edimburgo. No mesmo dia, os comissários da Assembleia receberam ordem de deixar a cidade em vinte e quatro horas, sob pena de serem declarados rebeldes.

Antes do segundo comparecimento perante o conselho, Black preparou uma declaração ainda mais explícita de recusa de jurisdição, particularmente quanto à supremacia do rei. Declarou "que existem duas jurisdições no reino: uma espiritual e outra civil; uma relativa à consciência, outra às coisas exteriores; uma persuade pela espada espiritual, a outra obriga pela espada temporal; uma promove espiritualmente a edificação da Igreja, a outra promove pela justiça a paz e a tranquilidade da comunidade civil. Esta última, fundada na luz da natureza, procede de Deus como Criador — assim a denomina um apóstolo* —, mas varia segundo as constituições humanas; a primeira, acima da natureza e fundada na graça da redenção, procede diretamente do evangelho de Cristo, único rei e único cabeça de sua Igreja.† Portanto, na qualidade de oficial espiritual, tendo desempenhado com alguma medida de graça e sinceridade sua vocação, não devia nem podia legitimamente ser julgado por qualquer poder civil por pregar e aplicar a Palavra de Deus. Era embaixador e mensageiro do Senhor Jesus, investido de sua comissão pelo Rei dos Reis; todas as suas instruções se encontravam estabelecidas e delimitadas na Palavra de Deus, que nenhum rei ou imperador mortal pode ampliar nem reduzir. Como foi enviado a pessoas de toda condição, sua comissão e seu cumprimento não deviam nem podiam ser legitimamente julgados por aqueles a quem foi enviado: eles são ovelhas, não pastores, e devem ser julgados pela Palavra de Deus, em vez de se tornarem juízes dela em processo judicial."

O conselho promulgou uma decisão contra Black, após a qual seus irmãos da comissão dirigiram sua pregação contra o conselho. O rei enviou mensagem aos comissários, declarando que se daria por satisfeito com uma simples declaração da verdade feita por Black. O sr. Bruce e os demais responderam que, se o assunto dissesse respeito apenas a Black, ficariam satisfeitos; mas a proclamação do sábado anterior ferira tão profundamente a liberdade do reino de Cristo que a morte de Black e de mais uma

dúzia de homens não teria afligido tanto o coração dos piedosos. Ou se revogavam aquelas medidas, ou eles se oporiam enquanto tivessem fôlego. Após longo processo, não se conseguiu abrandar o rigor do conselho. Um oficial intimou Black a recolher-se sob custódia ao norte do rio Tay, onde permaneceria às próprias custas enquanto aprouvesse a Sua Majestade. Embora fosse restituído no ano seguinte a seu posto em St. Andrews, não lhe permitiram continuar ali. Por volta de julho do mesmo ano, o rei e o conselho procederam novamente contra ele, transferindo-o para Angus, onde permaneceu até a morte. Sempre fora severo freio para a parte negligente e infiel do clero, que agora encontrara um meio de livrar-se dele. O posto do qual fora afastado foi conferido ao sr. George Gladstanes, ministro de Arbirlot, no condado de Angus, paróquia para a qual Black foi logo depois designado.

Depois de transferido, continuou a exercer o ministério e a pregar diariamente aos que o procuravam, com muito fruto. Desfrutou de íntima comunhão com Deus até o dia da morte.

Durante sua última enfermidade, o caráter cristão de seu espírito foi tão enriquecido por abundantes medidas do Espírito que sua conversa teve efeito notável em humilhar os corações e consolar as almas dos que o acompanhavam, exortando-os a tomar sobre si o suave jugo de Cristo. Experimentava na própria alma tão sensível antegozo da alegria celestial que foi tomado pelo ardente desejo de partir e estar com o Senhor; ansiava pela dissolução da morada terrena de seu tabernáculo, para ser recebido nas mansões do descanso eterno. Em meio a esses intensos anseios por Deus, o Senhor dignou-se maravilhosamente atender à insistência de seu servo, fazendo-o saber que a hora de sua partida estava próxima. Ele então se despediu solenemente da família e do rebanho num discurso que, segundo Melville, parecia vindo do céu, sobre as misérias e dores desta vida e a glória inconcebível do alto.

Na noite seguinte, depois da ceia, leu as Escrituras e orou com a família por tempo mais prolongado e com fervor maior que o habitual. Foi deitar-se e dormiu por algum tempo. O dia seguinte fora reservado à celebração da Ceia do Senhor. Black foi à igreja e, quando já quase concluía o ofício da comunhão, sentiu a aproximação da morte. Todos perceberam súbita mudança em seu semblante e alguns correram para ampará-lo; ele, porém, insistiu em ajoelhar-se. Com as mãos e os olhos erguidos ao céu, no próprio ato de adoração e como arrebatado pela alegria, foi levado sem mostrar sinal algum de dor. Assim esse homem santo, que tão fielmente sustentara na terra a causa de Cristo, entregou a alma de maneira tão feliz que sua morte pareceu antes uma translação do que uma morte propriamente dita.

John Davidson

JOHN DAVIDSON era natural de Dunfermline e nasceu provavelmente por volta de 1550, pois em 1567 foi matriculado no colégio de St. Leonard, da Universidade de St. Andrews, onde permaneceu até 1570. Homem de grande zelo e ousadia em favor da causa reformada, desde cedo demonstrou piedade incomum e fidelidade no cumprimento do dever. Em 1573, quando o regente Morton obteve do Conselho Privado uma ordem autorizando a união de várias paróquias numa só, Davidson, então regente do colégio de St. Leonard, escreveu um poema que expunha em termos severíssimos a intenção de Morton. A obra intitulava-se Louvor da retidão. M'Crie afirma que "nada havia no livro censurado que pudesse dar motivo de ofensa ou alarme a qualquer bom governo: tratava-se apenas de discussão moderada de uma medida ao menos discutível. Os males que a decisão do conselho tendia a produzir eram expostos com fidelidade e vigor, mas sem qualquer desrespeito à autoridade nem a menor tendência de incitar 'sedição e tumulto'". Rutherford, diretor do colégio de St. Salvator, e diversos colegas da universidade, mais interessados em conservar o favor da corte que em defender a Igreja perseguida, mostraram-se hostis a Davidson. Rutherford, julgando encontrar no poema alusões desrespeitosas à sua pessoa, escreveu-lhe uma resposta. Eis a passagem ofensiva:

"Conhecemos alguns colégios
Bem dotados para sustentar homens instruídos;
Entre os fins para os quais foram fundados

Está, vemos nós, o ensino da teologia.
Que o conselho mande agora averiguar
Se esses lugares são bem administrados
E não mal empregados por rudes ociosos,
Que nada fazem senão gastar os bens
Destinados àquele uso santo,
E não a alimentar um ganso empanturrado."*

O poema foi impresso e divulgado sem que Davidson soubesse. Intimaram-no a comparecer a uma sessão de justiça itinerante em Haddington, onde foi condenado à prisão. Logo recebeu, contudo, liberdade mediante fiança, na esperança de que a clemência o levasse a retratar-se ou, pelo menos, de que seus irmãos fossem persuadidos a condenar a obra. A maior parte da Assembleia Geral, embora partilhasse suas opiniões, temeu o ressentimento do regente, recusou-se a interceder em seu favor e o deixou à mercê do acusador. Frustradas essas expectativas, Davidson verificou que até a intervenção de alguns dos principais cavalheiros do país era inútil e que só uma retratação o livraria do castigo. Fugiu, então, para o oeste da Escócia e dali para a Inglaterra, onde permaneceu até a deposição do regente, quando voltou à pátria.

Por volta da época em que escreveu o primeiro poema, compôs também uma homenagem à memória de Robert Campbell de Kinzeancleugh, homem profundamente ligado à religião reformada e amigo constante e desinteressado do intrépido reformador. Campbell morreu enquanto se empenhava diligentemente em defender Davidson dos efeitos da perseguição. Suas virtudes são celebradas num poema que, embora algo deficiente na composição, conserva muitas notícias interessantes daqueles tempos conturbados. Como a obra é rara e pouco acessível à maior parte dos leitores, convém apresentar dela uma breve descrição nas palavras do autor. Seu título é Memorial da vida e morte de dois dignos cristãos, Robert Campbell de Kinzeancleugh e sua esposa Elizabeth Campbell; a dedicatória diz: "À sua amada irmã em Cristo, Elizabeth Campbell de Kinzeancleugh."†

"De Edimburgo, 24 de maio de 1595. Vosso fiel amigo em Cristo, J. D.

"Tendo encontrado, irmã caríssima em Cristo, entre meus outros papéis, este pequeno tratado, que compus há cerca de vinte e um anos, logo após a morte de vossos piedosos pais, de boa memória, com os quais mantive íntima amizade em Cristo por causa das tribulações que sofri naquele tempo pela boa causa — nelas Deus os fez meus principais consoladores, até que a morte nos separou —, examinei-o e li-o recentemente perante algumas pessoas piedosas. Elas insistiram muito para que eu consentisse em publicá-lo, a fim de reavivar o zelo do povo de Deus entre nós, que agora começa quase a extinguir-se em todos os estamentos, sem exceção. Assim se mostra verdadeira a palavra daquele digno servo de Deus, John Knox, entre tantas outras previsões suas: 'Assim como o evangelho entrou entre nós e foi recebido com fervor e calor, receava ele que viesse a declinar e perder a antiga beleza pela frieza e aversão; contudo, como disse muitas vezes, não seria inteiramente destruído na Escócia até a vinda do Senhor Jesus para julgar, apesar de Satanás e da malícia de todos os seus escravos.'"

Depois de louvar a piedade e caridade de seu protetor, a brandura com que tratava os arrendatários, sua sabedoria e integridade ao resolver desavenças particulares e a esposa, que o encorajava nesses esforços desinteressados em vez de reclamar dos gastos como faziam algumas mulheres, Davidson prossegue:

"Para falar mais claramente, sem causar dano,
Ambos tinham Campbell por sobrenome;
De antigas famílias do país
Ambos traziam sua linhagem:
Ele, da casa dos xerifes de Ayr,
Há muito nobre, famosa e ilustre;

Ela, de boa e piedosa estirpe,
Da antiga casa de Cessnock,
Cujo senhor, muitos anos antes,
Professara abertamente a religião de Cristo."

Quando era ministro de Libberton, perto de Edimburgo, o presbitério metropolitano encarregou-o de excomungar Robert Montgomery, ministro de Stirling, por renovar obstinadamente a pretensão ao arcebispado de Glasgow depois de renunciá-la solenemente na Assembleia Geral anterior. Davidson cumpriu a incumbência com ousadia que muito surpreendeu o partido da corte.* Ao que parece, Montgomery havia adquirido o arcebispado de Glasgow por simonia junto ao conde de Lennox. Em março de 1582, acompanhado de soldados, dirigiu-se à cidade; encontrando o ministro no púlpito, subiu até ele, puxou-o pela manga e gritou: "Desça daí, patife!" O ministro respondeu que a Igreja o colocara ali e que não cederia o lugar a quem se introduzisse sem autorização. Seguiram-se grande confusão e derramamento de sangue. O presbitério de Stirling suspendeu Montgomery, e a Assembleia Geral confirmou sua autoridade. O conde de Lennox, porém, não se dispôs a aceitar a oposição e conseguiu do rei uma comissão para julgar e punir os responsáveis. Antes que o tribunal da comissão se reunisse, entretanto, os condes de Mar e Gowrie, o master de Oliphant, o jovem Lochleven e outros levaram o rei ao castelo de Ruthven. Ali o obrigaram a revogar a comissão e a banir Lennox do reino. Mais tarde o rei escapou daqueles nobres rebeldes e baniu todos os envolvidos no empreendimento. Davidson foi posteriormente designado para integrar a comissão enviada pela Assembleia a Stirling para protestar perante o rei contra a medida em favor de Montgomery. Em razão do destemor com que advertira o rei,* a quem o Parlamento conferira poder exclusivo em todas as causas, eclesiásticas e civis, e da perseguição tirânica que imediatamente atingiu vários de seus irmãos, Davidson julgou prudente refugiar-se novamente na Inglaterra, onde permaneceu por considerável tempo.

Quando voltou à Escócia, a Igreja desfrutava de paz interna, e seus ministros viviam em amizade com os irmãos do reino vizinho. Ocupavam-se apenas de eliminar corrupções que não haviam sido inteiramente purgadas após a expulsão dos intrusos papistas; ou mesmo de defender pacificamente o presbiterianismo contra a corte e alguns eclesiásticos ambiciosos que buscavam introduzir o episcopado. De súbito, porém, um zelote irascível e ambicioso, o doutor Bancroft, abriu hostilidades num sermão declamatório pregado perante o Parlamento e logo publicado. Retratou os presbiterianos escoceses como puritanos, juntou-os aos hereges e chamou-os de orgulhosos, ambiciosos, cobiçosos, insubordinados, inquisitoriais e pragas da sociedade; conclamou todos os magistrados a contê-los e puni-los. "Se eles" — os "gansos e cães" puritanos —, disse, "grasnarem e fizerem barulho de dia sem motivo, julgo muito apropriado que levem pancadas nas canelas." A piedade e o apego de Davidson à Reforma não lhe permitiram suportar em silêncio tais palavras. Com o consentimento dos irmãos, publicou num pequeno opúsculo de dezesseis folhas um "protesto contra a temeridade do caluniador e as razões da Igreja para não entrar numa defesa de sua conduta", intitulado A temeridade do doutor Bancroft ao insultar a Igreja da Escócia, apontada em resposta a uma carta de pessoa digna da Inglaterra, com algumas razões por que a resposta ainda não fora publicada. Encerra-se assim: "Adeus, de Edimburgo, 18 de setembro de 1590. Vosso no Senhor, J. D." A publicação elevou muito a estima que seus irmãos lhe dedicavam; desde então, foi chamado a atuar em quase todas as ocasiões difíceis.

A "renovação do pacto" tornaria o ano de 1596 sempre memorável na história da Igreja da Escócia, e Davidson desempenhou nela o papel principal. Havia muito seu espírito se afligia com a corrupção predominante, e ele desejava uma reforma geral o mais depressa possível. Apresentou ao presbitério de Haddington uma proposta nesse sentido, encaminhada à Assembleia Geral em Edimburgo no mês de março seguinte e aprovada por unanimidade. A reunião realizou-se na Little Church em 30 daquele mês, e Davidson foi eleito moderador. Na ocasião, pareceu mais que humano. Suas confissões profundas e humildes na oração dirigida ao trono do Onipotente, e a vigorosa exposição dos defeitos da Igreja tanto na doutrina quanto na prática, tiveram tal efeito sobre os ouvintes que todos romperam em lágrimas.*

Com um só coração, ergueram a mão direita e renovaram o pacto com Deus, "prometendo andar com maior cautela em seus caminhos e ser mais diligentes em seus encargos". Aprovou-se depois uma resolução que impunha o mesmo dever sagrado a todos os sínodos e presbitérios; em outubro, cumpriram-no com a devida solenidade.

Na Assembleia Geral realizada em Dundee em 1598, na presença do rei, propôs-se que os membros do clero votassem no Parlamento em nome da Igreja. Davidson considerou a medida um artifício para introduzir bispos e se opôs vigorosamente. "Enfeitai-o, enfeitai-o, enfeitai-o", exclamou, "com toda a graça que puderdes; apresentai-o da forma mais agradável que quiserdes: ainda o vemos muito bem, distinguimos os chifres de sua mitra." Concluiu rogando à Assembleia que não agisse precipitadamente: "Irmãos", disse, "não vedes com que facilidade os bispos começam a insinuar-se?" Davidson foi um dos principais oradores contra a proposta do rei, e um certo Gladstanes falou em seu favor. Durante o debate, Gladstanes insistiu no poder que os sacerdotes da Roma antiga tinham para propor e estabelecer leis. Davidson refutou a afirmação: admitiu que estavam presentes no Senado, mas sustentou que não tinham voto. "Ah! Onde encontrastes isso?", perguntou o rei. "Em Tito Lívio", respondeu Davidson. "Oh! Deixais as Escrituras por Tito Lívio?", retrucou Sua Majestade. James Melville informa em seu Diário que, posta a questão em votação, a proposta régia passou por maioria de dez votos, "à frente Gilbert Brady, um asno bêbado de Orkney, seguido pela maioria, todos atentos ao corpo, sem respeito pelo espírito". Instado a votar, Davidson recusou e apresentou protesto em seu nome e no dos que a ele aderissem, pedindo que fosse registrado nos livros da Assembleia. O rei interveio: "Isso não será concedido; verificai se antes votastes e argumentastes." "Nunca, senhor", respondeu Davidson, "sem ressalvar qualquer protesto já feito ou por fazer." Apresentou então o protesto, que passou de mão em mão até ser colocado diante do secretário. O rei o pegou, leu-o, mostrou-o ao moderador e a outros presentes e por fim o guardou no bolso.* Esse protesto e uma carta ocasionaram-lhe novas dificuldades. No maio seguinte, foi intimado a comparecer perante o conselho no dia 26 para responder por eles e, por ordem do rei, encarcerado no castelo de Edimburgo. Em razão da saúde debilitada, transferiram o local da prisão para sua própria casa paroquial. Mais tarde, permitiram-lhe exercer o ministério em sua paróquia. Depois de alguns anos de serviço, durante os quais sofreu muito com a saúde precária, morreu em Prestonpans em 1604.

Esse digno e muito perseguido ministro possuía considerável erudição. Além dos poemas já mencionados, pouco antes de morrer escreveu em latim um tratado De Hostibus Ecclesiæ Christi (Sobre os inimigos da Igreja de Cristo), no qual, diz Row, "afirma que a instituição de bispos nesta Igreja é o artifício mais sutil que se poderia imaginar para destruir a religião". Em 1602 publicou um catecismo intitulado Alguns auxílios para jovens estudantes no cristianismo, reimpresso em 1708 com um prefácio muito curioso de William Jameson, professor de história eclesiástica em Glasgow. Nele, Jameson expôs a falsificação de Robert Calder, que, mediante suposta citação do catecismo, tentara difundir a mentira de que Davidson se retratara de seus princípios presbiterianos antes de morrer. O arcebispo Spottiswood também aproveitava toda oportunidade para falar dele com desrespeito, sobretudo quando foi processado por iniciativa do rei. Entre outras calúnias, afirmava que, quando lhe surgiam problemas, tinha o costume de "fugir e esconder-se algum tempo, até que a paz lhe fosse restituída". Davidson era herói cristão de outra espécie. "É muito fácil", diz nossa fonte, "para um sacerdote acomodado às conveniências do momento, que por suas submissões servis pode sempre proteger-se do perigo, falar assim de um homem cujas repreensões mais de uma vez o fizeram recuar e acusá-lo de covardia apenas por ter fugido da fúria sem lei de um déspota. Mas é falso que Davidson tenha fugido ou se ocultado: os registros do presbitério de Haddington comprovam satisfatoriamente que compareceu, conforme a intimação, em 29 de março; em 5 de abril, informou-se ainda ao presbitério que estava 'retido por febre violenta'."

Era homem de piedade sincera, zelo incansável pela causa da Reforma e daquela ousadia e honestidade que caracterizavam quase todos os primeiros reformadores. Merece particular atenção pelos esforços

em favor da instrução religiosa e literária dos paroquianos de Prestonpans. Às próprias custas, construiu a igreja, a casa pastoral, a escola e a residência do mestre. A escola destinava-se ao ensino das três línguas eruditas, e ele legou todos os seus bens imóveis e móveis para sustentá-la.

Em alguns episódios, mostrou possuir, se não o espírito de profecia, ao menos alto grau de perspicácia. Calderwood relata que Davidson, "vendo certo dia o sr. John Kerr, ministro de Prestonpans, trajando uma capa escarlate como um cortesão, ordenou-lhe que abandonasse aquela roupa abominável, pois estava destinado a sucedê-lo no ministério"; e assim aconteceu. Em outra ocasião, John Spottiswood, ministro de Calder, e James Law, ministro de Kirkliston, foram chamados perante o sínodo de Lothian por jogarem futebol no domingo. Davidson, que atuava como moderador, propôs que fossem depostos dos cargos. O sínodo, porém, impôs-lhes pena mais branda. Quando foram chamados para ouvi-la, Davidson exclamou: "Entrai, meus elegantes jogadores; o sínodo ordena apenas que sejais repreendidos." Dirigindo-se então à reunião, disse: "E agora, irmãos, permiti que vos diga qual será a recompensa por vossa indulgência: esses dois homens pisarão vosso pescoço e o pescoço de todo o ministério da Escócia." Um deles se tornou depois arcebispo de St. Andrews; o outro, arcebispo de Glasgow.

Andrew Melville

Este eminente santo e servo de Deus, inferior somente a Knox na grande obra da Reforma, nasceu em Baldovy, perto de Montrose, em 1º de agosto de 1545. Ambos os pais morreram quando ele tinha apenas dois anos; seu irmão mais velho, Richard, a quem coube a propriedade de Baldovy por morte do pai, assumiu a criação e educação daquele de quem tratamos.* Na infância, Andrew muito deveu também à ternura e ao afeto maternais da cunhada, que em todas as ocasiões o tratava como a um dos próprios filhos. De constituição delicada e passando muito tempo na companhia dessa amável mulher, conquistou-lhe de tal modo o coração com sua docilidade e obediência que ela, depois de acariciá-lo com o maior carinho, exclamava muitas vezes: "Que Deus me dê outro menino como tu e depois me leve para o seu descanso." Até o fim da vida, Melville conservou grata lembrança de seus cuidados; e, não raro, quando sua mente repousava da intensidade dos estudos severos, manifestava singular prazer em recordar as cenas domésticas daquela família feliz.

Percebendo nele um menino de inteligência viva, o irmão resolveu cultivar-lhe as inclinações e confiou-o, portanto, aos cuidados de Thomas Anderson, então mestre da escola de gramática de Montrose. Pode-se presumir que a ele Melville tenha devido, em grande medida, o conhecimento precoce das doutrinas da religião protestante, bem como os fundamentos da cultura clássica pela qual se distinguiria tão eminentemente mais tarde. Mas foi sobretudo ao piedoso irmão, que abraçara a fé protestante vários anos antes do nascimento de Andrew e depois se tornou ministro da paróquia de Maritoun, que ele deveu o renome de sua fidelidade aos princípios da religião reformada em meio a todas as perseguições que mais tarde o assaltaram.

Sob a orientação de Thomas Anderson, o jovem Melville aprendeu não só os princípios da língua latina, em que fez grandes progressos, mas também exercícios físicos que tiveram o feliz efeito de fortalecer seu corpo naturalmente delicado. Eram sobretudo o arco e flecha, o golfe, a esgrima, a corrida, os saltos, a luta e a natação, atividades em que cada menino tinha um adversário. Os alunos desse mestre tão criterioso também eram postos em competição nos exercícios escolares; assim ele mantinha vivo um espírito de emulação entre os que estavam sob seus cuidados. Dizia-se, por isso, que, embora não fosse ele próprio um erudito profundo, possuía a feliz arte de conduzir os jovens à excelência.

Aos onze anos, em vez de seguir para a universidade, Melville foi enviado para estudar grego com Pierre de Marsilliers, francês que o célebre John Erskine de Dun levara a Montrose para promover as letras em sua terra natal. Permaneceu dois anos com esse talentoso homem, dedicando-se ao estudo da língua com o maior ardor. Com ele adquiriu também um conhecimento do francês mais correto do que poderia

ter obtido na escola de gramática. Naqueles dias, o estudo dessa língua costumava acompanhar o do latim; o grego, porém, era pouco conhecido, mesmo entre os professores universitários, até época consideravelmente posterior.

Depois dessa preparação, tão superior à recebida pela maioria dos contemporâneos, Melville tornou-se aluno da Universidade de St. Andrews em 1559, matriculando-se no Colégio de St. Mary. A baixa estatura e a constituição delicada de seu corpo contrastavam singularmente com suas admiráveis conquistas literárias. Os escritos de Aristóteles constituíam então a única matéria de leitura e comentário em todas as universidades escocesas, e eram estudados em tradução latina; Melville, entretanto, bebia na própria fonte, pois já dominava a língua daquele autor.* Essa superioridade do aluno não suscitou, contudo, ressentimento entre os professores. Ao contrário, o jovem estudante era louvado e estimado por sua aplicação e estimulado a prosseguir, com maior diligência e perseverança, em sua carreira de renome. John Douglas, então reitor da universidade, dispensava-lhe especial atenção. Esse bondoso senhor frequentemente o convidava à sua casa para conversar sobre os estudos e, tão satisfeito ficava com a perspicácia e a exatidão de suas observações, que o colocava entre os joelhos, afagava-lhe a cabeça e exclamava: “Meu pobre menino, sem pai nem mãe, quem pode saber o que Deus ainda fará de ti?”

Na lista de matrículas do ano em que Melville ingressou no colégio, encontramos, entre outros nomes célebres, os de Thomas Maitlande e James Lawsone: o primeiro, irmão do famoso secretário desse nome; o segundo, colega e sucessor do célebre reformador. A Lawson ele parece ter sido particularmente afeiçoado, como se pode conjecturar com bastante fundamento do traço vermelho feito sob seu nome no registro de matrículas, que o doutor Lee julga ter sido traçado por Melville. Com ambos, em todo caso, manteve relações da mais cordial amizade até o dia de sua morte. Questionou-se se Melville chegou a obter graus acadêmicos nessa universidade. Seu sobrinho James Melville afirma que sim. Os registros de St. Mary, contudo, não o confirmam; entende-se, porém, que eles são incompletos nesse período por circunstância que desconhecemos.

Durante a permanência de Melville em St. Andrews, George Buchanan voltou do exterior. Supôs-se, com base numa expressão empregada por Melville em poema dirigido a esse homem célebre, no qual o chama de “seu preceptor e mestre das musas”, que ele de fato estudara com Buchanan. Isso, porém, é duvidoso e não recebeu aceitação geral. Talvez “preceptor” signifique apenas que Melville, ele próprio apaixonado pela poesia e autor de versos de valor considerável, reconhecia Buchanan como muito superior nessa arte e assim o denominava somente nesse sentido. Sir Thomas Randolph, ao dirigir-se a Buchanan em mais de uma ocasião, emprega a expressão “meu mestre”, mas não reserva essas palavras somente a ele; é provável, portanto, que pretendesse apenas reconhecer uma superioridade literária.

As realizações literárias de Melville eram tão célebres mesmo nessa fase inicial da vida que não passaram despercebidas a vários homens de letras estrangeiros que então visitavam a Escócia. Bizzarus, poeta italiano que naquele tempo veio ao país por sua afeição à religião reformada, celebra seu talento e sua reputação em tom muito elevado, num breve poema latino que, por ser inteiramente ininteligível ao leitor comum de inglês, apresentamos abaixo em tradução livre.*

Já em seu décimo nono ano, Melville resolveu completar no continente a educação a que aspirava seu espírito ardente e na qual percebia não poder progredir mais em sua terra. Com esse propósito, partiu para a França no outono de 1564 e, após consideráveis obstáculos, não isentos de perigo, chegou a Paris. Sem demora, retomou os estudos na universidade daquela cidade, tendo sido inscrito na nação germânica, que compreendia a Escócia, a Inglaterra e a Irlanda. Scaliger, Pontanus e outros nos informam que, naqueles dias, não era raro encontrar de dez mil a trinta mil estudantes naquela universidade. Ela se achava então numa fase de grande florescimento, gozando de tranquila pausa entre as guerras civis de 1563 e 1567, que haviam dispersado muitos professores e alunos participantes do conflito, mas que agora, felizmente, haviam retornado a suas antigas posições. Turnebus† lecionava grego, e Melville teve a ventura de acompanhar o último curso ministrado por esse homem distinto.

Mercerus e Quinquarboreus ocupavam conjuntamente a cátedra de hebraico e caldeu. Sob esses mestres capazes, aplicou-se assiduamente ao estudo dessas línguas, então ignoradas pelos professores das universidades escocesas. Com Peter Ramus, professor de "eloquência romana", adquiriu ainda um conhecimento mais penetrante da língua latina, e a ele deveu aquele método feliz de ensinar que depois praticaria com tanto êxito em seu país. Além de Melville, quase todos os maiores talentos daquela época estudaram com Ramus; entre eles estava o regente Moray, prior de St. Andrews, que nos interessa mais de perto. Além dos mestres já citados, Melville recebeu instrução em matemática de Paschasius Hamelius, Petrus Forcatellus, Jacobus Carpentarius e Joannes Scalignacus. É provável que também tenha tomado lições de hebraico com este último, que gozava de altíssima reputação por seus conhecimentos da cultura judaica e rabínica e parece ter sido um dos professores régios dessa língua quando Melville esteve em Paris. Assistiu ainda às aulas de Ludovicus Duretus, médico predileto de Carlos IX e Henrique III. Durante sua residência na França, conheceu as intrigas dos jesuítas, que por aquela época haviam aberto um colégio, evidentemente com o propósito de alcançar a primazia na educação dos jovens. Essa circunstância mais tarde o estimulou a empregar toda a influência de que dispunha para estabelecer nas universidades escocesas um sistema de ensino que impedisse os jovens do país de ir ao exterior, onde correriam constante perigo de ser contaminados pelos insidiosos adeptos da Igreja de Roma. Ali também dedicou algum tempo ao direito civil, não para seguir essa profissão, mas apenas para somar tal conhecimento aos demais, "como parte de um curso completo de educação". De fato, já em 1220 o papa Honório III proibira rigorosamente que o direito civil fosse ensinado em Paris ou em suas vizinhanças; e temos por autoridade incontestável que essa proibição continuava em vigor até mesmo no século XVI, só sendo revogada por um édito do parlamento em 8 de maio de 1679. Não havendo, portanto, curso regular, Melville transferiu-se, depois de dois anos, para a Universidade de Poictiers, a fim de alcançar o objetivo desejado.

Desse momento, em 1566, pode-se datar o começo da vida pública de Melville. Embora tivesse apenas vinte e um anos, já adquirira tal reputação de saber geral que, imediatamente após chegar a Poictiers, foi eleito professor do Colégio de St. Marceon. Assumiu de muito bom grado os deveres do cargo, sem, entretanto, descuidar-se do propósito principal de sua visita, a saber, a ciência do direito. O período em que Melville ali ensinou foi de grande renome para a universidade. Como era bastante comum naqueles dias, existia então uma rivalidade entre os alunos desse colégio e os do Colégio de St. Pivareau na composição de versos. Melville dominava essa arte e, como se podia esperar, seus discípulos invariavelmente conquistavam os louros. Como mestre público, sobressaía na arte de comunicar o conhecimento, dom que relativamente poucos homens de letras possuem; e, sendo-lhe as raízes das línguas latina e grega tão familiares quanto a língua materna, não admira que o arcebispo Spottiswood tenha dito a seu respeito: "Redit in patriam Andreas Melvinus bonis literis excultus, et trium linguarum, quarum eo seculo ignorantiae, ille famam et tantum, non admirationem apud omnes peperit, callentissimus."*

Em 1567, a guerra civil começou a irromper de novo, e o ensino sofreu por algum tempo uma séria interrupção. Suspenderam-se as aulas públicas; Melville, porém, encontrou refúgio na família de um conselheiro do parlamento, como preceptor de seu filho único. A cidade foi sitiada no ano seguinte. Em meio ao calor do combate, ao entrar certo dia no quarto, Melville encontrou o promissor aluno banhado em sangue: uma bala de canhão disparada do acampamento dos sitiantes atravessara a casa e lhe infligira ferimento mortal. No breve intervalo que transcorreu até sua morte, o amável jovem empregou o tempo em consolar o pai aflito com as consolações da religião e expirou nos braços do preceptor, pronunciando em grego as comoventes palavras do apóstolo: "Mestre, terminei a minha carreira!" Conta-se que Melville nunca mais se referiu a essa cena dolorosa sem derramar lágrimas. Embora tivesse evitado cuidadosamente ofender os católicos com quem convivia todos os dias, não estava inteiramente livre da suspeita de inclinar-se à fé protestante. O oficial que comandava uma pequena guarda postada para proteger a casa do conselheiro o observara lendo a Bíblia. Quando, certo dia, se deu

o alarme de que os sitiantes preparavam um assalto, o oficial chamou-o de huguenote† e chegou a insinuar que o poria sob custódia. Melville indignou-se; armou-se o mais depressa possível, tomou um cavalo da estrebaria e preparava-se para montá-lo quando o oficial lhe pediu que parasse. "Não", respondeu Melville, "hoje mostrarei que sou homem tão honrado e corajoso quanto vós." Receoso de perder o posto caso sua imprudência fosse comunicada ao superior, o oficial dirigiu-lhe os mais insistentes rogos e daí em diante sempre tratou Melville com o mais manifesto respeito.

Assim que o cerco foi levantado, Melville, na companhia de um jovem francês, preparou-se para deixar a França. Sem passaportes, abandonando todos os livros, com exceção de uma pequena Bíblia hebraica que trazia presa ao cinto, partiram a pé e, tomando caminhos novos, conseguiram atravessar a fronteira francesa sem serem molestados. Seu destino era Genebra, à qual chegaram depois do anoitecer. A cidade estava rigorosamente guardada por causa das convulsões na França e do enorme número de pessoas que diariamente solicitavam entrada vindas daquele país desorganizado. A sentinela de serviço olhou-os com suspeita. A aparência dos dois certamente confirmava o que o francês dissera ao guarda: eram "pobres estudantes vindos da França", pois seus recursos reunidos não passavam de uma coroa. Melville, contudo, assegurou à sentinela que tinham dinheiro suficiente para pagar o que viessem a precisar; mas somente depois de mostrar as cartas de apresentação a Beza abriram-lhes os portões. Melville logo atraiu a atenção desse distinto erudito, que imediatamente o recomendou aos colegas como pessoa bem qualificada para assumir os deveres de professor de humanidades, cátedra que então estava vaga. Foi, por isso, submetido a uma prova; depois de longo e rigoroso exame sobre Virgílio e Homero, saiu-se tão plenamente a contento dos examinadores que foi logo empossado. Pagaram-lhe adiantado o salário de um trimestre; embora pequeno, esse pagamento veio em hora muito oportuna. Graças aos hábitos estritos de economia que sempre praticava, pôde apresentar-se de maneira respeitável e, ao mesmo tempo, ajudar o amigo até que este encontrasse uma colocação.

Foi ali que adquiriu o conhecimento exato da literatura oriental pelo qual mais tarde seria tão justamente celebrado. Pois, enquanto cumpria fielmente os deveres de sua própria classe, recebia também, com toda a humildade de um estudante, a instrução dos colegas capazes de ampliar seus conhecimentos literários. Com Cornelius Bertram, homem de profundo talento e erudição geral, aprendeu siríaco, língua que até então fora pouco conhecida na Europa; com Franciscus Portus, natural de Cândia, aperfeiçoou o grego. Seu domínio dessa língua era tão exato que, certa ocasião, quando o cretense discorria com grande eloquência e elevação sobre as belezas da língua materna, Melville, fosse por convicção amadurecida, fosse para esclarecer-se ainda mais acerca de certas expressões e peculiaridades da língua, ousou opor-se a algumas opiniões prediletas do mestre. Portus, irritado com o que sem dúvida julgou uma interrupção descortês, exclamou com irado sarcasmo: "Vos Scoti, vos barbari, docebitis nos Graecos pronunciationem linguae nostrae, scilicet!"*

De todos os homens cultos de Genebra, era por Beza que Melville nutria a mais forte afeição. Além de assistir a suas aulas públicas, tinha a felicidade de ser admitido a qualquer tempo em sua companhia particular. A afeição que lhe devotava o erudito genebrino deve ser atribuída não apenas aos esplêndidos dotes intelectuais e literários de Melville, mas também à adesão inabalável que este sempre professava à constituição eclesiástica de sua terra natal, assunto que, nas ocasiões próprias, era motivo de agradável conversa entre os dois reformadores. Beza tinha particular apreço pela Escócia e pelos escoceses. "O massacre dos protestantes", diz o doutor M'Crie, "que começou em Paris no dia de São Bartolomeu, em 1572, e trouxe tanta desgraça à França, deu ensejo a que Melville ampliasse suas relações com os homens cultos de seu tempo. Aqueles que escaparam ao punhal dos assassinos refugiaram-se em Genebra, cujos portões foram abertos para recebê-los. Em certa ocasião havia cento e vinte ministros franceses na cidade. A academia transbordava de estudantes, e os magistrados não conseguiam prover salários para os homens de saber que desejavam empregar nem encontrar cargos para aqueles que se dispunham a ensinar sem remuneração." Foi nessa época que Melville conheceu Scaliger, Hottoman e Bonnefoy, refugiados franceses distinguidos por seus talentos e erudição, todos os

quais receberam cargos públicos. Scaliger era considerado o maior erudito de sua época; ainda hoje os mais profundos linguistas modernos se curvam à sua autoridade crítica. É certo que Melville estudou direito romano com Hottoman, e não se pode duvidar de que também aproveitou a oportunidade para assistir às aulas de Bonnefoy sobre jurisprudência oriental. Assim instruído e preparado, seu espírito se impregnara de zelo constante pelas liberdades de seu país; em todas as ocasiões, seu ânimo juvenil ardia de indignação ao pensar na tirania papista. Felizmente para sua pátria, aproximava-se a hora de deixar Genebra. Um cavalheiro escocês que Melville conhecera em St. Andrews, viajando como preceptor de Alexander Campbell, bispo de Brechin, visitou a cidade em sua viagem pelo continente. Descreveu-lhe a situação conturbada de sua terra natal e transmitiu-lhe os insistentes pedidos dos amigos para que regressasse. Melville resolveu imediatamente atender-lhes e consagrar ao serviço daquela terra — santificada em sua lembrança por todos os vínculos de família e pela piedade dos primeiros anos — o saber e a experiência adquiridos no exterior. Sem demora, apresentou-se aos dirigentes da academia e aos colegas e pediu respeitosamente que concordassem com sua renúncia ao cargo. Anuíram com grande relutância, acompanhando, porém, sua saída dos mais lisonjeiros testemunhos de estima e pesar. Beza, em especial, talvez tenha lhe feito o maior elogio possível numa carta à Assembleia Geral, atestando "que Andrew Melville se distinguia igualmente pela piedade e pela erudição e que a Igreja de Genebra não poderia dar prova maior de afeição à sua igreja irmã da Escócia do que consentir em privar-se dele para que sua pátria se enriquecesse com seus dons".

Ao preparar a partida, Melville certamente sentiu profundo pesar por se despedir do lugar onde passara os anos mais felizes da vida, adquirindo conhecimentos e desfrutando da companhia dos homens mais distintos da época pela cultura e piedade. Mais tarde, muitas vezes os evocaria em sua imaginação, especialmente num poema elegíaco em memória de John Lindsay, escocês falecido em Genebra. Deixou aquela "sede da verdadeira piedade", como ele próprio a chama, na primavera de 1574. Em companhia do bispo de Brechin e de seu preceptor, seguiu por Lyon e Franchecompté, descendo o Loire até Orléans. Como esta última cidade era rigorosamente vigiada em razão da guerra civil que ainda assolava a França, o soldado de serviço abordou Melville, que montava a cavalo por ter torcido o pé: "De onde vindes?" — "Da Escócia", respondeu ele. — "Ah! Vós, escoceses, sois todos huguenotes." — "Huguenotes? Que é isso? Não conhecemos essa gente na Escócia." — "Não tendes missa (mass)", disse a sentinela, "vous vous n'avez pas la Messe." — "Sem refeição (mess)?", retrucou Melville, sorrindo; "na Escócia, nossas crianças vão à mesa todos os dias." No caminho de volta, Melville e os companheiros visitaram Paris, onde ele se empenhou durante alguns dias numa disputa pública com um jesuíta. O resultado poderia ter-lhe sido prejudicial se alguns amigos não o tivessem advertido de que deixasse a cidade prontamente. Partiram, então, para Londres, onde permaneceram pouco tempo. Por fim, Melville chegou a Edimburgo no começo de julho de 1574, após uma ausência de nove anos e dez meses.

Havia pouco tempo que se encontrava na capital quando George Buchanan, Alexander Hay e o coronel James Halyburton o visitaram para oferecer-lhe o cargo de preceptor na família do regente. Melville, porém, recusou-o, alegando que estivera muito tempo ausente da pátria e desejava passar algum tempo com os amigos antes de assumir qualquer função pública. Seu retiro, entretanto, foi breve. St. Andrews e Glasgow disputaram a honra de tê-lo como diretor de suas universidades; ele preferiu a segunda. A caminho de Glasgow, foi apresentado em Stirling ao jovem rei, então com apenas nove anos. Ali encontrou George Buchanan ocupado em escrever sua História da Escócia e consultou-o sobre o plano de ensino que deveria adotar na universidade que fora chamado a dirigir. "Tal foi o seu êxito", diz James Melville, "que ouso afirmar não haver naqueles anos lugar na Europa comparável a Glasgow no cultivo das letras, pela abundante e acessível oferta de toda espécie de línguas, artes e ciências." Era tão feliz sua arte de ensinar que um de seus alunos declarou "ter aprendido mais com o senhor Andrew Melville, em conversas e brincadeiras, sobre o entendimento dos autores que ele ensinava em aula, do que com todos os seus comentadores". Pelos esforços de Melville, o benefício eclesiástico de Govan, a cerca de duas

milhas de Glasgow e avaliado em vinte e quatro chalders[12] de cereais por ano, foi incorporado à universidade. M'Gavin diz que o regente Morton ofereceu esse benefício a Melville, além do que já recebia como diretor, sob a condição de que não se opusesse à instituição de bispos; mas Melville rejeitou com desdém a proposta.

Há um aspecto do caráter de Melville que o habilitava admiravelmente para os árduos deveres a que em breve seria chamado e que não podemos deixar de mencionar: sua penetrante capacidade de discernir o caráter humano e sua adesão firme e perseverante, em todas as ocasiões, àquilo que julgava ser seu dever. Bastará citar um exemplo de cada qualidade. John Colville, ministro de Kilbride — não se informa se da paróquia oriental ou da ocidental —, foi convocado perante o sínodo para responder por abandono do dever e do ministério. Ao ser interrogado, deu explicações tão plausíveis que satisfez a todos os irmãos, exceto Melville. Só ele duvidou da sinceridade de Colville. Julgando pelas respostas evasivas recebidas a certas perguntas incisivas, disse aos irmãos que não se surpreenderia se Colville abandonasse a profissão ministerial e renunciasse inteiramente ao cristianismo. Foi exatamente o que aconteceu, como Melville suspeitara. Não muito depois, passando de um passo a outro, Colville aderiu à Igreja de Roma e escreveu amargamente contra a religião protestante. "Com efeito", diz M'Crie, "todas as suas mudanças de posição, políticas e religiosas, foram marcadas por uma singular falta de princípios." O outro exemplo diz respeito à disciplina então praticada na universidade, isto é, o castigo corporal. Embora Melville nunca o aplicasse pessoalmente, sustentava firmemente essa prática entre os professores sob sua direção. Certa vez, um filho de lorde Herries fora desviado dos estudos pelo filho dissoluto de um rico cidadão, e o fato chegou ao conhecimento do diretor. Em cumprimento do dever, e para impedir que outros incorressem em falta semelhante, Melville mandou citá-lo para comparecer perante todo o colégio e repreendeu-o severamente por sua conduta. Em vez de receber a censura com submissão e arrependimento, o jovem senhor irritou-se profundamente e planejou vingar-se. Com esse propósito, retirou-se para a cidade e reuniu um bando de moços tão temerários quanto ele, desafetos do colégio. Num domingo, quando professores e estudantes voltavam da igreja, ficaram-lhes à espera; Heriot, o cabeça do grupo, brandiu uma espada diante do rosto do diretor e ao mesmo tempo lhe lançou os mais repugnantes insultos. Melville suportou tudo, diz o sobrinho, com a maior paciência e só com dificuldade impediu os alunos de lutar em defesa do mestre. Pois, "embora fosse muito ardoroso em todas as questões públicas, quando o assunto tocava a sua própria pessoa ninguém conseguia enfurecê-lo, ao contrário do seu costume". Assim que o caso chegou aos ouvidos de lorde Herries, ele obrigou o filho a ajoelhar-se no pátio aberto do colégio e pedir perdão ao diretor. Melville recebeu o pedido com toda a dignidade do cargo, mas perdoou imediatamente o culpado. "Se querem perdão", disse ele em outra ocasião a um dos professores, "peçam-no humildemente e o terão; mas, antes que se estabeleça o precedente de não ousarmos corrigir nossos alunos por medo de valentões e cavalheiros de clãs, hão de derramar todo o sangue do meu corpo."

Melville estava convencido de que a prelazia[13] não tinha fundamento nas Escrituras. Presenciara os bons efeitos do presbiterianismo na França e em Genebra, ensinara que as palavras "bispo" e "presbítero" são usadas indistintamente no Novo Testamento e afirmara que os defensores da origem divina do episcopado assim procediam por desconhecer a linguagem das Escrituras. Aconselhava, portanto, atacar de imediato a raiz do mal e restabelecer a igualdade de posição entre os ministros da religião, que o partido da corte buscava destruir e que certamente existira entre os primeiros pastores da Igreja. Como membro da primeira Assembleia Geral reunida depois de sua nomeação para a Universidade de Glasgow, defendeu vigorosamente esses princípios. A partir daí, integrou todos os comitês que, de tempos em tempos, se reuniram para coligir materiais destinados ao livro de governo da Igreja. Tomou

12 Nota desta edição: Medida escocesa de capacidade para cereais e outros produtos secos, de valor variável conforme a época, a região e o produto. Nesta passagem, quantifica uma renda anual em grãos.

13 Nota desta edição: Sistema de governo eclesiástico por prelados, especialmente bispos; nas passagens polêmicas, o termo conserva o juízo do autor.

parte principal em todas as discussões, públicas e particulares. “E, de fato”, diz James Melville, “essa questão lhe custou extraordinários esforços de espírito, corpo e recursos durante cinco ou seis anos, granjeando a extrema indignação do regente, conde de Morton, e de seus bispos. Contudo, com a maravilhosa assistência de Deus, perseverou até a abolição dos bispos e o estabelecimento dos presbitérios segundo a Palavra de Deus; por isso recebeu o nome de ‘expulsador dos bispos’.” A afirmação de seus inimigos de que Melville fosse violento e autoritário em alguma ocasião carece inteiramente de provas. Argumentos ponderados e persuasão serena, embora firme, foram as únicas armas que empregou, e elas se mostraram muito eficazes. Na verdade, todos os trabalhos da Assembleia se distinguiram por prudência deliberativa, serenidade e unanimidade, para espanto e grande frustração dos adversários.

Em 1577, a Assembleia, a pedido do regente, designou Melville e outros sete para participar de uma reunião de protestantes em Magdeburgo, destinada ao estabelecimento da Confissão de Augsburgo. Por razões que só o regente conhecia, porém, o assunto não teve prosseguimento, embora a Assembleia o tenha instado repetidas vezes a levá-lo adiante. Verificando que, por artifício algum, conseguiria atrair Melville para seu partido, o regente procurou intimidá-lo, acusando-o de perturbar a paz e ameaçando proceder contra ele. O reformador, contudo, não se deixou amedrontar. Insatisfeito com as decisões da Assembleia daquela ocasião, Morton mandou chamá-lo certa vez aos seus aposentos. Depois de falar por algum tempo sobre a conveniência de preservar a paz da Igreja e do reino, disse que não haveria sossego no país enquanto meia dúzia deles não fossem enforcados ou banidos. Melville respondeu: “Ora, senhor, ameaçai assim os vossos cortesãos. Para mim tanto faz apodrecer ao ar livre quanto debaixo da terra. A terra é do Senhor. Já estive pronto a dar a vida em circunstâncias em que ela não seria tão bem empregada, segundo a vontade de meu Deus. Vivi dez anos fora de vosso país tão bem quanto nele. Seja Deus glorificado: não está em vosso poder enforcar nem banir a sua verdade.” Referindo-se a essa e a outras reprimendas semelhantes que o tio costumava ouvir de Morton, seu sobrinho escreve: “Muitas coisas assim ouviu ele, e muito mais lhe foram comunicadas em termos ainda mais temíveis; apesar de tudo, jamais se desviou um só ponto da substância da causa ou da maneira de proceder nela.”

O alto nível de ensino e disciplina a que a Universidade de Glasgow chegara e o grau comparativamente baixo de educação nos demais colégios tornaram-se notórios. Por isso, tomaram-se medidas para reformá-los e reorganizá-los. Concordou-se em criar um novo colégio de teologia em St. Andrews e decidiu-se transferir Melville para lá, instalando Smeton em seu lugar.

Melville assumiu o cargo em St. Andrews em dezembro de 1580. Segundo o doutor M’Crie, as pessoas designadas pela Assembleia Geral para acompanhá-lo foram sir Andrew Ker de Tandonside, os senhores de Braid e Lundie, James Lawson e John Dury; Calderwood acrescenta o senhor Robert Pont e William Christieson. Embora lhe fosse permitido levar de Glasgow quaisquer professores que julgasse convenientes, não desejava privar aquela florescente universidade de nenhum de seus ornamentos. Contentou-se, portanto, em levar apenas o sobrinho, o célebre James Melville, de quem ele próprio fora preceptor, e nomeou-o professor de línguas orientais. Suas próprias aulas em St. Andrews despertaram admiração geral. Assistiam a elas até alguns professores que, embora fossem mestres, não se envergonhavam de receber instrução desse homem justamente célebre. Supomos, porém, que já se disse o bastante para estabelecer a reputação literária de Melville. Doravante, nossa atenção se voltará exclusivamente à parte ativa que tomou nos assuntos da Igreja e aos sofrimentos por que passou ao promover a grande obra da Reforma.

Na Assembleia reunida em St. Andrews em 1582, Melville foi escolhido moderador e pregou o sermão inaugural com base em 1 Timóteo 4:10: “Porque para isto trabalhamos e sofremos afrontas: porquanto esperamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis.” No discurso, censurou em termos vigorosos a autoridade absoluta que se insinuava na Igreja e mencionou expressamente Beaton e Leslie como principais agentes da questão. Disse: “Sei que chamarão a isso intromissão em assuntos civis; mas essas coisas tendem à ruína da religião, e por isso as exponho.” Entre

outras providências, a Assembleia redigiu uma relação de queixas para apresentar ao rei. Melville integrou a delegação designada para entregá-la a Sua Majestade, que então residia em Perth. O sobrinho recebera aviso para aconselhar o tio a não comparecer, pois Lennox e Arran estavam furiosos com os obstáculos que ele opusera à execução de seus planos. Quando o jovem lhe transmitiu o recado e ao mesmo tempo lhe suplicou que não desprezasse a advertência amiga, Melville respondeu: "Graças a Deus, não tenho medo nem o espírito abatido na causa e na mensagem de Cristo. Venha o que Deus quiser enviar: cumpriremos nossa missão." Admitida à presença do rei e do conselho, a delegação apresentou suas queixas e pediu reparação. Depois de lidas, o conde de Arran percorreu os presentes com olhar severo e bradou em tom desafiador: "Quem ousa subscrever esses artigos de traição?" — "NÓS OUSAMOS", disse Melville, avançando até a mesa, "e por eles daremos a vida." Então tomou a pena das mãos do escrivão e assinou seu nome diante de todos. Arran ficou atônito e humilhado, enquanto Lennox se tornou manso como um cordeiro e informou aos comissários que estavam livres para partir.

Além dos deveres acadêmicos, Melville pregava frequentemente nos púlpitos vagos. Por algum tempo, ele e o sobrinho dividiram entre si o trabalho dominical numa das igrejas em que, por causa da devassidão daqueles tempos, não se conseguia obter sustento para um ministro. Por essa razão, a igreja ficou três anos sem pregador fixo. Certa ocasião, do púlpito, Melville investiu vigorosamente contra a conduta dos que impediam o estabelecimento de um ministro. "Ferido pelas censuras", diz o doutor M'Crie, "o magistrado principal da cidade levantou-se um dia do assento no meio do sermão e saiu da igreja, murmurando seu desagrado com o pregador. Fixaram-se cartazes no portão do novo colégio, ameaçando incendiar a residência do diretor, espancá-lo a golpes de bastão e expulsá-lo da cidade." Melville permaneceu tranquilo em meio ao alarme geral por sua segurança e citou o magistrado a comparecer perante o presbitério para responder por sua conduta na igreja e pelo desprezo às ordenanças divinas. Nada o afastava do dever: onde quer que encontrasse o vício, denunciava-o. Pelas expressões estrangeiras presentes num dos cartazes, tinha-se razoável certeza de quem o escrevera. Ao terminar um sermão, Melville exibiu o cartaz à congregação. Diante dele estava sentado o suspeito, que o pregador descreveu como "um alegre cavalheiro afrancesado e italianizado, que profanara muitos leitos conjugais e agora se gabava de profanar a Igreja de Deus espancando seus servos". A ousadia demonstrada nessa e em outras ocasiões anteriores granjeara-lhe muitos inimigos, que não perdiam oportunidade de predispor o rei contra ele. Em consequência, foi intimado a comparecer perante o Conselho Privado no dia 15 de fevereiro seguinte, para responder por "certas expressões traidoras e sediciosas por ele proferidas do púlpito, ao pregar num dia de jejum observado no mês anterior".

Sem se deixar intimidar minimamente, Melville atendeu à convocação, plenamente consciente de sua inocência, e respondeu à acusação. Protestou solenemente que nem naquele sermão nem em qualquer outra ocasião falara com desrespeito de Sua Majestade. Para esse fim recebera atestados da universidade, do conselho municipal, do consistório e do presbitério de St. Andrews. A corte, contudo, desprezou todos eles e resolveu prosseguir com o julgamento. Por justiça, Melville pediu que a causa fosse remetida aos tribunais eclesiásticos, conforme a Palavra de Deus e as leis do reino; que fosse julgado em St. Andrews, onde supostamente cometera a falta; que ao menos lhe permitissem submeter a causa ao juízo do reitor e dos professores da universidade; que se observasse a injunção apostólica: "Não aceites acusação contra presbítero, senão com duas ou três testemunhas"; que fosse confrontado com o acusador; e que, se as acusações se revelassem falsas, recebesse reparação pelas calúnias. Expostas essas objeções, o conselho adiou o procedimento até o dia seguinte. Suspeitando, entretanto, de que nenhuma delas seria acolhida, redigiu um protesto escrito contra a atuação do conselho. No outro dia compareceu acompanhado de comissários da universidade e do presbitério, ambos decididos a defender os respectivos direitos; negaram-lhes, porém, a entrada. Preparado para o desfecho que corretamente previra, entregou seu protesto. Sua leitura lançou o rei e Arran em tamanho acesso de cólera que alarmou os que aguardavam do lado de fora a decisão. O ânimo de Melville elevou-se diante da emergência. Defendendo com ousadia seus atos, desprendeu do cinto a pequena Bíblia hebraica que

sempre trazia consigo e lançou-a sobre a mesa: “Aqui estão minhas instruções e minha autoridade. Mostrai-me, se puderdes, que agi contra o que elas me ordenam!” O chanceler tomou o livro e, vendo-o escrito numa língua que ignorava, disse ao rei: “Senhor, ele escarnece de Vossa Majestade e do conselho!” — “Não escarneço, meus senhores; sou, porém, sincero e zeloso pela causa de Cristo e de sua Igreja!” Tentaram de todas as maneiras induzi-lo a retirar o protesto, mas ele recusou terminantemente. Pronunciaram então sentença contra ele por haver negado a competência do conselho e por se portar “irreverentemente” em sua presença. Foi condenado a ficar preso no castelo de Edimburgo enquanto aprouvesse ao rei. Depois mudaram o lugar da prisão para Blackness, fortaleza isolada e úmida no condado de Linlithgow, à margem sul do Forth, sob a guarda de um subordinado do chanceler.

Os amigos de Melville não sabiam que conselho lhe dar. Todos pareciam perplexos, menos ele, que organizou seus planos de modo a ocultar inteiramente as verdadeiras intenções. Aprontou com toda a rapidez os preparativos de partida e jantou em Edimburgo com um grupo de ministros. Com aparente alegria, pediu-lhes que se preparassem para acompanhá-lo e chegou a brindar à saúde de seu “capitão”, como jocosamente chamava o carcereiro de Blackness. Mandou chamar o oficial do tribunal e, com ar de satisfação, recebeu dele a intimação para apresentar-se em Blackness dentro de vinte e quatro horas. Pouco depois, encontrou-se com um de seus irmãos e, obtida licença, retirou-se por algum tempo. Passou a noite nas proximidades da cidade e no dia seguinte chegou em segurança a Berwick, para grande frustração de Arran, que o esperava com uma tropa de cavaleiros para honrá-lo com escolta montada até o lugar do encarceramento.

Sua ausência na Inglaterra acabou trazendo grande benefício à Igreja perseguida em sua terra. Fora do alcance dos inimigos, podia acompanhar as ações da corte e de seus emissários. Um deles, Patrick Adamson, homem vacilante e sem princípios, começava então a revelar sua astúcia. O horizonte político escurecia, e era evidente que a tempestade em breve irromperia com terrível violência. Adamson apresentara aos ministros presbiterianos franceses em Londres e às igrejas de Genebra e Zurique os princípios e a conduta dos irmãos sob luz profundamente falsa e odiosa. Felizmente, Melville conseguira cópias das cartas e não tardou a escrever para contradizer as afirmações de Adamson. Não é difícil perceber que Adamson esperava obter, por esses meios, o apoio das igrejas estrangeiras e assim alcançar ao menos um pretexto plausível para o papel que desempenhava. Não conseguiu, porém, tal apoio. Nem mesmo sua permanência em Londres favoreceu a causa que fora enviado a promover. Após seu retorno, contudo, o Parlamento escocês aprovou uma lei que derrubava o governo presbiteriano, suprimia a Assembleia Geral e entregava todo o governo eclesiástico à vontade do rei, sem cuja permissão nenhuma Assembleia poderia reunir-se. Não poucos ministros fiéis foram presos por resistir. Muitos abriram mão de seus benefícios e se retiraram para a Inglaterra; como se podia esperar, alguns outros cederam ao poder dominante e se submeteram à ordenação episcopal. Nessa época, Melville escreveu uma resposta a uma “Defesa da Corte Escocesa”, engenhosamente redigida por Adamson, que atacava os nobres exilados e investia contra a atuação da Igreja. O próprio Melville recebeu sua parcela de injúrias.

Em julho de 1584, Angus, Mar e o master de Glammis escreveram a Melville para que se reunisse com eles em Newcastle, juntamente com James Lawson, a fim de tratar de assuntos demasiado graves para a deliberação deles apenas. Melville, porém, estava ausente de Londres, e a reunião não se realizou. Havia menos motivo para lamentá-lo porque os acontecimentos em sua terra começavam a tomar outro aspecto. A nação estava descontente; os principais cortesãos sentiam repulsa pela arrogância e pelas pretensões dominadoras de Arran; o próprio rei começava a inquietar-se. Os nobres exilados pediram licença a Elizabeth para partir. Obtida a permissão, assim que pisaram em solo escocês o povo acorreu de todas as partes ao seu estandarte. Quando chegaram a Stirling, o exército que os acompanhava causou tamanha impressão que Arran julgou prudente pôr-se a salvo pela fuga. Após explicações de ambas as partes, o rei desceu do castelo, e os nobres, depois de depor as armas, foram imediatamente restituídos ao poder e ao favor. Desejoso de empregar outra vez seus talentos em benefício dos

compatriotas perseguidos, Melville acompanhou os nobres banidos e voltou à terra natal em novembro de 1585, depois de vinte meses de ausência.

Seu primeiro objetivo ao retornar foi tentar restaurar as liberdades da Igreja e obter a revogação dos chamados "atos negros". Encontrou, contudo, forte oposição até de onde menos a esperava. Tendo recuperado suas posses e dignidades seculares, os nobres que haviam estado no exílio mostraram-se bastante negligentes naquela causa. Encorajado pela fraqueza deles, o rei declarou que resistiria a qualquer mudança na legislação eclesiástica vigente, por considerá-la interferência em sua prerrogativa pessoal, a qual sustentaria a qualquer custo. Os nobres covardes, violando a palavra empenhada anteriormente, nada fizeram para se opor. Designou-se, portanto, uma delegação de ministros para conferenciar com eles e instá-los a cumprir as promessas; mas rogos, admoestações e até ameaças foram inúteis. A determinação do rei de não abrir mão da prerrogativa que usurpara servia de objeção a todos os pontos. Não restava esperança senão recorrer ao próprio James. A recepção esteve longe de ser cortês. No decorrer da audiência, os ministros se chocaram ao ouvir de novo a linguagem com que tantas vezes Lennox e Arran os haviam agredido, "linguagem", diz o doutor M'Crie, "tão desrespeitosa para com eles quanto indecorosa na boca de um rei". Melville apresentou seu pedido com a firmeza habitual e falou com clareza que nem sempre agradava aos ouvidos reais. O rei, entretanto, cedeu a ponto de exigir que pusessem por escrito suas objeções à lei vigente. Deu-lhes depois sua própria interpretação, acrescentando que ela teria a mesma autoridade de um ato do Parlamento. Nada mais se obteve então, além da liberdade de todos os ministros e mestres de colégio para retornar aos cargos e às profissões. Por outro lado, acabara de passar pelo Parlamento um ato que condenava à morte, "a executar-se com o máximo rigor", todos os que, em público ou em particular, "falassem em desabono da pessoa ou do governo de Sua Majestade ou interpretassem mal seus atos". Proibia igualmente "todas as alianças ou associações entre os súditos, sem o conhecimento e consentimento de Sua Majestade, qualquer que fosse o pretexto sob o qual se formassem".

Adamson trabalhava sem descanso para manter aberta a ruptura e indispor ainda mais o rei contra Melville. Conversando certo dia sobre o assunto com o monarca, segundo Calderwood, exclamou: "Pelo Senhor Deus, senhor" — pois o bispo não hesitava em encorajar o hábito profano de jurar de Sua Majestade —, "se aquele inimigo da autoridade legítima tivesse permanecido mais meio ano, teria arrancado a coroa de vossa cabeça com sua doutrina sediciosa, pois ensinava que os reis devem chegar ao poder por eleição, conforme a multidão queira erguê-los ou depô-los." A Assembleia Geral excomungou Adamson por sua duplicidade. Ele, por sua vez, redigiu uma excomunhão contra Melville e outros ministros e mandou lê-la em público, apresentando ao mesmo tempo queixa ao rei e ao Parlamento. Melville ficou por algum tempo sob restrição civil, com ordem de permanecer ao norte do rio Tay. A pedido da Universidade de St. Andrews, e com o auxílio da influência secreta de um favorito do rei, Melville recebeu ordem de apresentar-se ao monarca em Falkland, onde Sua Majestade costumava passar o verão. Introduzido à presença real, após explicações mútuas recuperou o favor do rei e recebeu ordem de reassumir os deveres universitários.

Sua readmissão ao favor real levou a Assembleia Geral a escolhê-lo como moderador da reunião de junho de 1587 e a designá-lo seu representante no Parlamento que se aproximava. Em razão do cargo de moderador, prestou então notáveis serviços não só à Igreja, mas também à nação. O reino estava alarmado com a ameaça de invasão da Armada Espanhola, enquanto o rei se entretinha escrevendo um comentário sobre o Apocalipse para provar que o papa era o Anticristo, o homem do pecado. Jesuítas e sacerdotes correspondiam-se com o papa e incitavam o povo à revolta caso o inimigo conseguisse desembarcar; um massacre geral dos protestantes deveria consumar a catástrofe. Nessas circunstâncias, Melville julgou-se autorizado a convocar, no começo do ano seguinte, uma Assembleia extraordinária, que abriu com brilhante discurso explicando as razões da reunião. Todos foram unânimes em tomar providências contra o perigo iminente e ofereceram vida e bens para defender o país. Melville recebeu a incumbência de apresentar a oferta ao rei. É bem conhecida a dispersão providencial daquela

formidável frota, e felizmente nenhum sacrifício foi necessário. Isso, porém, não calou o espírito inquieto e turbulento dos papistas. Decididos a alcançar a supremacia, ocuparam-se em fomentar nova conspiração e chegaram a escrever ao governo espanhol pedindo que enviasse um exército diretamente à Escócia, por considerarem esse o caminho seguro para tomar a Inglaterra. Melville estava novamente a postos. Convocou outra Assembleia e foi reeleito moderador. Com o auxílio de Thomas Craig e outros juristas distintos, adotaram-se medidas que permitiram ao governo frustrar os planos dos insurretos mediante a descoberta de sua correspondência.

O horizonte eclesiástico começava então a clarear, graças aos esforços conjuntos de Melville, do chanceler Maitland e de Robert Bruce, que usavam sua influência para levar o rei a rever seus passos. Embora os inimigos do presbiterianismo pressionassem James com insistência, ele tinha elevado conceito do talento, da integridade e da prudência dos três reformadores e acolhia favoravelmente suas admoestações. Bruce conquistara de modo particular a boa opinião do rei e em tudo agia em perfeita harmonia com Melville. Durante a ausência de James na Dinamarca por ocasião de seu casamento, o rei declarou confiar mais em Bruce para manter a tranquilidade pública do que em toda a nobreza. Ao voltar, verificou que sua previsão se cumprira.

Por convite especial, Melville compareceu à coroação da rainha em 17 de maio de 1590. Logo depois que a coroa foi posta sobre a cabeça dela, recitou um poema latino composto para a ocasião, embora só tivesse sabido, dois dias antes da cerimônia, que sua presença era esperada. James ficou tão satisfeito com a composição e com a maneira como foi declamada que agradeceu publicamente ao autor, dizendo "que naquele dia ele prestara ao rei e ao país honra que jamais poderia recompensar". Ordenou também que o poema fosse impresso sem demora. Seu título é STEPHANISKION, e o leitor erudito encontrará um exemplar em Deliciœ Poetarum Scotorum, tomo 2, pp. 71–76. Após lê-lo, Lipsius exclamou: "Revera Andreas Melvinus est serio doctus"; Scaliger escreveu ao autor numa carta: "Nos talia non possumus."* James, entretanto, logo esqueceu as belas promessas, e o monarca insensato e vacilante deixou-se governar pelo partido da corte. A indiferença demonstrada pelo rei e pelos cortesãos diante do assassinato do conde de Moray ofendera profundamente os reformadores. Por isso, Melville e outros receberam a incumbência de ir ao rei protestar por deixar tamanha barbaridade impune. A franqueza com que a delegação expôs seu pensamento esteve longe de agradar-lhe, e ele manifestou desagrado em termos nada pacíficos. Melville defendeu a si mesmo e aos companheiros com bastante veemência. Interrompido pelo chanceler, que não se sentia à vontade na conversa, respondeu que "em assunto como aquele não seria calado por ele nem por qualquer pessoa abaixo de Sua Majestade". O rei afirmou que Moray, Knox e Buchanan só podiam ser defendidos por teólogos sediciosos e traidores. Melville respondeu que foram esses homens que puseram a coroa em sua cabeça e, portanto, mereciam melhor tratamento. Sua Majestade replicou que recebera a coroa por sucessão, não de homem algum. "Mas eles foram os instrumentos", respondeu Melville, "e quem quer que fale maliciosamente a Vossa Majestade desses homens não ama nem a vós nem à comunidade do reino." A indignação popular em decorrência do assassinato do conde de Moray chegara a tal ponto que o povo não hesitava em acusar tanto James quanto os cortesãos de participação no crime. Previsto, pois, que nada acalmaria a agitação senão a pronta satisfação dos desejos dos reformadores, o rei deu seu assentimento a um ato que ratificava o governo presbiteriano como "muito justo, bom e legítimo". Fez-se proclamação nesse sentido na cruz do mercado de Edimburgo. Após luta penosa e inabalável de quase dezoito anos, Melville enfim teve a satisfação de ver realizados seus desejos, sancionados pelo Estado e pela Igreja. Retomou então os trabalhos acadêmicos com uma serenidade de espírito que havia muito não conhecia.

Em 1590, foi eleito reitor da universidade em substituição ao venerável James Wilkie, diretor do Colégio de St. Leonard. Nesse novo posto, comportou-se, como superior, com a mesma firmeza, resolução e prudência que antes o caracterizavam quando subordinado. Durante vários anos exerceu o cargo de presbítero regente e empenhou-se ao máximo para compor o consistório de homens piedosos, talentosos e influentes. Naqueles dias, o ofício de presbítero acarretava muito trabalho e inconveniência

pessoal. Além de comparecer às reuniões semanais do consistório, os presbíteros auxiliavam o ministro no exame da congregação antes das celebrações da Ceia, tomavam conhecimento dos que juravam profanamente, violavam o domingo ou o quinto mandamento, dos intemperantes, caluniadores, maldizentes e dos transgressores das leis da castidade. Em tudo isso, nosso reformador mostrou-se sempre atento à glória de Deus e à pureza da Igreja. Um de seus principais objetivos era providenciar ministros adequados às paróquias vagas. Até então a deficiência fora enorme: quando Melville chegou a St. Andrews, o presbitério tinha apenas cinco membros; agora contava dezesseis. Entre eles estavam David Black e Robert Wallace, dois dos ministros mais fiéis e laboriosos de qualquer época. Os assuntos do reino ainda se achavam em grande desordem. James continuava a mesma criatura infantil de antes, ainda conduzida por outros. Aproveitando-se de sua fraqueza, os papistas correspondiam-se com o rei da Espanha sobre o desembarque de trinta mil homens na Escócia para invadir a Inglaterra. O próprio James era fortemente suspeito de participar da trama. Com base na autoridade de Calderwood, registramos que, quando a conspiração foi descoberta pela interceptação de cartas, uma delas foi ocultada porque "implicava o rei no conhecimento e aprovação das negociações e na promessa de auxílio". A conduta posterior de Sua Majestade, de fato, muito reforçou a suspeita. Era sabido que seu espírito se inclinava secretamente ao papismo; por isso, criticou severamente os ministros presbiterianos por reunirem-se para planejar medidas contra a trama. Eles, porém, defenderam-se com firmeza e disseram ao rei que não convinha apegar-se a formalidades quando viam sua pessoa, a Igreja e a nação em perigo. James logo se acalmou e demonstrou reconhecer sua lealdade, pedindo-lhes que auxiliassem o conselho com os melhores pareceres. As providências que julgaram necessárias, entretanto, não eram inteiramente do agrado do rei. A primeira delas consistia em excomungar os nobres papistas, e ele tentou impedi-la por todos os meios. Melville atraiu especialmente o desagrado real pela parte que tomara no assunto. Numa convenção dos estamentos realizada em Linlithgow em outubro de 1593, falou francamente ao rei. Repreendeu-o ousadamente pela maneira como se referira aos principais promotores da Reforma e pela parcialidade demonstrada aos inimigos declarados de seu próprio trono e da Igreja. Desafiou ao mesmo tempo os conselheiros a apresentar-se abertamente, sem dissimulação: provaria que eram traidores da coroa e do reino da Escócia ou iria ele próprio à forca.

Na Assembleia Geral de maio de 1594, Melville foi novamente escolhido moderador. Confirmou-se e ratificou-se por unanimidade a sentença de excomunhão pronunciada pelo sínodo de Fife contra os nobres papistas, pois eles haviam recusado beneficiar-se do ato de anistia, continuavam armados e persistiam na correspondência com o governo espanhol. Nessa Assembleia, o rei e os ministros chegaram a entendimento melhor do que em qualquer ocasião anterior. A própria Assembleia recomendou a todos os seus membros que evitassem pronunciar do púlpito palavras precipitadas ou irreverentes contra o rei e seu conselho. Os nobres papistas, contudo, continuavam sem se intimidar. Permaneciam em rebelião aberta e, apesar de tudo quanto se dissera e fizera, contavam com não poucos amigos no Parlamento reunido em junho. Melville voltou ao posto e, perante os senhores dos artigos, insistiu em que fossem tomadas rapidamente providências contra os principais conspiradores, para garantir a segurança da religião e a tranquilidade do reino. Seu discurso exerceu tanta influência sobre a reunião que a maioria daqueles senhores consentiu na perda dos direitos e bens de Huntly, Angus e Errol, decisão ratificada pelo Parlamento.

A pedido expresso do rei, Melville foi chamado a acompanhá-lo numa expedição ao norte contra os rebeldes. James se inclinara a assumir pessoalmente o comando após a derrota do conde de Argyle por lorde Glenlivet. Foi providencial que pensasse em levar Melville, pois as medidas por este aconselhadas promoveram a pacificação. Percebendo que seriam duramente atacados, os rebeldes se recolheram a seus refúgios nas montanhas. As tropas do rei começaram, por isso, a desanimar diante da perspectiva de campanha prolongada, tanto mais penosa porque fazia algum tempo que não recebiam soldo. Nessas circunstâncias, aconselharam Sua Majestade a não levar o confronto ao extremo. Melville, porém, aconselhou o contrário, e o rei julgou conveniente escutá-lo. Ordenou-se, assim, a demolição imediata do

castelo de Strathbogie e das residências principais dos que haviam tomado o partido do líder rebelde. A medida produziu o efeito desejado, e os nobres descontentes pouco depois deixaram o reino.

A amizade desinteressada e a forte afeição de Melville por David Black, um dos ministros de St. Andrews já mencionado, quase o envolveram em sérias dificuldades. Black julgara necessário mover uma ação judicial, por motivo de justiça pública, contra um homem chamado Burley. Receando perder a causa, este apresentou queixa à corte, alegando que o senhor Black falara em seus sermões com desrespeito da falecida rainha e acusando, ao mesmo tempo, Melville de tê-lo ajudado e instigado a usar tal linguagem. Black foi chamado, por isso, perante uma reunião do Conselho Privado e de alguns ministros escolhidos. Interrogado, declarou-se disposto a prestar contas de seus sermões diante de um tribunal competente; pediu, porém, licença para não dar explicações àquela corte, que, segundo ele, não era nem eclesiástica nem civil. Rejeitaram suas objeções, e a produção da prova já estava em curso quando Melville, suspeitando do que acontecia, bateu à porta e foi admitido. À semelhança de Knox, que "não temia o rosto de homem algum", pediu licença para falar sobre um ponto de máxima importância. Concedida a palavra, disse sem temor a Sua Majestade que, embora fosse rei da Escócia, não era rei da Igreja; aquela corte, portanto, não tinha o direito de julgar a causa que lhe fora apresentada. Se havia ali alguma matéria a julgar, seria antes a traição de Burley, e não a atuação dos fiéis servos do Senhor Jesus, Rei da Igreja, no cumprimento do dever. Voltando-se para Burley e apontando-o, declarou ao rei que aquele homem cometera repetidas traições contra o governo: tirara à noite súditos pacíficos de suas casas e dera abrigo na própria casa a rebeldes e inimigos do rei. Tremendo de medo, Burley caiu de joelhos e clamou por justiça. "Justiça!", exclamou Melville. "Quisera Deus que a recebêsseis! Não estaríeis então aqui para atrair sobre o rei o juízo de Cristo, perturbando assim, falsamente e sem justiça, os fiéis servos de Deus!" Irritado com o que julgava presunção inadmissível, o rei tentou calá-lo. Melville, porém, não se deixou intimidar. Dirigindo-se então aos dois em tom de humor, o rei disse "que ambos eram homens pequenos e tinham o coração na boca"; assim se encerrou o caso. A essa altura, James percebia que seria imprudente voltar Melville contra seu governo. Mandou chamá-lo imediatamente para uma audiência particular; depois de conversarem com franqueza, mas cordialmente, de ambas as partes, despediu-o com a maior cortesia.

Chegamos agora a outra época memorável na história da Igreja, o ano de 1596. É agradável observar que, à medida que se multiplicavam as dificuldades dela, mais se destacavam a vigilância e a coragem de nosso reformador. Os nobres cujos bens tinham sido confiscados regressaram secretamente ao país. Os sacerdotes escoceses no exterior mantinham estreita comunicação com o rei da Espanha, ainda decidido a invadir a Inglaterra. James sabia de tudo e permanecia em indolente inação. A nação estava profundamente alarmada com a possibilidade de os nobres papistas receberem perdão e até voltarem aos conselhos de Sua Majestade. Não era ocasião para os reformadores ficarem inativos; encontramo-los, portanto, em seu posto de observação. Huntly fizera propostas ao governo, e o Conselho Privado reuniu-se em Falkland para examiná-las. Alguns clérigos mais moderados também foram convidados, mas Melville não estava entre eles. Julgando, porém, ter direito de comparecer na qualidade de comissário da Assembleia Geral, apresentou-se com os demais irmãos. Quando o rei lhe perguntou por que se intrometera, respondeu: "Senhor, fui chamado por Cristo e por sua Igreja, que têm especial interesse nesta reunião. Em nome deles vos exorto, a vós e aos estamentos, a não favorecer seus inimigos nem procurar fazer cidadãos daqueles que, traiçoeiramente, buscaram entregar a pátria ao cruel espanhol, para ruína do reino de Cristo."* Sua Majestade ordenou-lhe que se retirasse, e ele obedeceu, não sem que suas palavras produzissem o bom efeito de encorajar os outros ministros a permanecer firmes contra as propostas da corte. Pouco depois convocou-se em Dunfermline uma convenção dos estamentos para reconsiderar a questão. O presbitério enviou dois de seus membros para acompanhar os trabalhos e pedir que não fosse quebrada a promessa do rei de não executar as resoluções do Conselho Privado. A petição, porém, foi rejeitada, e as medidas de Falkland foram confirmadas e ratificadas.

Nem mesmo assim a Assembleia Geral se deu por vencida. Designou prontamente uma comissão para ir a Falkland e apresentar ao rei suas queixas. Admitidos bondosamente em audiência particular, começaram, pela voz de James Melville, que os presidia, a exortar o monarca a considerar o que fazia e a acautelar-se das consequências do caminho seguido. Mal ele começara a falar quando o rei explodiu em ira: disse que eles próprios haviam provocado todo o alarme, infundindo no povo os temores mais injustificados e infundados. O presidente se preparava para responder com a calma habitual, mas seu tio, nosso reformador, incapaz de suportar mais, tomou Sua Majestade pela manga no ardor do momento. Chamando-o, segundo o doutor M'Crie, de pobre vassalo de Deus, dirigiu-lhe estas palavras: "Senhor, sempre reverenciaremos humildemente Vossa Majestade em público. Mas, agora que temos ocasião de estar convosco em particular, e já que vos vedes em gravíssimo perigo quanto à vida e à coroa, estando o país e a Igreja de Deus ameaçados de ruína juntamente convosco por não vos dizerem a verdade nem vos darem conselho fiel, temos de cumprir nosso dever; se não o fizermos, seremos traidores de Cristo e de vós. Portanto, senhor, como já vos disse muitas vezes, devo dizer-vos outra vez: há dois reis e dois reinos na Escócia. Cristo Jesus é o Rei da Igreja; o rei James VI é súdito dele e, nesse reino, não é rei, senhor nem cabeça, mas membro. Aqueles a quem Cristo chamou e incumbiu de velar por sua Igreja e governar seu reino espiritual possuem poder e autoridade suficientes para fazê-lo em conjunto e individualmente. Nenhum rei ou príncipe cristão deve impedi-los ou afastá-los dessa tarefa, mas fortalecê-los e auxiliá-los; de outro modo, tais governantes não são súditos fiéis de Cristo nem membros de sua Igreja. Reconheceremos vossa posição e vos prestaremos toda a obediência devida; mas torno a dizer: não sois o cabeça da Igreja. Não podeis dar-nos a vida eterna que buscamos mesmo neste mundo, nem privar-nos dela. Permiti-nos, pois, reunir-nos livremente em nome de Cristo e cuidar dos interesses da Igreja de que sois o principal membro. Senhor, quando ainda estáveis em faixas, Cristo Jesus reinava livremente nesta terra, apesar de todos os inimigos. Seus oficiais e ministros reuniam-se em assembleia para governar sua Igreja e promover-lhe o bem. Isso sempre serviu ao vosso bem, defesa e preservação, quando aqueles mesmos inimigos procuravam vossa destruição e morte. Desde então, as assembleias deles têm sido continuamente terríveis para esses inimigos e muito úteis a vós. Agora que é mais do que urgentemente necessário continuar a cumprir esse dever, deixareis que um conselho diabólico e extremamente pernicioso vos arraste à própria destruição? Começareis a impedir e desanimar os servos de Cristo e vossos súditos mais fiéis, censurando-os por se reunirem e por zelarem pelos deveres para com Cristo e convosco, quando deveríeis antes louvá-los e apoiá-los, como fizeram os reis e imperadores piedosos? A sabedoria do vosso conselho, a que chamo diabólica, é esta: para alcançar vossos desígnios e grandeza, haveis de ser servido por toda sorte de homens, judeus e gentios, papistas e protestantes. E, porque os protestantes e ministros da Escócia são fortes demais e refreiam o rei, é preciso enfraquecê-los e rebaixá-los, suscitando contra eles outro partido; mantendo-se o rei igualmente indiferente a ambos, os dois terão de recorrer a ele. Mas, senhor, se a sabedoria de Deus é a única verdadeira, isso se revelará pura e insensata loucura. Sua maldição não deixará de cair sobre tal plano. Buscando ambos os partidos, perdereis ambos; ao passo que, se vos apegardes retamente a Deus, seus verdadeiros servos serão vossos amigos seguros, e ele compelirá os outros a submeter-se e servir-vos, ainda que fingida e mentirosamente." Por mais franca, livre e ousada que fosse essa fala, ela aquietou o rei, pelo menos naquele momento. James declarou solenemente ignorar o retorno dos nobres papistas e assegurou aos comissários que nenhum favor lhes seria concedido até que a Igreja estivesse satisfeita. Era, porém, mestre em dissimulação, e sua conduta posterior mostrou claramente que não falava com sinceridade.

Melville deixou Edimburgo em 15 de dezembro. Não estava, portanto, presente na tão comentada contenda entre os chamados octavians e cubiculars, que quase todos os escritores exageraram muito. A agitação, entretanto, levou James a publicar uma proclamação determinando que todos os tribunais de justiça fossem desde então transferidos para Perth e que nenhuma Assembleia, sínodo ou presbitério se reunisse em Edimburgo.

O rei convocou para fevereiro, em Perth, uma reunião dos estamentos e uma Assembleia Geral para examinar a situação. Assuntos universitários que exigiam sua presença impediram Melville de comparecer. O sobrinho, que deixou a convenção desgostoso, informou-o prontamente dos trabalhos. Nessa Assembleia, o rei conseguiu aprovar todas as suas medidas, conduzindo os membros segundo julgava mais conveniente aos próprios fins. Não há dúvida de que isso se deveu quase inteiramente à ausência de Melville. O próprio monarca foi ouvido a dizer algo nesse sentido e a acrescentar que, por esse motivo, receava sua oposição na Assembleia marcada para o dia 10 de maio seguinte, em Dundee. Melville ficou profundamente agitado ao saber como a convenção agira. As repetidas vitórias que obtivera sobre o rei, entretanto, e a forte influência que possuía entre os irmãos impediram-no de desanimar. Estava disposto a qualquer sacrifício pelo presbiterianismo, até mesmo a dar a vida, se necessário. Por isso, para evitar sequer a aparência de submeter-se à prerrogativa usurpada pelo rei, reuniu-se com alguns irmãos na data ordinária da Assembleia. Abriram a sessão na forma prescrita, examinaram as medidas mais adequadas e o moderador encerrou os trabalhos com fervorosa oração, pedindo direção a Deus. Concordaram em remeter todos os assuntos à Assembleia convocada pelo rei em Dundee. No tempo determinado, Melville apresentou-se ali com os demais. Antes da hora da reunião, porém, mandaram chamar James Melville para aconselhar o tio a voltar para casa, a fim de evitar o desagrado real. James respondeu que isso seria inútil, pois sabia bem que o tio aceitaria antes morrer do que agir contra o que entendia ser seu dever. No dia seguinte ambos receberam ordem de comparecer ao rei. Segundo o diário de James Melville, no começo o rei e Andrew Melville se mantiveram muito calmos; quando o tio passou a expor livremente o pensamento, porém, o rei se exaltou e enfureceu, "e discutiram a tal ponto que todos na casa e no pátio ouviram". Nessa reunião, com o auxílio dos ministros do norte, James também conseguiu persuadir a Assembleia a designar catorze ministros para aconselhá-lo "em todos os assuntos relativos ao bem da Igreja e à manutenção da paz e da obediência a Sua Majestade em seu reino". Sua verdadeira intenção era livrar-se por completo do presbiterianismo. Ocultara-a habilmente da Assembleia sob o pretexto de organizar a situação dos ministros de Edimburgo e St. Andrews, prover as igrejas vagas e distribuir côngruas em todo o reino.

James passou então a governar com mão pesada. Valendo-se da prerrogativa que assumira, intimou o presbitério de St. Andrews a apresentar-se em Falkland. Ali, apesar de todas as objeções, restituiu ao ofício ministerial e ao benefício um ministro que fora deposto por imoralidades. Não satisfeito, visitou St. Andrews acompanhado dos membros do Conselho Privado, com a intenção de expulsar os ministros e sujeitar a universidade de tal maneira que eles temessem contrariar os planos que preparava. Levou a insolência ao ponto de ordenar imperiosamente a Robert Wallace que interrompesse um sermão pela metade. Melville, contudo, não se calou. Sem se importar com a presença real ou a dos aduladores que a acompanhavam, repreendeu duramente o rei por essa interferência. Também não poupou os comissários, que haviam concordado tacitamente com conduta tão injustificável e desautorizada, embora já suspeitasse de que ele próprio poderia ser o próximo alvo da perseguição real. E assim aconteceu. Tentaram todos os meios de enredar nosso reformador. O rei o temia mais do que a todos os demais ministros do reino; afastá-lo era, portanto, o grande objetivo de James e de seu partido. Na inspeção da universidade então realizada, entregou-se ao rei extensa relação de queixas de pessoas cujo desagrado Melville atraíra. Ele, porém, justificou-se de todas tão satisfatoriamente que nem mesmo o espírito tortuoso de James encontrou base plausível para uma acusação. Era necessário, contudo, impor-lhe algum sinal de censura real. Para atender aos propósitos do rei, privaram-no da reitoria da universidade, cargo que exercera por sete anos com muita honra pessoal e grande proveito para a instituição. Não foi difícil a James encontrar pretextos para a medida. Seu principal objetivo, porém, era impedir Melville de comparecer aos tribunais eclesiásticos, onde sempre fora um espinho agudo em seu lado. Para consegui-lo, promulgou uma regra segundo a qual nenhum doutor ou professor que ensinasse apenas teologia ou filosofia, sem encargo pastoral de congregação específica, poderia ter assento em consistório, presbitério, sínodo ou Assembleia Geral, sob pena de perder o cargo. Nada disso intimidou minimamente Melville. Resolveu manter seu direito, custasse o que custasse, e logo teve ocasião de

mostrá-lo. Compareceu a uma reunião do sínodo de Fife e ali Thomas Buchanan, um apóstata, questionou-lhe o direito de estar presente. Melville respondeu ao homem que mudara de posição que já lhe cabia expor a Palavra de Deus, tomar assento e votar, e até presidir tribunais eclesiásticos, quando Buchanan ainda se limitava a ensinar hic, haec, hoc a moços e meninos.

Na Assembleia Geral realizada em Dundee em 1588, Melville compareceu apesar das restrições que lhe tinham sido impostas na inspeção real de St. Andrews. Quando chamaram seu nome, Sua Majestade se opôs e declarou que não permitiria tratar de assunto algum enquanto Melville não se retirasse. Ele defendeu-se com a ousadia e a presença de espírito habituais. Disse a James que a proibição, à qual obedecera, podia estender-se apenas a sua posição acadêmica oficial de reitor da universidade, e não a sua condição teológica de ministro de Cristo; o presbitério o escolhera como comissário, e ele estava decidido a não traí-lo. Para que os trabalhos não fossem interrompidos, julgou prudente retirar-se, mas só depois de manifestar livremente suas opiniões sobre as questões da Igreja que ocupariam a Assembleia. O rei ordenou-lhe que não saísse de seus aposentos. Isso não resolveu a questão, pois os irmãos o procuravam ali. Veio, então, ordem real para que deixasse Dundee imediatamente. Evidenciava-se assim que o pobre e fraco monarca não ousava prosseguir enquanto o magnânimo reformador estivesse por perto, embora contasse com uma Assembleia composta de comissários submissos e com "um grupo treinado de votantes vindos dos extremos do norte". A medida que o rei desejava aprovar era "que o ministério, como terceiro estamento do reino, tivesse, em nome da Igreja, voto no Parlamento". Os reformadores lhe opuseram vigorosa resistência, prevendo claramente que seria apenas um prelúdio para a introdução do episcopado. Por falta de unanimidade, a matéria foi adiada até se conhecer a opinião dos vários tribunais eclesiásticos. Depois, uma delegação desses órgãos, juntamente com professores de teologia, deveria reunir-se em conferência perante Sua Majestade para tratar dos pontos pendentes. Melville participou diligentemente dessas reuniões preparatórias. O rei ficou tão insatisfeito com a reunião realizada em Falkland após as conferências que adiou sine die a Assembleia Geral convocada para Aberdeen. Nem ameaças nem promessas atraentes afastavam Melville da vigilância sobre essa questão decisiva. Assim, em novembro de 1599, encontramo-lo outra vez numa reunião em Holyrood, advertindo o rei, durante o debate sobre a legitimidade de clérigos tomarem assento no Parlamento, a ter cuidado para não elevar homens que mais tarde derrubariam a ele ou a seus sucessores. Manteve-se debate muito vivo e acirrado sobre a segunda questão, a duração do cargo. No curso da discussão, segundo o doutor M'Crie, afirmou-se "que Sua Majestade e o Parlamento só admitiriam os votantes se ocupassem o posto por toda a vida". "Nesse caso", respondeu Melville, "a perda será pequena!" — "Ah, mas os ministros terão então de viver desprezados e pobres", objetaram. "Foi o que aconteceu ao seu Mestre antes deles", respondeu nosso reformador. "Melhor pobreza com sinceridade do que promoção com corrupção!" — "Outros serão então elevados a esse lugar", replicaram os defensores da medida, "e oprimirão e arruinarão a Igreja, pois o rei não ficará sem seu terceiro estamento!" — "Então que Cristo, o Rei da Igreja, vingue os males que ela sofrer, como já fez antes!" A terceira questão, "a denominação do votante no Parlamento", deu origem a debate longo e interessante e ofereceu a Melville a oportunidade de empregar sátira penetrante, que manejou com a destreza habitual. James e seu partido sustentavam que nada aquém da dignidade de bispo seria suficiente. "Muito bem", disse Melville, "reconheço, certamente, que o nome 'bispo' é bíblico; mas proponho acrescentar-lhe um qualificativo que também é bíblico, para o qual tenho o apoio do apóstolo Pedro. Eu os chamaria de bispos intrometidos, porque se metem em assuntos inteiramente alheios ao ofício de ministros de Cristo!" Retomando a seriedade, disse que a Igreja da Escócia decidira que no Novo Testamento a palavra "bispo" não traz ideia alguma de superioridade, mas se aplica indistintamente a todos os presbíteros que pregam. Por isso, julgava que o título apenas lisonjearia a vaidade dos ambiciosos, cujo gosto pendia mais para as coisas deste mundo do que para as de Deus.

Todos os olhares se voltavam agora para a Assembleia Geral que se reuniria em Montrose no dia 28 de março de 1600. Row diz que ela foi "anunciada apenas ao som de trombeta na cruz do mercado de Edimburgo e em outros lugares necessários, do que muitos bons cristãos se admiraram, pois nunca ocorrera coisa semelhante". O presbitério de St. Andrews elegeu Melville como um de seus comissários, e ele se apressou a chegar a Montrose na data marcada. Mal se soube de sua chegada, expediu-se uma ordem real exigindo seu imediato comparecimento. Sem temor, ele obedeceu; mas, tão logo entrou, James perguntou-lhe em tom imperioso por que continuava a criar dificuldades, sabendo que havia proibição expressa contra ele. Melville respondeu que fora enviado pelo presbitério e não ousava desobedecer à decisão unânime dos irmãos, sob pena de desagradar a alguém muito mais elevado e de dignidade incomparavelmente maior que qualquer soberano terreno. Sua coragem cresceu diante da crise. A ira do rei apenas o fortaleceu. Antes de sair da presença real, ergueu serenamente a mão à garganta e disse: "Senhor, se é isto que quereis, vós o tereis antes que eu traia a causa de Cristo!" Negaram-lhe, contudo, assento na Assembleia. Permaneceu na cidade durante as sessões e prestou grande auxílio, aconselhando os irmãos a cumprir o dever. O resultado dessa reunião é bem conhecido. Calderwood menciona que Melville esteve presente à Assembleia de Burntisland, em maio de 1601, e votou contra a transferência dos ministros de Edimburgo. Nada mais parece ter sido registrado a seu respeito nessa reunião. Mas, mal a Assembleia foi encerrada, os comissários eclesiásticos divulgaram a história de que o rei da Espanha estava prestes a tentar novo desembarque na Grã-Bretanha. Convocavam todos os ministros a alertar suas paróquias para o perigo da pátria e a unir-se de coração e mãos para repelir o inimigo comum. Não pode haver dúvida de que o boato foi propagado unicamente para desviar a atenção dos reformadores do verdadeiro perigo que os ameaçava. Percebendo isso, Melville aproveitou todas as ocasiões para advertir aqueles com quem se relacionava e sobre quem tinha influência acerca do que entendia ser a verdadeira situação. Informado disso, o rei dirigiu-se imediatamente a St. Andrews e, sem sequer a aprovação do Conselho Privado, expediu a seguinte ordem, que reproduzimos nas palavras de Calderwood:

"Em St. Andrews, no décimo primeiro dia do mês de julho do ano do Senhor de 1602. Sua Majestade o rei, por certas causas e considerações que movem Sua Alteza, determina que um oficial do tribunal ou outro oficial de armas vá e, em seu nome e por sua autoridade, ordene e intime o senhor Andrew Melville, diretor do novo colégio de St. Andrews, a permanecer recolhido sob custódia dentro dos limites do referido colégio, sem de maneira alguma sair deles até que seja legal e regularmente dispensado e libertado por Sua Majestade, sob pena de rebelião e de ser declarado fora da lei. Fica ele advertido de que, se desobedecer e agir em contrário, será imediatamente declarado rebelde e proscrito, e todos os seus bens móveis serão confiscados em proveito de Sua Alteza por seu desacato.

"Thomas Fenteun, mensageiro."

Tendo Elizabeth, rainha da Inglaterra, morrido por essa época, James declarou, num discurso pronunciado na Igreja Alta de Edimburgo antes de partir para aquele reino, que não pretendia introduzir novas alterações no governo da Igreja. Por intercessão da rainha, Melville obtivera permissão de circular num raio de seis milhas de St. Andrews. Mas nem mesmo as declarações mais solenes do rei eram dignas de confiança, como bem sabiam os ministros da Escócia. James decidira unir os dois reinos; era necessário, portanto, vigiar para que não insistisse na uniformidade de culto e governo eclesiásticos além da união da jurisdição política. A esta última Melville dava aprovação decidida. Ele e a imensa maioria dos irmãos, contudo, sustentavam que antes dariam a vida do que renunciar a qualquer artigo de sua religião. Os comissários receberam instruções nesse sentido para apresentá-las ao Parlamento e requerer a ratificação das leis anteriores destinadas a proteger a Igreja. Deveriam exigir ainda que nenhuma alteração ou inovação sem fundamento na Palavra de Deus, contrariando o que já fora sancionado em lei, promessas solenes e juramentos, figurasse nos artigos da União.

Recorde-se que, em 1592, quando o presbiterianismo recebeu sanção civil, assegurou-se à Igreja que a Assembleia Geral se reuniria ao menos uma vez por ano. James, porém, repetidamente desconsiderou

essa garantia. Aos pedidos que então lhe faziam para permitir a reunião, respondeu que ela não era necessária nem oportuna. Melville empenhou-se em incitar os vários sínodos a afirmar seus direitos, requerendo a Sua Majestade que autorizasse a Assembleia a reunir-se para tratar de assuntos importantes. Por isso, apresentaram-no a James como a causa de toda a inquietação que agitava o país. Enviaram-se imediatamente de Londres ordens para prendê-lo, mas não foram executadas, provavelmente em razão do espírito que então se manifestava na nação. Apesar de todas as súplicas, a Assembleia que deveria ter-se reunido em 1605 foi novamente adiada sine die. Antes que isso se tornasse público, contudo, vários presbitérios já tinham escolhido seus representantes. Julgou-se, por isso, conveniente que fossem a Aberdeen, declarassem aberta a Assembleia e a adiassem para outro dia sem tratar de assunto algum. Assim fizeram. Logo depois de encerrarem a reunião, outros dez ministros se apresentaram e, com suas assinaturas, aprovaram a conduta dos irmãos. James indignou-se profundamente com essa iniciativa da Igreja. Informado do ocorrido, mandou intimar os ministros reunidos em Aberdeen a responder por seus atos perante o Conselho Privado. Catorze deles sustentaram sua defesa e foram encarcerados em diferentes prisões. É curioso observar como o monarca sem princípios procedeu nessa ocasião para dar aparência plausível à própria conduta. Por isso, reproduzimos parte da carta que enviou ao secretário Balmerino, datada de "Havering in the boure", em 19 de julho de 1605. James assinalara de próprio punho, na carta da Assembleia ao Conselho Privado, as passagens que julgava capazes de tornar os ministros censuráveis e enquadrá-los na lei. A seguinte chama especial atenção: "Na referida carta, em seguida ao sinal ÷, eles apresentam esta justificativa para seus atos: 'que não deveriam ser os primeiros a abrir uma brecha para a violação manifesta das leis e estatutos deste reino', desejando que o conselho ponderasse e considerasse isso; como se fizessem acusação aberta de alguma tirania intentada por nós em prejuízo das leis do nosso reino, palavras que cheiram inteiramente a traição e lesa-majestade." Levados a julgamento, todos os acusados recusaram a jurisdição do Conselho Privado. Após todas as medidas ilegais que o conselho e os oficiais da Coroa puderam imaginar, os presos foram declarados culpados de traição. A sentença, porém, foi adiada. O rei não quis ouvir a voz da nação, que suplicava perdão para os condenados, nem revelou ao conselho a pena que pretendia impor. Por fim, depois de dolorosa incerteza, oito foram banidos para Orkney e Shetland e seis para a França. Melville interessou-se profundamente pela sorte deles: declarou abertamente aprovar sua conduta e ajudou a promover petições ao Parlamento em seu favor. Compareceu ao julgamento em Linlithgow para auxiliá-los com conselhos e, depois da condenação, acompanhou-os ao lugar onde foram confinados.

Apesar de tudo o que lhe acontecera, o presbitério de St. Andrews escolheu Melville como comissário para comparecer à reunião do Parlamento marcada para Perth, em agosto de 1606. Instruíram-no a vigiar pelos interesses da Igreja juntamente com os delegados dos demais presbitérios. A Igreja se achava em perigo iminente. Sabendo bem quais eram as instruções do rei, ele e os irmãos apresentaram aos senhores dos artigos um memorial pedindo que, fossem quais fossem as mudanças em estudo, se respeitassem os privilégios da Igreja presbiteriana, estabelecidos pela Assembleia Geral e sancionados com a mais solene concordância do rei. O chanceler respondeu que os bispos seriam restaurados ao posto, dignidade e poder associados ao ofício cem anos antes. Nesse caso, aos ministros não restava senão protestar. Apresentaram, portanto, uma declaração com quarenta e duas assinaturas — a de Melville à frente —, redigida em termos muito respeitosos, mas decididamente contrária às medidas propostas. Sustentavam que até o fim preservariam inviolado o que o divino Cabeça concedera à Igreja. James Melville, com auxílio do tio, redigiu os fundamentos do protesto, mas não conseguiram demover o rei de seu propósito. Foi a última vez que se permitiu a Andrew Melville comparecer em público na Escócia. No fim de maio daquele mesmo ano, o rei ordenou-lhe que se apresentasse em Londres no dia 15 de setembro seguinte, sob o pretexto de conversar sobre o melhor modo de restabelecer a paz da Igreja. Cartas semelhantes foram enviadas ao sobrinho e a outros sete ministros, os mais formidáveis adversários de Sua Majestade na Escócia. Melville, seu sobrinho e outros dois ministros zarparam de

Anstruther, em Fife, no dia 15 de agosto. Poucos dias depois de chegarem a Londres, juntaram-se a eles os outros quatro, que tinham viajado por terra.

Admitidos à presença real, foram recebidos com muita afabilidade e tiveram a honra de beijar a mão de Sua Majestade. O rei conduziu a primeira conferência com a mais hábil duplicidade, sem introduzir na conversa coisa alguma que pudesse causar sequer a menor inquietação. Na segunda, contudo, James tirou a máscara e exigiu resposta explícita a duas perguntas: primeira, aprovavam a recente Assembleia realizada em Aberdeen e a conduta dos que a haviam reunido? Segunda, qual julgavam ser o melhor meio de obter uma reunião pacífica da Assembleia Geral para restabelecer o devido entendimento e a harmonia na Igreja? Em nome dos demais, James Melville pediu tempo para deliberar. Concederam-lhes até o dia seguinte. Ao entrar nos aposentos reais, Andrew Melville sentiu grande desconforto ao ver a sala cheia de nobres ingleses, bispos e outros subordinados da Igreja episcopal. O conde de Dunbar advertiu-o, por isso, a medir as palavras diante de visitantes tão elevados e honrados. Os ministros, entretanto, tinham escolhido James Melville para falar naquela ocasião, esperando evitar que cada um precisasse discursar. Isso não satisfez o rei, que lhes disse que todos deveriam falar por si. Começando pelos bispos, James quis primeiro saber sua opinião acerca da suposta Assembleia reunida em Aberdeen. Todos responderam que fora "temerária e ilegal". Voltando-se então para Melville, o rei perguntou: "Pois bem, senhor Andrew, qual é vossa opinião? Ouvistes como vossos irmãos condenam aquela reunião. Julgais que oito ou nove ministros, reunidos sem autorização, sem os principais membros, o moderador e o escrivão, convocados de maneira inconveniente, sem sermão e ainda proibidos por proclamação pública, podem constituir uma Assembleia?" Sem se deixar intimidar pelo esplendor nem pela dignidade dos presentes, Melville respondeu num longo discurso, do qual só podemos apresentar alguns breves trechos segundo o doutor M'Crie:

"Quanto a mim, estive por muito tempo impedido de participar de reuniões públicas. Mas, já que é vontade de Vossa Majestade, procurarei responder às diversas objeções que apresentastes. Quanto ao pequeno número de membros, suponho que não haja regra fixando o número exato. Nos dias da humilhação de nosso Senhor, dois ou três reunidos em seu nome tinham a certeza de sua presença; a promessa permanecerá até o fim dos tempos. Não se pode declarar ilegal uma reunião ordinária de tribunal instituído por lei porque poucos escolheram comparecer. Além disso, os ministros presentes em Aberdeen eram em número suficiente para realizar tudo o que pretendiam: constituir a Assembleia e adiá-la para outro dia. Quanto à autorização, ela se funda nas Escrituras, nas leis de Vossa Majestade e nos mandatos recebidos dos presbitérios. A presença do moderador e do escrivão anteriores não era indispensável à validade da Assembleia. Se esses oficiais estivessem ausentes por necessidade ou por vontade própria, ela poderia eleger outros para ocupar-lhes o lugar, conforme a razão e a prática da Igreja. No que se refere à ausência de sermão, Vossa Majestade foi mal informada, pois um dos ministros de Aberdeen pregou na abertura da reunião. Quanto à alegada proibição da Assembleia na véspera de sua reunião" — voltando-se para Lauriston,* comissário do rei que estava presente, disse —, "eu vos intimo, em nome da Igreja da Escócia, como haveis de responder perante o grande Deus quando Jesus Cristo aparecer para julgar vivos e mortos, a testemunhar a verdade e dizer se houve ou não tal proibição!" Lauriston permaneceu em silêncio, e o rei pediu a Melville que continuasse a expor por que não condenava os ministros. "Com a licença de Vossa Majestade, estou aqui apenas como particular, chamado por carta vossa e sem comissão da Igreja da Escócia. Ninguém me constituiu juiz; não posso, portanto, assumir o dever de condená-los. Pela proclamação de Hampton Court" — aqui Melville mostrou o documento —, "Vossa Majestade remeteu o julgamento deles à Assembleia Geral, esperando que ali se reparassem os agravos, caso os tenha havido. Não posso privar a Igreja e a Assembleia do meu voto, antecipando-o, pois, se o der agora, certamente me calarão naquela ocasião, como já aconteceu comigo e com alguns irmãos. Além disso, o conselho de Vossa Majestade já prejulgou a causa. Se o fez com justiça ou não, entrego-o a Deus, perante quem seus membros um dia terão de comparecer para responder por essa sentença. Creio, portanto, que Vossa Majestade não apreciaria que agora eu

contradissesse vosso conselho e suas decisões. Como poderia, então, condenar meus irmãos, que ainda não tiveram o julgamento devido, sem que eu tenha ouvido nem a acusação de Vossa Majestade nem a defesa deles?"

Ao terminar o discurso, o sobrinho entregou ao rei uma petição dos ministros condenados. Sua Majestade disse: "Alegro-me de ver isto!" Era evidente que James se sentia desconfortável com a fala de Melville, ainda mais porque todos os irmãos o apoiaram em cada ponto. O reformador, porém, dominava-se inteiramente. Surgiu ao mesmo tempo uma discussão entre o advogado da Coroa escocesa e um dos ministros acerca do julgamento do clero escocês por traição. Melville ouviu do primeiro certas expressões a que não conseguiu deixar de responder. Ajoelhou-se perante Sua Majestade e pediu licença para falar de novo. Obtida a permissão, pôs de lado toda a reserva e defendeu sem temor, com eloquência ardente e ousada que assombrou os presentes, tudo quanto os irmãos haviam feito. O advogado da Coroa também recebeu severa censura. "Acuso-vos, senhor", disse Melville com gravidade, "de ter empregado toda a vossa astúcia e eloquência para condenar os servos inocentes de Cristo. O acusador dos irmãos não poderia ter feito mais contra os santos de Deus do que fizestes contra esses homens em Linlithgow. E, não satisfeito com o papel que ali desempenhastes, ainda vos mostrais ὁ κατηγορος των Αδελφων" —* isto é, "o acusador dos irmãos".

Em vez de acalmar o monarca enfurecido, como se poderia esperar, ou levá-lo a medidas mais pacíficas, a manifestação unânime de Melville e dos irmãos só determinou o rei a agir com maior dureza e menor dignidade. Antes que os ministros chegassem aos alojamentos, um dos secretários reais os alcançou e leu uma ordem para que não comparecessem diante do rei, da rainha ou do príncipe sem permissão especial. Isso pouco os perturbou. No dia 28 de setembro, contudo, mandaram chamá-los outra vez para comparecer perante o conselho escocês, na presença do conde de Dunbar e do advogado da Coroa. Melville foi o último a ser admitido. Com a ousadia habitual, disse àqueles nobres que eram uma vergonha para o país e para seus antepassados, que não hesitaram em arriscar vida e fortuna na defesa do evangelho, enquanto eles, seus descendentes, se aliavam para destruí-lo. Antes de sair, cada ministro recebeu por escrito as seguintes perguntas, às quais lhe pediram resposta: primeiro, não haviam faltado ao dever ao orar pelos irmãos condenados, e estavam dispostos a pedir perdão a Sua Majestade por essa falta? Segundo, reconheciam que Sua Majestade, em virtude da prerrogativa real, possuía pleno poder para convocar, adiar e dissolver todas as assembleias eclesiásticas de seus domínios? Terceiro, tinha o rei o direito legítimo, por autoridade real, de convocar perante si e seu conselho quaisquer pessoas, eclesiásticas ou civis, por quaisquer faltas? Todos os súditos estavam obrigados a comparecer, responder e obedecer nesses casos? Entregaram respostas cautelosas, porém explícitas, sem ceder minimamente quanto aos princípios que até então sustentavam. Com elas apresentaram também, num documento assinado por todos, conselhos sobre o melhor meio de acalmar os conflitos e garantir a tranquilidade da Igreja. Melville e os irmãos, imaginando que tudo estivesse encerrado, desejavam voltar para casa. Nada, porém, estava mais longe das intenções de James. Tentaram todos os meios de apanhá-los em alguma falta; vigiavam sua conduta em todas as ocasiões. Obrigavam-nos a ouvir discursos dos bispos ingleses e conduziam-nos de ida e volta à igreja, dia após dia, como penitentes, sem perspectiva de libertação. No dia 28 do mesmo mês, por mensagem do rei, ordenaram-lhes comparecer à capela real na festa de São Miguel. Estavam presentes vários estrangeiros de distinção, e exibiu-se toda a pompa imaginável própria da ocasião para atrair a atenção dos reformadores. O olhar de Melville deteve-se particularmente no altar: ali estavam dois livros fechados, dois cálices vazios e dois castiçais com velas apagadas. De volta ao alojamento, compôs sobre aquela exibição muda, escura e vazia o seguinte epigrama:

Cur stant clausi Anglis libri duo regia in ara,
Lumina cæca duo, pullubra sicca duo?
Num sensum cultemque Dei tenet Anglia clausum,
Lumine cæca suo, sorde sepulta sua?

Romano an ritu dum regalem instruit aram
Purpuream pingit religiosa lupam?

Como mais tarde esses versos serviram de fundamento a grave acusação contra Melville, esperamos que não seja impróprio incluí-los na narrativa. Apresentamos, pois, a seguinte tradução antiga, perfeitamente exata, copiada literalmente da obra do doutor M'Crie:

Por que se acham no altar real, tão elevado,
Dois livros fechados, luzes cegas e duas bacias secas?
Guarda a Inglaterra encerrados o pensamento e o culto de Deus,
Cega à própria luz, sepultada em sua imundície?
Ao vestir sua capela com os trajes de Roma,
Representa devotamente a prostituta de púrpura?

Não demorou para que mostrassem esses versos ao rei. Supunha-se que isso fora feito por um dos espiões que, sob vários pretextos, tinham o hábito de frequentar constantemente os alojamentos dos ministros. Em consequência, Melville foi intimado a comparecer perante o Conselho Privado inglês em Whitehall no dia 30 de novembro. Mostraram-lhe uma cópia dos versos, e ele reconheceu a autoria. Disse que os escrevera por piedade e indignação, ao ver uma igreja que se dizia reformada afastar-se a tal ponto da verdadeira religião e da pura luz do evangelho que introduzia idolatria tão grosseira e vil. Não sabia como o poema chegara às mãos de Sua Majestade; tinha, porém, certeza de não ter entregado cópia a ninguém. De toda forma, não se inquietava com isso, pois pretendia aproveitar a primeira ocasião para mostrá-lo ele mesmo ao rei. Acrescentou que não tinha consciência de haver cometido crime ao escrever os versos. O arcebispo de Cantuária, contudo, declarou que falar assim da Igreja da Inglaterra era grave delito e colocava o autor claramente sob as leis de traição. Melville sustentou que nunca fora traidor. Disse na face do arcebispo que o considerava o principal inimigo de todas as igrejas reformadas da Europa e, como tal, professava-se seu inimigo até a última gota de sangue. Lamentava que alguém assim estivesse tão próximo de Sua Majestade e tivesse assento nos seus conselhos. Um dos nobres escoceses, temendo que Melville fosse longe demais, pediu-lhe que se lembrasse de onde estava e com quem falava. Recebeu esta dura resposta: "Lembro-me muito bem, meu senhor. Lamento que Vossa Senhoria, ao tomar assento aqui e dar apoio a tais atos contra mim, crie um precedente que ainda poderá ser usado contra vós e vossos descendentes." O rei julgara conveniente não estar presente, mas dera instruções à corte sobre como agir. Melville foi, portanto, entregue à custódia do deão de St. Paul's e mantido preso em sua casa, sem permissão de fazer ou receber visitas, até 9 de março do ano seguinte, quando recebeu ordem de mudar-se para a casa do bispo de Winchester.

A trama contra Melville fora cuidadosamente urdida. Tinham em mãos o homem que mais temiam e resolveram, contra toda a justiça e o direito das nações, que ele jamais tornaria a ver sua terra natal. Antes de se submeter à vigilância do novo guardião, porém, visitou os irmãos e permaneceu com eles algumas semanas sem ser molestado, até 26 de abril, quando recebeu uma mensagem do bispo solicitando-lhe que comparecesse a Whitehall. Antes da despedida, o sobrinho lhe disse: "Sabem que falareis livremente o que pensais; estarão, portanto, atentos a qualquer coisa que possam usar contra vós para impedir por mais tempo vosso retorno à Escócia." O tio respondeu: "Se Deus ainda tiver trabalho para mim na Escócia, ele me levará até lá; se não, desejo glorificá-lo onde quer que esteja. Mas ainda tenho algo a dizer. Façam de mim o que quiserem: jamais passarei em silêncio as abomináveis superstições e os erros que procuram introduzir para apagar a pura e bendita luz do evangelho." Antes que estivesse pronto para partir, chegaram duas mensagens dizendo que o conselho o esperava. Ouvindo-as com perfeita serenidade, encomendou a si e aos irmãos a Deus numa oração breve, porém fervorosa, e retirou-se. Como o epigrama era a única acusação aparentemente plausível de que o conselho dispunha, recorreram a ele para tentar condená-lo por traição. Naquela ocasião, o rei escondeu-se num quarto vizinho para ouvir sem ser visto, provavelmente supondo que Melville seria menos cauteloso e mais fácil de surpreender. Isso, contudo, de nada valeu. Nem o rosto do monarca o

teria constrangido. Como seu grande predecessor, “não temia o rosto de homem algum” quando o dever para com Deus exigia que falasse. Não poupou o rei, os nobres nem os bispos: repreendeu a todos sem temor. Em vão tentaram obter desculpas ou arrancar-lhe uma retratação. Manteve firmemente tudo o que escrevera e dissera e expôs tão abertamente as faltas do rei e da corte que estes desejaram, no íntimo, jamais tê-lo trazido de St. Andrews. Vendo frustrados todos os esforços e não encontrando outro meio de vingança, mandaram encarcerá-lo na Torre. Ao ouvir a sentença, exclamou magnanimamente: “A isso chega, enfim, o tão alardeado orgulho da Inglaterra! Há bem pouco tempo destes morte a um sacerdote; amanhã faríeis o mesmo a um ministro!”* Depois dirigiu-se ao duque de Lennox e ao conde de Mar, declarou que era um verdadeiro escocês e advertiu-os a cuidar para que o caso não terminasse com eles como começara consigo. Essa frase enfureceu o rei mais do que todas as anteriores. Ordenou, portanto, que Melville fosse imediatamente levado à Torre pelo rio, sem que se permitisse a qualquer amigo vê-lo. Ciente de que nunca recuperaria a liberdade sem sacrificar seus princípios, resolvera dizer livremente o que pensava. Preferia honrosa prisão à soltura em condições que restringissem o livre exercício do dever como mestre público e ministro de Cristo. Seu destino lançou sombra sobre as esperanças de libertação dos irmãos, e assim sucedeu. Ordenaram ao sobrinho que saísse de Londres dentro de seis dias e se retirasse para Newcastle-upon-Tyne, sob graves penas caso depois fosse encontrado a mais de dez milhas dali. Enviaram os outros ministros para diferentes regiões da Escócia, proibindo-os não apenas de pregar, mas também de participar dos tribunais eclesiásticos. Teriam de estar prontos, quando solicitados, a apresentar atestados de boa conduta emitidos pelos bispos ou a retornar a Londres no prazo determinado.

Seria insensível encerrar esta parte da narrativa sem voltar os olhos para a despedida final desses amigos eminentes e afetuosos, que agora seriam separados para sempre neste mundo. Melville fora entregue ao governador da Torre com ordens expressas de que ninguém fosse admitido à sua presença. Pela bondade de um dos guardas, porém, o sobrinho conseguiu permissão de conversar brevemente todos os dias com o tio, do lado de fora da prisão, enquanto permaneceu em Londres. Esquecido da própria sentença, ficou na cidade duas semanas além do prazo fixado para sua partida, pensando apenas em aliviar os sofrimentos do tio. Tudo o que conseguiu, entretanto, foi que permitissem ao criado encarcerar-se com o senhor. Melville fora para o sobrinho um pai, um mestre e um amigo; recebera em troca o afeto de filho dedicado, a gratidão de discípulo profundamente apegado e a fidelidade de alguém que morreria para salvar seu benfeitor. A velhice avançava depressa sobre o tio, e o coração sensível do sobrinho quase se partia ao pensar em deixá-lo na prisão e na pobreza. Nada mais podia fazer. Entregou-lhe, portanto, todo o dinheiro de que podia dispor e embarcou num navio com destino a Newcastle, ao pé das escadas da Torre, no dia 2 de julho de 1607. Descendo o rio, ficou no convés enquanto seus olhos puderam distinguir a prisão do tio. Com os olhos cheios de lágrimas, elevou orações por aquele a quem amava com tanto ardor e entusiasmo e cujo rosto nunca mais veria na terra.

Mal Melville passara a primeira noite em seus novos aposentos quando o rei escreveu a St. Andrews, afirmando que o Conselho Privado declarara o reformador culpado de grave delito. Como ele não poderia voltar à universidade, poderiam preencher o cargo vago. Para aumentar os sofrimentos da prisão, logo encontraram um pretexto para afastar-lhe o criado. Ninguém podia vê-lo, exceto quem lhe levava a comida. Negaram-lhe material de escrita. Apesar da desoladora solidão, seu espírito continuou indomável: distraía-se escrevendo versos nas paredes da cela com a lingueta da fivela do sapato. Passou assim dez meses. No decorrer do ano seguinte, porém, pela influência de sir James Sempell de Belltrees, transferiram-no para aposento mais confortável, onde os amigos podiam visitá-lo de vez em quando e lhe concederam papel, tinta e penas. Em maio, escreveu ao sobrinho que, apesar do rigor do inverno anterior, sua saúde não sofrera dano algum. Sentia-se relativamente alegre pela causa por que padecia, bem de corpo e alma, preparado para qualquer desfecho: permanecer ali, voltar para casa ou ir para o exílio. Durante a prisão, várias pessoas de reputação ilustre o visitaram. Conversava com elas com manifesta alegria e afabilidade e mostrava, àquelas capazes de avaliá-la, uma paráfrase latina dos salmos

de Davi com que ocupava as horas. Em novembro de 1610, o duque de Boillon pediu a James a libertação de Melville e autorização para enviá-lo a Sedan, na França. A rainha regente daquele país, contudo, logo interrompeu a negociação: ouvira dizer que ele possuía temperamento turbulento e julgou perigoso admitir homem de tais hábitos em seus domínios. O próprio James propagara essas calúnias para resguardar sua reputação no exterior. Quando por fim a verdade veio à luz, o duque teve mais êxito e, em fevereiro de 1611, obteve a libertação definitiva de Melville. Dificuldades financeiras o impediram, por algum tempo, de aceitar o convite para ir a Sedan; o sobrinho não podia ajudá-lo. Embora a saúde tivesse resistido bem durante a prisão, começou a fraquejar após a soltura. Por fim, uma febre o reteve por breve período. Muitos amigos exerceram forte influência para que lhe fosse permitido regressar à terra natal. As condições impostas pelo rei, contudo, quando transmitidas a Melville, foram de todo inaceitáveis para ele. Graças à generosidade de alguns amigos da Escócia, recebeu soma suficiente para apresentar-se dignamente na França. Tendo recuperado consideravelmente a saúde, partiu para aquele país após quatro anos de encarceramento na Torre. Conheceremos melhor seu estado de espírito por suas próprias palavras. Por isso, esperamos não precisar desculpar-nos por reproduzir a carta ao sobrinho, extraída do doutor M'Crie, escrita pouco antes do embarque:

"Meu querido filho, meu querido James, adeus, adeus no Senhor. Devo agora partir para outras terras. Esta é a vontade de meu Pai divino e celestial, e eu a recebo como fruto de seu amor paterno para comigo. Por que não o faria, se ele me recuperou de uma enfermidade súbita e grave e me anima para a viagem com tantas provas de seu favor? Agora enfim sinto a verdade do pressentimento que tantas vezes manifestei: seria necessário confessar a Cristo num teatro mais amplo. Na medida em que isso ainda não se cumpriu, creio que em breve se verificará inteiramente. Enquanto isso, conservo-te no coração, e nada nesta vida, depois de Deus, me será mais caro que tu. Hoje inicio a viagem sob os cuidados do Céu. Que o Deus de misericórdia lhe dê desfecho próspero. Une-te a mim na súplica para que ela resulte em sua glória e no proveito da Igreja. Embora não esteja inquieto quanto à minha biblioteca, peço-te que recomendes aos que a guardam que cuidem dela, por amor a mim e à Igreja à qual dediquei minha pessoa e todos os meus bens. Quem sabe se ainda nos encontraremos para agradecer publicamente a Deus por todos os seus benefícios? Por que não alimentaríamos a esperança de dias melhores, quando a fraude e o orgulho dos inimigos nos reduziram a uma situação que parece anunciar a ruína da estrutura erguida há tão pouco tempo? Nossos três supostos bispos afirmam que insistiram com Sua Majestade e lhe suplicaram de joelhos que me restituísse à pátria. Tu, porém, conheces a disposição desses homens e o verdadeiro propósito do pedido. O navio já se põe em movimento, e me chamam a bordo. Transmite minhas saudações a todos os amigos. A graça de Deus seja sempre contigo. Da Torre de Londres, no momento do embarque, 19 de abril de 1611.

"Teu, como sou de mim mesmo, no Senhor,

"ANDREW MELVILLE."

Ao chegar à França, Melville visitou por pouco tempo Rouen e Paris e logo seguiu para Sedan, onde foi admitido como professor associado de teologia ao lado de Daniel Tilenus: este ensinava o sistema, e Melville fazia exposições das Escrituras. Numa carta ao sobrinho, expressa-se assim, nas palavras do doutor M'Crie: "O Senhor, de quem dependo inteiramente, e não do agrado nem dos desejos dos homens, tem seus próprios tempos. Tenho todos os amigos diante dos olhos; trago-os no peito; recomendo-os ao Deus de misericórdia nas orações diárias. Faço o trabalho que se põe diante de mim; desempenho minha função da melhor maneira que posso. Minha cidadania está nos céus. Não suplico que se apresse nem que se afaste o dia da minha morte. Aspiro às coisas divinas e permaneço no meu posto. Pouco me inquietam as coisas humanas. Em suma, vivo para Deus e para a Igreja. Não sucumbo à adversidade; conservo-me para dias melhores. Pela graça de Deus, meu espírito está preparado e fortalecido no Senhor, por cuja causa não temo encontrar a morte naquele caminho novo e vivo que ele consagrou e que conduz ao céu de qualquer parte do mundo."

A notícia da morte do sobrinho, recebida em abril de 1614, foi um duro golpe para seus sentimentos. Não admira, pois, à semelhança de Saul e Jônatas, foram "amáveis em sua vida". Ao perguntarem àquele homem excelente, modelo de humildade, mansidão, fé e boas obras, se desejava recuperar a saúde, respondeu no leito de morte: "Não! Nem por vinte mundos." Quando Melville recebeu a triste notícia, suas primeiras palavras foram: "O Senhor tomou para si o irmão fiel, meu filho muito amado. Temo que a melancolia tenha abreviado seus dias. Agora está livre de dúvidas e aflições, desfrutando os frutos de seus sofrimentos aqui. Que Deus perdoe os instrumentos que o mantiveram afastado de seu rebanho." Pouco depois, as enfermidades da velhice começaram a afligi-lo; em meio a todos os padecimentos, porém, conservou sua natural alegria de espírito. Numa carta datada de 1612, escreveu: "Não tenho eu sessenta e oito anos, idade a que nenhum de meus catorze irmãos chegou? E, contudo, graças a Deus, como, bebo e durmo tão bem quanto trinta anos atrás, e até melhor do que quando era mais jovem, no próprio florescer da juventude. Apenas o cálculo renal, de tempos em tempos, tempera minha alegria com alguma pequena dor. Só a sinto desde o começo de março do ano passado, um mês antes de minha libertação da prisão. Graças a Deus, não sinto diminuição do vigor e do ardor de espírito para propagar a verdade. Tampouco uso óculos agora mais do que antes; na verdade, não os uso, nem jamais os usei. Ainda consigo ler as menores letras hebraicas sem pontos vocálicos e os menores caracteres. Por que não viveria para ver uma mudança para melhor, quando homens honestos informarem o príncipe com verdade, ou Deus lhe abrir os olhos e mover o coração para perceber o orgulho dos prelados arrogantes?" No ano seguinte, escreveu ao mesmo correspondente: "Meu coração é escocês, tão bom ou melhor do que jamais foi, para com Deus e para com os homens. Somente o Senhor seja louvado por isso, pois a ele pertence toda a glória. Quem sabe quando, deste tumulto, ele se agradará de fazer surgir alguma boa ordem, para consolo de seus filhos e alívio de seus servos? Coragem, coragem, irmão! Havemos de julgar anjos; quanto mais os mortais!" Em 1616, escreveu à mesma pessoa: "Que os bispos sejam toupeiras; nós depositaremos os tesouros no céu, onde estarão seguros. Minhas cólicas, pedras e gota são mensageiros que perturbam minha paciência, mas exercitam minha fé. Minha saúde é melhor do que esperaria nesta idade. Louvado seja o verdadeiro Mediador; que ela sirva para sua glória e para o proveito de sua Igreja!"

Até a última hora, Melville conservou profundo interesse pelos assuntos da Igreja da Escócia. Soubera dos cinco artigos de Perth, que, para benefício de alguns leitores, enumeramos: ajoelhar-se ao receber o sacramento; observar dias festivos; receber confirmação dos bispos antes da primeira comunhão; batismo particular; comunhão particular. Disse que não imaginara que o governo levasse as coisas a tal extremo. Estava muito aflito pela Igreja. "Não temamos as astúcias dos inimigos dela", disse; "voltemos os olhos àquele que governa e dirige todas as coisas para o bem dos que o amam. Aquele que há de vir virá, limpará sua eira e consumirá a palha e o entulho com o fogo de sua ira. Reservemo-nos para tempos melhores. Aquele que é ao mesmo tempo nosso caminho e guia, o princípio e o fim da jornada, levará todas as coisas a feliz termo. Prefiro permanecer prisioneiro de um soberano legítimo a tornar-me servo dos senhores legítimos. Considero mais honroso trazer as correntes de um rei legítimo do que as insígnias de prelados ilegítimos. Enchem-me de dor e indignação o deplorável estado atual das coisas e a sorte penosa de homens bons, que não conseguem obter liberdade corporal sem submeter-se à escravidão espiritual." Sua constituição começou a ceder em 1620, consumindo gradualmente aquele corpo que tantas vezes estivera "em perigos, em cadeias e em prisões" pela causa de Cristo e de sua Igreja. Pouco mais se sabe a seu respeito desse período até sua morte, ocorrida em Sedan no decorrer de 1622. Todo o curso de sua vida, contudo, contradiz a afirmação de certo escritor de que, antes de morrer, se tornara indiferente aos interesses da Igreja da Escócia. Para refutá-la, poderíamos citar o testemunho de Robert Boyd de Trochrig, então diretor da Universidade de Edimburgo. Como teremos ocasião de tratar disso na biografia desse eminente teólogo, contentamo-nos em traduzir dos Anais de Simson o trecho seguinte, cuja brevidade, precisão e originalidade merecem atenção: "Andrew Melville foi homem da maior piedade e de zelo singular — o zelo da casa de Deus o consumia. Era o primeiro, ou melhor, estava sozinho, pela perspicácia em todas as línguas e ciências. Introduziu Atenas e Jerusalém

— o grego e o hebraico — na Escócia. Foi inimigo do falso episcopado e do papismo, sempre alerta. Viveu toda a vida solteiro e em estrita castidade. Por ordem do rei, foi lançado na Torre, onde permaneceu até o duque de Bouillon levá-lo à França. Ali lutou valorosamente pela verdade até o dia de sua morte, em 1622: um octogenário." Sua idade exata, porém, era de setenta e sete anos.

No começo da biografia discorremos tão amplamente sobre seus dotes intelectuais que seria supérfluo acrescentar muito mais, além de observar que mesmo ao morrer tinha poucos iguais e certamente nenhum superior. Era particularmente afeito à poesia latina, passatempo muito comum entre os eruditos de seu tempo. Seu estilo era puro, sóbrio, fluente e elegante. Quando escolhia mergulhar a pena no fel, contudo, era mestre da sátira, aguda, incisiva e eficaz. Usava-a, porém, somente contra a hierarquia episcopal e o papismo anticristão. Sua versificação de muitos salmos de Davi pouco fica aquém da de seu grande modelo, e sua paráfrase do cântico de Moisés será admirada enquanto forem estudadas e apreciadas as belezas da língua em que foi escrita. O panegírico dos dois Scaliger e de seu preceptor Buchanan lhe dará honra enquanto perdurar o tempo. Quanto ao temperamento natural, o leitor atento deve ter concluído que era altivo, ardente e independente, distante do temor de ameaças ou sofrimentos; ao mesmo tempo, era franco, inclinado ao perdão, aberto, generoso e acima de suspeitas. Não conhecia a dissimulação. A hipocrisia não fazia parte de seu caráter, nem a desprezível arte de adular encontrava lugar em seu coração. É, porém, seu caráter de reformador escocês, ministro público, santo e homem de Deus que nos interessa principalmente. Talvez outros contemporâneos lhe fossem quase tão firmes na oposição à introdução do episcopado. A ele, entretanto, cabe certamente o mérito de ter sido o primeiro a denunciar o plano. Percebendo desde o início suas consequências mais distantes, lançou o desafio até diante do rei, que teve a imprudência de aceitá-lo, tornando-se assim alvo de escárnio, desprezo e compaixão não só de seu próprio tempo, mas também deixando à posteridade um nome universalmente execrado. Não será difícil decidir se James ou Melville prevaleceu. O monarca podia privá-lo do cargo e excluí-lo de sua presença; impediu-o alguma vez de reunir-se com os irmãos e promover a grande causa com exemplo e conselho? Podia encerrá-lo numa masmorra e afastá-lo do convívio humano e dos meios de comunicar a outros suas meditações; acorrentou com isso o seu engenho? As próprias paredes da cela lhe ofereciam amplo espaço para escrever, com instrumento tão agudo quanto a ponta de um diamante. Podia bani-lo para longe da Igreja e da pátria; persuadiu-o a refrear suas orações perante Deus ou impediu-o de interceder pela aflita e perseguida Igreja da Escócia? Jamais. Nenhum sofrimento o forçou a retirar sua oposição, nem favor algum o induziu sequer a sorrir em sinal de aprovação. Como pregador da Palavra de Deus, era dotado de elevadíssimo talento, zeloso, incansável, insistente a tempo e fora de tempo e notavelmente bem-sucedido. Como santo de Deus, era epístola viva do poder da religião no coração. Sólido na fé e puro nos costumes, recomendava o evangelho pela vida e conduta. Combateu o bom combate e, como um feixe de trigo recolhido em sua estação, despediu-se da vida mortal maduro para a glória eterna. Se John Knox livrou a Escócia dos erros e superstições do papismo, Andrew Melville, por sua fortaleza, exemplo e conselho, contribuiu substancialmente para resistir até a morte à propagação de uma forma de culto alheia ao caráter escocês. Seu nome merece, portanto, ser transmitido às gerações mais remotas como o de eminente erudito, presbiteriano convicto, ministro fiel e distinto servo de Deus.

William Row

William Row era filho de John Row, ministro em Perth. Seu pai partira para o exterior ainda jovem e, chegando ao Vaticano a fama de seu talento e saber, o papa o escolhera em 1559 como emissário para observar a Reforma nascente na Escócia. Pouco depois de voltar à terra natal, porém, John abraçou os princípios da religião reformada e os defendeu com zelo e capacidade. Em 1560 foi nomeado ministro em Perth e, a partir daí, exerceu considerável influência nos conselhos do clero reformado, gozando da amizade de Knox e de outros homens notáveis daquele tempo. William, o biografado, recebeu uma educação muito ampla sob os cuidados do pai. Não se registrou o dia de seu nascimento, mas há razões

para crer que ocorreu em 1563. Alguns dizem que seu primeiro e único chamado foi para a paróquia de Forgandenny, no presbitério de Perth. Segundo outros, estabeleceu-se como ministro em Strathmiglo, em Fife, por volta de 1600, ali permanecendo vários anos. Embora breve, sua vida é particularmente interessante.

Foi um dos ministros que se recusaram a render publicamente graças pelo livramento do rei no perigo da conspiração de Gowrie enquanto não se demonstrasse a verdade daquele plano. A recusa atraiu-lhe o desagrado real, e pouco depois foi intimado a apresentar-se perante o rei e o conselho em Stirling. Na data marcada, dois nobres foram enviados separadamente para encontrá-lo no caminho. Fingindo amizade, deveriam dizer-lhe que o conselho tramava contra sua vida e persuadi-lo assim a não comparecer. O primeiro o encontrou perto de casa; o segundo, a algumas milhas de Stirling. Row disse-lhes, contudo, que não se tornaria legitimamente sujeito às penas da lei por desobedecer à intimação. Prosseguiu até Stirling, para espanto do rei e da corte. Interpelado por duvidar da veracidade da conspiração, respondeu que uma das razões de sua hesitação era o fato de certo Henderson, que se dizia ter confessado que Gowrie o contratara para matar o rei e que fora encontrado armado nos aposentos de Sua Majestade com esse propósito, não apenas ter sido poupado da morte, mas recompensado. “Ao passo que eu”, disse Row, “se visse a vida do rei em perigo e não arriscasse a minha para salvá-lo, julgaria não merecer viver.”

Os dois episódios seguintes mostrarão o extraordinário grau de coragem e resolução que possuía.

Row estava em Edimburgo antes de uma Assembleia na qual o rei pretendia introduzir uma inovação. Encontrou-se com o senhor James Melville, a quem o monarca mandara chamar, e acompanhou-o ao palácio de Holyrood. Enquanto Melville conversava com o rei, Row permaneceu atrás de um biombo. Sem encontrar oportunidade de sair despercebido com o companheiro, ouviu o rei dizer a alguns cortesãos: “É um homem bom e ingênuo. Pus-lhe creme na boca; garanto-vos que me conseguirá bom número de votantes!” Depois disso, Row conseguiu sair, alcançou Melville e lhe perguntou o que acontecera. O outro lhe contou tudo e disse que o rei estava bem-disposto para com a Igreja e pretendia beneficiá-la com todos os planos que propunha. Row respondeu: “O rei vos considera tolo e patife e quer usar-vos como pato de chamariz para atrair os outros.” Então lhe contou o que ouvira. Como Melville duvidava da notícia, Row ofereceu-se para acompanhá-lo e confirmá-la na presença do próprio rei. Voltaram ao palácio. Quando Melville viu que Row se adiantava para entrar tanto quanto ele, acreditou no relato e o deteve. No dia seguinte, ao passar a Assembleia à votação, Melville votou contra a proposta real. Sua Majestade não acreditou que esse fosse o voto até que Melville, interrogado outra vez, o repetiu.

Em outra ocasião, coube a Row abrir o sínodo de Perth em 1607. O rei James enviou lorde Scoon, capitão de sua guarda, para forçar os membros a aceitar um moderador permanente. Scoon mandou avisar Row de que, se no sermão dissesse qualquer coisa contra os moderadores permanentes, faria dez ou doze guardas disparar suas colubrinas contra seu rosto. Ao assistir ao sermão de abertura, levantou-se em postura ameaçadora para intimidar o pregador. Row, porém, de modo algum se amedrontou. Conhecia os vícios de Scoon, particularmente sua grande glutonaria. Descreveu-o com tanta precisão e censurou tão severamente o que nele era condenável que Scoon se viu obrigado a sentar-se e até a cobrir o rosto. Depois, Row passou a demonstrar que não se devia admitir moderador permanente na Igreja. Sabendo, contudo, que Scoon não entendia nem latim nem grego, evitou sabiamente mencionar em inglês as palavras “moderador permanente”, usando sempre a expressão grega ou latina. Encerrado o sermão, Scoon disse a alguns nobres que o acompanhavam: “Vedes? Fiz o pregador temer tocar no moderador permanente. Mas gostaria de saber contra quem tanto falou sob o nome de *prœstes ad vitam*.” Explicaram-lhe que isso significava em latim “moderador permanente”. Scoon ficou tão irritado que, quando Row começou a constituir o sínodo em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, exclamou: “Aqui não há Jesus que valha!” Row passou a chamar os nomes registrados para escolher um moderador segundo a

antiga forma, e Scoon tentou tomar-lhe a lista. Sendo, porém, homem forte, Row manteve Scoon à distância com uma das mãos e, segurando a lista com a outra, continuou a chamar os membros.

Depois disso, Row foi declarado fora da lei. No dia 11 de junho seguinte, ele e Henry Livingstone, o moderador, receberam intimação para responder perante o conselho por seus atos no sínodo. Livingstone compareceu e, com grande dificuldade, obteve o favor de permanecer sob custódia na própria paróquia. Aconselharam Row, porém, a não comparecer se o conselho não levantasse primeiro sua condição de proscrito e não o pusesse a salvo do partido de Scoon, que possuía ordens de captura para prendê-lo e levá-lo a Blackness. Isso lhe foi negado. Iniciaram uma busca, obrigando-o a esconder-se entre amigos durante considerável tempo.

Sofreu várias outras dificuldades pelo restante da vida, mas conservou até o dia da morte a fidelidade e a coragem constantes no cumprimento do dever exemplificadas nesses episódios.

Alexander Lindsay, bispo de Dunkeld e ministro de St. Madoes, no presbitério de Perth, detinha o direito de apresentação à paróquia de Forgandenny. Conhecia Row desde os tempos de colégio. Embora divergissem em alguns assuntos eclesiásticos, estimava-o por suas boas qualidades e generosamente nomeou o filho de Row, William, como auxiliar e sucessor naquela paróquia.

Encontra-se no próprio manuscrito de Row o interessante episódio seguinte, relativo a essa ocasião. Lindsay lhe disse: “Senhor William, não venho a esta reunião como bispo, mas como vosso copresbítero. Prometo não fazer a vosso filho perguntas além daquelas contidas no Livro dos Salmos”, isto é, na antiga fórmula de admissão, que, juntamente com outras fórmulas e orações, vinha impressa antes da versão métrica dos Salmos. Row gozava da amizade do bispo e podia, portanto, desobrigar facilmente a consciência deixando de chamá-lo de “meu senhor”. Quando se dirigiram ao jantar, ao qual Lindsay comparecera sem convite, Row comportou-se, segundo o costume daqueles tempos, como rígido presbiteriano. “Senhor Alexander”, disse ele, “sabeis que fomos condiscípulos no colégio e que o senhor John Malcolm, agora ministro em Perth, foi nosso mestre. Convém, por isso, que vosso mestre ocupe à mesa um lugar acima do vosso.” “É inteiramente justo”, respondeu o bispo, e, com excelente humor, cedeu o lugar ao senhor Malcolm. Na verdade, Lindsay, senhor de Evelick, em Garse de Gowrie, tornou-se presbiteriano em seus últimos anos.

Row morreu no começo de outubro de 1634. Seu filho William seguiu-lhe os passos: durante a guerra civil, foi zeloso *covenanter* e acompanhou o exército escocês à Inglaterra como um de seus capelães. Morreu em 1660. Se houvesse vivido até o estabelecimento do episcopado no ano seguinte, provavelmente teria sido privado do cargo por não conformidade.*

Patrick Simpson

PATRICK SIMPSON era filho de Andrew Simpson, ministro de Dunbar, um dos primeiros na igreja da Escócia a se opor corajosamente ao papismo e a instruir muitos, tanto do clero como dos leigos, na fé protestante. Era também um de cinco irmãos que, seguindo o exemplo do pai, se dedicaram à igreja. Depois de concluir seus estudos acadêmicos, passou um tempo considerável em retiro, ocupado na leitura dos clássicos gregos e latinos, dos antigos pais cristãos e da história da igreja primitiva. Censurado por um amigo por despender tanto tempo no estudo de escritores pagãos, respondeu que pretendia adornar a casa de Deus com aquelas joias do Egito.

Inicialmente, foi ordenado ministro de Cramond, mas depois transferido para Stirling, onde permaneceu até a morte. Combateu fielmente as pretensões senhoriais da prelazia. Em 1584, quando o rei deu aos ministros ordem expressa de reconhecer Patrick Adamson como arcebispo de St. Andrews, sob pena de perderem os benefícios eclesiásticos, Simpson se opôs à ordem com todas as forças, embora Adamson fosse seu tio materno. Quando alguns irmãos seus se mostraram dispostos a aquiescer à determinação régia e a assinar sua submissão a Adamson na medida em que esta estivesse de acordo com a palavra de

Deus, ele os repreendeu severamente. Disse que isso não resguardaria suas consciências, pois era inteiramente absurdo assinar um acordo com qualquer invenção humana condenada pela palavra de Deus. Ofereceram-lhe um bispado, além de uma pensão anual concedida pelo rei, para conquistá-lo aos seus desígnios; mas ele recusou categoricamente tudo, dizendo considerar aquela promoção e aquele ganho um suborno para escravizar sua consciência, que lhe era mais preciosa do que qualquer outra coisa. Não parou aí. Tendo oportunidade de pregar diante do rei, em 1598, exortou-o publicamente a cuidar para não atrair sobre si a ira de Deus ao favorecer uma manifesta transgressão das leis divinas. Logo após o sermão, o rei se levantou e ordenou-lhe que não se intrometesse nesses assuntos.

Quando a Assembleia realizada em Aberdeen, em 1604, foi condenada pelo Estado, ele denunciou de modo muito solene o juízo de Deus contra todos os que haviam participado da aflição e do encarceramento dos ministros que sustentavam a legalidade daquela reunião e justificavam seus atos. Em 1606, quando o parlamento se reuniu em Perth para revogar o estatuto que vinculava à coroa as propriedades temporais episcopais e restituir à ordem dos bispos seus antigos privilégios, Simpson viu que nenhuma atenção se dava às representações do clero e redigiu uma protestação. Ela foi apresentada a cada um dos três estamentos, depois de ter sido rejeitada de maneira extremamente insultuosa pelos lordes dos artigos. O importante documento, cuja cópia transcrevemos a seguir, foi assinado por quarenta e dois ministros e entregue por ele às mãos do conde de Dunbar.

Protestação apresentada aos estamentos reunidos em Parlamento em Perth, no princípio de julho do ano de 1606

“O ardente desejo de nosso coração é sermos fiéis. Se pudéssemos, nesta ocasião em que a condição solapada da igreja de Cristo exige de nós o cumprimento de um dever, permanecer calados e infiéis, teríamos encerrado nosso coração na paciência e nossa boca no silêncio, em vez de importunar quem quer que fosse com nossa admoestação. Mas Cristo o ordena, a necessidade o exige e o dever nos compele: ninguém pode censurar-nos justamente por sermos oficiais fiéis na igreja de Deus, desde que permaneçamos dentro dos limites daquela moderação cristã que segue a Deus sem causar dano a homem algum, especialmente àqueles que Deus envolveu nas abas de seus próprios títulos e nomes honrosos, chamando-os de deuses na terra.

“Portanto, meus senhores reunidos neste parlamento sob a altíssima e excelentíssima majestade de nosso temido soberano, dirigimos a vossas honras esta exortação: que procureis, com toda a sinceridade de coração, amor e zelo, promover a edificação da casa de Deus, reservando sempre à própria mão do Senhor a glória que ele não comunicará nem a homem nem a anjo, a saber, prescrever do seu santo monte o modelo vivo segundo o qual deve formar-se seu próprio tabernáculo. Lembrai-vos sempre de que não existe neste mundo autoridade absoluta e indubitável, exceto a autoridade soberana de Cristo, o Rei, a quem pertence tão propriamente governar a igreja segundo o beneplácito de sua vontade quanto lhe pertence salvá-la pelo mérito de seus próprios sofrimentos. Toda outra autoridade está tão circunscrita pelos limites do mandamento divino que a menor transgressão das fronteiras estabelecidas pelo próprio Deus coloca os homens sob a terrível expectativa de juízos temporais e eternos. Por essa razão, meus senhores, seja a autoridade de vossa reunião neste parlamento como o oceano: sendo o maior de todas as águas, contém-se, contudo, dentro das costas e dos limites que Deus lhe designou melhor do que o fizeram os rios de água doce corrente.

“Lembrai-vos também de que Deus vos enviou para serdes pais que nutrem a igreja, requerendo de vossas mãos que, com vossa autoridade, mantenhais e promovais aquela igreja que o Senhor formou pela obra genuína de sua nova criação, conforme diz o profeta: Ele nos fez, e não nós a nós mesmos. Não presumais formar e moldar uma nova imagem da igreja e uma nova forma de culto divino que Deus não tenha antes aprovado em sua palavra; pois isso seria estender vossa autoridade além do que permite a vocação que recebestes de Deus. Se, por exemplo — que Deus não o permita! —, autorizásseis a autoridade dos bispos e sua preeminência sobre os irmãos, introduziríeis na igreja de Deus a ordenança

humana e aquilo que, segundo testemunha a experiência dos séculos anteriores, deu origem a grande ociosidade, ignorância palpável, orgulho intolerável, tirania impiedosa e ambição descarada na igreja de Deus. Por fim, foi o fundamento daquela hierarquia anticristã, que ascendeu pelos degraus da preeminência dos bispos até surgir aquele homem do pecado, fruto maduro da sabedoria humana, a quem Deus consumirá com o sopro de sua boca. Que a espada de Deus perfure o ventre que deu à luz tal monstro; que o cajado de Deus esmague o ovo do qual saiu tal basilisco. Que não apenas o anticristo romano seja derrubado do elevado assento de sua autoridade usurpada, mas também que todos os degraus pelos quais subiu a essa preeminência ilegítima sejam abatidos e inteiramente abolidos nesta terra.

"Acima de tudo, meus senhores, guardai-vos de lutar contra Deus com o estandarte abertamente desfraldado, reconstruindo os muros de Jericó, que o Senhor não somente derrubou, mas também colocou sob uma terrível interdição e execração. Assim, reconstruí-los necessariamente custará aos construtores mais do que custou a Hiel, o betelita, reedificar Jericó nos dias de Acabe. Ele tinha apenas a proibição de Josué e a maldição pronunciada para detê-lo; os nobres e estamentos deste reino, porém, têm a reverência devida ao juramento de Deus que eles próprios fizeram e subscreveram de próprio punho na Confissão de Fé chamada de Sua Majestade o rei, publicada mais de uma ou duas vezes, subscrita e jurada por sua excelentíssima majestade e por sua alteza, a nobreza, os estamentos e todos os súditos deste reino, para impedi-los de estabelecer o domínio dos bispos. Pois é verdade que subscreveram e juraram a referida Confissão, que contém não apenas a manutenção da verdadeira doutrina, mas também da disciplina professada no reino da Escócia.

"Considerai também que essa obra não pode ser levada adiante sem grande escândalo para o evangelho, difamação de muitos pregadores e manifesto prejuízo e perda das almas do povo confiadas aos nossos cuidados. Pois o povo foi levado quase à mesma situação em que se encontrava na Síria, na Arábia e no Egito por volta do ano 600 de nosso Senhor, quando doutrinas contrárias o abalaram e confundiram tanto — uns afirmando, outros negando a opinião de Eutíquio — que, ao fim, perdeu toda convicção segura da verdadeira religião e, pouco depois, abriu as portas do coração ao perigo de receber a vil e blasfema doutrina de Maomé. Do mesmo modo, o povo desta terra fica perplexo ao ouvir pregadores que condenavam tão abertamente a pomposa preeminência dos bispos aceitarem, poucos anos depois, essa mesma dignidade, pompa e superioridade em suas próprias pessoas, quando antes as haviam condenado em outros. O povo já não sabe a que lado se inclinar e terminará tão incerto em matérias de religião e doutrina que seu coração será como uma taberna aberta, acessível a todo hóspede que quiser entrar.

"Suplicamos a vossas honras que peseis isso na balança de uma mente piedosa e prudente e não permitais que o evangelho seja difamado pela conduta de uns poucos pregadores. Ousamos afirmar que, se perseverarem nessa defecção, não apenas abusando do nome de bispos e apropriando-se dele, embora seja comum a todos os pastores da igreja de Deus, mas também assumindo ofícios que trazem consigo o encargo ordinário de governar os negócios civis do país, negligenciando seus rebanhos e procurando sujeitar seus irmãos à própria jurisdição — se algum deles, dizemos, der um passo adiante nessa causa de defecção —, serão mais dignos de ser cortados do corpo de Cristo como membros apodrecidos do que de ter superioridade e domínio sobre seus irmãos na igreja de Deus.

"Essa preeminência dos bispos é o Dagom que já caiu uma vez diante da arca de Deus nesta terra, e nenhuma cinta de ferro poderá erguê-lo novamente. É o modelo daquele altar trazido de Damasco, mas não mostrado a Moisés no monte; por isso lhe acontecerá o que aconteceu àquele altar de Damasco: entrou por último no templo e saiu primeiro. Da mesma forma, a instituição de Cristo antecedeu essa preeminência dos bispos e subsistirá e permanecerá na casa de Deus quando essa nova forma de altar for levada para fora.

“Lembrai-vos, meus senhores, de que outrora vossa autoridade era por Cristo, e não contra ele. Seguíeis a luz de Deus e não lutáveis contra ela; como uma criança na mão da mãe, dizíeis a Cristo: ‘Atrai-nos após ti’. Que Deus não permita que agora abandoneis a reverência que antes prestáveis a Cristo, presumindo conduzir aquele a quem o Pai designou para vos conduzir; muito menos que arrasteis as santas ordenanças de Cristo pelas cordas de vossa autoridade, atrás das ordenanças dos homens.

“E embora vossas honras não tenham intenção de fazer coisa alguma que diminua a honra do reino de Cristo, lembrai-vos de que as trevas espirituais, provenientes de um começo muito pequeno, insinuam-se e penetram na casa de Deus de tal maneira que os homens mal conseguem discernir por que meios secretos se enfraqueceu a luz e as trevas, infiltrando-se, prevaleceram. Por fim, sem que se perceba, tudo se vê envolto na nuvem nebulosa de uma horrível apostasia.

“E para que ninguém julgue inoportuna nossa admoestação, visto que Sua Majestade, com o conselho dos estamentos reunidos em parlamento, já estatuiu e ordenou que todos os ministros providos de prelazias tenham voto no parlamento, e que também a Assembleia Geral — nela presente Sua Majestade — julgou a medida lícita e conveniente, suplicamos humilde e encarecidamente a todos que considerem:

“Em primeiro lugar, que o reino de Jesus Cristo, seus oficiais e suas leis não devem nem podem sofrer qualquer derrogação, acréscimo, diminuição ou alteração além do prescrito por sua santa palavra, mediante invenções ou atos humanos, civis ou eclesiásticos. Pela graça de Deus, somos capazes de provar, e nos oferecemos a fazê-lo, que o episcopado que se pretende erigir é contrário à palavra de Deus, aos antigos pais e cânones da igreja, aos teólogos modernos mais doutos e piedosos, à doutrina e à constituição da igreja da Escócia desde a primeira reforma religiosa do país, às leis do reino que ratificam o governo da igreja pelas assembleias gerais e provinciais, pelos presbitérios e pelos consistórios; e é contrário também ao bem e à honra da excelentíssima majestade do rei, ao bem, à honra e à tranquilidade do reino; à condição estabelecida e ao bem da igreja em sua doutrina, disciplina e patrimônio; ao bem e à honra de vossas senhorias, o mais antigo estamento deste reino; e, enfim, ao bem de todos e de cada um de seus bons súditos, em alma, corpo e bens.

“Em seguida, que o ato parlamentar que concede voto no parlamento aos ministros contém ressalva expressa de que nada nele derrogue a disciplina ora estabelecida da igreja, ou prejudique sua jurisdição nas assembleias gerais e sinodais, nos presbitérios e nos consistórios.

“Em terceiro e último lugar, que a Assembleia Geral, na qual Sua Majestade teve assento, voto e anuência, receando a corrupção desse ofício, circunscreveu-o e limitou-o por numerosas cautelas. Todas elas, juntamente com outras que a Assembleia vier a estabelecer, foram consideradas convenientes para inclusão no corpo do ato parlamentar, como partes indispensáveis e substanciais dele. E a referida Assembleia não concordou em dar-lhes o nome de bispos, por receio de introduzir a antiga

corrupção, a pompa e a tirania dos bispos papais; ordenou, antes, que fossem chamados comissários da igreja para votar no parlamento. É certo que esses homens, agora chamados bispos, nem ingressaram no ofício de comissários para votar no parlamento em conformidade com aquelas cautelas, nem, desde que nele ingressaram, procederam conforme elas. Portanto, em nome do Senhor Jesus Cristo, que, em sua gloriosa manifestação, reunirá o grande tribunal do parlamento para julgar vivos e mortos; em nome de sua igreja em geral, tão feliz e bem estabelecida neste reino, de cuja paz e unidade consoladoras, livres de heresia, cisma e dissensão, o reino desfrutou nos últimos quarenta e seis anos; em nome também de nossos presbitérios, dos quais recebemos nosso encargo; e em nosso próprio nome, como oficiais e pastores neles, para cumprirmos nosso indispensável dever e aliviarmos em particular nossa consciência, opomo-nos e protestamos contra o referido episcopado e os bispos, e contra sua instituição, confirmação ou ratificação neste parlamento. Rogamos com toda a humildade que vossas honras admitam esta nossa protestação e a registrem entre seus estatutos e atos, caso — que Deus não o permita! — esses bispados sejam nele instituídos, ratificados ou confirmados.”

A protestação acima foi subscrita pelos seguintes ministros: os srs. Andrew Melville, James Melville, William Scott, James Ross, John Carmichael, John Gillespie, William Erskine, Colin Campbell, James Muirhead, John Mitchell, John Davidson, John Colden, John Abernethy, James Davidson, Adam Bannatyne, John Row, William Buchanan, John Kennedy, John Ogilvie, John Scrimgeour, John Malcolm, James Burden, Isaac Blackfoord, Isaac Strachan, James Row, William Row, Robert Mercer, Edmund Myles, John French, Patrick Simpson, John Dykes, William Young, William Cooper, William Keith, Hugh Duncan, James Mercer, Robert Colvill, William Hogg, Robert Wallace, David Barclay, John Weemes e William Cranston.

Simpson não se distinguiu mais pelo zelo na causa de Cristo do que pela piedade e pela vida exemplar, que tiveram feliz efeito sobre as pessoas com quem convivia. Foi abençoado em grau muito elevado com o espírito de oração e a resposta a suas preces; o fato seguinte, atestado pelo velho sr. Row de Carnock, mostra quanto do favor divino lhe foi concedido nesse exercício. Sua esposa, Martha Barron, mulher de singular piedade, adoeceu e, durante a enfermidade, foi fortemente assaltada pelo inimigo comum da salvação, que lhe sugeria que seria entregue a ele. Isso logo a lançou em grande inquietação de espírito, que por algum tempo continuou a aumentar; muitas vezes ela irrompia em expressões terríveis. Num desses acessos de desespero, numa manhã de domingo, quando o marido se preparava para pregar, ele ficou extremamente aflito com seu estado e se pôs a orar, sem que ela lhe prestasse atenção. Ao terminar, voltou-se para os presentes e disse que aqueles que tinham testemunhado aquela triste hora ainda veriam nela uma graciosa obra de Deus, e que a malícia do diabo contra aquela pobre mulher sofreria uma vergonhosa derrota. A perturbação de sua mente continuou ainda por alguns dias. Incansável nas súplicas por ela, ele se tornou aos poucos cada vez mais confiante de que seriam graciosamente atendidas. Na manhã da terça-feira anterior à morte da esposa, ao voltar da oração em particular, disse às pessoas presentes no quarto: “Tende bom ânimo, pois tenho certeza de que, antes das dez horas de hoje, esse tição será arrancado do fogo”. Em seguida, pôs-se a orar à cabeceira da mulher. Ela permaneceu tranquila por algum tempo; quando ele mencionou Jacó lutando com Deus, porém, sentou-se na cama, afastou a cortina e disse: “Hoje tu és um Jacó: lutaste e prevaleceste. Agora Deus cumpriu a palavra que te deu esta manhã, pois fui arrancada das mãos de Satanás, e ele não terá poder sobre mim”. A interrupção o deixou calado por um instante; depois, com o coração profundamente comovido, prosseguiu na oração e exaltou as riquezas da graça para com ele. Desde aquela hora, ela só proferiu palavras de alegria e consolo, até morrer na sexta-feira seguinte, 13 de agosto de 1601.

Viveu ainda vários anos, fervoroso e fiel no trabalho do ministério. Em 1608, quando os bispos e alguns comissários se reuniram no palácio de Falkland para chegar a um acordo sobre os assuntos da igreja com vistas à convocação de uma Assembleia Geral, diversos ministros também se reuniram na igreja da cidade e o escolheram como moderador. Depois passaram algum tempo em oração e experimentaram parte do consolo de suas reuniões anteriores. Concordaram então em certos artigos de concórdia e paz, que seriam apresentados aos bispos. Simpson e alguns outros o fizeram em nome dos demais; os bispos, porém, os remeteram à próxima Assembleia e, nesse meio-tempo, tomaram todas as precauções possíveis para fortalecer o próprio partido, no que tiveram êxito.

Em 1610, os nobres e os bispos foram a Stirling após dissolverem a Assembleia. Ao pregar diante deles, Simpson acusou abertamente os bispos de perjúrio e grave apostasia. Hesitaram por algum tempo entre acusá-lo e resolver a questão por acordo; depois de deliberar, deixaram-na de lado por enquanto. Não há razão para duvidar de que ele teria sido submetido aos mesmos sofrimentos de muitos de seus irmãos se tivesse vivido; mas, antes de se colocar a pedra de remate na prelazia escocesa, ele já havia entrado no gozo de seu Senhor. Em março de 1618, cerca de quatro meses antes da Assembleia de Perth na qual se aprovaram os cinco artigos, disse que aquele mês poria fim a todas as suas aflições. Morreu, conforme predissera, por volta do fim do mês, bendizendo ao Senhor por não ter sido desviado pelas práticas

pecaminosas daqueles tempos e dizendo que, assim como o Senhor falara a Elias no deserto, em certos aspectos também o tratara desse modo todos os dias de sua vida.

Escreveu uma história da Igreja que abrangia cerca de dez séculos, além de alguns outros pequenos tratados e uma História dos Concílios da Igreja. Em alguns de seus livros escrevera: "Lembra-te, ó minha alma, e jamais te esqueças do dia 9 de agosto, do consolo que o Senhor te deu e de como cumpriu o que dissera segundo Zacarias: Não é este um tição arrancado do fogo?"

Andrew Duncan

POUCO depois de o ilustre Melville se tornar diretor do novo colégio de St. Andrews, Andrew Duncan, tema desta memória, tornou-se ferrenho opositor do que se consideravam então suas críticas injustificadas à filosofia de Aristóteles. Duncan era naquela época regente no colégio de St. Leonard e, como outros membros da universidade, julgava que as novas ideias do diretor destruiriam o crédito de seu ensino. Logo, porém, seus preconceitos contra Melville desapareceram; de adversário, tornou-se ardente admirador e amigo constante.

Mais tarde, estabeleceu-se como ministro em Crail, em Fife, e sofreu pela causa presbiteriana. Esteve presente na célebre Assembleia realizada em Aberdeen em 1605 e, no ano seguinte, foi julgado e declarado culpado de alta traição, juntamente com outros cinco ministros, por ter comparecido àquela Assembleia. Depois de quatorze meses preso no castelo de Blackness, foi banido para a França com seus cinco irmãos. Tendo feito algumas declarações de reconhecimento ao rei e ao conselho, recebeu permissão para voltar à terra natal cerca de seis anos depois.

Em 1619, foi intimado a comparecer perante o tribunal da alta comissão, em St. Andrews, por sua fidelidade na oposição aos cinco artigos de Perth. Na primeira audiência, recusou-se a reconhecer a autoridade do tribunal; na segunda, mantendo a recusa anterior, o tribunal da alta comissão proferiu contra ele sentença de deposição e ordenou-lhe que se apresentasse para confinamento em Dundee. Pronunciada a sentença, apresentou a seguinte protestação: "Visto que, neste assunto de que me acusastes, nada fiz senão servir a Jesus Cristo, meu Mestre, repreendendo o vício com simplicidade e retidão de coração, protesto, pois me tratastes injustamente, e busco reparação da mão de Deus, o justo juiz. Intimo-vos a comparecer perante seu terrível tribunal para serdes censurados e punidos por tais procedimentos injustos, no tempo que Sua Majestade julgar conveniente. Nesse meio-tempo, recuso pura e simplesmente esta vossa jurisdição, como fiz antes, e apelo à Assembleia ordinária da igreja, pelas razões já expostas por escrito. Por amor ao Senhor, tende piedade de vós mesmos; suplico-vos que não percais vossas preciosas almas pelo guisado de Esaú. Lembrai-vos de Balaão, arruinado pelo engano do salário da injustiça; não vos esqueçais da miséria de Judas, que se perdeu por uma pequena soma de dinheiro que nunca lhe trouxe bem algum. Melhor definhar de fome até morrer do que, por uma pequena porção dos bens da terra, perecer para sempre, sem jamais ser restaurado, enquanto durarem os dias do céu e subsistirem os anos da eternidade. Por que afligiríeis vossos próprios irmãos, filhos e servos do Senhor Jesus? Não é assim que agem os pastores do rebanho de Cristo. Se não tendes consideração por vossa alma nem por vossa consciência, considerai, suplico-vos, vossa reputação: por que quereis ser miseráveis nesta vida e na futura?"

Quando o bispo de St. Andrews havia lido algumas linhas dessa admoestação, atirou-a para longe. O bispo de Dunblane a recolheu e, lendo-a, disse que Duncan os chamava de Esaús, Balaãos e Judas. "Não é assim", disse Duncan. "Lede de novo: guardai-vos de ser como eles." Dentro de um mês, foi deposto por não conformidade.*

Em julho de 1621, apresentou a Sir George Hay, secretário do registro, uma extensa súplica em seu nome e no de alguns irmãos fiéis que haviam sido excluídos da Assembleia Geral. Por isso, poucos dias depois, foi preso pelo capitão da guarda e levado ao conselho. Acusaram-no de violar o confinamento

depois de suspenso e restrito a Dundee, pois pregara na semana anterior em Crail. Duncan negou que tivesse sido declarado proscrito; quanto à violação do confinamento, disse que, por obediência, havia permanecido em Dundee, separado da esposa e de seis filhos durante meio ano, e que a aproximação do inverno o obrigara a voltar para casa. Por fim, pediu que não o prendessem às suas próprias custas; mas a sentença já estava decidida antes de seu comparecimento. No dia seguinte, foi conduzido ao castelo de Blackness, onde permaneceu até outubro, quando compareceu novamente perante o conselho, que o confinou em Kilrennie, paróquia vizinha à sua, às suas próprias custas.

Em outra ocasião da mesma natureza, esse homem digno foi banido do reino e se estabeleceu em Berwick. Como tinha vários filhos e sua esposa estava novamente perto do parto, sofreram grandes privações. Foram obrigados a dispensar a criada e mal tinham o suficiente para subsistir. Certa noite, em particular, os filhos pediram pão; não havia nenhum para lhes dar, e eles choraram muito. A mãe também estava profundamente abatida. O ministro ora recorria à oração, ora procurava reanimar a esperança da esposa e consolar as crianças, até que finalmente as fez dormir; mas ela continuou a lamentar-se amargamente. Exortou-a a esperar pacientemente em Deus, que então os punha à prova, mas sem dúvida haveria de sustentá-los. Acrescentou que, se o Senhor fizesse chover pão do céu, não lhes faltaria nada. Sua confiança era ainda mais notável porque naquele lugar não tinham amigo nem conhecido a quem pudessem expor sua situação. No entanto, antes do amanhecer, um homem lhes trouxe um saco cheio de provisões e partiu sem dizer de onde elas provinham, embora lhe rogassem que o fizesse. Quando o pai abriu o saco, encontrou nele uma bolsa com vinte libras escocesas, dois pães, um saco de farinha, outro de cevada e outras provisões semelhantes. Levando tudo à esposa, disse: “Vê como é bom o Mestre a quem sirvo”. Depois disso, ela contratou novamente uma criada, mas logo se viu em outra situação extrema. As dores do parto começaram antes que pudesse preparar qualquer coisa para dar à luz; a Providência, porém, interveio outra vez em seu favor. Enquanto ela sofria as dores durante a noite e o bom homem não sabia onde procurar uma parteira, uma senhora chegou a cavalo à porta, bem cedo pela manhã. Mandou seu criado voltar com o animal, dizendo-lhe quando deveria retornar; entrou então na casa, perguntou à criada como estava sua senhora e pediu para vê-la, o que lhe foi concedido. Primeiro mandou acender um bom fogo; depois pediu à sra. Duncan que se levantasse e, sem outra ajuda além da disponível na casa, assistiu-a no parto. Em seguida, proveu a sra. Duncan e a criança de abundantes peças de linho finíssimo que trouxera consigo. Deu-lhe ainda uma caixa contendo alguns cordiais necessários e cinco moedas de ouro, dizendo-lhes a ambos que tivessem bom ânimo, pois nada lhes faltaria. Depois montou no cavalo, que já voltara para buscá-la, e partiu; mas não quis dizer seu nome nem de onde viera.

Assim Deus tomou seu servo sob seu cuidado e providência imediatos quando os homens injustamente o haviam privado das comodidades desta vida. Ele permaneceu zeloso e firme na fé, suportando as duras provações com a mais exemplar resignação; até o fim de seus dias, sua conduta esteve de acordo com o que se relata nesta breve narrativa.

John Scrimgeour

NADA parece ser conhecido acerca da família e do nascimento desse homem piedoso. A primeira notícia autêntica que temos dele informa que era ministro de Kinghorn, em Fife, e que, em 1590, John Scrimgeour foi escolhido para acompanhar o rei James como capelão na viagem à Dinamarca para trazer sua rainha. Depois participou de vários assuntos importantes da igreja, até o ano fatídico de 1618, quando os cinco artigos de Perth foram aprovados numa Assembleia realizada naquela cidade. Ele compareceu à Assembleia e apresentou algumas propostas após ter sido, juntamente com outros irmãos fiéis, privado do direito de voto pelo partido predominante naquela reunião.

Em 1620, foi convocado com alguns outros perante o tribunal da alta comissão, por não pregar nos dias santos e não administrar a comunhão conforme a decisão tomada em Perth. Foram advertidos de que,

provadas essas acusações, ficariam privados para sempre do exercício das funções ministeriais. Como, no dia marcado, não estavam presentes senão os bispos de St. Andrews, Glasgow e das Ilhas, além de Walter Whiteford, os ministros foram dispensados naquela ocasião; mas receberam intimação nos próprios autos para comparecer novamente em 1º de março. Os bispos fizeram o secretário exigir seu consentimento à deposição caso não comparecessem nesse dia. Todos, porém, protestaram a uma só voz que jamais renunciariam voluntariamente ao ministério. Tamanha era a resolução e coragem de Scrimgeour que, apesar de todas as ameaças dos bispos, poucos dias depois celebrou a comunhão conforme a antiga prática da igreja.

No dia marcado para a nova audiência, reuniram-se na residência do bispo de St. Andrews em Edimburgo os bispos de St. Andrews, Dunkeld, Galloway, das Ilhas e Dunblane, Hewison, comissário de Edimburgo, e o dr. Blair. John Scrimgeour foi novamente chamado a responder. O bispo de St. Andrews alegou que ele havia prometido conformar-se ou abandonar o ministério, conforme registrava a ata de seu último comparecimento, em 26 de janeiro. Ele respondeu: “Estou em grande aperto. Nunca vi razão para me conformar; e, quanto ao meu ministério, não me pertencia, de modo que eu não podia abandoná-lo”. Após longa discussão entre ele e os bispos sobre o governo da igreja e a observância dos dias santos, foi retirado da sala por algum tempo. Ao ser chamado de volta, o bispo de St. Andrews lhe disse: “Estais privado de toda função na igreja e recebestes ordem de vos apresentar para confinamento em Dundee dentro de seis dias”. “É uma sentença muito sumária e peremptória”, disse Scrimgeour. “Poderíeis ter deliberado melhor e primeiro ouvido o que eu tinha a dizer.” “Sereis ouvido”, disse o bispo. Seguiu-se outra discussão, na qual Scrimgeour deu fiel testemunho contra a supremacia do rei sobre a igreja e disse, entre outras coisas: “Tive oportunidade de discutir esse assunto com o próprio rei e lhe disse que Cristo era o Soberano e único Governante de sua casa, e que Sua Majestade estava sujeita a ele. Tive ocasião de levar ao rei assuntos de outros homens e poderia, em verdade, ter reivindicado essa grande promoção”. “Digo-vos, John”, disse o bispo de St. Andrews, “que o rei é papa e doravante assim será.” Ele respondeu: “É um título mau que lhe dais”; entregou então suas razões por escrito, que eles leram detidamente. Depois, o bispo de St. Andrews lhe disse: “Recolhei vossas razões. Se não quereis conformar-vos, não posso ajudar-vos. O rei deve ser obedecido; os lordes proferiram sentença e a manterão”. “Não podeis privar-me do ministério”, disse Scrimgeour. “Não o recebi de vós. Recebi-o de todo o sínodo de Fife; por mais que façais, jamais me considerarei deposto.” O bispo de St. Andrews respondeu: “Estais privado apenas de seu exercício presente”. Então Scrimgeour apresentou a seguinte protestação: “Protesto diante do Senhor Jesus que sofro manifesta injustiça. Minhas razões e alegações não foram consideradas nem respondidas. Conjuro-vos a responder por esse e por outros procedimentos diante dele, em sua gloriosa manifestação; protesto que minha causa deveria ter sido ouvida conforme foi defendida e conforme ainda a defendo e reclamo. Apelo também ao Senhor Jesus e à sua Palavra eterna; ao rei, meu temido soberano, e à sua lei; à constituição desta igreja e deste reino e aos conselhos e assembleias de ambos. Protesto que continuo ministro do evangelho e só pela violência sou afastado desse exercício”. “Deveis obedecer à sentença”, disse o bispo de St. Andrews. Scrimgeour respondeu que Dundee ficava longe e que não podia fazer longas viagens, como os médicos podiam atestar. Acrescentou: “Mal sabeis o que há em minha bolsa”. “Então que lugar escolhereis para vosso confinamento?”, perguntou o bispo. “Uma pequena propriedade que possuo, chamada Bowhill, na paróquia de Auchterderran”, respondeu. Então o bispo disse: “Registrai Bowhill, enquanto aprouver ao rei”. Assim, esse digno servo de Cristo viveu o restante dos dias em Auchterderran. Na velhice, padeceu gravemente de cálculos. Disse a um ministro piedoso que foi vê-lo antes de sua morte: “Fui um grosseiro cabeça-dura a vida inteira; agora, por meio desta dor, o Senhor me humilha para fazer de mim um cordeiro antes de me levar para junto de si”.*

Era um homem um tanto negligente no vestir e pouco elegante em algumas expressões e maneiras; contudo, era muito amoroso e de coração terno, dotado de profundo discernimento natural e muito erudito, sobretudo no hebraico. Muitas vezes desejou que a maioria dos livros fosse queimada, exceto a

Bíblia e algumas breves notas sobre ela. Tinha talento singular para consolar os abatidos. Sua pregação era muito familiar, mas insistente. Também era eminente na luta com Deus em oração, com fervor e êxito superiores aos comuns, como se vê nos exemplos seguintes.

Quando era ministro de Kinghorn, certa mulher piedosa sob seus cuidados contraiu uma doença muito prolongada e, durante todo esse tempo, sofreu fortes tentações que a levavam a pensar que estava rejeitada, embora toda a sua conduta não deixasse dúvida da realidade da graça nela. Ele a visitou muitas vezes durante essa dura provação, mas a angústia e o terror continuaram. À medida que a morte se aproximava, sua aflição espiritual aumentava. Scrimgeour foi vê-la com dois presbíteros e, primeiro, na presença deles, procurou consolá-la e orou com ela; mas seu estado ainda piorou. Mandou que os presbíteros orassem e depois orou ele próprio; nenhum alívio, porém, veio. Sentou-se pensativo por um momento e então rompeu o silêncio: "Que se passa? Apresentar-lhe motivos de consolo não adianta; orar não adianta. Precisamos tentar outro remédio. Estou certo de que esta é uma filha de Abraão; estou certo de que ela me mandou chamar. Portanto, em nome de Deus, Pai de nosso Senhor Jesus, que o enviou para redimir pecadores; em nome de Jesus Cristo, que obedeceu ao Pai e veio salvar-nos; em nome do Santo e Bendito Espírito, que nos vivifica e santifica — eu, como presbítero, ordeno que tu, filha de Abraão, sejas solta desses laços!" Imediatamente sobrevieram paz e alegria.

Scrimgeour perdera pela morte vários amigos e filhos. Sua única filha então sobrevivente, a quem amava profundamente, foi acometida da escrofulose e chegou a tal ponto que o chamaram para vê-la morrer. Encontrando-a nesse estado, ele saiu pelos campos, à noite, como ele próprio contou, tomado de grande dor e ansiedade, e começou a argumentar com o Senhor, usando expressões que não ousaria repetir por nada neste mundo. Num momento de desgosto, disse: "Tu, ó Senhor, sabes que te venho servindo na retidão de meu coração, conforme minhas forças e minha medida; não temi declarar tua vontade nem mesmo aos mais poderosos de nosso tempo, e vês o prazer que tenho nesta criança. Ah, se eu pudesse obter de tua mão que a poupasses!" Em meio a grande agonia de espírito, por fim o Senhor lhe disse: "Desta vez te ouvi, mas não te sirvas no futuro de semelhante ousadia em assuntos particulares". Quando voltou à casa, a menina havia se recuperado. Sentada na cama, comia alguma coisa; quando ele olhou seu braço, viu que estava inteiramente são.

John Welch

JOHN WELCH era de nascimento um cavalheiro: seu pai era senhor de Collieston, em Nithsdale, propriedade suficiente, embora não grande. Nasceu por volta de 1570 e, ao longo de toda a vida, foi um rico exemplo da graça e misericórdia divinas, embora para ele a noite tenha precedido o dia. Foi um menino muito indisciplinado, aparentemente sem esperança, que fugia com frequência da escola e matava aulas. Depois de concluir os estudos de gramática e chegar à idade adulta, abandonou os estudos e a casa do pai para juntar-se aos ladrões da fronteira inglesa, que viviam de roubar em ambos os reinos. Permaneceu entre eles até gastar uma muda de roupa. Quando só lhe restavam farrapos, a miséria do pródigo o levou à resolução do pródigo: decidiu voltar à casa paterna, mas não ousou fazê-lo antes de encontrar alguém que o reconciliasse com o pai. Na volta, passou por Dumfries, onde tinha uma tia, Agnes Forsyth, em cuja casa ficou alguns dias, suplicando-lhe encarecidamente que o reconciliasse com seu pai. Enquanto ali estava, providencialmente seu pai veio visitar a tia. Depois de conversarem um pouco, ela lhe perguntou se tivera alguma notícia do filho John. Ele respondeu, muito aflito: "Ó mulher cruel, como podes mencionar seu nome diante de mim? A primeira notícia que espero receber dele é que foi enforcado como ladrão". Ela respondeu: "Muitos jovens dissolutos se tornaram homens virtuosos", e assim o consolou. Ele persistiu, contudo, em suas tristes queixas, mas perguntou se ela sabia se o filho perdido ainda vivia. "Sim", respondeu, "e espero que venha a ser um homem melhor do que foi menino"; então chamou John para encontrar o pai. Ele veio chorando, ajoelhou-se e, por amor a Cristo, implorou ao pai perdão por seu mau comportamento, prometendo de coração tornar-se um novo

homem. O pai o censurou e ameaçou; mas, por fim, as lágrimas do filho e as insistências da sra. Forsyth o persuadiram a reconciliar-se. O rapaz pediu ao pai que o mandasse para a universidade e ali pusesse sua conduta à prova; se algum dia voltasse a abandonar o bom caminho, ficaria satisfeito se o pai o renegasse para sempre. O pai, portanto, levou-o para casa e o enviou à universidade. Lá ele se tornou estudante aplicado, de grandes perspectivas, mostrou ser um convertido sincero e assim se encaminhou para o ministério.

Seu primeiro estabelecimento como ministro foi em Selkirk, quando ainda era muito jovem e a região era pouco civilizada. Ali seu ministério era mais admirado por alguns do que acolhido por muitos, pois o acompanhava sempre a sombra do profeta: o ódio dos ímpios. Até os ministros daquela região se mostravam mais prontos a procurar motivos de disputa contra sua pessoa do que a seguir sua doutrina, como ainda hoje se vê nos registros do sínodo, onde encontramos muitos dispostos a censurá-lo e poucos a defendê-lo. Julgava-se, contudo, que seu ministério naquele lugar não fora infrutífero, embora sua permanência ali tivesse sido breve. Sendo solteiro, hospedou-se na casa de um homem chamado Mitchelhill e dividiu a cama com um filho pequeno dele. Até o dia da morte, esse menino conservou o maior respeito por Welch e seu ministério, em virtude da profunda impressão que então recebeu, embora fosse apenas criança. Welch costumava colocar sobre as cobertas uma manta escocesa ao se deitar, para cobrir-se com ela quando se levantasse para orar durante a noite. Desde o começo do ministério até a morte, considerava mal empregado o dia em que não passasse sete ou oito horas em oração; o menino não esqueceu isso nem quando envelheceu.

Um idoso chamado Ewart, de Selkirk, que se lembrava da passagem de Welch por ali, disse que ele era uma figura de Cristo — expressão mais grandiosa que apropriada, pois queria dizer que ele imitava Cristo no coração e na vida, como, de fato, fez em muitas coisas. Disse também que Welch costumava pregar publicamente uma vez por dia e dedicar todo o tempo a exercícios espirituais; que algumas pessoas da região acompanhavam seu ministério com grande sensibilidade, mas ele se vira obrigado a deixar o lugar por causa da malícia dos ímpios.

A causa particular de sua partida foi a inimizade de um cavalheiro profano da região, Scott de Headschaw, cuja família hoje está extinta. Talvez porque Welch o tivesse repreendido, talvez por pura malevolência, esse homem o tratou de modo absolutamente indigno. Entre os agravos que lhe infligiu, um foi especialmente cruel: ele próprio, ou por intermédio de seus criados, decepou as garupas dos dois cavalos de Welch, causando a morte de ambos. Tal tratamento vil o persuadiu a atender ao chamado para o ministério em Kirkcudbright, seu posto seguinte.

Quando se preparava para deixar Selkirk, não encontrou em toda a cidade quem transportasse seus móveis, exceto um certo Ewart, jovem pobre naquela época, mas dono de dois cavalos. Com eles levou os bens de Welch e depois despediu-se dele. Ao partir, Welch lhe deu sua bênção e uma moeda de ouro como lembrança, exortou-o a temer a Deus e prometeu-lhe que jamais passaria necessidade. A Providência confirmou essa palavra durante toda a vida daquele homem, conforme observaram todos os seus vizinhos.*

Não permaneceu muito tempo em Kirkcudbright, mas ali colheu uma safra de convertidos que subsistiu muito depois de sua partida e integrou o rebanho de Samuel Rutherford, embora não sua paróquia, quando este era ministro em Anwoth. Ao chegar o chamado para Ayr, os habitantes da paróquia de Kirkcudbright não procuraram retê-lo; sua transferência, portanto, foi mais fácil.

Enquanto estava em Kirkcudbright, encontrou um jovem chamado Robert Glendinning, vestido de escarlate e adornado com galões de prata, recém-chegado de viagem. Surpreendeu-o muito ao dizer que precisava mudar suas roupas e seu modo de vida e retomar os estudos, pois seria seu sucessor no ministério em Kirkcudbright. Assim aconteceu algum tempo depois.

Welch foi transferido para Ayr em 1590, onde permaneceu até ser banido, em 1606. Ali teve um começo muito difícil, mas um fim muito agradável. Quando chegou à cidade, tão grande era a impiedade da

região e tão intenso o ódio à piedade que não se encontrou em toda a cidade uma pessoa disposta a lhe alugar casa. Foi obrigado, portanto, a instalar-se como pôde em parte da residência de John Stuart, comerciante e antigo provost de Ayr, cristão eminente e grande colaborador de Welch.

Ao fixar residência na cidade, encontrou-a dividida em facções e perturbada por conflitos sangrentos; um homem mal podia andar com segurança pelas ruas. Sua primeira tarefa, portanto, foi pôr fim àquelas rixas, trabalho que lhe pareceu muito difícil. Tão decidido estava, porém, a levar adiante seu propósito que muitas vezes se lançou entre dois grupos em luta, mesmo em meio ao sangue e às feridas. Nessas ocasiões, punha um elmo na cabeça antes de separar os combatentes, mas jamais usava espada, para que vissem que viera para a paz, e não para a guerra. Assim, pouco a pouco, tornou a cidade uma morada pacífica.

Depois de pôr fim a uma escaramuça entre vizinhos e reconciliar inimigos encarniçados, costumava mandar preparar uma mesa na rua e reunir ali os antigos adversários. Começava com uma oração, persuadia-os a se declarar amigos e a comer e beber juntos, e concluía a obra cantando um salmo. Quando aquela gente rude começou a observar seu exemplo e a escutar sua doutrina celestial, logo lhe passou a dedicar tamanho respeito que ele se tornou um conselheiro indispensável, sem cuja orientação nada faziam, e um exemplo a imitar.

Entregou-se inteiramente aos exercícios ministeriais, pregando uma vez por dia e dedicando um terço do tempo à oração. Estudava incansavelmente. Como prova disso, encontrou-se entre seus papéis um resumo da Metafísica de Suárez,* feito quando já tinha bastante idade. Tudo mostra que era homem não apenas de grande diligência, mas também de constituição naturalmente forte e robusta; de outro modo, jamais teria suportado tamanho esforço.

Às vezes, antes de sair para pregar, mandava chamar os presbíteros e lhes dizia que receava ir à igreja, pois se sentia profundamente desamparado. Pedia então a um ou mais deles que orassem e, depois, aventurava-se a subir ao púlpito. Observou-se, porém, que essa experiência humilhante costumava ser seguida de auxílio extraordinário — tão próximos muitas vezes se acham estados de espírito opostos. Frequentemente se retirava para a igreja de Ayr, situada a certa distância da cidade, e ali passava a noite inteira em oração. Costumava dar plena expressão a seus sentimentos e orava com voz não só audível, mas por vezes alta.

Quando ele chegou a Ayr, havia ali um ministro idoso da cidade chamado Porterfield. Não se julgava que fosse homem mau em suas inclinações pessoais, mas tinha temperamento tão condescendente que muitas vezes acompanhava os vizinhos longe demais em práticas impróprias. Entre outras coisas, costumava ir ao campo de tiro com arco nas tardes de domingo, para grande insatisfação de Welch. O método usado para corrigi-lo não foi o rigor amargo, mas a delicadeza prudente. Welch e seus amigos íntimos John Stuart e Hugh Kennedy costumavam passar as tardes de domingo em conversas religiosas e oração; convidaram Porterfield a participar, e ele não pôde recusar. Por esses meios, não apenas o afastaram da antiga prática pecaminosa, mas também o levaram a uma conduta mais vigilante e edificante.

Durante sua permanência em Ayr, profanava-se muito o dia do Senhor na casa de um cavalheiro que morava a cerca de oito milhas, em razão da grande multidão que se reunia ali para jogar futebol e se entregar a outros passatempos. Depois de escrever-lhe várias vezes para pedir que pusesse fim à profanação em sua propriedade, Welch foi certo dia à entrada da casa e o chamou para dizer-lhe que trazia uma mensagem de Deus: como ele desprezara os conselhos recebidos, o Senhor o expulsaria daquela casa e nenhum de seus descendentes voltaria a possuí-la. Assim aconteceu. Embora naquele momento suas condições exteriores fossem boas, depois tudo lhe correu mal, até ser obrigado a vender a propriedade. Ao dar posse dela ao comprador, disse à esposa e aos filhos que Welch se revelara um verdadeiro profeta.†

Casou-se com Elizabeth Knox, filha do famoso reformador John Knox, com quem teve três filhos homens.*

Como a oração era o dever a que Welch mais se dedicava e em que mais se destacava, também nela se deram suas maiores realizações. Costumava dizer que se admirava de como um cristão podia passar a noite inteira na cama sem levantar-se para orar; muitas vezes ele próprio se levantava e velava em oração. Certa noite, deixou a esposa na cama e foi ao quarto vizinho, onde permaneceu tanto tempo em oração particular que ela, receando que apanhasse frio, se viu obrigada a levantar-se e ir atrás dele. Ao escutá-lo, ouviu-o dizer, em frases entrecortadas: "Senhor, não me concederás a Escócia?"; depois de uma pausa: "Basta, Senhor, basta!" Ela voltou à cama, e ele a seguiu. Perguntou-lhe então o que queria dizer com "Basta, Senhor, basta!". Ele demonstrou desagrado com a curiosidade dela, mas explicou que vinha lutando com o Senhor pela Escócia e entendera que se aproximava um tempo triste, embora o Senhor fosse gracioso para com um remanescente. Isso se deu por volta da época em que os bispos começaram a se espalhar pelo país e a corromper a igreja. O episódio seguinte é ainda mais extraordinário. Um ministro honesto, que fora paroquiano de Welch por muitos anos, disse "que, certa noite, quando Welch velava até muito tarde em seu jardim e alguns amigos esperavam por ele dentro de casa, já cansados da demora, um deles abriu por acaso uma janela voltada para o lugar onde ele caminhava. Viu claramente uma luz estranha cercá-lo e ouviu-o pronunciar palavras incomuns sobre sua alegria espiritual". Embora Welch já tivesse adquirido grande respeito por sua santidade, capacidade e êxito, jamais foi tão admirado quanto depois da grande peste que grassou na Escócia em seu tempo.

Uma das razões foi a seguinte. Como somente a cidade de Ayr permanecia livre da peste, enquanto a região ao redor estava infectada, os magistrados julgaram conveniente proteger as entradas com sentinelas e guardas. Certo dia chegaram dois mercadores viajantes, cada qual com um fardo de tecidos sobre o cavalo, pedindo licença para entrar e vender suas mercadorias. Apresentaram um salvo-conduto dos magistrados da cidade de onde vinham, que naquela ocasião era sã e livre da doença. Apesar de tudo isso, as sentinelas os detiveram até a chegada dos magistrados. Estes, por sua vez, não quiseram agir sem o conselho do ministro. Welch foi chamado e consultado. Hesitou, tirou o chapéu e por alguns instantes ficou em atitude de oração, os olhos erguidos ao céu, embora não pronunciasse palavra audível. Rompendo o silêncio, disse aos magistrados que fariam bem em mandar embora os viajantes e afirmou com grande convicção que a peste estava nos fardos. Os magistrados lhes ordenaram que partissem. Foram então para Cumnock, cidade distante cerca de dezesseis milhas, onde venderam suas mercadorias. Estas espalharam tal infecção que os vivos mal conseguiam sepultar os mortos. A partir de então, o povo começou a considerar Welch um oráculo. Contudo, assim como andava com Deus e permanecia próximo dele, não se esquecia dos homens: frequentemente jantava fora com amigos que julgava aptos a compartilhar a comunhão dos santos; uma vez por ano, convidava sempre todos os conhecidos mais chegados da cidade para um encontro em sua casa, onde se oferecia um banquete de santidade e sobriedade.

Prosseguiu no ministério em Ayr até que amadureceu o propósito do rei James de destruir a igreja da Escócia mediante a instituição de bispos. Então julgou ser seu dever edificar a igreja pelo sofrimento, como antes o fizera pela doutrina.

A razão do empenho do rei James na nomeação de bispos não era sua instituição divina — que ele próprio negava — nem o benefício que a igreja colheria deles, pois conhecia bem tanto os homens como seus métodos. Era apenas sua crença de que seriam instrumentos úteis para transformar uma monarquia limitada em domínio absoluto e os súditos em escravos, objetivo que mais desejava no mundo.

Para realizar esse desígnio, decidiu primeiro destruir as Assembleias Gerais, sabendo bem que, enquanto elas pudessem reunir-se livremente, os bispos jamais prevaleceriam na Escócia. Assim conseguiu dissolvê-las:

A Assembleia Geral reunida em Holyroodhouse em 1602, com o consentimento do rei, marcara sua próxima reunião para Aberdeen, na última terça-feira de julho de 1604. Antes que chegasse esse dia, porém, o rei, por intermédio de seu comissário, o senhor de Laurieston, e de Patrick Galloway, moderador da última Assembleia Geral, prorrogou a reunião para a primeira terça-feira de julho de 1605, por carta dirigida aos vários presbitérios. Em junho seguinte, uma nova carta do comissário do rei e dos comissários da Assembleia Geral cancelou e proibiu completamente a reunião esperada, sem indicar dia ou lugar para outra assembleia. Assim terminou a série das Assembleias, que só voltariam a reunir-se devidamente quando a aliança foi renovada em 1638. Muitos ministros piedosos da Escócia, entretanto, sabiam que, uma vez rompida a cerca do governo da igreja, logo se seguiria a corrupção doutrinária. Decidiram, portanto, não abandonar suas assembleias tão facilmente. Alguns deles se reuniram em Aberdeen na primeira terça-feira de julho de 1605, último dia expressamente designado pela autoridade; uma vez reunidos, nada mais fizeram além de constituir a Assembleia e dissolvê-la. Welch estava entre eles: embora não tivesse comparecido no dia exato, veio depois e aprovou o que seus irmãos haviam feito. Por isso foi acusado de participação no ato de traição que lhes imputavam.

Dentro de um mês depois dessa reunião, muitos daqueles homens piedosos foram encarcerados, uns numa prisão, outros em outra. Welch foi enviado primeiro à prisão de Edimburgo e depois a Blackness; passou de prisão em prisão até ser banido para a França, sem jamais voltar a ver a Escócia.

Agora o cenário de sua vida começava a mudar; antes dos sofrimentos, porém, recebeu o seguinte aviso.

Terminada a reunião de Aberdeen, retirou-se imediatamente para Ayr. Certa noite, como de costume, levantou-se e, deixando a esposa, foi para o jardim, onde permaneceu mais tempo que de costume. Isso alarmou e inquietou muito a esposa. Quando ele voltou, ela o repreendeu severamente por demorar tanto e prejudicar a saúde. Welch pediu-lhe que se aquietasse, pois ainda lhes iria bem, embora soubesse que jamais voltaria a pregar em Ayr. E, de fato, antes do domingo seguinte, foi levado prisioneiro ao castelo de Blackness. Depois disso, ele e muitos outros que se haviam reunido em Aberdeen compareceram perante o conselho da Escócia, em Edimburgo, para responder pela rebelião e pelo desacato de terem realizado uma Assembleia Geral sem autorização do rei. Como recusaram reconhecer o conselho privado como juiz competente em questões puramente espirituais, tais como a natureza e a constituição de uma Assembleia Geral, foram devolvidos às prisões de Blackness e de outros lugares. Mais tarde, seis dos mais destacados* foram levados à noite de Blackness a Linlithgow, perante os juízes criminais, para responder à acusação de alta traição apresentada por Sir Thomas Hamilton, advogado do rei. Segundo ele, ao recusar reconhecer o conselho como juiz competente da causa, haviam repudiado a legítima autoridade régia. Lidas a acusação e a resposta, um júri os declarou culpados de alta traição; a pena, porém, foi adiada até que se conhecesse a vontade do rei, manifestada algum tempo depois: o banimento.

Enquanto estava em Blackness, escreveu sua célebre carta a Lilias Graham, condessa de Wigton. Nela expressa com as palavras mais fortes seu consolo no sofrimento, seu desejo de partir para estar com o Senhor, os juízos que previa sobre a Escócia, a causa de seus padecimentos e o verdadeiro caráter do testemunho que ele e seus companheiros apresentavam.

“Quem sou eu para que ele primeiro me tenha chamado e depois me tenha constituído ministro das boas novas do evangelho da salvação durante todos esses anos e, agora, por fim, me conceda sofrer por sua causa e por seu reino? Seja, pois, assim: combati meu combate e completei minha carreira; doravante me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, o justo Juiz, dará não só a mim, mas a todos os que amam sua manifestação e escolhem testemunhar que Jesus Cristo é o Rei dos santos e que sua igreja é um reino livre — sim, tão livre como qualquer reino debaixo do céu —, não apenas para convocar, realizar e manter suas reuniões, convenções e Assembleias, mas também para julgar todos os seus assuntos em todas essas reuniões e convenções, entre seus membros e súditos. Esses dois pontos: 1. Que Cristo é a cabeça da igreja; 2. Que ela é livre em seu governo de toda jurisdição que não a de Cristo —

esses dois pontos, digo, são a causa especial de nosso encarceramento. Agora fomos condenados como traidores por sustentá-los. Temos esperado sempre com alegria a oportunidade de dar o testemunho derradeiro de nosso sangue para confirmá-los, se aprouver ao nosso Deus conceder-nos a honra de tal dignidade. Sim, afirmo que os dois pontos acima expostos, e todas as demais coisas pertencentes à coroa, ao cetro e ao reino de Cristo, não estão nem podem estar sujeitos a outra autoridade senão a dele. Portanto, eu me alegraria muito em ser oferecido em sacrifício por verdade tão gloriosa. Seria para mim o dia mais glorioso e a hora mais feliz que já vi nesta vida. Mas estou em suas mãos, para que faça de mim o que lhe aprouver.

"Estou também obrigado por um pacto especial, sob juramento, a manter sua doutrina e disciplina, segundo minha vocação e minhas forças, todos os dias da vida, sob todas as penas contidas no livro de Deus e sob perigo para o corpo e a alma no dia do terrível juízo divino. Por isso, ainda que pereça nessa causa, hei de falar por ela e defendê-la na medida de minhas forças, conforme minha vocação."

Por essa época, escreveu também a Sir William Livingstone de Kilsyth. Há nessa carta expressões proféticas dignas de nota.

"Quanto àquele instrumento, Spottiswood, estamos certos de que o Senhor jamais abençoará tal homem; uma maldição repousa sobre ele e acompanhará todas as suas ações. Pode ser, senhor, que vossos olhos vejam uma confusão tão grande cobri-lo antes que desça à sepultura quanto a que jamais caiu sobre seus predecessores. Por certo, senhor, estou longe da amargura; mas aqui anuncio contra ele a ira de um Deus eterno, que certamente cairá, a menos que seja evitada. Senhor, Dagom não permanecerá de pé diante da arca do Senhor; e os nomes blasfemos que ele ostenta, arcebispo e lorde bispo, terão um fim terrível. Não se deve fazer uma única reverência a Hamã, por maior cortesão que seja; ainda que se promulgue um decreto selado com o anel do rei, o livramento nos virá de outro lugar, e não dele. Ele tem sido um instrumento tão cruel, não contra nossas pessoas — isso nada seria, pois protesto diante de Deus, senhor, que lhe perdoo todo o mal que me fez ou possa fazer —, mas contra a pobre igreja de Cristo, ao pisotear o reino tão glorioso e a beleza que um dia houve nesta terra. Ajudou a cortar o cabelo de Sansão e a expô-lo ao escárnio; mas o Senhor não será escarnecido. Será lançado fora como pedra de uma funda; seu nome apodrecerá, e uma maldição cairá sobre sua posteridade depois de sua partida. Que esta carta, senhor, fique como registro de que isso foi anunciado antecipadamente, para que, quando acontecer, se saiba que ele foi advertido. E, portanto, senhor, como eu próprio não tenho acesso a ele, se Deus vos mover, desejo que lhe entregueis esta mensagem de viva voz, não como vinda de mim, mas do Senhor."

Spottiswood, de quem ele assim se queixava, era naquele tempo arcebispo de Glasgow. Essas previsões cumpriram-se pontualmente, embora passados quarenta anos. Primeiro, o próprio bispo morreu em terra estrangeira e, dizem muitos, na miséria. Depois, seu filho Robert Spottiswood, que fora presidente do Tribunal de Sessão, foi decapitado por ordem do parlamento da Escócia junto à cruz do mercado de St. Andrews, no inverno que se seguiu à batalha de Philiphaugh, diante de muitos milhares de testemunhas. Quando subia ao cadafalso, Blair, ministro da cidade, disse-lhe que a profecia de Welch se cumpria então; ele respondeu com ira que tanto Welch como Blair eram falsos profetas.

Antes, porém, de deixarmos a Escócia, há outros episódios notáveis de sua vida dignos de memória. Primeiro, quando a controvérsia sobre o governo da igreja começou a se acirrar, Welch caminhava pelas ruas de Edimburgo entre dois cidadãos honestos e lhes disse: "Há em vossa cidade dois grandes ministros que não são grandes amigos da causa de Cristo atualmente em disputa, mas se verá que o mundo jamais ouvirá falar de seu arrependimento". Eram Patrick Galloway e John Hall; ambos morreram subitamente e sem que se notasse, sem ninguém para testemunhar ou suavizar seus momentos finais.

Antes do exílio, esteve preso por algum tempo no castelo de Edimburgo. Certa noite, ao jantar com o lorde Ochiltree, tio de sua esposa, Welch, como era seu costume, entretinha os presentes com conversa

piedosa e edificante. Todos a receberam bem, exceto um jovem cavalheiro papista e devasso, que ora ria, ora escarnecia e fazia caretas. Aflito com essa conduta, Welch bruscamente mandou que todos se calassem e observassem a obra do Senhor sobre aquele escarnecedor profano. Então o infeliz caiu e morreu debaixo da mesa, para grande espanto de todos os presentes.

Conta-se também outra história extraordinária, dessa mesma época. O lorde Ochiltree, atarefado havia muito tempo, não conseguira visitá-lo no quarto. Um dia, ao caminhar pelo pátio, viu Welch à janela, perguntou-lhe afavelmente como passava e se podia ajudá-lo em algo. Welch respondeu que suplicava encarecidamente a sua senhoria, que estava prestes a ir à corte, que apresentasse em seu nome uma petição ao rei James, pedindo liberdade para pregar o evangelho. O lorde prometeu fazê-lo. Welch acrescentou: "Meu senhor, tanto por serdes meu parente como por outros motivos, rogo-vos e conjuro-vos encarecidamente a não prometerdes, a menos que cumprais fielmente". Sua senhoria respondeu que cumpriria fielmente a promessa e partiu para Londres. Ao chegar, embora de fato pretendesse apresentar a petição, encontrou o rei tão furioso contra os ministros condenados que não ousou fazê-lo naquele momento; julgou conveniente adiar o assunto e depois se esqueceu completamente dele.

Na primeira vez que o viu após sua volta da corte, Welch perguntou o que fizera com a petição. Sua senhoria respondeu que a apresentara ao rei, mas que Sua Majestade estava então tão enfurecida contra os ministros que acreditava que o pedido tivesse caído no esquecimento, pois não recebera resposta. "Não, meu senhor", disse Welch, "não deveríeis mentir a Deus e a mim, pois sei que nunca a entregastes, embora vos tenha advertido a não assumir o compromisso se não o fôsseis cumprir. Porque procedestes de modo tão infiel, lembrai-vos de que Deus vos tirará tanto os bens como as honras e os dará a vosso próximo ainda durante vossa vida". Assim aconteceu, pois seus bens e títulos passaram, enquanto ainda vivia, a James Stuart, membro de um ramo colateral da família, que não era herdeiro em linha direta.

Enquanto permanecia preso no castelo de Edimburgo, sua esposa costumava ficar com ele a maior parte do tempo. Certa vez, porém, desejou rever a família em Ayr, e ele consentiu com alguma dificuldade. Quando ela se preparava para viajar, recomendou-lhe expressamente que, ao chegar à cidade, não tomasse o caminho habitual para casa, mas atravessasse o rio acima da ponte e chegasse ao lar sem entrar na cidade. "Pois", disse ele, "antes de lá chegardes, descobrireis que a peste irrompeu em Ayr". E assim aconteceu.

A peste era então terrível; a separação forçada de seu povo a tornava ainda mais penosa para ele. Quando seus paroquianos vinham lamentar-se diante dele, respondia que "Hugh Kennedy, cavalheiro piedoso de sua cidade, deveria orar por eles, e Deus o ouviria". Aceitaram o conselho; Kennedy reuniu alguns cidadãos honestos e orou fervorosamente pela cidade, e a peste diminuiu.

Chegado o momento de deixar a Escócia para nunca mais vê-la, embarcou com seus irmãos em Leith na manhã de 7 de novembro de 1606. Embora fossem apenas duas horas, muitas pessoas aguardavam com suas famílias aflitas para despedir-se.* Após uma oração, cantaram o Salmo 23 e, para grande tristeza dos que assistiam, partiram rumo ao sul da França, aportando no rio de Bordeaux. O Senhor abençoou de tal modo a diligência de Welch que, quatorze semanas depois de chegar, já conseguia pregar em francês; logo foi chamado a exercer o ministério, primeiro numa aldeia chamada Nérac e depois em Saint Jean d'Angély, importante cidade murada, onde permaneceu o resto de sua estadia na França, cerca de dezesseis anos. Quando começou a pregar, alguns ouvintes observaram que, enquanto tratava da doutrina no sermão, falava um francês muito correto; ao passar à aplicação, porém, com os sentimentos inflamados, seu fervor às vezes o fazia descuidar da construção francesa. Alguns jovens piedosos o advertiram disso, e ele recebeu muito bem a observação. Para evitar erros futuros, pediu que, quando percebessem o começo de algum deslize, lhe dessem um sinal, levantando-se. A partir de então, suas expressões se tornaram mais corretas durante todo o sermão. Tão desejoso estava de oferecer não apenas conteúdo bom, mas também de recomendá-lo pela correção da linguagem.

Entre seus ouvintes havia frequentemente pessoas de alta posição, diante das quais pregava com a mesma ousadia que numa aldeia escocesa. Isso levou Boyd de Trochrig a lhe perguntar certa vez — depois de ele pregar na universidade de Saumur com tanta ousadia e autoridade como se estivesse diante da congregação mais humilde — como conseguia tamanha confiança entre estranhos de tão elevada posição. Welch respondeu que estava tão tomado pelo temor de Deus que não sentia apreensão alguma diante dos homens. A resposta, disse Boyd, "não diminuiu minha admiração; antes, aumentou-a".

Entre os muitos jovens que moravam em sua casa para receber boa educação, havia um cavalheiro de família nobre e grandes perspectivas, herdeiro do lorde Ochiltree, capitão do castelo de Edimburgo. Esse jovem nobre, que conquistara grande afeto de Welch, caiu gravemente enfermo. Depois de definhar por longo tempo, aos olhos de todos fechou os olhos e expirou. Foi então retirado da cama e posto sobre um colchão no chão, para que o corpo pudesse ser preparado com mais facilidade. Sua morte trouxe grande pesar a Welch, que permaneceu junto ao corpo por três horas inteiras, lamentando-o com muita ternura. Doze horas depois, os amigos trouxeram um caixão e pediram que nele se colocasse o cadáver, conforme o costume; Welch pediu que, para sua satisfação, esperassem um pouco. Consentiram e só voltaram vinte e quatro horas após a morte. Insistiram então vivamente para que pusessem o corpo no caixão e o sepultassem logo, pois fazia calor extremo. O bom homem insistiu no pedido, suplicando que o desculpassem mais uma vez. Deixaram, portanto, o cadáver sobre o colchão por trinta e seis horas completas; mesmo depois disso, ele lhes pediu com tanta insistência, e até com algum desagrado, que foram obrigados a esperar mais doze horas. Passadas quarenta e oito horas, ele ainda se opunha. Seus amigos perceberam então que ele acreditava que o jovem não estava realmente morto, mas sofria de algum ataque, e propuseram, para satisfazê-lo, que se examinasse o corpo em busca de algum vestígio de vida. Ele concordou. Os médicos começaram o exame: beliscaram as partes carnudas do corpo e apertaram com grande força uma corda de arco em torno da cabeça; como não surgiu sinal de vida, declararam-no morto, e não havia mais razão para demora. Welch, contudo, pediu-lhes mais uma vez que passassem uma ou duas horas no quarto ao lado e o deixassem sozinho com o jovem morto. Consentiram. Ele então se ajoelhou diante do colchão e clamou ao Senhor com todas as forças; ora olhava para o corpo, ora continuava a lutar com o Senhor, até que por fim o jovem abriu os olhos e gritou a Welch, reconhecendo-o claramente: "Ó senhor, eu estou inteiramente são, exceto na cabeça e nas pernas!" Eram esses os lugares feridos pelos beliscões. Ao perceber isso, Welch chamou os amigos e lhes mostrou, para seu grande espanto, o homem morto restituído à vida.

Embora perdesse os bens de Ochiltree, esse jovem nobre viveu para herdar na Irlanda uma propriedade não inferior, tornou-se lorde Castlestuart e revelou qualidades tão excelentes que o conde de Stafford o convidou a ser conselheiro na Irlanda. Recusou o convite até que os ministros escoceses piedosos silenciados pelos bispos no norte da Irlanda fossem restituídos ao exercício do ministério. Aceitou então o cargo e, por toda a vida, permaneceu não só em honra e poder, mas na profissão e prática da piedade, para grande consolo da região onde vivia. O próprio nobre contou a história a seus amigos na Irlanda.

Enquanto Welch era ministro num dos lugares mencionados, certo frade papista, que viajava pelo interior ao cair da noite, não encontrou hospedagem em toda a aldeia e foi pedir abrigo em sua casa. Os criados informaram o senhor, que se dispôs a recebê-lo. A família já havia jantado antes da chegada do frade. Os criados, portanto, mostraram-lhe o quarto e, depois de lhe prepararem a refeição, deixaram-no descansar. Entre o quarto dele e o de Welch havia apenas uma divisória de madeira. Ao acordar do primeiro sono, o frade ficou surpreso ao ouvir um murmúrio contínuo.

Na manhã seguinte, ao caminhar pelos campos, encontrou por acaso um camponês que, reconhecendo-o pelo hábito, o cumprimentou e perguntou onde passara a noite. O frade respondeu que se hospedara com o ministro huguenote. O camponês quis saber como fora tratado. "Muito mal", respondeu o frade. "Sempre pensei que demônios assombravam as casas desses ministros e estou convencido de que um deles esteve comigo esta noite: ouvi um murmúrio contínuo, que só pode ter sido a conversa do ministro com o diabo." O camponês disse que estava muito enganado, pois não se tratava senão do ministro

fazendo suas orações noturnas. “Oh”, exclamou o frade, “o ministro ora?” “Sim, mais do que qualquer homem na França”, respondeu o camponês. “Se quiserdes passar outra noite em sua casa, podereis comprovar.” O frade, portanto, voltou à casa de Welch e, alegando indisposição, pediu mais uma noite de hospedagem, o que lhe foi concedido.

Antes do almoço, Welch saiu do quarto e realizou o culto doméstico habitual. Primeiro cantou um salmo; depois leu e comentou uma passagem das Escrituras; em seguida orou com grande fervor. O frade assistiu a tudo, admirado. Após o culto, sentaram-se para comer, e o frade foi tratado com muita cortesia. Welch evitou por enquanto interrogá-lo ou discutir com ele. Ao chegar a noite, fez o culto como pela manhã, despertando ainda mais admiração no frade. Depois da ceia, foram dormir. Desejoso de descobrir a origem do murmúrio noturno, o frade logo ficou satisfeito: depois do primeiro sono de Welch, o som recomeçou. Decidido a saber exatamente o que era, aproximou-se em silêncio da porta do quarto de Welch. Ali ouviu não só o som, mas também as palavras com clareza, e presenciou uma comunhão entre Deus e o homem como não acreditava existir neste mundo. Na manhã seguinte, assim que Welch se aprontou, o frade foi até ele e lhe disse que vivera na ignorância toda a vida, mas que agora resolvera confiar-lhe a própria alma; declarou-se então protestante. Welch o acolheu e encorajou, e ele permaneceu protestante até morrer.

Quando Luís XIII, rei da França, fez guerra aos protestantes por causa da religião, sitiou a cidade de Saint Jean d’Angély com todo o exército e a colocou em extremo perigo. Welch era então ministro da cidade e encorajou muito os moradores a resistir, assegurando-lhes que Deus os livraria. Durante o cerco, uma bala de canhão atravessou a cama em que estava deitado. Ele se levantou, mas recusou-se a sair do quarto até reconhecer solenemente em oração o livramento recebido. Os habitantes defenderam-se com firmeza, até que um artilheiro do rei posicionou uma peça em terreno elevado de tal modo que podia dominar toda a muralha, onde em geral se encontravam os defensores. Foram obrigados a abandonar o posto, embora tivessem ali vários canhões; ninguém ousava operá-los até que Welch persuadiu o artilheiro principal a subir novamente à muralha, prometendo auxiliá-lo pessoalmente. O artilheiro lhe disse que precisavam desmontar o canhão situado na elevação, caso contrário estariam perdidos. Welch pediu-lhe que mirasse bem, dizendo que o serviria e Deus o ajudaria. O artilheiro começou a trabalhar, e Welch correu para buscar pólvora para uma carga. Ao voltar, porém, o artilheiro do rei disparou e a bala arrancou-lhe das mãos a concha com a pólvora. Isso não o desanimou. Perdida a concha, encheu o chapéu de pólvora; com ela, o artilheiro desmontou o canhão do rei no primeiro disparo, e os cidadãos voltaram ao posto de defesa.

Isso frustrou tanto o rei que enviou aos cidadãos uma proposta: conservassem a liberdade religiosa e os privilégios civis; suas muralhas não fossem demolidas; e permitissem apenas que o rei entrasse na cidade amistosamente, acompanhado de seus servidores. A cidade julgou conveniente aceitar. O rei e mais alguns entraram por breve tempo. Enquanto ele estava ali, Welch pregou como de costume. A corte francesa se ofendeu, e o rei enviou o duque de Esperon para retirá-lo do púlpito e levá-lo à sua presença. O duque foi com sua guarda; ao entrar na igreja, porém, Welch ordenou que lhe abrissem caminho e preparassem um assento para que ouvisse a palavra do Senhor. Em vez de interrompê-lo, o duque se sentou e ouviu gravemente o sermão até o fim. Disse então a Welch que deveria acompanhá-lo ao rei, e ele aceitou de bom grado. Quando o duque voltou, o rei perguntou por que não trouxera o ministro e não o interrompera. Respondeu que jamais homem algum falara como aquele, mas que o trouxera consigo. Welch foi chamado. Ao entrar no aposento do rei, ajoelhou-se e pediu silenciosamente sabedoria e auxílio. O rei o interrogou: como ousara pregar naquele lugar, se as leis da França proibiam a qualquer homem pregar dentro do perímetro da corte? Welch respondeu: “Senhor, se agísseis corretamente, viríeis ouvir minha pregação e faríeis toda a França ouvi-la também. Pois prego que deveis ser salvo pela morte e pelos méritos de Jesus Cristo, e não pelos vossos; e prego que, sendo rei da França, não estais sujeito à autoridade de homem algum na terra. Os homens a quem ouvis vos submetem ao papa de

Roma; eu jamais o farei". O rei replicou: "Muito bem, muito bem, sereis meu ministro!" Despediu o bom homem e deixou a cidade sem molestá-la.

Pouco depois, em 1621, a guerra recomeçou. Welch disse aos moradores da cidade que sua taça estava cheia e que desta vez não escapariam. Assim aconteceu: o rei tomou a cidade, mas ordenou a de Vitry, capitão de sua guarda, que entrasse e protegesse seu ministro de todo perigo. Por ordem do rei, providenciaram cavalos e carroças para levar Welch e a família a La Rochelle, onde ele permaneceu algum tempo.

Disperso assim seu rebanho na França, obteve permissão para voltar à Inglaterra no ano seguinte. Seus amigos pediram que pudesse retornar à Escócia, pois os médicos declaravam não haver outra esperança de conservar-lhe a vida senão respirar o ar da terra natal. O rei James, porém, não consentiu: afirmou que seria incapaz de estabelecer o episcopado na Escócia se Welch tivesse permissão para voltar.* Ele, portanto, definhou em Londres por bastante tempo. Alguns consideravam sua doença uma espécie de lepra, e os médicos declararam que recebera veneno. Todo o corpo estava tomado de penosa prostração; os joelhos estavam muito debilitados pelo tempo que passava ajoelhado em oração. Embora conseguisse movê-los e andar, a carne se tornara dura e insensível, quase como um chifre. Quando, durante a enfermidade, lhe pediram que diminuísse um pouco seus esforços excessivos, respondeu que recebera a vida de Deus e, portanto, devia gastá-la a seu serviço.

Seus amigos importunaram insistentemente o rei para que, se não podia voltar à Escócia, ao menos lhe fosse permitido pregar em Londres. Nem mesmo isso ele concedeu até ouvir que toda esperança de vida se esgotara, quando já não temia a atividade de Welch.

Assim que soube da permissão para pregar, ele a acolheu com entusiasmo. Tendo acesso ao púlpito de um pregador de exposições bíblicas, foi e pregou longa e fervorosamente. Esse foi seu último serviço. Terminado o sermão, voltou ao quarto e, dentro de duas horas, entregou tranquilamente e sem dor o espírito às mãos do Criador, no quinquagésimo terceiro ano de vida.

Durante a última enfermidade, ficou tão cheio e vencido pela percepção da presença de Deus que o ouviram pronunciar estas palavras: "Ó Senhor, detém tua mão; basta. Teu servo é um vaso de barro e não pode conter mais!"

Por maior que fosse, sem dúvida, sua diligência, pode-se perguntar se seus trabalhos ou seu êxito foram mais abundantes. Tanto sua experiência espiritual ao buscar o Senhor como seus frutos na conversão de almas são sem paralelo na Escócia. Muitos anos depois de sua morte, ouviu-se frequentemente David Dickson, então ministro muito estimado em Irvine, dizer, quando lhe falavam de seu próprio êxito no ministério, "que a respiga das uvas em Ayr no tempo de Welch superava de longe a vindima de Irvine em seu próprio tempo". Na pregação, Welch era espiritual e perscrutador; sua fala era terna e comovente. Não se detinha muito em temas escolásticos nem fazia exibição de erudição. Um de seus ouvintes, que depois se tornou ministro em Muirkirk, em Kyle, costumava dizer "que ninguém podia ouvi-lo sem chorar", de tão tocantes que eram suas palavras.

Ainda existe um grande volume de seus sermões, embora poucos tenham sido impressos. Ele próprio jamais publicou coisa alguma, exceto sua disputa com o abade Brown, na qual mostra que sua erudição não era inferior às demais virtudes, e seu Armagedom,* ou Meditações sobre os inimigos da igreja e sua destruição, obra que raramente se encontra.

Robert Boyd

ROBERT BOYD de Trochrig nasceu em 1578 na cidade de Glasgow. Quando tinha três anos, seu pai, arcebispo daquela cidade, morreu, e a supervisão de sua primeira educação coube à mãe. Retirando-se para a propriedade da família em Trochrig, perto de Ayr, ela mandou o filho à escola de gramática para aprender os rudimentos do latim; algum tempo depois, mudou-se com ele para Edimburgo. Boyd

estudou filosofia na universidade daquela cidade e recebeu o grau de mestre em artes por volta de 1594. Robert Rollock era então diretor da universidade e nomeara o sr. Charles Ferme professor de filosofia. Com ele Boyd cedo assimilou o ramo de conhecimento que depois ensinaria com tanto êxito na França. Estudou também teologia sob Rollock, de quem recebeu não apenas as primeiras lições nessa área, mas grande benefício espiritual para a alma; considerava essas circunstâncias os principais instrumentos, sob Deus, de sua conversão.

Naquele tempo, era comum os jovens escoceses viajarem a outros países, sobretudo à França, para aprimorar os estudos e adquirir refinamento. A instabilidade dos assuntos escoceses levou Boyd a deixar sua terra natal. Dedicado com afinco aos estudos, em especial à teologia, era natural que se retirasse para um país onde pudesse prossegui-los em segurança e gozar liberdade de consciência. Partiu da Escócia em 1º de maio de 1597 e chegou a Dieppe, na França, seis dias depois. Dali seguiu para Paris, passando por Rouen, e depois para Poitiers. Como não encontrou a facilidade que desejava para frequentar o culto e as assembleias religiosas, deixou Poitiers e foi a Thouars. Permaneceu ali um ano. Quando sua saúde começou a declinar, foi a La Rochelle com a intenção de voltar à Escócia; como a viagem lhe restaurou as forças, visitou Bordeaux e Montauban. Nesta última cidade conheceu o sr. de Dismes, então professor de filosofia; a providência de Deus dispôs as coisas de tal forma que seus talentos começaram a brilhar com distinção.

Em Thouars, em 1598, conheceu o douto e piedoso sr. Rivet, que o recebeu com a maior hospitalidade. Ali se aplicou ao estudo dos clássicos latinos e gregos, além de dedicar atenção considerável ao hebraico. Durante sua estadia, recebeu a direção de uma escola criada pelo dr. Rivet sob o patrocínio do duque de Fremouille.

Por volta do fim de 1599, pediram-lhe que aceitasse a cátedra de filosofia da universidade de Montauban, na qual foi admitido em novembro daquele ano. A nomeação se deu antes de completar vinte e um anos, fato que se deve atribuir à extraordinária reputação de sua piedade e erudição. Como se verá, porém, deveres ainda mais pesados e difíceis o aguardavam. Assim estimuladas, suas faculdades intelectuais acompanharam a promoção e brilharam com maior esplendor. Boyd permaneceu cinco anos em Montauban; em setembro de 1604, ao receber um chamado da congregação da igreja de Vertuil para substituir o pastor falecido, renunciou à cátedra e foi investido no santo ofício do ministério em novembro seguinte. A razão apontada para essa mudança foi que alguns de seus alunos de Montauban, ao regressar a Angoulême, falaram muito bem de sua eloquência, modéstia, vida e conduta exemplares; disseram também que ele declarara estar disposto a aceitar um chamado ao ministério na igreja da França, caso o recebesse. Estando vaga a igreja de Vertuil, em Angoulême, enviaram-lhe delegados pedindo seu consentimento para tornar-se pastor. Ele concordou sob a condição de que, se recebesse chamado de alguma universidade onde pudesse exercer ao mesmo tempo os ofícios de pastor e professor, não se opusessem à sua renúncia ao encargo. Aceita a condição, foi ordenado pelo sínodo, após os devidos exames e provas, e estabelecido na igreja.

Em novembro de 1605, recebeu uma carta insistente de seu primo David Boyd, pedindo-lhe que voltasse à Escócia e cuidasse de sua propriedade. Argumentava que havia apenas um jovem para representar as famílias de Trochrig e Penkill, e que esse jovem estava longe dos parentes; portanto, cabia-lhe cumprir um dever de que não podia se eximir. A Providência, porém, dispôs de outro modo. Foi bom para os jovens de Saumur que mais tarde se beneficiariam de suas lições que Boyd resolvesse permanecer na França. Com a nomeação de Craig para a cátedra de teologia de Saumur, ficou vaga a de filosofia. Graças aos esforços do sr. Monmartin, ministro em La Rochelle, e de seu antigo amigo dr. Rivet — que se correspondia constantemente com o lorde Duplessis Mornay, fundador do colégio de Saumur, e lhe apresentara eloquentemente as qualidades de Boyd para o posto vago —, ele foi nomeado ministro e professor de teologia ali em 19 de abril de 1606. Permaneceu seis anos, desempenhando os deveres com honra para si e proveito para os alunos. A dedicação incansável aos estudos, porém, lançou as bases da doença que por fim lhe causou a morte.

Em 1611, estava tão contente e feliz em Saumur que renunciou a toda esperança de voltar a se estabelecer definitivamente na Escócia; ao contrário, desejava muito fixar-se na França. Com esse propósito, pediu em casamento uma filha da família Malivern. Depois que convenceu os parentes da moça de sua nobre ascendência, eles consentiram, e o casamento se realizou em maio daquele ano.

Apesar de seus planos de ficar na França e do êxito de seu trabalho como professor, foi disposto que voltasse à Escócia.

O rei James VI, desejoso de aumentar a fama das universidades em seus domínios, ouvira falar da erudição de Boyd. Escreveu ao lorde Duplessis Mornay pedindo que permitisse seu retorno e também ao próprio Boyd, convidando-o a vir ocupar o posto vago de diretor do colégio de Glasgow. Não pôde resistir a uma oferta vinda diretamente do rei e, apesar da decisão anterior de permanecer na França, conseguiu com grande dificuldade o consentimento da esposa e dos sogros para sair do país. Sua partida da universidade de Saumur foi muito lamentada por todos os que o conheciam. Na véspera da viagem, em 1º de outubro de 1614, os presbíteros da igreja reformada se reuniram em sua casa e lhe ofereceram, em sinal de afeto, um testemunho de estima, amor e boa vontade, além de cem libras para reembolsá-lo pelas despesas com reparos e adornos da residência, e vinte e cinco coroas referentes ao salário do trimestre. Recebeu também amplos testemunhos do sínodo da província; a igreja e a academia lhe deram uma grande bacia de prata, na qual estavam gravados seu nome e seu brasão.

No dia seguinte, 2 de outubro, Boyd e a família deixaram Saumur. Ministros, presbíteros, professores do colégio, numerosos amigos e todos os escoceses das redondezas os acompanharam até a saída da cidade e por parte do caminho. Ao chegar a Dieppe, embarcaram para a Inglaterra. Depois de permanecer algum tempo em Londres, ele partiu para Glasgow, onde chegou por volta do fim de dezembro.

Na sexta-feira, 30 de janeiro de 1615, Boyd foi empossado como diretor do colégio de Glasgow pelo chanceler e pelo senado, aos quais apresentou a carta de nomeação de Sua Majestade. Admitido por unanimidade, concordou em aceitar o posto sob certas condições: experimentá-lo por um ano e, em virtude da saúde frágil, ser dispensado de corrigir pessoalmente os alunos, comer à mesa do colégio e assim por diante. Concederam-lhe tudo e oraram para que o Senhor acompanhasse com sua graça e bênção seus trabalhos e sua direção. Logo depois começou a cumprir os deveres do cargo, e por algum tempo nada parece ter perturbado sua tranquilidade.

Em outubro seguinte nasceu-lhe uma filha. Três dias antes, a casa que ocuparia no colégio — ainda em reparos quando ele chegou, para os quais a cidade de Glasgow contribuíra com quinhentos merks [14] — ficara pronta para recebê-lo.

Respondendo a uma carta de Boyd em 1616, seu amigo Scot de Elie observou: “Homens de todas as classes que ouviram falar de vosso ensino e erudição estão muito alegres, satisfeitos e contentes, e dão graças a Deus por vós. Espero que vosso difícil ingresso e começo tenham um desenvolvimento benigno, suave e doce, e um fim verdadeiramente feliz, com êxito tanto para vós como para todo o país”. Podemos supor daí que os que promoveram sua nomeação como diretor esperavam que se conformasse aos pontos de culto e disciplina tão insistentemente exigidos pelo rei e pelos bispos. Embora disposto a agradar a Sua Majestade em assuntos indiferentes, quando a questão tocava a consciência sentia que não podia honestamente ceder. A decepção e a irritação daí surgidas o levaram a renunciar ao encargo.

Durante 1617, nada de particular o perturbou no exercício de seus deveres. Sabemos que cuidou com especial atenção das receitas da universidade, muito negligenciadas por seus predecessores. Em julho daquele ano, o rei, durante visita a Glasgow, honrou o colégio com sua presença e jantou com os professores; Boyd, como diretor, supervisionou a ocasião.

---

14 Nota desta edição: Moeda e unidade de conta escocesa equivalente a 13 xelins e 4 pence escoceses, ou dois terços de uma libra escocesa; não se deve confundir a libra escocesa com a libra esterlina.

A Assembleia realizada em Perth no ano seguinte, por ordem do rei, foi induzida pelos bispos da corte a prometer que, por artifício ou força, a igreja escocesa seria levada a se assemelhar à da Inglaterra no governo e nas cerimônias. Por meio dessa Assembleia de fachada, decidiu-se praticar na igreja da Escócia cinco das principais cerimônias inglesas, comumente chamadas de artigos de Perth.* A recusa de se conformar a eles desencadeou tal sequência de perseguições e sofrimentos contra o povo e os ministros escoceses que acabou em resistência aberta às forças armadas enviadas para impor obediência aos artigos contestados. Após muito derramamento de sangue, porém, a oposição do povo da Escócia triunfou, e, por fim, foi-lhe permitido adorar a Deus "segundo a própria consciência".

Boyd manteve-se afastado de todas as Assembleias e não interveio publicamente nas controvérsias que se seguiram à aprovação dos artigos. Chegou a oferecer hospitalidade aos bispos, inclinado a pensar bem deles. Contudo, assim que perceberam sua simpatia pelos adversários, passaram, por intermédio de agentes, a atribuir os piores motivos a todas as suas palavras e ações. Por essa época, Robert Bruce, um dos maiores opositores dos bispos, visitou os arredores de Glasgow; Boyd, que já mantivera relações amistosas com ele, encontrou-o várias vezes. Em consequência desses encontros, espalhou-se o rumor de que adotara os princípios do partido puritano. Quando isso chegou ao rei, Boyd, para evitar seu desagrado e escapar à inimizade dos bispos, decidiu abandonar o cargo e retirar-se para sua propriedade em Carrick. Seus amigos o aconselharam veementemente a não fazê-lo; apesar das súplicas, levou o propósito a efeito. Mais tarde, arrependeu-se amargamente dessa decisão. A ela se podem atribuir muitas decepções e contrariedades que viria a enfrentar, e não há dúvida de que contribuíram para apressar sua morte.

Em julho daquele ano, recebeu convite para voltar a Saumur e tornar-se colega do erudito John Cameron na cátedra de teologia. Recusou-o, o que acabou sendo afortunado: pouco depois, a agitação na França chegou a tal ponto que todas as academias protestantes foram dispersas e seus professores tiveram de fugir para salvar a vida.

Em março de 1621, apresentou a Law, bispo de Glasgow, as seguintes razões para renunciar ao cargo de diretor do colégio de Glasgow: primeira, a saúde frágil não lhe permitia desempenhar dignamente os deveres de sua dupla responsabilidade como diretor e ministro de Govan; segunda, punir os estudantes fisicamente contrariava por completo seu temperamento e disposição; terceira, havia algum tempo trabalhava na composição de várias obras e desejava tempo livre para concluí-las; quarta, estava decidido a não aquiescer aos artigos da Assembleia de Perth nem concordar com eles; quinta, não fizera provisão para a família e sua propriedade, negligenciada pelos ocupantes de então, precisava de sua supervisão pessoal para não se perder inteiramente; além disso, aceitara originalmente o cargo de diretor apenas em caráter experimental. Mas o episódio que mais diretamente o levou a concretizar a decisão foi o seguinte. Em abril daquele ano, durante a administração do sacramento, o arcebispo Law instou todos os presentes a se ajoelhar. Alguns o fizeram, mas alguns estudantes permaneceram sentados. Ele lhes ordenou que se ajoelhassem ou saíssem. Antes de se retirarem, protestaram que não havia fundamento para o ajoelhamento e que, portanto, não deveriam ser excluídos da mesa do Senhor. Em consequência, o diretor e os professores do colégio foram até o arcebispo e o repreenderam com franqueza por afastar da mesa do Senhor jovens tão piedosos. Disseram-lhe que a mesa não pertencia a ele, mas a Cristo, "e que procedia como se afastasse o criado da mesa lateral de sua casa". O arcebispo ficou tão furioso com a livre admoestação que por algum tempo não conseguiu falar. Quando o fez, exprimiu a indignação em termos tão exaltados que Boyd percebeu ser inútil prosseguir na discussão. Ao retirar-se, disse-lhe que não ficaria em Roma para contender com o papa. A disputa com o arcebispo confirmou a decisão de deixar o cargo, o que fez em julho seguinte. Enviou a família à propriedade em Trochrig e permaneceu alguns meses em Glasgow. Ali, certos dependentes do bispo, ao que se supõe, invadiram sua casa e levaram documentos relativos aos negócios do colégio. Por causa da perda, os regentes o trataram com dureza e ameaçaram obrigá-lo a restituí-los. Suspeitou-se de que toda a

questão fora planejada para lhe causar problemas e aborrecimentos. Conseguiu, contudo, livrar-se das dificuldades e chegou a Trochrig em novembro.

Em 17 de outubro de 1622, recebeu uma carta do arcebispo Spottiswood oferecendo-lhe a cátedra de teologia na universidade de Edimburgo. A oferta tinha o apoio dos magistrados e dos professores do colégio, apesar das conhecidas opiniões de Boyd contra a conformidade. Aceitou. Assim que começou suas atividades públicas, o povo acorreu para ouvi-lo, despertando a inimizade dos outros ministros, todos conformistas. Eles representaram ao rei que era impróprio nomear para tal posto alguém que tão recentemente havia sido afastado de um semelhante por não conformidade. Andrew Ramsay foi seu adversário mais decidido: ensinava na mesma escola e pregava na mesma igreja, e via quase todos os visitantes da cidade procurarem Boyd de preferência a ele.

Em 23 de novembro chegou uma carta do rei ao provost e aos bailios de Edimburgo. Sua Majestade manifestava surpresa por terem nomeado diretor um homem que fora deposto do ministério por desobedecer à ordem régia de se ajoelhar no sacramento; mandava-lhes, portanto, que o levassem a se conformar ou o expulsassem.

Depois de correspondência entre o provost e os bailios de Edimburgo, o arcebispo de St. Andrews e Sua Majestade, chegou em 31 de janeiro de 1623 uma ordem peremptória: deveriam chamar novamente Boyd e instá-lo a se conformar; caso recusasse, ele, a esposa e a família seriam banidos da cidade. O provost e os bailios foram ameaçados de sofrer as consequências caso não executassem a determinação. Boyd compareceu, viu a carta do rei e renunciou imediatamente.

A carta régia ao provost e aos bailios revelava um espírito arbitrário e perseguidor que, longe de favorecer a prelazia escocesa, feriu profundamente seus interesses. Quando a não conformidade impedia que os homens mais piedosos e doutos de sua época fossem úteis, até os imparciais não podiam deixar de se sentir insatisfeitos. O tratamento dispensado a Boyd e a outros homens eruditos e piedosos preparou o caminho para a futura queda da prelazia na Escócia.

Depois disso, Boyd voltou à propriedade de Trochrig, onde permaneceu em paz e tranquilidade por cerca de três anos. Seus inimigos, porém, estavam decididos a não deixá-lo muito tempo sem sentir sua hostilidade. Em 24 de junho de 1624 veio uma ordem do conselho para que ficasse restrito aos limites de Carrick, por não se conformar aos artigos de Perth e por realizar reuniões privadas de oração.

Seu filho já tinha idade para frequentar a escola. Boyd escreveu a seu amigo Bruce, um dos regentes do colégio de Glasgow, com quem desejava que o menino morasse, e também ao bispo, pedindo licença para ir a Glasgow no começo de outubro. Bruce respondeu que o bispo faria tudo quanto pudesse fazer sem risco para satisfazê-lo, mas não podia lhe conceder licença para ultrapassar os limites do confinamento, pois não estivera presente quando a ordem fora emitida. Se Boyd tivesse algo a resolver em Glasgow, porém, poderia vir e fazê-lo; o bispo fingiria não saber da visita, desde que viesse em segredo e tratasse dos assuntos da maneira mais discreta possível.

Quando Boyd chegou a Glasgow com o filho, o antigo afeto e respeito por ele se reacenderam. Como seu posto estava vago havia quase dois anos desde a saída do sr. Cameron, os professores, o conselho da cidade e o bispo desejavam muito que ele o ocupasse novamente.

Chegamos agora ao episódio de sua vida de que mais tarde se arrependeu profundamente. A conselho de alguns amigos, foi induzido a entregar um documento a Law, arcebispo de Glasgow, no qual reconhecia em parte a supremacia dos bispos. Mal o fizera, porém, ficou tão perturbado que foi até o arcebispo e, em lágrimas, pediu-o de volta. Law fingiu que já o enviara ao rei e não estava em seu poder restituí-lo. Segue o documento nas palavras do próprio Boyd: “Eu, Robert Boyd de Trochrig, abaixo assinado, tendo aprendido e considerado as razões e os motivos que me foram apresentados por um reverendo pai em Deus, James, arcebispo de Glasgow, e por alguns outros amigos cristãos que me estimam, e ponderado mais profundamente do que antes a necessidade de empregar o talento recebido

do Senhor no exercício de minha vocação, para sua glória e para o bem da igreja — ao que minha abstenção de conformar-me aos cinco artigos da recente Assembleia de Perth tem sido até agora o principal obstáculo —, prometo aqui, por fim, fielmente, obedecer-lhes no devido tempo e lugar, pedindo humildemente a Sua Majestade que perdoe toda ofensa que tenha concebido contra mim por minha anterior demora e adiamento e que, em sua real clemência, me conceda o favor e a aceitação de costume, como a alguém resolvido a viver e morrer, pela graça de Deus Todo-Poderoso, o mais leal, humilde e obediente servo de Sua Majestade. Escrito e assinado de próprio punho em Glasgow, neste 25 de outubro de 1624.

"ROBERT BOYD de Trochrig."

Apesar da aparente submissão aos artigos de Perth, vemos que ele se arrependeu quase imediatamente da carta. Acrescenta: "Até aqui cedi em minha simplicidade e fraqueza, embora com espírito honesto e reto, conforme meu limitado juízo". Caso concordasse em voltar ao antigo cargo, insistiria nas condições seguintes, que deveriam ser cumpridas pela cidade, igreja e colégio de Glasgow: "1. Dar apenas uma aula semanal sobre os temas gerais de teologia. 2. Pregar na igreja do colégio às sete horas da manhã do dia do Senhor, exceto desde a formatura até a festa de São Lucas,* quando o colégio volta a se reunir. 3. Não me encarregar do castigo dos alunos, em particular ou em público; cada regente castigará os seus, ou o superior castigará a todos em público. 4. Não me ocupar da exposição bíblica nem da preleção doutrinária no presbitério. 5. Reparar minha residência e o jardim conforme minhas instruções. 6. Entrar em acordo com o ministro de Govan quanto ao dízimo do feno, para que eu possa sustentar um cavalo. 7. Que meus vencimentos sejam os mesmos de antes, descontando apenas a gleba e os dízimos menores. Da cidade exijo ainda duas coisas como demonstração de seu desejo e disposição de me chamar de volta e me reintegrar: 1. Que me conceda uma soma, a seu critério, para as despesas de minha mudança de volta e as perdas que ela me causará. 2. Que me favoreça também concedendo a meu criado os direitos de cidadão da cidade e de membro pleno da corporação de seu ofício."

Essas condições eram apenas notas para avivar-lhe a memória caso voltasse a Glasgow. Mostram sua cautela, provavelmente nascida da experiência anterior: antes de aceitar, queria tudo explicitamente estabelecido e plenamente entendido. Apesar de toda a previdência, contudo, estava destinado a nunca reassumir o cargo. O bispo desejava que seu primo, dr. Strang, o obtivesse; a participação atribuída ao rei, que se aproximava do fim da vida, também criou obstáculos que impediram sua recondução. Seus inimigos, além disso, tomaram conhecimento da carta acima, exploraram-na ao máximo em benefício próprio e tentaram induzir outros a seguir o exemplo de Boyd. Muitos, de fato, ficaram abalados. Mas, como o rei não aprovou a proposta e a eleição, por consequência, nunca ocorreu, os amigos de Boyd acreditavam sinceramente que todo o caso fora uma invenção do partido prelatício para desacreditá-lo entre os que resistiam aos artigos da Assembleia de Perth.

Apesar do ocorrido, seus amigos ainda esperavam que voltasse a Glasgow e reassumisse o posto. O sr. Zacharias Boyd, seu amigo e primo, que defendia calorosamente sua causa, escreveu-lhe de Glasgow em abril de 1625:

"Hoje falei ao bispo com o sr. Bell a vosso respeito. Encontramo-lo muito bem disposto para convosco. Chegou ao ponto de dizer que, se lhe escreverdes prometendo conformar-vos até a Páscoa seguinte à próxima, ele vos receberá imediatamente no colégio e vos devolverá todos os vossos documentos. Em poucas palavras, transmiti-vos tudo quanto disse. Portanto, senhor, peço-vos que vos apresseis a vir até nós e estejais aqui antes do dia 23 deste mês, pois nesse dia o bispo vai a St. Andrews para uma reunião em que conversará com o doutor Strang, que lá estará. Espero que não demoreis muito em decidir. Suplico-vos que venhais e vos apresenteis à vontade do bispo, que vos estima. Estou com pressa e não posso escrever mais, pois saio agora mesmo à procura de um portador para vos enviar esta carta sem demora. Peço a Deus que vos dê seu conselho. Glasgow, 15 de abril de 1625."

No mês de dezembro seguinte, recebeu convite dos proprietários de Paisley para assumir o encargo ministerial naquela localidade. Como a carta que lhe solicitava aceitar é exemplo do que depois se chamou um chamado de uma congregação a um ministro, mesmo quando o patrono lhe havia dado uma apresentação, transcrevemo-la integralmente:

"Reverendo senhor,

"Há muito estamos privados de ministro, para pesar particular de cada um de nós e lamentação geral de todos os verdadeiros fiéis. Segundo a providência de Deus e o desejo de nosso coração, fostes chamado a nós por todas as formas de consentimento necessárias. Ao encontrarmos os impedimentos particulares sobre os quais nos escrevestes, expusemos nossa situação ao lorde Ross, atual chefe de nossa paróquia e principal interessado em nosso propósito. Sua senhoria, profundamente tocada, foi a Glasgow na quarta-feira passada, acompanhada de alguns cavalheiros da paróquia. Tanto por seu interesse especial como em nome de todos os paroquianos, trataram insistentemente com o bispo de Glasgow. Graças aos esforços dignos, zelosos e cuidadosos de sua senhoria, não apenas esperamos, mas estamos confiantes de que, imediatamente após vosso retorno, o bispo removerá todos os obstáculos que possam impedir-vos de empregar aquele talento que é em si tão precioso e de que tanto necessitamos, agora privados do doce consolo do evangelho. Embora vossa partida repentina nos tenha sido muito desagradável e seja a única causa de nossa demora presente, todos nós, a uma só voz, desejamos ardentemente que volteis com toda a diligência possível. Sabeis que nossa colheita é grande e poucos são os trabalhadores. Adiar a distribuição de dons tão grandes entre nós, que estamos em tamanha necessidade, seria grave pecado de vossa parte e grande obstáculo à nossa edificação. O chamado vem de Deus; foi ele quem pôs em nosso coração desejo tão ardente por vós, e por sua providência todos os impedimentos foram removidos. Assim, desejamos vossa presença a cada hora e vos aguardamos com toda a prontidão possível, para que vós e nós possamos consumar esse matrimônio feito no céu, em favor do progresso da glória de Deus e da confirmação de nossa salvação, pois, por sua graça, fostes tão legitimamente designado nosso pastor, e nós, vosso rebanho. Para esse fim, em nome de Deus e pelo precioso sangue de Cristo, apressai vossa vinda. Pela graça dele, permaneceremos sempre,

"Vossos servos em toda obediência,

"Paisley, 18 de dezembro de 1625.

"Ross, B. Sempill, Will. Sempill, William Wallace de Alderslie, Will. Wodfit, Tho. Sempill, John Wallace de Ferguslie, Will. Sempill, And. Semple, Hugh Cochran de Newton, John Homes, James Wallace, James Whiteford, bailio de Paisley, Andrew Stuart de Wodside."

Em resposta ao convite, o sr. Boyd foi a Glasgow por volta do fim de dezembro a fim de acertar com o bispo sua admissão, que se deu no primeiro dia de janeiro de 1626. O bispo, porém, recusou-se a conferir-lhe a instituição canônica antes que fosse efetivamente empossado, e Boyd tinha escrúpulos em permitir a posse sem primeiro assegurar por essa instituição a liberdade do ministério e a respectiva manutenção. Até que se resolvessem as diferenças, julgou prudente retirar-se para Carrick, onde ficou até março. Naquele mês voltou a Paisley para assumir o encargo. A recepção que teve da senhora Abercorn lhe pareceu tão pouco promissora que começou a desanimar. Numa carta à esposa, datada de 12 de março, disse: "Ora ao Senhor para que se digne dar-me forças para cumprir este encargo e sustentar-me sob seu peso".

Em Paisley, designaram-lhe como residência a casa da frente da abadia, onde colocou alguns móveis e livros. Mas, no domingo, 2 de abril, enquanto pregava na igreja, o herdeiro do senhorio de Paisley entrou na casa com diversos seguidores, destruiu os móveis, espalhou os livros e trancou a porta, impedindo a entrada de Boyd. Ele apresentou queixa aos lordes do conselho privado, em Edimburgo; eles convocaram o herdeiro de Paisley e os bailios da cidade para responder às acusações. Depois de examinar a questão, o conselho pretendia prender o herdeiro; Boyd, porém, não queria que recebesse castigo e pediu que fosse perdoado, desde que manifestasse pesar pelo que fizera. Aceita a proposta, o

conselho ordenou que Boyd recebesse novamente a posse da casa. Ao chegarem à abadia para cumprir a ordem, verificaram que haviam enchido o buraco da fechadura com pedras, tornando impossível a entrada; as autoridades se recusaram a arrombar a porta. Diante disso, Boyd estava prestes a partir quando uma multidão de mulheres se reuniu ali — os homens se haviam mantido deliberadamente afastados — e começou a insultá-lo. Nas palavras de um autor da época, "gritaram e vaiaram, e lançaram-lhe sujeira e pedras, até que foi obrigado a deixar a cidade e ir para Glasgow". Dali seguiu para sua casa em Carrick, profundamente abatido por essa afronta gratuita; parece, contudo, ter decidido suportar tudo sem queixa.

Ao saber do ataque contra Boyd, o arcebispo de Glasgow julgou necessário intervir. A senhora Abercorn e seu filho, o herdeiro de Paisley, foram convocados perante o conselho em Edimburgo para responder por essa segunda afronta ao ministro. No dia marcado, compareceram acompanhados do conde de Abercorn e de um numeroso grupo de amigos, evidentemente com o propósito de intimidar o tribunal. Depois da audiência, nada se fez além de ordenar novamente a restituição da posse da casa a Boyd; o ataque da multidão foi ignorado.

Após esse último insulto, Boyd parece ter ficado inteiramente abatido e decidido não prosseguir com a questão, pois não via esperança de um resultado favorável. O sr. Cunningham, ministro de Kilmalcolm, escreveu-lhe por ordem do presbitério pedindo que voltasse e continuasse no encargo. Na resposta, porém, Boyd comunicou sua firme decisão de retirar-se e pediu que nomeassem outra pessoa para a igreja.

Essas contrariedades sucessivas e os problemas trazidos por cada nova nomeação pesaram muito sobre um espírito como o de Boyd e prejudicaram uma constituição já afligida por várias doenças. Estas se agravaram tanto que ele foi obrigado a abandonar a ideia de aceitar algum encargo no futuro. Em 9 de dezembro, precisou ir a Edimburgo consultar médicos. Pouco depois de sua chegada, a doença piorou e o prendeu ao leito. Padeceu grandes dores até 5 de janeiro de 1627, quando deixou esta vida na esperança de uma bem-aventurada imortalidade. "Sua doença", diz um biógrafo, "foi breve, mas a dor muito grande; maiores ainda foram sua paciência e submissão. Durante a vida toda fora delicado e frágil, muito habituado à cruz. Aprendera a suportá-la com alegria, e grande foi a liberdade espiritual que experimentou durante aquelas três semanas de aflição em Edimburgo. Teve um antegozo da glória que se revelará, muito arrebatamento celestial e santo êxtase. Sua vida fora uma vida de amor, fé e utilidade. Grande foi sua paz, e gloriosas suas vitórias sobre todas as perturbações e tentações que às vezes o assaltavam. Todas contribuíram para seu consolo e firmeza e para a confirmação dos amigos ao redor."

Sua morte foi lamentada por todos. Os bispos e aqueles que se lhe haviam oposto reconheciam sua vasta erudição, grande sabedoria e notável piedade. Os que combatiam as inovações e corrupções da época estavam quase inconsoláveis com a perda daquele que, por sua capacidade e sabedoria singulares, bem como por suas poderosas lutas em oração e intercessões, era verdadeiramente um dos maiores sustentáculos da terra. Se tivesse sido poupado, teria sido especialmente útil naquele tempo sombrio e difícil. Como professor, sua santidade exemplar, erudição singular e admirável eloquência, sua gravidade, humildade, modéstia sem afetação e diligência extraordinária — tanto nos trabalhos eclesiásticos quanto nos acadêmicos, em grau superior ao de pastores e professores comuns — levavam todos a respeitá-lo, amá-lo e estimá-lo, e muitos até a admirá-lo. Era infatigável nos estudos, muitas vezes sentado da manhã à meia-noite, às vezes por mais tempo, interrompendo-os apenas para tomar o alimento exigido pela natureza. Era muito rigoroso e austero na alimentação. Na conversa particular, quando se descontraía, era extremamente cortês; entre os íntimos, às vezes era agradável e alegre. Em todas as aulas públicas, piedade, erudição e eloquência pareciam disputar a primazia. Ao exercer a disciplina, em particular ou em público, eram tamanhos o rigor de suas repreensões, a insistência de sua persuasão, a autoridade de suas ordens, a caridade e prudência de seus conselhos e a força de suas maneiras, que seus olhares e palavras corrigiam os erros com mais eficácia do que os castigos mais severos de outros.

Quanto a seu caráter, apresentamos ainda os testemunhos dos contemporâneos. John Row o chama de "homem muito erudito e santo, eminente tanto na escola como no púlpito" e acrescenta que, "consideradas sua grande erudição e suas qualidades extraordinárias, era um dos homens mais humildes, modestos e mansos de todo o ministério deste reino". John Livingstone, que o conheceu muito bem, assim se expressa: "Tinha maneiras austeras, mas o coração muito terno. Apesar de suas raras capacidades, não fazia caso de si mesmo e estimava muito as qualidades de todos os outros homens."

Robert Bruce

ROBERT BRUCE nasceu por volta de 1554. Era o segundo filho do senhor de Airth, de quem herdou a propriedade de Kinnaird. Seu pai, então barão da mais alta posição no reino, educou-o com a intenção de que se tornasse juiz do Tribunal de Sessão e, para prepará-lo melhor, mandou-o à França estudar direito civil. Ao voltar, o pai lhe ordenou que tratasse de um negócio seu perante o tribunal, pois já obtivera a patente real para que o filho se tornasse um daqueles juízes. Mas Aquele cujos pensamentos não são os pensamentos dos homens tinha outros desígnios para Bruce e começou a agir poderosamente em sua consciência. Ele não encontrou descanso até receber permissão para assistir às aulas de teologia de Andrew Melville em St. Andrews. Sua mãe se opôs fortemente a isso e só consentiu quando ele abriu mão de terras e direitos eventuais de que recebera a investidura feudal. Bruce o fez de bom grado e, afastados todos os obstáculos, resolveu entregar-se a uma ocupação mais conforme à inclinação de seu espírito.

Foi a St. Andrews algum tempo antes de Melville deixar o país e permaneceu na universidade até a volta dele. Ali não lhe faltaram intensos conflitos interiores a respeito de seu futuro. Certa vez, caminhando pelos campos com aquele homem santo e excelente, James Melville, disse-lhe: "Antes de me lançar novamente em tamanho tormento de consciência como o que sofri ao resistir ao chamado para o ministério, preferiria atravessar um fogo de enxofre, mesmo que tivesse meia milha de extensão". Depois de preparar-se para o ministério, Andrew Melville, vendo como o Senhor agia nele, levou-o à Assembleia Geral em 1587 e propôs à igreja de Edimburgo que o chamasse a um encargo naquela cidade.

Embora alguns irmãos o instassem a entrar no ministério em lugar de James Lawson, não conseguiram persuadi-lo a aceitar o encargo, ainda que se dispusesse a trabalhar nele por algum tempo. Por fim, convenceu-o o conselho conjunto dos ministros da cidade, que de certo modo o levaram a assumir o posto por um ardil. Quando o sacramento seria administrado em Edimburgo, um dos ministros lhe pediu que se sentasse ao seu lado, pois pregaria à tarde. Depois de servir duas ou três mesas, saiu da igreja como se fosse voltar logo. Em vez disso, enviou um recado a Bruce, que permanecia sentado diante dos elementos, dizendo que o serviço teria de ser interrompido se ele não servisse as mesas restantes. Bruce, sem saber se o ministro fora acometido de doença súbita, com os olhos de todos voltados para si e muitos pedindo-lhe que ocupasse o lugar do ministro, prosseguiu com os serviços restantes. Recebeu tamanho auxílio e causou tal efeito no povo como jamais se vira naquele lugar.

Quando mais tarde os irmãos o instaram a receber a imposição de mãos na forma ordinária, recusou. Já havia recebido, argumentou, a parte essencial da ordenação, isto é, o chamado do povo e a aprovação dos irmãos; além disso, já administrara o sacramento da Ceia, o que uma nova ordenação pareceria invalidar. Tendo assim experimentado o trabalho e a bênção de Deus em seus esforços, aceitou o encargo.

Como ministro de Edimburgo, resplandeceu como grande luz por toda a região vizinha. O rei tinha conceito tão elevado dele que, em 1590, quando foi buscar sua rainha, nomeou Bruce conselheiro extraordinário antes da partida e lhe pediu expressamente que acompanhasse os assuntos do país e as decisões do conselho. Declarou confiar mais nele do que nos demais ministros, ou mesmo em todos os nobres; suas esperanças não foram frustradas. Durante a ausência do rei, o país esteve mais tranquilo do

que antes ou depois. Por isso, escreveu a Bruce uma carta de congratulação, datada de 19 de fevereiro de 1590, dizendo "que lhe seria grato por toda a vida pelos esforços feitos em sua ausência para manter seus súditos em boa ordem". Diz-se que tamanha era sua estima por Bruce que, certa vez, diante de muitas testemunhas, declarou julgá-lo digno de metade do reino. Nisso, porém, como em outras promessas, não se mostrou escravo da palavra dada: pouco depois obrigou aquele bom homem, por causa de sua fidelidade, a deixar o reino.

Não se pode duvidar, contudo, de que o respeito e a estima que então expressava eram sinceros. Assim, ao regressar, escolheu Bruce para oficiar na coroação da rainha, realizada na capela de Holyroodhouse no domingo, 17 de maio de 1590, na presença de embaixadores estrangeiros e de grande número de nobres escoceses. Bruce ungiu a rainha e, auxiliado pelo chanceler e por David Lindsay, colocou-lhe a coroa na cabeça.

Parece, de fato, que a opinião de Sua Majestade sobre Bruce só mudou cerca de três anos depois. Em 1593, a indulgência imprudente e injustificável demonstrada pela corte para com os condes papistas — homens descobertos em planos extremamente traiçoeiros contra seu país — despertou desconfiança, suspeita e alarme gerais. Movido por tais sentimentos, o sínodo de Fife, reunido em setembro daquele ano, excomungou solenemente os nobres e seus partidários para expressar repúdio aos seus crimes. Determinou que a sentença fosse comunicada aos outros sínodos, que a aprovaram e ordenaram sua publicação. Nessa ocasião, Sua Majestade mandou chamar Bruce e insistiu muito para que ele próprio não publicasse a sentença e, na medida do possível, impedisse os irmãos de fazê-lo. Embora desejasse preservar a harmonia e conservar a boa vontade do rei, Bruce não dissimulou sua opinião. Recusou firmemente o pedido, e a conversa terminou com uma insinuação de James contra a disciplina e o governo eclesiástico sob os quais tais medidas eram toleradas ou aprovadas.

Algum tempo depois, em conferência com os magistrados e ministros de Edimburgo, o rei o acusou de favorecer supostos planos de traição do conde de Bothwell, que então buscava conquistar a boa vontade da igreja. Bruce demonstrou firmeza e intrepidez semelhantes. Os demais ministros, contra os quais a acusação era vaga e geral, limitaram-se a apelar aos ouvintes como prova de sua inocência. Bruce, contra quem a imputação era mais específica e grave, exigiu conhecer os indivíduos que o haviam caluniado diante de Sua Majestade e declarou que não voltaria ao púlpito antes de ser legalmente absolvido do crime imputado. James, depois de tergiversar, nomeou como informantes o herdeiro do senhorio de Gray e um papista chamado Tyrie. No dia marcado para o exame da questão, porém, ninguém compareceu para sustentar a acusação. Gray, depois de deixar a corte, negou ter dado a informação alegada contra Bruce e se ofereceu para lutar contra qualquer pessoa, exceto Sua Majestade, que afirmasse ter ele difamado o ministro.

Por ser homem de espírito público e ânimo heroico, Bruce era sempre escolhido para tratar de assuntos da maior importância. Entre outras tarefas, em 9 de novembro de 1596 um conselho dos irmãos incumbiu a ele, Andrew Melville e John Davidson de falar com a rainha a respeito de sua religião. Também deveriam, diante da falta de exercícios religiosos e ocupações virtuosas entre as damas da rainha, instá-la a ouvir de vez em quando as instruções de homens piedosos e prudentes. Eles foram, mas não lhes permitiram entrar naquela ocasião, adiando a audiência.

Por volta da mesma época, Bruce se distinguiu na defesa de David Black e no zelo contra os avanços suspeitos do papismo. Os comissários nomeados para ajudar a conduzir a causa daquele digno ministro haviam sido afastados de Edimburgo por ordem da corte. A opinião pública, já um pouco agitada por esse exercício incomum da prerrogativa, logo encontrou novo motivo de alarme. Na manhã de 17 de dezembro, dia memorável na história da igreja da Escócia, circularam notícias de que Huntly, um dos condes papistas, estivera secretamente na corte e conseguira que o rei expedisse uma ordem recém-anunciada: vinte e quatro cidadãos dos mais favoráveis aos ministros e mais conhecidos pelo zelo deveriam deixar a cidade. Acrescentava-se que amigos e servidores de Huntly estavam próximos,

aguardando ordens para entrar na capital. A notícia, em certa medida correta, naturalmente causou considerável alarme a Bruce e seus irmãos no ministério. Como era o dia do sermão semanal, concordaram que Balcanquhal, a quem cabia pregar, convidasse os barões e cidadãos presentes a se reunir na Pequena Igreja para deliberar com eles sobre o que fazer. A reunião se deu após o sermão; escolheram-se duas pessoas de cada estamento para ir ao rei, que então estava no Tolbooth com os lordes do Tribunal de Sessão. Obtida audiência, Bruce disse a Sua Majestade que os nobres, barões e cidadãos reunidos na Pequena Igreja os haviam enviado para expor os perigos que ameaçavam a religião. "Que perigos vedes?", perguntou o rei. Bruce mencionou seus receios quanto a Huntly. "Que tendes vós com isso?", replicou Sua Majestade. "E como ousastes reunir-vos contra minha proclamação?" "Ousamos mais que isso", disse o lorde Lindsay, "e não permitiremos que a religião seja derrubada." O rei então se retirou para outro aposento e fechou a porta. Os delegados voltaram e relataram que não haviam obtido resposta favorável às petições. Bruce propôs que adiassem por ora o exame das queixas e apenas se comprometessem a permanecer firmes na profissão e na defesa da religião. A proposta foi acolhida com aclamações, e ele lhes pediu, pelo crédito da causa, que guardassem silêncio e tranquilidade. Enquanto assim procediam, porém, entrou um desconhecido gritando: "Fugi, salvai-vos! Os papistas vêm massacrar-vos!" Outro respondeu: "A espada do Senhor e de Gideão!" "Essas não são nossas armas", disse Bruce, procurando acalmar a reunião. Mas, quando se ouviu na rua o grito "Às armas! Às armas!", todos saíram apressadamente. A multidão já reunida do lado de fora se juntou a eles, o pânico se espalhou e, durante cerca de uma hora, a confusão e os tumultos dominaram a cidade. Os esforços conjuntos dos magistrados e ministros por fim cessaram a agitação. No dia seguinte, porém, o rei deixou a cidade às pressas e foi para Linlithgow, de onde publicou uma severa proclamação, mandando todos os juízes e oficiais se apresentar a ele e proibindo nobres e barões de se reunir sem sua licença.

No domingo seguinte, pregando sobre o Salmo 51, Bruce declarou: "Está próxima a remoção de vossos ministros; nossas vidas serão amargamente perseguidas. Mas vereis com os próprios olhos que Deus nos guardará e será nosso escudo e defesa". A palavra logo se cumpriu em parte: no dia seguinte, o rei enviou de Linlithgow uma ordem contra ele e os outros ministros de Edimburgo, determinando que se apresentassem para confinamento no castelo daquela cidade dentro de seis horas, sob pena de serem declarados proscritos. Conscientes da inocência, mas vendo a ira do rei contra eles, julgaram prudente seguir o conselho dos amigos, retirar-se e ocultar-se por algum tempo de seu desagrado. Bruce e Balcanquhal foram para a Inglaterra; Watson e Balfour se esconderam em Fife. Escreveram justificações para sua conduta, defendendo-se das acusações lançadas contra eles e expondo as razões da fuga.

Assim que se soube da fuga, foram publicamente declarados rebeldes. Empenharam-se muito em encontrar alguma prova de participação deles no tumulto; fracassada a tentativa, recorreram à falsificação. Uma carta que Bruce escrevera ao lorde Hamilton no dia seguinte, a pedido dos barões reunidos, solicitando seu apoio e auxílio em favor dos interesses da igreja, foi alterada e adulterada para dar a entender que aprovava os tumultos. Ciente da fraude, porém, a corte não ousou fazer uso público do documento falsificado. Ele foi divulgado em particular com o propósito de destruir a reputação de Bruce e de seus amigos.

Quando gozava do favor da corte em 1589, recebera por toda a vida uma concessão de rendas das terras da abadia de Arbroath, que usufruiu por vários anos. Em 1598, o rei as concedeu secretamente ao lorde Hamilton. Primeiro incitou os arrendatários da abadia a resistir ao pagamento e, quando esse recurso fracassou, reconheceu o ato. Bruce comunicou estar disposto a abrir mão da concessão se o rei a conservasse em suas mãos ou a destinasse à igreja; sabendo, porém, que seria dada ao lorde Hamilton, decidiu defender seu direito. Sua Majestade procurou, por ameaças e persuasão, induzir os lordes do Tribunal de Sessão a decidir em favor de Hamilton; eles, contudo, julgaram válido e completo o título de Bruce. O rei então, não satisfeito em irar-se com os juízes e os advogados do adversário, e determinado a conseguir o que queria, "reabriu o processo" por meio de dois ministros de Angus, aos quais transferiu

parte da renda anual. E, apesar de um acordo particular da disputa, homologado pelos lordes do Tribunal de Sessão, depois anulou e alterou de tal modo o registro judicial que Bruce perdeu a maior parte da renda anual e só poderia conservar o restante enquanto aprouvesse ao rei. Bruce, indignado, renunciou à concessão.

Tudo isso, porém, não passava de gotas antes da chuva, ou do acúmulo de águas antes da inundação. Embora tivesse permissão para voltar do esconderijo, Bruce logo experimentou isso. O rei, que havia algum tempo trabalhava para estabelecer a prelazia na Escócia, não apenas o proibiu de pregar em Edimburgo como também o obrigou a exilar-se por não aderir às medidas régias. Em particular, Bruce recusara-se a louvar publicamente a Deus pelo livramento de Sua Majestade de uma suposta traição em 1600 antes que tivesse certeza do crime. Embarcou em Queensferry em 3 de novembro daquele ano e chegou a Dieppe em 8 de novembro.

Embora voltasse para casa no ano seguinte com permissão do rei, não quis reconhecer como traição a conspiração de Gowrie, isentar Sua Majestade de culpa nos lugares que o rei designasse e pedir perdão pela longa desconfiança e desobediência, entre outras coisas. Por isso não pôde voltar ao posto e recebeu ordem do rei para permanecer confinado na própria casa em Kinnaird. Após a partida do rei para a Inglaterra, teve algum alívio por cerca de um ano ou mais. Em 20 de fevereiro de 1605, contudo, foi convocado a comparecer perante a comissão da Assembleia Geral para ouvir e presenciar sua remoção do encargo em Edimburgo. Na ausência dele, haviam declarado vago o lugar; agora comunicaram-lhe a sentença, e o rei encarregou Livingstone de executá-la. Bruce apelou. Tentaram proibi-lo de pregar, mas ele não lhes deu atenção. Em julho seguinte, o chanceler Seaton o informou da ordem expressa do rei de não pregar mais; disse, porém, que não usaria sua autoridade nesse caso e apenas lhe pediria que se abstivesse por nove ou dez dias. Bruce concordou, julgando de pouca importância uma pausa tão breve. Logo sentiu, porém, quão fundo o menor desvio da causa de seu Mestre e dos interesses dele podia penetrar no coração devotado. Naquela mesma noite, como ele próprio contou depois, seu corpo ficou febril e sentiu tal terror de consciência que resolveu jamais voltar a obedecer a ordens semelhantes.

Em 8 de agosto seguinte, recebeu ordem de se apresentar para confinamento em Inverness dentro de dez dias, sob pena de ser declarado proscrito. Obedeceu em 17 de agosto. Permaneceu ali quatro anos, ensinando nas manhãs de todas as quartas-feiras e domingos e lendo orações públicas em noites alternadas. Seus trabalhos foram muito abençoados. Por meio do ministério de Bruce, uma região mergulhada em trevas recebeu luz admirável; muitos foram conduzidos a Cristo, e lançou-se uma semente que subsistiu e se manifestou muitos anos depois.

Quando voltou de Inverness à própria casa, embora o filho lhe tivesse obtido uma licença, só encontrou problemas e contrariedades da parte dos ministros dos presbitérios de Stirling e Linlithgow, apenas por censurar os vícios a que muitos deles se entregavam. Por fim, conseguiu permissão do conselho para mudar a família para outra casa sua em Monkland; por causa do arcebispo de Glasgow, porém, foi novamente obrigado a retirar-se para Kinnaird.

Assim esse bom homem foi lançado de um lado para outro, obrigado a mudar constantemente de lugar. Nessa condição permaneceu até que, por ordem do rei, foi convocado perante o conselho em 19 de setembro de 1621 para responder por ter violado a lei de seu confinamento, entre outras acusações. Ao comparecer, lembrou o favor que Sua Majestade lhe demonstrara na Dinamarca e se defendeu da acusação: “E, contudo, apesar de tudo isso”, disse, “o rei esgotou meus bens e minhas forças e nada me deixou senão a vida; e mesmo esta, ao que parece, procura tirar-me! Estou preparado para sofrer qualquer castigo; só me importa não sofrer como malfeitor ou criminoso”. Recebeu então ordem de se recolher ao castelo de Edimburgo, onde permaneceu até 1º de janeiro. Embora os bispos que o haviam denunciado escolhessem ausentar-se nesse dia, Bruce foi levado perante o conselho, onde lhe

comunicaram a vontade do rei: deveria voltar à própria casa até 21 de abril e depois retornar a Inverness, onde ficaria confinado enquanto aprouvesse ao rei.

Ali permaneceu até setembro de 1624, quando obteve permissão para sair do confinamento e resolver alguns negócios familiares. As condições da licença eram tão rigorosas, porém, que decidiu voltar a Inverness. Nesse meio-tempo, o rei morreu, e não insistiram em que reassumisse o confinamento. Embora o rei Charles I renovasse a ordem contra ele alguns anos depois, Bruce permaneceu na maior parte do tempo em sua casa, pregando e ensinando onde surgia oportunidade.

Por essa época, estava vaga a paróquia de Larbert. Sem receber salário, Bruce reparou a igreja às próprias custas e cumpriu com grande êxito todos os deveres de um ministro cristão. Além dos moradores da paróquia, muitos outros assistiam às suas pregações com grande proveito. Parece que nessa época Henderson, então ministro de Leuchars, se converteu por meio de seu ministério.

Naquele lugar, costumava retirar-se sozinho para orar em particular durante algum tempo após o primeiro sermão. Certa vez, alguns nobres que precisavam cavalgar até longe enviaram o sacristão para saber se havia sinal de que voltaria. O homem retornou dizendo: "Acho que hoje não virá, pois o ouvi dizer a alguém: 'Protesto que não irei se tu não fores comigo'". Pouco depois, porém, Bruce apareceu, sem a companhia de homem algum, mas cheio da bênção de Cristo: falava com muitas provas e demonstrações do Espírito. Os ouvintes facilmente percebiam que estivera no monte com Deus e que, de fato, trouxera para a casa de sua mãe e os aposentos daquela que o concebera o Deus com quem se encontrara em particular!

Algum tempo antes de morrer, estava em Edimburgo e, por fraqueza, muitas vezes permanecia no quarto. Vários ministros piedosos, reunidos para tratar de assuntos da igreja, souberam que ele estava na cidade, foram visitá-lo e lhe relataram as ações dos prelados. Bruce então orou, aludindo ao que haviam contado e lamentando o estado da igreja de tal modo que, durante toda a oração, todos os presentes sentiram profunda comoção e uma efusão tão perceptível do Espírito que mal conseguiam conter-se. Wemyss de Lathokar, que estava ali, disse ao sair: "Oh, que homem extraordinário! Ele faz descer sobre todos nós o Espírito de Deus a golpes!" Referia-se ao fato de Bruce bater algumas vezes com os dedos na mesa enquanto orava.

Por volta da mesma época, contou um sonho estranho. Parecera-lhe ver um livro comprido e largo, de capa preta, voando pelo ar, rodeado de muitas aves negras semelhantes a corvos. Sempre que o livro tocava uma delas, ela caía morta. Ouviu então uma voz dizer-lhe: "Hœc est ira Dei contra pastores ecclesiœ Scoticanœ!"* Começou a chorar e orar para ser preservado fiel e não estar entre os atingidos pela tocha da ira de Deus por terem abandonado a verdade. Disse que, ao acordar, encontrou o travesseiro encharcado de lágrimas.

"Certa vez", diz Livingstone em suas memórias, "fui a Edimburgo visitá-lo na companhia do tutor de Bonnington. Quando o procuramos às oito da manhã, disse que não estava disposto a receber visitas. Insistimos para que nos explicasse o motivo, e respondeu que, ao deitar-se, experimentara em boa medida a presença do Senhor; mas havia lutado em oração por uma ou duas horas antes de nossa chegada e ainda não obtivera acesso a ele. Então o deixamos. Noutra ocasião, fui à sua casa, mas só o vi muito tarde. Quando saiu do quarto de oração, o rosto estava manchado de lágrimas. Contou-me que naquele dia refletira sobre as torturas e os sofrimentos impostos em Londres ao dr. Leighton, nosso compatriota,† e acrescentou: 'Se eu tivesse sido fiel, poderia ter sofrido no pelourinho e derramado parte de meu sangue por Cristo, como ele; mas recebeu a coroa antes de todos nós'." "Ouvi-o dizer certa vez", declara o mesmo autor, "'Em meu primeiro recurso contra o rei James, não desejaria mais que uma hora de conversa com ele. Sei que tem consciência; uma vez o fiz chorar amargamente em Holyroodhouse'. E, em outra ocasião, falando da própria morte, disse: 'Admiro-me de ser mantido aqui tanto tempo. Já vivo há dois anos além do esperado'; queria dizer que tinha dois anos a mais de setenta."‡

Foi assim que essa estrela luminosa se pôs em nosso horizonte. Nenhum homem de seu tempo pregava com semelhantes manifestações do poder do Espírito, e nenhum teve mais testemunhos dos frutos de seu ministério. Muitos de seus ouvintes chegavam a pensar que ninguém desde os dias dos apóstolos falara com tanto poder. Embora não fosse um Boanerges, pois se exprimia lentamente, mas com gravidade, falava com a autoridade e o peso próprios dos oráculos do Deus vivo. Alguns dos ouvintes mais obstinados costumavam tremer. Era como se, por força irresistível, se abrisse a porta antes fechada contra Jesus Cristo e se revelassem os segredos dos corações; muitas vezes iam embora sob profunda convicção. Era breve nas orações, sobretudo em público, mas "cada palavra ou frase que pronunciava era como uma flecha lançada ao céu". Passava muito tempo em oração particular. Tinha capacidade notável para examinar as Escrituras e explicar seus mistérios mais obscuros. Também travava muitas lutas interiores de consciência sobre seu próprio estado e às vezes era tentado até a respeito daquela verdade fundamental: a existência de Deus. Por isso, quase lhe era costume dizer, como o fez ao falar pela primeira vez no púlpito: "Julgo uma grande coisa acreditar que Deus existe". Tal experiência o preparava melhor para tratar de outros sob tentações semelhantes. De aparência muito majestosa, causava boa impressão no púlpito. Falava de modo solene, impressionante e imperioso. Para aplicar aos sermões a imagem inversa daquela com que um ouvinte descreveu suas orações, "cada palavra ou frase que pronunciava era como uma flecha lançada do céu".

Como escritor, Bruce pode ser considerado, para sua época, substancioso e eloquente. A justificativa mencionada acima, suas cartas ao sr. Espignol, ao duque de Parma, ao coronel Semple e a outros e, acima de tudo, seus cinco sermões sobre a Ceia do Senhor, bem como seus sermões diversos, justificam essa avaliação. Foi, contudo, sobretudo por seus serviços e sofrimentos em favor da liberdade civil e religiosa que mereceu o respeito e a gratidão da posteridade, assim como ganhou a estima e admiração dos contemporâneos. Durante algum tempo antes da morte, ocorrida em agosto de 1631, a idade e a enfermidade o mantiveram quase sempre no quarto. Amigos e conhecidos o visitavam com frequência. Certa vez, um deles perguntou como estavam as coisas entre Deus e sua alma. Bruce respondeu: "Quando era jovem, era diligente e vivia pela fé no Filho de Deus. Agora sou velho e não consigo fazer tanto; ainda assim, ele condescende em alimentar-me com grandes porções da percepção de sua presença e da experiência dela". Na manhã do dia em que morreu — sua enfermidade consistia sobretudo na fraqueza da idade —, veio tomar o desjejum. Como de costume, comeu um ovo e disse às filhas: "Acho que ainda tenho fome; podeis trazer-me outro ovo". Logo depois, porém, mergulhou em profunda meditação. Após refletir um pouco, disse: "Espera, filha, meu Mestre me chama!" Nesse momento perdeu a visão. Pediu a Bíblia da família, mas, vendo que não conseguia enxergar, disse: "Abri para mim o capítulo oito da epístola aos Romanos e colocai meu dedo sobre as palavras: 'Estou persuadido de que nem a morte nem a vida', etc., 'poderão separar-me do amor de Deus que está em Cristo Jesus, meu Senhor'. Agora", perguntou, "meu dedo está sobre elas?" Quando lhe disseram que sim, declarou: "Agora Deus esteja convosco, meus filhos. Tomei o desjejum convosco e esta noite cearei com meu Senhor Jesus Cristo". Assim, como Abraão da antiguidade, esse eminente santo e servo de Deus entregou o espírito em boa velhice e foi reunido ao seu povo.

Josias Welch

ESSE eminente ministro do evangelho era um dos filhos mais novos do famoso John Welch de Ayr e de Elizabeth Knox, filha do grande Reformador. Como era de esperar de tais pais, recebeu educação ampla e religiosa. O que mais contribuiu para sua reputação, porém, foi ter herdado as graças e virtudes paternas. Embora tivesse estudado todos os ramos úteis do conhecimento necessários ao ministério, a prevalência da prelazia na Escócia o fez adiar por algum tempo sua entrada no ofício, pois não tinha a consciência tranquila quanto a ingressar nele pela porta do episcopado.

Algum tempo depois, encontrou-se por acaso com o digno sr. Blair, então ministro em Bangor, na Irlanda. Blair o exortou e convidou a ir com ele, assegurando-lhe que ali encontraria muito trabalho e, esperava, também êxito. Assim se deu. Ao chegar, Welch recebeu grande honra do Senhor ao levar a aliança da graça ao povo de Six-mile-water. Depois de pregar algum tempo também em Oldstone, estabeleceu-se em Temple-patrick, onde exerceu o ofício com grande vigilância e diligência. Pela bênção de Deus sobre seus trabalhos, obteve muitos testemunhos dos frutos do ministério.

Mas Satanás, invejoso do êxito do evangelho naquela região, instigou contra ele o clero prelatício. Em maio de 1632, o bispo de Down mandou intimá-lo, juntamente com Blair, Livingstone e Dunbar. Quando compareceram, exigiu que se conformassem e assinassem uma declaração nesse sentido. Responderam com grande ousadia que nenhuma lei daquele reino o exigia; mesmo assim, o bispo depôs os quatro do ofício do santo ministério.

Depois disso, Welch continuou por algum tempo a pregar na própria casa, para numerosos ouvintes. Tão grande era seu desejo de conquistar almas para Cristo que costumava ficar de pé junto a uma porta voltada para o jardim, para ser ouvido tanto pelos que estavam fora como pelos que se encontravam dentro. Como sua constituição era frágil, contraiu em consequência um resfriado que pouco depois lhe causou a morte.

Prosseguiu dessa maneira até maio de 1634, quando, por intercessão do lorde Castlestuart em favor deles perante o rei, ele e seus irmãos receberam do bispo licença por seis meses. Acolheu-a com grande alegria, mas só pôde pregar algumas semanas no próprio púlpito antes que a enfermidade piorasse a ponto de impedi-lo de continuar o trabalho. Morreu pouco depois. A breve história de sua vida pode ser resumida pelas palavras de alguém que o conhecia bem, fora seu companheiro no trabalho e no sofrimento e sabia avaliar as virtudes que o adornavam. Na tarde do domingo anterior à sua morte, ocorrida na segunda-feira, "soube", diz Livingstone, "de sua enfermidade e fui vê-lo por volta das onze da noite; o sr. Blair chegou umas duas horas depois. Welch teve muitas conversas cheias de graça e também algumas lutas e inquietações interiores. Em certo momento, exclamou: 'Oh, quanta hipocrisia!' Blair então disse: 'Vede como Satanás lhe mordisca os calcanhares antes de ele entrar na glória!' Pouquíssimo antes de sua morte, enquanto eu orava junto à cama e a palavra 'vitória' saía de minha boca, ele segurou minha mão, pedindo-me que me detivesse um instante; bateu palmas e exclamou: 'Vitória, vitória, vitória para sempre!' Pediu-me então que prosseguisse e, pouco depois, expirou. Morreu em 23 de junho de 1634."

Morreu na flor da juventude, deixando apenas um filho, John Welch, que mais tarde foi ministro de Irongray, em Galloway.

John Gordon, visconde Kenmure

ESTA biografia pode ser considerada mais um relato dos últimos dias do que da vida inteira do nobre cujo título ostenta, pois pouco se sabe dele no período em que era conhecido apenas como John Gordon de Lochinvar. É certo, contudo, que nasceu em 1599.* Seu pai, Sir Robert Gordon, era o décimo descendente em linha direta de uma antiga família proprietária de Lochinvar havia mais de três séculos. Pelos registros do pariato escocês sabemos que sua mãe era lady Isabel Ruthven, filha de William Ruthven, primeiro conde de Gowrie. A antiga família Gordon adotou muito cedo os princípios da Reforma e se apegou profundamente ao culto presbiteriano. Wodrow nos informa que um ramo da família de Lochinvar se convertera aos princípios de Wycliffe e recebera em casa vários de seus seguidores que haviam ido à Escócia pregar a verdade. Já em 1574, o conhecido Robert Campbell de Kinzeancleugh e John Davidson, ministro de Prestonpans então foragido, visitaram Sir John Gordon, avô do biografado, no castelo de Rusco. É provável que a visita não tivesse ocorrido se Sir John não lhes fosse semelhante em espírito.

Não se sabe se lorde Kenmure recebeu educação religiosa na infância sob o teto paterno. Podemos concluir, porém, que suas impressões religiosas, se não vieram primeiro do famoso John Welch, foram amadurecidas e confirmadas por aquele homem célebre durante o exílio na França. Enquanto residia no país, conforme o costume dos jovens estudantes da época, Kenmure morou com a família de Welch. Ao testemunhar a notável piedade de toda a vida ministerial daquele bom homem e participar das conversas e dos hábitos de família tão singularmente santa, certamente assimilou espírito semelhante, pela riqueza e gratuidade da graça divina. Que ali se tornou súdito do reino do Redentor é evidente não só por sua conduta exemplar ao voltar do continente, mas também pelo empenho em proporcionar e difundir as bênçãos do ministério do evangelho entre as pessoas ao redor. Anwoth, a paróquia em que se situava Rusco, residência da família, só desfrutava então do culto público a cada dois domingos, pois estava unida a outras duas paróquias. Para um espírito piedoso como o de Kenmure, isso era triste privação. Logo se dedicou a conseguir a separação, na qual, após longa demora e grandes dificuldades, finalmente teve êxito. O primeiro convidado ao ministério naquela paróquia foi o célebre John Livingstone, autor das Observações notáveis sobre a vida dos mais eminentes ministros e fiéis da Igreja da Escócia. A Providência, contudo, dirigiu o chamado de outro modo, e o piedoso Samuel Rutherford foi enviado em seu lugar. A benevolência cristã de Kenmure tampouco se restringiu à própria paróquia. Esforçou-se para obter também para outras as bênçãos de um ministério evangélico, mas a situação conturbada da época tornou inúteis todos os esforços.

Antes da instalação de Rutherford em Anwoth, Kenmure casara-se com lady Jane Campbell, irmã do célebre marquês de Argyll, decapitado em 1661 por sua fidelidade ao presbiterianismo e à Solene Liga[15] e Aliança. Era, segundo um biógrafo recente, "uma senhora de piedade e valor incomuns, amiga constante de todos aqueles a quem o Salvador era precioso". Esses dois cristãos eminentes rivalizavam com Rutherford em promover entre os habitantes da região um espírito de verdadeira religião. Logo, porém, foram privados dessa felicidade: em menos de dois anos mudaram-se para Edimburgo, deixando Rutherford lutar sozinho — circunstância que depois ele descreveu como "a mais dura prova que encontrara desde que iniciara o ministério". Sua ausência na capital, contudo, não foi longa. Ao voltar, estabeleceram residência no castelo de Kenmure, a cerca de vinte milhas de Anwoth. Assim que soube da chegada, Rutherford escreveu a lady Kenmure com a seguinte saudação celestial: "Bendigo nosso Senhor Jesus Cristo, que vos trouxe de volta ao vosso país daquele lugar onde vistes com os próprios olhos o que antes vos ensinara a verdade de nosso Senhor: que a glória mundana não passa de vapor, sombra, espuma da água ou de algo ainda menor e mais leve, de nada, de fato; e que não foi sem motivo que nosso Senhor disse em sua palavra: 'A aparência deste mundo passa'".

É provável que Rutherford se expressasse assim em razão da ambição excessiva e do apego ao mundo que, por algum tempo, infelizmente se haviam evidenciado nas atividades de Kenmure. Em 1633, ele fora elevado ao pariato com o título de visconde Kenmure e alimentava a esperança de que as honras confiscadas da casa de Gowrie talvez pudessem ser restauradas em sua pessoa por direito materno. Vendera parte do patrimônio para ter como subornar o duque de Buckingham e promover sua pretensão ao condado. Diz-se que de fato lhe dera uma bolsa de ouro na noite anterior ao assassinato do duque.

O estado das coisas então estava longe de favorecer a preservação de um sentimento constante e imaculado de "religião pura e indefinida". Embora Kenmure não abandonasse de todo as restrições dos antigos "princípios teológicos e eclesiásticos", as marcas de favor e distinção recebidas do rei o levaram, por simples conveniência temporária e cálculo mundano, a negligenciar a religião e a igreja de Cristo a ponto de lançar as bases de um arrependimento que o afligiu até o dia da morte. Não queremos dizer que se aliasse à corte contra os interesses da igreja da Escócia; certamente, porém, não demonstrou o

15 Nota desta edição: Pacto de 1643 entre escoceses e forças parlamentares inglesas em torno da reforma religiosa e da causa política comum; distinto da Aliança Nacional escocesa de 1638.

zelo que se poderia esperar pela sua promoção e prosperidade. Deixou que outros lutassem e combatessem no calor do dia e, com aparente insensibilidade e indiferença, retirou-se do parlamento sem uma palavra de protesto para sua residência no campo. A lembrança dessa decisão amargurou até seus momentos finais. “Abandonei o parlamento”, disse, “por medo de incorrer no desagrado de meu soberano e de perder as honras futuras que eu certamente esperava!” Felizmente, não havia perdido de vista por completo seus interesses espirituais, como demonstra a escolha do sr. George Gillespie para capelão doméstico quando se afastou dos tumultos da vida política. A elevada capacidade acadêmica e espiritual de Gillespie o tornava especialmente apto a servir numa família empenhada em fazer o bem. Kenmure, porém, parece não ter se beneficiado como poderia do exemplo piedoso daquele bom homem. No leito de morte, dirigiu-se a Gillespie assim: “Quisera ter prestado mais atenção a muitas de vossas palavras. Poderia ter recebido bem pelos meios que Deus me deu, mas não os aproveitei”.

Durante o ano seguinte, continuou no campo, exceto por breve visita a Edimburgo, provavelmente ligada aos projetos de ascensão mundana. A Deus, porém, pareceu bem que não alcançasse honras mais altas neste mundo. Pouco mais de um ano após a sessão parlamentar mencionada, contraiu febre, antes de chegar à metade da vida. Isso aconteceu no fim de agosto de 1634. Antes, contudo, Deus se agradara em fazê-lo ver sua conduta de maneira salutar, e sentiu uma dor aguda no coração ao saber dos esforços que se fizeram e ainda se faziam para expor as leis e contrariar os efeitos do governo episcopal. “Deus sabe”, disse, “que abandonei o último parlamento em meio às temerosas lutas de minha consciência; minha própria luz me acusava por dentro, enquanto eu parecia alegre e contente diante dos homens”. Agora teria dado de bom grado todas as honras mundanas se pudesse desfazer ou revogar a anterior deserção de seu dever. “Senti”, disse, “o peso da ira de Deus por não dar testemunho do Senhor meu Deus, quando tive oportunidade no último parlamento. Por essa falta vil, quão feroz me pareceu a ira do Senhor! Por toda a terra, não repetiria o que fiz. Ai, ai das honras e de qualquer outra coisa comprada ao preço da consciência e do favor de Deus!” Mas não foi abandonado ao desespero. Seu Redentor tinha para ele pensamentos de paz e misericórdia. Providencialmente, quando a doença começava a adquirir aspecto alarmante, Rutherford veio visitar o castelo de Kenmure. Vendo pouca esperança de recuperação, o bom homem prolongou a estadia até a morte de Kenmure, cerca de duas semanas depois, em 12 de setembro de 1634.

A chegada de Rutherford trouxe grande alívio ao espírito de Kenmure. Seus olhos brilharam de alegria ao ver o ministro que ele ajudara a trazer à região, a quem muito estimava e em cujas conversas e atividades religiosas antes encontrara tanto prazer. Seria supérfluo, contudo, prosseguir aqui com o relato de sua morte, pois um registro minucioso e interessante será encontrado em seu Testemunho. Seria impróprio, porém, encerrar esta narrativa sem mencionar honrosamente sua amável e verdadeiramente piedosa esposa. Nada melhor que as palavras do próprio Kenmure. No leito de morte, “em diversas ocasiões e publicamente, deu testemunho amplo e honroso de sua santidade, bondade e respeitosa ternura; pediu-lhe com sinceridade perdão pelas vezes em que a ofendera e desejou que fizesse do Senhor seu consolo”. O Senhor lhe havia tirado todos os filhos, exceto um; cinco anos depois da morte de Kenmure, perdeu também o único filho sobrevivente. Mais tarde casou-se com o honorável Henry Montgomery, segundo filho do conde de Eglinton, amigo ativo e fiel da igreja de Cristo. A união, porém, durou pouco: logo ficou viúva novamente. Durante toda a vida foi exemplo de santidade e boas obras. Mostrou especial bondade para com aqueles que sofriam por motivo de consciência e haviam sido reduzidos à pobreza e ao exílio. Era eminentemente uma daquelas pessoas cuja nobreza não se encontra escrita “em pergaminhos velhos, apodrecidos ou carcomidos, mas é mais antiga que os céus”: consiste na adoção pela qual se tornam filhos de Deus, súditos do Rei dos reis e irmãos do eterno Filho de Deus.*

Embora o biografado não tenha propriamente sofrido perseguição pela causa de Cristo e de seu evangelho, experimentou fortes movimentos interiores do Espírito, que o repreenderam severamente pela falta de zelo na boa obra quando a ambição mundana o induziu ao silêncio. Isso ocorreu justamente quando tantos de sua posição avançaram corajosamente, declarando-se dispostos a perder tudo para

honrar o grande Rei e Cabeça da igreja. O relato seguinte de seus últimos dias mostrará claramente que, no leito de morte, lamentou amargamente essa falha e dela se arrependeu sinceramente.

No último dia de agosto de 1634, domingo do Senhor, quando as forças físicas desse nobre estavam muito reduzidas, recebeu a visita de um pastor religioso e erudito† que morava em Galloway, não longe da casa de Kenmure. Alegrou-se com a chegada e comentou a Providência que dirige e governa todas as coisas e lhe enviara tal homem. Após a ceia, Kenmure iniciou uma conversa: "Dois grandes fardos pesam sobre minha alma e me aterrorizam: um é o medo da morte, o outro, a dor corporal extrema e intensa. O primeiro, porém, é mais pesado que o segundo. Nunca imaginei que a morte tivesse semblante tão austero, sombrio, terrível e sinistro. Não ouso morrer, embora saiba que preciso morrer. Que farei? Não ouso travar luta com a morte, pois meus pecados me parecem tão graves e tão numerosos que temo estarem minhas contas confusas e desordenadas, e não como convém a um homem prestes a morrer".

O pastor respondeu: "Meu senhor, há em todos os homens, inclusive no crente, algo da natureza humana que faz a primeira visão da morte parecer terrível e assustadora. Oh, meu senhor, crede naquele que morreu por vós. Olhai uma segunda e uma terceira vez para o rosto da morte; se estiverdes em Cristo, vereis que Jesus pôs nela uma máscara branca. Ouso dizer que, se chegou a hora de vossa partida, confio em Deus que mudareis de opinião e de palavras. Se tiverdes um bom aliado no combate — e só Jesus Cristo o é —, vosso Senhor talvez permita que a consciência lute com o temor da morte, mas está atento para que a luta seja justa. Espero que Cristo Jesus não fique apenas como espectador, dizendo: 'Resolvei isso entre vós', como acontece na morte dos réprobos, mas vos preste auxílio, pois aqui toda a vossa força é força emprestada. Meu senhor, contudo, temo mais a causa de vosso medo da morte: a consciência dos pecados, como dissestes. Se eles foram removidos em Cristo, não pode haver processo entre vós e o Senhor, pois a morte perde sua ação legal contra vós, que estais em Cristo. Certificai-vos, portanto, disso e não temais".

Kenmure respondeu: "Vim a Deus tarde demais e adiei por tanto tempo o ajuste de minhas contas que temo ter o destino das virgens insensatas, que chegaram tarde à porta do noivo, bateram e não puderam entrar". O pastor disse: "Meu senhor, por experiência observei em diversas pessoas, especialmente em vosso pai, que, quando estavam mergulhadas até as orelhas no mundo, demolindo velhos celeiros e construindo novos, Deus veio em um mês ou menos e as arrancou das esperanças enganosas antes que provassem sequer metade de um bocado. É o que parece ocorrer convosco, meu senhor. Sabeis quanto vos envolvestes com o mundo, construindo, plantando, cercando terras e buscando honras; agora parece que vossa intimação vos chama para breve prazo". Kenmure respondeu: "É verdade que me ocupei dessas coisas, mas minhas intenções eram honestas: desejava apenas livrar-me de dívidas e negócios".

Não satisfeito com resposta tão simples, o pastor conduziu de novo a conversa ao temor da morte e à prestação de contas ao Senhor: "Meu senhor, sabeis que morrer é um dos mais graves assuntos a que já vos dedicastes, especialmente porque o juízo vem logo atrás da morte. As faltas da vida podem ser reparadas pelo arrependimento; um único passo errado na morte, porém, traz perda eterna, pois não há tempo nem lugar para lamentar uma morte má. Portanto, suplico-vos pelas misericórdias de Deus, por vosso comparecimento diante de Cristo, vosso juiz, e pela salvação de vossa alma: olhai antes de saltar e não vos aventureis na eternidade sem uma garantia assinada pela mão de Jesus Cristo".

Kenmure respondeu: "Quando começo a olhar para minha vida, penso que tudo nela está errado, e o atraso no ajuste de contas me aterroriza. Ficai comigo e mostrai-me os sinais de um filho de Deus; deveis ser meu aliado neste combate e velar por mim". Sua esposa disse: "Deveis ter Jesus Cristo como vosso aliado"; a isso ele respondeu de coração: "Amém". E perguntou: "Mas como saberei que estou em estado de graça? Até que tenha certeza, minha vontade continua a me oprimir. Nunca vistes em mim sinal algum da verdadeira graça; esse é meu único temor". O pastor disse: "Entristeceu-me ver-vos tão terrivelmente dominado pela tentação. Sabeis que, de viva voz ou por escrito, eu vos adverti fielmente que a situação chegaria a isso. Desejo que vossa alma seja profundamente humilhada pelo pecado.

Quanto à vossa pergunta, sempre julguei que amáveis os santos, mesmo os mais pobres e simples que traziam a imagem de Cristo, embora jamais pudessem servir-vos ou agradar-vos em coisa alguma. Por isso sabemos que passamos da morte para a vida: porque amamos os irmãos". Após algumas objeções, ele se convenceu. O pastor então perguntou: "Meu senhor, ousais agora renunciar à vossa parte em Cristo e assinar uma renúncia absoluta a ele?" Kenmure respondeu: "Oh, senhor, isso é duro demais. Espero que ele e eu ainda tenhamos muito a tratar; vou pensar antes de fazê-lo". Perguntou então: "Que sinal é saber distinguir um ministro chamado e enviado por Deus de um mercenário?" O pastor reconheceu ser também um bom sinal e lhe citou: "Minhas ovelhas conhecem minha voz".

Na segunda conversa, o ministro insistiu na necessidade de profunda humilhação: "Meu senhor, sabeis que Cristo precisa de almas assim para trabalhar, não das que se julgam sãs". Kenmure respondeu: "Deus sabe quanto isso é necessário. Oh, se eu pudesse ter a Cristo! Mas o pecado me faz duvidar de seu amor por um homem como tenho sido". "Desconfiai de vós mesmo, meu senhor", disse o pastor, "mas não de Jesus Cristo. Sabei que não pode haver encontro entre vós e Cristo, a menos que estejais cansado e sobrecarregado, pois a incumbência recebida do Pai se dirige somente aos que têm o coração quebrantado, aos cativos, aos prisioneiros e aos que choram em Sião". Então Kenmure, suspirando profundamente e em lágrimas, disse: "Que Deus me conceda isso!" Enumerou em seguida vários pecados que, segundo ele, "estão diante dos meus olhos como serpentes e crocodilos". E continuou: "Mas esse aviso de Deus veio de repente. Que farei? Tenho medo de morrer e não posso atravessar a morte nem contorná-la". O ministro respondeu: "Meu senhor, vós e a morte sois estranhos; ainda não a conheceis. Espero que conteis outra história antes de a peça terminar e que julgueis a morte uma doce mensageira que vem buscar-vos para a casa do Pai". Entre lágrimas, Kenmure disse: "Que Deus assim o faça!" e pediu ao pastor que orasse.

Na terceira conversa, Kenmure disse: "A morte me aperta. Oh, como é doce buscar a Deus enquanto se tem saúde e acertar as contas na prosperidade! Agora estou tão perturbado pela dor física que não consigo dispor o coração a pensar em minhas contas e na vida futura". O pastor observou: "Parte de vossa batalha é lutar contra a doença e a dor, tanto quanto contra o pecado e a morte, pois a doença também é uma tentação". Kenmure respondeu: "Prolonguei demais esta peça. Deus me deu trinta e cinco anos para arrepender-me e, ai de mim, desperdicei-os. Agora vejo uma cena horrível". Cobriu o rosto com um pano de linho e irrompeu em lágrimas, chorando amargamente. "Meu senhor", disse o pastor, "quem ainda pode seguir não ficou para trás. Não julgueis que seja tarde demais. A porta de Cristo ainda está entreaberta, e tendes tempo para entrar. Vosso tempo ainda não se esgotou. Já passou muito do meio-dia e a tarde avança, sim, aproxima-se o começo da noite; mas correi depressa para não terdes de dormir ao relento e perderdes a hospedagem". Erguendo os olhos ao céu, sua senhoria disse: "Senhor, como posso correr? Atrai-me, e correrei". O pastor, ao ouvir isso, pediu-lhe que orasse, mas ele não respondeu. Menos de uma hora depois, porém, na presença da esposa e do ministro, orou de modo piedoso e cheio de graça, com lágrimas. Em essência, lamentou a Deus a fraqueza de seu estado, por dentro e por fora: "Senhor, por fora a dor me oprime; por dentro, a tristeza e o medo. Não ouso bater à porta. Estou deitado diante dela e apenas arranho como posso, até que venhas buscar-me e me faças entrar. Não ouso falar. Olho para ti e espero um beijo do belo rosto de Cristo. Oh, quando virás?"

Na quarta conversa, chamou o pastor e disse: "Ordeno-vos que procureis um lugar secreto para orar a Deus por mim; levai outros convosco para vos ajudar e não façais disso mera formalidade. Sei que a oração trará Cristo do céu". "Meu senhor, o que pediremos a Deus por vós? Dai-nos a incumbência com vossas próprias palavras." Kenmure respondeu: "Ordeno-vos que digais ao meu amado que estou enfermo de amor". O pastor perguntou: "Pediremos vida e recuperação para vós?" "Sim, se for do agrado de Deus", respondeu, "pois agora temo menos a morte e penso que Deus está soltando as raízes dessa árvore profunda que é minha alma, tão firmemente presa a esta vida". O pastor disse: "Meu senhor, deveis fazer um pacto jurado com Deus: se ele vos restituir à vida, renovareis vossa obediência a ele, e Jesus Cristo será mais precioso para vossa alma que as honras, prazeres, reputação, posição, baronias,

terras e tudo quanto possuís". Antes de ele terminar, Kenmure disse: "Creio que sim, e tudo ainda seria pouco para ele. Pela graça de Deus, obrigo-me, sob pena de ira eterna, a guardar esse pacto se o Senhor me restaurar".

Depois disso, sua senhoria começou a alimentar esperança de recuperação e se tornou extremamente descuidado, negligente e espiritualmente inerte, raramente chamando o pastor. Assim continuou por dois dias, esperando restabelecer-se; mas de modo algum permitia que o ministro voltasse à igreja e ao rebanho antes de passar o dia do Senhor. Essa frieza entristeceu sua esposa, o pastor e os outros amigos que o amavam, pois viam como diminuíra seu cuidado com a alma. O pastor foi perguntar ao médico sua opinião, e ele respondeu claramente que só lhe restava a morte, certa caso a diarreia voltasse, como de fato voltou. O pastor foi então a Kenmure e disse: "Meu senhor, preciso vos comunicar algo importante". "Falai", respondeu ele. "Meu senhor, não percebeis uma tentação profunda e perigosa do diabo que enreda vossa alma. Concebestes esperança de voltar a esta vida, mas digo-vos que em breve comparecereis diante do Juiz dos vivos e dos mortos para receber julgamento e sentença conforme vossas obras. Tenho fundamento para dizer isso. Rogo-vos, portanto, pelo cuidado de vossa própria salvação, que não vos enganeis. Em breve o tempo se acabará para vós; a eternidade se aproxima, e a areia de vossa ampulheta está mais perto do fim do que imaginais. Satanás gostaria de levar-vos desta vida enquanto dormis". O médico confirmou essas palavras e também o advertiu fielmente do perigo da doença. Kenmure tomou a mão do pastor e disse que reconhecia ali um tratamento fiel e franco: "Este homem não se separará de mim até que a morte nos separe. Agora porei de lado tudo o mais; sei que uma só coisa é necessária. Foi apenas a insensatez de meu coração enganoso olhar para trás, para esta vida, quando eu já avançara tanto na viagem para o céu". Mandou todos sair do quarto, exceto o pastor, para conversar com ele sobre o estado de sua alma. Após orar, o pastor disse: "Meu senhor, percebo que me enganei e vossa senhoria também. Temo que vossa alegria não tenha raízes firmes e que vossa humilhação não tenha sido tão profunda quanto devia. Precisamos cavar mais fundo em busca de um fundamento mais baixo. Quando penso em vossa frieza na devoção e no descuido prematuro da tarefa indispensável de acertar as contas com vosso Juiz, por uma vã esperança de recuperação, vejo claramente que a obra ainda não está firme: há uma peça solta. Vossa senhoria sabe que esta igreja e este país se escandalizaram gravemente com muitos pecados grosseiros e públicos de vossa parte, tanto contra a primeira quanto contra a segunda tábua da lei". O pastor enumerou então vários casos e disse francamente: "Meu senhor, enganei-me sobre o estado de vossa alma porque nunca vos livrastes de muitos pecados dominantes e estimados sobre os quais vos falei e escrevi. Deveis lembrar-vos de como vos desagradou a carta severa em que tratei de diversos casos e de como, em vossa casa em Rusco, quase me censurastes por ela. Sempre vos achei engenhoso para desviar e encobrir tudo aquilo por que éreis repreendido. Entretanto, quando cheguei a esta região e vos aliastes excessivamente a um cavalheiro de vossa família que matara vilmente um homem, prometestes receber de bom grado minhas palavras francas sobre vossos erros". Kenmure então enumerou vários pecados terríveis; entre outros, confessou com sinceridade e franqueza a culpa por ter abandonado o último parlamento: "Deus sabe que o fiz em meio às temerosas lutas de minha consciência. Minha própria luz me acusava por dentro, enquanto eu parecia alegre e contente diante dos homens. Ainda assim o fiz por medo de despertar a indignação de meu príncipe e perder outras honras que certamente esperava. Mas ai, ai das honras e de qualquer outra coisa comprada ao preço da paz de consciência e do favor de Deus!"

Assustado e espantado com a enumeração daqueles pecados terríveis que Kenmure ocultara — apesar do que o pastor julgara serem bons indícios de graça verdadeira em sua alma —, o ministro se levantou, leu-lhe os oito primeiros versículos de Hebreus 6 e falou de quão longe os réprobos podem avançar no caminho do céu, provando a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro e, contudo, permanecendo verdadeiros réprobos. Citou ainda Apocalipse 21: "Quanto aos covardes, incrédulos, abomináveis e homicidas, sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; esta é a segunda morte". Descreveu-lhe o fogo eterno e, virando-lhe as costas, disse: "Agora, meu senhor, não tenho uma só

palavra de misericórdia do Senhor para vos dizer. Deus selou meus lábios, e não ouso falar-vos senão de uma coisa: a ira e o furor de Deus Todo-Poderoso". Ao ouvi-lo, Kenmure chorou e gritou tão alto que foi ouvido na sala contígua e em todas as casas ao redor. Disse: "Deus, armado de ira, vem contra mim para esmagar-me a cabeça. Quero morrer; não quero morrer; não ouso viver! Oh, que peso é a mão de um Deus irado! Que farei? Não há esperança de misericórdia?" Permaneceu longo tempo chorando em terrível agonia. Os que o assistiam correram ao quarto e disseram que o pastor não tinha habilidade e o mataria; outros lhe advertiram que certamente o lançaria no desespero. O pastor suportou as palavras sem se satisfazer com elas, retirou-se para um lugar tranquilo e pediu a Deus a salvação de Kenmure e palavras que pudesse dizer-lhe. Alguns o chamaram de miserável consolador. Depois veio outro ministro visitá-lo, e Kenmure lhe disse: "Ele me matou". Antes que o pastor pudesse defender-se, acrescentou: "Não ele, mas o Espírito de Deus nele". "Não", disse o pastor, "não fui eu, mas a lei que vos matou. E digo-vos outra vez, meu senhor: o Deus do céu move um terrível processo contra a casa de vosso pai e mantém uma profunda e sangrenta controvérsia com as pedras e os móveis da casa de Kenmure. Vosso nome, meu senhor, consta desse processo; vede como vos podeis livrar. Deus não se deixa escarnecer." O outro ministro lhe leu a história de Manassés, sua vida tão perversa e como o Senhor ouviu suas súplicas e lhe concedeu misericórdia. O primeiro pastor, porém, continuou a falar da ira e perguntou: "Meu senhor, sei que sofreis dores extremas no corpo e na mente. Que pensais do lago de fogo e enxofre, do fogo eterno e das trevas exteriores com o diabo e seus anjos?" Kenmure respondeu: "Ai de mim! Que posso pensar disso? Se permitisse que meus pensamentos se detivessem ali por algum tempo, creio que bastaria para me enlouquecer. Mas, rogo-vos, que fará minha alma?" O pastor disse: "Permaneço onde estava. Deus sabe que não dissimulo: não tenho uma palavra de misericórdia para vos dizer. Sei apenas que Cristo ainda não pronunciou a condenação contra vós; a sentença está suspensa. Portanto, chorai e lamentai por terdes ofendido vosso Deus". "Meu senhor", acrescentou, "se Cristo tivesse pronunciado sentença de condenação e viesse à vossa cabeceira comunicá-la, ainda o amaríeis, confiaríeis nele e vos apegaríeis a ele?" Kenmure disse: "Deus sabe que não ousaria contestá-lo. Mesmo que não me amasse, eu ainda o amaria; ainda que o Senhor me matasse, nele confiaria. Deitar-me-ei aos pés de Deus: que ele pise sobre mim. Se eu morrer, morrerei aos pés de Cristo". Ao ver que Kenmure reivindicava pertencer a Cristo e ouvi-lo clamar muitas vezes: "Oh, Filho de Deus, onde estás? Quando virás a mim? Oh, por um olhar de amor!", o pastor disse: "Será possível, meu senhor, que vós ameis e desejeis Cristo, e ele não vos ame e deseje? Pode o amor e a bondade existir apenas de vosso lado? Acaso vosso amor pobre, fraco e indigno é maior que o amor infinito, se ele disse: 'Pode uma mulher esquecer-se de seu filho de peito e deixar de compadecer-se do filho de seu ventre? Mesmo que ela se esqueça, eu não me esquecerei de ti'. 'Eis que te gravei nas palmas de minhas mãos.' Portanto, vosso amor e desejo por Cristo são fogo aceso por Deus. Persuadi-vos, meu senhor, de que estais gravado nas palmas das mãos de Deus".

Ouvindo isso, Kenmure sorriu de coração e olhou para um cavalheiro, bom cristão, a quem mandara assistir seu corpo até a hora da morte: "Estou escrito nas palmas das mãos de Cristo; ele não se esquecerá de mim. Não é uma conversa admirável?" Percebendo que ele enfraquecia, o pastor disse: "Meu senhor, aproxima-se a festa de casamento; preparai as vestes nupciais. Deixai de lado toda preocupação com os bens e com o mundo e entregai-vos à meditação, à oração e à conversa espiritual". Depois disso, observou-se que ele sempre se dedicava a esses exercícios. Mesmo quando ninguém estava perto, ouviam-no orar; muitas vezes, quando julgavam que dormia profundamente, estava em oração. Após dormir, chamou o pastor e disse: "Durante o sono, inquietou-me pensar que, estando em paz com Deus, não estou também em paz com os homens. Mandai chamar certo parente — com quem estou reconciliado — e um ministro que antes me ofendeu, para que eu lhes aperte a mão". Assim se fez prontamente. Quando o pregador chegou, Kenmure lhe disse: "Tenho motivo para me ofender convosco como homem natural, e agora faço por vós o que ninguém no mundo poderia persuadir-me a fazer. Mas o Espírito Santo me ordena, e devo obedecer. Portanto, perdoo-vos livremente, como desejaria que me perdoásseis. Ocupais posição eminente: andai diante de Deus, sede fiel à vossa vocação, cuidai dos

vossos passos, segui o caminho reto e mantende os olhos voltados para o alvo. Por nada neste mundo vos afasteis da santidade; tomai-me por exemplo". Quis que o pastor dormisse numa cama preparada no chão, ao lado dele, dentro do mesmo quarto e, contra a vontade do ministro, insistiu para que se deitasse e descansasse: "Vós e eu temos uma longa viagem a fazer; preparai-vos". Cerca de quatro noites antes da morte, quis brindar ao pastor com uma taça de vinho. O ministro respondeu: "Aceito-a, meu senhor, na esperança de que bebereis do rio puro da água da vida, que procede do trono de Deus e do Cordeiro". Quando a taça estava em sua mão, e sorrindo, disse: "Creio ter bons motivos para brindar-vos de boa vontade".

Depois de algum abatimento, o pastor disse: "Meu senhor, trago-vos notícias". Kenmure perguntou: "Quais?" O pastor respondeu: "Não temais a morte nem o juízo, pois o processo que vosso Juiz movia contra vós foi cancelado e rasgado em pedaços; Jesus Cristo o pisou sob os pés. Vossa acusação foi queimada". Kenmure disse com vigor e um sorriso: "Oh, que boa notícia! Então crerei e me alegrarei, pois estou certo de que Jesus Cristo e eu nos encontramos uma vez; não virá ele novamente?" O pastor disse: "Meu senhor, recebestes as primícias do Espírito, sua garantia; Cristo não perderá o penhor que deu. Portanto, o acordo entre vós e Cristo permanece". Kenmure perguntou-lhe: "Como é Cristo, para que eu o conheça?" "É semelhante ao amor e inteiramente amável", respondeu o pastor. "O amor não pode deixar de ser reconhecido onde quer que esteja. Meu senhor, se tivésseis agora em vossos braços o homem Cristo, não o apertaríeis ao coração, embora uma pontada vos doesse no peito e no lado?" Ele respondeu: "Deus sabe que esqueceria a dor e o apertaria ao coração. Sim, se tivesse meu coração na palma da mão, eu lho daria, e ainda o consideraria um presente indigno dele". Queixou-se de que Jesus Cristo vinha e partia. "Sinto minha alma afogar-se em tristeza", disse. "Quando o Senhor vem, não permanece muito tempo." O pastor respondeu: "Os que se cortejam não moram juntos; os casados estabelecem casa e não se separam. Jesus Cristo agora vos corteja; por isso, alimenta os seus com a fome, alimento que os faz crescer tanto quanto a percepção de sua presença".

Depois de um sono profundo, ao amanhecer, o pastor perguntou: "Meu senhor, onde repousou Cristo durante a noite? Não repousou vosso amado como um ramalhete de mirra entre vossos seios?" Ele respondeu: "Não, não entre os seios, mas, entre eles, encerrado no coração". Perguntou: "Quando se abrirá meu coração e se soltará minha língua para que eu possa expressar a doçura do amor de Deus pela minha alma?" Antes que o pastor dissesse alguma coisa, respondeu a si mesmo: "Quando o vento soprar". Indagaram-lhe o que pensava das cerimônias então introduzidas na igreja de Deus. "Penso, e minha consciência está convencida", disse, "que são supersticiosas, idólatras e anticristãs, vêm do inferno. Considero misericórdia que meus olhos não vejam a desolação que cairá sobre esta pobre igreja. O que se aproxima de vós é puro papismo. Que Deus me ajude! Que Deus perdoe a nobreza, pois seus membros são frios como pedra ou estão prontos a acolher o papismo, quando deveriam resistir! Ai de um ministério morto, oportunista e profano: não passa de uma matilha de cães mudos!" Chamou a esposa e um cavalheiro amigo dela que fizera longa viagem para encontrá-lo com o pastor, ordenando que fechassem a porta do quarto a todos os outros. Da cama, dirigiu-se ao cavalheiro: "Sempre fostes bondoso e honesto comigo durante toda a minha vida. Por isso, agora preciso dar-vos uma incumbência, que transmitireis a todos os nobres que conheceis. Contai-lhes quão pesado senti o peso da mão do Senhor por não dar testemunho do Senhor meu Deus quando tive oportunidade no último parlamento. Por essa falta vil, quão feroz senti a ira do Senhor meu Deus! Minha alma se agitou e rugiu; senti dor até o fundo do coração. Dizei-lhes que um dia estarão como eu estou agora. Encorajai os que permanecem firmes pelo Senhor. Dizei aos que falharam que, se desejam receber misericórdia quando estiverem como estou, devem arrepender-se e pedir misericórdia a Deus. Quisera Deus que eu tivesse outra oportunidade de testemunhar meu amor pelo Senhor! Por nada neste mundo repetiria o que fiz".

Na manhã de sexta-feira, 12 de setembro, dia de sua partida desta vida, disse ao pastor: "Esta noite cearei com Jesus Cristo no paraíso". Após a oração, comentou: "Tenho boa esperança de que Deus olha para mim, quando dá a seus servos tanta liberdade para orar em meu favor. Será possível que Jesus

Cristo me solte? Minha alma tampouco consegue desprender-se dele". Desejava ardentemente perceber a presença de Deus. O pastor disse: "E se isso, meu senhor, for adiado até chegardes à vossa casa, estardes diante do trono, vestido de branco, com a harpa na mão para cantar salvação ao Cordeiro e àquele que está assentado no trono? Isso é o céu; quem ousaria prometer-vos tal coisa na terra? Há algo de natural no desejo de sentir o amor de Deus, como uma maçã com que os filhos do Senhor gostam de brincar. Mas, se desejais essa percepção apenas como penhor de vossa salvação, pediremos ao Senhor por vós, e podeis licitamente orar por ela". Fizeram-se por ele orações fervorosas, e Kenmure declarou estar cheio da percepção do amor do Senhor. Perguntaram-lhe o que pensava do mundo. "É mais amargo que o fel e o absinto", respondeu. Perguntaram se agora temia a morte. "Já provei a morte", disse. "Não é nem um pouco amarga. Bem-vinda seja a mensageira de Jesus Cristo!" Nunca deixou de lamentar os pecados, sobretudo sua saída do parlamento. O pastor lhe disse: "Há um processo entre o Senhor e a casa de vosso pai, mas vosso nome foi retirado dele. Quão alto, quão alto foi o preço pelo qual vosso Salvador Jesus Cristo comprou o céu para vós!" "Sei que há ira contra a casa de meu pai, mas ganharei minha alma como despojo"; essas palavras estavam com frequência em sua boca. Muitas vezes também dizia: "Não é doce esta palavra de Deus: 'Tão certo como vivo, não tenho prazer na morte do pecador'? Não soltarei Cristo, a quem me agarrei: 'Ainda que ele me mate, nele confiarei'. Deitar-me-ei a seus pés e ali morrerei; ficarei junto à sua porta como mendigo, esperando por ele. Se não puder bater, poderei arranhar". Repetia ainda outra expressão: "Oh, Filho de Deus! Um olhar amoroso, um sorriso!" Depois de profunda meditação sobre a passagem desta vida, perguntou: "Como será Jesus Cristo quando vier?" Responderam: "Inteiramente amável". Nesse dia disse ao médico: "Pensei que a esta altura já teria partido". O pastor respondeu: "Meu senhor, não vos canseis do jugo do Senhor. Jesus Cristo corre para encontrar-vos; está a poucas milhas". Kenmure respondeu brandamente: "Esta é minha fraqueza. Esperarei; ele merece que se espere por ele. Embora demore, ouso dizer que vem saltando sobre os montes e pulando sobre as colinas. Quando chegar, não nos separaremos". O pastor disse: "Alguns se saciaram de Cristo nesta vida, embora ele muitas vezes se oculte dos seus. Até seus melhores santos, Jó, Davi, Jeremias e outros passaram por momentos de abandono". Sua senhoria respondeu: "Que são esses exemplos para mim? Não chego perto de Jó, Davi ou Jeremias em santidade". O ministro replicou: "É verdade, meu senhor, que não podeis dar passos tão largos quanto eles, mas seguis o mesmo caminho. Uma criança segue o pai por trás: embora não dê passos tão largos, isso não a impede de seguir o mesmo caminho. Vosso anseio vence a vossa fé; crede apenas em sua palavra. Desejais Cristo; crede que ele é fiel e virá depressa". Kenmure disse: "Creio que já é hora. Senhor Jesus, vem!" Então o pastor disse: "Meu senhor, quando estamos aflitos, nossa natureza pensa inteiramente em nosso livramento; Deus, porém, procura primeiro ser glorificado por nossa fé, paciência e esperança. Depois haverá tempo suficiente para sermos libertos". Ele respondeu: "Há boa razão para que meu Senhor seja servido primeiro. Senhor, concede-me esperar; apenas não me queimes até reduzir-me a escória". Outra pessoa disse: "Voltai os olhos, meu senhor, para o que recebestes e dai graças". Ao ouvir isso, começou imediatamente a louvar a Deus. Sentindo-se fraco e percebendo que a voz falhava, mais de uma hora antes da morte pediu que o pastor orasse, e ele o fez. Depois da oração, o ministro lhe gritou ao ouvido: "Meu senhor, podeis agora separar-vos de Cristo?" Ele nada disse; já não se esperava que voltasse a falar. Pouco depois, contudo, o ministro perguntou: "Percebeis algo do amor do Senhor?" "Percebo", respondeu. O pastor perguntou: "Não o desfrutais?" "Desfruto." "Então vos separareis de Cristo?", insistiu o pastor. "De modo algum", respondeu Kenmure. Foram suas últimas palavras; não pôde mais falar. O pastor perguntou então se deveria orar. Kenmure voltou os olhos para ele. Durante aquela última oração, os presentes o viram sorrir alegremente e erguer o olhar de modo glorioso; seu rosto parecia embelezado por certo esplendor, tão belo quanto em qualquer momento da vida. Expirou entre inspirações fortes e audíveis e soluços, sendo vigoroso de coração e de corpo, aos trinta e cinco anos. Seu último suspiro e a cessação do pulso — que o médico ainda segurava — coincidiram exatamente com o amém da oração. Assim morreu de modo doce e santo, em paz. Partiu por volta do pôr do sol de 12 de setembro de 1634.

"Bem-aventurados os que morrem no Senhor."

Robert Cunningham

NADA parece ser conhecido sobre o lugar de nascimento ou os primeiros anos desse homem piedoso. A primeira notícia que temos dele diz que, após preparar-se para o ministério, foi nomeado capelão de um regimento comandado pelo duque de Buccleugh, então na Holanda. Mais tarde estabeleceu-se como ministro em Holyrood, na Irlanda, algum tempo antes da nomeação do sr. Blair para Bangor. Com ele travou amizade que foi fonte de grande consolo e proveito para ambos.

Entregou-se tão inteiramente ao trabalho ministerial e tinha tanto prazer em pregar que, no púlpito, parecia peixe na água ou ave no ar. Considerava que ali um ministro cristão podia desfrutar muita comunhão com Cristo e, ao mesmo tempo, prestar-lhe o mais agradável dos serviços, sempre lembrando o que o Salvador dissera a Pedro: "Apascenta meus cordeiros; apascenta minhas ovelhas!"

Continuou a exercer fielmente o ministério em Holyrood como pastor do rebanho de que fora designado supervisor, até que vários irmãos foram depostos e expulsos pelos bispos. Nessa época, o bispo de Down ameaçou o sr. Blair com um processo contra ele próprio, Cunningham e outros. Blair respondeu: "Podeis fazer comigo e com alguns outros o que quiserdes; mas, se alguma vez tocardes no sr. Cunningham, vossa taça estará cheia". E, de fato, ele foi poupado por mais tempo do que os demais, o que trouxe grande bênção aos rebanhos: após a expulsão dos irmãos, pregava toda semana na igreja de um deles. A atividade intensa a que assim se submeteu, tanto em casa como fora, contudo, enfraqueceu aos poucos sua constituição, que nunca fora particularmente vigorosa.

Quando Blair e Livingstone foram intimados a comparecer perante o bispo para ouvir a sentença de deposição, foram na noite anterior despedir-se de Cunningham. Por isso, ficaram muito surpresos no dia seguinte ao vê-lo aproximar-se deles enquanto se dirigiam à igreja de Parphillips. Após cumprimentá-lo, perguntaram a razão da inesperada presença. Cunningham respondeu: "Fui perturbado a noite inteira por aquela passagem: 'Em minha primeira defesa, ninguém esteve ao meu lado'. Por isso vim ficar ao vosso lado". Como era muito desagradável ao clero prelatício da região, não se podia esperar que lhe permitissem exercer o ministério por muito tempo. Em agosto de 1636, foi expulso de seu posto juntamente com outros irmãos fiéis. Com o partido episcopal dominando de forma poderosa, e sem saber que crueldades ainda o aguardavam, cogitou por breve tempo emigrar para a Nova Inglaterra; a Providência, em sua sabedoria, mudou o rumo da intenção. Obrigado a deixar a Irlanda com vários irmãos perseguidos, desembarcou em Irvine, na Escócia. Ali contraiu febre e logo se despediu de todos os sofrimentos terrenos, em 27 de março de 1637.

Era homem sujeito a profundas lutas interiores. Embora às vezes se queixasse da falta de iluminação e auxílio divinos durante os serviços públicos, observava-se que justamente nessas ocasiões seus sermões eram especialmente edificantes e revigorantes: pregava como impelido por vento forte e usava expressões mais penetrantes que muitos outros. Na véspera da morte, membros do presbitério de Irvine o visitaram. Ele os exortou a permanecer fiéis a Cristo e à sua causa e a resistir ao Livro de Culto que então se impunha à igreja. "O bispo", disse, "tirou-me o ministério e, posso dizer, também a vida, pois o ministério me é mais precioso que a vida". Durante a doença, entre muitas outras expressões cheias de graça, disse: "Vejo Cristo de pé sobre a cabeça da Morte, dizendo: 'Trata meu servo com cuidado; solta este pino, depois aquele, pois seu tabernáculo deverá ser erguido novamente!'" Pouco antes da partida, enquanto a esposa estava sentada à cabeceira e segurava sua mão, Cunningham confiou em oração a Deus toda a igreja da Irlanda, a paróquia de Holyrood, os irmãos perseguidos e os filhos. Acrescentou: "Senhor, entrego-te esta senhora, que já não é minha esposa". Ao dizer isso, desprendeu suavemente a mão da dela e a afastou um pouco. A esposa e vários dos presentes irromperam em lágrimas; ele, porém, procurou consolá-los com muitas palavras celestiais. Como o antigo servo do Senhor, "tendo servido à sua geração segundo a vontade de Deus, adormeceu" e foi reunido aos seus pais.

James Mitchell

ESSE jovem exemplar era filho de James Mitchell de Dykes, administrador do conde de Eglinton, homem de singular piedade. O biografado nasceu por volta de 1621. Depois de receber educação ampla, foi enviado ainda muito novo à universidade de St. Andrews. Seu progresso nas letras foi tão rápido e seguro que, ao chegar ao décimo oitavo ano de vida, alcançara a distinta honra de mestre em artes.

Logo depois voltou à casa paterna, onde ficou quase dois anos e meio, prosseguindo nos estudos com diligência incansável, enquanto o Senhor abençoava seus esforços com êxito notável. Recebeu grande ajuda da bondade do sr. Robert Baillie, ministro de Kilwinning, que lhe emprestava livros, aconselhava-o e lhe indicava a ordem dos estudos.

Por essa época, lady Houston o escolheu para supervisionar a educação de seu filho mais velho na universidade. Ocupou-se disso por outros dois anos e meio, durante os quais o Senhor abençoou extraordinariamente os próprios estudos. Além da atenção de Baillie, recebeu especial consideração do sr. Dickson, então professor da universidade de Glasgow, e conseguiu passar pelas provas para o ministério de modo muito satisfatório. Depois de obter licença para pregar o evangelho, fez suas primeiras aparições públicas nas paróquias de Kilwinning e Stevenston. Demonstrou tamanha capacidade que todos os ouvintes deram graças por haver o Senhor chamado a seu serviço um homem que prometia ser tão útil no futuro.

No fim do outono de 1643, voltou a Glasgow com o aluno e aplicou-se com diligência incansável tanto ao próprio aprimoramento intelectual quanto ao do jovem confiado a seus cuidados. Pregou ali repetidas vezes e agradou, pelo modo de falar e pela doutrina, a todos os que amavam Cristo, sua causa e seu evangelho. Confirmando isso, três excelentes ministros daquele período — Baillie, Dickson e Ramsay — disseram ao pai que tinha muitos motivos para bendizer a Deus pelos talentos extraordinários concedidos ao filho e pelos dons e graças tão evidentes nele. Acrescentaram algo ainda mais importante: o Senhor havia de fato transformado seu coração para a salvação e tratava sua alma com muita graça.

Mitchell dedicava muito tempo à oração e ao estudo das Escrituras, cuja leitura se tornara seu prazer. O Senhor, porém, tinha outros desígnios para ele, e em pouco tempo todas aquelas elevadas esperanças para seu ministério se frustraram. Pela extrema abstinência, aplicação incansável aos estudos sem o exercício físico necessário, consumo excessivo de água e outras formas de descuido da saúde, contraiu uma doença que logo lhe pôs fim aos dias. A falta de apetite começou a consumir-lhe o corpo, e sua constituição cedeu rapidamente. Dickson ficou extremamente aflito ao ver seu estado e o recebeu em casa por quinze dias, esperando que melhorasse. Como não houve mudança favorável, Mitchell foi a Houston e ali permaneceu por período igual. Lady Houston e sua filha o cercaram de grandes cuidados, tanto pelos esforços dedicados ao jovem aluno como pelos raros dons e graças que Deus lhe concedera. Baillie estava então em Londres. Por fim, chamado pelo pai, Mitchell voltou para casa. Depois do primeiro dia de viagem, passou a noite com Ralston; o senhor de Ducathall, que estava ali, acompanhou-o pelo restante do caminho. A fraqueza era tamanha que precisava desmontar e descansar com frequência, incapaz de cavalgar mais de duas milhas por vez.

Ao chegar à casa do pai, levantou-se e se vestiu todos os dias durante quinze dias. Depois disso, até o dia da morte, dez semanas mais tarde, permaneceu continuamente acamado. Durante todo esse período, contudo, experimentou grandes medidas de misericórdia e graça, no corpo e na alma. Seu corpo, completamente exaurido, reduziu-se a um esqueleto, mas o rosto conservou até o fim uma expressão agradável, bela e corada. Nas últimas cinco ou seis semanas, três ou quatro pessoas, às vezes mais, cuidavam dele ao mesmo tempo, sem jamais se cansar. Ao contrário, eram diariamente revigoradas pelas muitas conversas sábias, doces e cheias de graça que saíam de sua boca. Suas últimas palavras foram: “Senhor, abre as portas para que eu entre!” Pouco depois, o pai perguntou-lhe o que fazia; Mitchell levantou as mãos e moveu todos os dedos em círculos. Assim, na presença de muitos vizinhos

honestos, entregou o espírito e foi descansar pouco depois do nascer do sol de 11 de junho de 1643, quando tinha apenas vinte e três anos.

Desse modo, na flor da juventude, essa pessoa amável encerrou a luta terrena e entrou na herança celestial: jovem em anos, mas cristão amadurecido. Observou-se que o Mestre divino lhe concedera três dons especiais: engenho inventivo notável, grande memória e facilidade de expressão. Entre outros frutos de sua meditação e indústria, preparou um modelo de pregação intitulado O método de pregar. Deixou também muitos outros manuscritos, nenhum dos quais foi publicado.

Durante a enfermidade, Mitchell demonstrou toda a paciência e submissão e nunca se ouviu sequer a menor queixa de sua boca. Muitas vezes julgava que valia a pena esperar o tempo de seu Mestre. Era frequentemente revigorado pela visão e pelas palavras de vizinhos bons e piedosos que vinham visitá-lo. Assim, tinha poucos motivos para se queixar, como Hemã: "Afastaste de mim o amigo e o companheiro; os meus conhecidos estão nas trevas".

Entre outras palavras cheias de graça, censurava muito a fala imprudente e desejava que esse hábito fosse corrigido, especialmente nos estudantes e jovens ministros, por não passar de espuma e vaidade de um espírito tolo. Lamentava o orgulho de muitos deles, que tomavam para si precedência que não lhes convinha. Muitas vezes censurou a si mesmo por ter agido assim, mas disse que pela força de Deus fora levado a mortificar tal disposição. Exortava frequentemente os pais a se tratarem como a palavra de Deus exige e, acima de tudo, a temerem a Deus e se alegrarem em sua palavra. Muitas vezes dizia que amava profundamente o Livro de Deus. Pedia-lhes que fossem fervorosos na oração, mostrando que ela era algo desconhecido, de outro mundo; que a influência da oração precisava vir do céu e que se devia lutar pelo espírito de súplica, sem o qual toda oração seria sem vida e meramente natural. Contou que certa vez, estando com lady Houston e alguns cavalheiros da região em Baglas, o espírito de oração e súplica foi derramado sobre ele com tanto poder e vida em dois dias diferentes, antes da refeição, que todos os presentes ficaram muito comovidos e derramaram abundantes lágrimas. À noite, porém, sentiu-se tão vazio e espiritualmente morto que não ousou orar em nenhuma das duas noites; foi dormir muito abatido e perturbado, sem que ninguém soubesse o motivo. Desde então, convenceu-se de que a disposição e a influência da oração espiritual e viva vêm apenas do céu, não de capacidades naturais humanas.

Certa vez, o senhor de Cunningham veio visitá-lo, como fazia com frequência. Mitchell enumerou todos os episódios notáveis da bondade e providência de Deus para com ele, especialmente desde que começara a enfraquecer: infinita misericórdia para sua alma, terna compaixão por seu corpo, paciência e submissão à vontade divina sem murmuração, serenidade sem irritação, paz sólida e constante por dentro e por fora. "Isso", disse, "vai muito além do modo como o Senhor trata muitos de seus santos queridos. Agora, senhor, não julgais que devo muito à bondade e benevolência de Deus, que me trata com tanta graça e ternura em todos os aspectos?" Depois disso, irrompeu em louvor a Deus de maneira doce e viva.

Em outra ocasião, na presença do mesmo senhor, Mitchell viu da cama o sol brilhar intensamente do outro lado da casa e disse: "Oh, que esplendor e glória terão um dia todos os santos eleitos e remidos! E quão maior será a glória do Criador, que a comunicará a todos os seus! Os pensamentos rasos dos homens, porém, não podem conceber sua excelência".

Noutra ocasião, presente o sr. Macqueen, o pai perguntou-lhe em que consistia nossa comunhão com Deus. Mitchell respondeu: "Na reconciliação e na paz com ele, primeiro efeito de nossa justificação". Observou então que há acesso a Deus e amor por ele, paciência e submissão à sua vontade, e assim por diante; depois o Senhor se manifesta a nós, como o próprio Cristo diz: "Sabereis que eu estou no Pai, e vós em mim, e eu em vós". E ainda: "Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele".

Certa manhã, disse a Hugh Macgavin e ao pai: “Não temo a morte, pois descanso na misericórdia infinita, alcançada pelo sangue do Cordeiro”. Falou então como para si mesmo: “Não temas, pequeno rebanho; aprouve ao Pai dar-vos o reino”. E perguntou: “Quem são os que pertencem a esse pequeno rebanho? Precisamente pecadores. ‘Não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento’”.

Noutra manhã, disse duas vezes: “Minha alma anseia pelo Senhor mais do que os que vigiam anseiam pela manhã”. Em outra ocasião, vendo o pai chorar, disse: “Não vos censuro pelo luto, pois sei que pensáveis que, com a bênção de Deus, eu poderia ter sido um filho que vos trouxesse consolo. Mas consolai-vos com isto: logo estarei no bendito descanso, num estado muito melhor do que posso alcançar nesta vida, livre do pecado e de toda miséria. Dentro de pouco tempo, vós me seguireis. Enquanto isso, fortalecei-vos no Senhor e não choreis como os que não têm esperança. Quanto motivo tenho para bendizer a Deus, que misericordiosamente me tira em tempo de todos os problemas e me receberá no céu tão bem como se eu tivesse pregado por quarenta anos! Ele sabia que eu pretendia, por sua graça, honrá-lo no ministério; tendo aceitado a intenção como obra, por que me queixaria? Agora estou pronto e disposto a partir e estar com Cristo, o que é muito melhor. Portanto, querido pai, consolai-vos com isso”.

Quanto ao pecado nos piedosos, o pai lhe disse: “Tenho certeza de que agora, tão perto da morte, já não sois perturbado pela corrupção”. Mitchell respondeu: “Estais completamente enganado. Enquanto meu pé permanecer nesta terra, ainda que a terra fosse transportada para cima das nuvens, minha mente não estará livre de pensamentos pecaminosos”. Algum tempo antes de morrer, começou a sofrer desmaios. Cerca de dez ou doze dias antes de sua partida, teve um acesso e ficou quase uma hora sem falar, de modo que nenhum dos presentes esperava vê-lo recuperar-se. Nesse meio-tempo, porém, estava absorto na contemplação divina. Por fim começou a voltar a si e, de coração expansivo, abriu a boca em exortações tão vivas que comoveram todos os presentes. Dirigindo-se ao pai, disse: “Alegrai-vos, senhor, ao ver vosso filho — sim, digo, vosso segundo filho — tornar-se um rei coroado!” À mãe disse: “Tende bom ânimo e não choreis por mim, pois me encontrareis na plena suficiência de Deus”. E exclamou: “Ó morte, por Jesus Cristo eu te desafio!” Disse aos que assistiam: “Senhores, esta será uma boa noite alegre e feliz!”

Nesse momento entrou o sr. Bell, a quem disse: “Senhor, sois bem-vindo como testemunha de que travarei meu último combate até o fim!” Depois disso, aquietou-se e descansou um pouco. Não mais de dois dias depois, quando o sr. Bell voltou para visitá-lo, Mitchell lhe disse: “Oh, senhor, como fiquei contente na última noite em que estivestes aqui, quando pensei que partiria, encontraria meu Mestre e desfrutaria sua presença para sempre! Mas entristeci muito ao perceber alguma melhora e que provavelmente viveria por mais tempo!” Ao sr. Gabriel Cunningham disse: “Oh, como seria doce para um homem adormecer para a morte nos braços de Cristo!” Proferiu muitas outras palavras vivas e consoladoras, das quais ninguém se lembrou; durante toda a enfermidade não passou um só dia sem que os cuidadores fossem revigorados por ele.

Na noite anterior à partida, sentiu grandes dores. Disse então: “Vejo que é verdade: precisamos entrar no céu através das aflições, mas o Senhor nos ajudará a atravessá-las”. E acrescentou: “Tenho muitas dores, mas misturadas com grande misericórdia e forte confiança”. Lembrou as palavras de John Knox no leito de morte: “Não dou grande importância à dor que porá fim a todos os meus problemas e dará início à felicidade eterna!” Suas últimas palavras foram: “Senhor, abre as portas para que eu entre!”

Alexander Henderson

É LAMENTÁVEL que não se possa obter relato autêntico sobre a família, o nascimento e a educação de Henderson. Segundo a tradição, era de origem humilde, filho de um feuar, detentor de terras mediante foro hereditário, e nasceu numa casa hoje demolida entre as aldeias de Lithrie e Brunton. A paróquia de Creich, em Fife, também reivindica a honra de ser seu lugar de nascimento; mas o ministro dali, após

longa pesquisa e exame paciente de tudo o que se relaciona à história de Henderson, não pôde chegar a essa conclusão. Os registros de batismo da paróquia não remontam além de 1688 ou 1668. Wodrow, em seu memorial ao dr. Fraser, diz: "Nasceu no ano de ——, de pais estimados, descendentes da família Fordel, de Fife, família antiga e respeitada". Chambers, biógrafo meticuloso e incansável, também escreveu sobre o assunto: "Quanto a mim, não tenho a menor dúvida de que Alexander Henderson pertencia à família Fordel". Os próprios Henderson, além disso, reivindicam parentesco com o pactuante e sempre se orgulharam de chamá-lo de membro de um ramo de sua família. O relato aceito, portanto, atribui-lhe essa origem; de sua inscrição tumular sabemos que nasceu em 1583.

A educação ampla que recebeu na juventude indica que seus pais tinham condições confortáveis. Também é evidente que foi destinado a uma das profissões eruditas. Tendo escolhido o ministério, foi enviado à universidade de St. Andrews e matriculou-se no colégio de St. Salvator em 19 de dezembro de 1599. Em 1603 obteve o grau de mestre em artes; em 1610, encontramo-lo como professor e também questor da Sociedade de Artes.

Nessa época, seus sentimentos favoreciam decididamente o episcopado. Ao ser admitido às ordens sagradas, o arcebispo o apresentou à paróquia de Leuchars,* no presbitério de St. Andrews. Como suas opiniões religiosas eram bem conhecidas, porém, fizeram-se todos os esforços para impedir sua instalação. No dia marcado para a ordenação, os paroquianos se reuniram em massa para se opor à posse. Tão forte era sua determinação que, embora não atacassem os clérigos presentes, as portas da igreja haviam sido trancadas por dentro, impedindo a entrada. Henderson e os amigos, contudo, estavam decididos. Entraram por uma janela, e as solenidades do dia se realizaram sem mais perturbações.

Ele era visto, porém, como intruso e mercenário, não como pastor das ovelhas; por isso, a maioria do povo não assistia a seus serviços. A situação não durou muito. Cerca de dois ou três anos depois, começou a mudar sua maneira de pensar. Tornou-se cada vez mais evidente seu desejo de guiar o povo pelo caminho da verdade e, antes que percebesse, encontrava-se entre os que mais se haviam oposto a ele.

Enquanto seu espírito estava assim indeciso, ocorreu um episódio muito notável que, embora aparentemente sem importância em si, parece claramente dirigido pelo céu.

Ao ouvir falar de uma celebração da comunhão nas proximidades, da qual o famoso sr. Bruce, ministro de Kinnaird, seria um dos assistentes, Henderson foi secretamente até lá. Não querendo chamar atenção, sentou-se num canto escuro da igreja, onde dificilmente seria visto ou reconhecido. Bruce subiu ao púlpito e fez breve pausa, como era seu costume, para surpresa de Henderson. Mais espantado ficou ao ouvir o texto escolhido: "Aquele que não entra pela porta, mas sobe por outra parte, esse é LADRÃO e SALTEADOR". Pela bênção de Deus e pela ação eficaz do Espírito Santo, aquelas palavras se apoderaram dele naquele instante e deixaram-lhe impressão tão profunda no coração que foram o primeiro meio de sua conversão a Cristo. Desde então, conservou grande afeto por Bruce e costumava mencioná-lo com sinais do mais alto respeito.

Henderson começou agora a considerar a conduta do partido dominante na igreja de modo diferente daquele com que a via antes, quando o guiavam o espírito mundano e a ambição. Julgou apropriado, contudo, examinar cuidadosamente a controvérsia. Concluiu que o episcopado não tinha autorização na palavra de Deus e era incompatível com a constituição reformada da Igreja da Escócia. Não tardou a ter ocasião de declarar publicamente a mudança de opinião e aparecer ao lado da causa que até então desfavorecera. Desde que o governo prelatício fora imposto à igreja, havia também um plano para fazer o culto assemelhar-se ao modelo inglês. Após vários passos preparatórios, convocou-se de súbito uma Assembleia em Perth, em 1618; nela, mediante influência extremamente imprópria, autorizaram-se várias inovações supersticiosas.* Entre os ministros que tiveram coragem de se opor a elas e

argumentaram com grande força de verdade, embora sem êxito, encontramos o nome de Alexander Henderson de Leuchars.

Em agosto de 1619, ele e outros dois ministros foram chamados perante o tribunal da alta comissão em St. Andrews. Acusavam-nos de compor e publicar um livro que demonstrava a nulidade da Assembleia de Perth e de arrecadar contribuições para custear a impressão. Compareceram e se defenderam com tamanha sabedoria que os bispos não puderam obter vantagem alguma. Foram, portanto, obrigados a dispensá-los com ameaças. Daquela época até 1637, não parece que Henderson tenha sofrido muito, embora continuasse sob vigilância desconfiada e enfrentasse restrições em seus esforços pela verdade e santidade. O período passado nesse retiro, embora obscuro nas páginas da história, não foi a parte menos útil de sua vida. Vivendo isolado na paróquia e excluído da direção dos assuntos eclesiásticos nacionais, teve tempo para aprofundar-se no vasto campo da teologia e da história da igreja, acumulando conhecimentos que mais tarde teria oportunidade de difundir. O cumprimento dos deveres pastorais lhe dava ocupação diária, e o êxito das visitas lhe proporcionava as satisfações mais puras. Além disso, encontrava-se ocasionalmente com irmãos de ideias semelhantes durante jejuns e comunhões. Por sermões e conversas, animavam-se mutuamente a permanecer nos bons e antigos princípios da Igreja da Escócia e uniam-se em súplicas fervorosas a Deus pelo remédio dos males sob os quais gemiam. Livingstone menciona Henderson entre os “ministros piedosos e capazes” que conheceu nessas ocasiões solenes, entre 1626 e 1630, “cuja lembrança”, diz, “é muito preciosa e revigorante”.

Chegou enfim a hora da libertação da Igreja da Escócia. Em 1636, enviou-se da Inglaterra um livro de cânones eclesiásticos e, no decorrer do mesmo ano, um livro de ordenação. Após certa demora, surgiu a liturgia anglo-papista, ou Livro de Culto, destinada a completar a mudança. Se a Escócia se tivesse submetido passivamente a esse jugo, talvez mais tarde suspirasse e lutasse em vão pela liberdade. Mas a maneira arbitrária como se impunham as inovações, tão ofensiva quanto seu conteúdo, somou-se à insatisfação causada pelas medidas anteriores da corte e dos bispos. Despertou repulsa geral e um espírito de oposição que não cessou antes que se varressem não apenas os atos contestados, mas se reduzisse a pó toda a estrutura do episcopado que durante tantos anos haviam procurado erguer. O tumulto causado pela primeira leitura da liturgia em Edimburgo, em 23 de julho de 1637,* recebeu relatos diversos. Henderson não participou dele nem de qualquer conluio ou conspiração, como alegaram seus inimigos; desde as primeiras notícias da mudança projetada, porém, expressou desaprovação e, depois que as medidas apareceram, não hesitou em expor publicamente suas tendências perigosas. Isso o tornou querido de uns e irritou contra ele o partido governante. Foi, por isso, escolhido entre os alvos de processos, a fim de dissuadir outros de imitar seu exemplo. O arcebispo de St. Andrews ordenou a Henderson e a mais dois ministros que cada um comprasse duas cópias da liturgia para uso da paróquia dentro de quinze dias, sob pena de serem declarados rebeldes. Henderson foi imediatamente a Edimburgo e, em 23 de agosto de 1637, apresentou ao conselho privado uma petição em seu nome e no dos irmãos, expondo suas objeções e pedindo a suspensão da ordem. A essa e a outras petições semelhantes vindas de diversas partes do país, o conselho deu resposta favorável e transmitiu a Londres um relato da aversão do povo à conformidade.

Assinatura da Aliança

Daí em diante, Henderson participou ativamente de todas as medidas dos peticionários contra a conformidade. Sua prudência e diligência muito contribuíram para levá-las a bom termo. Logo reconheceram seu valor e o empregaram nas questões mais importantes. Depois de os manterem algum tempo à espera com promessas, as reuniões dos peticionários foram subitamente proibidas por proclamação de Sua Majestade, sob pena de rebelião. Alarmados com o procedimento e convencidos de que não podiam confiar na corte, viram ser necessário encontrar outro meio de fortalecer sua união. O meio escolhido foi o mais adequado, tanto do ponto de vista divino como do humano. Recordaram que, em época anterior de grande perigo, a nação celebrara uma aliança solene, obrigando-se a permanecer na verdadeira religião protestante e a defender e apoiar uns aos outros nessa causa contra os inimigos

comuns. Concordaram, portanto, em renovar a aliança. Nomeou-se uma comissão para preparar uma minuta, que foi lida à assembleia geral dos peticionários e aprovada por unanimidade. Em substância, era a mesma Aliança Nacional[16] jurada por todas as classes e ratificada por todas as autoridades do reino no reinado anterior; mas foi também adaptada às corrupções introduzidas desde então e às circunstâncias dos pactuantes. Em 1º de março de 1688, milhares de nobres, proprietários, cidadãos, ministros do evangelho e pessoas comuns reunidos de todas as partes da Escócia a juraram de mãos erguidas e a assinaram na igreja de Greyfriars, em Edimburgo.* "Esse feito memorável", diz o sr. Laing, "cujos autores não convém esquecer, foi preparado por Alexander Henderson, líder do clero, e Archibald Johnson, depois chamado de Warriston, advogado em quem os suplicantes depositavam especial confiança; Balmerino, London e Rothes o revisaram".

A aliança foi assim aprovada e jurada por todas as classes do país. O rei enviou então o marquês de Hamilton para suprimi-la. Depois de várias conferências pouco frutíferas, o marquês disse aos partidários da medida que o livro de cânones e a liturgia seriam cancelados se renunciassem à aliança. A proposta não só os desagradou como os tornou ainda mais vigilantes na defesa e justificação daquele ato solene. Henderson recebeu novamente a tarefa e, pouco depois, apresentou ao público fundamentos e razões suficientes para não recuarem em nenhuma parte dela.

Algum tempo depois, as chamadas Mesas† dos peticionários, reunidos em Edimburgo para levar adiante a reforma, lamentaram que a cidade e o condado de Aberdeen, influenciados pelos argumentos de seus doutores, resistissem à obra e a combatessem. Enviaram alguns nobres com Henderson, Dickson e Cant para tentar persuadi-los. Ao chegar a Aberdeen, não lhes permitiram entrar em nenhuma igreja. Como o tempo estava favorável, os três ministros decidiram pregar no pátio e salão do conde Marischal. Pregaram por turnos: Dickson pela manhã a grande multidão, Cant ao meio-dia e Henderson à noite a audiência tão numerosa quanto a da manhã. Todos usaram os argumentos mais fortes para promover a assinatura da aliança. A pregação causou tal efeito no povo que, terminado o culto, cerca de quinhentas pessoas, algumas de alta posição, a assinaram.

Ali ocorreu também algo muito notável. Enquanto Henderson pregava à grande multidão, alguns zombavam. Um deles, o estudante John Logie, chegou a atirar torrões de terra nos comissários. Observou-se, porém, que poucos dias depois ele matou um menino. Embora naquela ocasião escapasse da justiça, mais tarde foi preso e executado, em 1644. Tal foi o destino de quem se mostrara tão ávido em perturbar o culto de Deus e escarnecer dos embaixadores de Jesus Cristo.

No mesmo ano de 1638, na famosa Assembleia Geral reunida em Glasgow — a primeira convocada após longo período —, Henderson foi escolhido moderador sem um único voto contrário. Tendo constituído a Assembleia em nome do Senhor Jesus Cristo por meio de oração solene, dirigiu aos membros um discurso elegante e apropriado. Durante todos os trabalhos justificou plenamente o bom conceito que os irmãos tinham dele. Tratou o comissário de Sua Majestade com o maior respeito e, ao mesmo tempo, com a independência e firmeza próprias do presidente de uma Assembleia livre. Sua conduta para com os nobres e proprietários que eram membros e para com os irmãos no ministério foi igualmente correta. Duas ocasiões puseram à prova sua prudência e capacidade: a dissolução prematura da Assembleia pelo comissário real e a excomunhão dos bispos. Convém relatar como agiu.

Embora o rei tivesse convocado a Assembleia, não pretendia permitir que ela discutisse livremente os assuntos eclesiásticos nem examinasse e corrigisse abusos. O marquês de Hamilton, comissário de Sua Majestade, fora instruído a não consentir formalmente em parte alguma dos procedimentos e, no momento oportuno, opor-se a todos. Os membros, por sua vez, consideravam-se uma Assembleia livre e estavam resolvidos a reivindicar e exercer a liberdade e o poder que possuíam conforme as leis do país,

16 Nota desta edição: Pacto escocês de 1638 que renovou a confissão de fé de 1581 e compromissos de defesa da religião reformada, contra as inovações religiosas de Charles I. Distingue-se da Solene Liga e Aliança de 1643. O ano "1688" adiante reproduz o PDF de base; a renovação aqui narrada ocorreu em 1638.

que ratificavam o governo presbiteriano e a liberdade de seus tribunais. A recusa dos bispos em reconhecer a jurisdição da Assembleia foi lida a repetidos pedidos do comissário. Em seguida, a Assembleia se preparava para votar sua competência para julgar as acusações apresentadas contra eles quando o comissário interveio: declarou que, se assim procedessem, não poderia permanecer, e entregou as concessões de Sua Majestade para serem lidas e registradas. Depois que o secretário as leu, o moderador dirigiu a Sua Graça um discurso grave e bem ponderado. Ao propor novamente a questão, porém, o comissário repetiu que teria de se retirar. "Desejo de todo o coração o contrário", disse Henderson, "e que Vossa Graça continue a honrar-nos com sua presença, sem obstruir o trabalho e a liberdade da Assembleia". Insistiu em vão com o moderador para que encerrasse a reunião com oração. Então, em nome de Sua Majestade, dissolveu a Assembleia e proibiu seus membros, sob as penas mais severas, de continuar reunidos.

Quando o comissário deixou o recinto, o moderador dirigiu à Assembleia palavras de encorajamento e lembrou o favor divino até então demonstrado em meio às maiores dificuldades. No começo da sessão seguinte, tornou a falar aos membros, lembrando-lhes que, nas circunstâncias em que se encontravam, deveriam prestar especial atenção à gravidade, à tranquilidade e à ordem. Esse conselho foi seguido cuidadosamente durante toda a longa Assembleia.

Concluídos os processos dos bispos, a Assembleia decidiu, ao fim da décima nona sessão, que o moderador pronunciaria publicamente no dia seguinte as sentenças contra eles, após pregar um sermão adequado à ocasião solene. No momento marcado, Henderson pregou diante de audiência muito numerosa sobre o Salmo 110:1: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos por estrado dos teus pés". Depois de narrar as medidas tomadas pela Assembleia e mandar ler um resumo das provas contra os bispos para esclarecimento do povo, "de maneira muito solene e temível", disse uma testemunha, "pronunciou as sentenças de deposição e excomunhão. Toda a Assembleia ficou profundamente comovida, tomada de sentimentos mesclados de admiração, compaixão e temor reverente".

No dia seguinte, foram apresentadas duas petições pedindo permissão para transferir Henderson de Leuchars: uma para St. Andrews, outra para Edimburgo. Ele não queria concordar com nenhuma, pois já era ministro daquela paróquia havia quase dezoito anos. Alegou que agora era planta velha demais para criar raízes em outro solo. Depois de vários dias de disputa entre os dois partidos, Edimburgo venceu por setenta e cinco votos, contra a vontade dele. Submeteu-se, porém, sob a condição de que, quando a velhice o alcançasse, pudesse ser transferido novamente para um encargo no campo. Ao fim da Assembleia, dirigiu aos membros um discurso competente e bastante longo. Pediu então a alguns deles que suprissem qualquer omissão sua e encerrou os trabalhos com oração, o canto do Salmo 133 e a bênção apostólica. A Assembleia se levantou em triunfo. "Agora derrubamos os muros de Jericó", disse Henderson enquanto os membros se erguiam. "Aquele que os reconstruir, guarde-se da maldição de Hiel, o betelita!"

Em 1639, integrou a comissão da igreja que tratou com o rei e seus representantes dos artigos de pacificação. Nessa difícil tarefa, agiu com grande prudência e franqueza.

Quando a Assembleia Geral se reuniu em Edimburgo, em 12 de agosto daquele ano, Henderson, moderador da reunião anterior, pregou sobre Atos 5:33: "Ouvindo eles isso, enfureceram-se e resolveram matá-los". Perto do fim do discurso, dirigiu-se a John, conde de Traquair e comissário de Sua Majestade: "Rogamos a Vossa Graça que cuide para que César receba o que lhe pertence, mas não o que é devido a Deus, por quem reinam os reis. Deus elevou Vossa Graça a muitos altos postos nestes poucos anos e continua a fazê-lo. Sede grato e esforçai-vos por exaltar o trono de Cristo. Quando os israelitas saíram do Egito, deram todo o ouro e a prata que haviam levado de lá para a construção do tabernáculo. Do mesmo modo, Vossa Graça deve empregar todas as suas capacidades e dons na edificação da Igreja de Deus nesta terra". Aos membros, disse: "Honrados, ilustres e reverendos senhores, prossegui com

zelo e constância. O verdadeiro zelo não esfria; quanto mais arde, mais fervoroso se torna. Se aprouver a Deus conservar por vosso intermédio a luz do evangelho e conceder-vos a honra de ser instrumentos de uma reforma abençoada, isso será útil e consolador para vós e vossos descendentes. Mas moderai sempre vosso zelo: ele é bom servo, porém mau senhor, como navio de velas enfunadas sem leme. Temos grande necessidade de prudência cristã, pois sabemos que alguns tentaram tirar vantagem de nós nessa questão. Por isso, mostremos ao mundo que o presbiterianismo, governo que defendemos na igreja, pode conviver muito bem com a monarquia no Estado. Assim obteremos o favor do rei, e Deus receberá a glória". Depois do discurso e da leitura das credenciais, Traquair pediu insistentemente que Henderson continuasse como moderador. Não se sabe se pretendia favorecer os desígnios de seu senhor ou se agia, como afirmou, por respeito à capacidade de Henderson. A Assembleia, porém, se opôs à proposta, pois favorecia excessivamente a ideia de moderação permanente, um dos primeiros passos para introduzir a prelazia. Ninguém se opôs mais do que o próprio Henderson; a proposta foi rejeitada.

Em 31 de agosto, Henderson também foi chamado a pregar na abertura do parlamento. Proferiu excelente discurso sobre 1 Timóteo 2:1–3,* tratando com maestria da finalidade, dos deveres e da utilidade dos magistrados.

Em 1640, o conselho municipal de Edimburgo o colocou à frente da universidade da cidade como reitor. Resolvera então tornar anual o cargo para aumentar sua eficácia. Não teve motivo para se arrepender da escolha. Deu-lhe autoridade para supervisionar todos os assuntos ligados à conduta do diretor e dos professores, à educação dos jovens, às receitas e assim por diante; para admoestar os infratores e, em caso de obstinação, comunicá-los ao conselho. Henderson parece ter exercido o cargo, por reeleições, até a morte e trabalhou diligentemente para promover os interesses daquela instituição de ensino.

Da supervisão dessa pacífica sede das letras e das funções pastorais, Henderson foi novamente chamado, contra a vontade, a participar ativamente dos negócios públicos. O rei, cedendo às insistentes solicitações do clero episcopal, recusou-se, apesar da promessa no recente acordo, a ratificar as decisões da Assembleia e do parlamento. Subitamente adiou as sessões do parlamento, declarou os escoceses rebeldes e se preparou para invadir novamente o país. O êxito do exército escocês, que entrou na Inglaterra em agosto de 1640, obrigou-o mais uma vez a aceitar propostas de paz. Iniciou-se em Ripon um tratado com esse objetivo, logo transferido para Londres. Henderson foi nomeado um dos comissários para a negociação e nessa ocasião se distinguiu como autor de um documento muito competente, que por fim foi encaminhado ao parlamento inglês em apoio aos comissários escoceses, em favor da "unidade religiosa e da uniformidade do governo da igreja nos dois reinos".

De fato, durante todos os nove meses de permanência em Londres para acompanhar a negociação, trabalhou arduamente. Ele e os irmãos, capelães dos comissários escoceses, alternavam-se na igreja de St. Antholine, que lhes fora destinada para o culto público; eram também frequentemente chamados a pregar em lugar dos ministros londrinos, tanto aos domingos como em outros dias. Henderson preparou vários tratados para impressão, publicados sem seu nome. Cabia-lhe revisar os documentos mais importantes dos comissários escoceses antes de serem entregues aos representantes e ao parlamento da Inglaterra; os que tratavam da religião eram de sua autoria.

Durante a estadia em Londres, teve uma audiência particular com o rei, especialmente para obter auxílio às universidades escocesas com as rendas antes atribuídas aos bispos. Foi recebido com gentileza e teve motivos para esperar que o pedido fosse atendido.

Voltou a Edimburgo por volta do fim de julho de 1641. A Assembleia Geral começara alguns dias antes em St. Andrews. O parlamento, reunido em Edimburgo, solicitara que ela se transferisse para lá, para conveniência dos que eram membros de ambos os órgãos. Os membros da Assembleia também desejavam que Henderson, ainda não regressado de Londres, a moderasse. Concordaram, portanto, em reunir-se em Edimburgo em 27 de julho e deixar o moderador anterior presidir até essa data. Henderson fora eleito membro da Assembleia; como não se sabia se poderia comparecer, porém, seus

eleitores também escolheram o sr. Fairfoul para substituí-lo na ausência, e este já ocupara o lugar em St. Andrews. Quando Henderson chegou, Fairfoul propôs ceder-lhe o assento. Calderwood se opôs vigorosamente, argumentando que suas credenciais não podiam mais ser aceitas; o próprio Henderson concordou com a objeção. A Assembleia, contudo, confirmou suas credenciais e, embora recusasse a função de moderador, elegeu-o por maioria de votos.

Henderson entregou à Assembleia uma carta que trouxera de vários ministros de Londres e das proximidades. Pediam aconselhamento sobre as opiniões de alguns irmãos favoráveis ao independencismo e ao governo popular na igreja. A Assembleia o instruiu a responder. Ele também propôs que se tomassem medidas para redigir uma Confissão de Fé, um Catecismo e um Diretório de Culto que a Inglaterra pudesse depois aceitar. A proposta foi aprovada por unanimidade, e a tarefa de prepará-los recaiu sobre seu autor. Recebeu permissão de abster-se de pregar quando precisasse dedicar-se ao assunto e de chamar ao auxílio os irmãos que escolhesse. Recusou a tarefa por julgá-la árdua demais, mas permaneceu incumbido dela. Sem dúvida, essa nomeação precoce contribuiu para prepará-lo a auxiliar no trabalho mais tarde realizado pela Assembleia de Westminster.

Antes do encerramento da Assembleia, pediu licença para sair de Edimburgo. Alegou que sua voz era fraca demais para qualquer das igrejas da cidade, que sua saúde ali era pior do que em qualquer outro lugar e que mantê-lo na cidade equivalia a matá-lo. Acrescentou que o ato de sua transferência de Leuchars continha uma cláusula expressa assegurando a liberdade que agora reivindicava. A petição deixou a Assembleia muito perplexa. Acabou sendo concedida; mas ele não julgou necessário exercê-la, ou foi persuadido a não fazê-lo.

O rei Charles foi à Escócia para assistir ao parlamento daquela época. No domingo seguinte à chegada, esteve pela manhã na igreja da Abadia e ouviu Henderson pregar sobre Romanos 11:36: “Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre. Amém”. À tarde não compareceu. Henderson conversou com ele a esse respeito, e depois o rei passou a comparecer regularmente. Nomeado seu capelão, Henderson conduzia de manhã e à noite o culto doméstico no palácio, segundo a forma escocesa. Sua Majestade assistia assiduamente, sem dar sinal de descontentamento ou escrúpulo pela falta de liturgia. Isso animou os escoceses a esperar que aceitaria facilmente a reforma do culto inglês. No último dia da sessão parlamentar, que por costume se celebrava com grande solenidade, o rei sentou-se no trono e os estamentos tomaram seus lugares. Henderson abriu com uma oração e, terminados os assuntos, encerrou a reunião com um sermão. As rendas dos bispados foram repartidas naquele parlamento. Henderson se empenhou em favor das universidades escocesas e, por sua influência, as receitas do bispado e do priorado de Edimburgo foram destinadas, não sem dificuldade, à universidade da cidade. Em recompensa por seus serviços trabalhosos e dispendiosos à causa pública, concederam-lhe também os rendimentos da capela real, cerca de quatro mil merks por ano.

Alguns amigos ficaram descontentes com sua conduta durante o parlamento, especialmente por tentar proteger da punição certas pessoas que haviam assumido compromissos hostis às recentes decisões nacionais. Circularam também rumores prejudiciais a seu caráter e à pureza de seus motivos, e, como costuma acontecer, foram aceitos com excessiva facilidade. Mas alguém que discordava das medidas em questão testemunhou que “sua grande honestidade e sua capacidade sem paralelo de servir a esta igreja e a este reino permaneceram sempre intactas”. Na Assembleia seguinte, Henderson fez longa e comovida defesa de sua conduta. Disse que algumas coisas pelas quais fora censurado haviam sido feitas pelos comissários da igreja, não por ele; que o pagamento recebido do rei pelo desempenho de um encargo trabalhoso não era uma pensão; que ainda não tocara nele; e que as calúnias injustas o afligiam. Depois de desabafar e receber a solidariedade dos irmãos e a garantia de sua confiança inabalável, recuperou a alegria.

Durante 1642, Henderson se ocupou da correspondência com a Inglaterra sobre reforma eclesiástica e união. O parlamento inglês, tendo abolido a prelazia, pediu que a Escócia enviasse alguns teólogos para

auxiliar no sínodo que decidira convocar. A comissão da igreja se reuniu e, autorizada pela Assembleia Geral anterior, nomeou pessoas para atuar como comissários e ir à Inglaterra quando fosse necessário. Henderson era uma delas. Não desejava a nomeação: protestou que na viagem anterior julgara que morreria antes de chegar a Londres. Por fim concordou, mas não sem se queixar de que alguns estavam prontos a lhe impor fardos pesados e depois inventar ou acolher rumores que feriam sua reputação.

As dissensões entre o rei e o parlamento, agora transformadas em guerra civil, impediram a viagem por algum tempo. Henderson desejava sinceramente empregar todos os meios apropriados para alcançar a reconciliação e se juntou a vários homens influentes num convite para que a rainha viesse à Escócia e ajudasse a promover a mediação. O rei rejeitou a proposta. Henderson foi então pessoalmente a Sua Majestade em Oxford com os comissários enviados para oferecer a mediação escocesa. A entrevista, porém, não produziu resultado favorável. De início, o rei o tratou com muita atenção e procurou convencê-lo da justiça de sua causa. Assim que percebeu que Henderson não aceitava sua versão, a conduta régia para com ele mudou completamente. O rei expressou profunda ofensa pelo interesse escocês na reforma da Inglaterra, defendeu o emprego de papistas no exército e negou aos comissários licença para seguir a Londres e negociar com o parlamento. Os habitantes de Oxford logo os insultaram nas ruas, e eles chegaram a temer pela segurança pessoal. Durante a estadia ali, alguns teólogos acadêmicos procuraram atraí-lo para uma controvérsia propondo-lhe perguntas sobre o governo eclesiástico. Henderson recusou a disputa e indicou que seus negócios eram com o rei. Ao voltar a Edimburgo, os comissários da igreja expressaram plena satisfação com sua missão. A Assembleia seguinte aprovou o parecer e declarou que sua conduta fora “fiel e sábia”.

Muito descontentes com o tratamento recebido por seus comissários em Oxford, os escoceses logo celebraram uma aliança muito estreita com o parlamento da Inglaterra. Em consequência disso, Henderson seria enviado novamente a Londres.

Nesse meio-tempo, ao voltar, foi escolhido moderador da Assembleia Geral de 1643. A reunião se tornou notável pela presença dos comissários ingleses Sir William Armyn, Sir Harry Vane, os srs. Hatcher e Darley, enviados pelo parlamento, juntamente com dois ministros, Stephen Marshall, presbiteriano, e Philip Nye, independente.* Essas pessoas foram enviadas à Assembleia Geral para solicitar auxílio e conselho nas circunstâncias urgentes dos dois reinos. Em sua presença, Henderson conduziu os trabalhos em sua função oficial com grande dignidade e decoro. Foi um dos primeiros nomeados comissários para ir, em resposta, ao parlamento e à Assembleia da Inglaterra. Pouco depois, Henderson e Gillespie, com os srs. Hatcher e Nye, partiram para Londres a fim de conseguir ali a ratificação da Solene Liga. Concordara-se em selar por esse ato a união dos dois reinos. Embarcaram em Leith em 30 de agosto. Os demais comissários ficaram para trás até que o documento retornasse. Ao chegar a Londres, onde se reunia a Assembleia de Teólogos, à qual deviam apresentar a situação da Igreja da Escócia, Henderson e seus irmãos receberam autorização do parlamento para participar da sessão seguinte. Henderson apresentou a autorização, e a Assembleia enviou três membros para introduzi-los. Quando entraram, o dr. Twisse, presidente, levantou-se, deu-lhes as boas-vindas em nome da Assembleia e os elogiou pelos perigos enfrentados em favor da causa pública, no mar e em terra. Conduziram-nos então a um lugar muito conveniente no recinto, que ocuparam daí em diante.

A Solene Liga já fora aprovada pelas duas casas do parlamento e pela venerável Assembleia. Em 25 de setembro, os membros desta, juntamente com os da Câmara dos Comuns, se reuniram em St. Margaret's, Westminster, para primeiro jurá-la e depois assiná-la. Imediatamente antes do ato solene, Henderson fez longo discurso sobre o que os escoceses haviam realizado e o bem que haviam recebido mediante tais alianças. Em seguida, leram a aliança do púlpito, artigo por artigo, enquanto todos permaneciam de pé, de cabeça descoberta e com a mão direita erguida em gesto de reverência e solenidade de juramento. Assinaram duzentos e vinte e dois membros do parlamento, assim como os teólogos da Assembleia e os comissários escoceses.

Durante os três anos seguintes, Henderson permaneceu em Londres, trabalhando sem descanso para ajudar a Assembleia a preparar os formulários públicos para a união religiosa entre os três reinos, jurada na Solene Liga. Por ser estrangeiro e, com os demais comissários escoceses, manter relação especial com a Assembleia, falava raramente nos debates. Mas não se calava quando era necessário defender os princípios da Igreja da Escócia e das outras igrejas reformadas contra imputações caluniosas. Certo dia, o sr. Nye procurou demonstrar que o método presbiteriano de submeter um reino inteiro a uma só Assembleia nacional era temível e prejudicial aos Estados e reinos civis. Henderson, indignado com tais palavras de alguém que se comprometera solenemente a preservar o governo da Igreja da Escócia, refutou a acusação com franqueza e calor. Protestou contra a tendência inflamatória daqueles discursos e mostrou que Nye caluniara não só a Igreja da Escócia, mas todas as igrejas reformadas. Sua sabedoria se manifestava em preservar a harmonia dos membros da Assembleia quanto às medidas necessárias à causa que todos haviam jurado promover. Enquanto se esforçava por conciliar as diferenças surgidas em torno de passos secundários, resistia firmemente a toda tentativa de introduzir princípios contrários aos da Igreja da Escócia e das demais igrejas reformadas e presbiterianas.

No começo de 1645, Henderson foi nomeado para auxiliar os comissários dos dois parlamentos nas negociações com o rei em Uxbridge. Os comissários parlamentares tinham instrução para exigir a abolição do episcopado e a ratificação do governo presbiteriano. Os representantes do rei se opuseram à abolição, e concordou-se em ouvir os teólogos de ambos os lados. Henderson abriu a discussão e apresentou os argumentos que julgava mais capazes de levar a questão ao rápido desfecho exigido pelas circunstâncias. O debate durou bastante tempo. Embora, como costuma ocorrer nessas ocasiões, ambos os partidos reivindicassem a vitória, na opinião de observadores que certamente não favoreciam por preconceito o direito divino do presbiterianismo, Henderson igualou os representantes do rei em erudição e os superou de longe em modéstia. Rompidas as negociações, voltou a Londres e continuou a auxiliar nos trabalhos da Assembleia de Teólogos.

Perto do fim daquele ano, julgou-se necessário que ele e alguns outros fossem à Escócia tentar melhorar as relações entre os nobres. Em consequência das aflições do país causadas pelas devastações do conde de Montrose, haviam surgido divisões e animosidades, fomentadas pelos artifícios secretos da corte. Quando estavam prestes a viajar, porém, Henderson foi retido por insistência dos ministros e da cidade de Londres. Eles afirmavam ser inconveniente sua ausência num momento crítico em que ainda estavam pendentes certas questões das quais dependia a uniformidade entre os reinos.

Na primavera de 1646, os negócios do rei estavam inteiramente arruinados. Sem aviso prévio, ele se entregou ao exército escocês, que se retirou com ele para Newcastle. Mal entrou na cidade, mandou chamar Henderson. Era um momento decisivo. A única medida que prometia estabilidade ao país e a restauração do exercício da autoridade régia era o pronto consentimento do rei ao estabelecimento da Reforma presbiteriana. Henderson foi considerado a pessoa mais apta a convencê-lo da necessidade de uma adesão rápida. Apesar de não estar em condições de viajar, atendeu ao pedido régio e chegou a Newcastle por volta de meados de maio.

Embora Sua Majestade o recebesse bem, Henderson logo percebeu, com profunda preocupação, que se enganara ao esperar que o rei aceitasse as exigências do parlamento. Charles declarou que não podia, em consciência, consentir na abolição do episcopado e propôs que Henderson debatesse diante dele com certos teólogos episcopais, cujos nomes lhe deu. Henderson recusou: não tinha autoridade para assumir a tarefa, que seria muito prejudicial aos interesses de Sua Majestade. Concordaram, portanto, que os escrúpulos do rei fossem discutidos numa série de documentos trocados em particular entre ambos. A correspondência se estendeu de 29 de maio a 15 de julho. Os documentos são oito: cinco de Sua Majestade, auxiliada no debate por Sir Robert Murray, e três de Henderson.

Infelizmente para o rei e, provavelmente, para a honra da Escócia, a saúde de Henderson cedeu nesse momento crítico ao peso esmagador da ansiedade mental e do esforço físico suportados durante anos de serviço público. Nunca fora robusto, e a saúde era precária desde a transferência para Edimburgo. Para recuperar as forças, que começaram a declinar ali, pedira à Assembleia permissão para retirar-se à paz e pureza de uma paróquia rural; mas a situação dos partidos na Inglaterra e na Escócia não o permitiu. O primeiro sintoma que alarmou seus amigos ocorreu por volta de meados de junho de 1645, quando um ataque prolongado, embora não agudo, de cálculos o manteve no quarto por vários dias. Cerca de quinze dias depois, as vias urinárias ficaram completamente obstruídas por algum tempo. "Isso", diz Baillie, "me assustou muito; mas agora, bendito seja Deus, ele está bem". Ao voltar a Edimburgo, recebeu convite para jantar na casa do bom amigo sr. Stewart, depois Sir James e posteriormente lord provost de Edimburgo. À mesa mostrou-se extremamente alegre e animado. Terminada a refeição, perguntou a Sir James se não o observara mais alegre que de costume. O amigo respondeu que ficara extremamente contente ao vê-lo tão bem. "Pois bem", disse Henderson, "estou perto do fim da carreira, apressando-me para casa. Nunca houve estudante mais ansioso pelo recreio do que eu por me despedir deste mundo. Dentro de poucos dias", mencionando a data, "adoecerei e morrerei. Durante a doença, terei muita dificuldade para conversar, mas desejo que fiqueis comigo o quanto puderdes, e vereis que tudo terminará bem". Tudo aconteceu como predissera. Em 19 de agosto, Henderson descansou de todos os trabalhos de uma vida útil e ativa.

Segundo o testemunho de vários irmãos que o visitaram no leito de morte, continuou a expressar o mais ardente desejo de que a obra da Reforma prosseguisse da maneira como começara. Para ele, a morte trouxe alívio da doença e da tristeza; para os amigos, foi um dos tristes presságios do mal que se aproximava.

Os restos mortais de Henderson foram sepultados no cemitério de St. Giles, perto da sepultura de seu companheiro de reforma na igreja escocesa. Quando o cemitério foi transformado na Praça do Parlamento, seu corpo foi transferido para Greyfriars, onde repousa na área funerária dos Henderson de Fordel. Seu sobrinho George Henderson ergueu-lhe um monumento adequado, que ainda permanece inteiro no lado sudoeste da igreja de Greyfriars.

Tão violento era o espírito de dissensão daqueles dias que, quando o partido episcopal ascendeu após a Restauração, seus membros apagaram a inscrição do monumento; desde então, porém, ela foi restaurada.

Com a morte de Henderson, a igreja e o reino sofreram perda grave. Os pactuantes lamentaram-na com razão. Perante a Assembleia Geral de 1647, Baillie pronunciou o seguinte elogio comovente, que não deixará de ser lido com o mais profundo interesse: "Tendo a morte levado um de meus queridos colegas, Henderson, permiti-me concluir com o ardente desejo de que aquela alma gloriosa e de digna memória, agora coroada com a recompensa de seus trabalhos por Deus e por nós, continue perfumada entre nós enquanto houver Assembleias livres e puras nesta terra — e espero que haja até a vinda de nosso Senhor. Sabeis que ele gastou as forças, consumiu os dias e exalou a vida no serviço de Deus e desta igreja. Isso nos obriga, e também à nossa posteridade, a considerá-lo o mais belo ornamento que a igreja da Escócia já teve depois do incomparável sr. John Knox".

Foi o primeiro entre os clérigos a produzir a centelha que incendiou o estopim no período mais sombrio da supremacia episcopal. Desafiando perigos e dificuldades sem conta, venceu o poder dos bispos quando tentavam obrigar os presbiterianos a usar o Livro de Culto. Restituiu à nação o inestimável privilégio de convocar Assembleias Gerais e deu forma à constituição de nossa igreja que, quase sem mudanças, a abençoou e sustentou até hoje. Pela moderação criteriosa nos conselhos deliberativos, pela perspicácia em descobrir e sugerir o caminho devido, pela influência pessoal como moderador constante, pela retidão dos propósitos e bondade de coração, sustentou a causa de seu partido,

desarmou o rancor dos adversários, conquistou a amizade do rei e lançou as primeiras sementes da liberdade civil e religiosa que a Revolução de 1688 amadureceu e confirmou.

Henderson nunca se casou. Pelo testamento registrado no tribunal comissarial de Edimburgo, parece ter possuído considerável fortuna. Deixou-a, à exceção de pequenos legados, a George Henderson, filho de seu irmão, que o acompanhou nos últimos anos. Além de muitos panfletos, discursos e sermões impressos, compostos no movimento de sua vida ativa, não deixou obras de referência que transmitissem seus grandes talentos e méritos à posteridade. "Mas enquanto a pureza de nosso estabelecimento presbiteriano permanecer", diz o dr. Aiton, "enquanto a Assembleia Geral de nossa igreja puder reunir-se; enquanto a Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Menor ocuparem em nossa estima lugar inferior apenas às Escrituras; e até que se esqueça a história da revolução no reinado de Charles I, a memória de ALEXANDER HENDERSON será respeitada, e todos os patriotas presbiterianos da Escócia continuarão gratos pela SEGUNDA REFORMA de nossa igreja, para cuja realização Henderson tanto contribuiu".

GEORGE GILLESPIE

ESTE eminente teólogo e autor era filho do sr. John Gillespie, que por algum tempo foi ministro do evangelho em Kircaldy. É muito provável que tenha nascido por volta de 1610 ou 1611, pois sabemos que, em 1637, sua célebre obra intitulada "Uma disputa contra as cerimônias papistas inglesas" etc. foi, por proclamação pública, proibida de ser lida, por ter ofendido o partido episcopal, então predominante na nação; e, naquela época, diz-se que Gillespie mal havia alcançado o vigésimo quinto ano de idade. Pode-se supor também que recebeu os rudimentos de sua educação em sua paróquia natal, de onde parece ter sido cedo enviado à Universidade de St. Andrews, na qual, segundo se relata, seu progresso foi tal que arrebatou a palma à maior parte de seus condiscípulos.

Sua admissão ao santo ministério ocorreu numa época em que os não conformistas não conseguiam ser designados a um cargo sem a sanção dos bispos; por isso, ao que parece, passou alguns anos, depois de receber licença, na condição de candidato ao ministério. Foi então, quando capelão na família do conde de Cassilis, que escreveu a publicação ofensiva a que aludimos; esta, sendo de qualidade demasiado corrosiva, não pôde ser digerida pelos estômagos fracos dos bispos. É certo também que foi capelão na família do visconde Kenmure por volta de 1634, como já mencionamos na vida daquele distinto nobre.

Passados alguns anos, contudo, foi por fim ordenado ministro de Wemyss, em Fife, em 26 de abril de 1638, sendo o primeiro daquele período admitido por um presbitério sem reconhecer os bispos. Gillespie começou então a empenhar-se de maneira muito destacada na defesa do presbiterianismo; e, na décima primeira sessão da memorável Assembleia realizada em Glasgow, em 1638, proferiu um sermão muito erudito e apropriado sobre estas palavras: "O coração do rei está na mão do Senhor, como os ribeiros de águas; ele o inclina para onde quer." Nesse discurso, o conde de Argyle entendeu que ele invadia de muito perto a prerrogativa régia e admoestou a Assembleia mui gravemente a esse respeito; todos receberam bem a admoestação, como se viu num pronunciamento do moderador em apoio dela.

Na Assembleia Geral reunida em Edimburgo, em 1641, foi apresentada à Assembleia uma convocação de Gillespie pela cidade de Aberdeen; mas, nessa ocasião, o lorde comissário e ele próprio defenderam tão bem sua causa que lhe foi permitido permanecer em Wemyss. Sua permanência, entretanto, não foi longa; pois a Assembleia Geral do ano seguinte ordenou sua transferência para a cidade de Edimburgo, onde parece ter continuado até o dia de sua morte, cerca de seis anos depois.

Gillespie foi um dos quatro ministros enviados como comissários da Igreja da Escócia à Assembleia de Westminster em 1643; ali demonstrou ser homem de grande talento e erudição, debatendo com uma clareza, força de argumentação e serenidade de espírito que poucos podiam igualar e ninguém superar. Em certa ocasião, quando estavam reunidos tanto o Parlamento quanto a Assembleia, foi proferido um

longo discurso, previamente preparado, em favor do erastianismo, ao qual nenhum dos irmãos parecia pronto a responder. Gillespie, instado pelos comissários escoceses, levantou-se e examinou a arenga de maneira tão magistral que refutou triunfalmente o conjunto; e o mais surpreendente foi que, embora Gillespie parecesse ocupado em tomar notas enquanto era proferido o discurso ao qual respondeu; aqueles que estavam sentados junto dele declararam que, ao olharem seu caderno, não encontraram coisa alguma escrita senão, aqui e ali: "Senhor, envia luz — Senhor, concede auxílio — Senhor, defende a tua própria causa!" etc.

Embora todos os nossos comissários escoceses tenham prestado auxílio na primeira elaboração dos Catecismos, da Confissão de Fé, do Diretório para o Culto e da Forma de Governo Eclesiástico de nossa igreja, posteriormente revistos e aprovados por aquela Assembleia, a assistência de ninguém foi de maior proveito que a de Gillespie.*

"Ninguém (diz um de seus colegas que estava presente), em toda a Assembleia, raciocinava com mais pertinência que Gillespie; é um jovem excelente; meu coração bendiz a Deus por ele." E quando a passagem de Atos 15:22 foi aduzida em apoio ao poder de ordenação, seguindo-se um debate muito animado, "o mui erudito e exato Gillespie", diz o sr. Baillie, "ornamento singular de nossa igreja, em comparação com quem ninguém na Assembleia falou com mais acerto nem com melhor acolhida de todos os ouvintes, mostrou que a palavra grega traduzida pelos episcopais como ordenação significava verdadeiramente escolha; e, além disso, que implicava os votos do povo na eleição de seus próprios oficiais." Em outro lugar diz a seu respeito: "Recebemos boa ajuda nos debates de nossa Assembleia do lorde Warriston, comissário ocasional, mas de ninguém mais que do nobre jovem Gillespie. Admiro seus dons e bendigo a Deus, assim por todos os meus colegas como por ele em particular, por ser, nesses dons, igual aos primeiros da Assembleia."

Depois de regressar da Assembleia de Westminster, ocupou-se da maioria dos assuntos públicos ligados à igreja até 1648, quando foi escolhido moderador da Assembleia Geral. Nessa Assembleia foram aprovados vários atos célebres em favor da obra pactuada de reforma — particularmente o referente ao compromisso ilícito contra a Inglaterra, então assumido pelo duque de Hamilton e pelos da facção maligna. Gillespie foi também um dos nomeados por essa Assembleia para prosseguir o tratado de uniformidade religiosa com a Inglaterra; mas, em pouco tempo, sua constituição cedeu, e ele morreu por volta de 17 de dezembro seguinte.

Numa carta a Gillespie, quando este se achava no leito de morte, Rutherford diz: "Não te entristeças; a vida da fé é agora requerida; o fazer jamais foi lançado em tua conta, embora Cristo, em ti e por teu intermédio, tenha feito mais do que por vinte, sim, por cem pastores piedosos e de cabelos grisalhos. Atenta para aquela palavra, Gálatas 2:20: 'Todavia vivo; não mais eu, mas Cristo vive em mim.'"

Durante a vida, esteve sempre firmemente apegado à obra da reforma, e assim permaneceu até o fim. Cerca de dois meses antes de falecer, enviou um documento à Comissão da Assembleia Geral, no qual advertia fielmente contra cada pecado e retrocesso que então percebia crescer na igreja e no Estado.

Assim morreu Gillespie, tendo apenas passado um pouco da flor da idade. Era excelente teólogo, homem de singular grandeza de ânimo e possuidor de grande liberdade de expressão. Em todas as ocasiões nas quais foi chamado a exercer sua função ministerial, deu provas notáveis de seus elevados talentos. A morte de ninguém naquela época foi mais lamentada que a sua; e tal era o reconhecimento público de seus méritos que o Comitê dos Estados, por ato datado de 20 de dezembro de 1648, ordenou "como reconhecimento de sua fidelidade em todas as incumbências públicas confiadas a ele por esta igreja, tanto no país quanto no exterior, de seus fiéis labores e incansável diligência em todos os exercícios de sua vocação ministerial, a serviço de seu Mestre, e de seus escritos eruditos publicados ao mundo, em cujos raros e proveitosos trabalhos, tanto pela igreja quanto pelo Estado, ele verdadeiramente se consumiu e encerrou seus dias, que a soma de mil libras esterlinas fosse dada à sua esposa e a seus filhos". Embora o Parlamento, entretanto, por seu ato de 8 de junho de 1650, tenha ratificado

unanimemente a resolução acima e recomendado ao seu comitê que a tornasse efetiva, Cromwell, tendo pouco depois usurpado as rédeas do governo, frustrou esse piedoso desígnio, como declarou posteriormente seu neto, o reverendo George Gillespie, ministro de Strathmiglo.

Além de "As cerimônias papistas inglesas", escreveu também "A vara de Arão florescendo", obra que, juntamente com suas questões diversas, impressas pela primeira vez em 1649, demonstra claramente que era homem de profundíssimo talento, erudição e capacidade.

Em sua Última Vontade, declarou que a expectativa da morte não o abalava na fé e na verdade de Cristo que havia professado e pregado; e tinha firme convicção de que o tão vilipendiado pacto e a reforma dos três reinos provinham de Deus e teriam um feliz desfecho. Não se arrependia de nenhuma prontidão ou zelo que demonstrara na promoção da gloriosa obra; e orava fervorosamente para que houvesse, entre os nobres que se erguiam pela verdade, um espírito tal que buscassem mais o conselho de Deus e se apoiassem menos em sua própria razão e entendimento." "Mas", conclui, "se houver retorno ao pecado de condescender com homens malignos e ímpios, então espero que irrompa a ira do Senhor até que não haja remédio."

JOHN M'CLELLAND

A PRIMEIRA notícia que temos deste firme defensor do presbiterianismo e fiel servo de Cristo é de quando trabalhava como mestre-escola num lugar chamado Newton, na Irlanda. Não parece haver registro de sua ascendência, nascimento ou primeira educação. Que suas realizações escolares, contudo, fossem de respeitável nível, pode-se presumir do fato de ter preparado para a universidade vários rapazes, dos quais se diz terem sido estudantes muito promissores. Depois de exercer por algum tempo essa humilde ocupação, foi submetido a exame para o ministério pelo presbitério de Down e, tendo sido considerado devidamente qualificado, recebeu licença para pregar o evangelho eterno. Não consta que tenha sido alguma vez separado para um cargo específico na Irlanda; antes, passou o tempo itinerando pelos limites do presbitério até que, chegando aos ouvidos dos bispos sua fidelidade e seu zelo no serviço de seu Mestre, foi por eles deposto e excomungado.

Ele foi um dos poucos irmãos fiéis daquele país que, após sua deposição e expulsão de seus benefícios, conceberam um plano de emigração para a Nova Inglaterra em 1636; mas, tendo este malogrado em consequência de uma tempestade que os obrigou a voltar à Irlanda, pregou por algum tempo em reuniões particulares pelos condados de Down, Tyrone e Donegal, até que, perseguido e caçado pela tirania episcopal, foi obrigado a buscar refúgio na Escócia, disfarçado. Por volta de 1638 foi ordenado ministro de Kirkcudbright, onde continuou a labutar com grande assiduidade até o dia de sua morte. Durante todo o tempo em que ocupou o cargo naquela paróquia, demonstrou zelo mais que comum, não só ao testemunhar contra as corrupções dos tempos, mas também mediante conduta e modo de viver irrepreensíveis, como alguém empenhado no avanço de todos os interesses da religião, tanto na vida particular como na pública.

Mas nem mesmo o comportamento pacífico e a vida piedosa de M'Clelland o protegeram da perseguição, vinda, ademais, de onde se poderia esperar coisa diversa. Guthrie, então ministro em Stirling e mais tarde bispo de Dunkeld, tendo ouvido falar da extraordinária diligência de M'Clelland na promoção da religião pessoal e familiar mediante o incentivo a reuniões de comunhão, ameaçou apresentar queixa contra ele perante a Assembleia Geral de 1639; segundo se dizia, por ressentimento contra o senhor de Leckie, firme defensor dessas reuniões. Tais assembleias particulares tornavam-se então muito comuns em toda a Escócia; e os membros de maior destaque, conscientes do grande bem que elas haviam realizado pela causa do presbiterianismo e pela consolidação da união entre os irmãos, propuseram, para evitar que a questão avançasse ainda mais, que M'Clelland, em suas ministrações públicas, inculcasse o dever e a necessidade da religião familiar, e que ele, Blair e Livingstone pregassem contra tais reuniões e outros abusos. Nenhum desses homens, porém, pôde ser persuadido a concordar; assim,

Guthrie cumpriu sua ameaça, apresentando de fato uma acusação contra os três perante a Assembleia de 1640, alegando que eram os únicos sustentadores dos conventículos[17] de que se queixava. M'Clelland empreendeu sua defesa com heroísmo cristão e pediu que uma comissão fosse designada para investigar a questão, e que os culpados fossem censurados, quer se revelassem as pessoas denunciadas, quer seus acusadores. Com isso, Guthrie, o conde de Seaforth e outros da coalizão ficaram tão irritados que por algum tempo nada se pôde ouvir na Assembleia, por causa do tumulto e da comoção provocados pela denúncia. Parece, entretanto, que a continuação da acusação foi abandonada nesse ponto.

Diz-se que M'Clelland por vezes foi dotado de espírito profético — e essa afirmação parece ter sido colhida de certas expressões que empregou certa vez em um de seus sermões — a saber: "Os juízos sobre a Inglaterra serão tão grandes que um homem poderá cavalgar cinquenta milhas pelas regiões mais bem povoadas da Inglaterra sem ouvir o canto de um galo, o latido de um cão ou ver o rosto de um homem"; e "se tivesse a melhor terra de toda a Inglaterra, vendê-la-ia por dois xelins o acre e consideraria ter feito um bom negócio".

Pouco mais se sabe desse bom homem em que se possa confiar com certeza. Depois de cumprir fielmente, por quase doze anos, seus deveres de ministro de Kirkcudbright e de prestar testemunho inabalável contra a introdução e o exercício não bíblicos do patronato, bem como a favor da obrigação perpétua da Liga e Pacto Solenes nestas terras, foi chamado ao lar de seu Pai, por volta de 1650, para a fruição plena daquilo que antes lhe fora concedido contemplar apenas em visão. Era homem de vida verdadeiramente apostólica, que não sabia o que era temer pessoa alguma na causa de Cristo; e foi admitido a uma comunhão mais próxima e íntima com seu divino Senhor e Mestre do que costuma caber até aos cristãos mais sinceros. "O segredo do Senhor é para os que o temem; e ele lhes fará conhecer o seu pacto." Sua providência graciosa e paternal está sempre voltada para eles, agindo em seu favor e cuidando deles.

Pouco antes de morrer, compôs os seguintes versos, que respiram as mais confiantes certezas da vida eterna pela justiça que há em Cristo Jesus:

> Vem, morte sem aguilhão, aproxima-te! Eis meu salvo-conduto,
> Em sangue inscrito pela mão daquele que era,
> Que é e que há de ser. Jordão, divide tua corrente —
> Abre leitos secos! Trago o nome de meu Pai
> Gravado na fronte. Arrebata-me minha coroa,
> Tão brilhante resplandeço. Caia toda glória — caia —
> Que este mundo possa dar! Vejo o porto sem igual,
> A rua de ouro, o refúgio das almas benditas,
> A árvore da vida — torrentes jorrando do trono
> Chamam-me às alegrias. Ide-vos, breves dores, ide-vos!
> Vivo para morrer — mas agora morro para viver —
> Agora desfruto mais do que podia crer.
> A promessa me envia à posse,
> A fé termina na fruição; a esperança, na visão.

DAVID CALDERWOOD

ESTE eminente historiador da igreja e sofredor pela causa de Cristo ocupa lugar de destaque nos anais da biografia eclesiástica. De sua primeira vida e de sua formação literária, porém, não podemos dizer

17 Nota desta edição: Reunião religiosa particular, frequentemente designada assim por seus opositores. No período das perseguições posteriores à Restauração, o termo também se aplica ao culto presbiteriano não autorizado, em casas ou ao ar livre.

mais que, após qualificar-se para o ministério e obter licença, foi designado ministro de Crailing, perto de Jedburgh. Ali pregou a palavra de Deus por considerável tempo, com grande sabedoria, zelo e diligência; e, como sábio ceifeiro, trouxe muitos feixes ao celeiro de Deus. Mas, sendo então um tempo em que a prelazia prevalecia grandemente na igreja e os ministros fiéis eram por toda parte expulsos e silenciados, ele e outros apresentaram sua recusa formal de jurisdição em 1608 e, em seguida, mandaram lavrar instrumento nas mãos de um tabelião, na presença de alguns magistrados e membros do conselho da cidade. Tendo os bispos enviado essa informação a Jaime, foram dadas instruções ao conselho para punir Calderwood e outro ministro com severidade exemplar. Pela influência do conde de Lothian junto ao chanceler em favor de Calderwood, contudo, a punição deles foi mitigada para o confinamento em suas próprias paróquias.

Sob essa triste restrição, Calderwood foi mantido prisioneiro em sua própria paróquia, mas depois recebeu intimação para comparecer perante o tribunal da alta comissão em St. Andrews no dia 8 de julho seguinte. Depois que a acusação foi lida e respondida, disse o rei: “Mas o que vos moveu a protestar?” “Uma cláusula acordada pelos Lordes dos Artigos”, respondeu Calderwood. “Mas que defeito encontrastes nela?”, disse o rei. “Ela suprime nossas Assembleias Gerais”, foi a resposta de Calderwood. O rei, segurando o protesto na mão, contestou-lhe então certas palavras da última cláusula; ao que Calderwood respondeu: “Qualquer que tenha sido a forma da expressão, nada mais quiseram dizer senão protestar que prestariam obediência passiva a sua majestade, mas não poderiam prestar obediência ativa a qualquer coisa ilícita decorrente daquele artigo.” “Obediência ativa e passiva!”, disse o rei. “Isto é, preferimos sofrer a praticar”, disse Calderwood. “Eu te direi, homem”, disse o rei, “o que é obediência: aquilo que o centurião disse aos seus servos: ‘A este homem: Vai, e ele vai; e àquele: Vem, e ele vem’; isso é obediência!” Calderwood respondeu: “Sofrer, senhor, também é obediência, embora não da mesma espécie; e aquela obediência não era absoluta, mas limitada, sujeita a uma contraordem de um poder superior.” “Fui informado”, disse o rei, “de que sois um recalcitrante; o bispo de Glasgow, vosso ordinário, o bispo de Caithness, que é o moderador, e vosso presbitério atestam que não observastes ordem alguma, não comparecestes nem ao presbitério nem ao sínodo e de modo algum vos conformais.” A isso Calderwood respondeu: “Estive confinado durante estes oito ou nove anos; portanto, minha conformidade ou falta dela nesse ponto mal poderia ser conhecida.” “Por minha fé, és um grande patife”, disse o rei; “vede esses falsos puritanos: estão sempre a brincar com equívocos!” Sua majestade perguntou então se ele se conformaria ou não, caso fosse solto; ao que Calderwood respondeu: “Sofro uma injustiça ao ser forçado a responder a tais perguntas, alheias à acusação.” Depois disso foi retirado.

Quando foi chamado novamente, comunicaram-lhe que, se não comparecesse aos sínodos e presbitérios entre aquele momento e outubro, se não se conformasse naquele prazo e não prometesse obediência daí em diante, o bispo de Glasgow o deporia. Calderwood pediu então licença para dirigir umas poucas palavras aos bispos; concedida a permissão, disse: “Não podeis suspender-me nem privar-me do cargo neste tribunal da alta comissão, pois neste tribunal não tendes poder algum senão por comissão de sua majestade; e sua majestade não pode comunicar-vos um poder que não reivindica para si.” A isso o rei sacudiu a cabeça e disse: “Não há bispos e pais na igreja, pessoas revestidas de poder e autoridade para suspender e depor?” “Não neste tribunal”, respondeu Calderwood. A essas palavras ergueu-se tamanho clamor no tribunal que ele foi obrigado a elevar a voz para ser ouvido. Por fim o rei perguntou se obedeceria à sentença. Ele respondeu: “Vossa sentença não é a sentença da igreja, mas uma sentença nula em si mesma; por isso não posso obedecer-lhe.” Então todas as bocas se abriram contra ele, injuriando-o e chamando-o de patife soberbo; alguns tiveram até a audácia de sacudi-lo pelos ombros da maneira mais insolente, até que por fim foi retirado uma segunda vez.

Trazido novamente à presença deles, foi pronunciada a sentença de deposição e ordenou-se que fosse mantido em prisão estrita na cadeia de St. Andrews até que fossem dadas novas ordens para seu banimento; em seguida, os bispos o insultaram, dizendo que merecia ser tratado como Ogilvy, o jesuíta enforcado por negar o poder do rei. Quando ia responder, o bispo de St. Andrews disse: “Nenhuma

resposta!"; e o secretário lançou-lhe em rosto: "Se quereis responder a alguma coisa, respondei à vossa acusação!" "A ela respondi há muito tempo", disse Calderwood; ao que o rei, enfurecido, gritou: "Levai-o daqui!" Então lorde Scone tomou-o pelo braço e o conduziu para fora, onde permaneceram algum tempo à espera dos oficiais da cidade. Nesse ínterim, Calderwood disse a Scone: "Meu senhor, não é a primeira tarefa semelhante que cai em vossas mãos!" "Tenho de servir ao rei", disse Scone. A alguns ministros que estavam perto, Calderwood disse: "Irmãos, tendes em mãos a causa de Cristo nesta reunião; não vos aterrorizeis com este espetáculo; mostrai-vos servos fiéis de vosso Mestre!" Como não se puderam obter então as chaves da cadeia, Scone levou-o à sua própria casa até que fossem encontradas; e, enquanto caminhavam, alguém interpelou Scone: "Para onde levais esse homem, meu senhor?" "Primeiro para a cadeia", respondeu sua senhoria, "e depois para a forca!"

Em razão da confusão e do barulho que se fizeram quando Calderwood esteve diante do rei, e das sugestões feitas a ele por alguns de seus irmãos, receou ter compreendido mal sua majestade; e por isso comunicou-lhe o mesmo por escrito,* declarando que fora tão perturbado pelos que o rodeavam que imaginara que sua majestade nada mais pretendia senão que ele reconhecesse a sentença pronunciada pelos bispos.

Calderwood foi mantido em prisão estrita, e na mesma tarde deu-se ordem para transferi-lo à cadeia de Edimburgo. Assim, foi entregue a dois guardas para ser conduzido até lá, embora diversas pessoas se oferecessem para prestar fiança por ele, a fim de que não deixasse o país. Mas não foi possível obter uma ordem do conselho para tal efeito; pois a intenção do rei era mantê-lo em prisão estrita até que um navio estivesse pronto para levá-lo primeiro a Londres e depois à Virgínia. A Providência, contudo, dispusera de outro modo; pois, atendidas as súplicas de várias petições em seu favor, foi solto da prisão, após lorde Cranstoun tornar-se fiador de que deixaria o país.†

Depois disso, foi com lorde Cranstoun ao encontro do rei em Carlisle, onde esse lorde apresentou uma petição em seu favor, para que ficasse apenas confinado à própria paróquia; mas o rei investiu tanto contra ele que por fim repeliu Cranstoun com o cotovelo. Calderwood insistiu ainda no adiamento do prazo de sua partida até o fim de abril, em razão da estação invernal, para que tivesse tempo de receber o estipêndio daquele ano. A isso respondeu o rei: "Ainda que tivesse de mendigar, não importava; da próxima vez conheceria melhor a si mesmo; e, quanto à estação do ano, se se afogasse no mar, poderia agradecer a Deus por ter escapado de uma morte pior." Cranstoun, porém, insistindo no adiamento, o rei respondeu: "Consultarei meus bispos." Dessa maneira, o prazo foi prorrogado até 1619, ano em que Calderwood escreveu um livro chamado Assembleia de Perth, sendo condenado pelo conselho em dezembro daquele ano; mas, como ele próprio diz, nem o livro nem o autor puderam ser encontrados, pois no agosto anterior embarcara para a Holanda.

Após a morte de Jaime, Calderwood regressou à sua terra natal, onde se manteve tão recolhido quanto possível. Sua principal residência foi Edimburgo, onde muito se empenhou em fortalecer as mãos dos não conformistas até depois de 1658, quando foi admitido como ministro de Pencaitland, em East Lothian.

Depois desse período, contribuiu muitíssimo para levar adiante a obra pactuada na Escócia; em primeiro lugar, participou ativamente da redação de alguns excelentes documentos que continham os registros da política eclesiástica entre 1576 e 1596, apresentados e lidos pelo sr. Johnston, secretário, à Assembleia Geral de Glasgow em 1638; depois, por recomendação da Assembleia Geral de 1646, foi incumbido de examinar a ordem da visitação das igrejas e das avaliações dos presbitérios e apresentar relatório a respeito à Assembleia seguinte; e, novamente, na Assembleia Geral de 1648, recebeu outra recomendação para redigir um esboço da forma de visitação das congregações particulares para a Assembleia seguinte. Foi também um dos designados, juntamente com o sr. Dickson, para redigir a forma do Diretório para o culto público de Deus, pela Assembleia Geral de 1643.

Depois de, com o apóstolo, gastar e deixar-se gastar pela causa e pelos interesses de Jesus Cristo, enquanto o exército inglês estava em Lothian, durante 1651, foi a Jedburgh, onde adoeceu e morreu em boa velhice. Era outro valoroso campeão da verdade que, ao defender a coroa e os interesses de Jesus Cristo, não sabia o que era deixar-se intimidar pela face e pelos semblantes carrancudos dos mais elevados e enfurecidos adversários.

Antes de ir para a Holanda, escreveu o livro intitulado Assembleia de Perth. Enquanto estava na Holanda, escreveu aquela erudita obra chamada Altare Damascenum, além de outros escritos em inglês, que em muito contribuíram para manter muitos no caminho reto naquele período de declínio. Depois de regressar, escreveu sua conhecida história de nossa igreja até o ano de 1625, cuja versão impressa é apenas um breve resumo do manuscrito, que, tanto no estilo como no modo de apresentação, lhe é muito superior.

HUGH BINNING

O BIOGRAFADO era o filho mais velho de John Binning de Dalvennan e Margaret M'Kell, filha de Matthew M'Kell, ministro de Bothwell, e irmã de Hugh M'Kell, um dos ministros de Edimburgo. O pai de Binning possuía uma propriedade nada pequena no condado de Ayr, o que lhe permitiu proporcionar ao filho uma educação liberal — cujos felizes efeitos cedo se tornaram evidentes; e é agradável observar que a grandeza de ânimo e o gênio que então revelou deram a seus pais a jubilosa esperança de que por fim se tornaria um útil e honrado ministro do evangelho. Na escola de gramática, progrediu tanto na língua latina e adquiriu tal conhecimento dos autores romanos que ultrapassou todos os colegas de classe, e até os que eram muito mais velhos que ele. Tinha aversão a todos os jogos e divertimentos juvenis; não por índole sombria ou taciturna, mas por estar convencido de que o tempo era precioso demais para ser desperdiçado; por isso, enquanto os demais alunos brincavam, empregava o tempo quer em comunhão secreta com Deus, quer em conversa com pessoas religiosas. A religião e seus exercícios eram sua escolha; assim, antes que outros começassem a pensar seriamente em sua condição perdida e arruinada por natureza, ele gozava de doce intimidade com seu Salvador e vivia em estreita comunhão com ele. Quando chegou ao décimo terceiro ou décimo quarto ano de idade, havia alcançado tamanha experiência nos caminhos de Deus que os cristãos mais criteriosos e provados do lugar confessavam ser muito edificados, fortalecidos e consolados por ele; mais ainda, que os estimulava a seus deveres religiosos, pois percebiam que eram largamente ultrapassados por um simples jovem.

Antes de completar catorze anos, iniciou o estudo de filosofia na Universidade de Glasgow, no qual fez progressos tão notáveis que atraiu a atenção tanto dos professores quanto dos condiscípulos; a estes deixou tão longe para trás quanto fizera com seus competidores mais jovens no estudo dos clássicos. Nas profundidades abstrusas da filosofia, que são tormento para uma inteligência lenta e capacidade fraca, mergulhava sem dor nem dificuldade; desse modo, conseguia fazer numa hora mais do que muitos conseguiam em vários dias de estudo severo e aplicação intensa. Apesar de tudo isso, jamais se exaltou em demasia, mas se conduzia com a humildade e condescendência devidas, sempre pronto a ajudar os que lhe solicitavam auxílio.

Tendo concluído o curso de filosofia, obteve o grau de mestre em artes antes dos dezenove anos; depois disso iniciou o estudo da teologia, com vistas a servir a Deus no santo ministério, tendo a mente ricamente provida do conhecimento das ciências liberais e profundamente impressionada pela importância eterna da religião. Nessa época surgiu uma vaga no colégio de Glasgow, pela renúncia do sr. James Dalrymple de Stair, que por algum tempo fora seu mestre. E, embora Binning só recentemente tivesse sido seu aluno, foi persuadido, após muitos rogos, a candidatar-se ao cargo.

Segundo o costume habitual, os mestres do colégio publicaram um programa e o enviaram a todas as universidades do Reino, convidando aqueles que desejassem disputar uma cátedra de filosofia a

apresentar-se diante deles e concorrer à posição; davam a garantia de que, sem parcialidade, o lugar seria conferido àquele que se mostrasse mais eminente em moral e saber.

Os ministros de Glasgow, considerando quanto interessava à igreja que pessoas bem qualificadas fossem colocadas na cátedra de filosofia, e sabendo que Binning era eminentemente piedoso, dotado de brilhante inteligência e também de sólido juízo, mantiveram frequentes conversas com ele para induzi-lo a inscrever-se entre os concorrentes. Tiveram muita dificuldade para vencer sua modéstia; mas por fim conseguiram que declarasse estar disposto a participar da disputa perante os mestres. Além de Binning, havia mais dois candidatos: um deles tinha poderosa influência junto ao dr. Strang, diretor do colégio; o outro era um erudito de grande capacidade. Binning, contudo, saiu-se tão bem em todas as partes da prova que, na opinião dos juízes, eclipsou de longe seus rivais; e, quanto ao ponto específico da erudição, eliminou toda sombra de hesitação e qualquer pretexto para considerar difícil a decisão. Não obstante, embora o doutor e alguns membros do corpo docente não pudessem alegar que seu candidato favorito se igualara, muito menos que fora superior na disputa, argumentaram que a pessoa que desejavam preferir, sendo filho de um cidadão, dispondo de suficiente competência no saber e tendo idade mais madura, possuía maior experiência do que se poderia supor em Binning e, por conseguinte, era mais qualificada para ensinar a juventude; ademais, visto que Binning havia sido apenas recentemente condiscípulo daqueles a quem seria designado para ensinar, não era de esperar que os estudantes se portassem para com ele com o respeito e a consideração devidos a um mestre. A isso, porém, respondeu-se que Binning era um estudioso tão completo, tão sábio e ponderado que se achava acima de todas as tolices e vaidades da juventude; e que a falta de anos era suficientemente compensada por seus dotes extraordinários e singulares. Então, um membro do corpo docente, percebendo que a contenda estava muito acirrada, propôs uma prova improvisada entre os dois candidatos, sobre qualquer assunto que os juízes desejassem indicar. Isso pôs fim à divisão entre eles; e aqueles que se haviam oposto a Binning, não querendo lançar seu amigo pela segunda vez contra tão hábil adversário, retiraram suas objeções.

Ainda não completara dezenove anos quando foi nomeado regente e professor de filosofia; e, embora não tivesse tempo de preparar sistematicamente parte alguma do curso, por ter de começar imediatamente a dar aulas, tamanha era a rapidez e fecundidade de seu gênio, a tenacidade de sua memória e a solidez de seu juízo, que seus ditados* aos alunos possuíam uma profundidade de saber e uma clareza de expressão raramente igualadas. Foi um dos primeiros na Escócia a começar a reformar a filosofia, livrando-a dos termos bárbaros e do jargão ininteligível dos escolásticos.

Permaneceu três anos nessa profissão e desempenhou sua responsabilidade de modo a obter o aplauso geral da universidade. Isso era ainda mais notável porque, havendo voltado seus pensamentos para o ministério, prosseguia ao mesmo tempo nos estudos teológicos, fazendo neles grande progresso; pois sua memória era tão retentiva que quase não esquecia coisa alguma que lesse ou ouvisse. Era-lhe fácil escrever qualquer sermão, depois de regressar de ouvi-lo, com tal extensão que mesmo o leitor inteligente e criterioso que o tivesse ouvido pregar mal conseguiria apontar uma só frase ausente.

Nesse período, deu plena prova de seu progresso e conhecimento em teologia numa composição sobre 2 Coríntios 5:14,† que enviou a uma senhora em Edimburgo para sua edificação particular. Tendo-a lido e supondo ser um sermão de algum ministro eminente do oeste da Escócia, ela a entregou ao então magistrado principal de Edimburgo, que a julgou da mesma maneira. Mas, quando regressou a Glasgow, descobriu seu erro quando Binning lhe pediu o escrito. Essa foi a primeira revelação que fizera de sua capacidade de explicar as Escrituras.

Ao fim dos três anos que passara como professor de filosofia, aconteceu ficar vaga a paróquia de Govan, adjacente à cidade de Glasgow e situada nos limites daquele presbitério. Antes disso, o diretor do colégio de Glasgow era também ministro de Govan.‡ Mas, como isso trazia inconvenientes, fez-se uma alteração; e o presbitério, tendo em vista suprir a vaga com Binning, submeteu-o a exame. Após receber licença, ele

pregou ali com grande satisfação do povo. Algum tempo depois foi chamado a ser ministro daquela paróquia. O presbitério acolheu esse chamado, e ele iniciou os exames para a ordenação, por volta do vigésimo segundo ano de idade, passando por eles com a aprovação unânime do presbitério, que deu testemunho de sua aptidão para ser um dos ministros da cidade na primeira vaga; ao mesmo tempo, pretendiam chamá-lo de volta à universidade tão logo a cátedra de teologia ficasse vaga.

Considerando sua idade, era um prodígio de saber; pois, antes dos vinte e seis anos, possuía um cabedal tão grande de conhecimentos úteis que foi chamado de "filólogo, filósofo e excelente teólogo"; e bem poderia ter sido ornamento da universidade mais famosa e florescente da Europa. Isso era ainda mais surpreendente em vista da fraqueza e enfermidade de seu corpo, que não lhe permitiam ler muito de uma só vez nem suportar a fadiga do estudo contínuo; tanto que seu saber parecia antes ter nascido com ele que ter sido adquirido pelo estudo árduo e laborioso.

Embora fosse naturalmente estudioso e dedicado ao cumprimento de todos os deveres ministeriais, voltou, ainda assim, os pensamentos para o casamento e desposou Barbara Simpson, excelente filha do sr. James Simpson, ministro na Irlanda. No dia em que se casaria, foi, acompanhado por seu amigo e alguns outros, entre os quais vários ministros, a uma congregação rural vizinha, no dia do sermão semanal. O ministro da paróquia adiou o culto até a chegada deles, com a intenção de obter o auxílio de algum dos ministros que esperava encontrar presentes; mas, como todos recusaram, tentou persuadir o noivo e conseguiu. Não lhe era difícil pregar com breve aviso. Depois de retirar-se por um pouco para meditar previamente e implorar a presença e o auxílio de seu Mestre (pois sempre temia estar sozinho nessa obra), subiu imediatamente ao púlpito e pregou sobre 1 Pedro 1:15: "Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver." E nessa ocasião foi tão extraordinariamente auxiliado que todos reconheceram que Deus verdadeiramente estava com ele.

Quando surgiram na igreja as infelizes divergências entre os partidários das Resoluções[18] e os Protestadores[19], Binning aderiu aos últimos. Essa distinção, contudo, mostrou ter consequências funestas. Ele percebeu alguns de seus males em seu próprio tempo e, possuindo espírito universal e conciliador, escreveu, com vistas a sanar as diferenças, um excelente tratado sobre o Amor Cristão, que contém muitas passagens vigorosas e comoventes, muito pertinentes ao assunto. Não era fomentador de facções, mas zelava pela tranquilidade pública. Era homem de princípios moderados e paixões temperadas, que nunca impunha sua vontade nem dominava os outros, antes escutava de bom grado os conselhos e sempre cedia à razão.

Foi no sábado, 19 de abril de 1651, que Cromwell chegou a Glasgow com a maior parte de seu exército; no dia seguinte esteve presente ao sermão na Igreja Principal, onde ouviu Robert Ramsay, John Carstairs e James Durham. Sua franqueza, entretanto, e sua liberdade de expressão ao condená-lo, a ele e a seu exército, por invadir a Escócia, não agradaram absolutamente a Cromwell; assim, convocou esses três e todos os demais clérigos da cidade para uma reunião em seus próprios aposentos, a fim de justificar a si e a seus aliados das acusações que lhes haviam sido feitas e, ao mesmo tempo, ouvir o que seus acusadores tinham a apresentar em defesa própria.

"Nessa conferência, que parece ter sido conduzida com moderação de ambas as partes", diz o dr. Leishman, "os que mais falaram em nome do clero escocês foram o sr. Patrick Gillespie, diretor da Universidade de Glasgow, e o sr. James Guthrie, ministro de Stirling, que perdeu a vida em Edimburgo pouco depois da Restauração. Do outro lado, os principais oradores foram o próprio Cromwell e o general Lambert, que, como muitos outros oficiais parlamentares, era pregador além de soldado. Alguns dos capelães de Cromwell também são apresentados como participantes da discussão, ao lado do

18 Nota desta edição: Partidários das Resoluções Públicas de 1650–51, que permitiam ampliar a participação no esforço de defesa do reino; opunham-se aos protestadores.

19 Nota desta edição: Partidários da Protestação no conflito presbiteriano escocês de meados do século XVII; opunham-se às Resoluções que readmitiam antigos opositores em cargos e forças do reino.

reverendo Hugh Binning. Diz-se que Cromwell ficou impressionado com a intrepidez e a capacidade de um ministro tão jovem. 'Quem é aquele jovem erudito e ousado?', perguntou. Quando lhe disseram que seu nome era Binning, respondeu: 'Ele amarrou bem [bound well]. Mas', acrescentou, levando ao mesmo tempo a mão à espada, 'isto soltará tudo de novo.'"

Depois de trabalhar quatro anos no ministério, servindo a Deus em seu espírito no evangelho de seu Filho, a quem pregava, advertindo a cada homem e ensinando a cada homem com grande sabedoria e liberdade ministerial, para apresentar todo homem perfeito em Cristo Jesus — fim pelo qual trabalhava, lutando segundo a operação daquele que nele operava poderosamente — morreu de tuberculose ao entrar no vigésimo sexto ano de idade, deixando atrás de si um suave aroma e uma carta de recomendação gravada no coração de seus ouvintes. Enquanto viveu, foi altamente valorizado e estimado, tendo sido instrumento bem-sucedido para salvar a si mesmo e aos que o ouviam, converter pecadores à justiça e aperfeiçoar os santos; e sua morte foi muito lamentada por todas as pessoas de bem que tiveram oportunidade de conhecê-lo. Era homem de piedade singular, de disposição humilde, mansa e pacífica, e pregador criterioso e vivaz. Era justamente considerado um prodígio por seus talentos naturais, por seu grande progresso no saber humano e pelo extenso conhecimento da teologia; mas era luz brilhante demais para resplandecer por longo tempo: ardeu com tamanha intensidade que logo se extinguiu. Agora, contudo, resplandece no reino de seu Pai de modo ainda mais notável e fulgente, como "o brilho do firmamento e como as estrelas para todo o sempre".

Os últimos sermões que pregou foram os sobre Romanos 8:14,15: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai." Concluiu o último desses discursos com uma reflexão sobre estas palavras: "Clamamos: Aba, Pai."

Foi sepultado no cemitério de Govan, onde o sr. Patrick Gillespie, então diretor da Universidade de Glasgow, às suas próprias custas, mandou erguer-lhe um monumento, no qual se encontra até hoje a seguinte inscrição em latim:

> HIC SITVS EST MR. HVGO BINNINGVS;
> VIR PIETATE, FACVNDIA, DOCTRINA
> CLARVS; PHILOLOGVS, PHILOSOPHVS,
> THEOLOGVS PÆSTANS; PRÆCO
> DENIQVE EVANGELII FIDELIS
> ET EXIMIVS. QVI E MEDIO RERVM CVRSV
> SVBLATVS, ANNO ÆTATIS 26, DOM.
> AVTEM 1653. MVTAVIT PATRIAM NON
> SOCIETATEM, EO QVOD VIVVS CVM
> DEO AMBVLAVIT. ET SI QVID VLTRA
> IMQVIRAS, CÆTERA SILEO; CVM NEO
> TV NEC MARMOR HOC
> CAPIAT.*

Deixou uma viúva desconsolada e um filho único, chamado John em homenagem ao avô, a quem este, ao morrer, deixou a propriedade de Dalvennan; mas, tendo John participado da insurreição de Bothwell Bridge, no ano de 1679, a propriedade foi confiscada, e ele permaneceu privado dela até 1690, quando, pelo décimo oitavo ato do Parlamento daquele ano, foram anulados os confiscos e multas decretados desde 1655 até o quinto dia de novembro de 1688. Sua viúva casou-se posteriormente com o sr. James Gordon, por algum tempo ministro presbiteriano em Comber, na Irlanda. Ela viveu até idade avançada e morreu em 1694 em Paisley, no condado de Renfrew, cerca de quatro ou cinco milhas de Govan. Quando o povo dessa paróquia soube disso, a grata memória que ainda guardava de seu digno pastor fez com que pedisse aos amigos da falecida permissão para lhe dar sepultamento digno e honroso junto ao

primeiro marido, assumindo todas as despesas do funeral — o que foi feito. E até hoje Binning é mencionado entre eles com particular veneração.

A primeira de suas obras impressas intitula-se “Os princípios comuns da religião cristã, claramente demonstrados e singularmente aplicados; ou um catecismo prático, no qual são solidamente estabelecidos alguns dos fundamentos mais importantes de nossa fé; e a doutrina segundo a piedade é apresentada ao coração de modo suave, porém penetrante, e tratada da maneira mais satisfatória”. No ano de 1670, outra obra póstuma foi impressa, intitulada “O santuário do pecador; contendo quarenta sermões sobre o oitavo capítulo da Epístola de João, capítulo primeiro e capítulo segundo, versículos 1, 2, 3”. O último tratado impresso é “Humilhação do coração, ou sermões diversos pregados sobre alguns textos escolhidos em várias ocasiões solenes”. Há também um valioso tratado sobre o Amor Cristão, composto de várias folhas escritas com letra muito pequena e dividido em capítulos, além de diversos sermões sobre temas mui edificantes, úteis e proveitosos para nossos tempos. Existe igualmente um livro publicado sob seu nome, em quarto, com cinquenta e uma páginas, intitulado “Um proveitoso caso de consciência, erudita e acuradamente discutido e resolvido, acerca de associações e alianças com idólatras, infiéis, hereges, malignos ou quaisquer outros inimigos conhecidos da verdade e da piedade”. Mas os mais conhecedores põem muito em dúvida que esse livro seja realmente de Binning.

ANDREW GRAY

NA BIOGRAFIA deste ilustre jovem teólogo, há incerteza quanto ao período exato de seu nascimento; mas, calculando retrospectivamente a partir da data de uma carta que dirigiu em seu leito de morte a lorde Warriston, em 7 de fevereiro de 1656, e tendo em mente que se tornou licenciado antes de completar vinte anos, e os dois anos e meio em que ocupou seu primeiro e único cargo, parece que deve ter nascido em 1633. Enviado muito cedo à escola, fez progressos tão rápidos que em tempo relativamente curto estava qualificado para ingressar na universidade; e ali, pela vivacidade de seu gênio, progrediu tanto no saber acadêmico quanto na teologia que, antes dos vinte anos, estava preparado para assumir o santo ofício do ministério.

Desde a mais tenra infância estudara as Escrituras; e, como outro jovem Sansão, o Espírito de Deus começou muito cedo a movê-lo; havia uma solenidade tão aprazível em seu modo de viver desde jovem que bem se poderia aplicar a ele o que Gregório Nazianzeno disse certa vez do grande Basílio: “Exibia saber superior à sua idade, e firmeza de costumes superior ao seu saber.”

Como vaso de barro assim cheio de tesouro celestial, logo recebeu licença para pregar e pouco depois foi chamado a ser ministro da Outer High Church de Glasgow, embora mal houvesse chegado aos vinte anos de idade e, portanto, estivesse consideravelmente abaixo da idade fixada pela constituição da igreja, salvo em casos extraordinários.

Mal entrara na vinha de seu Mestre, o povo de todas as partes acorreu a ouvir seus sermões; havia entre eles constante emulação para saber quem mais se colocaria sob as gotas refrigerantes de seu ministério. Certa vez, caminhava ele com seu erudito colega, o sr. Durham, pelo coro da igreja, e o sr. Durham, observando a multidão que se apinhava na igreja onde Gray iria pregar, enquanto apenas poucos entravam na sua própria, disse-lhe: “Irmão, vejo que tereis hoje uma igreja cheia.” Ao que Gray respondeu: “Na verdade, irmão, são insensatos por vos deixarem e virem a mim.” “De modo algum”, replicou Durham, “pois ninguém pode receber tal honra e êxito em seu ministério a menos que lhe sejam dados do céu. Alegro-me por Cristo ser pregado e por seu reino e seus interesses ganharem terreno; pois estou contente em ser qualquer coisa, ou nada, para que Cristo seja tudo em todos.”

Gray possuía dom extraordinariamente singular para pregar e muita experiência nos pontos mais misteriosos da prática e da profissão cristãs; com efeito, ao tratar de todos os assuntos, quer doutrinários, quer práticos, livre do pedantismo juvenil e da ostentação do saber humano, embora

dotado de gênio verdadeiramente clássico e de capacidades mais que comuns, superou muitos que haviam entrado na vinha do Senhor antes dele. Seu modo de se dirigir aos ouvintes era animado e arrebatador, muito apto a tocar-lhes o coração; recebeu tanto auxílio para inculcar as ameaças de Deus na consciência dos ouvintes que Durham, seu contemporâneo, observou "que muitas vezes ele lhes fazia arrepiar até os cabelos da cabeça".

Entre suas outras excelências na pregação, não era das menores esta: sabia tratar de qualquer assunto de modo a torná-lo aceitável a todos os gostos e inteligível à mais humilde capacidade. Aprendera Cristo de tal modo que a grande inclinação e o objetivo de sua pregação eram dar aos pecadores conhecimento do estado perigoso em que se achavam por natureza e persuadi-los a crer e a tomar posse da grande salvação.

Por esses dons singulares, era considerado uma luz ardente e resplandecente na igreja; mas lhe foi permitido permanecer apenas cerca de dois anos — como se o Espírito do Senhor acendesse uma lâmpada numa súbita chama que não haveria de permanecer muito tempo em sua igreja. A esse respeito, observa-se com muita pertinência no prefácio de alguns de seus sermões: "Quão despertador, convincente e repreensivo poderia ser o exemplo deste ministro tão jovem para muitos ministros do evangelho que há muito tempo estão na vinha, mas ficam muito aquém de seus labores e progressos! Deus julga conveniente, de tempos em tempos, levantar uma criança para repreender a indolência e a negligência de muitos milhares de idade avançada; e mostra que pode aperfeiçoar seu próprio louvor pela boca de pequeninos e crianças de peito."

Diz-se que Gray muitas vezes ansiava pelo vigésimo segundo ano de sua idade, por ter o pressentimento de que então descansaria de seus labores e, em jubileu perpétuo, desfrutaria para sempre de seu bendito Senhor e Mestre. E é certo que muitas vezes o encontramos em seus sermões orando ardentemente pelo tempo em que pudesse entrar na posse da herança celestial preparada para ele antes da fundação do mundo.

Em certa ocasião, navegando para Dundee na companhia do sr. Robert Fleming, ministro de Cambuslang, escapou por muito pouco de um túmulo nas águas. Essa notável intervenção da Providência em seu livramento forneceu-lhe motivo de gratidão que frequentemente desenvolveu ao longo da vida posterior.

Talvez se pergunte quais eram os sentimentos de Gray acerca das resoluções públicas, visto que ingressou no ministério cerca de três anos após terem sido tomadas. A isso se responde: quaisquer que tenham sido suas contendas públicas, está razoavelmente bem comprovado que se opôs calorosamente a seu colega Durham, suspeito de olhar favoravelmente para esses desvios. Foi conclusiva sua resposta a Durham quando este, estando Gray no leito de morte, lhe perguntou o que agora pensava dessas coisas: "Sou da mesma opinião que antes e lamento muito ter-me pronunciado tão pouco em público contra essas resoluções"; falou ao mesmo tempo de modo tão comovente de sua pecaminosidade e das calamidades que haveriam de causar que Durham, contrariamente ao que costumava fazer, jamais ousou depois falar em defesa delas.

Mas aproximava-se então o tempo em que o Senhor estava para realizar aquilo por que sua alma mais ansiosamente suspirava. Acometido de febre, padeceu por vários dias grandes sofrimentos corporais; sua mente, contudo, encontrava-se em perfeita quietude e serenidade. Assim, em muito pouco tempo lhe foi concedido passar pela morte até o Autor da vida — sua alma alçou voo, à precoce idade de vinte e dois anos, para os braços de seu Salvador, a quem servira tão fielmente em seu tempo e geração.

Era jovem muito singular e piedoso; e, embora tenha morrido cedo, era maduro na graça, tendo realizado muito por Deus em pouco tempo. Tanto na vida pública quanto na particular, possuía em alto grau todas as virtudes domésticas e sociais que poderiam adornar o caráter de um cristão e ministro: era marido amoroso,* amigo afável, sempre alegre e agradável na conversação, e sempre pronto a esforçar-se para aliviar os que solicitavam ajuda e dela necessitavam; ao passo que seus talentos

incomuns o tornavam estimado não só por seus irmãos, mas também por muitos outros de uma extremidade à outra do país, que o consideravam e estimavam como um dos mais capazes defensores da propagação e do avanço do reino de Cristo.

É de lamentar que suas palavras derradeiras não tenham sido registradas. Na breve, porém excelente carta que enviou pouco antes da morte a lorde Warriston, mostra que não só compreendia mais claramente a tolerância então concedida por Cromwell e os males que viriam sobre o país por todas essas coisas, mas também tinha plena consciência de seu próprio caso e condição. Isso se evidencia especialmente na conclusão da carta, na qual se dirige a sua senhoria nestes termos: "Agora, sem querer importunar vossa senhoria, a quem muito reverencio e a quem minha alma foi unida no Senhor, peço apenas que apresenteis meu caso ao grande Mestre dos requerimentos e exponhais meu estado quebrantado diante daquele que defendeu a causa desesperada de muitos, segundo a doce palavra de Lamentações 3:56: 'Ouviste a minha voz; não escondas o teu ouvido ao meu suspirar, ao meu clamor.' Isto é tudo por ora, da parte de alguém em condição muito debilitada, numa grande febre, que, por boa parte de sete noites, quase nada dormiu, além de muitas outras tristes particularidades e circunstâncias.

Seus conhecidos sermões foram impressos em vários tratados. Os chamados Obras de Gray são publicados num volume em oitavo. Além dos onze sermões impressos algum tempo atrás, publicou-se recentemente uma grande coleção, num total de cinquenta e um, intitulada seus Sermões Seletos; nela foram inseridos apenas três dos que haviam sido publicados antes, por motivo de encadeamento, e sua carta a lorde Warriston. A esta altura, a maioria, senão todos, os sermões que ele alguma vez pregou estão impressos. Suas obras o louvam às portas; e, embora estejam livres das especulações metafísicas das escolas, deve-se reconhecer que as excelências dos antigos pais e escolásticos se concentram nelas. Sua doutrina é clara e compreensível; suas repreensões, ponderosas; suas exortações, poderosíssimas; e, embora, segundo o modo da época em que viveu, possam parecer deficientes em encadeamento e correção de estilo, essas falhas são mais que compensadas pela agradável variedade e excelência das verdades que contêm. Como os gratos aromas de uma profusão de flores ou a deliciosa harmonia de sons concordes, jamais deixam de comunicar felicidade à alma renovada.

JAMES DURHAM

ESTE reformador de conduta tão exemplar era o filho mais velho de John Durham, Esq., de Easter Powrie, e descendia em linha direta da antiga e honrada família de Grange Durham, na paróquia de Monyfeith e condado de Angus — propriedade hoje conhecida pelo nome de Wedderburn. Diz-se que nasceu por volta do ano de 1622; mas todos os seus biógrafos guardam silêncio a respeito de seus primeiros anos, salvo no assentimento unânime quanto à sua diligência juvenil, tendo sido aluno apto e bem-sucedido.

Não parece que tivesse em vista o ministério durante seus estudos acadêmicos, pois deixou a universidade sem se graduar e foi viver como cavalheiro particular em sua propriedade rural, onde se casou com uma filha do senhor de Dantervie, a qual, juntamente com sua mãe, é descrita como mulher muito piedosa. Em razão dos preconceitos da educação recebida na infância, não via então com bons olhos a forma presbiteriana de governo eclesiástico.

Antes de unir-se a essa excelente senhora, embora não fosse culpado de nenhuma transgressão flagrante e manifesta da lei de Deus, era bastante alheio à religião viva: tinha apenas nome de vivo, quando na realidade estava morto em delitos e pecados. Desde cedo se inclinara ao episcopado e, por isso, contentava-se com uma forma exterior de piedade, embora lhe faltasse o poder salvador dela. Mas não havia de permanecer muito tempo nesse estado: o Espírito de Deus o assinalara para desígnios de graça, e ele estava destinado a tomar em breve parte ativa na causa do presbiterianismo.

Sua conversão, portanto, deu-se por um incidente um tanto singular. Estando em visita, com a esposa, à sogra, na paróquia de Abercorn, no condado de Linlithgow, e coincidindo a ocasião com a celebração da comunhão, foi persuadido, após muita insistência, a pedido da esposa e da mãe, a ir à igreja no sábado. O ministro que oficiou naquele dia prendeu tão eficazmente a atenção de Durham que ele se sentiu profundamente tocado. Já não foram necessárias súplicas para induzi-lo a voltar no dia do Senhor. Tendo-se levantado cedo de manhã, dirigiu-se à igreja com os amigos; ali um sermão pregado pelo reverendo sr. Melville foi instrumental, nas mãos do Espírito, para levá-lo a unir-se a Cristo e receber o selo da aliança, obedecendo ao convite do Salvador: "Fazei isto em memória de mim!" O discurso do sr. Melville, naquela ocasião, baseava-se em 1 Pedro 2:7: "Para vós, portanto, os que credes, ele é precioso; mas, para os desobedientes, a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra principal da esquina", etc. Desde então, quando falava de Melville, Durham geralmente o chamava de pai. A partir daí fez da religião sua ocupação diária e abraçou cordialmente a Cristo e sua igreja, conforme então estabelecida. A leitura e a meditação tornaram-se seu único deleite; e, para poder desfrutá-las sem perturbação, mandou construir para si um gabinete particular, onde tantas vezes se aplicava com tamanha seriedade que frequentemente se esquecia da hora das refeições e às vezes nem sequer respondia ao criado enviado para avisá-lo.

Por esse modo de recolhimento, tornou-se não apenas cristão de experiência, mas também homem muito erudito, pronto para o debate e perfeito conhecedor da teologia polêmica.* Tal era também sua reputação na região que o povo frequentemente o escolhia como árbitro para resolver quaisquer disputas surgidas entre eles, e todos se curvavam submissamente à sua decisão. Nesse sentido, bem se lhe poderiam aplicar as palavras de Jó: "Os homens lhe davam ouvidos e esperavam, e guardavam silêncio diante de seu conselho."

Durante as guerras civis, tomou armas, com muitos outros cavalheiros, pela causa da religião, e foi escolhido capitão de uma companhia. Nessa condição poderia ser considerado outro Cornélio, pois era homem devotíssimo, que não apenas temia a Deus com toda a sua casa, mas também orava com sua companhia e a exortava seriamente acerca dos interesses de suas almas.

As circunstâncias de seu chamado ao ministério foram um tanto singulares. Quando o exército escocês estava prestes a entrar em combate com o inglês, julgou conveniente convocar sua companhia à oração antes do enfrentamento; e, ao começar, o sr. David Dickson, então professor de teologia em Glasgow, passando junto ao exército, vendo os soldados em oração e ouvindo a voz de alguém que orava, aproximou-se, desmontou do cavalo e juntou-se a eles. Ficou tão cativado pela oração de Durham que, logo em seguida, foi procurá-lo e solenemente o incumbiu de dedicar-se ao ministério tão logo aquilo terminasse, pois julgava que o Senhor o chamava para tal. Embora Durham ainda não estivesse plenamente resolvido a seguir o conselho do sr. Dickson, duas notáveis providências ocorridas logo depois em breve o induziram à obediência. A primeira foi que, no combate, seu cavalo foi atingido a tiros debaixo dele, ao passo que ele foi misericordiosamente preservado; a segunda, que, no calor da batalha, um soldado inglês, prestes a abatê-lo com a espada, julgando-o ministro por sua compostura grave, suas vestes pretas e sua gola, então em moda entre os cavalheiros, perguntou-lhe se era sacerdote. Durham respondeu: "Sou um dos sacerdotes de Deus"; e assim sua vida foi poupada. Refletindo sobre quão maravilhosamente o Senhor o salvara e sobre o fato de que sua declaração de ser sacerdote fora a causa de sua preservação, resolveu de imediato, em testemunho de gratidão pela bondade do Senhor, dedicar-se doravante ao serviço dele no santo ministério, se ele julgasse conveniente qualificá-lo para isso.

Em cumprimento dessa resolução, pouco depois foi a Glasgow, estudou teologia sob a orientação de seu respeitado amigo e progrediu de tal modo que se apresentou a exame em 1646 e foi licenciado pelo presbitério de Irvine para pregar o evangelho. No ano seguinte, por recomendação do sr. Dickson, o consistório de Glasgow encarregou o sr. Ramsay, um dos ministros, de pedir a Durham que viesse à cidade pregar. Ele veio, pois, e pregou em dois dias do Senhor e num dia de semana; o consistório, plenamente satisfeito com sua doutrina e com os dons que o Senhor lhe concedera para servi-lo no

ministério, chamou-o por unanimidade à igreja dos Blackfriars, então vaga, para a qual foi ordenado em novembro de 1647.

Aplicou-se à obra do ministério com grande diligência; mas, considerando que ninguém que milita se embaraça com os negócios desta vida, obteve licença para visitar sua terra natal e pôr em ordem os assuntos temporais. Enquanto lá esteve, contudo, pregava todos os dias do Senhor. Sua primeira aparição foi em Dundee, onde pregou sobre Romanos 1:16: "Não me envergonho do evangelho de Cristo"; a segunda, em Ferling, onde proferiu um eloquente discurso sobre 2 Coríntios 5:20: "Somos, pois, embaixadores por Cristo", etc. Pretendia pregar no dia do Senhor seguinte em Montrose; mas, ao receber uma notícia urgente de que sua esposa estava perigosamente enferma, regressou a Glasgow, onde, alguns dias depois, aquela que fora o desejo de seus olhos faleceu. Sua submissão cristã sob essa aflitiva dispensação foi muito notável. Após breve silêncio, disse a alguns dos presentes: "Ora, quem poderia persuadir-me de que esta dispensação da providência de Deus era boa para mim, se o Senhor não houvesse dito que assim é?" Mais tarde casou-se com Margaret Muir, viúva de Zachariah Boyd, ministro da igreja de Barony, em Glasgow.

Em 1650, sendo o sr. Dickson, professor de teologia, chamado a exercer o mesmo cargo na Universidade de Edimburgo, os comissários da Assembleia Geral autorizados a visitar a Universidade de Glasgow convidaram Durham unanimemente a sucedê-lo. Mas, antes de ser admitido nessa função, a Assembleia Geral, persuadida de sua eminente piedade, firmeza, prudência e moderação, após madura deliberação escolheu-o, embora tivesse então apenas vinte e oito anos, para servir de capelão à família do rei. Nessa posição, ainda que os tempos fossem extremamente difíceis, portou-se com tamanha sabedoria e fidelidade que mereceu a aprovação de todos os que o observaram. Com efeito, durante sua permanência na corte, tal era seu elevado decoro cristão que a leviandade se constrangia em sua presença. Sua grande ambição era alcançar o favor de Deus mais do que o dos grandes homens; esforçava-se mais por beneficiar e edificar suas almas do que por agradar-lhes aos caprichos.

Permaneceu nesse cargo até o retorno do rei à Inglaterra, após o qual retomou seus trabalhos profissionais. Perto do fim de janeiro de 1651, o consistório geral de Glasgow instruiu o sr. Gillespie a escrever-lhe, comunicando que o sr. Ramsay estava exercendo as funções de professor de teologia e instando-o a voltar ao seu posto; em consequência disso, encontramo-lo presente ao consistório no começo do abril seguinte. Cromwell, que então se encontrava em Glasgow com seu exército, foi à igreja no primeiro dia do Senhor; e Durham, sem a menor intimidação, censurou-lhe abertamente, na própria presença, a injustificável invasão. No dia seguinte Cromwell mandou chamá-lo e disse-lhe que sempre o julgara homem mais sábio do que aquele que se intrometera em assuntos públicos nos sermões. Durham respondeu que isso não era seu costume, mas julgara sábio e prudente expressar seu pensamento a esse respeito, já que tivera a oportunidade de fazê-lo na presença dele. Cromwell dispensou-o com toda a civilidade, mas pediu-lhe que no futuro não se ocupasse de tais assuntos.

Parece que Durham se ausentara de Glasgow por algum tempo depois disso; assim, em agosto seguinte enviaram-lhe uma carta pedindo que viesse pregar; e, em setembro, havendo uma vaga na Inner High Church em virtude da morte do sr. Ramsay, o consistório geral chamou-o por unanimidade, com a concordância do conselho municipal. Foi, portanto, admitido como ministro daquela igreja, tendo por colega o sr. John Carstairs, seu cunhado.

Durante todo o ministério distinguiu-se pela humildade e abnegação; e, sendo pessoa de maneiras extremamente sóbrias, raramente era visto a sorrir. Todavia, estando certa vez à mesa na casa de um cavalheiro, com o sr. William Guthrie, companheiro muito agradável e alegre, deixou-se levar a rir em voz alta de algumas tiradas espirituosas do sr. Guthrie. Como era também costume da família reunir-se para oração após a refeição, pediram ao sr. Guthrie que a conduzisse; ele o fez com solenidade tão apropriada que arrancou de Durham este breve elogio: "Ó William, sois um homem feliz; se eu tivesse

estado tão alegre quanto vós, não conseguiria entrar em disposição tão séria para orar durante quarenta e oito horas!"

Embora fosse muito devoto em todas as partes da obra ministerial, mostrava-o especialmente nas ocasiões de comunhão. Nelas se esforçava, mediante a graça, por elevar a mente a uma disposição tão divina quanto convém à espiritualidade e à elevada importância da ordenança da Ceia. Em algumas dessas ocasiões doces e solenes, ele falava como alguém que estivera no céu, recomendando o Salvador, exibindo gloriosamente sua livre graça e trazendo a oferta dela a um nível tão acessível, insistindo nela com tamanha urgência, especialmente num discurso sobre Mateus 22:4, que os próprios pecadores se admiravam de como podiam recusar-se a acolhê-la.

Sua inclinação pacífica e grande moderação de espírito apareceram de modo notável quando a igreja se encontrava gravemente dividida entre os "revolutioners" e os "protesters"; e, como nunca queria pronunciar-se por nenhum dos lados, costumava dizer: "Essa divisão é muito pior do que qualquer dos dois." Ambas as partes o respeitavam igualmente; pois, na reunião do sínodo em Glasgow, quando os dois grupos se reuniram separadamente, cada qual escolheu Durham para seu moderador. Ele, porém, recusou-se a aceitar até que se unissem, o que, em consequência, fizeram.

Tão pesado lhe era ao espírito o encargo ministerial que costumava dizer que, se vivesse mais dez anos, escolheria passar nove anos estudando para pregar no décimo; e acreditava-se que o estudo intenso e a aplicação lhe trouxeram o declínio de saúde de que morreu. Durante sua última enfermidade, cerca de um mês antes da morte, indicou como sucessor o sr. Veitch, então ministro de Govan; mais tarde, porém, quando agonizava, na presença dos magistrados, ministros e outros que o assistiam, nomeou outros três. Essa mudança levou o sr. Carstairs a perguntar-lhe o motivo, depois que os demais saíram. Durham respondeu: "Ó irmão, o sr. Veitch está maduro demais para o céu para ser transferido a qualquer igreja na terra; estará lá quase tão cedo quanto eu." E assim se deu: Durham faleceu na sexta-feira seguinte; no dia do Senhor imediato, o sr. Veitch pregou e, embora nada soubesse daquilo, disse ao povo, à tarde, que seria seu último sermão para eles. Naquela mesma noite recolheu-se ao leito, e morreu na sexta-feira seguinte, por volta das três da manhã, conforme declarou o dr. Ruttray, que esteve presente à morte de ambos.

Quando jazia em seu leito de morte, Durham atravessava considerável obscuridade acerca de seu estado espiritual e disse ao sr. John Carstairs: "Irmão, apesar de tudo quanto preguei ou escrevi, há apenas uma passagem das Escrituras de que me lembro ou à qual ouso agarrar-me; dizei-me se ouso lançar sobre ela o peso da minha salvação: 'O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.'" O sr. Carstairs respondeu: "Podeis apoiar-vos nela, ainda que tivésseis mil salvações em risco." Quando se aproximava sua partida, em meio a grande conflito e agonia, clamou em arroubo de santa alegria, pouco antes de entregar a alma a Deus: "Não é bom o Senhor? Não é ele infinitamente bom? Vede como sorri! Eu o digo e o proclamo." Assim morreu esse eminente santo, na sexta-feira, 25 de junho de 1658, no trigésimo sexto ano de sua vida, cujos labores sempre buscaram o avanço da religião e cujo louvor se encontra em todas as igrejas, tanto no país como no exterior. Era estrela de primeira grandeza, de quem se pode dizer, sem diminuir o mérito de ninguém, que "tinha nome entre os poderosos".

Seu colega, o sr. John Carstairs, em sermão fúnebre sobre Isaías 57:1 — "Perece o justo, e ninguém o considera no coração; os homens misericordiosos são recolhidos sem que ninguém considere que o justo é levado antes que venha o mal" — descreveu-o assim: "Não sabeis que hoje caiu um príncipe entre os pastores? Um despenseiro fiel e sábio, que sabia bem dar aos filhos de Deus seu alimento a tempo; ama bondosa e gentil; fiel admoestador e repreensor; conselheiro hábil em todas as angústias e dificuldades; nas questões obscuras era olhos para os cegos, pés para os coxos, luz ardente e resplandecente num mundo escuro, intérprete da palavra, um entre mil; a ele os homens davam ouvidos e, depois de suas palavras, ninguém tornava a falar." Não só na cidade, mas também no campo, seus

irmãos do presbitério aludiram à sua morte; em particular o sr. Veitch, cuja morte ele predissera, foi dos primeiros, entre outros, a prestar tributo a seu caráter.

Suas obras eruditas e piedosas, nas quais se concentram todas as excelências dos pais primitivos e antigos, são um Comentário sobre o Apocalipse; setenta e dois Sermões sobre o capítulo cinquenta e três da Profecia de Isaías; uma Exposição dos Dez Mandamentos; uma Exposição do Cântico de Salomão; seus Sermões sobre a Morte; sobre as Insondáveis Riquezas de Cristo; seus Sermões de Comunhão; Sermões sobre a Piedade e a Abnegação; um Sermão sobre a Boa Consciência. Havia recentemente muitos sermões seus ainda inéditos em manuscrito, a saber: três Sermões sobre a Resistência ao Espírito Santo, a partir de Atos 7:51; oito sobre Apagar o Espírito; cinco sobre Entristecer o Espírito; treze sobre Confiar em Deus e Deleitar-se nele; dois contra a Ansiedade Desmedida; oito sobre a Única Coisa Necessária; além de um Discurso sobre a Oração e diversos outros sermões e discursos. Há também um Tratado sobre o Escândalo e uma Exposição de Jó em forma de preleções, que se diz serem seus; mas se estes, seja no estilo, seja no teor, se harmonizam com as outras obras do laborioso Durham, cabe ao leitor imparcial e sem preconceitos determinar.

SAMUEL RUTHERFORD*

HÁ considerável dúvida quanto ao lugar de nascimento e à ascendência deste célebre teólogo. A opinião mais provável, contudo, é a registrada por Wodrow: descendia de pais pobres e honestos em Teviotdale.† Nunca se apurou onde recebeu sua primeira instrução; parece, porém, ter dado tais sinais de talento que os pais se animaram a oferecer-lhe a oportunidade de prosseguir nos estudos. Assim, em 1617 foi enviado à Universidade de Edimburgo e, quatro anos depois, obteve o grau de mestre em artes. Na universidade, Rutherford distinguiu-se entre os colegas por seus conhecimentos, especialmente em literatura clássica, de modo que, dois anos após receber o grau em artes, foi eleito professor de humanidades.

Quando foi admitido como regente, a universidade, embora existisse havia apenas quarenta anos, já alcançara considerável renome e contava entre seus professores homens célebres e de vasta erudição. Entre tais colegas, Rutherford começou suas importantes funções com entusiasmo e energia, e há pouca dúvida de que se mostrou professor muito capaz e bem-sucedido. Não dispomos, porém, de informações seguras a esse respeito, pois sua ligação com a universidade parece ter terminado no curto espaço de dois anos.

Em 1627, encontramo-lo estabelecido como ministro da paróquia de Anwoth, na jurisdição de Kirkcudbright.* Obteve essa nomeação por intermédio de Gordon de Kenmure, cavalheiro que naqueles dias se distinguia pela promoção diligente e ativa da verdadeira religião até onde alcançava sua influência. Quando Rutherford se tornou ministro de Anwoth, a prelazia conquistara tal ascendência sobre o presbiterianismo que, embora muitos aderissem secretamente aos princípios de seus pais, a jurisdição dos bispos na Escócia era abertamente reconhecida e confessada. Nenhum ministro podia assumir um posto sem declarar submissão a todas as condições impostas pelo bispo da diocese em que se situava a paróquia. No caso de Rutherford, contudo, parece ter havido uma exceção: segundo o testemunho do sr. M'Ward, seu amigo e discípulo, corroborado por Wodrow, tomou plena posse de todos os direitos e privilégios de ministro paroquial “sem prestar qualquer compromisso ao bispo”.

A harmonia que prevaleceu na paróquia de Anwoth ao receber Rutherford como pastor foi particularmente grata a seu coração e lhe ofereceu a perspectiva de grande consolo e utilidade; nesse sentido, suas esperanças foram mais que realizadas. O povo o amava e reverenciava; frequentava regularmente seu ministério e dele tirava evidente proveito. Nas palavras de seu contemporâneo Livingstone, “enquanto esteve em Anwoth, foi instrumento de muito bem entre um povo pobre e ignorante, levando muitos deles ao conhecimento e à prática da religião”. A diligência e o zelo com que Rutherford desempenhava as importantes funções ministeriais são quase inacreditáveis. Costumava

levantar-se todos os dias às três da manhã; dedicava a primeira parte do dia à oração, meditação e estudo, e o restante aos deveres mais públicos, como visitar os enfermos e catequizar as diferentes famílias de seu rebanho. “Minha testemunha está no alto”, diz ele numa carta ao povo amado, “de que vosso céu seria dois céus para mim, e a salvação de todos vós, duas salvações para mim.”

A fama de Rutherford não se limitou à própria paróquia, mas se estendeu também aos distritos vizinhos. Multidões vinham de todas as partes a Anwoth no dia do Senhor, especialmente nas ocasiões sacramentais, para ouvir o fiel ministério desse dedicado ministro de Cristo. Durante alguns anos após sua chegada a Galloway, sua vida foi cenário de prosperidade sem nuvens, de paz sem ruptura nem interrupção. Como seguidor daquele que disse “No mundo tereis aflições”, o piedoso Rutherford não podia — e de fato não esperava — que tal estado de coisas perdurasse para sempre. Muitas eram as provações que ainda o aguardavam neste vale de lágrimas; e em breve começou a sentir que o sofrimento de uma espécie ou outra é a porção do homem, sobretudo daquele que se há de distinguir por elevado progresso na vida divina ou grande utilidade na igreja de Deus. Estava destinado a passar por severas aflições familiares e dolorosas perdas. Sua esposa, depois de penosa e prolongada enfermidade de treze meses, morreu em junho de 1630, menos de cinco anos após o casamento. Seus filhos parecem ter morrido antes dela, de modo que Rutherford ficou sozinho a lamentar a perda. Para aumentar sua aflição, antes da morte da esposa fora acometido de febre que durou treze semanas, deixando-o, depois de recuperado, tão debilitado que por algum tempo teve de suspender o exercício dos deveres pastorais. Entre suas dores acumuladas, porém, perseverou como quem vê o Invisível, sabendo que possuía no céu uma porção eterna que nem o tempo nem qualquer mudança poderia destruir. E encontrou não pequeno consolo na bondade e simpatia de lady Kenmure, piedosa esposa de Gordon de Kenmure, recentemente elevado à nobreza.

A intimidade entre Rutherford e a família Kenmure produziu grande proveito espiritual para ambas as partes; no leito de morte, lorde Kenmure pareceu dever a esse dedicado ministro, sob a bênção de Deus, a clareza com que compreendeu a verdade divina e o notável testemunho que teve o privilégio de dar, em seus últimos momentos, do poder e eficácia salvadores do evangelho. Rutherford lamentou a morte do patrono num poema elegíaco escrito em latim; e, em 1649, publicou “As últimas e celestiais palavras e a gloriosa partida de John, visconde Kenmure”, obra na qual oferece relato pormenorizado das conversas que teve com aquele nobre acerca de seus interesses espirituais e eternos. Rutherford passou então a interessar-se ainda mais pelo bem-estar espiritual de lady Kenmure; manteve com ela frequente correspondência sobre assuntos religiosos por toda a sua vida. Uma das últimas cartas que escreveu, com efeito, foi dirigida a essa excelente senhora. Em virtude de sua posição como o ministro de maior influência no condado onde morava, sua correspondência sobre assuntos públicos era muito extensa. A época em que viveu foi de doloroso interesse para a Igreja da Escócia. As tentativas, primeiro de James VI e depois de Charles I, de impor o jugo do episcopado aos presbiterianos escoceses foram invariavelmente resistidas, embora com êxito variável; e, apesar de a prelazia triunfar no país no período a que nos referimos, quando Rutherford estava em Galloway, sabia-se que ele sustentava opiniões decididamente favoráveis ao presbiterianismo. Longe de ocultar tais convicções, opostas como eram ao partido então dominante, declarava-as abertamente sempre que surgia ocasião. Em qualquer outro homem, provavelmente, semelhante conduta não teria sido tolerada. O grande respeito que lhe tinham pessoas de todos os partidos e o espírito tolerante do bispo Lamb, então à frente da diocese de Galloway, impediram, porém, que sofresse a perseguição que de outro modo lhe caberia. Enquanto assim lhe foi permitido exercer em paz seus deveres ministeriais, publicou obra muito erudita e elaborada sobre a controvérsia arminiana. As convicções de Rutherford eram estritamente calvinistas, e a habilidade e destreza lógica com que defendeu seus pontos de vista e refutou os argumentos adversários logo firmaram sua reputação de vigoroso controversista e sólido teólogo. A estima em que era tido nas cercanias de Anwoth era verdadeiramente gratificante; como prova, podemos mencionar que, quando o sr. Glendinning, ministro de Kirkcudbright, se tornou incapaz, pela idade e enfermidades,

de cumprir eficazmente seus deveres, convidaram Rutherford a ocupar seu lugar. Ele, porém, recusou conscienciosamente a oferta. “A cidade de Kirkcudbright”, diz, “muito me solicita a servir-lhe com meus pobres labores. Se o Senhor chamar e seu povo clamar, quem sou eu para resistir? Mas, sem sua chamada manifesta, e até que o rebanho de que agora cuido tenha alguém a quem eu ouse confiar a esposa de Cristo, nem ouro nem prata nem o favor dos homens, espero, me desligarão.”

Embora assim não quisesse deixar seu afetuoso rebanho em Anwoth, pela misteriosa disposição da Providência seu ministério entre eles estava prestes a sofrer uma interrupção. Em consequência da morte do bispo Lamb em 1634, Thomas Sydserff,* bispo de Brechin, homem de princípios arminianos e caráter intolerante, foi transferido para a sé de Galloway. Mal o novo diocesano assumiu o ofício, passou a adotar as medidas mais arbitrárias e impopulares. Instituiu em sua diocese um Tribunal da Alta Comissão composto exclusivamente de seus dependentes, perante o qual foram imediatamente convocados todos os que não se conformassem em todos os aspectos às exigências da prelazia. O fiel pastor de Anwoth era particularmente odioso a Sydserff; assim que pôde, acusou-o de não conformidade perante um Tribunal da Alta Comissão reunido em Wigtown em 1636, privando-o do ofício ministerial. O bispo desejava que a sentença fosse confirmada por tribunal semelhante reunido em Edimburgo; Rutherford foi então intimado a comparecer ali e, durante três dias, apresentaram-se contra ele acusações das mais extravagantes. Respondeu-lhes com a intrépida fortaleza da integridade consciente; contudo, embora a mais forte influência se exercesse em seu favor e as provas não bastassem para convencer ninguém senão mentes preconceituosas, a sentença lhe foi contrária. Foi deposto do ofício pastoral e condenado a permanecer confinado na cidade de Aberdeen enquanto aprouvesse ao rei.

A sentença proferida contra esse fiel servo de Cristo, por severa e injusta que fosse, não o desanimou. Ao contrário, parece ter sido capaz, como o grande apóstolo dos gentios, de “gloriar-se na tribulação”. “Vou ao palácio de meu Rei em Aberdeen”, disse; “língua, pena e engenho não podem exprimir minha alegria.” Como lhe concederam apenas curto período entre a sentença e o início de sua prisão, não teve oportunidade de regressar para ver seus amigos em Galloway. A caminho do “palácio de Cristo em Aberdeen”, como o chamava, visitou o reverendo David Dickson, ministro de Irvine, homem de grande piedade e erudição, que mais tarde ocupou com muita honra a cátedra de teologia no colégio de Edimburgo. Ao entrar na cidade designada como lugar de seu confinamento, Rutherford estava acompanhado de uma delegação de seu povo de Anwoth, que viajara muitas milhas para testemunhar a sincera afeição por seu dedicado pastor, agora prestes a gozar o elevado privilégio de ser “prisioneiro do Senhor”. “No mundo tereis aflições, mas em mim tereis paz.”

Nesse período Aberdeen era o baluarte do episcopado e do arminianismo. Os homens de maior influência, tanto clérigos como leigos, opunham-se violentamente ao presbiterianismo; nessas circunstâncias, não se poderia esperar que Rutherford encontrasse grande conforto ou felicidade entre eles. Aos poucos, contudo, os habitantes passaram a interessar-se por ele como servo de Deus perseguido. Por fim, muitos cidadãos respeitáveis lhe mostraram tanta atenção e bondade que lhe permitiram dirigir cultos religiosos em suas famílias. A notícia logo chegou aos professores da universidade e aos ministros da cidade, que julgaram necessário tomar providências para reduzir, se possível, sua influência. Para isso denunciaram do púlpito os princípios presbiterianos e desafiaram Rutherford a debater publicamente com eles. Tudo, porém, foi inútil; tornou-se mais popular e influente do que nunca, e suas opiniões se difundiram entre o povo a ponto de alarmar bastante seus inimigos. Diante do dilema, recorreu-se ao poder legislativo para que o confinasse com mais rigor, o enviasse a local ainda mais ao norte que Aberdeen ou o banisse inteiramente do reino.* O rei escolheu a última medida e enviou à Escócia uma ordem de banimento contra Rutherford. Ele contemplou a perspectiva com toda calma e serenidade: “Não sei para onde irei”, disse, “mas estou pronto a atender ao chamado do Senhor.” O Senhor, porém, interveio em sua providência e, por uma série de acontecimentos inesperados, impediu que a ordem jamais fosse executada.

Enquanto esteve preso em Aberdeen, Rutherford preocupou-se profundamente com o rebanho afeiçoado a ele em Anwoth. O bispo Sydserff tentara impor-lhes um ministro que, por ser episcopaliano e arminiano, encontrou vigorosa oposição do povo. Ainda consideravam que seu antigo pastor lhes fora injustamente tirado e ansiavam e oravam por seu retorno. Esse feliz acontecimento, com o desenrolar dos fatos, afinal se realizou.

Foi durante a luta bem-sucedida que os presbiterianos travaram nesse período contra as inovações da prelazia que Rutherford deixou a prisão em Aberdeen e retomou o cuidado pastoral de seu rebanho em Anwoth.* Como se julgara necessário em ocasiões anteriores de dificuldade na igreja, os presbiterianos de diversas partes do país entenderam agora ser apropriado renovar a Aliança Nacional; e, enquanto essa cerimônia solene se realizava em Glasgow, Rutherford pregou na Igreja Alta da cidade, tendo sido convidado pelos habitantes a presidir, em preparação para a assinatura daquele documento.

Na Assembleia Geral reunida em Glasgow em 21 de novembro de 1638, Rutherford, com outros que haviam sofrido as censuras do Tribunal da Alta Comissão, foi chamado a explicar os fundamentos das acusações contra eles; após a devida deliberação, a decisão favoreceu os ministros perseguidos, que foram reconhecidos como membros da Assembleia. Nessa reunião, uma das mais memoráveis dos anais da Igreja da Escócia, aboliu-se a prelazia e restabeleceu-se inteiramente a constituição presbiteriana, até nos menores pormenores. Os bispos foram privados do poder, e a maioria deles foi excomungada. Rutherford tomou vivo interesse em todos os acontecimentos desse período decisivo, alegrando-se com o triunfo dos princípios que defendera por tanto tempo e com tanta constância, e pelos quais suportara privações numerosas e severas.

Pouco depois da Assembleia de Glasgow, a cidade de Edimburgo pediu à Comissão da Assembleia que Rutherford fosse transferido de Anwoth para a capital, a fim de exercer seus talentos numa esfera mais importante e extensa. Outro pedido, porém, propunha nomeá-lo professor de teologia no New College de St. Andrews. A Comissão preferiu este último posto. O condado de Galloway e os paroquianos de Anwoth apresentaram petições contrárias à remoção, e ele próprio alegou respeitosamente, em petição, sua "fraqueza corporal e incapacidade mental". Tudo em vão: os interesses da igreja exigiam sua nomeação, e a Comissão determinou que ocupasse a cátedra para a qual o julgava eminentemente qualificado. Ainda conservava esperanças de que a Assembleia, na reunião seguinte, se recusasse a confirmar a decisão da Comissão. Desapontou-se, porém, e só lhe restava submeter-se serenamente à separação do povo amado. O ofício para o qual Rutherford era agora chamado era dos mais úteis e honrosos a que poderia ser elevado. Sentia a responsabilidade dos deveres que lhe cabiam; mas, depois da profunda aflição experimentada em Aberdeen por causa de seus "dias do Senhor silenciosos", não suportava a ideia de perder o privilégio de proclamar publicamente o evangelho de Cristo. A seu pedido insistente, a Assembleia cedeu-lhe nesse ponto e o nomeou colega do sr. Robert Blair, recentemente transferido de Ayr para ser um dos ministros da cidade de St. Andrews.

Rutherford em Aberdeen.

Alguns meses após sua transferência para St. Andrews, Rutherford casou-se pela segunda vez, depois de quase dez anos de viuvez. Tendo assim provido seu conforto doméstico, continuou a cumprir seus deveres públicos, tanto no ensino como na pregação, com diligência e escrúpulo incansáveis. Por algum tempo sua condição foi de especial felicidade e tranquilidade; e assim teria permanecido, se ele e seu colega não se tivessem sentido chamados a unir-se aos irmãos em resistência ao desejo do povo, que ansiava muito pela escolha do sr. Andrew Affleck, ministro de Largo, como um dos ministros de St. Andrews. Frustrado em seu intento, o povo começou a esfriar no afeto tanto por Rutherford quanto por Blair. Estes, julgando que o afastamento dos corações de seu rebanho prejudicaria sua utilidade, pediram à Assembleia um ato de transferibilidade, como se dizia, ou o privilégio de aceitar um chamado a outro posto, caso o recebessem. O pedido foi concedido e, poucas semanas depois, Rutherford foi convidado a tornar-se ministro de West Calder, no presbitério de Linlithgow. Aceitou alegremente o

chamado, e a corte suprema ratificou a aceitação; mas, em consequência da resistência da Universidade de St. Andrews, o assunto não avançou e ele permaneceu tanto na cátedra quanto no ministério.

Rutherford interessava-se profundamente pelos assuntos públicos da igreja e do país. Admirador consciencioso do presbiterianismo, alegrou-se com o estabelecimento completo desse sistema na Escócia e com a crescente adesão a ele que se manifestava na Inglaterra. Apegou-se firmemente a seus princípios; e tal era a confiança que seus irmãos nele depositavam que a Assembleia o nomeou um dos comissários escoceses à Assembleia Geral dos Teólogos reunida em Westminster. Nessa importante missão permaneceu quatro anos em Londres, e seus talentos e erudição representaram contribuição considerável ao venerável sínodo. Ele e os demais comissários participaram amplamente dos debates; o resultado de suas importantes deliberações foi grato a ele pessoalmente e satisfatório aos que o haviam incumbido de velar por seus interesses. Na redação do Diretório para o Culto Público, da Confissão de Fé, dos Catecismos Maior e Breve e da Forma de Governo Eclesiástico, Rutherford trabalhou ativamente com os demais membros do sínodo.

Enquanto esteve em Londres, porém, não limitou seus trabalhos aos negócios do Sínodo dos Teólogos; dedicou-se também à preparação de diversas obras teológicas, tanto polêmicas quanto práticas, publicadas nesse período. A única publicação que produziu nessa ocasião sem relação estrita com sua profissão de teólogo intitulou-se “Lex, Rex” — A Lei e o Rei — e foi concebida como resposta a um livro publicado em defesa da monarquia absoluta. Embora tão ocupado, ansiava por voltar às importantes funções em St. Andrews, ainda mais porque o declínio de sua própria saúde, bem como da esposa, parecia reclamar o retorno à terra natal. Sua aflição, ademais, agravara-se com a morte de dois filhos, além de outros dois que perdera pouco antes de deixar a Escócia. Nessas circunstâncias, solicitara repetidas vezes dispensa da permanência em Londres. Por considerável tempo, contudo, não se julgou conveniente atender ao pedido, pois sua presença na Assembleia de Westminster era tida como importante demais para ser dispensada. Por fim, a Assembleia de 1647 permitiu-lhe voltar para casa.

A maneira hábil e eficaz com que Rutherford cumpriu a elevada confiança nele depositada como um dos comissários junto ao Sínodo dos Teólogos em Westminster fez crescer ainda mais a estima de seus compatriotas por ele; assim, alguns meses após retomar os deveres em St. Andrews, foi nomeado diretor do New College. A honra que lhe foi conferida acrescentou-lhe muito pouco trabalho, se é que acrescentou algum; contudo, era para ele prova gratificante de que seus méritos de autor e teólogo recebiam o devido apreço. Em 1649 tentou-se na Assembleia Geral conseguir sua transferência para a cátedra de teologia em Edimburgo; mas, segundo Baillie, a ideia foi “julgada absurda” e abandonada. Por volta da mesma época, tendo-se estabelecido uma universidade em Harderwyck, na Holanda, convidaram-no a ocupar ali a cátedra de Teologia e Hebraico. Recusou respeitosamente esse convite, bem como proposta semelhante de Utrecht pouco depois, por não querer abandonar a Igreja da Escócia num período em que tanto necessitava de seus serviços.

Em meio às laboriosas atividades em St. Andrews, ainda encontrou tempo para publicar diversas obras importantes. No ano seguinte a seu retorno de Londres publicou obra polêmica contra os antinomianos; no ano posterior, um tratado em resposta a “Liberdade de Profetizar”, de Jeremy Taylor. Em 1651 apareceu sua extensa obra “Sobre a Providência”, em oposição aos jesuítas, arminianos e socinianos.

Nesse período, em consequência da morte de Charles I, que, embora obrigado a fazer concessões, permanecera no íntimo inimigo inveterado do presbiterianismo, o povo escocês receava muito que, sob o governo do filho, que se julgava que o sucederia, seus privilégios eclesiásticos fossem outra vez restringidos. Charles II foi coroado em Scone; ao passar por Fifeshire antes da coroação, o jovem rei visitou St. Andrews, ocasião em que Rutherford pronunciou diante dele uma oração em latim, discorrendo principalmente sobre o dever dos reis. Enquanto isso, porém, os independentes haviam conquistado a ascendência, e a Inglaterra se tornara república. Os acontecimentos que se seguiram durante a usurpação de Cromwell e até a Restauração não podem ser descritos minuciosamente no

espaço limitado de que dispomos. Basta dizer que Rutherford desempenhou papel muito notável nos episódios daquele período tempestuoso; pela tenacidade inflexível com que sustentava suas opiniões, muitos irmãos, sobretudo do presbitério de St. Andrews e do sínodo de Fife, julgavam-no excessivamente movido por espírito partidário.

Apesar de todas as comoções em que se viu envolvido, publicou várias obras valiosas de teologia prática e algumas de natureza polêmica. A última obra cuja publicação viveu para supervisionar apareceu em 1659, sob o título de "Influências da Vida da Graça". Com esse escrito de teologia prática encerraram-se os labores literários de um teólogo de vastíssima erudição e estudioso consumado.

Embora a vida de Rutherford se aproximasse agora do fim, ele viveu o bastante para ver o começo de um dos períodos mais sombrios da história eclesiástica e até civil da Escócia. Mal o segundo Charles foi restaurado a seu reino, tomaram-se providências para derrubar o presbiterianismo em seus domínios do norte. Não demorou a encontrar meios para realizar esse desígnio, e precisamente num lugar onde menos se poderia esperá-lo. O Parlamento escocês, reunido em 1º de janeiro de 1661, investiu o rei de poder arbitrário, revogou a Aliança e aboliu o presbiterianismo; por um só ato, chamado "Ato Rescisório", anulou os decretos de todos os parlamentos que, desde 1638, haviam sancionado o sistema presbiteriano ou ratificado a Liga e Aliança Solene.

Nessa situação Rutherford não poderia esperar escapar à perseguição, sob uma forma ou outra. Ordenou-se que sua obra "Lex, Rex", publicada durante sua estada em Londres, fosse queimada pelas mãos do carrasco público; foi destituído dos cargos na universidade e na igreja; seu estipêndio foi confiscado; ordenaram-lhe que permanecesse confinado em sua própria casa e intimaram-no a comparecer perante o parlamento seguinte sob acusação de traição. Até aí lhes foi permitido atormentar esse eminente servo de Deus; seu poder, porém, não podia ir além. Sua saúde decaíra rapidamente, e ele já era inteiramente incapaz de obedecer à intimação para comparecer ao Parlamento.

Bem sabendo que a morte não podia estar distante, passou a pôr todos os assuntos em ordem, para não deixar por fazer nada que os amigos ou a igreja esperassem dele. Durante a última enfermidade deu amplo testemunho da eficácia salvadora daquele evangelho cuja pregação sempre fora seu deleite e, em 19 de março de 1661, entregou o espírito por volta das cinco horas da manhã, conforme ele próprio havia predito.*

ARCHIBALD CAMPBELL MARQUÊS DE ARGYLE

DESDE a juventude, esse ilustre nobre se ligou calorosamente à causa presbiteriana e, durante toda uma vida laboriosa e útil, dedicada ao serviço da igreja e do Estado, manteve-se firme em seus princípios, até que, pela tirania e perfídia de Charles I, foi honrado com a coroa do martírio. Quando o excelente Rutherford foi levado perante o Tribunal da Alta Comissão por não conformidade, em 1638, Argyle interveio em seu favor; também por sua intercessão junto ao bispo de Galloway, o digno Earlston foi libertado da sentença de banimento a que fora condenado pela mesma causa.

Mal começou a despontar, em 1637, a Reforma comumente chamada Segunda Reforma, Argyle, embora conselheiro privado, compareceu a todas as sessões da memorável Assembleia Geral reunida em Glasgow para ouvir os debates acerca do episcopado diocesano e dos cinco Artigos de Perth; após prestar a mais paciente atenção, declarou-se plenamente satisfeito com todas as decisões. A partir de então, esse nobre par começou a distinguir-se por seu zelo pela causa e pelos interesses do Redentor, aos quais permaneceu fiel por toda a vida.

Naquela Assembleia, sua senhoria propôs, entre outras coisas, uma explicação da Confissão e da Aliança, na qual desejava que os membros procedessem com grande deliberação, para que não recaísse suspeita de perjúrio sobre quem tivesse jurado no mesmo sentido em que ele próprio o fizera. Sua proposta foi bem recebida; ao encerrar-se a Assembleia, o sr. Henderson, moderador, observou que ela se sentia

muito honrada pelo apoio que o nobre senhor dera às deliberações, lamentando que sua senhoria não se tivesse juntado a eles mais cedo, mas exprimindo ao mesmo tempo a esperança de que Deus o houvesse reservado para os melhores tempos e o honrasse tanto aqui como na eternidade. Argyle respondeu que a demora não resultara de falta de afeição pela prosperidade da religião e pelo bem do país, mas do desejo e da esperança de que, permanecendo junto à corte, pudesse conseguir a reparação dos agravos. Vendo, porém, que já não poderia fazê-lo sem faltar à fidelidade a Deus e à pátria, resolvera agir como agira e lançar sua sorte com os irmãos.

Em 1639, quando os pactuantes foram forçados a pegar em armas em defesa própria e marchar rumo às fronteiras da Inglaterra sob o general Leslie, Argyle, enviado para guardar a costa ocidental, contribuiu muito, por sua atividade e prudência, para preservar a paz naquela região. Não apenas reuniu os cavalheiros da região e os obrigou a dar garantias para esse fim, mas recrutou e manteve, às próprias expensas, quatrocentos homens no condado de Argyle, número que depois elevou a novecentos. Com metade desse pequeno contingente marchou até Kintyre para vigiar os movimentos do marquês de Antrim; enviou o restante à cabeceira de Lorn para observar Lochaber e as ilhas ocidentais. Dali ele próprio partiu para Arran com algumas peças de artilharia e tomou posse do castelo de Brodick, que se rendeu sem resistência.

Na ausência do exército dos pactuantes, em 1640, foi novamente nomeado para o mesmo comando e o exerceu com igual sucesso; fez prisioneiros oito ou nove dos chefes da facção dos malignos, aos quais obrigou a prestar caução de melhor conduta no futuro. Com essas medidas Argyle provocou a malícia tanto de seus próprios inimigos como dos inimigos da igreja, que desde então buscaram toda oportunidade de prejudicá-lo; não demorou para que o conde de Montrose encontrasse ocasião de fazê-lo. A propósito de certo acontecimento, divulgou publicamente que Argyle, estando com o conde de Athol e os outros oito cavalheiros que fizera prisioneiros no ano anterior por portarem armas contra seu país, dissera diante de todos eles: “Que o Parlamento consultara juristas a respeito da deposição do rei e recebera como resposta que isso poderia ser feito por três razões, a saber: deserção, invasão e venda; e que haviam pensado em fazê-lo na última sessão, mas certamente o fariam na próxima.” Montrose encontrou pronto instrumento em James Stuart, comissário de Dunkeld, que logo atestou a veracidade do relato; Argyle, porém, declarou sua inocência e imediatamente moveu ação por falsidade contra Stuart perante o Tribunal de Justiça. Para evitar a sentença que se seguiria à condenação, Stuart escreveu ao conde isentando-o da acusação e reconhecendo que inventara tudo por malícia. Embora a inocência de Argyle assim ficasse demonstrada, o tribunal julgou conveniente prosseguir com o julgamento; comprovado claramente o fato contra Stuart, foi ele condenado à morte, pena terrível que sofreu com expressão do mais profundo arrependimento e remorso pelo que fizera.

Por volta da mesma época, Charles, depois de desentender-se com o Parlamento inglês, voltou à Escócia. Para granjear de novo o favor da nação, compareceu ao Parlamento escocês e não apenas ratificou todas as suas medidas, tanto em defesa própria como da religião nacional, mas ainda elevou vários nobres a títulos mais altos. Argyle foi nomeado primeiro senhor do Tesouro e, depois de reconhecer seus grandes serviços públicos, o rei, em 15 de novembro de 1641, entregou uma carta-patente ao lorde Lyon, rei de armas, que a leu em voz alta, proclamando sua senhoria “marquês de Argyle, conde de Kintyre, lorde Lorn”, etc.; terminada a leitura, devolveram-na ao rei. Charles então a entregou a Argyle com as próprias mãos e foi o primeiro a saudá-lo pelo novo título de marquês. Não lhe faltando cortesia de corte, Argyle, em belo discurso, agradeceu a sua majestade a honra que lhe conferira e assegurou ao soberano que o elevara a posição que nem esperava nem merecia.

Enquanto o Parlamento ainda estava reunido, alguns nobres, ressentidos do poder, das promoções e da influência que os marqueses de Hamilton e Argyle então desfrutavam junto ao rei, urdiram contra eles outra conspiração, de natureza mais mortal. Os principais participantes eram o conde de Crawford, o coronel Cochran e o tenente Alexander Stuart; chegou-se mesmo a insinuar que o próprio Charles fosse cúmplice antes da execução da conspiração. O plano era chamar Hamilton e Argyle, em plena noite, para

uma conversa com o rei. No caminho seriam presos como traidores e entregues ao conde de Crawford, que aguardaria com contingente suficiente de homens; também se combinara que, se oferecessem resistência, o conde os apunhalaria imediatamente; caso contrário, seriam conduzidos como prisioneiros de guerra a um navio na enseada de Leith, onde ficariam presos até que fosse conveniente julgá-los por traição. Divulgado o plano prematuramente, porém, os dois nobres, pela boa providência de Deus, escaparam na noite anterior para um lugar seguro a cerca de doze milhas. O fato de todos os conspiradores terem sido perdoados tão somente mediante a própria petição reforça consideravelmente a crença de que o rei participara do plano.

Em 1643 e no ano seguinte, o marquês ocupou-se muito ativamente em promover a obra da Reforma; mas, enquanto assim trabalhava, Montrose e alguns outros do partido realista, associados com o propósito de levantar tropas para o rei, pensaram por esse meio desviar a atenção de Argyle da boa obra. Pretendiam obrigá-lo a retirar as forças escocesas da Inglaterra mediante incursões de saque ao condado de Argyle, tarefa que o conde de Antrim assumira, enviando da Irlanda um corpo de dez mil homens sob o comando de certo M'Donald, escocês. Em consequência, enviou-se considerável exército, cujos homens perpetraram muitas devastações terríveis. Para repelir os invasores, o Comitê dos Estados ordenou ao marquês que levantasse três regimentos de infantaria e marchasse sem demora para o norte; ele logo o fez, aprisionando vários de seus principais chefes e dispersando os demais. Montrose, entretanto, continuava em campanha, saqueando e devastando toda Argyleshire e outros lugares pertencentes aos pactuantes. Embora tenha sido afinal derrotado pelo general Leslie em Philiphaugh, M'Donald e seus bárbaros irlandeses voltaram em 1646 e incendiaram e saquearam as moradas dos que apoiavam a causa, a tal ponto que cerca de mil e duzentos habitantes expulsos e sem teto se reuniram sob Acknalase, que os conduziu a Monteith para viver às custas dos desafetos daquela região. No caminho, porém, os homens de Athol os atacaram em Callender e, estando eles mal armados, mataram número considerável. Os sobreviventes dirigiram-se o mais depressa possível a Stirling, onde Argyle os encontrou e, compadecido de sua deplorável condição, conduziu-os a Dumbartonshire para viverem à custa de lorde Napier e outros desafetos até que se providenciasse melhor por eles. Enquanto isso, ele próprio foi à Irlanda e trouxe de volta o restante das forças escocesas, desembarcando-as em Argyleshire. M'Donald refugiou-se nas ilhas e dali na Irlanda, o que pôs fim às hostilidades naquela parte do país.

Em 1648, quando o Estado se dividiu em duas facções, os malignos eram chefiados pelo marquês de Hamilton, e os pactuantes estavam sob a direção de Argyle. Pode-se, portanto, concluir com segurança que, desde 1643, o marquês trabalhava ativamente pela promoção das liberdades civis e religiosas de seu país; e sabe-se bem, pelo que ocorreu em 1649, pela influência que adquirira no Parlamento e pelas medidas bem-sucedidas que empregara para restituir Charles II a seu trono e autoridade real, que os negócios da nação correram relativamente bem enquanto o rei seguiu seus conselhos. Mal, porém, o fraco monarca transferiu seus favores ao partido adversário e investiu seus nobres em postos de poder e confiança, o país tornou-se novamente uma vasta cena de confusão e derramamento de sangue, o que pesava muito no espírito do digno Argyle. Charles, ao mesmo tempo, fingia grande estima pelo marquês; a maneira como cumpriu as promessas da carta a seguir pode ser avaliada pelo ressentimento que desde então alimentou contra ele por ter tido a magnanimidade cristã de repreendê-lo por suas imoralidades.

Essa obra-prima de duplicidade parece ter sido escrita em St. Johnston (Perth), em 24 de setembro de 1650, e diz o seguinte: “Tendo considerado os fiéis esforços do marquês de Argyle para restaurar-me aos meus legítimos direitos, desejo mostrar ao mundo quão sensível sou à sua sincera consideração por mim mediante algum favor especial a ele. Em particular, prometo fazê-lo duque de Argyle, cavaleiro da Jarreteira e um dos cavalheiros de minha câmara, o que se cumprirá quando lhe aprouver. Prometo, ademais, dar ouvidos aos seus conselhos quando aprouver a Deus restaurar-me aos meus legítimos

direitos na Inglaterra. Providenciarei que lhe sejam pagas as quarenta mil libras esterlinas que lhe são devidas. Tudo isso prometo cumprir sob a palavra de um rei."

"C. R."

Charles foi coroado em Scone em 1º de janeiro de 1651, e o marquês lhe colocou a coroa na cabeça. Depois da oração do sr. Douglas, o marquês também o instalou no trono real. Por algum tempo, contudo, as forças do Usurpador saíram vitoriosas em vários combates, e o rei já não podia permanecer com segurança na Escócia. Após a vitória de Cromwell em Dunbar, foi, portanto, obrigado a voltar à Inglaterra, deixando o marquês em Stirling. Em 3 de setembro seguinte, seu exército foi completamente derrotado em Worcester, e os ingleses invadiram todo o país; os representantes da nação foram forçados a sujeitar-se a Cromwell ou correr o risco de sofrer graves privações. Argyle recusara essa submissão em Dumbarton, razão por que o exército do Usurpador marchou por Argyleshire e outras partes das Terras Altas. Enquanto Argyle se achava retido em Inverary por indisposição, um dos oficiais de Cromwell — o major Dean — entrou no aposento e lhe apresentou um documento, informando-o de que, se não o assinasse até o dia seguinte, seria levado como prisioneiro. Por várias razões, especialmente pela segurança própria e de seus arrendatários, Argyle apôs a assinatura com extrema relutância. Desse episódio pode-se datar o início dos sofrimentos que levaram o marquês ao cadafalso.

No ano de 1660, pouco depois da restauração do rei, Argyle partiu para Londres, aonde chegou em 8 de julho, e sem demora seguiu para Whitehall, ansioso por prestar homenagem ao príncipe em cuja cabeça colocara a coroa e em cuja presença poderia defender-se de muitas acusações infames diligentemente levadas aos ouvidos reais. Mal soube Charles da chegada de Argyle, esqueceu todos os débitos de gratidão e antigas promessas amistosas e mandou prendê-lo e conduzi-lo à Torre, onde ficou detido até dezembro; então o enviou à Escócia num navio de guerra para aguardar julgamento perante o Parlamento. No dia 20 o navio chegou a Leith e, no seguinte, o marquês foi conduzido pelas ruas de Edimburgo entre dois magistrados municipais e recolhido ao castelo.

Em 13 de fevereiro seguinte, Argyle foi trazido do castelo numa carruagem, acompanhado por três magistrados e pela guarda da cidade, e apresentado à barra da casa legislativa. Sir John Fletcher, advogado do rei, acusou-o formalmente de alta traição, apresentando uma denúncia e pedindo que fosse lida. Antes da leitura, Argyle pediu licença para falar, mas lhe foi negada. A denúncia continha quatorze acusações; as principais eram "ter ingressado na Liga e Aliança Solene com a Inglaterra e submetido-se a Oliver Cromwell". Após a leitura, contudo, permitiram-lhe dirigir-se à casa, e ele o fez com grande efeito, declarando que, coerente com seu juramento solene e com a Aliança, servira a seu Deus, seu rei e seu país, e que nenhuma das acusações contra ele podia ser provada. Sua defesa foi inútil, pois o Parlamento estava decidido a declará-lo culpado; ordenaram-lhe, portanto, que apresentasse sua defesa no dia 27 daquele mês. A seu pedido especial, porém, adiaram-na até 5 de março. Naquele dia pronunciou discurso comoventíssimo perante os lordes dos artigos e apresentou uma petição em que se recomendava à misericórdia do rei e implorava ao Parlamento que intercedesse por ele.

Foi levado outra vez perante o Parlamento no dia 16; mas nada do que ele ou seus advogados disseram teve peso entre os membros. No início de maio, testemunhas foram interrogadas contra ele; no dia 25 foi levado à barra da casa para ouvir dos juízes a sentença, nos seguintes termos: "Que, declarado culpado de alta traição, seja executado como traidor — separando-se-lhe a cabeça do corpo na cruz de Edimburgo na segunda-feira, dia 27, e afixando-a no mesmo lugar onde antes estivera a cabeça do marquês de Montrose; e que seu brasão de armas seja rasgado diante do Parlamento na cruz." Nessa terrível conjuntura, Argyle ofereceu-se para falar; mas, como as trombetas começaram a soar, aguardou que terminassem e então disse: "Tive a honra de colocar a coroa na cabeça do rei; agora ele me apressa rumo a uma coroa melhor que a sua!" Depois, dirigindo-se ao presidente e aos membros, disse: "Tendes em vossas mãos a anistia de um rei terreno e me negastes participação nela; mas não podeis impedir-me de receber a anistia do Rei dos reis; e em breve tereis de comparecer perante seu tribunal. Oro para que

ele não vos retribua com a mesma medida que destes a mim, quando fordes chamados a prestar contas de todos os vossos atos, inclusive este!"

Após a sentença, foi conduzido à prisão comum, onde sua esposa o aguardava. Ao vê-la, disse: "Concederam-me até segunda-feira para estar convosco, querida; aproveitemos, pois, esse tempo." A marquesa chorou amargamente e disse duas vezes: "O Senhor lhes pedirá contas", arrancando lágrimas de todos os presentes. "Não choreis", disse o marquês, "não choreis! Tenho pena deles; não sabem o que fazem — podem trancar-me onde lhes aprouver, mas não podem excluir Deus de onde estou. Estou tão contente aqui quanto no castelo; no castelo, tão contente quanto na Torre de Londres; e na Torre, tão contente quanto quando estava em liberdade." Acrescentou que se lembrava de uma passagem das Escrituras que um ministro honesto lhe citara enquanto estava no castelo e que pretendia pôr em prática: "Quando Ziclague foi tomada e incendiada, o povo falou em apedrejar Davi; mas ele se fortaleceu no Senhor."

Durante o breve intervalo entre a sentença e a execução, conservou a maior serenidade e alegria, conversando agradavelmente com diversos ministros autorizados a visitá-lo. Na noite anterior à execução, dormiu tranquilamente; na manhã de segunda-feira, embora muito ocupado em pôr seus assuntos em ordem em meio a outras pessoas, teve em vários momentos muitas conversas espirituais e foi de tal modo dominado por uma efusão sensível do Espírito Santo que, em certa ocasião, exclamou arrebatado: "Pensei em ocultar a bondade do Senhor, mas não consigo. Estou agora pondo em ordem meus assuntos, e Deus está selando meu título a uma herança melhor e neste instante me diz: 'Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados.'"

Antes de ir ao lugar da execução, almoçou precisamente ao meio-dia com vários amigos, mostrando grande alegria; depois retirou-se por um momento. Ao voltar, disse que o Senhor confirmara novamente sua promessa e lhe dissera do céu: "Perdoados te são os teus pecados!" Todos os rostos, menos o seu, estavam banhados em lágrimas; por fim, porém, vencido pela emoção, também as suas começaram a correr abundantemente, e disse ao sr. George Hutcheson: "Penso que sua bondade me vence; mas Deus é bom por não derramar dela em demasia aqui, pois eu não poderia suportá-la. Trazei-me o manto e vamos." Informaram-lhe que haviam atrasado o relógio até a uma hora, enquanto chegassem os magistrados; disse: "Muito erram nisso", e imediatamente se ajoelhou e orou diante de todos os presentes em tom muito comovente e celestial. Mal havia terminado, os magistrados mandaram chamá-lo. Pedindo uma taça de vinho antes de sair, continuou de pé na mesma disposição de espírito e, depois de pedir uma bênção sobre ela, disse: "Agora vamos, e Deus esteja conosco!" Tendo-se despedido de todos os que não o acompanhariam, disse ao partir: "Eu poderia morrer como romano, mas prefiro morrer como cristão!" Enquanto descia a escada, chamou o sr. Guthrie e, após abraçá-lo com a maior ternura, despediu-se. "Meu senhor", disse o sr. Guthrie, "Deus verdadeiramente esteve convosco; ele está e estará convosco. Tamanho é o respeito que vos tenho que, se eu próprio não estivesse sob sentença de morte, morreria de bom grado em vosso lugar!" Assim se separaram na terra esses dois mártires, para se encontrarem no céu na sexta-feira seguinte.

Argyle subiu ao cadafalso com ar de perfeita serenidade e saudou todos os presentes. O sr. Hutcheson orou, após o que o marquês se dirigiu aos espectadores. Quando terminou, o sr. Hamilton orou, seguido pelo próprio Argyle; depois disso, ele se preparou para a cena final. Deu ao carrasco um lenço contendo algum dinheiro; a seus genros, Caithness e Ker, o relógio e alguns outros objetos; ao conde de Loudon, seu estojo de prata para penas; e a Lothian, um ducado duplo; então tirou o casaco. Ao encaminhar-se para a "Donzela",* o sr. Hutcheson exortou-o a "agarrar-se firmemente", ao que respondeu: "Não temo ser surpreendido pelo medo!" O senhor de Skelmorlie tomou-lhe a mão e a achou perfeitamente firme. Então, ajoelhando-se com doce e solene compostura, depois de orar por alguns instantes, fez o sinal levantando uma das mãos, e a Donzela imediatamente separou-lhe a cabeça do corpo. Sua cabeça foi depois afixada na extremidade ocidental do tolbooth, como monumento à injustiça do Parlamento, à infidelidade do rei e à miséria da Escócia. O corpo foi depois depositado no jazigo da família em Kilmun.

Assim morreu o marquês de Argyle, primeiro mártir do presbiterianismo desde a Reforma que rompeu com o papismo. Todos os seus biógrafos concordam em que foi homem de piedade extraordinária, sabedoria e prudência notáveis e singular utilidade. Na grande obra da Reforma foi agente principal; e, quando grande parte da nação cedeu diante da crise, ele permaneceu quase sozinho e jamais abandonou a causa até regar com seu sangue a árvore que suas próprias mãos haviam plantado. Em suma, diz um escritor erudito: “Tinha piedade de cristão; discernimento de conselheiro, porte de mártir e alma de rei.” Se alguém o foi, Argyle pode com estrita propriedade ser chamado verdadeiro presbiteriano escocês.

JAMES GUTHRIE

O nome deste venerável mártir será estimado pelos presbiterianos escoceses enquanto perdurar no país o apreço pela religião pura e imaculada. Diz-se que descendia da antiga família Guthrie e que muito cedo deu provas de suas aptidões como estudioso. Ainda muito jovem, foi nomeado professor de filosofia na Universidade de St. Andrew's, onde, por uma placidez de temperamento sem precedentes, conquistou a admiração de todos os que o conheciam. Tendo sido educado na profissão do episcopado, por algum tempo resistiu firmemente às formas singelas do governo presbiteriano, até que, por conviver com o sr. Samuel Rutherford e outros, e participar de suas reuniões semanais de oração e conferência, foi tão eficazmente afastado de suas primeiras predileções que passou a ser considerado uma estrela de primeira grandeza na igreja presbiteriana.

Tendo sido aprovado em suas provas em 1638, foi ordenado ministro de London, onde permaneceu vários anos. Em 1646, foi um dos ministros designados para acompanhar o rei Charles em Newcastle; também, nos intervalos entre as Assembleias Gerais, foi nomeado para a comissão encarregada de velar pelos assuntos públicos da igreja. Cerca de três anos depois, foi transferido para Stirling, onde continuou até a Restauração, fiel atalaia sobre os muros de Sião, — "mostrando a Israel suas iniquidades e à casa de Jacó seus pecados".

Quando irromperam as infelizes divergências entre resolucionistas e protestadores, abraçou ardorosamente a causa destes últimos; e, auxiliado por seu colega, o sr. Bennet, pregou abertamente contra os defensores dos "Artigos de Perth", por envolverem o país em associação com a facção dos malignos. Isso era demais para aqueles tempos; por conseguinte, foram intimados a comparecer em Perth, em 19 de fevereiro de 1651, a fim de responder perante o rei e o Comitê dos Estados; estando, porém, um deles enfermo, o caso foi adiado para o dia 22, quando ambos compareceram e apresentaram um protesto, declarando que, embora reconhecessem a autoridade civil do rei, Guthrie fora acusado por Sua Majestade e seu conselho por um ponto de doutrina sustentado e discutido num sermão, matéria da qual eles não eram juízes competentes; portanto, recusava sua jurisdição e apelava à igreja. Contudo, em consequência da ausência do rei, a sentença foi adiada, e eles foram nesse ínterim confinados a Perth e Dundee. Em 28 de fevereiro, apresentaram outro protesto, semelhante ao anterior, mas redigido em termos mais enérgicos e sustentado por muitos argumentos poderosos. Suspendeu-se por ora o prosseguimento do processo contra eles; porém, alguns anos mais tarde, a recusa de Guthrie à autoridade do rei nessa ocasião tornou-se a principal acusação contra ele.

Estando então desesperada a causa do rei, levantou-se um exército sob o comando de Middleton, no qual Charles buscaria proteção. Mas sua última defesa residia no Comitê dos Estados. O rei escrevera aos protestadores para que depusessem as armas, e o Comitê oferecera anistia a todos os que se submetessem à sua autoridade, enquanto a Comissão da Assembleia tampouco deixava de tomar medidas enérgicas contra aqueles que assim tinham a audácia de perturbar a paz pública. Guthrie, entendendo que Middleton se tornara passível da mais alta censura eclesiástica, teria proposto a excomunhão sumária e recebido o apoio da maioria da Comissão, como uma reparação devida à igreja em conjuntura tão crítica, quando somente a firme adesão aos princípios do governo presbiteriano poderia preservar-lhe a independência. Ele próprio, portanto, foi designado a pessoa mais apta para

executar a sentença da Comissão, o que fez de seu púlpito em Stirling. Por certas razões, porém, que pareceram suficientemente válidas à Comissão, esta depois dispensou Middleton da censura; mas ele jamais perdoou Guthrie.

Por essa época, escreveu diversos textos em favor dos protestadores, pelos quais, e por sua fidelidade anterior, foi um dos três depostos pela pretensa Assembleia de St. Andrew's, em 1657. De fato, tamanha era a malícia dos resolucionistas que certa vez chegaram a apedrejá-lo, porque, após a morte de seu colega, o sr. Bennet, ele não quis aceitar alguém do partido deles. Mas se opunha a Cromwell e sua facção não menos do que aos malignos; pois, quando o marquês de Argyle conseguiu, em Londres, em 1656, uma audiência em igualdade de condições entre resolucionistas e protestadores, Guthrie defendeu de tal modo o direito do rei, em oposição ao capelão do usurpador, que despertou a indignação dos independentes.

Não muito depois da Restauração, enquanto Guthrie e alguns dos irmãos fiéis reunidos em Edimburgo redigiam uma petição a Sua Majestade, todos foram presos e encarcerados no castelo de Edimburgo, salvo um que conseguiu escapar. Não se permitiu, porém, que Guthrie ali permanecesse: foi conduzido ao castelo de Stirling, onde ficou em rigoroso confinamento até pouco antes de seu julgamento, ocorrido em 20 de fevereiro de 1661. Ao ser levado perante o tribunal, o chanceler informou-o de que seria julgado por alta traição, conforme já constava da cópia da denúncia que lhe fora entregue e que agora seria lida em sua presença. Os artigos dessa denúncia eram: — "Ter concebido, consentido e apresentado perante o Comitê dos Estados um documento chamado Remonstrância Ocidental. 2. Ter concebido, escrito e publicado aquele abominável opúsculo chamado — As causas da ira do Senhor. 3. Ter concebido, escrito e assinado o documento chamado Humilde Petição do dia vinte e três de agosto passado. 4. Ter convocado os súditos do rei etc. 5. Ter declarado Sua Majestade incapaz de julgá-lo, segundo os protestos e apelações que apresentou nesse sentido em Perth. 6. Certas expressões traiçoeiras que se alegava ter proferido numa reunião em 1650 ou 1651." Em refutação de todas essas acusações, apresentou perante o Parlamento uma admirável defesa, não somente para justificar a si próprio, mas também em louvor da nobre causa pela qual sofria; depois disso, recebeu ordem de se retirar.

Antes de se retirar, porém, pediu que lhe fosse concedido algum tempo para consultar seus advogados, o que foi deferido; marcou-se o dia 26 do mesmo mês para que apresentasse sua defesa. Diz-se que, ao redigir esse documento, surpreendeu muito seus advogados pelo conhecimento exato que demonstrou da lei escocesa e por sugerir diversas coisas que lhes teriam escapado.

Em 11 de abril, o processo contra ele foi lido na Casa, ocasião em que também proferiu um discurso comovente, concluído com o seguinte apelo comovente: — "Meus senhores, por último, rogo humildemente que, tendo apresentado em minha defesa provas tão claras da palavra de Deus, tanta razão divina e leis humanas, e tantos exemplos da prática comum da igreja e do reino; e tendo já sido privado de meu ministério, de minha morada e de meu sustento, postos eu e minha família a viver da caridade alheia, e tendo sofrido agora oito meses de prisão — vossas senhorias não me imponham outro fardo. Concluirei com as palavras do profeta Jeremias: 'Eis que estou em vossas mãos; fazei de mim o que vos parecer bom: sei com certeza que o Senhor me mandou falar todas estas coisas; e que, se me condenardes à morte, trareis sangue inocente sobre vós e sobre os habitantes desta cidade.' — Minha consciência, meus senhores, não posso submeter; mas este velho corpo alquebrado e esta carne mortal, eu os submeto para que façais com eles o que quiserdes, seja morte, banimento, prisão ou qualquer outra coisa; somente vos suplico que pondereis bem que proveito há em meu sangue. Não será a minha execução, nem a de muitos outros, que extinguirá a Aliança e a obra da Reforma desde o ano de 1638; meu sangue, cativeiro ou banimento contribuirão mais para a propagação dessas coisas do que poderiam contribuir minha vida ou liberdade, ainda que eu vivesse muitos anos."

Embora esse discurso não tenha produzido o efeito que se poderia esperar, causou, não obstante, impressão tão profunda em vários membros que estes se retiraram da Casa, declarando que não teriam participação no sangue de homem tão justo. O conde de Tweeddale foi o único a falar contra a execução, dizendo que o banimento fora a mais severa censura imposta a pregadores por suas opiniões e, contudo, o sr. Guthrie fora condenado à morte." O dia da execução só foi anunciado em 8 de maio, quando o Parlamento ordenou que ele e William Gowan fossem enforcados na Cruz de Edimburgo, em primeiro de junho, que a cabeça de Guthrie fosse afixada em Nether Bow, seus bens confiscados e suas armas heráldicas rasgadas. A cabeça de Govan seria colocada sobre West Port. Após receber a sentença, dirigiu-se assim ao Parlamento: "Meus senhores, que esta sentença jamais vos afete mais do que me afeta, e que meu sangue jamais seja cobrado da família do rei!"

Entre a sentença e a execução, Guthrie desfrutou de perfeita compostura e serenidade de espírito e escreveu muitas cartas a amigos e conhecidos. Sua carta de despedida à esposa, escrita com a mais digna submissão e impregnada do mais ardente afeto e de alegre resignação, nós a reproduzimos por inteiro:

"Meu coração, — Estando a poucas horas de entregar a vida pelo testemunho de Jesus Cristo, envio-vos estas poucas linhas como o último ato de obediência do afeto sincero e imaculado que vos tenho, não só como uma só carne, mas como membro comigo daquele bendito corpo místico do Senhor; pois confio que o sois, e que Deus, que começou em vós a sua boa obra, também a aperfeiçoará e a levará a termo, dando-vos vida e salvação. Quaisquer que sejam vossas enfermidades e fraquezas, a graça de Deus vos será suficiente, e seu poder se aperfeiçoará em vossa fraqueza. Para mim fostes companheira de jugo muito bondosa e fiel, e não impedimento, mas auxílio na obra do Senhor. Dou-vos este testemunho como toda a recompensa que agora posso deixar-vos: — Em todas as provações que encontrei na obra do ministério nestes últimos vinte anos, e não foram poucas, vindas de agressores de muitas espécies, à direita e à esquerda, jamais me tentastes a apartar-me do Deus vivo e do caminho do meu dever, para aderir a uma causa má ou atender aos conselhos da carne e do sangue, a fim de evitar a cruz e obter o lucro e as honras deste mundo presente. Trabalhastes muito com vossas mãos para prover pão a mim e a meus filhos, e sempre desejastes que eu exercesse hospitalidade, sobretudo para com os que traziam a imagem de Deus. Menciono estas coisas não para vos ensoberbecer, mas para vos animar na aflição e tribulação presentes, persuadido de que Deus atentará para vós e para os filhos de meu corpo, que deixo aos vossos cuidados, a fim de que sejam criados no conhecimento do Senhor. Não vos desanimem vossas necessidades e fraquezas; em Deus há poder, riquezas e abundância, tanto no que toca às coisas do corpo quanto às da alma; ele suprirá todas as vossas necessidades e vos conduzirá através de tudo. Parece que virá tempo de grandes provações; mas apegai-vos a Deus e guardai seu caminho, sem lançar fora vossa confiança. Não temais afogar-vos nas profundezas das tribulações que possam sobrevir a esta terra; Deus vos esconderá sob sua sombra e vos guardará na concha de sua mão. Sede sóbria e de espírito manso; não contendais contra a Providência, mas sujeitai-vos àquele que é o Pai dos espíritos. Não recuseis a cruz, mas abraçai-a como vossa; amai todos os que amam o Senhor e deleitai-vos em sua comunhão. Entregai-vos à oração e sede diligente na leitura das santas Escrituras. Frequentai as ordenanças e tende-as em grande estima como meios designados por Deus para vossa salvação. Uni o exercício da piedade ao arrependimento e manifestai vossa fé nos frutos da obediência sincera e de uma conduta conforme o evangelho. Prezai vossa consciência acima de vossa pele. Não vos inquieteis, ainda que não saibais com que vestir a vós e a vossos filhos, nem com que jantar; a providência e as promessas de Deus são uma porção verdadeira, rica e infalível. Seja Jesus Cristo toda a vossa salvação e todo o vosso desejo! Recomendo-vos a Ele, e Ele a vós. Meu coração! Recomendo-vos ao amor eterno de Jesus Cristo. Sou ajudado por Deus, e espero ser ajudado até o fim. Orai por mim enquanto aqui estiver, e louvai comigo depois. Deus esteja convosco! Sou vosso.

Cadeia de Edimburgo,

1.º de junho de 1661.

}

"JAMES GUTHRIE."

No mesmo dia, tendo corrido a notícia de que compraria sua vida retratando-se de algo que anteriormente dissera e fizera, escreveu e assinou a seguinte declaração: —

"Pelo presente declaro que reconheço 'As causas da ira de Deus', a 'Súplica em Edimburgo', de agosto último, e minha participação nas 'Remonstrâncias'; e, se alguém pensa ou relatou que eu estava disposto a afastar-me dessas coisas, injustiçou-me, pois nunca recebeu de mim motivo algum para assim pensar ou relatar. Atesto-o de próprio punho, em Edimburgo, por volta das onze horas da manhã, perante estas testemunhas:

ARTHUR FORBES,

JOHN GUTHRIE.

HUGH WALKER,

JAMES COWIE.

(Assinado)

JAMES GUTHRIE."

Depois de pôr em ordem todos os seus negócios terrenos, almoçou com os amigos com grande alegria e pediu queijo — alimento de que gostava particularmente, mas de cujo consumo fora dissuadido por estar sujeito a cálculos urinários —, observando que agora se achava fora do perigo daquela doença. Terminada a refeição, retirou-se por algum tempo a sós; e, ao voltar com perfeita compostura e fortaleza, foi logo conduzido, sob guarda, da cadeia ao cadafalso erguido na Cruz. Ali, longe de manifestar qualquer sinal de temor, antes expressou anseio pela morte. Falou à multidão por cerca de uma hora com a mesma compostura com que proferiria um discurso comum, concluindo com as palavras do antigo Simeão: "Agora despede em paz o teu servo, porque os meus olhos viram a tua salvação!"

De seu último discurso e testemunho deu uma cópia a um amigo para que fosse conservada para seu filho e entregue a ele quando atingisse a maioridade, pois então ainda era criança. Imediatamente antes de ser lançado da plataforma, ergueu a venda dos olhos e bradou: — "As Alianças, as Alianças ainda serão o reavivamento da Escócia!"

Poucas semanas depois de sua execução, quando a carruagem de Middleton descia pela Porta de Netherbow, algumas gotas de sangue caíram sobre ela da cabeça do mártir, e toda a arte humana não conseguiu removê-las. Por isso, foi necessário substituir a cobertura por uma nova.

Guthrie foi o primeiro ministro que, naquele período, sofreu a morte por afirmar a prerrogativa régia do Senhor Jesus, em oposição à supremacia erastiana*. Foi homem honrado por Deus com zelo e fidelidade singulares na continuação da obra da Reforma, na qual se conduziu com a mais inabalável fidelidade em meio a todas as vicissitudes e revoluções. Sua dedicação em promover os interesses do rei na Escócia foi constante; o próprio Charles tinha consciência disso, como se pode saber de uma expressão que empregou ao ser informado de sua morte. "E o que fizestes com Patrick Gillespie?", perguntou o rei. — "Ele tinha tantos amigos na Casa", foi a resposta, "que sua vida não pôde ser tirada!" — "Pois bem", disse Sua Majestade, "se eu soubesse que pouparíeis Gillespie, teria poupado Guthrie." Em suma, Guthrie era homem adornado de quase todas as qualidades necessárias para completar tanto o homem quanto o cristão.

Além dos escritos já mencionados, escreveu um opúsculo contra Cromwell, pelo qual sofreu diversas privações durante a supremacia do usurpador. Seu último sermão pregado em Stirling, sobre Mateus 14:22, intitulado "Um clamor dentre os mortos", juntamente com suas Dez considerações acerca do

declínio da religião, foram publicados pela primeira vez por ele próprio, em 1660; e um documento autêntico, por ele escrito e assinado, sobre o episódio em que foi apedrejado pelo partido resolucionista, em 1656, por sua participação no chamado do sr. Robert Rule para ser seu colega após a morte do sr. Bennet. Escreveu também um tratado sobre presbíteros regentes e diáconos, apenso à última edição da obra de seu primo, o sr. William Guthrie, "A prova de um interesse salvífico em Cristo".

WILLIAM GOVAN

A BIOGRAFIA parece silenciar quanto ao nascimento e à vida deste homem digno, que sofreu juntamente com o sr. Guthrie. Tudo o que dele se sabe é que em alguns escritos é chamado capitão Govan, donde se concluiu que era soldado. A principal falta de que o acusaram foi ter abandonado o estandarte do rei em Hamilton, com muitos outros, numa época em que as repetidas vitórias de Cromwell tornavam vã toda esperança de resistência ulterior. Alegou-se ainda contra ele que estivera no cadafalso quando Charles I foi decapitado; mas refutou satisfatoriamente essa acusação ao demonstrar que se achava em outro lugar.

No cadafalso, tirou um anel do dedo e deu-o a um amigo, pedindo-lhe que o levasse à esposa e lhe dissesse que "morria em humilde confiança e achava doce a cruz de Cristo". Declarou que "Cristo fizera tudo por ele, e que somente por Ele fora justificado". Exortado a olhar para Cristo, respondeu: — "Ele olha para baixo e sorri para mim." Depois, tendo subido a escada, disse: — "Queridos amigos, bebei deste cálice de sofrimento, como eu fiz, antes de pecar; pois pecado e sofrimento me foram apresentados, e escolhi a parte do sofrimento." Quando lhe puseram e ajustaram a corda ao pescoço, disse: — "Agora estou perto do meu fim, e não desejo lançar censura sobre homem algum. Mencionarei apenas uma coisa. O Comissário e eu fomos juntos ao campo de batalha pela mesma causa; tenho agora a corda ao pescoço, e ele foi promovido a comissário de Sua Majestade; contudo, nem por mil mundos trocaria minha sorte pela dele. Louvor e glória sejam dados a Cristo para sempre!"

Após breve pausa e uma curta oração, deu o sinal e, em poucos instantes, entrou na posse de sua coroa. Era tido por homem bom e piedoso, e evidentemente firme adepto da causa presbiteriana. Sua cabeça foi depois colocada sobre West Port, na cidade de Edimburgo.

JOHN CAMPBELL CONDE DE LOUDON

Este distinto nobre era herdeiro de Sir James Campbell de Lawers e marido de Margaret, condessa de Loudon. Na coroação de Charles I, foi elevado ao pariato, com o título de conde de Loudon, juntamente com vários outros membros da nobreza escocesa.

Desde a juventude era favorável à causa presbiteriana; e, por volta de 1637, quando começava a despontar a segunda Reforma, não apenas se uniu aos pactuantes, mas, quando a Assembleia Geral se reuniu em Glasgow, em novembro de 1638, compareceu assiduamente e prestou grandes serviços tanto por seus excelentes conselhos quanto pelos muitos discursos eloquentes que proferiu. Surgindo a disputa entre o marquês de Hamilton, comissário do rei, e alguns membros acerca da eleição de um secretário da Assembleia, Loudon, em nome dos comissários à Assembleia, apresentou razões de caráter muito elevado e independente para que o lorde comissário e seus assessores tivessem apenas um voto na Casa, contrariando o marquês, que insistia no oposto. Essas razões foram expostas com tamanha maestria que o conde de Traquair pediu uma cópia, prometendo respondê-las; mas a resposta jamais apareceu. Também por essa época disse ao comissário do rei: — "Que não conhecia outro vínculo entre o rei e seus súditos senão a religião e as leis; e que, se estas fossem violadas, os homens já não teriam a própria vida em alta conta; que seu partido já não se deixava dominar por tais temores."

Ferido até o íntimo ao ver quase restaurado o governo presbiteriano e quase abolida a prelazia, o rei, por conselho de seus bispos, pôs-se imediatamente à frente de um exército para subjugar os escoceses.

Estes, porém, sabendo de suas intenções hostis, em nada ficaram para trás. Ambos os exércitos marcharam em direção à fronteira; mas, à aproximação dos escoceses, os ingleses se intimidaram e concordou-se numa trégua. Nomeados comissários de ambos os lados para negociar, o exército escocês designou lorde Loudon, que, de joelhos, informou ao rei "que sua exigência era apenas desfrutar sua religião e suas liberdades segundo as leis eclesiásticas e civis do reino". Charles respondeu: — "Se era tudo o que desejavam, logo se faria a paz"; prometendo ao mesmo tempo "que todas as questões eclesiásticas seriam decididas por uma Assembleia, e as civis pelo Parlamento; que a Assembleia se reuniria uma vez por ano; e que em 6 de agosto se realizaria uma Assembleia Geral livre, à qual ele próprio compareceria, e aprovaria um Ato de Esquecimento para esse fim". Esses preliminares foram assinados pelos comissários de ambas as partes, à vista dos dois exércitos, em Kirks, perto de Berwick, no dia 18 de junho de 1639.

O tratado, porém, durou pouco; pois, por instigação dos bispos, o rei logo mandou que o carrasco queimasse os artigos de paz, acusando ao mesmo tempo os escoceses de violar os termos do acordo, embora Loudon provasse satisfatoriamente o contrário. Charles estava longe de se agradar da franqueza com que Loudon falara; contudo, permitiu-se-lhe regressar a casa naquela ocasião.

Nesse ínterim, a Assembleia Geral reuniu-se em Edimburgo, em 12 de agosto, e o sr. David Dickson foi escolhido moderador. Entre outras matérias, Henderson e Ramsay propuseram que o episcopado era de origem humana e inteiramente instituição dos homens, quando o conde de Traquair interrompeu a discussão e declarou que não desejava que entrassem em debate sobre o assunto, mas apenas demonstrassem até que ponto o episcopado contrariava a constituição da igreja escocesa. Loudon explicou com a maior clareza o Ato da Assembleia de 1580, que condenara o ofício dos bispos antes da assinatura da Aliança Nacional, e observou que, não tendo o episcopado fundamento na palavra de Deus, ao passo que o governo presbiteriano o tinha, este fora, portanto, jurado na Aliança Nacional.

O Parlamento reuniu-se no mesmo dia em que a Assembleia foi prorrogada; mas, ao tratar de matérias às quais o rei era inteiramente contrário, Traquair manobrou de modo a interromper todos os seus trabalhos. Nesse desagradável estado de coisas, Dunfermline e Loudon foram enviados a implorar a Sua Majestade que lhes permitisse prosseguir; mas, antes que os dois nobres chegassem ao palácio, ordens foram enviadas, proibindo-os em nome do rei de se aproximarem a menos de uma milha da corte, sob o pretexto de que não tinham autorização do comissário de Sua Majestade.

Nesse ínterim, o rei prorrogou o Parlamento até 2 de junho de 1640; e nesse estado ficaram os negócios da nação até janeiro de 1641, quando o comitê parlamentar, tendo obtido permissão para enviar deputados a apresentar suas queixas, escolheu para isso Dunfermline e Loudon, com Douglas de Cavers e o sr. Barclay, principal magistrado municipal de Irvine. Sua Majestade recebeu-os com aparente cortesia e até lhes permitiu beijar sua mão; mas, entendendo que não lhes seria concedida audiência particular, pediram uma cópia do relatório de Traquair ao conselho inglês, que lhes foi recusada. Em 3 de março, porém, essa honra lhes foi concedida, quando Loudon aproveitou a ocasião para informar ao rei que seu antigo reino natal era independente de qualquer outro tribunal, e solicitar a proteção de Sua Majestade em defesa da religião, da liberdade e da causa da igreja. Quanto aos que haviam apresentado os escoceses sob falsa luz a Charles, Sua Senhoria disse: — "Se aprouver a Deus, por nossos pecados, tornar nossa condição tão deplorável que nossos inimigos obtenham a sombra da autoridade de Vossa Majestade para encobrir seus desígnios — como esperamos em Deus que não aconteça —, então, como homens juramentados a defender nossa religião, recorreremos para nosso refúgio ao Deus de Jacó, que é Senhor dos senhores e Rei dos reis, por quem reinam os reis e os príncipes decretam justiça. E se, ao assim falar — por zelo por nossa religião, pelo dever que temos para com nossa pátria e em resposta à grave acusação levantada contra nós —, dissemos algo irrefletido no ardor de nosso apego à causa, prostramo-nos aos pés de Vossa Majestade e humildemente pedimos perdão por nossa liberdade de expressão. Mas, no presente estado de coisas, é necessário distinguir entre igreja e Estado, entre o poder eclesiástico e o civil; ambos sendo materialmente um, mas formalmente distintos em poder, jurisdição,

leis, corpos, fins, cargos e oficiais. Pois embora a igreja e suas assembleias eclesiásticas sejam formalmente diferentes e distintas do Parlamento e dos tribunais civis, há união tão estreita e necessária entre a jurisdição eclesiástica e a civil, entre a religião e a justiça, que uma não pode propriamente existir e ser preservada sem a outra; portanto, devem permanecer ou cair, viver ou morrer juntas." Depois de discorrer longamente sobre os privilégios de ambas, concluiu assim: — "Que Vossa Majestade se digne ordenar que o Parlamento proceda livremente à decisão dos artigos a ele apresentados; e, quaisquer que sejam as exceções, objeções ou informações apresentadas contra alguma das propostas particulares etc., estamos inteiramente dispostos a recebê-las por escrito e, do mesmo modo, devolver nossas respostas e humildes solicitações."*

Tendo os comissários escoceses comparecido em 11 de março e apresentado suas instruções, seguiu-se extensa conversa entre eles e o rei, durante a qual se observou que o arcebispo Laud, sentado à direita de Sua Majestade, os tratava com desprezo, instigando o rei a importuná-los com perguntas inteiramente alheias à natureza de sua comissão. Nessa ocasião, pareceu evidente que Traquair só pretendia enredar os comissários por meio de suas perguntas; mas em cada ponto deparou com argumentos que não pôde refutar. Recorreu-se, portanto, ao braço forte da lei despótica, e todos os comissários foram presos. O conde de Loudon foi enviado à Torre por causa de uma carta que se alegava ter sido escrita por ele e remetida pelos escoceses ao rei da França, nos seguintes termos: —

"Senhor,

"Sendo Vossa Majestade refúgio e santuário de príncipes e Estados aflitos, julgamos necessário enviar este cavalheiro, o sr. Colville, para expor a Vossa Majestade a candura e sinceridade tanto de nossas ações e procedimentos quanto de nossas invenções, que desejamos sejam gravadas e escritas em todo o mundo com um raio do sol, assim como perante Vossa Majestade. Rogamos, pois, Senhor, que lhe deis fé e crédito, e a tudo quanto disser de nossa parte acerca de nós e de nossos negócios. Estando muito seguros, Senhor, de uma assistência igual à vossa costumeira clemência, antes e tantas vezes demonstrada à nação, que não cederá a nenhuma outra qualquer a glória de ser eternamente,"

Senhor,

"O mais humilde, mais obediente e mais afetuoso servo de Vossa Majestade."

Quanto a essa importante questão, devemos informações ao autor da "História dos Stuarts", que sustenta ter sido a carta composta por Montrose quando o rei marchava com um poderoso exército contra a Escócia; que Loudon a copiou e a assinou juntamente com Montrose, Rothes, Marr, Montgomery, Forrester e o general Leslie; mas que ela jamais foi enviada. A cópia não tinha data nem endereço; e, julgando-se inelegante seu francês, abandonou-se a ideia. Contudo, bastava aos propósitos sinistros de Traquair, que por algum meio se apossara dela; e não era muito difícil despertar a fraca mente do rei. Chamado perante o conselho para responder à acusação, o conde reconheceu de imediato que o manuscrito e a assinatura eram seus; mas declarou ao mesmo tempo, em sua defesa, que tudo isso fora feito quando Sua Majestade marchava com um exército hostil contra seu país natal; que, naquelas circunstâncias, podiam pensar em alguém mais qualificado para interceder por eles e a quem o rei estivesse mais inclinado a ouvir do que o rei da França, parente próximo de Sua Majestade; mas que, julgando-se ser tarde demais, a carta nunca chegara sequer a ser endereçada e, portanto, não fora enviada, como testemunhavam tanto esse fato quanto a ausência de data.

Nada disso valeu, e o conde foi reconduzido à prisão. Charles estava decidido a sacrificar-lhe a vida, e isso da maneira mais covarde, sem julgamento nem condenação, pela mão de um assassino. Burnet, em suas "Memórias do duque de Hamilton", reconhece que o rei fora aconselhado a proceder capitalmente contra Loudon; mas Rusworth, historiador inglês, afirma que por volta das três horas da tarde o rei enviou uma carta sua a William Balfour, tenente da Torre, ordenando-lhe que mandasse cortar a cabeça de lorde Loudon dentro da Torre antes das nove da manhã seguinte. Para que Sua Senhoria pudesse preparar-se para a morte, o tenente imediatamente o avisou da ordem. Confiante na justiça de sua causa,

o conde recebeu a notícia com espantosa serenidade e compostura. Ao mesmo tempo, o tenente informou o marquês de Hamilton, e ambos partiram imediatamente ao encontro do rei, que encontraram na cama. Mal mencionaram o mandado, o rei, suspeitando o motivo da visita, interrompeu-os e exclamou furioso: — "Por D——s, será executado!" O marquês, contudo, censurou a perfídia de seu desígnio e expôs-lhe as consequências fatais que poderiam advir ao afastar de si a nobreza, a ponto de pôr em risco sua própria vida, e de fazer toda a Escócia, até o último homem, pegar imediatamente em armas contra ele. Como criança irritada por ver frustrado seu intento, o pobre rei exigiu o mandado e rasgou-o em pedaços, dispensando o marquês e o tenente sem muita cerimônia. Por volta de 28 de junho, pela boa providência de Deus, o nobre senhor obteve a liberdade, depois de ser instruído a ocultar de seus compatriotas o tratamento severo que recebera e a fazer todo o possível para incliná-los à paz; mas outra crise se avizinhava. Os escoceses estavam resolutos e Charles não mostrava disposição alguma para ceder. Irrompeu, pois, nova guerra, e o rei pôs-se à frente do exército para subjugar os escoceses. Estes, porém, não tardaram nos preparativos e avançaram com assinalado êxito até Durham. Em tudo isso Loudon desempenhou papel importante. Graças a seus esforços, os cidadãos de Edimburgo e de outros lugares contribuíram alegremente com dinheiro e outras provisões para sustentar a guerra. As tropas do rei foram derrotadas em Newburn, e ele se viu na necessidade de nomear comissários para negociar com os escoceses. A reunião ocorreu em Rippon, em 1.º de outubro de 1640, e os condes de Dunfermline, Rothes e Loudon, juntamente com os srs. Henderson e Johnston, foram designados comissários do lado escocês. Depois de acordada uma trégua de três meses, as negociações foram transferidas para Londres. Aos comissários anteriores juntaram-se então os srs. Robert Blair, Robert Baillie e George Gillespie, três dos mais brilhantes ornamentos da igreja, como capelães dos três nobres anteriormente designados. Os amigos da igreja na Inglaterra alimentavam grandes esperanças de que algo se faria então para restituir a paz aos presbiterianos sofredores, e não ficaram de todo desapontados.

No ano seguinte, o rei fez outra viagem à Escócia para estar presente numa sessão do Parlamento, perante o qual Traquair, Montrose e alguns outros nobres violentos tinham sido intimados a comparecer por suscitar contendas entre o rei e seus súditos e por intrigar com os pactuantes. Loudon, lembrado da recomendação que recebera do soberano no ano anterior, intercedeu com tanto ardor por alguns acusados que por algum tempo se espalhou a suspeita de que mudara de lado. Nada, porém, estava mais distante de seu coração. Após o mais rigoroso exame de sua conduta e dos motivos de tão excepcional generosidade, a Casa declarou que ele se conduzira com fidelidade e prudência em todas as funções públicas, e que não somente merecia um ato de aprovação, como também ser recompensado pelos Estados. Com nenhum dos comissários escoceses os ingleses agiram tão generosamente quanto com o conde, e nenhum deles, em momento algum, tratou o rei com tamanha franqueza. Foi, portanto, mais uma vez designado para ir a Londres com o tratado recém-revisto, assinado pelo presidente da Casa e outros. Pouco depois, por especial vontade do rei, o nobre conde foi nomeado chanceler, muito contra sua própria inclinação e a solicitação de seus amigos, que o queriam nomeado para o cargo de lorde tesoureiro. Assim, em 2 de outubro de 1642, Sua Senhoria tomou posse do cargo, quando o grande selo, guardado pelo marquês de Hamilton durante dois anos, juntamente com a maça, lhe foi entregue pelas próprias mãos de Sua Majestade, depois de prestar o juramento de lealdade e* de fideli administratione officii. Encerrada a cerimônia, tomou assento aos pés de Sua Majestade, à direita do presidente da Casa; levantou-se imediatamente dali e, ajoelhando-se diante do rei, disse: — "A promoção não vem do oriente nem do ocidente, mas somente de Deus. Reconheço que a recebi de Vossa Majestade, como vice-regente de Deus na terra e fonte de todas as honras terrenas neste reino; e procurarei corresponder à expectativa de Vossa Majestade e merecer a boa vontade desta honrada Casa, desempenhando fielmente o encargo que ambos me impuseram sem mérito algum de minha parte." — Como mudara a cena! — Apenas poucos meses antes, recebera do soberano a sentença de morte pela causa de Cristo e de sua igreja; agora, pela mesma autoridade, era-lhe confiado o leme dos mais elevados

negócios do reino. Verdadeiramente, — "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e a humildade precede a honra."

Loudon começou então a dedicar seus esforços ao bem da igreja e da nação; e, como meio mais conveniente de estabelecer paz firme e duradoura entre os dois reinos, instou vivamente com Charles para que convocasse seu Parlamento inglês. Em 1645, foi incansável no empenho de estabelecer a feliz uniformidade de doutrina, disciplina e governo eclesiástico que então se realizou; e, no ano seguinte, dirigiu-se ao rei nestes termos: — "A divergência entre Vossa Majestade e o Parlamento chegou a tal ponto que, após muitas batalhas sangrentas, eles têm em suas mãos Vossa Majestade, com todas as vossas guarnições e fortalezas. Estão agora em condições de fazer o que quiserem na igreja e no Estado; alguns temem e outros não desejam ir aos extremos antes de conhecer a decisão final de Vossa Majestade. Agora, Senhor, se Vossa Majestade recusar assentimento ao que se propõe, perderá todos os amigos na Casa e na cidade, e toda a Inglaterra se unirá contra vós como um só homem; eles vos deporão e estabelecerão outro governo; obrigar-nos-ão a entregar-lhes Vossa Majestade e retirar nossas armas da Inglaterra; e, diante de vossa recusa, seremos obrigados a estabelecer a religião e fazer a paz sem vós, o que arruinará Vossa Majestade e vossa posteridade. Confessamos que as propostas, em certos pontos, não são de nosso agrado; mas o único meio que Vossa Majestade deve adotar é aceitá-las por ora. Vossa Majestade poderá recuperar, em tempos de paz, tudo o que perdeu em tempos de tempestade e tribulação."

Em 1648, foi novamente encarregado de missão semelhante, mas sem melhor êxito; e, no mesmo ano, no mês de junho, quando participava de uma comunhão em Mauchline Moor com um punhado de pactuantes, foi atacado pelas tropas sob o comando de Calender e Middleton, apesar de esses cavalheiros lhe terem prometido o contrário.

Uma nova conjuntura começou a surgir em 1650, e dias mais sombrios que nunca pareciam aguardar a igreja sofredora. Charles I fora morto; os escoceses haviam chamado de volta seu filho Charles II; os malignos tinham alcançado cargos e poder; e, em todas essas circunstâncias, Loudon julgou necessário renunciar a seus cargos, incapaz de respirar em atmosfera tão pestilenta. Presidira ao Parlamento por quase dez anos e, sob Deus, fora instrumento do estabelecimento, tanto na igreja quanto no Estado, da mais pura Reforma jamais realizada em qualquer país sob a dispensação do Novo Testamento. Não temos informação precisa sobre suas ocupações durante a usurpação de Cromwell; mas é provável que, como a maior parte dos cavalheiros daquele tempo, tenha vivido em relativo retiro.

Mal o rei foi restaurado aos domínios paternos, começou a grassar a perseguição da mais violenta natureza; é impossível, portanto, exprimir a dor que esse piedoso nobre sentiu ao contemplar não apenas destruída a obra entalhada do santuário, cuja direção e edificação tanto ajudara, mas também ao ver-se à mercê de seu soberano pelo papel que desempenhara. Sabia muito bem que, depois do marquês de Argyle, era o alvo da malícia dos inimigos; pois solicitara repetidamente as boas graças de Sua Majestade e outras tantas vezes fora recusado. A vida começava a ser-lhe um fardo, e ansiava por partir. Exortava muitas vezes sua excelente esposa a orar com fervor, para que ele não visse a sessão seguinte do Parlamento, pois de outro modo poderia seguir seu querido amigo, o marquês de Argyle; e o Senhor se agradou de atender-lhe o pedido, pois morreu em Edimburgo em 15 de março de 1652, antes da convocação do Parlamento.

Os méritos desse excelente nobre, renomado patriota e fiel servo do Senhor Jesus Cristo excedem em muito qualquer elogio humano. À exceção de um erro ao qual foi levado pela influência do conde de Lanark, sua reputação era irrepreensível. Mas, tão logo lhe apontaram o equívoco, arrependeu-se sinceramente e, no verdadeiro espírito da contrição cristã, assinou uma admoestação a vigiar com maior diligência, à qual desde então aderiu religiosamente. No Senado era orador consumado; na vida política, social e doméstica, exemplo seguro a seguir; e, como membro da igreja de Cristo, tinha por principal alvo e fim a honra de seu divino Mestre. Ao sustento de nossa antiga e admirável constituição, tanto na

igreja quanto no Estado, aplicou invariavelmente seus excelentes dons com zelo tão incansável que não seria impróprio chamá-lo de principal defensor das liberdades civis e religiosas do povo. O que faltou à medida plena de seus próprios sofrimentos foi atribuído a seu filho James, conde de Loudon, que morreu no exílio em Leyden por sua adesão à mesma gloriosa causa. E é agradável observar aqui que há exemplos, de data não muito remota, do mesmo espírito nobre e independente em favor da liberdade civil e religiosa na família da qual JOHN, conde de Loudon, foi tão distinto ornamento.

ROBERT BAILLIE

O personagem desta breve, mas interessante memória era natural de Glasgow. Nasceu em 1599 e descendia em linha direta dos Baillie de Jerviston, membros da casa de Carphin, ramo da antiga família de Lamington, todos no condado de Lanark. Pelo lado materno, descendia dos conhecidos Gibson de Durie. Na Universidade de Glasgow, onde recebeu sua educação, dizem que foi tão notavelmente aplicado que adquiriu conhecimento de doze ou treze línguas e se tornou capaz de escrever latim com pureza e elegância clássicas que não destoariam da época de Augusto.

Depois de concluir os estudos de teologia, recebeu licença do arcebispo Law e pouco depois foi apresentado ao benefício de Kilwinning pelo conde de Eglinton. No início da Reforma, em 1637, enfrentou consideráveis dúvidas quanto ao partido a que deveria unir-se; mas, por fim, após muita meditação, leitura e oração, abraçou de coração a doutrina e a disciplina dos pactuantes; e, sendo homem de sólido discernimento, foi muito empregado nos assuntos da igreja. Em 1638, foi escolhido para representar o presbitério de Irvine na memorável Assembleia daquele ano, em Glasgow, onde se conduziu com grande sabedoria e moderação. Foi também um dos que acompanharam o exército como capelães em 1639 e 1640, estando presente durante todo o tratado iniciado em Rippon e concluído em Londres. O deleite espiritual que então experimentou pode ser mais bem descrito em suas próprias palavras: — "Quanto a mim, jamais senti meu espírito em melhor disposição do que durante todo aquele tempo, desde a partida até que me voltasse novamente para casa. Eu era um daqueles que haviam se despedido do mundo e resolvido morrer naquele serviço. Sentia o favor de Deus brilhar sobre mim, e um espírito doce, manso e humilde, mas forte e ardente, a conduzir-me." No ano seguinte, foi enviado a Londres para formular uma acusação contra o arcebispo Laud pelas inovações que tentara impor à igreja.

De Kilwinning, foi transferido para a cátedra de teologia do colégio de Glasgow, por volta de 1650. Também foi um dos comissários enviados a Westminster para auxiliar na elaboração dos padrões eclesiásticos; e seus serviços foram tão estimados que, ao encerrar-se aquela Assembleia, o Parlamento inglês presenteou-o com uma peça comemorativa de prata, com inscrição apropriada, em reconhecimento a seu talento e integridade. Diz-se que esse testemunho está em poder da família de Carnbroe.

De sua primeira esposa, Baillie teve um filho e quatro filhas; da segunda, uma filha que se casou com Walkinshaw de Barrowfield.

Manteve relações de estreita amizade com o marquês de Argyle; os condes de Cassilis, Eglinton, Lauderdale e Loudon; lorde Balmerino, lorde Warriston e os homens principais do partido pactuante; por esse convívio, adquiriu conhecimento muito exato de todos os acontecimentos públicos. Por influência de lorde Lauderdale, sucedeu à direção do colégio de Glasgow após a morte do sr. Patrick Gillespie; diz-se também que, pela mesma época, lhe ofereceram um bispado. Ele, porém, recusou-o e permaneceu firme em sua adesão ao governo presbiteriano até o fim da vida. Na biografia que precede suas Cartas, o autor insinua que a rejeição da oferta decorreu principalmente de sua aversão a divergir daqueles com quem antes vivera em intimidade; mas alguns excertos de uma carta sua a lorde Lauderdale, pouco antes da morte, mostrarão a questão sob sua verdadeira luz: — "Valendo-me da ocasião oferecida por este mensageiro, digo-vos que meu coração está partido pela dor e que sinto o

peso dos assuntos públicos sobre mim, apressando-me para a sepultura. Por que prestaríeis ao rei um desserviço que nem todos vós juntos podereis compensar, entristecendo o coração de todos os vossos amigos piedosos na Escócia com a derrubada, de uma vez, de todas as nossas leis referentes à igreja desde 1633? Foi bom conselho, ou prosperará? É sábio trazer de volta os tempos de Canterbury, os mesmos desígnios, as mesmas práticas? Não produzirão os mesmos efeitos, digam o que disserem os sonhos dos tolos? — Meu senhor, sois o nobre que mais amo e estimo em todo o mundo. Julgo poder dizer que vos escrevo o que me apraz. Se de coração decidistes abandonar vossa Aliança, apoiar a reintrodução dos bispos e dos livros e fortalecer o rei com vosso conselho nessas matérias, considero-vos um dos principais transgressores e dos primeiros a responder por esse grande pecado" etc. Como refutação adicional daquela insinuação, quando o arcebispo veio visitar Baillie em seu leito de morte, ele nem sequer o tratou pelo título de "meu senhor". Mais ainda, sentiu tão profundamente a introdução da prelazia que apenas algumas semanas antes de morrer — em 1.º de maio de 1662 — escreveu a um parente próximo: — "A versão agora é que os bispos não importunarão ninguém, mas os Estados punirão os ministros sediciosos. Esta pobre igreja está na condição mais difícil que já vimos. Esta é minha tristeza diária; ela me trouxe todos os meus males corporais e parece que me causará ainda mais dano." No mês de julho seguinte, faleceu, aos 63 anos.

Por sua erudição profunda e vasta e por seu juízo exato e sólido, Baillie pode com toda justiça ser contado entre os grandes homens de seu tempo; mas, ai!, por grande e bom que certamente fosse, mostrou não ser inteiramente capaz de resistir ao preconceito das paixões humanas. A alguns daqueles homens dignos a quem atribuía os mais altos louvores por sua contribuição à obra da Reforma entre 1638 e 1649, depois imputou os mais indignos motivos quando se tornaram remonstrantes; atribuiu todas as divisões e calamidades que sobrevieram à igreja, ao Estado e ao exército à recusa dos protestadores em concordar com o partido ao qual ele pertencia, quando, para toda mente reflexiva, parecerá ter ocorrido exatamente o contrário. Os últimos dez anos de sua, em outros aspectos, excelente história, publicada sob o título de "Cartas de Baillie", devem, portanto, ser recebidos com extrema cautela. Baillie pertencia ao partido chamado resolucionista e dizem até que redigiu alguns dos documentos desse grupo em 1661; não é, pois, de admirar que os protestadores não pudessem sujeitar sua consciência aos ditames arbitrários do partido oposto. Não podiam violar levianamente a Aliança solenemente jurada, aprovando a admissão de personagens como Charles II e sua ímpia facção no seio da igreja — em defesa dessa Aliança muitos deles enfrentaram a forca, sofreram banimento e suportaram a prisão com todos os horrores que a acompanham; ao passo que é bem sabido que várias centenas de resolucionistas apostataram depois da maneira mais vergonhosa, e até se tornaram violentos perseguidores daqueles que, por causa da consciência, permaneceram fiéis até a morte.

Quanto à erudição, Baillie pode, não obstante, ser justamente considerado uma honra para seu país. Entre seus numerosos escritos mencionem-se sua Cronologia das Escrituras, escrita em latim; sua Autocondenação de Canterbury; seu Paralelo, ou comparação da liturgia com o missal; sua Dissuasão contra os erros dos tempos, além dos Documentos históricos e Cartas. Escreveu também Laudensium, um artigo contra o arminianismo; uma Resposta ao inquiridor modesto, além de outros tratados e diversos sermões em outras ocasiões.

DAVID DICKSON

ESTE intrépido servo de Deus era o único filho do sr. John Dickson, comerciante de Glasgow, que possuía em feu algumas terras no baronato de Fintry, chamadas Kirk of the Moor, na paróquia de St. Ninian's. Diz-se que nasceu por volta de 1583. Seus pais haviam estado casados por vários anos antes de seu nascimento; e, sendo ardentemente devotados à religião, destinaram desde cedo o personagem desta memória ao ministério. Parece que, posteriormente, haviam em grande medida abandonado essa resolução, até que a Providência visitou seu filho com uma febre grave e lhes trouxe à lembrança o voto

que anteriormente haviam feito. Assim, após recuperar-se, foi enviado para retomar os estudos no colégio de Glasgow.

Depois de obter o grau de mestre em artes, foi nomeado professor de filosofia na Universidade; nessa época, ele, o diretor Boyd de Trochrigg e o sr. Blair foram singularmente bem-sucedidos em reavivar a piedade entre os jovens, a qual, desde que a prelazia fora imposta à igreja, caíra em lamentável decadência. Em 1618, Dickson foi ordenado ministro de Irvine, onde trabalhou com grande fidelidade por cerca de vinte e três anos.

Ao ingressar no ministério, não tinha grande aversão ao episcopado; mas, depois que foram aprovados os "Cinco Artigos de Perth" e começou a considerar seriamente o assunto, quanto mais os estudava, mais se convencia de sua origem papista. Por fim, após recuperar-se de uma perigosa enfermidade, deu testemunho público de sua pecaminosidade.

Mal o arcebispo Law foi informado disso, intimou Dickson a comparecer perante o Tribunal da Alta Comissão em 9 de janeiro de 1622. O arcebispo disse-lhe que recebera ordem do rei para averiguar por que não obedecera aos Artigos de Perth e por que fora tão ativo em procurar impedir que o poder legislativo impusesse a observância desses Artigos. Dickson respondeu que a principal razão por que não lhes obedecia era não ver motivo pelo qual devessem ser ordenados; que em todas as matérias relativas ao culto de Deus deve haver razão escriturística suficiente para sua imposição; se não houver, pode o homem legitimamente recusar obediência; que não podia, em sã consciência, aquiescer e, portanto, estava pronto, pela graça de Deus, a sofrer tudo quanto a carne e o sangue lhe pudessem fazer. Depois de suportar com exemplar paciência muitas injúrias grosseiras dos bispos, perguntaram-lhe se obedeceria ao rei ou não, e ele respondeu: — "Obedecerei ao rei em todas as coisas no Senhor!" "Eu vos disse", replicou Law, "sabia que responderia com uma ressalva." Spottiswood, fitando-o desdenhosamente no rosto, disse: — "Esses homens falam de humildade e mansidão e do Espírito de Deus; mas são guiados pelo espírito do diabo — há mais soberba em vós do que em todos os bispos da Escócia. Mandei enforcar um jesuíta em Glasgow por falta semelhante." — Dickson respondeu com toda a calma: — "Não sou rebelde; aqui estou como súdito do rei; tudo o que peço é o benefício da lei e o direito de súdito; nada mais reclamo!" Apesar de tudo quanto puderam alegar, ele permaneceu inflexível; pronunciou-se, pois, contra ele a sentença de deposição, e ordenou-se-lhe que se apresentasse para o confinamento em Tureff, no norte, dentro de vinte dias. Dickson ouviu a sentença sem se perturbar e respondeu serenamente: — "Faça-se a vontade do Senhor! Embora me rejeiteis, o Senhor me acolherá; mandai-me para onde quiserdes, espero que meu Mestre irá comigo; e, assim como até aqui esteve comigo, continuará com seu próprio fraco servo?"

Não obstante, continuou a pregar até expirarem os vinte dias, após o que começou a preparar a viagem. Mas o conde de Eglinton conseguira do bispo de Glasgow permissão para que ele fosse pregar em Eglinton. Em consequência, porém, das grandes multidões que de todas as partes afluíam para ouvi-lo, desfrutou dessa liberdade por apenas dois meses; então o bispo enviou-lhe outra intimação e ordenou-lhe que fosse sem demora ao lugar de confinamento.

Depois de passar considerável tempo em Tureff, onde muito se dedicou à pregação da palavra, seus amigos conseguiram do bispo de Glasgow que o restituísse ao rebanho, sob a condição de retirar sua recusa de jurisdição; convidado, veio, portanto, a Glasgow. Persuadi-lo a concordar, porém, revelou-se impossível, embora as condições fossem atenuadas a ponto de exigir apenas que fosse à casa do bispo e apanhasse o papel, ou permitisse que um amigo o tirasse da mesa, sem sequer ver o bispo; assim, mediante esse gesto, estaria livre para voltar a Irvine. Sua alma honesta repeliu a ideia e preferiu retornar ao confinamento. E foi tal o testemunho do Espírito em favor de sua conduta honrosa que, antes de avançar mais de uma milha para fora da cidade, experimentou grande alegria e a percepção da aprovação divina pela maneira como se conduzira.

Algum tempo depois, contudo, pela incansável intercessão do conde de Eglinton e dos paroquianos de Irvine, foi-lhe permitido regressar e exercer o ministério até que o próprio rei o contestasse. Isso ocorreu por volta do fim de julho de 1623.

Seus trabalhos naquela paróquia foram singularmente abençoados e muitos, por seu intermédio, chegaram ao conhecimento da verdade tal como ela é em Jesus. Além dos próprios paroquianos, muitos vinham de outras regiões ouvir seu ministério, especialmente os que estavam sob a instrução do Espírito e se preocupavam com seu bem-estar espiritual e eterno. As celebrações da ceia em Irvine, nos dias de Dickson, eram tempos de grande refrigério pela presença do Senhor; contudo, no exercício de genuína humildade, observou "que a vindima de Irvine não se igualava à respiga de Ayr nos dias do sr. Welch". Além de seus trabalhos públicos regulares aos domingos, as noites desse dia geralmente eram dedicadas a conversar com pessoas piedosas, administrar consolação aos que padeciam dúvidas e orientar aqueles que procuravam o caminho de Sião, com o rosto voltado para lá. Em geral também pregava na segunda-feira, dia do mercado semanal, e a assistência era numerosa. É notável que, embora o episcopado prevalecesse muito naquela época, a religião prática e séria florescia amplamente entre os presbiterianos por todo o oeste da Escócia.

De 1630 a 1637, a casa paroquial de Dickson foi refúgio para muitos de seus pobres irmãos perseguidos no ministério, especialmente para aqueles infelizes homens da Irlanda que, nesse período, foram depostos, expulsos e caçados como animais de presa pelos bispos irlandeses.

Em 1637, Dickson persuadiu o presbitério de Irvine a apresentar uma petição pela supressão do Livro de Culto; unindo-se a ele outras três deputações de diferentes lugares, lançaram os fundamentos daquela feliz mudança no estado de coisas que ocorreu pouco depois; e merece observação que esses quatro grupos distintos, sem saberem uns dos outros, se encontraram todos à porta da Casa do Conselho com a mesma incumbência. Dickson foi um dos enviados a Aberdeen para persuadir a cidade e o condado a unir-se à renovação da Aliança; ali entrou em contato com os eruditos doutores Forbes, Barrow e Sibbald, sendo bem conhecido o resultado de seus debates. Também na Assembleia Geral em Glasgow, em novembro de 1638, distinguiu-se notavelmente por um discurso oportuno e judicioso quando o comissário de Sua Majestade ameaçou abandonar a Assembleia; e ainda por um discurso muito erudito contra o arminianismo na décima primeira sessão, em 15 de dezembro.*

A essa altura, a fama de seu ministério e de sua singular prudência, erudição e santo zelo se espalhara tanto entre os irmãos que foi escolhido quase unanimemente moderador da Assembleia seguinte, em 1639. Na décima sessão dela, apresentou-se um chamado da cidade de Glasgow dirigido a ele; mas, em parte por sua própria relutância em aceitá-lo, pela vigorosa oposição do conde de Eglinton e de seus paroquianos e, sobretudo, por causa de sua utilidade naquela região, a Assembleia julgou conveniente mantê-lo em seu cargo. Não muito depois, contudo, foi transferido para a cátedra de teologia daquela universidade, onde teve especial êxito em preparar jovens para a igreja e onde, por algum tempo, contou com a colaboração do sr. Patrick Gillespie como ministro da High Church.

Em 1643, a Assembleia Geral nomeou Dickson, Calderwood e Henderson como triunvirato encarregado de elaborar um Diretório para o Culto Público; e, quatro anos mais tarde, quando uma epidemia mortal assolou Glasgow, ele julgou necessário mudar-se, com os jovens a seu encargo, para Irvine, que permanecia livre da doença. Foi ali que o erudito Durham foi aprovado em suas provas e recebeu calorosa recomendação do professor ao presbitério e aos magistrados de Glasgow; e esses dois célebres teólogos compuseram "A suma do conhecimento salvífico", pequeno tratado que em geral é encadernado com a Confissão de Fé etc.

Por essa época, foi transferido para a cátedra de teologia da Universidade de Edimburgo, onde pouco depois publicou suas "Prælectiones in Confessionem Fidei", † que ministrara aos alunos em latim, mas que agora estão traduzidas para o inglês. Sua diligência no colégio da capital não foi menos notável que em Glasgow; e até se diz que, ali ou na universidade ocidental, teve sob sua instrução a maior parte dos

ministros presbiterianos posteriormente estabelecidos nas partes oeste, sul e leste da Escócia, a partir de 1640. Teve também participação importante nos opúsculos impressos da controvérsia entre resolucionistas e protestadores, por volta de 1650 e 1651. Suas próprias opiniões coincidiam com as dos resolucionistas.

Dickson permaneceu em Edimburgo, cumprindo seus deveres com grande diligência e fidelidade, até a infeliz reintrodução do episcopado após a restauração de Charles II, quando, por recusarem o juramento de supremacia, ele e muitos outros foram privados de seus benefícios. Desde então, sua saúde começou a declinar rapidamente, em consequência de uma depressão de espírito causada pelos sofrimentos que via serem preparados para a igreja.

Dickson encontrava-se então sobrecarregado com os cuidados de uma família. Casara-se com Margaret Robertson, filha de Archibald Robertson de Stonehall, no condado de Lanark, de quem tivera três filhos: John, escrivão do tribunal do erário da Escócia; Alexander, professor de hebraico no colégio de Edimburgo; e Archibald, que depois viveu com sua família na paróquia de Irvine. No mês de dezembro de 1662, estando em seu leito de morte, recebeu a visita do sr. Livingstone, a caminho do lugar de seu exílio; respondendo a uma pergunta sobre o estado dos negócios, disse-lhe: — "Que estava certo de que Jesus Cristo não suportaria as indignidades infligidas à sua obra e a seu povo" — e acrescentou: "Reuni todas as minhas boas ações e todas as minhas más ações e lancei-as num só monte perante o Senhor, e de ambas fugi para Jesus Cristo, e nele tenho doce paz!" — Tendo estado muito debilitado por alguns dias, chamou toda a família e dirigiu-se a cada um individualmente; depois, tendo pronunciado a bênção apostólica com grande fervor e solenidade, levantou as mãos, fechou os próprios olhos e, sem luta nem dor aparente, expirou imediatamente nos braços de um dos filhos. Como Jacó na antiguidade, foi reunido a seu povo em boa velhice, tendo então mais de 72 anos.

Muitas coisas memoráveis se registram acerca desse excelente homem, que estava sempre alerta para promover a obra de seu Mestre, "a tempo e fora de tempo"; talvez nos seja permitido mencionar uma ou duas delas nesta narrativa.

Certa vez, viajando a cavalo entre Glasgow e Edimburgo, foi atacado por ladrões; em vez de ceder ao temor por sua segurança pessoal, dirigiu-se a eles, com o maior domínio de si, acerca de suas almas imortais; e diz-se que, sob Deus, foi o feliz instrumento de sua conversão. — O sr. James Mitchell, cristão muito piedoso de perto de Irvine, falando também do eminente dom de Dickson para a conversação espiritual, diz a seu respeito: — "Certa vez viajei de Glasgow a Falkirk em companhia do sr. Dickson; e, aproveitando o brilho do dia para falar das glórias do céu, ele, depois de relatar suas próprias experiências, passou a mostrar como a justiça própria dos homens muitas vezes se torna obstáculo no caminho de crer no evangelho de Cristo, e a provar, pela primeira parte da Epístola aos Romanos, que nada senão a justificação mediante a justiça de Cristo convinha ao nosso estado pecaminoso e miserável por natureza; que esse era o único caminho para aquietar a consciência e reconciliar-nos com Deus, encher-nos de alegria, promover nossa verdadeira santificação em natureza e vida, e fazer-nos triunfar sobre as acusações de Satanás e os temores da morte — Oh, como seu discurso, sobretudo quando o fiz repeti-lo, penetrou meu coração!"

Seus sermões estavam sempre repletos de matéria sólida e edificante, muito conforme às Escrituras e exposta em estilo simples e familiar, guardando forte semelhança com os do célebre Rutherford. Dizia-se que nenhum ministro daquele tempo era tão popular, exceto o sr. William Guthrie, de Fenwick, que pelo menos igualava Dickson, se não o superava.

Suas obras são numerosas. As principais são: Um comentário à Epístola aos Hebreus; ao Evangelho de Mateus; aos Salmos de Davi; às Epístolas, em latim e inglês; Prœlectiones in Confessionem Fidei, ou A vitória da verdade sobre o erro; Therapeutica Sacra, ou Casos de consciência resolvidos, em latim; e um Tratado sobre as promessas. Escreveu também alguns poemas breves sobre assuntos piedosos, a saber, O sacrifício cristão e O verdadeiro amor cristão, destinados a servir de acréscimo à salmodia. Além

desses, deixou várias outras obras em manuscrito: — Tyrones concionaturi; Summarium libri Isaicæ; Cartas sobre os resolucionistas; Respostas aos srs. Gillespie e Guthrie; Não separação dos bem-intencionados no exército; Sermões em Irvine sobre 1 Timóteo 1:5; Preceitos para a direção diária de um cristão, em forma de catecismo; com um Compêndio de seus sermões sobre Jeremias e Lamentações; e os nove primeiros capítulos da Epístola aos Romanos.

SIR ARCHIBALD JOHNSTON LORDE WARRISTON

Comparativamente pouco se sabe da história inicial de muitos de nossos mais ilustres reformadores, até que as contendas da época os trouxeram à arena do confronto público; assim também sucede com o distinto nobre cujo nome ora apresentamos. A participação ativa que ele teve começou por volta do início da segunda Reforma, em 1638, quando ele e Lord Balmerino foram incumbidos pelos pactuantes de apresentar ao rei uma petição que eles mesmos haviam redigido, em oposição às medidas hostis que o conde de Traquair persuadia Sua Majestade a adotar. Tendo sido recusado o pedido da petição, Carlos fez Traquair publicar uma proclamação em Edimburgo e Stirling contra todas as suas reivindicações; então Johnston — posteriormente Lord Warriston — protestou contra tais procedimentos, em seu próprio nome e no de dezesseis nobres, juntamente com diversos barões, fidalgos particulares, burgueses e ministros. No mesmo ano, o marquês de Hamilton publicou outra declaração em nome do rei, à qual se seguiu outro protesto no mesmo lugar, entregue por Johnston ao arauto de Sua Majestade na Cruz de Edimburgo. Na ocasião, o conde de Cassilis apresentou-se em nome da nobreza; Gibson de Durie, em nome dos barões; Fletcher, preboste de Dundee, pelos burgueses; e Kerr, ministro de Preston, pela igreja. Johnston, a fim de tornar o assunto tão seguro e público quanto possível, formalizou os atos perante três tabeliães.

Na Assembleia Geral, no mês de novembro daquele mesmo ano, Johnston foi eleito secretário por unanimidade, em consideração aos serviços gratuitos que antes prestara; tendo feito o juramento de fideli, foi admitido a todos os direitos, rendimentos e privilégios de que anteriormente gozara aquele cargo. Uma vez empossado, o moderador solicitou que todos os que possuíssem Atas ou livros de Assembleias anteriores os entregassem em suas mãos; diante disso, o antigo secretário apresentou dois, contendo Atas desde 1592 até a de Aberdeen, em 1618; e Johnston apresentou cinco, contendo documentos suficientes para compor uma história da igreja desde o princípio da Reforma — circunstância muito estimada então pela Assembleia e que serviu para transmitir à posteridade um registro fiel dos procedimentos tirânicos do governo da época. Na mesma Assembleia, foi nomeado procurador da igreja. A ele se confiou a redação de todos os tratados e documentos atinentes à igreja; e todos os impressores foram proibidos de publicá-los sem licença de próprio punho dele.

Enfurecido por esses e outros procedimentos da Assembleia, o rei avançou com um exército em direção às fronteiras; e os pactuantes, para não ficarem atrás, fizeram o mesmo. O resultado desse encontro já foi narrado na vida do conde de Loudon. Para reparar uma afronta, Johnston foi elevado à dignidade de cavaleiro no parlamento de 1641, quando Argyle foi designado para o tesouro e Loudon para o cargo de chanceler. Na mesma ocasião, foi nomeado um dos lordes da sessão, com uma pensão anual de £200.

Durante esse ano e o seguinte, Lord Warriston foi designado para diversos cargos importantes. Ele figurou entre os escolhidos para velar pelos artigos de paz entre os dois reinos até a reunião do parlamento; além disso, foi um dos comissários enviados a Londres para negociar com o parlamento inglês o envio de auxílio da Escócia à Irlanda, imediatamente após a desventurada rebelião naquele país, que participara da agitação geral.

Em 1643, reunida a Assembleia Geral em Edimburgo, esta, por proposta de Lord Warriston, publicou a seguinte declaração de união com o parlamento inglês: — "1. Entendiam que a guerra se devia à religião. 2. Que a fé protestante estava em perigo. 3. Que a gratidão pela assistência recebida durante a Reforma anterior exigia uma retribuição condigna. 4. Que, estando as igrejas da Escócia e da Inglaterra

empenhadas numa só causa, se uma delas fosse derrotada, a outra não poderia prosperar. 5. Que a perspectiva de uniformidade entre os dois reinos, na disciplina e no culto, fortaleceria o interesse protestante tanto em casa como no exterior. 6. Que o parlamento então existente fora favorável aos escoceses e poderia sê-lo novamente. 7. Que, embora o rei houvesse tão recentemente estabelecido entre eles a religião segundo o desejo deles, não podiam confiar em sua declaração régia, pois tantas vezes haviam encontrado suas promessas e seus atos inteiramente em desacordo." Essas declarações, os estamentos receberam favoravelmente e sugeriram outras, conforme julgaram conveniente.

Em prosseguimento a isso, por ocasião da chegada dos comissários do parlamento e da Assembleia de Westminster, a Assembleia Geral, mediante um ato de sessão (Act of sederunt), incumbiu cinco ministros e três presbíteros regentes de se dirigirem ao reino da Inglaterra, entre os quais se encontrava Lord Warriston. Sua Senhoria não apenas empregou toda a diligência, como membro da Assembleia de Westminster, para promover a uniformidade da religião no culto, na disciplina e no governo, mas também teve assento, durante algum tempo, como membro do parlamento inglês, ajustando medidas que pudessem contribuir para estabelecer uma paz firme e duradoura entre os dois reinos. Isso, contudo, foi posteriormente usado contra ele como ato de alta traição.

Em 1646, foi nomeado advogado-geral da Escócia, com a direção da comissão de Londres e Newcastle e dos oficiais-generais do exército. Era secretário da Assembleia Geral desde 1638; mas em 1650, quando a Lei das Classes foi revogada e os malignos voltaram a ocupar posições de poder e confiança, Lord Warriston tomou o partido dos protestatários e desempenhou papel principal na condução dos negócios deles. Todos os seus movimentos eram agora atentamente vigiados, e espiões observavam seus atos aonde quer que fosse. Uma carta que escrevera a uma Assembleia reunida em St. Andrew's, em 18 de julho de 1651, foi suprimida; embora se tivesse averiguado que fora entregue às mãos do moderador e por ele aberta para ser lida, nunca mais pôde ser obtida, ainda que solicitada em várias ocasiões e em várias sessões.

Por mais de cinco anos, Lord Warriston atuara em favor dos interesses do rei e se pronunciara e escrevera contra o ingresso de seus compatriotas em cargos sob o Usurpador; todavia, por falta de domínio de si, ele próprio foi induzido a aceitar de Cromwell o cargo de secretário dos registros — passo que, não obstante, continuou a lamentar até o dia de sua morte. Wodrow relata que, na reunião realizada em Edimburgo, que o enviou a Londres, ele se opôs a isso com toda a sua eloquência, expondo-lhes qual era seu ponto fraco: em virtude de sua índole complacente, talvez não pudesse resistir à insistência; apesar de tudo, foi designado de forma peremptória.

Para explicar sua aquiescência, pode-se observar o seguinte: sua família era numerosa; eram-lhe devidas somas consideráveis de dinheiro, que adiantara para o serviço público, além de vários anos de salário; assim, não se lhe abrindo outra porta para obter socorro, talvez tenha sido mais facilmente lisonjeado até consentir. Observou-se, porém, que depois disso ele se mostrava geralmente triste e melancólico, e que seus negócios terrenos não prosperavam tão bem quanto antes.

Em 1660, tendo Carlos sido restaurado aos seus domínios enquanto o marquês de Argyle estava preso, chegou uma ordem régia para capturar Sir James Stuart, preboste de Edimburgo, Sir Archibald Johnston de Warriston e Sir John Chiesly de Carswell. Lord Warriston, porém, escapou por algum tempo e, por isso, foi intimado, ao som de trombeta, a entregar-se; promulgou-se uma proclamação oferecendo £100 escocesas por sua pessoa e, ao mesmo tempo, vedando e proibindo a todos que lhe dessem abrigo ou o ocultassem, sob pena de traição. Em 10 de outubro seguinte, o conselho declarou-o fugitivo e, em 1.º de fevereiro subsequente, foi lida uma acusação contra ele, William Dundas e John Hume, à revelia dos três. A propriedade de Warriston foi, portanto, declarada confiscada, e proclamação pública disso se fez na Cruz de Edimburgo. Os principais artigos da acusação contra ele eram: — "Ter advogado contra Newton Gordon quando recebera ordens expressas do rei para advogar por ele; ter auxiliado no Ato de West Kirk; ter redigido, concebido ou consentido no documento chamado Remonstrância Ocidental e no livro

chamado Causas da Ira de Deus; ter assento no parlamento como par na Inglaterra, contrariamente a seu juramento; ter aceitado do Usurpador o cargo de secretário dos registros; e ter presidido à comissão de segurança quando Richard Cromwell foi afastado."

"Nenhuma dessas coisas, porém", diz Wodrow, "foi a verdadeira causa dos sofrimentos desse bom homem. Um preconceito e uma animosidade pessoais estavam na raiz de todos esses amargos procedimentos; pois a santa liberdade com que ele repreendia o vício era algo que jamais poderiam esquecer ou perdoar. Tenho notícia da santa franqueza de que Lord Warriston fez uso, vinda de um reverendo ministro que era então seu capelão e tomou a liberdade de aconselhá-lo a não se aventurar nisso; mas essa excelente pessoa, tendo diante dos olhos a glória de Deus e a honra da religião mais do que a própria segurança, prosseguiu na repreensão que tencionava fazer e não pôde, por mera cortesia, abrir mão da paz que esperava ter em sua própria consciência, qualquer que fosse o resultado, aliviando-a desse peso. Recebeu muitas belas palavras, e fingiu-se que a admoestação fora bem acolhida quando vinda de meu senhor secretário; mas, como lhe disseram seus benquerentes, ela jamais foi esquecida."

No tocante à condescendência com Cromwell, Lord Warriston não estava sozinho, pois a maior parte da nação se achava implicada tal como ele. Muitos que haviam ocupado cargos sob Cromwell tinham sido absolvidos pela corte; mas estava reservado a ele e ao marquês de Argyle — severos repreensores do vício e amigos intransigentes do presbiterianismo — selar com seu sangue o testemunho de Jesus.

Depois que a sentença de confisco e morte foi proferida contra ele, partiu para o exterior, a fim de escapar da perseguição de seus inimigos; a malícia deles, contudo, o seguiu. Tendo adoecido em Hamburgo, dizia-se que o Dr. Bates, um dos médicos do rei Carlos, lhe administrara veneno e lhe retirara cerca de sessenta onças de sangue, com o propósito de pôr fim à sua vida. A excelência de sua constituição, entretanto, triunfou sobre a tentativa assassina; mas sua memória ficou desde então tão prejudicada que ele não conseguia lembrar-se do que havia dito ou feito por mais do que o breve espaço de um quarto de hora.

Sua recuperação, porém, apenas aguçou o apetite de seus inimigos sedentos de sangue; pois logo depois o capturaram em Roanne, na França, aonde ele se dirigira imprudentemente. Foi surpreendido enquanto se achava em oração por uma pessoa chamada Murray, que o governo enviara à sua procura. Em janeiro de 1663, foi levado prisioneiro e encerrado na Torre de Londres, onde ficou detido até junho, quando foi enviado a Edimburgo para ser executado. Durante a travessia, sua conduta foi verdadeiramente cristã; mas seu sobrinho, o bispo Burnet, diz: "Achava-se tão perturbado no corpo e na mente que era uma vergonha para qualquer governo proceder contra ele." O navio chegou a Leith no dia 8 daquele mês, e ele foi levado da prisão municipal de Edimburgo perante o parlamento em 8 de julho.

Enquanto se achava diante da câmara, revelou tal debilidade de memória e de juízo que todos se compadeceram dele, à exceção de Sharp e dos outros bispos. Muitos membros ter-lhe-iam poupado a vida; mas Lauderdale incitou a câmara a livrar-se dele, proferindo um discurso veemente em favor de sua pronta execução. Pronunciou-se, pois, a sentença: — "Que seja enforcado na Cruz de Edimburgo em 22 de julho e que sua cabeça seja colocada no Nether Bow, ao lado da de Guthrie." Warriston ouviu sua sentença com mansidão e serenidade; e, em resposta à crueldade de seus inimigos, orou para que, acontecesse consigo o que acontecesse, suas melhores bênçãos repousassem sobre a igreja e o Estado e sobre Sua Majestade, e para que Deus lhe desse conselheiros honestos e fiéis.

Durante todo o período de seu encarceramento, seu espírito se manteve em disposição terna e espiritual; e, quanto mais se aproximava a morte, mais evidente se tornava sua serenidade. Na noite anterior à execução, dormiu profundamente; pela manhã, estava cheio de consolação, exprimindo a certeza de que seria vestido com uma longa veste branca e de que um novo cântico de louvor a Deus e ao Cordeiro seria posto em sua boca. Antes do meio-dia, almoçou alegremente, arrebatado ao pensar que estava tão perto do fim de sua jornada.

Depois de passar algum tempo em oração particular, foi retirado da prisão por volta das duas horas, acompanhado de vários amigos trajados de luto, embora ele próprio estivesse cheio de santa alegria e coragem, em perfeita serenidade de espírito. Ao se aproximar do cadafalso, clamou repetidas vezes ao povo: "Vossas orações, vossas orações!" E, depois de pôr o pé nele, disse: — "Rogo-vos que vos aquieteis um pouco, até que este homem moribundo vos dirija suas últimas palavras!" Pediu então que não se ofendessem por ler o que tinha a dizer; pois sua memória quase inteiramente lhe faltara, em consequência de longa enfermidade e do mau tratamento dispensado por seus médicos. Depois disso, leu seu discurso, primeiro de um lado do cadafalso e depois do outro, esclarecendo de antemão que o que tencionara dizer já não estava em seu poder, pois lhe fora tirado; esperava, contudo, que o Senhor o preservasse para ser seu Testemunho.

Depois de concluir seu solene e comovente pronunciamento, orou com grande fervor e amplitude de alma; e, como que em êxtase, começou assim: — "Aba, Pai! Recebe este teu pobre servo pecador, que vem a ti pelos méritos de Jesus Cristo!" Tendo-se despedido dos amigos, orou novamente; em seguida, ajudaram-no a subir a escada, enquanto clamava em alta voz: — "Vossas orações, vossas orações! Vossas orações peço em nome do Senhor!" Ao chegar ao alto dos degraus, tornou a clamar em voz alta: — "Rogo a todos vós que sois o povo de Deus: não vos assusteis de sofrer pela causa de Cristo, nem tropeceis por acontecimentos desta espécie nestes dias; antes, animai-vos a sofrer por ele, pois vos asseguro, em nome do Senhor, que ele arcará com vossos encargos." Enquanto o carrasco lhe ajustava a corda ao pescoço, repetiu as mesmas palavras, acrescentando: — "O Senhor graciosamente me consolou!" E, quando o mesmo oficial lhe pediu perdão, disse: — "O Senhor te perdoe, pobre homem!" Ao mesmo tempo, deu-lhe algum dinheiro, pedindo-lhe que cumprisse seu dever, se estivesse pronto, enquanto clamava: — "Ó, orai, orai! Louvai, louvai, louvai!" Com essas palavras, foi lançado da escada e morreu quase sem luta, com as mãos erguidas para o céu, para onde sua alma ascendeu, a fim de desfrutar da presença beatífica de seu Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Depois de permanecer suspenso por algum tempo, foi retirado, e sua cabeça, depois de decepada, foi posta ao lado da de seu querido amigo e companheiro de martírio, o Sr. James Guthrie. Pouco depois, porém, por intercessão do tenente-general Drummond, seu genro, a cabeça foi retirada e sepultada com o corpo.

Assim viveu e morreu o eminentemente piedoso e instruído Lord Warriston, cujos talentos de orador, tanto no senado quanto no tribunal, são conhecidos demais para necessitarem aqui de elogios. A oração era seu deleite; e nesse exercício desfrutava de doce comunhão e intimidade com seu Deus e Salvador. Era frequente dizer: — "Jamais ouso questionar minha salvação: tantas vezes vi a face de Deus na casa de oração!" Um de seus biógrafos diz a seu respeito: — "Embora sua memória e seus talentos tenham ficado prejudicados por algum tempo, ele, como o sol ao se pôr, depois de permanecer um tempo sob uma nuvem, resplandeceu de maneira sobremodo luminosa e surpreendente, e, em certa medida, ainda mais doce; pois, na manhã de seu martírio, achava-se sob uma efusão do Espírito tão grande, talvez, quanto a de muitos desde os dias dos Apóstolos."

Ele tinha o hábito de manter um diário regular, que, segundo se diz, ainda está na posse de seus parentes, contendo um tesouro valioso não só de experiência cristã, mas também das transações políticas da época. Nele registra sua segura esperança de que a igreja da Escócia, após uma série de severas visitações, seria por fim liberta de todos os seus sofrimentos.

JAMES WOOD

Parece nada haver registrado a respeito dessa brilhante estrela do presbiterianismo antes do ano de 1651; pouco depois, porém, vemos que ele se tornou diretor do colégio de St. Salvador e St. Leonard, em St. Andrew's, e também um dos ministros da cidade. Como Wood favorecia as opiniões dos resolucionistas, houve infelizmente alguma divergência entre ele e o Sr. Samuel Rutherford, então

professor de teologia no novo colégio; este, porém, tinha-o em altíssima estima, como se vê numa mensagem que enviou a Wood quando estava no leito de morte: “Dizei ao Sr. James Wood, de minha parte, que de coração lhe perdoo todos os agravos que me fez e peço-lhe que declare, em meu nome, ser ainda o homem que é pela igreja da Escócia.” Rutherford não se decepcionou com ele; pois nada jamais pôde levá-lo a concordar com os princípios do episcopado. Ao contrário, afligia-se profundamente ao ver a apostasia e a perfídia de alguns conhecidos com os quais antes tivera doce conselho; especialmente a do famigerado Sharp, a quem chamava Judas, Demas e Geazi.

A anedota seguinte é característica. Tendo Wood ido a Edimburgo visitar seu cunhado, o Sr. John Carstairs, que então se achava preso, manifestou forte desejo de ver Sharp com os próprios olhos. Para isso, dirigiu-se com um amigo à loja de certo Sr. Glen, onde se sabia que Sharp desceria de sua carruagem. Wood não se decepcionou. Em pouco tempo, chegou a carruagem do comissário Middleton, na qual vinha o arcebispo; este, desembarcando primeiro, voltou-se e descobriu a cabeça para receber Middleton, e assim a curiosidade de Wood foi plenamente satisfeita. Fitando-o atentamente, Wood prorrompeu com forte emoção: — “Ó tu, Judas, traidor apóstata, que traíste a célebre igreja presbiteriana da Escócia para sua completa ruína, até onde te foi possível: se conheço alguma coisa da mente de Deus, não morrerás a morte ordinária e comum dos homens!” E assim aconteceu cerca de dezoito anos mais tarde.

Wood continuou a desfrutar sem perturbação do cargo de diretor até 1663, quando Sharp, incapaz de tolerar a ideia de que tão zeloso amigo do presbiterianismo permanecesse por mais tempo tão perto dele, fez com que fosse intimado a comparecer perante o conselho para responder a certas acusações supostamente apresentadas contra ele. Ao comparecer, perguntaram-lhe como viera a ser diretor do colégio de St. Andrew's; quando ia responder, interromperam-no bruscamente e ordenaram-lhe que respondesse numa palavra. Sem dar importância a semelhante conduta descortês, disse-lhes com toda a calma que fora convidado pelo corpo docente do colégio, por recomendação de Cromwell, “como alguns dos presentes muito bem sabiam”, aludindo a Sharp. Isso bastou: ordenaram-lhe imediatamente que se retirasse; mas, decorrido apenas breve tempo, chamaram-no de volta e lhe disseram: — “Que os lordes do conselho, por ora, declaravam vago o referido posto e lhe ordenavam e determinavam que permanecesse confinado dentro da cidade de Edimburgo e dali não partisse até segunda ordem.” Wood respondeu apenas que lamentava terem-no condenado sem ouvi-lo em sua própria defesa, pois não cometera violação alguma da lei. Era justiça de Sharp com gosto de vingança; e, no setembro seguinte, o malfeitor tomou para si o cargo, com todos os seus emolumentos.

No dia 30 do mesmo mês, Wood apresentou uma petição ao conselho, declarando que seu pai estava perigosamente enfermo, que negócios particulares exigiam sua presença imediata em St. Andrew's e pedindo licença para visitar o pai. O pedido da petição foi, portanto, deferido; com a advertência, contudo, de que deveria sempre regressar quando convocado pelo conselho.

Por volta do início de 1664, sua carreira mortal começou a aproximar-se do fim, e Sharp julgou ser aquela ocasião propícia para prejudicar-lhe a reputação entre os presbiterianos. Sharp visitou-o duas vezes no leito de morte, quando estava muito debilitado; embora Wood quase nada dissesse ao visitante, nem uma palavra acerca da situação dos negócios públicos, Sharp imediatamente espalhou o rumor: — “Que o Sr. Wood, tendo agora diante de si a morte e a eternidade, se declarara muito indiferente quanto ao governo eclesiástico, afirmando que o governo da igreja pelo presbitério poderia ser alterado ao arbítrio do magistrado.” Essa falsidade insolente, Sharp teve até mesmo a audácia de apresentar à corte por escrito. Chegando a Wood a notícia disso, ele considerou providencial que tal houvesse ocorrido antes de sua morte, pois ainda tinha oportunidade de desmenti-la, o que ele próprio ditou e assinou em 2 de março, na presença de duas testemunhas e de um tabelião público. Esse testemunho foi mais tarde queimado por ordem da Alta Comissão. Tal circunstância infeliz acrescentou muita dor a todos os seus outros pesares; mas ele não podia desfrutar de paz de espírito até se ter defendido da abjeta calúnia.

Perguntaram-lhe se chamara o governo eclesiástico de minúcia e se, caso vivesse, daria menos importância a semelhantes minúcias. Ele respondeu: “Ora, ora, jamais tal coisa! De fato, para que o bispo não pensasse que eu estava insistindo naquela controvérsia contra eles, disse que tinha um grande assunto em que pensar: minha salvação e minha paz com Deus estavam em jogo; mas não disse nem pensei que o governo presbiteriano fosse uma minúcia. Considero-o uma verdade de Deus, uma ordenança de Jesus Cristo, parte de seu reino visível, pela qual todo cristão, quando chamado a isso, deve sofrer até mesmo a morte; e eu os exortaria a fazê-lo; pois pouco foi o que sofremos até agora e, se eu vivesse, pela graça e pelo poder de Deus, consideraria minha glória entregar a vida em defesa dessa verdade. Não há no mundo homem sobre quem repousem obrigações maiores e mais fortes de defender esse governo do que eu, a quem o Senhor esclareceu com mão poderosa. Bendigo o Senhor, que me fez compreender a natureza de seu pacto, deu-me luz quanto à justificação, ajudou-me em certa medida a transmitir essa luz a outros e esclareceu-me na controvérsia com os Independentes e nesta referente à prelazia.” Disse ele “que dissera antes, e ainda o dizia, que, se algum dia viesse a voltar-se contra o governo presbiteriano, poderia temer encontrar a ira eterna de Deus e ser feito espetáculo aos outros”. Acrescentou ainda, com grave confiança: “Deus proverá uma saída (referia-se aos prelados), embora eles digam que é impossível — e como se daria isso? — ele pode assobiar pelas abelhas de além do rio.”

Tendo assim dado publicidade a seus sentimentos, desfrutou depois de grande calma e serenidade de espírito, relatando frequentemente suas doces experiências e a certeza que tinha de que lhe seria concedida uma bem-aventurada entrada no reino glorioso de Cristo, a qual obteve no dia 15 daquele mesmo mês.

Wood figurou entre as luzes mais brilhantes do período em que viveu. Em uma fase anterior da vida, fora colega de Sharp e, após a Restauração, lamentou muito ter sido enganado por tanto tempo por aquele homem ambicioso. Também se relatou que muito se arrependeu de ter tomado o partido dos resolucionistas.

Wodrow diz que deixou um tratado concluído, em manuscrito, refutando os dogmas do arminianismo; sabe-se também que defendeu triunfalmente o governo presbiterial contra os Independentes. Possui várias outras obras menores impressas, mas elas começam agora a tornar-se raras.

WILLIAM GUTHRIE

Esse estudioso, instruído e justamente celebrado servo de Cristo nasceu em Pitfrothy, no condado de Angus, em 1620. Seu pai era proprietário daquela herdade e descendente da antiga família Guthrie; sua mãe era filha da casa de Easter Ogle. Havia, além dele, quatro filhos, todos ministros do evangelho; e todos se distinguiram por sua piedade e dedicação à causa do presbiterianismo.

O objeto desta memória deu cedo sinais de uma inteligência apta, pelo progresso que fez nas línguas latina e grega, que ele estudou na universidade de St. Andrew's. Completou o curso de filosofia sob a orientação de seu tio, o Sr. James Guthrie, posteriormente ministro de Stirling, cuja vida já registramos. Na universidade, Guthrie dividia o mesmo quarto com o tio e, por isso, gozava de vantagens superiores às de seus colegas. Estudou teologia sob a direção do Sr. Samuel Rutherford. “Foi então e ali”, diz o Sr. Traill, “que aprouve ao Senhor chamá-lo por sua graça, mediante o ministério daquela excelente pessoa. Sua conversão começou com grande temor de Deus em sua alma e completou-se com aquela alegria e paz no crer que o acompanharam por toda a vida. Foi depois dessa bendita mudança que ele decidiu obedecer ao chamado de Deus para servi-lo no ministério de seu evangelho, chamado que lhe foi assim dado pelo Senhor, ao chamá-lo eficazmente à graça e à glória. Com esse propósito, dispôs de sua herança paterna de modo que não ficasse embaraçado com os negócios do mundo, transferindo-a ao único irmão que não fora destinado à cura pastoral de alguma paróquia particular.”

Pouco depois de receber sua licença para pregar, Guthrie deixou St. Andrew's e tornou-se preceptor de Lord Mauchlin, filho mais velho do conde de Loudon, posto no qual permaneceu até ser nomeado pastor da paróquia de Fenwick, então separada de Kilmarnock. Tendo sido designado para pregar em Galston num dia preparatório à celebração da Ceia do Senhor, e estando presentes várias pessoas pertencentes à paróquia recém-constituída, seus sermões as cativaram tanto que resolveram imediatamente chamá-lo para ser seu pastor; como a chamada se deu em plena harmonia, ele sentiu que era seu dever aceitá-la. Diz-se que ele, juntamente com o povo, escolheu o terreno no qual se construiria a igreja e que pregou entre suas paredes antes de o edifício estar inteiramente concluído.

Muitas foram as dificuldades e os desânimos que teve de enfrentar no princípio; contudo, pela bênção divina sobre seus trabalhos, alcançou notável êxito em reformar os costumes do povo. Muitos, na verdade, eram tão indiferentes à religião que nunca entravam num lugar de culto; e o rosto de seu pastor lhes era inteiramente desconhecido. Muitos até recusavam suas visitas e não permitiam que entrasse em suas casas. Tal era o estado de Fenwick quando esse piedoso homem iniciou ali seus deveres ministeriais. Mas as coisas não permaneceram muito tempo nesse estado, pois possuía uma feliz arte de ganhar almas para o Salvador. Disfarçado no traje de um viajante, frequentemente batia à porta dessas casas à noite e pedia pousada, que não conseguia sem muita insistência; mas, uma vez acolhido, fazia-se hóspede muito agradável com sua conversa divertida e instrutiva. Uma pergunta invariável era: que lhes parecia o ministro deles? E, ao ouvir que não iam à igreja, instava com eles para que fossem ouvir o que ele tinha a dizer. A alguns até dava pequenas somas para visitarem a casa de Deus; e, antes de se recolher para o repouso noturno, sempre fazia questão de saber se celebravam o culto doméstico.

Em certa ocasião, numa família em que esse dever jamais fora cumprido, exortou o dono da casa a fazer uma tentativa; e, como a única objeção do homem era que não sabia orar, que nunca tivera o hábito de fazê-lo e, portanto, não era capaz, Guthrie insistiu tão ardorosamente para que tentasse que o homem exclamou: — "Ó Senhor, tu sabes que este homem quer que eu ore; mas tu sabes que não sei orar!" Isso bastou: Guthrie pediu-lhe que parasse, dizendo que já fizera o suficiente, e começou ele mesmo a orar, para grande espanto e edificação da família. Terminada a oração, a dona da casa disse ao marido: — "Certamente este homem deve ser ministro!" O povo ficou tomado de reverência e sentiu como se um encanto lhe houvesse sobrevindo. Sob tal impressão, não foi difícil obter sua concordância para comparecerem à igreja no domingo seguinte. Mas qual não foi sua surpresa quando viram que o próprio ministro fora seu hóspede e que ele, na aparência de um humilde camponês, junto ao lar deles, suplicara por eles tantas bênçãos.

Havia também em sua paróquia uma pessoa que, em vez de ir à igreja no dia do Senhor, ia para os campos com seu cão e sua espingarda. Guthrie decidiu recuperar esse homem, e seu esforço foi abençoado. O ministro perguntou-lhe por que razão profanava o sábado; a resposta foi que aquele era o dia mais favorável da semana para tal exercício. Guthrie perguntou-lhe quanto podia ganhar com isso e, ao ouvir que conseguia pelo menos meia coroa, o bom pastor prontamente lhe disse que lhe pagaria essa soma se ele comparecesse à igreja no domingo seguinte. Depois que a congregação se dispersou, Guthrie lhe disse que renovaria o acordo se comparecesse novamente, e o homem consentiu. Desde então, jamais deixou de frequentar regularmente a casa de Deus; e, liberando o ministro de sua obrigação, constatou por doce experiência que a piedade é, por si só, grande ganho. Pouco tempo depois, esse homem tornou-se membro do conselho da igreja e daí por diante continuou a levar vida piedosa e útil.

O próprio Guthrie gostava de recreações campestres e tinha especial prazer na pesca com anzol, na caça às aves e no curling. Nessas atividades convivia muito com seus paroquianos, aproveitando-as sempre como ocasiões para a instrução religiosa, de tal modo que nunca causava ofensa. "Mas", diz um celebrado biógrafo, "como o animava um zelo ardente pela glória de seu bendito Mestre e uma terna compaixão pelas almas dos homens, e como o principal motivo pelo qual desejava vida e saúde era poder empregá-las na propagação do reino de Deus e em desviar os transgressores de seus caminhos, também as próprias horas de recreação eram dedicadas a esse propósito, tão caro a seu coração que ele

sabia subordinar seus divertimentos aos nobres fins de seu ministério. Fazia deles a ocasião para tornar-se familiar a seu povo e conquistar-lhe a afeição; e, sob a aparência de um esportista, ganhou alguns para uma vida religiosa sobre os quais, vestido como ministro, teria tido pouca influência — do que ocorreram alguns exemplos memoráveis."

Cerca de um ano depois de sua ordenação, casou-se com Agnes Campbell, filha de David Campbell de Skeldon, em Ayrshire, pertencente a um ramo distante da família de Loudon, com quem teve seis filhos. Apenas duas filhas sobreviveram a ele. A Sra. Guthrie era uma senhora de qualidades sumamente amáveis, que se mostrou companheira muito agradável e consoladora de seu marido por mais de vinte anos; uma só fé, uma só esperança, um só batismo e um amor supremo a Jesus Cristo animaram a ambos durante todo o tempo de sua união.

Não muito depois do casamento, Guthrie foi designado pela Assembleia Geral para acompanhar o exército na qualidade de capelão; mas, justamente quando se preparava para partir, sofreu um violento ataque de cálculo urinário, mal a que era ocasionalmente sujeito. Sua amável esposa inquietava-se ante a ideia de sua ausência e o teria dissuadido de cumprir a incumbência; mas, nesse castigo repentino, viu claramente a mão do Senhor, o que a levou a resolver que nunca mais imporia sua vontade quando o serviço do divino Mestre exigisse o consentimento do marido. Nessa campanha, após a derrota do partido ao qual estava ligado, escapou por muito pouco — circunstância da qual conservou, daí por diante, a mais grata lembrança. Esteve de novo com o exército quando as forças do Usurpador venceram em Dunbar, em 3 de setembro de 1650. Nessa ocasião, Rutherford o dissuadiu energicamente de aderir a Cromwell, dizendo: — "Que seu coração tremia só de admitir o menor pensamento de unir-se a esses enganadores." Guthrie, por conseguinte, uniu-se aos remonstrantes e foi eleito moderador daquele sínodo em Edimburgo, depois que os resolucionistas públicos os deixaram.

O talento de Guthrie para a conversação era tão agradável e jovial que os oficiais ingleses universalmente o respeitavam, buscando todos avidamente sua companhia; contudo, embora por algum tempo se entregasse a uma alegria inocente, sua coragem e constância no serviço de seu grande Mestre jamais o abandonaram nem por um momento. Em todas as ocasiões, mostrava-se capaz de reprimir os excessos dos sectários ingleses e de refrear aquele espírito de licenciosidade a que, como partido dominante, julgavam ter direito; um exemplo muito notável disso ocorreu numa celebração da Ceia em Glasgow, oficiada pelo Rev. Andrew Gray. Vários dos oficiais ingleses tinham resolvido pôr em prática o costume desordenado de admitir indistintamente pessoas à mesa do Senhor, sem prévia comunicação ao ministro nem demonstração perante ele de que eram dignos desse privilégio. Esses senhores precipitaram-se, portanto, para ocupar os assentos; mas, sendo a vez de Guthrie distribuir os elementos, ele, em nome do Senhor Jesus, dirigiu-se a eles enquanto deixavam os bancos, com tão solene dignidade e autoridade, que todos ficaram confundidos e voltaram aos seus lugares sem mais perturbação.

Por essa mesma época, enquanto se ausentava por algumas semanas em Angus por certos negócios particulares, os quacres aproveitaram a ocasião e tentaram estabelecer-se em sua paróquia; ele, porém, regressou a Fenwick antes que a infecção lançasse raízes profundas e recuperou os que corriam maior perigo de ser seduzidos.* Fizera nessa época muitas visitas a outras paróquias, mas solicitação alguma pôde fazê-lo deixar Fenwick. Gostava do recolhimento e das recreações de uma vida rural; amava seu povo, e seu povo retribuía-lhe o amor; fora honrado como instrumento para trazer muitos deles ao reino de Cristo, cujo nascimento celestial constituía o maior prazer e o mais brilhante triunfo de sua vida; por isso, preferia a relativa obscuridade de Fenwick aos lugares mais importantes da nação, sem alimentar pretensões de engrandecimento temporal.

Em 1657, certa pessoa obteve algumas notas esparsas de sermões que ele pregara sobre o capítulo 55 de Isaías, a respeito do dever de fazer pessoalmente aliança com Deus, e as publicou sem seu conhecimento, sob o título "Um claro, atraente e admoestador raio de luz, de Cristo, o Sol da Luz, que conduz a si mesmo"; isso muito o desagradou e, portanto, julgou que a única maneira de reparar a

deficiência e resguardar sua reputação seria rever a totalidade daqueles discursos. Foi essa circunstância que deu origem ao admirável tratado "O Grande Interesse do Cristão", que tem sido uma bênção para a alma de milhares. Guthrie igualmente se desagradou do título da obra clandestina e da maneira sobremodo imperfeita e imprudente como fora organizada; pois, embora publicada anonimamente, ele era tido como seu autor. Relata-se que o Dr. Owen disse certa ocasião sobre "O Grande Interesse do Cristão", dirigindo-se a um ministro da igreja da Escócia: — "Tendes realmente homens de grande espírito na Escócia: entre os cavalheiros, o Sr. Baillie de Jervis-wood é uma das pessoas de maiores capacidades que jamais encontrei, ou quase; e, entre os teólogos" — tirando do bolso um pequeno exemplar dourado do tratado de Guthrie — "considero esse autor um dos maiores teólogos que jamais escreveram. É meu vade mecum; sempre trago comigo esse livro e o Novo Testamento de Sedan. Escrevi vários fólios; mas há nele mais teologia do que em todos eles." Foi traduzido para o holandês e tão estimado na Holanda que a Sra. Guthrie e uma de suas filhas receberam naquele país atenções muito especiais por causa dele, assim que se soube de seu parentesco com o autor. Também foi traduzido para o francês e para o alto-alemão, bem como para uma das línguas orientais, a expensas do honorável Robert Boyle, distinto patrono da religião, das letras e da beneficência cristã.

No sínodo de Glasgow, em abril de 1661, após longa discussão acerca das medidas apropriadas para a segurança do presbiterianismo, o assunto foi remetido a uma comissão. Guthrie apresentou então o esboço de uma petição ao parlamento, na qual se prestava fiel testemunho da pureza de nossa Reforma no culto, na doutrina, na disciplina e no governo, em termos notáveis tanto por sua prudência quanto por sua coragem. O texto foi aprovado e transmitido ao sínodo. Alguns do partido resolucionista, contudo, julgando-o inconveniente, deram àqueles que pretendiam conformar-se ao episcopado uma oportunidade para protelar; e assim conseguiram, por então, suprimi-lo.

Também por esse tempo, na última ocasião em que esteve na companhia de seu primo James Guthrie, notou-se que estava um tanto melancólico; então seu amigo, para animá-lo, disse: — "Um pêni por teus pensamentos, primo!" — "Há um homem pobre à porta; dá-lhe um pêni." Feito isso, respondeu: — "Vou dizer-te, primo, aquilo em que não apenas estou pensando, mas de que estou certo, a menos que esteja iludido. Os malignos causarão tua morte, e este cálculo será a minha; mas terás vantagem sobre mim. Morrerás honrosamente perante muitas testemunhas, com uma corda em volta do pescoço, e eu morrerei gemendo sobre um punhado de palha; e sofrerei mais dor antes de me levantar de tua mesa do que toda a dor que sentirás ao morrer."

Isso ocorreu pouquíssimo tempo antes da morte de seu primo, condenado a morrer no primeiro dia de junho seguinte. Guthrie decidira assistir àquela demonstração pública de sofrimento e certamente teria estado presente se o conselho da igreja, por seus rogos insistentes, não o tivesse persuadido a não se expor desnecessariamente à vingança de seus inimigos. Pela vontade de Deus, Guthrie pôde permanecer em seu encargo por quase mais quatro anos, graças à intervenção do conde de Eglinton e do chanceler Glencairn, que intercediam incessantemente por ele; pois havia muito o governo o marcara como alguém que fora um espinho mais agudo em seu lado do que muitos outros. Muitos de seus irmãos já haviam sido expulsos naquela época e, por isso, grandes multidões se reuniam em Fenwick todos os domingos, vindas de paróquias muito distantes, para ouvirem as palavras da verdade eterna, particularmente nas ocasiões sacramentais. Nessas solenidades, a afluência era tão vasta que os comungantes tinham de mostrar suas senhas aos porteiros para conseguir entrar.

Esse foi, em todo o seu ministério, o período mais distinguido por notáveis efusões do Espírito: numerosas pessoas foram convertidas à verdade, e todas foram edificadas e firmadas em sua santíssima fé. Naquele tempo, foi singularmente honrado como instrumento para conduzir à vida religiosa muitos que anteriormente eram dissolutos profanadores do santo nome de Deus e de suas ordenanças; depois de lhes ter sido tirado, estes jamais podiam pensar em seu pai espiritual e no poder daquela graça vitoriosa, que naqueles dias triunfara tão gloriosamente, sem júbilo na alma e renovadas emoções de

afeição. Por muitos anos depois, o povo de Fenwick foi considerado mais civilizado e religioso do que o da maioria das outras paróquias: seu pastor espiritual o fortalecera tanto na adesão zelosa à pureza da Reforma, e o advertira com tamanha fidelidade contra as deserções ocorridas pela introdução do episcopado, que nenhum deles, mesmo após sua partida, jamais cedeu à conformidade. E merece aqui nossa atenção o fato de que os piedosos habitantes daqueles distritos estiveram entre os principais sofredores da perseguição que imediatamente se seguiu. Nenhuma parte da Escócia se distinguiu mais pela firme adesão à causa de Deus e da verdade; e talvez não seja exagerado dizer que os efeitos do ministério de Guthrie ainda podem ser rastreados entre esse povo até o dia de hoje. Se em algum lugar da Escócia ainda se podem encontrar exemplos do que eram os presbiterianos nos dias de Claverhouse e do Pacto, é naquele distrito.

A extraordinária utilidade e popularidade de Guthrie já tinham enfurecido tanto os bispos contra ele que o arcebispo de Glasgow, respondendo ao conde de Glencairn, que solicitava que Guthrie fosse poupado na perseguição geral, disse: — "Isso não será feito; não pode ser; ele é um chefe e mantenedor do cisma em minha diocese!" Em consequência dessa resolução, Guthrie foi suspenso do cargo; mas tamanho era o respeito temeroso dos curas diante daquele grande e bom homem, por receio de se meterem com ele, que dificilmente se encontrou alguém disposto a anunciar-lhe a sentença de suspensão. Afinal, o cura de Cadder foi induzido a assumir a incumbência pela mesquinha promessa de uma recompensa de cinco libras. Tendo recebido notícia antecipada do que estava em curso, Guthrie rogou encarecidamente aos amigos que não oferecessem resistência à sua deposição, certo de que seus inimigos tomariam isso como pretexto para persegui-lo continuamente por seu zelo e fidelidade anteriores.

Assim, a quarta-feira, 20 de julho, foi separada como dia de jejum solene e oração; nessa ocasião, Guthrie pregou ao povo sobre Oseias 13:9: "Ó Israel, tu te destruíste; mas em mim está teu auxílio!" A partir desse texto, expôs-lhes, com grande clareza e afeição, os pecados deles mesmos e os pecados da terra e da época; ao concluir o sermão, avisou que voltaria a reunir-se com eles no domingo seguinte, de manhã bem cedo. Entre quatro e cinco horas da manhã, a igreja estava excessivamente cheia, quando ele se dirigiu à congregação tomando a última oração do versículo já mencionado: — "Mas em mim está teu auxílio." Nessa ocasião dilacerante, encaminhou seus ouvintes à grande Fonte do auxílio, para quando o evangelho e os ministros do evangelho lhes fossem tirados, e deles se despediu encomendando-os a Deus, que era poderoso para edificá-los e auxiliá-los em todo tempo de necessidade.

No dia designado, o cura de Cadder chegou a Fenwick com um destacamento de doze soldados e, por comissão do arcebispo de Glasgow, proibiu Guthrie de continuar pregando em Fenwick; declarou vaga a igreja e suspendeu-o do exercício do ministério. Deixando o destacamento do lado de fora, o cura entrou na residência pastoral e disse a Guthrie que o bispo e a comissão, após terem demonstrado muita clemência para com ele, se viram obrigados a proferir a sentença de suspensão, porque ele não se reunia com os irmãos nos presbitérios e sínodos e por sua turbulência na igreja; fora designado para dar pública ciência dessa sentença, o que então fez, lendo a comissão assinada pelo arcebispo de Glasgow.

A tudo isso Guthrie respondeu: — "Não julgo conveniente dizer muito em resposta ao que dissestes; somente, quanto à vossa alegação de que se mostrou muita clemência para comigo, sabei que nisso reconheço o Senhor como parte e primeiro a ele agradeço. Vejo nisso uma porta que Deus me abriu para pregar seu evangelho, que nem vós nem qualquer outro homem pudestes fechar até que Deus vos concedeu fazê-lo. Quanto a essa sentença proferida contra mim, declaro perante estes senhores" — apontando para os oficiais do destacamento — "que não lhe atribuo peso algum enquanto procedente de vós ou daqueles que vos enviaram, embora respeite a autoridade civil, que por sua lei assentou os fundamentos da sentença contra mim. Declaro que não cessarei o exercício de meu ministério por causa de toda essa sentença. Quanto aos crimes de que sou acusado: de fato compareci aos presbitérios e sínodos com os demais de meus irmãos; mas não considero meus irmãos os que agora têm assento nesses tribunais, pois se desviaram da verdade e da causa de Deus; tampouco considero livres e legítimos tribunais de Cristo aqueles que agora se reúnem neste reino. Quanto à minha turbulência, sei

que se me ordena seguir a paz com todos os homens; mas sei também que se me ordena segui-la com a santidade; e, visto que não podia obter a paz sem prejuízo para a santidade, julguei-me obrigado a deixá-la de lado. Quanto à vossa comissão, senhor, para anunciar esta sentença, aqui declaro que me considero chamado pelo Senhor à obra do ministério, pela qual deixei a relação mais próxima que tinha no mundo e me entreguei ao serviço do evangelho neste lugar, tendo recebido chamada unânime desta paróquia e sido licenciado e ordenado pelo presbitério. Bendigo o Senhor por me haver concedido algum fruto e selos de meu ministério nas almas e consciências de não poucos que já foram para o céu, e de alguns que ainda estão a caminho. E agora, senhor, se assumirdes a responsabilidade de interromper minha obra entre este povo, desejo que o Senhor vos perdoe a culpa disso; mas não posso deixar de pôr todas as más consequências que daí possam advir entre Deus e a vossa consciência. E declaro ainda aqui, perante estes senhores, que sou suspenso de meu ministério por aderir aos Pactos e à palavra de Deus, dos quais vós e outros apostatastes."

Aqui o cura interrompeu Guthrie, dizendo que o Senhor tinha uma obra antes de aquele pacto existir, e que os únicos apóstatas eram os que aderiam ao pacto. "É verdade", respondeu Guthrie, "que o Senhor tinha uma obra antes de aquele pacto existir; mas é igualmente verdade que ela se tornou mais gloriosa desde aquele pacto; e pouca coisa é para nós sermos julgados por vós em razão de nossa adesão ao pacto — por vós, que corrompestes tão profundamente vossos caminhos. Quanto a vós, senhores", voltando-se para os soldados, "desejo que o Senhor vos perdoe por apoiardes este homem em sua incumbência." Um deles respondeu, zombando: "Quisera eu que nunca cometêssemos falta maior!" "Pois bem!", respondeu Guthrie, "um pequeno pecado pode condenar a alma de um homem."

Guthrie então pediu um copo de cerveja e, depois de pedir a bênção, bebeu à saúde do oficial comandante, que, tendo provado a bebida, se retirou. Ao cura, porém, observou que esperava algum sinal evidente do desagrado do Senhor por aquilo que fazia e advertiu-o seriamente a preparar-se para alguma visitação da Providência que muito em breve lhe sobreviria; e diz o Sr. Wodrow: — "Estou bem certo de que ele nunca mais pregou depois de deixar Fenwick. Chegou a Glasgow, mas não é certo que tenha chegado a Cadder, embora esta fique apenas a seis milhas de Glasgow. Em todo caso, dentro de poucos dias morreu em grandes tormentos, de uma afecção ilíaca; e sua esposa e filhos morreram todos no prazo de um ano, ou por volta disso, e nenhum dos seus ficou vivo."

Antes de deixar Fenwick, o cura dirigiu-se à igreja e anunciou do púlpito a sentença do bispo, depois de arengar aos soldados por cerca de um quarto de hora, pois eles constituíam toda a sua audiência, à exceção de algumas crianças, que muito incomodaram o cura. Em obediência ao pedido de seu ministro, todos os paroquianos permaneceram quietos; embora, se ele assim o quisesse, teriam sacrificado a vida em defesa de seus direitos.

Geralmente se crê que Guthrie jamais voltou a pregar em Fenwick depois disso; mas relata-se que, certa vez, quando ele e vários paroquianos regressavam de Stewarton, aonde tinham ido ouvir um sermão, e compreendendo ele que não estavam de todo satisfeitos com o que haviam ouvido, propôs repassar ele mesmo o discurso, se assim o desejassem. Todos concordaram e se sentaram numa colina verdejante, na quietude de uma agradável tarde de verão, enquanto ele recitava a maior parte do sermão, para grande júbilo e edificação deles — tão satisfeitos ficaram de ouvir mais uma vez aquela voz que tantas vezes lhes arrebatara o coração.

Permaneceu, entretanto, em Fenwick até 1665, quando, após a morte do irmão a quem transferira a herdade paterna, ele e sua esposa partiram para Angus a fim de cuidar dos assuntos da família. Não fazia muito tempo que estavam ali quando ele foi acometido por uma combinação de enfermidades que, em cerca de dez dias, lhe causou a morte. Em meio a seus maiores sofrimentos, disse: "O Senhor tem sido bondoso para comigo, não obstante todos os males que fiz; e estou certo de que, ainda que morra fora de mim, morrerei no Senhor. Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor em todos os tempos; mas sobretudo quando uma inundação de erros, laços e juízos está começando ou sobrevindo a uma nação,

uma igreja ou um povo!" Tão cruciantes eram suas dores físicas que, para lhe proporcionar alívio temporário, seus amigos eram frequentemente obrigados a manter-lhe a cabeça abaixada e erguer-lhe as extremidades inferiores; contudo, em meio a tudo isso, jamais o ouviram queixar-se, antes adorava as disposições da divina Providência, dizendo: — "Poderia ter sido pior." Nos curtos intervalos em que cessavam as dores corporais, anelava ardentemente por sua partida e dizia muitas vezes quão alegremente faria da sepultura sua morada, quando aprouvesse a Deus pôr fim a seus sofrimentos. Por fim, a morte veio aliviá-lo na casa de seu cunhado, o Sr. Lewis Skinner, em Brechin, na quarta-feira, 10 de outubro de 1665, no 45.º ano de sua vida; foi sepultado na igreja de Brechin, imediatamente sob os assentos reservados à herdade de Pitfrothy.

"Guthrie", diz o Sr. Livingstone, "era homem de inteligência prontíssima, imaginação fecunda e comparações apropriadas, apto tanto a despertar como a apaziguar a consciência, reto e zeloso pela causa de Cristo, e uma grande luz no oeste da Escócia. Em sua doutrina era tão pleno e franco quanto qualquer homem que jamais houvesse existido na Escócia; isso, juntamente com a excelência de seus dons de pregação, recomendou-o de tal modo à afeição de seu povo que transformaram o campo de cereais de sua gleba numa pequena cidade, cada um construindo ali uma casa para sua família, a fim de viver sob o gotejar de seu ministério." Outro autor diz dele: — "Era uma luz ardente e resplandecente; converteu e confirmou muitos milhares de almas e era tido como o maior pregador da Escócia. Com efeito, consideravam-no tão bem qualificado para fortalecer os que se achavam em exercício de alma quanto quase qualquer pessoa de sua época, ou de qualquer época de que tenhamos ouvido falar. Muitos o censuraram porque cessou seu ministério por causa da suspensão imposta pelo bispo. É verdade que a autoridade dos Stuarts era, em demasia, o ídolo do ciúme para muitos de nossos dignos reformadores escoceses; pois bem podemos admirar-nos de que a nação não se levantasse como um só homem para eliminar aqueles que haviam arrasado toda a constituição presbiteriana; mas o Senhor, para fins santos e sábios, julgou conveniente derrubar os que estavam no poder por outro braço, depois de todos terem sido juntamente levados à fornalha; embora bem se pudesse ver", conforme observou Guthrie, "que o poder civil lançara os fundamentos para o outro."

Além de sua admirável obra "O Grande Interesse do Cristão", ainda existem alguns sermões, que se diz terem sido pregados em Fenwick, sobre Mateus 19:24 etc. e Oseias 13:9. O tratado "Presbíteros Regentes", apenso à última edição de suas obras, não é de sua autoria, mas de seu primo, o Sr. James Guthrie. Ainda se podem encontrar diversos manuscritos que mostram forte semelhança com sua letra autógrafa.

ROBERT BLAIR

JOHN BLAIR de Windyedge, membro de um ramo mais jovem da antiga família Blair, na paróquia de Irvine, foi o pai deste digno homem; sua mãe foi Beatrix Muir, da família de Rowallen. Ele nasceu em 1593. Seu pai morreu quando ele ainda era muito jovem, deixando sua mãe com seis filhos, dos quais Robert era o caçula. Diz-se que ela viveu até os cem anos e passou quase metade desse tempo em honrada viuvez.

Blair foi enviado à Universidade de Glasgow com cerca de quinze anos de idade, onde fez progressos tão notáveis nos clássicos e na filosofia, esta estudada sob a orientação de seu próprio irmão William, que, poucos anos depois, o próprio Blair foi nomeado para ocupar a cátedra antes exercida por William, até este ser estabelecido ministro em Dumbarton. Antes de sua nomeação para o professorado, contudo, diz-se que se distinguira grandemente como mestre na cidade. Foi nessa época que chegou ao conhecimento salvador da verdade sob o ministério do célebre sr. Boyd de Trochrig, em cujas mãos, diz o próprio Blair em suas memórias, o Senhor pusera a chave de seu coração, de modo que, sempre que o ouvia, muito proveito recebia, tendo o sr. Boyd sido enviado a ele, por assim dizer, da parte de Deus para lhe falar as palavras da vida eterna.

No verão de 1616, Blair submeteu-se aos exames para obter licença de pregar e, tendo sido aprovado honrosamente, foi designado para pregar na Igreja do Colégio no domingo seguinte. Naquela ocasião, alguns dentre os ouvintes lhe disseram que, em seu sermão, o Senhor lhes falara ao coração, o que ainda mais o estimulou a seguir o Senhor. Pouco depois, teve entre seus ouvintes o famoso sr. Robert Bruce e, desejando saber o que aquele bom homem pensara de seus discursos, recebeu esta resposta: "Achei vosso sermão muito polido e bem elaborado; mas houve uma coisa que nele me faltou, e essa foi o Espírito de Deus — não o encontrei!" Com isso Blair aprendeu que, para ser ministro bem-sucedido de Jesus Cristo, é necessário algo mais além de talento e eloquência.

Durante o período de seu professorado, espalhou-se a notícia de que se exigiria do professor um novo juramento de certa espécie; então ele consultou o sr. Gavin Forsyth, um de seus colegas, sobre o que se deveria fazer. Forsyth respondeu: "Por minha fé, preciso viver!" "Não jurarei por minha fé", disse Blair, "como fazeis; mas, em verdade, pretendo viver por minha fé. Podeis escolher vosso próprio caminho; eu me aventurarei confiando no Senhor." Alguns anos depois, tendo Forsyth caído em grande pobreza, recorreu à Assembleia Geral em busca de socorro; e Blair, que por acaso era então moderador, não pôde deixar de observar sua conduta anterior. Numa conversa particular com o desventurado homem, trouxe-lhe à lembrança aquela infeliz expressão de outrora; mas, ao mesmo tempo, com grande ternura, disse-lhe que ele próprio fora sustentado por aquela fé da qual Forsyth zombara anteriormente.

Algum tempo depois, passou por profunda luta interior a respeito daquela sentença das Escrituras: "O justo viverá pela fé"; disso resultou, entre outras coisas, a observação de que não era de admirar que o fato de não se valer da fé para a santificação houvesse obstruído seu progresso em santidade. Percebeu, portanto, que buscar em Cristo a santificação sem empregar diretamente a fé para dele extrair tal graça era como procurar tirar água de um poço profundo sem uma corda comprida com que descer o balde e erguê-lo novamente. "Eu era então", disse ele, "como alguém que chegava ao depósito, mas recebia sua provisão, por assim dizer, através de uma janela. Chegara à casa da misericórdia, mas não encontrara a porta certa; por meio dessa descoberta, porém, encontrei um portal aberto pelo qual entrar para receber provisões e recursos de Jesus Cristo. Assim o bendito Senhor me educou, passo a passo, permitindo que surgissem muitas dificuldades para que mais luz dele próprio pudesse afluir."

Pouco depois, após a renúncia do diretor Boyd, o dr. Cameron foi chamado da França para presidir à Universidade de Glasgow; e, sendo firme adepto do episcopado, instou repetidamente Blair a aceitar os "Cinco Artigos"; mas Blair recusou-se outras tantas vezes. O doutor manteve-o sob vigilância desde então, ainda mais porque Blair o vencera repetidamente em disputas públicas, o que feriu bastante o orgulho escolástico do doutor. Ademais, como este procedera com Blair, durante sua ausência, de maneira longe de ser honrosa, Blair previu que sua vida futura em ligação com um homem do temperamento do doutor seria tudo menos agradável; apresentou sua renúncia e deixou a universidade, para grande pesar de seus irmãos, dos estudantes e do povo de Glasgow.

Embora Blair tivesse então convites de diversas paróquias na Escócia, além de uma insistente solicitação para ir à França, aceitou o convite para ser ministro em Bangor, na Irlanda. Diz-se que, ao aproximar-se daquele lugar, sentiu uma forte impressão de que o deão de Bangor estava enfermo, o que, ao chegar, verificou ser verdade. O sr. Gibson, que ocupava o cargo, convidou Blair a oficiar em seu lugar, e ele o fez por três domingos, com tamanha aceitação pelo povo, e até pelo próprio deão, que este lhe disse que seria seu sucessor naquele lugar, exortando-o, ao mesmo tempo, em nome de Cristo, a não abandonar o bom caminho pelo qual começara a andar. No íntimo, o deão não era amigo do episcopado, do que deu a Blair frequentes garantias em seu leito de morte, tratando-o com a maior bondade e atenção. Pouco antes de morrer, estendeu ambos os braços e, atraindo Blair para junto de si, abençoou-o de maneira mui celestial; isso foi tão diferente de sua conduta habitual anterior que um dos presentes observou: "Um anjo fala ao sr. Blair do leito do deão!" Poucos dias depois o deão morreu, e Blair foi estabelecido em seu lugar.

Com respeito à sua ordenação, relata-se o seguinte fato singular. Depois que Blair comunicou ao bispo da diocese suas opiniões acerca do governo da igreja e que a ordenação por um só homem não estava de acordo com seus princípios, o bispo, que já ouvira falar de seus grandes talentos e de sua piedade, observou: "Seja qual for vossa opinião acerca do episcopado, sei que credes ter o governo presbiterial autorização divina; não receberíeis a ordenação do sr. Cunningham e dos irmãos das proximidades, permitindo que eu participe como copresbítero?" Em nenhum outro termo poderia o bispo responder perante o governo; por isso Blair consentiu e foi, em consequência, ordenado por volta de 1623. Era um empreendimento sério, pois tinha mais de mil e duzentas pessoas de idade adulta, além das crianças, todas em grande necessidade de instrução. Além dos deveres habituais do domingo, pregava regularmente duas vezes por semana; nessas ocasiões era grandemente auxiliado e se tornava bendito instrumento de muito bem para a alma de muitos.

Na grande obra que posteriormente ocorreu em Six-mile Water e em outras partes dos condados de Down e Antrim, Blair muito se distinguiu, não apenas por seu próprio ministério, mas também pelo grande empenho com que incitava outros a semelhante diligência.

Na primeira celebração da Ceia do Senhor naquele lugar, ao tratar da nova aliança, seu coração foi grandemente elevado, o que o determinou a recorrer dali por diante, na observância dessa ordenança, à mesma fonte inesgotável de consolação; e, tendo vindo à Escócia pouco depois,* recebeu considerável auxílio do sr. Dickson, que fora restituído ao seu rebanho em Irvine e que estudava e pregava sobre o mesmo assunto. Não lhe foi permitido, contudo, exercer seu ministério por muitos anos sem perturbação; pois, no outono de 1631, ele e o sr. Livingstone foram ambos suspensos pelo bispo de Down. Mediante recurso ao arcebispo Usher, porém, sua sentença foi abrandada, e lhes foi permitido continuar em seus cargos até maio do ano seguinte, quando foram definitivamente depostos do ofício do santo ministério.

Como último recurso nesse caso aflitivo, Blair empreendeu uma viagem a Londres a fim de apresentar à corte sua própria situação e a de seus irmãos perseguidos; mas, depois de esperar por longo tempo, descobriu que havia muito pouca esperança de encontrar-se com o rei Carlos, de sorte que o tempo lhe pesava bastante. Certo dia, porém, cansado de aguardar a corte e abatido por profundo desalento, após entregar-se a solene oração, saiu a caminhar pelo Parque de Greenwich e ousou pedir ao Senhor um sinal pelo qual pudesse julgar do êxito de sua causa; foi-lhe então revelado, de modo sumamente gracioso, que seus desejos em breve se realizariam. Pouquíssimo tempo depois, recebeu de sua majestade um despacho que não apenas concedia o pedido de sua petição, mas trazia, numa nota dirigida ao representante do rei, escrita de próprio punho pelo monarca à margem, as palavras: "Sede indulgente com estes homens, pois são escoceses!"

Ao retornar à Irlanda, apresentou a nota de Carlos ao representante do rei; este, porém, não lhe deu atenção, razão pela qual se viu obrigado a recorrer mais uma vez ao bondoso arcebispo Usher. O venerável ancião verteu lágrimas por sentir-se incapaz de auxiliar os servos sofredores de Deus; todavia, graças à bondosa intercessão de lorde Castlestuart, o rei lhes concedeu seis meses de liberdade. Afinal, porém, em novembro de 1634, Blair foi novamente intimado a comparecer perante o bispo, e contra ele se pronunciou sentença de excomunhão. O ânimo de Blair se elevou à altura da ocasião e, diante do próprio bispo, intimou-o a responder por sua conduta perante o tribunal de Jesus Cristo. A isso o bispo apelou com desprezo da justiça de Deus à sua misericórdia; ao que Blair respondeu com muita calma: "Vosso apelo provavelmente será rejeitado, porque agis contra a luz de vossa consciência!" E assim aconteceu: alguns meses depois, o bispo adoeceu e, sofrendo grande angústia de espírito, disse certo dia ao médico que indagava como se sentia: "É minha consciência, homem, é minha consciência!" Como seria de esperar, a observação do doutor foi: "Para isso não tenho cura!" Pouco tempo depois, o bispo deixou esta vida para conhecer o resultado de seu apelo.

Após sua expulsão, Blair continuou a pregar com frequência em sua própria casa e em algumas casas vizinhas, até o início de 1635, quando contraiu matrimônio pela segunda vez com Catharine, filha de Hugh Montgomery de Busbie, em Ayrshire, que então se encontrava com sua família na Irlanda.

Já se mencionou que certo número de ministros presbiterianos expulsos na Irlanda concebera o projeto de construir uma embarcação para levá-los à América, e que de fato o realizaram. Um tremendo furacão, porém, frustrou-lhes o intento, e buscaram refúgio na Escócia. Blair era um deles. Tendo permanecido cerca de quatro meses na Irlanda após o fracasso da expedição, ele e o sr. Livingstone, ao receberem a informação de que estavam prestes a ser presos, embarcaram imediatamente num navio destinado à Escócia, onde desembarcaram em 1637. O principal campo dos trabalhos de Blair ficava em Irvine e na região circunvizinha; mas ele também ia ocasionalmente a Edimburgo. Como o episcopado dominava então poderosamente o país, aceitou a capelania no regimento do coronel Hepburn, a serviço da França, corpo recentemente levantado na Escócia, e embarcou com aquele oficial em Leith. Mas o aparato da vida militar de modo algum se ajustava aos hábitos deste digno homem. O regimento era composto principalmente de indomáveis habitantes das Terras Altas, intolerantes à repreensão e incapazes de suportar a ideia de disciplina clerical; por isso, diante de qualquer censura de Blair, por mais grave que fosse a falta cometida, exibiam suas armas e ameaçavam apunhalar o bom homem. Semelhante conduta logo o determinou a abandonar o serviço, e ele desembarcou às ocultas, sem comunicar a ninguém sua intenção. Na ocasião, escapou da morte por muito pouco: tendo-lhe escorregado o pé, teria caído no mar se não se houvesse agarrado a uma corda, na qual permaneceu suspenso até ser socorrido.

O regresso de Blair foi motivo de grande alegria para seus amigos e, na primavera de 1638, ele foi chamado a ser colaborador do sr. Annan em Ayr, cargo em que foi empossado em 2 de maio seguinte. Sua permanência, porém, foi breve; pois, tendo-se justificado perante a Assembleia Geral daquele ano quanto à sua disputa com o dr. Cameron, quando professor na Universidade de Glasgow, e também no tocante ao seu estabelecimento na Irlanda, foi pelo tribunal supremo designado para St. Andrews, onde seus esplêndidos talentos poderiam ser empregados com maior proveito. Não obstante, permaneceu mais um ano, pois, como disse, não via claramente o caminho; mas a Assembleia de 1639, descontente com esse ato de desobediência, ordenou-lhe que se dirigisse para lá sem demora.

Blair voltou à Irlanda depois da rebelião de 1641,* com a permissão da Assembleia Geral, à qual se solicitara o envio de ministros para preencher as vagas deixadas pelos que haviam tombado em batalha ou sido privados, de outro modo, de seus benefícios; e nessa ocasião trabalhou com não menos afinco que antes.

Em 1643, participou da comissão da Assembleia Geral que concordou com uma Solene Liga e Aliança entre a Escócia e a Inglaterra; e, no fim do mesmo ano, quando os escoceses prestaram auxílio ao Parlamento inglês, foi nomeado capelão do regimento do conde de Crawford. Permaneceu nessa função até julho de 1644, quando as tropas do rei foram derrotadas em Marston Moor;† depois disso voltou ao seu cargo em St. Andrews.

Blair abriu o Parlamento e a Comissão da Assembleia em Perth, em julho de 1645; e, tendo novamente pregado perante o Parlamento no dia 27 — dia de solene humilhação —, cavalgou até o exército, então acampado em Forgandenny, e pregou aos regimentos de Crawford e Maitland. Nesse sermão disse-lhes que sua perversidade era notória e que, embora houvessem vencido em Marston Moor, não seriam capazes de resistir a um inimigo menos temível se não se arrependessem e se voltassem para Deus. Cerca de três semanas depois, a maior parte do regimento de Crawford foi abatida no desastroso confronto de Kilsyth.

Depois dessa derrota, Blair se opôs a quaisquer termos de acordo com Montrose, dizendo que o Senhor atentaria para a aflição de seu povo — e assim sucedeu —, pois o Comitê dos Estados chamou de volta o general Leslie com quatro mil soldados de infantaria e mil cavaleiros. Montrose, por essa época, recebera ordens do rei para marchar rumo ao sul e enfrentar Leslie; mas este, surpreendendo o exército

real em Philiphaugh, derrotou completamente Montrose e pôs em fuga seu exército, tendo o próprio general escapado com dificuldade. Entre os prisioneiros feitos naquele encontro estavam sir Robert Spottiswood, Nathaniel Gordon e Andrew Guthrie, condenados à execução em 17 de janeiro seguinte. Blair muito se empenhou junto a esses senhores para levá-los a reconhecer sua culpa; e com sir Robert teve êxito a ponto de obter dele o desejo de ser absolvido da sentença de excomunhão sob a qual se encontrava. Blair atendeu ao pedido; os outros dois, porém, sendo filhos de bispos, não se deixaram mover. — Mali corvi malum ovum.*

Na Assembleia de 1646, Blair, que então era moderador, foi um dos designados para ir ter com o rei em Newcastle e procurar convencê-lo do alarmante derramamento de sangue que causara na nação e, se possível, reconciliá-lo com o presbiterianismo e com as Alianças. Entre outros assuntos, recaindo a conversa sobre o papismo, Blair perguntou a sua majestade se não havia abominações naquele culto: "Sim", respondeu Carlos, "tomo Deus por testemunha de que há abominações no papismo, que tanto abomino que, antes de consentir nelas, preferiria perder a vida e a coroa!" Blair então instou-o vivamente a satisfazer os desejos de seus súditos, mas ele recusou. A franqueza com que Blair tratou o rei, contudo, incutiu em sua majestade uma opinião favorável de sua sincera honestidade; mas, incapaz de levar Carlos a aquiescer, voltou por então para casa, em St. Andrews.

Ali, porém, não lhe foi permitido permanecer por muito tempo; pois, tendo o sr. Henderson, capelão do rei, morrido nesse ínterim, Carlos mandou imediatamente buscar Blair para preencher a vaga. Também nisso Blair não viu de pronto com clareza o caminho a seguir; mas, após consultar seu amigo sr. Dickson e recordar como seu falecido irmão mantivera honrosamente sua integridade em meio a todas as seduções da corte, aceitou a oferta de sua majestade. A diligência e fidelidade de Blair como capelão da casa real foram exemplares: orava todos os dias na sala de audiências antes do almoço e do jantar; fazia uma exposição das Escrituras uma vez e pregava duas vezes em cada Dia do Senhor; além disso, pregava ocasionalmente na igreja de São Nicolau em outros dias, conversava muito com o rei, debatia com ele as formas do episcopado e o instava, em toda ocasião oportuna, a atender aos justos desejos de seu povo.

Depois de uma oração, certo dia, o rei lhe perguntou se era legítimo resolver uma controvérsia por meio da oração — tal como naquele dia declarara o papa ser o anticristo —, questão a respeito da qual os teólogos ainda divergiam. Blair respondeu: "Com a licença de vossa majestade, para mim isso não é controvérsia, e lamento que vossa majestade assim a considere; pois não era assim para vosso régio pai!" Ao ouvir isso, o rei guardou silêncio, pois a autoridade de seu pai tinha para ele mais peso que a de qualquer teólogo. Depois de desempenhar seus deveres durante alguns meses, foi-lhe permitido visitar seu rebanho e sua família.

Durante as sessões do Parlamento escocês seguinte, Blair visitou novamente o rei em Newcastle, onde o instou, com toda a eloquência e todos os argumentos de que dispunha, a subscrever as Alianças e abolir o episcopado na Inglaterra, assegurando-lhe que todo escocês honesto abraçaria sua causa contra seus inimigos. Carlos respondeu que estava obrigado por seu grande juramento a defender o episcopado naquela igreja e que, antes de violentar a própria consciência violando seu juramento, perderia a coroa. Blair, sabendo que a fórmula do juramento dizia apenas que ele o sustentaria até o limite de suas forças, informou a sua majestade que não somente o fizera, mas por tanto tempo e em tal medida que agora já não possuía poder algum. Tudo foi em vão, contudo; por isso Blair partiu para St. Andrews com o coração pesado.

Em 1648, quando Cromwell avançou sobre Edimburgo, os srs. Blair, Dickson e James Guthrie foram enviados pela Comissão da Assembleia para encontrar-se com o usurpador e tentar obter seu assentimento à uniformidade do culto religioso na Inglaterra; mas Cromwell esquivou-se da questão, à sua maneira habitual, com palavras suaves e aduladoras, apelando frequentemente a Deus como testemunha da sinceridade de suas intenções. Blair, porém, não se deixaria iludir; respeitosamente exigiu resposta a três perguntas: qual era sua opinião sobre o governo monárquico? Quais eram suas

ideias sobre a tolerância? E o que pensava sobre o governo da igreja? À primeira, Cromwell respondeu que era favorável ao governo monárquico; à segunda, que era inteiramente contrário à tolerância; e à terceira: "Ora, sr. Blair! Estais agora a me interrogar com excessivo rigor; deveis perdoar-me por não vos dar uma resposta imediata a isso!" Blair compreendeu bem o sentido dessa evasiva, pois Cromwell anteriormente confessara sua preferência pelo governo da Independência. Quando a delegação deixou Cromwell, o sr. Dickson observou "que se alegrava por não ter ouvido aquele homem falar pior". "Ah!", disse Blair, "não o conheceis tão bem quanto eu, ou não acreditaríeis numa só palavra do que ele diz; pois é um dissimulador dos mais rematados!"

Na contenda entre os partidários das resoluções e os protestadores, Blair permaneceu, em sua maior parte, neutro; embora, em toda ocasião em que julgasse poder conseguir uma pacificação, empregasse toda a sua influência e eloquência para reconciliar as divergências. Todavia, tanto em St. Andrews como em Edimburgo, onde havia forte concentração de ambos os lados, todas as suas esperanças foram frustradas, e desapareceu até a sombra de um acordo.

Nesse estado permaneceram os negócios até 1660, quando, após a morte de Cromwell, a nação, enfraquecida por dissensões internas, concordou em reconduzir Carlos II ao trono. Nessa ocasião, Blair mais uma vez tentou promover a reconciliação; seus esforços, porém, foram novamente frustrados, e daí resultou uma perseguição longa e sangrenta.

Em setembro de 1661, Sharp veio a St. Andrews, e o presbitério, estando bem informado do duplo papel que ele desempenhara e da probabilidade de ser nomeado arcebispo de St. Andrews — inquieto por ter tal Acã em seu acampamento —, comissionou Blair e outro ministro para encontrá-lo e informá-lo do que chegara ao seu conhecimento. Esses senhores o fizeram com tal franqueza e retidão que Sharp jamais se sentiu tranquilo até que Blair fosse expulso.

Pouco depois, tendo Blair aproveitado a ocasião para pregar sobre 1 Pedro 3:13 — "E quem vos fará mal, se fordes seguidores do que é bom?" —, introduziu no discurso os temas do sofrimento por causa da justiça e do testemunho em favor das Alianças e da obra da Reforma, em oposição aos rumos corruptos daqueles tempos. Como seria de esperar, Blair foi intimado a comparecer perante o conselho para responder pelas opiniões que manifestara. Os pontos sobre os quais foi interrogado eram: 1. Se afirmara ser o governo presbiterial jure divino? 2. Se afirmara que sofrer por ele era sofrer por causa da justiça? 3. Se, em suas orações contra o papismo, incluíra com este a prelazia? Tendo respondido afirmativamente e expressado seu pesar por duvidarem de sua opinião nesses pontos, foi primeiro confinado ao seu quarto em Edimburgo; mais tarde, porém, por motivos de saúde, recebeu permissão para retirar-se a Inveresk, por volta de meados de janeiro de 1662, onde permaneceu até outubro, desfrutando, em meio a todas as suas perplexidades, de muito da presença divina. Pela bondade do chanceler, obteve então a liberdade de ir a qualquer lugar que escolhesse, à exceção de St. Andrews, Edimburgo e da região ocidental. Escolheu Kirkaldy; mas, em consequência de uma lei aprovada pouco depois — segundo a qual nenhum ministro destituído poderia residir a menos de vinte milhas de uma sede arquiepiscopal —, foi removido para Meikle Couston, na paróquia de Aberdour, onde permaneceu até morrer.

Finalmente, abatido pelos anos e pela tristeza, adoeceu em 10 de agosto de 1666; mas foi capacitado a contemplar a partida iminente com a compostura e serenidade de um crente em Jesus. Muitas e cheias de graça foram as palavras edificantes com que fortaleceu e consolou os numerosos amigos que o visitaram em seu leito de morte. Numa ocasião, ao ser informado de algumas medidas severas do conselho, recentemente aprovadas por instigação do arcebispo Sharp, em vez de censurá-lo, orou com fervor para que o Senhor lhe abrisse os olhos e lhe concedesse arrependimento; depois, numa conversa com a sra. Rutherford, disse: "Eu não trocaria de posição com aquele homem (Sharp), ainda que tudo entre nós fosse ouro puro e me fosse dado de acréscimo!"

À esposa e aos filhos falou com a mais afetuosa gravidade; e, depois de abençoá-los solenemente, dirigiu-se a cada um, um por um, sobre assuntos de grave e eterna importância. A seu filho David disse: "Tenho meditado repetidas vezes sobre meus caminhos passados e conversado com meu coração; e, quanto aos meus atos e à minha conduta públicos em relação à obra do Senhor, se tivesse de começar de novo, faria exatamente como fiz." Repetia com frequência os salmos 16, 23 e 71 — o último dos quais costumava chamar seu. Cerca de dois dias antes de sua morte, sua fala começou a falhar tanto que suas palavras mal podiam ser compreendidas; mas sua esposa e alguns outros assistentes o ouviram dizer que se alegrava por sofrer como ministro perseguido, acrescentando com grande veemência: "Não é perseguição afastar-me da obra do ministério, que era meu deleite, e impedir-me de fazer o bem ao meu povo e rebanho, que eram minha alegria e coroa de regozijo, e perseguir-me de lugar em lugar, até que eu me consuma de pesar e tristeza pelas ofensas feitas à prerrogativa, ao interesse e à causa do Senhor?" Essas estiveram entre as últimas expressões inteligíveis que se ouviram de seus lábios. Por fim, a morte pôs termo a todos os seus sofrimentos e tristezas terrenos, na manhã de 27 de agosto de 1666.

Foi sepultado no cemitério da igreja de Aberdour, junto ao muro, sobre o qual se erigiu um pequeno monumento com a seguinte inscrição despretensiosa: —

Hic reconditæ jacent mortæ
Exuviæ D. Roberti Blair, S. S.
Evangelii apud Andreapolin
Prædicatoris fidelissimi. Obiit
Augusti 27, 1666, Aetatis suæ 73.*

Blair era homem de excelente constituição; e, embora tivesse porte de majestosa dignidade, seu comportamento era humilde, afável e cortês. Em todos os deveres particulares e públicos de seu ofício, era laborioso, diligente e incansável, granjeando a afeição não só do povo de sua paróquia e congregação, mas de todo o povo de Deus na região onde vivia. Nos tribunais da igreja, gozava de destacada reputação, não apenas pela presteza de compreensão, mas também pela clareza de suas exposições e pela firmeza que invariavelmente demonstrava em todos os assuntos de interesse público.

Quando a Assembleia Geral resolveu elaborar uma nova Exposição da Bíblia, a porção designada a Blair foram os livros de Provérbios e Eclesiastes; mas apenas o primeiro destes ele concluiu, no mesmo ano em que morreu. Diz-se também que cultivou, ocasionalmente, o gosto pela poesia e que deixou algumas composições esparsas e alguns breves epigramas sobre diversos temas, que fizeram não pouca honra à época em que viveu.

HUGH M'KAIL

EMBORA todos os historiadores da época em que M'Kail viveu narrem seus sofrimentos e sua morte, nenhum deles faz menção do lugar em que nasceu. Temos, contudo, de fonte cuja autoridade não foi contestada, que nasceu de pais piedosos e respeitáveis na paróquia de Libberton, perto de Edimburgo, e que estes desde muito cedo o consagraram à obra do ministério. Como estudioso, distinguiu-se sobremaneira; e, como estudante de teologia, já naquela jovem idade dava sinais seguros de que se tornaria um talentoso pregador do evangelho.

Antes de completar vinte anos, tornou-se capelão e preceptor na família de sir James Stewart de Coltness, então prefeito de Edimburgo, homem notável por sua dedicação à causa da liberdade civil e religiosa. Nessa família, M'Kail conheceu o marquês de Argyle, o conde de Loudon, lorde Warriston e muitos outros espíritos afins, cuja patriótica dedicação à causa do presbiterianismo então assimilou e continuou depois a abraçar com tal ardor que se dispôs a sofrer a perda de todas as coisas em sua defesa.

Mas o desfrute dessas felizes circunstâncias por M'Kail durou pouco. A arrogância tirânica do rei Carlos e sua aversão irreconciliável aos princípios da Aliança, atiçadas por uma horda de incendiários papistas, levaram-no logo depois a derrubar a igreja presbiteriana, como já foi narrado mais de uma vez. Embora a família de sir James tivesse sido favorável à causa do monarca nos dias de sua adversidade, tudo isso estava agora esquecido, e ele foi envolvido na perseguição geral. Tendo sido persuadido a acompanhar seu amigo sir John Chiesly de Carswell ao castelo de Edimburgo, ambos os senhores foram ali feitos prisioneiros por ordem do governo.*

No inverno de 1661, M'Kail, que ainda residia com a família de Coltness, apresentou-se ao presbitério de Edimburgo para receber licença de pregar e, tendo passado pelos exames probatórios a contento dos presbíteros, alcançou o supremo objeto de sua ambição: poder pregar "Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus, para salvação".

Do último sermão que proferiu naquela época na Igreja Alta de Edimburgo, sobre Cânticos 1:7,* pode-se datar o início de seus sofrimentos. Nesse sermão mostrou sem temor que não era novidade a igreja ver-se envolvida em perseguição; e, desenvolvendo o tema, disse que um faraó no trono, um Hamã no Estado e um Judas na igreja já haviam realizado essa obra em tempos anteriores. Embora em sua alusão a Hamã e Judas não tivesse feito qualquer aplicação expressa, Sharp e Lauderdale julgaram que seus retratos haviam sido traçados com grande exatidão; por isso M'Kail foi escolhido como pessoa muito apropriada para ser silenciada.† Pouco depois, portanto, uma tropa de dragões cercou a Casa de Coltness durante a noite; mas M'Kail, embora tivesse pouco mais que um instante de aviso, escapou de seu próprio quarto para outro e foi preservado quase miraculosamente. Dali fugiu para a casa de seu pai na paróquia de Libberton, onde permaneceu escondido até encontrar ocasião de ir para a Holanda, então refúgio dos exilados escoceses. Naquele país pacífico, longe da seta da perseguição e do estrépito e morticínio da discórdia civil, ampliou seus conhecimentos teológicos ao matricular-se como estudante em uma das universidades holandesas.

M'Kail retornou à Escócia por volta de 1664 ou 1665, mas encontrou a situação da igreja muito pior do que quando partira para o exterior. Um grupo de curas ignorantes e iletrados ocupava os púlpitos dos ministros instruídos e piedosos que haviam sido expulsos; e estes, porque não cessavam de proclamar as boas-novas da salvação quando e onde quer que encontrassem oportunidade, tinham sido forçados a vagar pelas montanhas e a esconder-se nos vales solitários dos mais agrestes redutos que o país oferecia.

Após seu regresso, M'Kail viveu, em grande parte, na casa do pai; mas, embora seus dias transcorressem em retiro, não lhe era permitido passá-los na ociosidade. As pastagens de ovelhas e os vales eram os lugares a que recorria para orar e conversar com aqueles que eram como ovelhas sem pastor; para essas pessoas, tais encontros eram verdadeiros tempos de refrigério. Muitos deles atestaram que ele estivera com Jesus, crescendo em conhecimento e verdadeira santidade; e, chegando essas coisas aos ouvidos dos curas, tornou-se ainda mais alvo de sua malícia implacável. Sua terra natal, que outrora fora Beulá — desposada com o Senhor —, abandonara seu Deus; por isso M'Kail julgou que era tempo muito apropriado de chorar, jejuar e orar. Um dia por semana derramava a alma diante de Deus em tristeza piedosa por seu país afligido; e observou-se que, sempre depois desses exercícios, era dotado de abundante graça e força divinas para consolar outros e receber consolo para si mesmo, do qual logo teria tanta necessidade. O Espírito de Deus não disse em vão que "o segredo do Senhor é para os que o temem"; pois M'Kail tinha agora o pressentimento indelével de que um dia cairia nas mãos de seus inimigos e morreria mártir pela verdade. A perspectiva desse acontecimento, contudo, de modo algum o desanimava; pois, à doce experiência do "pequeno rebanho" que costumava encontrá-lo em seu lugar de retiro, ele aparecia como alguém que subia do deserto, "como colunas de fumaça, perfumadas de mirra, incenso e de todos os pós aromáticos do mercador".

Foi durante o período em que viveu na casa de seu pai que as perturbações na região ocidental foram provocadas pelas crueldades de sir James Turner, que instigava seus soldados a atos de extorsão e crueldade desconhecidos do conselho e por ele não autorizados.* Pelos motivos que ele próprio expõe depois, M'Kail uniu-se aos que então tomaram armas em defesa do presbiterianismo e marchou com eles para Ayrshire. Naquele pequeno exército de homens sem treinamento havia outros ministros além de M'Kail, todos zelosos na defesa da causa difamada. Sua intenção era marchar a Edimburgo com seu prisioneiro Turner, cuja consciência culpada o mantinha em constante temor por sua vida, da qual alguns não teriam objetado que fosse privado; mas ele foi salvo por Neilson de Corsack, homem a quem perseguira além de toda medida. Seu caminho passava por um brejo profundo entre Cumnock e Muirkirk, que tiveram de atravessar sob chuva intensa. M'Kail tinha constituição delicada e era pouco apto a tal marcha sob semelhante tempo; pois pouco antes estivera acamado em Ayr e acompanhava o grupo a cavalo. Os limites desta obra não nos permitem descrever pormenorizadamente os movimentos dos pactuantes e seus atos em Douglas e Lanark, a caminho da capital, senão dizer que renovaram a Aliança nesta última localidade, após um sermão muito comovente do reverendo sr. Guthrie de Tarbolton. Quando o pregador terminou, leram-se as Alianças, artigo por artigo; ao final de cada um, o povo levantava as mãos e jurava ao Senhor seu Deus. Um escritor daquela época diz: "Será difícil encontrar outra companhia que se lhe iguale: tantos juntos de são juízo, verdadeira piedade, integridade de coração, zelo prudente, coragem e resolução destemidas, com tão pequena mistura de pessoas de mente corrupta, conduta profana e propósitos perversos; e, embora não queiramos ser pródigos com a vida dos homens, sobretudo a dos santos, quando há tão poucos agora para se colocarem entre os vivos e os mortos, aquele simples ato de renovar as Alianças deu mais glória a Deus e foi maior testemunho e proveito para aquela causa pactuada do que, esperamos, a perda de tantos quantos tombaram em seu apoio."

Depois que deixaram Lanark, receberam uma carta de sir James Stewart, encorajando-os a avançar para Edimburgo e informando-os de quem estava pronto para juntar-se a eles. Esse conselho os levou, sem intenção, a novas dificuldades; pois, enquanto marchavam apressadamente por Bathgate, Sharp, alarmado com a aproximação deles, fizera fechar todos os portões da cidade e guardar as passagens de modo que seus amigos ficaram impedidos de unir-se a eles, ao passo que o exército de Dalziel lhes cortava todo o socorro pela retaguarda. Exausto e debilitado, M'Kail não conseguiu prosseguir além das águas do Almond, em Cramond; saindo dali e procurando chegar a Libberton da melhor maneira possível, ao passar por Braid's Crags encontrou Kennoway, oficial dos dragões, acompanhado de outra pessoa, que o fez prisioneiro.

Levado perante o conselho em Edimburgo, foi despido e revistado à procura de cartas ou outros escritos; embora nada fosse encontrado, foi encerrado na prisão. No dia seguinte, foi levado à presença do conde de Dumfries, de lorde Sinclair e de outros e, interrogado sobre a rebelião, recusou-se a responder a várias das perguntas deles; isso levou o conselho a suspeitar de que conhecia segredos que não queria revelar.

Na quinta-feira, 29 de novembro, M'Kail foi novamente interrogado. Reconheceu que estivera com o grupo na região ocidental, mas nem isso satisfez o conselho. Ainda imaginavam que ele poderia fazer revelações importantes; para arrancá-las, puseram diante dele o terrível instrumento de tortura, a Bota,* advertindo-o de que certamente seria submetido a ela se não confessasse. Como persistisse em silêncio, foi trazido novamente; e, embora o instrumento lhe fosse apresentado ainda ensanguentado pelo sangue de Neilson de Corsack, o jovem mártir permitiu que fizessem o pior, torturando-lhe a perna de maneira indescritível. A dor lancinante, porém, nada conseguiu extorquir. Antes de receber os três últimos golpes, protestou diante de Deus que não tinha revelações a fazer, ainda que todas as articulações de seu corpo fossem submetidas ao mesmo tratamento. Não disse mais que a sublevação em Galloway fora causada pela imprudência de sir James Turner.

Tendo sofrido gravemente os efeitos da tortura, requereu ao conselho que adiasse o processo contra ele. Foram, pois, designados dois médicos e dois cirurgiões para visitá-lo e emitir parecer; fizeram-no, confirmando seu mau estado de saúde, mas o conselho lhe concedeu apenas seis dias. Nesse meio-tempo, Anne, duquesa de Hamilton, e sua sogra, a marquesa de Douglas, escreveram ao conde de Rothes em seu favor, mas o pedido foi negado. M'Kail, juntamente com outros quatro, foi levado perante lorde Renton, secretário de justiça, e o sr. Murray, procurador adjunto. As principais acusações contra M'Kail eram "ter estado em Ayr, Ochiltree e Lanark, com os rebeldes, a cavalo, portando uma espada" etc.

Tendo-lhe sido permitido pronunciar-se sobre a acusação — embora ainda estivesse muito fraco —, levantou-se e dirigiu-se ao tribunal com grande serenidade, mas também com a mais destemida fortaleza. Disse que, pela conclusão da acusação e pelo que acontecera a outros, considerava-se um homem destinado à morte e que, portanto, reconheceria francamente não se envergonhar de pertencer àquele grupo aflito e perseguido, os presbiterianos. Aludindo à acusação de rebelião, disse que sua simples presença era toda a sua participação nela, e isso apenas por sua própria confissão extrajudicial. De fato, nada havia contra ele além do que ele mesmo admitira; por isso o procurador adjunto, após ler novamente sua confissão perante o tribunal, sem investigação adicional entregou inteiramente o caso a seus membros. Convocado, o júri apresentou o veredito por intermédio de sir William Murray de Newton, seu presidente: "Consideramos Hugh M'Kail culpado de ter estado com os rebeldes em vários lugares, segundo sua própria confissão perante o conselho."

Comunicado o veredito, pronunciou-se a sentença, declarando e determinando que no sábado, 20 de dezembro, fosse levado à cruz do mercado de Edimburgo, para ali ser enforcado numa forca até morrer, e que seus bens e terras fossem confiscados e revertessem em benefício de sua majestade. Ao ouvir a sentença, disse: "O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor." Foi então levado de volta à prisão municipal, atravessando os guardas enquanto o povo o lamentava grandemente. Ao chegar ao quarto, voltou-se imediatamente para Deus em oração, com grande efusão de coração, em favor de si mesmo e dos que com ele haviam sido condenados. Disse depois a um amigo: "Oh, que boas novas: estar a apenas quatro dias de jornada de contemplar Jesus Cristo!" E declarou que "não estava tão preocupado com o modo de morrer quanto às vezes estivera com a pregação de um sermão". A algumas mulheres que o lamentavam, disse "que sua condição, embora fosse jovem e apenas começassem a florescer suas esperanças e trabalhos no ministério, não devia ser pranteada; pois uma gota de meu sangue, pela graça de Deus, poderá tornar contritos mais corações do que o fariam sermões de muitos anos".

Naquela mesma tarde, pediu ao conselho permissão para que seu pai o visitasse; concedida esta, o pai veio na noite seguinte, e conversaram um pouco sobre a obediência aos pais. Depois da oração, seu pai lhe disse: "Hugh, chamei-te formosa oliveira de belos frutos, e agora uma tempestade destruiu a árvore e seus frutos!" M'Kail respondeu "que a opinião demasiado favorável que seu pai tinha dele o afligia". O pai replicou "estar convencido de que Deus punia não os pecados do próprio filho, mas os dos pais, de sorte que podia dizer: Nossos pais pecaram e nós carregamos sua iniquidade", acrescentando: "Eu pequei; tu, pobre ovelha, que fizeste?" M'Kail respondeu entre muitos gemidos "que, por ter deixado de cumprir plenamente o quinto mandamento, deixara de alcançar a promessa de que seus dias seriam prolongados na terra dos viventes; e que a contenda de Deus com seu pai dizia respeito ao valor excessivo que atribuía aos filhos, particularmente a ele próprio".

Em 20 de dezembro, mais pela insistência dos amigos que por inclinação própria, apresentou ao conselho uma petição suplicando clemência, após declarar sua inocência; mas ela se revelou inteiramente ineficaz. Durante sua permanência na prisão, o Senhor esteve mui graciosamente presente com ele, tanto sustentando-o contra os temores da morte como dissipando as nuvens de terror a que, pela fragilidade da carne e do sangue, até os melhores homens estão sujeitos por vezes. Foi também maravilhosamente auxiliado na oração e no louvor, para admiração de todos os ouvintes; especialmente na noite de quinta-feira, quando, ceando com seus companheiros de prisão, seu pai e mais uma ou duas

pessoas, disse com certa alegria: “Comei à vontade e nutri bem vossos corpos, para que sejamos um gordo pastel de Natal para os prelados!” Depois da ceia, rompeu em várias expressões referentes tanto a si mesmo como à igreja de Deus e, por fim, fez aquela exclamação que se encontra no final de Daniel: “Qual, Senhor, será o fim dessas maravilhas?”

Na última noite de sua vida, propôs e respondeu a várias perguntas para fortalecer seus companheiros de prisão, tais como: como passaria da prisão municipal, por entre uma multidão de curiosos e guardas armados, até o cadafalso e a forca, vencendo a impressão causada por tudo aquilo? Respondeu que seria concebendo uma impressão ainda mais profunda da multidão de anjos que assistem à cena; conforme aquela passagem das Escrituras: “Somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens”; pois os anjos, regozijando-se com nossa boa confissão, estão presentes para conduzir e levar nossas almas ao seio de Abraão; não para recebê-las, pois essa é a obra de Jesus Cristo, que pessoalmente lhes dará as boas-vindas ao céu, entre os cânticos dos anjos e dos espíritos bem-aventurados. Como havemos nós, que nos apressamos para o céu, de concebê-lo, visto que a Palavra diz: “O olho não viu, nem o ouvido ouviu” etc.? A isso respondeu que as Escrituras nos auxiliam de duas maneiras a concebê-lo: 1. Por meio de semelhanças, como em Apocalipse 21, onde o céu é apresentado pela representação de uma cidade gloriosa etc. 2. Apresentando o amor dos santos por Jesus Cristo e ensinando-nos a amá-lo com sinceridade, o que constitui a própria alegria e exultação do céu.

As últimas palavras que disse à ceia foram em louvor do amor acima do conhecimento: “Oh, como as noções de conhecimento sem amor têm pouco valor, dissipando-se no nada, e são tão perigosas!” Depois da ceia, tendo seu pai dado graças, leu o salmo 16 e então disse: “Se houvesse algo neste mundo que seria triste e penoso deixar, seria a leitura das Escrituras. Eu disse: Não verei o Senhor na terra dos viventes; mas isso não precisa entristecer-nos, pois, para onde vamos, o Cordeiro é o livro das Escrituras e a luz daquela cidade; e ali há vida, até mesmo o rio da água da vida e fontes vivas” etc. Terminada a ceia, pediu uma pena, dizendo que era para escrever seu testamento, no qual determinou que os poucos livros que possuía fossem entregues a diversas pessoas. Deitou-se por volta das onze horas e dormiu até as cinco da manhã, quando se levantou e chamou seu companheiro John Wodrow, dizendo alegremente: “Levantai-vos, John, pois estais há demasiado tempo na cama; vós e eu não parecemos homens que serão enforcados hoje, visto que permanecemos deitados tanto tempo!” Depois de breve conversa, John disse: “Vós e eu em breve teremos aposentos ao lado do sr. Robertson!” M’Kail respondeu: “John, receio que me impeçais de entrar, porque fostes mais franco perante o conselho que eu; mas serei tão franco como qualquer de vós no cadafalso!” Então orou com grande fervor, invocando sua relação de aliança com Deus e pedindo que fossem capacitados naquele dia a fazer boa confissão diante de muitas testemunhas. Seu pai então se despediu; a ele, após a oração, M’Kail disse que seus sofrimentos fariam mais dano aos prelados e seriam mais edificantes para o povo de Deus do que se ele continuasse no ministério por vinte anos. Pedindo ao pai que o deixasse e fosse ao seu quarto, orou fervorosamente para que o Senhor estivesse com ele no cadafalso; pois “como me conduzirei ali é minha preocupação, a saber, que eu seja fortalecido para perseverar até o fim”.

Por volta das duas horas da tarde, foi levado ao cadafalso com outros cinco que sofreram com ele; ali, na opinião de todos que antes o conheciam, seu semblante estava mais belo e sereno do que jamais o haviam observado. Chegando ao pé da escada, dirigiu a palavra à multidão ao norte, dizendo “que, assim como seus anos no mundo tinham sido poucos, também suas palavras não seriam muitas”; depois disso, em voz firme, proferiu o seguinte discurso e testemunho, que já escrevera e assinara.

Então cantou parte do salmo 31 e orou com tal poder e fervor que fez muitos chorarem amargamente; em seguida, deu seu chapéu e sua capa. Ao segurar a escada para subir, disse em voz audível: “Subir esta escada e passar para o outro lado não me preocupa mais do que se eu estivesse voltando para a casa de meu pai!” Ouvindo um alvoroço entre o povo, chamou de cima seus companheiros de sofrimento, dizendo: “Amigos e companheiros de sofrimento, não temais; cada degrau desta escada é um grau mais perto do céu!” E, tendo-se sentado nela, disse: “Creio em parte que os nobres conselheiros e governantes

desta terra teriam mitigado esta punição se não houvessem sido instigados pelos prelados; de modo que nosso sangue recai principalmente à porta deles. Mas meu consolo agora é saber que meu Redentor vive. E agora de bom grado entrego minha vida pela verdade e causa de Deus, pelas Alianças e pelas obras da Reforma, outrora consideradas a glória desta nação; e é por procurar defendê-las e extirpar aquela raiz amarga da prelazia que abraço esta corda" — o carrasco então lhe passava a corda em volta do pescoço. Ouvindo o povo chorar, disse: "Vossa tarefa não é chorar, mas orar para que sejamos sustentados honrosamente até o fim; e bendito seja o Senhor que agora me sustenta. Assim como tenho sido devedor das orações e da bondade de muitos desde minha prisão e sentença, espero que não me falteis agora, no último passo de minha jornada, para que eu faça boa confissão; e, para que saibais qual é o fundamento de meu ânimo nesta obra, lerei para vós, do último capítulo da Bíblia, minha glória e recompensa: 'Quem tem sede venha'; e aqui vedes minhas boas-vindas: 'O Espírito e a noiva dizem: Vem'." Então disse: "Ainda tenho uma palavra a dizer a meus amigos" — olhando para baixo do cadafalso — "Onde estais? Não precisais lamentar por mim nem vos envergonhar de mim nesta condição, pois faço uso daquela expressão de Cristo: 'Vou para vosso Pai e meu Pai, para vosso Deus e meu Deus', para vosso Rei e meu Rei, para os benditos apóstolos e mártires, 'e para a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, para uma companhia inumerável de anjos, para a assembleia geral dos primogênitos, para Deus, juiz de todos, para os espíritos dos justos aperfeiçoados e para Jesus, o Mediador da nova aliança'; e despeço-me de todos vós, pois Deus vos dará maior consolo do que eu poderia dar, e agora será mais refrigério para mim do que vós podeis ser. Adeus, adeus, no Senhor!" Então, posto o lenço sobre seu rosto, orou um pouco e, erguendo-o novamente com a mão, disse que ainda tinha algo a dizer sobre o consolo que sentia diante da morte. "Espero que não percebais alteração ou desânimo em meu semblante e em minha conduta; e, se isso vos causa espanto, declaro que também a mim espanta; e vos direi a razão. Além da justiça de minha causa, meu consolo é que, quando Lázaro morreu, os anjos levaram sua alma ao seio de Abraão; portanto, assim como aqui há grande solenidade — um cadafalso, uma forca, pessoas olhando pelas janelas —, há uma preparação de anjos ainda maior e mais solene para levar minha alma ao seio de Cristo. Além disso, este é outro consolo meu: ela chegará às mãos de Cristo, e ele a apresentará irrepreensível e sem defeito ao Pai, e então estarei para sempre com o Senhor. Agora deixo de falar às criaturas e começo minha comunhão com Deus, que jamais será interrompida. Adeus, pai e mãe, amigos e parentes; adeus, mundo e todos os prazeres; adeus, comida e bebida; adeus, sol, lua e estrelas; bem-vindo, Deus e Pai; bem-vindo, doce Jesus Cristo, Mediador da nova aliança; bem-vindo, bendito Espírito de graça, e Deus de toda a consolação; bem-vinda, glória; bem-vinda, vida eterna; e bem-vinda, morte!"

Execução de M'Kail.

Então pediu ao carrasco que não o lançasse abaixo até que ele próprio passasse os ombros para o outro lado; depois de orar um pouco em seu íntimo, assim o fez, dizendo: "Ó Senhor, em tuas mãos entrego meu espírito, pois remiste minha alma, ó Senhor Deus da verdade!" E assim, no vigésimo sexto ano de sua idade, morreu como vivera, no Senhor: —

"Exclamando com o derradeiro alento
O louvor do grande Redentor. Triunfante, lançou-se
Nas fauces devoradoras do monstro Morte,
E fez que suas cavernas ocas, ao atravessá-las,
Ressoassem com aleluias. Assim morreu Estêvão."

Sua morte foi tão lamentada pelos espectadores que mal se encontrava uma face sem lágrimas em todas as ruas e janelas ao redor da cruz de Edimburgo na hora de sua execução. Um historiador célebre traça-lhe este retrato: "Era um jovem de 26 anos, universalmente amado, de piedade singular e cultura muito considerável. Conhecera o mundo e viajara por alguns anos no exterior, e tinha aparência muito bela e graciosa. Disseram-me", afirma o historiador, "que costumava jejuar um dia por semana e que, muitas vezes antes disso, comunicara a seus amigos seu pressentimento de uma morte como a que agora

sofreu. Sabia-se que sua participação no levante fora pequena; e, quando falou de seu consolo e alegria ao morrer, pesados foram os gemidos dos presentes."

Enquanto isso, os companheiros de sofrimento de M'Kail, homens de pouca instrução, que

> "viveram desconhecidos,
> Até que a perseguição os arrastou à fama
> E os perseguiu até o céu",

proferiram seus últimos testemunhos com tal mansidão e paciência para com os inimigos, com tamanha grandeza de alma, piedade e bom senso, que foram motivo de admiração para todos. Os que antes os conheciam estavam convencidos de que lhes fora dado do alto o que deveriam dizer. John Wodrow; Michael Shields, inglês; John Wilson de Ayr; e Humphrey Colquhoun eram como homens nos arrabaldes do céu. Colquhoun pediu sua Bíblia, apoiou-a sobre o braço ferido e leu dela passagens apropriadas, para espanto de todos. Quando foram capturados em batalha, receberam promessa de que suas vidas seriam poupadas; mas, para satisfazer a fúria e a crueldade do primaz, foram executados, contra toda a lei e, ainda mais, contra a ordem do rei Carlos de que nenhuma outra vida fosse tirada naquela contenda. O bispo Burnet levara a Sharp, como chefe do conselho, a ordem do rei nesse sentido; Sharp consentira que ela fosse mantida em segredo até que M'Kail e seus irmãos fossem eliminados.

JOHN NEVAY

JOHN NEVAY recebeu licença para pregar e foi ordenado ministro no tempo da mais pura Reforma da Escócia, estabelecendo-se em Newmills, na paróquia de Loudon. Além da firmeza na fé, era homem de notável piedade em sua conduta e de grande diligência no cumprimento de todas as partes de seu ofício ministerial. Nos tribunais eclesiásticos, era particularmente zeloso em combater as sucessivas etapas de apostasia que contrariavam a obra da Reforma levada adiante naquele período.

Quando o conde de Callendar e o major-general Middleton perseguiam cruelmente os Covenanters e o povo favorável à causa no oeste da Escócia, por se recusarem a aderir ao compromisso ilícito do duque de Hamilton de guerrear contra a Inglaterra, Nevay estava entre os ministros reunidos para a celebração da Ceia do Senhor em Mauchlin-moor, em junho de 1648. Ali, no último dia daquela solenidade, atacados pelas tropas de Callendar e Middleton, opuseram-lhes resistência em legítima defesa.* Além disso, quando a Assembleia reunida em Edimburgo e St. Andrews, em 1651, aprovou e ratificou as resoluções públicas para restituir os malignos a postos de poder e confiança nos tribunais e nos exércitos, Nevay foi um dos que fielmente testemunharam e protestaram contra aquele desditoso rumo.

Por fim, quando Carlos II, o principal dos malignos, foi restaurado como rei destas terras — em consequência do que toda a nossa obra de Reforma firmada em aliança, que por algum tempo florescera, começou a ser desfigurada e derrubada —, Nevay, capelão do conde de Loudon e muito estimado por ele, recebeu, por ordem do conselho, em 18 de novembro de 1662, juntamente com outros, a intimação para dirigir-se a Edimburgo e comparecer perante o conselho em 9 de dezembro seguinte. Contudo, não compareceu senão no dia 23, quando foi interrogado; e, por recusar o juramento de lealdade, foi banido nos termos da seguinte declaração de compromisso: —

"Eu, JOHN NEVAY, ministro do evangelho em Newmills, comprometo-me e obrigo-me a sair dos domínios do rei e a não voltar, sob pena de morte; e a partir antes do primeiro dia de fevereiro; e a não permanecer, nesse intervalo, nas dioceses de Glasgow e Edimburgo. Assinado em Edimburgo, em 23 de dezembro.

"JOHN NEVAY."

Depois de despedir-se, com o coração entristecido, dos antigos paroquianos, preparou-se para a viagem e foi para a Holanda, onde, por alguns anos, pregou a quantos quisessem ouvi-lo. Durante todo esse

tempo, porém, demonstrou a afeição de um pastor querido e amoroso por seus antigos paroquianos de Loudon, enviando-lhes sermões e cartas, nas quais não apenas os exortava à firmeza em meio às tentações, mas também manifestava o profundo desejo de voltar à terra natal e à paróquia, como se vê numa carta escrita algum tempo antes de sua morte, datada de Roterdã, 22 de outubro de 1668:* — "Nada mais posso fazer senão orar por vós; e, se pudesse fazê-lo bem, teria feito quase tudo quanto se requer. Não sou digno da estima que tendes por mim; nada tenho de que me gloriar, mas muito de que me envergonhar e que pode fazer-me descer à sepultura em luto; mas, se permanecerdes firmes, eu viverei. Sois todos a minha coroa e a minha alegria nesta terra, depois da alegria de Jerusalém e de seu Rei; e espero ter alguns de vós como minha alegria e coroa no reino de nosso Pai, além daqueles que nos precederam e entraram no gozo do Senhor. Não tenho estado de todo alheio às mudanças e guerras que houve entre vós — um abismo chamando outro abismo —, nem à maneira como o Senhor, como Rei, esteve assentado sobre todas as vossas inundações e vos deu, muitas vezes, um pouco mais de alívio do que a outros; e não vos faltou a vossa parte no mais honroso testemunho já prestado à verdade e ao reino de Cristo naquela terra desde os dias dos senhores Patrick Hamilton, George Wishart e Walter Mill, etc., mártires."

Que Nevay não era um teólogo comum em seu tempo fica plenamente evidente por um ato da Assembleia Geral, em 1647, no qual foi nomeado um dos quatro ministros incumbidos de rever e corrigir a Paráfrase Métrica dos Salmos de Davi, de Rouse — tendo-lhe cabido os últimos trinta —, e também por sua elegante paráfrase do Cântico de Salomão em versos latinos. Ambas demonstram que era homem não só de profundo discernimento, mas também de habilidades muito raras e singulares.

À frente dos sermões do reverendo James Borstius, eminente teólogo holandês de Roterdã, encontram-se duas composições de estrofes latinas, assinadas Joannes Nevius, Scotus; a primeira é uma paráfrase de Isaías 2:1–5, composta de setenta e dois versos, que muito honra, sem dúvida, a piedade e a erudição do autor.

O filho de Nevay casou-se com Sarah von Brakel, cujos dons poéticos se mostram favoravelmente em sua elegia dedicada a um pregador popular e bondoso amigo dos refugiados britânicos. Em 1737, publicou-se em Haia a quarta edição de um pequeno tratado de Sarah Nevius intitulado "O discípulo devoto, instruído pelo próprio Senhor Jesus".

Foram publicados cinquenta e dois sermões de Nevay — ou, antes, apontamentos de sermões — sobre a natureza, as propriedades, as bênçãos etc. da Aliança da Graça, em formato oitavo; há também trinta e nove sermões sobre as Tentações de Cristo, manuscritos, todos enviados da Holanda para benefício de seus antigos paroquianos de Newmills.

JOHN LIVINGSTONE

O personagem desta biografia nasceu em 1603. Era filho do sr. William Livingstone, ministro em Kilsyth, posteriormente transferido para Lanark. Tinha estreitos laços de parentesco com a casa de Callendar. Depois de ensinar o filho a ler e escrever, seu pai enviou-o à escola de gramática de Stirling, sob a direção do sr. Wallace, homem piedoso e erudito, onde permaneceu até o verão de 1617, quando voltou para casa. No outubro seguinte, foi enviado ao colégio de Glasgow, onde ficou quatro anos. Em 1621, obteve o grau de mestre em artes.

Depois disso viveu com o pai até começar a pregar; nesse período, reconheceu a grande bondade do Senhor em tê-lo feito nascer de pais que lhe ensinaram os princípios da religião assim que teve capacidade de compreender alguma coisa. Em seu relato histórico da própria vida, não se lembra precisamente nem do modo nem do momento em que o Senhor primeiro operou em seu coração; apenas recorda que, ainda muito jovem, às vezes orava com sentimento e lia a Palavra com deleite, embora depois muitas vezes interrompesse tais exercícios. Não sentiu inclinação para o ministério

senão um ano ou mais após concluir o curso no colégio; então teve forte desejo de estudar medicina e de ir à França para esse fim, mas o pai não consentiu. Por essa época, tendo comprado umas terras na paróquia de Kilsyth, o pai mandou lavrar os títulos de propriedade em nome do filho, com a intenção de que este se casasse e ali morasse. Ele, porém, opôs-se, temendo que isso o desviasse dos estudos. Em meio a esses embaraços, resolveu reservar um dia a sós para implorar de Deus orientação mais específica; para tanto, retirou-se ao bosque de Cleghorn, a cerca de uma milha de Lanark. Ali, depois de muita inquietação quanto ao estado de sua alma, pareceu-lhe ficar claro que devia pregar Jesus Cristo e que, se não o fizesse, não teria segurança da salvação. Assim, deixando de lado todos os outros projetos, dedicou-se ao estudo da teologia. Permaneceu um ano e meio na casa paterna, estudando e pregando de vez em quando. Durante esse tempo, escrevia todos os sermões antes de pregá-los, até o dia em que, devendo pregar após a comunhão em Quodquhan e tendo pronto um sermão que pregara em outro lugar no dia anterior, percebeu entre os presentes várias pessoas que já o tinham ouvido. Resolveu então escolher um novo texto e escreveu apenas algumas notas dos pontos que exporia. Diz, porém, ter encontrado naquela ocasião mais auxílio para desenvolver esses pontos e mais emoção no próprio coração do que jamais encontrara antes. Daí em diante nunca mais escreveu sermões completos, mas somente notas para ajudar a memória.

Por volta de abril de 1626, lorde Kenmure convidou-o a Galloway, tendo em vista um chamado para a paróquia de Anwoth; mas, sobrevindo algum impedimento, o plano foi abandonado. No outono seguinte, atendeu a outro chamado, de Torphichen, mas este tampouco teve êxito.

Depois disso, residiu por algum tempo com o conde de Wigton, auxiliando sobretudo nas ocasiões de celebração dos sacramentos, particularmente em Lanark, Irvine, Newmills e na igreja de Shotts. Costumava dizer que, ao pregar neste último lugar, experimentara mais da presença divina do que em qualquer outro; referia-se em especial à segunda-feira, 21 de junho de 1630, dia seguinte a uma comunhão, quando, depois de passar a noite anterior em oração com alguns cristãos piedosos, sentiu uma liberdade e amplitude de espírito como nunca antes conhecera. Ao refletir sobre a própria fraqueza e indignidade, e sobre as expectativas do povo, fora assaltado por tantas dúvidas que pensou em retirar-se discretamente e declinar do encargo; mas, temendo desconfiar daquele que disse: — "Nunca te deixarei nem te desampararei", assumiu o dever e escolheu por texto Ezequiel 36:25, 26: — "Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis puros; de todas as vossas imundícias" etc. Foi levado então a falar em tom tão comovente que, pelo derramamento do Espírito, produziu-se uma mudança bem perceptível em cerca de quinhentos ouvintes, que podiam datar daquele dia sua conversão ou uma notável confirmação da fé.* Acrescenta ainda: — "Algo daquela marca permaneceu em mim na quinta-feira seguinte, quando preguei em Kilmarnock; mas, na segunda-feira posterior, ao pregar em Irvine, senti-me tão desamparado que não consegui enunciar aquilo sobre o que havia meditado, escrito e guardado inteiramente na memória. Isso me desanimou tanto que resolvi não pregar por algum tempo — pelo menos em Irvine —; mas o sr. Dickson não me deixou sair dali antes de pregar no domingo seguinte, o que fiz com alguma liberdade."

Estando em Irvine naquele mesmo verão, recebeu de Clanniboy um convite para ir à Irlanda, em razão de um chamado de Killinchie; e, não vendo perspectiva de nomeação na Escócia, dirigiu-se para lá, onde recebeu um chamado unânime daquela paróquia. Ali trabalhou com a maior assiduidade entre um povo antes rude e profano, mas que logo se tornou o grupo de cristãos mais amadurecidos naquela região. Não havia, contudo, passado mais de um ano ali quando o bispo de Down o suspendeu. Permaneceu sob essa sentença até maio de 1632, quando, por intercessão de lorde Castlestuart, o rei expediu uma ordem autorizando sua reintegração.

Pouco depois, casou-se com a filha mais velha do sr. Bartholomew Fleming, comerciante em Edimburgo; mas, passados pouco mais de três anos, foi novamente destituído e excomungado. Não vendo perspectiva de liberdade nem para os ministros nem para os fiéis professantes, decidiu partir para a Nova Inglaterra com outros ministros na mesma situação. Como a expedição fracassou, conforme já

narramos mais de uma vez, retornou à Escócia e ficou por algum tempo na casa do sr. Dickson, em Irvine. Sua estada, porém, foi breve, pois logo depois partiu para Edimburgo.

Por volta do início de março de 1638, quando a grande maioria da nação estava prestes a renovar seu testemunho, foi enviado a Londres com exemplares da Aliança e cartas para amigos. Lá estava havia apenas alguns dias quando o marquês de Hamilton lhe contou ter ouvido o rei dizer que Livingstone chegara, mas ele lhe poria um par de grilhões nos pés. Alarmado quanto à própria segurança, comprou um cavalo e regressou por St. Alban's e pela estrada ocidental. Estava presente em Lanark e em outros lugares quando se jurou a Aliança; e afirma que, exceto na igreja de Shotts, como já se relatou, nunca presenciara semelhantes manifestações do Espírito: o povo em geral concorria tão espontânea e prontamente, sim, milhares de pessoas erguiam as mãos ao mesmo tempo, com lágrimas a escorrer dos olhos. Assim, por todo o país, o povo quase universalmente entrou em aliança com Deus pela reforma da religião contra o governo dos prelados e suas cerimônias abomináveis.

Em 1638, Livingstone recebeu chamados tanto de Stranraer, em Galloway, quanto de Straiton, em Carrick; mas submeteu a questão aos senhores Blair, Dickson, Cant, Henderson e Rutherford, e a seu pai, os quais, depois de ouvir as duas partes, aconselharam-no a ir para Stranraer. Foi admitido nesse encargo pelo presbitério em 5 de julho de 1638, permanecendo ali, no fiel exercício do ministério, até o outono de 1648, quando, por indicação da Assembleia Geral, foi transferido para Ancrum, em Teviotdale. Ali encontrou um povo dócil, mas tão ignorante, e alguns tão dissolutos nos costumes, que se passou muito tempo antes que um número suficiente estivesse em condições de lhe permitir celebrar a Ceia do Senhor. Por sua diligência, contudo, mediante a graça de Deus, não poucos começaram a levar a religião a sério.

Em 1649, o parlamento e a igreja da Escócia enviaram comissários a Haia para negociar com o rei as condições de sua admissão, mas eles voltaram sem obter satisfação. Todavia, no verão de 1650, o parlamento enviou outros comissários para prosseguir a referida negociação em Breda. A comissão da igreja escolheu os ministros senhores Livingstone, Wood e Hutcheson e, como presbíteros regentes, os lordes Cassillis e Brodie, para apresentarem e defenderem, em nome da igreja, seus propósitos. Por diversas razões Livingstone relutou muito em aceitar; a principal era que ainda suspeitava que o rei não fosse sincero no coração quanto à verdadeira religião presbiteriana, observando, ao mesmo tempo, que muitos no reino estavam prontos a acolher a volta do rei sob quaisquer condições. Por fim, porém, os senhores Dickson, James Guthrie e Patrick Gillespie persuadiram-no a concordar. Não obstante, após muitas conversas e argumentos com Sua Majestade em Breda, os comissários não pareciam chegar a conclusão satisfatória. Livingstone observou que Carlos continuava a usar o livro de liturgia e a manter seus capelães, e frequentemente passava a noite em bailes e outras reuniões públicas. Isso, entre muitas outras coisas, levou-o a concluir que aquela negociação não teria a bênção de Deus; ela, porém, acabou concluída, para sua indescritível tristeza. Algum tempo depois, o rei embarcou rumo à Escócia, mas Livingstone recusou-se a embarcar com o grupo; e certamente não o teria feito, não fosse o seguinte estratagema. Quando lorde Brodie e o sr. Hutcheson viram que não conseguiriam persuadi-lo a embarcar, pediram-lhe que, antes da despedida, ao menos entrasse no navio para tratar de alguns assuntos urgentes. Assim que ele o fez, o bote que deveria esperar seu regresso seguiu diretamente para a costa sem ele. O rei então concordou com os comissários em jurar e subscrever as Alianças, a Aliança Nacional e a Solene Liga; mas Livingstone, julgando que jurá-las com tamanha pressa e precipitação não honraria a causa em que estavam empenhados, fez tudo o que pôde para dissuadir Carlos e os comissários de fazê-lo antes que chegassem à Escócia. Como, porém, nada demovia o rei de seu propósito, consentiu-se no juramento; Livingstone observou posteriormente que os comissários, e até todo o reino — sem excluir sequer a igreja —, tinham grande culpa por restaurá-lo ao governo sem nenhuma prova real de que uma mudança se operara em seu coração e sem que tivesse renunciado aos antigos princípios, conselheiros e companhias.

Depois do desembarque na Escócia, antes de despedir-se do rei em Dundee, tomou a liberdade de aconselhar Carlos a evitar o golpe iminente de um exército inglês vitorioso que avançava rapidamente contra ele. Deveria, para isso, publicar uma declaração que não comprometesse seu direito à coroa da Inglaterra e, entrementes, desistir de reivindicar esse direito a ferro e fogo até que a tempestade passasse, quando a nação estaria mais disposta a ser governada. Mas Carlos não gostou da proposta e disse que não desejava vender o sangue de seu pai. Livingstone concluiu então que seus conselhos sobre assuntos de Estado teriam escasso êxito. Encontrou outro exemplo disso em 1654, quando ele e os senhores Patrick Gillespie e Menzies foram convocados pelo Protetor a Londres. Livingstone propôs que se cancelassem as pesadas multas impostas a muitos na Escócia, que de modo algum podiam pagá-las. Cromwell pareceu acolher muito bem a sugestão; mas, quando ela foi apresentada ao conselho, todos se recusaram unanimemente até mesmo a ouvi-la.

Durante sua estada em Londres, ao pregar diante do Protetor, Livingstone mencionou o rei numa oração, o que muito indignou alguns; mas Cromwell, conhecendo a influência dele na Escócia, disse: "Deixai-o em paz; é um homem bom; e que somos nós, pobres homens, comparados aos reis da Inglaterra?"

Algum tempo depois, a Assembleia Geral encarregou Livingstone e alguns outros ministros de acompanhar o exército do Protetor e o Comitê dos Estados que então se encontrava com ele; mas o temor e o pressentimento do que viria em seguida impediram-no de ir, e voltou para casa até receber a triste notícia da derrota em Dunbar. Depois disso, Cromwell escreveu-lhe de Edimburgo pedindo que viesse falar com ele, mas Livingstone adiou o atendimento do pedido. Foi naquele inverno que surgiu a infeliz divergência entre os resolucionistas e os protestadores, e Livingstone entendeu ser seu dever tomar o partido destes últimos. Esteve presente à primeira reunião deles no oeste, em Kilmarnock, e a várias outras posteriores; mas, por não concordar com a frequência e a duração daquelas reuniões, que a seu ver aprofundavam a divisão, afastou-se delas por algum tempo.

Daquele período até 1660, dedicou seu tempo ao exercício do ministério; naquele ano, soube que o rei havia sido chamado de volta. Previu então claramente que se seguiria a ruína de toda a obra da Reforma e que a situação de todos os que permanecessem fiéis a ela seria extremamente perigosa. Quando, porém, em 1662, o parlamento e o conselho ordenaram, por proclamação, que todos os ministros empossados desde 1649 que não tivessem observado o feriado de 29 de maio reconhecessem os prelados ou se retirassem, Livingstone viu ainda mais claramente que a tempestade estava prestes a desabar. Na última comunhão que celebrou em Ancrum, em outubro, conta que, após o sermão de segunda-feira, aprouve ao Senhor conceder-lhe amplitude de espírito e liberdade de expressão num discurso razoavelmente longo sobre os fundamentos e os estímulos para sofrer pela controvérsia então travada acerca do reino de Cristo e de seu direito de ordenar o governo de sua casa. Depois disso, despediu-se daquele lugar, embora nada soubesse do que logo se seguiria.

Tendo, à semelhança de Elias, comido antes de uma longa jornada — ao participar da comunhão antes de entrar no sofrimento —, logo soube do procedimento do conselho contra ele e cerca de outros doze ou dezesseis que deveriam comparecer perante seus membros. Antes que a intimação o alcançasse, foi secretamente a Edimburgo e ali se ocultou por algum tempo, até obter informação segura sobre a intenção do conselho: se pretendia tirar-lhes a vida, como fizera com William Guthrie e outros, ou apenas mandá-los ao exílio, como fizera com os senhores McWard e Simpson. Sabendo que pretendiam somente a segunda alternativa, resolveu comparecer com os demais irmãos. O dia 11 de dezembro fora marcado para o interrogatório deles* perante o conselho; a decisão foi exigir que subscrevesse ou prestasse o juramento de lealdade, o que ele recusou por diversas razões e fundamentos sólidos. Foi então pronunciada a sentença: dentro de quarenta e oito horas deveria sair de Edimburgo e ir para a margem norte do Tay; e, dentro de dois meses, deixar todos os domínios do rei. Assim, mudou-se de Edimburgo para Leith; posteriormente, porém, mediante petição fundada em sua enfermidade, obteve licença para permanecer ali até sair da Escócia. Pediu também alguns dias para visitar a esposa e os

filhos, mas isso lhe foi negado; pediu ainda uma cópia oficial da sentença, que tampouco conseguiu obter. Em 1663, embarcou, acompanhado até o navio por vários amigos, e em oito dias chegou a Roterdã, onde encontrou os demais ministros banidos. Ali teve frequentes oportunidades de pregar à congregação escocesa de Roterdã; no dezembro seguinte, a esposa e dois de seus filhos vieram juntar-se a ele, mas outros cinco permaneceram na Escócia.

Por essa época, ao rememorar a própria vida, observou que o Senhor lhe dera um corpo não muito forte, mas tampouco fraco, pois ele mal se lembrava de ter ficado cansado ao ler e estudar, ainda que houvesse continuado por sete ou oito horas sem se levantar. Observou também que havia apenas duas recreações pelas quais corria o risco de se deixar dominar. A primeira era a caça a cavalo, de que gostava muito; embora raramente tivesse oportunidade de praticá-la, achava-a muito sedutora. A outra era cantar em conjuntos musicais, arte da qual tinha algum conhecimento e em que encontrava grande prazer. Disse ainda que sempre fora míope e não conseguia distinguir pessoas ou coisas ao longe; até então, porém, não tivera necessidade de óculos e podia ler letras pequenas por tanto tempo e quase com tão pouca luz quanto qualquer outra pessoa. Quanto à índole, era em geral brando e benevolente, avesso a debates, mais propenso à cautela que à precipitação e fácil demais de persuadir; e, embora não pudesse dizer de si o que Lutero afirmara a respeito da cobiça, podia dizer que as preocupações terrenas o haviam afligido menos que muitos outros males. Inclinava-se mais à solidão do que à companhia; era muito atormentado pela dispersão da mente e por maus pensamentos; no tocante aos bens materiais, nunca foi rico e, embora em Killinchie recebesse não mais de quatro libras esterlinas por ano de estipêndio, nunca passou necessidade.

Observa ainda que não se lembrava de nenhum momento particular de conversão, nem de jamais ter sido muito abatido ou exaltado, exceto certa noite em Dean, em Kilmarnock. Passara a maior parte do dia anterior na companhia de algumas pessoas piedosas de Stewarton que estavam vivendo semelhante exercício espiritual; ao deitar-se, sentiu um peso como nunca antes experimentara. Durante a noite, enquanto dormia profundamente, acometeu-o tamanho terror diante da ira de Deus que julgou estar numa condição terribilíssima. O terror, contudo, desapareceu num instante, e pareceu-lhe ouvir dentro do coração: "Vê que insensato és, por desejar aquilo que não conseguirias suportar!" No púlpito, por vezes sentia-se profundamente desamparado e abatido; em outras, era benignamente auxiliado. Ouviram-no dizer que, de todos os seus sermões, só havia dois que desejaria ver impressos. O primeiro — diz Wodrow — foi aquele na igreja de Shotts, já referido; o outro foi o pregado numa segunda-feira de comunhão em Hollywood, na Irlanda. Em ambas as ocasiões passara a noite anterior em conversa e oração com alguns cristãos exemplares, sem preparação maior que a habitual; pois, diz seu biógrafo, seu estilo e modo de pregar se adequavam melhor aos ouvintes comuns do que a uma audiência erudita. Tinha conhecimento razoável das línguas hebraica, caldaica e siríaca, mas nunca progrediu no árabe.

Conhecia o suficiente de francês, italiano, holandês e espanhol para ler as Bíblias nessas línguas e alguns outros livros; e tão alta era a opinião da Assembleia Geral acerca de suas capacidades que, por três vezes, seus membros insistiram com grande empenho para que escrevesse uma história da Igreja da Escócia a partir da Reforma de 1638. Ele, porém, sempre recusou a tarefa. Na Holanda, dedicou a maior parte do tempo a traduzir a Bíblia para o latim a partir do hebraico original. Para tanto, comparou a versão de Pagnin com o texto original e com as traduções posteriores de Munster, de Zurique, de Junius e de Diodati, além da inglesa; sobretudo, porém, com a holandesa, que considerava de longe a mais exata.

Não conseguia determinar se era por causa de seus longos hábitos sedentários ou de alguma outra razão — talvez as enfermidades crescentes da velhice —, mas, a partir de 1664, sofreu tantas dores internas que só com dificuldade conseguia caminhar fora de casa. As mãos, também, ficaram tão paralisadas que mal podia escrever; fora isso, bendizia ao Senhor por não ter sofrido grande declínio nem no corpo nem na mente.

Nesse estado de debilidade permaneceu em Roterdã até ser libertado de todos os sofrimentos terrenos, em 9 de agosto de 1672. Entre suas últimas palavras estavam: "Levai minha saudação a Jesus Cristo até que eu mesmo lá chegue"; acrescentou, após uma pausa: "Morro na fé de que as verdades de Deus, que ele ajudou a Igreja da Escócia a professar, serão reconhecidas por ele como verdades enquanto perdurarem o sol e a lua; e creio que o Independentismo — embora haja homens bons e fiéis professantes bem-intencionados nessa corrente — se mostrará mais prejudicial à obra de Deus do que muitos imaginam. Tenho minhas próprias faltas, assim como os outros homens; mas ele sempre me fez abominar as aparências ostentosas. Sei que, por minha negligência, ofendi a muitos; mas perdoo e desejo ser perdoado." Não podendo falar muito de uma só vez, disse, após breve pausa: — "Não gostaria que as pessoas previssem o pior; mas há uma nuvem escura sobre as Igrejas Reformadas, prenúncio de uma tempestade por vir!"

Poucos houve cujo trabalho no evangelho tenha recebido bênção tão notável quanto o de Livingstone; na verdade, é duvidoso que alguém desde os dias dos apóstolos possa apresentar tantos testemunhos convincentes e confirmadores de seu ministério. Testemunham-no a igreja de Shotts e Hollywood, esta última na Irlanda: nesses dois lugares, cerca de mil e quinhentas almas foram confirmadas na fé ou convertidas e conduzidas a Cristo.

Além de sua carta de Leith, de 1663, aos paroquianos de Ancrum, subsistem suas Características Memoráveis da Providência Divina e um manuscrito de sua vida, do qual esta biografia é um breve resumo. Durante seu Patmos na Holanda, concluiu a tradução latina do Antigo Testamento, revista e aprovada por Vossius, Essenius e outros homens eminentes da época. Antes de sua morte, o manuscrito foi confiado a Luesden para publicação.

JOHN SEMPLE

A origem deste homem extraordinário é inteiramente desconhecida; por isso, não é possível dar notícia de seus primeiros anos e costumes. A primeira menção que encontramos a seu respeito vem de um manuscrito do sr. Gabriel Semple, ministro em Jedburgh e seu parente, no qual o personagem desta biografia aparece exercendo a função de dirigente do canto congregacional junto a um dos ministros escoceses na Irlanda — supostamente Livingstone, Blair ou Cunningham. A circunstância que o levou a ser chamado ao ministério é singular, pois se diz que não recebera educação clássica e que, por conseguinte, não poderia ter sido admitido como estudante em nenhuma das universidades.

Na época de que tratamos, e até um período muito posterior, era costume a congregação reunir-se no domingo bem antes da chegada do ministro e cantar em conjunto um salmo, o que não raro se prolongava até quase se tornar insuportável. Certa manhã, enquanto dirigia esse exercício, Semple, julgando que o ministro tardava mais que de costume, sentiu irresistível impulso de fazer algumas observações sobre o salmo que haviam cantado; com o auxílio do Espírito de Deus, pôde fazê-lo com grande liberdade e amplitude de espírito. Os ministros cujos nomes mencionamos, ao tomarem conhecimento do ocorrido e julgarem que Semple possuía uma "unção do alto", examinaram imediatamente sua experiência religiosa e suas qualificações segundo as Escrituras. Satisfeitos de que possuía o dom de edificar, deram-lhe licença para ensinar e exortar em reuniões particulares. Obtida essa permissão, Semple começou a percorrer um circuito mais amplo do que inicialmente se cogitara, reunindo grandes auditórios em celeiros e casas desocupadas. Era tão popular e bem-sucedido que se tornou instrumento abençoado da conversão de muitas almas a Deus. Mas a Providência o destinara a uma esfera de ação mais ampla e proveitosa. Assim, deixou a Irlanda, atravessou para Kirkcudbright e ali passou por rigoroso exame para o ministério. Pouco depois, foi chamado a Carsphairn, igreja e paróquia recém-constituídas. Diz o autor do manuscrito: — "Tive frequentes ocasiões de participar de comunhões naquela região, muito favorecidas por Deus — nenhuma mais que em Carsphairn. O sr. Semple sempre convidava os ministros mais fervorosos que pudesse encontrar nos presbitérios de

Dumfries ou Galloway; celebrava o sacramento duas vezes ao ano e, assim como reunia os melhores ministros, os mais excelentes dentre o povo de Galloway e Nithsdale costumava acorrer para lá, vindo até mesmo de vinte ou trinta milhas de distância."

Semple era homem de moral rigorosa e piedade exemplar; por isso, pessoas de todas as classes lhe tributavam grande veneração. Exercia forte influência corretiva sobre o clero, sobretudo sobre os ministros indolentes e mundanos, que muitas vezes o temiam. Certa vez, chegando de Carsphairn a Sanquhar — distante cerca de doze milhas — numa segunda-feira pela manhã, após a celebração do sacramento ali, encontrou os ministros ainda na cama; eles se levantaram às pressas para evitar sua repreensão. Mas Semple, vendo-os vestir-se, disse: "Que será das ovelhas quando os pastores dormem até tão tarde? No caminho para cá, vi alguns pastores nos montes cuidando de seus rebanhos." Consideradas sua idade e a viagem que fizera tão cedo, por tantas milhas, depois de haver pregado no dia anterior em sua própria paróquia, suas palavras exerceram grande influência sobre eles e os deixaram um tanto envergonhados.

Frequentava com grande regularidade os tribunais eclesiásticos, dos quais raramente se ausentava, e o fazia por princípio de consciência; assim, quase nenhuma circunstância podia impedi-lo de cumprir seu propósito. Certa vez, indo à reunião do presbitério de Kirkcudbright, a vinte milhas de Carsphairn, preparava-se para atravessar a vau o rio Dee. Embora alguns lhe dissessem que a travessia era impossível, persistiu e disse: "Devo passar, se o Senhor quiser; estou cuidando de sua obra." Entrou na correnteza; a força da água arrastou-o com seu cavalo rio abaixo, para além do vau, e ele caiu. Erguendo-se imediatamente na água, porém, tirou o chapéu e proferiu uma breve oração com grande serenidade. Depois, ele e o cavalo saíram a salvo, para admiração de todos os presentes.

Era também muito dado à oração em secreto e costumava recolher-se à igreja para esse fim antes das ocasiões de celebração dos sacramentos, reservando frequentemente a sexta-feira para lutar em oração com o Senhor por sua graciosa presença nos domingos de comunhão. Muitas vezes recebeu respostas misericordiosas, para grande consolo tanto dos ministros quanto do povo; depois disso, também designava um dia da semana para dar graças a Deus.

Assim como era fiel e laborioso no serviço de seu Mestre, também era corajoso e ousado perante os homens: não fazia acepção de pessoas e repreendia severamente a maldade tanto nos mais elevados quanto nos mais humildes. Era tão evidentemente homem de Deus que até os mais perversos, para os quais ele era motivo de temor, o respeitavam e falavam bem daquele que desejava o bem de suas almas. Tanto assim que, certa vez, quando uma pessoa de alta posição o chamou de tratante, outra da mesma condição, que ele muitas vezes repreendera por sua maldade, estava presente e disse ter certeza de que, se Semple era um tratante, era um tratante de Deus. Noutra ocasião, certo cavalheiro, de cuja casa Semple regressava, enviou um de seus criados a cavalo, armado de espada larga e pistolas carregadas, para fingir um ataque contra ele num lugar solitário durante a noite; ordenou ao criado que fizesse tudo quanto pudesse para assustá-lo. O criado, então, surpreendeu-o, apontando-lhe uma pistola ao peito e exigindo-lhe a bolsa sob ameaça de disparar. Semple, porém, com grande presença de espírito e sem nada saber do estratagema, respondeu: — "Parece que és um homem perverso, que me tirarás a vida ou a bolsa, se Deus te permitir. Quanto à bolsa, pouco proveito te dará, mesmo que a obtenhas; quanto à minha vida, estou disposto a entregá-la quando e onde aprouver a Deus. Contudo, se depuseres tuas armas, lutarei contigo corpo a corpo pela minha vida; se és homem, não podes recusar, visto que não tenho armas com que te combater." Depois de muitas ameaças inúteis, o criado por fim revelou toda a trama e perguntou a Semple se a princípio não sentira medo. "Nem um pouco", respondeu Semple; "pois, ainda que me tivesses matado, pois eu não sabia se chegarias a fazê-lo, estava certo de que chegaria mais cedo ao céu."

Semple foi um dos fiéis protestadores de 1657, presos com o sr. James Guthrie em Edimburgo, em agosto de 1660. Depois de dez meses de encarceramento no castelo, foi conduzido perante o conselho,

que o ameaçou gravemente de morte e banimento. Mas respondeu com ousadia: — "Meu Deus não vos permitirá matar-me nem banir-me; irei para casa e morrerei em paz, e meu pó repousará entre os corpos do meu povo." Assim, foi posto em liberdade e voltou para casa. Ao subir novamente ao púlpito, disse: "Antes me separei de ti com demasiada facilidade; agora, porém, hei de agarrar-me a ti com todas as forças!"

Tanto se preocupava com a salvação de seu povo que, estando no leito de morte, mandou chamá-los e lhes pregou com grande fervor, mostrando-lhes seu estado miserável por natureza e a necessidade de um Salvador. Fê-lo com tamanho ardor e expressou tanta tristeza por deixar muitos deles tão desprovidos da graça como os havia encontrado que muitos choraram amargamente.

Morreu em Carsphairn por volta de 1677, com mais de setenta anos, em grande certeza do céu; muitas vezes ansiava estar lá e se alegrava no Deus de sua salvação. Sob a forte impressão dos terríveis juízos que viriam sobre essas terras vinculadas por aliança e entregues ao pecado, quando já mal podia falar, clamou em alta voz três vezes: "Uma espada papista para ti, ó Escócia, Inglaterra e Irlanda!"

JAMES MITCHELL

O relato mais antigo que temos desse homem eminente é que recebeu o grau de mestre em Artes, em 1656, na Universidade de Edimburgo, onde se preparou para o ministério. O sr. Leighton, mais tarde arcebispo, era então o reitor e, antes de conferir o grau aos estudantes, sempre lhes apresentava a Aliança Nacional e a Solene Liga e Aliança. Mitchell aceitou essas alianças com o mais pleno assentimento de sua vontade, convencido de que nada continham senão um breve compêndio da lei moral, que nos obriga aos deveres devidos a Deus e aos homens nas diferentes posições que ocupamos, e entendendo que nelas estava incluída a intenção do rei.

Como prova de sua fidelidade e lealdade, podemos mencionar que, enquanto outros juravam fidelidade a Cromwell, Mitchell prestou juramento de lealdade ao rei; mas o que recebeu em troca de sua fiel adesão ao governo legítimo será revelado no que se segue.

O nome desse homem digno tornou-se célebre sobretudo pela ousada, embora malograda, tentativa que fez contra a vida do arcebispo Sharp, com o propósito de livrar sua pátria de um homem que não só ele, mas milhares de servos de Deus, consideravam o maior inimigo que o país tinha de sua liberdade política e religiosa. Mesmo deixando isso inteiramente de lado, porém, o nome de Mitchell merece ser registrado por seus sofrimentos pela causa da Reforma.

Depois de receber licença para pregar o evangelho, pouco após a Restauração, ele foi, com o restante de seus fiéis irmãos, reduzido a muitas privações e dificuldades. Parece que foi para Galloway por volta de 1661, levando uma recomendação do sr. Trail, um dos ministros de Edimburgo, que o apresentava a alguns ministros piedosos daquela região como um «bom jovem que tinha poucos meios para sustentar-se e era apto para dirigir uma escola ou ensinar os filhos de cavalheiros», pois então não havia acesso ao ministério para ele, nem para qualquer pessoa de seus princípios, enquanto o episcopalismo avançava na Escócia.

Mas não temos notícia segura de que se tenha dedicado ao ensino ou pregado em algumas ocasiões, quando encontrava oportunidade. Sabemos, contudo, que se juntou ao pequeno grupo fiel que se levantou em 1666; mas não esteve no combate de Pentland,* pois o capitão Arnot o enviara a Edimburgo na véspera, para tratar de um assunto necessário naquela emergência. Ainda assim, foi excluído da anistia nas diversas listas elaboradas para esse fim.

Pouco depois da infeliz derrota em Pentland, Mitchell partiu para a Holanda, de onde regressou após permanecer cerca de nove meses, em companhia de alguns holandeses de Amsterdã que levavam uma carga de mercadorias para vender.

Seu regresso deu-se provavelmente no começo de 1668, pois foi no verão desse ano que atentou contra a vida de Sharp. Mitchell, considerando-se então excluído de toda misericórdia ou favor do governo, sem ter ainda deposto as armas, e tomando o arcebispo de St. Andrews como principal instigador de toda a opressão e derramamento de sangue de seus fiéis irmãos, resolveu, em 1668, eliminá-lo. Com esse propósito, na tarde de 11 de julho, esperou Sharp descer até sua carruagem, na parte alta de Blackfriars' Wynd, em Edimburgo. Na ocasião, Sharp estava acompanhado de Honeyman, bispo de Orkney. Quando o arcebispo entrou e se sentou, Mitchell aproximou-se do lado norte da carruagem e disparou pela porta uma pistola carregada com três balas — no momento em que Honeyman punha o pé no estribo e, ao erguer a mão para entrar, recebeu o tiro em um dos pulsos; o primaz escapou.

Em seguida, Mitchell atravessou a rua com grande calma até chegar à entrada de Niddry's Wynd, onde um homem tentou detê-lo; mas, quando Mitchell lhe apontou uma pistola, deixou-o passar. Ele então desceu a viela e subiu Stevenlaw's Close, onde entrou numa casa, trocou de roupa e voltou diretamente à rua, por ser o lugar em que menos suspeitariam dele. Surgiu então o grito de que um homem fora morto, ao que alguns responderam que era apenas um bispo, e logo tudo se aquietou. Na segunda-feira, dia 13, o conselho publicou uma proclamação oferecendo recompensa de cinco mil marcos a quem descobrisse o autor, e perdão aos cúmplices; mas nada mais aconteceu então.

Mitchell conseguiu ocultar-se como pôde até o início de 1674, quando foi descoberto por sir William Sharp, irmão do bispo; e este, antes que Mitchell se desse conta, fez com que vários de seus criados, armados para esse fim, o prendessem e encarcerassem. Em 10 de fevereiro, ele foi interrogado pelo lorde chanceler, pelo lorde registrador e pelo lorde Halton; mas negou o atentado contra o arcebispo. Contudo, levado à parte pelo chanceler, confessou que fora ele quem atirara no bispo de Orkney ao mirar no arcebispo. Fez isso após receber garantia de vida do chanceler, nestas palavras: «Por meu solene juramento e por minha reputação, se eu for chanceler, salvarei sua vida.» No dia 12 foi novamente interrogado perante o conselho, mas nada disse além do que já dissera à comissão. Ainda assim, foi remetido ao tribunal criminal para receber acusação e sentença, que consistia em ter a mão direita decepada junto à cruz de Edimburgo e os bens confiscados. Esta última parte não deveria ser executada até que se conhecesse a vontade de Sua Majestade, porque, diz lorde Halton numa carta ao conde de Kincardine, fora-lhe assegurada a vida em troca da confissão. Entretanto, em 2 de março, foi levado perante os juízes criminais e acusado de envolvimento em Pentland e do atentado contra o arcebispo de St. Andrews; declarou-se, porém, inocente e insistiu em que se provassem as imputações.

Os juízes adiaram o julgamento para o dia 25 e, nesse ínterim, o conselho aprovou um ato (12 de março) declarando «que o sr. James Mitchell confessou ter disparado a pistola contra o arcebispo de St. Andrews mediante garantia de vida que lhe foi dada por um dos membros da comissão, o qual tinha autorização do lorde comissário e do conselho secreto para concedê-la; e que, por conseguinte, confessou livremente etc.». No referido ato declarou-se «que, em razão de sua recusa em manter a confissão, as promessas a ele feitas eram nulas, e que os juízes criminais e o júri deveriam proceder contra ele sem levá-las em consideração». Por volta do dia 25, voltou a comparecer perante o tribunal criminal; mas, como não havia provas contra ele, os juízes, com o consentimento do advogado da Coroa, suspenderam a sessão pro tempore, e ele foi reconduzido à prisão.

Assim permaneceu até 6 de janeiro de 1676, quando se ordenou que fosse interrogado sob tortura perante o conselho quanto a sua participação na rebelião de 1666. Consequentemente, foi levado à presença deles no dia 18, por volta das seis horas da tarde. Linlithgow, que presidia, disse-lhe que fora trazido para verificar se manteria sua confissão anterior. Ele respondeu: «Meu senhor, não é desconhecido de Vossa Senhoria nem dos outros aqui presentes que, por ordem do conselho, fui remetido aos juízes criminais, diante dos quais recebi uma acusação por iniciativa do lorde advogado da Coroa, à qual respondi em três sessões diferentes; e, tendo o lorde advogado da Coroa desistido da última sessão, entendo humildemente que, tanto pela lei da nação como pela prática deste tribunal, eu deveria ter sido posto em liberdade. Não obstante, fui, contrariamente à lei, à equidade e à justiça,

reconduzido à prisão; e ignoro por que razão me encontro esta noite diante de vós.» O presidente disse-lhe que fora chamado apenas para saber se reconhecia sua confissão anterior. Respondeu: «Não conheço crime de que seja culpado e, por isso, não fiz tal confissão.» A isso o tesoureiro adjunto disse: «O réu é um dos mentirosos mais arrogantes que já conheci.» Mitchell respondeu: «Meu senhor, se houvesse menos pessoas como aquelas de quem falais nesta nação, eu não estaria esta noite diante deste tribunal; mas o lorde advogado da Coroa sabe que o que se apresenta contra mim não é minha confissão.» Disse então o presidente: «Senhor, nós o faremos confessar.»

No dia 22, foi novamente chamado perante o tribunal para saber se reconheceria sua confissão anterior, quando se apresentou um papel que se dizia assinado por ele; mas recusou-se a reconhecê-lo. «Vedes o que está sobre a mesa», disse o presidente, apontando para a bota de tortura; «verei se isso vos fará confessar!» Mitchell respondeu: «Meu senhor, confesso que, pela tortura, podeis levar-me a blasfemar contra Deus, como Saulo obrigou os santos a fazê-lo; podeis compelir-me a falar mal de Vossas Senhorias, a chamar-me ladrão ou assassino e depois processar-me por isso; mas, se aqui me submeterdes a ela, protesto perante Deus e Vossas Senhorias que nada do que me for arrancado pela tortura será usado contra mim em juízo, nem terá qualquer força de lei contra mim ou qualquer outra pessoa. Mas, para falar-vos francamente, meus senhores, sou suficientemente cristão para não negar o que quer que Vossas Senhorias provem legalmente contra mim, se for verdade; por outro lado, sou suficientemente homem e escocês para nunca me ter julgado obrigado, pela lei de Deus, da natureza e das nações, a ser meu próprio acusador.» O tesoureiro adjunto disse que ele tinha a lógica do diabo e sofismava como ele: perguntai-lhe se aquela é sua assinatura. Mitchell respondeu: «Não reconheço tal coisa.»

No dia 24, reuniram-se outra vez, trajando suas togas, na câmara interna do Parlamento, onde as botas e o carrasco foram novamente apresentados. Mitchell foi interrogado mais uma vez; mas, como persistisse, ordenaram que fosse torturado. Sabendo que, à maneira da Inquisição espanhola, quanto mais confessasse, acerca de si ou de outros, mais severa seria a tortura para fazê-lo confessar ainda mais, assim se dirigiu ao tribunal: «Meu senhor, estou preso há dois anos completos, mais de um deles com grilhões e ferros, o que me foi mais intolerável que muitas mortes, se delas eu fosse capaz; e é bem sabido que alguns, em menos tempo, foram tentados a pôr fim à própria vida. Mas o respeito e a obediência à lei e ao mandamento expressos de Deus me fizeram suportar todas essas durezas, e espero suportar também esta tortura com paciência, para preservar minha vida e a de outros, tanto quanto estiver ao meu alcance; e para impedir que sangue inocente recaia sobre Vossas Senhorias e vossas famílias, o que, ao derramardes o meu, sem dúvida traríeis sobre vós e vossa posteridade, juntamente com a ira do Senhor até consumi-la, sem possibilidade de escape. E agora protesto de novo, como antes. Quando quiserdes, chamai o homem designado para este trabalho.» Chamado o carrasco, Mitchell foi amarrado a uma cadeira de dois braços e trouxeram a bota. O carrasco perguntou qual das pernas deveria tomar, e os senhores mandaram que tomasse qualquer uma. Quando ele pôs a esquerda na bota, Mitchell a retirou e disse: «Visto que os juízes não decidiram, tomai a melhor das duas, pois a entrego de bom grado à causa»; e assim pôs a perna direita na bota. Depois disso, o advogado da Coroa pediu licença para dizer apenas uma palavra; contudo, discorreu longamente. Mitchell respondeu: «A palavra ou duas do advogado da Coroa multiplicaram-se em tantas que minha memória, no estado em que me encontro, não pode retomá-las uma a uma; mas procurarei responder ao sentido de seu discurso. Quanto ao que disse sobre a soberania do magistrado, irei um pouco mais longe e reconhecerei que o magistrado designado por Deus é Seu delegado; tanto o trono como o juízo pertencem ao Senhor quando ele julga por Deus e segundo Sua lei; e parte desse ofício é livrar os pobres oprimidos da mão do opressor e não derramar sangue inocente. Quanto à insinuação do advogado da Coroa sobre o pecado de mentir em qualquer circunstância, respondo que não só mentir é pecado, mas também dizer a verdade de modo pernicioso é pecado horrível perante o Senhor, quando isso tende a derramar sangue inocente — como no caso de Doegue. Mas o que o lorde advogado da Coroa forjou contra mim é falso; assim,

mantenho minha posição anterior, a saber, preservar minha vida e a dos outros, tanto quanto estiver ao meu alcance — o que me é expressamente ordenado pelo Senhor dos Exércitos.»

Mais de trinta perguntas lhe foram feitas durante a tortura, das quais estas são as mais importantes: «Sois o sr. James Mitchell que foi excluído da graça e do favor do rei? Jamais cometi crime que merecesse tal exclusão. — Estivestes na batalha de Pentland? Não. — Estivestes em Ayr e vos unistes aos rebeldes ali? Nunca me uni a tais pessoas. — Onde estáveis por ocasião de Pentland? Em Edimburgo. — Quando soubestes que eles haviam pegado em armas? Quando o restante da cidade o soube. — E quando foi isso? Quando o mensageiro chegou de Dumfries e Dalziel saiu com suas forças pelo West Port. — Onde vos encontrastes com James Wallace? Não o conhecia naquela época. — Saístes da cidade com o capitão Arnot? Não.»

No início da tortura, disse: «Meus senhores, não sabendo se escaparei desta tortura com vida, peço-vos que vos lembreis do que diz Salomão: 'Aquele que não usa de misericórdia terá juízo sem misericórdia.' E agora, meus senhores, perdoo livremente, de coração, a vós que vos sentais como juízes neste tribunal, aos homens designados para realizar este horrível trabalho e também àqueles que corrompem os olhos ao contemplá-lo; e suplico que Deus jamais lance isso à conta de nenhum de vós, assim como rogo a Deus que, por amor a Cristo, Se digne apagar meus pecados e iniquidades e jamais os lance à minha conta, aqui ou no porvir.»

É, de fato, verdade que Mitchell fez uma confissão mediante a promessa de que sua vida seria poupada; mas, como os governantes revogaram a promessa porque ele não quis manter a confissão perante o tribunal criminal, alguns amigos aconselharam-no a não confiar demasiado nela nem se tornar seu próprio acusador. «O leitor deve decidir» (diz Crookshanks) «até que ponto agora merecia censura por não reconhecer judicialmente sua confissão, já que eles haviam revogado judicialmente a condição sob a qual fora feita; e submeter um homem à tortura para descobrir coisas das quais não tinham a mínima prova parece sem precedentes e cruel; e levá-lo a novo julgamento parece injusto. Pois, como outro autor bem observou, quando uma confissão ou promessa é feita sob uma condição e esta é rescindida judicialmente, cessa a obrigação da promessa ou confissão e ambas as partes retornam ao statu quo. Além disso, quando um inimigo declarado perverte e subverte a própria natureza e substância de uma declaração ou confissão, omitindo as verdades mais importantes e pondo em seu lugar inverdades e circunstâncias, ela já não é a declaração e confissão anterior; e, quando alguém é levado perante um tribunal de competência limitada, diante do qual nada jamais foi confessado nem provado, pode legitimamente defender-se e exigir que seus inimigos apresentem provas contra ele.»

Ao término desse interrogatório, o carrasco tirou-lhe a perna de cima de uma arca na qual ela estivera apoiada o tempo todo, dentro da bota, e pôs a perna e a bota no chão. Então, introduzindo as hastes para cravar as cunhas, começou a golpeá-las; a cada golpe, quando perguntavam a Mitchell se tinha mais alguma coisa a dizer, respondia: «Não!» Ao nono golpe, desmaiou pela intensidade da dor, ao que o carrasco gritou: «Ele se foi, meus senhores, ele se foi!» Mandaram então que parasse, e os senhores se retiraram. Depois que Mitchell se recuperou um pouco, foi levado na mesma cadeira para a prisão da cidade.

Mitchell permaneceu preso desde então até o início do ano seguinte, quando ele e o sr. Frazer de Brae foram enviados para o Bass,* onde ficou até cerca de 6 de dezembro. Foi então levado outra vez a Edimburgo para julgamento, que teve início em 7 de janeiro de 1678. No dia 3 desse mesmo mês, sir George Lockhart e o sr. John Ellis foram designados defensores do réu; mas Sharp estava decidido a tirar-lhe a vida, e Lauderdale consentiu. Sir Archibald Primrose lhes forneceu uma cópia do ato do conselho referente a Mitchell e, um ou dois dias antes do julgamento, foi visitar Lauderdale, que fora intimado juntamente com lorde Rothes, lorde Halton e Sharp. Primrose disse a Lauderdale que julgava ter sido feita uma promessa de poupar-lhe a vida, mas este o negou. Primrose desejava que se consultasse aquele ato do conselho; Lauderdale, porém, disse que não se daria a esse trabalho.

Quando começou o julgamento, as provas repousavam principalmente na própria confissão de Mitchell — de 16 de fevereiro de 1674 —, e foram muitos e longos os debates sobre as diferentes acusações. Sir George Lockhart defendeu o prisioneiro com grande erudição, para admiração dos presentes, argumentando «que nenhuma confissão extrajudicial poderia ser admitida como prova e que sua confissão lhe fora arrancada mediante promessa de vida; mas o argumento foi rejeitado». Tão demoradas foram as sustentações que o tribunal adiou a sessão até o dia 9; um relato completo delas encontra-se na História de Wodrow.

Tendo o tribunal voltado a reunir-se no dia designado, lorde Rothes, testemunha da Coroa, ao lhe ser mostrada a confissão de Mitchell, depôs que estivera presente e vira Mitchell assiná-la, mas que não lhe dera garantia de vida, nem se recordava de autorização alguma concedida pelo conselho a Sua Senhoria para tal fim. Halton e Lauderdale depuseram quase no mesmo sentido; Sharp, porém, jurou expressamente que, ao primeiro olhar, reconhecera no prisioneiro diante do tribunal a pessoa que atirara contra ele; mas que seria uma calúnia falsa e maliciosa afirmar que lhe dera garantia de vida ou autorizara alguém a fazê-lo — que não fizera a Nichol Somerville outra promessa senão dizer que era do interesse de Mitchell fazer uma confissão franca. Somerville, contudo, cunhado de Mitchell, depôs que o arcebispo lhe prometera assegurar a vida de Mitchell caso conseguisse induzi-lo a confessar. Sharp negou-o, chamando isso de mentira infame; e sir William Paterson, o sr. John Vanse e o bispo de Galloway juraram todos em favor de Sharp — pois lhes seria perigoso agir de outra maneira.

Ao término das alegações, Mitchell apresentou cópia de um ato do conselho promulgado contra ele em 12 de março de 1674, no qual se reconhecia claramente a promessa de que sua vida seria poupada; pediu que se exibisse o original ou se permitisse ao escrivão fornecer extratos, mas isso também foi rejeitado sob o fundamento de irregularidade formal.

Os jurados foram, portanto, recolhidos e receberam ordem de apresentar seu veredicto na tarde seguinte, o que fizeram; Mitchell foi declarado culpado. Pronunciou-se então a sentença: «Que o sr. James Mitchell seja levado ao Grassmarket de Edimburgo na sexta-feira, 18 de janeiro corrente, entre as duas e as quatro horas da tarde, e ali enforcado numa forca até morrer, e que todos os seus bens móveis, pertences e haveres sejam confiscados e incorporados em benefício de Sua Majestade.» Mal se encerrara a sessão, os senhores encontraram o ato registrado e assinado por lorde Rothes, presidente do conselho. — «Esse ato», diz Burnet, «e todos os envolvidos nele foram vistos pelo povo com horror; era tal combinação de traição, perjúrio e crueldade que talvez jamais se tenha conhecido outra igual.»

Dois dias depois da sentença, chegaram da corte ordens para expor a cabeça e as mãos de Mitchell em algum lugar público da cidade; mas, como a sentença já fora proferida, nenhuma alteração pôde ser feita. Mais ou menos na mesma ocasião, sua esposa pediu ao conselho que a execução do marido fosse adiada por algum tempo, para que pudesse vê-lo e despedir-se dele pela última vez, sobretudo porque não fazia mais de doze dias que dera à luz uma criança e então se encontrava acometida de febre; mas seu pedido não foi atendido.

O Bass Knok em 1690.

Assim chegou ao fim esse zeloso e fiel servo de Deus, depois de quatro anos de perseguição implacável. Que ele era um homem verdadeiramente piedoso, apesar das vis calúnias lançadas sobre ele por seus inimigos, todos os escritores contemporâneos concordam em sustentar, em vista de sua fiel luta pela Igreja da Escócia reformada e vinculada às Alianças. A tentativa contra a vida de Sharp é o único ato que necessita de justificação. O leitor não pode deixar de ter observado que Mitchell se via em estado de hostilidade e, considerando Sharp um dos principais instigadores da tirania, opressão e matança que então assolavam o país, julgava ter o direito de aproveitar toda oportunidade para eliminá-lo, ainda mais porque não se podia obter reparação nos tribunais. Isso, contudo, não fornece pretexto para que qualquer particular tome sobre si a vingança de seus agravos onde seja possível recorrer a um magistrado legítimo. Mitchell, em sua própria defesa, observa «que o sedutor, ou aquele que

aconselhasse a prática de um culto falso, devia ser condenado à morte, e isso pelas mãos da testemunha». Assim considerava o próprio caso; e observa ainda «que os bispos diriam que o que faziam se apoiava na lei e na autoridade, mas que o que ele fizera era contrário a ambas»; e acrescenta: «O próprio rei e todos os estados do país estavam e estão obrigados, pelo juramento de Deus que sobre eles pesa, a extirpar os prelados perjuros e o episcopalismo; e, ao fazê-lo, a defender uns aos outros com a vida e os bens. — As Alianças», prossegue ele, «foram feitas nestes termos: depois de empregadas súplicas, representações, protestos e todos os demais meios lícitos para tal fim, como último recurso pegamos em armas; sob essa condição, nossa nobreza e todos os representantes da nação, conforme a Aliança Nacional e a Solene Liga e Aliança, deram ao rei a espada e o cetro e puseram-lhe a coroa na cabeça; ele os recebeu, prometendo e jurando pelo Deus eternamente vivo usá-los e empregá-los para o fim mencionado, e especialmente para cumprir este artigo: a extirpação e a derrocada do episcopalismo.»

Enquanto estava preso, prestou um testemunho muito extenso, que se encontra em Naphtali, no qual se pronuncia contra toda profanidade e, como causa de todos os seus sofrimentos, cita as palavras de Elias: «Tenho sido muito zeloso pelo Senhor dos Exércitos.» Ao testemunhar contra aqueles que concediam e recebiam a indulgência[20], considerando-a uma usurpação da coroa e da prerrogativa de Cristo, protesta perante Deus, os anjos e os homens contra todos os atos que prejudicassem a obra de Deus e a Reforma; e também contra todos os banimentos, multas e prisões a que o povo de Deus estivera sujeito por muitos anos. Ao falar de seus próprios sofrimentos, diz: «Agora, se o Senhor, em Sua sábia e soberana providência, levar-me ao fim de minha peregrinação, ao pleno gozo da felicidade que há tanto aguardo e desejo, que Ele escolha Seu próprio caminho e tempo para conduzir-me a ela. E, enquanto isso, ó minha alma, canta a canção: Brota, ó poço de minha felicidade e salvação, de minha esperança e consolação eternas! E, enquanto estiveres carregada pelo peso deste tabernáculo de barro, cava fundo nele pela fé, esperança e caridade; e, com todos os instrumentos que Deus te deu, cava nele mediante os preceitos e promessas; cava com cuidado e cava sem cessar, sim, até alcançares a nascente e a origem da própria Fonte, de onde corre a água da vida. Cava até chegares à assembleia dos primogênitos, onde essa canção é entoada mais apropriadamente em louvor e glória da rica graça e misericórdia da Fonte da vida.» — Ao falar de seu desapego do mundo e de outras experiências cristãs, diz: «Ainda que, ó Senhor, me fizesses percorrer de volta o curso e o teor de minha vida para neles buscar ânimo e consolo para minha alma, não teria motivo para me queixar de rigor de Tua mão, pois esse é o Teu modo habitual de tratar alguns de Teu povo — ó Deus, minha alma está abatida dentro de mim, desde a terra do Jordão e o monte Hermom. Sim, embora, por fim, Ele me tenha levado à casa do banquete e tenha feito do amor Sua bandeira sobre mim entre as frias colinas das Terras Altas, perto de Kippen, em novembro de 1673, recordou Sua antiga bondade amorosa para comigo; mas também me disse ao ouvido que uma tempestade violenta me viria pela frente, pela qual eu teria de passar com a força daquela provisão.» — Depois de recitar vários textos das Escrituras que lhe serviam de consolo em seus sofrimentos, conclui, por fim, com estas palavras: «E, visto que não preferi nem busquei os meus próprios interesses, mas Tua honra e glória, o bem, a liberdade e a segurança de Tua igreja e de Teu povo — embora muitos agora o interpretem mal —, espero que Tu, ó Senhor, faças romper a Tua luz como a manhã e a Tua justiça como o meio-dia; e que a vergonha e as trevas cubram todos os que são inimigos de Tua justa causa. Pois Tu, ó Senhor, és o escudo de minha cabeça e a espada de minha excelência; e meus inimigos serão tidos por mentirosos e subjugados. Amém e amém!»

A sentença devia ser executada sem demora; assim, em 18 de janeiro, ele foi levado ao Grassmarket de Edimburgo, onde selou com o próprio sangue sua adesão à causa da Reforma — vítima da mais cruel perseguição que já manchou os anais de qualquer época ou país.

---

20 Nota desta edição: Autorização concedida pelo governo régio a determinados ministros presbiterianos afastados de suas paróquias para exercer o ministério sob condições. Neste sentido histórico, distingue-se tanto da indulgência católica quanto da simples clemência.

CORONEL JAMES WALLACE

JAMES WALLACE, o próximo homem digno de nossa narrativa, era um soldado valente e um santo eminente. Descendia de uma antiga e influente família de Ayrshire. Auchans, na paróquia de Dundonald, havia muito era a residência hereditária dos Wallace. O biografado ingressou no exército ainda jovem e, por sua bravura e conduta coerente, ascendeu rapidamente ao posto de tenente-coronel. Os demais oficiais das forças parlamentares o tinham em grande estima, e ele era merecidamente popular entre os soldados. Em 1642, integrava o regimento do marquês de Argyle, enviado naquele ano para debelar os distúrbios na Irlanda. Foi chamado de volta em 1645 para se opor ao avanço vitorioso de Montrose e, pouco depois, foi feito prisioneiro na batalha de Kilsyth. Quando Carlos II veio à Escócia, em 1650, o Parlamento ordenou a formação de dois regimentos da guarda pessoal, um de cavalaria e outro de infantaria. Conforme instruções especiais, esses regimentos foram compostos pelas melhores tropas. Lorde Lorn foi nomeado coronel, e Wallace, tenente-coronel do regimento de infantaria da guarda. Nosso homem digno esteve presente na batalha de Dunbar, tão desastrosa para os escoceses, e foi feito prisioneiro pela segunda vez. Lorde Lorn recomendou-o enfaticamente ao Parlamento para uma promoção, bem como para uma compensação justa pelas grandes perdas que sofrera. Não parece, contudo, que o governo jamais tenha recompensado seus serviços patrióticos ou reparado suas perdas pessoais.

Wallace viveu retirado após a Restauração até 1666, quando deixou seu isolamento como firme defensor das liberdades de seu país. Foi colocado à frente das forças presbiterianas, que, relutantes, recorreram às armas na batalha de Pentland.

«Ao aceitar o perigoso posto para o qual foi escolhido», diz o dr. M'Crie, «Wallace só poderia ter sido movido pelos motivos mais desinteressados. Não tinha ofensa particular a vingar; não havia dado motivo pessoal de agravo ao governo; e, como não estivera envolvido nas circunstâncias que levaram ao primeiro levante, não tinha razão para temer por sua própria segurança. As perspectivas, quando inicialmente aderiu ao empreendimento, estavam longe de ser animadoras, sobretudo para alguém com seu conhecimento e sua experiência em assuntos militares; e estava em seu poder retirar-se, como outros fizeram, após chegar ao oeste e conhecer a verdadeira situação daqueles que haviam tomado as armas. Tampouco sua conduta, durante o breve período em que comandou, desabonou seus talentos militares, especialmente se considerarmos o pequeno número de homens sob seu comando, a lamentável precariedade do equipamento da maioria e a falta de oficiais subalternos para dirigi-los. 'O próprio Wallace era um cavalheiro piedoso e resoluto; mas tal empreendimento exigia um homem capaz de milagres.' Pela rota de marcha que escolheu, deu aos amigos da causa, nos condados mais populosos, a oportunidade de juntar-se ao seu estandarte, se assim desejassem. Impediu que o general Dalziel obtivesse a vantagem que buscava para atacá-lo durante a marcha. Se o governo estivesse disposto a reprimir a insurreição sem derramamento de sangue, ele lhe deu a oportunidade de fazê-lo por meio da carta moderada que enviou ao general das forças reais. O terreno que escolheu em Rullion Green e a disposição de seus homens foram os melhores possíveis, tendo ele de enfrentar um inimigo três vezes mais numeroso que suas tropas. Ao combater quando o fez, em vez de protelar, como sabia que facilmente poderia ter feito, proporcionou aos seus homens melhores condições de escapar caso fossem derrotados; e, de fato, as perdas efetivas foram menores do que provavelmente teriam sido se, sem travar combate, houvesse dispersado o exército durante a noite. A batalha das colinas de Pentland foi um combate bem travado, não uma debandada vergonhosa como a que mais tarde ocorreu, sob um comandante muito diferente, em Bothwell Bridge.»

«Perdida a batalha, o coronel Wallace deixou o campo em companhia do sr. John Welsh e escapou da perseguição inimiga. Depois de cavalgar até uma distância suficiente, soltaram os cavalos e dormiram o restante da noite num celeiro. Após esconder-se por algum tempo, Wallace finalmente conseguiu sair do reino em segurança. A batalha de Pentland foi travada em 28 de novembro; e, em 4 de dezembro, o conselho privado publicou uma proclamação proibindo a todos acolher o coronel Wallace ou qualquer

pessoa que tivesse pegado em armas com ele, ou com eles manter correspondência, sob pena de serem tratados como cúmplices da recente rebelião. Em 15 de agosto, Wallace e outros seis que haviam fugido foram julgados culpados e condenados a ser executados como traidores quando fossem capturados, com todas as terras e bens confiscados em benefício de Sua Majestade. Essa sentença foi ratificada pelo Parlamento em 1669, mas revogada por ocasião da Revolução.»

Durante vários anos, o coronel Wallace foi obrigado a vagar de uma região a outra do continente por razões de segurança. Pelo mesmo motivo, adotou o nome de Forbes. Em 1670, encontrava-se nas fronteiras da Alemanha. Quando julgou que a busca por ele havia arrefecido, estabeleceu-se na Holanda, fixando residência em Roterdã. Nem ali, porém, lhe foi permitido permanecer sem ser molestado. Frequentava regularmente o ministério dos srs. Robert MacWard e John Hog, da Igreja Escocesa daquela cidade; e, para alegria de seus irmãos expatriados, tanto clérigos como leigos, Wallace foi persuadido a assumir o ofício de presbítero. A congregação, contudo, não desfrutaria por muito tempo dos valiosos serviços do coronel Wallace e de seu amado pastor, o sr. MacWard. Ambos, assim como o sr. John Brown, antigo ministro de Wamphray, eram detestados por Carlos, que não suportava a ideia de que vivessem confortáveis e respeitados na terra que os acolhera. É notório que o rei, quando não tomava a iniciativa, abraçava de coração qualquer medida proposta para importunar ou destruir seus súditos presbiterianos não conformistas. Poder-se-ia pensar que, tendo esses bons homens se exilado, a perseguição ativa cessaria. Ocorreu, porém, justamente o contrário. Cremos sinceramente que o gabinete britânico jamais deu prova maior de fraqueza e rancor do que nessa ocasião. Instigado por Sharp, o rei escreveu de próprio punho aos Estados Gerais, suplicando-lhes que expulsassem imediatamente das Províncias Unidas Robert MacWard, John Brown e o coronel James Wallace, a quem qualificava de rebeldes indignos da menor consideração, e instando os Estados, caso tivessem alguma consideração por seu pedido, a não tardar em atendê-lo. Mas os Estados Gerais, para sua honra, não se deixaram impelir a uma medida injustificável apenas para satisfazer o ressentimento do rei e de seus ministros. Consideraram, com razão, que atender ao pedido de Carlos conduziria a ingerências em suas prerrogativas e, por isso, ordenaram a seu embaixador em Londres que informasse a Sua Majestade que os Estados Gerais não se julgavam livres para molestar as pessoas mencionadas, nem, aliás, qualquer um que, por motivos semelhantes, buscasse refúgio nos Países Baixos. Tampouco desejavam tornar-se instrumentos de opressão injustificada nas mãos de um monarca inglês cuja jurisdição, a seu ver, não se estendia a territórios estrangeiros, e a cujas exigências descabidas, em particular, recusaram anuência com respeito, mas de modo incisivo. Carlos, porém, não se deixava repelir tão facilmente. Por sua extrema insistência e pela descrição exagerada que fez de toda a questão, apresentando-a como assunto que envolvia sua segurança pessoal e a paz do reino, os Estados foram afinal levados, na condição de mediadores, a conceber alguma medida para, se possível, aplacar Sua Majestade e convencer os acusados de que o governo holandês tinha enorme aversão a interferir.

O rei Carlos continuou a importunar tanto o governo holandês que os Estados, relutando em suscitar o desagrado e até a hostilidade com que Sua Majestade os ameaçava, adotaram a seguinte resolução em 6 de fevereiro de 1677: «Por este ato, julga-se apropriado declarar que, embora os três escoceses acima mencionados não só não tenham agido nem se comportado de outra forma que não como convinha a bons e fiéis cidadãos destes Estados, mas também tenham dado muitas provas indubitáveis de seu zelo e afeição pelo progresso da verdade, o que Suas Altas Potências viram com satisfação, desejando que eles pudessem continuar a viver aqui em paz e segurança; considerando, contudo, os riscos a que estão expostos e a insistência premente com que Sua Majestade reiteradamente o exigiu, em três missivas distintas e verbalmente por intermédio de seu enviado extraordinário, e temendo com grande fundamento uma ruptura entre Sua Majestade e estes Estados, como sir William Temple se expressou sobre o assunto em termos inequívocos, veem-se na necessidade, para evitar tão grande mal nesta conjuntura, de fazer com que os referidos três escoceses se retirem deste país; e, por conseguinte, que se dê ciência disso aos referidos James Wallace, Robert MacWard e John Brown, a fim de que possam

aproveitar as boas intenções de Suas Altas Potências e providenciar a adequada disposição de seus bens antes do próximo dia 5 de março; e, para esse fim, um extrato desta resolução de Suas Altas Potências será enviado aos conselheiros dos Estados da Holanda e da Frísia Ocidental, a fim de que se faça a devida notificação e os referidos escoceses possam regular seus procedimentos em conformidade. Também encontrarão anexos, em seu benefício, instrumentos separados ad omnes populos» etc.

O instrumento referido no decreto precedente, no que dizia respeito ao coronel Wallace, tinha os seguintes termos; e os srs. MacWard e Brown receberam cada qual um documento de igual teor:

«Os Estados Gerais dos Países Baixos Unidos, a todos e a cada um dos que virem ou lerem a presente, saudações.

«Saiba-se e certifique-se que James Wallace, cavalheiro, nosso súdito e há muitos anos habitante deste Estado, viveu entre nós muito estimado por sua probidade, submissão às leis e integridade de costumes. Por isso resolvemos solicitar afetuosamente, e por este instrumento solicitamos com toda a insistência, ao imperador dos romanos e a todos os reis, repúblicas, príncipes, duques, Estados, magistrados ou quaisquer outros nossos amigos, e a todos os que virem a presente, que recebam amigavelmente o referido James Wallace sempre que ele a eles chegar ou decidir permanecer entre eles, e que lhe prestem conselho, auxílio e assistência; declaramos que, por quaisquer favores, atos humanitários ou gentilezas a ele dispensados, estaremos prontos e dispostos a retribuí-los a eles e a seus súditos assim que surgir ocasião. Para maior confirmação do que foi dito, mandamos apor a este instrumento nosso selo oficial e a assinatura do presidente de nossa assembleia, e determinamos que fosse referendado por nosso primeiro secretário, em nossa assembleia, aos seis dias de fevereiro de 1677.»

O fato de os Estados terem recusado a exigência do rei Carlos, somado ao amplo certificado acima em favor daqueles que ele acusava amargamente, mostra de forma convincente a extrema relutância do governo holandês em atender ao pedido. Mas não se deve omitir o relato que sir William Temple fez à sua corte. Suas palavras são notáveis: «Esta questão tem sido a mais difícil negociação em que já me envolvi aqui, tanto pelos interesses particulares das cidades e províncias da Holanda como pela estima geral em que têm MacWard, considerado um homem muito pacato e piedoso; mas sobretudo pela firme convicção de que não estão obrigados a agir por mera carta de Sua Majestade, sem que tenha sido proferida contra eles sentença alguma que os declare rebeldes e fugitivos. E, ao contrário, após uma sentença de banimento contra MacWard e Brown, a qual, dizem eles, segundo todos os autores, extingue inteiramente sua condição de súditos e, por conseguinte, o direito de Sua Majestade de declará-los rebeldes depois de banidos e tornados súditos de outro Estado. Mas verifiquei que a honra do rei estava tão empenhada nesta questão, por três cartas diferentes que devem ter se tornado públicas, que não deixei de tentar nenhuma espécie de argumento junto ao príncipe, ao pensionário e aos deputados, tanto das províncias como das cidades, para obter a satisfação de Sua Majestade e fazer com que a questão passasse por tão urgente de resolver que ocupou dois longos debates nos Estados da Holanda nos últimos dois dias, embora sua reunião estivesse prevista para apenas cinco dias e para nenhum outro assunto além da arrecadação dos fundos necessários à campanha.»

O consistório da igreja escocesa em Roterdã registrou sua sincera tristeza por ser privado do coronel Wallace, «o presbítero mais laborioso e útil que havia entre eles». O sr. MacWard retirou-se para Utrecht, ou suas imediações, com o sr. Brown e o coronel Wallace. O coronel, especialmente detestado por Carlos pela participação ativa que tivera contra a causa real em Pentland, não se considerava seguro, mesmo na agradável companhia e no prudente recolhimento de seus dois amigos clérigos. Por isso, deixou-os a contragosto e apressou-se a buscar esconderijo mais seguro nas fronteiras da França.

O nome do coronel Wallace continuou no rol do consistório.* Durante seu retiro, escreveu à viúva de William Mure de Caldwell, que então residia em Roterdã, a carta abaixo, que lança luz sobre seu caráter e suas circunstâncias:

«Senhora eleita, minha estimada e querida irmã — Sua carta chegou-me em momento muito oportuno. Parece que tudo o que demônios ou homens fizeram contra a senhora ao longo destes muitos anos (e não foi pouco) para abater sua coragem ou levá-la a arriar as velas ao reconhecer seu Mestre e Sua causa perseguida teve tão pouco efeito que sua fé e coragem não deixam de crescer: prova, com efeito, de perdição para seus perseguidores, mas de salvação para a senhora, e isso procede de Deus. Parece que, quando a senhora, por escolha própria, tomou Cristo pela mão pela primeira vez para fazê-Lo seu Senhor e sua porção, sabia o que fazia; e que, apesar de todas as durezas encontradas por permanecer junto Dele, seu coração parece apegar-se a Ele com ainda mais firmeza. Isso mostra que lhe foi concedida muita convivência e comunhão com Ele. Minha alma bendiz a Deus em seu favor, pois Ele a conduziu de tal modo que penso que a senhora pode tomar como dirigidas a si, entre outras, estas palavras: 'Vós permanecestes comigo em minhas aflições; eu vos destino um reino.' Parece que sofrer por Cristo, perder qualquer coisa por Ele, é ganho para a senhora. Que possais receber cada vez mais desse espírito, para que estejais entre os poucos (como foi dito de Calebe e Josué) que O seguem plenamente, entre os vencedores, os nobres vencedores mencionados em Apocalipse 2 e 3, entre aqueles a quem somente Ele diz (como escolhidos e separados para tal fim): 'Vós sois minhas testemunhas.' Senhora e minha querida irmã, compartilho de seu entendimento, e bendigo Seu nome por haver-me um dia considerado digno de constar desse rol. Já faz muitos anos que aprouve ao Mestre elevar-me a isso e chamar-me para dar testemunho Dele; e é verdade que, nesses quarenta anos passados (quanto ao que encontrei no mundo), fui como o povo no deserto; ainda assim posso dizer que, até esta hora, jamais me arrependi de meus compromissos com Ele nem de qualquer reconhecimento que Dele fiz. Sim, essas rejeições que, por assim dizer, recebi dos homens foram para mim alegria e coroa, pois sei que foi por Sua causa que assim me trataram; e, por ser por Sua causa, estava disposto, em tal caso (como diz Cristo), quando os homens me batessem numa face, a oferecer-lhes a outra. Nunca desfrutei de maior proximidade, nunca minha mesa esteve mais bem provida do que desde que deixei Roterdã. Tenhamos coragem e prossigamos como bons soldados de Jesus Cristo, suportando as durezas. Ó, por mais fé! Ó, por mais fé entre Seu povo! Quanto a este povo, nada há em seus caminhos que prometa qualquer bem; ao contrário, oh! temo que o Senhor os tenha entregue aos desejos de seus próprios corações. Eles de fato andam segundo seus próprios conselhos. O mesmo espírito de perseguição e os mesmos princípios que existem entre vós estão aqui; mas, como Deus é fiel, todos os que odeiam Sião serão despedaçados e recuarão envergonhados. Esperai apenas um pouco; eles cavam a própria cova. O Senhor fundou Sião, e os pobres do povo nela confiarão. Lembremo-nos uns dos outros. Meu afeto a todos os amigos que sabeis que amo no Senhor. A graça de Deus esteja convosco, e Sua bênção sobre vossos pequenos, para os quais Ele tem sido um pai. Nele descanso. Vosso, como sempre,

«JA. WALLACE.»

O coronel Wallace regressou a Roterdã em 1678; mas, para indizível tristeza da congregação, morreu ali no fim do mesmo ano. No desempenho dos deveres de presbítero regente na Igreja Escocesa, estava acima de todo elogio. Como seu divino Mestre, andava continuamente fazendo o bem; e os testemunhos espontâneos de seu patriotismo e de seu zelo incansável pelo progresso da piedade viva entre o rebanho que ajudava a pastorear lhe dão direito a uma lembrança agradecida. O coronel entendia corretamente que os deveres de um presbítero envolviam obrigações mais sagradas e imperiosas do que o mundo costuma atribuir a esse ofício eclesiástico. Como fará todo homem consciencioso que assume compromisso semelhante, procurou observar as exortações apostólicas registradas por São Paulo para orientar os sucessivos supervisores da igreja de Deus. Esse homem excelente morreu nos braços de seu amigo provado, o sr. MacWard, que deu um relato particular da morte triunfante do coronel na seguinte carta ao reverendo John Blackadder, ministro de Troqueer: «Não duvido que tenhais ouvido falar da partida do digno e grande Wallace, de quem creio poder dizer-se que não deixou naquela igreja homem algum, ministro ou fiel, que tenha atravessado tamanha variedade de tentações sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda. Morreu com grande serenidade de alma. Viveu no estrangeiro como tal

ornamento de sua profissão de fé que não foi mais lamentado por nós do que por todos os ingleses e holandeses devotos que o conheciam (e eram muitos), pois haviam perdido o homem de quem o Senhor Se servira como instrumento para manter a vida entre eles; sim, as pobres pessoas sem instrução da congregação de Roterdã (além das mais piedosas e esclarecidas) lamentam sua morte e sua perda como a de um pai. E têm boas razões; pois devo dizer que foi o presbítero mais fiel, enérgico, compassivo, diligente e incansável na obra do Senhor que jamais conheci em minha terra ou no estrangeiro. Quanto ao cuidado, à solicitude e ao empenho que tinha pela obra e pelo povo de Deus, posso dizer que o cuidado de todas as igrejas pesava mais sobre ele do que sobre centenas de nós; de modo que a igreja de Deus perdeu com a partida desse homem mais do que a maioria se permitirá acreditar. Nós, porém, que o sabemos, temos apenas este consolo: o restante do Espírito está com Aquele que assim o fez, e o grande Intercessor vive para defender Sua própria causa e as causas das almas de Seu povo. Esqueci-me de vos dizer que, quando se mencionou a causa pela qual sofrera, numa ocasião em que mal se acreditava que compreendesse ou pudesse falar, seu semblante se iluminou com um raio de serena alegria, e ele ergueu as mãos ao alto, como para receber a coroa de confessor, ao mesmo tempo que levantou a voz num 'Ah!', como para cantar a canção de vitória do vencedor. Em suma, adormeceu na fornalha, andando com o Filho de Deus, e agora seus ossos ressurgirão com os ossos das outras grandes testemunhas sepultadas em terra estrangeira, como testemunho contra a injustiça feita a Cristo e a violência empregada contra Seus seguidores por esta geração perversa; geração que o justo Senhor, no Seu tempo, desde aquele que se assenta no trono até o mais humilde instrumento que executou os males por ele convertidos em lei, fará objeto de Sua ira, de ira especial, que há de corresponder e guardar proporção com os agravos feitos ao Mediador.»

JOHN WELWOOD

ESTE intrépido servo de Cristo era filho do reverendo James Welwood, outrora ministro em Tindergarth, no condado de Dumfries, e irmão dos senhores Andrew e James Welwood, médicos em Londres. O personagem desta breve narrativa nasceu por volta de 1649. Depois de percorrer o curso regular de preparação para o ministério, recebeu licença para pregar; mas, em razão da turbulência dos tempos, não consta que jamais tenha sido ordenado para um pastorado específico. Menciona-se, de fato, que pregou cinco ou seis vezes em lugar de seu pai, na paróquia de Tindergarth. Diz-se que, nessas ocasiões, seus sermões foram abençoados com efeitos benéficos mais evidentes entre aquele povo do que os que se haviam discernido nos trabalhos de seu pai durante todo o seu ministério.

Além de sua eminente piedade e fidelidade na pregação, Welwood era singularmente fervoroso em inculcar os deveres da vida cristã; em particular, em instituir e estimular reuniões de comunhão, oração e conferência, às quais ele próprio comparecia com frequência. Certa vez, entre muitas outras, em Newhouse, na paróquia de Livingstone, estando a noite já muito adiantada, disse: 'Que alguém ore, e seja breve, para podermos chegar aos aposentos antes de amanhecer!' Ocorreu, porém, que era a vez de uma pessoa que se distinguia pelo dom da oração; e, antes que terminasse, a luz do dia já penetrava na casa. 'James, James', disse Welwood, 'teus dons vão à frente de tuas graças!' E aos demais aconselhou: 'Acautelai-vos, todos vós, de segui-lo em todo tempo e em todas as coisas; de outro modo, haverá muitas idas e vindas em vosso caminho!'

Em 1677, realizou-se uma reunião erastiana dos ministros então beneficiados pela Indulgência e dos não beneficiados, convocada pelo partido dos primeiros com o propósito, segundo alegavam, de promover e firmar a união entre os partidos; na realidade, porém, tratava-se antes de uma conspiração sem o menor vestígio de honra ou veracidade. Welwood, o sr. Cameron e outro ministro foram chamados perante a reunião e ameaçados de deposição, por pregarem com liberdade a separação dos ministros efetivamente beneficiados pela Indulgência; mas esses homens recusaram a jurisdição da assembleia, por não ser ela um tribunal legítimo de Jesus Cristo, composta como era de homens contra

os quais haviam erguido seu testemunho. Nessa conjuntura, alguns do partido dos ministros beneficiados procuraram o sr. Hog, que não estivera presente à reunião, para pedir-lhe conselho acerca de Welwood. O sr. Hog respondeu-lhes laconicamente: 'Seu nome é Welwood; mas, se cometerdes a imprudência de depô-lo, pode ser que acabe por revelar-se um Torwood.'

Pouco depois disso, ao que parece, Welwood recebeu um chamado da paróquia de Tarbolton, em Ayrshire; ou, para adotar a linguagem do partido dominante à época, 'intrometera-se naquela paróquia e congregação'. Uma denúncia nesse sentido, diz Wodrow, foi apresentada contra ele perante o conselho em Edimburgo, em 1.º de novembro; imediatamente, este incumbiu os lordes Glencairn e Rothes de providenciar sua expulsão e prisão. Não se pode, porém, saber qual foi o resultado, pois Wodrow não volta a mencioná-lo. Sabe-se, contudo, que ele continuou a pregar; e os apontamentos seguintes constituem os principais fatos que foi possível recolher.

Quando se dirigia para pregar numa manhã de domingo, o senhor de propriedade em cujas terras se armara o púlpito de campanha mandou retirá-lo e montá-lo na propriedade de outro dono. Ao perceber isso, Welwood observou, com muita calma, que em pouco tempo aquele mesmo senhor não possuiria um só sulco de terra que pudesse chamar seu: 'Esperai um pouco', disse, 'e ele mostrará suas verdadeiras cores!' Assim aconteceu, de fato: pouco depois, condenado por adultério, tornou-se objeto de profundo desprezo e caiu na miséria, sendo, como então se dizia, um dos papistas de quatro libras de York.

Cerca de dois anos depois, percebendo sinais de que um dia luminoso estava prestes a raiar sobre a igreja perseguida, disse a certo William Nicholson, natural de Fife: 'Tereis neste ano um belo verão para o evangelho; e, para maior alento vosso, até um velho ou uma velha poderá viver para ver os bispos derrubados, sem que a igreja esteja ainda liberta. Mas, antes que tudo se cumpra, teremos na Escócia alguns ministros fiéis. Permanecei, porém, entre o fiel remanescente que pranteia e pertence a Deus; pois vem sobre a igreja da Escócia uma nuvem como jamais se ouviu falar, e a maior parte cairá em deserção. Mas vejo, do outro lado dela, a libertação da igreja, com ministros e cristãos diante dos quais teríeis vergonha de abrir a boca!'

Em uma de suas últimas aparições públicas, pregou em Boulterhall, em Fife, sobre estas palavras: 'Não são chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres';* e expressou o desejo de que todos os membros do povo do Senhor a quem Ele havia colocado em posições de distinção, ali e em toda parte, manifestassem gratidão pelo fato de as palavras serem não muitos, e não nenhum, de modo que não estivessem todos excluídos. Perto do fim do sermão, disse: 'Se aquele infeliz prelado Sharp morrer a morte comum dos homens, Deus nunca falou por meu intermédio.' O arcebispo tinha um criado que, obtendo folga de seu amo no sábado à noite, fora visitar o irmão, criado de um cavalheiro nas proximidades de Boulterhall. No dia seguinte, acompanhou o irmão ao culto; Welwood, ao notar alguém trajando a libré de Sharp, pediu-lhe que se levantasse, pois tinha algo a lhe dizer. 'Peço-te', disse, 'diante de todas estas testemunhas, que, ao voltares para casa, digas a teu amo que sua traição, tirania e vida perversa estão perto do fim; sua morte será súbita, inesperada e sangrenta; e, assim como ele teve sede do sangue dos santos e o derramou, não descerá à sepultura em paz!' Depois que o jovem voltou para casa, o bispo perguntou-lhe à ceia se estivera numa reunião clandestina de culto. Ele respondeu que sim e, tendo relatado ao amo o texto e várias coisas referentes ao sermão, transmitiu-lhe, por fim, precisamente o recado que lhe fora confiado. Sharp fingiu não lhe dar importância; mas sua esposa disse: 'Aconselho-te a dar mais atenção a isso, pois ouço dizer que as palavras desses homens não são palavras vãs.'

Pouco depois, Welwood foi visitar Perth, onde se hospedou na casa de um certo John Barclay. Esta, ao que parece, foi sua última viagem a serviço de seu Mestre. Tendo por natureza uma constituição delicada e havendo antes sofrido muitas privações, às quais se somavam profunda preocupação com sua própria alma e com as dos demais e grande abatimento de espírito em razão do estado aflitivo da igreja,

começou a definhar gradualmente. Assim permaneceu até o início de abril, quando a morte o libertou de todos os cuidados e sofrimentos terrenos. Durante sua enfermidade, enquanto pôde falar, dedicou-se ao bem das almas. Apenas os considerados amigos da causa perseguida sabiam que ele estava na cidade; tinha por costume chamá-los, família após família, em ocasiões diferentes, e conversar com eles sobre sua condição espiritual. Sua conversa convencia, edificava e consolava. Muitos vieram visitá-lo, entre eles um certo Ayton, o mais moço de Inchdarney, em Fife, jovem piedoso de cerca de dezoito anos. Quando este lhe contou da grande tirania e perversidade do prelado Sharp, Welwood disse: 'Logo estareis livres dele; ele terá uma partida súbita e cortante; e tu serás o primeiro a levar ao céu a boa notícia de sua morte!' Isso se cumpriu literalmente no mês de maio seguinte.

Por volta da mesma época, disse a outra pessoa que veio visitá-lo que 'muitos dentre o povo do Senhor tomariam armas naquele verão em defesa do evangelho; mas estava plenamente convencido de que não alcançariam a libertação. Após a queda desse partido, o estandarte público do evangelho cairia por algum tempo, de sorte que não haveria na Escócia, exceto dois, nenhum ministro fiel a quem pudessem recorrer para ouvir a pregação ou conversar sobre o estado da igreja; e esses dois também selariam o testemunho com seu sangue. Depois disso haveria uma terrível deserção e apostasia; mas Deus derramaria sua ira sobre os inimigos de sua igreja e de seu povo, ocasião em que muitos dos que se haviam desviado de seu caminho cairiam com os demais nessa calamidade geral. Contudo, pensava ele, esse golpe não duraria muito; logo depois viria a mais gloriosa libertação e reforma já vista na Grã-Bretanha, após a qual a igreja nunca mais seria perturbada pela prelazia.'

Quando se aproximava seu fim, nas conversas com alguns amigos, costumava comunicar-lhes suas próprias lutas e experiências espirituais, bem como a certeza que obtivera de sua participação em Cristo, dizendo: 'Não tenho mais dúvida de minha participação em Cristo do que teria se já estivesse no céu.' Em outra ocasião, disse: 'Embora tenha passado algumas semanas sem sentir sua presença consoladora, não tenho a menor dúvida de minha participação em Cristo. Muitas vezes tentei achar uma falha nessa certeza, mas não consigo.' Na manhã de sua morte, ao perceber a luz do dia, disse: 'Agora, luz eterna, e para mim nunca mais noite nem trevas'; e, naquela noite, trocou um corpo débil, um mundo perverso e uma vida fatigante por uma coroa imortal de glória, na herança celestial preparada e reservada para os que são como ele.

Na noite seguinte à sua morte, o corpo foi retirado da casa de John Barclay e levado a um quarto reservado pertencente a certa Janet Hutton, até que os amigos pudessem deliberar sobre o funeral, a fim de que Barclay não fosse molestado por tê-lo ocultado. Espalhou-se rapidamente o rumor de que um pregador proscrito havia morrido na cidade, e os magistrados ordenaram que um oficial fosse apreender o cadáver. No dia seguinte, um número considerável de seus amigos de Fife chegou para acompanhar o enterro; os magistrados, porém, não permitiram que ele fosse sepultado em Perth. Para sustentar sua autoridade, mandaram convocar a milícia municipal e prenderam John Bryce, responsável pela caixa ou tesoureiro da corporação dos mercadores, por se recusar a entregar-lhes as armas. Por fim, permitiram aos amigos levar o corpo para fora da cidade e sepultá-lo além de seus limites, no lugar que escolhessem; mas os habitantes vistos acompanhando o funeral foram encarcerados. Depois de saírem da cidade, seus amigos enviaram dois homens a Drone, não longe de Perth, para preparar uma sepultura no cemitério daquela localidade. Os homens procuraram o sr. Pitcairn, ministro e um dos antigos partidários das Resoluções, e pediram-lhe as chaves do portão do cemitério paroquial; ele, porém, recusou-se a entregá-las. Ainda assim, transpuseram o muro e cavaram uma sepultura; ali repousam em paz os restos mortais desse zeloso servo de Deus.

Apenas um de seus sermões foi publicado, dito pregado em Bogle's-hole, uma fazenda na região superior de Lanarkshire, sobre as palavras de Pedro: 'E, se é com dificuldade que o justo é salvo, onde comparecerão o ímpio e o pecador?'

Diz-se que ainda subsistem, manuscritas, algumas de suas cartas religiosas a amigos e conhecidos piedosos; mas já não se pode esperar nada de notável nos escritos de Welwood, nem nos de qualquer dos homens ilustres que se seguem. Os tempos em que viveram eram particularmente atribulados pelas perseguições movidas contra eles e pela caça que sofriam de um lugar a outro; por isso, não encontravam tempo nem oportunidade para escrever. Não raro, também, pequenos fragmentos que porventura haviam reunido de tempos em tempos eram confiados às mãos de amigos medrosos ou desleais, que os destruíam ou perdiam.

WILLIAM GORDON DE EARLSTOUN

WILLIAM GORDON de Earlstoun era filho do célebre reformador Alexander Gordon de Earlstoun e descendia em linha direta do conhecido Alexander Gordon que acolhia os seguidores de John Wickliffe e, possuindo um Novo Testamento em inglês, costumava lê-lo nas reuniões deles no bosque de Airds, nas proximidades de Earlstoun. Favorecido assim por uma educação religiosa, começou muito cedo a seguir a Cristo. Em 1637, o sr. Rutherford assim o admoestava em suas cartas: 'Senhor, lançai deste modo o fundamento, e não recuareis nem sereis abalado facilmente; fazei uma obra firme nas bases, e vosso navio resistirá a todas as tempestades, contanto que vossa âncora esteja presa a bom fundo, quero dizer, para dentro do véu!' E, com efeito, pela bênção de Deus, começou ainda muito jovem a distinguir-se pela piedade e religião, bem como pela firme adesão ao presbiterianismo e à obra pactuada da Reforma; nela perseverou constante e inabalável até perder a vida nessa causa honrosa.

Não se pode hoje dizer ao certo qual participação teve nos assuntos públicos durante a usurpação de Cromwell; pode-se, porém, supor que esteve do lado dos remonstrantes. O primeiro testemunho público seu registrado pela história após a restauração de Carlos II ocorreu por volta de 1663. Alguns comissários designados pelo conselho para investigar a oposição popular à instalação de curas em Kircudbright e Irongray, conhecendo a adesão de Gordon à causa presbiteriana, decidiram obrigá-lo a aquiescer à instalação de um titular episcopal na paróquia de Dairy, em Galloway, onde, pelas leis outrora vigentes, ele detinha certo direito de apresentação; ou, caso se recusasse a colaborar — como tinham toda razão para suspeitar que faria —, causar-lhe novos transtornos. Assim, os comissários escreveram-lhe uma carta nestes termos: 'Verificando que a igreja de Dalry é uma daquelas para as quais o bispo apresentou um ministro efetivo, o sr. George Henry, apto e qualificado para o encargo, e que esse cavalheiro virá à vossa paróquia no próximo domingo para pregar àquele povo, e sendo vós pessoa de especial influência ali, requeremos que mandeis publicar este edital e reunir a congregação para acolhê-lo, a fim de que se sinta encorajado a exercer naquele lugar seu ministério. Vossos afetuosos amigos e servidores,

LINLITHGOW,

GALLOWAY,

ANNANDALE,

DRUMLANARK.'

A essa carta, Earlstoun deu resposta muito respeitosa, expondo razões sólidas pelas quais não podia atender à exigência injusta: 'Sempre julguei mais seguro obedecer a Deus e manter distância de tudo quanto não contribua para sua glória e para a edificação das almas de seu povo disperso, do qual aquela congregação faz parte. Além disso, meus senhores, é sabido de muitos que pretendo reivindicar o direito de padroado dessa paróquia e que já escolhi para ela, com o consentimento do povo, uma pessoa verdadeiramente digna e qualificada, para que lhe seja permitido exercer seus dons entre eles. Se eu desse acolhida ao portador da carta de vossas senhorias, ofenderia de maneira sumamente ímpia e desonrosa a majestade de Deus, arrebataria violentamente a liberdade cristã de seu povo aflito e enfraqueceria meu próprio direito.'*

Era precisamente isso o que eles queriam; pois, no dia 30 de julho seguinte, 'os lordes do Conselho ordenaram a expedição de mandados para intimar William Gordon de Earlstoun a comparecer perante eles e responder por sua conduta sediciosa e facciosa': em outras palavras, por se recusar a aceitar a prelazia e a ouvir os curas, e por favorecer e ouvir os ministros destituídos. Além disso, em 24 de novembro do mesmo ano, 'informado de que o senhor da propriedade de Earlstoun realizava conventículos e reuniões particulares em sua casa, o conselho ordena a expedição de mandados para intimá-lo a comparecer perante este conselho e responder por seu desacato, sob pena de rebelião'. Nada disso, porém, abateu o ânimo desse fiel confessor de Cristo em sua adesão ao evangelho perseguido. Seus inimigos, entretanto, promulgaram contra ele um ato ainda mais severo e rigoroso, no qual se alegava que estivera em vários conventículos — como se compraziam em chamar aquelas reuniões — em que o sr. Gabriel Semple, ministro deposto, pregara nos bosques de Corsack e Airds; e que ouvira explicações de textos das Escrituras por ministros destituídos, tanto na casa de sua mãe quanto na sua própria: 'E, intimado a comprometer-se a abster-se de todas essas reuniões no futuro e a viver em paz e ordeiramente, conforme a lei', recusou-se a fazê-lo. Por isso, sentenciaram-no ao banimento, devendo deixar o reino dentro de um mês e não regressar, sob pena de morte; durante esse período, deveria viver pacificamente, sob pena de 10.000 libras, ou então recolher-se pessoalmente à prisão.

Earlstoun, contudo, ao que parece, desconsiderou inteiramente essa sentença; e, embora não tenhamos relato particular dos sofrimentos que depois padeceu, sabemos com certeza que foi submetido a muitas provações aflitivas. Em 1667, foi expulso de sua casa, transformada em guarnição para Bannatyne e seus homens. Quase todos os anos subsequentes trouxeram novos tormentos, até 22 ou 23 de janeiro de 1679, quando saiu de todos eles, chegou ao porto do descanso eterno e recebeu sua gloriosa recompensa da maneira seguinte.

Tendo alguns negócios a resolver, talvez com a intenção de não voltar, ficou impedido de juntar-se àquele pequeno grupo sofredor que então se achava em armas perto de Bothwell; enviou, porém, o filho, que participou do combate. Apressou-se quanto pôde para socorrê-los, mas, sem saber do desastre sofrido pelos Covenanters, encontrou perto do campo de batalha um destacamento de dragões ingleses que perseguia os aflitos. Como valoroso campeão de Cristo, recusou-se a render-se ou aceder às exigências deles. Por isso, foi morto ali mesmo. Seus amigos não puderam recuperar seu corpo trucidado, e seu filho estava entre os fugitivos; assim, foi sepultado no cemitério de Glassford, longe das sepulturas de seus antepassados. Embora se tenha erguido um pilar ou monumento sobre sua sepultura, 'nem urna esculpida nem busto animado' a assinalava, devido ao rigor daqueles tempos.*

Assim caiu um renomado Gordon, cavalheiro de elevadas e honrosas qualidades, dedicado à religião e à piedade, defensor inflexível da causa presbiteriana naquela região em que habitava. Pode-se dizer dele, com toda a verdade, que viveu como patriota, cristão e confessor, e morreu mártir pela causa de Cristo.

JOHN KING E JOHN KIDD

PARECE que nada mais se sabe desses distintos mártires além de um breve relato de seus sofrimentos, que abrange o período entre 1670 e 1679; e é muito provável que seus nomes houvessem caído no esquecimento, ou ao menos permanecido em relativa obscuridade, se não tivessem sido considerados dignos de selar com sangue seu testemunho. Nos tempos de que tratamos, centenas de pessoas que perderam tudo pela causa de Cristo são hoje inteiramente desconhecidas, salvo pelas crônicas familiares imperfeitas transmitidas pela tradição. Centenas, igualmente, terminaram sua peregrinação mortal em terras estrangeiras sem que jamais chegasse notícia delas à terra natal; mas os dois homens eminentes reunidos nesta breve memória viverão nas páginas da história enquanto durar o tempo.

O primeiro registro que temos de King é que foi por algum tempo capelão de lorde Cardross e que foi preso e encarcerado em 1674. Foi, contudo, solto mediante compromisso e caução de 5.000 marcos de comparecer quando chamado. No ano seguinte, foi novamente detido, tendo sido preso na casa de

Cardross; mas logo o libertaram alguns camponeses beneficiados por seu ministério. Uma terceira vez foi capturado perto de Hamilton, juntamente com cerca de dezessete outras pessoas, e conduzido a Evandale, de onde todos foram resgatados pelos Covenanters vitoriosos em Drumclog, para onde Claverhouse os havia levado. A partir daí, dedicou-se ao serviço de seu Mestre, pregando ao partido perseguido até sua derrota em Bothwell. As circunstâncias de sua captura definitiva têm algo de romanesco; mas, como nada há de improvável nesse relato, nós o reproduzimos com base no testemunho de uma pessoa que atestou sua exatidão: 'Tendo King ido visitar o senhor da propriedade de Blair, na paróquia de Dalry, perto de Kilwinning, de quem fora capelão, certo Bryce Blair, lavrador que servira de cavalariço ali enquanto King pertencia à casa, veio pedir-lhe também uma visita. King foi até ele e proferiu uma breve exortação na noite do sábado seguinte. Na manhã de domingo, um destacamento inimigo — segundo se dizia, os dragões de Crichton — andava à sua procura. Dois deles, disfarçados, aproximaram-se de um velho que apascentava o gado perto da casa de Blair e perguntaram-lhe se sabia onde se encontrava aquele piedoso ministro, o sr. King; disseram temer que fosse capturado, pois o inimigo o perseguia, e prometeram protegê-lo caso soubessem onde estava. Fora de si de alegria, o velho exclamou: "Vou correndo avisá-lo." Os homens seguiram-no de perto e, encontrando um dos criados da casa a cuidar dos cavalos de King e de seu servo, desmontaram imediatamente. Depois de conduzirem seus próprios cavalos para dentro do cereal ainda em pé, ameaçaram de morte o criado caso saísse do lugar. Um deles tomou logo sua sela e, colocando-a no cavalo de King, disse: "Muitas milhas andei atrás de ti; agora, porém, sou eu que te montarei!"' 'A essa altura, o restante do destacamento cercara a casa; como King e seu criado estavam na cama, mandaram-nos levantar imediatamente. Enquanto o criado punha as esporas no amo, um dos soldados o amaldiçoou e perguntou se estava pondo esporas num prisioneiro. O criado respondeu que lhe poria o que bem entendesse, pelo que recebeu um golpe do soldado; este, por sua vez, foi atacado por um companheiro, que, praguejando, censurou-o por bater num prisioneiro que não opunha resistência. Assim, King e seu criado foram conduzidos a Glasgow, acompanhados por David Cumming, natural da paróquia, na condição de guia. Para esse homem, o destacamento requisitou um cavalo, a fim de avançar mais depressa; mas mal haviam percorrido algum trecho quando o animal se tornou tão furioso e indomável que Cumming teve de desmontar e fazer a pé o restante do caminho. Acrescenta-se que o cavalo ficou perfeitamente calmo e dócil assim que percebeu que estava voltando para casa.' A respeito da prisão, ganhou também circulação este relato deveras impressionante: 'Diz-se que um destacamento de dragões ingleses se achava ali na ocasião; um deles, montado, pediu cerveja e bebeu à ruína dos Covenanters. Quando um companheiro lhe perguntou, junto ao portão de Stable-green, para onde ia, respondeu: "Levar King ao inferno." Mas o miserável perverso havia avançado apenas um curto trecho, em grande alegria, quando sua carabina disparou e o matou no mesmo lugar.' 'Deus disparará contra eles uma seta; de súbito, ficarão feridos.'*

Ao que parece, Kid foi preso na mesma ocasião. Não há informação segura sobre se havia sido ordenado ou se era apenas candidato ao ministério. Sua presença junto ao partido pactuado, contudo, foi considerada suficiente para impor-lhe a pena máxima da lei; assim, ele foi denunciado juntamente com King por haver participado da rebelião e pregado em conventículos ao ar livre. Ambos compareceram perante o conselho em Edimburgo no dia 9 de julho. King reconheceu prontamente que estivera com os que haviam tomado armas em defesa de seus direitos; Kid confessou que pregara nos campos, mas apenas em dois lugares onde havia homens armados. Ambos [no original, "Bath"] assinaram sua confissão, posteriormente apresentadas como prova contra eles. Kid foi interrogado novamente pelo conselho no dia 12 e submetido a tortura. Diz-se, de fato, que foi posto mais de uma vez nas botas de tortura, o que suportou com paciência e mansidão exemplares. King foi interrogado outra vez no dia 16 perante o tribunal de justiça criminal, e Kid no dia seguinte. No dia 22, receberam as acusações formais, e seu julgamento teve início no dia 28. Foi permitido que advogados atuassem em sua defesa, mas não se admitiu prova alguma que os inocentasse. Imediatamente após a leitura das acusações, o advogado da Coroa apresentou como prova sua confissão. Depois das alegações e da leitura e rejeição de uma petição

em favor de King, ambos foram declarados culpados e sentenciados a ser enforcados na cruz do mercado de Edimburgo, na quinta-feira, 14 de agosto, e a ter a cabeça e a mão direita decepadas e dispostas segundo a vontade do conselho.

Foi na manhã daquele dia que se publicou o ato régio de anistia; e, para abrilhantar a solenidade, esses dois nobres mártires, a quem se negara participação nela, foram trazidos pela manhã para a execução. Uma testemunha ocular conta que, ao se aproximarem do lugar fatal, caminhando de braços dados, Kid olhou para o companheiro de martírio com semblante alegre e disse: 'Muitas vezes ouvi e li acerca do sacrifício de um cabrito!' No patíbulo, demonstraram um grau extraordinário de serenidade magnânima e se submeteram à sentença com muita placidez e alegria — alegria em que nenhum de seus perseguidores podia interferir. Suas cabeças foram decepadas em outro cadafalso preparado para esse fim.*

Assim terminaram as vidas desses dois dignos ministros e mártires de Jesus Cristo, depois de reconhecerem sua lealdade ao Rei de Sião e prestarem fiel testemunho contra o papismo, a prelazia e o erastianismo, e em favor da obra pactuada da Reforma em suas diversas partes e épocas.

JOHN BROWN

JOHN BROWN, conhecido autor de várias obras muito estimadas de teologia prática, é o próximo homem ilustre que reclama nossa respeitosa atenção. Sua juventude permanece envolta em grande obscuridade. Sua mãe, pessoa inteligente e piedosa, tinha a honra de contar entre seus correspondentes o célebre Samuel Rutherford. Ao escrever à sra. Brown de Aberdeen, em 13 de março de 1637, Rutherford assim se refere ao personagem desta memória, que então era apenas um jovem: 'Alegra-me saber que vosso filho John está vindo visitar Cristo e provar de seu amor. Espero que não perca seus esforços nem se arrependa dessa escolha. Sempre tive, "como vos disse muitas vezes", grande afeição pelo querido sr. John, porque me parecia ver nele mais de Cristo do que em seus irmãos. Quanto gostaria de escrever-lhe para que permanecesse ao lado de meu doce Mestre; e gostaria que o deixásseis ler minha carta e a alegria que sinto, se ele aparecer em defesa de meu Senhor Jesus e se colocar ao seu lado.' Em outra carta a um correspondente diferente, Rutherford exprimiu-se também nestes termos: 'Lembrai-me ao sr. John Brown; nunca consegui deixar de amar esse homem; creio que Cristo tem algo a fazer com ele.'

Concluídos os estudos acadêmicos, foi ordenado ministro de Wamphray, no presbitério de Lochmaben. Foi infatigável em seus labores pastorais nessa paróquia e por toda Annandale. Permaneceu em Wamphray até depois da restauração de Carlos II. Pela posição conscienciosa e corajosa que assumiu contra a introdução da prelazia, foi cruelmente tratado e privado de seu benefício eclesiástico. Em 6 de novembro de 1662, compareceu perante o conselho, acusado de 'insultar e injuriar alguns ministros por participarem do sínodo diocesano com o arcebispo de Glasgow, chamando-os de patifes e vilões perjuros. Reconheceu que os chamara de patifes desleais por esse motivo, pois lhe haviam prometido o contrário. O conselho determinou que fosse mantido incomunicável na prisão municipal até novas ordens.'

Em consequência das severidades a que foi submetido, confinado numa cela úmida durante o inverno de 1662, viu-se levado a apresentar ao conselho uma petição na qual expunha 'que fora mantido preso e incomunicável pelas últimas cinco semanas e que, por falta de ar livre e de outras necessidades para conservar seu corpo debilitado, corria o risco de perder a vida; por isso, humildemente solicitava autorização para ser posto em liberdade, mediante caução de apresentar-se quando lhe fosse ordenado'. Os lordes do conselho 'determinam que o suplicante seja imediatamente libertado da prisão municipal, obrigando-se antes a retirar-se e deixar os domínios do rei, sem retornar sem licença de Sua Majestade e do conselho, sob pena de morte'. Era dura a alternativa; mas, em vez de definhar numa masmorra, preferiu despedir-se pela última vez de seu amado rebanho e de seus numerosos amigos na Escócia e partir para Roterdã, onde vários conhecidos já haviam buscado refúgio. Brown recebeu dois meses, a

contar de 11 de dezembro, para preparar sua partida definitiva da terra natal; na primavera de 1663, desembarcou no continente. Residiu parte do tempo em Utrecht e parte em Roterdã. Embora pregasse frequentemente nas duas cidades, nunca foi admitido como ministro de nenhuma congregação no exterior. Em 1673, a congregação inglesa de Middleburg, na Zelândia, desejava tê-lo como pastor. Permaneceu, entretanto, em Roterdã, onde, em 1676, foi apresentado como candidato ao lado do amigo sr. MacWard, quando o governo holandês generosamente concordou com a nomeação de um segundo ministro para a Igreja Escocesa naquela cidade. Ambos, homens de valor e capacidade comprovados, encontraram defensores ardorosos na congregação. O consistório, por maioria de votos, elegeu o sr. MacWard.

Brown foi extremamente útil em Roterdã. Auxiliava os ministros da Igreja Escocesa não só no púlpito, mas também nas visitas regulares aos fiéis. Por algum tempo desfrutou em paz da convivência cristã de seus irmãos expatriados e consolou, por seus escritos impressos e cartas particulares, os queridos amigos entre os quais então vivia, bem como aqueles que fora obrigado a deixar para trás. Essa paz, porém, logo foi perturbada pela indigna intervenção do rei Carlos. Ele exigiu dos Estados Gerais que expulsassem das Províncias Unidas o coronel Wallace, John Brown e Robert MacWard, por serem pessoas indesejáveis a Sua Majestade. Com grande relutância, os Estados intervieram nessa delicada questão e, conforme já expusemos amplamente na Vida do coronel Wallace, persuadiram esses três homens ilustres, mais do que os obrigaram, a deixar a Holanda. Isso ocorreu em fevereiro de 1677. Por um breve período ficaram na Alemanha; mas logo receberam permissão para atravessar de novo a fronteira holandesa e fixar residência nas proximidades de Utrecht.

O sr. MacWard, em correspondência com o conselho de presbíteros de sua igreja acerca de um sucessor, assim fala de Brown, que então vivia com ele em prudente recolhimento: ‘O Senhor permitiu que os homens vos roubassem o sr. Brown. Tenho a confiança de dizer que, pela reunião de grande erudição, solidez na fé, zelo ardente pelos interesses de Cristo e pelas almas dos homens, juntamente com sua incansável dedicação, quando já à beira da sepultura, consumindo a vida para dar luz aos outros e empregando os grandes dons recebidos na defesa da preciosa verdade, contestada e blasfemada pelos adversários, não conheço nenhum ministro vivo — embora com Ele esteja o restante do Espírito — que lhe pudesse ocupar o lugar caso fosse removido. E, pensem o que pensarem igrejas ou pessoas em particular, o sr. Brown faria falta à igreja de Deus neste momento, a ponto de os maiores homens que deixasse para trás se julgarem obrigados a lamentar sua ausência. Sim, digam os outros o que disserem, para mim não resta dúvida de que, se nosso cativeiro terminasse hoje, esse sr. Brown, agora afastado da congregação escocesa de Roterdã, seria escolhido por uma Assembleia Geral para ocupar o posto mais ilustre da Igreja da Escócia.’

No ano seguinte, Brown voltou a Roterdã e foi recebido de braços abertos por seus afeiçoados amigos. Sua permanência neste mundo já se aproximava do fim. Tendo ido a Amsterdã em visita, ali morreu no mês de setembro de 1679.

Pode-se afirmar de Brown, com a mais estrita verdade, que seu coração estava em sua obra.* Profundamente impressionado pela responsabilidade do ofício ministerial, parecia ser sempre seu grande e principal propósito cumprir fiel e afetuosamente os importantes deveres desse ofício. Em vez de contrariar os escrúpulos de consciência ou afrouxar sua firme adesão à causa sagrada, de bom grado ‘sofreu a perda de todas as coisas’; e, como muitos irmãos que pensavam do mesmo modo, suportou com mansidão e alegria numerosas indignidades e privações que um príncipe despótico cruelmente se comprazia em infligir por intermédio de emissários demoníacos. O trecho a seguir provém de um esboço de seu caráter escrito pelo sr. MacWard a um amigo na Escócia imediatamente após seu falecimento:†

‘Durante todo o tempo em que estivemos juntos no interior, observei que ele — tendo seu quarto exatamente acima do meu — se dedicava à oração e à comunhão com Deus tanto quanto qualquer pessoa que já observei, e até mais; de modo que minha estima por ele cresceu além da que já tinha,

embora eu tivesse boas razões para estimá-lo. Não havia então ministro vivo na Igreja da Escócia que eu colocasse na mesma classe que ele quanto a capacidade, firmeza, fidelidade e zelo puro conforme o conhecimento. E, para tudo resumir, devo dizer, ai de nós!, a testemunha da Igreja da Escócia, o homem que resistiu ao atual curso de deserção, o homem que, ao resistir aos adversários da verdade de todas as espécies e categorias, recebeu auxílio para agir valorosamente e foi capacitado a realizar proezas por seu Deus; o homem a quem os arqueiros — seus irmãos, quero dizer, pois eram eles os que manejavam o arco — amarguraram duramente, contra quem atiraram e a quem odiaram, mas cujo arco permaneceu firme e cujos braços foram fortalecidos até a sepultura; sim, pelas mãos do poderoso Deus de Jacó. Por mais odiosos que nos tornemos aos olhos daqueles que tanto odiaram um homem tão amado por seu Senhor e Mestre, quando se apresentarem as razões do que disse, assim como o Senhor pode, e espero que venha a preparar-me para suportar o peso além do fardo que já lançaram sobre meus ombros, também eles devem preparar-se para ouvir essas razões. E, meu amigo, autorizo-vos ainda a contar a quantos quiserdes que, embora alguns se comprazessem em divulgar que havia divergência e frieza entre nós, (porque muitos o desejam e gostariam que assim tivesse sido), aprouve ao Senhor conservar-nos, até que a morte agora nos separou, unidos em disposição e convicções em tudo quanto diz respeito à obra pública e aos interesses de Cristo; sim, mais unidos do que nunca.'

Brown era conhecido por sua erudição e fidelidade, seu zelo ardente e sua verdadeira piedade. Foi pregador capaz; na controvérsia, agudo, vigoroso e forte; na história, claro e abrangente; na teologia, substancioso e preciso. O primeiro aspecto se revela em sua obra latina contra os socinianos e no tratado De Causa Dei contra Anti-Sabbatarios, muito estimado pelos eruditos. Existe também uma extensa história manuscrita, intitulada Apologia pro Ecclesia, etc., anno Domini 1660, composta de 1.600 páginas em formato in-quarto, que ele entregou ao sr. Charles Gordon, outrora ministro em Dalmeny, para que este a apresentasse à primeira Assembleia Geral livre da Igreja da Escócia; e ela foi, com efeito, apresentada à Assembleia Geral de 1692. A Relação Apologética parece ser um resumo dessa história. Suas cartas e outros escritos, especialmente a história da Indulgência, escritos e enviados à sua terra natal, manifestam seu grande e fervoroso zelo pela causa de Cristo. Suas outras obras práticas, como a que trata da Justificação; a que versa sobre Romanos; O Quaquerismo, Caminho para o Paganismo; A Esperança da Glória; Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida; a primeira e a segunda partes de A Vida da Fé; e O Testamento de Enoque Exposto, etc., testemunham todas sua sólida piedade e seu verdadeiro conhecimento de Deus e da vida piedosa.

Os holandeses tinham em alta conta os conhecimentos teológicos de Brown. Os professores Leydecker e Spanheim e os senhores Borstius, á Brakel e Koelman, distintos teólogos daquele país, eram seus amigos íntimos; por meio de seus louvores e trabalhos, tanto conjuntos quanto individuais, contribuíram para a ampla difusão dos competentes tratados de religião prática que Brown escreveu durante o exílio. Não é nossa intenção analisar os numerosos livros de sua autoria. Podemos mencionar aqui, como fato não muito conhecido, que vários de seus escritos mais populares circularam na Holanda alguns anos antes de ser impressos em inglês, graças à tradução do sr. James Koelman, que obteve os manuscritos do autor e os verteu para o holandês com extrema fidelidade. Vimos sete edições dessa versão estrangeira de Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida, de Brown, e diversas tiragens de algumas de suas outras obras, que continuam apreciadas na Holanda. Esse homem eminente é repetidamente chamado, no registro da Igreja Escocesa de Roterdã, de 'laborioso auxiliar' na causa de seu divino Mestre. Se nossos limites o permitissem, de bom grado nos estenderíamos sobre sua reconhecida erudição, sua capacidade e o zelo singular pelos quais se distinguiu tanto em Wamphray quanto em Roterdã. Cultivemos devotamente sua memória! Pela graça de Deus ele foi o que foi; e, ao estudar os escritos e a vida de Brown, não podemos deixar de admirar sua piedade esclarecida e desejar ardentemente segui-lo, assim como ele seguiu a Cristo.*

HENRY HALL DE HAUGH-HEAD

O PERSONAGEM desta breve memória era natural da paróquia de Eckford, em Tiviotdale. Tendo recebido educação religiosa, começou muito cedo a buscar uma vida de santidade, em toda espécie de conduta piedosa. Na juventude, opôs-se com grande zelo às resoluções públicas adotadas em 1651; tanto que, quando o ministro de Eckford aderiu àquele rumo, recusou-se a ouvi-lo e passou a ir frequentemente a Ancrum, para ouvir o sr. John Livingstone. Após a restauração de Carlos II, assediado pelas perseguições maliciosas dos curas e de outros adversários por sua não conformidade, viu-se obrigado a deixar a terra natal e a ir para a Inglaterra, em 1665, onde se tornou singularmente útil na propagação do evangelho, instruindo os ignorantes e conseguindo ministros que pregassem entre o povo, que antes de sua chegada era muito rude e inculto. Em 1666, foi feito prisioneiro quando se dirigia a Pentland para auxiliar seus irmãos unidos pela Aliança e, com alguns outros, encarcerado no castelo de Cessford. Pela providência divina, porém, logo escapou graças ao favor de seu amigo, o conde de Roxburgh, seu parente, a quem pertencia então o castelo. Retirou-se em seguida para Northumberland, onde viveu desde essa época até 1679, muito amado por todos os que o conheciam, em razão de seu cuidado e solicitude em propagar o evangelho de Cristo naquela região; sua vida e conduta irrepreensíveis lhe granjearam amor, reverência e estima até mesmo entre os inimigos. Por volta de 1678, a severidade da perseguição na Escócia obrigou muitos a vaguear por Northumberland, enquanto um certo coronel Struthers perseguia violentamente todos os escoceses por aqueles lugares. Haugh-head esteve presente na escaramuça perto de Crookham, na qual tombou Thomas Kerr de Hayhop, um de seus amigos mais íntimos, cavalheiro valente e religioso. Em consequência disso, foi obrigado a voltar à Escócia, onde vagou de um lugar para outro no auge da perseguição, quase sempre na companhia do sr. Donald Cargill e do sr. Richard Cameron. Durante esse período, além de suas muitas outras virtudes cristãs, destacou-se pelo zelo ardente na defesa do evangelho perseguido nos campos. Foi um dos quatro presbíteros da Igreja da Escócia escolhidos, no conselho de guerra de Shawhead-muir, em 18 de junho de 1669, juntamente com os srs. Cargill, Douglas, King e Barclay, para redigir 'As Causas da Ira do Senhor contra a Terra', destinadas a servir de motivo para um jejum no dia seguinte. Teve, com efeito, participação ativa na maior parte dos acontecimentos entre os Covenanters daquela época, na qualidade de um dos oficiais de comando de seu exército, desde a escaramuça de Drumclog até a derrota em Bothwell-bridge.

Depois disso, tendo sido declarado despojado de seus direitos e intensamente procurado e perseguido, viu-se forçado, para escapar das mãos violentas de seus incansáveis perseguidores, a atravessar para a Holanda — então o único refúgio de nossos escoceses perseguidos. Não permanecera ali muito tempo, porém, quando seu zelo pela causa perseguida de Cristo e sua terna solidariedade com o remanescente aflito de seus irmãos unidos pela Aliança, que então erravam na Escócia por cavernas desoladas e covis da terra, o atraíram de volta ao lar. Preferiu suportar todo o rigor da fúria dos perseguidores a viver em conforto no tempo da aflição de José; fez a generosa escolha de Moisés, que preferiu a aflição com o povo de Deus ao gozo momentâneo dos prazeres terrenos. Tampouco se preocupava demasiado com as riquezas deste mundo: não hesitou em ceder suas terras para nelas se realizarem pregações ao ar livre,* quando poucos ou ninguém mais o faria; pois sempre foi verdadeiro amante do evangelho pregado livre e fielmente e sempre se opôs à Indulgência.

Cerca de três meses após regressar da Holanda, esteve quase todo o tempo com o sr. Cargill, ocultando-se tão discretamente quanto podiam nos arredores de Borrowstounness e em outros lugares de ambos os lados do estuário do Forth. Por fim, chamaram a atenção daqueles dois cães sanguinários, os curas de Borrowstounness e Carriden, que logo farejaram o paradeiro do sr. Cargill e de seu companheiro e imediatamente enviaram informações a Middleton, governador do castelo de Blackness, que era papista. Após uma consulta, ele iniciou prontamente a perseguição e, tendo ordenado aos soldados que o seguissem a distância para não levantar suspeitas, cavalgou com seu criado atrás deles até Queensferry. Ao perceber a casa onde haviam parado, despachou o criado às pressas para buscar seus homens;

depois de deixar o cavalo em outra casa, aproximou-se deles como um desconhecido e, fingindo grande amizade por ambos, pediu o prazer de tomar com eles uma taça de vinho. Depois que cada qual bebeu uma taça e travavam uma conversa amistosa, o governador, impaciente com a demora de seus homens, tirou a máscara e agarrou-os, dizendo que eram seus prisioneiros e ordenando às pessoas da casa, em nome do rei, que o ajudassem. Todas se recusaram, exceto um certo Thomas George, criado da casa, com cuja ajuda conseguiu fechar o portão. Nesse ínterim, Haugh-head, homem corajoso e ágil, lutou arduamente com o governador até que Cargill escapasse; e, depois da luta, quando também se retirava, tendo-se desvencilhado do governador, Thomas George atingiu-lhe a cabeça com uma carabina e o feriu mortalmente. Ainda assim, conseguiu sair; e então as mulheres da cidade, que se haviam reunido junto ao portão para resgatar os prisioneiros, conduziram-no para fora. Caminhou algum tempo a pé, mas quase não falou, exceto para fazer uma breve censura a uma mulher cuja intervenção o impedira de matar o governador — o que muito teria facilitado sua fuga. Por fim, desmaiou e foi levado a uma casa de campo perto de Echlin; embora cirurgiões tenham sido chamados depressa, nunca mais recuperou a fala. Dalziel, que morava nas proximidades, logo foi informado do acontecido e veio rapidamente com um destacamento da guarda prendê-lo. Embora todos vissem que o cavalheiro estava prestes a morrer, tamanha foi a desumanidade de Dalziel que o mandou levar para Edimburgo. Ele, porém, morreu no caminho, encerrando sua peregrinação terrena para receber a coroa celestial. Seu cadáver foi levado à prisão municipal de Canongate, onde permaneceu três dias sem sepultura; mesmo então, embora seus amigos se reunissem para esse fim, não obtiveram permissão. Por fim, fizeram-no sepultar clandestinamente à noite; tal era a fúria daqueles membros do anticristo que, depois de matar as testemunhas, não lhes permitiam sequer um enterro digno — outra prova duradoura da crueldade daqueles tempos.

Assim, esse digno cavalheiro, depois de haver servido eminentemente a seu tempo e a sua geração, caiu vítima da fúria prelatícia. Quando foi preso, encontrou-se consigo um esboço grosseiro de um documento não assinado, depois chamado Documento de Queensferry, que o leitor encontrará reproduzido integralmente na História de Wodrow, vol. II, Apêndice, n.º 56; sua substância consta da História de Crookshank e do Apêndice de Nuvem de Testemunhas.

RICHARD CAMERON

ESTE dedicado homem digno nasceu em Falkland, no condado de Fife, onde seu pai era comerciante. A princípio professava a doutrina episcopal; mas, depois de concluir seus estudos, foi por algum tempo mestre-escola e precentor do cura de Falkland. Às vezes assistia aos sermões dos ministros beneficiados pela Indulgência, quando tinha oportunidade; mas por fim aprouve ao Senhor incliná-lo a sair para ouvir a pregação ao ar livre. Sabendo disso, os curas procuraram fazê-lo desistir, em parte por lisonjas, em parte por ameaças e, finalmente, por perseguição mais direta. Tão maravilhosa, porém, foi a obra do Senhor nele, mediante seu poderoso Espírito, que, tendo alcançado uma viva percepção do pecado e do perigo da prelazia, abandonou inteiramente os curas; pois, tão logo se esclareceu acerca do mal da prelazia, começou a investigar mais de perto a situação, para saber qual era seu dever próprio e necessário. Aprouve ao Senhor revelar-lhe a pecaminosidade da Indulgência, que procedia da supremacia eclesiástica usurpada pelo rei; e, zeloso pela honra de Cristo, ansiava por toda oportunidade de dar testemunho contra o reconhecimento erastiano do poder usurpado pelo magistrado sobre a igreja. Isso o levou a deixar Falkland e ir ter com Sir Walter Scott de Harden, que frequentava as reuniões dos ministros beneficiados pela Indulgência. Ali aproveitou a ocasião, apesar de muitas fortes tentações em contrário, para testemunhar, na posição que ocupava, contra a Indulgência. Em particular, num domingo, ao ser chamado a acompanhar a senhora à igreja, voltou da entrada, recusando-se a ir naquele dia; passou-o em seu quarto, onde experimentou muito da presença do Senhor, conforme ele próprio testemunhou depois, e recebeu revelações muito claras da natureza daquelas tentações e sugestões de Satanás, que antes ameaçavam vencê-lo. Na segunda-feira, quando explicou ao referido Sir

Walter e à sua esposa por que não fora à igreja com eles, aproveitou a ocasião para testemunhar de maneira franca e expressa contra a origem e a natureza da Indulgência. Depois disso, percebendo que seus serviços já não lhes seriam aceitáveis, ele seguiu para o sul, onde encontrou o reverendo Sr. John Welch. Permaneceu algum tempo em sua companhia, e o Sr. Welch, achando-o em todos os aspectos qualificado para o ministério, insistiu em que aceitasse uma licença para pregar. Cameron, contudo, recusou-a por algum tempo, pois, tendo adquirido percepção tão clara da pecaminosidade da Indulgência, previa que lhe caberia testemunhar explicitamente contra ela, quando tivesse oportunidade de pregar o evangelho em público. Mas, tendo o Sr. Welch respondido à força de suas objeções com insistentes e sérias solicitações, ele se deixou persuadir a aceitar a licença dos ministros destituídos, que então pregavam ao ar livre e ainda não haviam aderido à Indulgência. Assim, foi licenciado pelo Sr. Welch e pelo Sr. Semple em Haugh-head, em Tiviotdale, na casa de Henry Hall. Ali lhes disse que seria entre eles motivo de contenda, pois, se pregasse contra um pecado nacional existente em seu meio, pregaria contra as Indulgências e em favor da separação dos beneficiados por elas.

Depois de receber a licença, enviaram-no primeiro para pregar em Annandale. Ele perguntou como poderia ir até lá, pois não sabia que espécie de gente ali havia. Mas o Sr. Welch disse: — Siga seu caminho, Ritchie, e ponha o fogo do inferno nos calcanhares deles? Ele foi, e no primeiro dia pregou sobre o texto: — "Como te porei entre os filhos", etc. Na aplicação, disse: "Pôr-vos entre os filhos, descendência de assaltantes e ladrões; muitos já ouviram falar dos ladrões de Annandale!" Alguns deles foram tocados misericordiosamente naquele dia e contaram depois que aquela fora a primeira reunião ao ar livre a que jamais tinham comparecido, e que haviam ido por curiosidade, para ver como um ministro poderia pregar numa tenda, com as pessoas sentadas no chão. Depois disso, pregou diversas vezes com o Sr. Welch, o Sr. Semple e outros, até 1677, quando ele e o Sr. Welwood foram chamados perante aquela assembleia erastiana em Edimburgo para serem depostos, por sua franqueza e fidelidade ao pregar contra a pecaminosa conformação daquele tempo.

Depois disso pregou em Maybole, onde se reuniram muitos milhares de pessoas, por ser a primeira vez que ali se ministrava o sacramento da Ceia do Senhor ao ar livre.* Nessa ocasião, falou com muito maior franqueza ao testemunhar contra a pecaminosidade das Indulgências, razão pela qual foi chamado perante outra assembleia dos ministros beneficiados em Galloway; pouco depois, foi novamente chamado perante um presbitério deles, em Sundewall, em Dunscore, em Nithsdale. Era a terceira vez que pretendiam cassar-lhe a licença. Foi ali que Robert Gray, um nortúmbrio que mais tarde padeceu em Grassmarket, em 1682, Robert Nelson e outros protestaram contra eles por tal conduta. Naquela reunião, conseguiram que prometesse abster-se por um breve período de pregar de modo tão explícito contra a Indulgência e em favor da separação dos que haviam sido beneficiados por ela; tal promessa pesou-lhe profundamente depois, como se verá no devido lugar.

Depois de fazer essa promessa e perceber que, em virtude dela, estava impedido de declarar todo o conselho de Deus, tornou-se um tanto melancólico. Para deixar transcorrer o período estipulado pela promessa, no fim do ano de 1678 passou à Holanda, onde conviveu com o Sr. MacWard e outros de nossos homens dignos exilados. Em suas conversas particulares e nos cultos domésticos, mas sobretudo em seu sermão público na Igreja Escocesa de Roterdã, proporcionou grande refrigério a muitas almas. Nesse sermão tratou principalmente da conversão, tendo por texto: — "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos darei descanso." Seu sermão foi satisfatório e agradável tanto ao Sr. MacWard quanto ao Sr. Brown e a outros, que haviam sido tristemente mal informados pelos ministros beneficiados quanto a seu caráter e sua maneira de pregar; pois, naquela ocasião, não tocou em questões públicas relativas à igreja, exceto na oração, quando lamentou a condição deplorável da Escócia em razão da apostasia e da tirania.

Por esse tempo, o Sr. MacWard lhe disse: — Richard, o estandarte público caiu agora na Escócia; e, se entendo algo da vontade do Senhor, és chamado a submeter-te diante de nós aos exames para o ministério. Portanto, volta para casa, ergue o estandarte caído e desfralda-o publicamente diante do

mundo; mas, antes de pores a mão nele, procura tantos ministros dos campos — pois assim ainda eram chamados — quantos puderes encontrar e convida-os de coração a acompanhar-te; e, se não quiserem ir, vai sozinho, e o Senhor irá contigo!

Assim, foi ordenado pelo Sr. MacWard, pelo Sr. Brown e por Roleman, célebre teólogo holandês. Quando os outros retiraram as mãos de sua cabeça, o Sr. MacWard manteve a sua e exclamou: — Eis, todos vós que aqui estais, a cabeça de um fiel ministro e servo de Jesus Cristo, que a perderá pela causa de seu Mestre, e ela será exposta perante o sol e a lua, à vista do mundo!

No começo de 1680, voltou à Escócia, onde passou algum tempo procurando aqueles ministros que antes haviam mantido erguido o estandarte público do evangelho nos campos, mas tudo em vão; pois a perseguição após Bothwell era então tão intensa contra todos os que não tinham aceitado a Indulgência e a anistia que nenhum deles ousou correr tal perigo, com exceção de Donald Cargill e Thomas Douglas. Estes se reuniram e observaram um dia público de jejum em Darmeid-muir, entre Clydesdale e Lothian; uma das principais razões foi a recepção, na Escócia, do duque de York, aquele vassalo jurado do anticristo, depois de ter sido excluído da Inglaterra e de vários outros lugares. Após se reunirem várias vezes para redigir uma declaração e testemunho, chegaram enfim a um acordo quanto a um texto, publicado na cruz do mercado de Sanquhar em 22 de junho de 1680; por essa circunstância, é comumente chamado de Declaração de Sanquhar[21]. Depois disso, foram obrigados por algum tempo a separar-se e ir a diferentes partes do país, não só em razão do chamado urgente e da necessidade do povo, que então padecia de extrema fome da pregação livre e fiel do evangelho, mas também por causa da infatigável perseguição movida pelo inimigo. Para maior incentivo dos perseguidores, uma proclamação oferecera 5.000 merks pela captura de Cameron, 3.000 pela do Sr. Cargill e do Sr. Douglas, e 100 por cada um dos demais envolvidos na publicação da referida declaração.

Depois da separação, Cameron foi a Swine-knowe, em New Monkland, onde teve um dia de grande confirmação e consolo, ao pregar sobre aquele texto que refrigera as almas: — “E um homem será como esconderijo contra o vento e abrigo contra a tempestade; como rios de águas em lugar seco; como a sombra de uma grande rocha em terra exausta.” Em sua introdução, disse estar plenamente certo de que o Senhor, por misericórdia para com esta igreja e nação, varreria do trono da Grã-Bretanha aquela desditosa linhagem de nome Stuart, por sua perfídia e tirania, mas sobretudo por usurpar as prerrogativas régias de Cristo; e disso estava tão certo quanto de ter as mãos sobre aquele pano; sim, ainda mais certo, pois este último fato lhe era dado pelos sentidos, e o primeiro, pela fé.

Quando foi pregar nas proximidades de Cumnock, encontrou muita oposição dos senhores de propriedade de Logan e Horsecleugh, que o apresentavam como homem de mau caráter e jesuíta. Ainda assim, alguns do povo do Senhor, que haviam conservado sua antiga fidelidade, convidaram-no a pregar naquela paróquia. Ao começar, exortou as pessoas a se lembrarem de que estavam à vista e na presença de um Deus santo e de que todas se apressavam rumo a um estado eterno de bem-aventurança ou desventura. Um certo Andrew Dalziel, que se encontrava na casa, pois era um dia de tempestade, gritou: “Senhor, não conhecemos nem a vós nem ao vosso Deus!” Cameron, após breve reflexão, disse: — Tu e todos os que não conhecerdes meu Deus em sua misericórdia o conhecereis em seus juízos, que sobrevirão súbita e surpreendentemente a vós dentro de poucos dias; e eu, como servo enviado de Jesus Cristo, cuja comissão trago e cuja insígnia ostento no peito, vos advirto e vos deixo à justiça de Deus! Assim, poucos dias depois, o referido Andrew, estando em perfeita saúde, tomou um copioso desjejum e, antes de se levantar, começou a vomitar, lançando o sangue do próprio coração no mesmo recipiente de que se servira para comer, e morreu de modo assustador. Esse episódio de advertência, juntamente com o poder e a presença do Senhor que acompanhavam o evangelho ministrado por Cameron durante o pouco tempo em que ali esteve, levou os dois referidos senhores de propriedade a desejar uma conversa

21 Nota desta edição: Proclamação pública dos dissidentes presbiterianos em Sanquhar, em 1680, que rejeitou a autoridade de Charles II no contexto das perseguições.

com ele, à qual prontamente anuiu. Depois disso, viram-se obrigados a reconhecer que o haviam difamado e pediram seu perdão. Ele disse que, de coração, lhes perdoava as ofensas cometidas contra si; mas, quanto às que haviam cometido contra os interesses de Cristo, não lhe cabia perdoá-las, acrescentando estar persuadido de que seriam castigados de maneira notável por isso. Ao senhor de Logan disse que seria registrado como homem sem filhos; ao de Horsecleugh, que padeceria pelo fogo — ambas as coisas aconteceram depois.

No dia quatro de julho seguinte, dezoito dias antes de sua morte, pregou à margem do Grass-water, perto de Cumnock. Em sua introdução naquele dia, disse: — Há três ou quatro coisas que vos devo dizer hoje, e que não posso omitir, pois em breve serei apenas um desjejum ou uma refeição da tarde para o inimigo, em algum dia próximo; então minha obra e meu tempo estarão terminados. 1. Quanto ao rei Carlos II, que agora ocupa o trono da Grã-Bretanha, depois dele não haverá na Escócia rei coroado de nome Stuart.* 2. Não haverá sobre a terra a cabeça de um velho Covenanter que jurou estas alianças de mãos erguidas, antes que se estabeleça na Escócia uma verdadeira reforma. 3. Um homem poderá cavalgar um dia inteiro pelos condados de Galloway, Ayr e Clydesdale sem ver uma casa de cuja chaminé saia fumaça nem ouvir o canto de um galo, antes que venha uma verdadeira reforma; e vários outros condados não estarão muito melhores. 4. A vara que o Senhor empregará como instrumento nisso serão os franceses e outros estrangeiros, juntamente com um grupo desta terra que a eles se unirá; mas vós, que naquele dia permanecereis fiéis ao testemunho, não desanimeis por serdes poucos; pois, quando Cristo vier levantar sua própria obra na Escócia, não lhe faltarão homens para trabalhar por ele.

Na semana seguinte, pregou na paróquia de Carluke sobre estas palavras: “Será tirada do poderoso a presa, ou libertado o cativo legítimo?” No domingo seguinte, em Hind-Bottom, perto de Crawfordjohn, pregou sobre estas palavras: “Não quereis vir a mim para terdes vida.” Durante o sermão foi visto chorando, assim como a maior parte dos ouvintes, de sorte que poucas faces enxutas havia na assembleia. Daí até o dia de sua morte, manteve fechada a porta de seu quarto quase sempre até a noite; pois a dona da casa onde estava hospedado, tendo batido diversas vezes, não obteve permissão para entrar. Por fim, forçou a porta e, encontrando-o muito melancólico, insistiu em saber como ele se achava. Ele disse: — Aquela penosa promessa que fiz àqueles ministros pesou sobre mim, e por causa dela meu cadáver adubará o ermo, e não tardará! Estando já perto do fim, recebera tão abundante penhor do Espírito que, ansiando pela posse plena da herança celeste, raramente orava em família, pedia uma bênção ou dava graças sem rogar paciência para esperar o tempo determinado pelo Senhor.

O último domingo em que pregou foi com o Sr. Cargill, em Clydesdale, sobre estas palavras: “Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus; serei exaltado entre as nações, serei exaltado na terra.” Naquele dia disse ter certeza de que o Senhor ergueria contra o anticristo um estandarte que chegaria às portas de Roma e a queimaria com fogo; que “sangue” seria seu sinal, e “sem quartel”, sua palavra de ordem; e desejava ardentemente que isso começasse na Escócia. Ao se separarem, combinaram encontrar-se no segundo domingo seguinte em Craigmead; mas Cameron foi morto na quinta-feira subsequente. No domingo posterior, o Sr. Cargill pregou na paróquia de Shotts sobre o texto: — “Não sabeis que caiu hoje em Israel um príncipe e um grande homem?”

Na última noite de sua vida, esteve na casa de William Mitchell de Meadowhead, junto ao rio Ayr, onde cerca de vinte e três homens a cavalo e quarenta a pé haviam permanecido com ele naquela semana. Naquela manhã, uma mulher lhe deu água para lavar o rosto e as mãos. Depois de lavá-los e enxugá-los com uma toalha, olhou para as mãos e as levou ao rosto, dizendo: — Esta é a última lavagem delas; preciso deixá-las limpas, pois muitos as verão! Ao ouvir isso, a mãe da mulher chorou, e ele lhe disse: — Não chores por mim, mas por ti e pelos teus, e pelos pecados de uma terra pecadora, pois tendes diante de vós muitos dias melancólicos, tristes e penosos.

As pessoas que haviam permanecido com ele hesitavam entre ficar reunidas para se defender e dispersar-se, cada qual buscando salvar-se. Mas naquele dia, 22 de julho, foram surpreendidas por

Bruce de Earlshall, que, tendo recebido o comando da tropa de Airley e dos dragões de Strachan, graças à informação que lhe dera Sir John Cochran de Ochiltree,* lançou-se furiosamente contra eles por volta das quatro horas da tarde, quando se encontravam na extremidade oriental de Ayr's-Moss. Ao avistarem a aproximação do inimigo e perceberem que era impossível fugir, todos se reuniram em torno de Cameron, enquanto ele proferia uma breve oração na qual repetiu três vezes estas palavras: — Senhor, poupa os verdes e leva os maduros! Terminada a oração, disse a seu irmão com grande intrepidez: — Vamos, lutemos até o fim; pois este é o dia pelo qual anseio há muito tempo, e o dia pelo qual orei: morrer combatendo os inimigos declarados de nosso Senhor. É hoje que receberemos a coroa! E aos demais disse: — Animai-vos todos a combater valorosamente até o fim, pois para todos vós que cairdes hoje vejo abertas as portas do Céu para vos receber.

Mas, aproximando-se o inimigo, dispuseram imediatamente oito cavaleiros com Cameron à direita, os restantes com o valente Hackston à esquerda e os homens a pé no centro. Todos se portaram com muita bravura, até serem vencidos por forças numericamente superiores. Por fim, Hackston foi feito prisioneiro, como se narrará mais amplamente adiante. Cameron morreu no lugar, e um tal Murray lhe cortou a cabeça e as mãos e as levou a Edimburgo. O corpo sem cabeça foi lançado numa cova em Ayr's Moss. Num outeiro verdejante no pântano, uma simples lápide assinala sua sepultura. Solenes recordações têm sido muitas vezes despertadas junto ao túmulo de Cameron, e palavras sublimes pronunciadas naquele lugar sagrado. Ali, pouco depois, Peden se sentou. Ergueu mansamente os olhos ao céu e exclamou: “Ah, estar com Ritchie!” Peden também teve sua ampla cota de aflições e, quando estas terminaram, suas cinzas enfim repousaram não longe das de Cameron.

Cameron em Airsmoss.

Estando seu pai preso pela mesma causa, levaram-lhe a cabeça e as mãos para acrescentar dor à sua aflição anterior, perguntando se as reconhecia. Tomando a cabeça e as mãos do filho, que eram muito claras — pois era homem de tez clara, como ele próprio —, beijou-as e disse: — Reconheço, reconheço-as; são de meu filho, de meu próprio filho querido. É o Senhor; boa é a vontade do Senhor, que não pode fazer injustiça nem a mim nem aos meus, mas fez a bondade e a misericórdia nos acompanharem todos os nossos dias! Depois disso, por ordem do Conselho, a cabeça de nosso homem digno foi afixada no portão de Nether-bow, e suas mãos ao lado, com os dedos voltados para cima.

Assim chegou ao fim esse valente soldado e ministro de Jesus Cristo, depois de ter servido de instrumento, em alto grau, não só para conduzir muitas almas a Deus, mas também para erguer um estandarte fiel em favor de seu real Senhor e Mestre, contra todos os inimigos deste e contra as apostasias e conformações pecaminosas daquele tempo. Um dos declarados inimigos dele e de Cristo, ao olhar sua cabeça em Edimburgo, deu-lhe este testemunho: — Ali estão a cabeça e as mãos de um homem que viveu orando e pregando e morreu orando e lutando. E onde quer que se faça honrosa menção às fiéis lutas da outrora célebre igreja aliancista da Escócia, isso será registrado em sua honra.

Depois de morto, encontraram com ele um breve documento, ou pacto de defesa mútua, que o leitor encontrará reproduzido na História de Wodrow e no Apêndice de Nuvem de Testemunhas. Algumas de suas cartas estão agora publicadas na Coletânea de Cartas do Sr. Renwick, mas o único sermão seu anteriormente impresso é aquele pregado em Carluke, intitulado Boas Notícias para a Escócia, publicado em 1733. Escreveu também Em Defesa da Declaração de Sanquhar, mas não temos notícia de sua publicação. Mais alguns de seus sermões foram recentemente apresentados ao público.

DAVID HACKSTON DE RATHILLET

DIZ-SE que David Hackston de Rathillet, em Fifeshire, não deu, na juventude, sinal algum de sentimento religioso, até que aprouve ao Senhor, em sua infinita bondade, incliná-lo a ouvir o evangelho então pregado nos campos. Em consequência disso, tornou-se tão verdadeiro convertido que, após madura

reflexão sobre os pontos controversos dos princípios religiosos daquele período, abraçou afinal aquela nobre causa pela qual posteriormente padeceu, com firme resolução de permanecer, na vida e na morte, ao lado do desprezado e perseguido povo de Jesus Cristo, de sua causa e de seus interesses.

Hackston não parece ter-se distinguido por nenhuma atuação pública até 3 de maio de 1679, quando o encontramos, com outros oito cavalheiros, à procura de um certo Carmichael, a quem o arcebispo havia incumbido de hostilizar e perseguir, tanto quanto pudesse, todos os que encontrasse no condado de Fife por sua não conformidade. Não o encontrando, já prestes a abandonar a busca, providencialmente depararam com seu próprio arqui-inimigo. Assim que divisaram a carruagem dele, um dos homens disse: “Parece que o Senhor o entregou em nossas mãos”; e propôs que escolhessem um chefe cujas ordens os demais obedeceriam. Hackston foi então escolhido comandante, mas recusou, pois havia entre Sharp e ele uma disputa em processo civil, na qual julgava ter sido prejudicado pelo primaz; temia que tal ato desse ao mundo motivo para pensar que procedia de rancor e vingança pessoais. Escolheram então outro, alcançaram a carruagem, fizeram o bispo sair e o feriram. Quando este caiu no chão, mandaram-no orar; mas ele, em vez disso, vendo Rathillet a alguma distância — pois este jamais descera do cavalo —, arrastou-se até ele de mãos e pés e disse: “Senhor, sei que sois um cavalheiro; haveis de proteger-me.” Ao que Hackston respondeu: “Nunca levantarei a mão contra vós.” Por fim, o bispo foi morto; depois disso, cada qual aprovou ou condenou o ato conforme a própria inclinação. Entretanto, toda a responsabilidade foi atribuída a ele e a seu cunhado, Balfour de Kinloch, embora não tivesse tomado parte ativa no feito.

Por volta do fim daquele mesmo mês de maio, para não faltar à causa do Senhor em nenhuma emergência, Hackston, com alguns amigos de Fifeshire, uniu-se a uns poucos Covenanters em Evandale. Ali, depois que ele e o Sr. Hamilton redigiram a declaração posteriormente chamada Declaração de Rutherglen, foi com o Sr. Douglas à cruz do mercado daquela mesma cidade no dia do aniversário, 29 de maio; apagaram as fogueiras e publicaram o referido testemunho. Voltaram a Evandale, onde foram atacados por Claverhouse em primeiro de junho, perto de Dromclog. Nessa ocasião Hackston foi designado um dos oficiais comandantes — sendo o Sr. Hamilton o comandante-em-chefe — e comportou-se com grande valor e bravura na escaramuça. Depois disso, Hackston foi instrumento muito útil entre aquele remanescente fiel, como atestam seus repetidos protestos contra o partido corrupto e erastiano. Também participou ativamente da maior parte de seus atos públicos, até aquele dia fatal, 22 de junho, em que ele e sua tropa de cavalaria foram os últimos a permanecer no campo de batalha em Bothwell-bridge.

Mas, tendo esse digno e religioso cavalheiro sido declarado rebelde contra o rei — embora não fosse rebelde contra o Rei de Sião —, e tendo sido emitida uma proclamação que oferecia recompensa de 10.000 merks a quem denunciasse ou prendesse a ele ou a qualquer dos envolvidos na morte do arcebispo de St. Andrew's, foi obrigado a manter-se afastado por cerca de um ano. Durante esse tempo não deixou de assistir à pregação do evangelho nos campos, onde quer que pudesse ouvi-lo pregado com fidelidade. Não era de esperar, contudo, que isso continuasse por muito tempo; assim, em 22 de julho de 1680, depois de passar alguns dias com o pequeno grupo que acompanhava o Sr. Richard Cameron em Ayr's-Moss, foram surpreendidos por Bruce de Earlshall, pela tropa de Airley e pelos dragões de Strachan.

Sendo o comandante-em-chefe daquele pequeno destacamento, ao ver o inimigo aproximar-se depressa, cavalgou para longe, seguido dos demais, a fim de assegurar uma posição vantajosa; mas, constatando que isso era impossível, voltaram e formaram rapidamente a linha, com oito cavaleiros à direita, quinze à esquerda e os homens a pé, mal armados, no centro. Perguntou então se todos estavam dispostos a lutar e, recebendo resposta favorável, ambos os exércitos avançaram. Um forte destacamento da cavalaria inimiga investiu contra eles; nossos cavaleiros dispararam, matando e ferindo vários inimigos, tanto a cavalo quanto a pé. Então avançaram até defrontar-se com o inimigo e, após dispararem e receberem tiros, Hackston, que estava à frente e percebeu a cavalaria atrás de si em desordem, galopou

para o meio deles, mas escapou ileso. Todavia, atacado por vários homens com quem lutou por longo tempo, acabou atolando-se num pântano; o primeiro dos perseguidores, um tal Ramsay, velho conhecido, seguiu-o para dentro dele e, estando ambos a pé, combateram algum tempo com espadas curtas, sem grande vantagem de qualquer lado. Por fim, ao se atracarem, Hackston foi derrubado por três dragões que, vindo por trás, o feriram gravemente na cabeça. Em seguida, foi levado com os demais prisioneiros à retaguarda, onde todos foram qualificados* como homens bravos e resolutos. Depois foi conduzido a Douglas e dali a Lanark, onde Dalziel ameaçou assá-lo vivo por não se satisfazer com suas respostas. A seguir, ele e outros três prisioneiros foram levados a Edimburgo, onde, por ordem do Conselho, foram recebidos pelos magistrados no Watergate. Hackston foi posto no dorso nu de um cavalo, voltado para trás; os outros três foram deitados sobre uma barra de ferro e conduzidos rua acima, precedidos pela cabeça do Sr. Cameron numa alabarda, até o pátio do Parlamento. Ali Hackston foi apeado e os demais foram soltos das amarras pelas mãos do carrasco.

Foi imediatamente levado perante o Conselho, onde o chanceler leu sua acusação e o interrogou. Como esse interrogatório e as respostas que deu se acham reproduzidos integralmente em outra parte†, basta aqui observar que, ao lhe perguntarem se considerava homicídio a morte do bispo, respondeu que não estava obrigado a responder a semelhantes perguntas; ainda assim, não a chamaria de homicídio, mas diria antes que não o era. Perguntaram-lhe também se reconhecia a autoridade do rei, e ele respondeu: — Embora não esteja obrigado a responder, visto que me é permitido falar, direi algo a respeito: 1. Não pode haver autoridade legítima senão a que vem de Deus, e nenhuma autoridade estabelecida em oposição direta a Deus pode vir de Deus; não conheço hoje, nestas nações, autoridade nem poder judiciário algum que não se encontre em oposição direta a Deus; portanto, nenhum deles pode provir de Deus nem ser legítimo. Seus frutos o demonstram, pois livram da justiça assassinos, feiticeiros e outros semelhantes, empregam-nos a seu serviço e fazem de sua inteira ocupação oprimir, matar e destruir o povo do Senhor. O bispo Paterson perguntou: “Alguma vez Cristo recusou reconhecer como juízes Pilatos e aquele tribunal, que eram seus inimigos diretos?” Ao que ele disse: “Não responderei a nenhum prelado perjuro desta nação.” Paterson replicou: “Não se pode chamar-me perjuro, pois jamais jurei aquela Aliança sacrílega.” Hackston respondeu: “Deus reconhecerá aquela Aliança quando nenhum de vós restar para se lhe opor.” Apesar dessas respostas ousadas, francas e abertas, ameaçaram torturá-lo; ele, porém, as desprezou inteiramente.

Levado novamente perante o Conselho no dia 20, suas respostas tiveram quase o mesmo teor. O chanceler chamou-o de homem vicioso; ele respondeu “que, enquanto o fora, tinha sido bem aceito por ele; agora, tendo mudado, a situação era outra”. Perguntaram-lhe se, “caso fosse posto em liberdade, defenderia aquela causa com seu sangue”; respondeu “que os pais de ambos a haviam defendido antes dele, com risco do próprio sangue”. Então todos o chamaram de assassino. Ele respondeu “que Deus decidiria entre eles, a quem remetia a questão de quem eram, aos olhos dele, os maiores assassinos”. Numa conversa, o irmão do bispo Paterson lhe disse que todo o Conselho considerava que ele tinha grandes dotes e também boa linhagem. Hackston disse que, quanto à origem, era aparentado com os melhores do reino, coisa a que atribuía pouca importância; quanto aos dotes, eram muito pequenos; contudo, confiava tanto na bondade da causa pela qual estava preso que, se fizessem a Deus a justiça de permitir que a causa fosse debatida, não duvidava de que poderia defendê-la contra todos os que se manifestassem em contrário.

No dia 27 foi levado perante o tribunal criminal, onde recusou a autoridade do rei, por ser usurpador da prerrogativa do Filho de Deus e, com isso, ter envolvido a terra em idolatria, perjúrio e outras maldades; também recusou os membros daquele tribunal, por exercerem sob o rei o poder supremo sobre a igreja, usurpado de Jesus Cristo. Por isso não ousava, por consentimento próprio, reconhecê-los como juízes competentes, considerando-os inimigos abertos e declarados do Deus vivo e pretendentes ao seu trono e poder, que pertencem somente a ele.

No dia 29 foi levado a julgamento, ocasião em que o Conselho, de maneira absolutamente sem precedentes, determinou a forma de sua execução, pois bem sabia que os juízes o declarariam culpado. Na sexta-feira, dia 30, quando o trouxeram novamente à presença deles e perguntaram se tinha mais alguma coisa a dizer, respondeu: — O que disse, eu selarei. Disseram-lhe então que tinham algo a lhe comunicar, ordenando que se sentasse para ouvir sua sentença. Ele obedeceu, mas ao mesmo tempo lhes disse que todos eram assassinos, pois tudo quanto possuíam provinha da tirania; e que, nos anos passados, não só haviam tiranizado a igreja de Deus, mas também esmagado o rosto dos pobres; de modo que opressão, perjúrio e sangue derramado manchavam as abas de suas vestes.

Foi então retirado do tribunal e arrastado de costas numa grade até o local da execução, junto à cruz de Edimburgo. A ninguém se permitiu acompanhá-lo, exceto a dois magistrados municipais, ao carrasco e a seus ajudantes. Foi-lhe permitido orar a Deus, mas não falar ao povo. Ao chegar ao cadafalso, cortaram-lhe a mão direita e, pouco depois, a esquerda; suportou tudo com grande firmeza e constância. Como o carrasco demorasse a cortar a direita, pediu-lhe que golpeasse a articulação da esquerda. Feito isso, foi içado por uma roldana ao alto da forca e deixado cair de altura considerável sobre o cadafalso inferior, por três vezes e com todo o peso do corpo, sendo depois preso ao alto da forca. Em seguida, o carrasco abriu-lhe o peito com uma grande faca e arrancou-lhe o coração antes que estivesse morto, pois ainda se movia ao cair sobre o cadafalso. O monstro então cravou nele a faca e o exibiu ao povo de todos os lados, gritando: “Eis o coração de um traidor!” Por fim, lançou-o a uma fogueira preparada para esse fim e, tendo esquartejado o corpo, afixou-lhe a cabeça no Nether Bow; um quarto do corpo, com as mãos, em St. Andrew's; outro em Glasgow; o terceiro em Leith; e o quarto em Burntisland. — Assim caiu esse defensor da causa de Cristo, sacrificado à fúria prelatícia para satisfazer a cobiça e a ambição de homens perversos e sanguinários. Mas a memória de Hackston ainda vive; é difícil determinar se nele se sobressaíram mais a coragem, a constância ou a fidelidade.

ROBERT KER DE KERSLAND

O protagonista desta breve memória, nascido e educado numa família muito religiosa, começou cedo a demonstrar zelo pela religião acima do comum. Sua primeira aparição pública ocorreu em 1666, por volta de 26 de novembro, quando ele, Caldwell e alguns outros cavalheiros de Renfrew se reuniram e marcharam para leste, a fim de unir-se ao coronel Wallace e àquele pequeno punhado de homens que renovara as Alianças em Lanark. Tendo sabido que o general Dalziel já se interpusera entre eles e seus amigos, foram obrigados a dispersar-se. Isso não podia escapar ao conhecimento das autoridades; pois o senhor de propriedade de Blackstown, um dos seus, mediante promessa de perdão, denunciou os demais e garantiu a própria segurança acusando o vizinho. — Mas não teve disso motivo para se gabar depois.

Depois disso, Kersland foi obrigado a afastar-se e, no ano seguinte, foi condenado à perda da vida e dos bens. Sua propriedade foi dada ao tenente-general Drummond de Cromlie, e suas terras em Beith a William Blair de Blair; eles as detiveram injustamente até a Revolução.*

Depois disso, para esquivar-se da tempestade, passou à Holanda e escolheu morar com a família em Utrecht, onde gozava da vantagem de ouvir o evangelho e de excelente convívio. Ali permaneceu quase três anos. Como seus amigos, porém, julgavam necessário que voltasse para resolver alguns negócios, se possível, sua esposa chegou ao país no fim de 1669; ele veio pouco depois. Contudo, para sua indescritível tristeza, ao chegar a Edimburgo descobriu que ela estava enferma na casa de uma mulher amiga dos perseguidos. Embora ele se hospedasse em lugar mais reservado e só costumasse visitar a esposa à noite, um tal Cannon de Mardrogate, que ainda não havia de todo tirado a máscara — pelo menos sua traição e apostasia não tinham sido descobertas —, soube do fato e informou o chanceler. Imediatamente obtiveram de Lauderdale, que então estava na cidade, ordens para revistar a casa, sob o pretexto de que o Sr. Welch realizava reuniões religiosas no quarto da senhora Kersland; mas seu

verdadeiro alvo era o próprio Kersland, como se verá adiante. Veio, pois, um destacamento e, não encontrando reunião alguma, estava prestes a retirar-se, quando um tal Murray de Mardrogate, informado precisamente de que, quando alguém entrava no quarto à noite, Kersland costumava esconder-se atrás de uma cama, declarou, com uma tocha na mão que providenciara para esse fim, que precisava revistar o quarto. Foi diretamente para trás da cama, trouxe-o para fora e ordenou-lhe que entregasse suas armas. Kersland lhe disse que não tinha outra arma senão a Bíblia, que trazia então na mão — espetáculo que naqueles tempos bastava para condená-lo. Ao despedir-se dele, sua esposa mostrou grande calma e serenidade, exortando-o a nada fazer que ferisse sua consciência por consideração a ela ou aos filhos, e repetiu este texto da Escritura: — "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o reino de Deus."

Foi levado sem demora à casa da guarda e dali à Abadia, onde alguns membros do Conselho se haviam reunido naquela mesma noite para interrogá-lo. Quando o trouxeram perante eles, perguntaram-lhe sobre a legitimidade do levante em Pentland; respondeu sem rodeios que era legítimo e que o considerava um dever, pelo que foi imediatamente encarcerado. Ao sair, o chanceler censurou-o pelo que se passara entre ele e a esposa, mas Kersland suportou-o com grande paciência.

Permaneceu preso em Edimburgo por quase três meses, após os quais foi enviado ao castelo de Dumbarton, onde ficou confinado por cerca de um ano e meio. Mais tarde foi mandado a Aberdeen e ali permaneceu três meses em estrito confinamento, sem fogo para se aquecer, no auge do inverno. De Aberdeen foi levado ao castelo de Stirling, onde o detiveram por alguns anos. Foi enviado pela segunda vez a Dumbarton e ali mantido até outubro de 1677. Durante os severos sofrimentos a que Ker foi submetido por uma longa série de anos, sua constância permaneceu inabalável. Pela graça de Deus, pôde conservar sua lealdade à causa perseguida de Cristo a tal ponto que os máximos rigores da prisão não conseguiram arrancar-lhe uma única queixa. Como Paulo e Silas, cantava louvores a Deus em meio à escuridão de sua masmorra, certo de que Deus por fim lhe proporcionaria a libertação. Por isso, recebeu com o coração alegre as ordens, nessa ocasião, de mudar-se para Irvine, bem como a permissão de levar consigo a família, que se achava então em Glasgow; concederam-lhe, porém, apenas pouco tempo para transportar-se com ela até aquele lugar.

Em Glasgow, muitos amigos e conhecidos vieram visitá-lo; mas, na própria noite em que reviu a família depois de tão longa e penosa ausência, enquanto caminhava na companhia da senhora Caldwell e de seus familiares, foi preso por um destacamento da guarda municipal e mantido sob custódia até o dia seguinte. O oficial comandante o teria soltado, mas não ousou fazê-lo antes de consultar o arcebispo. Infelizmente, a resposta à consulta foi desfavorável e ele recebeu ordem imediata de ir para a prisão municipal. O arcebispo montou a cavalo pouco depois, rumo a Edimburgo; a senhora Kersland o seguiu, para evitar, se possível, que se transmitissem informações falsas. — Nesse meio-tempo, irrompeu um incêndio em Glasgow, e, como a prisão municipal estava em perigo e os magistrados se recusavam a libertar os presos, os habitantes da cidade favoráveis à causa arranjaram escadas compridas e os puseram em liberdade, entre eles Kersland, após oito anos de confinamento. Passada a agitação, ele se inclinou a entregar-se outra vez, mas, ouvindo de sua esposa quais eram as intenções do arcebispo, permaneceu escondido durante todo aquele inverno.* Na primavera e no verão seguintes, juntou-se aos ministros perseguidos, ouviu o evangelho pregado nos campos e participou de celebrações da Ceia, em particular da de Maybole. Por volta do começo do outono de 1678, voltou a Utrecht, onde permaneceu até o dia de sua morte.

Quando se aproximava sua partida, estando com ele seu querido conhecido Sir Robert Hamilton, este lhe sugeriu que talvez fosse preservado, como outro Calebe, para ver a boa terra depois que passasse a tempestade. Entre suas últimas palavras, Ker lhe disse: "Que é o homem diante do Senhor? Sim, que é uma nação? É como a gota de um balde ou o pó miúdo da balança; sim, menos do que nada e vaidade. Mas isto posso dizer com humildade: que, pela livre graça, procurei guardar o posto que Deus me designou. Durante estes catorze anos, não desejei erguer um pé antes que Deus me mostrasse onde

colocar o outro." E assim, poucos minutos depois, completou sua carreira com alegria e adormeceu em Jesus em 14 de novembro de 1680, deixando a esposa e cinco filhos em terra estrangeira.

Seria supérfluo deter-nos aqui no caráter do três vezes renomado Ker. É evidente para todos que era homem de grande espírito, muito acima de uma disposição servil e mercenária. — Durante vários anos, foi levado às pressas de um lugar a outro e conduzido sob guarda de uma prisão a outra. Tudo isso, porém, suportou com coragem intrépida. — Perdeu uma boa propriedade pela causa de Cristo; e, embora não tenha recebido a coroa do mártir, sem dúvida obteve a recompensa daquele que sofre pela fé.

DONALD CARGILL

Não se conhece exatamente a data do nascimento de Cargill, mas supõe-se que tenha ocorrido por volta do ano de 1610. Era o filho mais velho de uma família muito respeitada da paróquia de Rattray. Depois de passar algum tempo na escola em Aberdeen, foi para St. Andrews, onde, tendo concluído seu curso de filosofia, seu pai muito insistiu para que estudasse teologia, com vistas ao ministério; ele, porém, por motivos de consciência, recusava-se constantemente, dizendo ao pai que a obra do ministério era um fardo pesado demais para seus ombros frágeis. Mas, persistindo o pai em instá-lo, resolveu reservar um dia para o jejum em particular, a fim de buscar nisso a vontade do Senhor. E, depois de muito lutar com o Senhor em oração, o terceiro capítulo de Ezequiel, sobretudo estas palavras do primeiro versículo: 'Filho do homem, come o que achares; come este rolo e vai falar à casa de Israel', causou profunda impressão em seu espírito, de sorte que já não ousou recusar o desejo do pai, mas se dedicou inteiramente àquele ofício.

Depois disso, recebeu um chamado para a igreja de Barony, em Glasgow. Pela divina providência, aconteceu que o primeiro texto que o presbitério lhe designou foram precisamente aquelas palavras do terceiro capítulo de Ezequiel, já mencionadas, o que mais o confirmou na certeza de que Deus o chamara à obra ministerial. Aquela paróquia estivera vaga por muito tempo, pois dois ministros do partido da Resolução, a saber, os senhores Young e Blair, sempre se haviam oposto à instalação de homens piedosos chamados pelo povo. No caso do chamado de Cargill, porém, pela providência de Deus, ficaram muito abalados em suas antigas resoluções. Percebendo o comportamento leviano e indiferente do povo sob a pregação da Palavra, Cargill ficou tão desanimado que resolveu voltar para casa e não aceitar o chamado. Os ministros lhe pediram que ficasse, mas em vão. Quando, porém, trouxeram seu cavalo e ele estava prestes a iniciar a viagem, certa mulher piedosa lhe disse: 'Senhor, prometestes pregar na quinta-feira; preparastes uma refeição para pobres famintos e agora ireis embora sem lhes servir essa refeição? Se assim fizerdes, a maldição de Deus vos acompanhará.' Isso o comoveu tanto que não ousou partir como pretendia; antes, sentando-se, pediu a ela e aos demais que orassem por ele. Assim, permaneceu e foi estabelecido naquela paróquia, onde continuou a exercer seu ministério com grande êxito, até que, com a infeliz Restauração de Carlos II, o governo episcopal foi novamente restaurado.

No dia 29 de maio seguinte, consagrado à comemoração da referida Restauração, coube a Cargill pregar em sua própria igreja — era o dia habitual de sua pregação durante a semana —, e uma multidão incomum veio ouvi-lo, imaginando que ele pregaria em conformidade com a solenidade. Logo, porém, se desenganaram; pois, ao subir ao púlpito, disse: 'Não viemos aqui observar este dia pelo motivo por que outros o observam. Houve tempo em que pensávamos bendizer o dia em que o rei voltou para casa, mas agora julgamos que teremos razão para amaldiçoá-lo; e, se algum de vós veio aqui para solenizar este dia, desejamos que se retire.' E, discorrendo sobre as palavras do capítulo 9 de Oseias, 'Não te alegres, ó Israel', etc., disse: 'Este é o primeiro passo de nosso afastamento de Deus; e, se algum dentre o povo do Senhor hoje se alegra, sua alegria será como o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela; logo se converterá em pranto. Ele — referindo-se ao rei — será a visão mais lastimável que a pobre Igreja da

Escócia jamais contemplou. Ai, ai, ai dele! Seu nome há de feder enquanto o mundo durar, por traição, tirania e lascívia!'

Isso enfureceu sobremaneira o partido maligno contra ele, de modo que foi obrigado a esconder-se, ficando às vezes em casas particulares e outras vezes passando a noite inteira ao relento; contudo, nunca negligenciou ocasião propícia para pregar em particular, catequizar, visitar famílias e cumprir outros deveres ministeriais. Tendo as igrejas sido todas esvaziadas de presbiterianos por um ato do conselho, em 1662, Middleton enviou um destacamento de soldados para prender Cargill. Com esse propósito, eles foram à igreja, mas não o encontraram, pois providencialmente ele acabara de sair por uma porta um minuto antes que entrassem pela outra; então levaram consigo as chaves da porta da igreja e partiram. Nesse meio-tempo, o conselho promulgou uma ordem de confinamento, banindo-o para o lado norte do Tay, sob pena de prisão e processo como sedicioso — mas ele desconsiderou essa sentença.

Em outubro de 1665, fizeram uma busca pública por ele na cidade; informado disso, montou a cavalo e saiu da cidade. Numa passagem estreita do caminho, encontrou vários soldados, um dos quais lhe perguntou: 'Senhor, que horas são?' Cargill respondeu: 'São seis.' Outro, reconhecendo-lhe a voz, disse: 'Este é o homem que procuramos.' Ao ouvir isso, esporeou o cavalo e escapou.

Durante cerca de três anos, costumava residir na casa de certa Margaret Craig, mulher muito piedosa, onde expunha as Escrituras de manhã e à noite àqueles que vinham ouvi-lo; e, embora se mantivesse uma busca rigorosa por ele, a bondade da Providência lhe permitiu evitar que o descobrissem. Num domingo, indo a Woodside para pregar, quando já ia montar, com um pé no estribo, voltou-se para seu criado e disse: 'Hoje não devo ir para lá' — e, pouco depois, um grupo de inimigos veio à sua procura; mas, não encontrando quem buscavam, voltaram-se contra o povo, prendendo e encarcerando vários deles.

Em outra ocasião, quando se fez uma busca por Cargill na cidade, foram ao seu quarto, mas não o encontraram, pois por sorte ele estava então em outra casa. Certo dia, enquanto pregava em particular na casa do senhor Callander, vieram e cercaram as portas, mas as pessoas o colocaram, com outro homem, no vão de uma janela, que fecharam com livros. A busca foi tão rigorosa que vasculharam até o forro da casa, até que um dos soldados caiu através do piso do sótão inferior. Se tivessem retirado um só dos livros, certamente o teriam encontrado. Mas o Senhor dispôs que não o fizessem; pois, quando um dos soldados ia pegar um deles, a criada gritou ao comandante que o homem estava prestes a levar os livros de seu patrão, e ele recebeu ordem de deixá-los em paz. Assim escapou por pouco desse perigo.

Assim prosseguiu até 23 de novembro de 1667, quando o conselho, informado de que ele violara o confinamento, intimou-o a comparecer perante seus membros em 11 de janeiro seguinte. Tendo sido preso, foi levado perante o conselho e rigorosamente interrogado; mas, pela intervenção de algumas pessoas de posição — seus amigos e parentes de sua esposa —, foi dispensado. Voltou imediatamente a Glasgow, onde desempenhou todos os deveres ministeriais em sua própria igreja como antes, apesar da diligência com que os perseguidores o procuravam.

Algum tempo antes de Bothwell, apesar das buscas rigorosas e frequentes que o inimigo empreendia, pregou publicamente durante dezoito domingos a auditórios de vários milhares de pessoas, a pouco mais de um quarto de milha da cidade de Glasgow; sim, tão perto que os salmos cantados eram ouvidos em várias partes da cidade; e, durante todo esse tempo, não sofreu interrupção.

Em Bothwell, capturado pelo inimigo e derrubado ao chão por um golpe de espada, não vislumbrava senão a morte iminente, pois já recebera vários ferimentos perigosos na cabeça. Um dos soldados perguntou-lhe o nome; respondeu que era Donald Cargill; outro perguntou se era ministro; respondeu que sim, e então esse soldado o deixou ir. Ao lhe examinarem os ferimentos, receou perguntar se eram mortais, desejando, em submissão a Deus, viver, por julgar que o Senhor ainda tinha mais trabalho para ele realizar.

Algum tempo depois da batalha de Bothwell, foi perseguido desde seu quarto até fora da cidade e obrigado a atravessar várias sebes espinhosas; mal saíra, porém, quando avistou uma tropa de dragões bem à sua frente. Não podia voltar, pois havia soldados postados por toda parte para capturá-lo; por isso, avançou até perto da tropa, cujos homens olharam para ele, e ele para eles, até conseguir passar. Mas, chegando ao ponto do rio onde pretendia atravessar, avistou outra tropa parada na margem oposta, cujos homens o chamaram. Sem responder, subiu cerca de uma milha ao longo do rio e escapou, pregando no domingo seguinte em Langside sem qualquer interrupção. Em outra ocasião, estando numa casa cercada de soldados, passou pelo meio deles, que o tomaram pelo dono da casa.*

Algum tempo depois do início do ano de 1680, retirou-se em direção ao estuário do Forth, onde permaneceu até a escaramuça de Queensferry, na qual o digno Haugh-head foi morto e Cargill ficou gravemente ferido. Mas, tendo escapado, foi encontrado por uma mulher num lugar retirado ao sul da cidade; ela lhe atou os ferimentos com seu toucado e o conduziu à casa de certo Robert Ponton, em Carlowrie, onde um cirurgião os tratou. A senhora Ponton lhe deu um pouco de leite quente, e ele passou a noite no celeiro da família. De lá foi para o sul e pregou em Cairnhill, em algum lugar próximo a London, ainda ensanguentado e ferido; pois nenhum perigo podia impedi-lo de andar fazendo o bem. Seu texto foi Hebreus 11:32: 'E que mais direi? Pois me faltaria o tempo para contar de Gideão', etc. À noite, algumas pessoas lhe disseram: 'Parece-nos, senhor, que pregar e orar vos saem melhor quando o perigo e a aflição são maiores.' Ele respondeu que assim fora e esperava que assim continuasse; quanto mais os inimigos e outros o impeliam para fazê-lo cair, tanto mais sensivelmente o Senhor o auxiliava; então, por ter sido essa a sua própria experiência, repetiu estas palavras: 'O Senhor é minha força e meu cântico, e se tornou minha salvação', do Salmo 118, que foi o salmo que cantou no cadafalso.

Depois disso, Cargill e o senhor Richard Cameron se encontraram e pregaram juntos em Dermeid-moor e outros lugares, até que o senhor Cameron foi morto em Ayr's-moss; então Cargill seguiu para o norte, onde, no mês de setembro seguinte, realizou uma reunião numerosíssima em Tor-wood, perto de Stirling. Ali pronunciou a sentença de excomunhão contra alguns dos mais violentos perseguidores daquele tempo, com toda a formalidade que as circunstâncias então permitiam. Algum tempo antes disso, diz-se que era muito reservado e falava muito pouco em companhia; apenas a algumas pessoas disse que tinha de fazer soar, com a trombeta que o Senhor pusera em suas mãos, um toque que ressoaria aos ouvidos de muitos na Grã-Bretanha e também em outros lugares da Europa. Diz-se* que ninguém sabia o que ele faria naquela manhã, exceto o senhor Walter Smith, a quem confiara seus pensamentos. Quando começou, alguns amigos temeram que o matassem a tiros. Seu hospedeiro, em cuja casa passara a noite, tirou o casaco e fugiu correndo. Pela manhã, ele fez a exposição de Ezequiel 21:25 e seguintes e pregou sobre 1 Coríntios 5:13; depois de discorrer por algum tempo sobre a natureza da excomunhão, proferiu a sentença. À tarde, pregou sobre Lamentações 3:31–32: 'Pois o Senhor não rejeitará para sempre', etc.

No domingo seguinte, pregou em Fallow-hill, na paróquia de Livingstone. De início, disse: 'Sei que sou e serei condenado por muitos por ter excomungado aqueles homens perversos; mas condene-me quem quiser, sei que tenho a aprovação de Deus e estou persuadido de que o que fiz na terra foi ratificado no céu. Pois, se alguma vez conheci a vontade de Deus e tive clareza quanto ao meu chamado a alguma parte da obra de minha geração, foi nessa ocasião. E vos darei dois sinais, para saberdes que não estou iludido. 1.º — Se alguns desses homens não sentirem o peso dessa sentença sobre si antes de saírem de cena, e não forem obrigados a confessá-lo, etc. 2.º — Se esses homens morrerem a morte comum dos homens, então Deus não falou por meu intermédio.'†

Por volta de 22 de outubro seguinte, publicou-se contra ele e seus seguidores uma proclamação longa e severa, na qual se oferecia uma recompensa de 5.000 marcos por sua captura. No mês seguinte, o governador Middleton, frustrado em seu intento contra Cargill em Queensferry, tramou outra cilada, consultando ali certo James Henderson, que falsificou e assinou cartas em nome do bailio Adam, de Culross, e de alguns outros cristãos fervorosos de Fife, pedindo a Cargill que viesse pregar-lhes no Hill of

Beith. Henderson foi então a Edimburgo com as cartas e, depois de uma busca muito diligente, encontrou-o em West Bow. Cargill dispunha-se a atender ao chamado, e Henderson se ofereceu para ir à frente e deixar um barco pronto em Queensferry quando chegassem; e, para poder reconhecê-los, pediu para ver uma peça do vestuário de Cargill, estando na mesma sala os senhores Skeen e Boig. Enquanto isso, mantinha os soldados de Middleton em Muttonhole, a cerca de três milhas de Edimburgo. O senhor Skeen, Archibald Stuart, a senhora Muir e Marion Harvey tomaram a dianteira a pé; Cargill e o senhor Boig os seguiriam a cavalo. Assim que os primeiros chegaram perto, os soldados os avistaram; mas a senhora Muir, suspeitando de traição, voltou e deteve Cargill e o senhor Boig, que fugiram de volta para Edimburgo.

Depois dessa fuga notável, Cargill, vendo por toda parte as chamas violentas da traição voltadas contra si, retirou-se por cerca de três meses para a Inglaterra, onde o Senhor abençoou seu trabalho para o convencimento e a edificação de muitos. Durante sua ausência, surgiu aquela ilusão dos gibbistas, iniciada por certo John Gib, marinheiro de Borrowstounness, que, com outros três homens e vinte e seis mulheres, inventou e sustentou as mais estranhas ilusões. Algum tempo depois, Cargill voltou da Inglaterra e muito se empenhou em reconduzi-los, mas com pouco êxito. Após sua última conferência com eles,* em Darngavel, na paróquia de Cambusnethan, foi no domingo seguinte pregar no bosque de Kirkfieldbank, abaixo de Lanark, e dali seguiu para Loudon Hill, onde pregou num dia de jejum, em 5 de maio. Ali pretendia pregar apenas uma vez e batizar algumas crianças. Seu texto era: 'Ninguém que me tenha seguido na regeneração', etc. Terminado o sermão e batizadas as crianças, chegaram outras; então seus amigos insistiram para que pregasse à tarde, o que fez, sobre estas palavras: 'Não choreis por mim', etc. Enquanto isso, o inimigo em Glasgow, ao receber notícia da reunião, tomou todos os cavalos que conseguiu encontrar na cidade e em seus arredores e partiu montado em sua busca. Tanta era a pressa e a fúria que um dos soldados, que ficara atrás dos demais, galopando furiosamente pela rua chamada Stock-well ao meio-dia, atropelou uma menina e a matou no mesmo instante. Quando Cargill estava justamente orando ao encerrar a reunião, um rapaz os alertou da aproximação do inimigo. Como naquele dia, contrariamente ao costume, não haviam postado sentinelas, foram tomados de súbito sobressalto; e, na confusão, Cargill corria diretamente ao encontro do inimigo, quando Gavin Wotherspoon e outros o puxaram para o pântano, para onde todo o povo fugira. Os dragões dispararam intensamente contra eles; mas naquele dia ninguém foi morto nem capturado.

Por essa época, algumas pessoas falaram a Cargill da brevidade de seus sermões e orações. Disseram: 'Ó senhor, o intervalo entre as refeições é longo, e estamos famintos; tudo o que nos ofereceis é bom, doce e salutar, mas por que nos dais tão pouco?' Ele respondeu: 'Desde que me ajoelhei pela primeira vez para orar com toda a sinceridade, jamais ousei pregar nem orar valendo-me apenas de meus dons; e, quando meu coração não está comovido e não acompanha minha boca, sempre julgo que é hora de parar. Tenho pouca esperança de que aquilo que não vem do coração chegue ao coração dos outros.' Então repetiu estas palavras do Salmo 51: 'Então ensinarei aos transgressores o teu caminho', etc.

De Loudon Hill fez um percurso por Ayrshire até Carrick e Galloway, pregando, batizando e celebrando o casamento de algumas pessoas; mas não demorou muito antes de voltar a Clydesdale. Depois do retorno, planejou pregar certo dia em Tinto-hill, mas a senhora de St. John's Kirk espalhou a notícia de que seria em Home common. Estando na casa de John Liddel, perto de Tinto, saiu para passar a manhã de domingo sozinho; e, vendo as pessoas passarem, perguntou o motivo. Ao lhe contarem, levantou-se e as seguiu por cinco milhas. Ali expôs o capítulo 6 de Isaías e pregou sobre estas palavras: 'Não te ensoberbeças, mas teme', etc. Isso aconteceu no auge do verão, e muitas pessoas já estavam reunidas quando ele chegou, de modo que só teve tempo de tomar o único refrigério que recebeu naquele dia: um gole de água de um riacho, servido a ele na boina azul de um velho. Assim simplesmente revigorado, pregou o dia inteiro e, no decorrer do sermão, lançou um olhar muito fatigado para Tinto-hill, exclamando que temia que muitos lugares da Escócia viessem ainda a ficar tão ermos quanto aquela colina desolada.

No domingo seguinte, pregou em Benry-bridge, entre Clydesdale e West Lothian, na paróquia de Carnwath ou na de West Calder. Ali expôs o capítulo 3 de Zacarias, sobre Josué em pé diante do anjo, e pregou sobre o Salmo 45:3: 'Cinge a espada à tua coxa, ó Poderosíssimo, com a tua glória e a tua majestade.' De Benry-bridge foi para Fife, batizou muitas crianças e pregou apenas um domingo nas colinas de Lomond. Dali voltou apressadamente a Clydesdale e chegou a Benty-ridge, em Cambusnethan, onde o esperavam dois amigos enviados pelas sociedades de Galloway para chamá-lo de volta a fim de batizar. No domingo seguinte à sua partida da referida Benty-ridge, pregou em Auchingilloch. Depois retornou para pregar seu último sermão em Dunsyre common, entre Clydesdale e Lothian, sobre este texto, Isaías 26:20: 'Vem, povo meu, entra nos teus aposentos e fecha as portas sobre ti; esconde-te como que por um breve momento, até que passe a indignação.'

Em alguma hora daquela noite, persuadido pelos senhores Smith e Boig, acompanhou a senhora de St. John's Kirk até Covington-mill, à casa de certo Andrew Fisher. Nesse meio-tempo, James Irvine de Bonshaw, munido de uma comissão geral, marchou de Kilbride com um grupo de dragões e, na manhã seguinte, ao nascer do sol, chegou a St. John's Kirk. Depois de vasculhar o lugar, foi com o mesmo propósito à casa de certo Thomson, e então chegou a Covington-mill, onde prendeu Cargill junto com os senhores Smith e Boig. Ao encontrá-los, o facínora exclamou: 'Ó bendito Bonshaw! E bendito o dia em que nasci, por ter encontrado tamanha recompensa! Uma recompensa de 5.000 marcos por prender Cargill nesta manhã!' Marcharam rapidamente até Lanark, onde os prisioneiros foram postos na cadeia até receberem algum alimento; então, tirando-os dali às pressas, conseguiram cavalos e os colocaram sobre os dorsos sem sela. Bonshaw amarrou pessoalmente os pés de Cargill sob o ventre do cavalo, com tanta crueldade que Cargill, olhando para baixo, disse: 'Por que me amarrais tão apertado? Grande é a vossa maldade. Não escapareis por muito tempo ao justo juízo de Deus; e, se não me engano, ele vos alcançará neste mesmo lugar.' Isso de fato aconteceu no ano seguinte, pois, depois que Bonshaw recebeu esse preço de sangue, um de seus companheiros, num acesso de fúria, atravessou-o com uma espada em Lanark; e suas últimas palavras foram: 'Que D———s c———e minha alma eternamente, pois estou perdido!' — 'A desgraça perseguirá o homem violento.'

Chegaram depressa a Glasgow, temendo que os prisioneiros fossem resgatados; e, enquanto esperavam na cadeia municipal que viessem os magistrados recebê-los, certo John Nisbet, administrador do arcebispo, disse três vezes a Cargill, em tom de escárnio: 'Dar-nos-eis mais uma palavra?' — aludindo a uma expressão que Cargill às vezes empregava ao pregar. Cargill respondeu-lhe pesaroso: 'Não escarneças, para que tuas cadeias não se tornem mais fortes! Vem o dia em que não terás uma só palavra a dizer, ainda que queiras.' Isso também logo se cumpriu; pois, poucos dias depois, ele adoeceu subitamente e, por três dias, teve a língua inchada; embora desejasse ardentemente falar, não conseguiu pronunciar uma só palavra, e morreu em grande tormento e aparente terror.

De Glasgow foram levados a Edimburgo e, no dia 15 de julho, compareceram perante o conselho. O chanceler Rothes — um dos que Cargill excomungara em Torwood — enfureceu-se contra ele e ameaçou-o com tortura e morte violenta. Cargill lhe disse: 'Meu senhor Rothes, abstende-vos de me ameaçar, pois, seja qual for a morte que eu tiver, vossos olhos não a verão.' Assim de fato aconteceu, pois Rothes morreu na manhã do mesmo dia em que Cargill foi executado.

Perante o conselho, perguntaram-lhe 'se reconhecia a autoridade do rei', ao que respondeu 'que negava a autoridade do magistrado tal como então estabelecida por ato do Parlamento e por ato explicativo'. Interrogado também acerca da excomunhão em Torwood, recusou-se a responder, por se tratar de matéria eclesiástica, sendo eles um tribunal civil. Reconheceu a legitimidade de tomar armas em defesa própria em casos de necessidade, e negou que aqueles que se levantaram em Bothwell, etc., fossem rebeldes; interrogado acerca da Declaração de Sanquhar, recusou-se a emitir juízo até ter mais tempo para considerar seu conteúdo. Declarou ainda que não podia exprimir sua opinião a respeito da morte do bispo; mas que as Escrituras dizem que, quando o Senhor chama um homem particular a matar, este

pode fazê-lo legitimamente; e apresentou os exemplos de Jael e Fineias. Esses foram os pontos mais relevantes acerca dos quais foi interrogado.*

Enquanto estava preso, uma senhora que o visitava lhe disse, chorando, 'que aqueles inimigos que desafiavam o Céu tramavam para ele uma morte das mais violentas: uns, um barril cheio de lanças no qual o fariam rolar; outros, uma cadeira de ferro em brasa na qual o fariam rolar', etc. Mas ele disse: 'Nem vós nem qualquer membro do povo do Senhor vos perturbeis com essas coisas; pois tudo o que terão licença para me fazer será atar-me à forca, cortar a corda e decepar esta minha velha cabeça; então, adeus a eles. Terão acabado comigo, e eu com eles, para sempre.'

Cargill foi novamente levado perante o conselho no dia 19, mas recusou-se a responder às perguntas, exceto às relativas à excomunhão. Alguém propôs poupá-lo, por ser homem idoso, e mandá-lo prisioneiro para o Bass pelo resto da vida; submetida a proposta à votação, foi rejeitada pelo voto de desempate do conde de Rothes, que o condenou à forca, onde deveria morrer como traidor.

No dia 26, foi levado perante o tribunal criminal e acusado na forma habitual. Tendo sua confissão sido apresentada como prova contra ele, foi declarado culpado de alta traição e condenado, com os demais, a ser enforcado na Cruz do Mercado de Edimburgo, devendo sua cabeça ser exposta em Nether Bow. Quando chegaram a estas palavras de sua acusação, a saber, 'tendo abandonado todo o temor de Deus, etc.', fez o escrivão parar e, apontando para o advogado da Coroa, Sir George M'Kenzie, disse: 'O homem que mandou redigir esse documento o fez contra a luz da própria consciência, pois sabe que temo a Deus desde a infância; mas esse homem, digo eu, que tomou a Bíblia Sagrada nas mãos e declarou que nada iria bem nesta terra enquanto esse livro não fosse destruído, etc., esse, digo eu, é o homem que abandonou todo o temor de Deus.' O advogado enfureceu-se, mas não pôde negar que fosse verdade.

Quando lhe anunciaram a sentença ao som de trombeta, disse: 'É um som penoso; mas o som da última trombeta será jubiloso para mim e para todos os que forem encontrados revestidos da justiça de Cristo.'

Ao chegar ao cadafalso, pôs-se de costas para a escada e pediu a atenção dos numerosos espectadores; depois de cantar a partir do versículo 16 do Salmo 118, começou a dirigir-se a três classes de pessoas. Interrompido, porém, pelo tambor, disse com o semblante sorridente: 'Vedes que não temos liberdade para falar o que gostaríamos, mas Deus conhece nossos corações.' Quando prosseguiu, foi novamente interrompido. Então, após uma breve pausa em silêncio, começou a exortar o povo e a manifestar o consolo que sentia ao entregar a vida na certeza de uma eternidade bem-aventurada, exprimindo-se nestes termos: 'Agora estou tão seguro quanto tudo o que está nesta Bíblia e o Espírito de Deus me podem assegurar de que tenho parte em Cristo e paz com Deus; e estou plenamente persuadido de que este é precisamente o caminho pelo qual sofro, e de que ele voltará gloriosamente à Escócia; mas isso será terrível para muitos. Portanto, rogo-vos: não desanimeis diante do caminho de Cristo e da causa pela qual estou prestes a entregar a vida e a entrar na eternidade, onde minha alma estará tão repleta dele quanto possa desejar; e este é agora o dia mais doce e mais glorioso que meus olhos jamais viram. Os inimigos agora se enfurecem contra o caminho e o povo de Deus, mas, em breve, se enfurecerão uns contra os outros, para sua própria ruína.' Aqui os tambores soaram pela terceira vez. Então, pondo o pé na escada, disse: 'O Senhor sabe que subo esta escada com menos medo e perturbação de espírito do que jamais senti ao subir ao púlpito para pregar.' Quando chegou ao alto, sentou-se e disse: 'Agora estou perto de receber a coroa, que é certa; por isso bendigo o Senhor e desejo que todos vós o bendigais por me haver trazido aqui e me feito triunfar sobre demônios, homens e o pecado. Já não me ferirão. Perdoo a todos os homens as ofensas que me fizeram e oro para que os que sofrem sejam guardados do pecado e ajudados a conhecer seu dever.' Então, tendo orado um pouco consigo mesmo, ergueu o lenço e disse: 'Adeus a todos os parentes e amigos em Cristo; adeus aos conhecidos e aos prazeres terrenos; adeus à leitura e à pregação, à oração e à fé, às peregrinações, à ignomínia e aos sofrimentos! Bem-vindos, Pai, Filho e Espírito Santo; em tuas mãos entrego o meu espírito!' Depois orou um pouco, e o carrasco o fez cair enquanto ainda orava. Assim terminou sua carreira e o ministério que recebera do Senhor.

Tomemos seu retrato de Sir Robert Hamilton de Preston, seu contemporâneo. Era afetuoso, afável e de coração terno para com todos em quem julgava haver algo da imagem de Deus; sóbrio e moderado no comer, dizendo com frequência: 'Bem ganho é o que se arranca da carne'; generoso, liberal e muito caridoso com os pobres; grande inimigo da avareza; visitante assíduo dos enfermos; passava muito tempo a sós, apreciando o recolhimento; mas, quando se ocupava da obra pública de seu Mestre, aproveitava toda oportunidade para edificar; na conversa, sempre deixava cair palavras capazes de comunicar graça aos ouvintes; seu semblante edificava quem o contemplava; suspirava muitas vezes com profundos gemidos; pregava oportuna e inoportunamente, a despeito de todos os riscos; era sempre o mesmo no juízo e na prática. Desde a juventude, entregava-se muito ao dever da oração em secreto, passando nisso noites inteiras; e se observava que, tanto a sós quanto em família, mantinha-se sempre ereto sobre os joelhos, com as mãos erguidas; e nessa postura — como alguns notaram — morreu com a corda ao pescoço.

Além de seu último discurso e testemunho, de várias outras cartas religiosas e da exposição, do sermão e da sentença de excomunhão em Torwood, todos já publicados, há também vários outros sermões e notas de sermões espalhados pelas mãos de algumas pessoas, impressos e manuscritos, alguns dos quais foram publicados. Contudo, se podemos dar crédito a Walker em suas 'Passagens Notáveis', que ouviu vários deles serem pregados, por mais comoventes que sejam, são muito inferiores ao que teriam sido se o próprio autor os houvesse revisado.

WALTER SMITH

POUCO mais se sabe da história inicial deste eminente erudito e cristão além de que era filho de Walter Smith, da paróquia de St. Ninian's, em Stirlingshire. Tendo ido ainda jovem para a Holanda, estudou algum tempo sob o célebre Leusden, que o tinha em grande estima e apreço, por ser homem tanto de elevadas realizações quanto de grande experiência no exercício sério e na prática sólida do cristianismo.

Em 1679, vemos que teve papel nada pequeno entre aquele diminuto punhado do remanescente sofredor do Senhor que se ergueu em defesa própria na Ponte de Bothwell. Foi eleito secretário do conselho de guerra e também oficial comandante entre os Covenanters; e teve a honra não só de testemunhar e protestar contra a condescendência pecaminosa daquele partido erastiano corrupto que então se insinuara entre eles, mas também de ser um dos três designados a redigir as "Causas da Ira do Senhor" contra a nação, cuja última causa seria a "Declaração de Hamilton", juntamente com uma nova Declaração que pretendiam publicar naquela ocasião; contudo, embora ambas tivessem sido empreendidas, jamais foram publicadas.

Depois da derrota e dispersão dos Covenanters em Bothwell, para as quais o partido erastiano entre eles não pouco contribuiu, parece que Smith passou algum tempo na Holanda, onde sua estada parece ter sido breve; pois voltamos a encontrá-lo com o sr. Cargill em Torwood, em setembro de 1680.

Ele ansiava por pregar Cristo, e este crucificado, e a salvação por seu nome. O sr. Cargill tinha o mesmo desejo e, para esse fim, segundo se diz, escrevera a dois ministros para que se encontrassem com ele em Cummerhead, em Lesmahagow, em Clydesdale; mas, antes que esse dia chegasse, a porta se fechou — pois estavam nas mãos do inimigo. Smith, porém, seguiu o exemplo de nosso bendito Senhor e Salvador, andando por muitos lugares e fazendo o bem a muitas pessoas mediante conversas espirituais edificantes; foi exemplo singular de verdadeira piedade e zelo, que influenciou a muitos mais do que a maior parte dos ministros daquele tempo.

Pouco antes da morte, redigiu vinte e duas regras para reuniões de comunhão ou sociedades, que naquele tempo se multiplicaram grandemente desde o rio Tay até Newcastle, e que depois se organizaram numa correspondência geral e trimestral, para que pudessem falar uns com os outros quando lhes faltasse a pregação pública do evangelho, e designar dias gerais de jejum em toda a

comunidade, nos quais fossem confessados os próprios pecados e os pecados e desvios predominantes daqueles tempos — cada sociedade devendo reunir-se e passar algum tempo junta no dia do Senhor, quando privada das ordenanças públicas.

Mas já se aproximava o anoitecer tanto de sua vida como de seus labores; pois, tendo estado com o sr. Cargill quando este pregou seu último sermão em Dunsyre Common, entre Clydesdale e Lothian, na manhã seguinte foi preso em Covington-Mill pelo perverso Bonshaw, que antes comerciara cavalos de raça entre os dois reinos. Com os demais prisioneiros, foi levado de Lanark a Glasgow, e daí a Edimburgo, onde, em 14 de julho, foi apresentado ao conselho e lhe perguntaram se reconhecia o rei e sua autoridade como legítimos. Respondeu: "Não posso reconhecer a presente autoridade de que o rei está investido, nem seu exercício, pois agora se reveste de supremacia sobre a igreja." Interrogado se a apostasia do rei em relação à Aliança o desobrigava de obedecer-lhe, e se o rei assim perdia a autoridade, respondeu: "Penso que ele está obrigado a cumprir todos os deveres da Aliança, em conformidade com a palavra de Deus; ao rei só se deve obediência nos termos da Aliança." Interrogado ainda a respeito da excomunhão de Torwood, declarou "que julgava justas as razões deles".

No dia 19, foi novamente levado à presença deles e interrogado se reconhecia a Declaração de Sanquhar. Esta lhe foi então lida, e ele a reconheceu em todos os seus artigos, salvo que não considerava aquelas pessoas representantes formais da Igreja Presbiteriana, como elas próprias se intitulavam. Quanto à expressão "O rei deveria ter sido destituído muitos anos atrás", não gostava da palavra "destituído", mas disse: "O que o rei fez justifica que o povo se revolte contra ele." Quanto às palavras em que o rei é chamado usurpador e tirano, disse: "Certamente o rei é um usurpador!", e desejou que não fosse um tirano.

No dia 26, foi levado com os demais perante o Tribunal de Justiça, onde, acusados na forma usual, suas confissões foram apresentadas como provas contra eles, e todos foram declarados culpados de alta traição e condenados a ser enforcados na praça da Cruz de Edimburgo, no dia 27, e a ter a cabeça separada do corpo; as dos srs. Cargill, Smith e Boig deveriam ser expostas em Nether Bow, e as cabeças dos outros em West Port — tudo o que foi devidamente cumprido.

Depois que Cargill foi executado, Smith foi conduzido ao cadafalso, onde se manteve fiel à mesma causa do sr. Cargill, declarou a mesma usurpação da coroa e dignidade de Cristo e morreu com grande certeza de sua união com Cristo, manifestando sua repulsa ao papismo, à prelazia, ao erastianismo e a todos os outros passos de apostasia. Subiu a escada com todos os sinais de alegria e, quando o carrasco ia desatar-lhe a gravata, não o permitiu, mas ele próprio a desatou; e, chamando seu irmão, atirou-a para baixo, dizendo: "Este é o último sinal que receberás de mim!" Depois que o lenço lhe foi posto sobre o rosto, tornou a descobri-lo e disse: "Tenho mais uma palavra a dizer"; e esta é: "A todos os que têm algum amor a Deus e à sua justa causa, que reservem um tempo e cantem um cântico de louvor ao Senhor pelo que ele fez por minha alma — e minha alma diz: A ele seja o louvor!" Então, descido o lenço, foi lançado ao vazio enquanto orava, e morreu no Senhor, com o rosto repousando sobre o peito do sr. Cargill. Estes dois permaneceram unidos um ao outro em amor e unidade durante a vida; e, na morte, não houve disparidade entre eles: "Saul e Jônatas, amados e agradáveis em suas vidas, também na sua morte não se separaram."

O agora glorificado Walter Smith era homem tão erudito quanto piedoso, fiel e religioso. Seu antigo mestre, professor de teologia em Utrecht, na Holanda, ao saber de sua morte pública, violenta e sangrenta como mártir, prestou-lhe este testemunho e, chorando, disse num inglês entrecortado: "Ó Smith! O grande e valoroso Smith! Que superou todos a quem jamais ensinei. Era capaz de ensinar a muitos, mas poucos podiam instruí-lo." Além de algumas cartas e das já mencionadas vinte e duas regras para reuniões de comunhão, escreveu também vinte passos da apostasia nacional, todos agora publicados; e, se estes, juntamente com seu último testemunho, forem devidamente considerados, ver-se-á que seus escritos eram inferiores a poucos dos escritos de luta daquele tempo.

ROBERT GARNOCK

ROBERT GARNOCK nasceu em Stirling e foi batizado pelo fiel sr. James Guthrie. Em seus primeiros anos, seus pais muito se empenharam em educá-lo no caminho do dever; mas, pouco depois da Restauração, expulsos os ministros fiéis, foram postos curas em seus lugares, e com eles vieram a ignorância, a profanação e a perseguição. Algum tempo depois, o sr. Law pregou em sua própria casa, em Monteith, e certo sr. Hutchison pregava às vezes em Kippen. Tendo ido, num sábado à noite, à casa de sua avó no campo, com um tio, a um lugar chamado Shield-brae, no domingo seguinte acompanhou-o com grande dificuldade, sendo ainda jovem, através da geada e da neve, e ouviu o sr. Law em Monteith pregar um sermão que, pela bênção divina, exerceu considerável influência sobre sua mente. Assim prosseguiu por bastante tempo: saía no fim da semana para ouvir o evangelho e regressava a Stirling no início da semana seguinte; durante todo esse período, porém, não deixou seus pais saberem coisa alguma disso.

Em certa ocasião, ao ouvir uma proclamação lida na praça da Cruz, anunciando que todos os que não ouvissem os curas ou não recebessem deles os privilégios seriam severamente punidos, sua mente ficou muito perturbada, e hesitou se deveria ir a uma pregação ao ar livre que soubera que haveria no domingo seguinte. Por fim, contudo, tomou esta resolução, dizendo que o Senhor lhe inclinara o coração a ir, sugerindo-lhe estas palavras: “Vai uma vez, vai de uma vez por todas, mesmo que te prendam pelo que há de vir. Assim fui”, prossegue ele, “e o Senhor me fez bem: pois obtive naquele sermão algo que, mesmo que me despedaçassem em mil partes, eu não teria dito o que antes dissera. Assim, o Senhor me fez seguir o evangelho por muito tempo; e, embora então pouco soubesse do que queria dizer, ainda assim pôs em meu coração perseverar ao lado dos honestos, sem condescender com os inimigos de uma espécie ou de outra nem me unir a eles; sim, sem vigiar, montar guarda ou fortalecer-lhes as mãos de maneira alguma. Quando me perguntaram por que não montaria guarda (ou ficaria de sentinela) na cidade, como era meu dever ordenado, respondi que não levantaria armas contra a obra de Deus. Se alguma vez portasse armas, seria para defender o evangelho.”

Tornou-se então alvo de perseguição e, por consequência, teve de deixar a cidade. Tendo aprendido o ofício do pai, que era ferreiro, foi para Glasgow por algum tempo e exerceu sua profissão. De Glasgow voltou para casa e daí foi novamente para Borrowstounness, onde teve grande debate, como ele próprio o expressa, “a respeito daquela lamentável Indulgência: eu não sabia do terrível perigo de ouvi-los, até ver que pregavam com risco da vida dos homens. Isso me levou a examinar a questão, até descobrir que estavam francamente errados e, contrariamente às Escrituras, haviam mudado de cabeça, abandonado Jesus Cristo como sua cabeça e recebido sua comissão dos homens, reconhecendo aquele miserável perjuro e adúltero como cabeça da igreja; recebendo dele e daqueles ladrões sanguinários sob suas ordens a comissão de pregar neste e naquele lugar.”

De Borrowstounness voltou a Falkirk e daí para casa, em Stirling, onde permaneceu algum tempo em meio a uma série de dificuldades; pois, depois de ter escapado quando fora preso com outros em Shieldbrae, ao atrever-se a visitar o sr. Skeen, foi levado ao castelo, ali mantido a noite inteira e tratado com muita barbaridade pelos soldados; às oito horas da manhã seguinte, foi levado perante o magistrado municipal, que então não tinha tempo para atendê-lo, e por isso ficou preso até a tarde. Mas, pela intercessão de certo Colin M'Kenzie, para quem seu pai trabalhava como ferreiro, foi solto sem sequer pagar a taxa do carcereiro. “Recebi muita bondade do Senhor naquele tempo”, diz ele, “embora então não soubesse o que significava; e assim fui lançado outra vez à minha vida errante.”

Por essa época, pretendia ir à Irlanda; mas, frustrado o intento, voltou a Stirling, onde andou de um lado para outro durante algum tempo; e observa, contudo, que teve momentos doces nessa condição, especialmente numa noite em que estava no Carse com certo barão Hendry. Depois disso, sofreu duras provações da parte de professantes, porque testemunhava contra toda espécie de condescendência deles com a corrente daqueles tempos. Por isso, ele e a reunião da sociedade de que fazia parte não conseguiram chegar a acordo. Isso o levou a deixá-los e procurar outra no campo, cujos membros, diz

ele, “eram mais sãos de juízo e tinham coragem e zelo intrépidos por Deus e sua causa; pois naquela sociedade havia vida religiosa.”

Depois disso, caiu em outra dificuldade; pois, tendo sido publicada uma proclamação exigindo que todos entre treze e sessenta anos pagassem a capitação, disseram a seu pai que, se Garnock a pagasse, seria libertado; mas este, embora fosse grande tentação, recusou-se terminantemente e disse claramente ao pai, que insistia para que o fizesse, que, se um único plack (ou quatro pênceis) pudesse obter-lhe a liberdade, não o daria. Seu pai ofereceu-se para pagar o dinheiro por ele, ao que respondeu que, se o fizesse, jamais esperasse recebê-lo de volta, nem qualquer compensação por isso, de sua parte. Mas, quanto ao desfecho, ouçamos suas próprias palavras: “E, oh! Como o Senhor foi bondoso para comigo então; seu amor era melhor do que a vida. Fui lançado daqui para lá em minhas andanças e no desterro, entre muitos altos e baixos, até chegar a Edimburgo, onde soube de uma comunhão a realizar-se nas fronteiras da Inglaterra; então fui até lá. Oh, bendiga eu ao Senhor, que me reservou uma sorte como aquela, pois os dias 20, 21 e 22 de abril de 1677 foram os três dias mais maravilhosos da presença do Senhor que já vi na terra! Oh, como seu poder se manifestou maravilhosamente, grandioso para toda a assembleia, especialmente para mim! Oh, os três maravilhosos dias da presença do Senhor em East-Nisbet, no Merse! Foi esta, suponho, a maior comunhão destes vinte anos. Ali recebi algo que jamais esquecerei enquanto viver. Glória ao seu doce nome, por ter havido um dia assim na Escócia. Naquele dia ele foi visto sentado à cabeceira de sua mesa, e seu nardo exalava um agradável perfume. Bons e maus foram levados a exclamar, e alguns a dizer com os discípulos: ‘Bom é estarmos aqui.’ Teriam se contentado em permanecer ali; e pensei que estar naquele lugar era já um começo do céu.”

Depois disso, voltou para casa, em Stirling, e obteve liberdade para exercer seu ofício por algum tempo. Mas eis que surgiu outra dificuldade: quando o exército das Terras Altas recebeu ordem de marchar para o oeste no início de 1678, e a cidade foi convocada às armas, todos, salvo uns poucos, obedeceram. Garnock, porém, recusou-se e, deixando a cidade com os demais refratários, participou de uma reunião. Quando voltou, seu pai lhe disse que fora dispensado na primeira vez, mas que no dia seguinte teria de montar guarda. Ele recusou; seu pai se zangou e, para levá-lo a obedecer, apresentou-lhe o exemplo da conduta de outros. Respondeu ao pai que não penduraria sua fé no cinto de homem algum. No dia seguinte, quando os tambores tocaram para a guarda, sendo esse o dia de sua reunião de comunhão, saiu da cidade sob pesado fardo de censuras, até mesmo de professantes, que não hesitaram em dizer que sua recusa não provinha de princípios de consciência, mas do desejo de ter liberdade para vaguear pelo campo. Deram-se ordens para prender Garnock; mas naquela ocasião escapou e andou de um lugar para outro, até o início de agosto de 1678, quando chegou à comunhão de Carrick, em Maybole; e o que ali experimentou ele mesmo exprime assim: “Fui maravilhosamente favorecido ali, embora não tanto quanto na outra ocasião. Participei da primeira mesa e depois fui ouvir os dignos srs. Kid e Cameron pregarem a pequena distância da reunião; eles não deixaram o campo senão depois de selá-lo e coroá-lo com seu sangue. Não posso negar que o Senhor foi bondoso comigo ali, no dia seguinte, e no dia de jejum em meados da semana posterior, perto dos limites da paróquia de Kilmarnock, onde surgiu uma divisão acerca da Indulgência que até hoje não foi resolvida. Depois de voltar para casa, fui levado a entrar em aliança com ele nos seus próprios termos, contra a Indulgência e todas as outras condescendências; e, porque pela força do Senhor eu resolvera manter meu compromisso e não me juntar a eles, disseram que eu recebera nova luz; fui muito censurado, mas recebi muita bondade do Senhor quando assistia à pregação do evangelho nos campos, para a qual às vezes percorria vinte milhas.”

Tendo assim vagueado de um lado para outro durante algum tempo, foi a Edimburgo ver os prisioneiros e então regressou a Stirling no fim da semana. Tarde da noite de sábado, soube de uma pregação ao ar livre; vendo os soldados de infantaria e os cavaleiros saírem da cidade para atacar os que a frequentavam, preparou-se e, com uns poucos outros, dirigiu-se ao lugar. Avançando os soldados, ele, com alguns homens armados e o ministro, tomou uma colina acima de Fintry, junto aos penhascos de Ballglass. Percebendo o avanço do inimigo, aquele pequeno grupo corajoso formou-se na melhor

posição que o tempo e o lugar permitiam e cantou um salmo, o que tanto alarmou os soldados que, segundo disseram depois, as próprias mechas quase lhes caíram das mãos. Por fim, um cavaleiro aproximou-se e ordenou que se dispersassem, mas eles se recusaram. A ordem foi repetida várias vezes, até que o capitão da infantaria avançou e lhes deu a mesma ordem, que também recusaram. Então mandou que parte de seus homens avançasse e atirasse contra eles, o que fizeram uma ou duas vezes. Aquela pequena companhia respondeu com grande coragem e precisão, até que todo o destacamento, com o oficial comandante, composto de quarenta e oito infantes e dezesseis cavaleiros, disparou contra aquele pequeno punhado que, a seu ver, não somava mais de dezoito homens armados, além de algumas mulheres. Após diversas trocas de tiros de ambas as partes, um dos perseguidos avançou e arrancou com um tiro um lado da peruca do capitão, fazendo fugir a infantaria; mas os cavaleiros, aproveitando-se da elevação do terreno, cercaram o pequeno grupo. Atiraram então contra um jovem, mas erraram. Prenderam-no, contudo, com alguns outros. Os demais fugiram. Garnock ficou mais atrás de todos, o último no local do confronto, e diz que não pretendia ser capturado, mas antes morto. Por fim, um dos inimigos veio atrás dele, e resolveu matar ou morrer em vez de render-se, arrebatando para esse fim uma pistola de alguém. Mas, vindo outro em seu auxílio, o dragão fugiu; assim escaparam e permaneceram ali até que o inimigo se retirou, marchando diretamente com os prisioneiros para Stirling.

Terminada a escaramuça, Garnock ficou nas redondezas até a noite e conversou com alguns amigos e com o ministro, que fizeram tudo para dissuadi-lo de ir a Stirling. Já se aproximando o fim de sua peregrinação, como Paulo em outra situação quando subia a Jerusalém, não se deixou persuadir e foi à cidade; entrando por volta de uma hora da manhã, chegou a uma casa ao pé de Castlehill e ali deixou suas armas com muita dificuldade. Quando estava perto do alto de Castlehill, foi detido por dois soldados que aguardavam os participantes da reunião e levado ao posto da guarda; daí, perante o filho de lorde Linlithgow, que lhe perguntou "se estivera naquela pregação". Respondeu-lhe "que não estivera em pregação alguma". O filho de Linlithgow disse "que era mentiroso". Garnock respondeu "que não era mentiroso; e, visto que não me credes, nada mais direi — provai o resto." Linlithgow disse "que o faria falar"; mas ele respondeu que não conseguiria. Então perguntou-lhe o nome, o ofício, o nome do pai e onde morava, e a tudo isso respondeu. Depois deu ordens para mantê-lo bem preso. À noite, os soldados o maltrataram muito; alguns dos feridos na escaramuça ameaçaram-no de tortura, de pôr-lhe uma mordaça na boca etc., tudo o que ele suportou com grande paciência. Pela manhã, um sargento veio interrogá-lo; ele, porém, recusou-se a reconhecê-lo como juiz a quem devesse responder. Por fim, veio o oficial comandante e perguntou se estivera naquela escaramuça. Ele respondeu: "Foi por estar lá que me prenderam; e, quer eu estivesse lá ou não, não tenho obrigação de vos prestar contas." O oficial saiu e, pouco depois, voltou com o magistrado municipal, que pensou surpreendê-lo perguntando: "Quem do povo de Stirling estava lá?" Ele respondeu: "Eram vossos vizinhos e os meus"; e, ainda que lá tivesse estado, o magistrado poderia considerá-lo muito imprudente se os nomeasse; pois, embora julgasse ser dever do magistrado perguntar, não era dever dele contar nem responder, e achava que antes o deveria elogiar por agir assim. Depois de várias outras questões acerca do caso, ordenaram que fosse mantido em rigoroso isolamento, sem permitir que ninguém, nem sequer seu pai, lhe falasse; mas ele não carecia de companhia naquele tempo, pois diz: "Oh, que tempo doce eu tive! O semblante do Senhor valia para mim mais que toda a companhia do mundo."

No dia 13 de julho, foi retirado dali e, com cerca de cem outros, conduzido de Stirling a Edimburgo sob forte escolta de soldados e posto no cemitério de Greyfriars, entre os prisioneiros de Bothwell. Ali sofreu mais importunações, tanto do inimigo como de seus companheiros de sofrimento, do que jamais sofrera. Eis uma amostra, em suas próprias palavras: "Alguns de meus vizinhos desejavam a obrigação; então a apresentaram a mim, mas recusei. A maior parte deles, contudo, aceitou-a. Houve até quem suplicasse por qualquer obrigação. Isso levou alguns de nós a concluir que era nosso dever testemunhar contra ela; e essa incumbência foi posta sobre mim, o que alguns prisioneiros contestaram solenemente. Assim me

tornei odioso; mas por muitos dias o Senhor foi bondoso comigo naquele pátio e me guardou de muitos temores e armadilhas; seu amor me era doce. Os homens se queixaram de nós aos comandantes, que mandaram chamar-me e me interrogaram sobre a obrigação e outras coisas: disseram que me poriam uma mordaça, e todos os dias me importunaram, até que quase todos os prisioneiros a solicitaram. E enviaram ao pátio cerca de setenta ministros para que a aceitassem; eles diziam que aquilo não era questão pela qual se devesse sofrer; quando terminaram, enviaram duas senhoras com essa incumbência, e elas se puseram a pressionar-me. Disse-lhes que, se cada uma delas tivesse suportado tanto por isso quanto eu, não se ocupariam tanto em pressionar-me; pois antes disso aquele bando sanguinário viera ao pátio, chamara-me e perguntara se eu aceitaria a obrigação. Respondi que não. Disseram que eu não receberia outra sentença. Assim fui duramente provado: muitas vezes teria feito alguma coisa; mas o Senhor não o permitiu. Em sua força, pois, continuei a lutar e venci. Mas, oh, como a cruz me era doce e leve! Ninguém precisa temer aventurar-se a sofrer no caminho e na força dele. Oh, felizes dias em que me coube tal coisa! Era doce para mim o meu compromisso com o amável Jesus. É verdade que 'a aflição no presente não parece motivo de alegria, mas de tristeza; depois, porém, produz os frutos pacíficos da justiça naqueles que por ela são exercitados'. Jamais conheci, antes daquele tempo, a traição dos ministros e sua terrível hipocrisia e duplicidade nas coisas de Deus, e depois disso nunca pude amá-los; pois levaram muitos a violentar a própria consciência ao aceitar aquela obrigação. Fui retirado do pátio em 25 de outubro, escoltado por soldados; quando saía, certo sr. White perguntou se eu aceitaria a obrigação. Sorri e disse que não. Ele disse zombando que eu tinha cara de quem glorificaria a Deus em Grassmarket. Despedi-me, pois, de todos os meus vizinhos, que se entristeceram; e White disse-me que lhes desejasse boa noite, pois nunca mais os veria. Mas eu disse: Meus caros amigos, tende bom ânimo; ainda podemos reencontrar-nos apesar de tudo isto. Fui então levado perante o tribunal do conselho deles. Perguntaram se eu aceitaria a obrigação — respondi que não. Alguns disseram: Talvez ele não a conheça; mas Hatton disse: Conhece-a muito bem. Então um deles a leu. Perguntei se queriam que eu subscrevesse uma mentira para tirar uma vida; pois nunca estivera em rebelião nem tivera intenção de rebelar-me. Disseram que fariam outra obrigação para mim. Respondi que não precisavam dar-se a esse trabalho, pois eu não tencionava subscrever obrigação alguma naquele momento. — Levantar-vos-eis em rebelião contra o rei? Eu não estava me levantando em rebelião contra o rei. — Aceitareis a obrigação de nunca vos levantardes contra o rei e sua autoridade? Que é essa coisa que chamais autoridade? — Disseram que, se eles, os soldados, ou qualquer outro súdito me matasse, eu estaria obrigado a não resistir. Respondi: Isso jamais farei. — A morte do bispo foi assassinato? Sou prisioneiro e, portanto, não sou juiz. — Bothwell Bridge foi rebelião? Não tenho obrigação de dar meu parecer sobre isso.

"Então um deles disse: Eu vos disse o que diria esse patife rebelde: sereis enforcado, senhor! Respondi: Primeiro tereis de me condenar por algum crime. Disseram: Excomungastes prisioneiros por aceitarem a obrigação. Respondi que isso não estava em meu poder; além disso, eu não estava perante eles, e que o provassem se fossem capazes. Disseram que me enforcariam por rebelião. Eu disse: Não podeis; pois, se procederdes segundo as vossas próprias leis, deveis conceder-me liberdade. Disseram: Daríamos liberdade a um canalha rebelde como vós? Sereis enforcado imediatamente. Respondi: Isso ainda não está em vosso poder; então mandaram levar-me depressa e encerraram-me na prisão da Casa de Ferro. Passou-se muito mais que não devo gastar tempo a relatar.

"Assim me levaram à Casa de Ferro, para junto de quinze de meus caros companheiros de tribulação; ali formávamos uma doce companhia, todos do mesmo parecer. Servindo ali ao Senhor dia e noite, com singeleza de coração, sua bênção se manifestava entre nós; pois seu amor era melhor que a vida. Todos, de comum acordo, fomos docemente reunidos; oh, era doce estar nessa companhia, e agradável também para os que vinham visitar-nos, até que chegaram as acusações! Dez receberam suas acusações; seis foram absolvidos e quatro receberam sentença de morte em Magus Moor. Quinze foram retirados do pátio, e a alguns se ofereceu a liberdade se testemunhassem contra mim; mas recusaram. Assim todos

receberam suas acusações, e todos cederam, salvo um, que foi condenado a morrer com os outros quatro em Magus Moor.

Nessa situação permaneceu até 13 de novembro, quando, pela intercessão de alguns amigos, foi levado às galerias ocidentais, do outro lado da prisão, onde continuou algum tempo, até ser novamente chamado perante alguns membros do conselho; depois disso, foi de novo posto em rigoroso isolamento por algum tempo; até que, certa noite, chamado por um dos guardas, na presença de certo sr. John Blair, este o interpelou assim: "Por que recusais a obrigação?" Ele respondeu: "Não tenho tempo para tratar dessa questão." "Mas", disse Blair, "daquele lugar não saireis; pois as Alianças e o capítulo 13 de Romanos vos obrigam a aceitá-la." Respondi: "Não; obrigam-me precisamente ao contrário. Se o papismo entrasse na nação, deveríamos obrigar-nos a nunca defender a verdadeira religião?" Ele disse: "Nesse caso estaríamos desobrigados." Respondi: "Não; os presbiterianos são tomados pela palavra que dão, e a ela ficam vinculados; e, antes que tudo termine, aquela obrigação lhes custará caro; quanto a mim, antes iria a Grassmarket e a selaria com meu sangue etc." Depois que desceu, o carcereiro o maltratou de maneira muito imprudente, dizendo que, ainda que não houvesse mais homens, ele seria enforcado; que era um tolo ignorante; que nem ministros nem outros homens conseguiam convencê-lo; e ordenou que fosse mantido em isolamento estrito, onde novamente sofreu tanta importunação de um grupo dos que haviam aceitado a obrigação quanto antes; pois não só se haviam tornado frouxos em princípio, mas também no dever. Assim lhes disse sem rodeios: "Estais longe do que éreis na Casa de Ferro, antes de aceitar a obrigação; então vos levantáveis para os deveres às duas ou três da madrugada; agora ficais na cama até as oito ou nove do dia." Disseram: "É bem verdade", mas nada mais disseram.

Depois que esses obtiveram a liberdade, outros prisioneiros lhe fizeram companhia, alguns dos quais estavam presos por dívidas. Diz então que costumava levantar-se às quatro da manhã e conduzir os exercícios espirituais entre eles três vezes ao dia. O Senhor foi bondoso para com ele naquele tempo, e resolveu nunca ceder; nisso lhe foi dado "tirar comida do comedor e do forte, doçura". Mas alguns cavalheiros presos por causa da religião no lugar onde antes estivera convenceram o carcereiro a trazê-lo de volta para junto deles por volta do início de 1680. Ali, porém, renovou-se a velha tentação de ceder e contemporizar com o inimigo; pois, quando os ministros vinham visitá-los, não podendo conseguir mais, levavam ministros ao aposento para pregar e obrigá-lo a ouvi-los; ele se recusou terminantemente. Por fim, trouxeram um ministro conhecido seu, aquele que deveria ter pregado no dia em que Garnock foi preso. Tendo ouvido que esse ministro fizera alguma concessão ao inimigo, não quis ir ao aposento vizinho ouvi-lo conduzir o exercício antes de saber ao certo o que ocorrera. Depois, veio a outro aposento, onde tiveram alguma conversa. Segue-se uma breve notícia dela. "Ele perguntou como eu estava e se sairia da prisão. Respondi que, graças ao Senhor, estava bem e ainda não sairia." Depois de alguma conversa acerca das pregações ao ar livre, particularmente de uma do digno sr. Cameron em Monkland, que ele condenou, "perguntou: Por que não ouvis os ministros? Respondi: Desejo ouvir somente os fiéis; pois sou prisioneiro e desejaria muito estar no caminho certo para não prejudicar a mim mesmo. Disse: Em que são infiéis? Respondi: Em mudar de cabeça, abandonar o caminho do Senhor e associar-se com violadores da Aliança, assassinos de seu povo etc. Disse: Como poderíeis prová-lo? Respondi: Sua prática o prova. Disse: Eram apenas falhas, e estas não tornariam um homem perjuro; e não vos cabe rejeitar ministros; não sabeis o que fazeis. Não os rejeito; eles próprios se rejeitam ao abandonar o exercício do ministério de Cristo. — Como o provais? O capítulo 10 de João o prova; pois não entram pela porta. Podeis mostrar que estou errado, mas penso naquela passagem de Gálatas 1:6: 'Maravilha-me que tão depressa vos tenhais afastado daquele que vos chamou.' Podeis ler, quando vos for oportuno, como Paulo não recebeu seu evangelho dos homens, nem pela vontade dos homens. Ele disse: Deixai isso de lado; mas por que razão não quereis ouvir os outros? Respondi: Não desejo ouvir nenhum desses que anseiam pela Indulgência e não pregam fielmente contra ela."

Depois de alguma conversa acerca dos srs. Cameron e Cargill, na qual ele disse que o sr. Cameron não era ministro, e que o sr. Cargill outrora fora um, mas deixara de sê-lo; que recebiam suas doutrinas dos

ouvintes, que diziam: “Tendes de pregar estas e aquelas doutrinas, e nós vos ouviremos”; a tudo isso o mártir deu respostas pertinentes. O ministro disse: “Robert, não penseis que me zango por não virdes ouvir-me; pois não desejo que vós nem ninguém de vossa facção venha ouvir-me, porque não posso pregar segundo todos os vossos caprichos.” Respondi: “Tanto pior por isso.” Ele disse que nenhuma daquelas faltas invalidaria um ministro; eram apenas falhas, não princípios. Respondi que não sabia debater; mas deixaria a qualquer cristão julgar se considerar Cristo Cabeça da Igreja não era questão de princípio para um ministro. Disse-lhe que outrora houve um dia em que eu teria arriscado a vida em seu apoio para defender o evangelho de Cristo; mas agora não. E estava agora mais disposto do que nunca a dar a vida por suas doces e preciosas verdades. Ele disse: “Que o Senhor tenha piedade de vós e vos ajude”; respondi que muito precisava disso. Assim se foi e me tornou odioso. Isso, entre outras coisas, levou-me a buscar a Deus e a firmar aliança com seu Filho de nunca ouvir nenhum dos que traíram sua causa, até ver provas de seu arrependimento. E eu teria estado disposto a deixar tudo por aquele “que se distingue entre dez mil”.

Assim prosseguiu até que, segundo diz, recebeu maus conselhos de alguns amigos para suplicar sua liberdade; e estes tanto insistiram que redigiram uma súplica e a levaram para que a assinasse. Mas, quando o fizeram tomar a pena na mão, “o Senhor me mandou parar”, diz ele, “e alguém veio e me advertiu; assim não a assinei, e por isso bendigo seu santo nome. Isso, porém, me mostra que em mim não há firmeza. Não fora seu amor gratuito, teria seguido o mais tenebroso caminho que alguém já seguiu.”

Tendo ouvido agora, com prazer, algo da vida e das experiências de Garnock, passamos a considerar seu julgamento, morte ou martírio. Foi conduzido perante o conselho em 1º de outubro, onde repudiou a autoridade do rei, recusou reconhecê-los como seus juízes, e no dia 7 compareceu perante o Tribunal de Justiça, acusado de “ter, perante o conselho, em 1º de outubro, rejeitado a autoridade do rei e do conselho, chamado o rei e o conselho de tiranos, assassinos, perjuros e violadores de juramentos, declarado ser lícito levantar-se em armas contra eles, e apresentado um escrito da mais alta traição, intitulado ‘Um Protesto e Testemunho contra os Parlamentares’, no qual chama os membros do parlamento de idólatras, usurpadores da herança do Senhor, e protesta contra seus procedimentos em atos gerados no inferno; escrito este por ele assinado, razão pela qual é culpado de traição. E, além disso, apresentou ao conselho uma declaração em que o referido Robert Garnock repudia a autoridade e o governo do rei e protesta contra o conselho como tiranos. Portanto, etc.” Diante de confissão tão explícita, convertidos seus próprios escritos em acusação, sem que houvesse contra ele quaisquer atos concretos, não houve dificuldade quanto à prova, pois seu próprio protesto e recusa da jurisdição foram apresentados perante o Tribunal de Justiça e o júri, aos quais foi remetido. Mas, antes que os jurados fossem recolhidos para deliberar, Garnock e cinco outros indiciados com ele entregaram-lhes um escrito contendo protesto e advertência, no qual “os aconselham a considerar o que estão fazendo e em que fundamentos baseiam uma sentença contra eles. Declaram que não são rebeldes; não repudiam autoridade alguma conforme à palavra de Deus e às Alianças pelas quais a nação está obrigada. Exortam-nos a considerar quão grave culpa é a violação da Aliança; e lembram-lhes que terão de responder ao grande Juiz de todos pelo que fizerem nesta questão; e dizem que fazem isso por estarem suas vidas em perigo e contra eles [assim na fonte]. É perigoso condenar homens tão somente por sua consciência e convicção, e apenas porque não podem, em sã consciência, submeter-se às leis iníquas dos homens: são súditos livres, jamais surpreendidos em qualquer ato contrário às leis vigentes. Acrescentam que aqueles de quem antes pensavam que deveriam ou iriam governar em nome de Deus transformaram sua autoridade em tirania e desumanidade e a empregam tanto para destruir as leis de Deus quanto para assassinar seu povo contra a lei e sem amparo nela, como nós mesmos podemos provar e testemunhar quando levados à presença deles. Após dois anos de prisão, um deles, da maneira mais cruel e tirânica, levantou-se do lugar do julgamento, sacou uma espada e teria matado um de nós; mas a Providência dispôs de outro modo; contudo, a ferida ainda pode ser mostrada. Jamais se ouviu

falar nem se leu de ação semelhante. Depois de lhes recordarem David Finlay, assassinado em Newmills, o caso do sr. Mitchell e James Lermond, assassinado após ter sido posto em liberdade três vezes pelo júri, acrescentaram que, depois de assassinatos como esses, passíveis de pena de morte, não viam como poderiam reconhecê-los como juízes, exortando-os a atentar para o que faziam e assegurando-lhes que o sangue deles lhes pesaria sobre a consciência; concluíram com as palavras de Jeremias 26:15 e exortaram-nos a não tomar sobre si o sangue inocente."

ROBERT GARNOCK.

ALEX. RUSSELL.

D. FARRIE.

PAT. FOREMAN.

JAMES STEWART.

G. LAPSLAY.

Subscrito em Edimburgo,

7 de outubro de 1681.

}

Apesar de tudo isso, foram declarados culpados e condenados a ser executados em Gallow-lee, entre Leith e Edimburgo, no dia 10 do mesmo mês — a mão de Foreman seria cortada antes, e as cabeças e mãos dos demais, depois da morte, para serem expostas em Pleasance Port.

Não sabemos descrever qual foi sua conduta e o que experimentou no lugar da execução; mas, pelo que já se relatou dele, podemos concluir com segurança que, pela graça divina, seu comportamento foi verdadeiramente nobre e cristão. Contudo, para que o leitor saiba algo de suas experiências, de seu temperamento e de sua disposição naquela ocasião, extrairei algumas frases de suas próprias palavras em seu último discurso e Testemunho de despedida.

"Bendigo ao Senhor por ter honrado alguém como eu com uma forca ensanguentada e uma mortalha ensanguentada por sua nobre, honrada e doce causa. Oh, quereis amá-lo, senhores? Oh, ele é bem digno de ser amado e de que se deixe tudo por ele! Oh, tivesse eu muitas vidas para selar esta doce causa: se tivesse tantas vidas quantos cabelos tenho na cabeça, julgaria todas muito pouco para ser mártires pela verdade. Bendigo ao Senhor porque não sofro contra a vontade nem constrangido, mas de todo o coração e com alegria. Fiquei preso por longo tempo e mudaram-me de prisão. Estive entre a maior parte dos que sofreram desde Bothwell, e em companhia de muitas pessoas que armavam ciladas; embora eu não ponha em dúvida que sejam pessoas piedosas, ainda assim o Senhor me guardou de dar ouvidos a seus conselhos. Glória, glória ao seu santo e doce nome! Muitas vezes me admiro de como fiz tais e tais coisas; mas foi ele quem as fez: ele fez tudo em mim; santo é seu nome. Bendigo ao Senhor porque hoje sairei do tempo para a eternidade, e não estou mais perturbado do que se fosse contrair matrimônio aqui na terra, antes menos. Bendigo ao Senhor porque tenho muita paz de consciência quanto ao que fiz. Oh, penso ser coisa de grande peso estar a menos de doze horas da eternidade e não me perturbar. De fato, o Senhor é bondoso e me preparou para este dia; agora não posso mais ficar sem ele. Nesta noite serei cheio de seu amor; pois estarei com ele no Paraíso e um novo cântico será posto em minha boca, o cântico de Moisés e do Cordeiro; estarei entre a assembleia geral dos primogênitos e desfrutarei da doce presença de Deus e de seu Filho Jesus Cristo, e dos espíritos dos justos aperfeiçoados; disso estou certo.

"Agora meu Senhor me está conformando a si mesmo e honrando-me juntamente com meu digno pastor, o sr. James Guthrie; embora eu nada soubesse quando ele vivia, o Senhor me honrou para protestar contra o papismo e selar esse protesto com meu sangue; honrou-me também para protestar

contra a prelazia e selá-lo com meu sangue. Para esse fim o Senhor me manteve na prisão até este dia. A cabeça do sr. Guthrie está numa das portas de Edimburgo, e a minha deverá ir para outra. Glória, glória ao doce nome do Senhor pelo que fez por mim!

"Agora bendigo ao Senhor porque não penso, como muitos suspeitam, em conquistar o céu pelo meu sofrimento. Não; não há como alcançá-lo senão pelo precioso sangue do Filho de Deus. Agora, vós que verdadeiramente buscais a Deus e sois o alvo da malícia do mundo, oh, sede diligentes e correi depressa, vosso tempo é precioso; oh, aproveitai-o e agi por Deus; batalhai pela verdade, defendei a Deus contra todos os seus inimigos; não temais a ira dos homens, amai-vos uns aos outros, lutai com Deus em oração, juntos, em sociedades, confessai vossas faltas uns aos outros, orai uns com os outros, admoestai, exortai e repreendei uns aos outros em amor; não negligencieis nenhum dever ordenado; sede fiéis em vossos postos, como quem prestará contas no grande dia do juízo; não busqueis conselho dos homens e não sigais ninguém além do ponto em que permaneça fiel à verdade.

"Agora, adeus, doces censuras por meu amável Senhor Jesus: embora outrora não fossem prazerosas, mas penosas, agora são doces. E bendigo ao Senhor por isso; de todo o coração perdoo a todos os homens por qualquer coisa que tenham dito de mim; e oro para que não lhes seja imputada no dia da prestação de contas; quanto ao que fizeram contra Deus e sua causa, deixo isso a Deus e à consciência deles. Adeus, todos os conhecidos cristãos, pai e mãe etc. Adeus, doce prisão por meu régio Senhor Jesus Cristo, agora finda. Adeus, todas as cruzes, de uma espécie ou de outra; e, assim, adeus a todas as coisas do tempo, ao ler, ao orar e ao crer. Bem-vinda, vida eterna, e bem-vindos, espíritos dos justos aperfeiçoados! Bem-vindos, Pai, Filho e Espírito Santo; em tuas mãos entrego meu espírito!"

Em conformidade com isso, a sentença acima, em todas as suas partes, foi executada em todos eles, exceto Lapslay, que escapou.* E assim passaram do vale de miséria à pátria celestial acima, para habitar a terra "onde os moradores não dizem: Estou enfermo; e ao povo que nela habita são perdoadas as suas iniquidades".

Assim terminou Garnock na flor da juventude: jovem em anos, mas velho na religião vivida. Sua fidelidade era tão notável quanto sua piedade, e sua coragem e constância tão notáveis quanto ambas. Habituara-se às tribulações quase desde a juventude e, longe de desanimar diante da cruz de Cristo, parecia, à imitação dos mártires primitivos, antes ambicionar o sofrimento. Sempre visou à retidão; e, a despeito de toda oposição dos pretensos amigos e dos inimigos declarados, pela força do Senhor foi capacitado a permanecer inabalável até o fim; pois, embora por pouco não tropeçasse, à semelhança do homem fiel raramente foi vencido em alguma disputa e nunca derrotado. Que o Senhor capacite muitos nesta geração apóstata, insidiosa e morna a seguir o exemplo do mártir, imitando aquele que agora herda a promessa: "Sê fiel até a morte, e dar-te-ei uma coroa da vida! —"

ROBERT MACWARD

ROBERT MACWARD era natural de Glenluce, no sul de Galloway. Infelizmente, não se registraram com qualquer grau de certeza a época de seu nascimento nem a condição de seus pais. Suas circunstâncias, contudo, permitiram-lhe prosseguir sem interrupção os estudos preparatórios exigidos pela profissão que escolhera, a de ministro do evangelho eterno. Samuel Rutherford era professor de teologia em St Andrews quando MacWard ali se matriculou como estudante de teologia, em 1643; e aquele eminente erudito e teólogo lhe devotava grande afeição. Acompanhou Rutherford como secretário particular quando este foi a Londres, na qualidade de um dos comissários escoceses à Assembleia de Westminster.

Naquele período não era incomum que jovens talentosos, antes de iniciarem o exercício regular de sua santa vocação, fossem empregados como regentes em nossas universidades. Em 1650, MacWard foi nomeado regente, ou professor de humanidades, na antiga instituição de ensino da qual seu distinto amigo e protetor, Rutherford, era diretor. Ocupou essa cátedra por pouco tempo, pois em 1656 sucedeu

ao célebre sr. Andrew Gray como ministro da Outer High Church, em Glasgow. Diz muito da piedade e dos talentos de MacWard que, ainda tão jovem, fosse considerado digno de ocupar aquele importante encargo. Nesse vasto campo de serviço, trabalhou com zelo apostólico durante cinco anos; e, pelo cumprimento consciencioso de seus deveres, conquistou um nome imperecível de fidelidade pastoral. Enquanto assim se ocupava, incorreu no manifesto desagrado e ódio do partido prelatício, cuja influência na corte crescia dia após dia. Uma mente como a de MacWard, profundamente impregnada de cristianismo e firmemente apegada ao presbiterianismo em toda a sua simplicidade, mal podia suportar os ditames imperiosos incessantemente expedidos com o desígnio insidioso de privar a Escócia de sua organização eclesiástica. Em tempo e em alta voz, ergueu-se contra aquelas investidas feitas com a sanção do rei, que ameaçavam não só a aniquilação do governo presbiteriano, mas também a extinção da religião no país. Por um sermão pregado na Tron Church de Glasgow, em fevereiro de 1661, no qual deu testemunho público das 'flagrantes apostasias da época', foi preso, levado a Edimburgo, lançado no cárcere e denunciado pelo advogado de Sua Majestade por 'sedição e pregação sediciosa contra a Coroa'. O historiador Wodrow preservou o discurso proferido por MacWard ao responder à intimação do parlamento em 6 de junho seguinte. Perante esse tribunal, defendeu vitoriosamente sua conduta. Falou, porém, a juízes preconcebidos que, é de temer, atenderam mais ao desejo de seu soberano que à indizível satisfação e honra de pronunciar um veredicto imparcial. Os detentores do poder o viam como pessoa muito perigosa. Isso bastou para influenciar os magistrados da justiça, que impuseram o que sem dúvida julgavam uma sentença branda: decretaram que deixasse o reino dentro de seis meses, permitiram-lhe permanecer um mês em Glasgow e lhe asseguraram o estipêndio do ano seguinte. Tendo disposto de seus assuntos da melhor maneira possível, MacWard e sua família embarcaram para a Holanda e chegaram a Roterdã, onde receberam calorosa acolhida. Na correspondência, felizmente preservada em grande parte, MacWard fala em termos calorosos e agradecidos da simpatia e atenção que lhe demonstraram no estrangeiro. À senhora de Kenmure, viúva de John, visconde de Kenmure, com quem parece ter mantido frequente correspondência, diz: 'Se Vossa Senhoria deseja alguma notícia de minha situação, saiba que encontrei muita bondade que não merecia. Envergonho-me de chamar minha sorte de sorte de sofredor, pois Ele antes me abrigou da tempestade do que me expôs à aflição. Tenho ocasião de pregar de tempos em tempos em Roterdã, onde temos um velho ministro escocês descontente com os tempos.'*

O ministro aqui mencionado é o sr. Alexander Petrie, historiador eclesiástico que a Assembleia Geral transferira em 1643 da paróquia de Rhynd para ser o primeiro pastor da Igreja Escocesa em Roterdã. Além de poder usar o púlpito do sr. Petrie, MacWard ocupou seu tempo em reunir e organizar os papéis de seu estimado preceptor Rutherford, cuja primeira edição das 'Cartas religiosas' foi impressa no estrangeiro sob a direção editorial de MacWard. Depois disso, nosso ilustre biografado fixou residência em Utrecht. Naquele centro de estudos, frequentado por estudantes de reinos distantes, particularmente da Escócia, prestou grande auxílio aos jovens compatriotas. Manteve relações íntimas com vários professores, sobretudo Voetius e Nethenus, eminentes teólogos. Pregava com frequência na igreja inglesa de Utrecht; e as atas de seu consistório mostram, de maneira grata, o espírito coerente desse Covenanter ao não se conformar com certas formas eclesiásticas que, a seu ver, as Escrituras não prescreviam e que o presbiterianismo não tolerara em seus dias mais puros. MacWard, sempre desejoso de fazer o bem, atendeu ao pedido do consistório para pregar todas as manhãs de quarta-feira. Continuou essa prática até que alguns presbíteros se queixaram de que ele, diferentemente do sr. Best, pastor regular, não introduzia a oração do Senhor no culto público nem as fórmulas litúrgicas traduzidas para o inglês, próprias da igreja reformada holandesa. O consistório, então composto de naturais da Inglaterra, da Escócia e da Holanda, dividiu-se quanto ao assunto, e muitas vezes tiveram 'uma longa e acalorada discussão sobre o uso da liturgia'. Em 1667, por maioria de votos, os presbíteros, na ausência do pastor, haviam 'concluído e resolvido que, doravante, nenhum ministro será admitido a pregar nesta congregação se recusar a dizer a oração do Senhor e a usar as fórmulas da liturgia na administração do batismo, da Ceia do Senhor, na confirmação de presbíteros e diáconos e na solenização do casamento,

conforme as determinações da igreja'. Tudo isso visava claramente MacWard. Como seu nome não aparece nas atas do consistório, presume-se que os presbíteros contestadores prevaleceram e que a congregação inglesa de Utrecht já não foi edificada pelos penetrantes discursos desse homem digno.

Em 1668, levou ao conhecimento de Nethenus, professor de teologia em Utrecht, o manuscrito de Rutherford contra os arminianos. Nethenus assumiu a supervisão da impressão e, no prefácio, reconhece generosamente sua dívida para com os srs. MacWard e Livingstone pela valiosa assistência que lhe prestaram como editor daquela magistral refutação, escrita, convém observar, em latim para circular entre os eruditos. MacWard esteve em Londres em 1668, mas voltou à Holanda sem visitar a Escócia. Em 1669, veio à Escócia e casou-se com a viúva do provost Graham de Glasgow. Quando morreu seu amigo sr. John Livingstone, em 1672, visitou mais uma vez sua terra natal; deixou-a definitivamente rumo à Holanda em 1674, seguido pouco depois por sua esposa e pelo filho dela. Estabelecido em Roterdã, MacWard desfrutou da companhia de um número maior de ministros escoceses banidos do que se encontrava em qualquer outra cidade da Holanda. Isso talvez se explique pela grande concentração de presbiterianos que ali haviam acudido para dedicar-se ao comércio, então muito lucrativo, o que lhes permitia experimentar a grande satisfação de socorrer os compatriotas que haviam deixado o lar por motivo de consciência. MacWard foi então introduzido nessa interessante comunidade, e a convivência diária com espíritos afins lhe era extremamente reconfortante. Em 1676, foi admitido como um dos ministros da Igreja Escocesa em Roterdã, como colega do sr. John Hogg. Já registramos na Vida de John Brown os pormenores dessa nomeação. Ter sido escolhido para preencher o recém-criado posto de segundo ministro, quando havia tantos homens talentosos em Roterdã, diz muito em seu louvor; e a escolha honrou sobremaneira o consistório escocês.

MacWard introduziu muitas melhorias importantes. Por sua sugestão, realizava-se toda segunda-feira de manhã uma reunião do consistório para fins religiosos e para orar pelo êxito do evangelho no país e no estrangeiro. Também dele partiu a proposta de recolher uma pequena contribuição para os pobres da congregação de cada embarcação escocesa que chegasse a Roterdã. Organizou a questão com êxito e conseguiu que proprietários e capitães de navios prontamente aderissem a seus propósitos benevolentes. Em troca dessa oferta bem-vinda, mantida sem interrupção e de boa vontade até o presente, concedem-se lugares gratuitos na igreja a capitães, oficiais e marinheiros, que dispõem de bancos separados.

Os serviços de MacWard eram altamente estimados por toda a congregação e pelos que comerciavam com o porto. Ele era, de fato, um homem fora do comum. Seu comportamento piedoso e conveniente e seu empenho em promover a religião pessoal e familiar tornaram-no querido de seu rebanho; regularmente ia de navio em navio, assim como de casa em casa, falando das coisas relativas à paz eterna de seus ouvintes. Como seria de esperar, suas exortações do púlpito, vigorosas e verdadeiramente afetuosas, não podiam ser ouvidas com fria indiferença por um povo por cujo bem-estar demonstrava tal solicitude. Pelos pormenores oferecidos na vida do coronel Wallace e na do sr. Brown, nossos leitores já viram como MacWard foi compelido a deixar seu povo por influência do governo inglês e também com quanta honra agiram as autoridades holandesas nessa questão, mesmo quando ordenaram com brandura que nossos compatriotas se retirassem por algum tempo da Holanda. A igreja escocesa em Roterdã tinha grandes motivos para lamentar essa decisão forçada dos Estados, pois perdia assim os serviços, justamente apreciados, de três homens excelentes. A triste notícia foi comunicada em reunião do consistório realizada em 1º de fevereiro de 1677, conforme consta das atas: 'Foi-lhes comunicado ali pelo ministro sr. Robert MacWard que chegara uma ordem dos Estados Gerais segundo a qual ele, o sr. John Brown e o sr. Wallace deviam retirar-se deste lugar e das Sete Províncias pertencentes aos referidos Estados com toda a diligência possível; ordenança assim resolvida e imposta a eles, sem dúvida, pela corte da Inglaterra. O consistório ficou profundamente pesaroso por ser privado, desse modo, de seu pregador fiel, diligente e piedoso, e também de outro que a cada dia do Senhor era colaborador na obra do Senhor, bem como do presbítero mais diligente e útil que havia entre eles; e não

podiam considerar esse triste e terrível golpe senão como sinal notável e manifesto do grande desagrado do Senhor contra esta congregação, por seus muitos pecados e graves provocações, mas especialmente por sua falta de fruto e esterilidade sob as muitas regas e poderosos meios de graça, não apenas ministrados por eles, mas por muitos outros ministros do evangelho fiéis, capazes e diligentes, anteriormente removidos pela morte, cujos trabalhos no evangelho haviam sido muito bem-sucedidos em outras partes. Assim, com esse golpe tão pesado somado a todos os anteriores, não podiam deixar de prever, com toda a probabilidade, que o Senhor pretendia por esse meio abandonar este lugar e extinguir inteiramente nele a luz do evangelho. Considerando isso, julgaram seu dever humilhar-se profundamente diante do Senhor, suplicando que abrandasse o ardor de sua ira e implorando-lhe fervorosamente misericórdia e perdão, que não deixasse nem abandonasse de todo o pequeno remanescente deste lugar e que conservasse com a congregação o outro ministro fiel e diligente, até que o Senhor, em sua misericórdia e boa providência, reconduzisse e trouxesse de volta esses outros, agora injustamente banidos de seu meio. Ao referido sr. MacWard continuam a reconhecer e declarar como seu ministro, e ao sr. Wallace como seu presbítero, apesar de qualquer ato ou ordenança agora expedido contra eles, como acima dito, obtido por intermédio de instrumentos perversos e maliciosos e inimigos da verdade e do poder da piedade na corte da Inglaterra; de sorte que se consideram obrigados perante Deus, e têm por dever que lhes incumbe, a recebê-los e acolhê-los com toda a afeição cordial e fraterna na obra do Senhor, quando quer que Ele, em sua providência, queira remover essa restrição e trazê-los outra vez a este lugar.' O sr. MacWard prometeu empregar seus melhores esforços para que a congregação escocesa continuasse a desfrutar de seu quadro completo de ministros e para que seu lugar fosse preenchido tão depressa quanto possível por um trabalhador capaz e zeloso na vinha. Nessa reunião, a última a que presidiu, MacWard teve a satisfação de congratular o consistório pelo estabelecimento, devido principalmente a seus próprios esforços, de uma escola de inglês sob seus auspícios e de apresentar formalmente o professor recém-eleito. Essa escola existe até hoje sob o patrocínio direto do consistório escocês, que recebeu muitas provas gratificantes de sua utilidade; ofereceu ensino gratuito a vários que prosperaram notavelmente na vida e atribuíram seu êxito, sob uma Providência graciosa, aos benefícios que obtiveram por frequentar essa pequena escola. Antes de partir, MacWard participou da Ceia do Senhor com seu povo e dirigiu-lhe a palavra nessa ocasião excepcionalmente solene. Na manhã de domingo, 25 de fevereiro de 1677, pregou um discurso de despedida, 'pois partiria no dia 27 do corrente mês, como de fato partiu, para grande pesar de todos os verdadeiramente piedosos do lugar'. As cartas escritas por MacWard em Utrecht acerca do preenchimento da vaga em Roterdã revelam excelente espírito e demonstram grau incomum de verdadeira piedade. O consistório o autorizara a escolher qualquer ministro pertencente à Igreja da Escócia que julgasse qualificado para sucedê-lo e concordara, além disso, em acatar sua decisão. O sr. John Carstares (pai do diretor Carstares) e o sr. James Kirkton, historiador eclesiástico, foram convidados insistentemente, um após o outro; mas, tendo ambos recusado, o sr. Robert Fleming, que fora ministro em Cambuslang, aceitou a carta de nomeação. O sr. MacWard comunicou imediatamente ao consistório o feliz resultado do pedido. O sr. Fleming, homem de comprovado valor e grande experiência cristã, foi admitido como colega do sr. John Hogg em 30 de dezembro de 1677. A igreja escocesa em Roterdã floresceu sob Fleming e seu filho; e, de passagem, seja-nos permitido observar que, como o mais antigo ramo da Igreja da Escócia no continente europeu, continua a florescer tanto em número quanto em respeitabilidade. MacWard voltou a Roterdã em 1678. O coronel Wallace morreu em seus braços; e ele também foi chamado a testemunhar a partida 'para uma pátria melhor' de muitos irmãos exilados. Suportou, entretanto, essas provações com a serenidade e resignação de um cristão. Não se queixava dos desígnios de seu Pai celestial, mas aguardava pacientemente a hora solene em que também seria introduzido em sua ditosa companhia. Tampouco a Providência destinara que permanecesse muito tempo depois deles. Durante sua última enfermidade, pediu que o levassem para fora a fim de ver um cometa que então aparecera. Ao contemplar esse 'sinal nos céus', geralmente considerado naqueles dias prenúncio seguro da 'angústia das nações', MacWard, segundo se diz,

bendisse ao Senhor porque estava prestes a fechar os olhos e não teria de presenciar o que ameaçava sobrevir à sua terra natal. Bem se observou que poucos sabiam então que as revoluções de um cometa são tão regulares quanto as da lua, embora sua órbita possa ser tão grande que ele só apareça uma vez a cada centenas de anos.

MacWard morreu em Roterdã no mês de dezembro de 1681. Um retrato original seu, de meio corpo (do qual foi fielmente tirada a gravura desta obra), foi conservado na sala do consistório da Igreja Escocesa em Roterdã. Tinha olhos cor de avelã, tez corada e longos cabelos castanho-avermelhados que lhe caíam em cachos naturais sobre os ombros. MacWard deixou uma viúva, que residia alternadamente em Utrecht e Roterdã. Tinha um filho, de cuja história posterior, porém, nada podemos informar. Entre os manuscritos de Wodrow na Biblioteca dos Advogados, em Edimburgo, conservaram-se nada menos que setenta cartas originais dirigidas por MacWard a várias pessoas eminentes. Ocasionalmente examinamos esses preciosos documentos e, embora sua leitura nos tenha dado muito prazer, lamentamos que algumas epístolas, impregnadas de espírito tão celestial, não tenham sido apresentadas ao público cristão há muito tempo. Várias obras de MacWard vieram a público em vida, e algumas foram impressas muito depois de sua morte. A concisão não é característica distintiva de seu estilo. Com o coração cheio do assunto e o desejo sincero de impressionar cada leitor com a imensa importância da salvação, parece recear que, em seus apelos diretos à consciência, tenha omitido alguma consideração que pudesse levar até mesmo um único indivíduo a escolher imediatamente a Deus como sua porção. Essa é, supomos, uma das causas que conferem aos escritos de MacWard e de muitos de nossos antigos teólogos grande parte daquela prolixidade que a geração atual condena tão ruidosamente. Mas, enquanto protestamos contra um gosto corrompido e, com alguma razão, denunciamos as subdivisões desnecessárias e as frases intrincadas de uma época anterior, há, é de temer, motivos para suspeitar que incorremos no extremo oposto. A simplicidade penetrante da exposição do evangelho é sacrificada com demasiada frequência no altar do bom gosto. Aquelas comoventes admoestações ao pecador, aquela oportuna citação e alusão às Escrituras que persuadiam o entendimento e tocavam poderosamente o coração já não se encontram com tanta frequência; e talvez às vezes sejam deliberadamente omitidas para conquistar a aprovação efêmera do mundo. MacWard não buscava o aplauso dos homens. Como todo ministro consciencioso, não hesitava em proclamar, fosse do púlpito, fosse pela imprensa, todo o conselho de Deus. Sabia que isso poderia atrair-lhe o escárnio dos profanos, mas estava disposto a suportar o desprezo e a perseguição, e os suportou sem murmurar, na causa de seu divino Mestre.

Quando Koelman se ocupava em traduzir para a língua holandesa as obras de John Brown, Hugh Binning e outros autores escoceses, MacWard costumava fornecer-lhe um ensaio preliminar ou uma notícia biográfica. Seu ‘Alarme aos pregadores em tempos de apostasia’, pequena obra jamais publicada em inglês, mas traduzida para o holandês por seu amigo Koelman, era uma exortação capaz de despertar as consciências. Sua ‘Taça de água fria do pobre, ministrada aos santos e aos que sofrem por Cristo na Escócia’ foi recebida com avidez e estimada como bebida oportuna e consoladora pelos presbiterianos ‘que estavam em meio às chamas abrasadoras da prova de fogo’. A essas obras podem somar-se ‘Os partidários desfeitos’ e ‘O verdadeiro não conformista’, incisiva obra polêmica escrita em resposta ao bispo Burnet. Alguns o apresentaram erroneamente como autor de ‘Naftali’, obra escrita pelo sr. James Stirling, ministro de Paisley, com a assistência de sir James Stewart de Good-trees.

CAPITÃO JOHN PATON

JOHN PATON nasceu em Meadowhead, na paróquia de Fenwick e condado de Ayr. Dedicou-se à agricultura até perto da idade adulta. Os relatos divergem quanto à maneira pela qual iniciou sua carreira militar. Alguns dizem que se alistou como voluntário e foi para a Alemanha, onde, por alguma façanha heroica na tomada de certa cidade, foi promovido — provavelmente por Gustavo Adolfo, rei da Suécia — ao posto de capitão; e que, ao voltar para casa, sua aparência mudara tanto que seus pais mal o

reconheceram. Outros relatos dizem que integrou o exército ou milícia escocesa que foi à Inglaterra em janeiro de 1643–44 e esteve na batalha de Marston Moor, onde, segundo se diz, ao ingerir alguma bebida estragada, contraiu uma enfermidade asmática que o acompanhou pelo resto da vida. Seja ou não assim, é certo que deve ter retornado muito cedo à Escócia; pois nos dizem que, em 1645, quando os diversos ministros dos condados ocidentais foram convocados para comandar as milícias de suas próprias paróquias contra a insurreição de Montrose, ele foi chamado pelo sr. William Guthrie e nomeado capitão; nessa ocasião conduziu-se com grande bravura. Entre os Covenanters, particularmente quando foram derrotados em Kilsyth, ocorreu um episódio do qual podemos dar o seguinte relato.

Montrose, tendo alcançado uma vitória sobre os Covenanters em 2 de julho, atravessou o Forth e, acampando em Kilsyth, perto de Stirling, no dia 14, enfrentou no dia seguinte o exército dos Covenanters, então comandado pelo tenente-general Baillie. No primeiro ataque, alguns dos homens das Terras Altas de Montrose avançaram demais pela colina e foram cercados pelos Covenanters e quase derrotados; mas lorde Airly, já então um homem idoso, enviado por Montrose com reforços, obrigou os Covenanters a ceder terreno. O inimigo os empurrou para um pântano de águas paradas, onde não podiam lutar nem fugir. Nessa emergência, um conhecido do capitão, enquanto afundava, gritou-lhe que o ajudasse, pelo amor de Deus; mas, quando ele se voltou, já não se via o homem em parte alguma: afundara no pântano, onde jamais pôde ser encontrado. Após esse desastre, os mais velozes cavaleiros dos Covenanters chegaram a Stirling; a infantaria, porém, foi em sua maior parte morta ali mesmo e durante a perseguição que, segundo alguns historiadores, se estendeu por quatorze milhas; a maior parte do exército dos Covenanters morreu afogada ou foi aniquilada.

Nesse aperto, assim que conseguiu libertar-se do lamaçal, o capitão abriu caminho como pôde por entre o inimigo, de espada em punho, até alcançar em segurança os dois coronéis Hacket e Strachan, que partiram a cavalo com ele. Não haviam ido longe quando se depararam com cerca de quinze inimigos, dos quais mataram todos, exceto dois que escaparam. Depois de avançarem um pouco mais, foram atacados outra vez por cerca de treze homens; mataram dez, de modo que apenas três conseguiram escapar. Mas, à aproximação de outros onze homens das Terras Altas, um dos coronéis disse-lhe em tom familiar: 'Johnie, se não fizeres alguma coisa agora, estaremos todos mortos.' O capitão respondeu: 'Não temas, pois faremos o que pudermos antes de nos render ou fugir diante deles.' Mataram nove e puseram os demais em fuga.

Por essa época, o Senhor começou a olhar para a aflição de seu povo. Como Montrose derrotara os Covenanters em cinco ou seis ocasiões diferentes, o Comitê dos Estados começou a reconsiderar a situação e, para esse fim, viu motivo para chamar da Inglaterra o general Leslie com 4.000 soldados de infantaria e 1.000 dragões. Para enfrentá-lo, Montrose marchou para o sul, mas Leslie o derrotou vergonhosamente em Philiphaugh, em 13 de setembro. Muitos de seus homens foram mortos ou feitos prisioneiros, e ele próprio escapou com grande dificuldade;* depois disso, o sr. William Guthrie e o capitão Paton voltaram a Fenwick.

Assim prosseguiram as coisas até 1646, quando surgiram na Escócia duas facções, encabeçadas pelo duque de Hamilton e pelo marquês de Argyle. Uma pretendia trazer o rei para a Escócia, a que se opunha a outra. Continuaram, porém, a recrutar tropas, em consequência do que o duque marchou para a Inglaterra com um poderoso exército. Nesse ínterim, o major-general Middleton caiu sobre um pequeno grupo de Covenanters reunidos para celebrar a Ceia do Senhor em Mauchline e, apesar da promessa solene em contrário, atacou os fiéis na segunda-feira seguinte. Embora os homens de Paton apenas se defendessem, diz-se que o capitão matou de próprio punho dezoito inimigos.

Mas, derrotados o duque e seu exército e decapitado depois Argyle, os ingleses deram prosseguimento à vitória, e Cromwell entrou na Escócia com seus homens. Em consequência disso, os partidários do compromisso não só foram obrigados a ceder como ficaram inteiramente dispersos. Mais tarde, alguns

dos desgarrados vieram para o oeste com o propósito de saquear e se instalaram por algum tempo nas charnecas de London, Eaglesham e Fenwick; o capitão teve, então, de entrar outra vez em ação. À frente de um grupo de homens de Fenwick, saiu-lhes no encalço e encontrou alguns numa casa daquela paróquia chamada Lochgoin. Amedrontou-os de tal modo, embora não tenha corrido sangue, que prometeram, sob pena de morte, nunca mais incomodar aquela casa nem qualquer outro lugar da região, e se retiraram sem causar novas perturbações.

Tendo Carlos I sido decapitado em 30 de janeiro de 1649 e Carlos II chamado de Breda para regressar, em 1650, ao saber-se de uma invasão inglesa, o Parlamento escocês ordenou o recrutamento imediato de 10.000 soldados de infantaria e 3.000 cavaleiros para defender o rei e o reino. Foi necessário que o capitão voltasse a tomar o campo, pois sua habilidade militar já o tornara universalmente popular. Cromwell entrou na Escócia em julho de 1650 e travou várias escaramuças com o exército escocês, até que este foi inteiramente derrotado em Dunbar, em 3 de setembro. Depois disso, revogado o Ato das Classes, tanto a igreja quanto o Estado começaram a agir em funções distintas e a olhar um para o outro com tanta desconfiança quanto para o inimigo comum. No exército, do lado dos protestadores, encontravam-se os coronéis Kerr, Hacket e Strachan e, entre os oficiais de patente inferior, o major Stuart, o capitão Arnot, irmão do senhor de Lochridge, o capitão Paton e outros. O conflito chegou a tal ponto que os coronéis Kerr e Strachan renunciaram a suas comissões e vieram para o oeste com outros oficiais, muitos dos quais eram considerados os mais religiosos e os mais bem-intencionados do exército. Avançaram para combater os ingleses em Hamilton, mas foram derrotados.

O exército escocês, já incapaz de resistir aos ingleses, deslocou-se de um lugar para outro e foi à Inglaterra; por volta do fim de agosto de 1651, Worcester rendeu-se a ele. O exército inglês, porém, seguiu-o de perto e o derrotou completamente em 3 de setembro, obrigando o rei a retirar-se do reino. Depois disso, o capitão voltou para casa, assumiu a fazenda de Meadow-head, onde nascera, e casou-se com Janet Lindsay, que não sobreviveu por muito tempo à união. Ali, as excelências de sua vida cristã na condição de particular foram tão notáveis quanto as que demonstrara como soldado no acampamento; pois, frequentando o ministério daquele homem fiel, o sr. William Guthrie, tornou-se membro de seu consistório, posição que conservou até que essa luz clara e resplandecente foi apagada por Carlos II, então no trono, que apertava o jugo da supremacia e da tirania em torno do pescoço tanto da igreja quanto do Estado. As coisas chegaram a tal ponto que, em 1660, diante de certos abusos cometidos no sul e no oeste por sir James Turner, várias pessoas se levantaram em legítima defesa sob o comando de Barscob e de outros cavalheiros de Galloway. A eles se juntaram diversos grupos do condado de Ayr: o coronel James Wallace de Achans; o capitão Arnot, com um grupo de Mauchline; Lockhart de Wicketshaw, com um grupo de Carluke; o major Lermount, com um grupo da região acima de Galston; Neilson de Corsack, com um grupo de Galloway; e o capitão Paton, que então voltou ao campo com uma tropa de cavalaria de London, Fenwick e outros lugares. Reunidos, seguiram para leste, renovando as alianças em Lanark; daí foram a Bathgate, depois a Collington e adiante até Rullion, perto das colinas de Pentland. Naquele dia fatal, 28 de novembro, foram atacados pelo general Dalziel e pelas forças do rei. No primeiro embate, o capitão Arnot e uma tropa de cavalaria combateram com êxito um grupo dos homens de Dalziel; depois, outro grupo pôs os homens do general em fuga. Mas, no último confronto, por volta do pôr do sol, Dalziel, que sofrera tantos reveses, lançou toda a ala esquerda de seu exército contra a direita do coronel Wallace; como este mal dispunha de três cavalos debilitados para recebê-los, foram obrigados a ceder. O capitão Paton, que estivera desde o início com o capitão Arnot no primeiro confronto, conduziu-se ali com grande coragem e bravura. Dalziel, que o conhecia das guerras anteriores, avançou pessoalmente contra ele, pensando prendê-lo. Ao aproximarem-se, ambos apontaram suas pistolas; após o primeiro disparo, o capitão Paton viu a bala resvalar nas botas de Dalziel e, sabendo o motivo, tirou do bolso uma pequena peça de prata que guardava para esse fim e colocou-a na outra pistola. Dalziel, porém, que o observava nesse ínterim, recuou para trás de um de seus homens, que assim foi morto. Os homens do coronel, flanqueados por todos os lados pelos de

Dalziel, tiveram suas fileiras rompidas e foram dominados; de modo que o capitão e mais dois cavaleiros de Fenwick ficaram cercados, com cinco fileiras de homens, pelo general, e ele e os dois que vinham atrás tiveram de abrir caminho através deles, quando quase ninguém mais restava no campo de batalha, depois de resistirem nesse confronto por quase uma hora.

Assim que Dalziel o viu partir, ordenou a três de seus homens que o perseguissem de perto e deu-lhes sinais pelos quais poderiam reconhecê-lo. Mal alcançaram o capitão, diante de quem havia um grande atoleiro do qual três homens de Galloway acabavam de retirar seus cavalos, os homens de Galloway gritaram em voz alta: 'Que faremos agora?' Paton respondeu: 'Qual era a razão do alarido?' Viu que apenas três homens avançavam contra eles; então fez o cavalo saltar a vala, voltou-se e ficou imóvel, de espada desembainhada na mão, até que o primeiro, ao chegar, tentou fazer seu cavalo saltar também. Paton então, com a espada,* partiu-lhe a cabeça ao meio; o cavalo dele, impedido de avançar, caiu no lamaçal junto com os outros dois homens e cavalos. Mandou-os transmitir suas saudações ao amo e dizer-lhe que ele não viria naquela noite; assim escapou e por fim chegou são e salvo a casa.

Depois disso, os Covenanters foram submetidos a muitas privações, sobretudo os que haviam participado de algum modo do levante de Pentland, sendo obrigados a recorrer aos refúgios das montanhas e a outros lugares desertos e solitários. No inverno seguinte, Paton e cerca de vinte outros tiveram um livramento extraordinário das mãos do inimigo. Reunidos certa noite em Lochgoin para desfrutar de comunhão e conversa piedosa, foram milagrosamente alertados e poupados graças a um sonho repetido sobre a aproximação do inimigo, tido pelo ancião da casa, que se recolhera para descansar em razão de sua fraqueza. O aviso veio com tempo apenas suficiente para que escapassem, pois o inimigo se achava a menos de uma milha da casa. Depois que se retiraram, o ancião se levantou depressa e foi ao encontro dos recém-chegados, desculpando-se pelo estado em que se encontrava a casa àquela hora, pouco depois do amanhecer; nada foi então descoberto.

Por esse tempo, Paton permanecia às vezes em casa e às vezes em lugares tão remotos quanto necessário para escondê-lo das buscas de seus perseguidores. Casou-se pela segunda vez, com Janet Millar, de Eaglesham (cujo pai tombara em Bothwell Bridge), e com ela teve seis filhos; continuaram a possuir, por arrendamento, as fazendas de Meadowhead e Artnock até o dia de sua morte.

Era também daqueles que frequentavam a pregação pura do evangelho onde quer que pudessem encontrá-la, e incentivava muito o costume de portar armas em sua defesa, o que considerava um meio adequado de conter em parte a violência inimiga. Mas a situação piorava cada vez mais: novas tropas de cavalaria e companhias de infantaria foram enviadas aos condados ocidentais precisamente para reprimir e descobrir essas reuniões ao ar livre, o que provocou novo levante em 1679. Por essas severidades sem paralelo, eles se achavam, com aqueles de quem fala o apóstolo, 'desamparados, aflitos e maltratados, homens dos quais o mundo não era digno; e vagavam pelos desertos, pelos montes e pelas cavernas e covas da terra'. Hebreus 11:37, 38.

O remanescente sofredor, sob o comando do sr. Robert Hamilton, tendo alcançado a vitória sobre Claverhouse em 1º de junho de 1676, em Drumlog, em Evandale, escaramuça na qual morreram cerca de trinta e seis ou quarenta membros daquele bando sanguinário, foi no dia seguinte a Glasgow em perseguição do inimigo. Regressando, porém, sem êxito, formaram acampamento e realizaram um conselho de guerra em 3 de junho. No dia 4 reuniram-se em Kyperidge; no dia 5 foram ao parque do comissário Fleming, na paróquia de Kilbride. A essa altura Paton, que durante todo esse tempo não estivera ocioso, chegou com um corpo de cavaleiros de Fenwick e Galston; muitos outros se juntaram a eles, de modo que suas forças cresceram consideravelmente.

Até então haviam sido de um só coração e uma só mente; mas chegou a eles uma tropa de cavalaria de Carrick, acompanhada do sr. Welch e de alguns outros ministros favoráveis à indulgência; depois disso nunca mais prosperaram e acabaram derrotados em Bothwell Bridge, em 22 de junho seguinte.

O partido dos protestadores não queria unir-se aos do lado erastiano até que estes se declarassem por Deus e sua causa, contra toda e qualquer apostasia. Mas Welch e seu partido encontraram um meio de livrar-se dos oficiais de quem mais temiam oposição: deram ordens a Rathillet, Haugh-head, Carmichael e Smith para irem a Glasgow encontrar-se com os srs. King e Paton, o que fizeram. Chegando a Glasgow, King e Paton conduziram-nos para fora da cidade, conforme supunham, para a pregação; perguntados, porém, aonde iam, responderam que, segundo ordens recebidas em particular por King e Paton, deviam ir dispersar uma reunião do inimigo em Campsie. Ao chegarem lá, descobriram que haviam sido enganados: era apenas um estratagema para se livrarem de King e dos demais oficiais fiéis.

Esses oficiais de confiança eram o sr. Hamilton, o general Hackston de Rathillet, Hall de Haugh-head, o capitão Paton de Meadow-head, John Balfour de Kinloch, o sr. Walter Smith, William Carmichael, William Cleland, James Henderson e Robert Fleming. Seus ministros eram os srs. Donald Cargill, Thomas Douglas, John Kid e John King; pois o sr. Richard Cameron encontrava-se então na Holanda. Henry Hall de Haugh-head, John Paton de Meadow-head, William Carmichael e Andrew Turnbull eram presbíteros regentes da Igreja da Escócia.

Assim, o partido dos protestadores continuou a lutar contra o partido erastiano até aquele dia fatal, 22 de junho, quando foi desbaratado e obrigado a fugir diante do inimigo. O capitão foi então feito major; alguns relatos dizem que, no dia anterior, fora feito coronel. O sr. Wilson, ao escrever sobre o episódio, diz supor que John Paton, Robert Fleming, James Henderson e William Cleland foram escolhidos coronéis de regimentos; como, porém, ele não ocupou esse posto por muito tempo, vemos que depois continuou a ser chamado capitão John Paton.

Os que sofriam pela causa ficaram então expostos a novas privações, e ninguém mais que o capitão Paton. Não apenas foi declarado rebelde por proclamação, mas também se ofereceu uma soma considerável por sua cabeça, o que intensificou a perseguição. Pouco depois de Bothwell, o capitão teve uma fuga e um livramento extraordinários de seus inimigos sedentos de sangue, dos quais se pode dar o seguinte relato.

Certa noite, o capitão e mais alguns estavam alojados na já mencionada casa de Lochgoin,* com James Howie, um de seus companheiros de sofrimento. Naquela ocasião, um capitão Inglis achava-se com uma tropa na casa do deão de Kilmarnock, e Inglis enviara destacamentos em todas as direções para ver quem poderiam prender. Um destacamento enviado naquela noite à procura de alguns dos perseguidos chegou a Meadowhead e dali foi a outro lugar remoto nas charnecas de Fenwick, chamado Croilburn. Nada encontrando ali, seguiram para Lochgoin, convencidos de que não deixariam de alcançar seu objetivo nesse lugar. Para aproximar-se dele com mais segurança, mandaram cerca de cinco homens com um sargento Rae por outro caminho, visto que o corpo principal não conseguiria chegar tão facilmente sem ser percebido.

Os perseguidos tinham montado guarda em turnos a noite inteira, sob forte tempestade, e, ao amanhecer, o capitão foi descansar no extremo da casa por causa de sua enfermidade asmática. Nesse ínterim, George Woodburn saiu para observar a região; mal regressara quando, de súbito, o sargento Rae chegou à porta interior da casa e gritou: ‘Cães, agora vos encontrei!’ Os quatro homens refugiaram-se na despensa; James e John Howie encontravam-se então no estábulo, entre o gado. A dona da casa, Isabel Howie, vendo apenas o sargento, gritou-lhes que fugissem para as colinas e não se deixassem matar dentro da casa. Agarrou Rae quando este avançava ousadamente em direção à porta do aposento em que estavam e o empurrou para trás, para fora da porta exterior da casa, dando-lhe um golpe tão súbito que o derrubou. Nesse meio-tempo, alertado, o capitão levantou-se e calçou os sapatos, embora sem grande pressa, e todos conseguiram sair antes da chegada do resto do destacamento. O sargento atirou contra eles, e John Kirkland respondeu ao disparo. A bala passou tão perto do sargento que lhe arrancou o tufo de cabelos de um lado da cabeça. Alertado todo o bando, o capitão e os demais tomaram o caminho das charnecas de Eaglesham, seguidos pelos perseguidores. Dois homens correram com o

capitão, e outros dois ficaram alternadamente na retaguarda e dispararam contra o inimigo, que também atirava neles; mas as armas dos inimigos, umedecidas ao atravessarem a água, não disparavam com tanta prontidão, o que ajudou os outros a escapar.

Depois de algum tempo de perseguição, John Kirkland voltou-se e, ajoelhando-se, mirou tão bem que atingiu um sargento das Terras Altas na coxa; assim, os perseguidos ganharam terreno. Ao chegarem às charnecas de Eaglesham, os quatro homens dirigiram-se às elevações, à vista do inimigo, e fizeram o capitão, já idoso, seguir sozinho por outro caminho. Por fim, encontrou uma égua no campo e tomou a liberdade de montá-la para escapar mais depressa; antes que se desse conta, porém, surgiu um destacamento de dragões. Paton era uma figura muito conspícua, pois estava sem sapatos e cavalgava sem sela; ainda assim, passou muito devagar por eles e escapou sem ser reconhecido. Afinal, soltou a égua e seguiu para outro de seus esconderijos. Tudo isso aconteceu numa manhã de segunda-feira; no dia seguinte, aqueles perseguidores voltaram, saquearam a casa, levaram o gado e quase nada deixaram para trás.*

Por esse tempo, o capitão experimentou outro livramento: tendo perdido um filho, o cura da paróquia, que sabia quando o corpo seria sepultado, avisou a um destacamento de soldados em Kilmarnock para que viessem prendê-lo no enterro. Algumas pessoas presentes ao sepultamento, porém, persuadiram-no a voltar, caso o inimigo os surpreendesse no cemitério; e assim ele fez, quando se encontrava a pouca distância da igreja.

Ele próprio também prestava grande socorro aos perseguidos, na medida em que suas circunstâncias o permitiam. Alguns de seus companheiros na tribulação e na paciência de Jesus Cristo o procuravam em certas ocasiões, entre eles o digno David Hackston de Rathillet, Balfour de Kinloch e o sr. Donald Cargill. Diz-se que o sr. Cargill administrou o sacramento do batismo a vinte e duas crianças no celeiro de Paton,* em Meadowhead, algum tempo depois do combate em Bothwell Bridge.†

Pouco antes de sua morte, por volta do início de agosto de 1684, foi à casa de Robert Howie em Floack, na paróquia de Mearns, que anteriormente lhe servira de esconderijo. Ali, cinco soldados o prenderam antes que ele ou qualquer pessoa na casa percebesse sua presença. Não tinha armas; mesmo assim, os moradores lhe ofereceram ajuda, caso a quisesse. De fato, tinham condições de resgatá-lo; e ele próprio, em outros tempos, teria conseguido livrar-se do dobro daquele número. Mas disse que isso lhes traria mais problemas e, quanto a si, já estava cansado da vida, de tanto ser caçado de um lugar a outro; agora, já avançado em anos, os esconderijos se haviam tornado mais penosos. Não temia morrer, pois sabia bem que, quando caísse nas mãos deles, esse seria seu destino, e tivera muitos anos para pensar nisso; quanto à sua participação em Cristo, disso tinha certeza. Levaram-no a Kilmarnock sem saber quem era, julgando-o algum velho ministro. Quando chegaram a um lugar da estrada chamado Mooryeat, o dono da casa daquele lugar, vendo-o naquelas circunstâncias, disse: 'Ai de mim! Capitão Paton, estais aqui?' Para alegria dos soldados, souberam então quem lhes caíra nas mãos. Foi levado a Kilmarnock, a Ayr, de volta a Glasgow e, pouco depois, a Edimburgo.

Relata-se como fato que o general Dalziel o encontrou ali e o abraçou, dizendo: 'John, alegro-me e entristeço-me ao ver-te. Se te houvesse encontrado pelo caminho, antes de chegares aqui, ter-te-ia posto em liberdade; agora, porém, é tarde demais. Não tenhas medo: escreverei a Sua Majestade para pedir tua vida.' O capitão respondeu: 'Não sereis atendido.' Dalziel disse: 'Não serei? Se ele não me conceder a vida de um só homem, jamais tornarei a desembainhar a espada por ele!' Diz-se que, depois de conversarem por algum tempo, um homem veio e disse ao capitão: 'Sois um rebelde contra o rei.' Este respondeu: 'Amigo, fiz pelo rei mais do que talvez tu tenhas feito.' Dalziel disse: 'Sim, John, é verdade!' — talvez se referisse a Worcester — e golpeou a cabeça do homem com a bengala até fazê-lo cambalear, dizendo que lhe ensinaria maneiras melhores do que tratar assim um prisioneiro. Depois disso e de mais alguma conversa, o capitão agradeceu-lhe a cortesia, e separaram-se.

Seu julgamento não tardou. O sr. Wodrow diz que, em 16 de abril, o conselho ordenou uma recompensa de vinte libras esterlinas ao alferes de cavalaria Lewis Lauder por ter prendido John Paton, que fora rebelde notório por dezoito anos. Foi levado perante o tribunal de justiça e denunciado por estar com os rebeldes em Glasgow, Bothwell etc. O advogado da Coroa, ex superabundanti, deixou de lado sua presença em Pentland e insistiu na presença em Bothwell. Os juízes consideraram pertinente a acusação e, como prova, remeteram à confissão prestada pelo próprio acusado perante o conselho: John Paton, de Meadow-head em Fenwick, preso na paróquia de Mearns, na casa de Robert Howie em Floack, e que costumava frequentar os campos e as charnecas, confessa que foi levado pelo povo da região a sair em 1666 e comandou um grupo em Pentland; confessa que se juntou aos rebeldes em Glasgow cerca de oito dias antes do confronto e comandou um grupo em Bothwell etc. O júri não teve mais nada a examinar além da confissão do próprio acusado, mas ainda assim o declarou culpado. Os juízes condenaram-no a ser enforcado em Grassmarket, Edimburgo, na quarta-feira, 23 de abril. Segundo outros relatos, porém, fora acusado perante o conselho de ser rebelde desde 1640, de ter combatido Montrose, de haver estado em Mauchlinemoor etc.

Persuadiram-no a apresentar uma petição ao conselho; em consequência, a execução foi adiada para o dia 30 e, depois, para 9 de maio, quando sofreu a pena conforme a sentença. Sem dúvida Dalziel cumpriu a palavra, pois se diz que obteve do rei uma suspensão da pena; mas, ao chegar às mãos do bispo Paterson, este a reteve até que o capitão fosse executado, o que muito enfureceu o general. Parece que pretendiam poupá-lo; mas, como ele observou em seu último discurso, os prelados impediram-no eficazmente. Nos últimos oito dias de vida, recebeu um quarto só para si a fim de preparar-se mais convenientemente para a morte, favor que naquela época lhe foi concedido acima de muitos outros.

Não sabemos agora como se conduziu no lugar da execução; apenas se crê que seu comportamento foi digno de tão valente servo e soldado de Jesus Cristo, como atesta seu último discurso e testemunho derradeiro. Assim chegou ao fim mais um bravo soldado de Jesus Cristo, cujas ações em vida e atitude diante da morte mostram plenamente que não era de índole rude, como alguns afirmaram acerca desses nossos perseguidos de tempos recentes, mas antes tinha um trato manso, ponderado e cristão, temperado de verdadeiro zelo e fidelidade à causa e aos interesses do Rei e Senhor de Sião. Era de estatura mediana — segundo os relatos —, forte e robusto, de tez um tanto clara e sobrancelhas espessas. Mas o que mais o distinguia eram a coragem e a grandeza de espírito, que o acompanhavam em todas as circunstâncias extraordinárias; e, embora fosse de origem humilde, verdadeiramente se podia dizer que viveu como herói e morreu como mártir.

ROBERT BAILLIE DE JERVISWOOD

À PARTE, por completo, dos sofrimentos que suportou, o sr. Baillie de Jerviswood merece justamente a lembrança da posteridade por sua posição social altamente respeitável e por seus talentos e virtudes extraordinários. Nasceu em família antiga e honrada, havia muito conhecida como defensora da liberdade civil e religiosa; e dela se mostrou, em seu tempo, um representante nada indigno. O testemunho de alguns de seus contemporâneos mais ilustres comprova que foi um dos melhores homens e maiores estadistas de sua época.

Isso, entretanto, longe de embotar a espada da perseguição ou defendê-lo de seu golpe, apenas o assinalou como alvo tanto mais apropriado, por ser mais proeminente, para a malícia e a fúria daqueles que, no período referido, guerreavam contra a liberdade e a religião. Não há, de fato, a menor razão para duvidar de que caiu vítima da intolerância perseguidora e morreu mártir dos princípios da Reforma, de seu zelo contra o papismo e contra o poder arbitrário.

Como muitos outros de sua categoria e posição, havia muito era objeto de suspeita do partido dominante. Sua família fora frequentemente acossada e perturbada por destacamentos de soldados enviados em perseguição dos presbiterianos. Em suma, parecia que só faltava um pretexto para causar

problemas, e até a morte, a esse homem excelente. Infelizmente, tal pretexto enfim surgiu quando interveio generosamente em favor de um parente aflito e perseguido, o reverendo sr. Kirkton.

Estando em Edimburgo em junho de 1676, soube que o sr. Kirkton fora ilegalmente preso, sem mandado, por um capitão Carstairs, um dos mais devotados instrumentos da administração de então, e julgou ser seu dever intervir para resgatá-lo. Por isso foi imediatamente chamado perante o conselho e, depois de lhes relatar o ocorrido, teria sido poupado de qualquer outra dificuldade por esse motivo, não fosse o infame Sharp ter declarado que, se Carstairs não fosse apoiado e Jerviswood não servisse de exemplo, não seria possível perseguir os fanáticos. Na sessão seguinte do conselho, portanto, Jerviswood foi multado em quinhentas libras e mantido quatro meses na prisão antes de ser libertado.

Não voltou a ser importunado até agosto de 1684, quando foi processado por envolvimento na Conspiração da Rye House. Algum tempo depois de seu processo anterior, fora à Inglaterra e participara dos planos propostos pelos patriotas daquele país para emancipar a Grã-Bretanha do opressivo despotismo sob o qual jazia. Não conseguimos apurar por que meios foi descoberto e preso. Certo é, porém, que então se encontrava em estado terminal; e, se os comissários o tivessem poupado por apenas mais algumas semanas, teriam escapado à mancha indelével de desumanidade que lhes ficou por levá-lo a uma morte violenta e ignominiosa. Foi conduzido ao tribunal de camisola, acompanhado da irmã, que às vezes lhe dava bebidas revigorantes; incapaz de permanecer em pé, teve de sentar-se. Sua acusação alegava, em termos gerais, que mantivera correspondência para privar Sua Alteza Real, único irmão do rei, do direito de sucessão. Ordenaram-lhe que se exculpasse mediante juramento, o que recusou. O tribunal multou-o em seis mil libras. Poder-se-ia pensar que, multado nessa grande soma, recebera sua sentença definitiva; mas continuou encerrado na prisão, privado de toda assistência e cuidado. O bispo Burnet conta-nos que os ministros de Estado estavam decididos com o maior empenho a destruir Baillie, embora ele se encontrasse então em estado tão debilitado que, se sua morte bastasse para satisfazer a malícia da corte, ela parecia muito próxima. Diz ainda que, durante todo o tempo de prisão, mostrou-se tão sereno e alegre que seu comportamento parecia reviver o espírito dos mais nobres gregos ou romanos da Antiguidade, ou, melhor, dos cristãos primitivos e primeiros mártires nos melhores dias da igreja. O duque, então comissário, porém, não se satisfez com tudo isso; assim, em 23 de dezembro, Baillie foi levado perante o conselho para ser julgado por crime capital. Não é necessário entrar aqui nos mínimos pormenores do julgamento. Basta dizer que se recorreu a todos os meios, legais ou não, para assegurar sua condenação, objetivo nada difícil de alcançar perante tais juízes. Entre outras coisas, o depoimento do sr. William Carstairs — não o capitão Carstairs antes mencionado —, prestado após uma hora de tortura com esmagadores de polegares,* e cuja utilização como prova ele expressamente proibira, foi, ainda assim, invocado contra Baillie. Quando Mackenzie, advogado do rei, terminou sua acusação, Baillie deu uma resposta profundamente comovente. Disse, entre outras coisas: 'Há uma coisa que me aflige mais do que todas e pela qual sou lesado em grau extremo: a acusação de uma conspiração para matar o rei e Sua Alteza Real e de que passei noites em claro a redigir uma declaração para dissimular ou justificar tal vilania. É provável que dentro de algumas horas eu compareça perante o tribunal do grande Juiz; e, na presença de vossas senhorias e de todos os aqui presentes, declaro solenemente que jamais fui instigado a semelhante coisa nem dela tive conhecimento e que abomino e detesto toda ideia ou princípio de atentar contra a vida de Sua Sagrada Majestade ou de seu irmão real.' Então, olhando diretamente para Mackenzie, disse: 'Meu senhor, acho muito estranho que me imputeis coisas tão abomináveis; talvez vos lembreis de que, quando viestes à prisão visitar-me, dissestes que tais acusações pesavam contra mim, mas que não acreditáveis nelas. Como, então, meu senhor, viestes lançar sobre mim semelhante mancha com tanta veemência? Estais agora convencido, em vossa própria consciência, de que sou mais culpado do que antes? Podeis lembrar-vos do que se passou entre nós na prisão.' Todos os presentes fixaram os olhos no advogado, que, bastante perturbado, disse: 'Jerviswood, reconheço o que dizeis; na ocasião, eu pensava como particular, mas o que digo aqui é por ordem expressa do conselho privado'; e, apontando para o sr. William Paterson, o

escrivão, acrescentou: 'Ele conhece minhas ordens.' Jerviswood respondeu: 'Pois bem, se vossa senhoria tem uma consciência para si e outra para o conselho, peço a Deus que vos perdoe; eu vos perdoo.' Voltando-se então para o juiz-geral, disse: 'Meu senhor, não vos importuno mais.' Na manhã seguinte, 24 de dezembro, o júri declarou-o culpado; e os juízes o condenaram a ser enforcado na cruz do mercado de Edimburgo, entre duas e quatro horas daquela tarde, a ter a cabeça cortada e fixada na porta de Netherbow e o corpo esquartejado: uma parte seria exposta no edifício municipal de Jedburgh, outra no de Lanark, a terceira no de Ayr e a quarta no de Glasgow. Pronunciada a sentença, disse: 'Meus senhores, o tempo é curto, a sentença é severa; mas agradeço a meu Deus, que me fez tão preparado para morrer quanto vós estais para viver.' Foi então reconduzido ao aposento da prisão e, apoiando-se na cama, entrou em êxtase diante da perspectiva segura de uma eternidade bem-aventurada. Depois de breve silêncio, perguntaram-lhe como se sentia. Respondeu: 'Nunca estive melhor; e, dentro de algumas horas, estarei tão bem que não se pode imaginar. Vão mandar-me em pedaços e quartos; podem cortar e retalhar meu corpo como quiserem, mas sei com certeza que nada se perderá, que todos estes meus membros serão maravilhosamente reunidos e feitos semelhantes ao corpo glorioso de Cristo!' Nas poucas horas que lhe restavam de vida, seu porte e comportamento foram dignos e cristãos em grau eminente. Na execução, gozava da maior serenidade de alma possível para alguém deste lado do céu, embora o corpo estivesse extremamente abatido. Não pôde subir a escada sem apoio; quando nela se encontrava, começou a dizer: 'Meu fraco zelo pela religião protestante trouxe-me a isto'; mas os tambores o interromperam. Preparara um discurso para pronunciar no cadafalso, mas foi impedido; deixou, contudo, cópias com os amigos, e dele inserimos alguns trechos. 'Quanto aos meus princípios relativos ao governo', disse ele, 'são tais que não devo envergonhar-me deles, pois estão em consonância com a palavra de Deus e a Confissão de Fé das igrejas reformadas. Morro membro da Igreja da Escócia, tal como foi constituída em seus melhores e mais puros tempos. Bendigo a Deus porque neste dia sei em quem tenho crido e a quem entreguei minha alma como fiel guardião. Sei que vou para o meu Deus e minha maior alegria. Minha alma bendiz a Deus e nele se regozija porque a morte não pode separar-me de meu Deus. Deixo minha esposa e meus filhos ao coração compassivo e misericordioso de meu Deus, tendo reiteradas garantias de que Deus será meu Deus e a porção dos meus. Bendigo e adoro a meu Deus porque há muito a morte deixou de ser um terror para mim e, ao contrário, tem sido muito desejada; meu bendito Jesus lhe tirou o aguilhão e fez da sepultura um leito de rosas para todos os que se apegaram a ele pela fé que opera pelo amor. Sofri duramente por um tempo considerável; ainda assim, para louvor da graça de Deus, devo dizer que o tempo de meu sofrimento foi o melhor de minha vida e que, quando meus sofrimentos foram mais agudos, minhas alegrias e consolações espirituais foram maiores. Que ninguém tema a cruz de Cristo; sua cruz é nossa maior glória. Ai daqueles que contribuem para banir Cristo desta terra! Benditos os que, por uma vida conforme o evangelho e incessante luta em oração com Deus, contribuem para manter Cristo na nação. Ele é a glória de uma terra e, se pudéssemos amá-lo, não se separaria de nós. Ai daqueles que preferem banir Cristo da terra a amá-lo! Que Deus derrame abundantemente seu Espírito sobre o pobre remanescente, para que não lhe deem descanso até que faça de Jerusalém a alegria e o louvor de toda a terra. Não tenho mais tempo; mas espero que os que amam Cristo se tenham lembrado de mim em minha aflição, se lembrem agora e se lembrarão de minha esposa e meus filhos. Vou com alegria Àquele que é a alegria e o esposo; Àquele que é o Salvador e Redentor de minha alma. Vou exultante ao Deus da minha vida, à minha porção e herança, ao esposo de minha alma. Vem, Senhor!'

Era muito elevada a reputação desse cavalheiro. O dr. Owen, que o conhecia, disse a um amigo: "Tendes, verdadeiramente, homens de grande espírito na Escócia; entre eles há um cavalheiro, o sr. Baillie de Jerviswood, pessoa das maiores capacidades que já encontrei." E o bispo Burnet, ao falar dele, disse: "Assim, um cavalheiro instruído e digno, depois de vinte meses de maus-tratos, foi levado a uma morte cujos procedimentos, em todas as suas etapas, estavam tão impregnados do espírito e das práticas dos tribunais da Inquisição, que somos tentados a pensar que foram sugeridos por alguém versado neles, quando não exercitado em praticá-los."

JOHN BROWN DE PRIESTHILL*

A fazenda de Priesthill situa-se na paróquia de Muirkirk, distrito de Kyle, em Ayrshire; há cerca de cento e sessenta anos, pertencia a John Brown, comumente chamado o Transportador Cristão.

Sua casa, que ainda hoje se ergue, fica no alto de uma colina, atrás da qual se estende uma vasta região de charnecas, turfeiras escavadas e rochedos, alguns dos quais oferecem vista de diversos condados. A casa é de pedra e argamassa, coberta de urze. O interior devia ser confortável segundo o gosto da época; John Brown a mobiliara de maneira respeitável para alguém de sua condição. Mas os fazendeiros e criadores de gado abastados de hoje dificilmente a chamariam confortável. Não havia grade de lareira; o fogo ardia sobre o chão e, por não haver aberturas na parede, a fumaça subia lentamente até o alto da chaminé. Contudo, por mais escura e enfumaçada que fosse, muitos encontraram nela um pequeno santuário, não apenas como refúgio, mas também como lugar da presença de Deus.

Embora simples nos hábitos e no mobiliário, os habitantes dessas regiões agrestes eram bem informados; até seus filhos se interessavam por tudo o que acontecia na Escócia e liam os mesmos livros que os pais.

John era apenas um menino quando mais de trezentos ministros foram depostos, num só dia, por Carlos II, porque, em consciência, não podiam ou não queriam submeter a Igreja ao domínio dos bispos. Muitas vezes descrevia a aflição que então se espalhou pelo país, bem como a angústia e o pranto nas igrejas, no domingo em que seus ministros pregaram os sermões de despedida. Era de partir o coração separar-se de homens assim, tão notáveis pela graça e eminentes pelos dons; muitos eram eruditos, e todos singularmente queridos por seu povo. “Nenhum deles era escandaloso, incapaz ou negligente, e os frutos de seu ministério eram visíveis por toda parte. Podia-se viajar muitas milhas sem ouvir um juramento, e raramente se encontrava pousada numa casa onde Deus não fosse adorado. A iniquidade, envergonhada, escondia a cabeça. Mas que terrível reversão se fez sentir quando a prelazia foi introduzida por meios arbitrários! Foi como a mudança do rei Saul: depois do espírito bom, um espírito mau.”

O vendaval da perseguição levou as sementes da salvação aonde a influência da Reforma ainda não chegara. A fronteira escocesa, proverbial pelos saqueadores e ladrões, sentiu os efeitos divinos dos ministros banidos.* Ali eles receberam abrigo sem que se temessem as leis, e foram acolhidos com bondade. Os moradores das charnecas cobertas de urze e das ilhas distantes do mar se alegraram e floresceram como a rosa. Assim, a dispersão dos ministros abriu novas brechas no reino de Satanás. O evangelho floresceu, embora expulso dos templos feitos por mãos humanas. Muitos datam sua conversão das boas-novas que ouviram naquelas paragens e dizem com o salmista: “Eis que ouvimos falar de ti em Efrata; encontramo-te no campo do bosque.”

Foi desses ministros banidos que John recebeu sua esmerada educação. Teria seguido o ministério da Igreja, não fosse uma dificuldade incomum de expressar suas opiniões diante de estranhos, que o impediu de prosseguir os estudos. Mas, coisa singular, na oração possuía um dom extraordinário. Derramava a alma numa linguagem tão conforme às Escrituras e, ao mesmo tempo, com tamanha variedade, fluência e fervor, que parecia um ser sobre-humano. Muitos possuem o dom da oração, embora a vida revele que estão longe do reino dos céus. Não era assim com Priesthill. Em suas relações com os homens, agia com justiça e prudência; a tal ponto que, ainda muito jovem, lhe confiavam os produtos dos pastores vizinhos para levar ao mercado e vender, trazendo de volta aquilo de que necessitavam em troca. Foi nessa função que recebeu o nome de Transportador Cristão, e muitas vezes era o primeiro a lhes trazer notícias das maldades tramadas em lei contra os presbiterianos.

Era ainda muito jovem quando se deu o levante de Pentland; e, como não estivera nem na batalha de Drumclog nem na de Bothwell, podia escapar facilmente às perguntas traiçoeiras a que todo viajante era obrigado a responder. Assim ia e vinha sem ser molestado, embora não frequentasse os cultos do cura de Muirkirk, criatura tola e acomodada, que não apresentava tantas queixas contra seus paroquianos como outros faziam.

A boa educação de John não se perdeu. Além de lhe proporcionar satisfação, beneficiou os jovens de muitas milhas ao redor, então bastante negligenciados. Para contrapor-se ao mau exemplo dos perversos que por toda parte andavam, quando homens vis ocupavam altas posições, reunia-se com esses jovens todas as noites de segunda-feira e os instruía pela Bíblia e pela Confissão de Fé. No verão, congregavam-se num cercado para ovelhas; no inverno, formavam um círculo em torno de um grande fogo de turfa e carvão cannel, que ardia no meio do piso da sala. Os efeitos da sólida instrução recebida por esses camponeses se fazem sentir até hoje na vizinhança. Nosso homem ilustre não estava sozinho nessa boa obra: David e William Steel eram seus auxiliares.

Por volta de 1680, Priesthill conheceu Isabel Weir, na paróquia de Sorn. Era uma mulher de qualidades superiores, embora tivesse um temperamento inteiramente oposto ao dele: viva e jovial, conseguia alegrar-lhe o semblante grave até que se mostrasse tão animado quanto ela. Via-o muitas vezes, pois ele tinha frequentes negócios a tratar com seu pai quando ia a Ayr e de lá voltava. Falavam amiúde das tribulações de Sião; e, fato digno de nota, ao pedi-la em casamento, ele lhe contou que pressentia em seu íntimo que um dia seria chamado a selar com o próprio sangue o testemunho da Igreja.

Depois disso, os ministros que haviam aceitado a Indulgência avançaram tanto no caminho da apostasia que, após a morte de Cameron e Cargill, os sofredores de consciência mais escrupulosa já não tinham a quem ouvir. Resolveram organizar-se em sociedades que se reuniriam trimestralmente, com membros delegados das reuniões semanais de oração. A segunda dessas reuniões trimestrais ocorreu em Priesthill, em fevereiro de 1682. Ali fizeram uma contribuição para enviar um jovem à Holanda, a fim de que fosse licenciado para lhes pregar. Dessa iniciativa surgiu o sr. Renwick, de gloriosa memória.

Cerca de dois meses depois, Priesthill foi casado pelo sr. Peden, que por acaso se encontrava em Kyle batizando crianças. O casamento realizou-se numa ravina perto da casa. Quando Isabel e seus acompanhantes chegaram ao lugar, surpreenderam-se com a assembleia ali reunida. O sr. Peden acolheu-a e disse: “Estas pessoas serão testemunhas de vossos votos; são todas amigas e vieram com risco da própria vida para ouvir a palavra de Deus e honrar sua ordenança do matrimônio.”

John tinha de um casamento anterior uma menina de cerca de cinco anos. Na manhã seguinte às núpcias, ela ergueu a tranca da porta da sala e, encontrando Isabel sozinha, disse, cobrindo timidamente o rosto com o braço: “Dizem que sois minha mãe!” “E se eu fosse tua mãe?”, respondeu Isabel. “Nada; mas, se eu achasse que sois minha mãe, gostaria de entrar e ficar um pouquinho a vosso lado”, disse Jennie com singela inocência. “Espero ser tua mãe, minha pequena, e que Deus me dê graça para sê-lo, e que tu sejas um consolo para mim e para teu pai.” E assim ela se mostrou. Mesmo criança, era-lhes uma ajuda e uma alegria. Vigiava a volta do pai e, assim que avistava ao longe seu cavalo de carga* vindo pela charneca, anunciava a boa notícia. Então a dona da casa se apressava em preparar-lhe o mingau de leite, servia-o e cobria-o com um pano limpo; preparava também água morna para lavar-lhe os pés cansados, um fogo vivo e a lareira limpa. Ela e Janet saíam para recebê-lo em casa e o ajudavam a descarregar o cavalo.

Da paz e do conforto doméstico de Priesthill fala-se ainda hoje. Contam-se muitas histórias, entre elas uma que ilustra o preceito da hospitalidade aos estranhos, pois por ela alguns hospedaram anjos sem o saber. No segundo ano após seu casamento, numa noite do começo do inverno, John fora à casa de um vizinho. Os que ficaram preparavam a lã dos rebanhos para fazer tecido cinza rústico, a ser vendido na feira de Lawrie, em Hamilton. O pastor cardava juntas a lã preta e a branca para que as mulheres a fiassem; Janet e o menino pastor desfaziam os flocos para o cardador. A dona da casa amamentava o primeiro filho de um lado do fogo, quando o cão, que jazia estendido do outro lado, levantou-se de súbito e correu à porta, latindo à aproximação de um estranho. Isabel pensou que fosse o marido de volta e ia erguer-se para recebê-lo. Janet e o pastorinho chegaram à porta quase ao mesmo tempo que o cão, e chamaram: “Quieto, Collie, quieto; não deves latir para o homem desconhecido.” O pastor tomou o cão nos braços e voltou com ele para dentro, enquanto Janet o seguia, conduzindo um estranho; olhou

primeiro para a mãe, em busca de aprovação, e depois para o hóspede. Levou-o à cadeira de seu pai com uma cortesia que pareceu despertar fortes emoções no coração dele.

O estranho era jovem, de baixa estatura e rosto belo e claro, mas estava pálido de fadiga e doença. Tinha os sapatos gastos; trazia em volta do corpo uma manta de pastor, aparentemente como disfarce, pois o traje e a fala indicavam uma condição superior. Enquanto os criados o fitavam, a dona da casa não sabia se devia acolhê-lo como perseguido ou suspeitar que fosse um espião. Deixou, por isso, a cargo de Janet prestar ao estranho os cuidados de que necessitava, enquanto embalava o menino para dormir cantando um verso de uma antiga canção.

Enquanto a dona da casa cantava, o rosto do estranho iluminou-se, e ele aceitou mais alegremente as carinhosas atenções da menina. Ela o acomodou no canto mais quente e o ajudou a tirar a manta encharcada, imitando todos os gestos bondosos que vira a mãe dispensar ao pai, para grande divertimento dos demais da casa. No estranho, o efeito foi diferente. Rompeu em lágrimas e exclamou: “Que repouse sobre ti a bênção daquele que está prestes a perecer, minha querida pequena! Certamente Deus ouviu meu clamor e me deu um lugar onde reclinar a cabeça por uma noite. Ah, se eu tivesse no deserto uma pousada de viajantes, para abandonar meu povo e afastar-me dele! Pois são uma assembleia de homens traiçoeiros.”

Assim que ele terminou de falar, Priesthill entrou. Contemplou-o e, com grande deferência, deu-lhe as boas-vindas à casa. “Conheceis-me?”, perguntou o estranho. “Creio que sim”, disse John. “Foi nesta casa que se reuniram as Sociedades que contribuíram para vos enviar à Holanda; agora receio que não vos tenham recebido, pelo menos alguns deles, como deveriam.” “Suas censuras não me partiram o coração”, disse o sr. Renwick* — pois era ele, embora ainda não tivesse sido identificado diante da família —, “mas as viagens em excesso, as andanças noturnas, o sono a desoras e a pregação frequente sob toda sorte de tempo, sobretudo à noite, debilitaram-me tanto que muitas vezes me sinto incapaz de cumprir meu trabalho.”

Todos na casa então se esforçaram para lhe fazer alguma gentileza. O pastor trouxe-lhe meias e sapatos limpos; o menino que guardava o rebanho, seu gorro de dormir novo; as moças deixaram as rocas e lhe lavaram os pés; a dona da casa preparou-lhe uma ceia quente, enquanto a pequena Janet, exausta, dormia profundamente a seu lado.

Naqueles dias, para muitos, a hospitalidade era de fato o que deve ser: praticada puramente para a glória de Deus e sem ostentação de grandeza. Seus motivos eram como prata provada; ela era exercida com risco de tudo, até da própria vida. Por isso, a alegria de uma convivência tão pura era indescritivelmente doce. Assim como o ferro afia o ferro, assim o semblante de um homem afia seu amigo. Renwick e Priesthill conversaram sobre os sofrimentos da Igreja, seu testemunho, sua causa firmada em Aliança e seu triunfo final. Sim, encontravam na fé de que Cristo seria um dia Cabeça sobre todas as coisas, Rei dos reis e Senhor dos senhores mais consolo do que têm os perversos quando lhes abundam ao máximo o cereal e o vinho.

Pouco depois que o sr. Renwick deixou Priesthill, ele e seus seguidores publicaram a Declaração Apologética. A princípio, Renwick se opusera à medida, mas por fim concordou.

A sociedade que se reunia em Priesthill logo foi desfeita. John Wilson e John Smith, de Lesmahagow, foram mortos a tiros pelo coronel Buchan e pelo senhor da propriedade de Lee, em fevereiro de 1685. John Brown de Blackwood, na mesma paróquia, foi morto a tiros no começo do mês de março seguinte pelo tenente Murray, depois que lhe haviam prometido quartel.

Depois disso, Priesthill não pôde continuar seu ofício de transportador, embora não tivesse participado da Declaração Apologética. Sua opinião — e sua conduta estava de acordo com ela — era que deveria viver como em terra inimiga, mas sem pecar. Ainda assim, muitas vezes se via obrigado a buscar as

terras altas de Kyle e de Lanarkshire e a suportar o frio penetrante dos ventos de março e abril, juntamente com o sopro ainda mais amargo da perseguição.

Num desses dias, expulso de casa, fugiu para refugiar-se numa ravina profunda, ou turfeira escavada, formada pela corrente de uma tromba-d'água, que levara consigo arbustos, terra, musgo e tudo o mais até as terras do vale, deixando uma fenda aterradora no meio de uma vasta extensão de urze. Suas encostas fundas e musgosas tornavam-na inacessível a estranhos; apenas os agricultores vizinhos sabiam onde as samambaias ocultavam os rochedos cujas saliências conduziam ao fundo. Nas paredes desse corredor natural havia covis e cavernas capazes de esconder uma grande companhia. Em uma delas Priesthill pretendia passar o dia em oração e começara a derramar a alma com as palavras de Lamentações 3:40 e seguintes, quando lhe chegou aos ouvidos um doce som que parecia vir de outra parte da ravina.

"É o som sagrado de louvores a Deus, entoados por companheiros de sofrimento", disse John, levantando-se dos joelhos para procurá-los. Para sua grande alegria, encontrou os vizinhos David e William Steel, e Joseph Wilson, de Lesmahagow, numa fenda de rochedo que se projetava até a metade da ravina. David Steel escapara por pouco no dia anterior. Quando estava prestes a iniciar o culto da manhã, alguém gritou: "Lá vem o inimigo!" Ele se levantou com a Bíblia debaixo do braço e, sem saber bem o que fazia, entrou no estábulo e deitou-se numa baia vazia, pondo a Bíblia sobre o peito. Sua mulher, igualmente sem atinar com o que fazia, amontoou sobre ele uma pilha de roupa de cama, no instante em que os soldados entravam no lugar. Eles cravaram as espadas na palha onde ele estava, mas a Bíblia recebeu a ponta de uma delas, e saíram da casa sem encontrar a vítima. A casa de William Steel ficava perto e também foi revistada. Sua mulher o trancara no armário de roupas. Depois de vasculharem todos os lugares sem êxito e saírem da casa, um soldado voltou e disse à dona: "Senhora, da próxima vez que esconderdes alguém, fazei-o melhor; uma parte do casaco de vosso marido ficou presa do lado de fora do armário." Com essas palavras, deixou-a para juntar-se à tropa. Depois que ele se foi, ela constatou, para seu assombro, que era como o soldado dissera.

William Steel, que escapou da morte às mãos dos perseguidores e viveu muitos anos depois da Revolução, dizia com frequência que, se havia um período da vida que desejaria viver de novo, era aquele em que sofreu perseguição, especialmente o dia e a noite que passou na ravina da turfeira.

Entre os últimos aventureiros necessitados do reinado de Carlos II, capazes de nadar através do sangue de seus compatriotas mais conscienciosos para alcançar favor e proveito, estava Graham de Claverhouse. "Descendia da casa de Montrose e foi educado na França, a melhor escola de costumes dissolutos e crueldade. Combateu os franceses nos Países Baixos sob o príncipe de Orange, mas, negado o comando de um dos regimentos escoceses então a serviço dos holandeses, abandonou-o por despeito e veio para a Inglaterra. Seus modos dissolutos e sua vivacidade logo lhe granjearam atenção na corte e o comando de um destacamento de homens das Terras Altas." Sua primeira entrada em cena na tragédia da Escócia deu-se em 1678: alojou-se, com seus homens e sem pagar, na casa de Gilbert M'Michen, em New Glenluce; e, quando partiram, além do que consumiram, levaram três cavalos, no valor de dez libras cada um. Em cada aparição subsequente, pode-se observar que cresciam sua crueldade e suas extorsões.

Morto Carlos, Jaime, duque de York, precisava de instrumentos como esse para impor a submissão a seu sistema de crueldade. Agora que tirara a máscara, confirmou-se a suspeita dos reformados de que a prelazia serviria de criada à introdução do papismo na Escócia. Para esse fim, ampliou a comissão de Claverhouse e criou-o visconde de Dundee.

"A medida de estabelecer guarnições de soldados pelos condados do sul e do oeste, como se a Escócia tivesse sido invadida por um inimigo estrangeiro, deu início a muitos assassinatos a sangue-frio nos campos. Uma dessas guarnições foi instalada em Lesmahagow." Claverhouse chegou inesperadamente ali, tarde da noite de 30 de abril de 1685; tendo ouvido falar da piedade e do inconformismo de John, às

seis horas da manhã seguinte já estava em Priesthill — prova de quanto tinha sede do sangue de homens assim.

Como de costume, John se levantara ao raiar do dia e oferecera o sacrifício matutino. Depois do culto, o homem de bem foi à colina preparar uma área para extrair turfa. Os criados também estavam fora, mas a certa distância, quando Claverhouse cercou o homem indefeso com três companhias de dragões e o levou até sua própria casa. John deixou com grande serenidade seus instrumentos de trabalho e caminhou à frente deles, mais parecido com um líder do que com um prisioneiro.

Enquanto isso, Janet alarmara a mãe ao lhe dizer que muitos cavaleiros desciam a colina com seu pai. "Aquilo que eu temia me sobreveio; ó, dai-me graça para esta hora!", disse a mãe. Tomando às pressas o menino nos braços e envolvendo-o na manta, pegou Janet pela mão e foi ao encontro dos inimigos, orando em segredo enquanto caminhava.

Já não se seguia o lento procedimento legal de interrogar as pessoas, que ao menos guardava alguma aparência de justiça. Claverhouse limitou-se a perguntar-lhe por que não frequentava o cura e se oraria pelo rei Jaime. John respondeu que reconhecia somente Cristo como Cabeça suprema da Igreja e que não podia frequentar os curas, pois eles haviam sido ali colocados contra a lei de Cristo. Ao ouvir isso, Claverhouse disse: "Faze tuas orações, pois morrerás imediatamente." John assim fez, de modo que encheu as tropas de espanto. Em sua família, a oração teve outro efeito. Sua mulher, em avançada gravidez, com outro filho nos braços e Janet ao lado, permaneceu de pé enquanto ele orava "para que toda bênção da Aliança fosse derramada sobre ela e seus filhos, nascidos e ainda por nascer", como alguém refrigerado pela influência do Espírito Santo, quando ele desce como chuva sobre a relva ceifada, como aguaceiros sobre a terra.

Quando Claverhouse já não pôde suportar suas orações e, depois de interrompê-lo duas vezes com palavras da mais extrema blasfêmia, conseguiu fazê-lo erguer-se, John disse à mulher: "Isabel, este é o dia de que te falei antes de nos casarmos." E acrescentou, com sua habitual ternura: "Vês que fui intimado a comparecer dentro de poucos minutos perante o tribunal do céu como testemunha da causa de nosso Redentor contra o governante da Escócia. Estás disposta a que eu me separe de ti?" "De todo o coração", respondeu ela, numa voz que revelava tanto sua estima pelo marido quanto sua submissão ao Senhor, mesmo quando Ele a chamava a inclinar-se diante de seus atos terríveis. "Era só isso que eu esperava. Ó morte, onde está teu aguilhão? Ó sepultura, onde estará tua vitória?", disse John, enquanto a envolvia ternamente com os braços e a beijava, assim como a seu filhinho e, por último, a Janet, dizendo-lhe: "Minha doce menina, entrega tua mão a Deus para que Ele te guie e sê o consolo de tua mãe!" Não pôde acrescentar mais nada; uma onda de ternura lhe inundou o coração. Por fim, proferiu estas palavras: "Bendito sejas, ó Espírito Santo, que falas ao meu coração mais consolo do que a voz dos meus opressores pode fazer chegar de terror aos meus ouvidos!" Assim, quando o Senhor conduziu sua testemunha à prova, ela revelou tamanha magnanimidade que, ao cair, venceu os perseguidores.

John Brown de Priesthill.

Se na vida do cristão há uma luz que põe a descoberto as manchas dos ímpios, na luta heroica do mártir com a morte havia um calor que queimava além do que podiam suportar. Foi sem dúvida sob esse sentimento que Claverhouse ordenou a seis de seus dragões que atirassem nele antes de terminarem de sair-lhe da boca as últimas palavras; mas as orações e a conduta de John os haviam desarmado para a prática de ato tão selvagem. Permaneceram imóveis. Temendo a insubordinação deles, Claverhouse arrancou uma pistola do próprio cinturão e deu-lhe um tiro na cabeça. * * * E, enquanto suas tropas se afastavam furtivamente daquela cena aterradora, ele, qual fera de rapina que pisa a vítima caída e uiva sobre ela, insultou a mulher de coração terno quando ela recolhia a cabeça despedaçada, provocando-a com escárnio: "Que pensas agora de teu marido, mulher?" "Sempre pensei muito bem dele", disse ela, "e agora mais do que nunca." Vendo-lhe a coragem, ele disse: "Seria justo deitar-te ao lado dele." Ela respondeu: "Se vos fosse permitido, não duvido que vossa crueldade chegaria a tanto; mas como

respondereis pelo que fizestes nesta manhã?" Com uma expressão que desmentia as palavras, respondeu: "Aos homens posso prestar contas; quanto a Deus, eu mesmo cuidarei dele." Dito isso, esporeou apressadamente o cavalo e a deixou com o cadáver. Ela amarrou-lhe a cabeça com seu lenço, compôs-lhe o corpo, cobriu-o com a manta e, quando nada mais havia a fazer nem contra o que lutar, sentou-se no chão, puxou os filhos para junto de si e chorou sobre o marido mutilado.

Os enlutados de Priesthill não ficaram muito tempo sem amigos. A notícia do ato infame se espalhou depressa, provocando consternação e horror. Quem poderia agora julgar-se seguro, se John Brown era tratado dessa maneira, quando nada mais o fazia odioso ao governo senão deixar de frequentar um cura que morava a várias milhas de distância? A primeira pessoa a chegar ao local foi a mulher de David Steel, bem preparada para consolar em meio à mais dura providência. Correu até o grupo, envolveu-os com os braços e saudou Isabel nestes termos: "Ah, mulher! Teu marido foi tirado de tua cabeça neste dia? E Deus tomou a ti e a teus filhos sob seus próprios cuidados, dizendo: 'Serei marido da viúva e pai dos órfãos'? Não é de admirar que estejas vencida e atônita diante de seus feitos." Essa saudação despertou e fortaleceu a viúva. Ela se lembrou das palavras do sr. Peden e se levantou do chão para buscar o linho que ele a advertira a preparar. Por essa altura chegaram David Steel e William Steel com sua mulher, e ajudaram Isabel a levar para dentro e envolver aqueles preciosos restos mortais. Tudo se fez enquanto o silêncio da morte reinava na casa.

Como se disse do protomártir Estêvão, homens piedosos o levaram ao sepultamento. Do mesmo modo, John Brown foi carregado e depositado na sepultura, no próprio lugar onde caiu.

A pobre viúva de Priesthill e seus filhos herdaram a terra e conservaram um nome muito depois de desaparecer o de seus opressores. Há cerca de cinquenta anos, um cavalheiro que cavalgava para Edimburgo entrou em conversa, pelo caminho, com uma camponesa de aparência respeitável. Ao saber que ela era neta de John Brown, levou-a por esse motivo na garupa até a cidade. Tamanho respeito inspirava a memória do Transportador Cristão. E, como prova da harmonia de sua família, ela não sabia dizer se descendia dos filhos da primeira ou da segunda esposa. Nenhum deles mora hoje em Priesthill; mas a casa ainda se ergue, e mostra-se a larga pedra plana que cobre a sepultura do mártir, com esta inscrição:

No frio leito da morte aqui jaz a parte em pó
De quem a terra desprezou como pó:
Deste lugar partiu ele da terra;
Agora recebeu a grinalda do mártir.
Chacinado por Clavers e seu bando sanguinário,
Que por toda a terra se enfurecia com voracidade,
Só por reconhecer a supremacia de Cristo,
Maltratado perversamente por uma tirania usurpadora.
Nada, por mais próximo que lhe fosse, bom demais
Ele julgou, nem caro demais seu sangue por qualquer verdade.

JOHN NISBET DE HARDHILL

JOHN NISBET nasceu por volta de 1627. Era filho de James Nisbet e descendia em linha direta de certo Murdoch Nisbet, de Hardhill, que, por volta de 1500, se juntou aos chamados lolardos de Kyle. Quando se levantou uma perseguição contra eles, fugiu para além-mar, levando consigo uma cópia manuscrita do Novo Testamento. Tempos depois, voltou para casa, cavou uma câmara subterrânea sob sua própria morada, na qual frequentemente se recolhia; ali servia a Deus, lia seu novo livro e instruía os que tinham acesso a ele.

Já um pouco mais crescido, Nisbet, que tinha a vantagem de ser alto, atlético e de corpo bem formado, com espírito audaz e destemido, partiu para o estrangeiro e se alistou no exército, o que depois lhe foi de grande utilidade. Após passar algum tempo em outros países, voltou à Escócia e jurou fidelidade às Alianças quando o rei Carlos, em sua coroação, as jurou em Scoone, em 1650. Depois disso, Nisbet deixou o exército, voltou para casa e casou-se com Margaret Law, que se revelou excelente esposa. Com ela teve vários filhos, dos quais três lhe sobreviveram: Hugh, James e Alexander.

No mês de dezembro de 1688, sua mulher morreu no oitavo dia da enfermidade e foi sepultada no cemitério da igreja de Stonehouse. Foi preciso fazê-lo à noite, para que não se soubesse, pois ninguém se dispunha a realizar o enterro senão pessoas que passavam os dias escondidas. Ao tomar conhecimento, o cura ameaçou desenterrar o corpo e queimá-lo ou lançá-lo aos cães. Alguns dos perseguidos, porém, lhe enviaram uma carta assegurando que, se tocasse naquelas sepulturas, queimariam a ele, sua família e tudo quanto possuía; por isso se absteve.

Nisbet cedo se dedicou ao estudo das Sagradas Escrituras, o qual, pela graça de Deus, foi tão eficaz que não apenas lhe deu bom conhecimento das partes mais importantes da religião prática, mas também considerável compreensão de questões de princípio. Isso lhe foi de indizível proveito no período posterior da vida, ao sustentar o testemunho daqueles dias.

Casou-se novamente e assumiu a fazenda de Hardhill, na paróquia de Loudon, posição em que procedeu com muita discrição e prudência. Mal a prelazia e o erastianismo surgiram em oposição à nossa antiga e louvável forma de governo da Igreja, na restauração de Carlos II, ele se uniu aos presbiterianos. Em 1664, levou um filho para ser batizado por um dos ministros expulsos — como então eram chamados. O titular, ou cura, da paróquia ficou tão furioso que declarou do púlpito sua decisão de excomungar Nisbet no domingo seguinte. Mas eis que a mão do Senhor interveio: antes que chegasse esse dia, o cura já estava na eternidade.

Esse cavalheiro, sempre ativo pela religião e grande incentivador das reuniões ao ar livre, foi obrigado, com as demais testemunhas fiéis de Cristo, a sair para fora do arraial, levando seu vitupério. Quando aquele remanescente fiel se reuniu e renovou a Aliança em Lanark, em 1666, a consciência o convocou a unir-se a eles naquela ocasião. Sabendo-se disso e sendo ameaçado por tal ato, resolveu seguir aqueles perseguidos e permaneceu com eles em armas até a derrota em 28 de novembro, nas colinas de Pentland. Nessa luta portou-se com grande coragem e determinação. Combateu até ficar tão ferido que, tomado por morto, foi despojado entre os caídos; contudo, pela providência de Deus, foi preservado.

Abraçara a causa de Cristo por escolha deliberada e possuía, de fato, um espírito excelente; como diz Salomão, era “mais excelente que o seu próximo”. Seu temperamento natural também era nobre e generoso. Certa vez, enquanto atravessava uma charneca num dia de neve, um antigo vizinho que procurava ovelhas o encontrou e exclamou: “Ó Hardhill, ainda estais vivo? Disseram-me que andáveis vestido de peregrino e que vossos filhos mendigavam; entretanto, vejo que tendes a mesma boa aparência de sempre!” Então tirou um rix-dólar e o ofereceu. Nisbet, ao vê-lo, tirou um ducado e ofereceu-o ao homem, dizendo: “Nada quero do que é vosso; antes, dar-vos-ei, se quiserdes, pois vedes que nada falta àquele que teme ao Senhor. Jamais pensaria que vós” — chamou-o pelo nome — “iríeis tão longe com os inimigos de Deus a ponto de vender a consciência para salvar vossos bens etc. Tomai este aviso, H.: voltai para casa e lamentai diante de Deus esse pecado e todos os demais; pois, se a misericórdia não vos socorrer primeiro, certamente perecereis.” O pobre homem lhe agradeceu, guardou seu dinheiro e voltou para casa. Após essa notável escapada, Nisbet regressou ao lar, onde provavelmente permaneceu até 1679. Sua fama de coragem, sabedoria e resolução entre os perseguidos fez com que, quando o grupo reunido perto de Loudon Hill para ouvir o evangelho, em 1º de junho, viu aproximar-se um confronto com Claverhouse, que os atacou naquele dia em Drumclog, certo Woodburn, da propriedade de Mains de Loudon, mandasse chamá-lo para ajudá-los. Antes de percorrerem metade do caminho, porém, ouviram as salvas do combate, e a ação já estava chegando ao fim quando chegaram.

Ao aproximar-se, Hardhill — como era geralmente chamado — gritou-lhes que saltassem a vala e avançassem contra o inimigo de espada na mão. Assim fizeram com tanta determinação e êxito que em pouco tempo alcançaram vitória completa sobre o adversário, para a qual Hardhill muito contribuiu com sua atuação enérgica na fase final da escaramuça.

Sabendo que agora estavam plenamente expostos à fúria e ao ressentimento dos sanguinários inimigos que os perseguiam, os sofredores resolveram permanecer unidos e, para isso, enviaram um destacamento a Glasgow no encalço do adversário; Hardhill estava entre eles. Depois continuou em sua companhia e prestou valioso serviço ao grupo dos fiéis até aquele dia funesto, 22 de junho, em que fugiram e tombaram diante do inimigo em Bothwell Bridge. Ali, diz Wodrow, ele era capitão, se não me engano. Enviado com sua companhia juntamente com os defensores da ponte, lutou com grande bravura e resistiu enquanto houvesse alguém disposto a permanecer a seu lado; então recuou bem a tempo de escapar.

Depois de Bothwell, foi declarado rebelde, e ofereceu-se uma grande recompensa a quem o prendesse. Nessa ocasião, o inimigo se apoderou de tudo o que possuía, despojou sua mulher e seus quatro filhos e os expulsou de casa. Assim, ele foi reduzido à condição daqueles de que fala Hebreus 11:38: “Andaram errantes por desertos e montes, pelas covas e cavernas da terra.” Desse modo viveu por quase cinco anos, suportando toda sorte de privações e não aceitando livramento, para conservar a liberdade de fruir o evangelho fielmente pregado nos campos. Homem de espírito público, assíduo frequentador das reuniões de comunhão — ai de nós, um dever por demais negligenciado! — e muito firme nos pontos do testemunho, tornou-se bastante estimado pela parcela mais fiel de nossos perseguidos. Estes muitas vezes o designaram como um de seus representantes para as reuniões gerais que haviam estabelecido alguns anos antes, a fim de compreenderem melhor uns aos outros na sustentação do testemunho naquela situação de dispersão.

Aconteceu algo muito notável na noite de domingo, uma semana antes de sua captura. Ele e outros quatro viajavam sob escuridão profunda; não havia vento, mas caía uma chuva miúda e densa. Eis que de repente as nuvens se abriram sobre suas cabeças, do oriente ao ocidente, e surgiu uma luz mais intensa que a do sol, que durou cerca de dois minutos. Ouviram um ruído e ficaram muito espantados, perguntando uns aos outros o que aquilo poderia significar. Nisbet, porém, nada respondeu: soltou apenas três gemidos profundos. Um deles perguntou-lhe o significado. Disse: “Não o sabemos bem agora, mas em pouco tempo saberemos melhor. Temos, contudo, a palavra profética mais segura, à qual faremos bem em atender.” Tornou a gemer e disse: “Quanto a mim, estou pronto a viver ou a morrer por Ele, conforme sua providência me chamar e me sustentar nessa prova. Embora tenha sofrido muito nestes vinte e um anos às mãos de prelados e falsos amigos, nem por mil mundos eu desejaria agora ter agido de outra maneira. Se o Senhor me poupar, serei mais zeloso por suas preciosas verdades; se não, estou pronto a selar sua causa com meu sangue, pois há dezesseis anos anseio por isso, e talvez em breve me seja dado fazê-lo. Seja bem-vinda sua vontade; e, se Ele me ajudar a atravessar essa prova, eu o louvarei por toda a eternidade!” Todos se admiraram, pois era homem muito reservado. Embora observasse rigorosamente o domingo, examinasse atentamente as Escrituras e lutasse muito em oração, falava tão pouco de sua própria condição que poucos sabiam o que se passava com ele até que foi levado à prisão.

Tudo isso, e mais ainda, não podia escapar ao conhecimento dos governantes, como se vê nas respostas de Earlston perante o conselho em 1683; e sabemos que um dos artigos pelos quais John Richmond sofreu junto à cruz de Glasgow, em 19 de março de 1684, foi ter estado na companhia de Nisbet. Isso tornou mais implacável a busca por ele e pelos demais perseguidos. Assim, no mês de novembro de 1683, ele se recolhera, entre outros esconderijos, a certa casa chamada Midland, na paróquia de Fenwick. Ali, numa noite de sábado, estavam reunidos para oração e outros exercícios religiosos três de seus fiéis irmãos: Peter Gemmel, irmão mais novo da família de Horsehill, na mesma paróquia; George Woodburn, irmão dos Woodburn das charnecas de Loudon; e certo John Fergushill, de Tarbolton. Ao

saberem que o tenente Nisbet e um destacamento dos dragões do coronel Buchan procuravam os fugitivos — como por vezes eram chamados —, resolveram partir na manhã de domingo. Mas o velho John Fergushill, impossibilitado de prosseguir por algumas enfermidades, obrigou-os a voltar com ele depois que haviam percorrido um pequeno trecho desde a casa; naquele mesmo dia foram presos. O modo como ocorreu a prisão, bem como suas respostas em Ayr e perante o conselho em Edimburgo, constam de um antigo manuscrito escrito de próprio punho enquanto era prisioneiro, nos seguintes termos:

"Primeiro, quando o inimigo apareceu à vista da casa — e não víamos possibilidade de escapar —, John Fergushill foi até a extremidade mais distante da casa, e os outros dois e eu o seguimos. Antes que alcançássemos bem aquela extremidade, alguns inimigos já estavam dentro. Pouco depois, entraram com os cavalos e andaram de um lado para outro na casa por mais de uma hora; nós quatro continuávamos no fundo. Concordamos em ficar bem escondidos até que nos descobrissem. Se ao Senhor aprouvesse ocultar-nos ali, decidimos não nos revelar a eles; caso nos descobrissem, pensávamos lutar, dizendo uns aos outros que, no fim das contas, a morte nos esperava. Todos saíram da casa e levaram os cavalos para fora; mas logo voltaram,* cochichando uns com os outros. Por fim pediram uma vela para revistar a casa e chegaram a menos de um metro de nós, com uma luz na mão. Conforme nossa decisão anterior, resistimos. Tínhamos apenas três disparos, um dos quais falhou, enquanto eles deram cerca de vinte e quatro tiros contra nós. Quando não nos restou outra coisa, usamos as armas como porretes, até que duas se quebraram por completo; então entramos em luta corporal com alguns deles. Vendo que não conseguiam vencer, todos gritaram que saíssem e ateassem fogo à casa. Saímos atrás deles, e recebi seis ferimentos na saída. Quando souberam quem eu era, alguns gritaram que me poupassem a vida, pois o conselho oferecera três mil merks por mim. Levaram-me então para perto da extremidade do pátio e amarraram minhas mãos atrás das costas, depois de terem matado os outros três a tiros. Quem os comandava perguntou-me em tom de escárnio o que pensava agora de minha sorte. Sorri e respondi que estava plenamente contente com o que me coubera, mas me julgava em desvantagem por ainda estar no tempo, enquanto meus irmãos estavam na eternidade. A isso ele jurou que me preservara a vida para que eu recebesse um castigo maior. Quando seguíamos para Kilmarnock, o tenente — que era meu primo — mandou chamar-me, e caminhamos à frente dos demais, conversando serenamente sobre diversos assuntos. Falei-lhe com franqueza daquilo que considerava pecado e daquilo que considerava dever. Ao chegarmos à prisão de Kilmarnock, fez afrouxar um pouco as amarras de minhas mãos e perguntou se eu desejava que tratassem de meus ferimentos. A pedido de alguns amigos da cidade, mandou trazer palha e algumas roupas para que meu amigo John Gemmel† e eu nos deitássemos, mas não nos permitiu tirar nossas próprias roupas. Na segunda-feira, a caminho de Ayr, enfureceu-se contra mim e disse que eu tinha sobre a cabeça o sangue dos três homens mortos no dia anterior e que era culpado e causador de todos os males que haviam recaído, desde o começo, sobre a pobre baronia de Cunningham. Quando, porém, nos aproximamos da cidade, chamou-me para longe dos demais e, com serenidade, perguntou o que deveria dizer em meu favor aos oficiais superiores. Respondi que, se o Senhor me preservasse de prejudicar a verdade, já estava resolvido quanto aos sofrimentos a que ele me submetia. Ao entrarmos pela primeira vez na prisão de Ayr, vieram dois homens e fizeram-me algumas perguntas, mas eram de pouca consequência. Depois fui levado sob guarda à presença de Buchan. Ele perguntou-me: 1. Estivestes na reunião religiosa clandestina? Respondi que a considerava meu dever. 2. Quantos homens armados havia ali? Disse-lhe que fora ouvir a pregação do evangelho, e não contar os presentes. 3. Para onde foram eles? Disse-lhe que eu não sabia dizer. 4. Reconheceis o rei? Respondi que, enquanto ele reconhecesse o caminho e a obra de Deus, julgava-me obrigado tanto a reconhecê-lo como a lutar por ele; quando, porém, abandonasse o caminho de Deus, julgava-me obrigado a abandoná-lo. 5. Reconhecereis o duque de York como rei? Disse-lhe que não, pois isso contrariava tanto meus princípios como as leis da nação. 6. Estáveis disposto a unir-vos a Argyle? Respondi que não. Ele me reteve por longo tempo e falou de muitas coisas. Percorremos toda a série de assuntos: papismo, prelazia, presbiterianismo, malignos, armas defensivas e ofensivas; não

havia ninguém mais na sala além de nós dois. Considerei notável que, desde o domingo até agora, tive e ainda tenho tanta paz e quietude de espírito como em qualquer momento da vida. Ó, ajudai-me a louvá-lo, pois somente Ele o fez! Agora, meus queridos amigos e conhecidos, não cesseis de orar por mim enquanto eu estiver no corpo. Posso dizer que nada temo, senão que, por fraqueza, venha a prejudicar a verdade. Meu último conselho é que sejais mais diligentes no cumprimento dos deveres cristãos. Ah, se eu tivesse sido mais sincero, zeloso e pronto para sua obra e causa em meus dias! Deixai de suspeitar uns dos outros e dedicai-vos mais ao exame de vós mesmos; isso, por sua bênção, abrirá a porta a exercícios mais profundos da alma cristã e afastará disputas vãs.

"Quando cheguei a Edimburgo, passei a primeira noite na casa da guarda. Na noite seguinte, fui levado à sala do conselho. Estavam presentes os lordes Perth e Linlithgow e o bispo Paterson, entre vários outros. Primeiro me disseram que me consideravam conhecedor de tudo o que se fazia entre aquelas pessoas rebeldes; por isso, os lordes do conselho privado de Sua Majestade tomariam como grande favor que eu lhes contasse livremente tudo quanto soubesse que melhor pudesse contribuir para a paz e segurança da nação. Respondi que, ao tratar de particularidades, não diria senão a verdade, pois tinha mais medo de mentir do que de morrer; mas esperava que fossem suficientemente cristãos para não exigir de mim nada que pesasse na consciência. Começaram então: 1. Que fazíeis em vossas reuniões? Respondi que apenas cantávamos parte de um salmo, líamos parte das Escrituras e orávamos alternadamente. 2. Por que lhes chamais reuniões de comunhão e de sociedade? Admira-me que façais tal pergunta, pois assim eram chamadas essas reuniões quando nossa Igreja exercia sua autoridade. 3. Havia reuniões assim naquele tempo? Havia em algumas partes do país. 4. Os ministros locais participavam delas? Às vezes, sim; outras vezes, não. 5. Que entendeis por reuniões gerais, e que fazeis nelas? Enquanto eu pensava na resposta, um deles lhes deu explicação mais precisa do que eu poderia ter dado e, olhando para mim com escárnio, disse: Quando terminam, distribuem suas arrecadações. Durante todo esse tempo, mantive-me calado. 6. Onde realizais tais reuniões? Nas charnecas mais ermas que podemos encontrar. 7. Reconhecereis a autoridade do rei? Não. 8. Qual a razão disso, se reconheceis as Escrituras e vossa própria Confissão de Fé? Reconheço-as de todo o coração. 9. Por que não reconheceis a autoridade do rei? — citaram várias passagens das Escrituras e o capítulo 23 da Confissão. Há enorme diferença, pois ele é católico romano, enquanto eu não apenas fui educado desde a juventude nos princípios presbiterianos, como também jurei contra o papismo. 10. Que vos importa que seja papista? Ele não vos manda tornar-vos papista nem vos impede de viver segundo vossa religião. O contrário é manifesto: não temos liberdade sequer de ouvir um sermão evangélico sem sermos presos, submetidos aos mais duros sofrimentos e mortos. Eles disseram que não era assim, pois podíamos ter o evangelho, se nossos princípios extravagantes nos permitissem ouvi-lo. Respondi que podiam dizê-lo, mas o contrário era bem conhecido em todo o país: expulsastes nossos ministros fiéis e pusestes em seu lugar homens que vivem mais como libertinos do que como ministros, de sorte que os pobres fiéis não podem nem ousam unir-se a eles. 11. Estais disposto a unir-vos a Argyle? Não. Então um deles disse: Não quereis outro rei senão o sr. James Renwick; e perguntou se eu me relacionava com algum outro ministro nos campos além do sr. Renwick. Respondi que não me relacionava com nenhum outro. Passaram-se ainda várias outras coisas de pouca importância."

"Este é um relato fiel de tudo quanto houve de relevante entre eles e mim. Quanto a beberem à saúde de alguém, nenhum deles falou disso comigo; tampouco qualquer um me mandou orar por seu rei. Disseram, porém, saber que eu era suficientemente cristão para orar por todos os homens. Respondi que era meu dever orar por todos; mas, sendo a oração instituída por um Deus santo, que ouve as orações, nenhum cristão podia orar a cada ordem de qualquer libertino; e não seria proveitoso à causa deles permitir semelhante coisa.

"Não posso dizer como estarei daqui por diante, pois Ele é soberano e livre, e pode vir e ir conforme lhe aprouver. Isto, porém, digo e posso afirmar: desde que me tornei prisioneiro, Ele não se indispôs comigo, mas esteve sempre presente para me suprir do consolo e da força que minha necessidade exigia.

Agora, embora eu não possa reclinar a cabeça nem erguê-la sem ajuda, jamais estive tão contente em qualquer das circunstâncias por que passei. Posso agora recomendar com nobre louvor a cruz de Cristo. Sempre foi doce e agradável, mas nunca tanto quanto agora. Em todas as minhas peregrinações e fadigas, a prisão me infundia tamanho terror que eu nunca podia estar tão seguro quanto desejaria. Mas, logo depois de minha prisão, Ele fez brilhar sobre mim sua luz, e assim tem sido desde então; de modo que Ele e sua cruz são para mim muito mais do que jamais foram antes. Portanto, ninguém recue nem se afaste do dever por temor da cruz, pois agora posso dizer por experiência que é tão fácil, sim, e mais doce, estar na prisão em ferros do que viver em liberdade. Mas devo deter-me por ora."

No dia 26, o conselho ordenou que ele fosse processado perante o tribunal criminal. Compareceu, por conseguinte, perante esse tribunal no dia 30 e foi acusado; sua própria confissão era a única prova contra ele e dizia assim: "John Nisbet de Hardhill, prisioneiro, confessa, ao ser interrogado perante o conselho, que esteve em Drumclog, portou armas e as usou contra as forças do rei; que esteve em Glasgow; e que participou de uma reunião ao ar livre nestes últimos dois meses, entre Eaglesham e Kilbride" etc. Após a leitura, confirmou a declaração, mas recusou-se a assiná-la. O júri o declarou culpado e os magistrados o sentenciaram à execução no Grassmarket, em 4 de dezembro, entre duas e quatro horas da tarde, com o confisco de suas terras, bens e pertences em favor do rei.

O conselho inseriu em sua confissão que a razão pela qual não podia unir-se a Argyle era que certo Cleland lhe dissera que Argyle e seu partido se opunham a todo governo régio. O sr. Wodrow considera falsa essa afirmação e julga que ela foi apenas introduzida fraudulentamente pelo escrivão do conselho — não seria a primeira vez que eles faziam algo semelhante. Mas Wodrow por acaso se enganou nesse ponto, pois num dos escritos manuscritos que Hardhill deixou como testemunho ele apresenta isso como a primeira razão para não se unir a Argyle. A segunda concordava em essência com o que o sr. Wodrow observou: as sociedades não podiam abraçar a declaração de Argyle, já que os termos da controvérsia não haviam sido estabelecidos segundo a antiga reivindicação dos Covenanters escoceses, e porque ela abria caminho para uma aliança pecaminosa.

Sua sentença foi devidamente executada. Compareceu ao cadafalso com muita coragem e serenidade cristã e morreu com grande certeza da fé e uma alegria que nenhum de seus perseguidores podia perturbar. Algumas pessoas presentes à execução afirmaram que o cadafalso ou patíbulo cedeu e caiu, levando alguns dos presentes a se iludirem com a ideia de que, segundo certas leis em vigor, ele teria salvado a vida, como costumavam dizer em casos semelhantes. Mas eis que essa esperança foi frustrada: não lhe cabia escapar assim, pois para esse fim nascera. Tudo foi imediatamente recolocado em seu lugar, e o mártir executado.

ALEXANDER PEDEN

ALEXANDER PEDEN nasceu na paróquia de Sorn, no condado de Ayr. Depois de concluir os estudos universitários, trabalhou por algum tempo como mestre-escola, dirigente do canto congregacional e secretário do consistório junto ao sr. John Guthrie, ministro do evangelho em Tarbolton.

Pouco antes da Restauração, foi ordenado ministro em New Luce, em Galloway, onde permaneceu cerca de três anos, até ser expulso pela violência e tirania daqueles tempos. Na tarde do domingo anterior à sua partida da paróquia, pregou sobre Atos 20:32: "E agora, irmãos, encomendo-vos à palavra de sua graça"; e prolongou o sermão até a noite. Quando fechou a porta do púlpito, bateu nela três vezes com muita força usando a Bíblia e disse por três vezes: "Eu te intimo, em nome de meu Mestre, a que ninguém jamais entre em ti, senão aquele que venha pela porta como eu vim." E ninguém entrou nele até que, depois da Revolução, um presbiteriano o abriu.

Por volta do começo de 1666, o conselho publicou uma proclamação contra ele e vários ministros expulsos. Acusava-o de realizar reuniões religiosas clandestinas, pregar e batizar crianças em Ralstoun,

em Kilmarnock, e em Castlehill, na paróquia de Craigie, onde batizara vinte e quatro crianças. Por não comparecer à intimação, no ano seguinte foi declarado rebelde e perdeu, por confisco, o direito à vida e a seus bens.

Depois disso, juntou-se ao grupo fiel que, no mesmo ano, foi disperso nas colinas de Pentland. Acompanhou-os até o Clyde, onde teve uma visão melancólica do fim que os aguardava e deles se separou. Mais tarde, quando um amigo lhe disse: "Senhor, fizestes bem em deixá-los, pois estáveis persuadido de que cairiam e fugiriam diante do inimigo", ele se ofendeu e respondeu: "Glória, glória a Deus por não me ter enviado imediatamente ao inferno! Eu deveria ter permanecido com eles, ainda que fosse feito em pedaços."

Nesse mesmo ano experimentou um livramento muito notável. Enquanto cavalgava em companhia do sr. Welch e do senhor da propriedade de Glerover, encontraram um destacamento de cavaleiros inimigos. O senhor perdeu as forças, temendo que fossem capturados. Vendo isso, Peden disse: "Conservai a coragem e a confiança, pois Deus impôs a esses homens uma proibição: não nos farão mal." Quando se encontraram, os homens foram corteses e perguntaram o caminho. Peden desviou-se da estrada e lhes mostrou o vau do rio Titt. Ao voltar, o senhor disse: "Por que fostes? Podíeis ter deixado que o rapaz fosse com eles." "Não", respondeu Peden, "eles poderiam ter feito perguntas ao rapaz, e isso nos teria denunciado. Quanto a mim, sabia que seriam como os cães dos egípcios: não poderiam mover a língua contra mim, pois minha hora ainda não chegara."

Passou algum tempo na Escócia, outro na Irlanda, até junho de 1673, quando foi preso pelo major Cockburn na casa de Hugh Ferguson de Knockdew, em Carrick, que o havia convencido a passar ali a noite. Peden lhe dissera que aquela noite lhes custaria caro a ambos; e, de fato, os dois foram levados prisioneiros a Edimburgo. Ali, Hugh foi multado em mil merks por recebê-lo, abrigá-lo e manter contato com ele. Algum tempo depois de ser interrogado, Peden foi enviado como prisioneiro ao Bass.

Um dia, quando caminhava sobre o rochedo, passaram alguns soldados, e um deles gritou: "Que o diabo o leve." Peden disse: "Ora, ora! Pobre homem, não sabes o que dizes; mas te arrependerás disso." O soldado ficou atônito e voltou transtornado ao posto da guarda, clamando por Peden e dizendo que o diabo viria imediatamente levá-lo. Peden foi até ele, conversou e orou com ele. Na manhã seguinte voltou a vê-lo e o encontrou em pleno juízo, profundamente convencido de sua grande culpa. Quando se deu a troca da guarda, mandaram-no tomar as armas, mas recusou-se e disse: "Não levantarei armas contra Jesus Cristo, sua causa e seu povo; já fiz isso por tempo demais." O governador ameaçou matá-lo no dia seguinte, às dez horas. Ele declarou com firmeza, por três vezes, que, ainda que o dilacerassem, nunca mais levantaria armas daquele modo. Cerca de três dias depois, o governador o expulsou da guarnição e o desembarcou em terra firme. Tendo mulher e filhos, ele tomou uma casa em East Lothian, onde se tornou um cristão singular.

Peden foi levado do Bass a Edimburgo e, em dezembro de 1678, sentenciado, juntamente com outros sessenta prisioneiros pela mesma causa, ao desterro na América, sob pena de morte se fossem vistos novamente na Escócia. Depois de proferida a sentença, dizia muitas vezes: 'Ainda não foi construído o navio que há de levar a mim ou a estes prisioneiros à Virgínia, ou a qualquer outra das colônias inglesas na América.' Quando estavam a bordo, no ancoradouro de Leith, correu a notícia de que o inimigo mandaria trazer torniquetes de polegar para mantê-los em ordem; isso os desanimou muito. Ele subiu ao convés e disse: 'Por que estais tão desanimados? Não precisais temer: nem torniquetes de polegar nem botas de tortura virão para cá. Erguei o coração, pois se aproxima o dia de vossa redenção. Se chegarmos a Londres, todos seremos postos em liberdade', e assim por diante. Na viagem para lá, tiveram ocasião de capturar o comandante do navio e fugir, mas não quiseram aproveitar-se dela sem seu conselho. Ele disse: 'Deixai tudo como está, pois o Senhor porá todos em liberdade de maneira mais propícia à sua própria glória e à nossa segurança.' Com efeito, quando chegaram, o capitão que os recebera em Leith, incumbido de levá-los somente até ali, entregou-os a outro, que deveria transportá-

los à Virgínia, apresentando-os como ladrões e salteadores. Mas, quando este veio vê-los e descobriu que eram todos cristãos graves e sóbrios, desterrados por seus princípios presbiterianos, recusou-se a navegar com gente assim. Nessa confusão, recusando-se um capitão a recebê-los e não querendo o outro conservá-los por causa das despesas, foram postos em liberdade. Alguns dizem que o capitão recebeu gratificações de amigos em Londres. Outros nos asseguram que foram libertados por intermédio de lord Shaftesbury, sempre favorável aos presbiterianos. Seja como for, é certo que todos foram soltos em Gravesend, sem compromisso ou condição de espécie alguma. E, no caminho de volta, os ingleses lhes dispensaram não pouca bondade.*

Depois de libertado, Peden permaneceu em Londres e em outros lugares da Inglaterra até 1679, quando regressou à Escócia. Naquele dia funesto, 22 de junho, em que o povo do Senhor caiu e fugiu diante dos inimigos em Bothwell Bridge, ele estava a sessenta milhas de distância, perto da fronteira, onde se manteve recolhido até o meio do dia. Alguns amigos lhe disseram então: 'Senhor, o povo espera o sermão, pois é dia do Senhor.' Respondeu-lhes: 'Que o povo vá fazer suas orações; quanto a mim, não posso nem hei de pregar hoje, pois nossos amigos caíram e fugiram diante do inimigo em Hamilton, que os retalha e abate, e seu sangue corre como água.'

Depois disso, no ano de 1682, celebrou o casamento daquele singular cristão, John Brown, em sua casa de Priesthill, na paróquia de Muirkirk, em Kyle, com Isabel Weir. Após a cerimônia, disse à noiva: 'Isabel, recebeste um bom homem por marido, mas não desfrutarás muito tempo de sua companhia. Preza sua presença e guarda contigo um pano de linho para lhe servir de mortalha, pois precisarás dele quando menos esperares, e será uma mortalha ensanguentada.' Isso, infelizmente, veio a acontecer no início de maio de 1685.

No mesmo ano de 1682, voltou à Irlanda e, chegando à casa de William Steel, em Glenwhary, no condado de Antrim, perguntou à senhora Steel se precisava de um criado para debulhar cereais. Ela disse que sim e perguntou quanto cobrava por dia e por semana. Ele respondeu que a paga usual era uma regra razoável, e ele concordou. À noite, deram-lhe cama no celeiro, junto com o jovem criado, e ele passou a noite em oração e gemidos. No dia seguinte, debulhou com o rapaz e passou a outra noite da mesma maneira. No segundo dia, o rapaz disse à patroa: 'Esse homem não dorme; geme e ora a noite inteira, e não consigo dormir perto dele. Debulha muito bem, sem poupar esforços, embora eu ache que não está acostumado a esse serviço; e, quando ponho o celeiro em ordem, ele vai a certo lugar e ora pela afligida Igreja da Escócia, nomeando tantas pessoas que estão na fornalha.' Ele trabalhou no segundo dia; a senhora o observou e ouviu-o orar, como o rapaz dissera. À noite, pediu ao marido que indagasse se ele era ministro. O marido assim fez e pediu-lhe que falasse com franqueza, pois, longe de ser seu inimigo, seria seu amigo. Peden disse que não se envergonhava de seu ofício e contou-lhe suas circunstâncias. Não foi mais posto a trabalhar nem a dormir com o rapaz. Permaneceu por considerável tempo naquele lugar e foi instrumento abençoado para a conversão de alguns e para tornar outros mais civilizados.

Antes de deixar a Irlanda, pregou em vários lugares; especialmente em certa ocasião de 1685, na qual revelou com extraordinária clareza as muitas provações que seus companheiros de sofrimento então padeciam na Escócia e a morte de Carlos II, notícia que só chegou à Irlanda vinte e quatro horas depois.

Depois disso, ansiou por sair da Irlanda, tanto por um temeroso pressentimento daquela funesta rebelião que ali irrompeu cerca de quatro anos mais tarde quanto pelo desejo de tomar parte com os sofredores da Escócia. Antes de partir, batizou o filho de certo John Maxwell, homem de Glasgow que para lá fugira da perseguição.

Depois que ele e vinte escoceses perseguidos embarcaram, subiu ao convés e orou — não havia então o menor vento —, recordando os tempos e lugares em que o Senhor os socorrera no dia da aflição e dizendo que agora se encontravam em grande aperto. Acenando com a mão para o oeste, de onde desejava que viesse o vento, disse: 'Senhor, dá-nos uma mão-cheia de vento; enche as velas, Senhor, concede-nos uma brisa vigorosa e permite-nos uma travessia rápida e segura para a terra

ensanguentada, aconteça conosco o que acontecer.' Quando começou a orar, as velas pendiam todas imóveis; antes, porém, que terminasse, estavam todas enfunadas, e fizeram uma travessia muito rápida e segura. Na manhã seguinte, depois de desembarcarem, antes de se separarem, expôs-lhes as Escrituras na encosta de uma colina. Nessa exposição pronunciou terríveis ameaças contra a Escócia: 'Virá o tempo em que se poderão percorrer muitas milhas por Galloway, Nithsdale, Ayr e Clydesdale sem ver uma casa de cuja chaminé saia fumaça nem ouvir um galo cantar.' Acrescentou ainda: 'Minha alma treme ao pensar no que será dos ministros da Escócia que aceitaram as indulgências, apostataram e se exaltam. Tão certo como vive o Senhor, nenhum deles receberá jamais a honra de pôr sequer uma cavilha no lugar certo no tabernáculo do Senhor, nem afirmará a prerrogativa régia de Cristo como Cabeça e Rei de sua Igreja.'

Depois de chegar à Escócia, no início de 1685, escapou várias vezes do inimigo de modo notável. Certa vez, fugindo a cavalo, viu-se obrigado a atravessar um curso d'água, correndo perigo iminente. Tendo chegado à outra margem, gritou: 'Rapazes, não me sigais, pois vos asseguro que vos falta o meu barco e assim vos afogareis; pensai também onde ireis aportar.' Isso os amedrontou e os impediu de entrar na água. Em outra ocasião, também perseguido de perto, foi forçado a atravessar um pântano e uma turfeira. Um dos dragões, mais afoito que os demais, meteu-se no perigoso lamaçal, onde nem ele nem o cavalo voltaram a ser vistos.

Por esse tempo, pregou numa noite de domingo em um aprisco, pois os perigos daquele período não permitiam lugar melhor. Nessa noite expôs Amós 7:8: 'E porei um prumo no meio do meu povo, a casa de Israel', etc. Na exposição, disse: 'Vou dar-vos boas notícias. Nosso Senhor arrancará uma pena da asa do Anticristo, e isso derrubará o duque de York e o banirá destes reinos. Depois do duque de York, cujo reinado já está próximo do fim, jamais um homem da casa de Stuart ocupará o trono da Grã-Bretanha, por causa de sua lascívia, perfídia, tirania e do derramamento do precioso sangue do povo do Senhor. Mas, oh!, negros, negros serão os dias que sobrevirão à Irlanda! Poder-se-ão percorrer quarenta milhas sem ver uma casa de cuja chaminé saia fumaça nem ouvir um galo cantar.' Ao terminar, ele e seus companheiros deitaram-se no abrigo das ovelhas e dormiram um pouco. Bem cedo na manhã seguinte, subiu pela margem de um riacho e passou longo tempo em meditação. Quando voltou, cantou o salmo 32, do versículo 7 até o fim, e depois repetiu aquele versículo:

> 'Tu és o meu esconderijo; tu me hás de
> Guardar livre da aflição;
> Com cânticos de livramento
> Ao redor me cercarás.'

Disse então: 'Estes e os versos seguintes são doces palavras que recebi hoje de manhã à beira do riacho; amanhã receberei mais e, assim, terei provisão diária. Ele jamais faltou a quem nele pôs a confiança; prosseguiremos na sua força, fazendo menção de sua justiça, e somente da sua.' Teve outra libertação notável: quando o inimigo veio sobre ele e alguns companheiros, foram perseguidos por cavalaria e infantaria por considerável distância. Finalmente, tendo alcançado uma pequena elevação que os separava do inimigo, parou e disse: 'Oremos aqui; pois, se o Senhor não ouvir nossas orações e nos salvar, somos todos homens mortos.' Começou então: 'Senhor, este é o dia, a hora e o poder de teus inimigos; eles não podem ficar ociosos. Mas não tens outro trabalho para lhes dar, senão mandá-los atrás de nós? Envia-os atrás daqueles a quem concederes forças para fugir, pois as nossas se acabaram. Faze-os dar a volta no monte, Senhor; estende a aba de teu manto sobre o velho Sandy e estas pobres criaturas e salva-nos desta vez. Nós o guardaremos na memória e contaremos, em louvor de tua bondade, piedade e compaixão, o que fizeste por nós naquela ocasião.' E nisso foi ouvido: uma nuvem de névoa interpôs-se imediatamente entre os dois grupos; nesse meio-tempo, chegou ao inimigo um mensageiro com ordem de procurar o sr. Renwick e a grande companhia que estava com ele.

Nesse período raramente se conseguia persuadir Peden a pregar; respondia frequentemente com o conselho de que o povo orasse muito, dizendo: 'Serão os que oram os que atravessarão a tempestade. Ainda terão pregações, muitas e boas, mas delas virá pouco bem até que o juízo seja derramado para deixar a terra desolada.'

No mesmo ano de 1685, estando em Carrick na companhia de John Clerk de Muirbrook, este lhe disse: 'Senhor, que pensais deste tempo? Não é um dia sombrio e melancólico? Poderá haver tempo mais desalentador?' Ele respondeu: 'Sim, John, este é um tempo sombrio e desalentador, mas virá outro mais sombrio. Essas pobres criaturas sem graça, os curas, cairão; depois deles se levantará um grupo chamado de presbiterianos, que pouco terá além do nome. E eles, tão verdadeiramente quanto Cristo foi crucificado corporalmente fora das portas de Jerusalém, no monte Calvário, digo, tão verdadeiramente crucificarão Cristo em sua causa e em seus interesses na Escócia. Hão de pô-lo no sepulcro, e seus amigos lhe darão uma mortalha; ali ficará como sepultado por considerável tempo. Oh, John, haverá então trevas e dias sombrios como os que a pobre Igreja da Escócia nunca viu, nem jamais verá, uma vez passados. Sim, John, serão tão sombrios que, se um pobre homem percorrer toda a distância entre a costa marítima oriental e a ocidental à procura de um ministro a quem possa confiar sua situação, ou que lhe diga qual é a vontade do Senhor acerca daquele tempo, não encontrará sequer um.' John perguntou em que mãos estaria então o testemunho. Ele respondeu: 'Nas mãos de uns poucos, desprezados e menosprezados por todos, especialmente pelos ministros que sepultaram Cristo. Mas depois ele se levantará contra eles; ao estalar de sua mortalha, quantos ainda estiverem vivos dentre os que assistiram ao sepultamento ficarão transtornados e enlouquecidos de medo, sem saber o que fazer. Então, John, virão dias magníficos, como a Igreja da Escócia nunca viu. Eu não os verei, mas talvez tu os vejas.'

Por esse tempo, enquanto pregava de dia nos campos da paróquia de Girvan, certo David Mason, então fiel professante, chegou apressado, pisoteando as pessoas para aproximar-se dele. Peden disse: 'Lá vem o chocalho do diabo; não precisamos dele aqui.' Depois disso, o referido David tornou-se oficial e delator naquela região, percorrendo-a, fazendo alarde e intimando o povo a comparecer aos infelizes tribunais deles por não conformidade; por isso ele e sua família receberam o nome de 'chocalho do diabo'. Após a Revolução, queixou-se ao ministro de que ele e sua família eram chamados assim. O ministro respondeu: 'Bem merecestes esse nome; foi um homem honesto quem vo-lo deu. Tu e os teus tereis de carregá-lo; não há remédio.'

Seu último sermão foi pregado em Collimwood, junto ao rio Ayr, pouco antes de sua morte. No prefácio desse sermão, disse: 'Tenho quatro ou cinco coisas a dizer-vos nesta noite. Primeiro: uma espada ensanguentada, uma espada ensanguentada, uma espada ensanguentada para ti, ó Escócia, que traspassará muitos corações. Segundo: percorrereis muitas milhas e nada vereis em ti, ó Escócia, senão desolação e ermos arruinados. Terceiro: teus lugares mais férteis serão tão desertos quanto as montanhas. Quarto: as mulheres grávidas serão rasgadas e despedaçadas. E quinto: Deus realizou em ti, ó Escócia, muitas reuniões religiosas; em breve, porém, Deus realizará uma reunião que fará a Escócia tremer. Deus te concedeu muitas pregações; em breve, porém, seus juízos serão tão frequentes quanto estas preciosas reuniões, nas quais enviou seus servos fiéis para advertir fielmente do perigo de tua apostasia de Deus: quebraste, queimaste e sepultaste sua aliança, perseguiste, desdenhaste e desprezaste o evangelho e derramaste o precioso sangue de seus santos e servos. Deus enviou um Welwood, um Kid, um King, um Cameron, um Cargill e outros para pregar a ti; em breve, porém, Deus te pregará com fogo e espada ensanguentada. Deus não deixará cair por terra uma só palavra daqueles homens que enviou com a comissão de pregar essas coisas em seu nome.' No sermão, disse ainda que, poucos anos depois de sua morte, haveria uma extraordinária mudança nos negócios da Grã-Bretanha e da Irlanda, e cessaria a perseguição na Escócia. Em consequência, todos creriam que chegara a libertação e cairiam numa segurança fatal; mas estariam todos muito enganados, pois tanto a Escócia quanto a Inglaterra seriam flageladas por estrangeiros, aliados a um grupo de homens infelizes dessas

terras, antes que qualquer deles pudesse pretender-se feliz ou alcançar plena libertação. Esse castigo seria mais severo do que qualquer outro por que tivessem passado ou viessem a passar, uma vez findo aquele.

Depois de muito vagar de lugar em lugar por Kyle, Carrick e Galloway, aproximando-se sua morte, foi à casa do irmão, na paróquia de Sorn, onde nascera. Mandou cavar uma gruta perto da casa do irmão, com um arbusto de salgueiro cobrindo a entrada. O inimigo soube disso e vasculhou minuciosamente a casa diversas vezes, mas não o encontrou. Enquanto estava nessa gruta, disse a alguns amigos: 'Primeiro, Deus fará da Escócia uma desolação. Segundo, haverá na terra um remanescente que Deus poupará e esconderá. Terceiro, eles ficarão em buracos e cavernas da terra e receberão alimento e bebida; quando saírem de seus esconderijos, não poderão andar livremente sem tropeçar em cadáveres. E quarto, descerá uma pedra cortada do monte; Deus se vingará dos grandes da terra e de seus habitantes por sua iniquidade. Então a igreja surgirá em beleza e glória, como uma noiva adornada para seu esposo.' Desejava que o povo do Senhor permanecesse oculto em suas cavernas, como se não estivesse no mundo, pois nada bastaria até que Deus aparecesse com seus juízos. Deu-lhes também este sinal: 'Se for sepultado apenas uma vez, podereis duvidar; mas, se o for mais de uma vez, podereis convencer-vos de que tudo quanto disse acontecerá.' Pediu-lhes encarecidamente que levassem seu corpo a Airsmoss e o sepultassem ao lado de Richie — querendo dizer o sr. Richard Cameron —, para que tivesse repouso no túmulo, pois pouco descanso tivera em vida. Disse, porém, que, onde quer que o sepultassem, seu corpo seria desenterrado; e ao primeiro homem que nele pusesse as mãos aconteceriam quatro coisas: primeiro, sofreria uma grande queda de uma casa; segundo, cairia em adultério; terceiro, em furto, pelo qual deixaria o país; quarto, no estrangeiro teria um fim lamentável por causa de homicídio. Tudo isso se cumpriu. O homem era certo Murdoch, pedreiro de profissão, mas então no serviço militar; foi o primeiro a pôr as mãos no corpo de Peden.

Por algum tempo, Peden dera crédito excessivo às deturpações capciosas de certos falsos irmãos a respeito do sr. James Renwick, o que muito o afastara dele. Isso afligia profundamente o sr. Renwick, escandalizava alguns de seus seguidores e confirmava alguns de seus adversários, que se gabavam de que Peden agora se tornara seu inimigo. Quando, porém, estava à morte, mandou chamá-lo. O sr. Renwick veio a toda a pressa e encontrou-o muito debilitado. Ao entrar, Peden ergueu-se sobre um cotovelo, apoiando a cabeça na mão, e disse: 'Sois vós o sr. James Renwick de quem tanto se fala?' Respondeu: 'Pai, meu nome é James Renwick, mas não dei ao mundo motivo para falar tanto de mim, pois não abracei princípio ou prática novos, senão aquilo que nossos reformadores e Covenanters sustentaram.' Peden mandou-o sentar-se e contar-lhe sua conversão, seus princípios e seu chamado ao ministério. O sr. Renwick fez tudo isso com a maior clareza. Quando terminou, Peden disse: 'Senhor, respondestes para inteira satisfação de minha alma. Lamento muito ter acreditado em relatos tão maus a vosso respeito; eles não só extinguiram meu amor por vós e prejudicaram minha solidariedade convosco, mas me fizeram falar tão amargamente contra vós, pelo que sofri tristemente. Mas, senhor, antes de partirdes, deveis orar por mim, pois estou velho e prestes a deixar o mundo.' Renwick o fez com fervor maior que o habitual. Ao terminar, Peden tomou-o pela mão, puxou-o para perto e beijou-o, dizendo: 'Senhor, vejo que sois um servo fiel de vosso Mestre. Prossegui em dependência exclusiva do Senhor, e atravessareis tudo honrosamente, saindo do palco sem mancha, quando muitos outros, que erguem a cabeça tão alto, estarão caídos no lodo, com mãos e vestes imundas.' E então orou para que o Senhor o animasse pelo Espírito, fortalecesse, sustentasse e consolasse em todos os seus deveres e dificuldades.*

Peden junto ao túmulo de Cameron.

'Pouco antes de morrer, disse: "Todos ficareis descontentes com o lugar onde acabarei sepultado; mas ordeno-vos que não torneis a levantar meu corpo." Finalmente, certa manhã bem cedo, deixou a gruta e veio à porta do irmão. A mulher deste disse: "Aonde ides? O inimigo virá para cá." Ele respondeu: "Bem sei." "Ai, senhor", disse ela, "o que será de vós? Deveis voltar à gruta." Ele disse: "Já terminei com ela,

pois foi descoberta; mas não importa: dentro de quarenta e oito horas estarei fora do alcance de todas as tentações do diabo e dos seus instrumentos, no inferno e na terra, e não mais me perturbarão." Cerca de três horas depois de ele entrar na casa, o inimigo chegou e, não o encontrando na gruta, vasculhou minuciosamente o celeiro, espalhando os cereais ainda não debulhados; percorreu a casa e golpeou as camas com as armas, mas não entrou no lugar onde ele jazia. E, dentro de quarenta e oito horas depois disso, encerrou sua peregrinação e tornou-se habitante daquela terra onde os cansados descansam, tendo mais de sessenta anos de idade.'

Foi sepultado na ala funerária do senhor da propriedade de Auchinleck; mas uma tropa de dragões veio, desenterrou seu corpo† e levou-o por duas milhas até o sopé da forca de Cumnock, depois de quarenta dias no túmulo. Ali jaz sepultado ao lado de outros mártires.

Assim morreu Alexander Peden, tão afamado por sua singular piedade, zelo, fidelidade e incansável dedicação ao dever da oração; sobretudo, porém, por superar todos aqueles de quem ouvimos falar nos tempos mais recentes no dom de prever e anunciar acontecimentos futuros, tanto referentes à igreja e à nação da Escócia e da Irlanda quanto a determinadas pessoas e famílias, vários dos quais já se cumpriram. Um cavalheiro, ao falar de Peden em seus escritos, diz: 'É sabido que muitas das predições desse bom homem já se cumpriram.'* E, embora hoje essas coisas sejam constrangidas a ceder à força do ridículo, aos sarcasmos dos profanos e às modas de uma época e geração ateias, devemos crer e concluir, com o Espírito de Deus, que os segredos do Senhor estiveram, estão e estarão com aqueles que temem seu nome.

JOHN BLACKADDER

JOHN BLACKADDER descendia em linha direta da casa de Tulliallan, da qual era o único representante. Depois de concluir seus estudos clássicos, foi ordenado ministro do evangelho em Troqueer, nas vizinhanças de Dumfries. Indicado pelo voto unânime do povo, recebeu ordenação do presbitério de Dumfries e tomou posse de seu benefício eclesiástico em 7 de junho de 1653.

Mal Blackadder iniciou seus trabalhos, dirigiu os primeiros esforços à repressão do vício e da profanidade; tarefa ainda mais difícil porque, nesse caso, era necessário começar pelos presbíteros, que, por completa indolência, pareciam ter deixado cair em desuso toda a disciplina apropriada. Feito isso, Blackadder voltou seus esforços aos paroquianos e, ao descobrir que eram inteiramente ignorantes na matéria, mandou apresentar os registros do consistório. Em seguida, designou mestres, instruídos tanto para argumentar com os hereges quanto para expor as Escrituras àqueles cujas faculdades intelectuais eram naturalmente fracas. Seus próprios discursos dominicais tinham por principal objetivo instruir os ouvintes nos rudimentos da religião. Além disso, pregava semanalmente sermões que, embora dirigidos especialmente aos convertidos, logo se tornaram tão populares que não apenas seus próprios paroquianos, mas também, segundo se conta, diversas pessoas honestas e piedosas de outras paróquias afluíam para ouvi-lo. Catequizava a paróquia uma vez a cada seis meses e estabeleceu, com dois irmãos, o sr. Welch de Irongray e o sr. Johnstone de Lochrutton, um plano de visitas recíprocas às respectivas paróquias em certas ocasiões. O presbitério aceitou prontamente a proposta. O trabalho conjunto desses irmãos alcançou considerável êxito. De fato, os felizes efeitos do labor de Blackadder logo se tornaram visíveis na transformação da vida e da conduta de muitos paroquianos. Mal haviam passado dois anos quando, em toda a paróquia, prevalecia exemplar regularidade no cumprimento dos deveres do culto particular e público. Cresceu o conhecimento religioso, e a oração doméstica passou a ser praticada quase universalmente. Blackadder dedicava muita atenção às visitas aos enfermos e, na verdade, a todos os que padeciam alguma aflição, fosse do corpo, fosse da mente. O desempenho adequado desse dever parecia-lhe uma das partes mais difíceis e delicadas de seu trabalho. Adaptar-se aos diferentes temperamentos e circunstâncias dos homens, pregar à consciência, advertir o pecador de seu perigo e desdobrar as promessas da graça divina exigiam, a seu ver, prudência fora do comum. Blackadder era

um tanto reservado no trato habitual com seu povo e raramente aceitava, embora sempre convidado, comparecer a banquetes, casamentos ou batizados.

Desse modo, Blackadder continuou a cumprir fielmente seus deveres ministeriais até que, com vários outros ministros eminentes, foi destituído de seu cargo pelo infame ato de Glasgow, de 1662. Esse ato fora precedido de diversas usurpações, próprias para despertar suspeita e alarme entre os ministros. Na ocasião, Blackadder manteve-se virilmente em seu posto e, nos três domingos anteriores à destituição definitiva, testemunhou do púlpito contra os abusos e enormidades da época. Aconteceu que o último desses domingos foi o dia reservado em Edimburgo para a consagração dos novos bispos, e diz-se que Blackadder protestou contra a cerimônia perante a congregação.

Quando o parlamento se reuniu, seu primeiro procedimento a causar descontentamento geral foi a ratificação do ato em questão. O presbitério de Dumfries protestou contra ele, por ser inteiramente contrário a todas as práticas e leis anteriores da igreja. O ato era, porém, censurável também por outros motivos, pois, na prática, condenava como rebeldes todos os atos da Assembleia Geral dos vinte anos precedentes. Quando chegaram a Edimburgo notícias dos procedimentos do presbitério de Dumfries, o comissário despachou imediatamente uma força militar para a cidade, com ordens de prender todo aquele tribunal eclesiástico. Assim, uma tropa de cinquenta cavaleiros, sob o comando de certo capitão Scott, chegou a Dumfries na noite de segunda-feira, mas descobriu que vários ministros, cientes das intenções deles, já haviam fugido. Entre estes estavam os dois ministros de Dumfries, o sr. Campbell e o sr. Henderson. Na ausência deles, os magistrados haviam pedido a Blackadder que lhes suprisse o lugar, e ele já principiara a fazê-lo quando, à chegada dos soldados, julgou prudente desistir, pois não queria pôr uma congregação alheia em dificuldades por alguma expressão precipitada que lhe escapasse. Na segunda-feira, enviou-se uma ordem a todos os clérigos da região para que se apresentassem perante o comissário e marchassem no dia seguinte como prisioneiros para Edimburgo. Como isso se mostrou bastante inconveniente, visto que a terça-feira estava marcada para a reunião do presbitério, sua senhoria dignou-se adiar a partida até quarta-feira. Quatro cavalheiros da guarda os procuraram depois do jantar para conhecer sua disposição quanto à viagem planejada. Os irmãos gentilmente lhes ofereceram vinho e, embora o convite tenha sido aceito, o capitão, receando um tumulto, pediu que deixassem a cidade na manhã seguinte, até as dez horas, da maneira mais discreta possível. Atenderam ao pedido e, a meia milha de Edimburgo, foram convidados a entrar na cidade à frente do comandante, que parece ter temido o clamor popular se ousasse tratá-los como prisioneiros. Os ministros parecem ter concordado. No dia seguinte, foram conduzidos perante o tribunal e, depois de algumas perguntas, autorizados a voltar às suas paróquias; favor que, no caso de Blackadder, parece ter sido obtido por alguns de seus amigos. Ali, contudo, não lhe permitiram permanecer muito tempo. Pelas severas ordens do tribunal, logo foi obrigado a deixar seu cargo, o que fez no último domingo de outubro, depois de se despedir de seu povo aflito e afetuoso em um discurso comovente e vigoroso.

De Troqueer, Blackadder mudou-se para Glencairn, a dez milhas de distância, no início de outubro de 1662. Como a paróquia era bastante isolada, tinha grande esperança de que os perseguidores o deixassem em paz. Assim, depois de residir ali por cerca de três meses, retomou suas atividades públicas; em fevereiro de 1663 aventurou-se a regressar à antiga paróquia, onde fazia visitas, catequizava e expunha as Escrituras em particular. Em consequência, expediram-se mandados do conselho contra ele e cerca de uma dúzia de seus companheiros, entre eles Welch, Semple, Arnot e Peden, por praticarem diversos atos ligados à função ministerial. Por isso resolveu deixar imediatamente aquela região;* e, como Edimburgo parecia oferecer a melhor oportunidade de esconder-se, decidiu ir para lá, tornando-se em pouco tempo morador, com a família, daquela antiga capital. Conseguiu alojamento particular em Canongate e ali passou o resto do inverno, impedido de pregar por grave enfermidade. No verão seguinte, contudo, participou de diversas reuniões privadas em Grassmarket, junto com cerca de sete ou oito ministros de Nithsdale, em Galloway.

A derrota nas colinas de Pentland interrompeu essas reuniões religiosas. Blackadder estava então em Edimburgo e, não fossem as notícias desfavoráveis que recebera acerca da situação do exército dos Covenanters, certamente se teria unido a eles naquela ocasião. Durante as execuções sanguinárias que se seguiram ao confronto, teve oportunidade de estender sua humanidade aos compatriotas sofredores do sul. Em setembro de 1668, sob os auspícios de uma administração mais branda, foi convidado a pregar e ministrar as ordenanças em diversas paróquias do oeste da Escócia. Em Dunlop, batizou quarenta e duas crianças numa casa; na casa paroquial de Newmills, onze. Cumpriu deveres semelhantes em Eaglesham, sempre à noite, por medo de ser descoberto. A nova administração era muito mais liberal que a anterior; em consequência, permitiram-lhe pregar em Edimburgo por mais de um ano. Em janeiro de 1669, recebeu um segundo e insistente chamado para o oeste; por isso foi a Fenwick em 28 de janeiro e ali pregou publicamente, sendo esse o primeiro sermão de um dos ministros perseguidos que o povo do lugar ouvia desde a batalha de Pentland. Seus trabalhos ali foram tão grandes e seus esforços pelo bem espiritual do povo tão constantes que sua saúde sofreu consideravelmente. Aconselhado pelos médicos a experimentar os benefícios das águas minerais de Newmills, foi até lá anualmente durante sete anos, permanecendo geralmente por cerca de seis semanas. No mesmo ano atravessou para Fife, onde ficou alguns dias em Strathmiglo e pregou a numerosas multidões, que acorriam de todas as partes para ouvi-lo.

O governo começou a alarmar-se com essas reuniões religiosas; os ministros foram proibidos de oficiar nelas, sob pena de prisão definitiva, e os militares foram mobilizados para fazer cumprir os rigorosos decretos do tribunal. Entre as primeiras reuniões chamadas de armadas esteve aquela conduzida por Blackadder em Beith-hill, em 18 de junho de 1670. Embora previsse o risco que corria, o amor às almas dos homens levou-o a enfrentar todos os perigos. Pediu ao sr. Dickson que o ajudasse nessa ocasião, e ele consentiu de bom grado.

Relatos exagerados dessa reunião se espalharam por todo o país. Os dois ministros foram intimados a comparecer perante o conselho em 11 de agosto; como não atenderam à citação, foram denunciados e declarados proscritos. Blackadder ocultou-se em Edimburgo; mas, iniciada uma busca rigorosa, foi obrigado a fugir para a região de Merse, onde permaneceu até acalmar-se a agitação. Apareceu então novamente e, retomando o ministério público, pregou em Mordington e em várias outras paróquias. Na primavera de 1671, visitou Borrowstounness e suas vizinhanças. Sentindo-se algo indisposto, pretendia manter-se reservado; mas, bem cedo no domingo, a casa de lady Hilderstone, onde se hospedara, foi cercada por imensas multidões que insistiam em que saísse para dirigir-lhes a palavra. Por essa reunião, lady Hilderstone, seu filho e muitas das pessoas receberam pesadas multas.

Nada disso, entretanto, diminuiu o ardor com que o povo favorecia a pregação ao ar livre. Mal se passaram três semanas da reunião em Hilderstone quando Blackadder pregou em Black Dub, em Livingstone. Saiu de Edimburgo cedo pela manhã e voltou naquela mesma noite. Fez isso para impedir que o povo fosse posto em dificuldade por sua causa, o que certamente aconteceria se corresse a notícia de que estava abrigado entre eles. Naquele ano foi proferida contra ele sentença de proscrição, mas isso não o desanimou de continuar pregando o evangelho. Assim, encontramos Blackadder, perto do fim do verão, dirigindo-se a uma imensa assembleia perto de Lillies-leaf, em Roxburghshire. Ainda no mesmo ano, ministrou frequentemente o sacramento da Ceia em campos abertos.* As comunhões mais conhecidas e com maior afluência foram quatro: Kirkcudbright, Irongray, Carrick e East Nisbet, em Merse. No ano seguinte, 1678, Blackadder foi convidado a pregar em Devon, em Fife; em julho do mesmo ano, realizou uma reunião perto de Culross, a cerca de uma milha de Blairhole, antiga residência de seus antepassados. Depois, foi convidado a pregar em Caitloch, onde encontrou uma grande assembleia reunida. Um breve relato do ocorrido ali consta da vida do sr. Welch. Blackadder parece ter-se ocupado apenas dos serviços à mesa da Ceia. Esteve, contudo, empenhado também na segunda-feira seguinte. No domingo anterior à reunião em Drumclog, aventurou-se a pregar em Falamoor, em Livingstone. Um reumatismo grave o confinou ao quarto por um mês depois disso, período em que se travou a batalha de

Bothwell Bridge; assim, não podia ser acusado de participação pessoal nela. Com efeito, parece ter nutrido dúvidas consideráveis sobre a conveniência dos levantes então reprimidos. Nem por isso recuou minimamente do cumprimento de seu dever; imediatamente após o ato de anistia e indulgência, que permitia reuniões religiosas em casas particulares, persistiu em sua prática de pregar publicamente ao ar livre. Essas reuniões provocaram grande clamor, mas Blackadder, sem se intimidar, foi visto na semana seguinte pregando na propriedade de lord Torphichen com maior ousadia que antes. A igreja ficava ao alcance da voz; nela o cura arengava a dezesseis pessoas. Dali foi a Borrowstounness, onde os soldados vindos de Blackness dispersaram a reunião e quase o capturaram. Depois disso, pregou em Kirkaldy, Galawater e Livingstone.

Perto do fim de maio de 1680, decidiu viajar à Holanda, pois seu filho mais velho estava prestes a iniciar os estudos de medicina em Leiden. Durante sua permanência de quinze semanas em Rotterdam, pregou todos os domingos. Perto do fim de setembro, voltou à Escócia e, fato muito notável, chegou a Edimburgo no mesmo dia em que o sr. John Dickson foi enviado como prisioneiro ao Bass.

Em janeiro de 1681, encontramo-lo visitando Troqueer a pedido de seus antigos paroquianos e pregando em grande variedade de lugares, que seria tedioso enumerar, tanto no caminho de ida quanto na volta a Edimburgo. Concluiu seus trabalhos públicos em East Lothian cerca de dez dias antes de ser preso. As circunstâncias de sua captura e interrogatório foram as seguintes. Na manhã de terça-feira, 5 de abril, o destacamento chegou à sua casa antes de ele se levantar. Sua filha e a criada já estavam de pé. Por volta das cinco ou seis horas, alguém bateu de leve à porta externa; ela abriu e viu Johnston, o comandante da guarda da cidade, com um destacamento atrás dele. Entraram no vestíbulo e perguntaram se havia estranhos na casa. Ela disse que não. Mesmo assim, ele foi ao quarto onde o pai dela dormia, encostou a ponta do bastão na lateral da cortina e subiu à galeria onde o ministro costumava ficar. Encontrou apenas o filho deste deitado na cama; desceu novamente ao quarto e disse à mulher do ministro: ‘Senhora, pedi a vosso marido que se levante.’ Olhando da cama, ele disse: ‘Ora, comandante, sois vós? Não me surpreende; mas onde está vossa ordem?’ O outro respondeu: ‘Basta que vos levanteis e venhais até um amigo em Canongate.’ ‘Pois bem’, disse o ministro, ‘assim que me vestir, estarei pronto.’ Nesse meio-tempo, Johnston ordenou discretamente aos homens que vigiassem o prisioneiro; ele próprio saiu e foi depressa até Dalziel, em Canongate. Quando voltou, o ministro pediu algo para beber, invocou uma bênção, mandou servir bebida a todos e saiu. Sua mulher, embora muito doente, comportou-se com mais serenidade do que ele julgaria possível. O comandante conduziu-o por Cowgate, ele mesmo de um lado e Thomas, filho do ministro, do outro, com o destacamento atrás, até o alojamento de Dalziel, perto da extremidade de Canongate. O comandante entrou primeiro, seguido do ministro; Dalziel abriu pessoalmente a porta. O comandante disse que trouxera o prisioneiro; Dalziel mandou levá-lo à guarda. Subindo alguns degraus, o ministro disse: ‘Posso falar um pouco?’ Ao que Dalziel bradou furiosamente: ‘Vós, senhor, já falastes demais; eu mesmo vos enforcaria naquela saliência.’ Ele ainda não sabia quem era o prisioneiro nem de que o acusavam, como o ministro percebeu depois, pela estranha mudança da calma com que Dalziel o tratou quando compareceu ao tribunal ao meio-dia.

O ministro, vendo-o tão mal-humorado, deu meia-volta e saiu com o comandante, que não o pôs na guarda comum. Às onze horas, foi levado perante o conselho, onde se fizeram as seguintes perguntas: — Chanceler: Sois ministro? — Resposta: Sou. — Chanceler: Onde e desde quando? — Resposta: Em Troqueer, em Galloway, desde 1653. — Chanceler: Excomungastes o rei ou estivestes em Torwood naquela ocasião? — Resposta: Não estive em Torwood nestes últimos quatro anos. — Chanceler: Mas que pensais disso? Aprovais isso? — Resposta: Embora eu tenha tanta liberdade para responder a isso como às perguntas anteriores, devo dizer-vos que não vim aqui prestar contas de meu juízo a homem algum. Portanto, já que me interrogais sobre meus pensamentos, peço humildemente que me dispenseis. Apresentai uma acusação formal, e procurarei responder-lhe como puder. [O chanceler e o advogado da Coroa repetiram diversas vezes a pergunta sobre esse ponto, sem resultado.] — Chanceler:

Mas aprovais que se tire a vida ao rei e que se o condene em alma e corpo? — Resposta: Não, não aprovo, nem homem bom algum aprovaria. — Chanceler: Mas pregastes nos campos, isto é, nas charnecas e encostas? — Resposta: Não faço disso uma questão de consciência, nem estabeleço diferença entre pregar em casas e nos campos. — Chanceler: Conheceis e sem dúvida vistes as leis que proíbem tais pregações? — Resposta: Meu senhor, sem dúvida as vi, e lamento que jamais se tenham promulgado leis e atos contra a pregação do evangelho. [Depois disso, o chanceler levantou-se e saiu com os outros dois, pois se aproximava a hora de uma da tarde, a hora do jantar.]

Na manhã do segundo dia de interrogatório, mandou seu filho Thomas falar com o coronel Blackadder, que foi informar melhor ao general Dalziel quem era o prisioneiro. Depois disso, Dalziel mostrou-se muito calmo, bem diferente do temperamento que exibira antes.

— Chanceler: Não estivestes algumas vezes em Fife, realizando ali reuniões religiosas? — Resposta: Sem dúvida, meu senhor, estive várias vezes em Fife. — Chanceler: Pelo que ouço dizer, suponho que pouco vos devo em Fife. — Resposta: Assim como poucos favores posso prestar a uma pessoa de vossa posição, tampouco sei em que poderia ter desagradado a vossa senhoria.

Às duas horas da quarta-feira, o capitão Maitland, que estava de guarda, disse ao prisioneiro que o levaria ao conselho às três e pediu-lhe que estivesse pronto. Quando chegou ao pátio do Parlamento, o capitão mandou quatro soldados vigiarem o prisioneiro numa sala externa até que fosse chamado. Contudo, não o chamaram; ele então enviou o filho Thomas a perguntar que notícias havia a seu respeito, e este respondeu acreditar que fora sentenciado ao Bass.

Túmulo de Blackadder.

A sentença foi devidamente executada. Em 7 de abril de 1681, Blackadder foi transportado de Castleton ao Bass num barco aberto e, por volta das cinco horas da tarde, entregue ao governador.

Blackadder permaneceu nessa prisão por cerca de quatro anos. Depois disso, sua saúde sofreu tanto com o ar insalubre do lugar que sua vida ficou em perigo. Seus amigos solicitaram autorização para levá-lo a Edimburgo. Isso, porém, não foi concedido: permitiram-lhe apenas trocar de residência, conforme preferisse, para a prisão de Dunbar ou a de Haddington. Nesse meio-tempo, parece que sua enfermidade se agravara, dando sinais de um desfecho fatal. Apresentada novamente a situação ao conselho, finalmente permitiram que viesse à cidade de Edimburgo. A ordem chegou tarde demais, pois Blackadder já morrera. Foi sepultado depois no cemitério de North Berwick, onde uma bela lápide ainda assinala seu túmulo, com o seguinte epitáfio:

Bendito João, por Jesus preso em Patmos,
Na prisão achou Betel; em Patmos, Pisga:
Assim o bendito John, confinado naquela rocha,
Sofreu no corpo, mas corrente alguma prendeu
Sua alma que aspirava ao céu; dia após dia,
Como do alto do monte Pisga, contemplava
A terra prometida e, pela fé, via a coroa
Reservada aos fiéis até a morte.
A graça o moldou em herói cristão:
Manso nos próprios interesses, ousado nos do Mestre;
À razão sujeitas as paixões, guiava-o a prudência;
O zelo aquecia-lhe o peito, e a razão lhe esfriava a cabeça.
Cinco anos na rocha solitária, e contudo doce morada
Desfrutou, como Enoque, andando com Deus;
Até que, de tanto viver desse alimento celestial,
Sua alma, engrandecida pelo amor, tornou-se grande e boa demais
Para ficar confinada à prisão, à carne e ao sangue.
A morte rompeu-lhe as cadeias; então, célere, fugiu
Do pecado e da dor e, guiado por anjos,
Entrou nas moradas da alegria eterna.
Alma bendita, findou tua guerra: louva, ama, regozija-te!
Aqui repousa seu pó até Jesus voltar;
Sim, bendito Jesus, vem! Vem, Senhor. Amém.

JAMES RENWICK

JAMES RENWICK nasceu na paróquia de Glencairn, em Nithsdale, em 15 de fevereiro de 1662. Seus pais, embora não fossem ricos, eram exemplos de piedade. Seu pai, Andrew Renwick, tecelão de ofício, e sua mãe, Elizabeth Corsan, tiveram antes de James vários filhos que morreram pequenos. Quando a mãe expressava intensamente sua dor, o marido costumava consolá-la dizendo que se dava por satisfeito em ter filhos, quer vivessem quer morressem, fossem jovens ou velhos, contanto que se tornassem herdeiros da glória. Isso, porém, não a satisfazia: em suas orações a Deus, pedia um filho que não apenas fosse herdeiro da glória, mas vivesse para servi-lo em sua geração. Assim, quando James nasceu, recebeu-o como resposta à oração e considerou-se obrigada de muitas maneiras a consagrá-lo ao Senhor.

Depois que James aprendeu a ler a Bíblia, por volta dos seis anos de idade, o Senhor lhe deu alguns sinais da graça futura, instruindo-o em seu caminho e exercitando-o com dúvidas e debates acima da compreensão infantil sobre o Criador de todas as coisas, sobre como todas foram feitas e para que fim; e com estranhas conjecturas sobre tantos mundos invisíveis acima e abaixo. Isso o arrebatou a uma série de meditações, nas quais permaneceu por cerca de dois anos, até que, pela oração e pela reflexão sobre a história da criação, chegou à firme convicção de que Deus fizera todas as coisas e de que tudo quanto fizera era muito bom. Contudo, quando alcançou maior maturidade, recaiu num labirinto de trevas ainda mais profundo acerca dessas verdades fundamentais. Foi tão assaltado por tentações de ateísmo que, estando nos campos e olhando para as montanhas, disse que, se todas elas fossem fornalhas devoradoras de enxofre ardente, de bom grado atravessaria cada uma, se assim pudesse ter certeza de que havia um Deus. Pela graça, emergiu desse estado para a doce serenidade da convicção firme da existência de Deus e de sua própria comunhão com ele.

Desde os primeiros anos, destacou-se pela obediência aos pais; se lhe tivessem ordenado que aprendesse qualquer ofício, teria obedecido de bom grado. Seu gosto, contudo, era decididamente voltado às letras, até que a Providência julgou por bem satisfazê-lo, suscitando amigos tão encantados com suas promissoras qualidades que o levaram a Edimburgo e promoveram zelosamente sua educação. Quando estava pronto para a universidade, incentivaram-no a ensinar os filhos da pequena nobreza, para proveito mútuo. Essa espécie de companhia, porém, como costuma acontecer, levou-o, com outros, a gastar tempo demais em jogos e diversões. Foi por isso que alguns que não o conheciam aproveitaram a ocasião para acusá-lo, em anos posteriores, de profanidade e devassidão, coisas que sua índole sempre abominou. Quando seus estudos no colégio se aproximavam do fim, mostrou tamanho escrúpulo em não ofender a Deus, e assim por diante, que, por recusar o juramento de fidelidade então exigido, não lhe permitiram participar com os demais candidatos da solenidade pública de graduação; recebeu, porém, o grau em particular, em Edimburgo. Depois disso, prosseguiu os estudos e frequentou por algum tempo as reuniões então privadas e perseguidas para a ministração das ordenanças do evangelho.

Mas, ao fazer a lamentável descoberta da infidelidade da maioria até mesmo dos ministros não conformistas, mergulhou novamente, por algum tempo, nas profundezas das trevas, perguntando-se qual seria o fim de tal apostasia. Quando, porém, procurou mais diligentemente os ministros mais livres dessas deserções, encontrou mais luz, aprofundou-se seu conhecimento da iniquidade de tais caminhos e cresceu seu zelo. Firmou-se ainda mais ao ver como o Senhor reconhecia de modo tão evidente os ministros fiéis e os fazia avançar em cena com grande constância, fé e paciência; especialmente depois da morte daquele fiel ministro e mártir, o sr. Donald Cargill, a cuja execução assistiu em 27 de julho de 1681. Ficou tão comovido que decidiu juntar-se àquelas testemunhas na causa pela qual sofriam. Depois, foi tão fortalecido e confirmado nessa resolução, recebendo instrução acerca dessas coisas na Palavra e por meio dela, gravada em sua alma com mão tão poderosa, que todas as tentações, tribulações, provações, oposições e contradições que encontrou de todos os lados até o dia da morte jamais puderam abalar sua fé, nem sequer minimamente.

Com a força dessas conclusões e com fundamentos nas Escrituras e na razão, reuniu-se, em outubro de 1681, com algumas daquelas fiéis testemunhas de Cristo e conversou sobre os testemunhos de outros mártires recentemente executados, os quais sempre se empenhava em recolher e conservar por escrito. Muito os reanimou nessa conversa, na qual mostrou quanto o afligiam e ofendiam os que ouviam os curas, defendiam o pagamento do imposto cess e justificavam o reconhecimento da autoridade do tirano; e quanto lhe entristecia que ninguém prestasse testemunho formal contra tais coisas. Ao fim, acrescentou ‘que lhe seria grande alívio saber de um remanescente com o qual pudesse unir-se, que prosseguisse e transmitisse sem desvio às gerações vindouras o testemunho contra as corrupções da época; e que nada desejava mais do que receber auxílio para ser-lhes útil’.

Desde sua primeira chegada entre eles, não podia deixar de atrair atenção: quando alguns falavam em remover os corpos dos mártires recentemente executados em Gallowlee, Renwick mostrou-se muito disposto a promover a medida. E, quando os que aderiam ao testemunho, revisto pelos srs. Cameron e Cargill, começaram, perto do fim de 1681, a estabelecer uma correspondência para preservar a união, conhecer o pensamento uns dos outros e evitar desvios para extremos à direita ou à esquerda, e concordaram em divulgar a declaração publicada em Lanark em 12 de janeiro de 1682, Renwick foi incumbido de proclamá-la, mas não participou de sua redação. Do contrário, talvez suas palavras tivessem sido escolhidas com mais ponderação, pois, embora aprovasse seu conteúdo, sempre reconheceu que algumas expressões eram bastante imprudentes.

Depois da publicação dessa declaração, a reunião geral seguinte, vendo-se censurada e denunciada tanto no país quanto às igrejas estrangeiras, como se houvesse abandonado os princípios da Igreja da Escócia, julgou conveniente enviar o senhor da propriedade de Earlstoun às Províncias Unidas para defendê-los dessas acusações e pedir a solidariedade que não conseguiam obter de seus próprios compatriotas. Isso,

afinal, por misericórdia, lhes trouxe tamanho ânimo que se abriu uma porta para providenciar a sucessão de ministros fiéis, enviando alguns para que ali fossem preparados para o trabalho do ministério. Assim, Renwick partiu para lá com outros. Seus companheiros ficaram prontos e zarparam antes, o que o deixou ansioso por segui-los.

Ao chegar, estabeleceu-se na Universidade de Groningen, onde se dedicou aos estudos com tal afinco e êxito que, em pouco tempo, estava pronto para a ordenação, tanto pela necessidade dos amigos na Escócia, que ansiavam por seus trabalhos, quanto por seu próprio ardente desejo de começar a obra. Para apressá-la, seu querido amigo sr. Robert Hamilton, a quem tanto deviam os que depois colheram os frutos dos trabalhos de Renwick, procurou certo sr. Brakel, piedoso ministro holandês. A princípio, este acolheu com entusiasmo a proposta e aconselhou que a ordenação ocorresse em Embden; não foi possível, porém, consegui-lo, porque o principal responsável pelo assunto ali seguia, em seu juízo, as ideias de Coccejus. Assim, o sr. Hamilton pediu aos órgãos eclesiásticos de Groningen que assumissem a ordenação; eles prometeram prontamente fazê-lo e solicitaram os testemunhos de Renwick e dos demais que viajaram naquela ocasião. O de Renwick foi apresentado — providencialmente estava pronto, enquanto faltavam os dos outros — e, embora redigido de forma rudimentar, foi aceito. Reunidos os órgãos eclesiásticos, os candidatos foram chamados a entrar e fizeram um pronunciamento público no qual se prestou testemunho franco contra todas as formas e corrupções da igreja deles. Longe de se ofenderem, depois de considerar solenemente a causa, declararam que era a causa do Senhor e que, custasse o que custasse, ainda que todos os reis da terra se opusessem, a levariam adiante. Os três deveriam ter sido aprovados juntos, mas, surgindo algum descontentamento, os outros dois foram retardados. Era costume do lugar que cada candidato aprovado pagasse vinte guilders para uso da igreja; os órgãos eclesiásticos, porém, declararam em conjunto que arcariam eles mesmos com todas as despesas.

A dificuldade seguinte foi que, ao lhe dizerem ser impossível a qualquer candidato ser aprovado sem subscrever o catecismo deles, e observando Renwick que nele se justificavam suas formas e corrupções, respondeu resolutamente: ‘Não farei tal coisa, pois uma aliança solene me obriga ao contrário.’ Isso quase pôs tudo a perder. Por fim, porém, consentiram que ele subscrevesse a Confissão e o Catecismo da Igreja da Escócia — prática nunca antes ouvida naquele país —, e isso foi aceito. No dia da ordenação, Renwick foi chamado com grande respeito. Depois de algum tempo em oração, começou o exame, que durou das dez da manhã às duas da tarde. Foram então chamados seus amigos, que aguardavam na igreja, entre eles seu estimado amigo sr. Hamilton e outro presbítero da Igreja da Escócia, para testemunhar a imposição de mãos. Depois da exortação, realizaram-na com oração, enquanto toda a assembleia se desfazia em lágrimas; em seguida, ele discursou aos órgãos eclesiásticos. A solenidade os comoveu tanto que, durante o jantar para o qual ele e os amigos foram convidados, o presidente declarou a grande satisfação de todos os irmãos com Renwick: julgavam que, durante todo o tempo em que estivera diante deles, ele se achava tão cheio do Espírito de Deus que seu rosto parecia resplandecer; jamais tinham visto ou sentido tamanha presença do Espírito do Senhor acompanhando qualquer obra. Mal se haviam superado essas dificuldades, outras de aspecto mais desagradável começaram a surgir; se tivessem aparecido um único dia antes, poderiam ter impedido a ordenação, ao menos por algum tempo. Já no dia seguinte, o sr. Brakel lhes disse que estava a caminho uma acusação formal, enviada pelos ministros escoceses em Rotterdam, contendo graves acusações contra o pobre povo das sociedades religiosas na Escócia. Seria necessário refutá-las, ou então suspender a ordenação; mas, como para Renwick já era tarde demais, afinal nada resultou disso.

Depois de ordenado, desejava ardentemente empregar seus talentos em benefício do pobre povo perseguido da Escócia; e, tendo recebido das classes eclesiásticas amplos testemunhos de sua ordenação e erudição — particularmente nas línguas hebraica e grega —, e encontrado um navio prestes a zarpar, embarcou em Brill. Mas, enquanto aguardava por alguns dias vento favorável, ficou tão desalentado por alguns passageiros profanos que insistiam em brindar à saúde do rei que se viu obrigado a deixar aquele

navio e tomar outro com destino à Irlanda. Uma tempestade no mar os obrigou a entrar no porto de Rye, na Inglaterra, por volta da época em que tanto se falava da conspiração de Rye House, o que o expôs a perigo considerável. Depois, porém, de muitos perigos no mar, chegou são e salvo a Dublin, onde travou muitos debates com os ministros dali acerca de suas defecções e indiferença; fê-lo, todavia, de modo tão cativante e conforme ao evangelho que lhes deixou no espírito a convicção de ser um jovem piedoso e zeloso, o que os levou a ajudá-lo a conseguir uma pronta passagem para a Escócia. Nessa travessia enfrentou perigos consideráveis e a perspectiva de outros ainda maiores, pois não sabia como nem onde desembarcaria, já que todos os portos eram então tão rigorosamente vigiados, e o capitão recusava-se a deixá-lo partir até que seu nome fosse declarado. Por fim, contudo, persuadiram o capitão a levá-lo até a costa. Ali começaram suas fatigantes e incertas peregrinações — que prosseguiram até sua captura — por uma região agreste desconhecida, entre pessoas desconhecidas, e decorreu algum tempo antes que encontrasse qualquer uma das sociedades.

Em setembro de 1683, iniciou seu ministério na Escócia, assumindo o testemunho do estandarte de Cristo no ponto em que fora firmado e caíra com a retirada das testemunhas anteriores, os srs. Cameron e Cargill; na força de seu Mestre, empreendeu levá-lo adiante e sustentá-lo contra a oposição de todos os lados.

Em meio a essas dificuldades, foi acolhido por um pobre povo perseguido que, por amor ao evangelho, perdera todos os meios mundanos de desfrutar a vida. Sua primeira reunião pública realizou-se num terreno pantanoso em Darmead. Para informar os presentes e justificar-se, julgou conveniente dar-lhes a conhecer não só como fora chamado ao ministério e aquilo a que permanecia fiel, mas também abrir-lhes o coração quanto às questões perturbadoras daquele tempo, em particular as defecções dos ministros, mostrando com quem não podia unir-se e as razões para tanto; ao final, expôs os fundamentos sobre os quais se firmava.

Depois disso, fizeram-se muitas outras investidas contra ele, não só pelos profanos, mas até por muitos fiéis professantes. Uns diziam que havia excomungado todos os ministros da Escócia, e alguns mesmo depois de mortos; quando, na verdade, apenas expusera as razões por que não podia manter comunhão com eles nas circunstâncias presentes. Outros diziam que não era presbiteriano e que seu propósito era unicamente propagar o cisma. A verdade, porém, era que ele se declarava testemunha contra todas as defecções dos presbiterianos em relação a qualquer parte da obra de Reforma assumida em aliança. Outros ministros ainda alegavam que era sectário, independente ou anabatista, ou nem sabiam o quê. Mas, quando por vezes teve ocasião de estar entre eles em Newcastle e Northumberland e arredores, ofenderam-se tanto quanto quaisquer outros com a franqueza fiel com que denunciou o mal de seus caminhos, e declararam que jamais haviam recebido tratamento tão severo de presbiteriano algum antes dele.

O clamor geral, entretanto, era que ele não possuía missão alguma. Outros o caluniavam dizendo que viera por mero acaso, como num lance de dados, além de muitas outras calúnias refutadas pelo relato precedente.

Por outro lado, alguns propalavam que ele e seus seguidores defendiam os princípios homicidas e as blasfêmias delirantes e detestáveis de Gibb; a todas essas invenções desavergonhadas e absurdas ele sempre se opôs e as abominou. Sim, alguns ministros, aparentemente mais sérios em suas tentativas de predispor o povo contra ele, disseram “que haviam procurado e obtido o parecer do Senhor a esse respeito: seus trabalhos jamais seriam proveitosos à Igreja da Escócia nem a alma alguma nela”, certos de que Deus, dentro de pouco tempo, o arruinaria e reduziria a nada, juntamente com aqueles que o seguiam; comparavam-nos a Janes e Jambres, que resistiram a Moisés. Sob todas essas afrontas, ele foi sustentado de modo notável e prosseguiu nos negócios de seu Mestre enquanto lhe restou trabalho a fazer para Ele.

Entrementes, as notícias a seu respeito que corriam o país chamaram a atenção do conselho; enfurecidos com os relatos de suas pregações ao ar livre, desencadearam contra ele uma perseguição mais acirrada e cruel do que até então se fizera contra qualquer homem daquela nação. Depois de proclamá-lo publicamente traidor e rebelde, passaram a perseguir seus seguidores com todo o rigor que a fúria e a malícia infernais podiam sugerir ou inventar; contudo, quanto mais se lhes opunham, mais cresciam e se multiplicavam.

Em 1684, suas dificuldades causadas pelos inimigos, o desânimo causado pelos amigos que se lhe opunham e as múltiplas aflições provenientes de todos os lados começaram a aumentar cada vez mais. Ainda assim, durante todo esse tempo, não deixou de pregar um único dia, mantendo-se incessante e destemido em seu trabalho. Isso levou os ministros a denunciarem-no como se tivesse invadido o campo de trabalho alheio. Alegavam que, quando outro ministro se comprometia a pregar em certo lugar, ele aparecia inesperadamente e pregava na mesma paróquia. Citavam uma ocasião perto de Paisley; naquele caso, ele fora a convite de várias pessoas da região, sem saber se havia tal ministro naquele distrito. Reconhece-se que, por vezes, se serviu das igrejas para pregar, quando o tempo, o perigo iminente na ocasião ou a necessidade de segredo e segurança excluíam qualquer outro lugar. Mas seria possível chamar de intromissão entrar às escondidas na igreja por uma noite, quando não podiam ficar do lado de fora nem ousavam ser vistos ali?

Nesse ano, em consequência de uma denúncia cruel, os soldados redobraram a vigilância em sua incansável diligência para procurá-lo e caçá-lo; e de suas mãos recebeu muitos livramentos notáveis. Em julho, particularmente, ocorreu um quando se dirigia a uma reunião: um camponês, vendo-o fatigado, emprestou-lhe um cavalo para percorrer algumas milhas; foram então surpreendidos pelo tenente Dundas e um destacamento de dragões. Os dois homens que o acompanhavam foram capturados e gravemente feridos. Ele escapou de suas mãos e subiu a colina de Dungavel, mas foi perseguido tão de perto — estavam tão próximos que dispararam contra ele durante todo o tempo — que foi obrigado a abandonar o cavalo e, com ele, perdeu a mala de viagem, que continha muitos papéis. Sem ver outro refúgio, fugiu diante de seus olhos rumo a um monte de pedras. Ali, tendo-se ocultado por um breve instante à vista deles, encontrou uma cavidade na qual se meteu e, em fervorosa jaculatória, entregou-se a Deus, resignado a viver ou morrer. Cria também que seria preservado para obra maior, vindo-lhe muitas vezes à mente aquela passagem das Escrituras, Salmo 6:8, “Apartai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade”, juntamente com estas palavras do Salmo 91:11: “Pois aos seus anjos dará ordens”, etc. Enquanto isso, os inimigos vasculharam a colina de alto a baixo, mas foram impedidos de olhar para o lugar onde ele estava. Ele e seus companheiros sofreram muitas perseguições árduas e desesperadas como essa; algumas duraram noites e dias inteiros sem interrupção, pelas regiões mais agrestes do país, por muitas milhas seguidas, sem sequer a possibilidade de escapar à vista de seus perseguidores.

Nesse ano (24 de setembro), foram expedidas contra ele editais de proibição de contato e auxílio, ordenando a todos que não lhe dessem abrigo nem auxílio, nem lhe fornecessem comida, bebida, casa, hospedagem ou qualquer coisa de utilidade; e exigindo de todos os xerifes que o prendessem e encarcerassem onde quer que o encontrassem. Em virtude disso, os sofredores foram reduzidos a privações incríveis, não apenas pelos assassinatos, mas também pela fome, pelo frio, pelas perseguições incessantes, etc. Nessa aflição, sem poder fugir nem lutar, viram-se forçados a publicar uma exposição apologética dos princípios e práticas aprovados e dos compromissos de aliança de nossos Reformadores, e a fazer valer e pôr em prática o privilégio de executar extraordinariamente o juízo contra aquelas feras assassinas que faziam da destruição dos inocentes um ofício diário. Quando essa declaração foi inicialmente proposta, Renwick mostrou-se um tanto contrário a ela, receando os tristes efeitos que poderia produzir; mas, considerando que a necessidade do caso não permitia demora, consentiu e colaborou em sua publicação. Em consequência, ela foi afixada em várias cruzes de mercado e portas de igrejas paroquiais, em 8 de novembro de 1684.

Depois da publicação dessa declaração, a ira e os insultos pareciam disputar qual deles desencadearia maior violência contra seus autores e aderentes. O conselho publicou uma proclamação para descobrir os que a reconhecessem ou se recusassem a repudiá-la; exigia que ninguém com mais de dezesseis anos viajasse sem salvo-conduto, prometia 500 merks por pessoa a quem prendesse qualquer um deles e determinava que todos prestassem o juramento de abjuração. Com isso, a tentação e o perigo tornaram-se tão terríveis que muitos foram fuzilados imediatamente nos campos; outros, por recusarem o juramento, foram levados presos, condenados e executados no mesmo dia; sim, até dos espectadores nas execuções se exigia que dissessem se aqueles homens sofriam justamente ou não. Renwick observava todos esses efeitos desastrosos com o coração triste e perturbado; muitas vezes se ouviu dizer que, do fundo do coração, desejava que a declaração jamais tivesse sido publicada.

O ano de 1685 tampouco foi melhor. Tornara-se a maior ambição dos inimigos, e objeto de disputa entre eles, saber quem destruiria mais daqueles pobres homens errantes das montanhas — como eram chamados. E, depois de gastarem todas as suas balas, não estavam mais perto de seu propósito do que no começo; pois quanto mais eram afligidos, mais se multiplicavam. “A sarça ardia, mas não se consumia, porque o Senhor estava na sarça.”

Morto Carlos II, e tendo sido proclamado, em fevereiro de 1685, o duque de York, papista declarado, Renwick não podia deixar passar essa oportunidade de testemunhar contra a usurpação do governo da nação por um papista e contra seu propósito de derrubar a obra de Reforma assumida em aliança e introduzir o papismo. Assim, ele e cerca de 200 homens foram a Sanquhar em 28 de maio de 1685 e publicaram aquela declaração, posteriormente chamada Declaração de Sanquhar.

Entrementes, com o início da expedição do conde de Argyle, insistiu-se muito para que Renwick se unisse a ela. Ele expressou a estima em que tinha a intenção honesta e louvável do conde e falou dele em termos muito favoráveis, declarando-se disposto a colaborar caso a causa e a declaração fossem formuladas corretamente. Mas, como não haviam sido ajustadas segundo a antiga reivindicação de nossas Alianças escocesas, não pôde concordar com eles; disso nasceu uma nova série de aflições e censuras vindas de todos os lados, e de ninguém mais do que dos ministros indulgenciados.

Em 1686, Renwick viu-se obrigado a dar testemunho mais público e explícito contra os desígnios e defecções daquele tempo. Nisso encontrou contradições e oposições ainda maiores de todos os lados, além de um tratamento mais desanimador e desconcertante até por parte de alguns que outrora o seguiam; perturbaram-no muito também cartas de acusação vindas de muitas pessoas. Um dos ministros que haviam chegado com Argyle escreveu contra ele uma carta muito rancorosa, à qual respondeu extensamente. Foi também difamado, no país e no exterior, por um certo Alexander Gordon, que por vezes se unira àquele grupo de sofredores; mas ninguém o difamou mais que um certo Robert Cathcart, de Carrick, autor de um libelo injurioso contra ele, do qual Renwick se defendeu em termos claríssimos. Isso, porém, não satisfez o referido Robert Cathcart. Em nome de seus amigos de Carrick e do condado de Wigton, embora sem o conhecimento da metade deles, Cathcart apresentou um protesto contra a pregação ou a presença de Renwick em sua jurisdição; deu-lhe assim ocasião de queixar-se com Davi: “Falam com falsidade, seu coração ajunta iniquidade; sim, até meu amigo íntimo, em quem eu confiava, levantou contra mim o calcanhar.”

Não obstante todas as afrontas que até então sofrera de adversários de toda espécie, tinha ao seu lado um combatente fiel e fervoroso em oração, o sr. Alexander Peden. Pouco antes da morte deste, contudo, os detratores prevaleceram a tal ponto junto a ele que o incitaram a declarar oposição a Renwick. Isso não só muito o entristeceu, mas também se tornou motivo de tropeço para muitos* outros bem-intencionados e fortaleceu seus opositores. Apesar disso, continuou a percorrer o país, pregando, catequizando e batizando. Ao viajar por Galloway, teve de enfrentar um protesto extremamente insolente apresentado contra ele pelos fiéis professantes entre Dee e Cree, subscrito por certo Hutchison. Leu esse documento numa reunião pública da região, depois de uma exposição do Salmo 15 e

um sermão sobre Cântico dos Cânticos 2:2, informando ao povo o que se fizera em seu nome e fazendo diversas observações críticas a respeito, pois o documento tendia a subverter vários elementos de nossa preciosa Reforma. Exortou aqueles que porventura houvessem anuído a ele a retirarem prontamente sua participação em semelhante iniquidade.

Pouco depois disso, enquanto seu trabalho aumentava dia a dia e suas dificuldades se multiplicavam, seus labores foram aliviados pela ajuda do sr. David Houston, vindo da Irlanda, e do sr. Alexander Shields. Isso lhe trouxe grande conforto, pois lhe permitiu responder aos que diziam que ele não desejava unir-se a outro ministro nem sequer encontrar-se com qualquer outro para buscar a união. A primeira afirmação já estava refutada; quanto à outra, sabe-se bem quão longe viajou, tanto na Escócia como na Inglaterra, para encontrar-se com ministros em busca de uma união que eles recusavam com soberba. Uma vez enviou um amigo com esse propósito a um ministro de grande renome em Glendale, Northumberland; ele, porém, recusou terminantemente. Em ocasião anterior, na mesma região, encontrava-se na casa de uma senhora muito respeitada, à qual o dr. Rule veio visitar providencialmente. Renwick, em outro aposento, ouviu-o proibir-lhe, com muitos argumentos, que recebesse ou apoiasse Renwick se este passasse por ali. Mandou então chamar o doutor e informou-lhe que a própria pessoa de quem falava estava na casa e desejava conversar com ele a esse respeito; mas ele recusou.

Depois disso, alguém o denunciou aos ministros na Holanda e voltou trazendo um conselho do sr. Brakel para Renwick e os demais. Como, porém, esse conselho tinha o espírito do evangelho, diferentemente do espírito de seus informantes, em nada o ofendeu. O sr. Roelman, outro célebre teólogo holandês e outrora grande simpatizante de Renwick e daquele grupo aflito, tornou-se também seu inimigo por causa das informações que recebeu. Foi-lhe mais penoso que um homem tão eminente se mostrasse tão crédulo; mas nada disso o abalou, resolvido como estava a sofrer isso e ainda mais pela causa de Cristo.

Em 1687, promulgou-se, em 12 de fevereiro, uma proclamação que tolerava aos presbiterianos moderados reunirem-se em casas particulares para ouvir os ministros indulgenciados, ao passo que as reuniões ao ar livre continuariam a ser perseguidas com todo o rigor da lei. Uma segunda proclamação, de 28 de junho, permitia a todos servir a Deus à sua maneira, em qualquer casa. Uma terceira, expedida em 5 de outubro, declarava que todos os pregadores e ouvintes de quaisquer reuniões a céu aberto seriam processados com a maior severidade permitida pela lei; que todos os ministros dissidentes que pregassem em casas nada ensinariam que afastasse do governo o coração do povo; e que os conselheiros privados, xerifes, etc. seriam informados dos locais destinados a suas pregações. Parece que essa proclamação foi concedida em resposta a uma petição de tolerância apresentada em nome de todos os ministros presbiterianos em 21 de julho de 1687.
Diante disso, Renwick considerou seu dever declarar-se não só contra os que concediam tal tolerância, mas também contra os que a aceitavam, advertindo igualmente o povo do perigo de aderir a ela. Os indulgenciados ficaram tão enfurecidos com isso que, mal sua reunião se estabelecera, começaram a demonstrar sua malevolência, chamando-o de intruso, jesuíta e diabo branco que percorria o país carregando a bandeira branca do diabo; afirmavam que ele causara mais dano à Igreja da Escócia do que os inimigos dela haviam causado em vinte anos. Para torná-lo odioso, também fizeram circular pelo país papéis apresentados como se fossem de seu próprio punho.

Entretanto, embora fosse alvo não só dos ímpios, mas também do escárnio dos fiéis professantes que viviam em comodidade, prosseguia em seu trabalho. Seu homem interior crescia cada vez mais, enquanto o exterior se consumia muito; e seu zelo por cumprir o ministério e completar o testemunho aumentava à medida que encontrava menos paz e acolhimento no mundo. Ao mesmo tempo, ficou tão debilitado que não conseguia montar nem manter-se a cavalo, e precisava ser levado ao lugar da pregação.

Entrementes, a perseguição contra ele era tão furiosa que, em menos de cinco meses após a tolerância, fizeram quinze buscas desesperadas para encontrá-lo. Para estimulá-las, publicou-se em 18 de outubro uma proclamação oferecendo uma recompensa de 100 libras esterlinas a quem entregasse sua pessoa e a de alguns outros, mortos ou vivos.

No começo de 1688, aproximando-se já do fim de sua carreira, corria com grande rapidez e trabalhava com muito afinco, tanto como cristão quanto como ministro. Havia algum tempo pretendia publicar, em forma de testemunho, algo contra os que concediam e os que aceitavam a tolerância, que pudesse permanecer registrado para o futuro. Dirigiu-se então a Edimburgo e, no caminho, em Peebles, escapou por muito pouco da prisão. Em Edimburgo, não sossegou até entregar o documento que, com a colaboração de outros, redigira formalmente. Ao indagar e saber que durante algum tempo não haveria reunião do presbitério nem sínodo de ministros tolerados, procurou o sr. Hugh Kennedy, de quem ouvira dizer que era o moderador, e lhe entregou um protesto; em seguida, por diversas razões, publicou-o como seu testemunho contra a tolerância.

Dali seguiu para Fife, onde pregou em vários domingos, e em 29 de janeiro proferiu seu último sermão em Borrowstounness. Depois retornou a Edimburgo e hospedou-se na casa de um amigo em Castlehill, que negociava mercadorias sem pagar os direitos alfandegários. Como Renwick já não mantivesse a prudência de antes — pois chegara sua hora —, um certo John Justice, agente da alfândega, descobriu a casa naquela mesma noite e, ouvindo-o orar com a família, suspeitou de quem se tratava. Na manhã seguinte, 1.º de fevereiro, atacaram a casa e, sob o pretexto de procurar mercadorias contrabandeadas, conseguiram entrar. Quando Renwick veio à porta, o sr. Justice interpelou-o nestes termos: “Aposto a vida que este é o sr. Renwick!” Em seguida, saiu à rua clamando por ajuda para levar o cão Renwick à guarda.

Enquanto isso, Renwick e outros dois amigos tentaram fugir por outra porta, mas foram repelidos pelos agentes. Ele então disparou uma pistola, fazendo os assaltantes recuar; ao passar por eles, porém, um homem com um longo bastão atingiu-o no peito, o que sem dúvida o impediu de correr. Descendo Castle-wynd em direção ao começo de Cowgate, já sem o chapéu, chamou a atenção e foi agarrado por um homem na rua, enquanto os outros dois escaparam.

Foi levado à guarda e ali mantido por algum tempo. Um certo Graham, capitão da guarda, ao vê-lo de baixa estatura e semblante jovem e agradável, exclamou: “Como! Este é o rapaz Renwick que tanto tem perturbado a nação?” Nesse mesmo momento, entrou um bailio chamado Charters e, com grande insolência, acusou-o de práticas licenciosas; Renwick respondeu-lhe com o desdém que merecia. Foi então conduzido perante um quórum do conselho. Quando Graham o entregou, ouviram-no dizer: “Agora entreguei Renwick aos presbiterianos; façam dele o que bem quiserem.” Não foi possível saber o que se passou ali.

Foi recolhido em isolamento rigoroso e posto a ferros. Assim que se viu sozinho, entregou-se à oração a seu Deus, oferecendo-lhe livremente a vida e pedindo graça para perseverar até o fim, bem como que seus inimigos fossem impedidos de torturar-lhe o corpo. Todos esses pedidos foram concedidos de modo notável, o que ele reconheceu com gratidão antes da execução.

Antes de receber a acusação formal, foi levado à presença do chanceler, na residência do visconde de Tarbet, e ali interrogado acerca do reconhecimento da autoridade de Jaime VII, do imposto cess e do porte de armas nas reuniões ao ar livre. Respondeu com tal franqueza e ousadia que todos os presentes ficaram admirados. Interrogaram-no sobre o cess porque haviam encontrado consigo uma caderneta que continha os apontamentos de dois sermões que pregara sobre essas questões e dos quais reconheceu a autoria. Havia também no mesmo caderno algumas iniciais; como a comissão insistisse em conhecer aqueles nomes, em parte para evitar a tortura e sabendo que já não poderia expor aquelas pessoas a maior incriminação, declarou francamente a verdade a respeito, e essa franqueza muito aplacou a ira deles contra ele. Perguntando-lhe o chanceler de que confissão era, respondeu: “Da

confissão protestante presbiteriana." Perguntou-lhe ainda por que diferia tanto dos outros presbiterianos, que haviam aceitado a tolerância e reconheciam a autoridade do rei, e o que pensava deles. Respondeu que era presbiteriano e permanecia fiel aos antigos princípios presbiterianos, princípios que todos estavam obrigados pela Aliança a sustentar e que a nação, em geral, outrora professara e sustentara de 1640 a 1660; deles aqueles homens haviam apostatado por um pouco de liberdade, sem saber por quanto tempo a teriam, assim como vós próprios o fizestes por um pouco de honra. O chanceler replicou, com a aprovação dos demais, que criam ser esses os princípios presbiterianos e que todos os presbiterianos os reconheceriam tão bem quanto ele, se tivessem coragem. Seja como for, em 3 de fevereiro recebeu a acusação formal nos três pontos acima mencionados: a recusa em reconhecer a autoridade do rei, a afirmação de ser ilícito pagar o cess e a de ser lícito empregar armas para a defesa. Deveria responder a tudo isso em 8 de fevereiro. À acusação anexou-se uma lista de quarenta e cinco pessoas, dentre as quais seria escolhido o júri, e outra das testemunhas a apresentar contra ele.

Depois de receber a acusação, sua mãe obteve permissão para visitá-lo, e ele lhe dirigiu muitas palavras cheias de graça. No domingo, 5 de fevereiro, lamentou que agora tivesse de deixar seu pobre rebanho; e declarou "que, se tivesse de escolher — não podia pensar nisso sem terror —, não escolheria entrar de novo e aventurar-se naquela luta com um corpo de pecado e morte. Todavia, se tivesse de voltar a pregar nos campos, não ousaria variar no mínimo ponto, nem desviar-se um fio de cabelo do testemunho, mas se julgaria obrigado a exercer a mesma franqueza e fidelidade de antes." Numa carta de 6 de fevereiro, pediu que as pessoas cujos nomes haviam sido decifrados fossem avisadas e concluiu: "Desejo que ninguém se aflija por minha causa, mas antes se regozije com aquele que aguarda com esperança e alegria a hora de sua coroação." Em outra ocasião, sua mãe lhe perguntou como estava; respondeu que estava bem, mas que, desde seu último interrogatório, mal podia orar. Ela o olhou com expressão assustada, e ele explicou que mal podia orar porque estava tão ocupado em louvar e tão arrebatado pela alegria do Senhor. Quando a mãe manifestou receio de desfalecer, dizendo: "Como hei de contemplar aquela cabeça e aquelas mãos expostas entre as demais na porta da cidade?", ele sorriu e disse-lhe que não veria tal coisa; "pois", disse, "ofereci minha vida ao Senhor e pedi que Ele lhes atasse as mãos; estou persuadido de que não lhes será permitido torturar meu corpo nem tocar doravante um fio de meu cabelo." No começo temera muito as torturas; agora, porém, persuadido de que elas não seriam suas provações, recebeu pela graça auxílio para dizer "que o terror delas fora de tal modo removido que preferiria ser lançado num caldeirão de óleo fervente a fazer qualquer coisa que prejudicasse a verdade". Quando se permitiu a visita de alguns outros amigos, exortou-os a assegurar a paz com Deus e a empenhar-se em permanecer firmes nos caminhos dele; quando lamentaram a perda que sofreriam com sua morte, disse "que tinham ainda mais motivos para agradecer ao Senhor por ser ele agora afastado daquelas afrontas,* que lhe haviam despedaçado o coração e que, mesmo se lhe poupassem a vida, não poderiam de outro modo ser apagadas sem que ele cedesse no mínimo ponto".

Na segunda-feira, 8 de fevereiro, compareceu perante o tribunal de justiça. Lida a acusação, o justice-clerk perguntou-lhe se persistia em sua confissão anterior e reconhecia tudo o que constava da peça acusatória. Respondeu: "Tudo, exceto onde se diz que abandonei todo o temor de Deus. Isso nego; pois é justamente por temer ofender a Deus e violar sua lei que aqui estou, pronto para ser condenado." Perguntaram-lhe então se reconhecia a autoridade e Jaime VII como seu soberano legítimo. Respondeu: "Reconheço toda autoridade cujas prescrições e limitações procedem da palavra de Deus; mas não posso reconhecer esse usurpador como rei legítimo, visto que, pela palavra de Deus, um homem assim é incapaz de governar e, igualmente, pelas antigas leis do reino, que não admitem ninguém à coroa da Escócia antes de jurar defender a religião protestante, coisa que um homem de sua confissão não poderia fazer." Insistiram: podia negar que ele fosse rei? Não era irmão do rei falecido? O rei falecido tivera filhos legítimos? Não fora ele declarado sucessor por ato do parlamento? Respondeu: "Sem dúvida ele é rei de facto, mas não de jure. Quanto a ser irmão do outro rei, nada sei em contrário; que filhos o

outro teve, não sei. Mas não se pode demonstrar, pela palavra de Deus, que deve reger todas as leis, nem pelas antigas leis do reino, que ele possui ou jamais poderia possuir qualquer direito." A pergunta seguinte foi se reconhecia ter ensinado que era ilícito pagar os impostos cess e as taxas a sua majestade. Respondeu: "Quanto ao cess atual, instituído para o usurpador atual, considero ilícito pagá-lo, tanto por ser opressivo para os súditos e sustentar a tirania como por ser imposto para suprimir o evangelho. Ter-se-ia considerado lícito que os judeus, nos dias de Nabucodonosor, levassem cada um uma brasa para aumentar a chama da fornalha destinada a devorar os três jovens, se aquele tirano assim o exigisse?" Em seguida, levantaram a questão de se reconhecia haver ensinado seus ouvintes a comparecer armados às reuniões e, em caso de oposição, a resistir. Respondeu: "Seria contrário à razão e à religião agir de outro modo; vós mesmos o faríeis em circunstâncias semelhantes. Reconheço que lhes ensinei a levar armas para se defenderem e resistirem à vossa violência injusta." Perguntaram-lhe ainda se reconhecia como seu o caderno, bem como os dois sermões nele escritos, e se os pregara. Disse: "Se nada acrescentastes, reconheço-os; e estou pronto a selar com meu sangue todas as verdades ali contidas." Depois de lida toda a sua confissão, exigiram-lhe que a assinasse. Disse "que não o faria, pois considerava a assinatura um reconhecimento parcial da autoridade deles". Após recusar-se várias vezes, disse: "Sob protesto, assinarei o documento por ser meu testemunho, mas não em obediência a vós."

Os jurados foram então chamados em grupos de cinco* e prestaram juramento. Ele nada objetou contra eles, mas protestou "que ninguém que professasse princípios protestantes ou presbiterianos, ou fidelidade à obra de Reforma assumida em aliança, participasse de seu júri". Foi declarado culpado e pronunciou-se a sentença: seria executado no Grassmarket na sexta-feira seguinte. Lorde Linlithgow, juiz-geral, perguntou-lhe se desejava mais tempo. Respondeu: "Para mim tanto faz; se o prazo se prolongar, será bem-vindo; se se abreviar, será bem-vindo; o tempo de meu Mestre é o melhor." Depois foi reconduzido à prisão. Sem que soubesse e contra sua vontade — sim, depois de se recusar expressamente a pedir isso ao advogado da Coroa —, sua execução foi adiada até o dia 17, o que deu ensejo a que várias pessoas renovassem suas censuras.

Embora nenhum dos que sofreram no período anterior dessa época sombria tenha falado com mais fortaleza, franqueza e ousadia que Renwick, nenhum foi tratado com tanta moderação. A clemência do tribunal causou grande admiração por exceder o costume: permitiram-lhe dizer quanto quisesse, sem ameaças nem interrupções, embora não desse a nenhum deles o título de lorde, exceto a Linlithgow, nobre de nascimento. E, conquanto a seus amigos se negasse acesso — o que não era habitual depois da sentença —, tanto papistas quanto episcopais receberam permissão de visitá-lo. O bispo Paterson visitou-o muitas vezes; chegou mesmo a buscar outro adiamento para ele, que teria sido facilmente concedido se ele tão somente o pedisse. O bispo perguntou-lhe: "Pensais que ninguém pode ser salvo senão os que seguem vossos princípios?" Respondeu: "Jamais disse nem pensei que ninguém pudesse salvar-se sem seguir esses princípios; são, porém, verdades pelas quais sofro e a respeito das quais não cheguei a uma conclusão precipitada. Antes, após longa e deliberada reflexão, confirmei-me na convicção de que são questões pelas quais vale sofrer." O bispo despediu-se, declarando sua tristeza por ele ser tão obstinado, e disse "que era grande perda ter ele adotado tais princípios, pois era um belo rapaz". Na noite anterior ao seu suplício, tornou a mandar-lhe recado, manifestando-se pronto a ajudá-lo até o limite de suas forças. Renwick agradeceu-lhe a cortesia, mas não sabia o que ele poderia fazer nem o que poderia desejar dele.

O sr. M'Naught, um dos curas, visitou-o em trajes canônicos, coisa que desagradou a Renwick. Entre outras perguntas, o cura indagou-lhe a opinião sobre a tolerância e os que a haviam aceitado. Renwick declarou-se contrário à tolerância; quanto aos que a abraçaram, porém, julgava-os homens piedosos. Ao deixá-lo, o cura elogiou-o como homem de grande gravidade e franqueza. Dalrymple, advogado da Coroa, também veio visitá-lo e declarou lamentar sua morte e que ela ocorresse durante seu breve período no cargo. Vários sacerdotes papistas e oficiais da guarda, além de alguns ministros tolerados, receberam permissão para conversar com ele. Ouviram um dos sacerdotes dizer ao sair que ele era um

herege extremamente obstinado; pois Renwick falara-lhe com tamanha franqueza que, na prisão da época, se tornou provérbio: “Ide embora, como disse o sr. Renwick aos padres.”

Várias pessoas redigiram petições nos termos mais favoráveis que se podiam imaginar e enviaram-nas para que as assinasse, mas tudo foi em vão. Sim, ofereceram-lhe que bastaria deixar cair uma gota de tinta num pedaço de papel para satisfazê-los; ele, porém, não quis fazê-lo. Entrementes, mantinham-no em reclusão tão rigorosa que não conseguia escrever coisa alguma. Tiraram-lhe o testemunho que começara a redigir, assim como a pena e a tinta.

Na terça-feira, dia 14, foi levado perante o conselho por causa da vindicação informativa; não se sabe, porém, o que ali se passou, salvo que lhe fizeram saber quanta bondade lhe haviam demonstrado ao adiar a execução sem que ele o solicitasse, coisa que jamais se fizera antes. Ele respondeu com extraordinária alegria, regozijando-se por ter sido considerado digno de sofrer afronta pelo nome de seu Mestre. Quando um amigo lhe perguntou como estava, disse: “Muito bem; e estarei melhor dentro de três dias.” Contou à mãe que a última execução a que assistira fora a de Robert Gray e que tivera forte impressão de que seria o próximo. Muitas vezes dizia perceber a necessidade de sofrer naquele momento e estar persuadido de que sua morte produziria mais bem do que muitos anos de sua vida poderiam produzir. Perguntaram-lhe o que cria que Deus faria com o remanescente que deixaria para trás; respondeu que lhes iria bem, pois Deus não abandonaria nem rejeitaria sua herança.

No dia da execução, o carcereiro-chefe pediu-lhe que, no local do suplício, não mencionasse as causas de sua morte e se abstivesse de fazer críticas. Renwick disse-lhe que falaria tudo quanto Deus lhe desse a dizer, e nada menos. O carcereiro afirmou que ele ainda poderia conservar a vida se tão somente assinasse a petição que lhe oferecia. Respondeu que jamais lera, nas Escrituras ou na história, que os mártires, chamados a sofrer pela verdade, suplicassem pela própria vida, embora pudessem exigir que não a tirassem e protestar contra a maldade de assassiná-los; nas presentes circunstâncias, porém, julgava que isso seria visto como um recuo da verdade e uma esquiva ao testemunho de Cristo.

Tendo sua mãe e suas irmãs obtido licença para vê-lo, depois de tomarem algum alimento, ao dar graças, disse: “Ó Senhor, trouxeste-me a menos de duas horas da eternidade, e isso não me causa mais terror do que se eu fosse deitar-me num leito de rosas; antes, pela graça, para teu louvor, posso dizer que não temo a morte desde que entrei nesta prisão; desde o lugar onde fui capturado, poderia ter caminhado muito serenamente até o cadafalso. Oh! Como conter a alegria de estar a menos de duas horas da coroa da glória!” Exortou-as longamente a se prepararem para a morte. “Pois ela é”, disse, “o rei dos terrores, embora não o seja agora para mim, como por vezes foi quando me escondia; mas agora alegremo-nos e regozijemo-nos, pois chegaram as bodas do Cordeiro, e sua esposa já se preparou. Teria eu imaginado que o temor do sofrimento e da morte pudesse ser assim retirado de mim? Mas que direi disso? É obra do Senhor e é maravilhosa aos nossos olhos. Muitas vezes calculei o custo de seguir a Cristo, mas nunca pensei que seria tão fácil. E agora, quem conhece a honra e a felicidade contidas nestas palavras: ‘Quem me confessar diante dos homens, a esse confessarei diante do Pai’?” Disse muitas vezes: “Agora que estou perto do fim do tempo, desejo bendizer o Senhor; é para mim uma paz inexprimivelmente doce e satisfatória que Ele me tenha guardado de ceder aos inimigos, mesmo no mínimo ponto.” Percebendo que sua mãe chorava, exortou-a a lembrar-se de que os que amassem qualquer coisa mais que a Cristo não eram dignos dele. “Se me amais, alegrai-vos porque vou para meu Pai, alcançar o gozo daquilo que os olhos não viram”, etc. Então pôs-se a orar, demorando-se muito em louvores e suplicando com insistência pelo remanescente sofredor: que o Senhor levantasse testemunhas capazes de transmitir o testemunho às gerações vindouras e não abandonasse a Escócia. Declarou, com grande confiança e esperança, que era fortalecido na esperança de que o Senhor seria gracioso para com a Escócia.

Por fim, ouvindo os tambores da guarda, foi tomado de êxtase e disse: “Eis o bem-vindo anúncio das minhas bodas; o noivo vem chegando; estou pronto, estou pronto.” Despediu-se então da mãe e das irmãs e pediu-lhes que não desanimassem, pois, antes que tudo terminasse, veriam motivos para louvar

a Deus pelo que aconteceria naquele dia. Foi conduzido à sala inferior do conselho, conforme o costume. Ali, depois de lida a sentença, pediram-lhe que dissesse o que tinha a dizer. Respondeu: “Nada tenho a dizer-vos, senão o que está escrito em Jeremias 26:14–15: ‘Quanto a mim, eis que estou em vossas mãos’”, etc. Disseram-lhe que os tambores rufariam junto ao cadafalso o tempo todo e, por isso, desejavam que orasse ali; mas ele recusou, declarando que não aceitaria limites ao que diria e que nada havia preparado de antemão, mas falaria o que lhe fosse concedido. Ofereceram-lhe a companhia de qualquer ministro; respondeu, porém: “Se eu quisesse algum deles como conselheiro ou consolador, não estaria aqui hoje. Não peço comigo senão este homem” — referindo-se ao amigo que o acompanhava.

Dali caminhou ao cadafalso com grande alegria, como alguém arrebatado por júbilo triunfante, e reuniu talvez a maior multidão de espectadores já vista em qualquer execução. Pouco se ouviu, entretanto, por causa do rufar incessante dos tambores desde que subiu ao cadafalso até o momento em que foi lançado dele. Ainda assim, seus amigos e outros a quem se permitiu acompanhá-lo recolheram algumas de suas últimas palavras.

Quando chegou ao cadafalso, alguns lhe proibiram dizer coisa alguma porque o povo não conseguiria ouvi-lo; ele não lhes deu atenção. Um cura estava de pé ao lado do cadafalso e, tentando-o, disse: “Reconhecei nosso rei, e oraremos por vós.” Respondeu: “Não quero nenhuma de vossas orações; vim dar meu testemunho contra vós e contra os de vossa espécie.” O cura disse: “Reconhecei nosso rei e orai por ele, não importa o que digais contra nós.” Replicou: “Não discutirei mais convosco; dentro em pouco comparecerei diante daquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores, que derramará vergonha, desprezo e confusão sobre todos os reis da terra que não governaram para Ele.”

Então cantou o Salmo 103, leu Apocalipse 19 e orou, encomendando sua alma a Deus por intermédio do Redentor e pedindo que sua causa fosse vindicada no tempo de Deus. Invocou o Senhor como testemunha de que aquele era o dia mais alegre que já vira no mundo, dia pelo qual muito ansiara. Detendo-se longamente em bendizer ao Senhor por honrá-lo com a coroa do martírio, honra da qual os anjos não tinham o privilégio, pois não podiam entregar a vida por seu principesco Mestre, queixou-se de ser perturbado no culto a Deus; “mas”, disse, “estarei acima dessas nuvens; então gozarei de tua presença e te glorificarei, sem interrupção nem pausa, para sempre”.

Nesse ponto, fizeram-no parar e subir a escada, onde orou e disse: “Senhor, morro na fé de que não abandonarás a Escócia, mas farás do sangue de tuas testemunhas a semente de tua igreja, voltarás a nós e serás glorioso em nossa terra. E agora, Senhor, estou pronto; a noiva, esposa do Cordeiro, já se preparou.” Quando lhe amarraram o lenço em volta do rosto, disse ao amigo que o acompanhava: “Adeus; sê diligente no dever, faze as pazes com Deus por meio de Cristo. Aproxima-se uma grande provação. Quanto ao remanescente que deixo, entreguei-o a Deus. Dize-lhes por mim que não se cansem nem desanimem ao sustentar o testemunho, e o Senhor vos proverá de mestres e ministros; quando Ele vier, fará gloriosas na terra essas verdades desprezadas.” Foi lançado da escada com estas palavras nos lábios: “Senhor, em tuas mãos entrego meu espírito, pois tu me remiste, Senhor Deus da verdade.”

Assim morreu o fiel, piedoso e zeloso Renwick, no terceiro dia depois de completar o vigésimo sexto ano de idade: jovem homem e jovem ministro, mas cristão amadurecido e renomado mártir de Cristo. Por amor a Ele, não amou a própria vida até a morte; pelo sangue de Cristo e pela palavra de seu próprio testemunho venceu e se elevou acima de todos os laços e tristezas. Para convicção de muitos que antes o censuravam, foi tão notavelmente justificado de todas as acusações, afrontas e calúnias lançadas contra ele por levar adiante aquele testemunho da verdade, quanto fora vergonhosamente difamado por elas em vida. Agora selava com o próprio sangue esse testemunho, mostrando um tesouro de paciência, mansidão, humildade, constância, coragem, amor ardente e zelo flamejante que confundiu sobremaneira os inimigos, convenceu os neutros, fortaleceu os vacilantes, consolou os amigos e assombrou a todos.

Era de estatura um tanto baixa e pele clara; como outro jovem Davi, tinha o semblante corado e belo. A maioria dos homens falou bem dele depois de sua morte; até seus assassinos, assim como outros,

disseram que julgavam ter ele ido para o céu. Os adversários, de modo geral, diziam que morrera presbiteriano. O visconde de Tarbet, um dos conselheiros, certa vez, falando dele em companhia de outras pessoas, disse: “Foi um dos mais firmes defensores de seus princípios que jamais compareceram diante de nós. Aos outros sempre conseguíamos, cedo ou tarde, fazer vacilar; a ele, porém, jamais conseguimos mover. Onde o deixávamos, ali o encontrávamos. Nunca pudemos fazê-lo ceder ou variar sequer um pouco. Foi o homem que vimos aderir mais aberta e persistentemente ao antigo governo presbiteriano; se houvesse vivido nos dias de Knox, nenhuma das leis então vigentes o teria condenado à morte.” Foi o último a selar no cadafalso seu testemunho pela religião, pela liberdade e pela obra de Reforma assumida em aliança na Escócia.

RELATO DO LEVANTE QUE TERMINOU NA DERROTA EM PENTLAND. ANO DE 1666

Na segunda-feira, 12 de novembro, aconteceu que (M’Lellan de) Barscobe e outros três, que haviam passado algum tempo escondidos, se aventuraram a descer das colinas até uma pequena localidade chamada Clachan of Dalry, onde se aquartelavam quatro homens de Turner. Era ainda cedo, antes do meio-dia: a fome e o tempo passado deitados sob a chuva fria os tinham feito descer das montanhas. Entraram numa taberna e pediram o desjejum. Enquanto comiam, levantou-se um clamor na localidade: os quatro soldados haviam amarrado um velho na própria casa e ameaçavam despi-lo e colocá-lo sobre uma grelha em brasa, porque não conseguia pagar as multas eclesiásticas. Ao saberem disso, viram-se obrigados a deixar o desjejum e dirigir-se à casa. Encontrando o homem amarrado, perguntaram aos soldados: “Por que amarrais o velho?” Eles responderam: “Como ousais questionar-nos?” Quando alguns do grupo se dispuseram a soltá-lo, os soldados desembainharam as espadas contra eles. Um dos companheiros de Barscobe disparou então uma pistola carregada com um socador de cachimbo, ferindo um soldado e fazendo-o cair. Como os soldados atacassem violentamente, outros ficaram feridos, e os quatro se renderam prisioneiros.

A notícia logo chegou a Balmaclellan, onde um grupo reunido com um ministro estava em oração. Temendo ser implicados, capturaram dezesseis homens de Sir James aquartelados nas redondezas. Uma vez envolvidos, o medo os levou a prosseguir, pois sabiam que Turner promoveria terríveis represálias. Resolveram antecipar-se a ele e surpreendê-lo com sua guarnição em Dumfries. Mandaram avisos discretos pela região para que todos os que estivessem prontos viessem em grupos à igreja de Irongray na noite de quarta-feira, de modo a entrar em Dumfries ao amanhecer. Antes que pudessem reunir as forças, o sol já havia nascido; eram dez horas quando chegaram a Dumfries. Aproximaram-se sem provocar o menor sobressalto. Turner e seus homens sentiam-se tão seguros que nem sequer haviam posto guarda ou sentinela na ponte que leva de Galloway à cidade. Os insurgentes eram cinquenta cavaleiros, equipados com capas presas sobre o ombro para lutar, e cerca de duzentos homens a pé. Formados em ordem, chegaram a Bridgend de Dumfries, com o comandante cavalgando à frente. A cavalaria entrou na cidade; a infantaria ficou do lado de fora. Corsack e Robinson, com outros dois, deveriam cavalgar rapidamente até o alojamento de Turner, seguidos a curta distância pelo resto da tropa. Quando os quatro chegaram ao pé da escada, diante da janela do quarto em que Turner se hospedava, ele estava na cama; mas, ouvindo o ruído dos cavalos, correu alarmado até a janela, de camisola. Vendo Corsack e os outros, gritou: “Piedade, senhores; pelo amor de Cristo, poupai-me a vida! Não haverá resistência.” Ao que Corsack, cavalheiro manso e generoso, lhe gritou: “Se descerdes até nós e não resistirdes, dou-vos minha palavra de cavalheiro de que vossa vida será poupada.” Enquanto conversavam, chegou o comandante e, agarrando Turner, apontou uma pistola ou carabina para matá-lo; Corsack, porém, interveio, dizendo: “Para matá-lo, tereis de matar-me primeiro, pois lhe garanti a vida.” Assim, o comandante desistiu.

Enviou-se um grupo para vasculhar os aposentos de Turner e trazer seus papéis e baús, que estavam bastante esvaziados, pois ele já enviara a Glasgow, segundo ouvi dizer, em várias cargas, o dinheiro que

extorquira por opressão. Trouxeram-no escada abaixo de camisola, gorro de dormir, ceroulas e meias, montaram-no sem sela num pequeno animal com um cabresto na cabeça e o levaram em direção à cruz do mercado. Ali, para demonstrar lealdade, brindaram à saúde do rei. Enviaram grupos em diversas direções para prender os demais soldados, dos quais apenas um foi morto. Levaram então Turner através da cidade, saindo pela Nether-port e seguindo por um trecho rio abaixo até uma campina junto a Nithside, defronte da igreja de Troqueer. Durante todo esse tempo ele esteve em grande pânico, esperando que o enforcassem com muita solenidade. Após uma breve deliberação, reconduziram-no no mesmo estado a seu alojamento e ordenaram-lhe que se preparasse para partir com eles. Advertiram todos os habitantes de que trouxessem à cruz do mercado as armas que possuíssem, e ali elas foram distribuídas entre a infantaria. À tarde, marcharam com ele e outros prisioneiros rumo à região ocidental, sem saber qual seria o desfecho daquela súbita aventura.

Durante todo esse tempo, não houve sinal de movimento entre os fidalgos e nobres da região, quer para auxiliá-los, quer para opor-se a eles; por isso, à tarde, marcharam com ele e os demais prisioneiros até a igreja de Glencairn, onde a maioria montou guarda, e enviaram alguns homens para avisar a certas pessoas no oeste do que ali se passara, a fim de que estivessem prontas à sua chegada. Contudo, achavam-se em grande perplexidade, pois tão poucos se juntavam ao grupo, uma vez que a região, colhida de surpresa, não pudera preparar-se. Depois de se reunirem a alguns homens de umas poucas paróquias do oeste, chegaram à cidade de Lanark, onde, segundo se diz, deviam somar perto de 2.000, o maior contingente que tiveram; ali renovaram solenemente a Aliança, após palavras de exortação de vários dentre eles, estando Dalziel com seus homens de um dos lados do rio. Diz-se que ali tiveram a melhor oportunidade de combater, e seus homens estavam mais resolutos. Isso ocorreu na segunda-feira anterior a Pentland; mas, deixando passar a ocasião, resolveram marchar, e naquela noite marcharam até a paróquia de Bathgate, na expectativa de encontrar ali reforços. A noite, porém, era escura e tempestuosa, com vento e chuva, e longa a marcha — cerca de vinte milhas —, de modo que muitos se desgarraram e ficaram para trás. Quando chegaram a Bathgate, um grupo de fidalgos havia se reunido ali; ao saberem de sua aproximação, fugiram às pressas para Linlithgow, onde causaram grande alarme. No dia seguinte, uma quinta-feira, marcharam em direção a Collington, onde montaram guarda e ocuparam alojamentos em diversos lugares das redondezas. Naquela noite, alguns fidalgos de Lothian investiram contra uma casa onde se encontravam alguns deles, dispararam pelas janelas e mataram um homem. Depois daquele alarme, porém, os habitantes da região montaram a cavalo e os perseguiram até perto de Edimburgo.

Depois disso, inquietos quanto ao que fazer em situação tão triste, com o inimigo em seu encalço e toda a região parecendo-lhes hostil, resolveram voltar em direção a Galloway e Nithsdale e chegaram às colinas de Pentland, a cinco ou seis milhas de Edimburgo, onde se dispuseram em formação para descansar um pouco. Nesse ínterim, um destacamento da Guarda Real, enviado sob ordens do exército de Dalziel, apareceu entre as colinas por volta das onze horas da manhã. Contra ele, os homens da região mandaram avançar parte de sua cavalaria, que, ao enfrentá-lo, o pôs em fuga e matou alguns. Ali morreram, do lado dos homens da região, o sr. Andrew M'Cormick e o sr. John Crookshanks.

Passado esse encontro, teriam tido tempo para prosseguir a marcha, pois, segundo se diz, o corpo principal do exército de Dalziel não apareceu durante três horas; contudo, ficaram até vê-lo chegar. Os homens de Dalziel fizeram avançar um destacamento de cavalaria, e os homens da região enviaram outro dos seus; após um breve confronto, os de Dalziel fugiram. Os outros os perseguiram quase até o corpo principal e então também recuaram para junto do seu, que se encontrava sobre a elevação. Depois disso, avançou um destacamento maior da outra ala do exército de Dalziel, seguido pelo restante. Os homens da região haviam decidido fazer avançar os seus pelas alas direita e esquerda; mas somente os da esquerda entraram em combate com o inimigo e mais uma vez lhe deram muito trabalho naquele lado, sem receber tão prontamente o apoio dos que estavam à direita. Apertados e sobrepujados pela multidão, foram obrigados a dar meia-volta e correr; antes que regressassem, o inimigo já havia

rompido sua ala direita, e assim todos fugiram. Cerca de quarenta e cinco dos homens da região foram mortos no local, e aproximadamente cem foram feitos prisioneiros e levados naquela noite a Edimburgo. Por providência divina, a noite caiu antes do fim do combate, servindo de meio para que os homens da região escapassem.

Os prisioneiros foram interrogados naquela noite perante o conselho. Alguns dos destinados à morte imediata foram postos na prisão municipal. Os restantes foram encerrados na extremidade ocidental da igreja de St. Giles, chamada Haddock's Hold, onde muitos, feridos, morreram em consequência dos ferimentos. Destacamentos numerosos de guardas da cidade foram incumbidos de vigiar aquele lugar todas as noites. Contudo, graças aos cuidados de uma mulher honesta, na providência de Deus, vários deles foram retirados às escondidas, disfarçados, de tempos em tempos, até que afinal se encontrou uma maneira de arrombar Haddock's Hold; assim todos escaparam, depois de ali passarem cerca de um quarto de ano, e não se fez alarde para procurá-los novamente. Desse modo, eles, com outros que haviam escapado, permaneceram escondidos em Edimburgo até o verão. Enquanto estavam presos, foram tratados com bondade pelos moradores da cidade, e o mesmo se deu após sua fuga.

Quanto ao restante da história desse triste desastre e às execuções dos que padeceram, com seus admiráveis discursos, remeto ao livro chamado Naphtali, que registra particularmente seus nomes. Observarei apenas que causou grande espanto que um grupo tão pobre e insignificante de homens da região, tão mal armados, tão exaustos pelo frio, pela marcha e pela fome, se dispusesse a enfrentar inimigo tão formidável: eram apenas uns 900 contra 8.000 homens de cavalaria e infantaria, além de uma grande multidão de acompanhantes dos nobres e fidalgos da região, todos bem armados com toda sorte de equipamento para guerra ofensiva e defensiva. E, apesar disso, não só pela manhã, mas duas vezes à tarde, encararam-nos e combateram resolutamente, até não poderem mais, esmagados pela superioridade numérica. Não se sabe quantos homens de Dalziel caíram naquele dia; mas os que estavam na colina quando o segundo destacamento investiu contra o inimigo e o perseguiu até o corpo principal — alguns homens honestos, digo, que ali estavam entre os demais e o viram — afirmam ter visto muitos cavalos sem cavaleiros correrem para o meio do exército de Dalziel.

Durante todo esse tempo, Turner permaneceu em suas mãos e foi conduzido com eles sob escolta de dezesseis cavaleiros, pois não tinham sob seu controle uma única prisão ou guarnição em toda a Escócia. Na noite da batalha, conseguiu escapar, fazendo um pacto com seus guardas: se naquela ocasião lhe poupassem a vida, ele lhes pouparia as deles caso vencessem as forças do rei. Depois tentou prestar-lhes esse serviço, mas não o conseguiu. Cumpre observar também que aquele povo era pouco dado à vingança: embora houvesse sido muito provocado por aquele cruel tirano, quando o tiveram nas mãos nem sequer tentaram desferir-lhe um golpe; tomaram-no prisioneiro e deram-lhe tratamento justo por todos os lugares por onde passaram.

Relato do levante que deu origem à Batalha de Drumclog e terminou na derrota em Bothwell Bridge. Ano de 1679

Pelo que já foi relatado nesta obra, podemos facilmente formar juízo acerca do estado deplorável da nação, em razão dos procedimentos arbitrários daqueles que tinham a direção dos negócios públicos e das severidades sem causa que muitas pessoas inocentes suportavam.

A execução rigorosa, por meios militares, das leis sanguinárias então vigentes não podia deixar de exasperar aqueles que, por esse meio, eram privados de sua liberdade e de seus bens, e de tudo quanto lhes era caro e precioso, sobretudo porque as opressões de toda espécie não cessavam de aumentar. Todas as vias legais de petição estavam fechadas àquele pobre povo sofredor. Que poderiam, então, fazer? É certamente razoável pensar que lhes incumbia tomar medidas para se livrarem dos pés de seus cruéis opressores; pois quem escolheria permanecer na miséria se pudesse dela sair por algum meio

lícito e justificável? Tinham extrema aversão a tomar armas, até serem forçados a fazê-lo em defesa própria. E, embora obrigados a recorrer a esse expediente, jamais desejaram ter ocasião de empregá-lo; mas, declarados rebeldes por isso, foram compelidos a persistir nele, até que a fúria dos perseguidores os levou ao levante do qual agora daremos conta.

Ao constatarem que as pequenas reuniões estavam mais expostas ao perigo do que as grandes assembleias, mudaram seu método e resolveram reunir-se em uma única congregação nos lugares que julgavam mais necessitados do evangelho e onde pudessem encontrar-se com maior segurança. Os que assim se reuniam eram, em geral, contrários à indulgência e aos que a aceitavam; muitos vinham armados. As ordens dadas aos soldados e as leis severas promulgadas em razão da morte do primaz contribuíram para aumentar seu número; mas as divisões ocasionadas pela infeliz indulgência lhes foram muito prejudiciais e acabaram por levá-los à ruína.

Tendo crescido consideravelmente, na ocasião a que nos referimos, o número dos perseguidos, o sr. Robert Hamilton, irmão do senhor de Preston, e alguns outros propuseram que se fizesse algo como testemunho contra a iniquidade daqueles tempos. Assim, depois de séria reflexão e oração, resolveram continuar a ouvir o evangelho, a despeito de todos os perigos a que pudessem ficar expostos, e publicar perante o mundo seu testemunho em favor da verdade e da causa que abraçavam, e contra os pecados e deserções daqueles tempos. Em consequência dessa resolução, escolheram o referido sr. Hamilton, juntamente com o sr. Thomas Douglas, um dos pregadores, e cerca de oitenta homens armados, para ir a algum lugar público divulgar sua declaração e queimar os documentos nela mencionados. Julgaram o dia 29 de maio o mais apropriado para executá-la. Assim, na tarde desse dia, chegaram a Rutherglen, pequena cidade com foro régio a duas milhas de Glasgow, onde apagaram as fogueiras,* puseram em prática sua resolução e afixaram uma cópia de sua Declaração à cruz do mercado.

Publicada essa Declaração, o sr. Hamilton e os demais retiraram-se de Rutherglen em direção a Evandale e Newmills. O caso causou grande comoção tanto em Glasgow como em Edimburgo. Graham de Claverhouse, mais tarde visconde de Dundee, munido de poderes ilimitados para matar e destruir todos os que encontrasse em armas, caiu de surpresa sobre a cidade de Hamilton na tarde de sábado, 31 de maio, e nas redondezas prendeu o sr. John King e cerca de catorze outros, que não estavam armados e contra os quais nada se alegava. Os que escaparam, e alguns que a eles se juntaram para resgatar o sr. King, dirigiram-se à reunião que, segundo souberam, se realizaria no dia seguinte em Loudon Hill, na esperança de ali obter auxílio.

Enquanto isso, Claverhouse, também informado daquela reunião e resolvido a dispersá-la, partiu cedo de Hamilton na manhã do dia do Senhor, primeiro de junho de 1679, levando consigo os prisioneiros, atados dois a dois, que seus homens conduziam à frente como se fossem ovelhas. O sr. Douglas já iniciara o culto público quando foram avisados da aproximação de Claverhouse. Então todos os que estavam armados resolveram deixar a reunião, enfrentar os soldados e, se possível, libertar os prisioneiros. Assim, cerca de 40 cavaleiros e 150 ou 200 homens a pé alcançaram Claverhouse e seu destacamento perto de Drumclog e, após um confronto breve e renhido, derrotaram-nos e libertaram os prisioneiros. O cavalo de Claverhouse foi morto sob ele, e o próprio escapou por pouco; mais de 20 soldados foram mortos, e vários feitos prisioneiros, sendo libertados depois de desarmados. Os homens da região não perderam mais de dois ou três.†

A BATALHA DE DRUMCLOG

"Era uma bela manhã do dia do Senhor, primeiro de junho do ano de nosso Senhor de 1679, quando uma assembleia de Covenanters se reuniu nas montanhas cobertas de urze de Drumclog. Não nos reuníramos para combater, mas para adorar o Deus de nossos pais. Estávamos longe do tumulto das cidades; a extensa e sombria charneca ondulava à nossa volta, e não perturbávamos criatura viva alguma, salvo o abibe, chamado pees-weep ou tee-wit, e o galo-da-charneca. Como de costume, viéramos

armados. Era para nossa defesa. Pois bandos ferozes e desesperados faziam incursões sangrentas pelo país e, a pretexto de reprimir a traição, travavam guerra contra a religião e os bons costumes. Espalhavam ruína e devastação pela face da Escócia ensanguentada.

"O venerável Douglas havia começado as solenidades do dia. Discorria longamente sobre os males execráveis da tirania. Nossas almas ardiam à lembrança dos sofrimentos de nossa pátria e das injustiças feitas à igreja. Nesse momento de intensa emoção, nosso vigia, postado na altura vizinha, disparou sua carabina e correu em direção à congregação. Anunciou a aproximação do inimigo. Erguemos os olhos para o ministro. 'Terminei', disse Douglas com sua firmeza habitual. 'Recebestes a teoria; agora vem a prática. Conheceis vosso dever; a defesa própria é sempre lícita. Mas o inimigo se aproxima.' Ergueu os olhos ao céu e proferiu uma oração breve e incisiva, semelhante à de Richard Cameron: 'Senhor, poupa os verdes e leva os maduros.'

"Os oficiais reuniram seus homens, e cada qual se pôs à frente dos de seu distrito. Sir Robert Hamilton dispôs a infantaria no centro, em três fileiras. Uma companhia de cavalaria, bem armada e montada, foi colocada com outro pequeno esquadrão à esquerda. Ficaram mais recuados, ocupando terreno mais firme, tanto para terem apoio mais seguro sob os pés como para deter qualquer destacamento que tentasse envolvê-los pelos flancos. Um pântano profundo se estendia entre nós e a posição do inimigo. Nossos velhos, nossas mulheres e crianças se retiraram, mas lentamente. Tinham o coração e a coragem das mulheres e crianças daqueles dias de intenso fervor religioso e sofrimento. Mostravam maior preocupação com o destino dos parentes e da igreja do que com sua segurança pessoal. Enquanto Claverhouse descia a montanha oposta, retiraram-se para o terreno elevado atrás de nossas forças. Os velhos caminhavam com os gorros nas mãos. Seus longos cabelos grisalhos ondulavam à brisa. Cantavam um salmo alentador. A melodia era a bem conhecida dos Mártires, e seu sentimento respirava desafio. A música vinha trazida pelo vento. Nossos homens deram três vivas ao formar suas fileiras. Nunca vi tamanha animação no semblante dos homens. Quanto a mim, minha esposa e meus filhos pequenos estavam na retaguarda. Minhas planícies natais e os salões da casa de meu pai, bem abaixo, no vale de Aven, estavam inteiramente à vista das alturas que ocupávamos. Minha pátria parecia erguer a voz; a igreja ensanguentada parecia lamentar-se em altos brados. 'E estes', disse eu, enquanto Clavers e suas tropas desciam lentamente pela encosta da sombria montanha, 'estes são os indignos escravos e sangrentos carrascos por meio dos quais o tirano leva nossas desgraças ao extremo.'

"Hamilton mostrou então seu heroísmo. Via-se sua figura corpulenta apressar-se de uma fileira a outra. Incutia coragem em nossas tropas inexperientes e sem disciplina. O bravo Hackston e Hall de Haughhead, à frente dos soldados a pé, faziam eco aos sentimentos de seu comandante. Burley e Cleland haviam inflamado os ânimos dos cavaleiros à esquerda com nobre entusiasmo. Meu pequeno destacamento à direita dispensava exortações: éramos um bando de irmãos resolvidos a vencer ou morrer.

"A trombeta de Clavers soou uma alta nota de desafio; o rufar tumultuoso do timbal juntou-se a ela. Eles pararam e fizeram longa pausa. Podíamos ver um oficial com quatro filas de soldados conduzindo quinze pessoas das linhas até uma pequena elevação à sua esquerda. Distingui alguém vestido de preto: era meu amigo King, capelão de lord Cardross, que Clavers fizera prisioneiro em Hamilton. 'Atirem-lhes na cabeça', disse Clavers com sua secura habitual, 'se tentarem fugir.' Podíamos vê-lo examinar atentamente nossa posição. Seus oficiais o cercaram. Logo soubemos que desejava negociar conosco. Jamais dera sinal de misericórdia ou justiça, nem oferecera condições de reconciliação, a não ser quando receava ter encontrado adversários à sua altura; e mesmo então tratava-se apenas de manobra para ganhar tempo ou enganar. Seu emissário sob bandeira aproximou-se da borda do pântano. Sir Robert respeitava a inviolabilidade de uma bandeira de trégua; ainda que o próprio Clavers a trouxesse, tê-la-ia honrado. Perguntou ao emissário a que vinha. 'Venho', disse ele, 'em nome de sua sagrada majestade e do coronel Grahame, oferecer-vos perdão, sob condição de depordes as armas e entregardes vossos chefes.' 'Dizei a vosso oficial', respondeu Sir Robert, 'que conhecemos perfeitamente o embuste que

pratica. Não está investido de poderes para negociar, nem foi enviado para tratar conosco e tentar uma reconciliação. O governo contra o qual nos levantamos recusa reparar os agravos que sofremos ou restituir-nos nossas liberdades. Se o tirano quisesse fazer-nos justiça, não a teria enviado pelas mãos de assassino tão feroz como Claverhouse. Que mostre, contudo, seus poderes, e não recusaremos negociar; deporemos nossas armas para tratar, contanto que ele deponha também as suas. Eis minha resposta.' 'É uma causa inteiramente perdida', disse Burley, chamando o porta-bandeira quando este se afastava. 'Permiti-me acrescentar uma palavra, general. Ide àquele sangrento dragão, Clavers, e dizei-lhe que pouparemos sua vida e as vidas de suas tropas sob condição de que ele, vosso Clavers, deponha suas armas e as de seus homens. Faremos mais: como não temos prisões nestas montanhas agrestes, até o deixaremos partir sob palavra de honra, contanto que jure nunca mais levantar armas contra a religião e as liberdades de sua pátria.' Uma forte salva de aplausos ecoou pelas fileiras; e, depois de longa pausa em profundo silêncio, o exército cantou os seguintes versos de um salmo:

'Ali ele quebrou as flechas do arco;
o escudo, a espada e a guerra.
Mais glorioso que os montes da presa,
muito mais excelente és tu.

Os valentes de coração foram despojados,
dormiram profundamente seu sono;
e nenhum daqueles achou as próprias mãos,
que eram homens poderosos.'

"Quando Claverhouse recebeu o informe, deu a ordem com feroz selvageria: 'Que o sangue deles recaia sobre suas próprias cabeças. A palavra de ordem hoje seja: Sem quartel.' Seus dragões ferozes soltaram um grito, e 'Sem quartel' repercutiu de fileira em fileira, enquanto galopavam montanha abaixo. Conta-se que Burley foi ouvido a dizer: 'Pois que assim seja: não haverá quartel, ao menos na minha ala do exército. Que Deus me conceda encontrar', bradou, 'aquele chefe de penacho branco. Minha pátria bendiria minha memória se minha espada entregasse seu corpo infame aos corvos.'

"Nossas tropas inexperientes contemplaram com firmeza a aproximação do inimigo; no instante em que este parou para disparar, toda a nossa infantaria deitou-se sobre a urze. Ninguém permaneceu no chão quando veio a ordem de levantar-se e responder ao fogo. A primeira fileira disparou e ajoelhou-se, enquanto a segunda disparava. Faziam cada bala atingir o alvo. Toda vez que a fumaça espessa e lenta passava por cima da cabeça dos inimigos, uma saraivada de balas caía sobre suas fileiras. Muitos homens valentes tombaram sobre a urze. O fogo não cessava. Durante vários minutos, parecia uma faixa contínua de chamas ao longo da linha dos Covenanters. Clavers tentou atravessar o pântano e romper nosso centro. 'Lanceiros, à frente!', ouvi a voz grave de Hamilton dizer. 'Ajoelhai-vos e firmai as lanças para receber a cavalaria inimiga; e vós, meus bravos, atirai! Deus e nossa pátria é nossa palavra de ordem.' Nossos oficiais corriam de fileira em fileira. Nenhum camponês cedeu naquele dia. À medida que a fumaça se dissipava, podíamos ver Clavers impelir seus homens com a violência do desespero. Suas tropas caíam em montes à sua volta, mas as brechas continuavam a ser preenchidas. De vez em quando, algum soldado de cavalaria, atormentado, vacilava; mas, antes que pudesse voltar-se ou fugir, a espada de Clavers agitava-se sobre sua cabeça. Eu o via, em sua fúria, golpear homens e cavalos. Em meio à terrível carnificina, ele próprio às vezes cambaleava. Detinha-se de súbito no meio de um movimento, contradizia as próprias ordens e golpeava o homem porque este não conseguia entender o que ele queria dizer.

"Ordenou a destacamentos que nos atacassem pelos flancos direito e esquerdo. 'Em nome de Deus', gritou, 'atravessai o pântano e atacai-os pelos flancos até que passemos este lamaçal. Se isso fracassar, estamos perdidos.'

"Chegou então minha vez de entrar em ação. Até aquele momento, só havíamos dado alguns tiros de longe. Um oficial valoroso conduziu seus homens até a orla do brejo à procura de um lugar apropriado para atravessar. Lançamo-nos à sua frente. Começou um cerrado tiroteio. Meus bravos homens atiravam com grande firmeza. Víamos muitos cair de suas selas. Não contentes em repelir o inimigo, achamos ocasião de atravessar e atacá-lo de espada em punho. O capitão, cujo nome soube depois ser Arrol, colocou-se em meu caminho. No primeiro choque, disparei minhas pistolas. O súbito sobressalto que deu na sela mostrou-me que um dos tiros o atingira. Com uma das terríveis pragas de Carlos II, investiu contra mim. Disparou sua pistola de aço. Eu estava diante dele; minha espada resvalou na arma e desviou a bala, salvando-me a vida. A essa altura, meus homens haviam repelido o inimigo e deixado livre o terreno para o combate singular. Quando ele estocou na direção de meu peito, desviei-lhe a espada com um daqueles golpes amplos que são antes ditados por certa espécie de instinto de defesa do que pela técnica. À medida que redobrávamos os golpes, as feições sombrias do meu adversário assumiram uma expressão de ferocidade profunda e obstinada. Ninguém que não tenha cruzado armas com um inimigo no campo de batalha pode conceber o olhar e os gestos de um guerreiro em momentos de emoção tão intensa. Que eu jamais volte a presenciá-los! Lutávamos em silêncio. Meu golpe atingiu-lhe o ombro esquerdo e cortou a correia da carabina, que caiu ao chão. O golpe dele cortou-me até a costela, deslizou pelo osso e também me livrou do peso de minha carabina. Tinha-se aproximado demais para que eu o atingisse com a espada. Agarrei-o pela gola e empurrei-o para trás; com um golpe atravessado de minha espada Ferrara, atingi-lhe a garganta. O golpe cortou apenas a tira do capacete, que caiu. Com um salto súbito, agarrou-me pelo cinturão da espada. Nossos cavalos empinaram, e ambos caímos ao chão. Rolamos sobre a urze em luta mortal. Nessas circunstâncias, meus bravos companheiros, de volta após desbaratarem o destacamento de flanco, vieram procurar seu comandante. Um deles já se precipitava contra meu adversário quando lhe ordenei que recuasse.* Levantamo-nos de um salto. Cada um empunhou a espada. Travamos combate outra vez. Depois de aparar golpes do inimigo que revelavam ferocidade infernal, disse-lhe que meu propósito era tomá-lo prisioneiro; que, em vez de matá-lo, mandaria meus homens capturá-lo. 'Antes deixe-se minha alma assar sobre minhas costelas no inferno', respondeu, 'do que cair prisioneiro de um Whigamore. Sem quartel é a palavra do meu coronel e a minha. Vem, Whig! Desafio todos vós ao combate.' 'Deixai o louco comigo; saí imediatamente do campo', disse eu a meus homens, que mal conseguia conter. Minha espada caiu sobre seu ombro direito. A espada escapou-lhe da mão. Baixei a minha e ofereci-lhe a vida. 'Sem quartel', disse ele com um grito de desespero. Arrebatou sua espada, que eu tinha na mão, e lançou uma estocada contra meu peito. Aparei-lhe os golpes até que estivesse quase exausto; mas, reunindo a força de seus membros enormes, pôs toda a energia numa estocada dirigida a meu coração. Minha Andro Ferrara recebeu-a, enfraquecendo-lhe a força mortal, mas a lâmina me fez um corte profundo. Embora enfraquecido pela perda de sangue, não lhe dei tempo para outro golpe. Minha espada deslizou por seu ombro, cortou-lhe o gibão de couro, a pele e a carne, passou-lhe pela mandíbula e abriu-lhe a garganta de uma orelha à outra. O fogo de seus olhos ferozes extinguiu-se num instante. Cambaleou e, caindo com terrível estrondo, derramou a alma com uma torrente de sangue sobre a urze. Caí sem sentidos por um momento. Meus fiéis homens, que nunca me perderam de vista, levantaram-me. No combate violento, o soldado sofre sobretudo de sede. Inclinei-me para encher o capacete com a água que brotava do pântano. Estava profundamente tingida de sangue humano, que escorria da luta travada acima de mim. Recuei horrorizado; Gawn Witherspoon trouxe-me o cavalo, e avançamos no tumulto da batalha.

"Enquanto isso, a tempestade da guerra se enfurecia à nossa esquerda. Cleland e o feroz Burley haviam investido contra a forte companhia enviada para flanqueá-los. Esses oficiais permitiram que ela atravessasse o brejo e então a atacaram com um grito terrível. 'Sem quartel', bradaram os dragões. 'Pois sem quartel para vós, patifes assassinos', bradou Burley; com um só golpe, cortou o chefe deles através do capacete de aço e espalhou-lhe os miolos sobre os seguidores. Cada golpe seu derrubava um adversário. Todas as forças deles foram então lançadas ao combate, e os Covenanters impeliram os dragões de Clavers para dentro do pântano. Uns rolavam sobre os outros. Todos ficaram atolados. Os

Covenanters desmontaram e combateram a pé. Não deixaram um único homem para levar a notícia a seu coronel.

"O fogo dos pelotões cessara havia muito, e a terrível obra da morte prosseguia à espada. Nesse momento, ouviu-se uma trombeta na retaguarda de nosso exército. Houve uma pausa terrível; todos ergueram os olhos. Era apenas o valente capitão Nisbet e seu guia, Woodburn de Mains: ele não nos trazia reforços, mas valia por um exército. Com um alto brado e um floreio da espada, colocou-se ao lado de Burley e gritou: 'Saltai o fosso e atacai o inimigo.' Ele e Burley abriram caminho pelo pântano. Os homens os seguiram como puderam. Formaram-se e avançaram contra o flanco direito do inimigo.

"Nesse instante, Hamilton e Hackstone fizeram avançar toda a linha de infantaria pela frente. 'Deus e nossa pátria' ecoou por todas as fileiras. 'Sem quartel', diziam os ferozes esquadrões de Clavers. Começou ali uma cena sangrenta.

"Aproveitei a ocasião que então se oferecia para mover-me à esquerda do inimigo e salvar meu amigo King e os outros prisioneiros. Chegamos a tempo de salvá-los. Nossas espadas logo cortaram as cordas com que a tirania lhes amarrara os braços. As armas dos inimigos tombados supriram as que faltavam e avançamos com grande vigor para atacar o flanco esquerdo inimigo. Claverhouse formou um quadrado oco, postando-se ele próprio no centro; seus homens combateram bravamente, fazendo tudo quanto soldados podiam fazer naquela situação. Onde quer que se abrisse uma brecha, Clavers impelia homens para a frente e depressa a preenchia. Três vezes caiu de cabeça sobre a urze, enquanto corria de uma fileira a outra, e outras tantas voltou a montar. Meu pequeno destacamento rarefez-lhe as fileiras. Ele veio até nós. Vi então claramente as feições e a figura desse homem tão afamado. Era de baixa estatura e mal proporcionado; tinha braços compridos em relação às pernas e tez extraordinariamente escura. Suas feições não eram iluminadas pela vivacidade, como alguns fabulistas disseram; pareciam sombrias como o inferno. Tinha faces magras e profundamente sulcadas; as sobrancelhas descidas e unidas numa espécie de nó no ponto de encontro, e erguidas nas extremidades; tinham, em suma, a vigorosa expressão que nossos pintores dão às do rosto de Judas Iscariotes. Seus olhos eram fundos; não tinham o brilho do gênio nem o fogo da vivacidade, mas eram acesos pelo fogo sombrio da ira, inflamado e atiçado pela inquietação interior e pela consciência de atos criminosos. Seus dentes grandes e irregulares apareciam num sorriso de todo estranho àquelas feições. A boca parecia invulgarmente grande, com os cantos repuxados para trás e para baixo, como se estivesse concentrado em algo cruel e repugnante. Em suma, os dentes superiores projetavam-se sobre o lábio inferior, e toda a boca lembrava-me a da imagem do imperador Juliano, o Apóstata. Numa de suas passagens rápidas por nós, minha espada só conseguiu cortar-lhe o penacho branco e um pedaço do gibão de couro. Num instante, ele estava do outro lado do quadrado. Nossos oficiais procuravam com ardor enfrentá-lo. 'É à prova de chumbo', bradaram alguns dos nossos. 'Usai o aço frio ou uma peça de prata.' 'Não', disse Burley, 'é seu movimento veloz naquele belo corcel que desafia toda tentativa de mirar no tumulto da peleja sangrenta. Eu abateria mais facilmente dez galos-da-charneca em voo do que um Clavers em fuga.' Naquele instante, Burley, que mantinha os olhos no adversário, penetrou no quadrado oco. Mas Burley foi impaciente demais: dirigiu o golpe contra ele antes de tê-lo ao alcance. Sua pesada espada desceu sobre a cabeça do cavalo de Clavers e o derrubou. Os homens de Burley lançaram-se em tropel contra Clavers caído, mas seus fiéis dragões se atiraram sobre eles e, com força superior, repeliram Burley. Num instante, Clavers estava montado em outro cavalo. Seu corneteiro chamou de volta o destacamento que vinha repelindo o grupo de flanco de Burley. Reuniu todas as suas tropas para desferir o último e desesperado ataque. Investiu contra nossa infantaria com tal força que ela começou a vacilar. Mas foi só por um momento. O valoroso Hamilton arrebatou a bandeira branca da Aliança e postou-se na vanguarda da batalha. Nossos homens gritaram 'Deus e nossa pátria' e se reagruparam sob a bandeira. Combateram como heróis. Clavers lutou com não menos bravura. Seus golpes visavam nossos oficiais. Sua espada caiu sobre o capacete de Hackston, cuja espada estava presa no corpo de um feroz dragão que acabara de feri-lo. Seus homens levaram-no para a retaguarda. Dirigi meus homens contra Clavers.

‘Vitória ou morte’, responderam-me. Clavers recebeu-nos. Ergueu-se na sela com toda a força e desferiu contra mim um golpe desesperado. Meu capacete de aço resistiu. Recebi o segundo golpe em minha Ferrara, e sua lâmina se fez em pedaços. Atiramo-nos impetuosamente um contra o outro. Sua pistola falhou: estava encharcada de sangue. A minha o atingiu, mas o ferimento não foi mortal. Nossos cavalos empinaram. Rolamos no chão. Tentamos em vão agarrar-nos um ao outro. No tumulto, homens e cavalos tombaram sobre nós. Por alguns momentos ficamos soterrados sob nossos próprios homens, que, ansiosos por salvar os respectivos oficiais, acorreram em multidão. Com a ajuda do meu fiel Gawn, livrei-me do cavalo caído, e avançávamos contra o sanguinário Clavers quando fomos de novo literalmente soterrados sob uma massa de homens. Hamilton já fizera avançar toda a linha e fincara seu estandarte no lugar onde Clavers e eu rolávamos sobre a urze. Nossos homens deram três vivas e impeliram para trás as tropas de Clavers. Fui levado pela massa de homens em movimento e, quase sufocado e desfalecido pela perda de sangue, nada mais soube até abrir os olhos diante de meu fiel servidor. Ele me arrancara das próprias garras do inimigo, levara-me à retaguarda e banhava-me as têmporas com água. Logo voltamos a nossos amigos; e que espetáculo se apresentou! Parecia contemplar uma imensa massa móvel, toda amontoada na maior confusão. Uns gritavam, outros gemiam, outros bradavam; os cavalos relinchavam e corcoveavam; as espadas ressoavam nos capacetes de aço. Reuni à minha volta alguns dos meus homens mais robustos e nos lançamos ao lugar onde o inimigo era mais numeroso, à procura de Clavers; mas foi em vão. Naquele instante, sua trombeta soou alto o toque de retirada, e vimos Clavers ser levado por seus homens sobre uma elevação. Lançou-se sobre um cavalo e, sem espada nem capacete, fugiu nas primeiras fileiras das forças em retirada. Suas tropas galoparam colina acima na maior confusão. Minha pequena linha juntou-se à de Burley e fez vários prisioneiros. Nosso corpo principal perseguiu o inimigo por duas milhas e cobriu o terreno de homens e cavalos. Eu via Clavers, de cabeça descoberta, à frente dos seus, esporeando e debatendo-se pela encosta íngreme de Calder-hill. Parou por um instante no topo para olhar para trás; depois fincou as esporas no cavalo e disparou. Não se refez daquele pânico até chegar à cidade de Glasgow."

"E, meus filhos", dizia o senhor da propriedade, depois de narrar as aventuras daquele dia sangrento, "visitei o campo de batalha no dia seguinte; jamais esquecerei o que vi. Homens e cavalos jaziam em leitos ensanguentados. Desviei os olhos daquele espetáculo horrível. Passei pelo lugar onde Deus salvara minha vida no combate singular e onde caíra o infeliz capitão Arrol. Observei que, na luta subsequente, um cavalo pisoteara-lhe o corpo, e suas entranhas haviam sido derramadas. Assim, meus filhos, a defesa de nossas vidas e a reconquista de nossa liberdade e religião nos sujeitaram a duras provações. E quão grande deve ser o amor à liberdade quando impele os homens, levados pela defesa própria, a presenciar espetáculos dos mais repugnantes e a enfrentar os mais cruéis rigores da guerra!"

Depois dessa ação, os homens da região resolveram permanecer juntos, pois não poderiam separar-se sem manifesto perigo, até ver como as coisas se desenrolariam. Naquela noite marcharam para Hamilton, enquanto Claverhouse escapava para Glasgow e alarmava os soldados que ali se encontravam. No dia seguinte, o sr. Hamilton e os que se haviam juntado a eles durante a marcha, exaltados em excesso pelo êxito, marcharam para Glasgow e entraram na cidade por volta das dez horas; mas, depois de seis ou oito de seus homens mortos e dois ou três feridos, foram obrigados a deixar o lugar e retirar-se para Hamilton, onde estabeleceram uma espécie de acampamento.

Tal era a desumanidade dos soldados que sete cadáveres ficaram na rua desde as onze horas da manhã até a noite. Quando foram levados para dentro das casas a fim de serem preparados para o sepultamento, os soldados vieram e lhes tiraram as mortalhas. Mais ainda: quando permitiram que fossem sepultados, ninguém ousou apresentar-se para cumprir esse ofício, exceto mulheres; nem a elas, porém, pouparam os soldados, que atacaram e cortaram com as espadas os panos que cobriam os caixões. Quando as mulheres usaram seus xales como panos funerários, os soldados também lhes tomaram os xales. Em suma, foram obrigadas a deixar os caixões no asilo de pobres, perto da Igreja Alta, onde permaneceram até os soldados deixarem Glasgow.

Na manhã do dia 3 de junho, o conselho reuniu-se cedo e, tendo recebido um relato falso desses acontecimentos, expediu uma proclamação contra os rebeldes, como os chamavam. Expediu outra proclamação ordenando que a milícia se concentrasse, se juntasse às forças regulares e atuasse com elas, sob penas severas; e, ordenando a todos os proprietários hereditários e livres que comparecessem ao exército do rei, tomou todas as providências que julgou necessárias para reprimir a rebelião, como era denominada.

No mesmo dia, lord Ross e os oficiais em Glasgow, ao verificarem que o ajuntamento dos homens da região continuava a crescer, marcharam com as tropas até Kilsyth e levaram consigo em carroças alguns dos homens feridos que haviam caído em suas mãos. No dia 6, juntou-se a eles o conde de Linlithgow em Larbertmuir; mas, falsamente informados de que o exército do oeste tinha 8.000 homens, escreveram ao conselho que, segundo o parecer geral dos oficiais, se deveria solicitar a sua majestade auxílio da Inglaterra.

Nesse ínterim, as coisas foram conduzidas na corte de tal maneira que o duque de Monmouth foi escolhido para comandar um exército destinado a reprimir a insurreição. Quando o conselho recebeu essa notícia, escreveu à corte no dia 15 propondo que Dalziel fosse nomeado tenente-general sob o duque.

O êxito alcançado pelos homens da região em Drumclog deu ocasião a que muitos viessem juntar-se a eles de todas as partes, considerando a necessidade de auxiliá-los naquela situação extrema e o fato de que eles próprios estavam sujeitos ao mesmo perigo por parte dos inimigos enfurecidos. Segundo pensa o sr. Wodrow, seu número nunca passou de 4.000, embora Echard pretenda que fossem 17.000 quando derrotados em Bothwell; muitos, porém, estavam mal armados, e para sua desgraça não tinham oficiais conhecedores da arte da guerra.

Quando as forças do rei deixaram Glasgow, o sr. Welch e vários outros vieram de Carrick e sepultaram os corpos dos mortos na recente tentativa, juntamente com as cabeças dos que haviam sofrido por Pentland. Haviam prestado semelhante serviço às cabeças e mãos que haviam sido expostas em Kilmarnock, Irvine e Ayr, e, por onde quer que marchassem, eram bem recebidos pelas pessoas de bem.

Acordou-se publicar uma declaração ao mundo para expor as razões de sua conduta. O sr. Hamilton, que assumira o comando, o sr. Douglas, o sr. Cargil e alguns outros eram de opinião que nela se devia condenar a indulgência. A isso se opuseram, contudo, o sr. Welch, o senhor de Kaitloch e outros; mas, sendo mais numerosos o sr. Hamilton e seus partidários, a maioria aprovou a seguinte declaração geral:

‘Nós, aqui reunidos providencialmente em defesa própria, a fim de prevenir e dissipar os erros e equívocos de todos, especialmente daqueles que desejamos sejam nossos amigos e esperamos que o sejam, declaramos que nossos presentes propósitos e esforços visam unicamente à vindicação e defesa da verdadeira religião reformada em sua profissão e doutrina, conforme a obrigação que assumimos por nossa Aliança Nacional e pela Solene Liga e Aliança, bem como pelo solene reconhecimento dos pecados e compromisso com os deveres, feitos e assumidos no ano de 1648; e assim nos declaramos contra o papismo, a prelazia, o erastianismo e tudo quanto deles depende.’

Em outra reunião, o sr. Hamilton e os que partilhavam sua opinião propuseram observar um dia de jejum e humilhação antes de se empenharem em combate com o inimigo. Os que divergiam do sr. Hamilton não concordaram com os motivos de humilhação por ele apresentados, e assim não se guardou nenhum jejum. Desse modo, as divisões desagregaram aquele pequeno exército antes que o inimigo o derrotasse.

Quando, numa reunião dos oficiais a que chamavam conselho de guerra, se passou a considerar a causa pela qual haviam tomado armas e continuavam a portá-las, o sr. Hamilton e seus partidários queriam enunciá-la nos termos da Declaração de Rutherglen. Os favoráveis à indulgência, porém, propuseram que se reconhecesse expressamente a autoridade do rei, conforme o terceiro artigo da Solene Liga e Aliança. Contra isso se argumentou que, como não haviam feito declaração contra ele, deveriam ser

dispensados de declarar-se positivamente a seu favor, sem que se insistisse nisso; tanto mais porque ele então se opunha sistematicamente aos interesses de Cristo e, em substância, declarara guerra contra seu povo, sendo levadas a efeito em seu nome toda a oposição, a crueldade e a perseguição então presentes na Escócia, para cuja reparação eles haviam surgido em armas. As Alianças, diziam, só os vinculavam a ele no que dizia respeito à preservação e defesa da verdadeira religião e das liberdades dos reinos; mas o rei efetivamente subvertera a verdadeira religião, estabelecera a prelazia e o erastianismo, destruíra a obra pactuada da Reforma, atentara contra as liberdades do reino, perseguira até a morte os defensores de ambas e violara manifestamente as condições de governo juradas em sua coroação. A isso se respondeu que, em 1638, a Assembleia e os Covenanters reconheceram a autoridade do rei, embora ele lhes houvesse declarado guerra; e que esse modo de rejeitar a autoridade régia impediria a reparação de suas queixas e frustraria o propósito de sua mobilização. Aqui, porém, o leitor deve observar que o sr. Hamilton e seus partidários não propuseram declaração alguma contra a autoridade legítima do rei; apenas não queriam mencioná-lo positivamente, nem mencionar seus interesses, na declaração. E é certo que aquilo que afirmavam sobre a oposição do rei à verdadeira religião e assim por diante era fato. Até que ponto era justa a conclusão que daí tiravam, fica ao juízo do leitor. Contudo, os opositores do sr. Hamilton e seus partidários prevaleceram o suficiente para fazer publicar em Glasgow, no dia 13 de junho, uma declaração chamada Declaração de Hamilton, na qual se afirma expressamente o interesse do rei. O leitor perceberá facilmente que esse pequeno exército devia sofrer grandes desvantagens em razão de suas divisões quando o inimigo se aproximava.

Convém agora voltar ao exército do rei. O exército sob comando do conde de Linlithgow, aquartelado nas cercanias de Edimburgo, chegou no dia 17 a Kirkhill Park, pertencente a lord Cardoss, que muito sofreu então às mãos dos soldados. No dia 18, o duque de Monmouth chegou a Edimburgo e foi admitido como conselheiro privado. No dia 19, foi ao encontro do exército e marchou lentamente em direção a Hamilton. No dia seguinte, enviou mensagem ao conselho queixando-se de que a marcha era retardada pela falta de provisões, que então lhe foram enviadas. Alguns, porém, pensam que Sua Graça se movia lentamente por esperar que os que então estavam em armas lhe dirigissem alguma petição.

No dia 20, o conselho recebeu uma carta do rei aprovando seus procedimentos e ordenando que perseguissem os rebeldes a ferro e fogo, com todos os demais extremos da guerra. Nossos governantes estavam mais do que dispostos a obedecer a essas ordens; por isso, transmitiram ao duque uma cópia da carta de sua majestade. Seu exército encontrava-se então a não mais de duas milhas da igreja de Shotts e tinha cerca de dez mil homens, mais do dobro daqueles que haveria de enfrentar.

Faziam-se então esforços para persuadir os homens em armas a apresentar suas queixas ao duque, acompanhadas de declarações de lealdade ao rei; mas as discórdias, sempre crescentes, causaram grande dano, pois, à medida que se aproximava a hora da ação, seu número diminuía, antes mesmo da chegada do exército real. Quando souberam da chegada de Monmouth, propôs-se reorganizar o exército e escolher os oficiais mais versados em assuntos militares. Por essa época, uma pessoa desconhecida entrou numa de suas reuniões com um documento que, segundo disse, procedia de alguns ministros e outras pessoas, os quais desejavam ardentemente que todos o assinassem. Seu teor era: ‘Nós, oficiais do exército presbiteriano, declaramos por este instrumento que não temos a intenção nem o propósito de subverter o governo, civil ou eclesiástico, ao qual estamos solenemente obrigados por nossa Aliança Nacional e pela Solene Liga e Aliança; e que, em nosso juízo e opinião, todas as matérias hoje controvertidas devem ser deixadas de lado e remetidas à decisão das instâncias competentes, isto é, de um parlamento livre e sem restrições e de uma Assembleia Geral legítima.’ Ambas as propostas, porém, foram deixadas de lado por algum tempo.

No sábado, dia 21, os oficiais se reuniram, e seus debates se acirraram mais do que nunca, embora as forças do rei já estivessem quase à vista. Na reunião, propôs-se declarar vagos todos os postos do exército e escolher os oficiais em harmonia, para que estivessem inteiramente unidos no momento da ação. O senhor Hamilton e os que pensavam como ele declararam-se dispostos a isso, sob a condição de

que se definisse corretamente a causa da contenda. Com isso, a questão da indulgência voltou à discussão, e a disputa chegou a tal ponto que o senhor Hamilton, John Paton, William Carmichael, Andrew Turnbull e alguns outros deixaram a reunião. Os que permaneceram escolheram novo presidente e secretário e passaram a tratar dos negócios; mas não quiseram nomear oficiais quando tantos se haviam retirado. Entretanto, sabendo que Monmouth estava disposto a receber solicitações deles, e sendo este assunto que não admitia demora, votaram unanimemente uma súplica a Sua Graça, na qual, depois de exporem em termos gerais suas queixas, pediam que alguns dos seus tivessem permissão para comparecer, sob salvo-conduto, e apresentar-lhe suas queixas e seus pedidos.

No domingo, dia 22, o duque e seu exército chegaram a Bothwell-muir, e suas guardas avançadas, à vila de Bothwell, a cerca de um quarto de milha da ponte. Os homens do país estavam acampados ao sul do rio Clyde, em Hamilton-muir, e tinham uma força avançada pronta a disputar a passagem pela ponte de Bothwell caso o exército do rei tentasse atravessá-la. Logo naquela manhã, o senhor David Hume, senhor de Kaitloch, e, segundo alguns, o senhor John Welch disfarçado foram ao duque com a súplica. Obtiveram acesso sem dificuldade e, além da súplica, pediram: “Que lhes fosse permitido o livre exercício da religião e a participação, sem serem molestados, nas ordenanças do evangelho ministradas por seus próprios ministros presbiterianos fiéis; que se permitisse a reunião de um Parlamento livre e de uma Assembleia Geral livre, sem os entraves de juramentos e declarações, para regular os assuntos tanto da Igreja como do Estado; e que todos os que estão ou estiveram em armas fossem anistiados.” O duque os ouviu pacientemente, mas recusou-se a tratar com eles até que depusessem as armas e se submetessem à misericórdia do rei. Mandou-os de volta a seus companheiros e ordenou que trouxessem uma resposta dentro de meia hora, no máximo. Em suma, quando os comissários chegaram ao exército, os debates recomeçaram, e assim nenhuma resposta foi enviada.

Enquanto isso, as tropas do rei tiveram tempo para posicionar seus canhões; e lorde Livingston iniciou o ataque à ponte com a guarda de infantaria. Os homens do país sustentaram suas posições por quase uma hora e defenderam a ponte com grande valentia. Hackston de Rathillet, um de seus comandantes, demonstrou muita bravura naquela ocasião; mas, faltando-lhes munição e não recebendo o devido apoio, viram-se obrigados a abandonar a ponte, onde residia sua principal força. Então o duque ordenou que todo o exército atravessasse a ponte, precedido pelos canhões, e pouco depois todo o exército do oeste do país foi posto em debandada.

A BATALHA DA PONTE DE BOTHWELL

É bem sabido que, depois do desastroso acontecimento que agora se há de descrever, quando as fileiras dos patrióticos whigs foram rompidas por forças esmagadoras, e enquanto Dalziel e Clavers varriam o sul e o oeste da Escócia como o sopro do deserto, exalando peste e morte, os fugitivos isolados se recolheram às cavernas e refúgios de sua terra agreste. Essa foi sua situação principalmente desde o ano de 1680 até a Revolução. Também o senhor da propriedade passava seus dias em reclusão; contudo, continuava a frequentar destemidamente as reuniões semanais nos campos para o culto do Deus Todo-Poderoso. Que tinha ele a temer? Que mais poderia perder? Sua propriedade fora confiscada. Sua esposa e seus pequeninos haviam sido despojados, pelos guardas pessoais, do último resto de conforto terreno que estes lhes podiam tirar; e ele próprio, condenado como proscrito a ser executado pelos assassinos militares quando capturado. Tornou-se indiferente ao mundo. “Vivi”, disse ele angustiado, “para ver um príncipe prestar duas vezes, por livre escolha, o juramento das Alianças, em defesa da religião e das leis fundamentais da terra. Vivi para ver esse príncipe tornar-se traidor de seu país e, com desavergonhada impiedade, ordenar que essas Alianças fossem queimadas pelas mãos do carrasco. Vi-o subverter a liberdade de meu país, tanto civil como religiosa. Vi-o instituir uma inquisição sangrenta. Os sacerdotes que a tirania nos impôs, em vez de nos atraírem pela beleza da religião, despojaram-se de toda a misericórdia. Ocupam assentos no Conselho sanguinário. Incitam as crueldades de Lauderdale, M’Kenzie

e York. Suas mãos estão mergulhadas em sangue até os pulsos. Esse Conselho não nos permite viver em paz. Confisca nossas propriedades. Transforma nossas casas em quartéis. Arrasta homens livres para os grilhões. Não apresenta testemunhas de nossa culpa. Inventa novas torturas para nos converter. Emprega os parafusos de polegar e as botas de tortura. Se nos calamos, condena-nos. Se confessamos nosso credo cristão, destina-nos à forca. Se oferecemos defesa, um juiz se levanta da bancada e nos fere com a espada desembainhada. Não só nossa sentença, mas também a maneira de executá-la é fixada antes de nosso julgamento. Em nossos últimos momentos, mandam o tambor de guerra rufar sem cessar; e, quando um forte sentimento da injustiça arranca de nós um protesto contra o tratamento bárbaro, um servo militar do Conselho golpeia o moribundo em seus derradeiros instantes;* e, como se esse processo sanguinário fosse lento demais para nos exterminar, vi Charles Stuart soltar sobre nós uma soldadesca brutal — sobre nós, que o chamamos de volta do exílio e lhe pusemos a coroa na cabeça. Ele assassinou nossos homens, nossas esposas e nossos filhos. É verdade que formalmente repudiamos esse tirano, declarando-lhe guerra; mas até agora fracassamos na tentativa de despertar as energias de nosso país adormecido. Ele caiu num sono mortal. Até hoje permitiu que o tirano nos mantivesse sob lei marcial. Clavers é nosso juiz; seus dragões são os carrascos; e esses selvagens ainda se valem até da agudeza dos sabujos para nos caçar. Minha alma se afasta desses espetáculos repugnantes. Eles fizeram em pedaços os amigos e companheiros de minha juventude. M'Kail, Kid e King já não existem. Cameron tombou sangrando a meu lado. Hackston, eles o trucidaram. Meu pai, Cargil — nem mesmo a ti puderam poupar! Nem a ti, querido jovem Renwick! Brown caiu por obra do sanguinário Clavers, aos pés da esposa e dos pequeninos que choravam. Vi meus amigos, e aqueles em cujas veias corria meu sangue, tombarem nas fileiras em Bothwell ensanguentada, como as flores douradas do prado sob a mão do ceifeiro. Vi o machado ávido do carrasco desumano mutilar os membros dos meus mais queridos amigos. Vi os servos da tirania cumprirem seu serviço repugnante de transportar e pendurar, como num matadouro, os membros sangrentos dos mártires. Vi o martelo dos bárbaros cravar as cabeças de meus companheiros em teus muros, ó Edimburgo sanguinária! E, ah, espetáculo repugnante! Vi aquelas formas, outrora tão caras à minha alma quanto a luz do céu, tornarem-se ossos nus e descorados sob a chuva e o sol. Vivi para ver o terrível efeito da guerra civil. Os frequentes morticínios no campo e no cadafalso tornaram os homens insensíveis. Cabeças medonhas e quartos de corpos mutilados são expostos diante da multidão. Mães e crianças banqueteiam diariamente os olhos com esse espetáculo; até mulheres delicadas pousam neles o olhar sem estremecer. Nossos sofrimentos não são sentidos, pois o coração humano perdeu a sensibilidade. Ó Deus de meus pais! Volve misericordiosamente os olhos para o meu país ensanguentado — e para tua Igreja em pranto! Hão de esses homens espalhar devastação sem limites? Hão de torrentes de nosso sangue correr? Hão de os Stuarts e seus escravos apertar para sempre esses grilhões no pescoço de nosso país e de tua Igreja?"

Enquanto proferia essas palavras, o senhor da propriedade se lançara de joelhos. Tinha os braços estendidos para a frente e para o alto; os cabelos compridos, grisalhos não pela idade, mas pelas fadigas e pela tristeza, caíam-lhe sobre os ombros; os olhos, acesos de esperança em meio ao desalento, estavam fixos no céu; e as lágrimas que lhe corriam pelas faces queimadas do sol caíam em grandes gotas da barba sobre o cinturão. Nesse momento entrou seu irmão John, com semblante que revelava uma inquietação incomum. "Meu irmão", disse ele, "deveis retomar essas armas que vossos hábitos de estudo relegaram a um canto. Agora a oração deve ceder lugar ao combate. Um cavaleiro avança a toda velocidade, seguido por uma coluna escura. Nem sequer temos tempo de fugir." O ânimo do senhor da propriedade, como o dos demais fugitivos, sempre se avivava diante da aproximação do perigo. "Adivinhei que trazíeis alguma notícia dessa espécie por esse vosso rosto de tragédia", disse ele. "Nossos perigos são tão grandes que não nos dão tempo de extravasar nossas queixas", acrescentou, enquanto cingia a espada e punha o elmo.

"Reconheçamos o terreno. Que vejo? Apenas um cavaleiro. E aquela multidão heterogênea é um ajuntamento, não uma tropa. Aquele cavaleiro não pertence ao bando de Clavers; tampouco aos dragões

de Douglas, Inglis ou Strachan. Agita uma pequena bandeira. Posso distinguir as cores escarlate e azul da bandeira dos Covenanters. Ah! Sede bem-vindo, John Howie de Lochgoin.* Mas que notícias trazeis? Vive nosso país? Vive a boa e antiga causa?" "Notícias gloriosas!", exclamou Howie. "Escócia para sempre! Ela está livre. O tirano James abdicou. Os Stuarts foram banidos por uma nação indignada. Orange triunfa. Nossas feridas estão sendo tratadas. Viva! Escócia e o rei William, e a Aliança para sempre!"

O senhor da propriedade não respondeu. Depositou no chão o capacete de aço e ajoelhou-se; proferiu uma breve oração, que assim terminava: "Meu país ensanguentado, tua Igreja que geme e meus irmãos na fornalha vieram à tua lembrança. Louvado seja teu nome para sempre." "Apressai-vos à reunião em Lesmahagow. Nossos amigos atrás de mim, como vedes, já partiram", disse Howie. E seguiu com ardor entusiástico para espalhar a notícia.

"Essas notícias", disse o senhor da propriedade, após uma longa pausa, enquanto seus olhos acompanhavam o corcel pelas planícies de Aven, "essas notícias são para mim como vida dentre os mortos. Nossas fadigas de guerra não foram inúteis, nem nosso sangue foi derramado em vão. Por fim despertamos nosso país adormecido; salvamo-lo; conquistamos nossas liberdades civis e religiosas. Sinto um novo vigor infundir-se em meus nervos. Já sinto todo o ardor da liberdade. Sinto que sou homem livre, e não escravo de tirano algum. O Parlamento e a Assembleia, confio, hão de pôr novamente tudo em ordem. Minha propriedade confiscada me será restituída, e minha esposa e meus pequeninos me rodearão no lar; e, irmão John — o que não é pouca coisa — terei agora uma trégua, longe do horrendo estrépito da guerra, para concluir tranquilamente aquela obra sobre a qual literalmente mantive acesa a lâmpada pela madrugada, com a espada e o mosquete curto postos diante de mim. Gawn Witherspoon", disse o senhor da propriedade em voz mais alta, "chamai meu cavalariço de cabelos desgrenhados e trazei-nos os cavalos. Desejo encontrar meus velhos amigos em Lesmahagow. Depois, quando despacharmos os assuntos sérios, poderemos passar pelo campo de Bothwell no regresso. Sentirei ao menos um triste prazer ao visitar o lugar onde travamos, espero, nossa última batalha contra os inimigos de nosso país e da boa e antiga causa."

Discutidos na reunião pública os assuntos graves da Igreja e do Estado, os irmãos se encontraram, no quarto dia, no campo de batalha de Bothwell.

"Naquela charneca", disse o senhor da propriedade após um longo silêncio — e, sem perceber, por uma espécie de instinto bem natural a um soldado, desembainhara a espada e apontava com ela —, "naquela charneca o inimigo tomou posição inicialmente sob Monmouth. Ali, à direita, Clavers conduziu a guarda pessoal, respirando fúria e decidido a apagar a desonra do encontro de Drumclog. Dalziel dispôs seus homens naquela colina. Lorde Livingston comandou a vanguarda inimiga. Havíamos tomado o cuidado de proteger bem a ponte de Bothwell com uma barricada, e nossa pequena bateria de canhões estava instalada naquele ponto abaixo de nós, para varrer a ponte. E de fato a varremos. Ali correu o sangue dos inimigos. Vez após vez as tropas do tirano avançaram, e nossos canhões aniquilaram suas colunas. Sir Robert Hamilton era nosso comandante-chefe. O valente general Hackston ocupava aquele ponto com seus bravos homens. Ao longo do rio e acima da ponte estavam posicionados a infantaria de Burley e os dragões do capitão Nisbet. Por uma hora mantivemos o inimigo em xeque; todas as suas tentativas de atravessar o Clyde foram derrotadas. Livingston enviou outra forte coluna para tomar a ponte de assalto. Jamais esquecerei o efeito de uma descarga de nossa bateria, onde meus homens estavam postados. Vimos a linha inimiga avançar em todo o esplendor militar de homens bravos e garbosos; os cavalos empinavam, as armaduras reluziam. Num instante, nada se via senão uma horrenda massa de mortos. Membros humanos e corpos e membros de cavalos se misturavam num imenso monte, ou eram lançados para longe. Outra coluna tentou atravessar acima da ponte. Alguns se atiraram à correnteza. Uma descarga certeira das tropas de Burley lançou-os na desordem e os fez recuar. Enquanto isso, quando assim combatíamos ardorosamente, Hamilton se esforçava para trazer à ação as diversas divisões de nosso corpo principal; mas em vão convocou a tropa do coronel Cleland; em vão ordenou que a de Henderson entrasse em formação; em vão chamou a do coronel Fleming. Hackston voou de

tropa em tropa: tudo era confusão; em vão suplicou, rogou, ameaçou. Nossas disputas e nosso zelo ardente, porém mal orientado, meu irmão, contraíram naquele dia culpa profunda e mortal. O whig voltou o braço, em ódio feroz, contra as próprias entranhas. Nossos capelães, Cargil, King, Kid e Douglas, intervieram repetidas vezes. Cargil subiu ao púlpito; pregou a concórdia; clamou por tolerância mútua. 'Contemplai os estandartes do inimigo', bradou; 'não ouvis os disparos do inimigo e dos nossos irmãos? Nossos irmãos e pais tombam sob a espada deles. Apressai-vos a socorrê-los. Vede a bandeira da Aliança. Vede o lema em letras douradas: A COROA DE CRISTO E A ALIANÇA. Ouvi a voz de vosso país em pranto. Ouvi os gemidos da Igreja ensanguentada. Bani a discórdia. E apresentemos, como um bando de irmãos, uma frente audaz ao inimigo. Segui-me, todos vós que amais vosso país e a Aliança. Vou morrer na primeira linha da batalha.' Todos os ministros e oficiais o seguiram, ao toque das trombetas; mas a grande massa permaneceu ouvindo os discursos dos facciosos. Mandamos pedir munição repetidas vezes. Meus homens tinham chegado ao último cartucho. Uma traição, ou um erro fatal, enviara um barril de passas em vez de pólvora.* Meu coração desfalecia quando vi o desespero no rosto dos meus bravos companheiros ao arrancar a tampa do barril. Hackston chamou seus oficiais para junto de si. Reunimo-nos ao redor dele. 'Que se há de fazer?', perguntou, numa agonia de desespero. 'Vencer ou morrer', respondemos quase a uma só voz. 'Ainda temos nossas espadas. Levai, pois, os homens de volta a seus postos, e que o porta-estandarte faça avançar as cores azul e escarlate. Deus e nossa Pátria seja a palavra de ordem.' Hackston precipitou-se para a frente. Corremos aos respectivos corpos; animamos nossos homens, mas estavam abatidos e sem ânimo. A munição quase se esgotara, e pareciam ansiosos por poupar o que restava. Combatiam apenas com as carabinas. Os canhões já não podiam ser carregados. O inimigo logo percebeu. Vimos uma tropa de cavalaria aproximar-se da ponte. Era a guarda pessoal. Reconheci a pluma de Clavers. Aproximavam-se em marcha rápida. Seguia-os uma sólida coluna de infantaria. Mandei pedir ao capitão Nisbet que juntasse sua tropa à minha. Num instante estava conosco. Investimos contra a guarda pessoal. Nossas espadas ressoaram nos capacetes de aço. Muitos dos meus bravos rapazes tombaram de todos os lados à minha volta. Mas abatemos o inimigo a golpes. Começaram a vacilar. Toda a coluna ficou detida na ponte. Ouviu-se a voz terrível de Clavers, mais semelhante ao urro de um selvagem do que à voz de comando de um soldado. Impeliu seus homens para a frente, e de novo os abatemos. Uma terceira massa foi lançada contra nós. Nossos dragões exaustos fugiram. Sem apoio, vi-me ao lado dos valentes Nisbet, Paton e Hackston. Por um momento nos entreolhamos em silêncio. Galopamos à frente dos nossos homens em retirada. Reunimo-los. Apontamos para o general, quase sozinho. Apontamos para as bandeiras branca e escarlate que flutuavam junto dele. Bradamos: 'Deus e nossa Pátria!' Eles deram meia-volta. Investimos mais uma vez contra Clavers. 'Torfoot', gritou Nisbet, 'desafio-vos a tomar a primeira linha da batalha.' Precipitamo-nos a galope. Vendo isso, nossos homens também nos seguiram a toda velocidade. Rompemos a linha inimiga, derrubando as fileiras com que nos deparávamos. Abrimos caminho à espada por entre suas fileiras. Mas eles haviam então estendido sua frente. A superioridade numérica nos obrigou a recuar. Já detinham inteiro domínio da ponte. Livingston e Dalziel estavam de fato nos atacando pelos flancos. Um destacamento se interpusera entre nós e a infantaria de Burley. 'Meus amigos', disse Hackston a seus oficiais, 'somos os últimos no campo. Nada mais podemos fazer. Precisamos retirar-nos. Tentemos ao menos levar socorro àqueles homens iludidos atrás de nós. Trouxeram a ruína sobre si e sobre nós. Não foi Monmouth, mas nossas próprias divisões que nos dispersaram.'

"Nesse momento, um dos guardas pessoais desferiu um golpe contra Hackston. Minha espada o recebeu, e um golpe de Nisbet fez cair na poeira a mão e a espada do inimigo. Ele perdeu os sentidos e tombou da sela. Contivemos nossos cavalos e galopamos até nosso corpo principal. Mas que cena aqui se apresentou! Aqueles homens desorientados tinham agora os olhos inteiramente abertos para seus erros fatais. O inimigo trazia contra eles todas as suas forças. Não permaneci muito tempo como espectador próximo, pois uma bala roçou meu corcel. Ele deu um salto e empinou-se, depois disparou como uma flecha. Vários de nossos oficiais convergiram para o mesmo lugar. Sobre uma pequena colina, voltamo-nos; a batalha rugia abaixo de nós. Vimos nosso comandante fazer tudo o que um soldado valente

poderia fazer com homens facciosos contra um inimigo esmagador. Burley e suas tropas travavam combate cerrado com os dragões de Clavers. Vimo-lo derrubar três cavaleiros com as próprias mãos. Não podia inverter o curso da batalha, mas protegia a retirada daqueles homens desorientados. Antes que pudéssemos alcançá-lo, um destacamento se interpôs em nosso caminho. Kennoway, um dos oficiais de Clavers, os comandava. 'Quisera Deus que fosse o próprio Grahame', exclamaram em voz alta alguns de meus companheiros. 'Cabe a mim', disse eu, 'seja quem for o oficial.' Avancei; ele veio ao meu encontro. Aparei várias estocadas. Recebeu um corte no braço esquerdo; e a espada, no mesmo golpe, decepou uma das orelhas de seu cavalo; o animal saltou e empinou-se. Voltamos a nos enfrentar. Recebi um golpe no ombro esquerdo. Meu golpe atingiu-lhe o braço da espada. Fez seu cavalo girar, recuou alguns passos e então voltou a galope. Meu corcel empinou-se por instinto quando ele se aproximou. Recebi seu golpe no dorso de minha espada Ferrara; e, com um golpe de revés, abri-lhe um profundo corte na face. Antes que pudesse retomar uma posição defensiva, minha espada caiu com terrível força sobre seu capacete de aço. Atordoado pelo golpe, inclinou-se para a frente e, agarrando a crina, tombou da sela, enquanto sua montaria galopava pelo campo. Não repeti o golpe. Sua mão esquerda oferecia a espada; o braço direito estava inutilizado; poupei-lhe a vida. Meus companheiros, tendo vencido seus adversários — alguns tinham dois cada um —, paramos para ver o destino da batalha. Dalziel e Livingstone cavalgavam pelo campo como fúrias, abatendo todos que encontravam. Monmouth galopava de fileira em fileira e ordenava aos seus homens que poupassem os vencidos. Clavers, para apagar a desonra de Drumclog, promovia uma terrível carnificina. 'Não podemos encontrar Clavers?', perguntou Haugh-head. 'Não', respondeu o capitão Paton, 'o valoroso coronel cuida de manter à sua volta uma sólida guarda de seus patifes. Procurei-o por todo o campo, mas o encontrei, como agora o vejo, cercado por uma massa de guardas.' Nesse instante vimos nosso general, a certa distância, desvencilhando-se dos homens que haviam caído sobre ele na confusão do combate. Seu rosto, suas mãos e suas roupas estavam cobertos de sangue. Fora derrubado do cavalo e combatia a pé. Corremos até o lugar e o aclamamos. Nosso grupo fez recuar os destacamentos dispersos de Dalziel. 'Meus amigos', disse Sir Robert, enquanto o montávamos num cavalo sem dono, 'perdemos o dia! Mas vós, Paton; vós, Brownlee de Torfoot; e vós, Haugh-head: não deixeis que aquela bandeira caia nas mãos desses demônios encarnados. Perdemos a batalha, mas, pela graça de Deus, nem Dalziel nem Clavers poderão dizer que capturaram nossas cores. Meu porta-estandarte cumpriu o dever. Tombou. Esta espada salvou a bandeira duas vezes. Confio-a a vossos cuidados. Vedes a situação perigosa em que se encontra.' Apontou com a espada para o lugar. Reunimos algumas de nossas tropas dispersas e voamos até lá. O porta-estandarte estava caído, mas ainda segurava sem temor a haste da bandeira, enquanto a massa de homens que se lançara em luta feroz ao redor dela o mantinha ereto. Suas conhecidas cores azul e escarlate, e seu lema, A COROA DE CRISTO E A ALIANÇA, em brilhantes letras douradas, infundiram-nos um entusiasmo sagrado. Saudamos em altos brados o porta-estandarte ferido e precipitamo-nos no combate. O resgate daquela bandeira custou ao inimigo muitos homens valentes. Caíram sob nossas espadas largas e, com horrendas imprecações a morrer-lhes nos lábios, entregaram suas almas ao Juiz."

"Ali enfrentei aquele feroz dragão de Clavers chamado Tam Halliday, que mais de uma vez, em suas incursões, saqueara minha casa e arrancara o pão de meus pequeninos em pranto. Acabara de agarrar a haste branca da bandeira. Mas sua tremenda praga de exultação — nós, os da Aliança, jamais praguejamos — mal lhe transpusera os lábios profanos quando esta espada Andro Ferrara caiu sobre a guarda da sua e a fez em pedaços. 'Patife renegado!', disse eu, 'hoje te lembrarás de tuas más ações.' Outro golpe no elmo estendeu-o no chão com toda a sua enorme estatura e fê-lo morder a poeira. Na confusão que se seguiu, perdi-o de vista. Combatemos como leões, mas com corações de cristãos. Enquanto meus bravos companheiros continham a maré da batalha, o estandarte, rasgado em farrapos, caiu-me sobre o peito. Arranquei-o da haste e envolvi-o ao redor do corpo. Abrimos caminho à espada através do inimigo e retiramos nosso general do campo."

“Chegando a uma pequena colina, contemplamos mais uma vez o terrível espetáculo lá embaixo. Espessas massas de fumaça e poeira rolavam numa nuvem lenta sobre os grupos escuros misturados na luta mortal. Já não era uma batalha, mas um massacre. Em meio ao conflito de meus sentimentos, voltei os olhos para o general e Paton. No rosto deste último vi um embate indescritível de paixões. Suas sobrancelhas longas e hirsutas se cerravam sobre os olhos. Sua mão apertava a espada. ‘Ainda não posso deixar o campo’, disse o intrépido Paton. ‘Com licença do general, tentarei salvar alguns dos nossos desgraçados homens cercados por aqueles cães infernais. Quem virá comigo? Em Kilsyth conheci o combate. Abandonado por minha tropa, abri caminho entre os homens de Montrose e alcancei o lugar onde estavam os coronéis Halket e Strachan. Deixamos o campo juntos. Quinze dragões nos atacaram. Abatemos treze, e dois fugiram. Em seguida, treze nos assaltaram. Deixamos dez no campo, e três fugiram. Depois nos deparamos com onze homens das Terras Altas. Paramos e nos encorajamos mutuamente. “Agora, Johnny”, gritou-me Halket, “mostra do que és feito, ou estaremos perdidos.” Mandamos outros nove atrás de seus companheiros, e dois fugiram.* Agora, quem tomará parte nesta incursão?’ ‘Serei vosso comandante’, disse Sir Robert, quando entramos em formação. Marchamos sobre o flanco inimigo. ‘Lá está Clavers’, disse Paton, conduzindo o corcel em sua direção. Naquele momento, o homem sanguinário estava quase sozinho, esquartejando a golpes alguns pobres homens já de joelhos, desarmados, que imploravam por suas vidas apelando ao sentimento comum de humanidade. Mal terminara sua blasfêmia habitual contra os ‘sentimentos de humanidade’ deles quando Paton surgiu diante de si. Soltou imediatamente as presas e esgueirou-se para o meio dos cavaleiros. Depois de reuni-los em formação, avançou; nós formamos e lançamos um ataque furioso. À primeira investida, sua tropa vacilou. Clavers foi derrubado do cavalo. Mas naquele instante Dalziel nos atacou pelo flanco e pela retaguarda. Nossos homens caíam ao redor como erva diante do ceifeiro. Os corneteiros tocaram a retirada. Uma vez mais, no tumulto da luta, encontrei o general e Paton. Estávamos cobertos de ferimentos. Fugimos pela retaguarda de nossas tropas desbaratadas. Por ordem do general, eu desfraldara o estandarte. Ele saiu do campo tremulando na ponta da espada. Mas essa honra me custou caro. Fui atacado por três dragões ferozes; outros cinco vinham logo atrás. Chamei Paton, e num instante estava a meu lado. Lancei o estandarte ao general e investimos contra o inimigo. Caíram sob nossas espadas; mas meu fiel cavalo, que me conduzira por todos os perigos, recebeu um ferimento mortal. Caiu. Fui lançado entre os inimigos tombados. Desfaleci. Abri os olhos diante da desgraça. Achei-me na presença de Monmouth, prisioneiro com outras criaturas desgraçadas, à espera, numa terrível incerteza, do destino que por fim nos caberia.”…

Assim foi sufocada a chamada rebelião de Bothwell. Não é possível dar uma contagem exata dos mortos, pois foram assassinados por todos os campos, onde quer que os soldados os encontrassem. Calculou-se que 400 foram mortos e 1.200 se renderam como prisioneiros na charneca; estes não só foram desarmados e despidos quase até a nudez, mas obrigados a deitar-se estendidos no chão, sem permissão para mudar de posição. Se algum deles sequer se erguesse, era imediatamente morto a tiros. Teria ocorrido morticínio muito maior, não fosse o duque e a influência que vários nobres e cavalheiros exerciam então sobre Sua Graça. Contudo, grandes foram as crueldades praticadas pelos soldados, como mostram os seguintes exemplos flagrantes: o senhor William Gordon de Earlstoun, tendo de acertar seus negócios, não pôde juntar-se ao exército dos homens do país, mas enviou adiante seu filho, o senhor Alexander, que participou da ação. O senhor William, desconhecendo o desastre sofrido pelo exército do oeste do país e cavalgando o mais depressa possível para juntar-se a ele, encontrou um destacamento de dragões ingleses e, recusando-se a render-se, foi morto no local. Seus amigos não puderam enterrá-lo junto ao restante da família; por isso jaz sepultado no cemitério de Glassford. Ergueu-se uma coluna sobre seu túmulo, mas não se permitiu que nela houvesse inscrição. O senhor Alexander Gordon, mais tarde Sir Alexander, escapou por pouco, graças a um de seus arrendatários, que, reconhecendo-o quando ele atravessava Hamilton a cavalo após a derrota, fez que desmontasse, pôs os arreios no esterco e obrigou-o a vestir roupas de mulher e a embalar o berço; assim foi preservado.

Várias pessoas foram assassinadas a sangue-frio pelos soldados naquele mesmo dia, na estrada perto de Hamilton. Iam ouvir a pregação no acampamento e estavam desarmadas, pois não sabiam que os soldados haviam atravessado o rio; entre elas, James Scouller e Gavin Semple, da paróquia de Glassford; John Browning, Robert Stobo, William Hamilton, Robert Steil, William Pate e Archibald Dick, da paróquia de Evandale; e Robert Findlay, da de Stonehouse. No dia seguinte, Arthur Inglis, em Cambusnethan, lia a Bíblia num sulco do campo quando soldados que por acaso o avistaram julgaram que fosse um whig; por isso um deles disparou de longe, mas errou. O bom homem olhou ao redor e, como não fez menção de se mover, os soldados chegaram e lhe fenderam o crânio, matando-o assim; de fato, quase não pouparam ninguém que encontrassem perto do campo de batalha.

Terríveis foram as consequências dessa ação fatal; e, não fosse a clemência de Monmouth, teriam sido muito maiores, pois alguns oficiais propuseram incendiar Glasgow, Hamilton e a região em torno da ponte de Bothwell; mas o general rejeitou a proposta com indignação. A maioria dos cavalheiros dos condados ocidentais sofreu perseguições. Sir Thomas Stuart de Coltness, filho de Sir James Stuart, que era provost de Edimburgo, viu-se obrigado a retirar-se para a Holanda, pois foram expedidas ordens para prendê-lo, embora nem ele nem nenhum de seus criados tivesse estado lá.

A comissão que nomeava Dalziel tenente-general chegou no dia da batalha. O senhor da propriedade de Lundin levou ao conselho as primeiras notícias da ação; o conselho enviou imediatamente despachos a Lauderdale e escreveu ao coronel Struthers, em Northumberland, para que vigiasse as fronteiras, detivesse e encarcerasse os rebeldes e desse as ordens que julgasse convenientes para alcançar esse fim.

Os prisioneiros capturados em Bothwell, entre eles o senhor John Kid, foram enviados a Edimburgo. Durante a viagem, em geral eram amarrados dois a dois, expostos como espetáculo nas localidades por onde passavam e sujeitos às zombarias cruéis dos profanos, que diziam: “Onde está agora vosso Deus? Chamai-o agora, e também ao senhor Welch, que disse que venceríeis a batalha”; embora o senhor Welch nunca houvesse dito tal coisa. Quando chegaram a Edimburgo, o conselho ordenou aos magistrados que os pusessem no cemitério interno dos franciscanos, sob a guarda de sentinelas apropriadas: vinte e quatro para vigiá-los à noite e oito durante o dia. Os oficiais deveriam manter uma lista das sentinelas, para que, se algum dos prisioneiros fugisse, as sentinelas lançassem os dados e respondessem com uma vida por outra. Os oficiais seriam responsáveis pelas sentinelas, e a cidade de Edimburgo, pelos oficiais. Essas ordens foram cumpridas, e todos os prisioneiros foram levados ao lugar designado, exceto uns poucos postos na prisão. Permaneceram naquele recinto por quase cinco meses, na maior parte do tempo ao ar livre. Ali em geral passavam todo o dia de pé e toda a noite deitados no chão frio, sem qualquer outra acomodação; e, se algum deles erguesse a cabeça durante a noite para obter um pouco de alívio, os soldados não deixavam de atirar contra ele. Seria interminável relatar todas as privações por que passaram, a dificuldade com que se permitia às pessoas levar-lhes as provisões indispensáveis e os insultos e maus-tratos que os soldados infligiam às mulheres. Considerou-se um favor singular que algumas cabanas de tábuas fossem erguidas para eles poucas semanas antes de serem retirados daquele lugar.

No dia 26, publicou-se uma proclamação contra os chamados rebeldes. Muitos nomes foram incluídos, entre eles o do senhor John King. Os dois irmãos do conde de Galloway também foram mencionados; mas o conselho declarou depois que eles haviam demonstrado não ter participado da rebelião. Essa proclamação abriu caminho para que os soldados cometessem muitas crueldades por todo o país. Numerosos destacamentos foram espalhados pelo oeste e pelo sul, mas nenhum se tornou tão conhecido por suas barbaridades quanto Claverhouse e os homens sob seu comando. Assim, à menor informação sem fundamento, atacavam as casas daqueles que alegavam terem participado do levante, especialmente no condado de Ayr, que tanto sofrera no ano anterior às mãos do exército das Terras Altas.

Claverhouse, ao marchar para Galloway com alguns dragões ingleses, mal fazia distinção entre os que tinham estado em Bothwell e os demais; apreendeu todos os cavalos que pôde encontrar e saqueou as casas, particularmente nas paróquias de Carsphairn, Balmaclellan e Glencairn; sua passagem foi marcada por devastação, assassinato e as mais atrozes barbaridades.

Pouco depois, o duque de Monmouth publicou perdão e anistia para todos os arrendatários e subarrendatários que estiveram em Bothwell, caso se apresentassem até determinado dia. Exigiu-se igualmente dos proprietários de terras do oeste um compromisso pelo qual se obrigavam a fazer todo o possível para capturar os que não aceitassem esse favor. Mas, assim como poucos arrendatários escolheram aventurar-se então às mãos dos magistrados, também os proprietários principalmente interessados recusaram o compromisso. No dia 6, o duque despediu-se do conselho e, dois ou três dias depois, regressou à Inglaterra.

Relato da escaramuça em Airsmoss, 1680*

Ao recebermos notícia de que um destacamento saíra à nossa procura, enviamos dois homens, tarde da noite de quarta-feira, para observar seus movimentos, e passamos toda a noite na encosta de uma charneca. Na quinta-feira, por volta das dez horas, fomos comer alguma coisa e enviamos outros dois homens, pedindo-lhes que consultassem os dois primeiros, que não haviam voltado a nós, mas se haviam deitado para dormir. Os quatro regressaram e nos disseram que era desnecessário enviar alguém em busca de informações, pois já as haviam obtido. Assim, depois de comermos um pouco, fomos a um trecho de relva e nos deitamos; logo fomos todos alertados de que os inimigos estavam sobre nós. Então, enquanto nos preparávamos, vimo-los avançar rapidamente, por volta das três ou quatro horas da tarde. Como todos estavam decididos a lutar, cavalguei à procura de uma posição defensiva que nos desse vantagem; um homem da região aconselhou-me a ir a determinado lugar, onde encontraríamos a melhor defesa. Fui, e os outros me seguiram; mas, chegando lá, vi que não podíamos avançar mais. Voltamos, portanto, e tomamos posição depressa: oito cavaleiros à direita, com R. D., e quinze à esquerda, comigo, pois não havia outros; os homens a pé, menos de quarenta e muitos deles mal armados, ficaram no centro. Perguntei a todos se estavam dispostos a lutar; todos responderam que sim, especialmente J. G. O inimigo, que calculei em mais de cento e doze homens, bem armados e montados, avançou rapidamente e enviou primeiro cerca de vinte dragões a pé para se posicionar do lado de onde o vento soprava sobre nós. Vendo isso, enviamos um grupo a pé para enfrentá-los, enquanto os demais avançávamos depressa contra o inimigo; um forte corpo de cavalaria investia contra nós. Quando entramos em confronto, nossos cavaleiros dispararam primeiro e feriram e mataram alguns deles, tanto homens a cavalo como a pé.

Nossa cavalaria avançou até ficar frente a frente com eles, e trocamos disparos. Eu ia à frente e, depois de receber seu fogo e perceber que os cavaleiros atrás de mim haviam debandado, entrei a cavalo por entre eles e saí por um dos lados sem sofrer dano ou ferimento. Vários me perseguiram, e lutei com eles por bastante tempo, ora eles me seguindo, ora eu os seguindo. Por fim, meu cavalo atolou num brejo, assim como o primeiro dos cavalos deles, cujo cavaleiro era David Ramsay, um conhecido meu. Estando ambos a pé, lutamos com espadas leves, sem que um levasse vantagem sobre o outro; mas, quando por fim nos aproximamos, fui derrubado por três homens a cavalo que vinham atrás de mim e recebi três graves ferimentos na cabeça. Quando caí, ele me poupou a vida, e submeti-me. Revistaram-me, levaram-me à sua retaguarda e me deitaram, onde perdi muito sangue; para lá também foram trazidos vários de seus homens gravemente feridos. Todos eles reconheceram que éramos homens valentes e decididos. Quantos outros de nossos homens foram mortos, não vi nem sei, exceto pelo que me disseram depois: o campo ficou em poder deles. Fui levado na direção de Douglas. Trataram-me com civilidade e trouxeram-me bebida de uma casa pelo caminho. Em Douglas, Janet Clellan foi bondosa comigo e trouxe-me um cirurgião, que pouco fez por meus ferimentos, limitando-se a estancar o sangue.

Na manhã seguinte, fui levado a Lanark e conduzido à presença de Dalziel, lorde Ross e alguns outros, que me fizeram muitas perguntas; como minhas respostas não os satisfizeram, Dalziel ameaçou assar-me. Levando-me à prisão municipal, mandou que me amarrassem da maneira mais bárbara e me lançassem ao chão, onde permaneci até a manhã de sábado, sem que ninguém, exceto soldados, tivesse permissão para falar comigo, examinar meus ferimentos ou proporcionar-me qualquer alívio. Na manhã seguinte, levaram a mim, a John Pollock e a outros dois de nós quase duas milhas a pé, estando eu descalço, até que nos recebeu o destacamento que inicialmente nos derrotara. Era comandado por Earshall. Montaram-nos em cavalos, trataram-nos com civilidade pelo caminho e nos levaram a Edimburgo por volta das quatro horas da tarde. Conduziram-nos pela parte norte da cidade até a extremidade inferior de Canongate, onde estavam os magistrados municipais, que nos receberam; depois me puseram sobre um cavalo com o rosto voltado para trás, amarraram os outros três a uma vara de ferro pontiaguda e levaram diante de mim, sobre uma alabarda, a cabeça do senhor Cameron, enquanto outra cabeça, que eu não conhecia, seguia num saco às costas de um rapaz. Conduziram-nos rua acima até o pátio do Parlamento, onde me fizeram descer e soltaram os demais.

Notas históricas recuperadas da edição de 1853

As quatorze notas abaixo correspondem às chamadas * e † conservadas no PDF digital, mas cujo conteúdo nele não foi localizado. Foram recuperadas e cotejadas com o fac-símile de The Scots Worthies, Nova York, Robert Carter and Brothers, 1853. São notas dessa edição histórica; não se atribuem individualmente a Howie sem comprovação. Os números de página do PDF identificam o ponto de chamada no original, não a paginação deste Word.

Nota 01 da edição histórica
Chamada * na página 24 do PDF. Edição de 1853, p. 19.

Veja-se Beda, História eclesiástica, livro I, capítulo 13; Buchanan, História, livro V.

Nota 02 da edição histórica
Chamada † na página 24 do PDF. Edição de 1853, p. 19.

Livro III, capítulo 8.

Nota 03 da edição histórica
Chamada * na página 28 do PDF. Edição de 1853, p. 23.

A corça em liberdade, período II, p. 11, primeira edição.

Nota 04 da edição histórica
Chamada * na página 31 do PDF. Edição de 1853, p. 25.

Não é rigorosamente verdadeiro que Patrick Hamilton tenha sido o primeiro a anunciar a verdade na Escócia ou a selá-la ali com seu sangue. O doutor M'Crie afirma estar convencido de que as opiniões de Wycliffe exerceram poderosa e extensa influência sobre a Reforma na Escócia antes do aparecimento de Patrick Hamilton. Esse erudito historiador diz: "Podemos acompanhar a existência dos lolardos em Ayrshire desde o tempo de Wycliffe até os dias de George Wishart; e em Fife eram tão numerosos que chegaram a conceber o propósito de resgatar Patrick Hamilton pela força no dia de sua execução". Quanto à precedência no martírio na Escócia, os historiadores mencionam, nos registros da cidade de Glasgow, um certo James Resby, inglês e discípulo de Wycliffe, acusado por Lawrence Lindoris na Escócia, durante o reinado de Robert III, por haver dito que o papa não era o vigário de Cristo e que um homem de vida perversa não devia ser reconhecido como papa. Por sustentar essas duas doutrinas, foi queimado vivo. No reinado de James I, por volta do ano de 1431, Paul Craw, boêmio e discípulo do célebre João Huss, foi entregue às chamas em St. Andrew's, sob a primazia do cardeal Henry Wardlaw, arcebispo daquela sé. São, porém, casos tão isolados que se pode dizer, sem faltar à verdade, que Patrick Hamilton foi o primeiro a sofrer pelas doutrinas da Reforma.

Nota 05 da edição histórica
Chamada † na página 31 do PDF. Edição de 1853, p. 25.

Isso é afirmado com base na autoridade de Mackenzie, mas pode ser questionado. Se Hamilton houvesse sido educado em St. Andrew's, Knox, que ali estudava naquele tempo, o teria registrado. Knox não parece sequer tê-lo conhecido.

Nota 06 da edição histórica
Chamada * na página 52 do PDF. Edição de 1853, p. 39.

A Porta Oriental, ou Porta de Cowgate, é, à exceção de um pequeno trecho junto ao antigo cemitério, o único vestígio da muralha que defendia essa antiga cidade. Essa porta tem sido religiosamente preservada em respeito a Wishart, por sua afetuosa atenção aos habitantes durante a terrível peste de

1544. Foi sobre o arco dessa porta que ele tomou posição; ali, colocando-se, por assim dizer, entre os vivos e os mortos, ministrou aos habitantes abatidos as consolações daquela bendita religião que, somente ela, comunica conforto na mais profunda aflição, tomando por texto o Salmo 107:20: “Enviou sua palavra e os sarou, e os livrou de sua destruição”. Uma congregação ligada à Igreja da Secessão Unida construiu recentemente uma casa de culto muito bela e sólida no local da antiga igreja de São Roque. Em honra ao mártir, esse edifício recebeu o nome de Igreja Wishart. A identidade desse lugar foi confirmada pelo fato de que, ao se escavarem os alicerces, foram encontrados diversos vestígios antigos, além de esqueletos humanos e ossos dispersos.

Nota 07 da edição histórica
Chamada * na página 53 do PDF. Edição de 1853, p. 40.

Enquanto administrava o sacramento em Montrose, Wishart recebeu uma carta que se pretendia enviada por seu íntimo amigo, o senhor de Kinnear, informando-o de que fora acometido de súbita enfermidade e pedindo-lhe que viesse com toda a presteza. Diante disso, pôs-se imediatamente a caminho, acompanhado de alguns honrados amigos de Montrose que, por afeição, desejavam acompanhá-lo durante parte do percurso. Não haviam avançado muito quando Wishart parou de repente e disse aos companheiros: “Deus me proíbe de fazer esta viagem. Quereis alguns de vós cavalgar até ali” — apontando determinado lugar — “e ver o que encontrais? Pois receio que haja uma conspiração contra minha vida”. Voltou imediatamente à cidade, e os que seguiram adiante encontraram uma emboscada de cerca de sessenta cavaleiros, prontos para prendê-lo. Isso revelou de uma vez toda a trama: descobriram que a carta era falsa; e, quando informaram Wishart do ocorrido, ele respondeu: “Sei que hei de terminar minha vida pelas mãos daquele homem perverso, o cardeal; mas não será desta maneira”.

Outro acontecimento está ligado à viagem do reformador a Edimburgo, para encontrar seus amigos do oeste. Na primeira noite depois de deixar Montrose, hospedou-se em Invergowrie, lugar a cerca de quatro milhas de Dundee, com um amigo chamado James Watson. Por volta da meia-noite, viram-no levantar-se da cama e sair para um jardim próximo, onde deu livre curso a seus suspiros e gemidos, julgando não ser observado. Dois homens da casa, porém, o haviam seguido à distância e o viram prostrar-se no chão, chorando e suplicando, e depois voltar a seus aposentos. Como dormiam no mesmo aposento, cuidaram de regressar antes dele; e, quando entrou, perguntaram-lhe, como se ignorassem tudo o que se passara, onde estivera. Ele, porém, nada respondeu. Pela manhã, tornaram a perguntar-lhe por que se levantara durante a noite e qual era a causa de sua tristeza, contando-lhe tudo o que o haviam visto fazer. Com o semblante abatido, respondeu: “Quisera que tivésseis permanecido em vossas camas; isso vos teria sido mais proveitoso, pois mal se poderia dizer que eu estava bem ocupado”. Como, porém, lhe rogassem que lhes esclarecesse melhor o espírito e lhes desse algum consolo, disse: “Eu vos direi: sei com certeza que meus labores estão próximos do fim; orai, portanto, a Deus por mim, para que eu não recue quando a batalha se tornar mais ardente”. Esses dois acontecimentos da vida de Wishart parecem indicar que ele possuía o espírito de profecia. O mesmo se afirmou de outros reformadores eminentes. Objeta-se que possuir tal espírito é incompatível com a perfeição da revelação das Sagradas Escrituras, e que a superstição e uma sagaz previsão bastam para explicar todas as profecias atribuídas aos homens ilustres. Abstemo-nos de expressar opinião sobre esse assunto, confessando francamente nossa incapacidade.

Nota 08 da edição histórica
Chamada * na página 56 do PDF. Edição de 1853, p. 42.

Infelizmente, porém, Sir George Douglas não cumpriu essa declaração pública em sua vida posterior.

Nota 09 da edição histórica
Chamada * na página 60 do PDF. Edição de 1853, p. 45.

Costumavam-se representar peças teatrais aqui, numa planície aberta e coberta de relva.

Nota 10 da edição histórica
Chamada † na página 60 do PDF. Edição de 1853, p. 45.

História, página 53.

Nota 11 da edição histórica
Chamada * na página 61 do PDF. Edição de 1853, p. 46–47.

Segue-se o salmo que Wishart cantou no castelo de Ormiston na noite de sua prisão. É o Salmo 51, e o leitor poderá compará-lo com a tradução então adotada na versão autorizada pela Igreja escocesa:

Nota do revisor: Tradução em versos livres, sem tentativa de reproduzir a métrica ou a rima escocesas. O salmo é uma paráfrase; suas ampliações confessionais e referências à fonte batismal foram preservadas. Os dois grupos de asteriscos pertencem à edição consultada e indicam descontinuidades do excerto; não se completaram as estrofes ausentes mediante outro texto. “Então adotada” situa o “now” na época do editor histórico. Cabeçalhos latinos preservados, com equivalência explicativa entre parênteses. O complemento da segunda rubrica foi suprido entre colchetes apenas na equivalência portuguesa.

Miserere mei, Deus. Psal. li. — Tem misericórdia de mim, ó Deus. Salmo 51.

Tem misericórdia de mim, Deus de poder,
Senhor e Rei de misericórdia;
Pois tua misericórdia está, por justo direito,
Acima de tudo quanto há na terra.
Por isso clamo de dia e de noite,
E de coração cantarei:
À tua misericórdia, contigo irei.

Tem misericórdia de mim, ó bom Senhor,
Segundo tua grande misericórdia.
Minha vida pecaminosa me enche de remorso,
Pois profundamente te entristeceu;
Mas tua grande graça me restituiu,
Pela graça, à liberdade:
À tua misericórdia, contigo irei.

Et secundum multitudinem. — E segundo a multidão [das tuas misericórdias].

Bom Senhor, conheço minha maldade,
Contrária ao teu mandamento,
Sempre me rebelando com crueldade;
Ela me levou acorrentado
A Satanás, que não tem misericórdia.
Contudo, Senhor, ouve-me clamar:
À tua misericórdia, contigo irei.

Que rei poderá contar a abundância,
Senhor, de tua grande misericórdia,
Se os pecadores à tua excelsitude
Têm resistido cruelmente?
Contudo, não excluirás pecador algum
Que assim a ti clamar:
À tua misericórdia, contigo irei.

Tibi soli peccavi. — Contra ti somente pequei.

Somente contra ti pequei,
E muito mal tenho feito;
Por isso, ao que parece,
Não há para mim defesa nas alturas.
Assim, os homens julgarão que tua justa vingança
Me afastou de teu trono.
Contudo, à tua misericórdia, contigo irei.

Ainda que sejas julgado assim, bom Senhor,
Com inteira falsidade e injustiça,
Ó Deus tão bom e gracioso,
Seja vencido o julgamento deles;
E manifesta tua abundante misericórdia,
Que nos possa justificar.
À tua misericórdia, contigo irei.

Em pecado fui concebido;
Embora contemples minha maldade,
Que de Adão contraí,
Pecando de tantas maneiras,
Minha mãe também a ela acrescentou,
E ao pecado fui vendido.
À tua misericórdia, contigo irei.

Mas o Senhor onipotente
Remediou minha angustiosa aflição;
Junto à fonte batismal, quando eu era impotente,
Frágil, vão, vil e pobre,
Aquele Rei poderoso então me socorreu
Em minha desventura.
À tua misericórdia, contigo irei.

Asperges me. — Aspergir-me-ás.

Com hissopo, Senhor, asperge-me,
E então serei limpo;
Mais puro serei então tornado
Do que jamais a neve foi.
Todavia, de minha pureza, tua misericórdia
Sempre se mostra a raiz.
À tua misericórdia, contigo irei.

Este hissopo é a humildade,
Que bem pouco se eleva;
A neve, tão branca em toda parte,
Representa a inocência.
Pois, se estas duas me governarem,
Não cometerei ofensa alguma.
À tua misericórdia, contigo irei.

Ne projicias me. — Não me lances fora.

Ó bom Senhor, não me lances fora
De tua perfeita presença,
Pois confesso que meus pecados sempre
Te têm causado grande ofensa;
E louvarei, de noite e de dia,
Tua grande magnificência.
À tua misericórdia, contigo irei.

Não retires de mim teu divino Espírito
Em minha adversidade;
Pois ele é mui doce à minha alma
Quando o pecado me assedia;
E tornarás minha alma inteiramente apta
Para tua Majestade.
À tua misericórdia, contigo irei.

Redde mihi. — Restitui-me.

Dá-me a alegria e a bem-aventurança
De meu doce Salvador;
Pois, por sua amarga morte, escapo
Aos duros golpes do inferno;
E nesta vida mortal ele é
Minha forte defesa e torre.
À tua misericórdia, contigo irei.

Firma em mim teu soberano Espírito,
Por tua graça;
Pois o pecado por longo tempo me escravizou
E me afastou de tua face;
Contudo, a ti, Senhor, clamarei
Em minha penosa condição.
À tua misericórdia, contigo irei.

* * *

Quoniam si voluisses. — Porque, se tivesses querido.

Se o sacrifício te agradasse,
Eu te teria oferecido sacrifícios;
Mas não queres tal avareza,
Pois és admiravelmente liberal,
E nos concedes teus benefícios,
Pelo sangue de Cristo, gratuitamente.
À tua misericórdia, contigo irei.

O holocausto não é deleite
Para tua Majestade.
Não lhe atribuis o menor valor
Para dar satisfação pelo pecado;
Pois somente Cristo nos libertou
De toda iniquidade.
À tua misericórdia, contigo irei.

* * *

Benigne fac Domine. — Faze o bem, Senhor.

Volta, Senhor, a ser bom para Sião,
Segundo tua divina vontade;
E deixa que ali permaneça teu louvor,
Para cumprir tua promessa;
Pois o monte Sião, sob grande desprezo,
Até agora jaz em cativeiro:
À tua misericórdia, contigo irei.

Jerusalém sofreu uma queda;
Suas muralhas foram abatidas,
Pois ela desconheceu o Deus de todos
E diariamente transgrediu sua lei;
Mas tu a tirarás do cativeiro
Quando ela conhecer seu Deus.
À tua misericórdia, contigo irei.

Tunc acceptabis. — Então aceitarás.

Então aceitarás sacrifícios
De verdade e de justiça,
Conformes ao teu verdadeiro preceito
E à tua benignidade;
Pois a ninguém então excluirás
Em sua necessidade e aflição.
À tua misericórdia, contigo irei.

Então novilhos e holocaustos
Encherão teu altar;
Então glória e benefício maiores
Prepararás para nós;
Ali, de dia e de noite, não cessaremos
De cantar sempre com os doces santos.
À tua misericórdia, contigo irei.

Nota 12 da edição histórica
Chamada * na página 64 do PDF. Edição de 1853, p. 49.

Hoje, a nobre família de Torphichen. Os chefes de Calder estiveram por muito tempo à frente da célebre Ordem dos Cavaleiros Hospitalários na Escócia. Foram amigos da Reforma desde cedo e permaneceram firmes em seu apoio. No grande salão de Calder-House, o ilustre Knox ministrou a santa eucaristia, segundo se diz, pela primeira vez na Escócia conforme a maneira reformada — o que, contudo, não procede, pois encontramos Wishart administrando essa ordenança em Montrose. Nesse salão, tão sagrado pelas lembranças de liberdade civil e religiosa que evoca, está pendurado, com uma inscrição apropriada, um retrato do “reformador de um reino”, como Milton enfaticamente chama Knox.

Nota 13 da edição histórica
Chamada * na página 71 do PDF. Edição de 1853, p. 54–55.

Seguem-se os artigos apresentados contra o mártir; jamais se inventaram contra homem algum calúnias mais absurdas e deturpadoras:

Art. 1. — Tu, falso herege, fugitivo, traidor e ladrão, enganador do povo, desprezas a igreja e, de igual modo, menosprezas a autoridade de meu senhor governador. E sabemos com certeza que, quando

pregavas em Dundee e recebeste ordem, pela autoridade de meu senhor governador, para desistir, não quiseste obedecer, mas perseveraste no mesmo proceder. Por isso, o bispo de Brechin te amaldiçoou, entregou-te às mãos do diabo e ordenou-te então que não pregasses mais; não obstante, continuaste obstinadamente.

Art. 2. — Tu, falso herege, disseste que um sacerdote, de pé diante do altar, celebrando a missa, era como uma raposa a abanar a cauda em julho.

Resposta. — Meus senhores, não disse tal coisa. Estas foram minhas palavras: o movimento exterior do corpo, sem o movimento interior do coração, nada mais é que a gesticulação de um macaco, e não o verdadeiro serviço de Deus, pois Deus perscruta o íntimo do coração dos homens. Portanto, quem quiser verdadeiramente adorar e honrar a Deus deverá honrá-lo em espírito e em verdade. — Então o acusador, Lauder, interrompeu-o com outro artigo.

Art. 3. — Tu, falso herege, pregas contra os sacramentos, dizendo que não há sete sacramentos.

Art. 4. — Tu, falso herege, ensinaste publicamente que a confissão auricular não é um bendito sacramento, e dizes que devemos confessar-nos somente a Deus, e não a sacerdote algum.

Art. 5. — Tu, falso herege, disseste publicamente que era necessário a todo homem conhecer e compreender seu batismo, o que é contrário aos concílios gerais e aos estamentos da santa igreja.

Art. 6. — Tu, falso herege, traidor e ladrão, disseste que o sacramento do altar não passava de um pedaço de pão assado sobre as cinzas, e nada mais; e que tudo quanto ali se faz não passa de um rito supersticioso, contrário ao mandamento de Deus.

Art. 7. — Tu, falso herege, disseste que a extrema-unção não era um sacramento.

Resposta. — Meus senhores, em verdade nunca ensinei, em minha doutrina, acerca da extrema-unção, se era ou não um sacramento.

Art. 8. — Tu, falso herege, disseste que a água benta não é tão boa quanto a água de lavagem, e coisas semelhantes. Desprezas os esconjuros e dizes que as maldições da santa igreja de nada valem.

Art. 9. — Tu, falso herege e fugitivo, disseste que todo homem é sacerdote; e, de igual modo, dizes que o papa não tem mais poder que outro homem.

Art. 10. — Tu, falso herege, disseste que o homem não tinha livre-arbítrio, mas é semelhante aos estoicos, que dizem não estar na vontade do homem fazer coisa alguma, e que todo desejo e concupiscência provêm de Deus, de qualquer espécie que sejam.

Art. 11. — Tu, falso herege, dizes que é tão lícito comer carne na sexta-feira como no domingo.

Art. 12. — Tu, falso herege, dizes que não devemos orar aos santos, mas somente a Deus. Dize se afirmaste isso ou não; responde brevemente.

Art. 13. — Tu, falso herege, pregaste claramente que não há purgatório e que é coisa inventada que algum homem seja castigado no purgatório depois desta vida.

Art. 14. — Tu, falso herege, ensinaste claramente contra os votos de monges, frades, freiras e sacerdotes, dizendo que todos os que se obrigavam por tais votos se votavam ao estado de condenação. Além disso, que era lícito aos sacerdotes tomar esposa, em vez de viverem solteiros.

Art. 15. — Tu, falso herege e fugitivo, dizes que não obedecerás aos nossos concílios gerais ou provinciais.

Art. 16. — Tu, herege, dizes que é vão construir igrejas dispendiosas em honra de Deus, visto que Deus não habita em igrejas feitas por mãos de homens, nem pode estar em espaço tão pequeno como aquele entre as mãos do sacerdote.

Art. 17. — Tu, falso herege, desprezas o jejum e dizes que não deves jejuar.

Resposta. — Meus senhores, vejo que o jejum é ordenado nas Escrituras; portanto, eu seria um caluniador do evangelho se desprezasse o jejum. E não somente isso: aprendi também por experiência que o jejum é bom para a saúde e a conservação do corpo. Mas somente Deus sabe quem jejua o verdadeiro jejum.

Art. 18. — Tu, falso herege, pregaste publicamente que as almas dos homens dormirão até o último dia do juízo e não alcançarão a vida imortal antes do último dia.

Resposta. — Deus, cheio de misericórdia e bondade, perdoe aos que dizem tais coisas de mim. Sei, e sei com certeza pela palavra de Deus, que aquele que começou a ter a fé de Jesus Cristo e a crer firmemente nele — sei com certeza, digo —, a alma desse homem jamais dormirá, mas viverá para sempre uma vida imortal; essa vida se renova e cresce em graça de dia para dia, e jamais perecerá nem terá fim, mas viverá para sempre, imortal, com Cristo, a cabeça. A essa vida chegarão todos os que nele creem, e repousarão em glória eterna. Amém.

Nota 14 da edição histórica

Chamada * na página 97 do PDF. Edição de 1853, p. 72.

Fox, vol. II, edição em fólio de 1631, p. 626; Spottiswoode, p. 96.

Glossário de termos históricos e eclesiásticos

As explicações a seguir foram acrescentadas nesta edição. Os sentidos indicados correspondem ao contexto histórico da obra; alguns termos admitem outros usos em épocas e instituições diferentes.

Aliança Nacional. Pacto escocês de 1638 que renovou a confissão de fé de 1581 e compromissos de defesa da religião reformada, contra as inovações religiosas de Charles I. Distingue-se da Solene Liga e Aliança de 1643.

Assembleia Geral. Instância suprema de deliberação da Igreja presbiteriana escocesa, formada por representantes ministeriais e presbíteros leigos.

benefício eclesiástico. Cargo ou direito eclesiástico ao qual estavam vinculados rendimentos destinados ao sustento de seu titular.

cabido. Corpo de cônegos ligado a uma igreja catedral ou colegiada, com funções e rendimentos próprios.

chalder. Medida escocesa de capacidade para cereais e outros produtos secos, de valor variável conforme a época, a região e o produto. Nesta passagem, quantifica uma renda anual em grãos.

Cinco Artigos de Perth. Cinco medidas de prática religiosa aprovadas em 1618, incluindo o ajoelhar-se na comunhão; o próprio texto enumera suas disposições.

comendador. Titular que detinha em comenda a administração ou os rendimentos de uma casa religiosa, sem necessariamente integrar sua comunidade. Aqui se refere ao priorado de St. Andrews, e não a uma condecoração.

consistório. Conselho local da congregação, composto por ministro e presbíteros, que tratava de disciplina e assuntos paroquiais; corresponde à kirk session.

conventículo. Reunião religiosa particular, frequentemente designada assim por seus opositores. No período das perseguições posteriores à Restauração, o termo também se aplica ao culto presbiteriano não autorizado, em casas ou ao ar livre.

Covenanters. Adeptos escoceses dos pactos religiosos que defenderam a organização presbiteriana da Igreja contra imposições régias e episcopais, sobretudo no século XVII.

Declaração de Sanquhar. Proclamação pública dos dissidentes presbiterianos em Sanquhar, em 1680, que rejeitou a autoridade de Charles II no contexto das perseguições.

frades cinzentos. Nome tradicional dos franciscanos, em referência à cor do hábito. Greyfriars também subsiste em nomes de igrejas, cemitérios e lugares ligados às antigas casas franciscanas.

frades negros. Nome tradicional dos dominicanos, membros da Ordem dos Pregadores, em referência ao manto negro usado sobre o hábito branco.

indulgência (concessão régia). Autorização concedida pelo governo régio a determinados ministros presbiterianos afastados de suas paróquias para exercer o ministério sob condições. Neste sentido histórico, distingue-se tanto da indulgência católica quanto da simples clemência.

laird (senhor de terras). Proprietário de uma propriedade rural na Escócia, frequentemente traduzido no relato por “senhor de” seguido do nome da propriedade. A designação territorial não equivale, por si só, a um título de par do reino.

merk. Moeda e unidade de conta escocesa equivalente a 13 xelins e 4 pence escoceses, ou dois terços de uma libra escocesa; não se deve confundir a libra escocesa com a libra esterlina.

moderador. Presidente eleito para conduzir uma reunião ou assembleia eclesiástica presbiteriana; a função não implica governo episcopal.

patronato. Direito de apresentar candidato a um benefício ou cargo eclesiástico, exercido por um patrono; sua extensão foi objeto de disputa na Igreja escocesa.

prelazia. Sistema de governo eclesiástico por prelados, especialmente bispos; nas passagens polêmicas, o termo conserva o juízo do autor.

presbitério. Órgão de governo da igreja presbiteriana que reúne ministros e presbíteros de várias congregações de uma região. "Presbitério Reformado", mencionado anteriormente, é nome de uma instituição específica.

protestadores. Partidários da Protestação no conflito presbiteriano escocês de meados do século XVII; opunham-se às Resoluções que readmitiam antigos opositores em cargos e forças do reino.

regente. No governo civil, pessoa que exerce o poder em nome do monarca, sobretudo durante sua menoridade ou ausência. No contexto dos colégios e universidades, regente significa professor.

resolucionistas. Partidários das Resoluções Públicas de 1650–51, que permitiam ampliar a participação no esforço de defesa do reino; opunham-se aos protestadores.

sínodo. Assembleia eclesiástica. No primeiro emprego, refere-se ao clero católico; na organização presbiteriana escocesa, o sínodo provincial reunia representantes dos presbitérios de uma região.

Solene Liga e Aliança. Pacto de 1643 entre escoceses e forças parlamentares inglesas em torno da reforma religiosa e da causa política comum; distinto da Aliança Nacional escocesa de 1638.

superintendente. Responsável pela supervisão de comunidades religiosas. Na passagem sobre os culdeus, o autor usa o termo para uma função temporária de fiscalização; em passagens posteriores, ele também designa cargos nas igrejas reformadas.